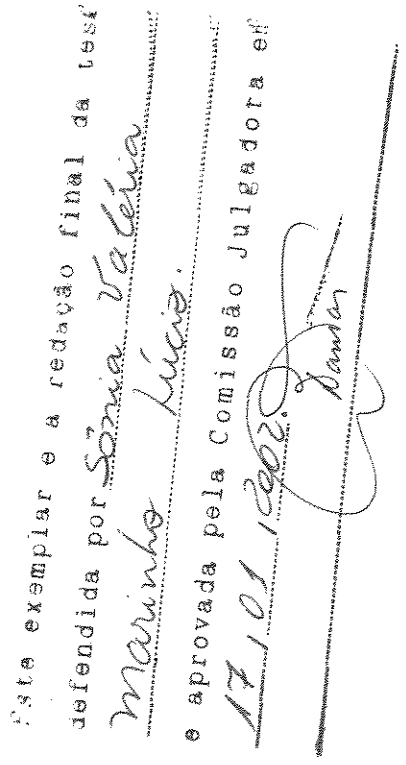
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA

VOLUME I

UMA VIAJANTE BRASILEIRA NA ITÁLIA DO *RISORGIMENTO.*

TRADUÇÃO COMENTADA DO LIVRO **TROIS ANS EN ITALIE SUIVIS D'UN VOYAGE EN GRÈCE (Vol I-1864; Vol II- s.d)** DE NÍSIA FLORESTA BRASILEIRA AUGUSTA.



Sônia Valéria Marinho Lúcio

Banca examinadora:
Prof. Dr. Luiz Carlos da Silva Dantas(Orientador)
Prof.a Dr.a. Maria Marta Laus Pereira Oliveira
Prof.a Dr.a. Maria Stella Martins Bresciani
Prof.a Dr.a. Maria Betânia Amoroso
Prof. Dr. Carlos Eduardo Ornellas Berriel

Tese apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem - Unicamp, como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Doutor em Teoria Literária.

Dezembro de 1999.

UNIDADE BC
N.º CHAMADA:
T/UNICAMP
L963v
Ex 01
TOMBO 47906
PROC. 16.83x/02
C D
PREÇO R$ 11,00
DATA 15-02-02
N.º CPD

CM00163794-9

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

Lúcio, Sônia Valéria Marinho

L963v Uma viajante brasileira na Itália do risorgimento: tradução comentada do livro Trois Ans En'Italie Suivis d'un Voyage en Gréce (vol. I - 1864; vol. II - s.d.) de Nisia Floresta Brasileira Augusta / Sônia Valéria Marinho Lúcio. - - Campinas, SP: [s.n.], 1999.

Orientador: Luiz Carlos da Silva Dantas

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Viagem na literatura. 2. Itália - descrições e viagens. 3. Escritoras brasileiras - viagens. 4. Augusta, Nisia Floresta Brasileira, 1810-1885. I. Dantas, Luiz Carlos da Silva. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

UNICAMP
ECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

ESTE TRABALHO CONTOU COM O FINANCIAMENTO DO CNPQ.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

AGRADECIMENTOS

AO PROFESSOR LUIZ DANTAS QUE ORIENTOU ESTE TRABALHO.

AOS PROFESSORES CARLOS BERRIEL E MARIA STELLA BRESCIANI, QUE TIVERAM A GENTILEZA DE LER ESTE TRABALHO PARA O EXAME DE QUALIFICAÇÃO.

A TERESA, SANDRA E MARTA, DAS COLEÇÕES ESPECIAIS DA BIBLIOTECA CENTRAL
AO PESSOAL DA BIBLIOTECA DO IEL

AOS AMIGOS "PESQUISADORES" : VERA NEUMANN QUE SEMPRE ENCONTRAVA NAS BIBLIOTECAS POR ONDE PASSAVA ALGUMA INFORMAÇÃO SOBRE NÍSIA; PAULO SÉRGIO, LISBETH E RAIMUNDO QUE ENCONTRARAM ALGUNS LIVROS DE NÍSIA EM PARIS, E NO RIO GRANDE DO NORTE.

A PEDRO E MARIANA QUE ME ENSINARAM A VIVER CURIOSAMENTE. E A CHRISTIANO CÚMPLICE DESSE VIVER E DE MUITOS OUTROS.

RESUMO

Tradução comentada dos dois volumes do livro *Trois Ans en Italie suivis d'un voyage en Grèce,* (1. Vol. 1864; 2. Vol. S.d), da escritora brasileira Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885). Publicados na França, os dois volumes da obra nunca foram traduzidos integralmente. Na introdução, e nas notas que acompanham a tradução, procuro relacionar o livro de viagem com outras obras da escritora publicadas no Brasil e Europa; inserir o livro de Nísia no contexto dos relatos de viagem do século XIX, principalmente dos viajantes românticos; descobrir a influência de outros textos de escritores românticos brasileiros na composição do relato de viagem da escritora do Rio Grande do Norte; destacar a especificidade do texto da escritora, uma mulher brasileira que ao mesmo tempo em que percorria as cidades italianas voltava-se com freqüência para o Brasil, sobrepondo descrições da pátria à descrições das paisagens italianas.

ÍNDICE GERAL

VOLUME I

AGRADECIMENTOS

RESUMO

APRESENTAÇÃO - CADERNETA DE VIAGEM....I-XX

INTRODUÇÃO.....XXI – LXXXVII

I- A VIAJANTE.....XXI

I-1- AUSÊNCIAS E PERDAS.....XXVIII

SUSPIROS, SAUDADES, CINTILAÇÕES.....XXXI

I-2-DESEJOS.....XXXIV

DIONÍSIA, NÍSIA, TELESILA, UMA BRASILEIRA.....XXXVII
ENSINOS DE AGULHA – ENSINOS DE LÍNGUAS.....XLIX
"VIAGENS DE ESTUDOS DOS POVOS E COISAS DA EUROPA"..LII
"GRAND TOUR".....LVII

II- AVIAGEM.....LXI

A ITÁLIA RESSURGENTE.....LXIV
A GRÉCIA.....LXXII
OS BRASILEIROS E A ITÁLIA.....LXXIV

III-ITINERÁRIOS.....LXXVIII

O GUIA.....LXXXI

IV- O LIVRO.....LXXXV

BIBLIOGRAFIA.....LXXXVIII

TRADUÇÃO DO PRIMEIRO VOLUME DO LIVRO:***TRÊS ANOS NA ITÁLIA SEGUIDOS DE UMA VIAGEM À GRÉCIA*** -.....1-349.(349pp)

VOLUME II

TRADUÇÃO DO SEGUNDO VOLUME DO LIVRO: ***TRÊS ANOS NA ITÁLIA SEGUIDOS DE UMA VIAGEM À GRÉCIA*** -.....1-291(291pp)

ILUSTRAÇÕES

1- Retrato de Nísia, por Delintraz, Paris. O original pertence à coleção de Oliveira Lima. The Oliveira Lima Library. The Catholic University of America. Washington, D. C.
2- Capa do guia usado por Nísia. *Itinéraire Descriptif, Historique et Artistique de L'Italie et de la Sicile.* Par A. J. Du Pays. Paris Librairie de L. Hachette, 1855.
3- Capa do original. *Trois ans en Italie suivis d'un voyage en Grèce.* Paris. L. Dentu Libraire Éditeur, 1864.
4- Plan de Rome, do Itinerário de Du Pays.
5- Arredores de Nápoles, idem.
6- Página do original, *Trois ans en Italie suivis d'un voyage en Grèce*
7- Plan de Florence, do Itinerário de Du Pays.
8- Capa do livro de Nísia, *Scintille d'un'anima Brasiliana.* Firenze. Tipografia Barbèra et Bianchi, 1859.

CADERNETA DE VIAGEM

Esta tradução anotada dos dois volumes do livro ***Trois Ans en Italie suivis d'un voyage en Grèce,*** da escritora brasileira Nísia Floresta Brasileira Augusta, é uma experiência de leitura. A introdução e notas são um itinerário desta leitura, em que fui guiada por uma mulher brasileira que, no século XIX, viveu parte da vida no Brasil, parte na Europa _ Nísia Floresta mudou para Europa com 46 anos e morreu aos 74 na França. Para acompanhar a viajante minha leitura oscilou entre a Europa e o Brasil, e começou com a leitura de um livro de viagem: a tradução de Câmara Cascudo, recheada de notas explicativas, do livro de Henry Koster(? -1819), *Viagens ao Nordeste do Brasil*,[1] onde li as primeiras referências sobre Nísia.

Em 1810, quando passou por Papari, no Rio Grande do Norte, hoje cidade de Nísia Floresta, onde nasceu a escritora, o viajante inglês Henry Koster foi recebido por um fazendeiro, o senhor Dionísio, que o acolheu e convidou para almoçar. No seu livro, Koster descreveu o vale:

"Papari é situada num vale estreito e profundo, mas de lindo aspecto. É intensamente cultivado..(..)essa região é cheia de verdura, irradiando alegria derredor de si. (...) O senhor Dionísio apresentou-me sua mulher. Ele é português e ela brasileira têm uma pequena propriedade no vale que me pareceu prosperamente colocada. (...) Jantei à moda brasileira, numa mesa colocada a seis polegadas do solo, ao redor da qual nos sentamos, ou melhor nos deitamos sobre as esteiras". [2]

Em nota explicativa Câmara Cascudo identificou o senhor Dionísio como o pai "da mais notável mulher de letras do Brasil, no julgamento de Oliveira Lima. Com o pseudônimo de Nísia Floresta Brasileira Augusta (Papari, 12-10-1809 - Rouen, França, 24-4-1885) deixou vasta bibliografia....."[3]

---

[1] Koster, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil.* São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942, (1.ed.1816)
[2] Idem, p.104-105,
[3] Idem. nota 9, p.116

A paisagem de Papari atraiu um outro viajante mais de um século depois. Em 1929 passou por Papari um "turista aprendiz", Mário de Andrade, que com sua prosa recém-modernista descreveu deliciosamente a paisagem:

"Também a vista vai se tornando mais gostosa de ver. Zona de engenhos. De vez em quando o tabuleiro despenca pra várzeas chatas, verde-claras, que no inverno serão inundadas. Canaviais. Pinta no verde o branco dos engenhos de bangüê, com a chaminé gorda e curtinha feito a gente daqui(...)E logo a vegetação cobre a areia úmida com um verde cheio de esperança, linda. Cheiro de lírios do brejo aqui chamados "borboletas." O ventinho se abana todo e refresca. Nestes vales estão as lagoas que nem a barrenta Papari. São de peixe excelente e a caranguejada, principalmente o pitu feito pela própria mão da Virgem Maria, mora nessas águas de barro.Papari lembra também a espantosa Nísia Floresta, que mulher! Nasceu em Papari e o monumentinho comemora a amiga de Augusto Comte, Mazini, colaboradora da unificação italiana, reivindicadora dos direitos da mulher, viajante pela Alemanha, o diabo!...."[1]

A paisagem descrita por Mário de Andrade e Henry Koster dos arredores do sítio Floresta, onde Nísia nasceu, é uma lembrança recorrente na viagem de Nísia pela Itália. Diante do lago Cenis: "ó meus belos lagos natais"!; em Livorno: "lembrei dos jardins balsâmicos da minha Floresta"; em Nápoles: "minha deliciosa Floresta sobressaindo em beleza entre as habitações dos arredores"; "fértil e encantadora Floresta, situada a nove léguas da capital, deliciosa propriedade com alamedas bordadas das mais variadas e perfumadas flores dos trópicos e sombreada por palmeiras, cajueiros, mangueiras, laranjeiras."

No provável lugar onde ficava a casa do sítio ergue-se o monumento que Mário de Andrade visitou e que numa tarde de 1995, sobraçando os livros de Koster, Mário de Andrade, e de Nísia, também visitei. A caminho de lá passei na igreja matriz da cidade para ver na sacristia uma pia sustentada por pequena estátua de criança tapuia, que teria sido moldada pelo pai de Nísia, o advogado português Dionísio Pinto Lisboa, hábil ceramista. Mal conseguimos distinguir os traços da estátua, tal as muitas tintas que a cobrem.

Na praça em frente da igreja um imenso baobá originário da África, transplantado para o Brasil _ a "grande árvore maternal de corpulência de matrona", descrita no poema

---

[1] Andrade, Mário. *O Turista Aprendiz,* 2 Edição. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1983, p.269.

de João Cabral, cujo "tronco obeso", segundo o poeta, era "pelo inteiro Senegal túmulo dos *griots*, misto de poeta lacaio e alugado historiador" _, desempenhava ali função menos nobre, sombreando alguns carros. A "árvore maternal" lembrou-me uma passagem do livro de Nísia, na Sicília. Quando lhe mostraram o famoso *Castagno di cento cavallo*, um velho castanheiro que teria abrigado, durante uma tempestade, Joana de Aragão e 100 cavalheiros, a "viajante do novo mundo" não demonstrou surpresa, lembrando que na "outrora florescente Floresta", seu pai fizera uma festa para 200 convidados na sombra de uma enorme mangueira.

Deixando para trás a praça e o baobá, no final da tarde, encontrei-me diante do monumento construído por um Congresso Literário, em 1909, em homenagem à filha da terra, e desde 1954 túmulo de Nísia Floresta. O pequeno obelisco, com um túmulo na frente, situa-se numa das ruas da cidade, descendo em direção às lagoas, e à praia, mais distante. Fica em frente a uma pequena oficina mecânica. Estava bem cuidado, pintado de róseo, cercado por um pequeno muro onde brotam algumas flores. Num dos lados, tem uma inscrição em francês, um agradecimento de Augusto Comte à "expansão" que Nísia dedicara a Clotilde de Vaux, após visitar seu túmulo: *"Votre touchante composition est irrévocablemente placée dans le tiroir....."*

O sol espalhava raios dourados por entre as folhas das mangueiras, jaqueiras, coqueiros e cajueiros que apareciam ao fundo. Enquanto meu pensamento vagava, comparando as árvores que avistava com as descrições das árvores brasileiras, dos bosques, dos rios, tão repetidas por Nísia quando viajava na Itália, um pequeno ônibus de turistas parou ao lado do monumento. Após ouvir as palavras do guia, alguns deles tiraram fotografias, e logo seguiram adiante para saborear os famosos camarões, e os "pitus feitos pela mão da Virgem Maria", da lagoa de Papari.

Depois que os turistas passaram pensei nos diferentes modos de viajar, e contar a viagem, desde os séculos passados até os nossos dias.Diante do monumento, ao ler as descrições da paisagem do vale que o cerca, de Koster (que jantou no sítio Floresta no ano em que Nísia nasceu), as de Nísia, e a de Mário de Andrade, senti-me como os viajantes na Itália do século XIX, que diante das paisagens e monumentos italianos quedavam-se mudos com o que viam e tímidos para descrições - o que teriam mais a dizer depois das belas páginas de Goethe, Chateaubriand e Byron? Como Nísia em Veneza:

"Depois das emocionantes e admiráveis páginas que o poderoso gênio de Lord Byron consagrou à bela rainha do Adriático, hoje sem sua glória passada, nunca deveríamos ousar dizer mais nada porque tudo fica aquém da descrição animada, entusiasta, viva e sublime saída da flamejante pena cujas belezas poéticas não têm rival em nossos dias."

Percebi que estava cumprindo um pequeno ritual de viagem, hoje banalizado e que desenvolveu-se nas primeiras décadas do século XIX. Viagem como a de Nísia, que percorreu os caminhos da Itália seguindo um "modelo", que podemos chamar de viagem romântica, e que situa-se entre o Grand Tour dos jovens aristocratas e gentis-homens ingleses, e as viagens turísticas da segunda metade do século XIX.

O Grand Tour, do final do século XVII às últimas décadas do século XVIII, complementava a formação dos jovens ingleses. Guiados por um preceptor, eles visitavam os centros de civilização do continente: França, Suíça e Itália, em especial as cidades de Paris, Roma, Genebra, Florença, Milão, Bolonha, Veneza e Nápoles. Observavam as ruínas romanas, estudavam as artes do Renascimento, as formas de governo; procuravam os lugares e as paisagens de Virgílio; contemplavam paisagens antevistas nos quadros dos pintores Salvator Rosa, Lorrain e Poussin; e como um prêmio de fim de curso, usufruíam do sol e da sensualidade da vida italiana, fugindo dos cinzentos invernos da ilha de Albion.

Estou chamando de românticas[1] as viagens mais comuns após a revolução francesa e as campanhas napoleônicas, quando os ingleses voltaram a viajar pela Itália, unindo-se aos franceses, para os quais a partir da segunda metade do século XVIII a viagem à Itália tornara-se uma moda, que eles compartilhavam com russos e alemães. Entre as últimas décadas do século XVIII e as primeiras do século XIX, o perímetro da viagem estendeu-se para a Espanha, Grécia, e países do Oriente, embora a Itália continuasse o roteiro preferido. Ampliou-se o perfil dos viajantes, e entre eles alguns viajantes ilustres, que com seus relatos de viagem, e com os livros que escreveram delas decorrentes, contribuiram para modificar os hábitos dos outros viajantes.

Johan Goethe visitou a Itália entre os anos de 1786 e 1794. Escreveu *Elegias Romanas*,1795, e publicou o relato da viagem, muitos anos depois, com suas memórias, em

---

[1] Alain Corbain, em *O Território do Vazio - A praia e a imaginação ocidental.*(São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 195.) classifica como românticas as viagens entre 1750 e 1840, com relação à praia, onde centraliza seu estudo.

1816-1817. Mme. de Staël, exilada de Paris por Napoleão, transformou seu exílio em viagens e livros que retrataram países e o modo de observá-los. Mme. de Staël viajava para ver e ser vista. Suas viagens são um bom exemplo de como viajavam os franceses no final do século XVIII e início do século XIX: ilustrados, eruditos, educados pelo Neoclassicismo, liam muitos livros antes de partir; eram cosmopolitas e nas cidades onde chegavam participavam de reuniões sociais, visitavam museus, apreciavam as cenas da natureza. Escrito após uma viagem à Itália, em 1803, o romance *Corinne ou l'talie*(1807), de Mme. de Staël, a história de uma mulher talentosa, um romance "cosmopolita", reunindo na Itália ingleses, franceses, e italianos, fez gerações de mulheres sonharem com viagens e coroas de louro. A bela Corinne foi *cicerone* de Oswald em Roma e Nápoles, e guia de muitos viajantes, homens e mulheres, por um longo período de tempo.No romance *Graziella,*1849, de Alphonse de Lamartine, o jovem Agostinho, antes de viajar para a Itália diz que vai ver "o céu italiano, cujo calor e serenidade eu já havia, por assim dizer, aspirado nas páginas de Corinne e nos versos de Goethe: conheces a terra onde floresce o mirto?"[1]

François Chateaubriand, outro viajante ilustre, ao contrário de Mme. de Staël era bem visto por Napoleão e foi nomeado secretário da legação francesa, em Roma, nos primeiros anos do século. Enfastiado dos desertos virgens da América, Chateaubriand encantou-se com os desertos seculares da *Campagna* Romana "formada pela poeira dos mortos e restos de impérios", como a descreveu em *Lettre a M. de Fontanes sur la Campagne Romaine*, 1804, uma das mais conhecidas e imitadas descrições sobre a desolada baixada que cercava Roma. Depois dele, o inglês Lord Byron, e seus cantos sobre Espanha, Portugal, Grécia, Albânia e Itália, de *Childe Harold's Pilgrimage*,1818; Stendhal, com seus diferentes livros, estudos da vida italiana, como *La Chartreuse de Parma,*1839, e principalmente *Promenades dans Rome*(1828), um guia querido de muitos viajantes. Seguiram-se a estes viajantes Lamartine, que morou na Itália em anos alternados de 1810 a 1840, onde escreveu vários dos seus poemas, entre eles *O Último Canto de Childe Harold*, uma continuação aos cantos de Byron. George Sand, Musset, Gautier, Nerval, entre os franceses; Shelley e Keats entre os ingleses; Gogol entre os russos, Nathaniel Hawthorne, entre os americanos, fizeram do século XIX o grande século das viagens literárias.

---

[1] Lamartine, Adolphe- *Graziella*, São Paulo: Ed. Assunção, 1946. P.7

Em meados do século XIX, observou Michel Butor, no texto *Le Voyage et l'Écriture,* 1974,[1] quase todos os grandes escritores europeus tinham enveredado pelas estradas e pela literatura de viagem. A começar por Chateaubriand cujo livro *Itinéraire de Paris à Jérusalem*(1811) tornou-se um modelo do gênero.Butor classificou estas viagens de peregrinações literárias, palavra que em sua origem designava uma viagem ao túmulo, ou lugar de aparição de um santo, e converte-se com Chateaubriand em viagens aos lugares que falam da história, aos lugares que representam e trazem as marcas de um momento histórico fundamental. Viagens que também eram peregrinações aos túmulos dos grandes homens.

Diferente dos peregrinos, estes viajantes não sonhavam em levar para casa preciosas relíquias, e limitavam-se a deixar marcas de sua passagem, escrevendo o nome nos monumentos, e mais do que isso solidificando, com inscrições, o momento que viveram, nos livros que escreveram ao voltar para casa. Livros que outros viajantes transportaram aos lugares por onde os escritores passaram, enquanto procuravam as marcas por eles deixadas: o nome de Byron nas colunas de templos gregos, o de Chateaubriand nas pirâmides do Egito. Visitar a Itália, o Cairo, ou a Grécia, era ir aos lugares onde Goethe, Chateaubriand, Byron passaram.

O interesse pelo que os escritores escreviam sobre a Itália estimulou a venda de livros, e as editoras souberam aproveitar. Em 1836 a editora Audot, de Paris, publicou uma obra coletiva,[2] em quatro volumes, reunindo descrições e opiniões dos mais diferentes escritores e artistas sobre a Itália: Chateaubriand, Byron, Lamartine, Piranesi, Goethe, Lanzi.

Alguns anos depois, no início do livro *Un hiver à Majorque*(1841) George Sand referiu-se à nova exigência, que fazia do relato de viagem um guia para outros viajantes:

"O mundo tornou-se tão exigente, que hoje não basta que eu risque meu nome nas rochas baleares. Exigem de mim uma descrição exata, ou pelo menos um relato bem

---

[1] Butor, Michel. "Le voyage et l'écriture", em *Répertoire* IV. Paris: Les Éditions du Miinuit,1974

[2] A obra coletiva, "uma verdadeira enciclopédia do turismo pitoresco e da visão romântica da península" tem um enorme título: *L'Italie, la Sicile, les îles éoliennes, l'île d'Elba, la Sardaigne, Malete, l'île de Calypso etc., d'après les inscriptions, les récherches et les travaux de MM. Le vicomte de Chateaubriand, de Lamartine, Raoul-Rochette, le comte de Forbin, Piranesi, Mazzara, et de Napoléon, Denon, Saint-Non, lord Byron, Goethe, Visconti, Cicognara, Lanzi, de Bonstetten, Swinburne etc.;* Referência em "L'Italia fuori d'Italia", Ricci, G. (org). Storia d'Italia. Volume Terzo, Torino: Giulio Einaudi ed. 1973, p. 1266.

poético de minha viagem, para que os turistas tenham o desejo de fazê-la, sob minha palavra;"[1]

A aproximação entre viagem, leitura e escritura é uma característica comum à época romântica, "todas as viagens românticas - observou Butor - são livrescas: Lamartine, Gautier, Nerval, Flaubert, corrigem, completam, variam, temas propostos por Chateaubriand. Em todos os casos há livros na origem da viagem, livros lidos, livros projetados, escritos na volta."[2] Completando a idéia de Butor, pode-se dizer que até mesmo os lugares visitados eram vistos como livros. A Itália era um livro para H. Taine:"Como queres que diante dessa mistura de obras e séculos, consigamos ter de pronto uma idéia clara? É preciso folhear antes de ler."[3]. Era um livro para Nísia, (em Nápoles): "A Itália é um imenso livro, no qual cada página resume a história inteira da humanidade."

Viagens na Itália podiam transformar-se em viagens "byronianas", "chateaubrianescas", "stendhalianas","dantescas", "virgilianas". Nísia citou Byron em 7 lugares por onde passou, e não se ateve ao *Childe Harold*, citou também *Don Juan*. *Corinne*, foi citado três vezes. Na companhia de Dante, ela visitou Florença e outras cidades da Toscana; com Virgílio os arredores de Nápoles e Mântua; em Verona leu os versos de *Romeu e Julieta*, de Shakespeare; em Ferrara visitou o cárcere de Tasso lembrou outros poetas viajantes: Casimir Delavigne, que aí plantou um louro; Byron que escreveu um lamento; o brasileiro Gonçalves de Magalhães. A viajante brasileira folheia o romance recém lançado *La Daniella*,1857, de George Sand, sobre a Itália: "um romance e uma viagem, ou uma viagem no enredo de um romance, ou ainda um romance durante uma viagem", como o definiu Sand no prefácio.

Meditações - Iluminações

Os livros de viagem dos escritores românticos, como toda a experiência romântica, conciliavam a vivência pessoal com a tradição histórica e cultural. "Em última análise - observou Alan Corbin - o viajante romântico que parte em busca do seu ser profundo, não fala senão de si mesmo a um leitor curioso do sonho desse outro indivíduo, que uma

---

[1] Sand, George - *Un hiver à Majorque*. Paris: Librairie Générale Française, 1984, p.26.(Tradução minha)
[2] Butor, Michel" Le Voyage et l'écriture", Op.cit. p. 26-27
[3] Taine, H. *Voyage en Italie*. Paris: Hachette,1910, p.96.(1ed.1866)

evidente proximidade cultural assemelha ao seu."[1] Partilhando este sonho, os escritores ensinaram os viajantes, a entender e sentir o que viam, como observou Stendhal: "Alguns jovens parisienses conseguiram entender o charme das ruínas através das frases dos nossos grandes prosadores que as explicaram."[2]

A meditação diante das ruínas, tema da poética cristã de Chateaubriand, que em *O Gênio do Cristianismo*(1802), dedicou um capítulo ao "Efeito Pitoresco das Ruínas", revitalizava a moda das ruínas e paixão pela antiguidade, da segunda metade do século XVIII, explorada pela literatura, por viajantes e pintores que retrataram as ruínas a partir da apreciação dos pintores de ruínas e paisagens romanas: Salvator Rosa(1615-1673), Nicolas Poussin (1594-1665), ClaudeLorrain(1600-1682).Bernardin de Saint Pierre incluiu em *Études de la Nature*(1784) o capítulo "Plaisir des Ruines". Porém, o mais conhecido texto do final do século XVIII foi *Les Ruines - Méditations sur les révolutions des empires,* 1791, de Constantin Volney (1757-1820), que inspirou Chateaubriand. Volney dirigiu o pensamento do contemplador para os impérios desaparecidos, para as ruínas silenciosas onde outrora as multidões barulhentas circulavam, sugerindo que a imaginação as trariam de volta, preenchendo os arcos vazios.

Contemplar as ruínas era deixar a história desfilar diante dos olhos e dos ouvidos da imaginação, como o fez o poeta Charles Millevoy, no poema *Le Voyageur*(1807),de onde Nísia retirou os versos da epígrafe do seu livro de viagem na Itália:

> Com olhos religiosos o viajante admira
> Ilion, Babilônia, Ecbatasse, Palmyre.
> Palácios luxuosos, templos solenes,
> Ele disputa com o nada os destroços eternos
> Só, sentado no meio dos antigos escombros,
> Dos séculos passados ele evoca as sombras
> Procura vestígios apagados dos tempos famosos;
> E deixa os ouvidos atentos às lições do passado.[3]

---

[1] Corbin Alain, op. cit.p.196.
[2] Stendhal, *Promenades dans Rome*.(1 ed. 1829) Grenoble: Ed. Jerôme Millon s.d.p.335.
[3] Millevoy, Charles(1782-1816). *Oeuvres de Millevoy*. Paris: Librairie Garnier Frères, s.d.Tradução minha.

Porém, o que Chateaubriand, um escritor que viajava "em busca de imagens", renovou com o texto sobre a *campagna,* e com *Itinerário de Paris a Jerusalém,* foi a percepção de que a "luz faz a paisagem":

"Não são as planícies e as folhas de um verde cru e frio que tornam admiráveis as paisagens, são os efeitos de luz. É por isso que os rochedos e urzes da baía de Nápoles serão sempre mais belos que os vales mais férteis da França e Inglaterra"[1].

Luzes e sombras das paisagens italianas que ele avista na *campagna* romana:

"Uma tonalidade, singularmente harmoniosa, envolve a terra, o céu e as águas: todas as superfícies, a menos de uma gradação invisível de cores, unem-se em suas extremidades, sem que se possa determinar o ponto onde finda-se uma nuança e começa a outra. Admirastes nas paisagens de Claude Lorrain esta luz que parece ideal e mais bela que a natureza? Pois bem! Esta é a luz de Roma."[2]

A partir dessa percepção, Chateaubriand sugeriu o melhor horário para visitar as ruínas, de modo que ao contemplá-las a imaginação deslizasse do real ao imaginário, do presente para o passado, do vivido ao sonho.Em *Promenades dans Rome au clair de la lune*(1803) ele ensina a ver os monumentos de Roma e as ruínas do Coliseu à luz do luar. Mme. de Staël faz com que Corinne, tomada por sentimentos melancólicos, despeça-se de Roma, do Coliseu, numa noite de lua:

"Não conhece a impressão que o Coliseu desperta quem o viu apenas de dia; o sol da Itália tem um brilho que dá a tudo um ar de festa; mas a lua é o astro das ruínas(...)As plantas que se agarram nos muros destruídos e crescem nos lugares solitários, revestem-se das cores da noite, a alma palpita e se enternece ao mesmo tempo, por estar a sós com a natureza...."[3].

O peregrino Harold, de Byron, perambula com seu desespero e melancolia por entre os arcos do Coliseu iluminados pela luz do luar:

No Coliseu o luar brilha
Como se fosse uma tocha natural,

---

[1] Chateaubriand, F. de. *Itinéraire de Paris à Jerusalém.* Cit. em Berchet, J.C.*Le Voyage en Orient*. Paris: Laffont, 1985, p.121. Tradução minha.
[2] Idem. *Lettre a M. de Fontanes sur la Campagne Romaine*. Genève: Librairie Droz, 1951, p7. (Idem)
[3] Mme. de Staël. *Corinne*.Paris: Gallimard, 1985, p. 409

Ver o Coliseu ao luar tornou-se um topos dos relatos de viagem e tema para os poetas. O poeta brasileiro Domingos de Magalhães escreveu o poema "As ruínas de Roma ao clarão do luar", 1836:

"Tu és ó lua, o astro das ruínas
(...) - Plácida alvejas de palor tingindo
Estes negros destroços."

A escolha dos horários para melhor fruição da "poesia das ruínas" acentuava a imagem da decadência,cantada por Byron em *Childe Harold's Pilgrimage* e caracterizaram as viagens românticos, como explicou Carolyn Springer:

"A revitalização do interesse nas ruínas da antiguidade clássica que caracterizou o neoclassicismo tornou-se um componente fundamental da experiência romântica. A Itália, que para gerações de viajantes do século XVIII foi um paradigma de pitoresca decadência, tornou-se um território privilegiado para a nascente sensibilidade romântica, e cenário preferido por poetas como Byron e Shelley para a poesia das ruínas, nas primeiras décadas do século. A paixão pela Itália marcou o romantismo inglês: Shelley, Byron, Keats. A imagem de Roma como a *"marble Wilderness"*, de Byron, contribuiu para uma rica e figurativa tradição que representava os lugares clássicos como *locus* da decadência.[1]

Poetas e viajantes escolhiam o melhor horário para apreciar as cenas da natureza e os monumentos, como se fossem participantes de um espetáculo. O viajante portava-se como o espectador dos *Dioramas*, com sensações parecidas com a que sentiam ao vê-los. Inventado em 1822, o *Diorama* encantava espectadores nas grandes cidades da Europa. Um quadro era iluminado de forma a produzir efeitos diferentes no espectador, a posição do espectador com relação ao quadro e a luz que o iluminava criava "deliciosas ilusões". Os mais famosos, na primeira metade do século, eram o Mont Blanc; um Incêndio em Edimburgo; o Vaticano; a catedral de Milão, Diorama que Nísia viu em Frankfurt, dois anos antes de vê-la em Milão: "Admiramos a soberba catedral de Milão, na hora em que o povo se reúne para a prece da noite.(..)Também algumas vistas da Suíça apresentaram-se aos nossos olhos."[2]

---

[1] Springer, Carolyn -*The Marble Wilderness- Ruins and Representation in Italian Romanticism, 1775-1850.* New York, Cambridge University Press,1987; p.17.Tradução minha.

[2] Nísia Floresta, *Itinerário de uma viagem à Alemanha.* Tradução de Francisco das Chagas Pereira.Natal: Ed. Universitária,1982.p.60

Espetáculos e Espectadores

"Nós viajamos para contemplar um espetáculo! Venha ver um espetáculo!", exclamou Júlio Verne, da ponte do navio quando viajava para a Escócia[1]. Como um espectador, o viajante assumia muitas vezes o papel de um crítico de espetáculos, sobre o qual manifestava sua impressão pessoal. Como bem notou Gérard Nerval, um viajante contumaz, no texto *Le Goût des voyages*, 1838:

"Por que o público suporta os folhetins de teatro os mais insossos, as análises mais laudatórias, as crônicas teatrais mais detalhistas? É que depois de ler o artigo ele irá ver a peça, ou saberá o suficiente para não vê-la.A preferência pelas viagens hoje é tão comum quanto a preferência por um espetáculo, e pode-se encontrar diferentes opiniões, pois cada um vê à sua maneira, e as impressões dos viajantes são ainda mais diferentes do que a dos críticos." [2]

Segundo Nerval, o leitor do relato de viagem mostrava-se mais interessado no escritor que ao invés dos detalhes exatos acrescentava ao quadro descrito "uma certa dose de sentimentalismo", um jeito "particular e fantástico de ver e sentir". Um escritor como Lamartine que já no título do seu livro sobre o Oriente: *Voyage en Orient: Souvenirs, Impressions, Pensées et Paysages pendant un voyage en Orient,*1835, informa como irá narrar sua viagem. No prefácio ele diz reunir as mais fugitivas e superficiais impressões de um viajante que caminha sem parar, e "algumas vezes esquecendo a cena que o cerca, volta-se para si mesmo, fala para si mesmo, escuta-se pensar, alegrar-se ou sofrer."

Redescobria-se o "sentimento da natureza e a independência da alma", que muitos séculos antes um italiano, Francesco Petrarca (1304-1374), que também postara-se melancolicamente diante das ruínas, já prenunciara ao subir no monte Ventoux, na França,

---

[1] Verne, Júlio. *Viagem à Inglaterra e à Escócia.* Tradução Luís Krausz. São Paulo: Nobel, 1990, p, 61. O manuscrito inédito, publicado em 1990, é de 1855.

[2] Nerval, Gérard de. "Le Goût des Voyages", em *Paris et Alentours.* Paris: Encre 1984, p.27-29.

em 1306, como observou Otto Carpeaux: "Para a posteridade, o acontecimento mais importante de sua vida é a subida ao Mont Ventoux, perto de Avignon, no dia 26 de abril de 1336, de lá, olhou profundamente comovido, para a paisagem, e depois abriu as Confissões de Santo Agostinho, lendo a grave advertência de que a verdade não se encontra nas planícies e mares, mas dentro da alma."[1]

Para sentir estas novas sensações, que Petrarca antecipara, a posição em que o viajante se postava para observar tinha grande importância, tanto para o diorama quanto para as viagens. Os lugares altos, as montanhas, torres de igrejas, arcos de ruínas, que deixavam o pensamento "vagar na vastidão das idéias e se perderem no infinito", permitiam ao viajante um distanciamento para vislumbrar a história, deixar os séculos desfilarem, ver a pátria distante e diante das variações das paisagens, das nuanças, descobrir a si mesmo. Do alto do Vesúvio, o jovem francês de *Graziella*, de Lamartine, observa:

"Por mais extensão que o olhar do homem abranja, para ele a natureza não passa de dois ou três pontos sensíveis sobre os quais converge toda a sua alma.Arranque da vida o coração que os ama e nada lhes restará. O mesmo acontece com a natureza. Apaguem o lugar e a casa que seus pensamentos procuram ou que suas lembranças animam, e tudo ficará reduzido a um vazio resplandecente onde o olhar mergulha sem encontrar sentido ou repouso. Por isso os mais sublimes cenários da criação parecem sempre diversos aos olhos dos viajantes que os contemplam, pois todos os contemplam de prismas diferentes e pessoais. Uma nuvem sobre a alma produz mais sombra sobre a terra do que uma nuvem no horizonte. O Espetáculo está no espectador. Eu o senti."[2]

A brasileira Nísia, na Itália procura os lugares altos, como o fez na Alemanha:

"Eu não seria capaz de descrever para vocês as emoções que se apossam de minha alma, quando me vejo nesses cumes a que se ligam recordações de séculos recuados. (...) Mais de uma vez contive uma lágrima pensando em nosso Corcovado, montanha majestosa de onde se descortina o mais admirável panorama, onde...Mas é com os pícaros dessas montanhas de Heidelberg, em que posso subir livremente, que devo ocupar vocês agora. Sempre gostei das paisagens elevadas."[3]

---

[1] Carpeaux, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*, vol 2. Rio de Janeiro: Alhambra, 1985, p.219.
[2] *Grazilella*, op. cit. p.10.
[3] Nísia Floresta. *Itinerário de uma viagem à Alemanha*. op. cit. p. 78

Como espetáculos que atraíam grande público, em meados do século, as viagens atraíam cada vez mais viajantes que percorriam os mesmos caminhos na Itália, Grécia ou Espanha, repetindo comentários e sentimentos diante de um objeto ou paisagem, sentimentos que não eram deles e sim dos poetas e escritores que os antecederam. Os versos de Byron em *Childe Harold's Pilgrimage*, e *Manfred* sobre o Coliseu foram recitados por levas de viajantes, em visita ao Coliseu em noites de lua. Hábito ironizado por Nathaniel Hawthorne no romance *O Fauno de Mármore*(1860):

"Como é comum numa noite de luar, várias carruagens se encontravam à entrada dessa famosa ruína (...) havia um grupo de ingleses ou americanos pagando ao luar a inevitável visita, e exaltando-se com arroubos que eram de Byron, não deles."[1]

Os gestos repetitivos da meditação diante das ruínas foram criticados por George Sand, no romance *La Daniella*(1857):

"Confesso que estou cansado das reflexões impressas sobre o destino dos homens e a queda dos impérios. Foi a grande moda há quarenta anos, em nosso império, chorar as vicissitudes das grandes épocas e das grandes sociedades.E no entanto nós somos uma grande sociedade e uma grande época, também sofremos desastres, transformações e renovações. (...) O passado ao nos falar através das ruínas deveria gritar - Aja e Recomece! -, ao invés deste eterno - Contemple e Lamente! - que a moda literária impós por tanto tempo ao viajante romântico dos primeiros dias do século. O ilustre Chateaubriand foi um dos poderosos inventores dessa moda. É que ele mesmo era uma ruína, uma grande e nobre ruína das idéias religiosas e monárquicas do seu tempo."[2]

As reflexões de Sand e Hawthorne mostravam o quanto convertera-se lugar comum o modo de viajar inaugurado por Chateaubriand, a medida em que na segunda metade do século XIX, as estradas de ferro que espalhavam-se pela Europa ampliavam as viagens, o perfil dos viajantes, a maneira de escrever os livros. Profeta destas mudanças, Stendhal chamou seu livro de viagem na França, feito sob encomenda, de *Memórias de um Turista*(1838), usando pela primeira vez a palavra que passaria a identificar o novo viajante e as viagens, que tiveram o seu momento fundador em 1841, quando o impressor inglês Thomas Cook (1808-1892) organizou a primeira viagem de grupo, na Inglaterra; e um

---

[1] Hawthorne, Nathaniel. O Fauno de Mármore.Trd. Sônia Régis. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1992p162.
[2] George Sand. *La Daniella.* Paris; Calmann- Lévy, Éditeurs, s.d. vol.I, p. 61. Tradução minha.

grande desenvolvimento em 1864, quando Cook fez a primeira excursão à Itália levando um grande número de ingleses.

Guias cada vez mais completos e pretensamente eruditos, como o inglês *Murray's Handbook for Traveller in Central Italy*, 1845; e o guia francês que Nísia usou em sua viagem: *Itinéraire Descriptif, Historique e Artistique de l'Italie et de la Sicile,* de J. Du Pays,1855, (os guias alemães de Baedeker aparecem um pouco mais tarde, a partir de 1866), absorveram os modos de viajar unindo etapas do Grand Tour, à viagem romântica. Estes guias codificaram desde a hora de ver o Coliseu, até as exclamações sobre as cidades: Florença, "a Bela," Gênova a "Soberba", Roma a "Eterna". Assim como aprisionaram o italiano num tipo, de cidade a cidade: o florentino, calmo e educado; o napolitano rude e despreocupado, onde se vê a influência de Mme. de Staël, de suas comparações entre os povos, a pintura de tipos nacionais, as generalizações sobre o comportamento de ingleses, franceses, italianos e alemães dos seus livros *Corinne ou l'Italie* e *De l'Allemagne*. O guia que Nísia usou continha, além do retrato de italianos de diferentes cidades, informações históricas, detalhes sobre a passagem de viajantes célebres, descrição de paisagens com frases de escritores românticos, e comentários sobre antiguidades e obras de arte, que Nísia repetiu no seu livro de viagem.

Mulheres Viajantes.

Entre o novo público de viajantes, mulheres em número cada vez maior, que começaram a viajar sozinhas, como Nísia e sua filha Lívia, que encontram nas cidades por onde passam alemães, inglesas, polonesas. Na Alemanha, Nísia observou:

"Inglesas intrépidas viajoras em terra e mar, misturam-se em multidão aos grupos de estrangeiros de todas as nações(...) às tardes elas escalam as montanhas e se espalham nos lugares menos frequentados. Deparamos também com algumas moças que passeiam com toda a segurança, tendo como único guarda os bons costumes deste povo".[1]

Eram mulheres de classe média, que viajavam graças às conquistas femininas na área da educação, que criaram oportunidades de trabalho - governantas, professoras, escritoras - e despertaram desejos cada vez maiores de novos conhecimentos, para

[1] Nísia Floresta. *Itinerário de uma viagem à Alemanha*. Op. cit. p.78.

complementar os estudos. Mulheres que fugiam das salas fechadas por grossas cortinas para o ar livre, ao mesmo tempo uma fuga das restrições inibidoras das regras sociais. As inglesas principalmente, pareciam respirar aliviadas quando cruzavam o Canal da Mancha, como observou Nísia, em Verona:

"Sempre observei que o inglês, em qualquer lugar que se encontre, fica sempre como se estivesse em casa, mas o mesmo não acontece com as inglesas. Elas, que na Inglaterra seguem com a regularidade de um pêndulo as etiquetas, os costumes, os hábitos e até os pensamentos com que sua grande, sua positiva nação, mantém tão maravilhosa uniformidade no modo de viver e mesmo de sentir, ao atravessar o canal sempre modificam a atitude."

Um Grand Tour feminino na segunda metade do século? O século XIX, principalmente na segunda metade, tem muitos relatos de viagem escritos por mulheres.[1] E neles, observa-se as muitas citações de comentários de escritores, de versos dos poetas românticos, de descrições de paisagens com imagens de Chateaubriand e Lamartine, e observa-se também o cumprimento das etapas de viagem de complementação dos estudos dos jovens ingleses do Grand Tour: as visitas aos monumentos, museus, observações sobre os costumes dos povos e os governos dos países. As viajantes faziam as inevitáveis visitas aos asilos, casas de caridade, hospitais e prisões, obrigações filantrópicas exigidas às mulheres pela sociedade, cada vez mais, que não eram esquecidas nem mesmo em viagens. Interessadas em obras de arte, várias viajantes comentaram sobre as restrições de visitarem, na Itália, obras primas guardadas em conventos e capelas onde não era permitida a entrada de mulheres, como o fez Nísia em visita ao mosteiro dos Beneditinos, de Palermo: "como as mulheres não podem entrar para ver as belas obras de arte nos contentamos com a encantadora vista do vale que descortina-se ao longe..."

Isto não impediu que a irlandesa Anna Jameson (1796-1860), escrevesse um dos primeiros livros de arte publicado por uma mulher, *Sacred and Legendary Art*, 1848.

Embora as viagens do ponto de vista prático ficassem mais fáceis para as mulheres, com os guias e desenvolvimento das estradas de ferro, as viagens de mulheres sozinhas, principalmente para a Itália, continuou por muito tempo um tabu, que alimentou a

[1] Benedicte Monicat, na sua tese *Les Recits de Voyage au Fémini au Dix-Neuvieme Siècle*, 1990, anexa uma lista de mais de 180 relatos escritos por mulheres francesas, entre eles o de Nísia Floresta, catalogada na Biblioteca Nacional de Paris como Mme. Faria.

imaginação das viajantes inglesas retratadas nos romances de E. Forster, no início do século XX.Para a Alemanha os riscos pareciam menores. Quem sabe se não fora pelo retrato de um país de costumes puros e patriarcais, que Mme. de Staël pintou da velha Germânia, em *De l'Allemagne(*1813)?. Foi para a Alemanha a primeira viagem de Nísia quando chegou na Europa e instalou-se na França. No prefácio de *Trois ans en Italie,* Nísia fala dos seus receios com a viagem à Itália:

"Após ter percorrido ano passado uma parte da Alemanha, o caráter do seu povo assim como suas virtudes domésticas e sociais, me foram de tal maneira simpáticos que sonhava com o prazer de retornar. (...) Seus bons costumes, como os dos ingleses, permitem uma mulher que viaja só aventurar-se com toda segurança em excursões afastadas através das cidades, campos e ruínas solitárias. Esta segurança era um grande encanto para mim que viajo só com minha filha, nestes países, e fizeram-me preferi-los aos do Sul."

As mulheres que viajavam sozinhas não eram bem vistas, até mesmo as inglesas, pioneiras entre as viajantes. No prefácio do seu livro de viagem à Argélia, *Trough Algerie*(1863) a inglesa Mabel Sharman Crawford(1830-1860) insurge-se contras as regras da sociedade que impediam a mulher de viajar sozinha:

"Nos tempos antigos, a regra de que nenhuma mulher poderia viajar sem um homem ao seu lado, era sem dúvida racional, porém numa época de fácil locomoção, e com abundantes provas de que as mulheres podem viajar em países estrangeiros em perfeita segurança, a permanência dessa regra tem certamente sabor de injustiça." [1]

Mabel defende a viagem para as mulheres solteiras e independentes:

"Por mais inquestionável que seja a regra de que o espaço da mulher como esposa e mãe é a casa, não é razoável condenar centenas de mulheres inglesas independentes financeiramente e sem laços domésticos, a sufocar a aspiração natural de ver a natureza em sua magnificência, a arte com seus melhores exemplos, e a vida humana em suas fases mais interessantes; (..) E se a exploração de terras estranhas não é a finalidade primeira ou a mais usual ocupação da existência feminina, é pelo menos mais benéfica e divertida do que o crochê ou o bordado, com os quais, em casa, muitas mulheres procuram distrair o tédio dos seus dias ociosos." [2]

---

[1] Crawford, Mabel Sharman. *Through Algerie*. Cit em Morris, Mary. *Maiden Voyages. Writings of Women Travellers*. New York: Vintage Books, 1993, p43. Tradução minha.
[2] Idem, p. 44

De volta da viagem as mulheres viajantes enfrentavam dificuldades para publicar os seus relatos.Para Mabel Crawford era preciso mais coragem para enfrentar o ridículo com que eram tratadas as mulheres que escreviam e publicavam seus textos, do que para fazer as viagens. "A idéia de ficar exposta ao aguçado sarcasmo é um duro tormento para a destemida senhora turista. (...)Conviver com um retrato assim, não é agradável, mas como toda inovação faz vítimas aceito meu destino, embalada pela certeza de que meu sacrifício trará benefícios para as turistas que represento nestas páginas. " E, concluindo o seu prefácio: " lanço meu pequeno barco no meio do mar de cartas para nadar ou boiar como preferir (...) estas páginas como um espelho, refletirão não apenas uma bonita cena, ou um quadro da vida humana, mas um tempo de longos dias ao ar livre..." [1]

As proibições que cercavam as viagens e os textos transformaram tanto o ato de viajar quanto o de escrever em transgressões, que ao invés de inibir atraíam cada vez mais as mulheres.Visto hoje, o medo das mulheres do século XIX de ao escreverem e publicarem seus textos parecerem pedantes, sabichonas e ridículas, parece de difícil compreensão, porém é uma informação importante para a leitura de textos produzidos por estas mulheres. A sátira de Molière, *Les Précieuses Ridicules,* 1659, modo farsesco que o escritor usou para satirizar os exageros do culto das letras no século XVII, perseguia as mulheres dois séculos depois, como uma norma que todas as sociedades cultivavam. Quando escreviam elas temiam despertar o riso e a zombaria, as "armas terríveis com que atacavam as mulheres", temiam as caricaturas de Daumier, (1809-1879) ridicularizando as *bas-bleu.*

Como se portavam para não parecerem vaidosas e fugir do ridículo? Como muitas ensaístas já notaram, as escritoras apresentavam seus livros, não somente com pseudônimos, ou quase anonimamente como o fez Nísia com este livro assinado por "uma brasileira", mas com cuidadosa modéstia, que Nísia também repetiu: "minha pobre pena", "páginas fugitivas de um humilde espírito brasileiro", "não cabe a uma mulher escrever sobre este assunto.." Parecia praticar os conselhos, do seu livro *Conselhos á minha filha,*1842: "Preferes antes passar por ignorante - Que teres o conceito de pedante"; e, "Da mulher que ao seu sexo sobressai - Inimigas cruéis são as mulheres"; ou ainda: "Em um mundo que justo ser não sabe - Não desejes brilhar filha querida".

---

[1] Idem, p.45.

Pensando nas mulheres viajantes, e de volta ao monumento de Nísia no vale de Papari, ao cair da tarde, envolvida pelas luzes e sombras de um pôr do sol nordestino, repeti o gesto de muitos viajantes, e fiquei a matutar sobre as viagens de mulheres, e principalmente sobre a escritora viajante que saira da pequena Papari e viajara pelo Brasil e pela Itália, e que me levara a fazer a "peregrinação" ao seu túmulo na cidade que hoje tem o seu nome. Lembrei-me das histórias de assombração, narradas por algumas pessoas da cidade, sobre a "mulher-cobra" que em noites escuras, saía do túmulo da escritora para assustar os que dormiam, fato tão repetido na época que teria obrigado o prefeito, na década de 1950, a envolver o monumento com correntes, para impedir a saída noturna da assombração.

Como delinear a partir dos traços que dispunha, o perfil de uma "assombração", da viajante brasileira, que depois de perambular por muitos anos voltara ao seu lugar primeiro de partida?

Escondida por frases comuns de compostura, até que ponto a viajante se mostrou como era verdadeiramente? Como desnudá-la das máscaras impostas às mulheres pelo século XIX, os modelos de esposa e mãe, "anjos de consolação", "anjos de paz", que Nísia assumiu, na aparência idealizada que o retrato cartão de visita[1] que podemos ver hoje mostra - uma dama em crinolina, com seu armado vestido, com um livro na mão e olhar pensativo, recostada num pedestal, uma cortina ao fundo com a pintura de uma grande árvore, teatralização comum dos retratos da época que ela estende ao personagem, "a brasileira", que criou para narrar o seu livro de viagem?

A personagem do livro é uma senhora distinta, viúva, que definia-se como "uma mulher de rudes provas"; carpideira impenitente dos seus "mortos de agosto": o pai, a mãe, o marido. Tinha 54 anos quando publicou o primeiro volume em 1864, e se dizia no "outono da vida, colhendo flores murchas do espírito para fazer uma guirlanda". Insiste em retratar todos os homens que encontra e convive na viagem como veneráveis e idosos senhores. Uma mulher que vivia de rendas (como ficou anotado no seu atestado de óbito em Rouen). Boa filha, boa mãe, caridosa, como se fora Cornélia a matrona romana que ela admira, virtuosa republicana, que ao ficar viúva dedicou-se a criar os filhos para a pátria;

[1] O retrato em formato de cartão de visita (6 x 9), lançado em 1854 pelo fotógrafo francês Disdéré foi um grande sucesso. Por 20 francos comprava-se 12 cópias. A foto de Nísia pertence à coleção de Oliveira Lima, da Biblioteca da Universidade Católica de Washington.

podia ser também a poeta grega, a guerreira Telesila, que deixou de lado os livros para empunhar a espada e defender a pátria, um dos seus pseudônimos. Como descobrir por trás das reduções e alargamentos de um nome sempre em mobilidade, como a mulher que o portava, que a escritora usou para assinar seus livros: B. A. Mme. Brasileira, Nisia Floresta Brasileira Augusta, "uma brasileira", Brasileira Augusta, Mme. Floresta, Telesila, a mulher nascida em Papari que apresentei como guia de minha viagem -leitura?

Como boa leitora do século XX gostaria de encontrar uma feminista combativa. Encontro contradições na mulher que pregou a resignação, a entrega ao outro, a vida doméstica, a dedicação exclusiva ao ensino dos filhos, ao mesmo tempo em que afirmava que o casamento não era a única função para a mulher e aconselhava às jovens a saber e poder encontrar em si próprias a segurança e felicidade. Uma mulher que "detestava" tiranos e répteis, achava que a Grécia precisava de um Washington, e não de um rei, e que o Brasil vivia uma monarquia bem resolvida, quando comparada com as repúblicas da América do Sul. Apoiava insurreições populares desde que fosse para libertação da pátria e dos escravos. Da mesma maneira que muitas mulheres do seu século sentia-se atraída pela figura de Byron, identificando-se com a alma desgarrada e incompreendida do poeta, para ela "o maior poeta do século", lamentando porém os desmandos do poeta em Veneza. Citava Guarini, o poeta das fábulas eróticas, como um dos poetas italianos que mais gostava. Viajava com a filha, Lívia, por ela educada, uma jovem de 28 anos, que recebeu dois pedidos de casamento na Itália(Milão e Mombasilio) e recusou os dois, e a trata como se fora uma criança, deixando-a sempre na sombra, atitude no mínimo inquietante para o leitor de hoje, estudioso de psicologia. Assim como é inquietante notar que pioneira na defesa da participação da mulher brasileira na sociedade, Nísia em nenhum dos seus textos faz qualquer referência às escritoras brasileiras do seu tempo.

Como o relato de viagem romântico possibilitou a partilha de sonhos entre o leitor e o escritor, pude escolher uma das máscaras da narradora do relato que traduzi, e talvez tenha construído para mim um personagem romântico: uma mulher que lamentou toda a vida a morte de um amor, e tinha a inquietação de Byron, sempre perambulando, longe da pátria. Uma brasileira nascida em Papari que viveu uma breve história de amor em Olinda sob "bosques de laranjeiras cheirosas e sapotis misteriosamente amorosos", ao som dos versos da Eneida, e que desde menina empreendeu uma grande viagem em busca do

aprendizado, uma história entre outras comoventes histórias de mulheres brasileiras - a luta pelo direito de estudar.

O que mais me atraiu na viajante foi a outra viagem que o tempo inteiro ela perfaz – a busca do conhecimento - e que deve ter sido a viagem de muitas mulheres brasileiras no século XIX, até mesmo para as que, diferente de Nísia, nunca conseguiram sair do lugar onde nasceram e para as quais aprender era ter acesso a um "manancial de gozo", e escrever uma felicidade, uma liberdade tão grande quanto a das viagens.

Ao começar esta viagem-leitura, eu tinha duas tarefas a cumprir: a tradução, que traria para o leitor de hoje, para a língua portuguesa, a versão integral de um dos raros relatos de viagem escritos por brasileiros no século XIX, e em especial escrito por uma brasileira. A outra era fazer uma viagem temporal para delinear o perfil da escritora-viajante, e reconstruir o mundo que a cercava.

Na **Introdução** procuro montar um perfil da escritora e do contexto social e literário em que ela viveu. No Brasil, nas primeiras décadas do século, exercendo as atividades de escritora e educadora; e na Europa a partir de 1856, em especial na França e Itália.,viajando como uma intelectual do Novo Mundo, e procurando participar da vida do espírito, do convívio com homens e mulheres de letras do velho continente.

Em seguida, deixo o leitor, enfim, com os dois volumes do livro **Três anos na Itália seguidos de uma viagem à Grécia.**

E, parafraseando uma viajante profissional do século XIX, a austríaca Ida Pfeiffer, que deseja ao leitor dos seus livros o prazer da leitura igual ao que ela sentira ao fazer suas viagens, gostaria que o leitor sentisse ao ler o livro de Nísia, o mesmo prazer de descoberta que senti ao traduzi-lo.

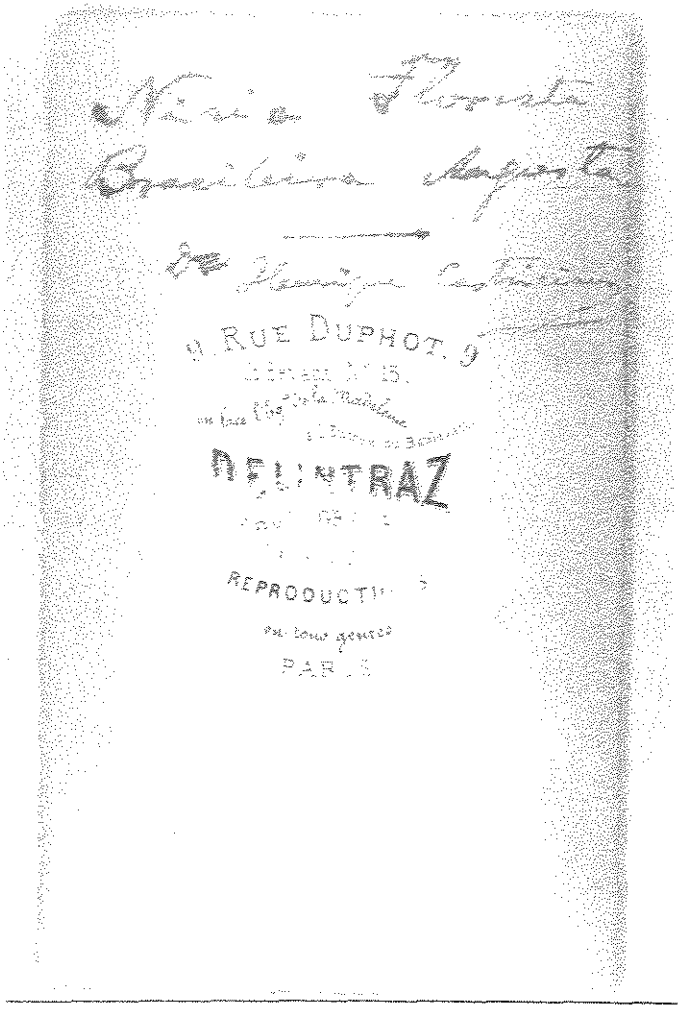


Fig.1

INTRODUÇÃO

I - A VIAJANTE

No dia 10 de abril de 1856 duas mulheres apresentaram-se no porto do Rio de Janeiro para embarcar no vapor *Cadix*, com destino ao porto de Havre, na França: uma viúva com 45 anos de idade, diretora do Colégio Augusto, um colégio para meninas que funcionava desde 1838 na rua Dom Manuel, conhecida pelo nome literário de Nísia Floresta Brasileira Augusta; e sua filha, Lívia Augusta de Faria, 26 anos, professora de francês no mesmo colégio

Dois anos depois, em 10 de abril de 1858, numa manhã de sol em Roma, pouco antes de pegar o trem para Frascati, Nísia relembrou o dia da partida:

"Há dias que nos deixam na alma uma inesquecível impressão. Para nós eles não pertencem ao passado, porque estão tão vivos em nosso espírito e parece que estão na realidade (....) Assim é para mim o dia 10 de abril, dia em que deixei o Rio de Janeiro após a morte de minha mãe bem amada. Nesse dia, abatida pela dor, lancei um último olhar velado de lágrimas para o magnífico golfo, as majestosas montanhas com toda a pompa de sua eterna vegetação, para as duas cidades - Rio de Janeiro e Niterói - que desapareciam pouco a pouco atrás das imponentes moças, gigantes das terras que as cercam, com elas mirando-se no mais belo golfo do mundo, que as separa".

A lembrança da partida do Rio de Janeiro está no livro publicado por Nísia Floresta, em Paris, oito anos depois: ***Trois ans en Italie suivis d'un voyage en Grèce***, em dois volumes, assinados por *"une brésilienne"*. Neste livro, a viúva brasileira, que embarcou para a Europa naquele dez de abril, relata os três anos passados na Itália, entre março de 1858 e junho de 1861, com o intervalo de uma pequena viagem, de um mês, quando partiu de Florença para a Sicília e Grécia, noutro 10 de abril, em 1859.

Em abril de 1856, a diretora do Colégio Augusto, autora de dois livros: *Conselhos à minha filha*, 1842, e *Opúsculo Humanitário*, 1853, além de vários artigos para os jornais da cidade, abandonou o colégio, o filho, irmãos e sobrinhos e partiu para não mais voltar. Diferente das viagens de 3 a 6 meses, ou até de 1 ano, dos brasileiros que embarcavam para a Europa, mais comuns a partir de 1850 quando linhas regulares de vapor começaram a atravessar o Atlântico, a viagem de Nísia transformou-se num auto-exílio de 28 anos, três dos quais são contados neste livro de viagem.

Nísia repetiu inúmeras vezes, no seu livro que o motivo da partida foi a tristeza pela morte da mãe, Antônia Clara Freire, em 25 de agosto de 1855:

" Na tenebrosa noite da minha dor filial voltei meus anseios para o velho mundo, onde procuro em vão, com as viagens, adormecer a tristeza da minha alma", comentou a viajante em Roma; e em Florença, alguns meses depois: "Viajar é o meio mais seguro e útil para aliviar uma grande dor".

Quando as duas viajantes já estavam na França, o último texto da escritora publicado no Rio de Janeiro ainda ecoava o lamento pela morte da mãe. O jornal *O Brasil Ilustrado* publicou, em maio de 1856, "Pranto Filial", assinado por B. A, (abreviação de Brasileira Augusta, usada por Nísia para assinar os textos publicados em jornais do Rio de Janeiro), e nele Nísia chora os seus mortos de agosto - o pai(1828), o marido(1833), e a mãe (1855):

"Conspiram os agostos contra mim, derramando-me na alma dores incalculáveis de incalculáveis perdas, que regaram-me de lágrimas a mocidade, tolheram-me as inspirações poéticas, extinguiram-me as mais doces esperanças."

Cinco meses depois que se instalaram em Paris, as brasileiras partem para a Alemanha, e no primeiro livro de Nísia publicado em francês, *Itinéraire d'un voyage en Allemagne*(1857), ela deixou escapar uma mágoa, diante do rio Reno:

"Saúdo-te, rio majestoso e imponente, pela recordação dos feitos históricos que há mais de dois mil anos se vinculam a tuas margens encantadoras, moderno Jordão que eu queria atravessar com todos aqueles que me são caros no mundo para não mais retornar ao

Egito ingrato". E no mesmo livro se diz "uma professora decepcionada com suas esperanças de vinte anos de devotamento e trabalho"[1]

Talvez a mágoa de Nísia para com a sua pátria, "o Egito ingrato", deva-se às críticas de que fora alvo o seu colégio, na popular e maledicente coluna "A Pedidos", do Jornal do Comércio, que em sua edição de 17 de janeiro de 1847 comentou os exames do colégio Augusto:

"Vamos à rua D. Manoel e lancemos uma vista de olhos sobre o Colégio Augusto dirigido por D. Nisia Floresta Augusta. Há casas de educação que tem o mau gosto de ensinar às meninas fazer vestidos ou camisas, mas parece que dona Augusta acha isso muito prosaico. Ensina-lhes latim. E por que não o grego e o hebraico? Pobre diretora! Está tão satisfeita de si mesma e do seu colégio; está tão intimamente persuadida que é o primeiro estabelecimento de instrução do império, que, em verdade causa dó arrancar-lhe tão suave ilusão!"[2]

Os comentários continuaram anos afora a ponto de levar a diretora do colégio a abandonar a pátria?[3]

Testemunhos

Movida pela dor da perda da mãe ou por sentir-se incompreendida na sua cidade, a viagem de Nísia para a Europa foi uma mudança de cidade, a mais radical, de uma mulher, que diferente da maioria das mulheres brasileiras do século XIX, deslocou-se para diferentes lugares do território brasileiro por motivos pessoais e familiares, e muitas vezes fugindo das revoltas que perturbaram o país nas primeiras décadas do século. Nísia parecia carregar a sina de estar presente a diferentes acontecimentos políticos do Brasil, e não foi

---

[1] Nísia Floresta - *Itinerário de uma viagem à Alemanha*, op. cit, 1982, pp. 34 e 87.
[2] Citado em Adauto Câmara, *História de Nísia Floresta.* Rio de Janeiro:Irmãos Pongetti Editores, 1941.
[3] Este foi o motivo da viagem, segundo Ignez Sabino, que incluiu Nísia no seu livro *Mulheres Ilustres do Brasil*(1899): "ódio surdo principiou a deprimi-la nas folhas onde escreviam pasquinadas contra a mesma, pelo que, insultada, retirou-se ato contínuo, para a Europa." Sabino, Ignez- *Mulheres Ilustres do Brasil*, Rio de Janeiro: H. Garnier, 1899, p.144.

diferente ao mudar para a Europa. Embora de maneira fragmentada, seus diferentes livros relatam alguns destes acontecimentos. Escritos em lugares e épocas diferentes, e sob diferentes estímulos, os textos de Nísia têm sempre o estilo de crônicas de viagem, construídas a partir da experiência vivida, da observação, e reflexão sobre os acontecimentos.

Ainda muito jovem Nísia mudou do sítio Floresta, onde nasceu no Rio Grande do Norte, para a cidade de Goianinha onde o pai, o advogado português Dionísio Pinto Lisboa, "nascido em Lisboa, mas brasileiro de coração", refugiou-se com a família fugindo das perseguições que sofria por parte dos revoltosos de 1817. No último livro que escreveu, *Fragments d'un Ouvrage inédit,* 1878, onde faz uma pequena biografia do irmão, Joaquim Brasil, Nísia relembrou os dias difíceis da infância:

"Parecia que ainda escutávamos o eco repetir os gemidos das vítimas de 1817, imoladas pela vingança de seus dominadores de além mar, cujo despotismo puniu com barbárie digna da Idade Média os chefes e simpatizantes do partido republicano (...)O governo do rei não se contentou em cortar as cabeças mais ilustres daqueles que queriam realizar no Brasil a grande obra de inspiração geral americana. Ele satisfez sua raiva cortando-lhes as mãos, que por sua ordem foram expostas junto com as cabeças, em postes em diferente lugares. Foram atos dignos de Luiz XI, de França." [1]

Em 1824 nova partida da família, para Olinda, logo após o desenlace da Confederação do Equador, quando os confederados expulsos do Recife ainda resistiam na Paraíba e Rio Grande do Norte. No livro *Conselhos à minha filha,*1842, Nísia lembra os "calamitosos tempos de horror e desolação":

"Eu tinha pouco mais de tua idade quando em 1824 o horror da guerra civil patenteou-se a meus olhos, destruindo incontinenti o repouso do meu querido pai. (...) os fados desencadearam seus cruéis satélites para sitiarem minha triste juventude..." [2]

Em Olinda, novo sofrimento para a escritora, a morte do pai assassinado em agosto de 1828. Mas ela encontrou também seu grande amor, o segundo marido, Manoel Augusto de Faria, aluno da primeira turma de Direito de Olinda, e a possibilidade ainda rara para as

---

[1] *Fragments d'un ouvrage inédit: Notes Biographiques.* Paris: A. Chérie, Éditeur, 1878, pp.47-49. Tradução minha.

[2] *Conselhos à minha filha.* 2.ed.Rio de Janeiro. Typ.Imp.de Paula Brito, 1845. P.3.

moças daquele tempo de participar de um ambiente de estudo, embora indiretamente. Instalado em 1828, o primeiro curso jurídico brasileiro "nasceu sob as cinzas das revoltas liberais", quando os passos e os inflamados discursos de Frei Caneca, morto em 1825, ainda ecoavam nas ruas do Recife. O curso transformou Olinda, a cidade dos "monges buliçosos", numa grande "república" de estudantes, e nos primeiros anos de escola eles mais agitaram do que estudaram aplicadamente. As brigas não ficaram apenas na retórica, os estudantes abandonaram por alguns dias os bancos da escola para empunhar armas nas revoltas Setembrada e Novembrada, em 1831, ano de grande agitação desde a abdicação de D.Pedro I, em abril. Neste ano, os estudantes escreveram combativos jornais republicanos, federalistas e monarquistas, com os sugestivos nomes de *Bússola da Liberdade*, *A Voz do Povo*, *O Eco de Olinda*, *O Caeté*. A agitação política apareceu até mesmo nas páginas do primeiro jornal de variedades da cidade, *O Espelho das Brasileiras*, do francês Emile de Bois Garin, lançado em fevereiro de 1831, com o objetivo de "contribuir para a instrução das senhoras", que no número 28, de 6 de maio de 1831 comemorou a abdicação: "D. Pedro I, esse homem caviloso, cuja maldade tanto abusou de nossa paciência, cessou para sempre se ser nosso imperador, ou antes nosso opressor."[1]

A vivência neste ambiente político contribuiu para a atitude romanticamente liberal de Nísia, a paixão nacionalista, sua defesa intransigente da liberdade, e repúdio aos tiranos de qualquer espécie. No texto *Il Brasile*(1859) ela se refere a Pernambuco como "a província que o gênio da liberdade escolheu para morada." O que não deixa de ser curioso, pois ela se mostra solidária com ao os revoltosos, como na descrição que faz da repressão ao movimento de 1817, quando de fato sua família sofreu por ser considerada inimiga: as revoltas estimularam a crescente animosidade entre lusitanos e brasileiros, e seu pai foi perseguido porque era português.

Além da vivência política, a vida na Olinda estudantil possibilitou a tradução e publicação do seu primeiro livro, *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, que dedicou aos estudantes de direito. Os passeios com Augusto nas margens do Beberibe

[1] Nascimento, Luiz. *História da Imprensa em Pernambuco*. Vol IV (1821-1850). Recife: UFPE, 1969, p.80. Segundo Nascimento, Nísia Floresta teria colaborado com o jornal de Bois Garin, no entanto como só restou um exemplar do jornal, ainda não foi possível confirmar a hipótese do escritor.

despertaram o interesse pelo estudo, que acompanharia Nísia por toda a vida. Em Mântua, terra de Virgílio, diante do rio Mincio suas lembranças a levaram de volta à Olinda:

"Pareceu-me escutar os sons tão amados de uma voz argentina, que a morte sufocou na aurora da vida! A voz declamava minha passagem favorita da Eneida ...(...) E parece que ainda via o jovem casal, cuja curta existência o estudo e o amor encantaram nas sombras poéticas do tranqüilo e fresco Beberibe".

Em 1833, Nísia mudou com o marido e filhos para Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, e ficou viúva no mesmo ano.A capital da província de São Pedro, não tinha um curso jurídico, como Olinda, mas a agitação política tomava conta da cidade, onde no ano que Nísia chegou, às vésperas da Farroupilha, circulavam 17 jornais. Neste mesmo ano, 1833, Nísia publicou a 2.edição da tradução *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens,* na tipografia V. F. de Andrade, de Porto Alegre. Em 1838, acompanhada pela mãe, irmã e filhos, nova mudança, para o Rio de Janeiro, fugindo de mais uma revolta, desta feita a Farroupilha(1835-1845). Nísia escreveu um pequeno texto, *Fanny ou o modelo das donzelas* (1847), onde narra a vida de uma jovem gaúcha durante a Farroupilha. Fanny participou dos combates "acompanhando o pai e a mãe ao campo onde dois exércitos se batiam, um contra o outro, fazendo assim gemer a humanidade lacerando seu próprio seio. As famílias dos rebeldes que se puderam livremente escapar da capital, achavam-se confusamente entre os exércitos em que combatiam seus chefes, expostas como estes às balas inimigas..." [1]

No Rio de Janeiro Nísia viveu até 1849, quando partiu para uma temporada de três anos na Europa. Morou em Paris, Londres e Lisboa, voltando ao Brasil em 1851. Esta nova partida aconteceu no ano de outra revolta, a Praieira de 1849, que fechou o ciclo das revoluções liberais nordestinas contra a centralização do Império. Embora distante dos acontecimentos de Pernambuco, Nísia publicou, no Rio de Janeiro, com o pseudônimo de Telesila, a poeta guerreira de Argos, um longo poema sobre a Praieira, *A Lágrima de um Caeté,* onde chora a morte do amigo Nunes Machado[2], baleado com um tiro na testa, durante os combates de fevereiro no Recife.

---

[1] *Fanny ou o modelo das donzelas*, por N.B.Augusta, Rio de Janeiro. Colégio Augusto, 1847.

[2] O deputado Nunes Machado(1809-1849) morreu em combate em 2 de fevereiro. Era advogado formado na primeira turma do Curso Jurídico de Olinda, colega do marido de Nísia. Machado foi uma das primeiras

A Lágrima de um Caeté é uma ardente defesa dos revoltosos da Praieira[1]. O poema foi publicado em maio de 1849, quando os revoltosos ainda lutavam nas matas do Recife, e o Rio de Janeiro acompanhava pelos jornais as noticias de prisões dos rebeldes. Nísia associa o lamento do índio Caeté que vagueia pelas margens do Beberibe, chorando a sorte da tribo, dizimada pelo homem civilizado - " Vim chorar as praias minhas - Na posse do usurpador" - com a luta que desenrolava-se na cidade, e a morte de Nunes Machado, um "defensor dos selvagens oprimidos". Dá à Praieira a dimensão de uma luta em favor dos oprimidos, entre eles, os índios, os bravos Caetés de Goiana, terra onde nasceu Nunes Machado:

De peitos Brasileiros sai o brado
Simulando o trovão, que o raio manda
Eia! Avante! Guerreiros libertemos
A terra dos Caetés, a terra nossa.

Insere o movimento na tradição das revoltas libertárias de Pernambuco. Em cenas do poema, o guerreiro Caeté vê homens que lutam na mesma terra onde caíram heróis de antigas pelejas, das revoltas de 1817 e 1824, a eles associa-se o herói da batalha, o deputado Nunes Machado:

Ei-los que avançam, nessa mesma praça
Aonde Martins, Theotonio, Miguel
Caneca, Agostinho tragaram o fel
Do bárbaro estrangeiro, feroz despotismo.

Publicado quando o governo imperial ainda perseguia e prendia os revoltosos, comandados por Pedro Ivo, o poema de Nísia a obrigou a partir para a Europa, com medo de represálias? Ela voltou ao Brasil em 1851, ano da anistia aos revoltosos da Praieira.

---

vítimas da Praieira, de 1849, que diferente das revoltas pernambucanas anteriores, 1817 e 1824, quando os padres foram os principais protagonistas, teve como principais participantes, nos dois lados da contenda, advogados formados por Olinda. O cadáver de Nunes Machado foi profanado a mando de Manoel Vieira Tosta, presidente da província, formado na mesma escola. A primeira crônica histórica da revolta foi feita pelo deputado Urbano Sabino, também estudante de Olinda, e os vencidos foram condenados à prisão por Nabuco de Araújo, outro ex-aluno. A briga estudantil passou da retórica dos jornais de estudantes para os combates de rua e para o Parlamento.

[1]Na mesma época do poema de Nísia, Francisco Sales Torres Homem(1812-1876), com o pseudônimo de Timandro publicou o revolucionário panfleto *O Libelo do Povo*(1849), também sobre a Praieira, escrito quando as prisões do Rio de Janeiro e de Fernando de Noronha enchiam-se com os revolucionários presos.

Em 1856, mais uma vez ela partiu, deixando para trás os túmulos amados (do pai, do marido e da mãe, "os mortos de agosto"), em três cidades diferentes: Olinda, Porto Alegre e Rio de Janeiro. Deixou na cidade o filho, Augusto Américo de Faria a quem Nísia dedicou o livro de viagem à Itália; os irmãos, o colégio onde era diretora e professora, um acalentado projeto para a educação das meninas brasileiras, e principalmente a língua pátria. Peregrinando por muitos anos por vários países da Europa, Nísia publicou livros em inglês, francês e italiano[1], "cintilações de uma alma brasileira", como o título de um deles.

Em março de 1858, Nísia e a filha deixaram a França para uma viagem de três anos na Itália, onde acompanharam a guerra, as campanhas de Garibaldi, as discussões dos anos cruciais do *Risorgimento*, que possibilitaram a unificação italiana.

I-1 - Ausências e Perdas

Coerente com a sina de viajante da autora, o livro de viagem que ela escreveu sobre a Itália constrói-se sob o signo da partida, das ausências e perdas que causam a partida: "Ausência! Palavra terrível, verdadeiro caos onde o espírito se perde em tristes conjecturas!" E embora o livro relate apenas três anos na Itália, ele é também um retrato das incansáveis mudanças das duas brasileiras entre várias cidades da Europa: Roma, Florença, San Remo, Paris, Atenas, Londres, Lisboa[2].

---

[1] *Itinéraire d'un voyage en Allemagne*, 1857, assinado por Floresta Brasileira Augusta; a tradução italiana de Conselhos à minha filha(1842): *Consigli a mi figlia*, Florença, 1858, 2 edição: Mondovi, 1859; *Scintille d'un'Anima brasiliana*, Florença, 1859; *Le Lagrime d'un Caeté*, tradução de Ettore Marcucci, 1860; *Trois Ans en Italie suivis d'un voyage en Grèce*, 1864 e 1869(1871?); *Woman*, 1865, tradução do italiano(La Donna, um dos textos de *Scintille d'un'anima brasiliana*), por Lívia Augusta; Le Brésil, 1871 e *Fragments d'un ouvrage inédit- Notes Biographiques*, 1878.

[2] Mesmo em nosso século seria uma façanha viver deslocando-se de cidade em cidade. Como sustentavam-se financeiramente? Moraram em Paris de maio de 1856 a março de 1858 (com uma viagem de 1 mês pela Alemanha, em setembro/agosto de 1856); na Itália, de março de 1858 a junho de 1861; provavelmente em Londres, de 1862 a 1865; em 1868, estavam na Alemanha, onde Lívia casou e quatro meses depois ficou viúva; em 1870/1871 estavam em Paris, onde viveram o cerco da guerra franco-prussiana, e a Comuna; em 1872 estavam em Lisboa. Lívia ficou em Lisboa e Nísia embarcou para o Brasil, onde permaneceu de 1872 a 1875; de volta à Europa passou uma temporada na ilha de Ventnor, na Inglaterra; dos últimos dez anos da vida de Nísia não há muitas referências, a menos do livro *Fragments d'un ouvrage inédit*, publicado em Paris, em 1878, e do registro de sua morte em Rouen, abril de 1885. A última notícia sobre Lívia veio de Nice(1910), quando teria encontrado o escritor norte-riograndense Castriciano.

"Frágeis folhas da grande árvore da humanidade - disse Nísia no prefácio do seu livro - vamos para onde o vento nos levar, quase sempre em direção oposta, segundo a brisa ou a tempestade que nos agita e confunde com o nada de onde saímos! A vida é apenas uma série de despedidas, e no entanto pensamos sempre no reencontro."

Levada pelos ventos, ou pelo "movimento que o romântico introduziu no mundo do espírito, no momento exato em que a descoberta dos novos meios de transporte punha os sinais de movimento em nosso mundo material" [1], no seu constante deslocar-se na Europa, a viajante brasileira pode fruir a experiência da viagem romântica, e sorver dos textos de Mme de Staël, Byron, Chateaubriand, Lamartine, textos de exilados e peregrinos, os signos das ausências, traçados em túmulos, ruínas, melancolia das paisagens, a solidão dos lugares altos _ as montanhas, as cúpulas das igrejas _ que sufocam o peito e alargam a visão, e que a terra de Itália tão bem soube comungar com estes viajantes. Nos seus textos eles recuperam da retórica o tom elegíaco, para melhor traduzir os lamentos, carpir mágoas, os sentimentos dolorosos, o vago n'alma, a grande ausência que Chateaubriand, procurou explicar no *O Gênio do Cristianismo*(1802): "o silêncio da noite, a sombra dos bosques, a solidão das montanhas, a paz dos túmulos, que são a ausência do barulho, da luz, de homens, das inquietações da vida"[2]. Espaços desertos por onde perambulou o seu *René*(1805), e anos depois Harold, de Byron (*Childe Harold's Pilgrimage*,1812-1818) que ao invés de vagar pelos desertos da América, procurou a solidão das noites do Mediterrâneo e dos "ermos de mármore", de Roma.

Nas elegias que compõem na Itália, os nostálgicos exilados dedicam-se a reconstruir as ausências com a imaginação. Na contemplação das ruínas, com ajuda da história, reconstróem a glória dos impérios derrocados; as lembranças amadas preenchem os túmulos; as paisagens trazem de volta a pátria; nos lugares altos, como que assentados no "meio do tempo", julgam ver o passado e vislumbrar o futuro, enquanto pensam na mobilidade das coisas humanas. E antes de partir deixam seus nomes, as marcas da passagem nos lugares que visitam, feitas com carvão nos monumentos e muros, para serem

---

[1] As frases são de Thibaudet, Albert- *História da Literatura Francesa*. Tradução de Vinicius Meyer.São Paulo: Livraria Martins Editora, s.d. p.214.

[2] François Chteaubriand, *O Gênio do Cristianismo*. Tradução de Camillo Castello Branco. Porto. Lello Irmãos, 7 ed. 2 vol. s.d. p.45.

vistas pelos viajantes que virão em seguida. Vestígios de passagem, assim como os livros que escreveram, guias para os viajantes posteriores.

Seguindo os passos destes viajantes, a brasileira, nascida em terras tão novas, enquanto comunga do banquete da cultura e da história, última convidada vinda dos trópicos, da terra majestosa porém inculta, aprende a meditar diante de Roma com o peregrino Harold, de Byron; a suspirar, saudosa, junto das laranjeiras de Nápoles como a gentil Graziella, de Lamartine; a sonhar, embalada pelas gôndolas de Veneza; e extasiar-se com as artes que Florença, a terra de Dante, exibe. Dedica-se a preencher as ausências com imagens, e diante do vazio das ruínas além de fazer abstração do que via, preencher o vazio com o passado dos impérios e meditar sobre fugacidade da existência, suas imagens escapam do espaço que avista para estender-se além do Atlântico, de volta ao lugar de partida.

Suas lembranças voltam-se para a pátria ausente: "desse velho mundo onde arrasto vivas saudades, meu pensamento atravessa o espaço", e retoma o tema tão romântico do exílio, o desejo de voltar para o país natal. " Os viajantes- disse- como os peregrinos não têm lar nos países distantes" [1].Mal avista o Mediterrâneo pensa no "mar mais vasto e mais majestoso" em cujas margens nasceu, cresceu, se inspirou. Quando divisa por entre as murtas e os louros as laranjeiras em flor é mais uma vez a pátria que vislumbra, como um outro brasileiro, o poeta Gonçalves Dias que diante das laranjeiras cantadas por Goethe - "conheces o país onde florescem as laranjeiras?", pensou nas palmeiras e nos sabiás. Porém, da pátria o que a brasileira melhor enxerga é o passado feliz que todo exilado recorda, o lugar da infância, "a Floresta da minha infância", o sítio onde nasceu, e que carrega para onde vai, até mesmo no próprio nome, como carrega também o diminutivo do nome do pai (Nísia). Avista o poético Beberibe, de Olinda, "os bosques odoríferos", "as palmeiras empenachadas", que acalentaram um primeiro e único amor, o sempre chorado Augusto, que também faz parte do seu nome. E de novo se despede na majestosa Guanabara, porta de entrada e de saída da pátria, guardada por gigantes montanhas.

---

[1] Peregrinos, como explicou Dante em *Vita Nuova*, "no seu sentido mais amplo designa quem quer que esteja longe de sua pátria". (*Vida Nova*, de Dante Alighieri. Tradução de Décio Pignatari.:São Paulo Companhia das Letras, 1990.)

A cada mudança de cidade "a mulher de imaginação tropical" (como se auto-denomina a viajante), a "brasileira", enquanto deixa marcas de sua passagem - iniciais na cúpula de São Pedro, flores e lágrimas nos túmulos de Rafael e Tasso - revive o dia da partida, o emblemático 10 de abril, quando deixou para trás "o mais belo golfo do mundo". Vai ao encontro das paisagens, espaços de reencontro com a pátria ausente, e ao mesmo tempo ligadas a acontecimentos tão pessoais: cenas da infância, de passeios amorosos, lugares onde estão os queridos afetos que ficaram para trás. "Eu e pátria - como observou Antônio Cândido sobre a viagem do poeta Gonçalves de Magalhães - surgem romanticamente, como duas formas de sentimentalismo que assumem aspecto egotista, na medida em que também a pátria se apresenta como caso pessoal, não apenas objeto de patriotismo."[1]

Suspiros, saudades e cintilações.

Muitos anos antes de Nísia, na década de 1830, outro brasileiro, o poeta Gonçalves de Magalhães, quando estudava na Europa, fez uma viagem à Itália. Embora não tenha escrito um relato de viagem, ela está mapeada nos poemas do seu livro *Suspiros Poéticos e Saudades*, de 1836. Como ele mesmo resumiu no prefácio:

"É um livro de poesias escritas segundo as impressões dos lugares; ora assentado entre as ruínas da antiga Roma, meditando sobre a sorte dos impérios; ora no cimo dos Alpes, a imaginação vagando no infinito como um átomo no espaço; ora na gótica catedral, admirando a grandeza de Deus, e os prodígios do Cristianismo; ora entre os ciprestes que espalham sua sombra sobre os túmulos; ora enfim refletindo sobre a sorte da Pátria, sobre as paixões dos homens, sobre o nada da vida. São poesias de um peregrino, variadas como as cenas da Natureza, diversas como as fases da vida..."

A pátria está sempre presente para o poeta viajante: "Qual ave errante sem ninho, oculto peregrinando, visitei vossas cidades, sempre na pátria pensando", e as comparações entre a natureza brasileira e a natureza da Itália se repetem nos poemas e em outros textos de Magalhães. O seu companheiro de viagem, o pintor e poeta Porto Alegre, também

[1] Antonio Cândido. *Formação da Literatura Brasileira.*. Vol 2. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1981, p.60

viajava pensando na pátria. As paisagens da pátria surgiam diante dele quando recordava alguma música do Brasil:

"E nós peregrinando pelo mundo, conversando com as lagoas e monumentos quebrados pela mão dos homens achamos mil vezes na música o antídoto do veneno que tais dores causa; os gratos amigos, os sítios encantados da pátria semelhante às sombras errantes por entre névoas ao clarão da lua, víamos passar diante da nossa imaginação, ao recordar um cântico da pátria; tal é a potência da música que coloca nas Termas de Nero, em Subiaco, no palácio dos Césares, no Palatino, ou nas faces do Vesúvio, a torrente do Carioca, o bálsamo da mangueira e o coqueiro do Guaíba"[1].

A viagem de Magalhães na Itália transforma-se num longo suspiro saudoso que o poeta envia para o Brasil do Coliseu de Roma, no poema "Suspiro á Pátria"(1836):

Voa, suspiro meu, voa, não tardes;
(...) Deixa de Roma os solitários campos.
Esta terra de sangue, e de cadáveres,
E ás praias chega da querida Pátria,
Tão longes praias! _ Quem dera eu vê-las!

O suspiro do poeta percorre as cidades da Itália: "Chega aos Campos que o Arno fertiliza; _ Entra em Florença e em Santa Cruz visita _ De Dante a sepultura"; passa por Genebra: "Chega à bela Genebra, que se espelha - No lago cor do céu..."; "Entra em Paris, Rainha das cidades; e, "Pelas margens do Sena aos mares voa; _ Atravessa o oceano, tão profundo _ Como a dor de minha alma." E, chega ao Brasil:

Entrarás num imenso ancoradouro.
De altíssimas montanhas torneado,
Onde repousa perenal verdura,
Que as espáduas dos montes engrinalda.

Viajando muitos anos depois, Nísia também envia um suspiro à pátria, de Nápoles, e faz viagens imaginárias para a pátria distante, sobrepõe descrições do Brasil[2] aos lugares

[1] Porto Alegre, " Idéias sobre música", em *Niterói,* vol I, 1836.
[2] Flora Sussekind, no livro *O Brasil não é longe daqui* (Cia das Letras, 1990, p. 66-69), observou que esta atitude era comum entre os escritores brasileiros. Em suas viagens pela Europa "enxergavam o Brasil por toda parte" e dedicavam-se a sobrepor paisagens brasileiras às paisagens européias: "impressões de viagem pela Europa podem se converter em expedição pelo país de origem, exercício de paisagismo e mapeamento do

da Itália, e largas descrições. Diferente de Magalhães, e de outros poetas românticos, ela foi uma viajante também dentro do Brasil. As idas e vindas entre a Itália e a pátria ausente, desencadeadas ao menor toque da recordação, suscitadas por laranjeiras de Gênova ("perfumadas patrícias"), uma piroga brasileira em Veneza, ou datas pessoais e aniversários de familiares distantes, a levam para o sítio Floresta, para Olinda, Porto Alegre e Rio de Janeiro, lugares onde viveu. Nísia atribui esse mecanismo de lembrança ao "fluído magnético"[1], que consegue transportá-la ao Brasil distante.

"Viagem Magnética" [2] é o título de um texto que Nísia publicou em Florença, em 1859 (ela morou todo o ano de 1859 e parte de 1860 em Florença). Movida por este fluído ela viaja numa estrela para o Brasil e fica sobrevoando o Rio de Janeiro, descrevendo o país de "eterna primavera": vê densas florestas, montanhas gigantes, riachos de floridas margens, o firmamento de lápis-lázuli, onde brilha o fantástico cruzeiro; escuta o canto melodioso das aves, aspira o perfume das mais cheirosas flores. Vê as linhas de trem, os progressos do vapor "que irmana os povos", e consternada avista os últimos selvagens sendo empurrados cada vez mais para as profundezas da mata virgem, único lugar onde estarão seguros; escuta os gritos dos escravos e chama-os de "novos hebreus" que esperam o Moisés para conduzi-los à terra da promissão; por fim, o fluído magnético esvai-se e a triste brasileira acorda nos esplendores do gás de Paris.

No seu livro sobre a Itália, Nísia insere viagens magnéticas ao Brasil através do "fluído magnético que mantém meu ser moral ligado à pátria", que são pequenas "canções de exílio". Personifica a ausência da pátria e suas perdas pessoais na palavra *saudade*, e repetindo-a muitas vezes ao longo do texto, insiste na impossibilidade de traduzi-la, exibindo-a como um signo da identidade brasileira,[3] atualizando a construção cultural dos portugueses, sempre exilados mares afora, porém unidos numa comunidade, numa tradição, por esta suave palavra. Nísia tributa à palavra saudade uma quase materialidade,

---

território brasileiro." Sussekind citou como exemplo Pereira da Silva, que em seu livro *Impressões de Viagem* "olhava para a paisagem alemã e via a Brasileira" .

[1] *O Grand Dictionnaire Universel du XIX* , Larousse, 1873, define o *fluído magnético*, como a faculdade que algumas pessoas teriam de transmitir pensamentos e vontades à pessoas distantes.

[2] É um dos cinco textos de *Scintille d'un'Anima brasiliana*, Florença, 1859.

[3] Cândido, Antonio- *Formação da Literatura Brasileira. Momentos decisivos*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 6 ed., 1981. vol I, p. 81): "a melancolia, a nostalgia, o amor da terra, foram tidos próprios dos

unindo-a ao mapeamento poético que faz da pátria: os rios Beberibe, Carioca, Jacuí; as árvores, mangueiras, jaqueiras, melados sapotis, cheirosas laranjeiras; as gigantes montanhas, a constelação do cruzeiro _ repetida, e por vezes enfadonha catalogação que os românticos brasileiros obrigavam-se a fazer, mundos e livros afora.

O discurso de Nísia sobre a pátria ausente não nos permite descobrir onde termina o sentimento e começa a convenção retórica da saudade[1]. Como o poeta Magalhães, a viajante parece manter uma ambígua relação com a pátria: um perene encantamento com a natureza, que guarda suas recordações de infância e juventude, e uma mágoa com a sociedade que a excluiu. Mais uma convenção romântica, a do gênio incompreendido, ou a constatação de que não havia espaços no Brasil para as mulheres de letras?

I-2 Desejos

Compensando as ausências e perdas a viagem de Nísia na Europa segue uma outra vereda, que contradiz seu lamento: a realização de um desejo. É para realizá-lo que ela parte. E isso minimiza suas perdas. Ela vai em busca de espaços intelectuais, de uma "pátria do espírito". Quer participar de reuniões científicas e literárias, completar a sua frágil formação intelectual, embora avançada com relação à maioria das mulheres brasileiras. Vai em busca de um lugar que lhe permita "conhecer as doçuras infinitas da vida intelectual a que têm direito as mulheres de uma nação livre e civilizada",

---

brasileiros; foram considerados nacionais a seu modo, de valor quase cívico e frequentemente inseparável de patriotismo"

[1] Oliveira Lima, em "Nísia Floresta" (*Revista do Brasil*, dezembro de 1919, p.298) fala sobre o convencionalismo do sentimento de Nísia para com a pátria: " O patriotismo de Nísia Floresta, que resumbra em cada página sua, era romântico como todo o seu feitio espiritual. A invocações à pátria ausente são repetidas e merencórias. Havia nisso o convencionalismo literário da época, eu ia dizer de todas as épocas. (...) Nísia Floresta falava mais ou menos a linguagem de Magalhães...". O livro de Nísia é um bom exemplo da cristalização dessa atitude: a quase obrigação de sentir saudade da pátria, já que tratava-se de algo especificamente brasileiro. No século 20, um outro viajante brasileiro em terras da Europa, o modernista Oswald de Andrade, lamentou ironicamente num dos seus poemas:

Saudades da pátria/ são moscas na sopa do meu itinerário

reivindicação que faz no *Opúsculo Humanitário*(1853), livro escrito quando voltou da sua primeira viagem à Europa[1]. E que inicia-se com a frase: " Enquanto pelo velho e novo mundo vai ressoando o brado - emancipação da mulher -, nossa débil voz se levanta na capital do império de Santa Cruz, clamando, educai as mulheres."

No texto "Páginas de uma vida obscura",1855, publicado em folhetins, no jornal *O Brasil Ilustrado*, ela elegeu a França como esta pátria do espírito. Ao contar a triste história do escravo Domingos escreveu: "O clima e os costumes da Europa haviam infiltrado uma nova vida na organização física e moral do senhor de Domingos, vida que abrira um manancial de gozos intelectuais de que tinha até então apenas fracas noções. Seu espírito tinha achado em França a sua verdadeira pátria cá na terra."

No mesmo ano em que chegou à França, Nísia viajou para a Alemanha, e no livro que publicou ao voltar, *Itinerário de uma viagem à Alemanha*, 1857, comentou, em carta de 31 de agosto de 1856:

"Ouvindo falar alemão, fui tomada, um instante, pela emoção de me encontrar em um solo completamente estrangeiro, pois, na Bélgica, exceto as pessoas de classes baixas que falam flamengo entre si, todo mundo expressava-se em francês, de maneira que eu me sentira até aqui ainda como na França, que considero uma segunda pátria"[2]

Como seria o meio cultural e literário do Rio de Janeiro, em 1856, quando Nísia embarcou para a Europa, em busca de uma pátria do espírito?

Naquele ano o representante brasileiro na legação de Nápoles, o poeta Domingos José Gonçalves de Magalhães chegava ao Brasil, trazendo o poema "A Confederação dos Tamoios". Lançado no comércio em julho, o poema desencadeou a conhecida polêmica envolvendo homens de letras do Império. Visitando Waterloo, em 26 de agosto, do alto da montanha artificial onde fica o leão de ferro, Nísia recitou versos de Magalhães do livro *Suspiros poéticos e saudades* 1836:

---

[1] Nisia viajou para a Europa em 2 de novembro de 1849, permaneceu entre Paris, Londres e Lisboa, de dezembro de 1849 a fevereiro de 1852, quando voltou ao Brasil. Viajou com os dois filhos, Livia e Augusto Américo. O livro *Opúsculo Humanitário* foi assinado por B. A.

[2] *Itinerário de uma viagem à Alemanha*, op. cit. p.28.

"Do alto deste cume, dominávamos a vasta planície verdejante que se perde de vista (...) exclamei com o poeta brasileiro : Waterloo! Waterloo! Lição sublime." [1]

Nascidos quase no mesmo ano, Nísia e Magalhães praticamente atravessaram todo o século XIX. E guardadas todas a diferenças, compartilharam uma visão de mundo, e um projeto para o Brasil, embora Nísia não tenha freqüentado as mesmas escolas, como não freqüenta hoje os livros de história da literatura. Da mesma maneira, os dois, em épocas diferentes, viajaram nos países da Europa e residiram em alguns deles por vários anos.

Domingos José Gonçalves Magalhães nasceu no Rio de Janeiro em 1811. Aos 21 anos estava formado em Medicina, e neste mesmo ano (1832) publicou um livro de poemas. Viajou no ano seguinte para completar a formação na Europa, onde reuniu-se com outros jovens brasileiros: Porto Alegre, Torres Homem, Pereira da Silva, criadores da revista *Niterói* (1836), e participantes, quando de volta à pátria, do Instituto Histórico e Geográfico, fundado em 1838. A História Literária os reuniu na nossa primeira geração romântica que "principiou as atividades com *Niterói*(1836), consolidou com a *Minerva* (1843-1844) e despediu-se na *Revista Guanabara* (1849-55)"[2]. A influência desses senhores não parou por aí, seguindo a carreira política paralelamente à literária, eles publicaram romances, história, filosofia, poesias, discursos, livros didáticos, e atravessaram quase todo o século desenvolvendo um projeto de formação política e literária para o país, do qual somos herdeiros até hoje, apesar da visão mais pessimista dos cientificistas do final do século ter abalado esta construção.

Não há muito o que acrescentar ao retrato que Antônio Cândido traçou: "suiças veneráveis, cabelos arrumados, óculos de aro de ouro, pose de escritório. Homens de ordem e moderação, medianos na maioria (...)De modo geral são liberais na medida em que o liberalismo representava então a forma mais pura e exigente do nacionalismo - a herança do espírito autonomista, o antilusitanismo, o constitucionalismo, o amor ao progresso, o abolicionismo, a aversão ao governo absoluto".[3]

Ao longo do século eles viveram entre o Brasil e a Europa, viagens que possibilitavam o que Gonçalves de Magalhães, em *Ensaio sobre a História da Literatura*

---

[1] Itinerário de uma viagem à Açemanha, op. cit. p.21
[2] Cândido, Antonio, op.cit. p47
[3] Idem, p. 49.

Brasileira(1836) chamou de "incorporação da tradição européia ao ritmo do novo mundo". Nos livros que publicaram entre uma viagem e outra procuravam criar "uma forma brasileira de sentir e pensar", como resumiu Maciel de Barros no seu ensaio sobre Gonçalves de Magalhães[1]. Com o passar dos anos, assumindo cargos no governo, ou cadeiras de deputado na Assembléia, todos foram agraciados com títulos de barão e visconde, e os jovens estudantes de Paris, para lá voltaram na segunda metade do século, não mais como estudantes, mas como representantes do governo, e quase todos viveram muito e morreram na Europa, ocupando cargos diplomáticos ou durante longas permanências[2].

Dionísia, Nísia, Telesila, Augusta - uma brasileira

Dionísia Pinto Lisboa nasceu no sítio Floresta, em Papari, no Rio Grande do Norte, em 12 de outubro de 1810. Segundo seus biógrafos[3], antes de 15 anos já teria casado, e deixado o marido para mudar-se com a família para Olinda. Em Olinda, Nísia conheceu o estudante de direito Manoel Augusto de Faria, aluno da primeira turma da Academia, e em 1830 nasceu sua primeira filha, Lívia Faria. Em 1832, seu segundo filho Augusto Américo. Neste mesmo ano publicou a tradução *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*[4],

---

[1] Roque Spencer Maciel de Barros-*A Significação Educativa do Romantismo Brasileiro: Gonçalves de Magalhães*, São Paulo: Grijalbo, Edusp, 1973.O ensaio de Maciel iluminou muitos aspectos, não só da trajetória filosófico - educativa de Magalhães, mas do romantismo brasileiro.

[2] Quando Nisia viajou pela Itália Gonçalves de Magalhães era ministro residente em Viena (1859); Porto Alegre cônsul geral da Prússia, morava em Berlim (1860). Porto Alegre morreu em Lisboa, em 1879, com 73 anos e Domingos Magalhães, em Roma, em 1882, com 71 anos, eram diplomatas. Torres Homem, que fez carreira política no Brasil, chegando a deputado, senador e ministro, morreu em Paris, em 1876 com 64 anos. Pereira da Silva, deputado por quase quarenta anos, morreu em Paris, em1897, com 80 anos.

[3] Existem duas biografias de Nísia Floresta: *História de Nísia Floresta*, de Adauto Câmara, Rio de Janeiro, 1941; e *Nísia Floresta - Vida e Obra*, de Constância Lima Duarte, Rio Grande do Norte, 1995.

[4] Com a instalação do Curso de Direito em Olinda instalou-se junto com a escola a tipografia Botica de Pinheiro, na rua do Amparo, onde os estudantes encontravam o Olindense, o primeiro jornal publicado pelos acadêmicos. A mesma tipografia começou a imprimir livros traduzido pelos estudantes e professores, produtores e consumidores da literatura de então. Os livros de jurisprudência foram privilegiados,

assinada por Nísia Floresta Brasileira Augusta. Embora a autora afirme que traduziu livremente a partir da versão francesa o livro *A vindication of the Rights of Woman*(1792), de Mary Wollstonecraft (depois Mistriss Godwin), em pesquisa recente Maria Lúcia Burke[1], após comparar o texto da tradução com o original inglês, levantou a hipótese de que Nísia não traduziu Mary Wollstonecraft e sim um texto anterior *Woman not inferior to Man*, 1739, de uma inglesa que assinou apenas "Sophie", que por sua vez teria plagiado o texto *De l'égalité des sexes*, (1673) do francês François Poulain de la Barre[2].

Quase um século antes da tradução de Nísia, um jovem poeta da Academia dos Seletos do Rio de Janeiro(1752), Feliciano Joaquim de Sousa Nunes(1734-1809), escreveu sobre a capacidade de entendimento das mulheres. No único volume publicado do ambicioso tratado moral que se propôs a escrever *Discursos Políticos Morais*(1758), que Pombal mandou destruir, e do qual escaparam três exemplares, Nunes sustenta a tese de que as mulheres eram intelectualmente tão capazes quanto os homens:

"Esse sexo é capacíssimo dos mesmos progressos e operações de entendimento de que são capazes os homens(...) não se pode negar que sejam as mulheres iguais aos homens na parte intelectual e discursiva, ainda que ordinariamente pareçam mui diversas, pelas suas puerilidades; porque estas não têm a sua origem nas desigualdades ou imperfeições do cérebro, como entenderam alguns, sim na falta de aplicação e uso do entendimento"[3]

Sousa Nunes desenvolve no seu texto argumentos sobre a capacidade de entendimento das mulheres muito semelhantes aos de Poulain La Barre, cujo livro, segundo Lúcia Burke, Nísia teria traduzido. Nísia teria conhecido o texto de Sousa Nunes?

---

principalmente os ingleses de Direito Contitucional e Direito Econômico, como *Elementos de Economia* de Stuart Mill, *Táticas de Assembléias Legislativas*, de Jeremias Bentham. Mas entre eles, podia-se encontrar traduções de *Micromegas*, de Voltaire e *A Caverna da Morte*, de Anna Radcliffe. Alguns anos depois instalou-se no Recife a editora Fidedigna, que em 1832 começou a publicar o jornal *O Carapuceiro*, de Lopes da Gama, um amplo painel de costumes da sociedade pernambucana de então. A Fidedigna publicou a tradução de Nísia, que como muitas outras traduções de livros ingleses da época foi feita a partir da versão francesa.

[1] Burke, Maria Lúcia Garcia Palhares, "A Mary Wollstonecraft que o Brasil conheceu, ou a Travessura Literária de Nísia Floresta.", em *Nísia Floresta, o Carapuceiro e outros Ensaios de Tradução Cultural*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

[2] François Poulain de la Barre é considerado o "primeiro feminista dos tempos modernos". Em seu livro ele refutou as teorias biológicas que determinavam a incapacidade da mulher para o entendimento, atribuindo a situação em que ela se encontrava ao contexto histórico e cultural. Suas idéias foram retomadas, ao longo do século do século XIX, por feministas e defensores da educação das mulheres.

[3] Nunes, Feliciano Joaquim de Sousa, *Discursos Políticos e Morais*, Rio de Janeiro, Editora da Oficina Industrial Gráfica, 1931, p.171-173. Trechos do livro de Sousa Nunes foram publicados na *Minerva*, em 1851.

Que tenha usado o livro de La Barre ou de Mary Wolstonecraft (ou parte dos dois) a tradução *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens* constitui-se numa ardente defesa da educação da mulher. E neste sentido trata-se do primeiro texto escrito por uma mulher brasileira sobre a educação das meninas. Dedicado "às brasileiras" e aos "acadêmicos brasileiros", (em 1832, formava-se a primeira turma de advogados do Curso Jurídico de Olinda) a tradução tem pelo menos um objetivo que o aproxima do texto de Mary Wollstonecraft: como o texto da inglesa também dirigiu-se aos legisladores. Publicado em 1792, no ano dos acalorados debates da Assembléia Constituinte Francesa (foi traduzido para o francês neste mesmo ano), o livro de Mary, uma "mulher de classe média, vivendo as esperanças e ilusões da Revolução Francesa", foi dedicado ao francês Tayllerand Périgord, que apresentara um relatório sobre educação na constituinte e excluíra a educação das mulheres. Mary dialoga com outros textos da época, em especial *L'Admission des Femmes au droit de cité*, 1790, de Condorcet, e defende o direito da mulher tornar-se uma cidadã ativa, consciente, economicamente independente e protegida por leis, como os homens. Valoriza a maternidade, afirmando que a vida doméstica, exercida conscientemente pela cidadã tinha uma função útil para a sociedade. Combateu a fragilidade física e o refúgio nas tradicionais qualidades femininas, no seu entender vícios da educação imposta às mulheres. Propós que a educação e instrução assumissem um papel fundamental na formação da mulher cidadã, proporcionando-lhe melhor saúde, para que ela trabalhasse e fosse independente. A principal contribuição de Mary foi afirmar a responsabilidade da mulher na cidade, dar-lhe o direito de escolher seu destino e contribuir com a comunidade. Foi um texto fundador do feminismo burguês.

A tradução de Nísia foi publicada numa região do Brasil onde alguns padres e pensadores influenciados pela leitura dos filósofos franceses do século XVIII, e pela independência americana, passaram duas décadas do século construindo projetos de autonomia e sonhos republicanos; onde as mulheres em sua maioria não tinham acesso ao ensino.Um ano após a abdicação de D. Pedro I, quando as esperanças de um governo nacional, liberal, e independente de Portugal, agitava as discussões da Olinda estudantil, Nísia tomou de empréstimo a palavra de Mary, Sophie, ou Poulain de la Barre, dirigiu-se aos futuros homens públicos da nação que engatinhava, para reivindicar "vistas de justiça"

para o sexo feminino, através de uma tradução a que deu um título completamente diferente do original, ou dos originais, um título que parece tirado de um discurso jurídico, objetivo e direto.[1] Neste sentido trata-se de um texto circunstancial, publicado na época de sistematização do direito brasileiro_ entre 1830 e 1832, o país votou o Código Criminal e o de Processo, ordenamento jurídico para o qual se preparavam os estudantes de Olinda.

Objetivamente Nísia está dialogando com os estudantes de direito, com esperança de futuras leis que mudassem a situação da mulher. Repetindo assertivas dos textos que traduziu, atribui à maternidade uma função útil para a sociedade, porém defende a participação das mulheres nos governos e o acesso aos cursos superiores, principalmente em carreiras como advocacia, medicina e ensino da retórica. Seus arrazoados tentam dotar a mulher de auto estima: " A diferença entre os sexos é relativa ao corpo e não à alma. Toda a diferença vem da educação, do exercício e impressão dos objetos externos"; ou "os homens olham com desprezo para o emprego de criar filhos. Não há no estado social um emprego que mereça mais honra, confiança e recompensa." Ainda: "o conhecimento de nós mesmas e dos objetos que nos cercam, e de muitas outras coisas, é absolutamente necessário para aumentar-nos a persuasão de nossas obrigações morais". Discorre sobre as dificuldades das mulheres para aplicar-se às ciências: "precisam calcar aos pés a moleza em que são criadas, renunciar aos prazeres e à indolência a que um bárbaro costume as tem condenado e vencer os obstáculos exteriores que encontram em seu caminho, destruindo idéias desfavoráveis que o comum dos sexos tem concebido sobre o saber das mulheres."Por fim exorta "todas as mulheres a desprezar os vãos divertimentos e aplicar-se à cultura de suas almas".

Mudar a situação das mulheres brasileiras através de leis foi um sonho e esperança de uma época em que transplantava-se de tudo, importava-se idéias para saltar etapas. Um breve momento de euforia que vivia o país após a abdicação de D. Pedro I, quando em Pernambuco surgiram vários jornais de estudantes e criou-se uma Sociedade Federal, que

---

[1] O título *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens,* teria surgido a partir de leituras de Matias Aires? No seu livro *Reflexões sobre a vaidade dos homens ou Discursos Morais sobre os efeitos da vaidade*(1752), Matias Aires dedicou algumas páginas à situação da mulher, e nelas observou (p.207-209): "Em todos os tempos prevaleceu nos homens o poder; eles arrogaram a si toda a judisdição legislativa; a sujeição em que ficaram as mulheres foi pena da sua primeira culpa. Aquela sujeição que não devia exceder as regras da

lutava pela federação das províncias.Ao tomar de empréstimo a fala de outra mulher, outro país e outro momento histórico, Nísia deslocava-se do seu próprio momento histórico, ficava no hiato entre o país real que vivia e a miragem de futuro. Acreditar em leis que modificassem a situação da mulher num país que há bem pouco tempo fora uma colônia governada por alvarás; acreditar na modificação da situação das mulheres na família quando a educação das meninas até bem pouco tempo orientava-se pelo *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*(1718), de Nuno Marques Pereira(1652-1728), um manual de conduta que tinha lugar destacado entre os raros livros que circulavam na colônia no século XVIII, ao lado dos manuais para fazendeiros, e que indicava a hora em que o pai deveria casar as meninas, como indicava o tempo do plantio, dizendo que "as meninas se devem trazer na menina dos olhos"; era uma crença exagerada na força da razão.

Muitos anos depois que sua tradução foi publicada, quando os acadêmicos de então já ocupavam cargos ou participavam da Câmara de Deputados na capital do Império, quase nada havia mudado com relação à educação das mulheres. No livro *Opúsculo Humanitário*, 1853, Nísia Floresta lamentou esse esquecimento:

"Sempre que brilha um novo dia e que nos bate à porta o jornal, apoderamo-nos com solicitude dessa folha, e avidamente percorremos a sessão das Câmaras do dia antecedente, em procura do assunto que temos escrito no coração e no espírito - a educação da mulher brasileira - e dobramos a folha desconsolados e aguardamos o dia seguinte, que se escoa na mesma expectativa, no mesmo desengano."[1]

Porém, a tradução teve alguma repercussão no Rio de Janeiro da década de 1840. Um anúncio sobre o livro foi publicado no Jornal do Comércio de 25 de abril de 1839. E a discussão sobre uma legislação mais justa com relação às mulheres, parecia ter chegado aos salões da capital, a julgar pelo comentário do jovem Augusto no romance de Joaquim Manoel Macedo, *A Moreninha*, 1844:

" A bela senhora é filósofa! Já leu Mary Wollstonecraft e como esta defende o direito das mulheres(...) lhe prometi que apenas me formasse trabalharia para encartar-me

---

equidade, veio a degenerar em tirania(...) assim se vê que nas mulheres a injustiça dos homens lhes tira a liberdade assim que nascem, e pouco depois lhes tira a formosura o tempo..." (grifo meu)

[1] *Opúsculo Humanitário*, op. cit. p.81

na Assembléia Provincial e lá promover a discussão de uma mensagem ao governo geral em prol dos tais direitos das mulheres."

A "moreninha" pode não ter lido exatamente o livro de Mary, porém, discussões sobre plágio e autorias a parte, com a tradução, feita de acordo com a época, "uma adaptação ao espírito da língua"[1], como faziam os estudantes de Direito de Olinda, nasceu uma escritora, que adotou um *"nom de plume"* muito significativo, patriótico como os dos revoltosos de 1817 que trocaram os sobrenomes lusitanos por nomes locais: Cansanção, Suassuna, Caetés. Nísia uniu o diminutivo carinhoso do seu nome(Nísia), com o sítio onde nasceu(Floresta), e o nome do marido(Augusto), com quem compartilhou os estudos de Direito participando indiretamente da vida cultural dos estudantes de Olinda(1828-1832) aos quais dedicou "o pequeno resultado da sua aplicação". Como o irmão, que foi batizado Joaquim Brasil, ela acrescentou o Brasileira.

Como muitas mulheres brasileiras do século XIX, que ficaram viúvas ainda bem jovens, Nísia trabalhou para manter-se e sustentar os filhos, mãe e irmãos. Diferente de muitas viúvas das crônicas de história, ela não tirou o sustento de uma fazenda com muitos escravos. Usou sua própria capacidade de trabalho, sua formação decorrente da aplicação aos estudos, e sustentou a família enquanto educadora, atividade com a qual se ocupariam os demais membros da sua família - o irmão, o filho, a filha. Como muitas mulheres brasileiras do século XIX, Nísia não teve o direito de freqüentar academias. Quando criança aprendeu com o pai[2], e depois de casar estudou com o marido. Morou no Rio

---

[1] Não conhecemos um estudo mais completo sobre como eram feitas as traduções, com certeza muito mais desapegadas ao texto original do que hoje. Veja-se o exemplo do francês Philarete Chasles (1789-1873), professor do *Collège de France* por 30 anos, especializado em literatura estrangeira, e tradutor de obras inglesas. No verbete sobre ele do *Grand Dictionnaire Universel du XIX Siècle*, 1873, há uma explicação do seu método de tradução, que ele definia como um "método de interpretação": Após recolher as idéias fundamentais, eram separadas as "idéias parasitas" da "idéia mãe", o tradutor tratava o assunto do seu ponto de vista e reescrevia de tal maneira que o próprio autor não reconheceria. Philarete Chasles, hoje desconhecido, foi muito lido no século XIX. Nísia o citou em *Opúsculo Humanitário* (op.cit.p28), onde o chamou de "espirituoso e distinto escritor".

[2] É difícil imaginar e montar um quadro do aprendizado de Nísia, a menos de pequenas referências nos seus textos onde diz que o pai a ensinou a gostar dos autores gregos e latinos, e que aos doze anos a encarregou de ensinar ao irmão caçula. Há poucas informações sobre a educação das meninas nas primeiras décadas do século XIX Gilberto Freyre, no estudo "Vida Social no Nordeste", publicado no *O Livro do Nordeste*, edição comemorativa do centenário do Diário de Pernambuco (1925,.p.83) fez um pequeno retrato da vida das meninas: " Em 1825 a educação das meninas nos engenhos e cidades do nordeste era toda doméstica. Mal lhes ensinavam a ler, o que ensinavam com esmero era bordar e a fazer bicos, a costurar e dançar, a rezar o terço e a ladainha."

Grande do Sul,(1833-1838) onde manteve um colégio para meninas, e mudou para o Rio de Janeiro onde abriu o Colégio Augusto(1838-1856). No Rio de Janeiro publicou os livros: *Conselhos a minha filha*, 1842; *Daciz, ou a jovem completa*, 1847; o poema *A Lágrima de um Caeté*, 1849, *Opúsculo Humanitário*, 1853, e algumas colaborações com o jornal *O Brasil Ilustrado.*

Na capital do Império ampliava-se cada vez mais o espaço para educadoras. A partir de 1830 começaram a existir escolas para as meninas, muitas delas dirigidas por estrangeiros que aportavam no país oferecendo estes serviços. O mesmo espaço não existia, porém, para as mulheres que como Nísia também escreviam livros, uma escritora não conseguia participar das atividades culturais e literárias. No Rio de Janeiro não existiram os salões de Paris, dos séculos XVIII e XIX, onde as mulheres francesas desenvolveram seus talentos literários. As discussões literárias abrigavam-se nos grêmios e seletas academias de poetas e filósofos, durante a colônia, de onde migraram, no Império, para livrarias como a de Evaristo da Veiga, no início do século, e Paula Brito, em meados dele. Concentraram-se também no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (a partir de 1838), fundado com a missão de reunir os esforços científicos e culturais isolados e dispersos. Em nenhum destes centros de cultura havia espaço para as vozes femininas.

Em 25 de outubro de 1850, Joaquim Norberto apresentou ao Instituto Histórico e Geográfico uma proposta de admissão da escritora Beatriz Brandão(1769-1860), autora de *Cantos da Mocidade* (1856): "para incentivo e estímulo às nossas patrícias, receiosas de se darem à cultura das letras e afrontar os preconceitos de nossa velha educação, publicando as produções do seu espírito". A comissão que deu o parecer negativo, formada por Manoel Macedo e Gonçalves Dias concluiu "que a distinta poetiza deveria ser recebida como ornamento de uma sociedade literária, cujos fins não estejam limitados à história e geografia." Sociedade que não existia.

A preocupação de Norberto com a ilustração das mulheres e sua participação na vida cultural demonstra que a educação das mulheres, a partir da década de 1830 e por toda a segunda metade do século, passou a fazer parte dos projetos para o Brasil, da criação de uma nação. Reunia-se ao mapeamento dos sítios da natureza inspiradores dos poetas: os rios, o céu, cachoeiras, árvores; à construção do passado onde os filhos da terra

conquistaram com lutas sua independência, como a história heróica da expulsão dos holandeses, guerra em que destacaram-se as valentes mulheres de Tejucupapo; aos sistemas sociais e ao pensamento filosófico para a pátria. Obras necessárias para que o Brasil assumisse o papel entre as grandes nações, na marcha da civilização. A educação era o principal meio para criar um tipo de mulher adequado para a sociedade que se desejava.Um tipo feminino que substituísse a imagem da brasileira difundida por viajantes estrangeiros: a mulher cercada por escravos, com chicote na mão, semi-analfabeta, com "a graciosa indolência", de que falava Debret. E que negasse os irônicos comentários do francês Charles Expilly, no livro *Mulheres e costumes do Brasil*, 1863: "até agora as senhoras não tomaram da civilização senão a crinolina, a polca e o chá". Contribuindo para a nova imagem da mulher na sociedade, e ao mesmo tempo refletindo-a, os romances de Macedo, Machado de Assis e José de Alencar têm muitos retratos de mulheres educadas. Helena,1876, de Machado de Assis "era pianista distinta, sabia desenho, falava corretamente a língua francesa, um pouco a inglesa e a italiana."

Joaquim Norberto mostrou-se um incansável defensor da inclusão da mulher no meio cultural do Rio de Janeiro. Em 1862 reuniu os perfis femininos, que vinha publicando na Revista Popular, no livro *Brasileiras Célebres*,1862. Um panteão feminino, nos moldes do *Plutarco Brasileiro*, 1847, de Pereira da Silva. Norberto cita várias brasileiras em capítulos divididos por Amor e Fé (Paraguaçu e Damiana cunha); - Armas e Virtudes(Clara Camarão e Mulheres de Tejucupapo); - Religião e Vocação(Joana de Gusmão); - Gênio e Glória(Ângela Amaral, Delfina Cunha, e a "filosofinha" Gracia Hermelinda que publicava pensamentos no *Farol do Império*, 1837); - Poesia e Amor(Maria Dorotéia e Bárbara Heliodora); Pátria e Independência(Maria de Medeiros, a guerreira); e por fim Juízo e Valor, inserindo neste último a opinião dos viajantes estrangeiros sobre a mulher brasileira, opiniões que se resumem a adjetivos como: "languidez que tem o poder de encanto", "grandes e negros olhos vistos através das treliças" e "encanto melancólico e pensativo".

O empenho e a discussão sobre a educação da brasileira, privilegiava a função materna, que dotaria a mulher para o papel que lhe estava destinado - formadora dos homens da pátria, como fazia-se em quase todo o Ocidente, nos Sistemas Sociais idealizados pelo século XIX. A educação da mulher para a maternidade, se por um lado

facultava às mulheres um mundo até então proibido, por outro limitava o alcance dos conhecimentos para o espaço doméstico, lugar privilegiado da mulher. As leituras eram dirigidas para esta finalidade, e as mulheres que tinham o desejo de escrever deveriam limitar a escolha dos gêneros dentro deste espaço: livros para crianças, didáticos, moralistas, exemplares. Na esteira desta sistematização surgiram outras questões levantadas pelos movimentos feministas na Europa a partir de 1830. Estes movimentos consideraram que a valorização da maternidade possibilitara um reconhecimento da capacidade intelectual da mulher, e dava à função doméstica uma importância de ordem social. A partir daí, reivindicaram uma educação sólida, que proporcionasse, inclusive para as mulheres solteiras, um meio de enfrentar a realidade. Trouxeram para a discussão os casamentos de conveniência, tema de *Indiana*,1832, o primeiro romance de George Sand, repetido por muitos escritores entre eles Gonçalves de Magalhães na novela *Amância*,1846 e Nísia no texto *Daciz, ou a jovem completa*,1847.

Nísia expressou a importância para as mulheres brasileiras da educação para a função materna e ao mesmo tempo independência econômica das mulheres, no livro *Conselhos a minha filha* (1842), escrito para a filha Lívia, como presente de 12 anos:

"Se há no mundo um título que enobrece a mulher é sem dúvida o de mãe, é ele que lhe dá uma verdadeira importância na sociedade. Foi ele que me deu o gosto para o estudo na esperança de poder gozar um dia da ventura de dar-te as primeiras lições, e que ministrou-me recursos para aplainar as terríveis dificuldades, que se opuseram a que eu me colocasse no estado de poder fazê-lo livre e decentemente, achando-me só no mundo, mulher fraca, sem apoio, sem fortuna."

A educação das mulheres foi assunto do padre Lopes da Gama no seu jornal de Costumes - *O Carapuceiro,* em vários artigos, entre eles A Educação do Belo Sexo, de 27-7-1842: "Não há cousa em que se fale mais hoje do que em melhoramento de estudos. Novo Método! Novo Método! (...) as mulheres não devem ser consideradas passageiras indiferentes no navio do Estado: elas influem tanto no seu século e país, que não devem ignorar os graves interesses da humanidade. Nossas mães são nossas primeiras mestras..."

Formar mães de famílias era mais urgente ainda para o Brasil escravista - a preocupação com a convivência das crianças com escravos e amas de leite, passa pelos

textos de Joaquim Manoel de Macedo, como em *Rosa* (1849), em que Anastácio defende a educação das meninas para a maternidade:

" A mãe de família é um objeto de importância imensíssima para a sociedade(...) se a missão de mãe de família é árdua em toda parte do mundo, no Brasil é particularmente muito mais espinhosa, porque no Brasil cada homem guarda dentro de sua própria casa um inimigo do coração dos seus filhos, um poderoso elemento de desmoralização, em uma palavra porque no Brasil existe a escravatura."[1]

No *Opúsculo Humanitário*,1853, Nísia fala sobre "os tristes e inevitáveis resultados do constante viver dos meninos em contato com os escravos" e relaciona a convivência com os escravos com a amamentação. Para ela, ao negar o peito aos filhos, as mães os condenavam a uma primeira e triste lição:

"Antes mesmo de saber articular sons distintos, grande parte dos nossos meninos já se apercebe de ter naquela que lhe dá o alimento uma escrava submissa a seus caprichos. Antes de compreenderem o que é mandar e obedecer, eles sabem com gestos exercer o comando e exigir obediência. O vocábulo imperioso -"quero"-é pronunciado de comum com os de "mamã" e "papá".[2]

A discussão sobre escravidão une-se com o universo feminino, ambos assuntos da vida doméstica, espaço das mulheres. Na segunda metade do século as mulheres brasileiras se envolverão cada vez mais com movimentos abolicionistas, influenciadas a partir de 1852 pelo enorme sucesso de *A Cabana do Pai Tomás,* escrito por uma mulher Harriet B. Stowe(traduzido no Brasil em 1853). Segundo Nísia, o livro de Stowe era "um primor de moral, de delicadeza de estilos, de sentimentos sublimes, de preceitos cristãos(...) um moderno Evangelho" e refletia a "educação e desenvolvimento da inteligência das mulheres americanas" [3]. No texto *Páginas de uma Vida obscura*, 1855, publicado em folhetins, no jornal O Brasil Ilustrado, nota-se a influência do romance de Stowe. Nísia refere-se ao escravo Domingos, protagonista da história, como "o Tom brasileiro, cuja vida de mais duras provanças ou antes de mais extraordinária fidelidade do que foi a do seu

---

[1] Macedo, Joaquim Manoel. *Rosa.* São Paulo. Liv. Martins Editora. s.d. p.12
[2] *Opúsculo Humanitário*, op. cit. p.93
[3] *Opúsculo Humanitário*, op. cit. p. 40

contemporâneo da União, interessaria duplicadamente ao leitor se fosse escrita pela insigne pena de Mrs. Stowe."

A escravidão foi o tema do primeiro romance escrito por uma brasileira, *Úrsula*,1859, da professora Maria Firmina dos Reis(1825-1881), que assinou seu livro como "uma maranhense". Maria Firmina viu os escravos como exilados, saudosos da terra natal, como a preta Susana que lembra a infância feliz, quando "corria às descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheirinhas, brincando alegres, com o sorriso nos lábios, a paz no coração, divagávamos em busca de mil conchinhas"[1] A escravidão também foi assunto da peça *Cancros Sociais,*1865, da dramaturga Maria Ribeiro(1829-1880).

Estas mulheres publicaram seus textos numa época em que, se a educação era um desejo de toda a sociedade, uma decorrência dela, as mulheres que começavam a manejar habilmente a pena, a laborar pensamentos filosóficos, a colorir idéias e bambolear a palavra escrita, ainda inquietava. Transformar as sinhazinhas em pedantes, "bas-bleu" não era bem o que queriam os políticos, educadores e até mesmo muitas mulheres.Permeia esta discussão questões sobre o tipo de educação que as meninas deveriam receber, divisões entre educação e instrução, acompanhadas do temor de permitir o acesso das meninas ao conhecimento, e torná-las vaidosas. A sátira de Molière, *Les Précieuses Ridicules*, 1659, dois séculos depois de escrita ainda despertava zombarias e preocupações com as mulheres que sabiam demais. Temia-se que a instrução as fizesse esquecer os assuntos do lar.

Da mesma maneira que as zombarias de Molière ainda repercutiam no século XIX, o ensinamentos de François de la Mothe Fénelon(1651-1715), que escreveu o primeiro tratado sobre educação das meninas, *Traité de l'Éducation des filles,* 1687, ainda eram seguidos por muitos educadores, inclusive Nísia Floresta. No seu livro, dialogando com Molière, ela citou Fenélon: "Não se deve condenar as mulheres à uma ignorância absoluta porque algumas delas ficaram ridículas pela presunção do seu saber. Aquelas que se distinguirem por brilhantes sucessos devem lembrar-se: para o seu sexo o pudor com relação à ciência deve ser tão delicado quanto o horror que o vício inspira."

---

[1] Reis, Maria Firmina. *Úrsula.* Rio de Janeiro: Presença, 1988, p. 81.

Em, 1832, em *Direitos das Mulheres e injustiça dos homens*, Nísia falou sobre os "mil ridículos com que procuram oprimir aquelas cujos pais mais justos facilitaram-lhe os caminhos da ciência."(....) O pretexto que eles alegam é que o estudo das ciências nos tornariam altivas e viciosas: mas este pretexto é tão desprezível e extravagante... Se tem havido alguma pessoa de nosso sexo tão deslumbradas de seu saber, que se possuem de vaidade, esta falta em si mesma é desculpável; é porque para aprenderem a ser humildes, não beberam no rio corrente da sabedoria, e só se demoraram na superfície."

Machado de Assis, em crônica para Imprensa Acadêmica(n 5, 1-5-1864), referiu-se aos personagens de Molière, ao comentar a presença das senhoras em conferências:

"Eu de mim acho acertada a presença das senhoras. Não é que as queira letradas e pedantes, Armidas e Belisas. O exemplo e Molière deixaram-me com opinião nesse assunto. Mas se fujo de um extremo não é para cair no outro. Se não as quero bas bleu e falansterianas também não acho que todas deverão limitar-se ao governo do pot-au-feu ou a darem resposta ao tarte à la crème de Andree. Há um meio termo e neste estou eu."

Meio termo que irá perdurar até o fim do século quando foram inauguradas as aulas para o sexo feminino no Imperial Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, em 1881, e nesse mesmo ano foi publicada uma *Poliantéia Comemorativa da Inauguração das Aulas,* reunindo opiniões de escritores e políticos sobre o curso. A conclusão geral, como observou Maria Thereza Crescenti,[1] que analisou a Poliantéia, foi de que a educação feminina deveria preparar a mulher para o papel de mãe de família. Entre as opiniões mais liberais a de Joaquim Nabuco, pragmático, que defende a educação das mulheres para a luta da vida já que "a indústria não conhece sexo"; Machado de Assis, respondeu com um poema: "Dai á obra de Marta um pouco de Maria"

Nem erma escuridão, nem mal aceso arbusto
Basta um jorro de sol ao descuidado arbusto.

E Artur de Azevedo:

Salve! Salve! Tu queres
Preparar Georges Sands
Na bela terra de Dona Anna Nery

[1] Bernardes, Maria Thereza Caiuby Crescenti. *Mulheres de Ontem?* T. A. Queiroz Editor, 1989.p.27

No final do século, as heroínas dos romances já tinham uma educação bem mais esmerada do que a de Helena, como Lenita do romance *A Carne,* 1888, de Júlio Ribeiro, conservavam porém a atitude recatada, pelo menos nos romances: "Lenita teve ótimos professores de línguas e de ciências; estudou o italiano, o alemão, o inglês, o latim, o grego; fez cursos muito completos de matemática, de ciências físicas, e não se conservou estranha às mais complexas ciências sociológicas. E não tinha nada de pretensiosa, bas-bleu: modesta, retraída, ela escondia com arte sua imensa superioridade."[1]

A preocupação em "esconder o que sabiam" está no texto de muitas escritoras, quase um clichê. Maria Firmina apresentou o seu romance como "um mesquinho e humilde livro escrito por uma mulher brasileira de educação acanhada, sem o trato e conversação dos homens ilustrados".

Narcisa Amália(1852-1924), concluiu o prefácio que escreveu para o livro de poemas de Ezequiel Freire, 1871, dizendo: "Aguardam-me os labores do lar".

E em carta de 1873, lamentava a falta de ensino mais avançado para as mulheres: "peço permissão para oferecer-te também o pouco que tem produzido a minha pobre imaginação, não têm esses ligeiros trabalhos o mérito de vossas produções, mas encerram como elas, as primícias de uma alma de moça que não pode cursar academias, ainda entre nós cerradas às santas aspirações da inteligência feminina" [2]

Ensinos de agulha - ensinos de Língua

No Rio de Janeiro, a preocupação com a educação da mulher despertou grande interesse pelos colégios de meninas. Os exames finais dos cursos eram noticiados nos jornais. Machado de Assis comentou sobre um deles(24-12-1861) "Fazer mães de família é encargo difícil por isso também quando há sucesso compensam-se os espíritos."

No *Opúsculo Humanitário*, onde melhor expressa seu pensamento sobre a educação das mulheres, ao narrar a história da educação na França, Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos, Nísia compõe uma galeria de mulheres, sábias, guerreiras, virtuosas e relaciona as

[1] Ribeiro, Júlio. *A Carne.* São Paulo: Ed. Francisco Alves, 1917, p.11
[2] Reis, Antonio Simões. *Narcisa Amália.* Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1949, p.73

atitudes destas mulheres com a educação que receberam. Educação que ainda faltava às brasileiras:

"O que se chama por via de regra dar boa educação a uma menina? Mandá-la aprender a dançar, não pela utilidade que resulta aos membros de tal exercício, mas pelo gosto de a fazer brilhar nos salões; ler escrever o português que apesar de ser o nosso idioma, não se tem grande empenho de conhecer cabalmente; falar um pouco o francês e o inglês, sem o menor conhecimento de sua literatura; cantar, tocar piano..."

Nísia faz algumas propostas audaciosas para a época: a insistência no exercício físico, o empenho com e ensino de ciências naturais, "cujo estudo tão agradável e útil seria ás mulheres que nascem, sentem e vivem no meio da nossa rica natureza tropical". Insurge-se contra o espartilho, quando descreve as meninas brasileiras como "pequenas criaturas apertadas nas barbatanas de um espartilho" e narra a morte de uma menina asfixiada por esta peça do vestuário. Sugere que as meninas sejam habituadas ao trabalho, "uma virtude necessária em todos os estados da vida, qualquer que seja a opulência do indivíduo e não digno do desdém com que o olham certas classes." E, propõe ainda o ensino de latim.

As escolas femininas ministravam o ensino elementar e havia uma certa liberdade de escolha do currículo, por isso o espanto do comentarista do jornal do Comércio com o ensino de latim no Colégio Augusto, e o seu comentário sobre os exames do colégio: "Trabalhos de língua não faltaram, os de agulha ficaram no escuro". No currículo do mesmo colégio a diretora prometia:

"Ensina-se latim, caligrafia, religião cristã, aritmética, história, geografia, língua e gramática portuguesa, francesa, italiana, inglesa. Música, dança, piano, desenho e trabalhos de agulha."[1]

Na escola de Nísia, as matérias eram ensinadas unicamente pela diretora, o que dá a medida da sua formação, que embora alijada das Academias de Direito e Medicina, e do ensino secundário do colégio Pedro Segundo, principais centros de ensino do Império, possibilitou o seu ingresso (e possivelmente de algumas alunas) no universo cultural dos primeiros românticos brasileiros, cuja chave de entrada, em pleno romantismo ainda era a cultura clássica. O conhecimento dos autores latinos Virgílio, Horácio, Tito Lívio, Tácito

[1] Currículo do Colégio Augusto, Almanack Admistrativo Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro,dez, 1847.

era a base do ensino. O empenho de Nísia em ensinar latim e fazer suas alunas lerem e traduzirem os autores clássicos, vinha da sua percepção de que estes autores franqueariam a entrada nos "clubes de cultura", dotando as mulheres de uma linguagem comum, um arquivo de citações para as conversações literárias.

É com orgulho que Nísia escuta a filha Lívia, o seu melhor exemplo de aluna, recitar e traduzir trechos da *Eneida*, quando passeiam nos arredores de Nápoles, do mesmo livro recitado pelo estudante de direito Manuel Augusto, seu marido, nos passeios amorosos nas margens do Beberibe. Em Roma, ela comenta sobre os últimos exames anuais de língua e literatura do seu colégio, quando o arcebispo do Rio de Janeiro foi convidado a assistir:

"Ele pareceu tão satisfeito quanto maravilhado ao escutar recitar na sua harmoniosa língua materna belos trechos em versos dos melhores autores, cujo gênio honra a bela, a nobre Itália. Mas, sua surpresa chegou ao máximo quando uma menina, saindo do meio do grupo de estudiosas, lembrou as belezas da doce língua de Virgílio, declamando mais de 100 versos da Eneida e traduzindo literalmente algumas Odes escolhidas de Horácio."

A tradução, um exercício de aprendizado das línguas, era uma tarefa adequada para as mulheres. O primeiro jornal escrito por mulheres publicado no Rio de Janeiro, *O Jornal de Senhoras*, 1852, solicitou no primeiro número que suas leitoras enviassem traduções, que seriam publicadas anonimamente. Autores como Byron, Milton, Dante, Metastacio, Guarini, Tasso, Leopardi, Casimir Delavigne, Lamartine e Victor Hugo, além dos portugueses Castilho e Garret, faziam parte das leituras da educadora e de suas alunas. Muitos destes autores chegaram às escolas a partir de "trechos seletos", antologias que reuniam "belezas" das principais obras, o que não deixava de ser uma forma de censura, mas não impediu que as notas e adaptações incluídas nas tradução fossem um exercício de escrita para muitas das nossas escritoras das últimas décadas do século, que dotaram seus poemas e romances de epígrafes retiradas das obras de muitos dos autores que liam e traduziam[1]. Uma tímida demonstração de que estavam aptas a participar das conversas literárias, do mundo da erudição. A tradução ao mesmo tempo em que resguardava, através

[1] Quase todos os poemas de Nebulosas, 1872, de Narcisa Amália(1852-1924), têm epígrafes: Goethe, Byron, Victor Hugo, Racine, Casimir Delavigne, Lamartine, e também Castro Alves, Fagundes Varela, Álvares de Azevedo.

do anonimato, a modéstia da escritora, possibilitava o conhecimento de outras culturas, o ingresso no mundo dos escritores latinos, dos autores modernos franceses, ingleses, italianos, uma visão de mundo que ultrapassava os limites da vida doméstica.

Porém, à medida em que o ensino foi sistematizado, a liberdade de escolha diminuiu. As aulas e leituras eram baseadas em textos exemplares, como *Mulheres Célebres*,1878, de Joaquim Manoel de Macedo, obra adotada pelo governo imperial para leitura nas escolas primárias. Nele, o escritor reuniu mulheres de várias épocas e de diferentes lugares do mundo: mulheres guerreiras, fiéis, castas, dedicada aos filhos, desde a romana Cornélia, mãe dos Gracos, à Joana D'Arc, e madame de Sévigne. Entre as brasileiras Damiana Cunha,(1780-1830) "mulher apóstolo", uma índia catequizada, "amamentada no seio da civilização e da fé católica"; Francisca Sandi, que tratou de doentes de febre amarela, e Dorotéia Brandão(Marília de Dirceu). Acreditava Macedo que "no estudo das mulheres celebradas, redivivas na história pelo fulgor de suas virtudes e de seu heroísmo, as meninas acharão exemplos excelentes em cuja apreciação hão de aprender e aproveitar cem vezes mais do que nos livros de moral especulativa."[1]

Ao terminar a escola primária, as meninas brasileiras não dispunham de nenhum curso complementar. As Escolas Normais só começaram a funcionar regularmente nas últimas décadas do século, e o acesso aos cursos universitários era ainda um sonho, que só o século XX transformou em realidade.

" Viagem de estudo dos povos e coisas da Europa."

É numa missão de cultura que Nísia parte para palmilhar os países da Europa. De certa maneira, o tardio curso superior de uma mulher madura que tinha 48 anos quando partiu. Primeiro ela vai em busca da "magia de Paris, da vida intelectual que se frui nesta Atenas moderna"e depois na Itália e Grécia, realiza uma viagem de reconhecimento aos lugares sagrados da cultura humanista. Em 1856, ao chegar na Paris de Luiz Napoleão, dos grandes cafés- "domicílio de ociosos", ricas lojas e passeios no Bois de Boulogne e Jardins de Luxemburgo, Nísia voltou a participar dos cursos do *Collège de France* repetindo a

[1] Macedo, Joaquim Manoel de, *Mulheres Célebres*. Rio de Janeiro, H. Garnier, 1878.p.22.

rotina que tanto a encantara na primeira viagem: cursos, os mais variados - botânica, física, história, arqueologia -; visitas a museus, conversas literárias, visitas a escritores. A viagem à Alemanha, no mês de setembro de 1856, incluiu uma visita ao túmulo de Georges Duvernoy, (1777-1855) ex-professor de história natural do *Collège de France*, que Nísia conheceu na primeira viagem, quando assistiu o seu curso.

Este primeiro ano também foi dedicado ao convívio com Comte.Nísia embarcou no Rio de Janeiro em 10 de abril de 1856 e a partir de agosto deste ano manteve contato com o filósofo durante 1 ano, até a morte dele em 5 de setembro de 1857. A convivência está documentada na correspondência entre eles durante este período, e por referências à Nísia feitas por Comte em cartas para Audiffrent e Lafitte, e na *Confession Anuelle de 1856,* onde Comte escreveu: " em agosto tenho a destacar meu primeiro contato com a nobre viúva brasileira que me oferece de coração, espírito e caráter todos os indícios de uma preciosa discípula, caso eu consiga modificar suas atitudes metafísicas."[1]

É provável que Nísia tenha presenteado Comte com o seu livro *Opúsculo Humanitário.* Ele comentou em carta para Lafitte, de 20 de setembro de 1856: "Depois que fiquei plenamente livre, já fiz leituras extras que me comprometera espontaneamente a fazer. Além do opúsculo em português me mostrar que sabia indiretamente uma língua a mais, posso esperar que a nobre senhora que o escreveu torne-se logo uma digna positivista, muito útil para a nossa propaganda feminina e meridional." [2]

A primeira carta de Comte para Nísia data de 19 de agosto de 1856, a última de 29 de agosto de 1857. Algumas são pequenos bilhetes. Comte fala sobre o envio de livros: "os três tomos de minha obra principal"; envia o recibo "correspondente à nobre doação, que ficará anônima, de acordo com seu pedido"(18-12-1856); agradece a visita que Nísia fez ao túmulo de Clotilde de Vaux e à expansão enviada por ela após essa visita(29-08-1857): "sua tocante composição foi irrevogavelmente colocada na gaveta sagrada que só guarda a correspondência excepcional".[3] Duas das cartas são mais longas: as de 24 e 29 de agosto de 1857. Comte, muito doente, fala com otimismo sobre sua recuperação e da sua recusa em

---

[1] Auguste Comte - *Corrrespondance générale et confessions.* (1855-1857) Paris: Ed. de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, Tomo III, 1990, p.315.Tradução minha.
[2] Idem, p.356.
[3] Esta frase de Comte foi gravada no monumento e túmulo de Nísia, em Nísia Floresta, RN

seguir tratamentos recomendados pelos médicos: "Após ter-me libertado da teologia, da metafísica e até mesmo da ciência, guardando o que cada uma delas tem de incorporável ao positivismo, finalmente me emancipei da medicina..."Era uma resposta à carta de Nísia de 22 de agosto em que ela manifesta preocupação pela saúde do filósofo: "Permiti que em nome desses corações que vos são sinceramente apegados e em nome da Humanidade, de que sóis o sacerdote e mais zeloso servidor, minha fraca voz se levante junto do vosso leito para suplicar-vos que recorrais à arte enquanto é tempo..."[1]

A preocupação de Nísia mostrou-se verdadeira. Comte morreu em 5 de setembro e Nísia foi uma das quatro mulheres que acompanhou o enterro, em 6 de setembro.

A aproximação com Comte datava de sua viagem de 1849-1851, quando assistiu no Palais Cardinal, em 1851, o curso de História Geral da Humanidade, como relatou Comte em carta para Audiffrent de 29 de março de 1857, onde expressa esperança de que Nísia possa presidir um salão positivista, uma das idéias do filósofo para a participação da mulher na vida social: "Durante sua visita de outono, relatarei minhas esperanças, melhor apreciáveis agora, que me inspiram para nosso apoio mais decisivo, duas novas discípulas meridionais, uma nobre viúva brasileira e sobretudo sua digna filha, respectivamente com idades de 47 e 22 anos. Elas moram em Paris há sete meses, e creio que elas aqui permanecerão, de modo que poderão presidir o verdadeiro salão positivista que nos é tão necessário. As duas são eminentes de coração e completas de espírito, a mãe está de tal maneira imbuída dos costumes do século XVIII que é preciso não contar muito com a plenitude de sua conversão, embora suas simpatias devam-se ao meu curso de 1851, ao qual ela assistiu apenas uma sessão; porém sua filha comporta uma incorporação completa, que a mãe seguirá sem rivalidade disfarçada."[2]

No livro *Systéme de Politique Positive*(1851-1854), Comte explicou como entendia as formas de organização da sociedade. Além dos clubes e templos, referiu-se aos salões onde as pessoas deveriam reunir-se sob a presidência das mulheres. Pelo seu programa as mulheres teriam um papel educador essencial, uma missão social moralizante e regeneradora, embora sempre na retaguarda, na vida doméstica. Para isso deveriam ter uma

---

[1] Lins, Ivan *História do Positivismo no Brasil.* São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1964, p.63. Tradução do autor. É a única carta de Nísia Floresta para Comte que conhecemos.
[2] Comte, August, op. cit. p.424.

educação geral e aprofundada já que lhes caberia a educação dos filhos.Suas idéias partiam da natureza biológica dos sexos que proporcionava faculdade analítica aos homens e sintética ás mulheres, faculdades ativas no homem que o dotavam da capacidade de governar, e passivas para a mulher que teria no entanto força moral e poder espiritual. Embora ao homem fosse dado o comando e a participação na vida pública, a mulher teria um papel valorizado na sociedade como fonte de sentimentos, e com a tarefa educativa que lhe dava um papel de regeneradora da humanidade. O sistema fazia apologia do casamento, proibia a mulher de participar da vida pública, exigia seu sacrifício e abnegação, uma entrega total ao outro, em troca da sua valorização na sociedade.

Não é difícil imaginar o quanto Nísia, mesmo "imbuída dos costumes do século XVIII", deve ter ficado atraída por um sistema que era uma tentativa de síntese do conhecimento do seu tempo, unindo a cultura humanística e científica e valorizando a educação da mulher. No texto *Una passegiata al giardino de Lussemburgo*, escrito em 14 de outubro de 1857(um mês depois da morte de Comte) e publicado em *Scintille d'un anima brasiliana*, 1859, ela faz referências ao sistema de Comte, quando narra o passeio de três brasileiros ao Jardim de Luxemburgo, dois deles na "primavera da vida" e outro "colhendo os frutos maduros do outono". Os três pensam sobre o futuro da pátria, e passam em revista o que tinham visto na Europa. Falam sobre a inutilidade dos meios até então usados para "curar a humanidade dos vermes destruidores" e voltam-se para a educação da mulher, discutindo o que os diferentes países tinham feito até então, para formar a "mulher arquetípica", que combinasse a felicidade do homem com o amor pela humanidade, ao executar as tarefas de mãe, esposa e filha.

Entre as idéias para educar esta mulher, Nísia cita o "sistema humanitário do grande filósofo do século, concidadão de Descartes, alma nobilíssima, que soube compreender a mulher e associá-la à sua doutrina regeneradora." O sistema humanitário fundado por Comte, segundo Nísia "estabelece um lugar distinto para a mulher em que usando as propriedades do coração e da própria inteligência ela poderá tornar-se a base mais sólida do progresso da civilização, mas para isso seria preciso que a humanidade entendesse o sistema de Comte da mesma maneira que ele entendia o coração das mulheres". Fala ainda

sobre os admiráveis conceitos que ele legou à humanidade, "um monumento erguido pelo gênio do homem ao século XIX."

Nísia falou mais diretamente sobre Comte apenas neste texto. Ao longo do livro de viagem, além do encontro com um "digno"positivista exilado em Gênova, ela não voltou a falar sobre Comte, embora de vez em quando ao encontrar pessoas que admirava tenha a elas se referido como "almas de elite", usando a expressão de Comte que em sua *Synthése Subjective,* de 1856, afirmou que o Positivismo deveria unir todas as "almas de elite por sentimentos, convicções e destinos, para salvar o Ocidente do materialismo universal".

Com a morte do filósofo o salão positivista que ela poderia dirigir também não foi montado. Porém, na Europa da década de 1850, um outro pensador francês parece ter atraído a brasileira, Jules Michelet, embora não exista referência a algum convívio entre eles. Michelet era professor de moral e história no *Collège de France*, em 1850, onde ministrou o curso *L'Éducation de la Femme et par la femme*, que despertou muitas polêmicas. As lições eram muito interrompidas, e os jornais comentavam ironicamente sobre a presença no curso de Michelet [1]das "bas-bleu" de Paris, das amigas de George Sand Nísia estaria entre as mulheres que assistiu o curso de Michelet, em 1850, quando estava em Paris?

No *Opúsculo Humanitário,* (op. cit.p.37) que escreveu ao voltar ao Brasil, Nísia citou o professor francês:

"Assim compartindo de coração as idéias, a respeito da mulher do progressista e eloqüente Jules Michelet, concluiremos nossa ligeira análise sobre elas, citando uma de suas reflexões, que traz o selo do vivo entusiasmo de sua alma impregnada do eletrismo de uma convicção a que se não pode resistir quando uma vez se ouve a sua voz: *Filósofos, biólogos, economistas, homens de estado, todos nós sabemos que a excelência da raça, a força do povo deve-se sobretudo á mulher. Ser amada, ter filhos, depois educá-los moralmente, formar o homem(estes tempos bárbaros ainda não entendem isso); eis a missão da mulher."*

A mesma citação de Michelet foi repetida, muitos anos depois, em *Três Anos na Itália* (Nísia não identifica o escritor) quando a escritora estava em Florença e comentava a

[1] Michelet, Jules. *Cours do Collége de France.* Éditions Gallimard, 1995, p.120.

prostituição de Paris. Michelet é identificado apenas como um "célebre escritor francês": Nísia teria reencontrado Michelet em Paris? Enquanto ela viajava na Itália Michelet publicou em novembro de 1858 *L'Amour,* e em novembro de 1859, *La Femme,* dois acontecimentos literários e sociais da cidade. Nos dois livros Michelet tratou de temas muito discutidos na França, e que Nísia faz referências no seu livro de viagem: o adultério, prostituição, infanticídio, crimes atribuídos a falta de educação moral da mulher. Da mesma maneira que Comte, Michelet, propõe que as mulheres dediquem-se, abnegadas, ao outro, aos filhos à família, que sejam no lar um altar.

"Grand Tour"

Na viagem à Itália a brasileira dedica-se ao seu aprendizado, seu "Grand Tour".

"Observar o mundo - escreveu - é uma grande ciência; analisar e comparar os costumes, modos de vida, os diferentes graus de civilização dos povos, é o melhor estudo que o viajante pode fazer."

A viajante visita os túmulos dos grandes homens, as casas onde viveram os grandes gênios, os lugares por onde passaram outros escritores, as universidades (sempre destacando as universidades que acolheram mulheres entre seus quadros, como a de Bolonha, onde ensinaram as sábias Gaetana Agnesi(1718-1799), matemática, e Clotilde Tambroni (1758-1817), grego; laboratórios de astronomia, os museus, galerias de arte. Como todas as viajantes de sua época, faz as obrigatórias visitas aos hospitais, casas de caridade, e asilos para loucos.Com a ajuda do guia Nísia arrisca-se a fazer alguns comentários sobre as obras de arte. Além da admiração por Rafael, Michelangelo, e Giotto, onde parece repetir juízos do guia, num único momento manifestou mais claramente sua opinião, em Veneza, quando afirmou não apreciar Tintoretto.

Em Florença, instalou-se na *Calle del Sol*, para ficar por mais tempo, atraída pela vida cultural, que comparou com a de Paris, e da qual participou plenamente: assistiu cursos e conferências, conversações literárias, participou das festas, compareceu a saraus literários e ofereceu saraus literários, onde poetas italianos declamaram poesias sobre a libertação da península; e teve seus livros publicados por prestigiadas editoras da cidade,

um deles *Consigli a mia figlia*, foi adotado por uma escola de meninas da cidade de Mondovi, no Piemonte:

"Duas pequenas obras que escrevi em italiano, publicadas em Florença, foram recebidas com muita simpatia e mereceram elogios muito acima do seu mérito(...) duas coisas devem ter suscitado aos meus leitores as belas e gentis palavras que me endereçaram: a novidade de lerem obras de uma Brasileira, escritas na sonora e poética língua italiana, e a expressão de amor materno e élan humanitário dessas pequenas obras".

Além de *Consigli a mia figlia*,1858 e *Scintille d'un anima brasiliana*,1859, em 1860, Felice Le Monnier, "o editor do *Risorgimento*" publicou a tradução de *A Lágrima de um Caeté*, feita por Ettore Marcuci, amigo florentino de Nísia, que a dedicou a Américo Augusto, filho da escritora. O tradutor relaciona o texto de Nísia com a situação que a Itália vivia, a luta pela liberdade. O Brasil das primeiras lutas de Pernambuco encontra-se com a Itália, com a literatura política do romantismo italiano, como política era literatura dos estudantes de Olinda. *A Lágrima de um Caeté* tem uma epígrafe de Victor Hugo, o mais famoso exilado político da Europa naqueles anos, os versos do poema La Liberté:

...fillle sainte de Dieu.
Liberté! Pour flambeau de la gloire orageuse.
Non, je t'ai point dit adieu!

E liberdade era a palavra que mais se escutava nos anos em que Nísia morou na Itália. Porém, mesmo com toda a agitação política, que se sucedeu à guerra contra a Áustria e à anexação da Toscana ao reino do Piemonte, em Florença, disse Nísia, "os dias passam como dias de festa":

"Entre outras atrações variadas que a cidade oferece, as numerosas obras primas de arte que sempre revemos com mais interesse, e a sociedade de pessoas distintas que nos procuram, encontramos um novo encanto assistindo o curso de botânica do sábio Parlatore, ministrado numa grande sala da *Spécola*. Muitas mulheres, quase todas estrangeiras, seguem aqui, como em Paris, os cursos públicos, este curso é uma atração a mais de Florença, pois encontro aqui, como em Paris, a útil recreação do estudo que outrora me ligou tão fortemente ao Colégio de França, e ao Museu de História Natural."

A cidade reuniu naqueles anos da década de 1850, algumas escritoras: Elizabeth B. Browning, que morava na Casa Guidi, onde escreveu seus poemas mais conhecidos, entre eles *As Janelas da Casa Guidi*, 1856, e *Aurora Leigh*,1857; esteve em Florença, em 1857, a americana Harriet B. Stowe, que escreveu uma novela sobre a época da república do monge Gerolamo Savonarola(1452-1498), *Agnes of Sorrento*, 186; George Elliot esteve em Florença em 1860, e fez pesquisas para o seu romance *Romola*, 1862, também sobre a época de Savonarola. Além delas, a francesa Louise Colet, participou das festas para Vittorio Emamnuelle, em maio de 1860.

A partir dessa convivência com os meios cultos da Europa, Nísia faz do seu livro de viagem um discurso feminino brasileiro sobre a Itália e outros países. Mostra-se uma observadora crítica, como se propõe a sê-lo na epígrafe de Millevoy: "Tudo ver sem nada julgar, é percorrer o mundo e não viajar". Critica os governos que não educam o povo e nem dedicam-se na procura da sua felicidade, critica também a empreitada colonialista da França, na Argélia; e da Inglaterra, na Índia. Discorre sobre a prostituição e miséria "abismos sob as flores da civilização" (título de um dos seus textos publicados em Florença), das duas grandes cidades da Europa civilizada, Paris e Londres,

Criada numa tradição de revoltas liberais, a escritora tem grande simpatia pelas revoltas populares, vê o povo como uma "entidade mística", "o verdadeiro soberano das nações"[1] e na Itália, visitou os lugares que lembravam a derrotada república de 1848-1849 com a mesma devoção com que passeava nos campos de batalha dos antigos romanos. Ao passar na *Ponte Molle*, em Roma, palco de batalhas da Roma antiga, lembra da "infeliz expedição dos tempos modernos da república francesa contra a república romana".Em Nápoles fez questão de visitar a casa de Massaniello, líder de uma revolta popular no século XVII. Demonstra grande antipatia por Luiz Napoleão, que povoara a Europa de exilados franceses, e que representa alegoricamente no seu livro todos os tiranos.Comunga das idéias de Garibaldi e outros revolucionários italianos, e embora tenha horror à guerra defende-a desde que para libertação de um país, ou de escravos.

Nos quatro livros que publicou em Florença: *Consigli a mi figlia,* 1858 e sua tradução para o francês: *Conseils à ma fille*,1859; *Scintilles d'un'anima brasiliana*,1859; e

[1] *Opúsculo Humanitário*, op. cit. p., 118).

Le Lagrime d'un Caeté, 1860, e nos outros, que publicou em Paris (os relatos de viagem e *Fragments d'un ouvrage inédit*, seu último livro conhecido), moralista e educadora, Nísia dedica-se à construção de um auto-retrato, de onde surge um modelo de mulher brasileira ideal, para a nova nação que se formava: mãe e filha dedicada, guardando a memória do marido, uma mulher culta, com grande instrução: virtuosa como Cornélia, modelo das matronas romanas, e culta como Corinne, a mulher de letras idealizada por Mme. De Staël; por vezes guerreira como Telesila, a poeta da cidade grega de Argos. Uma mulher que poderia fazer parte de um Panteão nacional. Aproveita a viagem na Itália, e o livro de viagem, publicado na França, para mostrar o "verdadeiro" Brasil para os leitores da Europa. Como disse na viagem de Pádua para Veneza a um senhor que ficara surpreso ao saber que elas eram do Brasil:

"Na verdade a atual situação do Brasil ainda é pouco conhecida em grande parte da Europa, onde o relato de alguns que se dizem críticos dos modos e costumes desse grande império, não fazem mais do que manter os europeus em completa ignorância sobre seus progressos, e não devemos nos espantar com a surpresa que despertamos naqueles que só conhecem o Brasil por seus relatos e gravuras representando as castas aborígenas. (...) Mesmo entre as classe letradas da velha Europa cometem-se com freqüência muitos erros grosseiros quando falam dos povos além do Atlântico. (...) nós sempre ficamos felizes em dar às pessoas que conhecemos uma idéia mais digna do nosso Brasil.."

II_ A VIAGEM

Nas primeiras décadas do século, muitos viajantes tinham dificuldade em conciliar a grandeza do passado italiano com o presente da península dividida e dominada por estrangeiros. Enquanto gerações de italianos empenhados com o *Risorgimento* viam nos monumentos e ruínas fragmentos de história, símbolos de sobrevivência e não de decadência, os viajantes do século XIX continuavam com o "triste hábito de viajantes do século XVIII, de amar a Itália (pelo passado grandioso) e desprezar os italianos decadentes" [1] A Itália atraía como uma civilização imóvel, onde a natureza exuberante e as obras de arte contrastavam com a degradação do seu povo.

Esta atitude dos viajantes fez parte dos diálogos de *Corinne*, de Mme de Stael, que procurou despertar simpatias pelo povo italiano. Oswald, em carta para Corinne comenta:

"O que lhes resta de lembranças da antiguidade é qualquer coisa de gigantesco na expressão e magnificência exteriores; porém ao lado dessa grandeza sem base, vemos o que há de mais vulgar no gosto e mais miseravelmente negligenciado na vida doméstica."

Na sua resposta Corinne alegou: "Dizeis sobre os italianos o que dizem todos os estrangeiros, o que deve chocá-los á primeira vista: mas é preciso penetrar mais para julgar este país que foi tão grande em épocas diversas (...) os estrangeiros de todos os tempos conquistaram, dilaceraram este belo país, objeto de uma ambição perpétua; e estrangeiros reprovam com azedume nesta nação os erros da nações vencidas e dilaceradas." [2]

Os viajantes que percorriam a Itália nas primeiras décadas do século XIX, não viam a nação que estava há séculos sob dominação estrangeira, e procuravam as terras onde floresciam as laranjeiras em flor, de que falava Goethe; da "miragem" de que falava Lamartine ("A Itália não é um país é uma miragem"); e compartilhavam com Byron do fascínio da poesia das ruínas, da melancolia que elas despertavam no viajante

---

[1] *Italies*, op. cit. 1988
[2] *Corinne*, op. cit. p.157.

contemplativo, que perambulava com Childe Harold nos "desertos de mármore" de Roma, lamentando as "águas turvas do velho Tibre", repetindo as palavras do poeta:

"Mas minha alma perambula; quero-a de volta
Para meditar entre os escombros, e ficar
Uma ruína entre as ruínas; aí buscar
Estados caídos e grandezas enterradas....[1]

Repetindo o gesto de muitos viajantes, Nísia fala no prefácio.

"Por que a hesitação que contraria o nobre desejo de respirar, na terra dominada pela lembrança dos grandes povos que a habitaram e cuja história eu admiro? Não saberia dizer senão pelos relatos que escuto, quase todos os dias, sobre a triste decadência em que caíram os povos grego e italiano. (...) fechemos os olhos à deplorável situação da Grécia e à decadência da Itália para abri-los à sua ressurreição, e vamos viver no seu passado."

Porém, ao chegar na Itália, diante dos sinais de decadência de Gênova, a primeira cidade que visita, Nísia declarou-se diferente dos outros viajantes:

"Venho para a Itália trazendo um espírito todo americano, um coração todo brasileiro, isto é, cheio de entusiasmo e amor por tudo o que é grande, nobre e infeliz.(...) entro na Itália sem nenhum dos preconceitos que se tem contra o povo italiano."

Nísia conhecia por experiência própria o modo dos viajantes avistarem outras terras - a arrogância dos que criticavam na Itália o que o povo não era mais, parecia-lhe a mesma dos que viajavam pelo Brasil e criticavam o que o povo não conseguia ser.

A medida em que a unificação vai se tornando uma realidade que ela presencia, a Itália do presente se sobrepõe à Itália do passado que ela pretendia visitar; o movimento político toma conta do seu discurso, e as imagens da pátria que espera a libertação, dos tiranos que a acorrentam, da mãe pátria despedaçada que espera reunir todas as suas filhas, repetem-se em quase todas as páginas. Observa, como muitos outros escritores da época, que o grande problema da Itália era a dominação austríaca e a influência da Igreja, e desconfia da ajuda de Luiz Napoleão. O sentimento de simpatia e solidariedade com a Itália derrama-se pelo seu texto, onde Brasil e Itália se encontram: um país que renascia,

---

[1] Lord Byron. Childe Harold's Pilgrimage, Canto IV, XXV. Em *The Great Romantics*. New York Quality Paperback Club, 1993. Tradução livre, inédita, de Pedro Lyra.

acordava, e um país que engatinhava, um "garotinho audacioso, como Nísia refere-se ao Brasil.

No prefácio do segundo volume, publicado muitos anos depois da viagem(1868 ou 1869?)Nísia reafirmou sua simpatia pela causa italiana: "Nenhuma nação merece mais do que a Itália atrair a admiração do mundo, seja pela multiplicidade dos seus feitos guerreiros, seja pelo imenso desenvolvimento que deu às artes e ciências importadas do Oriente, seja enfim, por sua longa e dolorosa luta contra a série repetida de tiranos que dividiram seu solo, e perseguiram com maior ou menor crueldade as idéias de independência nacional e de liberdade."

Em 1858, Nísia viajava numa Europa de republicanos e democratas exilados: franceses refugiados na Suíça, Bélgica e Inglaterra; italianos, na Inglaterra (Mazzini e Garibaldi), e de um principado, ou ducado, para o outro, da Itália. Entre eles o poeta Victor Hugo. Em 1856, quando Camilo Cavour no Congresso de Paris levantou a possibilidade de uma união entre a França e o Piemonte, avesso à essa solução, Mazzini, do seu exílio em Londres, solicitou a Victor Hugo que fizesse uma advertência aos italianos. A resposta de Victor Hugo foi publicada nos jornais em 26 de maio de 1856. Com sua habitual eloqüência, temperada pelos anos de exílio, Victor Hugo pregou a revolução como única forma de libertação:

"Tenhamos fé. Nada de meios termos, meios compromissos, meias medidas, meias conquistas." (...) vivemos num tempo de formidáveis passos, chamados revolução. Os povos perdem os séculos e os ganham de novo em uma hora. Para a liberdade, como para o Nilo, a fecundação é a submersão(...) Lembrai-vos das marcas de lama e das gotas de sangue nas mãos pontifícias e reais."[1]

Apesar dos avisos do poeta, reis e pontífices ainda dominariam a cena na Itália, por muitos anos. Porém, o estilo arrebatado de Victor Hugo traduz os sentimentos dos democratas da Europa com relação à Itália, principalmente dos exilados pelo golpe de 2 de dezembro de 1852. Nísia conviveu com um dos exilados franceses, o "digno democrata", o positivista S***, que "definhava na dor de um longo exílio". Em Gênova, ela passou parte do mês de novembro de 1858 ao lado deste amigo, "numa tebaida", como descreveu o

[1] Victor Hugo. *Actes et Paroles. Pendant l'Exil* (1852-1870). Paris: Nélson, Éditeurs, 1932, p.223.

isolamento em que se encontrava o francês, e as conversas que mantiveram sobre a liberdade, e a esperança de dias melhores para a França e para a Itália.

A Itália Ressurgente

Quando Nísia embarcou em Marselha, em março de 1858, com destino à Gênova, deixou a França agitada pela execução, naquele mês, do revolucionário italiano Felice Orsini(1819-1858), que tentara matar Luiz Napoleão em janeiro do mesmo ano. Após o atentado e execução de Orsini, a França vivia em estado de sítio, com perseguições, deportações e prisões de republicanos e democratas. Uma situação descrita por Mme. Quinet, mulher do escritor republicano francês Edgar Quinet, exilado na Suíça, desde o golpe de 1851:

"Quem consegue sonhar tranqüilo neste ano de 1858, que só teve igual o ano de 1851? A lei de suspeição reina sobre os franceses, o ministério do interior e da segurança entregue ao oficial que expulsou a assembléia soberana, a França dividida em cinco províncias militares. Que inimigo é este que se preparam para esmagar?(...) Ainda hoje nos perguntamos por que a obra de uma mão italiana provocou tão cruéis castigos contra os franceses, por que a França tornou-se vítima das bombas de Orsini, enquanto a Itália foi recompensada?"[1]

Felice Orsini, constituinte na breve república romana de 1849, inconformado com a intervenção dos franceses, que causou a derrota dos republicanos italianos, principalmente com o presidente, seu ex-companheiro carbonário (na década de 1820, exilado na Itália, Luiz Napoleão participou de revoltas dos carbonários)[2], organizou um atentado contra o imperador. Uma bomba explodiu ao lado da carruagem quando ele se dirigia ao teatro, em Paris. Luiz Napoleão escapou ileso, mas morreram oito pessoas e várias ficaram feridas. O imperador aproveitou a comoção suscitada pelo atentado para fazer nova repressão aos democratas franceses: duas mil pessoas foram presas, 400 republicanos deportados para a

[1] Mme. Edgar Quinet. *Mémoires d'exil*.Paris: Armand Chevalier, Éditeur, 1870, p.6. Tradução minha.
[2] Em Florença, Nísia lembrou, ao entrar num restaurante, que Orsini e Luiz Napoleão haviam almoçado juntos naquele mesmo lugar.

África, jornais foram suprimidos. Enquanto exercia dura repressão contra os democratas, o imperador começou negociações com o ministro Camilo Cavour, do Piemonte, em julho de 1858, para fazer uma aliança contra a Áustria, prometendo libertar a Itália dos Alpes ao Adriático. As negociações resultaram na guerra do Piemonte e França, contra a Áustria, em junho de 1859, que começou a refazer o mapa político da Itália., e quando Nísia deixou a península, em junho de 1861, modificara-se profundamente a ordem política: "Em dois anos, de março de 1859 à junho de 1861, uma nova Nação surgiu na Europa, com 259.320 KM e 21.777.000 cidadãos."[1].

Porém, no ano de 1858, em que Nísia percorreu a Itália de Norte a Sul _ visitando Milão, Turim, Gênova, Florença, Siena, Veneza, Roma, Nápoles, e a Sicília _, a península dividia-se em três Estados: o Piemonte, os Estados da Igreja, e o Reino das Duas Sicílias(Nápoles e Sicília); em três Principados: Toscana, Parma e Modena; e pertenciam à Áustria, a Lombardia e Veneza. A divisão resultara do Congresso de Viena de 1815, e foi reconfigurada depois de 1849, com a derrota dos movimentos republicanos que aconteceram em várias cidades: Roma, Nápoles, Veneza, Palermo. A partir de então a Áustria dominava, além da Lombardia e Veneza, quase toda a península, com tratados de cooperação que facultavam-lhe o direito de intervenção militar, em caso de revolta popular. Entre os estados, só o Piemonte mantivera a integridade do território e instituições constitucionais. Ao chegar em Turim, em 1858, Nísia fala sobre o ar de liberdade que se respirava na cidade:

"O viajante amigo da Itália que ao visitar suas cidades sente-se triste diante da opressão que ainda pesa sobre elas, não poderá deixar de sentir alívio ao chegar ao Piemonte (...) ao chegar em Turim senti o bem estar da atmosfera de liberdade(...)Como a águia vigilante planando nas alturas, o gênio da grande nação em sua decadência abriga-se nas encostas dos Alpes e espreita o dia favorável...."

A Itália era formada por pequenos estados e ducados separados por fronteiras e alfândegas, com moedas próprias, um verdadeiro pesadelo para os viajantes. Os que partiam de Paris precisavam conseguir vistos nas diferentes legações, e os guias indicavam até mesmo "despachantes" para agilizar este trabalho. Nas alfândegas, sobremaneira dos

---

[1] Romano, Sérgio. *Histoire de l'Italie du Risorgimento à nos jours*. Paris: Éditions du Seuil, 1977,p.23

estados pontifícios, as bagagens eram vistoriadas, livros censurados, e muitas vezes fiscais corruptos cobravam pela liberação. O guia que Nísia usou na sua viagem previne o viajante sobre estes aborrecimentos. A viajante relatou a longa espera no porto de Civitavecchia antes de conseguir viajar para Roma:

"Aqui em Civitavecchia, mais ainda do que em Gênova e Livorno, sentimos as dificuldades que existem na Itália para os vistos e bagagens, dificuldade que aumenta quando entramos nos "estados pontifícios"(...) e uma confusão de vozes dos funcionários, pedindo e devolvendo as bagagens, após revistá-las e tudo isto sem nenhuma organização e com uma lentidão desesperadora."

A separação política da península acentuava uma diferença que era também cultural entre as diferentes regiões: na Lombardia, Piemonte, Pádua, mais próximas aos Alpes predominava a ação política, e maior influência da França; na Toscana do Renascimento, as artes, a literatura, atraíam desde o século XVIII viajantes dos outros países da Europa, sobremaneira os ingleses. Em Roma, a terra das ruínas, da igreja católica; e mais ao sul, Nápoles, onde predominava o fanatismo religioso, a superstição de uma população pobre, cercada por exuberante natureza. Não havia uma idéia clara do que era ser italiano, cada um tinha sua pequena pátria.

Apesar destas diferenças, nasceu e tomou conta da Itália um amplo movimento de independência e unidade política, o *Risorgimento*, que congregou o desejo de unificação política com a ressurreição cultural e artística da península. A idéia de *Risorgimento* fundava-se na esperança de que tão logo a Itália fosse libertada dos estrangeiros, que a dominavam há séculos, seriam liberadas também as adormecidas energias e forças morais do grande passado latino. Humanistas da Europa eram atraídos pela mistura de novo e antigo, clássico e jovem, reunidos na palavra *Risorgimento*:

" O fervor liberal que precedeu na Itália o *Risorgimento* é um dos belos fenômenos do século: desde o tempo em que o humanismo e o platonismo renascentes inflamavam as almas italianas, esse país raramente foi tomado de uma paixão tão pura."[1]

Desde o início do século diferentes artistas e escritores italianos trabalharam para criar, no emaranhado de diferenças regionais, onde nem mesmo a língua era uma só, uma

[1] Marguerite Yourcenar, em *Arquivos do Norte*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p.132

consciência de identidade nacional, um país espiritual que correspondesse à idéia de *Risorgimento*. Vittorio Alfieri (1794-1803) e Ugo Foscolo (1778-1827), foram precursores[1]. No poema *Il Sepolcri*(1807), escrito durante o domínio de Napoleão, uma reação ao edito de Saint Cloud que proibia a sepultura em igrejas, Foscolo fala sobre a função dos túmulos para a sobrevivência cultural e política da comunidade e exalta a Igreja de Santa Croce, de Florença, como um Panteão nacional por guardar os túmulos dos grandes nomes do Renascimento, a glória da Itália: Maquiavel, Galileu, Michelangelo. Foscolo fala também sobre o túmulo de Alfieri, que Canova começara a esculpir em 1807. A união dos dois grandes nomes italianos, o escritor Alfieri e o escultor Canova (1757-1822), parecia trazer para Florença os anos gloriosos do Renascimento:

"O poema de Foscolo contribuiu para a politização dos monumentos italianos, ícones do *Risorgimento*. A transformação dos monumentos em símbolo foi fundamental para a redescoberta de uma identidade nacional, sem a qual não seria possível a unidade política."[2]

A importância histórica do Panteão estendeu-se à toda Florença, capital moral do *Risorgimento*. Ás vésperas da guerra de libertação a cidade abrigava muitos escritores e artistas liberais, era sede de forte atividade editorial, um mercado importante de arte e antiguidade. Quando Nísia se estabeleceu em Florença para ficar durante 1 ano e meio(de dezembro de 1858 a junho de 1861) conviveu com Gino Capponi(1792-1876): "um dos grandes espíritos de Florença cuja companhia e conversação me proporcionaram um dos encantos de minha vida em Florença". Liberal e patriota, Capponi um dos mais respeitados intelectuais da Itália do *Risorgimento*, acolhia em Florença, desde a década de 1820 escritores e poetas. Morava na cidade o "poeta nacional, o primeiro depois de Dante", Giovan Battista Niccolini(1785-1961). Patriota, republicano e anticlerical, Niccolini publicou vários dramas históricos com referências políticas: levantes revolucionários, libertação da opressão estrangeira, entre eles *Arnaldo de Brescia*(1845), onde faz referência

---

[1] Em Nápoles os rapazes franceses do romance *Graziella*,(op. cit.pp 12 e 47) de Lamartine, liam "as cenas republicanas de Alfieri", e "um pequeno volume italiano de Ugo Foscolo, i ntitulado: Cartas de Jacopo Ortis, espécie de Werther, meio político meio romance, no qual a paixão pela liberdade de seu país confunde-se, no coração do jovem italiano, com a paixão pela bela veneziana."(...) o autor asilava-se no coração de todos os patriotas italianos e de todos os liberais da Europa."

[2] Em Springer, Carolyn. *The Marble Wilderness*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987,. p.117.

à Itália dominada por "pontífices e césares". Em Roma, em abril de 1858, diante da cela onde ficara a jovem Beatrice Cenci, Nisia lembrou alguns versos de Niccolini, autor do drama *Beatrice Cenci*(1844): *"Nom più la forza è dritto"*....Em julho de 1859, quando Florença comemorava a anexação ao reino do Piemonte, ela refere-se aos jovens e velhos poetas que tiravam de suas liras notas patrióticas, entre eles Niccolini: "o sublime poeta octogenário, que ainda temos o prazer de ver passar todos os dias nas ruas de Florença, com seu jovem amigo C*, sente rejuvenescer sua nobre musa sob o sol da liberdade italiana." Nísia conviveu também com Niccolo Tommaseo(1801-1874), poeta católico italiano que ficara por vários anos no exílio na França, e de volta à Itália participou da República de Manin, em Veneza em 1849, exilando-se depois em Corfu, onde ficou até 1854. Em 1859 estava em Florença, e participou de saraus na casa de Nísia.

Muitos estrangeiros moravam em Florença, entre eles a poeta inglesa Elizabeth Browning(1806-1861), que morava na cidade desde 1847. O *Risorgimento* da Itália foi um dos temas para os seus poemas, para as causas que encampou, ao lado da abolição da escravidão nos Estados Unidos, e de leis que protegessem as crianças trabalhadoras da Inglaterra. Elizabeth escutava cantos de liberdade das janelas de sua casa, evocados no seu poema *As Janelas das Casa Guidi*(1851):

> Escutei noite passada uma criança passar cantando
> Embaixo das Janelas da Casa Guidi, perto da Igreja,
> *Ó bella libertá! Ó bella"*

O Romantismo italiano desenvolveu-se ligado à causa nacional, engajado na luta pela independência. Tinha uma grande problema a resolver: num país em que se falavam vários dialetos, qual seria a língua literária? O italiano falado em Florença foi escolhido por Alessandro Manzoni(1785-1873), (que nasceu em Milão, onde morava em 1858, quando Nísia foi visitá-lo), para reescrever seu livro *I promessi Sposi*,1827, e publicar a edição definitiva de 1840-42. Manzoni dominou a cena literária italiana por quase todo o século e teve um papel essencial na formação da consciência nacional.

As ações mais políticas nas primeiras décadas do século ficaram a cargo de sociedades secretas, como os *carbonari*, criada na Sicília, em 1820, e que por vários anos organizou revoltas em diferentes cidades; e a *Giovine Italia*, de Giuseppe Mazzini(1805-

1872), um "herói hugoano", como o definiu Carpeaux[1]. Mazzini viveu muitos anos no exílio. Pregava a idéia de Roma como centro da história italiana, de uma República Federativa Italiana.

Numa das insurreições dos *carbonari,* em 1821, a polícia austríaca prendeu os conspiradores, entre eles o escritor Silvio Pellico(1798-1854), colaborador da revista milanesa *Il Conciliatori.* Na prisão, Pellico escreveu *Mi Prigioni*(1832), onde narra seus sofrimentos no cárcere austríaco. O livro tornou-se um símbolo do sofrimento dos liberais italianos, perseguidos pelos dominadores austríacos, e despertou a simpatia de toda a Europa liberal para a causa italiana. Sua prisão em Veneza, nos *il Piombi* do palácio dos doges, foi visitada por muitos viajantes, Nísia entre eles.

A partir de 1840, republicanos e monarquistas conviviam na Itália, disputando terreno em duas alas principais: a ala moderada católico-liberal, que via a Itália como uma nação cristã, unida com a Igreja; e a ala democrática, leiga, anticlerical que via a Igreja como o grande empecilho para a Itália republicana. Diferentes tendências com diferentes idéias sobre o passado que desejava-se ressuscitar com a nova nação. A Roma Republicana? Imperial? Cristã e Católica? A Itália das Comunas do Renascimento? A reforma religiosa era fundamental para o despertar da Itália. As discussões sobre a falta de decoro do clero, o poder temporal, "a santa influência" que mantinha amarradas as mãos italianas, faziam parte das conversas que Nísia participou e dos diferentes textos escritos na época. Entre eles, um texto que Nísia cita longamente, sem identificar o escritor, "um célebre escritor francês", que escreveu sobre o poder temporal, preconizando a sua dissolução. A figura do monge Girolamo Savonarola, que comandou um movimento político-religioso em Florença, nos anos de 1494-1498, a república savonaroliana, embora tivesse um caráter que pode ser chamado de reacionário, pois combateu o governo dos Médicis, tinha um lugar especial no pensamento do *Risorgimento*, porque preconizava a moralização e renovamento radical do cristianismo.

---

[1] Carpeaux, Otto M.*História da Literatura Ocidental* vol V. Rio de Janeiro: Alhambra, 1987, p.1313. "O romantismo no mundo latino inteiro, que é em grande parte um romantismo hugoniano, é antes revolucionário. (...) Agora os poetas viram heróis, e os heróis viram poetas: isto é poetas hugonianos. A figura mais hugoniana da Europa por volta de 1850 era Mazzini, o fundador da Giovine Itália.."

Nos anos de 1848-1849 a onda de revoluções liberais chegou na Itália.Em Veneza, em março de 1848, Daniele Manin liderou uma revolta popular contra a Áustria e instalou uma fugaz República que durou 7 meses. O movimento na Sicília começou em 13 de abril, quando os revoltosos conseguiram criar um governo provisório, revoltas também começaram em Nápoles, porém, o rei Ferdinando, com dura repressão conseguiu dominá-las, e ocupou Palermo com suas tropas, retomando a Sicília.

Nos estados pontifícios, o Papa Pio IX começou seu papado em 1846 como reformista liberal, e despertou esperanças por toda a Itália. Ao encontrá-lo em Roma, em 1858, Nísia anotou: "Mastai Ferretti, astro que brilhou por instantes no horizonte da humanidade e que em 1848 fez palpitar o coração da Itália com a esperança de ver realizada a grande obra de regeneração.." Em 1848 Pio IX nomeou um ministro laico, Pellegrino Rossi, que foi assassinado. O papa refugiou-se junto ao rei Ferdinando de Nápoles, em Gaeta. Em 5 de fevereiro de 1849 foi proclamada a República Romana, e dela participaram Mazzini e Garibaldi(1807-1882). Áustria, Espanha e França, uniram-se para restaurar o poder do papa, e em 30 de abril as tropas francesas atacaram Roma, em 2 de julho caiu a República Romana. Pio IX, saudado como um papa liberal terminou seu papado como um dos papas mais conservadores da Igreja, principalmente ao editar a Syllabus, em 1864, enumerações das decisões eclesiásticas da encíclica Quanta Cura.

Em Roma, ao visitar uma das *villas* onde Garibaldi ficara acampado, resistindo aos franceses, Nísia lembra o "memorável 1849 quando a república francesa veio frustrar a obra da República Romana". Muitas outras marcas das revoltas de 1848 se sobrepõem no relato de Nísia, aos grandes feitos do passado romano, e merecem da viajante a mesma veneração, como o Janículo, um dos símbolos da resistência romana de 1849: " terrível teatro do furor dos franceses bombardeando seus irmãos republicanos em 1849." Nísia refere-se aos últimos anos vividos pela Itália, desde as derrotas republicanas de 1849, como "anos de humilhação que tão duramente pesaram sobre a Itália, desde os grandes feitos e a cruel derrota dos seus filhos."

A movimentação italiana recomeçou a partir de 1855, no Piemonte. O ministro Camilo Cavour(1810-1861), que em 1847 fundara o jornal *Il Risorgimento*, atraía os democratas. Cavour modernizou o Piemonte, fortaleceu o exército e começou negociações

com a França, em busca de apoio para criar um estado independente no norte da Itália.. Em maio de 1858, Cavour e Luiz Napoleão tiveram um encontro secreto, e em 20 de julho selaram um acordo que incluía o casamento do sobrinho de Luiz Napoleão com a filha de Vittorio Emmanuele[1]. Em quase todas as cidades que Nísia visitou, encontrou sinais da guerra que se anunciava, e uma agitação política crescente. Em Roma, em abril de 1858, ela fala sobre "uma parte do povo que estende a mão aos passantes, enquanto uma outra parte agita-se num silêncio ameaçador, como as ondas longínquas do mar sob a influência de muitas tempestades".

A Aliança foi assinada em 26 de janeiro de 59, e em 29 de abril começou a guerra, marcada por sangrentas batalhas em Magenta, 4 de junho, (Nísia viajou para a França logo após a batalha e na volta estava ao seu lado uma mãe francesa que ia buscar os restos mortais do filho), e Solferino, 24 de junho. Longe do campo de batalha, no norte da península, algumas cidades rebelaram-se contra o domínio dos Estados Pontifícios, entre elas a cidade de Perugia, que instaurou um governo provisório, em 20 de junho. O papa enviou 2.000 soldados que massacraram a população e retomaram a cidade. De volta da Grécia, Nísia passou por Perugia alguns dias depois do sangrento massacre da população:

"Vi Perugia - escreveu Nísia - com o coração entristecido por sua infelicidade(...)Perugia sofreu sob as ordens do santo pontífice, ou daquele que comandou, uma das mais terríveis catástrofes dos nossos dias.(...) a vingança papal foi assustadora....excedeu todas as medidas."

Em 11 de julho Luiz Napoleão e o imperador da Áustria, à revelia do Piemonte, assinaram o armistício de Villafranca, que revoltou e desiludiu os italianos; "quanto desapontamento e raiva causou a paz de Villafranca!" Toscana e Modena recusaram-se a continuar sob o domínio de grão-duques, e através de um plebiscito decidiram pela anexação ao reino do Piemonte, de Vittorio Emmanuele.

Em maio de 1860, Garibaldi iniciou sua vitoriosa expedição da Sicília, e em 7 de setembro o reino das Duas Sicílias foi anexado ao Piemonte. A figura heróica de Garibaldi dominou toda a cena do ano de 1860, e atraiu para a Itália escritores franceses. Alexandre

[1] O acordo entre Cavour e Luiz Napoleão dividia a Itália em 4 estados: o Reino da Itália do Norte:Lombardia, Piemonte, Sardenha, Veneza e Romagna; Roma e cercanias ficariam com o papa; a Itália central reunindo estados pontifícios e Toscana; e um reino no Sul: Nápoles e Sicília. A França ficaria com Nice e Savóia.

Dumas foi para Nápoles para acompanhar a expedição de Garibaldi. A escritora Louise Colet viajou para acompanhar a ressurreição da Itália e seu livro publicado no mesmo ano que o de Nísia, e pela mesma editora, tem o título de *L'Italie des Italiens,* frase de Vittorio Emmanuele na primeira sessão do parlamento em Turim. Morando em Florença, Nísia também se deixou envolver pela jornada do "herói dos dois mundos" e transcreve no seu livro cartas e convocações de Garibaldi, publicadas nos jornais de Florença.

Em 1861 foi proclamado o Reino da Itália. Não faziam parte Roma e Veneza. As mudanças continuaram entre a viagem de Nísia e a publicação do seu livro, 1864-1868. Em 1862, o exército italiano combateu Garibaldi em Aspromonte, derrotado ele se recolheu na sua ilha de Caprera. Em 1867, nova marcha quando foi detido por tropas francesas. Veneza foi cedida à Itália em 1866. A guerra franco-prussiana de 1870 afastou os franceses de Roma, e as tropas italianas, à revelia do papa, que proclamou o dogma da infalibilidade papal, ocuparam Roma, desde então capital do reino da Itália.

Em 1870 e 1871, durante o cerco de Paris por tropas da Prússia, e durante a Comuna de Paris, a viajante brasileira, que parecia ter uma atração especial por conturbações, estava em Paris, e no seu último texto conhecido *Fragments d'un ouvrage inédit*,1878, escreveu um pequeno testemunho sobre os dois acontecimentos: " minha filha e eu fomos testemunhas de uma guerra sem paralelos nos tempos modernos, de um cerco atroz, cujos detalhes descrevi dia após dia, mas meu afeto pela França me impede de tornar público..."

A Grécia

Em meio à efervescência do movimento italiano, em 10 de abril de 1859, seu dia preferido para as partidas, Nísia viajou para passar um mês entre a Sicília e a Grécia. Ainda na Sicília, em 6 de maio ela rezou pelo feliz sucesso do espírito liberal de Florença, lembrando as notícias sobre a retirada do grão-duque e de sua família, que leu no *Monitore Toscano* de 28 abril, que lhe fora enviado pelos amigos florentinos.O interesse que a libertação da Itália despertou na Europa parecia repetir a mobilização solidária com a Grécia na guerra de libertação contra a Turquia, entre 1821 e 1829.

Ao viajar para a Grécia, em maio de 1859, Nísia percorria as cidades em busca das lembranças de suas leituras da infância, fazia a peregrinação clássica, a Grécia de Sócrates e Platão, lia as paisagens transfiguradas pela magia dos nomes, das lembranças das leituras, ia também em busca da Grécia dos Palicaris, os bravos soldados da guerra de libertação contra os turcos, aos campos de batalha da história antiga sobrepunham-se as guerras da libertação. Os heróis e heroínas gregos que tanto haviam encantado humanistas de todo o mundo pareciam surgir a cada passo: Canaris, cantado por Victor Hugo nos seus poemas Orientais; a corajosa Lascarina Boubolina, Mavrocordato, as bravas mulheres maniotas.Os quadros de Delacroix sobre a bravura das mulheres maniotas, atirando-se dos rochedos com os seus filhos para escapar dos turcos, e sobre o Massacre de Chio, vinham à lembrança nos lugares visitados. A sombra de lord Byron pairava sobre as praias do país que ele fora libertar e onde, antes de começar a batalha, morreu de uma febre malsã. A brasileira com certeza lembrava-se da Ode aos Gregos, 1825, do seu escritor e poeta preferido, José Bonifácio, que para ela rivalizava com os melhores versos das *Les Messéniennes,* 1819, de Casimir Delavigne:

"Ah! por que não sereis os que já fostes?

Mudou-se o vosso céu e o vosso solo?

No entanto após 30 anos do final da guerra o desejo de que o heroísmo dos gregos se transformasse num trabalho de regeneração moral, não fora realizado e a situação presente da Grécia, decadente, decepcionava os "amigos da Grécia". Solidários com a libertação do país do longo domínio turco, os antigos escolares que viajavam pela Grécia em busca das marcas dos sonhos arcádicos, mostravam-se desencantados com a nação moderna, que surgira após a libertação, que não conseguia esconder as marcas de três séculos de dominação. A regeneração que a Itália naquele ano tinha esperanças de começar a realizar, ainda não acontecera na Grécia, mesmo após 30 anos do final das guerras de libertação. E os viajantes continuavam lamentando o destino da Grécia, como os viajantes do início do século, repetindo os versos de Byron:

"Formosa Grécia!

Triste relíquia de um luxo desaparecido...

No início do relato sobre a Grécia Nísia diz: " venho à Grécia para embriagar-me com suas lembranças e sempre que possível farei abstração da Grécia moderna, esperando firmemente por dias melhores que virão, de completa regeneração para a Grécia e para a Itália..."

A tríplice aliança, - França, Inglaterra e Rússia - , formada em 1827 para auxiliar os gregos na guerra contra os turcos, ao término da guerra em 1829, escolhera um jovem príncipe da Baviera para governá-la. Um conselho de regência dirigiu o país até a maioridade de Othon, que foi proclamado rei em 1832. Comentando a situação dos gregos, Nísia lamenta a solução imposta ao país e fala sobre a insatisfação dos gregos com o rei, manifestando pela primeira vez sua preferência por um governo republicano, pelo menos em situações específicas, como na Grécia:

"Quanto às coisas da atualidade elas são o que conseguem ser sob um governo muito mal organizado imposto pelas grandes potências, ciumentas ou indiferentes com a prosperidade futura da Grécia renascente (....) Não um rei, mas um Washington seria conveniente para a Grécia. Que o futuro consiga dar-lhe um."

O reinado de Othon I durou até 1862, mas o desejo de Nísia não realizou-se, ele foi substituído pelo rei George I, da Dinamarca que governou de 1863 a 1913.

Os Brasileiros e a Itália

Nos séculos XVIII e XIX naturalistas, pintores, comerciantes, engenheiros, algumas mulheres, de diferentes países, percorreram o território brasileiro e montaram um grande painel descritivo do país, onde os próprios brasileiros conheceram-se, reconheceram-se e muitas vezes sentiram-se afrontados com tais retratos. Toda nossa historiografia usou estes relatos para compor a história e sociologia do brasileiro dos tempos coloniais e do Império. Coube a estes viajantes o papel quase único de montarem o discurso sobre a vida da mulher brasileira, um discurso uníssono ao longo do século XIX, onde predominou a imagem da mulher reclusa, cercada por escravos, semi-analfabeta.

Bons leitores destes relatos, os escritores brasileiros da primeira metade do século XIX praticamente não exercitaram o gênero, embora muitos deles tenham vivido por longos períodos na Europa, como foi o caso de José Bonifácio, Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, Torres Homem e até mesmo José de Alencar, que conheceu a Europa em plena idade madura. Dos poucos relatos de viagem que existe, a Itália é sem dúvida o lugar preferido. Terra do fascínio e da ilusão, de que falava Machado de Assis: "a fantasia ou a Itália é a mesma coisa (...) terra querida das recordações e das fantasias, do céu azul e das noites misteriosas".

O que seria o primeiro relato de viagem à Itália de um brasileiro foi uma viagem fantasiosa imaginada por Joaquim Manoel Pereira da Silva, na biografia que escreveu de Sousa Caldas, para o seu *Varões Ilustres do Brasil - Durante os tempos coloniais*(1856). O biógrafo imaginou a viagem de Sousa Caldas(que realmente esteve na Itália em 1762, mas não se conhece um relato desta viagem), e fazendo-se ntérprete do poeta descreveu o que ele teria visto:

"Abriu-lhe então a Itália os seus tesouros de mármore, e as suas riquezas de reminiscências. Falou-lhe a Itália ao coração e à mente. Desde a pátria de Virgílio até a poética Calábria - tudo viu - tudo estudou. Veneza com seus canais e suas gôndolas (...) Verona com seu circo romano e seus túmulos de Montechi e Capuletto; Milão com sua sé admirável (...) Roma com a majestade de suas poderosas reminiscências, com os restos quebrados, mas sublimes do seu antigo poderio, com seus edifícios que imortalizaram Michelangelo e R. d'Urbino, (...) tudo enfim dessa terra dourada e encantadora arrebatou e entusiasmou o vate brasileiro que por ela peregrinava(...) de cada resto abandonado dessas famosas ruínas viu levantar-se um suspiro ou cântico sonoro, melodioso, melancólico, mais doce ao coração do que o frêmito das vagas do oceano..."[1]

Porto Alegre publicou na revista *Niterói* (1836) um pequeno relato: *Contornos de Nápoles*, onde descreve, "como pintor", as paisagens dos arredores da cidade, que ele percorre seguindo os passos da *Eneida* de Virgílio. O texto termina com um longo poema _ A Voz da Natureza _ inspirado nas ruínas de Cumas.

---

[1] Pereira da Silva, J.M. *Varões Ilustres do Brasil. Durante os Tempos Coloniais*. 3.ed. Tomo I, Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1868, p. 202.

Gonçalves de Magalhães percorreu a Itália em 1834, com Porto Alegre, e embora não tenha escrito nenhum relato, grande parte de suas poesias de *Suspiros Poéticos e Saudades*, 1836, algumas delas pequenas "cartas" dirigidas a amigos e familiares, fazem um roteiro poético de cidades e paisagens italianas: A Vista de Roma, O Christianismo, na catedral de Milão; O Cárcere de Tasso; As Ruínas de Roma ao clarão do luar; Uma noite no Coliseu. Na poesia que dirigiu ao mestre Monte Alverne, Magalhães descreveu a Roma que avistava:

Eis-me em Roma! Da Pátria tão distante!
(....)
Roma é bela, é sublime, é um tesouro
De milhões de riquezas; toda a Itália
É um vasto museu de maravilhas.

Pereira da Silva é autor de alguns relatos de viagem reunidos com outros textos no livro *Variedades Literárias*, 1862: "Viagem pela Alemanha, 1837; "Impressões de Viagem",1851-1852 e "Reminiscências", 1858, onde lembra duas visitas à Itália, em 1837 e 1858, comparando os sentimentos diferentes do jovem e 20 anos depois do homem maduro. Veneza e Roma foram as cidades preferidas do jovem: " animavam-me a história e a poesia". O homem maduro prefere observar os progressos agrícolas da Lombardia, as artes florescentes de Florença. Grande parte do relato é dedicado a Roma, às lembranças clássicas que a cidade despertava.

Deputado monarquista conservador, pragmático, sua visão dos movimentos populares não tinha nenhum dos arroubos românticos de Nísia.Pereira da Silva estava em Paris durante o golpe de 2 de dezembro, que apoiou. Em suas *Impressões de Viagem* escreveu: "os revolucionários e anarquistas são as maiores pestes do universo, (...) são figuras patibulares e horrorosas como as fúrias do Averno, que convidavam o povo à revolta." Sobre os acontecimentos de 1848 e 1851 na França emitiu opiniões dignas de um conservador de direita do nosso século, identificando nos comunistas os principais inimigos da sociedade:

"A luta entre o presidente e a assembléia, que fraciona o partido da ordem, proveita só aos demagogos, socialistas, comunistas, e sectários de sistemas destruidores da

sociedade, família e propriedade: deverá ser o combate entre o partido da ordem e os vermelhos; deveria ser a contenda entre o "to be or not to be" da sociedade! Trouxe tudo isto a revolução de 24 de fevereiro de 1848."

Pereira da Silva foi ainda mais expressivo ao descrever os comunistas: " é preciso vir à Paris para conhecer o que é o blusa, verdadeiro arraia miúda, na frase expressiva do nosso Fernão Lopes, com figuras patibulares, olhos de tigre, unhas de dragão, roto, esfarrapado e sequioso da fortuna alheia e do sangue do aristocrata e homem rico".[1]

Na década de 1850, a Itália preencheu o serão dos jovens estudantes da Academia de Direito de São Paulo. Os jovens poetas reunidos pela história literária na "segunda geração romântica", diferente dos senhores do primeiro romantismo não viajaram para a Europa, porém em vários poemas fazem viagens de fantasia, guiados por Byron, Musset e Lamartine. Como Fagundes Varela, em "Fragments", 1861:

Mendiguei um alívio ao céu da Itália
Aos cantos do barqueiro errei á noite
Nas ondas perfumadas de Sorrento
Adormeci na encosta do Vesúvio.

E Álvares de Azevedo, "A Itália":

Ver a Itália e morrer!...Entre meus sonhos
Eu vejo-a de volúpia adormecida:
Nas tardes vaporosas se perfuma
E dorme à noite na ilusão da vida!

Menos sonhador, e solidário com os italianos, Machado de Assis publicou o poema "Á Itália" no Correio Mercantil, de 10 de fevereiro de 1859, quando chegaram as notícias da guerra de 1859:

O século é belo. A liberdade canta
Despe esses ferros de dormente escrava,
Que o sol dos livres no horizonte vem!

---

[1] Pereira da Silva, J. M. "Impressões de viagem", em *Variedades Literárias.* Rio de Janeiro. G. Garnier, 1862.pp 97, 122, 126, 133.

III_ ITINERÁRIOS

Nísia e Lívia permaneceram na Itália de março de 1858 a junho de 1861. Nos primeiros seis meses, de março a agosto de 1858, visitaram as cidades de Gênova, Livorno, Pisa, Roma e arredores(1 mês); Nápoles e arredores(1 mês), Florença, Pistóia, Bolonha, Ferrara, Pádua e Veneza. As viajantes cumpriram o roteiro mais tradicional de viagem à península, desde o "Grand Tour" dos jovens aristocratas ingleses dos séculos XVII e XVIII, que privilegiava os quatro grandes centros da civilização italiana: Roma, Florença, Veneza e Nápoles. Todo este roteiro compõe o primeiro volume, que tem uma estrutura mais próxima a um diário de viagem, com comentários sobre arte, história, costumes, e observações pessoais.

A viagem continua no segundo volume, nos meses de setembro e outubro de 1858 entre as cidades de Verona, Turim, os lagos de Guarda e Maggiore. De Turim Nísia viaja para a França, pelo Simplon, fica 38 dias entre França e Suíça e retorna à Itália em novembro de 1858, via Monte Cenis, para Gênova onde inicia a segunda temporada na Itália, conforme anotou em Gênova, novembro de 1858: " eis-nos de novo sob o belo céu da Itália.".

De Gênova, Nísia e Lívia viajam para Florença onde permanecem de dezembro de 1858 a abril de 1859. Em abril e maio viajam para a Sicília e Grécia. Voltam para Florença via Nápoles e Roma, em junho de 1859. Nísia faz uma pequena viagem à França, de 10 dias (agosto de 1859). Na volta sofre um acidente de trem na estrada entre Susa e Turim. Mais uma vez em Florença aí permanece até 10 de julho de 1860. Neste dia deixa a Toscana em busca de melhor clima, e instala-se no vilarejo de Mobasilio próximo à cidade de Mondovi, no Piemonte. Sua viagem transforma-se numa estação de cura, as paisagens e passeios campestres substituem os saraus literário de Florença. Em 13 de dezembro de

1860 parte para San Remo, onde permanece até junho de 1861, quando deixa de vez a Itália.

Nísia viajou numa época que foi uma espécie de linha divisória entre as levas de turistas da segunda metade do século (a primeira viagem em grupo para a Itália foi organizada por Thomas Cook, em 1864) e as viagens da primeira metade do século. As estradas de ferro expandiam-se e tornavam as viagens menos custosas e mais rápidas. Nísia usou a estrada de ferro entre Paris e Marselha, um percurso de 21 horas, e um navio a vapor das *Messageries Maritimes* que a levou de Marselha para Gênova. De Gênova, também por estrada de ferro, um dos poucos percursos que existiam na Itália, foi para Pisa e Livorno, e de novo de navio para Civitavecchia, e de carro para Roma. De volta da Grécia, um ano depois ela fez o mesmo trajeto pela recém inaugurada estrada de ferro ligando Civitavecchia a Roma

A chegada à Roma pela estrada de ferro tirava a emoção da chegada em diligência: ao avistar a cidade ao longe o cocheiro parava o carro e dizia aos viajantes "Ecco Roma." O conforto no modo de viajar proporcionado pelo vapor, que segundo Nísia "encurtava distâncias e irmanava os povos", não tirava apenas a emoção poética da chegada.Nísia sofreu um acidente de trem no percurso de Susa a Turim, talvez um dos primeiros desastres de trem da Europa, com muitos mortos e feridos, e narrou o desastre, onde escapou por pouco, no segundo volume do seu livro. Os ferimentos e o abalo psicológico que sofreu deixaram seqüelas, e a obrigou a deixar Florença para uma estação de cura nas montanhas do Piemonte e em San Remo, onde permaneceu no último ano de sua estada na Itália.

Muitos viajantes reclamavam que o vapor tirava a poesia da viagem. Antoine Valery(?-1847) no seu guia de 1845 comenta:

"Os navios a vapor são com certeza muito práticos, confortáveis, mas esse tipo de navegação é triste e pouco poético: a fumaça, o barulho da chaminé, um restaurante, um tipo de gabinete literário, é como um pedaço de Paris flutuando no meio do oceano - o navio não combina com as lembranças mitológicas do mar Tirreno, e a negra fumaça do carvão deve esconder as Nereidas no fundo das águas."[1]

---

[1] Valery, Antoine Claude(dit Valery). *Voyages Historiques, Littéraires et Artistiques en Italie. Guide Raisonné et Complet du Voyageur et de l'Artiste.* 3ed. Bruxelles: Societé Belge de Librairie Hanmann, 1854, p.60.Tradução minha.

Já o brasileiro Pereira da Silva(1851) mostrou-se muito encantado com o trem: "Tenho ouvido dizer que os caminhos de ferro tirarão às viagens a sua cor pitoresca e poética. Penso que nada há de mais pitoresco e poético que ver um caminho de ferro e um telégrafo elétrico porque revelam o poder e a inteligência do homem..."

Em grande parte das viagens entre as cidades Nísia usou o serviço de diligência, e os *vetturinos*, serviço muito popular na Itália. Tratava-se de um contrato feito com o dono de um carro, que se encarregava de toda a viagem: troca de cavalos, paradas para descanso e refeição. Era mais barato do que a diligência, viajava-se com menos passageiros(as diligências levavam até trinta passageiros, apertados num espaço pequeno e sempre fechado), e a negociação era feita diretamente com o dono do transporte. Os *vetturinos* paravam nas estações de diligências ao longo do caminho, para troca de cavalos e descanso dos passageiros no " *Hotel de Poste*". Na viagem à Grécia, Nísia usou o navio para a Sicília e depois para Atenas, e para as cidades próximas à Atenas, e no Peloponeso as viagens foram feitas em montarias. Para percorrer a Itália e Grécia, na década de 1850, Nísia utilizou vários meios de transporte - navio, trem, carros puxados por cavalos e montarias.

A partir do roteiro de viagens de Nísia e Lívia, a composição dos dois volumes é bem diferenciada. O primeiro narra visitas com descrições das cidades e paisagens, com comentários sobre obras de arte, igrejas, seguindo um roteiro preestabelecido por um guia do qual Nísia toma de empréstimo informações para compor o seu relato. O segundo, embora continue o roteiro de viagem até Turim e os lagos, refere-se a uma estada maior, onde a escritora torna-se cronista dos acontecimentos da história italiana, o período crucial da luta pela unificação, e para escrever seu relato, além do guia, usa artigos dos jornais da época, comentários de italianos sobre os acontecimentos, opiniões de escritores sobre as questões da unificação.

Os dois volumes reúnem as impressões que a viajante coleciona durante a viagem, seguindo o roteiro do guia, repetindo as informações que dele retira: os pequenos resumos históricos e geográficos dos lugares por onde passa, conselhos práticos aos leitores. A escritora em alguns momentos faz o seu relato de viagem assumir a função de um álbum onde anota improvisos, orações, pequenas histórias morais ("o amor no casamento", "um crime cometido por amor e sua punição"), divagações poéticas (Sonho, A América ao

Gênio de Veneza), opiniões pessoais sobre o poder temporal, educação da mulher, escravidão no Brasil, colonialismo europeu, e muitas lembranças "descritivas" da natureza e paisagens do Brasil, uma pátria sonhada sobre a qual o leitor poderá montar um retrato, enquanto descobre a Itália. Como num álbum de senhoras, no livro não faltam as poesias dos amigos: durante os saraus em Florença comemorando a anexação da província ao reino de Vittorio Emmanuele, e enviadas para o seu aniversário em outubro de 1860. Não faltam também suas datas pessoais: os aniversários dos parentes, e o enigmático dia 6 de cada mês, sempre lembrado.

O Guia

Quando Nísia viajou para a Itália os viajantes que percorriam a península na década de 1850 podiam escolher alguns guias para acompanhá-los. Os ingleses, viajantes contumazes na Itália, desde o Grand Tour, ainda viajavam com *A Tour Trough Italy*, 1813, do Rev. John Eustace, que teve várias edições; e *Letters for Italy*, de Mariana Starke[1], que teve 9 edições entre 1800 e 1839, um precursor dos guias modernos(e o primeiro escrito por uma mulher). Porém, a partir de 1845, estes guias começaram a ser substituídos pelo *Murray's Handbook for Traveller in Central Italy*, que embora muito volumoso - tinha cinco volumes de 550 páginas cada _ era continuamente revisado, e foi publicado simultaneamente em Londres, Paris e Leipzig. Guia que a personagem de Mary Garland, do romance *Roderick Hudson*(1875) de Henry James, tinha constantemente em suas mãos.[2] Para a observação sobre arte, os livros de Jonh Ruskin (1819-1900): *Modern Painters* (1843-1860), e *The Stones of Venice*(1851-1853), eram manuais obrigatórios, seguidos à risca por muitos viajantes, e por várias décadas. Nos primeiros anos do século XX, a viajante canadense Lady Jepheson, antes de viajar para a Itália leu "todos os livros de Ruskin e aprendeu o que deveria detestar e admirar", e considerava grande independência

[1] Lynne Withey em *Grand Tours and Cook Tours - A History of Leisure travel.* New York:William Morrow and Company Inc.1997, faz um histórico sobre os primeiros guias ingleses (p.61 at all).
[2] Vê em Varriano, John. *A literary companion to Rome*. New York. St. Martins Griffin,1991, p.14

do marido "gostar de Ghirlandaio ao invés de Giotto, o preferido de Ruskin".[1] Nísia, porém, cita comentários de Giorgio Vasari(1511-1574), do tradicional *Le vite dei più celebri pittori, scultori e architteti*, 1550, muitos deles retirados do seu guia.

Os franceses podiam escolher entre *Voyages Historiques e Artistiques en Italie-Guide Raisonné et Complet du Voyageur et de l'Artiste*, 1835, de Valery (Antoine Claude Pasquin(?-1847), reeditado em 1845, com o anexo *L'Italie Confortable*, guias que fizeram muito sucesso nas décadas de 1830 e 1840; e o mais atualizado *Itinéraire Descriptif Historique e Artistique de L'Italie et de la Sicille*, do jornalista e crítico de arte do jornal *L 'Illustration*, Joseph Augustin Du Pays(1804-1875), publicado pela Hachette, 1855, um só volume com 660 páginas, reunindo informações práticas: mapas, indicações de estradas, hotéis, restaurantes, meios de transporte, custos, roteiros específicos para cada cidade ou galeria e museu de arte, com comentários históricos e artísticos de um verdadeiro estudioso.

O guia de Du Pays fazia parte da coleção de guias *Joanne*, criada pelo jornalista Adolphe Joanne, para a Livraria Hachette, em 1852. Joanne recrutava seus autores entre escritores e estudiosos. O geógrafo Elisée Reclus assinou três volumes. O próprio Joanne escreveu o guia para a Suíça. A coleção era dirigida para os viajantes cultos e reunia informações sobre história, geografia, estatística, coleções de arte, ciência, indústria e comércio de diversas regiões da Europa e Oriente. Esse cuidado do editor tornou seus guias muito apreciados pelos viajantes. George Sand no romance *La Danielle*(1857), recomendou o guia de Du Pays para a Itália:

"Entre os melhores guias, recomendo os do senhor Adolphe Joanne e A. J. Dupays, na Suíça e Itália. São verdadeiros manuais de arte e saber enciclopédico, sob uma forma excelente." [2]

O guia da mesma coleção para o Oriente foi escrito por Emile Isambert e publicado em 1861, "uma verdadeira enciclopédica oriental, em todos os domínios; a bíblia dos

---

[1] Jepheson, Lady Harriet. *Notes of a Nomad.* London: Hutchinson &Co, 1918, p.87. Tradução minha

[2] George Sand, *La Danielle*, Paris: Calman-Levy, Éditeurs, s.d; vol 1,p.151(1 edição 1857). O romance de Sand, citado por Nísia quando visitava as cascatas de Tivoli, deu-me a dica para verificar que o guia usado por Nísia foi o de Du Pays, como podemos constatar por suas inúmeras citações retiradas do guia, sem que em nenhum momento ela faça referência ou indique sua fonte.

viajantes nas últimas três décadas do século"[1] O caráter enciclopédico do guia Joanne fez concorrência com os relatos escritos por estudiosos e escritores. Na *Revue des Deux Mondes*, espaço privilegiado para os relatos de viagem dos escritores franceses, Charles Rémusat comentou, no artigo "Voyage dans le Nord d'Italie": "O que dizer de instrutivo que ainda não tenha sido escrito? Os guias de viajantes tornaram-se livros. Nós temos em francês do senhor Du Pays, que é excelente."[2]

Os guias da Hachette, além disso, inauguraram um eficiente meio de divulgação e vendas. Em 1852 a editora fez um contrato com a companhia de estradas de ferro para a concessão de pontos de venda de livros nas principais estações, aproveitando o crescimento das viagens de turismo que acompanharam o desenvolvimento das linhas férreas por toda a Europa, e instalou as precursoras de nossas bancas de revista, que deu o nome de *Les Bibliothéques des Chemins de Fer*. Em julho de 1853 a editora já dispunha de 43 pontos de vendas. O plano dos guias *Joanne* foi traçado para aproveitar estes pontos de vendas, e deve seu crescimento a esta criativa jogada comercial. Entre 1860 e 1909 (quando foi substituída pelos *Guides Bleus* que existem até hoje) a Joanne publicou 200 títulos, mesmo sofrendo a concorrência dos guias ingleses Murray, e a partir de 1860 dos alemães Baedeker, que por sua vez tornaram-se a "bíblia dos viajantes" cultos por toda a Europa, guia das viajantes inglesas do romance *A Room With a View*(1908) de Edward Forster. Com os guias Baedeker estabeleceu-se a moda de levar o livro e ler as informações diante do monumento ou obra de arte.

A praticidade do guia, reunindo muitas informações num só volume não impedia que os viajantes levassem muitos livros em sua bagagem. A pintora russa Marie Bashkistef(1861-1884), fez uma viagem á Itália em 1881. No trem para Florença ela lia *Corinne*, de Mme de Staël e levava na bagagem livros de Platão, Dante, Ariosto, Collins, Shakespeare e Dickens.[3]

As Bibliotecas das Estradas de Ferro não vendiam apenas guias. A Hachette criou uma linha editorial dedicada à venda nas estações, e chegou a publicar cerca de 500 títulos,

---

[1] Berchet, Jean Claude - *Le Voyage en Orient- Anthologie des voyageurs français dans le Levant au XIX siécle*,Paris: Laffont, 1985, p.9.
[2] Rémusat, *Revue des Deux Mondes*, vol 11, XXVII Année, Tome XI, 15 de outubro de 1857, p.467.
[3] Bashkistef, Marie. *Journal de Marie Bashkistef*. Paris: B. Charpentier Fasquelle Editeurs, s.d. 2. Vol s.d. (1 ed.1887)

entre livros ilustrados para crianças, literatura clássica e estrangeira, livros de história e viagem, sobre agricultura e indústria. Livros que eram identificados pela cor da capa: as amarelas eram livros de Literatura estrangeira; as verdes História e Viagens e os guias tinham uma capa vermelha.[1]

Quando Nísia iniciou a viagem para a Itália, embarcando no trem para Marselha, em 19 de março de 1858, na estação do Sul, em Paris, podia ver a capa vermelha do guia de Du Pays, guia que ela usou não apenas para informações práticas para a viagem por diferentes cidades da Itália, mas como fonte privilegiada para seus comentários e apreciações sobre paisagens e obras de arte, na elaboração do seu livro de viagem. Em nenhum momento, no entanto, ela o citou explicitamente, limitando-se a deixar a citação entre aspas ou indicar o comentário como se fora de "um escritor francês". A brasileira estava utilizando-se de um processo muito comum de composição dos livros de viagem da época, que usavam citações e descrições de livros de viajantes precedentes.Os guias repetiam juízos dos viajantes cultos, repetições que continuaram por anos afora. Nísia cita Du Pays que por sua vez citava opiniões do guia de Valery, que citava Mme. De Staël, Goethe e Stendhal, e assim uma mesma observação(um comentário sobre obra de arte, ou uma descrição de paisagem) foi repetida por muitos anos e vários livros.

[1] Ver sobre as biblitoecas de estrada de ferro: Parinet, Elisabeth - "Les Bibliothèques de gare, un nouveau réseau pour le livre.", em *Romantisme - Revue du Dix-Neuvième Siècle*, n 80, 1993, p.96.

IV_O LIVRO

Em crônica para o *Diário do Rio de Janeiro*, de 10 de abril de 1864, Machado de Assis noticiou a chegada na cidade de dois livros de viagem: "Recordações das minhas viagens à fantasia, da Imperatriz Carlota e outro livro de viagem, não de outra imperatriz, mas de uma senhora patrícia nossa. Trois ans en Italie é o título, veio-nos da Europa onda se acha a autora a senhora Nisia. A "Fantasia" ou a "Itália" - é a mesma cousa; é pelo menos o que nos fazem crer os poetas e os romancistas sussurrando aos nossos ouvidos o nome da Itália como o da terra querida das recordações e das fantasias, do céu azul e das noites misteriosas. Três anos na Itália devem ser um verdadeiro sonho de poeta. Até que ponto nossa patrícia satisfaz os desejos dos que a lerem? Não sei porque ainda não li a obra. Mas, a julgar pela menção benévola da imprensa, devo acreditar que seu livro merece a atenção de todos quantos prezam as letras e sonham com a Itália."[1]

O cronista repetiu a informação sobre o livro para os paulistanos em crônica de 11 de julho de 1864, para *A Imprensa Acadêmica*: "Quanto aos livros apenas tenho conhecimento de duas publicações ambas vindas da Europa. Um romance do Sr. A. D. de Pascual - A Morte Moral. De Pascual, como se sabe é empregado no Ministério dos Estrangeiros e um dos mais distintos membros do Instituto Histórico. O outro livro é em francês, escrito em Paris por uma brasileira, Dona Nísia Floresta Augusta, senhora conhecida por sua dedicação às letras. Intitula-se a obra: Trois Ans en Italie."[2]

Alguns anos depois, o segundo volume do livro foi anunciado pelo jornal O Novo Mundo, que no exemplar de 20 de abril de 1872 refere-se ao recém lançado livro sobre a Itália: "vimos, desde então a nova publicação: é ela o segundo volume de Trois Ans en

---

[1] Machado de Assis, *Crônicas* (1864-1867) - Rio de Janeiro: W.M. Jackson Editor, 1938. P.47.
[2] Massa, Jean Michel - *Dispersos de Machado de Assis*, Rio de Janeiro: INL, 1965, p.190.

Italie, publicado há oito anos em Paris e cuja autora é a assaz conhecida senhora Dona Nísia Floresta Brasileira Augusta".

Os dois volumes do livro *Trois Ans en Italie suivis d'un voyage en Grèce* foram publicados em datas diferentes e com alguns anos entre eles. O primeiro deles em 1864, três anos depois que Nísia Floresta deixou a Itália onde permaneceu por três anos, de março de 1858 a junho de 1861.

O segundo volume não tem data e foi repetidamente datado por biógrafos de Nísia como se fora de 1872. Este biógrafos basearam-se na relação de livros de Nísia publicados no *Dicionário Bibliográfico Brasileiro* (1883-1907), de Sacramento Blake, que por sua vez credita-se na informação de José Carlos Rodrigues, no Jornal *O Novo Mundo.*

Embora a afirmação do jornalista pareça conclusiva, a própria Nísia dá pistas sobre a data, em nota de roda pé, no segundo volume, ao referir-se ao palácio de Carignan, de Turim: " O grande palácio de Carignano é ocupado pela câmara dos deputados". Em nota ela explica: " Na hora em que publico este segundo volume é a bela Florença que sedia as duas Câmaras". A Câmara dos Deputados ficava na capital do reino unificado da Itália que foi transferida de Turim para Florença em 1865, e em 1870 mais uma vez para Roma. Neste caso, em 1872 quem sediaria as duas Câmaras seria Roma e não Florença, e Nísia estaria afirmando que o segundo volume foi publicado antes de 1870.

Trois ans en Italie suivis d'un voyage en Grèce foi editado por Emile Dentu, de tradicional família de editores franceses. Dentu especializou-se em panfletos e edições de circunstâncias: " Dentu é o rei do impresso de circunstância, do panfleto da moda, do efêmero..."[1] O editor acolhia de bom grado a literatura feminina, e a literatura de viagem. Entre os livros publicados pela editora está *L'Italie des Italiens* (1862-1864), da polêmica escritora francesa Louise Colet(1810-1876). Como Nísia, Colet viajou pela Itália nos anos da unificação, 1859-1860. Dentu editou dois livros que suscitaram muita celeuma no Brasil, o "escandaloso", *Le Brésil tel qu'il est* (1862) e *Les Femmes et les Moeurs du Brésil* (1863), do francês Charles Expilly[2].

---

[1] Chartier, Roger e Martin, Henri (org.) *Les Temps du éditeur. Du Romantisme à la Belle Époque.* Paris: Fayard, 1985, p.579.

[2] Quando foi publicado *Les Femmes et les Moeurs du Brésil*, vários membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro protestaram contra as "inverdades" escritas pelo francês O livro foi traduzido para o português em 1977, e mesmo passados tantos anos da primeira edição, o tradutor Gastão Penalva justificou a

No final do século, em seu livro *Mulheres Ilustres do Brasil*(1899), onde faz um resumo biográfico de Nísia, Ignez Sabino recomendou a leitura do livro: "Logo que chegou a Paris a literatura francesa viu o anúncio do seu livro escrito na língua de Voltaire: Trois ans en Italie, que eu li de um fôlego e o recomendo às minhas leitoras." Sabino diz no entanto que as obras de Nísia "só são encontradas hoje na Biblioteca Nacional, as pessoas ilustradas conhecem-nas".[1]

Os dois volumes de *Trois Ans en Italie suivis d'un voyage en Grèce* continuam disponíveis, em microfilme, na Biblioteca Nacional. Eles pertenceram à coleção particular da Imperatriz Teresa Cristina. Também podem ser encontrados na Biblioteca Nacional de Paris, catalogados na rubrica de Madame Faria. No nosso século, trechos do livro foram traduzidos por Adauto Câmara, em *História de Nísia Floresta*, 1941. Francisco das Chagas Pereira, traduziu o primeiro volume, publicado em 1998, pela Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Esta é portanto a primeira tradução integral dos dois volumes. Para fazê-la tomei como referência os dois exemplares da obra que pertencem à Biblioteca Nacional: *Trois ans en Italie suivis d'un voyage en Grèce*, Paris: E. Dentu, Libraire-Éditeur et Londres: Jeffs, Libraire, 1 vol, 1864- 2 vol, s.d.

---

tradução de um livro tão antipático ao Brasil, dizendo que o fazia por ser um documento relevante para a História (*Mulheres e Costumes do Brasil,* São Paulo: Cia Editora Nacional - Brasília: INL, 1977.) Charles Expilly não ficou nestas duas publicações, em 1869 publicou o livro *La Politique du Paraguai*, (também por Dentu) com o pseudônimo de Claude de La Poecke, sobre a guerra do Paraguai, onde ataca mais uma vez o Brasil.

[1] Sabino, Ignez - *Mulheres Ilustres do Brasil,* Rio de Janeiro: Garnier, 1899, p.172.

BIBLIOGRAFIA

Reuni nestas relação as referências gerais. Livros e artigos que foram guias de leitura e fontes de pesquisa mais abrangentes. Nas notas de rodapé há referências relacionadas com itens específicos.

Como os viajantes, com os seus guias sempre à mão, durante a pesquisa tive os meus livros-guias. Alguns foram gratas descobertas, como o *Itinéraire Descriptif, Historique et Artistique d'Italie*, de A.J. Du Pays, guia de viagem que Nísia usou na Itália; *La Grèce, Rome et Dante*, de J. Ampère; *Amor à Roma,* de Afonso Arinos; *Corinne,* de Mme de Staël; *The Marble Wilderness*, de Carolyn Springer; *Mémoires d'Exile,* de Mme.Quinet; o artigo de Oliveira Lima, "Nísia Floresta", e o livro *Pernambuco e seu desenvolvimento histórico,* do mesmo autor.

De consulta obrigatória e constante foi o *Grand Dictionnaire Universel du XIX Siècle,* Larousse; a *História da Literatura Universal*, de Otto M. Carpeaux; as antologias de viajantes franceses na Itália - *Italies*; e no Oriente - *Le Voyage en Orient.*

A leitura de *Childe Harold Pilgrimage*, e *Don Juan* de Byron; *Suspiros Poéticos e Saudades,* de Gonçalves de Magalhães; de diferentes poemas de Lamartine, Casimir Delavigne, Victor Hugo, Elisabeth Browning, Dante, Niccolini e Tommaseo acrescentaram horas de deliciosas "rêveries" aos dias de pesquisa.

Livros de NÍSIA FLORESTA BRASILEIRA AUGUSTA:

No Brasil foram publicados:

Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens. Por Mistriss Godwin. Tradução Livre do Francês por Nísia Floresta Brasileira Augusta. Recife: Typographia Fidedigna, 56p.,1832. A tradução teve mais duas edições: em Porto Alegre: Tipographia de V.F. de Andrade,1833 e no Rio de Janeiro, 1839.

Conselhos à Minha Filha, por N. F. B. Augusta. Rio de Janeiro: Typographia de J.E.S. Cabral, 32p, 1842; e 2 edição, com 40 pensamentos em versos. Rio de Janeiro: Typographia de F. de Paula Brito, 40p. 1845.

Fanny ou o Modelo das Donzelas. Rio de Janeiro: Colégio Augusto, 1847

Dacy ou a Jovem Completa: Historieta oferecida às suas educandas, em 18 de dezembro de 1847. Rio de Janeiro: Typ, Imparcial de Paula Brito, 15 p. 1847. (desaparecido)

A Lágrima de um Caeté. Por Tellesila, Rio de Janeiro, Typ. de L. A. F. de Menezes, 39 p. 1849

Dedicação de uma amiga (Romance Histórico). Por B. A, 2 vols. Niterói: Typ. Fluminense de Lopes e Cia, 158 e 160 pp. (Atribuído a Nísia Floresta por Sacramento Blake. Não foi encontrado nenhum exemplar. Em 1850, Nísia estava na Europa. Será que o romance é realmente de sua autoria?)

Opúsculo Humanitário, por B. A. Rio de Janeiro. Typ, de M. A. da Silva Lima

Artigos publicados no jornal *O Brasil Ilustrado*:

Páginas de uma vida obscura, assinado B. A. Publicada em folhetim no período de 14 de março a 15 de junho de 1855.
Passeio ao Aqueduto da Carioca, 15 de julho de 1855
Pranto Filial, 31 de março de 1856.
Improviso ao poeta Castilho, 31 de maio de 1856.

Livros Publicados na Europa

Itinéraire d'un Voyage en Allemagne. Par, Mme, Floresta Augusta Brasileira, Paris: Firmin Didot Frères et Cie, 216 p.,1857.

Consigli a mia Figlia, Firenze: Stamperia Sulle Loge del Grano, 56p.,1858.

Consigli a mia Figlia, Mondovi, 1858

Conseils á ma Fille. Traduit de l'italien par Braye de Buysé. Firenze: Imprimerie du Monnier, 51p. 1859.

Scintilles d'un'anima Brasiliana. Di Floresta Augusta Brasileira. Firenze: Tipografia Barbera, Bianchi, 1859

Le Lagrime d'un Caete. Tradotto de Ettore Marcucci, Firenze: Le Monnier, 1860.

Trois ans an Italie suivis d'un Voyage en Grèce. Par une Brésilienne. 2 volumes. O primeiro com data de 1864, o segundo sem data. Paris: Librairie E. Dentu.

Woman. By F. Brasileira Augusta. Translated from the Italian by Livia A. de Faria. London: Printed by G. Parker, 1865

Fragments d'un ouvrage inédite. Notes Biographiques. Paris. A. Chérie Éditeur, 1878.

Edições Póstumas

"Fanny ou o Modelo das Donzelas". Em, Osório, Fernando-*Mulheres Farroupilhas*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1935.

"A Lágrima de um Caeté", em *Revista da Federação das Academias de Letras,* Rio de Janeiro, Janeiro de 1938.

Itinerário de uma Viagem à Alemanha. Tradução de Francisco das Chagas Pereira. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1982.

Opúsculo Humanitário, 2.ed. Introdução e notas de Peggy Sharp Valladares; São Paulo: Cortez Editora, 1989.

Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens 4ed. Introdução e notas de Constância Lima Duarte. São Paulo: Cortez Editora, 1989.

Três anos na Itália seguidos de uma viagem à Grécia vol I. Tradução de Francisco das Chagas Pereira. Natal: Edufrn -Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1998.

Sobre a autora:

BURKE, Maria Lúcia Garcia Palhares. "A Mary Wollstonecraft que o Brasil não conheceu, ou a Travessura Literária de Nísia Floresta." em *Nísia Floresta, o Carapuceiro e outros ensaios de Tradução Cultural* .São Paulo: Editora Hucitec, 1995

CÂMARA, Adauto. *História de Nísia Floresta.* Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1941

DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: Vida e Obra.* Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995

FERREIRA, Lígia F. "Nísia Floresta - une brésilienne en Europe.", em *Cahiers du Brésil Contemporaine,* n 12. Paris: Maison des Sciences de L'Homme, 1990.

LIMA, Oliveira. "Nísia Floresta". *Revista do Brasil,* dezembro de 1919.

Referências Gerais:

GRAND DICTIONNAIRE UNIVERSEL DU XIX SIÈCLE. Par Pierre Larousse. Paris: Adm. du Grand Dictionnaire Universel, 1873.

SACRAMENTO BLAKE. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro.* Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883-1902. 7 vol.

RICCI, G.(org). *Storia d'Italia.* Vol 3 e 4. Torino: Giulio Einaudi Ed., 1973.

FRAISSE, Genévieve, e PERROT, Michelle (org). *Histoire des Femmes - Le XIX Siècle.* Paris: Plon, 1991.

ROMANO, Sérgio. *Histoire de l'Italie du Risorgimento à nos jours.* Paris: Éditions du Seuil, 1977

Histórias da Literatura - Ensaios Literários

BELLET, Roger (org). *Femmes de Lettres au XIX Siècle: autour de Louise Colet.* Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1982.

BARROS, Roque Spencer Maciel de *A Significação Educativa do Romantismo Brasileiro: Gonçalves de Magalhães.* São Paulo: Grijalbo. Edusp, 1973.

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. *Mulheres de Ontem? Rio de Janeiro século XIX.* São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1989

BUTOR, Michel. "Le voyage et l'écriture", em *Répertoire* IV. Paris: Les Éditions du Minuit, 1974.

CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos.* 6.ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2 vol, 1981

CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental.* São Paulo: Editorial Alhambra, 8 vol, 1987.

SPRINGER. Carolyn. *The Marble Willderness.* Cambridge University Press, 1987.

SQUAROTTI, Giorgio Bárberi (org.). *Literatura Italiana.* Tradução de Nilson Carlos Louzada, Maria Betânia Amoroso, Neide Luzia de Rezende. São Paulo: Nova Stella: Instituto Cultural Ítalo Brasileiro: EDUSP, 1989.

THIBAUDET, Albert. *História da Literatura Francesa. De 1879 aos nossos dias.* Tradução de Vinicius Meyer. São Paulo: Livraria Martins Editôra S.A, s.d.

Viagem

AMPÉRE, J. *La Grèce, Rome et Dante* - Études Littéraires.(1 ed.1842) 6. Ed. Paris: Émile Perrin Éditeur, 1884.

BERCHET, Jean Claude. Le Voyage en Orient. *Anthologie des Voyageurs Français dans le Levant au XIX Siècle* .Paris: Éditions Robert Laffont, S. A, 1985.

CAHILL, Susan.(org.) *Desiring Italy.* New York: Fawcett Columbine, 1997.

CHATEAUBRIAND. *Lettre a M. de Fontanes sur la Campagne Romaine.* Edition Critique para J. M. Gautier. Genève: Librairie Droz, 1951.

CORBIN, Alain . *O Território do Vazio.* São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DU PAYS, A.. J. *Itinéraire Descriptif, Historique et Artistique de L'Italie et de la Sicile.* Paris: Librairie de L. Hachette et Cie, 1855.

GRAHAM, Maria. *Diário de uma Viagem ao Brasil.* Tradução A. J. L. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

HERSANT, Yves. *Italies. Anthologie des Voyageurs Français Aux XVIII et XIX Siècles.* Paris: Éditions Robert Laffont, S.A, 1988.

KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil.* Tradução e notas de Câmara Cascudo. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942.

MELLO FRANCO, Afonso Arinos de, *Amor à Roma.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

MONICAT, Bénédicte Marie Christine. *Les Récits de Voyage au Feminin au XIX Siécle.* Maryland University Press, 1990.

MORRIS, Mary (org). *Maiden Voyages - Writings of Women Travellers.* New York: Vintage,1993.

MOUREAU, François (org) *Métamorphoses du Récit de Voyage. Actes du Colloque de la Sorbonne et du Sénat.*. Paris-Genève: Champion- Slatkine, 1986.

PFIFFER, Ida. *Voyage d'une femme autour du monde*. 4.ed.Paris: Librairie Hachette et Cie, 1874.

SAND, George. *Un hiver à Majorque*. Paris: Livre de Poche. Librairie Générale Française, 1984.

STONEMAN, Richard. *A Literary Companion to Travel in Greece*. Malibu, California: The J. Paul Getty Museum, 1994.

TAINE, H. *Voyage en Italie*. Paris: Juillard, 1875.

VALERY, Antoine Claude Pasquin. *Voyages Historiques, Littéraires, et Artistiques en Italie. Guide Raisonné et Complet du Voyageur et de l'Artiste*. 3.ed. Bruxelles: Société Belge de Librairie Hanman etc, 1854.

VARRIANO, John. *A Literary Companion to Rome*. New York: St.Martin's Griffin, 1991.

WITHEY, Lynne. *Grand Tour and Cook's Tour. A History of Leisure Travel*. 1750 to 1915. New York: William Morrow and Company, 1997.

Ficção - Poesia

BROWNING, Elizabeth Barret, *Elizabeth Barret*, New York: Gramercy Books, 1995.

BYRON, Lord - *Selected Poems By Lord Byron*. U.S.A: Quality Paperback Club, 1993.

DELAVIGNE, Casimir. *Poésies*. Paris: Didier Libraire Éditeur, 1875.

GOETHE, W. *Memórias* vol II. Tradução Osório Borba. Rio de Janeiro. Liv. José Olympio, 1947.

HAWTHORNE, Nathaniel. *O Fauno de Mármore*. Tradução de Sônia Régis. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

LAMARTINE, Alphonse de. *Oeuvres Complétes*. Paris: Gallimard, 1963

------- *Graziella*. Tradução de Gustavo Nonnenberg. São Paulo: Ed. Assunção, 1946.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de - Obras Completas. Rio de Janeiro. Garnier: *Suspiros Poéticos e Saudades*, 1865; *Poesias Avulsas*, 1864; *A Confederação dos Tamoios*, 1864; *Opúsculos Históricos e Literários*, 1865. *Fatos do Espírito Humano*, 1865

PEREIRA DA SILVA, João Manuel. *Variedades Literárias*. Rio de Janeiro: Garnier, 1862.

PORTO ALEGRE. *Colombo*. Rio de Janeiro: Garnier, 1866.

QUINET, Madame Edgar . *Mémoires d'Exil*. Paris: Armand Le Chevalier Éditeur, 1870.

SAND, George. *La Daniella*. Paris: Calmann Lévy Éditeurs, s.d. 1 ed. 1857.2vol.

STAËL, Mme. *Corinne ou l'Italie*. Édition presenté établie et annoté par Symone Balayé. Paris: Gallimard, 1985.

TOMMASEO, Niccolò. *Confessioni*. Milano: Lanciano Carabba Editore, 1919.

VICTOR HUGO. *La Légende des Siécles*. Tome Premier. Paris: Albin Michel s.d. 1 ed. 1859.

PRIMEIRO VOLUME DO LIVRO TRADUZIDO

TRÊS ANOS NA ITÁLIA

Seguidos de uma viagem à Grécia

Por uma brasileira

Autora de muitas obras literárias e morais escritas em português, francês e italiano, publicadas no Rio de Janeiro, Florença e Paris.

S'élancer au hasard, tout voir sans rien juger,
C'est parcourir le monde est non pas voyager.
(Millevoy)

PARIS

E. Dentu Libraire Éditeur
17-19, Galerie d'Orléans (Palais Royal)
Et Jeff Libraire a Londres
15, Burlington (Arcade Piccadilly).

ÍNDICE

DEDICATÓRIA.....1

PREFÁCIO.....3

GÊNOVA.....8

Livorno.....19
Pisa.....23
Civitavecchia.....30

ROMA.....33

Uma primeira noite em Roma.....33
Sonho.....38
São Pedro.....44
A Quarta Feira Santa.....47
Algumas palavras sobre a Trinitá dei Pellegrini de Roma.....57
Coliseu de Roma.....63
Em Frascati (10 de abril).....66
O Fórum Romano.....70
O Túmulo de Tasso.....87
A Via Appia.....91
O Vaticano e o Papa.....101
O Capitólio e a Rocha Tarpéia.....107
O Túmulo de Adriano ou Castelo de Santo Ângelo.....110
O Museu do Vaticano.....116
Tivoli (23 de abril).....136
O Concerto dos Rouxinóis.....144
Um crime cometido por amor e sua punição.....146
Villas.....151
Estrada de Roma à Nápoles.....156

NÁPOLES.....162

O milagre de San Gennaro.....165
Cava e Pompéia (6 de maio).....172
Sorrento, a Gentil.....180
Uma ascensão ao Vesúvio.....184
Casas de Caridade.....217
Algumas igrejas de Nápoles.....220
Palácios e villas da cidade e seus arredores.....233
Uma erupção do Vesúvio.....237
Ainda em Nápoles, 31 de maio.....240

FLORENÇA.....242

A casa de Dante. Igreja de Santa Cruz (6 de junho).....244
O Domo e seu Campanário.....257
San Lorenzo.....259
As festas de São João Batista (24 de junho).....275
O último Corso e o passeio do Casino.....281
A Biblioteca Magliabechiana.....283
Fiesole (6 de junho).....284
Florença (10 de julho). O amor no Casamento.....286

SIENA (18 de julho).....293

Pistóia.....300
Ainda em Florença, 22 de julho.....301
Bolonha (26 de julho).....302
Ferrara.....310
Pádua.....314

VENEZA.....321

Uma grande serenata em Veneza.....335
O mouro de Veneza (encenado em Veneza).....336
Murano.....340
O Arsenal de Veneza e a piroga do Brasil.....340
O gondoleiro amador.....343
A América ao Gênio de Veneza (19 de agosto).....346

Fig 3

Corbeil. — Typ. et stér. de Crété fils.

TROIS ANS
EN ITALIE

SUIVIS

D'UN VOYAGE EN GRÈCE

PAR

UNE BRÉSILIENNE

AUTEUR DE PLUSIEURS OUVRAGES LITTÉRAIRES ET MORAUX

ÉCRITS EN PORTUGAIS, EN FRANÇAIS ET EN ITALIEN

ET PUBLIÉS A RIO-JANEIRO, A FLORENCE ET A PARIS

S'élancer au hasard, tout voir sans rien juger,
C'est parcourir le monde, et non pas voyager.
(Millevoye.)

PARIS

E. DENTU, LIBRAIRE-ÉDITEUR

17-19, GALERIE D'ORLÉANS (PALAIS-ROYAL)

ET JEFFS, LIBRAIRE A LONDRES, 15

BURLINGTON (ARCADE PICCADILLY.)

910
F
d
77

BIBLIOTHECA MUNICIPALIS PAULO

115895

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Ao meu querido filho

Augusto Américo de Faria Rocha[1]

Londres, 12 de janeiro de 1864

Uma catástrofe onde quase morri, ocorrida há três anos na estrada de ferro do Piemonte[2], atrasou, por suas conseqüências, a publicação desta obra imperfeita que esperavas ansiosamente, juntamente com nossos queridos familiares de além mar.

Quando receberes este primeiro volume, no Brasil, oito anos já serão transcorridos desde que desaparecestes dos meus olhos levando contigo a metade da minha vida.

Ao leres estas páginas oh! meu filho bem amado! descobrirás, uma a uma, minhas impressões sob o belo sol da Itália, da Sicília, e da Grécia, às margens solitárias do outrora poético Cefiso[3], onde fiquei extenuada de tanto chorar o destino lamentável dos helenos.

---

[1] Augusto Américo de Faria Rocha, filho de Nísia e de Manuel Augusto de Faria Rocha, nasceu em Olinda em 12 de janeiro de 1832. Quando Nísia partiu para a Europa ele permaneceu no Rio de Janeiro, onde casou, em 1857. Segundo Adauto Câmara (*História de Nísia Floresta*, 1941/24), Augusto fundou e dirigiu dois colégios: em 1866 há anúncios nos jornais do Colégio Agostinho, em Andaraí, Niterói; em 1885 do Colégio Augusto, no Rio de Janeiro. Augusto Américo morreu em 1891 e não deixou filhos.

[2] Acidente ferroviário na estrada de ferro de Turim - Susa, em agosto de 1859, em que Nísia ficou gravemente ferida. O choque entre dois trens deixou muitos mortos. No segundo volume deste livro Nísia faz o relato do trágico acidente.

[3] Cefiso - Rio da Grécia setentrional. Diante das as ruínas famosas da antiguidade, e nas margens dos rios da Europa e do Oriente, os viajantes românticos meditavam sobre os grandes acontecimentos da história. Modelo para a contemplação das ruínas, *Itinéraire de Paris à Jerusalém*(1811) de Chateaubriand, também deu o tom para os passeios meditativos às margens dos rios famosos:

" Os rios famosos têm o mesmo destino que os povos famosos, antes ignorados, depois famosos por toda a terra, eles caem em seguida no seu primitivo esquecimento (...)

Como os povos famosos os rios ganharam sua fama após serem cantados por poetas de diferentes épocas. Por isso os românticos brasileiros dedicaram-se em diferentes poemas a inserir os rios brasileiros entre os rios poéticos. Nísia relata seus passeios meditativos às margens do Beberibe, em Olinda, do Jacuí, em Porto Alegre e do Carioca, no Rio de Janeiro. No poema *"Lágrima de um Caeté"*(1849), ela faz o índio Caeté vagar pensativo às margens do Beberibe:

Pelas margens do fresco Beberibe,

Em seus mais melancólicos lugares

Azados para a dor de quem se apraz

Sobre a dor meditar que a pátria enluta!

Vagava solitário um vulto de homem,

Ali, e por toda parte, os esplendores da arte e da natureza que desenrolaram-se diante de mim, assim como o imponente espetáculo dos progressos morais do grande povo onde agora me encontro, não conseguiram aliviar a *saudade*[1] que tua ausência deixou em meu coração.

As poucas linhas que traço, dedicando esta pobre obra no dia do teu aniversário, relembrar-te-ão os belos dias que juntos passamos na nossa querida terra natal, e na velha Europa. Que elas também te falem de minha tristeza ao ver surgir a aurora deste dia sob um céu estrangeiro, após oito anos de ausência, acompanhada apenas por este anjo[2] que Deus me enviou em outro 12 de janeiro, para fazer palpitar meu coração com as doces e vigorosas emoções maternas, como tu fizestes.

Que o talismã deste santo amor, passando do velho ao novo mundo, possa sempre te iluminar no caminho do dever, e comunicar ao teu coração os últimos anseios e as últimas esperanças de tua terna mãe.

F. Brasileira Augusta[3]

Gonçalves de Magalhães ressaltou a grandeza dos rios brasileiros no poema " Um Passeio às Tullerias" (em *Suspiros Poéticos e Saudades,* 1832):

Como silencioso se desliza

O outrora ovante Sena! Nem murmura!

Como humilde atravessa estas arcadas!

Não sois assim da minha pátria oh! rios!

Oh! Paraná. Oh! túmido Amazonas!

[1] Em português no original.

[2] Lívia Augusta de Faria Rocha, filha de Nísia e companheira da viagem e permanência na Europa. Nasceu em Olinda em 12 de janeiro de 1830. Em 1858, quando viajou pela Itália, Lívia tinha 28 anos, porém Nísia sempre refere-se à filha como se fora uma criança. Além das poucas referências feitas por Nísia neste livro conhece-se pouco sobre sua vida. Educada pela mãe, versada em várias línguas, Lívia não publicou livros, a menos da tradução para o inglês do texto *La Donna*,1859, de Nísia, publicado em Londres (*Woman*,1865), dedicado à mãe como presente de aniversário (12 de outubro de 1865).

[3] Uma das diferentes maneiras usadas por Nísia para assinar seus livros, quase todas variações da identidade literária que assumiu no primeiro livro que publicou, a tradução *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*,1832, o único que assinou com o nome completo de Nísia Floresta Brasileira Augusta. A partir de então Nísia não mais usou o seu nome de batismo, Dionísia Pinto Lisboa, ou o sobrenome do segundo marido, Rocha Faria. Nos anúncios do Colégio Augusto, nos jornais do Rio de Janeiro, a diretora nomeava-se Nísia Floresta.

No primeiro livro de sua autoria, *Conselhos à minha filha*, 1842, Nísia assinou N. F. B. Augusta. Nos artigos do jornal *O Liberal*, 1852/1853, reunidos no livro *Opúsculo Humanitário*,1853, e nos artigos publicados no jornal *O Brasil Ilustrado*, 1855, assinou apenas B. A. No primeiro livro que publicou na Europa, *Itinéraire d'un voyage en Allemagne*,1857, Madame Floresta A. Brasileira. Em *Scintille d'un'anima Brasiliana*,1859, Floresta Augusta Brasileira. Para as traduções de *Conselhos à minha filha* em italiano e françês (1858/1859), e *Fragments d'un ouvrage Inédite* (1878), Madame Brasileira Augusta. No único poema que escreveu, *Lágrima de um Caeté*, 1849, Nísia adotou o nome da heroína e poeta grega "Tellesila".

PREFÁCIO

Marselha,1858

Quase dois anos já haviam passado da minha segunda viagem à França quando decidi visitar a Itália.

Após ter percorrido ano passado uma parte da Alemanha[1], o caráter do seu povo assim como suas virtudes domésticas e sociais me foram de tal maneira simpáticos que sonhava com o prazer de retornar. Como na Inglaterra, encontrei na velha Germânia uma população ativa e laboriosa ainda guardando as crenças transmitidas por seus ancestrais. Mais acolhedores do que os orgulhosos bretões, os alemães distinguem-se por uma sinceridade simples e afetuosa. Seus bons costumes, como os dos ingleses, permitem a uma mulher que viaja só aventurar-se com toda segurança em excursões afastadas através das cidades, campos e ruínas solitárias. Esta segurança era um grande encanto para mim, que viajo só com minha filha nestes países, e fizeram-me preferi-los aos do Sul. No entanto, repreendia-me sempre por ainda não ter conhecido a Itália, encontrando-me pela segunda vez na Europa. Essa terra clássica, sua poesia, suas lembranças grandiosas, seu clima parecido com o da minha terra natal, deveriam atrair-me bem mais do que todos os países do Norte. E mesmo assim, quando no rude inverno de Paris sentia o desejo de abrigar-me sob o céu da

---

[1] Nísia chegou na França em abril de 1856 e viajou para a Alemanha durante o mês de setembro deste mesmo ano (24 de agosto a 29 de setembro). Ao retornar à Paris publicou o livro *Itinéraire d'un voyage en Allemagne* (1857), o primeiro publicado na Europa e escrito em francês. O livro reúne cartas escritas aos familiares durante a viagem e foi assinado por Mme. Floresta Augusta Brasileira.

Itália, não sei que vaga apreensão tomava conta do meu espírito, e sentia-me sem coragem para empreender a viagem, logo eu que já fizera outras tão longas!

Nenhuma história dos povos me interessou tanto quanto a dos gregos e romanos, e um dos meus mais belos sonhos da juventude sempre foi visitar aquelas regiões, as mais célebres e mais poéticas de toda a Europa, para refletir diante de suas ruínas.

Por que a hesitação que contraria o nobre desejo de respirar na terra dominada pela lembrança dos grandes povos que a habitaram e cuja história eu admiro? Não saberia explicar senão pelos relatos que escuto, quase todos os dias, sobre a triste decadência em que caíram os povos grego e italiano. O espetáculo de uma grande infelicidade sempre me entristeceu profundamente, e este espetáculo hoje se mostra por toda parte nas pátrias outrora tão grandes e tão nobres de Platão e Brutus[1].

Fechemos os olhos à deplorável situação da Grécia e à decadência da Itália para abri-los à sua ressurreição, pensei enfim, e vamos viver no seu passado, considerando-as em suas imponentes ruínas e incomparáveis obras primas, que ainda encantam pensadores e artistas.

Marquei minha partida de Paris para 19 de março. Desejando estar em Roma na Semana Santa, desisti de entrar na Itália pela longa estrada da Cornija, prometendo-me percorrê-la mais tarde. Embarquei então no expresso de oito horas da noite que nos conduziu, minha filha e eu, de Paris à Marselha em 21 horas[2].

Apesar do meu gosto pelas viagens e a necessidade que sentia de respirar por algum tempo um ar mais saudável do que o de Paris, meu coração ficou triste ao separar-me das pessoas queridas que durante os últimos dias antes da partida vieram testemunhar pesar, porque ia deixá-las por tanto tempo. Minha excelente amiga, sra. F*** respeitável senhora

---

[1] Republicanos de todas as épocas adotaram Brutus como símbolo de virtude, dignidade, e resistência aos governos autoritários. Dois Brutus da História Romana contribuíram para tornar o nome Brutus sinônimo de ferrenho republicano. O primeiro, Lucius Junius Brutus, instituiu a República Romana e para defendê-la condenou à morte, por conspiração, seus dois filhos. O segundo, Marcus Junius Brutus participou da morte de César e morreu defendendo a República em seu ocaso. A admiração por republicanos de todos os tempos irá se repetir em todo o relato de viagem de Nísia.

[2] A estrada da Cornija segue o litoral do Mediterrâneo, costeando a França e a Itália. Como ainda hoje, na época da viagem de Nisia era uma das maneiras de adentrar na Itália. Outra era seguir de navio a vapor de Marselha à Nápoles, com desembarques em Gênova, Livorno e Civitavecchia.

alemã, dotada de uma instrução pouco comum, planejara acompanhar-me na viagem, com que sonhava há alguns anos. Uma súbita enfermidade a impediu de partir comigo. Ela prometeu ir ao meu encontro em Roma logo que sua saúde se restabelecesse. Porém, podemos contar com o futuro?

Frágeis folhas da grande árvore da humanidade vamos para onde o vento nos levar, quase sempre em direção oposta, segundo a brisa ou tempestade que nos agita e nos confunde com o nada de onde saímos! A vida é apenas uma série de despedidas, e no entanto pensamos sempre no reencontro.

Um atraso de algumas horas em Paris, para os vistos no meu passaporte nas diversas legações[1] nos impediu de rever mais uma vez nossa boa amiga a senhora E.C.*** que tivera a afetuosa atenção de nos esperar, com seu marido, na estação da estrada de ferro do Sul, no horário de um outro trem que perdêramos.

Recebas aqui cara e excelente amiga a expressão de nosso vivo pesar por não ter podido abraçar-te no triste momento da partida, que outros bons corações tornaram tão comovente, sem no entanto preencher o vazio que deixastes.

Perto de Marselha o espetáculo do Mediterrâneo despertou em minha alma as grandes emoções que a visão do mar sempre me fazem sentir.

Estava diante do mar atravessado outrora por tantas nações guerreiras e gloriosas, varridas pelos séculos da superfície da terra, e meu espírito vagava em mundos de grandes ambições desaparecidas, substituídas por tantas outras ambições!

Porém, logo voltando do passado ao presente, pensei noutro mar mais vasto e mais majestoso em cujas margens nasci, cresci, e me inspirei ao murmúrio distante das ondas e sob as altas palmeiras empenachadas, gigantescas mangueiras, frondosas jaqueiras, agitadas pela brisa da noite que me embriagava com o delicioso perfume que exalavam os bosques de

---

[1] O viajante que partia de Paris para a Itália precisava conseguir vistos para os diferentes principados e estados que pretendia visitar. No *Itinéraire Descriptif, Historique et Artistique de L'Italie* (1855) de A.J. Du Pays (p.XXIV), guia que Nísia usou, o autor recomenda um despachante para facilitar o trabalho, o M. Georges Buys (quai des Orfévres), que "encarrega-se de legalizar os passaportes nas embaixadas e legações por 1 franco de comissão por cada visto."

laranjeiras, caneleiras e tantas outras árvores e flores perfumadas que cobrem perpetuamente o solo do meu querido Brasil [1].

Lá, distante, uma pátria com os mais ricos tesouros da natureza e as mais doces lembranças da minha infância; os queridos afetos do meu coração, um filho, a metade da minha alma, uma família bem amada; amigas da juventude, uma parte da geração atual que compartilhou por tantos anos com minha querida filha meus ensinamentos e meus ternos cuidados maternais. Lá enfim três amados túmulos que resumem três épocas da minha vida[2].

Aqui, regiões que não me oferecem nenhuma dessas lembranças, fisionomias que me sorriem sem expressão d'alma; novidades que sempre vejo com indiferença, com o espírito voltado para outro hemisfério onde respiram tantos entes amados, e onde dormem para sempre um pai, um esposo e a melhor das mães!

Se a visão do Mediterrâneo suscitou tão profunda e viva impressão, o mesmo não aconteceu com a cidade de Marselha, sobre a qual eu sempre fizera outra idéia.

Suas ruas são em geral pouco limpas. As praças e cais tomados por comerciantes e marinheiros dão-lhe o aspecto de uma cidade muito comercial e laboriosa, porém não encontrei nada suficientemente curioso que possa despertar a admiração do viajante.

É verdade que em dois dias não podemos julgar as atrações de uma cidade. Todavia, o estrangeiro que passa em Marselha não encontra nada que corresponda aos pomposos elogios que foram feitos por certos poetas.

---

[1] Presença recorrente no livro de Nísia, a evocação da pátria distante. A saudade dolorida da pátria e da família também é um tema recorrente nos poemas de Gonçalves de Magalhães, escritos na Europa, como no poema Adeus à Europa (*Suspiros Poéticos e Saudades*, 1836):

> Qual ave errante sem ninho
>
> Oculto peregrinando
>
> Visitei vossas cidades
>
> Sempre na pátria pensando.

[2] Nisia lembra as alunas do Colégio Augusto, onde foi diretora e muitas vezes única professora. O Colégio para meninas funcionou no Rio de Janeiro de 1838 a 1856.Os três túmulos são: do pai de Nísia, o advogado português Domingos Gonçalves Pinto, assassinado no Recife em 17 de agosto de 1828; do marido, Manuel Augusto de Farias, falecido em Porto Alegre em 29 de agosto de 1833, e da mãe Antônia Clara Freire Pinto, falecida no Rio de Janeiro em 25 de agosto de 1855.

Se ao menos eu ouvisse cantar a envolvente *Marselhesa*, as entonações deste hino nacional tão sublime comunicariam ao meu espírito um pouco de entusiasmo, e far-me-iam sentir melhor os encantos tão alardeados da cidade foceana, dominada por Roma e também transformada, como suas irmãs. Porém, não mais escutamos na França este heróico canto e mesmo os marselheses parecem tê-lo esquecido[1].

Quando cheguei em Marselha indicaram-me as três coisas que os estrangeiros apressam-se para ver, e eu também quis conhecer. São elas: Notre-Dame-de-la-Garde, igreja construída numa colina e que contém um grande número de *ex-votos*, comprovando os milagres que ainda atraem muita gente, mesmo em nossos dias, da colina temos uma vista deliciosa do Mediterrâneo e dos arredores da cidade. O Prado, uma bela e longa alameda que vai até o mar, onde encontramos uma espécie de terraço que permite ao caminhante respirar livremente, após a nuvem de poeira que o cobre durante todo o caminho. O Castelo D'IF, antiga prisão onde foram encarcerados Mirabeau, Louis Philippe e tantos outros ilustres prisioneiros, cujas lembranças dão às muralhas seculares, batidas pelas ondas do Mediterrâneo que aí se quebram, um interesse histórico.

Os amigos das fábulas são atraídos ao castelo pela fantástica celebridade que lhe deu Alexandre Dumas, em seu *Monte Cristo*.[2] Aí nos mostram a suposta prisão onde a pena fértil deste romancista representou o abade Faria.

---

[1] Durante quase todo o século XIX, o canto patriótico *La Marseillase* passou por períodos de esquecimento e redescobertas. Ressurgiu durante os movimentos revolucionários de 1830 e 1848, e durante o Império de Napoleão III foi proscrito de toda a França. Entoar o apelo à liberdade da Marselhesa na época em que Nísia estava em Marselha seria um ato de coragem.

[2] *O Conde de Monte Cristo* (1844), romance de Alexandre Dumas, muito lido no Brasil da primeira metade do século XIX, na tradução de Justiniano José da Rocha. Ao visitar o Catelo D'If, em 1855, o conselheiro Gama, camarista de D. Pedro II, também lembrou, como Nísia, do romance de Dumas (em *Minhas Memórias*, Rio de Janeiro: Magalhães e Cia, 1893, p.71): "as muralhas do Castelo D'If, a que dera também celebridade o romance de Alexandre Dumas denominado o Conde de Monte Cristo".

GÊNOVA

Terra de Itália, poética e sedutora viúva do triunfo sobre quem se acumularam as maiores e mais retumbantes glórias: te saúdo!

Que a influência do teu belo céu possa arrancar do meu espírito o véu de tristeza com que o envolveu o nevoeiro de Paris no último inverno.

Diante da antiga e soberba rainha do Mediterrâneo, exibindo seus majestosos encantos, fiquei curada dos sofrimentos indescritíveis do enjôo que tomou conta de mim logo que deixei o porto de Marselha, no *Capitole*[1], navio a vapor para o qual compráramos passagens. Descortinava-se diante de mim a pitoresca cidade construída em forma de anfiteatro, com seus suntuosos palácios, suas altas casas com terraço, suas esplêndidas igrejas, seus vastos pórticos que se estendem da alfândega até o Darsa, estaleiro destinado à construção de navios do Estado; o grande e belo terraço no porto, onde os caminhantes encontram-se para respirar a brisa do mar, repleto de navios mercantes; as alegres colinas cobertas com castelos, templos, etc. A nobre *cittá* cantada por Tasso, que madame de Staël dizia ter sido fundada para um congresso de reis[2], despertou minhas primeiras emoções em terras de Itália.

---

[1]O Navio Capitole pertencia ao *Service Maritime des Messageries Impériales*, companhia francesa que mantinha, além do *Capitole*, os navios *Vaticano, Hellespont, Bosphore, Oponto*, com os quais fazia as linhas regulares de transportes de passageiros para a Itália, Grécia, Egito e Síria. A linha para Nápoles via Roma(para o porto de Civitavecchia) permitia ao passageiro desembarcar nos portos de Gênova e Livorno, retomar a viagem em outro navio, e isso poderia ser feito no prazo de quatro meses. Uma passagem em primeira classe Marselha-Gênova custava 76 francos. As informações são do *Itinéraire Descriptif, Historique e Artistique de l'Italie,* de Antoine Joseph Du Pays, Paris: L'Hachette et Cie, 1855. Como já observei anteriormente, embora em nenhum momento Nísia faça referência ao guia, nem mesmo quando o cita quase textualmente, este foi o guia que usou para sua viagem, como poderemos ver pelas inúmeras informações, observações e comentários de Du Pays que se intercalam no texto da viajante. Em alguns trechos pode-se notar que Nísia também usou o guia de Valery (Antoine Claude Paquin), *Voyages historiques, littéraires et artistiques en Italie. Guide Raisonné et complet du voyageur et de l'artiste.* Bruxelles Soc. Belge de Librairie Hanman et C., 1854, e da mesma maneira não identificou sua fonte. Nas diferentes notas traduzi textos destes dois livros para relacioná-los com o texto de Nísia.

[2] Nísia cita textualmente, embora não indique, frase de Valery (op. cit. p.572):

Livre do terrível mal estar que sinto todas as vezes em que ponho os pés num navio, e que sempre me impede de aproveitar o magnífico espetáculo do mar, apressei-me em desembarcar logo após a visita da alfândega. Algumas famílias que embarcaram conosco em Marselha desembarcaram aqui, e junto com elas contratamos um guia para nos mostrar as principais curiosidades da cidade.

Percorrendo as ruas, em sua maioria muito estreitas e onde circulam muitas pessoas de todas as classes, esperava ouvir a doce língua italiana que sempre amei, mas o dialeto genovês ressoava aos meus ouvidos por toda parte[1]. Só aqui e ali as pessoas a quem pedíamos alguma informação nos respondiam na língua tão bonita, tão harmoniosa, mesmo na boca de um genovês.

As mulheres destacam-se pela graça natural com que algumas delas portam o *mezzaro*, um tipo de chale que desce até os joelhos, e que varia de qualidade de acordo com a fortuna de quem o usa. Ao observar a grande atividade e movimento da cidade populosa e comerciante olhei para as pessoas agrupadas sob as velhas arcadas e estreitas ruas, muito sombrias devido a altura das casas, e a grande impressão que senti ao entrar no porto de Gênova diminuiu sensivelmente. Apressei-me em subir ao alto da cidade, passando diante de ricas lojas de bijuterias em filigrana e coral, especialidades da indústria genovesa, e logo

---

"Esta cidade só tem três ruas, e é uma das mais belas cidades do mundo. É bem a real, a *nobiliti cittá* cantada poéticamente por Tasso, satíricamente por Alfieri, e que Mme. de Staël dizia ter sido fundada para um congresso de reis."(grifo meu)

A mesma frase escreveu Alexandre Dumas no livro *Um ano em Florença*(1edição "Impressions de voyage", em *Oeuvres Complétes*, Paris, Le Siècle, 1850/1857. Esta edição, São Paulo, Clube do Livro, 1952, tradução de José Maria Machado, p. 170): "É verdade que essas três ruas, que Madame de Staël pretendia terem sido construídas para um congresso de reis, e que Alfieri chamava um armazém do palácio, não têm provavelmente iguais em todo o mundo." Estas citações são um exemplo de procedimento comum nos guias e relatos literários de viagem. Ocorria muitas vezes uma codificação da opinião de um autor sobre determinado lugar, ou monumento, que era repetida por vários outros viajantes.

[1] A língua que Nísia aprendeu no Brasil lendo os autores italianos, e que ensinava às alunas, restringia-se à literatura, e era falada apenas entre as pessoas cultas. Na Itália de meados do século XIX, falava-se vários dialetos regionais: "O italiano existia nos livros e na literatura, poucos sabiam usá-lo oralmente, com exceção feita aos toscanos. (...)As causas dessa situação identificam-se nos acontecimentos culturais e na história social e política do país: na não existência de unificação e de uma vida social ativa; na pequena difusão da cultura. (...) As mudanças na situação apenas se sentirão no final de *Ottocento*, depois da unificação política quando o italiano literário e culto transformou-se, aos poucos, na língua comum das massas.." (*Literatura Italiana* - Organização de Giorgio Bárberi Squarotti, tradução de Nilson Louzada, Maria Amoroso e Neide de Rezende. São Paulo: Nova Stelle: Instituto Cultural Ítalo Brasileiro: EDUSP, 1989, p.51-52)

me vi atravessando as magníficas ruas *Balbi*, *Nuovíssima*, *Carlo Filipe* e *la Nuova*, ladeadas por um conjunto de belos palácios, que muito me impressionaram. Muitos dos palácios possuem luminosas riquezas de arte em suas galerias e solitários corredores.

Após contemplar alguns belos quadros dos grandes mestres, e enquanto a família que estava conosco extasiava-se diante dos diferentes objetos de luxo espalhados nos diversos aposentos ainda suntuosos dos palácios, representei no espírito tantas populações extintas, as grandes ou terríveis cenas para as quais Genôva foi o teatro desde sua primeira fundação, atribuída aos Ligúrios, até nossos dias! Imaginei Magon, irmão de Annibal, destruindo-a; os romanos reconstruindo-a para deixar que os bárbaros a saqueassem após a queda do Império; sua submissão a Carlos Magno após a queda do império dos lombardos; a declaração de independência no século X; seus cônsules, seu senado, seus doges; a enérgica cooperação numa das cruzadas; as guerras contra Pisa, as disputas internas, as famílias Doria e Spínola do partido guelfo, e os Grimaldi e Fiesque do partido gibelino; as exigências dos venezianos e pisanos; a França que aí chegou com propósitos pretensamente generosos ; o Doria que a transformou em uma república ao seu modo; o descontentamento do ilustre genovês André Doria contra Francisco I "que deu à influência da casa da Áustria na Itália o predomínio que se mantém neste país até nossos dias."[1]

Todas as guerras que pouco a pouco destruiram Gênova, todos os acontecimentos que a tornaram invencível na sua mais alta glória e que, declinando como todos os poderes políticos, submeteram-na ao congresso de Viena que a incorporou ao reino da Sardenha; todos estes fantasmas, eu dizia, passaram rapidamente no meu espírito e despertaram tanto minha piedade quanto meu respeito por esta grandeza destruída, vítima ofertada à ambição estrangeira no altar da política, como suas nobres irmãs.

---

[1]Este parágrafo sobre a história de Gênova é um exemplo de como Nísia recorria ao guia de viagem para redigir o seu texto. Em Du Pays lê-se sobre Gênova, na página 84:

" A fundação de Gênova é atribuída aos Ligúrios, cerca de 707 a. C. Os romanos a incorporaram à Gália Cisalpina (222). Durante a segunda guerra púnica, Magon, irmão de Aníbal a arrasou(205); os romanos a reconstruiram. Após a queda do Império Romano ela foi saqueada e tomada por diferentes bárbaros. Após a queda do império lombardo submeteu-se a Carlos Magno. No começo do século 10, Gênova declarou-se independente, e foi administrada por cônsules com ajuda e um conselho ou Senado. etc. etc.

Entre os palácios de Gênova destacam-se os de Marcel Durazzo, ou Real, com bela escadaria em mármore; Brignole, ou Palácio Vermelho; de Balbi, Pallavicini e Doria e muitos outros, quase todos com algumas obras primas admiráveis.

Nos dias de grandeza e glória de Gênova, a "Soberba"[1], os doges e o povo nada tinham a invejar aos reis e povos de outros países. Porém os tempos mudaram! E o viajante que entra na Itália por esta cidade, ao mesmo tempo movimentada e silenciosa, que percorre suas ruas, visita seus belos edifícios, os esplêndidos palácios quase sempre desertos, contempla a vida, as ocupações, as preferências da população atual, não consegue deixar de sentir uma certa melancolia diante do primeiro e grande quadro da decadência da célebre península outrora tão gloriosa e tão temível. Quanto a mim, venho para a Itália trazendo um espírito todo americano, um coração todo brasileiro, isto é, cheio de entusiasmo e amor por tudo que é grande, nobre e infeliz.[2] Aqui entro, se não com a esperança de encontrar entre seu povo as grandes virtudes que o distinguiam antigamente, ao menos sem nenhum dos preconceitos que geralmente se tem contra ele.

Há nações que são como certas pessoas: uma série de desgraças acaba por abater-lhes o espírito, o desengano ao apodera-se delas pouco a pouco fazem-nas perder toda a energia e vontade de suplantá-las. É uma enfermidade moral que deve despertar nossa sincera piedade, e não nossas censuras: feliz será o médico que descobrir um remédio eficaz para curá-la!

Paguei meu tributo de admiração à antiga capital da Ligúria. Mas o que despertou na minha alma uma deliciosa impressão foram as grandes e belas laranjeiras carregadas de

---

[1] Denominação comum para Gênova. Gênova, "La Superba", Florença, "La Bella", Roma, "L'Eterna" clichês para as cidades italianas usados por quase todos os viajantes ao longo do século XIX..

[2] Os primeiros românticos brasileiros descreviam a terra brasileira dando ênfase à grandiosa natureza, por extensão pretendiam identificar o Brasil com tudo que era "grande". Essa definição estendeu-se para a caracterização do brasileiro, da alma brasileira. É comum encontrar em alguns textos a associação entre o país de gigantescas árvores, grandes rios, e grandes montanhas e o espírito do brasileiro, sempre voltado para tudo o que é grande. Veja-se no prefácio do livro *Suspiros Poéticos e Saudades*(1836) de Gonçalves de Magalhães: "nós te enviamos, cheio de amor pela pátria, de entusiasmo por tudo que é grande e de esperança em Deus e no futuro". E Torres Homem, na revista *Nitheroy*(1836), comentando este mesmo livro: "o sopro do infortúnio, da religião e da filosofia animam esses cantos, onde domina um doloroso entusiasmo por tudo quanto é grande, bom e justo."

frutos e plantadas diretamente na terra, como eu ainda não vira, desde que deixara minha terra natal.[1]

Com que emoção, parada que estava no meio do jardim do palácio Doria, contemplei as belas árvores, perfumadas patrícias. Como me senti bem ali, no meio da natureza pródiga e deliciosa, que me lembrou os pomares perfumados do meu Brasil.

Os Van Dick, os Paulo Véronese, os Ticianos, todo o esplendor de arte espalhado nos palácios que acabara de visitar, desbotaram no meu espírito e deram lugar ao doce e melancólico devaneio[2] que ter-me-ia mantido muito tempo sob estas árvores, se a voz da minha filha não viesse lembrar que ainda deveríamos visitar algumas igrejas.

---

[1] As laranjeiras da Itália, "plantadas diretamente na terra" chamavam a atenção dos viajantes que percorriam a península:

"As laranjeiras estão carregadas de flores e frutos e diferentes das laranjeiras de nossa terra, fechadas em caixas, aqui elas crescem na terra e formam longas avenidas". Goethe (em *Mémoires* 1 edição 1816, esta edição: Paris, Bib. Charpentier, s.d.p.100, tradução minha)

Para os brasileiros, que tinham em sua terra laranjeiras crescendo livremente nas matas, o reencontro com as árvores em terras de Itália despertavam saudades e orgulho das viçosas laranjeiras da pátria. Foi com orgulho que Nísia descreveu as laranjeiras das matas do Rio de Janeiro em artigo publicado no jornal *O Brasil Ilustrado*, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1855, "Um Passeio ao Aqueduto da Carioca":

"Se és dos frígidos climas do norte, onde as laranjeiras florescem anãs encerradas nas estufas à custa de imenso trabalho, compara aquela vegetação artificial com a desta multidão de laranjeiras verdejantes sem cultura nenhuma....."

Na Itália as laranjeiras tornaram-se para Nisia "perfumadas patrícias", e todas as vezes em que as encontra, seja em Roma, Nápoles ou na Sicília, elas trazem de volta sua pátria. Despertam saudades como as que fizeram o poeta Gonçalves Dias entoar sua "canção do exílio" usando na epígrafe versos da "Canção de Mignon", de Goethe: "Conheces a região onde florescem os laranjais?". Tropicalizando ainda mais a imagem poética, e parodiando Goethe, alguns anos depois o mesmo poeta perguntou no poema A Mangueira (*Últimos Cantos*, 1851):

Já viste cousa mais bela

Do que uma bela mangueira,

E a doce fruta amarela,

Sorrindo entre as frutas dela,

E a leve copa altaneira?

[2] A lembrança dos pomares perfumados do Brasil "empalidecem" as obras de arte da Europa também para o poeta Gonçalves de Magalhães ("Sete de Setembro em Paris", em *Suspiros Poéticos e Saudade*,1836):

Fiel te sou oh! Pátria; não te olvido

Pelas grandezas que me oferece a Europa

Estes eternos monumentos d'arte

Natureza de Itália, só tu te conservas intacta entre as destruições dos antigos e modernos bárbaros que invadiram teu rico e poético solo, este solo impregnado com tantas lembranças grandiosas, e que os estrangeiros têm o dever ou o desejo de visitar. Como o teu aspecto radioso, com os primeiros encantos de tua precoce primavera, despertou no meu espírito a lembrança de uma das mais belas províncias do continente brasileiro! Lá no entanto, o povo não conhece a miséria[1], e na aurora da civilização moderna caminha com todas as suas inspirações virginais para o grande futuro que lhe prometem os imensos tesouros, com que tão prodigiosamente o dotou a Providência.

Aqui a natureza e arte exibem suas riquezas ao lado de um povo em decadência, uma parte dele arrastando-se na miséria, singular contraste com a profusão de objetos preciosos, de esplêndidas obras primas guardadas em seus edifícios.

Uma parte dos patrícios, daquele que deu ao velho mundo um mundo novo, vive em privações nas estreitas e sombrias ruas de Gênova, tocando músicas para ganhar alguns trocados dos passantes, como em Paris.

Intrépido e perseverante Colombo, grande gênio do século quinze, onde estão os tesouros inesgotáveis do mundo que descobristes? Eles não bastam para retirar teus conterrâneos da miséria em que caíram!.... Porém, mesmo tu, pobre e infeliz vítima da dedicação à glória do teu país, não conseguistes recompensa pelo imenso serviço que prestastes à Europa (eu não diria à humanidade, pois os homens do velho continente, teus sucessores, muito fizeram sofrer além do Atlântico...).Como foram ingratos teus contemporâneos! Como teu nobre coração sofreu no fundo da prisão em Valladolid quando

---

[1] Otimismo de Nísia que Gonçalves de Magalhães compartilhava (em *Poemas Avulsos*, 1864):

Terra de minha mãe, como és tão bela
Se em ti não venho achar da Europa o fausto
Pelo suor dos séculos regado
Também não acharei suas misérias
Maiores que seu brilho.

refletistes sobre os resultados da glória que fora o sonho da tua vida, e cuja feliz realização os espíritos mesquinhos procuraram eclipsar[1].

Além de suntuosos edifícios, entre eles o palácio Ducal antiga residência dos doges e o maior da cidade, Gênova tem muitas e belas igrejas. Das quatro que visitei: São Lourenço(catedral), Igreja da Anunciação, São Ciro e Santa Maria de Carignano, esta última foi a que mais me interessou. Ela situa-se numa parte alta de onde avistamos o mar e grande parte da cidade.

O interior divide-se em três naves que formam a cruz grega. Uma grande cúpula ao centro é sustentada por quatro maciços pilares e outras cúpulas menores localizam-se nos quatro ângulos da cruz.

---

[1] As desventuras de Colombo sensibilizaram muitos poetas, e o navegador foi visto como uma vítima da ambição dos grandes senhores da Europa, uma figura emblemática para os românticos. Charles Millevoy(1782-1816), narrou as desventuras do navegador no poema *Le voyageur*, 1807, (a epígrafe de Nísia para este seu livro são alguns versos do poema):

Um mundo é sua conquista: ele voltou. Ó decepção!

Procuro a coroa e só vejo os grilhões!

Casimir Delavigne(1793-1843) divaga pela mesma idéia, Trois Jours de Christophe Colombe, em *Deuxième Messénienne*(1819):

Três dias disse-lhes Colombo, e vos darei um mundo

(...)

Um trono ah! Era pouco. O que ele recebeu? Grilhões!

Cá do outro lado do Atlântico os poetas também compadeceram-se do infortúnio do descobridor. Porto Alegre levou alguns anos compondo o que Antonio Cândido chamou de "o mais extenso poema da nossa literatura, o terrível Colombo, paquiderme de 40 cantos", e nele diz o poeta no canto XL:

Diz-lhe, oh padre

Que Colombo perecera,

Num leito de aluguel como um mendigo

Depois de eleito grande e dar-lhe um mundo.

De passagem por Genôva, um outro viajante brasileiro compôs um poema para o descobridor, "Christovam Colombo" (1837), de Pereira da Silva (em *Variedades Literárias*. Rio de Janeiro:Liv.de B.L.Garnier, 1864):

Merecias um trono...E o que tivestes?

Orgulhoso Vespúcio escreve o nome

No solo virgem que teu gênio achara

Do afan deu-te a morte a Ibéria em prêmio

Os pilares são decorados com belas estátuas em mármore. Entre os quadros conhecidos desta igreja o que mais chamou minha atenção foi uma notável *Pietá* de Luca Cambiaso.

Dizem que o artista genovês representou-se neste quadro no homem ajoelhado. A personagem que está chorando é a irmã da primeira mulher de Cambiaso, que inspirou-lhe uma grande paixão. O artista morreu porque não resistiu ao desgosto por não ter conseguido a permissão do papa para casar com a cunhada.[1]

Contemplei o quadro pensando na dor dos dois seres que o amor uniu e o Catolicismo separou.

A igreja, com sua pompa de magnífica simplicidade, estava deserta naquela hora, apenas o leve barulho dos passos de alguns raros visitantes, acompanhando o sacristão para outras capelas, ressoava aos meus ouvidos, ao longe. Uma pálida luz solar entrava por uma única janela e dava ao quadro, e a todo recinto sagrado, um aspecto ao mesmo tempo melancólico e religioso, que prefiro em um templo do Senhor à visão dos ornamentos mais brilhantes e profusão de velas acesas. À penumbra, à cena que via, às estátuas, vastos corredores de mármores, aos altares, a todo o esplendor de simplicidade e arte que guarda Santa Maria de Carignano, só faltava o som do seu soberbo órgão, que dizem ser um dos melhores da Itália. _ As impressões do viajante que passa sucedem-se rapidamente diante dos objetos variados e sempre novos que se mostram ao seu olhar.

São Lourenço (catedral) é uma das mais antigas igrejas da península. É toda revestida em mármore branco e preto, o que lhe dá um aspecto um pouco lúgubre. A nave principal é decorada por colunas com peças de mármore também em branco e preto. Além das diversas capelas com pinturas interessantes destaca-se a esplêndida capela de São João Batista, desenhada por Giacomo della Porta, e ricamente decorada com estátuas, baixo relevos, etc. O relicário de são João Batista está apoiado em quatro colunas de pórfiro. As cinzas do

---

[1]História do quadro de Cambiaso retirada do guia de Du Pays (op. cit. p. 91):

"Uma Pietá, obra notável de Lucas Cambiaso. Acredita-se que a figura em pé, à direita do espectador, representa o marquês Sauli; o homem de joelho, o próprio Cambiaso e a mulher diante dele, que chora, a irmã de sua primeira mulher, que inspirou-lhe uma violenta paixão à qual não sobreviveu, quando não conseguiu a permissão do papa para casar."

santo foram transportadas de Mirra à Gênova em 1097: o relicário, todo em prata, é um precioso trabalho.

Por uma bula do papa Inocêncio VIII as mulheres estão proibidas de entrar nesta capela, com exceção de um único dia por ano. O crime da odiosa Herodias deve então recair sobre todas as mulheres nas gerações futuras, é justo ainda hoje impedir-lhes a entrada nesta capela? Já existiu uma interdição semelhante para todos os homens, sob o pretexto de crimes do mesmo gênero que muitos deles cometeram, em todos os tempos, e sem nenhuma ajuda do outro sexo?

Se todo um sexo recebesse uma punição pelos crimes cometidos por vários de seus membros, os lugares santos de Jerusalém seriam abertos aos homens e eles teriam permissão para ver o Santo Sepulcro? Se a proibição ao sexo ao qual pertenceu aquela que levou Herodes Antipas a cortar a cabeça do precursor de Cristo fosse justa, uma proibição mais severa deveria atingir o sexo que flagelou e crucificou nosso divino Mestre! Porém, voltando da Ásia para a capital do mundo católico, eu perguntaria a todos os espíritos justos, se eles não vêem muita parcialidade em Inocêncio VIII por não ter feito uma segunda bula, impedindo que os homens entrassem no túmulo onde se encontram as cinzas dos apóstolos São Pedro e São Paulo massacrados por homens, para satisfazer a ferocidade de um homem!.....

Estas simples reflexões me vieram de passagem e da mesma forma as deixo aqui.[1]

São Ciro, uma das maiores igrejas de Gênova é belíssima, rica em mármore. Carlone, Paulo Brozzi, Sarzana e outros artistas deixaram nesta igreja belos exemplos dos seus talentos.

---

[1] A capela interditada às mulheres dirige as reflexões de Nisia para um assunto que lhe era familiar. O desenvolvimento da argumentação, em defesa das mulheres, repete sua maneira de discutir na tradução de *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*,1832, (esta edição SP, Cortez, 1989,p.92). Em sua arenga Nisia toma como ponto de partida a questão da justiça do procedimento, e apela para a razão:

".....e quando reconhecêssemos que algumas de nosso sexo têm excedido aos homens nos vícios, seria preciso necessariamente confessar, que estes as excedem em número. Eu creio e ninguém duvidará, que falando de maus, há mil homens maus para haver uma mulher má e ainda assim, é julgando as coisas muito favoravelmente aos homens".

Mais imponente que São Ciro é a igreja da Anunciação, na praça do mesmo nome. A fachada, apoiada em belas colunas de mármore, cria um efeito grandioso. O interior é muito luxuoso, de grande magnificência, com alguns curiosos e belos quadros. Pensando voltar a Gênova para ficar algum tempo, deixei para depois o prazer de visitar seus arredores e de ver melhor o que esta capital tem de mais interessante.

Uma agradável merenda que fizemos na sombra das belas laranjeiras do Restaurante da Concórdia[1] completou nosso passeio de hoje. A companhia das pessoas que estavam conosco nos distraiu por alguns instantes da nossa tristeza por estarmos longe da família bem amada, cuja imagem nos acompanha por toda parte. Uma dessas pessoas tem o mesmo nome de minha excelente amiga Sra. F*** e por sua fisionomia aberta, cheia de doçura e de bondade, atraiu minha simpatia desde o primeiro momento em que a vi.

Seis horas da noite à bordo do navio ancorado no belo porto de Gênova -

A visão dos objetos que mostraram-se aos meus olhos nessa hora impressionaram melhor minha imaginação e nela ficaram gravados mais profundamente do que quando os contemplei ao aqui chegar, ainda atordoada com o enjôo. Nenhuma hora é tão propícia à beleza da natureza do que a hora poética do pôr do sol. O céu e a terra desenham-se com muitas nuanças de formas e belezas variadas, que aparecem e desaparecem pouco a pouco, deixando para trás nuvens ligeiramente vaporosas, que seguimos com o olhar até que elas se confundem com as primeiras sombras da noite. Essa sempre foi a hora de minha predileção e dos meus devaneios sob meu céu tropical, diante da natureza cuja esplêndida beleza e deslumbrante encanto nem mesmo o mais talentoso pintor conseguiria reproduzir numa tela.

---

[1] Ponto de encontro dos viajantes e moradores de Gênova, o café Concórdia foi recomendado no guia de Du Pays (op cit.p86) por seu jardim e a música que se fazia ouvir todas as noites.

Citado por diferentes viajantes, o café recebeu uma viva descrição da francesa Louise Colet, em seu livro *L'Italie des Italiens,* publicado na mesma editora de Nisia, e no mesmo ano de edição do primeiro volume, 1864(citado em Hersant, Yves. *Italies.* Paris: Éditions Robert Laffont, 1988, p.323):

"Os jardins de um dos mais belos palácios da rua Nuova, hoje ocupado pelo Café Concórdia é de uma elegância e frescor que lembra os bosques de Versalhes. Ao lado da fonte uma orquestra militar toca todas as noites. Seiscentos frequentadores, sentados sob as árvores ou nos magníficos salões tomam sorvetes deliciosos, uma das sensualidades italianas...."(tradução minha)

Mas, ai de mim! agora em outro hemisfério, em vão procuro a grandeza imponente das maravilhas naturais e delas, mesmo a Itália tão geralmente cantada, oferece apenas uma pálida imagem. Ao percorrê-la com o interesse que me inspira, pedirei às suas campinas, suas flores, suas montanhas, seu céu, apenas uma das inspirações que minha alma recebia no solo bendito que chamamos Brasil!

Gênova, a primeira cidade da Itália que saudei, logo irá desaparecer da minha vista com seu admirável cinturão de altas colinas pontilhadas de castelos, igrejas, de onde ela desce até o mar liguriano, tão célebre pelos feitos guerreiros e o grande gênio comerciante dos genoveses de antigamente.O porto ainda animado e cheio de navios, todo este quadro mostra-se agora sob um resplandecente céu azul, com as marcas fantásticas de um magnífico pôr do sol, e ao som de diversos instrumentos musicais e canções nacionais cantadas por rapazes e moças genoveses, que esperam a bordo o sinal de partida para deixarem os passageiros, a quem vieram provocar a generosidade.

Entre as pessoas que embarcaram em Gênova observei uma jovem polonesa que viaja com seu pai para passar a Semana Santa em Roma, e algumas irmãs de caridade cuja vestimenta causou-me uma dolorosa emoção, que acontece já há algum tempo sempre que as vejo. Disfarçando esta emoção respondi à simpática acolhida, que duas dentre elas me fizeram, ao saber por minha filha, com quem conversavam, que vínhamos de Paris e que conheciamos a respeitável superiora do *Petit Ménage* e várias irmãs do grande seminário.

Uma dessas duas mulheres suscitou-me um vivo interesse. Alguns instantes de conversa foram o suficiente para descobrir as qualidades de um grande coração, devotado aos sofrimentos da humanidade.

A irmã Marguerite parecia ter cerca de quarenta anos, se posso julgar sua idade pela função de superiora do convento em Pescia, e sobretudo pelo grau de erudição e conhecimento do coração humano, revelados em sua conversa. Porém, sua fisionomia é tão doce, seu olhar tão puro, sua voz tão sonora, tão jovial, e suas palavras tão modestas, que ela parece apenas aproximar-se da idade em que a mulher parece uma flor, perfumando o ar com seus primeiros perfumes.

LIVORNO

Ao fim de dez horas de uma feliz travessia chegamos ao porto de Livorno. Nossa finalidade ao aí desembarcar era seguir por estrada de ferro, numa viagem de trinta minutos, para saudar a pátria de Galileu.

Livorno, cidade muito limpa e comerciante, tem cerca de 90.000 habitantes. Não oferece, com relação às artes, nenhum interesse. Antigo porto romano, também não possui nenhum vestígio de sua antiguidade. As ruas são bem pavimentadas, e a rua principal, a *Ferdinanda*, onde ficam as mais belas lojas, é grande e muito bonita.. Ali, como por toda parte, circula uma população ativa composta por pessoas de muitas nações. Em uma parte da cidade estendem-se diversos canais por onde são transportadas as mercadorias até as lojas.

No meio deste "grande e barulhento aglomerado de diferentes nações"[1], de homens atraidos pela liberdade de culto, no meio da prosperidade material, da reunião de costumes e hábitos diferentes _ católicos, protestantes, gregos, judeus, armênios _ e da variedade de vestimentas orientais e européias, o viajante se pergunta se ele está mesmo numa cidade da poética e artística Itália que tão fortemente o atraiu?

Livorno, primeira cidade da Toscana que visitei, não despertou nenhuma lembrança dos grandes gênios que honraram e imortalizaram a parte mais inteligente e mais culta da península.

Cidade do cálculo e do dinheiro, Livorno desdenha as letras e as artes, substitui a poesia pela prosa positiva do espírito do comércio, que aí brilha e domina.

Após fazer nossa prece na catedral, e antes de partir para Pisa, entramos na Sinagoga dos judeus.

É uma das mais ricas e belas sinagogas que já vi.

O povo judeu, por mais que dele falem desfavoravelmente, sempre me interessou. A antiguidade e força de suas crenças, resistindo intactas aos séculos e transformações da

---

[1] É provável que Nísia esteja citando Valery (op.cit.p. 539): "Visitei Livorno três vezes e sempre me pareceu que nesta cidade nova, a mais inculta da Itália, neste grande e barulhento aglomerado de diversas nações, eu estava fora da Itália, não mais me sentia nessa terra poética..." (Grifo meu).

sociedade, a perseverança com que souberam guardar a fé diante das perseguições mais bárbaras e afrontas mais injustas com que o humilharam em todos os tempos, sempre me pareceram por demais sagradas, e por isso sinto por eles o mais profundo respeito.

Existe em Livorno mais de 15.000 judeus, uma parte deles muito rica, como aliás eles se tornam em quase todos os lugares, dedicando-se ao comércio.

Uma das curiosidades de Livorno, que os guias mostram aos estrangeiros, é a grande Cisterna, imenso reservatório de águas das montanhas de Colognola trazidas para a cidade por um belo aqueduto. Esta obra gigantesca me lembrou o reservatório das *Águas Livres* de Lisboa, bem maior do que este.

Quantas lembranças dos seis meses que passei com meus dois filhos nas margens encantadoras do majestoso e poético Tejo vieram ao meu espírito![1] Contemplando as águas profundas da cisterna de Livorno, meu pensamento voou para a bonita Lisboa, e percorreu os lugares que outrora mais me impressionaram.

O passeio sob os grandes arcos do seu imenso aqueduto, o murmúrio das águas, transportaram-me em imaginação aos sítios pitorescos e sempre verdejantes, onde serpenteia o gracioso aqueduto da Carioca[2], no Rio de Janeiro, e às minhas excursões nas duas margens do Tejo, embelezadas pela natureza e por tantas lembranças históricas, o rio azul dourado sob os últimos raios do sol, soberbo espetáculo que mais de uma vez iluminou minha alma quando o contemplava da poética Belém, e sobretudo do alto desta obra única da natureza que se ergue à quatro léguas da rainha do Tejo, com seu castelo mourisco, fascinante palácio, eremitério, e todas as belezas ao mesmo tempo severas e alegres que chamam Sintra! Todas essas belezas se mostraram ao meu espírito e me fizeram esquecer por instantes que estava em Livorno, diante

---

[1] Nisia esteve em Portugal entre os meses de julho de 1851 e janeiro de 1852.Vinha de Paris. Na sua primeira viagem à Europa, com os filhos Livia Augusta e Augusto Américo, Nisia partiu do Rio de Janeiro em 2 de novembro de 1849, e retornou em fevereiro de 1852.

[2] Na edição de 15 de julho de 1855, o jornal *O Brasil Ilustrado*, do Rio de Janeiro, publicou "Passeio ao Aqueduto da Carioca" (assinado por B.A, abreviatura de Brasileira Augusta usada por Nisia para seus artigos publicados nos jornais do Rio nesse período). Nísia refere-se ao aqueduto como "o único monumento útil e grandioso que possuímos dos tempos coloniais, cópia imperfeita do admirável aqueduto das Águas livres de Lisboa, porque no Brasil, donde se extraíam copiosos tesouros para se levantar soberbos edifícios em sua metrópole, não valia a pena construir obra de mor importância." É o único texto de Nísia sobre passeios nos arredores do Rio de Janeiro. Tem uma bela descrição da cidade e da baía vistas do alto.

de outros quadros que se desenrolavam aos meus olhos, sem subjugar minha imaginação que se volta constantemente para o passado.

Vimos em Livorno a estátua de Ferdinando I, que é representado em pé com quatro escravos acorrentados aos seus pés. Os escravos chamaram minha atenção. Dizem que eles foram feitos tendo como modelo um turco e seus tres filhos, aprisionados na batalha de Lepanto e representam aqui, como em outras criações parecidas, a glória tão vaidosa quanto bárbara do vencedor sobre o vencido.

A beleza do Tejo e de suas margens, a poesia extraordinária da sedutora Sintra, a lembrança íntima da montanha natal que tanto amei, deram lugar no meu espírito à lembrança de uma grande infelicidade nacional que sempre compadeceu o meu coração.

É a dolorosa lembrança da escravidão que o espírito despótico do velho mundo transmitiu às plagas felizes da livre América.

No Novo Mundo, onde a natureza tão prodigiosamente espalhou seus mais inesgotáveis tesouros, onde tudo é fértil, grande, e vigoroso, como o anseio de liberdade que expulsou o domínio europeu, o homem não sente vergonha por ainda tolerar que o espírito destruidor das mais santas leis, funesta herança do velho mundo, espalhe uma mancha odiosa[1] sobre a obra grandiosa que se realiza no grande continente!....

Ò! minha querida pátria! Éden deste mundo imenso, extraordinário, que surgiu diante do olhar fascinado de Colombo, deixes! oh! deixes! brotar livremente de teu nobre peito o

---

[1] As lembranças do Brasil nem sempre são tão agradáveis como as laranjeiras ou a natureza exuberante. A escravidão é um dos temas repetidos em diferentes textos de Nisia.. Em "Viaggio magnetica" (texto reunido com outros no livro publicado em Florença - *Scintille d'un'a anima brasiliana*,1859, p.71), Nisia também vê a escravidão como uma mancha imposta ao novo mundo pela Europa: "Foram dados os primeiros passos para extrair esta grande mancha que a Europa deixou na América."

A metáfora da escravidão como uma mancha, um cancro, foi muito repetida no Brasil. Jose Bonifácio já a usou na sua *Representação sobre a escravatura*, 1823: " Este comércio de carne humana é pois um cancro que rói as entranhas do Brasil." Torres Homem em "Considerações econômicas sobre escravatura" (*Revista Niterói*, Tomo I, n 1, 1836, quando fala sobre a escravidão no sul dos Estados Unidos: " seu desenvolvimento industrial foi retardado pelo monstruoso corpo estranho implantado no coração de sua organização social". A dramaturga Maria Angélica Ribeiro(1829-1880) escreveu uma peça sobre a escravidão e deu o nome de *"Cancros Sociais"*(1865). Joaquim Manoel Macedo usou a mesma expressão repetidas vezes em *Vítimas Algozes - Quadros da Escravidão*, 1869, (esta edição: Rio de Janeiro: Editora Scipione- Fundação Casa de Rui Barbosa, 1991, p. 3: " não se extirpa um cancro sem dor. A escravidão que é um cancro social, abuso inveterado que entrou em nossos costumes, árvore venenosa plantada no Brasil pelos primeiros colonizadores, fonte de desmoralização, de vícios e de crimes, e também ainda assim instrumento de riqueza agrícola."

grito humanitário que reténs aprisionado pelos lamentáveis preconceitos, transmitidos por teus antigos dominadores de além mar! Sejas coerente com as livres instituições que te governam, com a religião que professas! Quebres, oh! quebres as corrrentes de teus escravos! Torne-te digna, por este ato de justiça e filantropia, da fama de generosa bondade reconhecida até mesmo por aqueles que desconhecem tuas outras virtudes!

Parece que escuto daqui a cínica voz da ambição, que procura abafar teus nobres anseios por estas vítimas infelizes alardeando os pretensos perigos a que estarias exposta, com este grande passo na direção da tua verdadeira prosperidade. Não escutes esta voz, ela te engana assustando-te para melhor servir sua ambição e tirania!....

Sábias medidas precisam ser tomadas, e algumas já foram sugeridas no seio de tua nobre representação nacional por uma nobre voz que se eleva com energia a favor dos escravos, e cuja lembrança ficará como um monumento de glória em teus anais futuros.

Sábias medidas precisam ser tomadas para evitar os resultados que chamam de perigos da abolição da escravidão.

Senhores do Brasil! mostrai-vos dignos deste solo bendito em que respirais fazendo desaparecer do vosso meio a maior vergonha dos povos cristãos, vergonha que ainda mancha vossos orgulhosos vizinhos do Norte, apesar dos admiráveis progressos do gênio empreendedor e progressista. Cessai com essa horrível profanação da natureza humana, ela resultará cedo ou tarde em terríveis consequências.

_A domesticidade é uma instituição eterna que a humanidade consagra, aperfeiçoando-a. Mas a escravidão é uma obra condenada pela ciência, religião e até mesmo pela política. Ela embrutece a inteligência do senhor, corrompe seu coração, e cedo ou tarde sua própria carne....

Infelizes os povos que afastam o remédio enérgico, necessário, para a cura das horríveis chagas que a ambição e a luxúria mantêm no seio das populações insensatas!

Se a revolta tiver justificativa um dia não o será quando tem por mentores estas nobres raças de selvagens que torturam, degradando-as?

O único meio de impedir as soluções violentas é, me parece, transformar a escravidão em domesticidade, incorporando-a ás famílias. A solução da questão mais assustadora do

novo mundo é então bem simples. Amai vossos negros e eles vos servirão, não como seres brutos, mas como homens livres e devotados.[1]

PISA

Construída nas duas margens do Arno numa deliciosa planície cercada pelos montes Pisanos, a cinco milhas do mar, Pisa hoje quase deserta não conserva nenhum vestígio da sua antiga glória, antes e durante o império romano, e mais tarde quando tornou-se capital de uma florescente república. Pisa mostra-se profundamente adormecida em sua resignação desde o começo do século XVI, época em que submeteu-se à Florença após longa resistência quando até mesmo as mulheres pisanas, como a grande heroína Chinseca, distinguiram-se por sua bravura patriótica.

A origem da cidade remonta a uma grande antigüidade. Segundo alguns autores antigos Pisa existia já nos tempos de Deucalion, rei da Tesália, antes da guerra de Tróia.

---

[1] No livro *Opúsculo Humanitário*, 1853, Nísia fez várias referências aos males da escravidão para a educação no Brasil, discute os problemas morais relativos á escravidão, alertando para "os tristes e inevitáveis resultados do constante viver dos meninos em contato com os escravos"(cit.p.97). Comenta sobre um "precioso livro de uma americana do Norte" que acabara de chegar ao Rio de Janeiro, A Cabana do Pai Tomás, de Harriet Beecher Stowe:

" O livro de Mrs Stowe é um primor de moral, de delicadeza de estilo, de sentimentos sublimes, de preceitos cristãos, simples e habilmente dirigidos por mão feminina.(.....) Essa obra pode ser considerada como um moderno Evangelho, em que todos os corações americanos deveriam ir beber as lições do Cristo.(...) Nós outros brasileiros, que lemos esse livro corando do opróbrio que igualmente pesa sobre nossa terra, nas reproduções daquelas cenas de horror que tão pateticamente descreve a insigne Stowe, deveríamos fazer nossos filhos decorar algumas de suas páginas saliente..."

Influenciada por Stowe, Nísia escreveu sobre o escravo virtuoso e infeliz, dotado de sentimentos cristãos, uma historieta publicada em folhetins no jornal "O Brasil Ilustrado" entre 14 de março e 30 de junho de 1855_ *Páginas de uma vida obscura*_ onde narra os sofrimentos do escravo Domingos, que ela chama de " o Tom Brasileiro":

"cuja vida de mais duras provanças ou antes de mais extraordinária fidelidade do que foi a de seu contemporâneo da União, interessaria duplicadamente ao leitor se fosse escrita pela insigne pena de Mrs Stowe".

A questão da domesticidade dos escravos foi discutida no Brasil no início da década de 1860. A idéia foi sistematizada por Francisco Brandão Júnior, um jovem positivista brasileiro que estudara na Bélgica, no livro "A Escravatura no Brasil",1865. Brandão propõe a "passagem gradativa dos escravos a servos de gleba".

Dizem que ela cedeu a Enéias uma tropa de mil guerreiros escolhidos e suplantou em bravura todas as cidades etruscas que ajudaram o herói. Bem antes do nome de Roma tornar-se célebre, Pisa era uma das mais conhecidas cidades tirenianas.

A história menciona um primeiro posto do exército romano em Pisa, no século seis de sua fundação, não enquanto conquistadores, mas como confederados para impedir as frequentes invasões dos ligúrios e dos bárbaros que Cartago incentivou secretamente contra os romanos.

Plínio, Strabon e Virgílio acreditavam que a cidade fora fundada por uma colônia de gregos que vieram da antiga Pisa, no Peloponeso.

Não se vê em Pisa nenhum vestígio dos templos e dos arcos de triunfo que Adriano e Antonino construiram.

Como todas as cidades da Itália ela foi desvastada pelos bárbaros com a queda do império romano.

Caindo mais tarde sob o domínio dos lombardos, Pisa foi uma das primeiras cidades a apresentar-se na liça para reconquista da liberdade. Fiel às suas tradições deu provas do gênio guerreiro que lhe foi legado pelos etruscos e romanos e transformou-se, no século treze, pelo esforço dos seus habitantes, em uma das mais poderosas repúblicas da Itália. As letras e as artes brilharam, e sua superioridade artística e científica caminhou paralela ao predomínio político que então exercia.

Através do contato com os povos do Oriente os pisanos conheceram as obras primas da antiguidade, e seu comércio marítimo, suas constantes guerras contra os sarracenos e outros povos, sua legislação, deram à cidade a honra de ser chamada a primeira cidade da Toscana.

Todavia, a glória que atinge o seu mais alto grau logo declina quando tem por base a guerra, espírito voraz e destruidor que desaparece à medida que os povos se civilizam, pelo menos devemos acreditar que assim o seja para a honra e verdadeiro bem da humanidade. A guerra, horrível aborto dos tempos antigos, alimentado pelos preconceitos no seio fértil da Idade Média, revigorado por mesquinhas ambições e monstruosas vaidades nos tempos modernos, é o maior contrasenso da doutrina regeneradora que só conseguirá dar paz ao

mundo inspirando aos homens o sincero amor das virtudes, cuja prática os guiará, com facilidade, no caminho do progresso e da verdadeira felicidade.

"Vá e leve minha palavra a todos os povos da terra", disse Cristo aos seus apóstolos. A palavra e não as armas ou o fogo é o único chamado para unir todos os povos e os irmanar. Infelizmente porém, já vimos e veremos ainda em nossos dias como as nações que se dizem cristãs seguiram, e ainda seguem este sublime preceito!

Uma brilhante aurora boreal espalha raios de luz sobre a longa noite dos preconceitos e misérias em que mergulharam os homens, e alguns espíritos esclarecidos vêem o prenúncio de um sol que irá maturar as sementes jogadas pela filosofia aqui e ali, nos coração dos praticantes zelosos do princípio humanitário. A colheita será rica e abundante e, se os cristãos por batismo tornarem-se cristãos de verdade, isto é, amigos da humanidade, e reunirem seus esforços, eles serão os primeiros a realizar o grande e caridoso pensamento que está nos princípios do divino mestre.

Pisa, tão viva, tão gloriosa outrora, tão abatida e triste hoje, ainda possui entre seus edifícios quatro monumentos, ou melhor, quatro imensos tesouros de arte: o Duomo, o Batistério, a Torre inclinada e o *Campo Santo* (cemitério). Isolados em uma praça deserta numa das extremidades da cidade, os quatro monumentos formam um grupo muito majestoso. Exemplo imponente da Idade Média e da Renascença, que desperta no espírito do contemplador o gênio que o inspirou, o Duomo lembra a famosa batalha vencida por Orlandi, cônsul dos pisanos, contra Roberto, rei da Sicília, a igreja foi dedicada à virgem em agradecimento pela vitória alcançada pelos bravos pisanos.

Buschetto, o célebre artista toscano foi seu primeiro arquiteto. Rivaldo o substituiu, a notável fachada se deve ao seu gênio "o primeiro na Itália a tirar a arquitetura do miserável estado em que ela então se encontrava".

Este magnífico templo, erguido no lugar onde ficava o palácio do imperador Adriano, é todo construido em mármores preciosos e contém muitas belezas de arte e gosto.

Não tem a severa magnificência das catedrais de Paris, Colônia, de Westminster e São Paulo, em Londres, e de tantos outros templos suntuosos que conheci.

É o Oriente, a antiguidade reunida ao gênio europeu da Idade Média e da Renascença nesta montanha de mármore, tão artísticamente trabalhada, que desperta minha admiração e faz-me conceber a mais alta idéia da arte daquele tempo.

Dizem que o movimento do grande lustre deste Duomo revelou a Galileu a medida regular do tempo[1].

Ao lado do *Duomo* fica o Batistério, pequena construção de grande beleza. O nome do arquiteto pisano Diotisalvi ficará imperecível como esta criação do seu gênio.

A bela pia batismal que se ergue no centro, sustentada por uma base de 3 pequenas escadas, é uma jóia de arte. Os mármores branco e azul celeste, todos gravados ou esculpidos nas cornijas e compartimentos onde ficam as rosáceas salientes, em mosaico de pedra branca e azul, criam um bonito efeito.

O púlpito, obra de Nicolas de Pisa, é ainda um tesouro de escultura. Isolado, é sustentado por sete pequenas colunas, seis dispostas em cada um dos seis ângulos e uma no meio, esta última apoiada no dorso de alguns animais selvagens e nas costas de figuras de homens. Esta idéia do artista me pareceu muito estranha: será que ele quis demonstrar com este conjunto(com uma imparcialidade que envergonharia seu gênio) que o homem é um dos animais mais selvagens quando lhe falta a cultura do coração?

Lorenzino de Médicis, bárbaro civilizado, arrancou a cabeça de muitas das esculturas que aí se encontravam e com elas decorou seu museu particular.

Fico em silêncio sobre outras maravilhas de arte que guardam o Domo e o Batistério, apenas deixarei aqui uma lembrança do augusto monumento religioso que mais me impressionou: o *Campo Santo*, antigo cemitério de Pisa[2]. Majestoso e magnífico recinto, sem rival no mundo, onde outrora vinham repousar no sono eterno os primeiros e os últimos cidadãos de Pisa. Nada do que admirara nos outros cemitérios, mesmo nos mais famosos,

---

[1] A viajante repete informação do seu guia (em Du Pays, op. cit. p.317): " A grande lâmpada de bronze suspensa na nave, além do mérito de sua execução, tem um interesse histórico. Acredita-se que suas oscilações mostraram a Galileu a teoria do pêndulo."

[2] O Campo Santo de Pisa, é o mais antigo da Itália, foi construído no século XIII. É um verdadeiro museu de arte italiana, com afrescos pintados por artista vindos de diferentes cidades da península. Destacam-se o Juízo Final de Andrea Orcagna, e os afrescos de Simoni Memmi, Benozzo Gozzoli e Giotto.

como o Père Lachaise, misto de orgulho e miséria, aproxima-se do generoso e religioso pensamento que guiou a construção do Campo Santo de Pisa. Quando aí entramos não conseguimos deixar de nos sentir tomados do mais profundo respeito, pelo duplo gênio de religião e arte que criou esta maravilhosa reunião de severo luxo e simplicidade, consagrada pela república pisana, no século 13, aos seus mortos. O grande escultor e arquiteto João de Pisa desenhou e dirigiu a construção do admirável monumento, e muitos outros artistas famosos colaboraram para embelezá-lo com suas criações. A mais nobre e austera simplicidade reina em sua arquitetura, digna do piedoso tema que inspirou o artista, e está em perfeita harmonia com as obras primas do edifício fúnebre.

Fiquei emocionada ao entrar neste santuário de morte, decorado com amplos terraços, arcos delicados, colunas, brasões recolhidos de vários guerreiros, grande número de sarcófagos antigos dispostos em bela ordem, admiráveis pinturas semi-apagadas que decoram os muros interiores, vastos corredores calçados com mármore onde ficam sepulturas sobre as quais caminha o visitante.

A antiguidade tem aí preciosos exemplos para quem gosta de estudar as obras de arte. Encontramos grande e rara coleção de esculturas antigas trazidas de vários lugares da cidade e da província. Além disso, Giotto, Buffamallco, os Orcangas, Florentinos, Simoni Memmi e Pierre Laurati, Antonio Veneziano, Spinello Arentino, Orvieto e Benozzo Gozzoli, contemporâneos do famoso Masaccio, primeiro mestre da pintura e também arquiteto, deixaram a marca de seus gênios através de suas obras.

A descrição detalhada do admirável monumento fúnebre não pode encontrar lugar nestas simples páginas. Descrevo apenas o conjunto de todas as belezas reunidas, muitas delas já enterradas pela devastação do tempo e dos homens.

O grande pensamento sobre o presente e a lembrança de todas as gerações enterradas entre os muros notáveis ocuparam-me bem mais do que os detalhes históricos do cemitério único.

Glórias e misérias desse famoso canto da terra aqui vieram dormir juntas, após serem derrotadas no rude combate que chamamos vida!...

Quando minha alma, vencida neste combate, voar para o seio do Criador, é aqui que gostaria que depositassem meus restos mortais, se devo pagar este triste e inevitável tributo à natureza tão longe do túmulo de minha santa mãe[1].

Entregue a essas idéias melancólicas interroguei em silêncio as ogivas, as arcadas, arcos, pilastras, capitéis decorados com figuras, muros em ruínas, sarcófagos antigos, a terra sagrada trazida do Monte Calvário no século 12 pelo arcebispo Ubaldo, e espalhada no pátio deste edifício fúnebre onde crescem flores colhidas pelas jovens moças que as oferecem aos visitantes; interroguei todas essas maravilhas, obras primas dos tempos passados que guardam tanta grandeza, tanta esperança malograda, e imaginei ouvir uma voz triste sair dos sepulcros e dizer: "aqui se resumem as glórias e força dos pisanos, aqui a história da humanidade!....As conquistas famosas, os gloriosos triunfos, as grandes virtudes e os grandes vícios digladiando-se, ou evitando-se nesse mundo onde respiras, eis o resultado de tudo isso".

A tristeza tomou conta de mim ao relembrar no meu espírito a causa principal da decadência moral dos povos do passado e a cegueira das gerações atuais, que caminham nas novas vias abertas ao progresso moderno ainda carregando no seio esta mesma causa, velha chaga inflamada que produz por toda parte desolação e morte das mais poderosas nações do

---

[1] Nisia faleceu em Rouen, França, em 24 de abril de 1885. Foi enterrada no cemitério de Bon Secours . Em abril de 1954 seus restos mortais foram trasladados para o monumento construído em sua homenagem, dedicado por um Congresso Literário e inaugurado em 1909, na sua cidade natal Papari, RN, hoje cidade de Nísia Floresta. O escritor Nilo Pereira contou uma curiosa história sobre a chegada dos restos mortais de Nísia ao Recife, em 1954("Nísia Floresta", em *Pernambucanidade*, vol I, Recife, Sec. de Cultura, 1983). Segundo o escritor, a Academia Pernambucana de Letras o encarregou de ir ao porto receber a urna, e para seu espanto, estava nas docas não uma urna funerária, mas um ataúde, que foi exposto à visitação na Academia:

"Numa noite, disse Nilo Pereira, levantamos a tampa fechada a cadeado, do primeiro caixão; havia outro, de chumbo, que também abrimos. Lá estava ela, a escritora, que de certo foi embalsamada, um tanto reclinada, os cabelos longos, a cor macerada. Um cheiro de mofo, o cheiro das múmias, se evolava daquele segredo quase centenário."

A Academia de Letras do Rio Grande do Norte mandou reformar o monumento para receber o ataúde, e nele "repousa a escritora, depois de tanto peregrinar".

Talvez por este fato inusitado o monumento de Nísia despertou a imaginação popular. Muitos supersticiosos contavam que viam sair do túmulo uma mulher que transformava-se em cobra e assustava a cidade adormecida. Embora história comum de fantasmas, para sossegar a população o prefeito da cidade envolveu o mausoléu com correntes para impedir que a assombração de cabelos longos saísse. Hoje o monumento está livre das correntes, e recuperado.

mundo. Interrompi o curso de minhas reflexões e afastei-me lentamente do imponente lugar de repouso, verdadeiro panteão dedicado aos seus mortos pelo gênio e fé religiosa dos generosos pisanos.

A Torre Inclinada, admirável construção toda em mármore, projetada por dois arquitetos - Bonnano, de Pisa e Guglielmo, de Inspruck, no século 12, ofereceu a dois passos dali uma distração aos sombrios pensamentos que haviam tomado conta de mim.Subindo por uma cômoda escada com 293 degraus, em mármore branco, chega-se ao sétimo andar do famoso *Campanile*, obra digna dos tempos em que o verdadeiro amor da arte e da poesia religiosa, em todo seu vigor, tornavam o artista um ser quase divino ofertando ao mundo, com surpreendente força viril, os gigantescos tesouros do seu gênio.

Aqui, a lembrança do incomparável Galileu surgiu no meu espírito com toda a glória da ciência que este homem extraordinário espalhou no mundo.

Se uma corporação fanática e bárbara[1], que foi por muito tempo o mais terrível flagelo da humanidade, procurou ofuscar o triunfo da verdade que o famoso astrônomo demonstrara, este triunfo brilhou mais ainda, como uma auréola, envolvendo o venerável sábio submetido à estúpidas exigências de seus perseguidores de Roma, e resplandeceu por todo o mundo científico.

Contemplei a solitária Pisa do alto desta torre onde o maior de seus filhos, o criador da física experimental, o infatigável e feliz explorador da abóbada celeste, tantas vezes subiu para calcular a queda dos corpos, experiência favorecida pela inclinação da torre.

O grande Galileu, sua vida, suas úteis descobertas, seus triunfos e sofrimentos, ocuparam inteiramente meu espírito quando eu subia ou descia desta maravilhosa torre. E que outro pensamento mereceria ocupar a atenção do viajante que chega a Pisa, do que o do primeiro dos seus grandes homens que abriu para a ciência e para a humanidade uma nova

---

[1] Gonçalves de Magalhães desenvolveu pensamento semelhante ao de Nísia sobre a inquisição, em *Fatos do Espírito Humano - Philosophia.* Rio de Janeiro: Livraria de L. B. Garnier, 1865, p.16: "As verdades filosóficas porém têm contra si as susceptibilidades de corporações poderosas, as vantagens praticas das crenças e das seitas, a ignorância de uns, o proveito de muitos, os preconceitos de uma ordem social que dispõe sucessivamente de cicuta, da cruz, das fogueiras, de dragões e de cárceres para provar que só ela tem razão. (....) O exemplo de Galileu prova quais seriam os progressos das ciências físicas, apesar do seu método, se elas perturbassem a consciência....."

via de progresso, até então desconhecida? Na universidade e por toda parte este pensamento segue o visitante, e espalha uma auréola brilhante sobre a cidade, que mesmo em sua decadência mostra-se ao universo toda orgulhosa por este astro, que surgiu em seu horizonte para espalhar sobre os homens novos raios de luz

CIVITAVECCHIA

Aqui em Civitavecchia, mais ainda que em Gênova e Livorno, sentimos as dificuldades que existem na Itália para os vistos e bagagens, dificuldade que aumenta quando entramos nos "estados pontifícios". Uma multidão de viajantes de diferentes nações desembarcou conosco por volta de 8 horas da manhã, e onze horas não conseguirámos ainda nos livrar das formalidades exigidas aos viajantes, antes de deixá-los partir para Roma[1], esta Roma que tanto demoro a chegar!

Deixei isso que chamam de alfândega de Civitavecchia e meus ouvidos continuaram aturdidos com a algazarra que faziam os viajantes, empregados, os *facchini*, indo e vindo, e uma multidão de mendigos que ficava na entrada, ao lado de vendedores de laranja, uns

---

[1] As dificuldades para desembaraçar-se nas alfândegas dos diferentes estados e ducados italianos, em especial no porto de Civitavecchia são descritas no guia de Du Pays (op. cit. p. 419):

"Na chegada por mar uma multidão de pequenas contrariedades e exigências assolam os viajantes. É preciso esperar, às vezes por muito tempo, a visita da polícia antes de desembarcar. Quando têm-se enfim a permissão é preciso negociar o preço para o transporte das bagagens pelos barqueiros, e com os facchini, que a levam até o escritório da alfândega...."

E para facilitar a vistoria da bagagem pelas alfândegas italianas Du Pays recomenda: " Os viajantes que querem percorrer a Itália devem simplificar o mais que puderem a bagagem: devem levar poucos livros, além dos relativos à viagem, porque este é um dos objetos que atraem a atenção mais inoportuna nas visitas dos oficiais da alfândega."

implorando a caridade, outros exibindo a superioridade dos belos frutos recém colhidos em Palermo. É uma confusão de vozes dos funcionários, pedindo e devolvendo as bagagens após revistá-las, e tudo isso sem nenhuma organização e com uma lentidão desesperadora! Como não queria ir até Roma em diligência mandei procurar um carro, e enquanto o preparam direi algumas palavras sobre minha curta e agradável travessia de Livorno à Civitavecchia, cuja vista não me oferece nenhum interesse.O sol já desaparecera quando deixamos o porto de Livorno, para onde retornáramos vindo de Pisa, por estrada de ferro.

O Mediterrâneo estava calmo como um lago sereno e permitiu-me ficar no convés até 11 horas da noite, com minha filha e muitas senhoras que passeavam sozinhas ou acompanhadas dos seus maridos. A lua brilhava no rastro do navio espalhando sobre as ondas cintilações fascinantes.

Apoiada no corrimão do navio contemplava este espetáculo que oferecia um encanto novo, porque era a primeira vez que me sentia bem navegando. Nem mais escutava a conversa perto de mim.

O canto de uma moça na língua musical que penetra na alma, o som melodioso de uma guitarra que tocavam no convés e que me lembrou uma montanha do meu país, onde tantas vezes, no silêncio da noite, as doces harmonias de um instrumento semelhante faziam-me mergulhar em doce ou amarga melancolia, segundo a disposição do meu espírito; o mar, o barulho das pás, o navio que me afastava cada vez mais de um filho adorado, de uma querida família; todo o movimento de bordo, iluminado pelo brilhante farol da noite, mergulhou minha alma em profundo devaneio.Oh! meu planeta predileto, doce inspirador da minha preocupada infância, devo a ti as minhas mais puras sensações! Tu, amigo das brincadeiras da minha infância nos jardins perfumados da minha alegre Floresta[1]; tu, o encanto das minhas preocupadas noites sem sono, confidente dos mistérios do meu coração durante uma longa e laboriosa vida, tu somente cativavas meu espírito de Livorno a Civitavecchia.

---

[1] Sítio Floresta, em Papari, Rio Grande do Norte, propriedade da família de Nísia, onde ela nasceu e passou a infância. Deste lugar, sempre lembrado, ela tirou o "Floresta", do seu nome.

O navio deslizava tranqüilo como um cisne deixando atrás de si largos sulcos de espuma, espalhando seus dois enormes penachos de fumaça que formavam no espaço as únicas nuvens dessa noite limpa com ar puro e acariciante.

A ilha de Elba, com seu farol e seu grande fantasma histórico, apareceu sob um céu sereno e calmo que contrastava fortemente com as lembranças que ela despertou no meu espírito da tempestade de 100 dias, última glória do famoso déspota moderno, e da assustadora carnificina que a encerrou....

ROMA

Uma primeira noite em Roma

Roma!....que grandiosas, piedosas, e ao mesmo tempo assustadoras lembranças esse único nome desperta no meu espírito![1]

---

[1] "Ecco Roma!" A entrada em Roma era um topos central nas narrativas de viagem à Itália. Quando avistava a cidade, o cocheiro parava o carro e dizia para os viajantes "Ecco Roma", e eles vivenciavam a "ansiosa sensação de re-encontro tão conhecida pelos amorosos de Roma" (A. Arinos, *Amor a Roma*,1982). Até meados do século XIX, antes que a viagem de trem (o trecho ferroviário entre Civitavecchia e Roma foi inaugurado no final de 1858), tirasse um pouco da emoção da visão de Roma para quem chegava pela estrada, a descrição do encontro com a cidade repetiu espantos comuns:

Goethe em 1 de novembro de 1786: "Então, é amanhã que estarei em Roma? mal posso acreditar. E quando esse desejo de toda a minha vida realizar-se, o que ainda poderei desejar?

Chateaubriand, 27 de junho de 1803, carta a M.Joubert (em *Italies*, op. cit. p.86):"Eis-me enfim em Roma, toda a minha indiferença desapareceu! Estou abatido, impregnado por tudo que vi(...) que cidade!

Byron em *Childe Harolds Pilgrimage*, 1818, (tradução de Alexandre Herculano (Obras, SP, Saraiva, 1959):

Oh! Roma! Oh! meu país! Cidade Santa!

Orfãos de coração que a ti cheguem

Mãe solitária de florentes reinos,

Stendhal (3-8-1827, em *Promenades dans Rome*): "É a sexta vez que entro na cidade eterna, e no entanto meu coração está profundamente agitado. É um costume antigo, entre as pessoas pedantes, emocionar-se ao chegar em Roma e quase tenho vergonha do que acabei de escrever."

Domingos Magalhães em seu poema "A vista de Roma"(1836):

É Roma ! é Roma! é a cidade eterna!

.....

Rainha das Nações eu te saúdo

Mãe ilustre de heróis do mundo espanto

Eu te vejo e minha alma ainda duvida!

Pereira da Silva (op. cit.p.294): "Palpitava-me o coração.Parecia-me visão.Via Roma: mostravam-se satisfeitos todos os meus desejos. Seria porém Roma na realidade? Não estaria eu sob a impressão de algum sonho agradável e sublime?"

E se longe dessa metrópole do mundo católico suas lembranças embalam constantemente todos os que meditam sobre sua história, o que dizer então quando nos encontramos no solo onde aconteceram tantas coisas surpreendentes e inesperadas!? Solo onde um único povo decidiu tornar-se senhor do destino de todos os guerreiros, e elevar-se ao mais alto degrau de glória que pode sonhar o espírito humano!

Porém, onde está esse povo, seu nobre patriotismo, seus grandes feitos guerreiros, seus gloriosos triunfos que outrora repercutiram por toda a terra?

Onde estão as almas de elite, os sublimes mártires que vieram depois para fazer surgir uma nova era e trazer para a cidade eterna novos e magníficos triunfos?

Procure-os na história.....

Eis-me na cidade cujas belezas e grandezas passadas sempre me fizeram sonhar. Com que interesse, com que entusiasmo vou percorrê-la, contemplá-la!

Depois de um fatigante percurso de sete horas por uma estrada árida e deserta[1], atravessamos a porta *Cavalleggeri*, as arcadas de Bernini, e passando a antiga *Trastevere*, a ponte Santo Ângelo etc., chegamos, minha filha e eu, ao Hotel de Minerva[2], onde conseguimos nos instalar com conforto após muita dificuldade, tal a multidão de estrangeiros que chegara em Roma ao mesmo tempo que nós.

Apesar da impressão desagradável que me causou a estrada triste e coberta de poeira que percorremos, e a vista pouco poética de Roma para quem entra pela estrada de Civitavecchia, não pude avistar a cúpula de São Pedro sem sentir uma certa emoção[3], que no entanto não foi tão profunda quanto imaginara.

---

[1] No momento em que publicamos estas páginas uma estrada de ferro conduz o viajante em duas horas de Civitavecchia a Roma. (**Nota da Autora**)

[2] O Hotel de Minerva é recomendado no guia de Du Pays, como um dos mais frequentados por estrangeiros. Em informações gerais sobre a cidade o mesmo guia sugere o uso do Plano Topográfico de Roma Moderna, de L. Letaraville e a leitura de *Promenades dans Rome* (1829), de Stendhal. Indica onde alugar carros e onde ficam as principais livrarias, entre elas a P. Merle, na *Place Colone*, especializada em livros franceses, e a De Romanis, especializada em livros clássicos. Recomenda as refeições a preço bom nos cafés, onde se pode ler o jornal, ou na *trattoria*, servindo-se *a la liste.*

[3] O guia que Nísia portava já prenunciava essa reação dos viajantes quando entravam em Roma pela porta Cavalleggeri (Du Pays, op. cit.p.420): " Entra-se pela porta Cavalleggeri (...) aos olhares ansiosos do viajante, nada ainda prenuncia a cidade das gloriosas lembranças. Porém, logo numa curva aparece a colunata da praça de São Pedro, e cheio de emoção ele contempla o grande templo do cristianismo."

Talvez deva atribuir ao vôo audacioso de minha imaginação, sempre pronta a exagerar a grandeza real das obras humanas, o meu desencanto logo que vi o famoso Vaticano, escondido por construções que me pareceram de muito mau gosto.

Oferecendo uma lágrima à minha terna mãe, na primeira noite de minha estada sob o céu que cobre a terra de Cornélia, das Vetúrias e dos Porcia, procurei disfarçar meu desapontamento ao entrar na cidade eterna deixando meu pensamento elevar-se livremente para outros tempos, outras gerações, onde encontravam-se a força e o heroísmo do grande povo decaído.

A sombra enegrecida do Panteão de Agripa sob Augusto, desenha-se ali, a alguns passos da minha janela. A sua visão transporta meu espírito para épocas remotas quando Roma ainda era Roma, senão nos costumes severos de sua grande e temível República, ao menos com toda a glória evocada ao nosso espirito por esse nome. Imagino ver a longa e terrível agonia da República, morrendo com seus últimos grandes heróis, o severo Catão, o intrépido Brutus, despojando-se de uma vida que eles acreditavam não mais servir para salvar a pátria de vergonhosa escravidão; as esplêndidas festas celebradas no retorno do tiranos vencedores, chamados de pais da pátria, que após espalhar o sangue da humanidade em muitos lugares, vinham um após outro, embriagados com sua glória, receber as entusiastas ovações de um povo rei já debilitado pelo luxo e caminhando a grandes passos para a decadência. Obscurecendo os atos de heroísmo e virtude, praticados aqui e ali por corações que ainda palpitavam com o verdadeiro amor da liberdade, vejo surgir Antônio, Lépido e Otávio, os três tiranos da pátria, disputando entre si o império do mundo por caminhos diversos, traçados por uma ambição cruel e desmedida.

E depois, o célebre, poderoso monstro do segundo triunvirato de tão funesta memória retornando à sua cidade, em triunfo, com o nome de Augusto, no apogeu de sua glória, recebendo do senado e do povo todas as honras que pode desejar o sonho de um homem aqui na terra. Todo o grande século dito de Augusto, as grandes vitórias conquistadas pelo exército romano com esse segundo César, que de tão cruel que era tornara-se humano, mostraram-se vivamente ao meu espírito, assim como o admirável arrependimento, ou a longa e constante dissimulação de quarenta e seis anos, que tão eloqüentemente revelou-se

na pergunta que fez aos amigos reunidos em torno do seu leito, pouco antes de morrer: "Desempenhei bem meu papel na vida?" E como responderam que não poderia ter feito melhor, completou : "Aplaudam-me então."

E foi o que realmente aconteceu. Não só ele foi cercado com as honras de um poder supremo em toda a sua vida, cantado pelos dois maiores poetas do seu tempo, como o povo romano continuou na sua adulação até mesmo depois de sua morte, rendendo-lhe honras divinas!

Porém a posteridade, juiz imparcial e incorruptível, deu a esse imperador o verdadeiro lugar que ele deve ocupar na história.

No entanto, se sua dissimulada bondade governando o maior povo da terra não conseguiu afastar a lembrança das crueldades de Otávio, nem perdoar seus erros como Augusto César, os corações compreensivos devem lamentá-lo por seus desgostos domésticos que lhe corroeram o coração, no meio da brilhante auréola de glória pública que o envolveu durante toda a sua vida. À história, a severa imparcialidade para o relato das ações dos homens célebres, e suas conseqüências, à mulher que apenas escreve suas impressões de viagem, o simples e discreto esboço dos defeitos desses homens, e a indulgência na apreciação dos seus atos.

Da mesma maneira que a cúpula do Panteão despertou no meu espírito a lembrança daquele que terminou e embelezou esse magnífico monumento, a cidade tão profundamente adormecida nesta hora mostrou-me a sombra de formidáveis guerreiros, entre elas a do assassino da grande República, em cujo comando as águias voaram de um lado a outro do mundo levando o terror a todos os povos e trazendo, em triunfo, as vitórias.

Com as imensas riquezas tomadas das nações vencidas construíram-se soberbos e inúmeros monumentos, e as letras assim como as obras de arte foram reunidas e trazidas para Roma, para atrair cá dentro a admiração que ela inspirava lá fora. Porém, o luxo e as disputas internas, tumores destruidores da força das nações, precedendo e seguindo-se às devastações dos bárbaros escavaram, bem antes destes, o abismo onde foi tragada a viril, a famosa, a surpreendente Roma, sobre cujas ruínas ergue-se outra Roma sombria e triste como a noite que hoje a oculta.

A noite começava a desaparecer expulsa pelo primeiros clarões da aurora. A *Roma morta*, ainda majestosa na sua dupla mortalha de beleza e de glória, mostrava-se difusamente ao nascer da manhã.

Apoiada numa janela do meu quarto eu olhava, mergulhados completamente na penumbra lado a lado, o Panteão e a igreja de Santa Maria, que foi construída sobre as ruínas do antigo templo de Minerva.

O paganismo e o cristianismo, a antiga e a moderna Roma, desenhavam-se à minha frente nesses dois edifícios que contavam-me, no silêncio que me envolvia, tantas coisas diferentes!

Quais foram as reflexões que aprisionaram meu pensamento e subjugaram meu espírito? Não saberia descrever.....

Depois de uma noite de vigília o sono apoderou-se de mim e dormi profundamente.

SONHO

Um venerável ancião estendeu-me a mão dizendo com uma voz simpática: "Mulher de imaginação tropical que sonhou por tanto tempo ás margens de tua majestosa Guanabara com as ruínas sagradas que margeiam o minguado Tibre, vem, siga-me: quero tirar diante dos teus olhos americanos a mortalha que cobre essa nação, outrora elevada pelo gênio republicano ao mais alto grau de glória que a ambição dos tiranos ergueu e destruiu .... venhas, não temas em seguir-me: sou Cinccinatus[1]."

---

[1] Lúcio Quíncio Cinccinatus, cônsul e ditador romano. Vivia afastado nos campos e era chamado à Roma nos momentos de crise. Seu nome ficou associado a uma austera simplicidade e exemplo de dedicação à causa da pátria. A figura histórica de Cincinato, guia do sonho romano de Nísia, era recorrente na eloquência romântica. Desenhos representando o velho patriota com o seu arado eram muito comuns, e um deles fazia parte da galeria de quadros de *Corinne*, de Mme. De Staël.

Sempre que queria-se exaltar as virtudes patrióticas e cívicas de um personagem histórico ou fictício era inevitável o apelo a Cincinato, como o fez Casimir Delavigne, em *Les Messéniennes*(1819), "Trois jour de Cristophe Colomb", onde mostra a visão que o descobridor teve do futuro da América:

Eles gritaram vitória; mostraram Washington

E Colombo reconheceu o verdadeiro herói

O velho Cincinatus....

Gonçalves Dias apela ao antigo herói no seu poema "Que cousa é um ministro"(*Versos Póstumos*, 1861):

Ó Codros, cúrsios, Fábios, Cincinatos

Carunchosos heróis da antiga história,

Acontecimentos da vida de alguns personagens da história lembravam o retiro de Cincinato nos campos, como o exílio de José Bonifácio em Santos após a dissolução da Assembléia Constituinte, que fez o apresentador de suas *Poesias de Américo Elísio*, da editora Laemmert, 1861, escrever:

"retirou-se para Santos, seu berço natalício, e ali nas suas terras dos outeirinhos, novo Cincinato ocupou-se na cultura do seu terreno..."

Na época da viagem de Nísia, a figura que mais evocava o nome do velho herói era Garibaldi, que exilado após o fracasso da República romana de 1849, voltara em 1854 e instalara-se na ilha de Caprera onde cultivava a terra, e de onde saiu em 1859 para participar da guerra de libertação da Itália. É assim que Alexandre Dumas referiu-se a Garibaldi na biografia do herói que publicou, e em desenhos que circulavam nas livrarias da Itália, depois da unificação, como o que Taine viu em Pádua ("Voyage en Italie", *Revue des Deux Mondes* 15 de dezembro de 1866):

"Um desenho representa Garibaldi dormindo e Alexandre Dumas que o contempla. Garibaldi está sobre uma pequena elevação, perto dele vê-se uma bilha d'água e um pedaço de pão; a epígrafe escrita por Dumas o compara a Cincinnatus."

Da mesma maneira, Mme.Quinet, em seu livro *(Mémoires d'exil* (Paris: Armand le Chevalier, 1870, p.268), quando fala de Garibaldi: "É Cincinnatus que reconhecemos no herói que retornou ao arado de Caprera, após os combates de Varèse."

Ao ouvir esse nome senti-me tranqüila, e entreguei-me confiante ao chamado do mais digno cidadão que Roma viu nascer nos primeiros anos de sua grandeza.

Uma planície imensa e solitária que agitava-se ao vento como as ondas do mar estendia-se aos meus olhos, tudo aí respirava desolação e tristeza! Porém, a desolação, a solidão, a tristeza, tinham um ar de soberana majestade.

O eco de mil vozes confusas saiam das entranhas da vasta planície que meu guia e eu pisávamos juntos. "Escutas os sons misturados de lamentação e cólera? falou o ancião, voltando-se para mim. São os gritos dos antigos déspotas da cidade rainha, e aqueles de suas inúmeras vítimas, que se encontram e digladiam-se no vasto espaço que teu olhar apenas alcança! Cada talo de erva que vegeta marca o lugar de um herói caído, de um feito realizado, de uma obra prima enterrada, de uma lágrima derramada....Porém, não pares para escutar as vozes das paixões e clamores dos povos que não mais existem. No século em que vives, outras vozes semelhantes, outros semelhantes clamores fazem-se escutar em todos os lugares ... A sociedade muda, o homem permanece o mesmo.

"Voltes toda tua atenção para essa região que se descobre aos teus olhos: vejas e contemples....."

Então eu vi, no meio da planície onde nos encontrávamos, uma árvore gigantesca cujos ramos horizontais estendiam-se a perder de vista!

"Eis diante de ti a árvore da nova era, disse o meu guia. Os mártires a irrigaram com o seu sangue e seus ramos estendem-se por todo o mundo, carregados com frutos. Porém, aproxime-te do tronco e olhes....."

Olhei e vi com desgosto e pavor envolvendo o tronco inteiro, e subindo em enxame até as folhas ainda verdes, porém já caindo em pedaços, uma espessa nuvem de vermes roedores.!!!!.....

Havia de todas as cores : vermelhos, brancos, cinzas, violetas....os primeiros estavam na base da árvore e aí desenvolviam seu talento destruidor para gozar amplamente, em repouso, as vantagens concedidas por sua posição sobre os outros; uns aqui, outros lá, todos seguiam acomodando-se, bem ou mal, nos ramos que devastavam lentamente, mas com perseverança!

O espanto e a piedade seguiram-se ao horror no meu espírito e estamparam-se no meu rosto diante da surpreendente árvore, ainda carregada com belos frutos e exposta á feroz devastação pela voracidade dos milhares de parasitas.

Meu guia percebeu e disse com um ar compreensivo:

"Teu espanto e tua piedade, assim como o teu horror, são compreensíveis, oh! filha do novo mundo de vasto e límpido horizonte de onde surgirá radioso o astro do progresso, ainda envolto, como por espesso nevoeiro, com o egoísmo mesquinho de nossas velhas gerações esgotadas. Nunca uma obra tão bela e tão grandiosa da criação mostrou-se aos teus olhos na soberba natureza do teu país! Porém, nem lá nem em outros lugares da terra um agricultor foi como aqui o obstinado destruidor de sua própria obra. Tens razão em sentires piedade ao ver o abandono em que se encontra esse sublime colosso, caindo em ruína com os vermes que bebem sua seiva, enquanto multidões ainda se alimentam com os seus frutos!

"Vês aqui o exemplo mais palpitante, talvez o mais doloroso, da estranha aberração do espírito humano!"

"Nesse vasto campo, hoje deserto e triste, floresceram outrora as obras mais surpreendentes do maior povo da terra, nomeados de pagãos pelos homens que vieram depois. Os templos dos seus deuses foram destruídos, seus numerosos monumentos e suas prodigiosas obras primas abandonados foram engolidos pela terra; os séculos passaram sem que ninguém procurasse ocupar-se com sua história; um novo princípio veio trazer ao homem a luz que deveria guiá-lo nas trevas, onde se pretendia que ele estivera mergulhado até então. Esse princípio era grande, profundo, justo e talvez mais adequado ao progresso e à felicidade da humanidade: ele emanava de uma inteligência suprema, de um coração que tornara-se divino pela mais completa abnegação."

"Os grandes espíritos, as almas piedosas, sustentaram esse princípio e o propagaram com sucesso, enquanto os exemplos dados por eles comprovavam sua teoria, porém, os seus sucessores o despojaram de sua sublime simplicidade para desfigurá-lo e envolvê-lo em fórmulas vãs, sacrificando a verdade e a justiça aos interesses de corporação."

"Ao afastarem-se mais e mais do caminho indicado pela santa filosofia, os propagadores desse princípio caíram nos mesmo erros do paganismo, ao mesmo tempo em que sempre acreditavam-se superiores àqueles que ainda seguiam essa religião."

"Os pagãos serviam aos deuses dos seus ancestrais nos princípios sob os quais tinham nascido e crescido, eles os conservavam, era justo."

"Aqueles que pregam o novo em geral afastam-se das práticas transmitidas por seu fundador, e assumindo por cálculo, bem mais do que por vocação, os votos que eles estão certos por antecipação que não poderão cumprir, tornam estéreis os laços sagrados da família para esconder da sociedade sua fragilidade, explorando com habilidade o campo de todas as paixões condenáveis, profanando de todas as maneiras a santidade do caráter com que estavam revestidos, e destruindo eles mesmos sua própria obra com uma deplorável cegueira."

"Não te falarei, acrescentou meu guia, sobre os rios de sangue humano que eles fizeram correr em louvor dos seus deuses, que eles fizeram bem mais implacáveis do que fizemos os nossos. A história aí está para mostrar suas contradições inacreditáveis, labirinto onde perderam-se puxando o fio do grande princípio do qual se diziam zelosos propagadores."

"Eis o símbolo do zelo religioso por esse princípio que poderás estudar em Roma, melhor do que em qualquer outro lugar."

E apontando a árvore gigantesca e estranha, em frente da qual estávamos parados, meu guia desapareceu e acordei sobressaltada.

Os raios do primeiro sol que eu saudava em Roma acariciavam meus cabelos e inundavam o quarto. Sentia necessidade deste calor depois do frio da noite e das fortes sensações que experimentara.

O sonho que acabara de ter deixara em minha alma uma profunda impressão.Ainda parecia ouvir a voz da venerável figura do nobre agricultor dos campos, que interrompera com pesar o seu trabalho e vestira a insígnia de ditador para salvar sua pátria. Suas palavras,

pronunciadas com tanta gravidade e eloqüente segurança, ressoavam nos meus ouvidos quando me dirigia ao Panteão, primeiro monumento da velha Roma que quis visitar.

Celebrava-se o sacrifício da missa em um dos altares construídos no interior da soberba rotunda despojada dos seus magníficos ornamentos, embora mostrando, mesmo em sua nudez e apesar da transformação, a grandeza do gênio romano durante a época de sua decadência. Dizem que esse é o mais perfeito monumento que nos foi legado pela antigüidade romana.

Não pude atravessar o pórtico sem sentir emoção diante do aspecto imponente do edifício, enegrecido pelos séculos e devastado pelos modernos que no seu furor de tudo transformar, ao seu modo, não respeitaram as admiráveis obras do antigos que os tempos, e até mesmo os bárbaros pareciam ter poupado para transmitir aos pigmeus das gerações vindouras uma idéia das gigantescas concepções dos povos do passado.

A audaciosa abóbada do Panteão desperta a admiração do espectador. Uma abertura circular, no meio da abóbada, deixa a luz entrar no templo que não tem nenhuma janela e hoje tem várias capelas em seu interior.

Minha filha e eu nos aproximamos da terceira das capelas, á esquerda, onde está enterrado o divino pintor. Depositamos um buquê de rosas frescas, símbolo da suavidade que emana de suas madonas.

Talvez fosse a primeira mão brasileira a prestar essa humilde homenagem ao gênio de pintura, homenagem acompanhada de ardentes votos para que nossa pátria possa um dia glorificar-se por ter criado um outro Rafael[1].

---

[1] Nísia, como outros românticos brasileiros, imaginava que para a formação cultural, espiritual e artística do país seria preciso percorrer todos os passos da civilização européia: "o presente do Brasil é pois o passado do centro ilustrado da Europa" disse Domingos de Magalhães (em Filosofia da Religião, *Niterói,* 1836) e para ele o "Rafael brasileiro" já existia. No "Soneto à vista dos belos quadros de Manuel Araújo Porto Alegre" (em *Poesias Avulsas*, Garnier, 1864), o poeta disse:

Raphael do Brasil, eu te saúdo

Porto Alegre tinha o "seu" Rafael brasileiro. Numa carta de Berlim(27-09-1861), para Paulo Barbosa da Silva, ele apresenta o pintor Pedro Américo: " Pedro Américo é um gênio, é um rapaz extraordinário (...) junto a este meu pedido uma cartinha para a comadre, a fim de que ela seja a santa protetora deste futuro Rafael." (*Correspondência com Paulo Barbosa da Silva.* Rio de Janeiro: Liv. Francisco Alves Editora, 1995, p.110)

Em 18 de outubro de 1833, os ossos do imortal pintor, descobertos há pouco tempo, foram transladados para essa capela com grande pompa[1]. Antes que eles fossem encontrados acreditavam-se dele o crânio de outra pessoa.

O célebre Gall[2], ao admirar em Roma o pretenso crânio de Rafael, acreditou encontrar as linhas características do grande gênio ao qual, segundo uma falsa suposição, o crânio pertencera[3].

É assim que enganam-se com freqüência sobre as descobertas de coisas do passado e cometem-se erros grosseiros que passam por verdades para toda uma geração.

Annibal Carrache e outros grandes artistas também dormem no Panteão, e segundo a expressão de um escritor fazem corte ao grande mestre. O seu busto e o de outros artistas

---

[1] Informação do guia. (Du Pays, op. cit. p.458): "os ossos de Rafael foram descobertos em setembro de 1833 e transladados...."

[2] Gall, François Joseph (1758-1828). Célebre médico e fisiologista alemão inventor do sistema conhecido como frenologia, teoria que estudava o caráter e funções intelectuais humanas baseando-se no formato do crânio. Como outras teorias semelhantes desenvolvidas ao longo do século XIX, o sistema de Gall despertou interesse de muitos escritores e estudiosos, entre eles Augusto Comte. No Brasil a pesquisa de Gall foi muito discutida, a julgar pelas diferentes referências. O padre Lopes da Gama, que fez uma ampla crônica dos costumes do Império no seu *O Carapuceiro*, não deixou de explicar a teoria para os seus leitores (*O Carapuceiro* de 16 de agosto de 1837, Ed. Facsimilar da Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1983, vol 2):

"Apareceu em Wetemberg o célebre médico Gall, que introduziu na su'arte todos os sonhos da Methafizica, publicando a sua cranologia. Ele divide o cérebro em prateleiras (por assim dizer) a cada uma das quais designa funções que lhes são próprias."

Gonçalves Dias, no romance *Agapito* (publicado no jornal literário *"Archivo"*,1846, e em *Obras Póstumas,* RJ, Garnier, s.d, p. 111) faz referências ao cientista alemão:

"Bem sabeis que o cérebro dos homens, bem como um cortiço de abelhas, está dividido em pequenos casulos, que em vez de terem por letreiro mel, ambrozia, ou cousa semelhante dizem simplesmente intelectualidade, sensibilidade e outras palavras em ade como bem mostra Gall na sua cérebro ou craneografia."

Gonçalves de Magalhães não deixou por menos, e no seu estudo *A Alma e o Cérebro* (1870/11), contesta as teorias de Gall sobre a relação entre o formato do cérebro e aspectos fisionômicos, com a inteligência ou aptidões dos homens, em especial a idéia de Galll de que os homens com olhos grandes teriam boa memória, e cita o cardeal Mezzofanti como negação dessa teoria: "citaremos o célebre cardeal, que falava trinta línguas e sabia a literatura de cada uma delas. Com ele conversamos em Roma, em 1835, na Biblioteca do Vaticano, e à sua vista ficamos convencidos que se pode ter uma memória prodigiosa, com olhos antes pequenos que grandes".

[3] Admirador de Gall, cujo curso frequentara, Goethe visitou o suposto crânio de Rafael na Academia de São Lucas(1787): " A coleção da Academia de São Lucas possui o crâneo de Rafael. Esta relíquia pareceu-me verdadeira, porque a formação óssea é admirável, e disposta de maneira que uma bela alma possa aí passear a vontade." (*Voyages, Campagne de France et Annales.* Paris: Biblioteca Charpentier, s.d. p.236.(tradução minha).

foram retirados do templo por um "excesso de zelo devoto" [1] que no entanto não se estende a muitos outros bustos e a outros quadros com que foram decoradas certas igrejas e que estão bem deslocados, como não estava o busto de Rafael no Panteão[2].

Ainda se vê em um nicho perto desse modesto túmulo, tão grande pela lembrança daquele que o ocupa, a estátua da virgem chamada de *Madonna del Sasso* feita por um dos primeiros alunos do divino pintor.

Urbano VIII despojou o edifício magnífico dos seus preciosos ornamentos, e o nome da família Barberini a que pertencia, mereceria, assim como muitos outros nomes, ser associado ao dos bárbaros[3].

SÃO PEDRO

Após visitar o Panteão foi a suntuosa basílica de São Pedro que atraiu minha atenção. O Sr. N***, que fez conosco a viagem de Gênova a Roma veio nos visitar, e ofereceu-se gentilmente para nos acompanhar na primeira visita a São Pedro e mostrá-la em detalhes. Porém, a imensa basílica, a beleza de suas proporções, a riqueza e elegância dos ornamentos, só pode ser vista e bem apreciada com muitas visitas. Os artistas e aqueles que se permitem a julgar como tais as obras de arte muito se ocuparam em analisar e criticar os detalhes do majestoso edifício, obra de muitos arquitetos célebres, dentre os quais resplandece o poderoso gênio de Michelangelo.

---

[1] O "escritor" citado por Nísia é Du Pays, no seu guia, (op.cit p458/59): Rafael foi enterrado na terceira capela(...) Outros grandes artistas também estão enterrados no Panteão, como para fazer-lhe corte (...) Em 1821 por excesso de zelo devoto foi retirado da igreja o busto de Rafael e dos outros artistas..."(grifo meu).

[2] Stendhal (em *Promenades dans Rome*, Grenoble, ed. Jerôme Millon, 1993 p.177. 1 ed. 1829) comenta a retirada do busto de Rafael: "O busto de Rafael foi retirado do seu túmulo e relegado num pequeno quarto do Capitólio (...) Quem diria que após a queda de Napoleão a reação religiosa atacaria Rafael que morreu em 1520." (tradução minha)

[3] Maffei Barberini foi papa com o nome de Urbano VIII, (1623-1644). No seu pontificado consolidou-se em Roma a fase áurea do Barroco, com a influência de Bernini. Para a criação de bustos e monumentos funerários de membros da família papal foi retirado bronze do único monumento preservado da antiguidade, o Panteão, além do bronze dos velhos canhões do Castelo de Santo Ângelo. A ação de Barberini fez surgir o provérbio, citado por muitos viajantes: *Quod non fecerunt barbari fecere Barberini.*

Humilde apreciadora de semelhantes criações senti-me mais impressionada com seu conjunto do que com os detalhes. Apenas o grandioso suscita em meu espírito uma súbita e profunda impressão. As coisas simplesmente belas, nas quais a grandeza não deixou de modo algum a sua marca, encantam-me, emocionam-me, interessam-me, porém nunca despertam o meu entusiasmo.

É sem dúvida um defeito de minha formação, tanto para coisas físicas quanto para as coisas materiais.

Por isso foi o grandioso conjunto do interior da basílica sem rival que mais despertou minha admiração.

Ao chegar na praça formada pela colunata em hemiciclo de Bernini, decorada com duas belas fontes, com o soberbo obelisco e duas estátuas colossais em mármore, de São Pedro e São Paulo, subimos as escadas que conduzem à entrada do pórtico.

Na balaustrada em que se encerra o ático o Sr. N*** parou um instante para olhar as 13 estátuas que representam Jesus Cristo e os apóstolos, e as estátuas eqüestres de Constantino, o Grande, e Carlos Magno, localizadas nas duas extremidades do pórtico.

Pensando nas tristes vítimas que sofreram o martírio no circo de Nero no mesmo lugar, hoje ocupado pelo suntuoso templo, penetrei no admirável recinto, onde o espírito é tomado pelas gigantescas proporções. Sobretudo a grande cúpula, que fica sobre a *Confissão de São Pedro*, atrai à primeira vista a atenção do visitante.

Chama-se *Confissão* o túmulo que guarda uma parte dos restos mortais do santo.

Cento e quarenta e duas lâmpadas sempre acesas, sustentadas por placas de bronze dourado, rodeiam a balaustrada circular em mármore por meio da qual se desce ao túmulo. As lâmpadas criam um efeito ao mesmo tempo esplêndido e melancólico. Logo que cruzamos o batente da grande porta que dá entrada para a nave principal e observamos a iluminação, sentimos qualquer coisa de irreal.[1]

---

[1] Os muitos viajantes que visitavam São Pedro tentaram descrever a impressão com as mais diferentes comparações, como o brasileiro Pereira da Silva (op. cit. p.318): "é prodigioso o efeito da entrada. Revela-se como um trecho sublime de Milton, ou uma magnífica melodia de Cimarosa."

Deixando à direita e à esquerda as capelas com grandes belezas, entre elas a Pietá, e fontes batismais, dentre as quais destaca-se o magnífico conjunto de Michelangelo, a urna de pórfiro que serve de tampa ao sarcófago de Othon II, nos dirigimos para a *Confissão*. Sobre a *Confissão* fica o altar principal, isolado sob um magnífico baldaquim todo em bronze dourado, cujas ricas colunas retorcidas, em ordem compósita, foram trazidas do Panteão.

Descemos para a *Confissão* por uma escada dupla onde fica a estátua de Pio VI, de Canova. Pio VI foi representado ajoelhado diante do altar. De lá avistamos o túmulo que guarda a metade do corpo do apóstolo. Nós o vemos através de uma grade. Ao aproximar-me dessa grade fui tomada por um profundo sentimento religioso, caí de joelho sobre um degrau de onde avista-se o relicário do mártir rezando com fervor.

Oh! minha mãe! aparecestes mais viva do que nunca em meu espírito do jeito angelical que ficavas rezando perto dos altares.

Cheia de fé em teu êxtase religioso tua alma já parecia gozar de todas as delícias celestes, enquanto teu corpo ainda estava atrelado à terra, exílio tão doce e tão amargo! Estavas lá, ao meu lado naquele momento, nossas preces confundiram-se por nossos entes amados.

A presença da querida criança que tanto amastes, ajoelhada ao meu lado, a visão do túmulo comprovando a grandeza do cristianismo e despertando em minha alma tuas inabaláveis crenças, aproximaram-me de ti de uma maneira quase visível, oh! minha mãe! e comovi-me até as lágrimas....

Quando saí da grandiosa basílica de São Pedro estava muito emocionada para conseguir julgar suas inúmeras belezas.

O Sr N** que parecia mais envolvido com outra grande obra do que com essa que admiramos juntos, quis levar-nos para ver a Biblioteca do Vaticano. Porém, como disse-lhe que precisava recolher-me, depois da emoção que sentira, ele pediu permissão para apresentar-me no dia seguinte um célebre artista romano, seu amigo, e despedindo-se entrou no Vaticano. Nós tomamos um carro para voltar ao hotel.

A QUARTA FEIRA SANTA

Acabáramos de ouvir na Capela Sixtina o famoso *Miserere*[1] sobre o qual sempre nos falaram com entusiasmo. Jamais tão harmoniosas notas de música sagrada haviam sensibilizado meus ouvidos; jamais vozes masculinas sob a abóbada de um templo haviam suscitado em minha alma tão profunda impressão. Eu estava na famosa capela, criação de Michelangelo, diante de Pio IX e sua corte, dos ricos cardeais, ou em regiões desconhecidas onde meu espírito procurava encontrar o sentido indefinido das idéias que o canto me inspirava? Durante alguns instantes esqueci completamente paixões, combates, prazeres fugazes e dores insistentes que constituem a vida.

Uma bela e gentil senhora alemã, com quem tive o prazer de conversar antes que começassem os salmos, observou minha emoção e este foi um laço simpático que por um momento nos uniu uma a outra, porque o canto harmonioso despertou nas nossas almas a mesma emoção. Eu estava ao lado da poética e meditativa Alemanha e escutava a melhor música do mundo sob a abóbada da capela Sistina. A harmonia de sentimento e espírito, numa hora de recolhimento, fez-me sentir um encanto tão delicioso quanto novo para mim.

A tribuna das princesas romanas, bem ao lado dos lugares reservados onde nos encontrávamos, estava ocupada por duas pequenas princesas alemães e sua corte. Todos as olhavam, com exceção da encantadora alemã, mergulhada em suas meditações.

Atrás de nós encontravam-se duas senhoras francesas cujo cochichado contínuo acabou por distraí-la. Elas pareciam arrebatadas ouvindo as vozes dos homens que formavam sozinhas a mais harmoniosa orquestra. As senhoras faziam, baixinho, muitos comentários acompanhados do gesto graciosamente expressivo, de que sabem tão bem se servir as mulheres dessa nação para expressar ou conter os sentimentos.

Minha jovem alemã nada dizia, parecia sentir profundamente e olhava-me às vezes, só o olhar guardava todo o sentimento que nossas vizinhas faziam tanto esforço para expressar.

---

[1] O Salmo 51, um dos sete salmos da penitência, musicado por Allegri em 1621. Era cantado na Capela Sistina por um coro formado pelos *castrati*.

Esse foi um pequeno estudo que me propiciaram a mulher alemã e a francesa sobre o caráter de suas nações[1].

De volta ao hotel encontramos na mesa de refeição, servida para mais de duzentas pessoas, muitos senhores e senhoras que como nós assistiram a mesma solenidade. Homens e mulheres expressavam, sem constrangimento, as impressões sobre a capela Sistina, alguns deles davam livre curso às exclamações contidas durante a cerimônia. Cada um fazia uma observação diferente sobre a voz feminina dos bravos cantores, sobre o papa, sua brilhante corte, e enfim sobre o que mais os impressionara.

Era fácil, mesmo para aqueles que não entendiam outra língua além da sua, reconhecer os franceses entre os alemães, ingleses, americanos, poloneses e espanhóis que ali se encontravam.

Algumas palavras pronunciadas em português perto de mim fizeram-me estremecer de prazer: é muito doce para o estrangeiro, longe de sua pátria, o som do idioma materno que vem roçar os seus ouvidos. Desviei minha atenção de todos os comentários que se cruzavam ao meu redor, e pensei nas boas reuniões brasileiras onde os tesouros do coração são espontaneamente espalhados com prodigalidade na nobre língua de Alexandre Herculano, com a doce inflexão de voz que lhes dá a atmosfera brasileira. Descobri em seguida que as duas pessoas que chamaram minha atenção eram nascidas um em Portugal, outro no Brasil. Eram dois viajantes, o brasileiro viera de Jerusalém e das pirâmides do Egito, e retornava para o Rio de Janeiro onde nascera. Não o conhecia pessoalmente, mas ao saber que eu era irmã de um amigo do seu irmão veio falar-me com amável cortesia.

---

[1] As cidades italianas, principalmente nos meses de verão, atraíam muitos estrangeiros, e observar os diferentes costumes era um não só divertimento a mais para os viajantes, como também um campo aberto para observações filosóficas. Em *Corinne*, de Mme de Staël, e a escritora discorre longamente sobre costumes e vida social de franceses, italianos e ingleses, o que torna seu romance um estudo sobre os valores culturais e de como eles interferem na vida, principalmente das mulheres, mais sujeitas às convenções sociais.

As diferenças entre as mulheres francesas e alemães foram analisadas por Nísia no livro *Opúsculo Humanitário(*1853), escrito logo após o retorno de Nísia ao Brasil, depois de morar tres anos na Europa (op. cit. p.21/30) Nísia observa que as alemães são "melhores esposas, melhores mães, pensadoras mais profundas, mulheres mais completamente educadas do que são em geral as mulheres do Sul" A francesa "reina de fato pelo espírito".

O português, que ganhara há pouco tempo o título de visconde pois eu o vira como caixeiro de uma loja, pareceu tomado por uma súbita indisposição e deixou a mesa antes do fim do jantar.

Uma senhora inglesa que como eu viaja só com a filha, e que normalmente instalava-se na mesa à nossa frente, falava do desejo de conhecer minha pátria.

Eu saía da mesa quando uma criada anunciou a visita de uma das famílias de Roma a quem fôramos recomendadas e cuja conversação interessava-me, já que ensinava muito sobre as coisas que desejava conhecer em Roma. Certas informações dadas por pessoas sérias sobre os costumes e hábitos dos países onde acabamos de chegar só podem nos ser úteis, e podemos conhecer apenas o que informam ou nos informarmos por nossa própria investigação. Alguns instantes depois o senhor N*** chegou com o artista sobre o qual nos falara. A conversação generalizou-se: falou-se da cerimônia que acabáramos de assistir, das que se sucederiam e sobre várias coisas interessantes que Roma oferece à curiosidade dos estrangeiros.

Depois, o S. N***, homem muito educado, mas que aparenta ser um pouco distraído, conversou, gracejando, sobre sua viagem ao Egito e sobre o Brasil, pedindo diversas informações, e enfim sobre a necessidade da confissão. Falando deste assunto, com um tom que parecia pouco sério para uma pessoa da Igreja, disse à minha filha: "quero ser vosso confessor em Roma".

_"Perdão, eu não quero me confessar com o senhor", ela respondeu com ingênua espontaneidade que desconcertou um pouco o homem da sociedade, que assumira por um momento o papel de homem do senhor. "Veja, ele observou, retomando o controle e dirigindo-se a mim, esta criança não me deseja como confessor, por que ? "Os porquês são algumas vezes bem difíceis de explicar, senhor. Além disso, em matéria de consciência deve-se deixar toda a liberdade ao espírito. Felizmente não estamos mais no tempo do *famoso Santo Ofício*, completei rindo, esta criança não me será tomada por conta de sua sinceridade".

As pessoas que estavam conosco fizeram, gracejando, algumas observações para apoiar o meu comentário, e nosso sábio visitante terminou, ele mesmo, rindo da resposta da minha filha.

5 de abril

As cerimônias da Semana Santa terminaram. Roma ostentou toda a magnificência do catolicismo.

Inúmeros estrangeiros de todas as nações do mundo acorrem para assistir as cerimônias na basílica de São Pedro que preferem à qualquer outra igreja, pois é nela que o papa e seus cardeais permanecem nos dias de solenidade.

Falarei aqui da impressão que me deixou a semana santa em Roma?... Não, não devo fazê-lo!

Sob a esplêndida abóbada da basílica de São Pedro tudo é grande, imponente, solene, com exceção do recolhimento do povo que aí se encontra nesses dias. A multidão é considerável, compacta, e mesmo as pessoas que têm bilhetes para lugares reservados, como nós tínhamos, correm o risco de serem esmagadas nas passagens onde todo mundo se aperta. Concedem-se mais bilhetes do que os lugares existentes, e quase sempre quando se consegue transpor a entrada, por entre os guardas que não conseguem conter a multidão, encontramo-nos no meio de uma onda de pessoas, sempre crescente, e só com muito esforço conseguimos suplantá-la.

Na Quinta Feira Santa após a cerimônia do *lava-pés*, onde o papa lavou com humildade toda evangélica os pés de doze padres pobres, quando a multidão dirigia-se para a capela Sistina, para ver a ceia que seria servida pelo papa aos mesmos padres, as pessoas foram comprimidas de tal maneira na entrada da capela Paulina que ouviram-se muitos gritos abafados. Já estávamos nos nossos lugares e soubemos depois que muitas pessoas haviam se sentido mal.

Essa desordem acaba com toda a idéia do lugar em que se está e a finalidade que conduz o fiel ao templo. Ela cria distrações inoportunas, onde os cristãos deveriam ter um controle digno do pensamento que os conduziu.

Não sei se nos templos do paganismo aconteceram confusões e irreverências comparáveis as que vemos em nossos dias em São Pedro, onde vi pessoas que chegaram mais cedo para melhor localizar-se carregando merenda para comer enquanto estavam na igreja.

No entanto, que não se julgue o povo italiano por tal profanação porque em dias de semana santa Roma é invadida por todo tipo de estrangeiros, de diversas crenças, que a curiosidade, mais do que o espírito religioso, atrai para a metrópole do mundo católico.

Essa reflexão parece-me justa e a deixo aqui, para não cair no mesmo erro que já tive oportunidade de mencionar, mais de uma vez, em que caem certos viajantes ao afirmarem coisas falsas, ou enormemente alteradas, sobre os hábitos dos povos que eles mal visitaram e que eu conheço particularmente. Desejando antes de tudo divertir seus leitores, e assim conseguir mais fama para os seus livros, eles sacrificam a simples verdade ao encanto de certos relatos que trazem a marca da novidade, que eles sabem dotar com toda a graça do espírito[1].

---

[1] Em meados do século os membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro criticavam os estrangeiros que diziam "inverdades" sobre o Brasil. Os viajantes foram "separados" entre os "amigos" e "detratores" do Brasil. Em 1844, um artigo M. Chavagnes, na *Revue des Deux Mondes* provocou polêmicas e respostas da *Minerva Brasiliense*, principalmente na edição de 15 de setembro da revista que trouxe na folha de rosto a frase "O Brasil insultado pela revista dos Dous Mundos". O número seguinte da revista (1/10/1844) trouxe um artigo de Emile Adêt em resposta à *Revue des Deux Mondes.*(Remeto ao livro *Eternamente em Berço Esplêndido*, de Maria Helena Rouanet, SP, Siciliano, 1991, pp.124 -127, onde a autora discute as queixas dos brasileiros contra vários viajantes e o particular apreço por vários outros, em especial Ferdinand Denis, "o amigo do Brasil".)

Nísia repete as queixas contra os viajantes que detrataram o Brasil, e suas inúmeras referências ao país procuram dar uma idéia verdadeira sobre a sua pátria. Essa postura mostra-se mais especificamente no texto "Il Brasile" (in *Scintille d'un' anima brasiliana*, Florença,1859 p. 8/9), em que critica um viajante, *"spiritoso acozzator di parole"*, que passou poucos dias no Rio de Janeiro, e imaginou que fosse neve as névoas que cobriam a serra dos Órgão. Porém, neste mesmo texto ela faz uma grande citação do livro *Viagem Pitoresca através do Brasil* (1835), do austríaco John Rugendas (1812-1858), a quem chama de "um dos mais conscientes escritores do século", "um estrangeiro que soube fazer justiça ao Brasil", e recomenda o livro de Rugendas para os que querem conhecer a história do povo brasileiro.

Evitarei, então, julgar a fé religiosa do povo romano pela falta de recolhimento que me melindrou durante as cerimônias que se realizaram em São Pedro.

Entre a numerosa reunião de estrangeiros, povo, burgueses, clérigos, nobres etc, encontrava-se, com o marido e filhas, a rainha deposta que todo mundo conhece, expulsa pelos espanhóis, que Roma acolheu.

Eu a observava constantemente perguntando como era possível que uma mulher, cercada por um esposo e filhos que ama, possa desejar outra felicidade na terra e ambicionar outra glória que não aquela de exaltar seu nome pelas virtudes dignas destes dons que Deus lhe concedeu.

Ó virtude! é no coração dos soberanos que deverias ter o mais digno lugar, é do alto dos seus tronos que deveriam descer os benfazejos exemplos, como do alto das montanhas descem os grandes rios regando e fertilizando a terra....

No domingo de Páscoa, após celebrar a grande missa, o papa apareceu na janela principal da fachada para a habitual benção geral. O povo saía em multidão da basílica resplandecente de luzes e enfeites: uns reuniram-se na bela praça do Vaticano àqueles que esperavam com a tropa francesa a célebre benção; outros subiram nas tribunas dos imensos terraços. Minha filha e eu estávamos em uma dessas tribunas. Todas as janelas do Vaticano e das casas próximas estavam repletas de pessoas. O uniforme dos militares, suas cintilantes armas, as mulheres em grande pompa, os ricos e numerosos carros que circulavam sob as arcadas para deixar na entrada da praça aqueles que vinham engrossar a multidão que aguardava a benção papal, tudo isso desenhava-se magnificamente sob o esplêndido sol de Roma.

Era um curioso espetáculo ver o povo romano despojado de sua glória passada, ainda orgulhoso em sua infelicidade, acorrer à praça com a imensa multidão de estrangeiros para receber a benção do chefe de Igreja Católica, no mesmo lugar onde seus ancestrais reuniam-se para assistir cenas tão diferentes e aplaudir o feroz espetáculo que Nero e outros tiranos lhes proporcionavam.

Ao meio dia o papa subiu para a grande janela da fachada de São Pedro, no meio de duas espécies de enormes ventarolas que dão a essa solenidade o ar de uma cena oriental bem estranha.

Quando ele apareceu fez-se um silêncio tão profundo na imensa multidão, que se poderia ouvir o vôo do menor pássaro.

Então ele pronunciou, bem alto para ser ouvido por todos, as palavras sacramentais: *Urbi et Orbi.* A tropa e uma parte dos católicos presentes receberam-nas de joelhos, num grande recolhimento que não haviam demonstrado no templo.

Porém o silêncio imponente foi de curta duração.

Dada a benção o povo começou a dispersar-se e foi então que os cardeais deixaram ver melhor o luxo com que se cercam em público. Nunca notara, exceto em Londres, tantos belos carros de uma riqueza indescritível. Os monsenhores, os bispos, os arcebispos, os embaixadores, os príncipes e sobretudo os poderosos cardeais, ostentam um luxo excessivo. Os últimos lembram muito mais os ricos senhores orientais do que os primeiros ministros do antigo culto católico, cuja severa simplicidade adaptava-se tão bem à doutrina do Divino Mestre que eles procuram imitar.....

De noite a cúpula de São Pedro e os terraços das colunas de Bernini apresentavam a mais bela iluminação que se possa imaginar. Oito horas precisamente, a um dado sinal, ela mudou de repente e como por encanto cores arrebatadoras ofuscaram os olhares e os espíritos extasiados dos espectadores.

É, com efeito, um espetáculo maravilhoso. Quanta arte! quanto gosto! mas também quanto desperdício, quanto dinheiro gasto para divertir por alguns momentos os olhares dos espectadores! Eu olhava em silêncio toda a brilhante pompa, pensando nos prodigiosos gastos feitos para as esplêndidas festas, assim como para a construção de igrejas numa cidade que já tem trezentas, e também para manter numerosos conventos de diferentes ordens, enquanto o lixo cobre uma parte das ruas da cidade eterna e uma multidão de mendigos dia e noite por elas se arrasta!

O espetáculo do grande luxo ostentado nas festas não me maravilhou, apiedei-me com a miséria real da cidade, onde em todos os lugares uma parte do povo estende a mão aos

passantes, cujos corações apertam-se diante do aspecto dos seus trapos, e onde uma outra parte agita-se em um silêncio ameaçador, como as ondas longínquas do mar sob a influência de muitas tempestades[1].....

O sonho que tive na primeira noite de minha chegada a Roma me veio à memória.....

Roma! Ó Roma! tu que guardas no teu seio fértil a lembrança e os monumentos de três mundos diferentes: de um povo grande por sua história; de um povo poderoso pela autoridade de seus imperadores; de um povo humilhado pelo poder absoluto dos seus papas; não criarás um quarto mundo, de onde surgirá o verdadeiro progresso de um povo sábio, livre e feliz?

E uma voz interior me respondeu : "Esperes!"

Voltei ao hotel com minha filha mais impressionada com essas idéias do que encantada com as esplêndidas festas da basílica de São Pedro!

6 de abril

Sombras dolentes, Camila com o coração amoroso, doce e fiel Virgínia, Ó vós! que a fúria de um irmão desumano e a honra de um pai infeliz mergulharam nas ruínas sangrentas da antiga Roma. Frescas flores primaveris murchas sob a falsidade das paixões logo que do vosso seio exalavam os primeiros perfumes da vida: inspirem á minha pobre pena algumas linhas dignas de expressar as emoções que sinto, nas ruínas de Roma, com a lembrança de uma data tão solene em minha vida.

---

[1] Imagem comum em textos do século XIX para falar das multidões em revolta. Castro Alves a usou no poema O Século (1865):

Não calqueis o povo-rei
Que este mar d'almas e peitos
Com as vagas dos seus direitos
Virá partir-vos a lei.

Eu queria um hino suave e radioso como a primavera da Itália para cantar o sentimento mais sublime que Deus pôs no coração do homem, a abnegação, e só encontro elegias entre as ruínas que se mostram aos meus olhares!

Ruínas! que palavra imponente! lugar onde os corações viveram, amaram, sofreram e combateram!

Belas, grandiosas e terríveis lembranças surgem em todos os lugares: em toda parte uma pedra, um muro desmoronado, um campo, os restos de um altar, de um sarcófago, de um pórtico, uma coluna, falam ao espírito de mil acontecimentos diferentes ocorridos no vasto contorno de Roma, hoje tão encolhida, tão transformada! Procuro em vão uma história ou uma lenda que se relacione com a história que esse dia me lembra: as puras inspirações de dois corações amigos que souberam nobremente sacrificar sua felicidade à felicidade dos outros, quando a vida os acariciava com seus mais graciosos e mais embriagadores sorrisos. O sentimento diferente que provoca esse sacrifício seria desconhecido das gerações passadas, como parece ser das atuais gerações? Talvez sim..., mas não nos entreguemos à procuras vãs.

Além disso temo ferir a modéstia da mais bela alma que conheço, levantando o véu de suas raras virtudes e limito-me a escrever aqui o número VI[1], símbolo de sua abnegação, como um marco no caminho que percorro na vida, e continuarei a falar das impressões que a cidade de Rômulo desperta em mim.....

Meu gosto particular pelas grandes ruínas leva-me a desejar ver tudo o que existe na Roma antiga, desde suas origens, quando duas crianças cercadas desde o nascimento por muitas fábulas, rejeitadas pelas águas do Tibre após uma de suas enchentes, e recolhidas por um pastor do monte Palatino, cresceram e fundaram um refúgio seguro para os pobres escravos, fugitivos da tirania dos senhores, e para os bandidos que ajudaram os dois irmãos na sua missão.

---

[1] O dia seis tem um significado todo especial para Nísia. Em *Itinerário de uma viagem à Alemanha* (cit. p.50), ela lembra sua data, em 6 de setembro de 1857: "Vejo-te brilhar, ó meu caro seis, nas orlas encantadoras do Reno! Antes que te escondas nas trevas dos tempos, ainda terei saudado mais de uma paisagem histórica, mais de uma cidade, que deixarei, em pensamento, para aproximar-me do oásis em que aparecestes a meus olhos, cercado de uma auréola brilhante de inspirações puras e celestes, desconhecidas do vulgo."

Após a fundação da cidade que tem o seu nome, e sem o irmão, o chefe desses bandidos não duvidava dos destinos brilhantes que estavam reservados à região da terra onde ele veio ao mundo e fundou um reino.

O tempo desdobrou suas vigorosas asas, as gerações desenvolveram seus instintos ambiciosos, e Roma cresceu de século em século como o Titã das nações, dominou o mundo e sempre elevou-se ao cimo das grandezas humanas, até que a mão do Eterno abateu-se sobre ela e a fez sentir o nada das obras do homem!

A religião, os costumes, os usos dos gregos, dos volscos dos rútulos, etc, que para Roma foram transplantados, prepararam o Latium para receber as sementes das artes que prosperaram com tanto brilho.

Como se sabe, Tarquinio, o ancião, trouxe com ele os artistas estrangeiros que entre outros trabalhos construíram o grande esgoto chamado de *Cloaca Maxima*, que ainda serve à sua primitiva destinação.

É uma obra gigantesca que tem a marca da grandeza e solidez das concepções antigas.

Nada mais resta dos templos famosos de Juno, Minerva e Júpiter, construídos na mesma época, assim como de muitos outros mencionados pela história, e que foram completamente destruídos ou jazem enterrados debaixo da Roma moderna e do vasto terreno dos seus arredores, hoje desertos, mas tão imponentes em sua desolada solidão.

Ninguém percorre a solene planície de Roma, pisa a erva que cobre a imensa cidade subterrânea, repleta de grandiosas lembranças, sem sentir o coração profundamente emocionado, e o espírito atraído por uma época que tem ao mesmo tempo o maravilhoso e a mais poderosa realidade.

Eis a Roma antiga.

Do grande período da República apenas alguns vestígios indicam ao viajante os lugares mais notáveis, por monumentos desmoronados ou curiosas lembranças que guardam. Entre outros estão os túmulos dos Cipiãos, os *columbários*, os aquedutos cujos restos ainda de pé estendem-se da cidade até a solitária planície que surge ao longe, aos olhos do espectador, como se fora a sombra ciclópica do povo que os construiu.

Acredita-se que o templo da Fortuna Viril, hoje igreja de Santa Maria Egipciana, perto da ponte Rotto, é também do tempo da República.

Os vestígios do teatro de Pompéia foram encontrados por arqueólogos sob as fundações do palácio Pie, no *Campo Fiori*. Dizem que o Senado onde César foi assassinado ficava perto dali.[1] Porém, retrocedendo para um tempo mais remoto, ali perto ficava o célebre local que foi testemunha do rapto das Sabinas.

Ao voltar dessa excursão desci no calabouço escavado no antigo rochedo do Capitólio por Ancus Martius, chamado de prisão Mamertino.

Os condenados desciam para muitos pés de profundidade por um buraco localizado no meio da abóbada. Foi nessa horrível prisão que Cícero mandou estrangular os cúmplices de Catilina, aqui morreram Giugurta, Séjan e muitos outros. Também aqui São Pedro foi aprisionado, mostraram-me a fonte que segundo a lenda jorrou para prover a água necessária ao batismo do pagão, que ele converteu. Uma espécie de frade ofereceu-me, com profunda reverência, um frasco da água em troca de um *papeto*, moeda romana.

Em cima do horrível calabouço ergue-se a pequena igreja de São José, bom e compassivo patriarca. Junto à sua imagem dirigi uma fervorosa prece ao senhor, antes de afastar-me.

Algumas palavras sobre a Trinità dei Pellegrini de Roma

Entre as virtudes representadas na linguagem e expressão da filosofia dos povos sob a forma feminina, e que fazem nascer a maioria das eternas idéias do Bem, a Caridade é aquela que mais nos aproxima da santa mãe de Cristo, esse eterno feminino, segundo a expressão do grande poeta alemão[2].

---

[1] O guia de Du Pays, (cit.p. 451) informando a viajante: "Os arqueólogos traçaram, nas fundações do palácio Pie (perto da praça de Campo Fiore) vestígios do teatro de Pompeu, o primeiro construído com pedras em Roma (perto dali, na praça da Chancelaria ficava a Cúria, onde César doi assassinado)".

[2] Nísia lembra o final de *Fausto*, de Goethe, onde o Coro Místico canta: "Aqui o inatingível converte-se em fatos, aqui realiza-se o inefável. O Eterno feminino nos atrai para o alto."

Nenhuma instituição de Roma despertou tanto minha curiosidade quanto aquela que abriga, cuida e alimenta durante a semana santa os pobres dos arredores e mesmo de longe, vindos em peregrinação passar em Roma os dias de solenidades.

"É um ato muito generoso"_ dizia uma senhora recentemente convertida ao Catolicismo - " altamente filantrópico"- acrescentou um senhor romano - ver as princesas e senhoras das primeiras famílias de Roma servir a ceia, lavar os pés e dar um leito às mulheres maltrapilhas que se encontram durante a noite no piedoso estabelecimento dos peregrinos. Comovida, não surpresa, de saber que praticavam a caridade onde ela deveria ter sua principal sede, apressei-me para visitar aquela instituição na sexta feira santa.

Era sete horas da noite quando aí chegamos, minha filha e eu, acompanhadas de uma família conhecida nossa.

Uma multidão considerável comprimia-se para entrar na casa hospitaleira. Foi com grande dificuldade que subimos as escadas e entramos nas salas onde estavam postas as mesas para a ceia, e nos dirigimos à capela onde estavam os peregrinos.

Um canto espalhava-se na capela e as vozes de algumas das inúmeras mulheres, muitas com crianças nos seus braços magros e sujos, mal acompanhavam os cânticos, tão fracas estavam. Todas as mulheres pareciam extenuadas pela miséria.

O lugar, muito pequeno para abrigar tanta gente com conforto, estava impregnado com as exalações das infelizes, que pareciam cada vez mais esfomeadas esperando a demorada hora em que viriam procurá-las para a ceia. Elas estendiam as mãos para os visitantes pedindo esmolas e mostravam os trapos que vestiam.

Na única volta que fiz na capela mais de trinta mulheres imploraram algum *baioccho* (a menor moeda romana).

Como! eu me perguntava, as pobres criaturas necessitam de alguma coisa quando as caridosas princesas e as grandes senhoras romanas cuidam delas? E mostrei a uma das senhoras que estava conosco uma pobre velha que parecia quase desmaiar de fome, esperando a ceia que preparavam com extrema lentidão aquelas que haviam jantado tão bem.

Ia-se e vinha-se na sala onde mal conseguia-se circular entre tantas mulheres, as únicas admitidas para testemunhar o ato de pomposa caridade que estava diante dos nossos olhos.

As ilustres protetoras dos peregrinos estavam graciosamente vestidas com uma roupa adotada pela instituição, e atraíam todos os olhares carregando orgulhosamente os pratos e as diversas comidas. Depois, iam uma após outra procurar uma mendiga que instalavam na mesa e pareciam servir, tão preocupadas estavam com as pessoas que as cercavam a quem pareciam dizer: "Contemplem em nós as dignas compatriotas da célebre criança chamada Caridade romana, que alimentou com seu leite o pai condenado a morrer de fome na prisão. Ela cumpria um dever imposto pela natureza, nós fazemos mais, descemos até nossas inferiores para praticar, como vêem, a caridade".

Como a caridade parecia deslocada no meio da multidão curiosa e barulhenta, e vaidosa pompa - a simples, a modesta, a santa filha do cristianismo, consoladora da miséria, que ela prefere alimentar sem humilhar a exibindo assim em um grande dia!

Os corações que queimam com o verdadeiro amor da caridade necessitam dos convencionais elogios das multidões, eco complacente e sem expressão que ressoa com a inflexão de todo tipo de vozes? Não é no santuário do coração que gozamos do incomparável bem estar que nos deixam os doces frutos da nossa generosidade? O que o mundo pode oferecer de maior, de mais sublime, do que uma voz interior dizendo ao homem quando ele adormece: "Empregastes bem o teu dia aliviando a miséria dos teus semelhantes".

Se a humanidade as usufrui, importa que as ações permaneçam ignoradas?

As homenagens!... o que são as homenagens do mundo? Vulgares flores sem perfume, das quais uma arte enganosa apodera-se para torná-las perfumadas e jogá-las no primeiro que chega, favorecido pela sorte ou fortuitas circunstâncias.

O mundo alguma vez se deu conta do verdadeiro mérito? Não vemos muitas vezes na história dos povos as modestas virtudes, as inteligências superiores, clarividentes, dominadas e tiranizadas pelos vícios, tornarem-se mestras em conseguir homenagens?

O bom Sócrates e o divino Redentor não apresentaram o exemplo mais comovente dessa verdade, nos dois grandes períodos da humanidade o pagão e o cristão?[1]

Para mostrar o seu verdadeiro valor a virtude não precisa enfeitar-se com brilhos frívolos, que exigem louvores efêmeros do mundo. Poderosa filha do céu ela não troca seus dons pelas recompensas antecipadas que os homens podem conceder, e os corações felizes que recebem uma centelha do seu amor sentem, no seu divino calor, as sublimes delícias que todas as glórias da terra não saberiam, nem poderiam dar.

Por que então exibir o bem que se pode fazer, sem testemunhas, às pobres vítimas da miséria ? Por que as expor assim aos milhares de olhares curiosos que humilham, e tudo isso para conseguir um registro no velho livro empoeirado da Fama, onde também estão os magníficos feitos dos maiores opressores da humanidade?

Não se confundiriam as práticas da santa caridade com aquelas dos ambiciosos que só aspiram a glória, sacrificando no caminho que percorrem para encontrá-la os mais nobres, os mais sagrados deveres da natureza?

Que os homens, na sua ambição de dominar, na sua insaciável sede de glórias, procurem alargar os horizontes de suas forças materiais e intelectuais, e bebam até embriagar-se no copo perigoso das honras mundanas, entende-se. Mas a mulher, que reúne força e fraqueza, que exerce pelo amor poderosa influência sobre o desenvolvimento da humanidade, nunca deve contrariar sua nobre, sua generosa natureza, desejando os aplausos da sociedade, a quem ela tudo entrega por suas boas inspirações sem nada esperar.

Assim como sob a abóbada de um templo um turíbulo espalha as nuvens perfumadas que elevam-se ao céu com as preces dos fiéis, é no santuário da família e sob o modesto teto do pobre, ou perto dos infelizes doentes, que as flores delicadas dos corações das mulheres

---

[1] Sócrates, como Cristo, foi um iluminado e teve um destino trágico. A aproximação entre os dois é muito comum em textos do século XIX. Lamartine, no poema *La mort de Sócrates* (1823), vê em Sócrates um profeta cristão, precursor de Cristo e dos poetas perseguidos, vítimas da ingratidão, como explicou na apresentação do poema:

"Ele era inspirado, era o precursor da revelação definitiva que Deus preparou através dos tempos por revelações parciais. (...) Sua filosofia era toda religiosa."

devem desabrochar e exalar os mais deliciosos perfumes, sob a doce atmosfera da modéstia, companheira inseparável do verdadeiro mérito.

Como elevou-se acima de todos os impérios do mundo a digna e célebre imperatriz da Áustria, quando ia, como uma simples mulher, incógnita, ela mesma levar socorro aos pobres envergonhados que definhavam em seus tristes quartos. Neles ela encontrou o verdadeiro amor que deserta dos corações infectados com todos os miasmas morais, lá somente ela escutava a linguagem do coração, desconhecida dos cortesões.....

_Paris, belo abismo onde fervem todas as paixões humanas com as formas mais atraentes e mais sedutoras, é a capital onde vi a caridade ser praticada com mais fervor e de uma maneira generalizada. Além dos numerosos estabelecimentos públicos de beneficência, mantidos pelo governo, há várias associações de senhoras que se ocupam em aliviar a grande miséria escondidas do público[1], e que mostra o mais doloroso espetáculo aos olhos daqueles que o amor da humanidade leva às miseráveis cabanas.

Conheci algumas dessas senhoras, e entre elas duas sobretudo me impressionaram profundamente. Sem querer pertencer a nenhuma das associações onde as horas passam em discussões sobre quais os pobres que merecem a ajuda concedida, pela conduta que demonstram ou religião que professam, as duas mulheres recusaram o nome pretensioso e impróprio de *damas de caridade* e iam apenas como mulheres, com toda simplicidade e sem se exibir, levar socorro e consolação aos infelizes que elas encontravam algumas vezes deitados sobre a palha, num canto escuro e sem calor, em pleno inverno....Elas não lhes

---

[1] No livro *Opúsculo Humanitário*(1853) Nísia fala sobre filantropia da mulher francesa(op. cit.1989/35):

"Se considerarmos agora as mulheres da França sob o ponto de vista filantrópico, vê-las-emos derramando cada dia nas classes desvalidas o bálsamo salutar de beneficência. A caridade, essa virtude sublime que nunca é tão devidamente exercida como pela mão da mulher, tem no coração da francesa um templo onde ela lhe queima o mais puro incenso."

Segundo Michelle Perrot, em "Sortir", (*Histoire des Femmes - Le XIXe. Siècle*, Paris, Plon, 1991, p.468) o crescimento dos problemas sociais no século XIX transformou o antigo dever dos cristãos, a Caridade, numa exigência, uma extensão da tarefa doméstica das mulheres. Para esse trabalho de amor- ainda segundo Perrot-, as mulheres não deveriam esperar nenhuma retribuição, "e nesse obscuro anonimato esvaiu-se uma imensa energia feminina não reconhecida socialmente, envolvida pela modéstia, outra virtude feminina. Porém, ao sair do aconchego do lar, as mulheres aprenderam a reunir-se em associações, discutir problemas específicos, participar mais ativamente da vida social."

perguntavam sobre a vida anterior, nem que religião eles seguiam: apenas viam os infelizes e era suficiente para que eles tivessem os incontestáveis direitos à caridade.

Eu encontrava constantemente aquelas duas mulheres e uma delas, a senhora F***, tornou-se minha amiga.

Com a alma impregnada das mais suaves emanações morais, essa mulher alia a solidez, a harmonia do espírito do Norte, à melodia e sentimentos de coração do Sul. As obras caridosas são para ela uma razão de vida, sem a qual não poderia existir. De tal maneira ela identificou-se com essa sublime virtude[1], que a pratica com muito esforço, e sem mesmo imaginar o dano que faz à sua saúde extremamente delicada. O rigor das estações nunca a impediu de socorrer um doente, ou qualquer outro infeliz que necessitasse de sua ajuda e isso é feito naturalmente, sem nenhuma pretensão. Falar-lhe sobre seus benefícios é mortificá-la, porque ela conhece a bela prática: "Faças o bem por amor ao bem, e pelo prazer moral que resultará por teres cumprido o mais doce dever que o homem pode desempenhar".

Quando oculta dos olhos do mundo a caridade tem uma dupla vantagem para aqueles que a praticam de coração: nenhuma lisonja vem tumultuar a suave quietude de nossa consciência, sugerindo uma idéia qualquer de vaidade, que possa adular o nosso amor próprio, escondido de nossa vontade.

As damas romanas cercadas por tão grande multidão que corre para ver as mulheres, que com tanto esforço durante oito dias vêm à barulhenta instituição dar comida e um *lava-pés* exerceriam bem melhor, me parece, as funções de verdadeiras irmãs de caridade acolhendo e servindo as infelizes longe da multidão, com a modéstia que deve envolver as ações desse tipo.

É a admiração do público ou o agradecimento dos pobres que essas senhoras procuram?

---

[1] Michelet, em *A Mulher*,1859, define a caridade como uma das principais virtudes femininas. No seu estilo apaixonado o escritor fala sobre " a embriaguez da caridade e seu calor heróico", "arrebatadora paixão das virgens cheias de amor" e convida as meninas a contemplarem, no Museu do Louvre, o quadro A Caridade, de Andrea del Sarto, a melhor representação dessa virtude cristã, segundo o historiador. Nele, o pintor trabalha com a conhecida alegoria da caridade - uma moça que amamenta crianças.

E ao voltar aos seus palácios, seus corações gozarão com a pura satisfação de ter procurado imitar a bondade e humildade de Cristo, ou palpitarão com o sentimento da impressão causada ao público pela nobreza dos seus nomes?

Como elas estão longe de seguir o exemplo de sua ilustre patrícia, a caridosa, a digna matrona romana dos nossos dias, Guadalina Borghese, muito cedo levada pela morte dos infelizes cuja miséria ela suavizava! Com que inteligência, com que tato, todo feminino, ela procurava despertar, naqueles que não estavam muito doentes, o amor ao trabalho, feliz remédio aos funestos efeitos da ociosidade!

Uma instituição semelhante a essa sobre a qual falei recolhe os peregrinos do outro sexo, que são vaidosamente servidos pelos senhores romanos, disseram-me, porque as mulheres não podem visitá-la, da mesma maneira que na das mulheres os homens não são admitidos, com exceção de alguns padres, estas criaturas dedicadas a Deus que podem ir a todos os lugares, principalmente em Roma, sem o risco de sentir as paixões contra as quais a beatitude de suas almas está ao abrigo.

COLISEU DE ROMA

Geralmente o homem vive mais no futuro do que no presente. Eu vivo mais no passado.

O presente não tem encanto para o meu coração, e como uma frágil canoa jogada num mar desconhecido, onde flutuo entorpecida em minha tristeza indiferente à margem onde atracarei, quando consigo arrancar a tristeza e despertar do meu torpor é apenas para ver o brilho fugaz de uma estrela que espreita no horizonte de minha imaginação: é a esperança, o celeste consolo da alma durante o decurso de sua prisão material.

Então o futuro levantando dos meus olhos o véu pesado e obscuro com que eles se cobriram, mostra meu filho bem amado juncando de flores os últimos passos de minha vida, e minha querida família zelosa como quando eu estava ao seu lado, em fazer-me saborear a doce intimidade doméstica, as calmas e incomparáveis delícias do lar, meu primeiro amor, o encanto mais sedutor da minha existência. Mas, ai de mim! uma mãe adorada, cuja ternura

era um bálsamo benfazejo para as feridas da minha alma, não mais aparece no futuro que imagino!... E logo o deixo para viver no passado, onde a reencontro em todas as fases de minha vida, sempre boa, sempre indulgente e devotada até a abnegação, mostrando na prática de cada dia a seus filhos e netos o exemplo de todas as virtudes da mulher cristã.

Como as minhas idéias, meus passos voltam-se para o passado, isto é, para as ruínas de Roma, e entre elas as ruínas do Coliseu que erguem-se como um enorme fantasma do paganismo, cheio de ferozes lembranças, num canto da cidade onde antigamente ficava o centro.

Sempre venho aqui ao pôr do sol para admirar do alto de sua plataforma as esplêndidas nuanças do céu da cidade eterna, nessa hora poética cheia de melancólico encanto, em harmonia com os pensamentos que Roma inspira.[1]

---

[1] Visitar o Coliseu exigia um horário e isolamento propícios. Ver o "coliseu ao luar" tornou-se um topos para os relatos, uma obrigação para os viajantes. *Corinne*, de Mme.de Staël(op. cit. p.408), antes de partir para Veneza, despede-se de Roma com um longo devaneio diante do Coliseu iluminado pela lua: "não se conhece a impressão que o Coliseu desperta vendo-o apenas durante o dia; o sol da Itália tem um brilho que a tudo dá um ar de festa, porém a lua é o astro das ruínas(.....) as plantas que se agarram nos muros em ruínas e crescem nos lugares solitários, vestem-se com as cores da noite; a alma estremece e fica terna às sós com a natureza..."

O poeta brasileiro Domingos de Magalhães também visitou o Coliseu de noite e escreveu seu poema "As ruínas de Roma ao clarão do luar"(1836):

Tu és oh lua, o astro das ruínas!
No páramos celeste solitária
Plácida alvejas de palor tingindo
Estes negros destroços!.

Porém, uma das visitas ao Coliseu, do poeta e do seu amigo Porto Alegre, não foi tão poética. Os dois foram vítimas de uma tentativa de assalto, narrada em outro poema: "Uma noite no Coliseu" - ao meu amigo F. Sales Torres Homem, 11 de abril de 1835:

(...) Três punhais armados, negros vultos,
Como da terra erguidos, nos investem!
Qual nosso susto foi! ....

Em meados do século XIX, ver o coliseu ao luar era uma obrigação turística ironizada por Nathaniel Hawthorne no *Fauno de Mármore*,1860,(esta edição, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992, p.162):

"como é comum numa noite de luar, várias carruagens se encontravam à entrada dessa famosa ruína (....) havia um grupo de ingleses ou americanos pagando ao luar a inevitável visita, e exaltando-se com arroubos que eram de Byron, não deles. A célebre descrição de Byron é melhor do que a realidade."

O escritor referiu-se aos versos de Byron lembrados por muitos visitantes enquanto passeavam por entre as ruínas do Coliseu(*Childe Harold's Pilgrimage*,1818, canto IV-CXLIV):

"...quando a lua cheia começa a subir
para os mais altos arcos e queda-se ali.....

Enquanto os viajantes meditavam sobre a passagem do tempo, nos anos do *Risorgimento* italianos diferentes tendências políticas consideravam o monumento um símbolo da regeneração da península. Garibaldi foi representado num desenho com o Coliseu ao fundo, símbolo da sobrevivência da Roma republicana. Para a Igreja, o mesmo Coliseu, lavado com o sangue dos mártires cristãos, era um símbolo do cristianismo.

Dizem que esse grande anfiteatro, começado pelo imperador Vaspasiano Flavius quando retornou da guerra contra os judeus, foi inaugurado com magníficas festas que duraram 100 dias e onde foram mortos 5.000 animais selvagens e 10.000 cativos! Cerca de 2.000 judeus, conduzidos à Roma em escravidão, trabalharam sem interrupção durante muitos anos para construir o Coliseu. Como os hebreus que trabalharam nas pirâmides do Egito, estes infelizes ergueram aqui, sob o jugo da escravidão, uma gigantesca obra que ainda desperta a admiração dos que a contemplam!

Acredita-se que o nome Coliseu veio do célebre Colosso de Nero, transferido para perto do anfiteatro do alto da via Sagrada, onde Vespasiano o levantara em honra do sol. Qualquer que seja a origem do nome, o Coliseu ou anfiteatro de Flavius, como alguns o chamam, foi testemunha de acontecimentos singulares e importantes do destino de Roma. De início serviu para as representações de combates entre gladiadores, caça às feras e o que é mais horrível de pensar, teatro onde homens eram jogados aos animais ferozes. Os cristãos também regaram com seu sangue a arena. Depois o Coliseu se tornou alternadamente, uma fortaleza durante as guerras civis da Idade Média, um hospital para os doentes da peste, prisão para ladrões, teatro de combate para cavalheiros que lutavam pelas damas, um ateliê de fabricantes de moedas falsas, uma pedreira de onde foi retirado material para construção de muitos palácios de Roma. Ainda o transformaram num lugar sagrado e construíram pequenas capelas, onde eram feitas missões e hoje ainda se vê, toda sexta feira, homens e mulheres em procissão acompanhando os pequenos oratórios que cercam a arena.

PioVII, Leão XII, Gregório XVI e Pio IX fizeram muitas restaurações neste anfiteatro.

EM FRASCATI

(10 DE ABRIL)

Já a vista pouco a pouco se desterra
D'aquelles patrios montes que ficaram
Ficaram-nos também na amada terra.
O coração que as mágoas lá deixaram
E já depois que toda se escondeo
Não vimos mais enfim que mar e céo.

Camões, *Lusíadas*

Há dias que nos deixam na alma uma inesquecível impressão. Para nós eles não pertencem ao passado porque estão tão vivos em nosso espírito e parece que estão na realidade. Nosso coração sempre palpita com a lembrança das profundas emoções que eles nos fizeram sentir: nenhuma distração tem a força de desviar o pensamento que a eles nos prende e que nos segue por toda parte, como um perfume aromatizando o ar que respiramos ou como chaga invisível que nos faz sangrar o coração! Assim é para mim o dia 10 de abril, dia em que deixei o Rio de Janeiro após a morte de minha mãe bem amada.

Nesse dia, abatida pela dor, lancei um último olhar velado de lágrimas para o magnífico golfo, as majestosas montanhas com toda a pompa de sua eterna vegetação, para as duas cidades - Rio de Janeiro e Niterói - que desapareciam pouco a pouco atrás das imponentes moças, gigantes[1] das terras que as cercam, com elas mirando-se no mais belo

---

[1] Os gigantes. Lugar comum entre poetas e viajantes quando descreviam as montanhas da baía da Guanabara. Gonçalves Dias:

Descansa, ó gigantes, que encerras os fados
Que os términos guardas do vasto Brasil

E Gonçalves Magalhães no poema Saudação à Pátria - à vista do Rio de Janeiro no meu regresso da Europa - 14/5/1837 (em *Poesias Várias*):

Eis o pétreo gigante majestoso
Guardando a entrada do meu pátrio Rio.

golfo do mundo, que as separa. Desaparecia atrás de mim a região dotada com os mais soberbos luxos da natureza, onde ficava parte de tudo o que mais amei na terra. Lá, o amor de Deus, da família e da humanidade desenvolveram-se em minha alma sob a orientação da minha mãe, e esse amor encantou minha existência apesar das duras provas que me impuseram dois túmulos, quando eu mal entrava na vida.Um terceiro abriu-se recentemente, ai de mim! e partiu o laço mais forte que me ligava à pátria. Privada da presença dessa estrela que me seguiu desde o berço, espalhando sua benigna influência sobre mim, parece que tudo empalideceu no meu horizonte! E na tenebrosa noite de minha dor filial voltei meus anseios para o velho mundo, onde procuro em vão, com as viagens, adormecer a tristeza da minha alma. E quanto mais os dias, os meses, os anos se sucedem, mais aumenta a sensação de vazio que sinto ao meu redor.

Vejo-os daqui, oh! queridos eleitos do meu coração que ainda me restam além do Atlântico, vejo-os pensando mais vivamente hoje em mim, e na filha querida, minha única companhia em terras estrangeiras.Aindo sinto vossos abraços filiais e fraternais que queriam segurar-me perto de vós quando Deus, em suas decisões impenetráveis, decidira por essa cruel separação.

A ti meu filho bem amado! a ti minhas mais ternas, doces lembranças, no dia que desperta em meu coração toda a angústia do último adeus molhado de lágrimas, na terra onde ficastes sem mim! Oh! porque não consegui ver o futuro! não pude prever que ao invés de alguns meses, que seria a nossa ausência, já se passaram dois anos! E quem sabe quantos ainda passarão para que eu te reveja! Possam as nobres qualidades com que foi dotada por Deus a esposa que escolhestes, tão jovem ainda, tornar-te muito feliz, para que tua felicidade me console da solidão que sinto longe de ti!

Mergulhada nesses pensamentos melancólicos, ao levantar-me nessa manhã senti necessidade de respirar o ar puro do campo.O sol surgia radioso no horizonte de Roma e realçava as sombrias e veneráveis ruínas com suas glórias passadas, quando minha filha e eu tomamos a estrada de ferro de Frascati onde chegamos após um percurso de meia hora, da porta de São Giovanni até a praça da catedral dessa pequena cidade. Estávamos acompanhadas por duas famílias francesas que se hospedavam no nosso hotel, uma jovem

mulher, viúva de um inglês, com sua mãe, e um velho senhor, com a esposa, que ele apresentou a todos como uma artista. No passeio, ela parava a todo instante para traçar os panoramas que seu marido indicava e diante deles os dois extasiavam-se de uma maneira muito original. A jovem viúva com cerca de 30 anos é uma mulher distinta, inteligente e muito amável. Mais simples do que são em geral as viúvas francesas de sua idade, ela agrada tanto por sua conversa espiritual quanto por suas maneiras delicadas e francas, sem afetação. Embora sua companhia seja muito agradável, na disposição em que hoje se encontra a minha alma gostaria de fazer a excursão apenas com minha filha. Mas, não ouso aventurar-me com minha filha em um passeio solitário fora de Roma, como fizemos entre os povos do Norte. Fico satisfeita por sempre encontrar boas companhias nessas ocasiões. Felizmente as pessoas habituadas a viajar não procuram de nenhuma maneira incomodar os outros com os seus gostos. Pude então recolher-me nesse dia, percorrendo com as pessoas que estavam conosco os sítios mais pitorescos e notáveis de Frascati e de seus arredores, cheios de lugares com sombras frescas e deliciosas de onde a cidade tirou seu nome.

Ao sair de Roma para Frascati tinhamos diante de nós as verdejantes montanhas do Latium e de Tusculum; à esquerda a cadeia dos Apeninos; à direita, na antiga Via Latina, mostraram a praça onde ficava o templo da *Fortuna Muliebres* construido em honra da mãe e da mulher de Coriolano.

Frascati, situada na vertente dos montes Albanios, hoje com cerca de 5.000 habitantes, foi fundada no século treze após a ruína da cidade vizinha de Tusculum.[1] Lugar agradável e saudável atrai muitos visitantes, e uma parte dos habitantes de Roma vem proteger-se do calor do verão fugindo da *l'aria cattiva,* que reina na cidade santa nesta estação. Numerosas e belas villas, muitas delas do século dezesseis, graciosas colinas, alegres campinas oferecem ao olhar um panorama muito agradável. A Villa Aldobrandini é a mais famosa delas. Suas belas fontes, formando pequenas cascatas, e seus passeios românticos são mais interessantes do que as galerias e afrescos do seu palácio.

Porém, o que dá verdadeira importância a esses lugares é a lembrança histórica dos tempos mais remotos. Foi aqui que Tarquinio, o soberbo, refugiou-se quando foi expulso de

Roma, era ali que o grande Cícero vinha frequentemente meditar, ao abrigo da fresca folhagem de sua villa, sobre os grandes assuntos que imortalizaram sua eloquência. Não resta nenhum vestígio do ilustre retiro. Dizem que o Casino, construído por Vanvitelli[2], fica no lugar da Academia, nome do ginásio da antiga villa do célebre orador.

Mondragone, o grande palácio devastado no início desse século pelos austríacos, está abandonado com todas as suas lembranças, fantasmas, e a triste celebridade que lhe deram em nossos dias o pintor francês e a jovem lavadeira de Frascati, herói e heroína de um romance (Daniella)[3], escrito por um dos maiores escritores do século.

Um outro lugar mais digno de atrair a atenção do viajante que medita fica à pequena distância de Frascati: é Tusculum, antiga cidade pelágica, arrassada por tropas romanas.

Mas não foram algumas ruínas que ainda existem nem a lembrança daqueles que ai exibiram seu luxo e sua tirania, como o feroz Tibério, que dirigiram meus passos para Tusculum. Foi a grande sombra de Catão que me guiou e me fez sentir uma emoção que por alguns instantes afastou os pensamentos que absorvem meu espírito nesse 10 de abril.

O herói de Utica teve sua origem em Tusculum, seu avô Marcus Percius Caton aí nasceu no ano 234 a.C.

---

[1] Descrição de Frascati no guia de Du Pays (op.cit. p.538)

[2] Vanvitelli, Louis-(1700-1773)- famoso arquiteto romano responsável pela arquitetura interior da Igreja de São Pedro, convento de Santo Agostinho, e outros monumentos de Roma. Nísia está consultando o seu guia, em Du Pays (op.cit. p.539): "Acredita-se que o Casino, construído por Vanvitelli, fica no lugar da Academia, nome do ginásio da villa de Cícero."

[3] Referência ao romance *La Daniella*, de George Sand, publicado no jornal La Presse, em 1857. Sand criticou a posição da França com relação a unidade italiana e fez julgamentos sobre a decadência moral, social e política da Itália, por isso o seu livro desagradou tanto aos franceses quanto aos italianos, e o jornal foi proibido de circular. Para a publicação em livro, no mesmo ano, Sand cortou comentários sobre o governo do papa e completa decadência do povo romano. *La Daniella* foi escrito depois da viagem de Sand à Itália, em 1855, quando visitou Gênova, Pisa, Roma e Florença. O romance, em forma de cartas, narra a viagem de um jovem pintor francês. A paixão entre esse pintor e uma jovem lavadeira de Frascati é o assunto principal do enredo. A villa Mondragone serviu de refúgio aos amantes.

É curioso que Nísia cite o romance sem nomear a autora, atribuindo-o a um dos "maiores escritores do século". No livro *Opúsculo Humanitário* (1853) ela chama Sand de "a primeira escritora do século", " a pena de ouro que escreveu Lélia".

O FÓRUM ROMANO

Pensando visitar as ruínas dos monumentos magníficos que compunham o Forum nós nos dirigimos ao *Campo Vaccino*, nome que tem hoje esse lugar famoso, tão degradado e tão irreconhecível.

Onde o Senado romano decidia a sorte das nações funciona em nossos dias um mercado de gado! Onde a voz de Cícero maravilhava o mundo ressoa a voz grosseira do mercador de animais! [1]

Nessa manhã encontramos apenas alguns passantes ou alguns curiosos que vieram, como nós, percorrer o labirinto de ruínas que desperta opiniões tão divergentes entre os arqueólogos.

Estávamos ali, no lugar mais célebre e mais clássico da antiga Roma, contemplamos os restos de uma grandeza extinta e falamos, minha filha e eu, dos pensamentos que ele despertava.

Não saberíamos dizer se todas as classificações feitas pelos sábios que estudaram essas ruínas, desde que elas foram arrancadas da terra, são exatas. Os sábios, eles mesmos não estão de acordo a este respeito. Dispenso-me de mencionar nestas páginas a longa nomenclatura dos soberbos monumentos que decoravam o Forum, e que segundo um escritor de nossos dias: "foram tão exageradas que todos os restos amontoados não seriam suficientes para todos os nomes citados pelos historiadores." [2]

Como é impossível saber a verdade que os séculos e as hordas de bárbaros, desde Alarico até Roberto Guiscard, chamado em socorro de Gregório VIII[3], esconderam na

---

[1] Desapontamento comum a quase todos os viajantes que visitavam o Fórum Romano. O francês Charles Dupaty, em *Lettres sur l'Italie*,1785,(cit em *Italies*. op. cit. p. 67) expressou o seu desencanto:

"Que diferença! Nos lugares onde Cícero falava o gado muge. O que o mundo inteiro conheceu como Forum Romano, hoje chama-se Campo das Vacas".

[2] Um "escritor de nossos dias": Du Pays (op.cit p.451)

[3] O papa Gregório VIII, ameaçado pelo rei Henrique IV, da Germânia, pediu a ajuda do normando Roberto Guiscard. Guiscard liberou o papa que estava encurralado no castelo Santo Ângelo, mas liberou também suas tropas para saquearem Roma. Gonçalves de Magalhães no poema "Roma ao clarão do luar" fala sobre Guiscard:

Que estragador, ardente meteoro,
Despejado do Inferno, talou tudo?
Oh! Guiscard! oh! Guiscard! estas muralhas

furiosa devastação do Fórum, limito-me a contemplar as grandes e eloqüentes ruínas, deixando que minha imaginação vague livremente sobre o abismo profundo da antigüidade, onde os homens gostam de mergulhar para retirar tantas coisas preciosas, e no entanto esquecem a mais importante de todas, a experiência !....

Como sabemos, a origem do Fórum data da aliança dos romanos com os sabinos. Ele foi abandonado após a total destruição por Roberto Guiscard e tornou-se um depósito de imundícies durante muitos séculos.

É esse o tributo de adoração que as gerações que se seguem pagam aos famosos monumentos erguidos pelos poderosos que oprimiram a humanidade. É a sorte reservada ao orgulho das grandes nações, que se acreditam com o direito de arrastar atrás do seu carro de triunfo a liberdade, a honra, e a vida das outras nações! É a infalível punição, que cedo ou tarde cairá nas cabeças daqueles que marcham na frente, cercados pela força dos seus filhos, e estes mesmos braços talvez se levantem um dia para ajudar a esmagá-los, vingando a sorte das vítimas que eles fizeram para subir tão alto!

Ó vós! orgulhosos árbitros das forças, que dispõem de vossa tirania por algum tempo e que as empregais, mesmo em nossos dias, para verter o sangue de vossos semelhantes e anexar aos vossos domínios um pedaço de terra, à vossa grande população uma tribo, ao vosso nome uma auréola que as filhas, esposas, e mães farão fenecer com suas maldições, por que não meditais, diante das ruínas desse soberbo Fórum, mais do que em qualquer outro lugar, sobre o poderoso Senado que em seus dias de glória não imaginava o ignóbil fim que o esperava!!!

Lição profundamente eloqüente da verdade eterna que os poderosos do mundo negam-se obstinadamente a ver!....

"Não estamos mais nos tempos de barbárie_ dizia-me há pouco tempo um sábio_ e não podemos temer para nossas obras modernas as transformações que as guerras dos bárbaros trouxeram para as antigas". Ele queria falar sobre as ruínas dos monumentos de Roma. Eu penso na ruína dos povos!

Quando os bárbaros desaparecerão da terra?... O ilustre sábio falava apenas da invasão dos povos conhecidos geralmente como bárbaros, como as hordas comandadas por Alarico

II, Gensérico, Átila (esse último respeitou os monumentos de Roma) e outros que caíram sobre a cidade eterna e a devastaram.

Eu penso nos conquistadores que vieram depois, e que apesar da história não chamá-los de bárbaros cometeram e ainda cometem as maiores barbaridades, e profanam o nome de cristãos que têm! Se olharmos para a África, a Ásia e o Novo Mundo poderemos ver as horríveis carnificinas, atrocidades, práticas vergonhosas feitas nas suas nações, por povos que se dizem os únicos civilizados e bons cristãos!

Dizem que nós, os modernos, estamos a salvo da fúria devastadora dos povos de antigamente.

Como devemos então chamar os excessos cometidos no próprio centro do grande foco moderno de luz e inspiração generosa, por seres que levam o gládio de uma vingança guardado por muito tempo, e que escapa com a impetuosidade da lava do Etna do seu seio escancarado para ensangüentar a fértil, a grande obra, que chamamos de revolução francesa?

Apenas 65 anos nos separam dessa horrível lição e quanto despotismo, usurpação, tirania, quantas cenas sangrentas aconteceram aqui mesmo na Europa!

O nome do povo bárbaro desapareceu da Europa civilizada, mas os bárbaros perpetuaram-se por toda parte.Os Átilas modernos apresentam-se com outras formas, professando outros princípios, e agindo de outra maneira; sua ambição é menos feroz e mais dissimulada, e os meios empregados para satisfazê-la freqüentemente foram apoiados e abençoados pelos representantes do sublime princípio de paz e doçura pregado no Evangelho.

Quando pensamos na nova era que brilha no horizonte da humanidade como um meteoro nas longas trevas dos tempos, trazendo a regeneração dos povos pelo mais sublime amor, a abnegação mais completa e santa mostrados ao mundo no sacrifício do Gólgota, e ainda vemos por toda parte a tirania do forte contra o fraco, e o flagelo da guerra declarada ou dissimulada estender sua devastação sobre a terra, sentimos o desejo de gritar com o grande poeta francês:

Réveille-nous, grand Dieu! parle et change le monde;
Fais entendre au néant ta parole féconde.
Il est temps! lève-toi! sors de ce long repos;
Tire un autre univers de cet autre chaos.
A nos yeux assoupis il faut d'autres spetacles!
A nos sprits flottants il faut d'autres miracles!
Change l'ordre des cieux qui ne nous parle plus!
Lance un nouveau soleil à nos yeux éperdus
Détruis ce vieux palais indigne de ta gloire;
Viens! montre-toi toi même et force nous de croire[1].

Ao deixar as ruínas que ficam na base do atual Capitólio, nos dirigindo para o Coliseu, caminhamos sobre as lajes antigas da Via Sagrada ao longo da qual as matronas passeavam outrora, em liteiras, sua "luxuosa e coquete indolência", segundo a expressão de um escritor contemporâneo, que falando de um certo número de mulheres da moda na antiga Roma, esqueceu daquelas, em grande número, que brilharam por austeras e notáveis virtudes de que raramente dão exemplo as mulheres modernas. O luxo é um poderoso conquistador, mas apesar de sua sedutora atração existiram em todos os tempos alguns espíritos femininos muito bem formados, que fizeram frente a essa fraqueza destruidora. Roma mostra, entre outros, o exemplo tocante da digna filha de Cipião, o Africano, Cornélia[2], a nobre mãe dos

---

[1] Nísia transcreve parte do poema Dieu, de Lamartine (*Méditations Poétiques*, 1820). O poema fala do poder divino e das mudanças sociais. Lamartine o dedicou a Lammenais É significativo da relação do poeta com o cristianismo, sua negação dos símbolos, dogmas e mistérios cristãos. É coerente com o deísmo que Nísia vai aos poucos desvelando, as críticas constantes que faz ao clero, ao luxo dos cardeais, sua defesa do fim do celibato dos padres, a volta á religião dos Pais da Doutrina. Disse o poeta: "Desperte-nos grande Deus! fale e transforme o mundo; espalhe no vazio a tua palavra fecunda. É tempo! levante! saia do teu longo repouso; tire um outro universo deste outro caos. (....) Mude a ordem dos céus que não nos fala mais. (...)Vem! descubra-te e force-nos a crer!" (tradução minha).

[2] Nísia tem uma admiração especial por Cornélia, a célebre matrona romana casada com Tibério Semprônio Graco e mãe de Tibério e Caio Graco (Século III a.C). Cornélia representa o lado feminino da virtude patriótica de Cincinato. Ao ficar viúva Cornélia dedicou-se á educação dos 12 filhos, entre eles Caio e Tibério, que morreram pela pátria. Exemplo de dedicação materna, Cornélia foi representada por diferentes artistas ao longo da história. No Brasil, no livro *Mulheres Célebres de Joaquim Macedo* (Garnier, 1878/46), um " plutarco" feminino dedicado à educação das meninas brasileira, a matrona romana é um exemplo a ser seguido:

Gracos, tão dignamente celebrada por seu amor materno, seu profundo bom senso e enérgico patriotismo.

Envolvi com o olhar o espaço que vai do Forum ao Coliseu e onde se encontram as ruínas de alguns templos antigos transformados em igrejas católicas, como o de Antonino e Faustina (*São Lourenço in Miranda*, hoje), e o de Romulus e Remo. Só resta do templo dos fundadores de Roma duas colunas em cipolino que faziam parte do pórtico. A *cella* que ainda existe serve de vestíbulo a uma igreja construida sob a invocação de São Cosme e São Damião. Mais longe, e do mesmo lado esquerdo do arco de Sétimo Severo, erguem-se as gigantescas ruínas da basílica de Constatino para uns, templo da Paz, para outros. As ruínas do templo de Venus e Roma, atrás da igreja de *Santa Francesca Romana*, situada ao lado da basílica de Constantino, não dizem mais nada da grande criação de Adriano, de que nos falam os historiadores. Paramos diante do lugar em que existiram muitos templos e monumentos antigos e deixamos falar a história de sua magnificência, que só a imaginação pode representar. O arco de Tito, em mármore pentélico, fala mais ao espírito e passa aos olhos dos juizes competentes como "o mais belo monumento desse gênero que chegou até nós"[1].

O caminhante pensativo que perambula no espaço compreendido entre o Capitólio e o Coliseu, à direita do qual ainda se ergue o imponente arco de Constantino, encontra a cada passo uma lembrança notável, um motivo digno de profunda meditação.

Retornemos para as ruínas do que hoje é propriamente chamado de Fórum. Um indefinível sentimento, ao mesmo tempo de grandeza e miséria, de admiração e piedade, tomou conta de minha alma! Sentei-me por alguns instantes sobre os restos de um monumento qualquer, talvez oferecido a um tirano ou assassino, como Focas, cuja coluna isolada que está diante de mim lembra o usurpador que mandou degolar Mauricio e seus

---

"Cornélia desempenhava completa e perfeitamente a missão mais elevada, mais patriótica, mais sublime que a natureza e a sociedade conferem à mulher, isto é, o mister da mãe de família, o dever, e mais do que o dever, o sacerdócio da educação dos filhos".

[1] Citação retirada do guia de Du Pays (op.cit.p.455): "O Arco de Tito- ele é em mármore pentélico; é menor do que outros arcos do Triunfo e só tem uma arcada, mas é o mais belo monumento desse gênero que chegou até nós."(grifo meu)

filhos para apropriar-se do seu império. E desviando meu pensamento da triste aberração do espírito de justiça, que em todos os tempos levou o homem a render tão grande homenagem ao crime, revestido pela força e pelo poder, admirei mais uma vez as três colunas de ordem coríntia em mármore pentélico que ficam um pouco adiante da coluna de Focas.

Não se sabe ao certo o nome do monumento ao qual pertenciam essa colunas. Uns acreditam que elas eram do antigo templo de Júpiter Estator; outros ao *Comitium*, edifício subordinado à *Cúria*, ou sala do Senado; outros ainda ao *Graecostasis*, edifício erguido desde o os tempos de Pirro para a recepção dos embaixadores estrangeiros. Após as escavações recentes essas colunas foram atribuídas a um templo de Minerva Calcídica.

Que graves reflexões devem ocupar o pensador que contempla as ruínas do Fórum, outrora tão glorioso, onde tantas grandes virtudes e grandes crimes aconteceram, brilharam, finaram-se!

Por que os ambiciosos dominadores da terra não dirigem seriamente seu pensamento para o ancião, famoso guerreiro, cuja vida foi respeitada por mil batalhas e que caiu aqui sob os punhais de seus concidadãos ? Por que eles não compreendem que Deus só deixa o crime acontecer para punir o próprio crime?

Aqueles que em sua cegueira se fazem árbitros de sua vontade para elevar-se ao pináculo da glória, com o sangue e lágrimas do povo que eles oprimem, atraem senão o medonho fim do grande César e do célebre guerreiro que desejou ser seu émulo, pelo menos a raiva ou o desprezo das nações!

O homem virtuoso algumas vezes cai sob o golpe de miseráveis assassinos, ou definha no exílio, vítima da ambição de um tirano usurpador ou de um covarde e poderoso inimigo, mas ao morrer tem uma fronte serena que os remorsos nunca enrugaram e sua alma pura, livre de sua cobertura material, eleva-se tranqüilamente para o Eterno.

Mães! contais aos vossos filhos, com vossa natural eloquência, a história de algum homem virtuoso que passou sua vida ocupado com a felicidade daqueles que o cercavam, esquecendo de si mesmo para fazer o bem aos seus semelhantes. Acrescentais o relato da justa dor que deve causar a perda desse homem, as sinceras lágrimas derramadas por todos a quem ele secara o pranto com sua bondade, abnegação ou palavra que fazia triunfar a justiça

onde ela estivesse presa ao despotismo de um poderoso, ou à hipocrisia de um criminoso. Desvendais para vossas crianças as belas páginas de uma vida verdadeiramente grande, que é muitas vezes esquecida para exaltar as vidas algumas vezes saturadas de crimes e com enganosa máscara.

E na emoção bem sentida, provocada por vosso simples relato, cercareis a memória daqueles sobre quem falais de uma glória mais desejada do que a maioria das colunas, dos arcos, dos monumentos soberbos que desde a antigüidade mais remota até nossos dias, o orgulho ou entusiasmo fanático das nações erguem aos seus governantes, quando estes, na sua vaidade sem medidas, não os elevar eles mesmos em vida!

Se ao visitar as ruínas de Roma meu espírito volta-se com freqüência para o passado que amo, meu coração não fica insensível, no presente, à simpática acolhida que me fizeram algumas pessoas amáveis. A Sra. M*** sobretudo, jovem viúva romana com uma alma muito afetuosa e muito expansiva, inspirou-me um duplo interesse por sua viva semelhança de sentimentos e fisionomia com uma das minhas queridas amigas do Rio de Janeiro, onde nossas almas uniram-se por uma amizade profunda, duradoura, que a presença embeleza e a ausência fortifica ao invés de enfraquecer, como acontece com as afeições vulgares.

Quando a Sra. M*** fala parece que escuto essa amiga bem amada que compõe a trindade de mães de família com as quais eu estava mais intimamente ligada no Rio de Janeiro. Sua lembrança sempre estará entre as melhores e mais carinhosas da minha pátria querida, lembranças que me seguem por toda parte nos longínquos países.

Não sejam ciumentas se um dia lerem essas linhas, jovens amigas de além mar, porque o afeto que sinto por vocês tem outra origem, quase se aproxima do afeto materno. Tu, minha doce Amélia, a fiel cópia moral do modelo perfeito que chamam *Daciz*[1], saberás compreender, alimentada que fostes por este particular afeto entre as numerosas moças que

---

[1] Nísia faz referência ao conto *Daciz ou a jovem completa,* dedicado às suas alunas e publicado pela Tipografia de Paula Brito, em 1847, um dos seus textos desaparecidos. A história é baseada em Amélia Miranda, aluna de Nisia no Colégio Augusto, do Rio de Janeiro. Amélia recusou um casamento de conveniência para casar com um rapaz por quem se apaixonara. Na sua história, Nisia critica os pais que procuravam casar as filhas por conveniência. *Daciz* (1847) e *Fanny ou o Modelo das Donzelas*(1847) são pequenos textos exemplares, pequenas apostilhas com conselhos de conduta para as alunas do Colégio Augusto.

me afeiçoei, como se fossem meus próprios filhos. Se tua terna ligação por mim cresceu e fortificou com os anos, ela encontra sempre em meu coração, nunca duvides, mais que uma simpática correspondência, uma das minhas predileções mais merecidas.

Desse velho mundo, onde arrasto vivas *saudades*[1], meu pensamento atravessa o espaço e vai repousar entre os esplendores da natureza da nossa região, no seio de minha querida família, e vejo-te correr com pressa para oferecer-me com toda tua afeição e tua felicidade, a doce lembrança dos tempos em que eu acalentava a esperança de educar para a pátria mulheres dignas de ilustrá-la pelas virtudes de coração e encantos do espírito, consagrados à felicidade da família.

A presença do arcebispo de T***[2], que encontramos em Roma e que nos fez uma gentil acolhida, despertou vivamente no meu espírito a lembrança de um desses quadros, ao fundo do qual se revelava a esperança patriótica, que me ajudou durante 20 anos a cumprir a tarefa mais importante, mais difícil, que me impus tão jovem ainda e com o único recurso de minha frágil inteligência.

Foi em uma grande reunião realizada naquele tempo no *Colégio Augusto* do Rio de Janeiro para os últimos exames anuais de literatura e língua estrangeira, onde se submeteram muitas moças, que eu tive a ocasião de falar a primeira vez com esse prelado, então núncio apostólico no Brasil. Convidado a assistir os exames, e julgar por si mesmo, ele apressou-se em comparecer, com a amabilidade e espírito distinto que o caracterizam na sociedade. E pareceu tão satisfeito, quanto maravilhado, ao escutar recitar na sua harmoniosa língua materna belos trechos em versos dos melhores autores, cujo gênio honra a bela, a nobre Itália. Mas sua surpresa chegou ao máximo quando uma menina, saindo do meio do grupo de estudiosas, lembrou as belezas da doce língua de Virgílio, declamando mais de 100 versos da *Eneida* e traduzindo literalmente algumas odes escolhidas de Horácio[3].

---

[1] Palavra portuguesa intraduzível e que expressa a tristeza profunda causada pela ausência de um ente querido. **(Nota da Autora).**

[2] Segundo Adauto Câmara (*História de Nísia Floresta*,1941, p60) o arcebispo de T**** seria o Monsenhor Giacomo Bedini.

[3] É provável que Nísia esteja falando de sua filha Lívia. No Comunicado do Jornal do Comércio sobre os exames do Colégio Augusto, de 24 de dezembro de 1846, Lívia Augusta está na lista das alunas premiadas pelo

O homem do velho mundo, apreciador dos grandes poetas, tinha razão em ficar surpreso ao encontrar tão longe das terras européias, num país que se tem a ingenuidade de acreditar ainda semi-selvagem, uma instituição de jovens onde, sempre lhes ensinando a prática das virtudes domésticas, não se descuidaram de cultivar seus espíritos, revelando-lhes as belezas dos Herculano, Racine, Shakespeare, Goethe, de Dante ou de Virgílio.

Entre os grandes e interessantes quadros que Roma oferece cada dia aos meus olhares, a conversa com esse padre me leva constantemente para um tempo em que na minha pátria ele me viu cercada por uma numerosa família bem amada sobre a qual se abateu, ai de mim! a mão da morte, separando-a entre dois mundos, de onde seus pensamentos procuram sem parar reencontrar-se no espaço, para comunicar as mais queridas e mais puras inspirações dos corações entristecidos com a ausência.

No nosso constante trabalho em Roma (é na verdade um fatigante trabalho consagrar os dias ao exame das obras primas da cidade eterna) não nos sobre tempo para aceitar todos os gentis convites de algumas famílias a quem fomos recomendadas, e por maior que seja a sedução do convívio não devemos esquecer nosso objetivo principal quando estamos em Roma. Encontramos por toda parte os prazeres da sociedade, quando os apreciamos e os procuramos. Por toda parte bons e complacentes corações destacam-se entre as pessoas interesseiras que espalham o mal na sociedade, porém só existe uma Roma no mundo para aprisionar o espírito e absorver o pensamento.

---

desempenho em latinidade: "Fez exame de latinidade D. Lívia Augusta e tornou-se digna do prêmio que lhe foi distribuído. É a primeira vez que temos visto ler e traduzir perfeitamente o latim."

_ Uma primeira visita à Roma deve ser, na verdade, consagrada inteiramente à contemplação. Devemos admirá-la em silêncio, deixar-se penetrar por sua grandeza real, meditando sobre o que lhe dá a justa celebridade no mundo.

A jovem polonesa que fez conosco a viagem de Gênova até Roma, e que desde então procura nossa companhia com afetuosa constância, é a pessoa que vemos com mais freqüência, ela nunca incomoda e sempre nos acompanha em excursões interessantes em Roma e seus arredores. Os ternos cuidados que essa nobre criatura dedica ao pai, respeitável ancião muito doente, fizeram-me vê-la com uma consideração toda especial, apesar de sua pouca idade. O misto de energia e ternura que ela possui a fazem um tipo muito curioso, para que eu não tente desenhar aqui alguns traços que mais me impressionaram.

Terceira filha de uma família de príncipes da Polônia, ela viaja só com seu pai e uma dama de companhia e goza de todo conforto que uma grande fortuna propicia. Ela tem um espirito culto, fala diversas línguas e revela, com a idade de 22 anos, um bom senso e uma experiência de mundo que é uma conquista da idade madura, ou antes de um estado refinado do coração humano. Seus modos, ao mesmo tempo naturais e reservados, sua atitude séria, sua fisionomia inteligente e doce, seu gosto pronunciado por tudo o que é belo e grande, sua notável modéstia e mais que tudo isso os cuidados comoventes que tem para com seu enfermo pai, fazem dessa encantadora filha do Norte um verdadeiro anjo na terra. Alegre e amável com todas as pessoas faz acreditar que sua alma goza de uma serenidade e felicidade, que sua posição na sociedade e a predileção de seu pai justificam aos olhos de todos que a conhecem.

No entanto, desde o primeiro momento de nossa aproximação a bordo do navio, onde ela quis ficar ao lado de minha filha, perto de mim, para que ficássemos todas juntas, notei por trás do seu ar alegre uma ligeira sombra de melancolia, que parecia dizer que nessa alma tão jovem ainda já soprara o vento seco da dor.

Esta noite ela veio nos visitar e nossa conversa, afastando-se de Roma nosso assunto comum, caiu sobre a família, sobre a forte afeição que a ela nos prende e que embeleza a existência. Deixei falar o coração, ela escutou.

Quando terminei de falar uma lágrima que brilhava em seus belos olhos caiu livremente, e a jovem não conseguindo conter a emoção gritou com uma entonação que me partiu o coração: " Oh! eu não tenho mãe! Feliz vossa filha que pode sentir ao vosso lado a doçura cujos encantos acabas de pintar."

E após falar de sua simpatia por nós disse tristemente estas palavras de dilacerante descrença para uma pessoa da sua idade: "Nada no mundo me agrada, nem me emociona profundamente; não acredito em mais nada; meu coração está como as últimas folhas varridas pelo vento do outono! As pessoas espantam-se, e vós queridas senhoras ireis também vos espantar ao saber de minha decisão de tornar-me irmã de caridade; as pessoas desconhecem que não sou mais sensível à nada, que nem a dor nem o prazer podem remover as cinzas do meu coração". Sufocada pelos soluços calou-se.

"Pobre criança da fortuna, falei, abraçando-a, vós vos dizeis a tudo insensível e o sofrimento parte o vosso coração! Vos acreditais indiferente e as lágrimas expressam o contrário. Mesmo aqueles que não compreendem vossa alma, como eu compreendo, reconheceriam a profunda tristeza que vos oprime apenas pela veemência com que gritastes: "não tenho mais mãe", se soubessem que essa mãe ainda vive...Porém minha filha, com a ternura filial que demonstras por vosso pai, como podes pensar em abandoná-lo para dedicar-vos a outros enquanto ele morre de tristeza e isolamento longe da pátria! Admiro muito vosso espírito esclarecido para acreditar que é o fanatismo que vos leva a despojar-vos da auréola de virtudes domésticas e particulares, que exerceis para com pobres infelizes com espontaneidade e modéstia, por um tão grande preço submetendo-vos a uma regra onde a caridade, ao tornar-se oficial, acaba pela frieza ou indiferença inseparável de tudo o que é oficial!.... Deixeis às infelizes moças sem apoio, ou àquelas que sentem o chamado de uma verdadeira vocação, a tarefa de cumprir os deveres da caridade sob a direção das diversas ordens, dentre as quais destaca-se a ordem instituída recentemente pelo grande São Vicente de Paula. Mas vós, a quem a natureza e o destino dotaram tão prodigiosamente com seus tesouros, podeis sem deixar vosso pai abrir um caminho por entre a humanidade sofredora espalhando o orvalho da generosidade. Vosso espírito vos trai, fiqueis atenta! Não vos deixeis conduzir por falsas orientações de algumas pessoas, menos

interessadas em guiar-vos no caminho da redenção do que em apropriar-se de vossa fortuna. Temais um piedoso entusiasmo momentâneo que pode vos causar grandes remorsos, sem aproximar-vos de Deus. O primeiro dever de um filho é amar seus pais e assisti-los com cuidados, consolá-los, encantar sua velhice com ternas atenções, como fazeis envolvendo vosso pai com as bençãos que ele todos os dias escuta, por parte daqueles que vossa caridade auxilia. Essa é a mais nobre tarefa que mesmo São Vicente de Paula aconselharia, se renunciardes para sempre á felicidade de ser esposa e mãe. Muita felicidade pode espalhar sobre a terra uma pessoa de vossa posição, que alia como vós a um coração caridoso um espirito sólido, e tanta inteligência! Mas, se o amor da família e a felicidade que podeis proporcionar a tantas vítimas da miséria, arrancando-as da lentidão ou humilhação da caridade pública, não são fortes para barrar o impulso perigoso que prende vossa imaginação, eu estou certa, reflitais ao menos nas palavras que pronunciastes sobre o estado do vosso coração."

"Se é possível na vossa idade sentir a indiferença, a secura que quereis afetar, e se é verdade que nada vos sensibiliza, que ireis então oferecer a Deus aos pés do altar?.... Um coração seco, frio, sem amor, pode ser digno de Deus? Onde estaria então o sacrifício? Para que serviria o cumprimento das novas obrigações que contrairias?

"Querida criança, lembrai-vos das palavras do apóstolo: "Ainda que eu fale todas as línguas dos homens e até a linguagem dos anjos, se não tiver o amor serei apenas como um sino tocando e como um címbalo retumbando. Ainda que eu tenha o dom da profecia e alcance todos os mistérios, ou tenha perfeita ciência de todas as coisas, ou tenha toda fé possível, até para mover montanhas, se eu não tiver o amor não serei nada. Ainda que eu distribua todos os meus bens para alimentar os pobres e entregue meu corpo para ser queimado, se não tiver o amor, tudo isso não me servirá para nada."

"Esse amor de que fala o apóstolo é o que há no mundo de mais oposto a todo tipo de egoísmo: a caridade. Examinais se um pouco de egoísmo não entra na vossa resolução de deixar a casa paterna, onde sois a única que restou para afastar a sombria tristeza que devora vosso pai. Após a infelicidade que o atingiu ele poderá resistir a esse último sofrimento?

"Oh! minha querida criança, poupe-o, poupe-o de beber o copo amargo das decepções paternas! Não rompas uma corda ainda intacta do seu coração. Dai-lhe ao menos a ilusão de vosso sincero afeto na sua vida triste e doentia! Adiais por esse bom pai que tanto vos ama o cumprimento do vosso projeto, e breve talvez, tereis a ocasião de apreciar a prudência de um conselho ditado no vosso próprio interesse, por alguém que vos tem afeição e que se apieda sinceramente de vossas aflições."

A nobre moça pareceu por alguns instantes imersa em suas reflexões. Ela me falou com entusiasmo da terna amizade e do respeito quase filial que lhe inspirei, depois levantando-se abraçou-me, e à minha filha, e foi ao encontro do pai.

Que impressões terão suscitado minhas palavras nesse espírito especial, no coração sem fé dessa jovem, que se encontra na realidade sob a influência de uma grande aflição? Ela não ficará por muito tempo em Roma, mas em Paris onde pretende fazer seu noviciado, ou na sua pátria, se por acaso renunciar a esse projeto de aniquilamento, estou certa de que lembrará das simples reflexões que escutou nessa noite.

Depois que ela partiu meu espírito, que só estava preocupado em segurá-la na beira do abismo onde iria cair, levando o seu pai, entristeceu-se profundamente com a lembrança amarga de um acontecimento que a decisão dessa jovem lembrou vivamente. Os carinhos de minha querida filha desviaram meu pensamento da nuvem que passou, por um instante, no horizonte tão claro e tão puro da nossa vida a dois. Escutei com arrebatamento suas reflexões sobre o erro de uma jovem, que acreditou realizar uma boa ação abandonando os pais de quem era o único consolo, para tornar-se religiosa, com o desejo de servir a humanidade, ofendendo a natureza ao fazer correr as lágrimas de um pai ou uma mãe queridos, de toda uma família que a adora e da qual se separou para sempre.

Lamentamos de coração a rica, a brilhante moça, que acabara de nos deixar e fizemos votos sinceros para que ela reconhecesse seu erro, ainda a tempo de evitar que seu pai sofra essa última infelicidade, e ela um cruel arrependimento.

A interessante jovem pertence a uma família muito rica e considerada, a quem nem a fortuna nem a consideração conseguiram poupar os tristes resultados de uma queda, que a

mais pobre, a mais simples das mulheres sabe evitar, quando no seu peito sente bater um verdadeiro coração materno.

Tudo devemos desculpar às mulheres enquanto não nos ocuparmos seriamente de sua educação, mas não devemos jamais perdoar as mães que abandonam seus filhos para entregar-se à torrente das paixões.

Os exemplos de dissolução dos costumes entre as pessoas do povo, que reprovamos com indignação ou desprezo, são muitas vezes acolhidos com um sorriso condescendente quando acontecem sob o esplendor de uma grande fortuna, ou cercados com o prestígio de uma coroa.

Desviemos os olhos das aflitivas cenas que encontramos por toda parte, com maior ou menor relevo, de acordo com o talento dos autores que as reproduzem, e reconfortemo-nos com aquelas que honram a humanidade. Da mesma maneira que os olhos distraem-se diante de um belo lugar ou de uma criação de mestre que representa um bonito motivo, o espírito gosta de ficar contemplando a conduta de corações nobres e virtuosos.

No meu humilde julgamento sempre achei que os poetas e pintores erram ao reproduzir com tanta vivacidade, no drama e no quadro, as paixões que degradam a espécie humana. A literatura e as belas arte só deveriam ressaltar as belezas morais e naturais, empenhando-se em perpetuar as ações e cenas que enobrecem o homem, e criam na alma daqueles que as vêm representadas num quadro, ou num teatro (eloqüente escola tão desviada de sua finalidade), a impressão sublime da virtude e não a imagem repulsiva do vício.

Alegam que levar para o teatro os crimes e vícios dos tempos passados é uma maneira de curar a atual geração. No entanto, me parece que a constante repetição dos flagelos transmitidos de século em século, até nossos dias, revela o fracasso do método. Para operar essa cura tão importante e desejada é preciso, acredito, um método que seja capaz de dirigir melhor a educação moral dos povos, preparando-os desde a infância a adorar a virtude e a detestar o vício, qualquer que seja forma com que ele se mostre.

O santo amor da família que é a base principal do grande, do nobre amor da pátria, mostra em duas casas de Roma cenas interessantes e muito dignas de ser imitadas. Neles repousarei meu pensamento, entristecido pela aflita confissão da encantadora polonesa.

Numa dessas casas mora uma grande família: o marido, a mulher, e oito crianças, todas educadas sob o teto paterno. Aí são praticadas as tradicionais virtudes da matrona romana e do severo republicano. Foi muito importante conhecê-los para ver que os costumes puros, a verdadeira nobreza, a do coração, e os princípios austeros da sã moral ainda existem entre o povo romano, apesar das transformações que sofreu e a decadência em que se encontra. Ao mesmo tempo digno romano e cristão esclarecido, o chefe dessa estimável família, o Sr. F**** lamenta sinceramente que seu amigo Mastai Ferrati, que ele outrora hospedou e que ama com devoção, não realize ao tornar-se Pio IX as esperanças que nele depositaram. Seu espírito sólido, impregnado com a doce doutrina de Cristo, tão cheio de simplicidade, prevê com pesar o resultado definitivo, como ele diz, dos abusos que existem há muito tempo. Em um desses últimos dias, quando fazíamos uma excursão acompanhadas por ele e suas filhas, ele me falou, com profundidade e com um ar triste, sobre a situação política e moral de Roma. Ao passar no lugar onde aconteceram as principais execuções, seus traços nobres e calmos contraíram-se visivelmente, e ele mostrou o lugar sinistro com um gesto eloqüente de horror.

"A supressão do poder temporal, falou, torna-se cada dia mais necessária. Sobretudo no nosso século, ele é uma vergonha e uma calamidade para nossa religião. No tempo em que vivemos todas as pessoas entendem que o enviado de Deus, aquele que o representa pregando a paz, a caridade e o perdão das ofensas, não pode usar, como os reis da terra, de uma estranha lei que lhe permite mandar matar seus semelhantes. Seu tribunal deve ser de amor e não de sangue....." [1]

---

[1] A questão do poder temporal era um dos nós centrais na discussão sobre a unificação italiana. Nisia cita escritores ou cidadãos romanos que defendiam o fim do poder temporal, concordando com a posição destas pessoas. Pensava diferente de um outro viajante romântico brasileiro, Pereira da Silva, que esteve na Itália em 1858, que defendia a continuidade do poder temporal, (op. cit. p. 300/302):

"É mister um papa em Roma para a grandeza e majestade da cidade eterna, e que seja soberano temporal para tranqüilidade e sossego das consciências de tantos milhões dos seus súditos espirituais espalhados por todas as partes do mundo, que olham sempre para Roma como a sede e cabeça da igreja.(.....) o

Mal entrei na Itália mais de uma vez o desenvolvimento dessa idéia chegou aos meus ouvidos, e me pergunto qual será o resultado final do movimento que organizam....Que outros mais competentes do que eu para tão grave assunto se pronunciem. Quanto a mim não faço mais que escutar e passar. [1]

O digno pai de família de quem reproduzi algumas palavras não é um sábio, nem um brilhante literato fazendo frases para atrair atenção dos que o escutam: ele é mais do que tudo isso, é um pensador. Muito simples ao expor suas idéias, e sem pretensão de as impor a ninguém, ele caminha prudentemente, correto e firme em suas convicções, através dos surdos clamores que escapam aqui e ali dos corações romanos.

Na segunda casa sobre a qual falei acima habita há 24 anos uma família portuguesa com um mérito incomum; é notável pelas belas qualidades de coração e pelo espírito eminentemente religioso que a distinguem. É uma das raras famílias do Sul que conserva em toda plenitude, entre as novas idéias presentes na sociedade de hoje, a firmeza de crenças

---

que é mister é que a Itália se emancipe e seja dos italianos... guarde porém o papa a sua soberania temporal, regenerando as instituições políticas e civis de Roma....."

No Brasil da segunda metade do século XIX os poetas, historiadores e políticos acompanhavam as discussões européias sobre o poder temporal. Castro Alves, inflamado como sempre, esbravejou no poema O Século (1865):

Quebre-se o cetro do papa,
faça-se dele uma cruz
A púrpura sirva ao povo
para cobrir os ombros nus.

Neste mesmo ano Castro Alves fez os exames de conclusão do curso de Direito, no Recife, e numa feliz coincidência o ponto sorteado para sua preleção foi "O Poder Temporal". Ao anunciá-lo o examinador declamou estes versos do aluno, com sobejo orgulho.

[1] A hesitação de Nísia em tomar partido ou proferir claramente sua posição com relação á política italiana revela uma atitude comum à outras viajantes do século XIX. Ao escrever seus relatos, "páginas fugitivas", como as de Nísia, as escritoras hesitavam entrar em domínios considerados masculinos e ao fazê-lo justificavam-se, como que desculpando-se por afastarem-se dos assuntos "femininos". Como podemos notar em várias passagens deste livro, Nísia não deixou de opinar sobre o momento político que vivia a Europa, embora o faça mantendo uma atitude modesta exigida pelas "normas" da escrita feminina da época. Essa atitude foi comum a muitas viajantes, de diferentes países, como observou Benedicte Monicat (em *Les Récits de Voyage au feminin au dix-neuvième siècle,* University of Marylland College Park, 1990, p.6):

"Estas mulheres escrevem suas viagens de maneira diferente. Por serem mulheres elas se mantêm em domínio "tipicamente feminino" e procuram não se afastar destes domínios. Quando um homem trata questões científicas ou políticas por que deveria justificar-se? Ele afirma, contesta, depõe, é tudo. Quando uma mulher quer fazer o mesmo ela deve passar por múltiplas etapas justificativas necessárias para a proteção de sua feminilidade." (tradução minha)

dos seus antepassados. A vida transcorre no exercício de todas as virtudes domésticas que reconforta-lhes a alma, longe da pátria, por quem suspiram sem cessar, mesmo com todos os membros dessa família vivendo em Roma. A longa vivência que têm da cidade parece identificá-los com os hábitos romanos e familiarizá-los com a bela língua italiana. Porém, alguém consegue esquecer o encanto da terra natal, esse encanto particular, indefinível, que nos amarra ao canto da terra para o qual dirigimos nosso primeiro olhar, onde recebemos nossas primeiras inspirações? A imagem luminosa da pátria sempre está presente para aqueles que dela afastaram-se e atrai para ela os nobres, os íntimos anseios do coração, se esse coração não ficou estéril pela indiferença e contato com as áridas paixões de um mundo sem poesia.

Uma filha do rei destituído Dom Miguel, jovem muito interessante, foi criada por essa família portuguesa e ainda vive entre eles, cercada por ternos cuidados de um devotamento sincero que a compensam da posição que ela teria direito, se a sorte não tivesse abandonado seu pai. Dotada de preciosas qualidades de coração e de grande retidão de espírito, a digna jovem dedica-se, ao lado da estimável família que a adora, às ocupações do seu sexo e ao estudo de harpa, e parece mais feliz do que muitas princesas cercadas de luxo e do respeito superficial das cortes. Ao vê-la tão doce, tão modesta, tão simples, não duvidamos que ela é descendente da ilustre casa de Bragança.

O chefe da família onde vive essa jovem foi secretário de Dom Miguel, e o seguiu no exílio quando este príncipe foi afastado do trono de Portugal por seu irmão, D. Pedro, primeiro imperador do Brasil. Após abdicar e ceder ao seu filho a coroa deste vasto império, D. Pedro veio à Europa, como sabem, e enfrentou seu irmão D. Miguel, combateu bravamente nas muralhas do Porto (asilo hospitaleiro do real expatriado Carlos Alberto[1]), e ao ser proclamado rei de Portugal abdicou novamente em favor de sua filha Maria II, nascida no Rio de Janeiro.

---

[1] Em 1849 o rei Carlos Alberto da Sardenha, em luta contra os austríacos, foi derrotado nas batalhas de Mortara e Novara, e em 23 de abril abdicou a coroa em favor de Victor Emmanuel (primeiro rei da Itália unificada), condenado-se a um exílio voluntário na cidade do Porto. A derrota e abdicação de Carlos Alberto, embora mantivesse a integridade do território do Piemonte, que tornou-se um refúgio das instituições constitucionais, provocou a restauração do domínio da Áustria na Lombardia, Módena, Parma e Toscana.

Mulher caridosa, rainha enérgica, esposa virtuosa e modelo de mãe, esta nobre e digna filha de uma santa princesa, cuja memória o Brasil ainda venera, assim como a do grande príncipe que proclamou a independência deste império, soube combater com dignidade as desordens dos partidos que agitaram seu reino, e criar seus filhos nos mais sólidos princípios do amor e da moral.

Queira Deus que esses princípios sempre se desenvolvam, sob a influência do progresso moderno, em seu filho mais velho atual rei do poético Portugal[1].

O TÚMULO DE TASSO

Quando a mão de ferro do infortúnio cai sobre um homem de gênio e acorrenta sua vida ao pelourinho da dor, os raios que jorram desse foco divino espalham uma luz mais brilhante, um calor mais doce, mais vivificante, como se a infelicidade nunca o tivesse visitado.

Quando esse poeta encontra-se sob a opressão de um déspota ou sob a ingratidão dos homens, no seio de sua pátria ou longe dela, o espírito das pessoas goza e exalta-se sob a influência da sua bela poesia, o coração solidariza-se com a infelicidade do poeta, geme com seus gemidos. No exílio em Tomos, no Ponto Euxino, Ovídio modulando seus *Tristes*; Camões definhando na miséria, após ilustrar a pátria com sua coragem guerreira e seus sublimes cantos; Dante, o Titã da poesia moderna, fugitivo errante, vagando de cidade em cidade, e erguendo com sua *Divina Comédia* o maior monumento literário à querida pátria, de onde uma facção anti-patriótica o exilara; André Chénier[2], belo gênio da França, subindo ao cadafalso e deixando sua jovem cabeça, que guardava tantas coisas preciosas; Antônio

---

[1] Na hora em que publicamos essas linhas Pedro IV não mais existe, morreu em 1862. Seu irmão Luis I o sucedeu.(**Nota da Autora**).

[2] André Chénier (1762-1794), poeta francês guilhotinado durante o Terror, na Revolução Francesa. Suas poesias foram publicadas em 1819, e o poeta foi saudado como precursor do romantismo. Lamartine e Musset recitavam seus versos. Sua vida e morte foram "românticas", românticos os últimos versos escritos na véspera de ser guilhotinado.

José, cantor brasileiro, agonizando na fé de Cristo na fogueira do Santo Ofício em Lisboa, com todo o seu amor e suas ternas lembranças natais; Koerner[1] trocando sua lira pela espada e morrendo por sua pátria, na batalha de Leipzing; Milton, o grande poeta republicano, preso por ordem de Carlos II por ter feito apologia da sentença que condenara o infeliz Carlos I[2]; como esses, muitos outros gênios que compõem a ilustre série de infelizes desse tipo, nas diversas circunstâncias da vida; e por fim o famoso vate de *Jerusalém Libertada*, que foi jogado no fundo de um cárcere sufocando em seu coração as lágrimas de um amor infeliz; Tasso, cuja liberdade reconquistada, e as homenagens que lhe foram feitas não puderam arrancar a sombria tristeza com a qual definhou e morreu. Todas essas almas de elite que receberam a sagração do infortúnio e do martírio não despertam um interesse mais vivo, mais tocante, naqueles que lêem suas obras, do que os homens de gênio que viveram na terra docemente embalados pela brisa da felicidade? [3]

---

[1] Koerner, Theodore -(1791-1813) poeta-soldado alemão, autor de poemas patrióticos entre eles a Canção da Espada. Morreu em 1813 lutando contra as tropas napoleônicas. Em 1813 suas poesias foram publicadas com o título : *Lira e Espada.*

[2] Em 1649, o poeta John Milton (1608-1674) defendeu a execução de Carlos I, por isso Carlos II o mandou prender (por seis meses), muitos anos depois (1666), quando assumiu o trono.

[3] Compare-se a evocação de Nísia sobre os poetas e suas infelicidades com o poema de Magalhães que desenvolve raciocínio semelhante. Magalhães inspirou-se na prisão de Tasso, em Ferrara. Tanto Nísia quanto Magalhães inserem poetas brasileiros na lista de vates infelizes:

> Ah! consola-te, oh! Tasso
> Que único não fostes que da sorte
> Sorveu tragos amargos
> Quase é do vate estrela o infortúnio
> Como os mártires são, que só morrendo
> A apoteose recebem
> (.....)
> Tu oh! Ravena, o fugitivo Dante
> Viste iracundo praquejar seu fado.
> Camões, rival de Tasso, o pão esmola
> Ante os olhos de Lisia. E tu, oh! Silva
> Da minha Pátria filho
> A fogueira subistes com pé firme.....

Que coração sensível consegue ler sem ficar profundamente emocionado as composições da sublime Lésbia, engolida pelas ondas do Leucates? e quem não derramará uma lágrima por Heloísa, quando percorre suas ternas, eloqüentes páginas, do fundo do claustro de onde expandia toda a sua alma dirigindo-se ao seu querido Abelardo?

O coração do homem, por mais que falem dele, no fundo sempre sente uma irresistível simpatia por todos que sofrem sob o peso de uma grande infelicidade.

Poucos dias após minha chegada à Roma apressei-me em ir à igreja do convento de Santo Onofre para visitar o túmulo de Tasso. Era três horas da tarde quando chegamos no alto da colina Janículo, onde fica o convento. A igreja estava fechada e reinava um profundo silêncio no último asilo do poeta. Minha filha e eu passeamos alguns instantes sob as pequenas arcadas, onde as sepulturas indicadas aqui e ali aumentavam a melancolia do lugar.

Toquei duas vezes na porta do convento para que viessem abrir a igreja. Não apareceu ninguém. Não queria descer o Janículo sem cumprir o projeto que aí me levara e toquei de novo: só o eco respondeu ao apelo. Enfim minha persistência triunfou. Vi uma janela do alto abrir-se e a cabeça de um monge apareceu. Falei do meu desejo de visitar a igreja e logo o bom preguiçoso que gozava sossegadamente da *siesta*, com seus irmãos, teve a gentileza de descer e abrir a igreja.

Nísia e Magalhães comungam da tradição que associava o homem de gênio aos sofrimentos. Segundo essa tradição a figura gloriosa também era uma figura sofredora. Na Renascença instituiu-se uma lista das ilustres vítimas, começando em Homero e terminando em Gilbert. No Romantismo, o sofrimento do poeta passou a ser um lugar comum indiscutível(veja-se o estudo de Paul Bénichou sobre esta tradição no Romantismo, em *Les Mages Romantiques*, Paris: Éditions Gallimard, 1988 , p. 107 et all.) As misérias mais comuns do poeta revestiam-se de coloração de apostolado e martírio. Os sofrimentos de um poeta é o motivo principal do romance *Stello* (1832), de Alfred de Vigny.

Quando visitou a prisão de Tasso em Ferrara, Lamartine escreveu o poema *Improvise en sortant du cachot du Tasse,* 1844, onde fala sobre a relação entre o martírio e o poeta: "Que seja homem ou Deus, todo gênio é um mártir" _(...)Nossas lágrimas e nosso sangue são o óleo da lâmpada _Que Deus nos faz levar diante da humanidade."

Torres Homem ao apresentar o livro de poemas de Domingos de Magalhães, *Suspiros Poéticos e Saudades*, (*Niterói,*1836), não deixou de aludir ao sofrimentos do vate, como se padecimentos fossem obrigação do poeta: "Parece que a providência faz sofrer todos os poetas de gênio afim que instruam os outros homens com a sublime melodia dos seus gemidos: as criaturas medíocres sofrem menos porque seus queixumes não têm harmonia.".

Bem na entrada, do lado esquerdo, fica o monumento erguido há pouco tempo ao grande gênio de Sorrento, ao infeliz prisioneiro de Ferrara. Uma estátua em belo mármore, sem a perfeição das estátuas de Torwaldesen e de Canova, representa o poeta cercado dos atributos do seu gênio. Baixo relevos e inscrições mostram suas obras, sua vida e sua morte. Sob uma laje do assoalho repousam seus restos mortais trazidos do convento anexo à igreja, onde ele passou seus últimos dias entregando à austeridade do claustro o corpo e o espírito, enfraquecidos pela tristeza que o consumiu. O bom frade esforçava-se inutilmente para explicar os motivos representados na capela, relacionados com a vida de Tasso, tão conhecida. Eu olhava, mas meu espírito estava preocupado com o triste fim do gênio que deixou para a Itália seus ricos tesouros, e cujas obras tantas vezes encantaram meus instantes de lazer, sob meu céu natal. Agora, diante do seu túmulo, queria oferecer-lhe uma prece, e a encontrei numa lágrima que ficou anônima entre as homenagens que todo estrangeiro, ao chegar em Roma, não deixa de render ao amante infeliz de Eleonora, no lugar onde exalou, por ela, seu último suspiro.....

Pela primeira vez lamentei a severidade que proíbe as mulheres de admirar as obras de arte guardadas nos conventos dos religiosos. Os bem-aventurados frades, e dentre eles muitos sabem tirar partido de sua beatitude, podem falar às mulheres com toda a liberdade fora do seu convento, mas sua regra não permite deixá-las entrar no interior de sua santa moradia para que possam ter o inocente prazer de contemplar, como artistas, ou simples amadoras, as pinturas deixadas pelos grandes mestres.

Mais do que todos esses objetos de arte, que aliás encontramos por toda a Itália fora dos conventos em grande número, eu queria ver a cela onde morreu Tasso, os objetos que ele tocou e que ainda são conservados[1]. Queria descer ao jardim para ver o tronco da árvore favorita sob a qual ele sempre sentava em seus momentos melancólicos, com a imaginação tomada por cenas diversas de sua agitada vida! Essa árvore era um carvalho cuja folhagem ainda sombreava, no início desse século, a praça onde Tasso gostava de descansar. Dizem

---

[1] Du Pays (op. Cit. p.492), descreve os objetos encontrados na cela em que Tasso morreu: "vê-se uma máscara tirada do seu cadáver (...) seu tinteiro, um espelho, um cinto, últimos objetos que estavam com o poeta..."

Como se vê, os viajantes que faziam suas peregrinações literárias, também tinham suas relíquias para contemplar. No entanto, em várias situações as mulheres não podiam ver ou tocar estas "relíquias".

que o carvalho secular foi arrancado por uma tempestade em 1842[1], dois séculos e meio depois que uma tempestade moral arrancou o último suspiro do poeta.

A igreja de Santo Onofre também guarda os túmulos do poeta Alexandre Guidi, de Barclay, autor de *L'Argenis* e do célebre poliglota Mezzofanti[2], além de alguns afrescos de Pinturicchio. Porém, meu pensamento estava muito absorvido com as lembranças de Tasso para que eu pudesse deter minha atenção em coisas que não me falassem dele.

A VIA ÁPIA

Entre as gigantescos e admiráveis obras dos antigos romanos, que surpreendem o espírito dos modernos, em primeiro lugar está a Via Ápia, começada por Appio Claudio, de quem ganhou o nome, continuada por seus sucessores que tiveram de suplantar grandes

---

[1] Ainda em Du Pays (op.cit.p.492), sobre o carvalho e a tempestade que o derrubou: "No jardim ficava o carvalho secular, conhecido como " o carvalho de Tasso", porque ele gostava de aí repousar; ele foi derrubado por uma tempestade em 1842."

Será que restos do carvalho resistiram à tempestade? No livro *Amor à Roma* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1982/118), Afonso Arinos relata que Joaquim Nabuco enviou para Machado de Assis, no final do século passado, um ramo do carvalho de Tasso, que foi entregue solenemente na Academia Brasileira de Letras. O próprio Arinos também trouxe um pedaço do carvalho, em 1927, quando de sua primeira viagem à Roma.

Nos séculos dezoito e dezenove o túmulo e carvalho de Tasso foram objeto de peregrinação literária. Goethe, Shelley, Byron, Chateaubriand, Stendhal(que transcreveu em seu *Promenade dans Rome os* versos de Alfieri : *Quia giaccioni l' ossa in si negletta tomba?*) - todos prestaram tributo á memória do poeta.

Entre os brasileiros, Pereira da Silva (op. cit. p.108): "poetas que se inspiram com as grandes reminiscências dos vates da antiguidade e da Idade Média podem admirar o lugar em que foi coroado Petrarca e derramar uma lágrima sobre o túmulo de Torquato de Tasso, que ocupa o centro da igreja de Santo Onofrio sobre o monte Janículo". Domingos de Magalhães dedicou ao túmulo de Tasso os versos (Suspiros Poéticos, 1836):

Como é tão eloquente a lisa pedra
Que só diz -Aqui jaz Torquato Tasso!

[2] Mezzofanti, José (1771-1848), filólogo italiano, famoso por sua prodigiosa memória.

* Alessandro Gudi (1650-1712), poeta lírico italiano.

* Barclay, R. (1582-1621), escritor escocês, autor de textos alegóricos e satíricos.

dificuldades através de rochedos intransponíveis, o pântano Pontino, etc, para prolongá-la de Roma a Cápua.

Nos dois lados da estrada eram enterradas as pessoas mais ricas.

As ruínas que ainda avistamos na parte que se confunde com o campo romano, e que são objeto de escavações recentes, despertam grande interesse e dão aos arqueólogos uma ampla matéria de estudos e discussões.

Muitas vezes, próximo ao pôr do sol, quando minha filha e eu saíamos de uma igreja ou galeria com os olhos cansados de examinar as belezas que elas guardam, mandávamos o cocheiro nos conduzir à porta Capena e nos encontrávamos nessa estrada, onde cada dia um novo objeto atrai nossa atenção e refresca nossa memória, ao ar livre, na campina mais eloqüente e mais solene de todas as campinas desertas.

Hoje voltamos fora da nossa hora habitual e acompanhadas, porque nossa excursão deveria prolongar-se através das grandes desertos que começam nas portas de Roma[1].

---

[1] Du Pays (op.cit.p.534): "Nas portas de Roma começa o deserto. A solidão monótona e árida da campagna romana (*ager romani*) com suas ondulações como vagas de um mar solidificado.."

Nísia irá percorrer a *"campagna romana"* que Afonso Arinos traduziu por "baixada romana", a vasta ondulação plana que cercava Roma, entre as cidades de Tivoli, Anci e Castelgandofo, uma área pantanosa que ficou inculta e abandonada, mesmo depois que os pântanos foram drenados. Era o deserto que precisava-se atravessar para chegar na cidade: campos incultos e pontilhados por ruínas invadidas por agreste vegetação, e restos de aquedutos. A *campagna* despertou devaneios mágicos nos viajantes, atraídos pela desolação do lugar, pela mistura entre a tranqüilidade rural e relíquias do passado romano. A descrição de Chateaubriand, em carta para M. Fontanes(1804), (publicada no Mercure de France, de 3 de março de 1804) tornou-se uma manual de fruição do lugar para os viajantes que o seguiram, e de todos os textos do escritor sobre a Itália este foi o mais citado pelos viajantes. (esta edição, *Lettre a M. de Fontanes sur la Campagne Romaine.* Édition critique par J. M; Gautier, Gêneve: Librairie Droz, 1951, p. 3)

Disse o escritor: "Imaginem qualquer coisa da desolação de Tyr e Babilônia de que fala a escritura; um silêncio e solidão tão vastos quanto o rumor e tumulto dos homens que apressavam-se antigamente neste solo (...) mal despontam algumas árvores, e por toda parte erguem-se ruínas de aquedutos e túmulos; ruínas que parecem florestas e plantas selvagens de uma terra formada pela cinza dos mortos e destroços de impérios...." (tradução minha)

Na *campagna* Chateaubriand encontrou a luz dos quadros de Claude Lorrain(1600-1682): "Uma coloração singularmente harmoniosa casa a terra, o céu e as águas: todas as superfícies unem-se em suas extremidades, através de uma gradação impermeável de cores, sem que se possa determinar onde uma nuança termina e outra começa. Admiraste, sem dúvida, nas paisagens de Claude Lorrain esta luz que parece ideal e mais bela do que a natureza ? pois bem, é a luz de Roma."

Domingos de Magalhães a descreveu no seu poema "A Vista de Roma":

Este inculto deserto abandonado
Dos homens e das feras
Onde uma flor sequer não ri-se ao menos
Esta desolação, esta tristeza
Este horror sepulcral, que em torno gira.

A manhã estava bela e serena, o doce sol de abril espalhava seus raios benfazejos na vasta planície solitária e iluminava um soberbo horizonte, desenhando a cinturão de montanhas que avistamos ao longe. A primavera tão radiosa, tão perfumada sob o céu da Itália, espalhava por toda parte seus graciosos sorrisos, contrastando singularmente com o melancólico pensamento que inspiravam as ruínas dos túmulos da via Ápia.

Minha querida polonesa, seu pai e um padre piemontês que quase sempre está com eles em Roma, nos acompanhavam nessa excursão, além de um francês e um belga. O primeiro, um homem com cerca de 60 anos que passou uma parte de sua vida viajando, conserva na sua idade um caráter alegre e modos de uma boa companhia. O segundo reúne à severidade do magistrado, função que exerce no seu país, muita erudição e delicadeza de modos, características de uma educação distinta.

O pai da jovem polonesa desejava visitar primeiro as catacumbas de São Sebastião ou São Callisto e nos dirigimos a essa igreja. Um frade capuchinho apresentou-se como guia e antes de nos levar para as catacumbas mostrou, em uma das capelas da igreja, as relíquias de alguns dos mártires encontrados nas catacumbas. Mostrou também um pedaço da coluna onde São Sebastião foi flechado, as flechas que foram arrancadas do seu corpo após o suplício, e a pedra que conserva as marcas de dois pés que ele disse serem do próprio Jesus Cristo. Depois, distribuiu a todos os visitantes pequenas velas amarradas na ponta de um bastão, e descemos assim nas sombrias moradas, cuja origem é tão discutida por aqueles que

---

Da senhora do mundo
Tudo enfim aqui fala...

"Estraga prazeres" como sempre, Pereira da Silva viu a *campagna* com olhos mais práticos e realistas (1858, op. cit. p.293): "Deixam-se os campos abandonados, que rodeiam a cidade eterna, e sobre os quais parece que caiu a maldição divina (...) se não vos assalta uma quadrilha de ladrões, que despojam o viajante, é pestilenta a atmosfera, (...) um solo inculto, despovoado, coberto de destroços de pedra e mármore, de capitéis e arcos em ruínas, e que oferece o aspecto mais desagradável e triste que se pode imaginar."

O encantamento com o deserto, povoado por fantasmas do passado da grandeza romana, continuou século afora. No início do século XX, um brasileiro apaixonado por Roma, o diplomata e poeta Magalhães de Azeredo, escreveu um belo poema, onde narra a viagem de um poeta e sua amada ("Pela Campanha", em *Odes e Elegias,* 1904):

Ah! tudo em torno, tudo falava de coisas eternas:
os velhos monumentos, a erma Campanha, tudo....
Corria o coche rápido, quase voava. Não era
um símbolo do nosso destino? Assim passando
íamos perecíveis, diante das coisas eternas;
e a voz nos repetia; "vossa ventura é breve".

se ocupam da história da imensa e intricada rede de aposentos, de corredores, de galerias subterrâneas, que se estende em diversas direções em torno das muralhas da cidade, e no campo, e que são chamados de Catacumbas de Roma.

Visitamos uma das cerca de 60 galerias que são conhecidas, e acreditam que ainda existe três vezes mais a descobrir.

Era uma coisa fantasticamente lúgubre ver as luzes levadas por nós, isoladas umas das outras, vacilando sob as abóbadas enegrecidas das catacumbas, no meio das quais caminhávamos, dois a dois, projetando nossa sombra sobre os túmulos vazios de onde retiraram os restos dos mártires, e de outros que aí repousavam antigamente. O labirinto de corredores estreitos, de galerias de um lado e do outro com túmulos abertos, onde não poderíamos vagar sem um guia, estava iluminado apenas pelas pequenas tochas que tínhamos na mão[1]. O guia parava a cada passo para indicar o lugar onde encontraram ossos de um santo: ali uma inscrição, mais longe os escombros de um altar, etc. Ele repetia suas palavras estudadas e as acentuava com uma devoção profunda e habitual.

Enquanto o bom frade, ignorando que esses vastos subterrâneos foram até pouco tempo uma pedreira de onde os romanos retiravam materiais para construir sua cidade, mostrava-os como obra dos primeiros cristãos, recolhi-me toda emocionada aos meus pensamentos! No solo escuro e úmido do labirinto sepulcral, santificado pelos primeiros cristãos de Roma que vinham esconder dos seus perseguidores as cerimônias religiosas, senti crescer minha admiração por essa legião de verdadeiros crentes, tão grande, tão sublime por sua coragem, perseverança e abnegação, trabalhando para fazer florescer um princípio de onde deveria emanar o amor, a paz geral, a felicidade para o gênero humano. E

---

[1] As catacumbas na visão do poeta Gonçalves de Magalhães, no poema "Ao meu ilustre amigo Monte Alverne":

Quem penetrando as negras catacumbas,
Escondidas da terra nas entranhas,
Dos mártires cristãos leitos de morte,
Onde não entre sol, nem entra a lua,
E só pequena luz na mão do guia,
Tremula, moribunda, bruxoléia
Como pálida estrela ou como um olho
Do genio habitador daquelas trevas,
Quem não se enche de horror? Quem falar pode?

a triste lembrança de muitos séculos de calamidades morais entre a obra dos mártires e a atual realidade, mostraram-se ao meu espírito e o entristeceram profundamente!

Fiquei feliz ao rever a luz do dia, o belo sol de primavera afastou os sombrios pensamentos e pude entregar-me à contemplação dos outros objetos que se ofereciam aos meus olhos. Para agradar as pessoas que estavam conosco descemos na pequena igreja de *Domine Quo Vadis*. "Senhor onde vais?". Ali, a lenda fez Cristo aparecer a São Pedro que afastar-se de Roma onde deveria deixar-se sacrificar para o triunfo da religião cristã. Numa pedra localizada no centro da igreja mostraram a cópia fiel da marca dos pés que víramos na igreja de São Sebastião. Estávamos bem perto do caminho que conduzia à antiga via Ardeatina, e o seguimos após examinar as ruínas do túmulo de Priscila, em frente da pequena igreja *Domine Quo vadis?*, para ir ver os columbários dos escravos alforriados de Augusto e Lívia. Era a segunda vez que eu descia nos estranhos edifícios sepulcrais, construídos pelos romanos para depositar em urnas as cinzas dos escravos, cujos corpos eram queimados após a morte, costume repugnante que começou a desaparecer após o reino dos Antoninos.

Sentia necessidade de ar puro e enfim respirei saindo dos últimos columbários onde a curiosidade me levara. Continuamos nossa excursão retomando a *Via Appia*, onde paramos para examinar o túmulo de Cecilia Metella[1], gigantesco mausoléu , o melhor conservado de sua época. O pouco que resta do admirável túmulo dá uma idéia de sua magnificência passada. Bem ao lado visitamos o terreno onde ainda se vê os grandes escombros do circo de Rômulo, filho de Massenzio. Ao nos afastarmos colhemos algumas flores selvagens que espalhavam-se nesse canto de terra, hoje tão deserto e outrora ocupado por uma multidão imensa com seus aplausos barulhentos, que se misturavam aos sons da música que do alto das torres estimulava, nas corridas, os cavalos e seus condutores.

---

[1] Visita obrigatória para os viajantes que percorriam os arredores de Roma. Ao vê-lo, muitos viajantes costumavam citar os versos de Byron no "Canto IV", de *Childe Harolds Pilgrimage*(1819), onde o poeta imagina quem teria sido Cecília : " Mas, quem era ela, a dama da morte? ...era casta e formosa? .....como viveu, como amou, como morreu? "

Os túmulos da Via Ápia, ou melhor dizendo, os escombros que restam, mostram-se agora mais próximos uns dos outros. Nosso carro passava sobre as lajes antigas, descobertas nesse século, e de um lado e do outro da estrada um grande número de ruínas - de túmulos, palácios, colunas, vilas mostravam-se aos nossos olhos e atraíam nossa atenção. O montículo que acreditam ser do túmulo de Sêneca indica o lugar onde ficava sua vila. Dizem que aqui ele recebeu a mensagem de Nero, quando estava na mesa com sua mulher Paulina e dois amigos, e cortou as veias. Ali, as ruínas da imensa vila dos Quintili, os ricos irmãos que o imperador Commodo mandou matar para apoderar-se da fortuna. Por toda parte uma lembrança, uma ruína, atrai o estudo do arqueólogo, a curiosidade do amador, a meditação do filósofo que gosta de ao ver o passado, refletir sobre o presente e esperar pelo futuro!....

Percorrendo mais longe a Via Ápia detive meu olhar nas ruínas de um templo, de um mausoléu onde agora crescem plantas que invadiram a perecível obra dos homens!

Procurei em vão entre os restos dos túmulos alguns dos que pensara ainda encontrar. Mas ali, como por toda parte, o viajante frequentemente sente uma decepção quando não conta com os recursos da imaginação para representar as obras da antigüidade que visita.

Nem sempre agrada aos descendentes conservar os nomes louváveis por ilustres perigos, missões magnânimas, ou árduas virtudes ! As gerações menosprezam seus ancestrais e não se contentam em destruir ou abandonar suas admiráveis obras, até mesmo as cinzas e ossos recolhidos aos túmulos por mãos piedosas são arrancados de suas urnas, jogados ao vento ou entregues à indiferença das multidões.

Nunca nenhum cuidado me pareceu tão sagrado quanto o dos vivos tentando vencer, por assim dizer e até onde se pode fazer, o tempo e mesmo a morte, dedicando cerimônias e honrarias, públicas ou particulares, à lembrança dos mortos.

Em todos os tempos, entre as nações civilizadas, as bárbaras, e mesmo as selvagens, encontramos cuidados piedosos. Por meio do fogo ou de diferentes bálsamos ou algum sinal exposto à veneração pública os homens esforçam-se para preservar os restos mortais da completa destruição, e assim perpetuar a memória dos mortos. Aqueles que têm no espírito um raio de luz para vislumbrar as trevas do futuro, e no coração um verdadeiro sentimento

religioso nunca vêem as sepulturas (último asilo na terra onde todos deveremos ficar), sem uma piedosa melancolia e profundo respeito.

Nenhuma profanação assemelha-se a que teve como objetos os túmulos, aqui e em outros lugares, nos tempos antigos e mesmo nos nossos dias.

Afastamo-nos cada vez mais da cidade, sempre por entre as ruínas, olhando de tempo em tempo a imensa planície inculta, onde os animais e alguns raros passantes pisam os ossos dos ilustres romanos. Ali podemos ver o lugar do famoso combate entre os Curiazi e os Horácios. Onde estão as ruínas dos cinco túmulos desses bravos que morreram tão heroicamente por sua pátria? Onde está o túmulo da infeliz Camila que deveria ficar aí bem perto? Nenhuma pedra restou desses túmulos, onde o viajante pudesse meditar sobre o terrível acontecimento.

O arqueólogo Canina descreve como os túmulos dos Horácios e Curiazi as ruínas que encontramos a 50 milhas de Roma, quando saímos à direita da cidade: "uma elevação de terra sobre as fundações de uma construção etrusca"[1]. Com escavações recentes os estudiosos tentam informar-se sobre as trevas que os séculos, e as devastações das gerações passadas, jogaram sobre esse imenso labirinto subterrâneo que o trabalho de muitas gerações futuras tornará conhecido.

Ao chegar em Casale, o enorme túmulo circular que dizem ser de Messala (Corvinus), o amigo de Augusto e de Horácio, subimos até a parte mais alta, onde construíram uma casa e um pátio e de onde descortinamos uma bela vista. Depois continuamos até as colunas quebradas de um templo de Hércules e voltamos até a metade do caminho que acabáramos de percorrer. De lá tomamos um caminho através da planície para ver uma basílica[2] e magníficos túmulos recentemente descobertos.

---

[1] Ao invés de citar diretamente Canina Nísia o está citando através de Du Pays. Veja-se o texto do guia (p.536):

A 5 milhas de Roma vê-se à direita 3 túmulos: elevações de terra sobre fundações de uma construção etrusca: eles foram descritos por Canina como os túmulos dos Horácios e Curiazi.."(grifo meu)

* Canina, Lugi (1793-1856). Arquiteto que fez escavações nos campos dos arredores de Roma, especialmente na Via Ápia. Seus estudos resultaram no livro: *A Via Ápia, descrição e representação,* Roma, 1852. Com certeza o livro consultado por Du Pays.

[2] Na Roma antiga basílica era um grande edifício público onde funcionavam os tribunais.

Os baixo relevos dos túmulos são de notável perfeição, e a admiração que me suscitaram recompensou o sacrifício que fiz de descer aos quartos sepulcrais para vê-los, com ajuda de tochas levadas pelo guia para que os examinássemos. Descobriram também o antigo calçamento com grandes lajes, bem diferente da Roma atual, onde não podemos dar um passo sem cansar os pés ao contato com as pequenas pedras que o compõem. Vemos em toda parte, nos trabalhos modernos desse país, que os romanos decaíram até mesmo nas coisas mais simples.

Para visitar os lugares onde os carros não conseguem chegar mandamos o cocheiro nos encontrar à certa distância, e prosseguimos nossa excursão a pé durante algum tempo. Ao caminhar na planície deserta, ou melhor sobre o grande túmulo onde estão enterrados tanta glória e tanto esplendor, senti uma emoção ao mesmo tempo de grandeza e tristeza que não conseguiria definir. Por onde passávamos a erva primaveril curvava-se mansamente ao sopro da brisa, que trazia aos meus ouvidos misteriosos relatos das velhas gerações que pisamos ao caminhar! Mal escutava a conversa das pessoas que estavam conosco. Minha alma tinha sede da plenitude de sensações que me oferecia o solene campo de Roma e bebeu em longos tragos as inspirações que minha pobre pena não consegue transmitir. Quando alguma das pessoas que estava conosco fazia uma pergunta, ou mostrava um objeto qualquer, eu respondia maquinalmente, porque estava ocupada com a sucessão de acontecimentos que transformaram essa parte de Roma, tão esplêndida, tão animada outrora, numa planície morta e deserta. De cada talo de erva, de cada ruína, parecia sair um murmúrio contra as gerações que a transformaram, e logo minha imaginação me representou tantos povos diversos, exterminados por esses invencíveis conquistadores com cujo destino me apiedava ao pisar no seu solo. E uma voz trazida pela brisa perfumada do Oriente soprou no meu ouvido: "Eles mereceram seu destino, os orgulhosos romanos que se apresentavam como senhores para as outras nações e as tornavam para sempre obscuras, para ilustrar à custa de suas lágrimas, de seu sangue, e seus despojos gloriosos, a vitoriosa Roma!"

É verdade. Embriagada pela glória dos seus numerosos triunfos sobre tantas nações renomadas, com grandes guerreiros e grandes gênios que as honraram, a antiga dominadora

do mundo ignorou que a sábia providência só deixa a tirania agir e crescer para fazê-la cair do ponto mais alto, e assim oferecer ao mundo um exemplo brilhante de sua justiça eterna.

Que devastação feita contra a despótica Roma pode ser mais deplorável do que a que seus guerreiros ferozes fizeram contra a esplêndida mãe das artes, a ilustre, a sábia, a filosófica Atenas? "Ferida pela voraz Patricia Sylla, profanada pelos desregramentos do triunvirato de Marco Antonio" e tantos outros, o grande farol de onde saíram todos os raios que iluminaram nações que vieram depois ainda está como uma árvore majestosa calcinada pelas faíscas, lembrando os primeiros invasores que ofuscaram para sempre sua glória e a despojaram de suas preciosas riquezas.

Nós que hoje nos entristecemos ao contemplar as ruínas dos admiráveis monumentos, ilustres túmulos erguidos pelo povo rei, perguntemos à sua história em que se transformaram os monumentos, os túmulos, não apenas dos povos longínquos, cujos territórios ele conquistou, mas os da própria Itália, erguidos pelos bélicos povos etruscos e outros que ele sucedeu! Onde estão os túmulos dos príncipes ilustres, de Enéas, Evandro, etc. já inteiramente esquecidos no tempo? E sentiremos que a sorte de todos esses povos, sobretudo do mais esclarecido da terra, merece ser mais lamentada do que a sorte dos romanos.

Enquanto a desoladora imagem da sábia e infeliz Grécia enchia toda a minha imaginação, e atraia o sentimento de piedade que sua poderosa rival inspirou, chegamos às ruínas de um templo onde pastavam brancas vacas, e mediante alguns *baioccho*, um padre teve a gentileza de ordenhá-las para nós.

Enquanto minha filha e as pessoas que nos acompanhavam saciavam a sede com o leite das atuais sacerdotisas do antigo templo, examinei com curiosidade uma das arcadas das ruínas que ainda sustentam uma abóbada deteriorada, sob a qual outrora eram levados as oferendas e os pedidos ao Deus que adoravam, e que hoje cobre um estábulo.

O sol já há muito declinara quando conseguindo vencer as dificuldades que se opunham à nossa passagem por um riacho profundo, que atravessa o campo do lado em que nos encontrávamos, chegamos ao bosque sagrado, grupo de árvores no alto de uma pequena colina onde, segundo a tradição, o piedoso Numa ia meditar após suas misteriosas conversas com a ninfa Egéria. Um silêncio profundo reinava e dava um aspecto solene e mais

imponente à hora em que o sol, sumindo no Ocidente, banhava com a doce luz dos seus últimos raios toda a planície que descortinava-se aos nossos olhos. Só a voz de alguns pastores que encontrávamos aqui e ali, e o latido dos cachorros, perturbavam o silêncio desses ermos que atravessávamos à procura das ruínas do Espelho da Ninfa, cujo nome dá a essa planície uma misteriosa celebridade. No meio da caminhada visitamos a ruína do templo das Camenas ou segundo outros de Bacchus, que nesse deserto lembra as bacanais do paganismo que continuam, disfarçadas com modernas formas e com outros nomes, nos tempos modernos.

Nunca um passeio me impressionara tanto como esse que fiz nessa planície, abraçada por um esplêndido horizonte, envolta com uma imensa mortalha de verde que cobre todas as ruínas humanas e artísticas!

Triste e solene o silêncio do vale Egéria inspira ao peregrino um não sei que de poética melancolia que se diviniza, por assim dizer, com a lembrança dos ritos misteriosos do bom rei. Saúdo-te Ó histórica fonte! lugar outrora venerável, hoje apenas vestígios, onde o fraco murmúrio das águas, a tranqüila solidão que te cerca, a brisa que passa gemendo sobre os matos de tuas margens, bastam para despertar no espirito dos que te contemplam um mundo de lembranças.

E eu que recusara o leite na ruínas do antigo templo aplaquei a minha sede na águas da fonte, que os historiadores atuais localizam num lugar diferente daquele, que por muito tempo foi indicado aos viajantes como o verdadeiro.

Retomando nosso carro voltamos à Roma pela porta Capena, junto da qual estão as ruínas das termas do fratricida imperador Caracalla. De todas as magnificências que elas continham nada mais resta hoje, e como no circo desse tirano tudo está morto e sombrio.

Os séculos, em marcha devastadora, submergem por toda parte as grandezas humanas nos abismos do nada! E o furor das guerras, como tantos outros flagelos, uniram-se aqui para apressar a devastação.

O VATICANO E O PAPA

Quem poderia resumir numa página todo um mundo de lembranças que esses nomes despertam no espírito! Duplo colosso, armado com os raios do céu e o ferro destruidor da terra, o Vaticano só será convenientemente julgado pelos diversos povos da terra quando o farol luminoso do evangelho, afastando a escuridão que ainda envolve a maioria dos espíritos, guiá-los através do verdadeiro caminho.

A pena de uma mulher deve parar aqui, porque não cabe a ela desenvolver um assunto tão grave.

Apenas traçarei a impressão que senti quando entrei pela primeira vez no Vaticano, falei com o papa, e ouvi suas palavras.

Quando subi as grandes escadas que conduzem aos soberbos aposentos de recepção um tumulto de idéias passou no meu espírito, companheiro rebelde que sempre se diverte atravessando com seu vôo rápido as regiões mais distantes, ou voltando para os séculos remotos. Ele mostrava-me as colinas chamadas de sagradas pelos *Vaticines*, dos quais a esplêndida sede da corte de Roma tomou o nome, o célebre *Vaticano*, hoje tão transformado. Mostrou-me os circos, os jardins de Calígula e Nero, o campo triunfal onde preparavam-se as soberbas pompas, os lugares onde erguiam-se os templos magníficos de Apolo e de Marte, e tantos outros monumentos maravilhosos, dos quais não restam vestígios. Depois cenas mais recentes sucederam-se na minha imaginação, e entre elas parecia-me ouvir uma voz retumbante, árbitro dos destinos dos povos e dos reinos. Ao ouvi-la reis e povos curvavam a cabeça, um poderoso subia os degraus do trono, outro descia humilhado.

Eu estava ali sob a abóbada, não de um templo antigo, de um palácio de imperador romano, enriquecido e embelezado com os preciosos despojos da Grécia artística, do poderoso e maravilhoso Egito, mas na casa do mais humilde representante de Cristo na terra.

Guardas e empregados, com uniformes da casa papal, acotovelavam-se nas galerias e salas que atravessamos. Quando chegamos na entrada do salão de espera apresentei ao empregado do papa a permissão timbrada com o selo de Sua Santidade e entramos. Algumas

senhoras da alta sociedade, que um piedoso sentimento ou simples curiosidade trouxera até aqui, nos haviam precedido.

Era realmente um espetáculo curioso nos ver, vestidas de preto, com o véu na cabeça, sentadas em grandes poltronas vermelhas, cercadas por enormes quadros pendurados nas quatro paredes da sala, que representavam diferentes cenas testemunhadas pelo Vaticano. Mas, o que atraiu minha atenção foi a fisionomia de algumas senhoras que me cercavam. A princesa russa F***, a condessa D*** , a marquesa P****, tinham o ar de pensar em qualquer outra coisa do que na benção do santo Padre. Seus rostos contrastavam singularmente com o rosto de uma americana de Boston, que estava sentada ao meu lado. Esta senhora, ao perguntar se a jovem ao meu lado era minha filha acrescentou, com tristeza, depois de minha resposta afirmativa : " Que felicidade ter a filha ao vosso lado!" E disse ter vindo á Roma especialmente para abraçar a religião católica, apesar da oposição de seu marido e de sua família: "Tudo enfrentei para seguir o catolicismo, disse, com um ar pesaroso. A única coisa que faz sangrar o meu coração é quando penso na menina que Deus me deu e que meu marido não me permitiu trazer comigo. Talvez nunca mais a veja!" E uma lágrima brilhou nos olhos da mãe arrancada dos deveres da família pela nova fé.

Escutei em silêncio sua emocionada confidência, e me perguntei quem seguiria melhor os preceitos de Cristo, a mulher que pratica de coração as virtudes de esposa e mãe no seio da família, ou a que a abandona, deixando no desespero uma filha e um marido que a amam e com quem jurou dividir o destino. Essa reflexão naturalmente me levou à muitas outras, despertadas pelo lugar em que me encontrava.

Embora o Sumo Pontífice tenha sempre inspirado meu respeito, como o libertador dos 800 oprimidos da grande causa da independência italiana, em 1848, nunca pensei, vindo à Roma, procurar ser recebida por Sua Santidade. Sempre antipatizei com formalidades e a elas submeto-me com esforço, e só quando espero ser útil ou agradável a alguém.

O arcebispo de T*** sugeriu que eu pedisse uma audiência particular com o Santo Padre, que sempre falava de bom grado com as pessoas do Rio de Janeiro que visitara há algum tempo. Mas, foi particularmente o Sr.M*** e sua família, defensores mais entusiastas e mais sinceros das virtudes de Pio IX, que convenceram a submeter-me às formalidades

necessárias para chegar ao Sumo Pontífice, cujas palavras suaves e edificantes nos fazem esquecer todo o aparato da sua corte pontifical.

Meia hora se passara quando começaram a chamar algumas pessoas, que nesse dia deveriam ser recebidas individualmente pelo papa. A fisionomia da senhora de Boston alegrou-se ao ouvir chamar seu nome e ela disse, ao levantar-se: "É a terceira vez que tenho a felicidade de falar ao Santo Padre, única felicidade que tenho desde que deixei minha filha". Ela apertou a minha mão e afastou-se. Pobre mãe, pensei, que nunca te arrependas por ter abandonado tua filha em uma idade onde os cuidados da mãe seriam o seu melhor guia no mundo!

Alguns instantes depois chamaram meu nome e levantei-me, com minha filha. Ela estava emocionada ao aproximar-se do papa, e eu estava duplamente diante do virtuoso Mastai Ferretti, astro que brilhou por instantes no horizonte da humanidade, e que em 1848 fez palpitar o coração da Itália com a esperança de ver realizada a grande obra de regeneração![1]

---

[1] Mastai Ferreti tornou-se papa Pio IX em 1846 e despertou grandes esperanças entre os democratas italianos por suas posições liberais. Em 1848 despontaram rebeliões em várias cidades da Itália, o papa enviou tropas ao Piemonte para lutar contra a Áustria, e para acalmar os ânimos em Roma nomeou um ministro laico, Pellegrino Rossi, em 16 de setembro. Porém, em novembro, na abertura do Parlamento, Rossi foi assassinado, e o papa deixou Roma, refugiando-se em Gaeta junto ao rei de Nápoles. Os patriotas, entre eles Mazzini e Garibaldi, acorreram para a cidade, e em 10 de fevereiro de 1849, uma assembléia popular aboliu o poder temporal do papa e declarou a república romana. Áustria e França uniram-se para para restaurar o poder do papa. Em julho, após ferrenhos combates na cidade, os democratas foram derrotados e o papa reconduzido a Roma.. De volta ao Vaticano, Pio IX tornou-se cada dia mais conservador e defensor do poder temporal.

Decepcionado com o papa, Victor Hugo o tratou com muita dureza no poema "La Vision de Dante", 1853, onde Dante aparece ao poeta e narra um encontro entre Deus e o papa:

> E Deus disse:
>
> Papa de Roma
>
> Mastai, Mastai, Pio nono chamado - Aproxime-se infeliz!
>
> (....) Meu Dante, tome este papa que fez o mal e não o bem, leve-o para o seu inferno, eu o levarei para o meu.

Nísia não esconde sua simpatia pela república romana de 1849, e percorre os lugares onde Garibaldi lutou e resistiu às tropas francesas, com a mesma seriedade com que visita os monumentos da Roma antiga. Diferente do conterrâneo, Pereira da Silva, que culpa os democratas pelos acontecimentos de 1849 (op. cit. p. 309): "Não há monarca mais liberal do que Pio IX (.....).Mas os demagogos opuseram barreiras aos seus desejos ardentes. Obrigaram-no a fugir para Gaeta. Assassinaram Rossi, ensangüentaram Roma, e cobriram seu solo de ruínas novas, como se não bastassem as ruínas antigas. Criaram uma república à imitação da francesa de 1848. Trouxeram a invasão e o domínio dos franceses que dura e ainda durará por muito tempo.

Ele estava vestido com uma túnica branca e mantinha-se em pé no fundo da sala, com a mão esquerda apoiada numa mesa onde encontravam-se um crucifixo, um livro e uma tabaqueira. Seu rosto irradiava uma expressão de celeste bondade e de unção, como nunca vira numa pessoa. Logo que chegamos mais perto ele nos estendeu a mão. A beijei respeitosamente e minha filha fez o mesmo. Ele perguntou, com dificuldade, na minha língua materna, se deixáramos o Brasil há muito tempo e se eu tinha intenção de estabelecer-me em Roma, completou em italiano.

As primeiras palavras em português, a doce entonação com que foram pronunciadas pelo chefe da igreja diante do qual me encontrava com todas as minhas lembranças da família e da pátria, despertaram no meu coração uma profunda emoção, uma sensação maravilhosa ao meu espírito.

Acreditei ver através de uma nuvem pura e diáfana a imagem dos queridos autores dos meus dias: um excelente pai, vítima do seu devotamento, uma terna mãe resignada em sua dor, aliviada pela religião católica que lhe derramou na alma a mais sublime consolação _ um morrendo por um pobre oprimido cuja causa defendera, a outra lhe sobrevivendo por alguns anos para consolar os que sofriam ao seu lado.

A visão desapareceu .....eu estava diante do papa.

"Viajais só com vossa filha, ele disse, não tendes outros filhos? Respondi-lhe mostrando o retrato do meu filho. Tomando-o na mão elogiou meu pensamento materno e disse que eu era a primeira mãe a trazer o retrato do filho, não podendo trazê-lo pessoalmente. Depois perguntou quem era a jovem retratada ao lado dele. Ao saber que era a mulher do meu filho : "Tão jovem ainda e já casado! disse, e deu sua benção.

Contei, em poucas palavras, a dor que sentira com a morte de minha mãe e a finalidade de minhas viagens.

Palavras consoladoras e carregadas de unção saíram dos lábios de Pio IX, que na sua indulgente bondade elogiou meus sentimentos de filha e mãe.

Afugentaram a população pacífica e industriosa, causaram enfim todos os males da Europa, de Roma e da Igreja."

Ele aconselhou-me escolher Roma para fixar residência onde a estada seria conveniente para a situação moral em que meu espírito se encontrava. Algumas considerações que acrescentou fizeram-me apreciar melhor a pureza do seu coração e convenceram-me, mais ainda, do seu desconhecimento sobre o que acontecia em Roma.

O seu olhar doce e calmo brilhava com uma centelha divina quando ele falava. Senti-me como que subjugada com a influência do seu olhar, de suas palavras que pareciam sorvidas na verdade suprema. Eu estava diante do venerável chefe da igreja, o Santo Pontífice, reluzindo com a luz da caridade, ali estava a verdadeira, a grande força espiritual, com capacidade de convencer e mais digna de triunfar do que qualquer outra força mundana.

Se eu tivesse o mérito e a eloquência da mulher da bíblia teria então falado a Pio IX sobre o assunto mais importante que ocupa os espíritos dos italianos, sobretudo teria advogado o grande problema que só ele pode resolver sem perturbações, consolidando o domínio da igreja por uma medida sábia, que contraria o interesse particular de um certo partido, mas que atrairia a simpatia e benemerência dos povos! Bom e caridoso como se revelara talvez ele acolhesse a solicitação expressa por um coração, cuja conduta orientava-se com o amor da paz e do progresso, unidos pela religião. Mas, minha frágil voz seria impotente para arrancar do seu espírito a influência dos que o cercam.

Deixamos o papa, minha querida filha e eu, levando conosco a sua benção e a impressão religiosa que sentíramos, despertada em nossa alma por suas edificantes palavras e a paternal acolhida que dignou-se a nos fazer.

Quando escutei suas palavras esqueci o fausto da corte papal e todos os abusos que a cercam, que chocam todos os espíritos conhecedores das santas máximas do Evangelho. Vi um coração cheio de grandes virtudes, que poderia fazer a felicidade de uma parte da humanidade, se não lhe faltasse energia! E lamentei que o espírito desse grande reformador, sonhador em 1848, não se encontrasse em harmonia com seu coração. Lamentei ainda que atos de injustiça e tirania, praticados em seu nome, diminuíssem a simpatia geral que ele inspirava outrora, e fizessem com que seu poder se confundisse com poderes políticos do mundo.

Quando chegamos junto do pontífice e o escutamos é impossível não sentir a influência quase celeste de sua bondade: nos encontramos em uma atmosfera completamente diferente da que acabrunha o espírito dos seus súditos.

Súditos eu disse! São Pedro, o humilde servo de Jesus Cristo, algum dia se deu o direito de ter súditos!?

Oh! por que labirintos de contradições os ricos sucessores do Santo Apóstolo, do simples pescador, conduziram sua grande obra?.....

Eu esquecera esses assuntos ao lado de Pio IX e voltei a pensar neles ao olhar a moderna Roma!

Nesse mesmo dia, um cardeal, após pedir algumas informações sobre meu país, completou com uma franqueza que me pareceu inconveniente diante de uma mulher, sobretudo de uma brasileira: "o clero do Brasil é muito imoral, não é senhora?" _ "Temos no nosso clero, respondi imitando sua franqueza, muitos eclesiásticos notáveis pela pureza dos seus costumes, sentimentos piedosos e profunda instrução. Quanto àqueles que generalizais sob o nome de clero do Brasil, eles são iguais ao clero de Roma onde um certo número deles viveu e aprendeu boas lições."

O *sábio* cardeal mordeu os lábios, sorriu sem jeito, e passou rápido ao assunto inesgotável da vigorosa natureza do Brasil, cujas mulheres, acrescentou, têm muito espírito! "Perdão senhor, vos enganais, disse - é sobretudo o coração que nos esforçamos em cultivar, é por isso que elas ficam pouco a vontade em certas cidades da Europa, onde o reino do espírito é tão forte."

A maioria das altas personalidades que formam a corte de Pio IX não parecem com ele. Por isso eu não poderia me conter e abafar, por veneração, meu justo desejo de mostrar a um deles que não cabe ao clero de Roma censurar o clero do Brasil, ou de qualquer outra nação, quanto aos costumes. Assim não foi apenas um sentimento de nacionalidade, mas também um dever de justiça que me fez vencer minha natural resistência em ofender qualquer pessoa.

O CAPITÓLIO E A ROCHA TARPÉIA

Todas as pessoas conhecem as diferentes finalidades das duas criações da Roma antiga cujos nomes sempre planaram sobre a história; um, todo orgulhoso das lembranças que suscita; a outra, lembrando a lúgubre imagem das vítimas que eram jogadas no Tibre.

A glória e a morte tinham suas sedes, uma ao lado da outra, e os aplausos de triunfo freqüentemente confundiam-se com os gemidos dos condenados.

Os dois teatros onde representavam-se cenas tão diversas desapareceram completamente.

No lugar do Capitólio ergue-se o *Palácio Senatorio*, o palácio do Museu, e o palácio *dei Conservatori*, do Senado. A palavra *Senado* designando um edifício moderno da velha colina que lembra, entre tantas outras coisas grandiosas, a imponente assembléia que outrora tinha esse nome, parece um sarcasmo jogado sobre o cadáver de uma autoridade que insultam! Quanto ao que chamam hoje de Capitólio nada corresponde à lembrança que esse nome evoca ao nosso espírito.

No meio da praça, cercada pelos três palácios, fica a antiga estátua eqüestre de bronze de Marco Aurélio. Michelangelo erigiu a estátua no local exato onde queimaram vivo Arnaldo de Brescia, por ordem da igreja mãe que ele ousou querer reformar.

Uma chuva fina começou a cair quando descemos perto da grande escada que dá na praça do Capitólio, e por onde eu quis subir. Uma lembrança da primeira juventude, vestida com toda a poesia que a brilhante pena de Mme de Staël dotou a sua *Corinne*, inspirou o desejo de ver, na primeira visita ao Capitólio, o lugar em que ela imaginou o taciturno Oswald apanhando a coroa triunfal que caíra da cabeça da sedutora heroina[1]. Dirigi-me para a praça com a imaginação tomada pelas fascinantes páginas, mas logo a poesia deu lugar á realidade naquele lugar que a chuva, aumentando, tornava muito prosaico. Descemos

---

[1] Em *Corinne* (op. cit. p.68). Oswald aproxima-se pela primeira vez de Corinne: "no momento em que ela descia a escada, acompanhada do seu cortejo, olhou para trás para vê-lo: este movimento fez com que caísse sua coroa. Oswald apressou-se em apanhá-la, e a entregou dizendo algumas palavras em italiano" (tradução minha)

apressadamente a escada, ao pé da qual ficam as leoas em basalto, as estátuas de Castor e Pólux, ao lado dos cavalos em mármore, etc. e olhando rapidamente todos esses objetos, entramos na construção à direita. No pátio, nas galerias, na sala de pintura, nos aposentos chamados dos conservadores, assim como no museu propriamente dito do Capitólio, numerosas obras de arte antigas e modernas mostraram-se aos nossos olhares e nos deram assunto para ocuparmos agradavelmente o dia chuvoso.

Uma estátua colossal de Júlio César, que fica no pórtico, é a única dele, ao que parece, que é reconhecida como autêntica. Os bustos, estátuas de alguns papas, de imperadores romanos, de senadores e outras personalidades, decoram a primeira sala dos Conservadores, no centro da qual está a famosa loba antiga amamentando Rômulo e Remo.

Entre as estátuas e bustos dos romanos são vistos muitos gregos ilustres. A sala de pintura guarda a Santa Petronilla de Guercino, sua principal obra, além de outros quadros de grandes mestres.

Em uma sala destes aposentos estão os célebres fragmentos dos *Fasti consolari Capitolini,* com a lista dos cônsules e magistrados públicos, desde Rômulo até Augusto. As inscrições imperiais e consulares, desde Tibério até Teódoto, também são conservadas no museu.

No pátio do museu ficam as estátuas colossais de Minerva, de Diana e a estátua tão célebre, conhecida com o nome de Marforio.

Quando subimos, as salas dos imperadores, dos filósofos, dos gladiadores e outras, mostram novos objetos interessantes entre os quais destacamos: na primeira, os baixo relevos que representam Perseu libertando Andrômeda, e na segunda, os bustos de Virgílio, de Sócrates, de Sêneca e de Safo.

A grande obra prima do museu é a Vênus do Capitólio. Ela fica num gabinete especial, onde também está a Psiqué e o Amor, Leda e o Cisne. A Vênus é verdadeiramente uma maravilha de arte, digna de sua fama.

Percorríamos o museu do Capitólio dedicando nossa atenção aqui e ali às coisas mais notáveis que ele contém, quando a estátua de Esculápio mostrou-se aos meus olhos e mudou o curso de minhas idéias. Meus olhares até então dirigidos aos mármores, bronzes, pinturas,

que tanto me falavam ao espírito, sem nada dizer ao coração, fixaram-se radiantes nesta estátua, que desperta na minha alma uma querida lembrança que as vezes adormece, para despertar com mais vigor e mais brilho.

É a lembrança de uma santa amizade que se desenvolveu e fortificou-se no estudo da arte divina que tem por objeto o alívio dos males físicos da humanidade. Ao deixar o museu do Capitólio pedi a benção do céu para aqueles que, com este nobre propósito, dedicam-se ao estudo da ciência simbolizada em um deus pelo paganismo.

Em um terreno ao lado do museu do Capitólio fica um jardim muito descuidado. Um guia nos conduziu através dos legumes cultivados até uma parte escarpada da margem do Tibre. "Aqui, nos disse, ficava a rocha Tarpéia".

O terreno e o curso do rio foram modificados pela revolução dos séculos, e a rocha Tarpéia dos pagãos, assim como o famoso Capitólio, só existem nas páginas da história.

O TÚMULO DE ADRIANO
OU CASTELO DE SANTO ÂNGELO

Os tenebrosos acontecimentos que ocorreram no interior desse edifício são bem conhecidos de todos os que estudaram a história de Roma, desde a Idade Média até nossos dias. Outrora ele era o suntuoso mausoléu do imperador Adriano.

No alto, onde está hoje o anjo de bronze, erguia-se antigamente a estátua colossal de Adriano, que foi destruída como o foram todas as estátuas notáveis que decoravam o mausoléu. Dizem que quando os gregos defenderam-se dos Vitigés quebraram muitas dessas estátuas para jogá-las contra os atacantes.

As facções que devastaram Roma na Idade Média transformaram esse edifício numa fortaleza, cujas defesas foram aumentadas por Alexandre VI. Depois de sofrer diferentes modificações hoje ele está ocupado pela tropa francesa.

Quando entrei um sentimento doloroso tomou conta de mim ao pensar em tantos infelizes que aqui gemeram, sob o peso de terríveis tormentos.

Antes de visitar o castelo quis ver os três quartos subterrâneos, ou melhor três buracos, que serviram de prisão ao célebre artista Benvenuto Cellini, à Beatrice Cenci e à madrasta dessa vítima infeliz! O guia, designado pelo comandante do castelo para mostrá-los aos estrangeiros, acendeu uma tocha e nos precedeu no assustador subterrâneo, onde nunca penetra a claridade do dia. Uma profunda piedade, unida ao horror, tomou conta de minha alma quando descíamos para o lúgubre refúgio de angústias onde o gênio e a doce beleza definharam, sob a opressão de uma vontade toda poderosa.

Aqueles que visitam os cemitérios, última morada dos corpos desprovidos de alma, e sentem um aperto no coração, o que sentirão ao penetrar nos lúgubres cárceres onde infelizes debateram-se numa profunda escuridão, entregues à torturas ao mesmo tempo morais e físicas? Ficaríamos mais aliviados com a triste lembrança se em nossos dias (uma

vergonha da civilização moderna), não víssemos em muitos países prisões parecidas confinarem o homem: o homem um ser moral que sempre ficará mais revoltado do que curado com os castigos cruéis, ou vergonhosos, o homem que não foi esclarecido, nem guiado na prática dos seus deveres, e que puniram sem piedade quando ele errou! O homem enfim que compreenderá a nobre missão para a qual veio à terra quando virmos por toda parte, no lugar das assustadoras prisões e das casernas, instituições de ensino e de trabalho, convenientemente organizadas, para que todas as classes encontrem, a um só tempo, alimento para o espírito e para o corpo.

No caso da prisão que visitamos não se trata de numerosas massas de infelizes que ainda vivem nas trevas do espírito, e de onde saem os autores de uma parte dos crimes que infestam a sociedade.

Aqueles cuja sorte lamentei ao visitar o castelo da Santo Ângelo não pertenceram a essa classe: as idéias religiosas, as opiniões políticas, e algumas vezes a fortuna, foram a causa da infelicidade da maioria deles.

Sentia-me quase sufocada, curvando-me o melhor possível, para conseguir chegar à repugnante prisão de Beatrice Cenci. Imaginem um pequeno espaço onde um homem não conseguiria estender-se, entre duas paredes negras, úmidas, sujas, sem o menor raio de luz, com uma pequena abertura no alto, por onde, disse o guia, desciam pão e água para a infeliz prisioneira, e terão uma idéia do que ela sofreu! Mas, não foi só isso. O suplício da corda e de todos os bárbaros instrumentos que os cristãos não se envergonharam de tomar emprestado aos pagãos, e de usar para flagelar os próprios cristãos, quebraram os membros dessa infeliz.

Pobre mártir! Terna e nobre menina, que suportou aos 16 anos torturas que teriam abatido teus carrascos! Que crime cometestes? Com que fúria te arrancaram uma mentira para esconder da posteridade a verdadeira causa da ferocidade contra ti? A enorme ambição!

Não faço mais que repetir o que já foi dito por muitas testemunhas e que o sangrento tribunal, presidido por Clemente VIII, não conseguiu desmentir. Sabe-se hoje que a grande fortuna de Beatrice Cenci foi a principal causa do extermínio de sua família, e de sua morte

infame. Com o pretexto de parricídio condenaram a infeliz que tivera de lutar contra um pai infame que atentou contra seu pudor!

O monstro chamado Francisco Cenci é muito conhecido nas histórias tenebrosas da Roma do século dezesseis, para que seja preciso lembrar todos os seus crimes.

Após profanar o que existe de mais santo na terra, e cometer todos os horrores com os quais um homem pode aviltar-se, sem temer a Deus, sem respeito pelas leis dos homens, hipócrita exteriormente, desnaturado e bárbaro em seus atos escondidos, ele sucumbiu sob a vingadora mão de um homem, e não de uma mocinha. Seu fim foi digno de sua perversidade, e a natureza não lamentou a expiação desse monstruoso crime.

Mesmo que a punição partisse da mão de uma moça que defendia sua honra, ela deveria ser condenada à morte, e sobretudo por um santo pontífice?

No momento em que Francisco Cenci atentou contra o pudor de sua filha, não perdeu sobre ela todos os direitos de paternidade? Nesse caso, não seria um infanticida moral, uma besta feroz que ela teria extirpado da terra?

A lei absolve o homem que mata seu semelhante defendendo sua própria vida. O que é a vida em comparação com a honra? O que é o homicídio, o assassinato cometido à luz do dia numa estrada, comparado ao atentado de um monstro contra a pureza de sua própria filha, sob o teto onde Deus a abrigou para que o pai fosse o mais zeloso protetor, o mais seguro, da honra de sua filha?

Uma pessoa que me contou há pouco tempo exemplos da crueldade desse perverso dizia: "Se fosse possível dar mil vidas a Francisco Cenci, a mão que as tirasse não conseguiria punir a enormidade dos seus crimes."

Embora compartilhe seu horror pela memória de um homem tão hediondo moralmente, não estou de acordo com isso porque a morte não é de maneira nenhuma uma punição que sirva para melhorar o culpado, nem uma proveitosa lição para as testemunhas do suplício. Um dia, sem dúvida, a sociedade irá refletir sobre isso e a pena de morte será abolida entre os povos civilizados.

Voltando a meditar sobre a mártir, cujo lamentável fim absorveu meu pensamento: Beatrice livrou-se da brutal paixão do seu pai para ser imolada a uma outra paixão miserável, a sede de ouro.

Se Beatrice tivesse permitido ser desonrada por um monstro, que tinha a aparência de um santo homem, receberia dele a mais alta proteção e teria ficado ao seu lado, sendo recebida e festejada na sociedade!

Ó sociedade! quando o crime e a inocência deixarão de ser confundidos em teu seio? Quando a opressão deixará de reinar? Quando a liberdade, abrindo suas santas asas, descerá com seu cortejo de virtudes para livrar a terra de tantos flagelos que a oprimem?

É reconfortante esperar com o grande poeta toscano Niccolini[1] que as gerações vindouras possam verdadeiramente dizer:

Non più la forza è dritto:
Fugge all'alma ogni pensier superbe;
Natti non siamo all odio ed al delitto
Figlie del primo amante
Sono legenti fra di lor sorelle;
Non hanno un sol semblante.
Nè diverse cosi che non sian belle.

Tempo verrà che le discordie antiche
Saranno un sogno, e mal dall'uom si creda
Che a lui ricosse un di cotanto oltraggio.
Che fatto el preda divenia retaggio,
Como fosse un terren che si possieda.
Non più saranno la parole un velo
Ad inclite misfatti;

---

[1] Niccolini, Giovani Batista - (1782-1861). Niccolini escreveu ensaios sobre história e literatura e bem sucedidos dramas com ambientação histórica, entre eles *Giovani de Procida*, 1830, *Arnaldo de Brescia*, 1843, e *Beatrice Cenci*, 1844. Foi professor em Florença e estava na cidade na época em que Nísia a visitou.

* A triste história da jovem romana Beatrice Cenci, acusada de parricídio no século XVI e punida com suplícios e morte pela Igreja, foi assunto de dramas de vários escritores em diferentes épocas. Entre eles, além de Niccolini, Shelley, *Os Cenci* (1819), Prosper Merimée, *Beatrice Cenci* (1825) e Stendhal, *Os Cenci*, publicado anonimamente na *Revue des Deux Mondes*, em 1837. No Brasil, a história da jovem Beatriz foi motivo de uma peça de Gonçalves Dias: *Beatriz Cenci*, 1843, contemporânea à de Niccolini, escrita quando o poeta estava em Coimbra, publicada em 1868, em suas *Obras Completas*.

Um dos quadros famosos de Roma no século XIX era um retrato de Beatrice Cenci, de Guido Reni, que ficava no Palazzo Barberini.

Non averrà che col sangue alcun riscatti
La santa libertà che vien dal cielo.
.....

Estávamos emocionadas ao sair do cárcere onde tantas lágrimas foram derramadas, tantas angústias vividas. No de Benvenuto Cellini ainda se distingue o Cristo desenhado por ele em uma das paredes. O pensamento, que os tiranos jamais conseguirão aprisionar, guiava a mão do artista no meio das trevas para imprimir na parede a marca do seu gênio. Nas muralhas desse castelo ele também deixou a lembrança de sua bravura.

Ao sair das prisões subterrâneas o guia nos mostrou as fornalhas e imensos tachos que continham óleo usados antigamente para defesa, em caso de cerco do castelo, antes da pólvora tornar-se conhecida.

Demorava a afastar-me desses lugares sinistros. Subimos nas salas iluminadas com bela luz do dia, mas não menos inspiradoras de tristes pensamentos e lúgubres lembranças. A grande sala de Paulo III, o quarto onde o cardeal Caraffa foi estrangulado por ordem de Pio IV, todos decorados com afrescos de Perino e seus alunos, abrem ao visitante suas páginas sangrentas misturadas com obras de arte. Mostraram o quarto onde Benvenuto Cellini matou seu carcereiro e o terraço por onde fugiu.

Ao chegar no alto, perto do anjo de bronze que Benedito IV mandou instalar, passei alguns instantes contemplando a Roma de nossos dias. Enfeitada com suas cúpulas, com suas riquezas artísticas, com suas grandes lembranças, pareceu-me mais melancólica, estendendo-se de um lado a outro do tristonho Tibre, até a serena *campagna* que a abraça e parece dizer-lhe: "se o espírito de teus grandes ancestrais de quem cubro as cinzas não mais te animam, ó bela filha vitoriosa sufocada por suas próprias conquistas, verás surgir uma nova era que te compensará dos teus longos sofrimentos, com uma glória mais digna de tuas aspirações modernas."

As riquezas de arte e de ciência da Biblioteca do Vaticano, para onde fomos ao sair do forte de Santo Ângelo, afastaram do meu espírito as tristes impressões que sentira.

As salas e grandes galerias da biblioteca, a maior que conhecemos em nossos dias, com as coleções de Cristina da Suécia, do marquês Capponi, do convento de São Basílio, em Grota Ferrata, da Palatina e outras, são repletas de objetos mais ou menos preciosos. Além dos livros impressos, a biblioteca contém a maior e mais importante coleção de manuscritos do mundo.

Na magnífica sala principal da biblioteca admiramos os vasos, móveis e muitos outros objetos de notável beleza. Na grande coleção de manuscritos existem alguns em árabe, persa, em turco, assírio, na língua hebraica, armênia, chinesa, etc. Preciosos manuscritos gregos, latinos, e em outras línguas, enriquecem a numerosa coleção onde encontram-se cartas assinadas por Henrique VIII para Ana Bolenha, quando ele ainda não pensava que a mandaria decapitar. A grande sala, dividida por pilares em duas naves, é toda decorada com afrescos magníficos. Num gabinete situado na extremidade das oito salas que compõem a ala direita da dupla e grande galeria, onde nos mostraram alguns armários com muitos objetos de arte, utensílios de diversos metais, estatuetas, pequenos ídolos, ornamentos de banho, em baixo relevo, marfim, etc, guardam a cabeleira admiravelmente conservada de uma mulher, cujos restos foram encontrados num antigo sarcófago.

As obras de arte atraíam nossa atenção, mas ao ver os instrumentos de suplício que conservam entre todas essas belas coisas, e mostram aos estrangeiros como objetos de simples curiosidade, estremeci de horror ao pensar nas muitas vítimas que foram torturadas.

Diríamos que o homem sente orgulho em perpetuar a vergonha dos seus atos bárbaros! Insatisfeito em fazer sofrer seus semelhantes, ele ainda transmite à posteridade (que não esqueceu seus crimes) os vergonhosos instrumentos, que muitas vezes serviram para arrancar dos infelizes uma mentira com a qual acreditavam livrar-se das torturas que suplantavam suas forças.

A imagem da infeliz Beatrice e de tantos outros que sofreram tais suplícios na Roma cristã, tão parecida com a Roma pagã, mostrou-se ao meu espírito. A frieza com que o guardião explicou o uso dos instrumentos despertou as reflexões que freqüentemente me preocupam sobre a indiferença ou negligência com que deixaram avançar o mal moral que aflige a humanidade, enquanto despendem tanta energia, tanto talento e atividade,

consomem tanta força e riqueza, para exibir aos olhos do mundo as pompas e resultados suntuosos do progresso material!

O MUSEU DO VATICANO

Seria uma absurda pretensão juntar a essas páginas fugitivas a descrição das imensas galerias, grandes salas, gabinetes, pátios etc, que guardam uma prodigiosa quantidade de obras de arte, que chamam de Museu do Vaticano. A maravilhosa reunião de riquezas artísticas, antigas e modernas, formando muitos museus num só museu, é tanta que "o espírito fica confuso à primeira vista".

Visitamos duas vezes por semana e ficamos algum tempo para ver as obras primas desse que é o maior museu do mundo. Só a imensa coleção de antigüidade ocuparia a atenção durante anos inteiros.

As *loggias* de Rafael, por onde começamos nossa visita, ainda têm, embora já alteradas, as admiráveis pinturas do divino artista.

Das *loggias* passamos para a profusão magnífica de objetos variados que tomam grande parte do Vaticano, isto é, as *Stanze*, as capelas Sistina e Paulina, as galerias de quadros onde estão as duas obras primas de Rafael e de Domenichino (a admirável Transfigurazione e a Comunione di San Girolamo), as salas da Escola de Atenas ou da *Segnatura*, com suas figuras alegóricas, os diversos museus, sagrados, profanos, cristãos, etruscos, egípcios, Chiaramonti, Pio Clementino, etc. Um considerável número de sarcófagos curiosos, baixo relevos, vasos, fontes de mármore, de pórfiro, etc, mosaicos preciosos, d'*arazzi* feitas a partir de desenhos de Rafael, bustos, estátuas e entre elas o admirável Apollo do Belvedere. Tudo reunido e em ordem.

Todas as belas coleções de arte antigas e modernas, deixadas por uma imensa legião de artistas de diferentes países, de diferentes gerações, diferentes épocas, ainda mostram o gênio e grandeza de tantas nações hoje mergulhadas no nada!

O homem desaparece, suas obras ficam. E algumas atravessam os séculos, as grandes perturbações físicas e morais, para servir de modelo às gerações novas que se sucedem na

terra, e algumas pessoas procuram estudar, conhecer o passado na medida em que lhes permite a frágil luz, que a série dos séculos deixou atrás de si.

Porém, enquanto os sábios e artistas entregam-se, no vasto e inesgotável sepulcro da majestosa Roma, e em outros lugares, ao estudo e reprodução das obras primas encontradas, obras deixadas por diferentes povos, humilde admiradora de tantas grandes criações do espírito humano, me pergunto onde estão os vestígios da arte, da ciência, que poderiam ensinar aos povos a bem se governar, e as pessoas a tornarem-se mutuamente felizes. Onde se encontra, entre essas inúmeras criações, entre os velhos documentos, aqueles que provam a existência de um único governo que soube harmonizar a grandeza material e intelectual do seu povo, com um desenvolvimento moral sempre crescente, sob a influência proveitosa da liberdade? Nos lugares onde antigamente floresceram as ciências, as artes, na Ásia, o berço do gênero humano e da filosofia, no Egito, na erudita Grécia, cujas obras esplêndidas nenhum povo moderno conseguiu imitar, nunca o povo usufruiu das vantagens de um governo que tem o direito de esperar. Licurgo, com a austeridade de suas leis, o sábio Solon, promulgando outras leis melhor adaptadas ao caráter dos atenienses do seu tempo, prepararam Esparta e Atenas para atingir o grau de coragem e glória que ambas alcançaram. Mas, as virtudes espartanas e a civilização ateniense passaram de moda sem deixar nenhum beneficio real para a humanidade. O mesmo aconteceu com admirável colosso de força que veio depois, e que assombrou o mundo subjugando por tantas ações magníficas, tantos triunfos maravilhosos.

Por toda parte a humanidade lutava, como ainda luta nos nossos dias, contra a ambição, a tirania, a ingratidão e todos os outros flagelos que crescem e sempre crescerão no seio das sociedades, para retardar-lhes, barrar-lhes o desenvolvimento, até que os governos dirijam seriamente sua atenção para a educação moral dos povos.

Em todos os tempos existiram grandes sábios, artistas notáveis, que por toda a vida trabalharam por amor das ciências e das artes. Mas qual foi o governo que se empenhou em fazer uma radical, completa reforma na educação do seu povo, e dedicou-se exclusivamente à responsabilidade de fazê-lo feliz?

Nobre e santo amor da humanidade, quanto bem espalharás sobre a terra quando os homens te compreenderem bem, e sorverem de tua fonte divina grandes virtudes e não brilhantes teorias! Então, somente então, os povos ligados entre si pela harmonia de suas práticas, no cumprimento de deveres que instituições livres, esclarecidas e sensatas ensinarem a conhecer e amar, com o espírito do verdadeiro progresso, acrescentarão às glórias de que o mundo se vangloria a mais essencial glória que ainda falta: a paz geral das nações e sua prosperidade através do trabalho, ordem e amor....

Para aqueles que têm fé na Providência os tormentos que os abatem nunca os fazem desistir de atingir o seu fim. Da mesma maneira aqueles que amam a humanidade, de coração, e que têm fé no futuro, não se desencorajarão jamais, na esperança de que uma dia ela atinja um grau de perfeição onde não mais terá de suportar os vícios entronizados no seu meio, e que a flagelam impunemente.

Roma que durante o dia oferece muitas obras primas, em todos os gêneros, para satisfazer o gosto mais exigente e fazer as horas passarem como segundos, mostra à noite um aspecto muito triste e monótono. A maioria das suas ruas, mal iluminadas, são percorridas em todos os sentidos por grupos de devotos que atrás de um padre entoam orações dissonantes. A ladainha inspira um sentimento de sombria tristeza, não lembra em nada as suaves emoções religiosas de todos os ritos do catolicismo, que esperamos sentir em Roma.

A rua do Corso é a única que permanece animada à noite. Nela ficam as principais lojas da cidade, lá passeia a maioria dos estrangeiros, quando não vão distrair-se, segundo a expressão de alguns, da monotonia da cidade, no teatro ou em saraus nas casas de famílias romanas, e de algumas personalidades da Igreja, que às vezes promovem brilhantes reuniões, temperando a simplicidade apostólica com um luxo bem mundano.

A grande monotonia das noites de Roma, tão lamentada por quase todos os estrangeiros que conheci aqui, não incomodou-me porque meu espírito está de tal maneira envolvido com o que vejo durante o dia, que mesmo quando não temos visita à noite as horas passam ligeiras. Mal tenho tempo de escrever minhas impressões do dia e repousar um

pouco, para recomeçar no dia seguinte nossas excursões através do interminável museu de belezas artísticas, labirinto de ruínas, que me prende cada vez mais a esses lugares.

Os divertimentos, as distrações das outras cidades, não ficariam bem em Roma que não necessita deles para agradar as pessoas de bom gosto e imaginação.

No meio de esplendores de arte e lembranças históricas da cidade eterna, como alguém pode lamentar os passatempos brilhantes e vulgares de outras capitais?

Só o que falta em Roma é um governo adequado à cidade. Três coisas chocam o estrangeiro logo que ele chega na metrópole do catolicismo:1- a ausência de cuidados com a limpeza geral da cidade; 2-o grande número de mendigos; 3- o luxo do alto clero.

O gosto de limpeza dos antigos romanos, assim como os costumes do clero, sofreram grandes e variadas transformações. Podemos julgar a limpeza dos antigos pelos cuidados que tinham trazendo água em abundância para a cidade, construindo banhos públicos, espaçosas, cômodas e luxuosas termas. Este gosto desapareceu totalmente entre os romanos modernos e hoje não existe um só estabelecimento de banhos públicos. Apenas 3 ou 4 hotéis, e entre eles o Minerva onde estamos, possuem banheiros.

Ao contrário da decadência quanto à limpeza, os costumes do alto clero, simples e severos nos primeiros tempos da Igreja, cresceram prodigiosamente em elegância e riqueza.

Quanto aos modos em geral,

" diante de tal quadro

É melhor passar a esponja ou baixar a cortina".

Quem vier à Roma e não subir na admirável cúpula de São Pedro, não conseguirá imaginar a altura e grandeza da soberba basílica. Atingimos a parte superior do imenso templo por uma escada de inclinação extremamente suave. Quando chegamos na segunda balaustrada superior e olhamos para baixo todos os objetos, cujas dimensões nos impressionara antes de subir, quase que desaparecem aos nossos olhos pelo pequeno

tamanho que lhes dá o afastamento. Ao contemplar a admirável cúpula, o admirável conjunto, todas a magnificência que a força da arte exibe sob as abóbadas ousadas e majestosas, o homem sente-se verdadeiramente orgulhoso de sua obra. Mas, quando atingimos a balaustrada exterior, que contorna a lanterna, e abraçamos com o olhar a imensa planície que cerca Roma, a longínqua cadeia de montanhas que circunda essa planície, olhamos o belo céu de lápis-lazuli que se estende como um domo infinito sobre as montanhas, planícies, a cidade ainda grande em seu túmulo, devemos nos envergonhar do orgulho do homem e de suas obras diante da eterna grandeza, do esplendor infinito das obras do Criador!

Do alto da cúpula, onde escrevi minhas iniciais[1], descemos para a basílica subterrânea.

---

[1] Nísia escreveu suas iniciais e as de seus familiares em vários monumento e ruínas que visitou. Era comum no século XIX o viajante deixar marcas da passagem, e muitos viajantes em peregrinação literária procuravam os nomes dos escritores e poetas nos monumentos que visitavam, como o nome de Byron gravado nas colunas de mármore do templo de Poseidon, em Sunium, na Ática, ao lado de outros nomes de centenas de marinheiros.

Chateaubriand, em *Itinéraire de Paris à Jérusalem* (1811), lamentou não poder chegar até às pirâmides para escrever o nome e pediu a um amigo para fazê-lo, dizendo que era preciso "cumprir todos os pequenos deveres do piedoso viajante."

Gonçalves de Magalhães também encarregou o amigo Porto Alegre de escrever seu nome nos monumentos gregos, no poema "Adeus ao meu amigo M. de Araújo Porto Alegre"(*Suspiros poéticos e saudades,* 1836):

Vai; ao Parnaso sobe; aí meu nome
Entoa para o céu, e atento escuta;
Si os ecos responderem,
Junto do nome teu meu nome grava
No mármore que achares.

Porém, nem todos os viajantes concordavam com o costume, entre eles Mme.de Staël. Para ela nem todos os anônimos viajantes tinham o direito de deixar suas marcas de passagem, (em *Corinne*, op.cit.p345):

"Os estrangeiros, que vieram em multidão, honrar a memória de Virgílio, escreveram seus nomes nos muros que cercam a urna. Somos importunados por estes nomes obscuros que parecem estar ali somente para atrapalhar a calma solidão que o lugar desperta. Só Petrarca foi digno de deixar uma marca durável de sua viagem no túmulo de Virgílio."

Durante sua viagem ao Cairo, Flaubert criticou o hábito dos viajantes dizendo que não escreveu o seu nome em parte alguma. E em carta ao padrinho, 6 de outubro de 1859, comentou (*Correspondance-Oeuvres Complétes*, Deuxième Série(1847-1852), 1930, p.243):

"Em Alexandria, um certo Thompson de Suderland, escreveu seu nome na coluna de Pompéia, com letras de 6 pés de altura, que são lidas a um quarto de distância. Não há como ver a coluna sem ver o nome de Thompson, e em decorrência sem pensar em Thompson, este cretino incorporou-se ao monumento e perpetuou-se com ele. Que digo? Ele o destrói com o esplendor de suas letras gigantes. É muita pretensão forçar os viajantes futuros a pensar em você, lembrar-se de você! Todos os imbecis são mais ou menos como Thompson, de Suderland."

O sentimento do cristianismo é sentido de maneira diferente sob as abóbadas que ressoaram outrora com o canto dos primeiros cristãos.

Enquanto estive sob as abóbadas de quinze séculos, por sobre as quais construíram a maravilha moderna de Roma, não pude me impedir de refletir sobre o tronco da bela árvore que vi em sonho na minha primeira noite em Roma.

Entre os túmulos dos papas que ficam neste subterrâneo procurei aqueles cuja memória é venerada com justiça, mas só encontrei o de Urbano VI, Adriano IV, Nicolau V, Alexandre VI, Bonifácio VIII e o sarcófago da célebre Cristina da Suécia

O aspecto sombrio destes túmulos e de outros de diversas personagens que guardam nas sombras dessa basílica subterrânea a cinza de tantas grandezas passageiras, encheu-me o coração de piedosa melancolia. Ao olhar o sarcófago de Cristina meu pensamento voou à Fointanebleau, perto de uma certa janela do histórico e belo palácio; depois à Avon, pequeno lugarejo situado perto dali, onde há tempos visitei a laje que cobre os restos do infeliz Monaldeschi[1].

Deixei a velha basílica para de novo mergulhar na contemplação da moderna.

Da mesma maneira que Roma, a basílica de São Pedro sempre oferece um novo objeto à contemplação. Para ver tudo é preciso vir muitas vezes e habituar os olhos, de início aturdidos com o esplendor de tantas riquezas, a examinar separadamente as ricas capelas, os altares, quadros, estátuas, colunatas, pilastras, a Confissão de São Pedro sob o altar mestre, as colunas que a sustentam e que nunca serão suficientemente admiradas; as pias de água benta em mármore amarelo sustentadas por dois anjos de dois metros de altura, esculpidos por hábeis artistas; o majestoso altar que fica por trás do altar mestre etc, etc...

O hábito de pichar os monumentos sofisticou-se nos muros de Pompéia, onde havia não apenas os nomes, mas citações de Virgílio, de Ovídio, mensagens amorosas, e caricaturas, como nos muros de hoje. Segundo Du Pays (op. cit. p.604), que descreve algumas citações no seu guia, (ele encontrou até mesmo frases de um famoso "grafiteiro" parisiense), havia algumas publicações dedicadas às inscrições, e um estudo do belga R. P. Garrucci.

[1] Cristina da Suécia (1625-1691). Filha do rei Gustavo Adolfo, o rei protestante da guerra de 30 anos. Cristina converteu-se ao Catolicismo e abdicou da coroa em 1654, com 29 anos. Hospedou-se na França no castelo de Fointanebleau, onde mandou assassinar seu amante, o escudeiro Monaldeschi(1657). A primeira peça de Alexandre Dumas, que não chegou a ser encenada, foi sobre este acontecimento. Por vários anos Cristina morou em Roma. O padre Antonio Vieira foi pregador da capela da rainha Cristina em 1672.

Entre os suntuosos túmulos preferimos os mais simples e mais elegantes, como os de Inocêncio VIII, de bronze, de Paulo III, Farnèse, e entre muitos outros o de Clemente XIII, magnífica obra de Canova.

Quanto mais visitamos o interior da basílica, mais ela desperta nossa admiração. O mesmo acontece com quase todos os monumentos dessa Roma tão atraente, onde ao chegar não pensei que iria afeiçoar-me tanto. Esse é o privilégio de um verdadeiro valor, mesmo quando aqueles que o possuem não são dotados de um sinal exterior que o antecipe em seu favor ao primeiro contato. Como Roma, eles ganham ao mostrar os tesouros do seu coração.

O Sr. A**** um dos mais distintos escritores franceses[1], que tive a sorte de conhecer na minha primeira viagem à França e que está aqui em Roma, é uma das pessoas que indicou-me as coisas mais interessantes para ver na cidade.

Senti grande satisfação ao rever o eminente literato, cuja presença lembra o tempo em que assisti, com meus dois filhos, suas lições no Colégio de França, santuário das letras de onde emanam os tesouros das ciências físicas e morais a partir de um ensino livre e superior.

As raras qualidades de coração e a modéstia do Sr. A*** realçam, aos meus olhos, seus méritos literários e conferem-lhe minha admiração. Fiquei encabulada com a indulgência com que ele falou sobre o meu pobre *Itinéraire en Allemagne*[2], páginas fugitivas

---

[1] É possível que Nísia esteja falando do escritor J. J. Ampère (1800-1864), filho do físico J.B Ampère. Historiador e literato Ampère ocupou por muitos anos a cadeira de literatura francesa no Colégio de França, inclusive no período de 1849/1851, quando Nísia, em sua primeira viagem à Paris, assistiu alguns cursos. Ampère foi um viajante erudito. Dedicava-se às viagens para conhecer a literatura dos outros países. Viajou várias vezes para Roma onde permaneceu por algumas temporadas, e uma delas coincide com a estada de Nísia na cidade: Ampère Instalou-se em Roma em 1857 para escrever *L'Histoire Romaine à Rome* (publicada na *Revue de Deux Mondes* neste mesmo ano, e em livro em 1858). Ele escreve "a história vista através das ruínas, da contemplação dos monumentos antigos" e diferente de toda a historiografia oficial francesa da década de 50, que fazia apologia ao Império Romano, ele esforçava-se em mostrar a superioridade da República, contrariando a visão de Luiz Napoleão, autor de uma história de Júlio César.

Além da história romana um outro motivo manteve Ampère em Roma entre 1857 e 1859, a paixão pela jovem Louise Guillemin, filha do banqueiro Cheuvreux, que transferira-se para Roma por motivos de saúde e mantinha uma salão, na Via Babouino, freqüentado por estrangeiros de passagem pela cidade.

Entre as várias publicações de Ampère destaca-se um pequeno livro *La Gréce, Rome et Dante, études littéraires d'après nature*, 1848. No estudo sobre Dante o escritor faz uma peregrinação aos supostos lugares onde Dante localizou passagens de sua Divina Comédia.

[2] *Itinéraire d'un voyage en Allemagne*, Paris, Didot e Fréres, 1858. Primeiro livro de viagem de Nísia. Relata, em forma de carta para os familiares do Brasil, a viagem de um mês pela Alemanha e Bélgica. Foi traduzido para o português em 1982: Natal, Editora Universitária, tradução de Francisco das Chagas Pereira.

e sem continuidade, como todas as que escrevi para me dar uma distração útil, longe de minha querida família, e da pátria que levo no coração por toda parte onde vou.

Quando voltamos um desses dias passados de uma de nossas habituais excursões vieram anunciar-me que dois estrangeiros desejavam ver-me. Eram dois brasileiros: o padre L*** páraco de uma cidade da Bahia e o jovem O. B*** que faz seus estudos em Roma e destina-se à carreira eclesiástica. Embora me conhecessem apenas de nome, eles tiveram a gentileza de nos visitar e oferecer-nos seus préstimos.

Fiquei sensibilizada com o gesto patriótico e gentil cortesia por parte de dois patrícios que nunca vira antes. O padre L***, cujas virtudes eclesiásticas são muito elogiadas, pareceu-me ter um coração simples e bom, mas não sei se seu espírito conseguirá compreender a tarefa que o progresso do século exigirá, se chegar a bispo, cargo que aspira.

Quanto ao jovem O. B*** nascido na província do Rio de Janeiro, tem sem dúvida no Brasil uma mãe que lamenta sua ausência, como lamento a falta que o meu filho me faz. Os pensamentos das duas mães, uma no Rio de Janeiro, outra em Roma, cruzaram-se nesse momento no imenso Atlântico, procurando nos dois hemisférios a querida parcela de sua felicidade materna.

A tenra idade do futuro padre lembrou-me vivamente o meu filho, quando ele vivia só para mim e por mim, doce e carinhosa lembrança, que sempre brilha na noite dos meus tristes pensamentos como uma estrela luzindo furtivamente no horizonte, onde ruge a tempestade.

O entusiasmo e bom gosto com que o jovem O. B** falou das belezas da Itália que conheceu, suas reflexões sobre algumas delas, revelam um desenvolvimento precoce. Sua conversa espiritual mescla-se com uma ingênua espontaneidade natural, que a coerção física e moral transmitida pelo ensinamento clerical não conseguiu ainda abafar. Se esse jovem patrício conseguir, por meio de estudos sérios, sufocar o gérmen de uma certa vaidade que descobri escondida entre suas belas qualidade que já o distinguem, ele poderá trilhar um caminho brilhante em direção ao futuro que a nova geração deve desejar.

Há pouco mais de 12 anos um jovem brasileiro do Norte, que então estudava no Rio de Janeiro, atraía a admiração dos seus colegas por sua extrema dedicação aos estudos sérios e seus costumes exemplares, mesmo vivendo no centro de uma grande cidade e cercado por companheiros de escola de conduta pouco austera. Ele era sempre citado como um prodígio em matemática e um modelo de modéstia.

Ainda não o vira, embora morasse em frente da minha casa com outros jovens cujas distrações nunca compartilhava. Seu quarto diferenciava-se do quarto dos outros pela luz que brilhava em horas avançadas da noite. O futuro sábio entregava-se aos estudos que mais tarde o tornariam um dos brilhantes astros do nosso horizonte natal.

Muitas vezes, nas minhas longas noites de trabalho, ao notar a luz eu fazia votos ardentes para que o gosto e aplicação elevadas do jovem em vigília um dia se desenvolvessem em meu filho adorado, cujos estudos eu dirigia, e sobre o qual depositava minhas mais caras esperanças na terra, desde que a inexorável morte arrancara-me, tão prematuramente, seu pai adorado.

Manifestei ao meu irmão, amigo do jovem estudante, o desejo de conhecê-lo. Ele veio visitar-me quando sua timidez e modéstia eram tão conhecidas no Rio de Janeiro, quanto a sua alta inteligência. Após uma longa conversa literária, que ele manteve com facilidade e profundidade que eu não acreditava fosse capaz um jovem estudante absorvido pelo estudo das ciências, ele nos deixou e eu disse ao meu irmão: "veja um jovem que um dia será a glória de nossa pátria. Não sei se ele é um eminente matemático, mas possui todos os talentos para tornar-se um grande pensador".

Passaram-se doze anos, e o jovem estudante aos poucos tornou-se um grande matemático e um pensador. Representando a nobre província que o viu nascer, estreou na carreira política na Assembléia Nacional, assumindo uma oposição digna do espírito reformador do século[1].

---

[1] Segundo Adauto Câmara, em *História de Nísia Floresta* (op. cit. p. 18), o jovem estudante era Gomes de Sousa.

*Joaquim Gomes de Sousa (1829-1863), matemático, nasceu no Maranhão. Recebeu no Rio de Janeiro, em 1848, o grau de doutor em ciências físicas e matemáticas. Em 1854 viajou para a Europa e publicou na Alemanha uma *Anthologie Universelle des Meilleurs Poésies lyriques de divers Nations dans les langues*

Voltemos ao jovem O. B***. Dotado de caráter e gosto diferente, ele possui qualidades naturais que poderão destacá-lo em outro tipo de atividade.

Não sei se ele tornar-se-á um padre, pois não pareceu-me ter vocação, mas o que parece certo é que se ele der uma direção conveniente aos seus estudos e aprofundar-se, libertando seu espírito de certos preconceitos aristocráticos, as asas do seu talento tomarão impulso no vasto horizonte que abre-se para o Brasil.

A maioria das famílias que estava no hotel já partira. Não mais a numerosa sociedade, as conversas barulhentas na mesa, os muitos carros entrando e saindo no pátio, a pressa das empregadas subindo e descendo escadas para atender o chamado dos viajantes. A calma sucedeu o grande movimento que às vezes me cansava, e que agradava tanto ao proprietário do hotel.

As refeições são agora mais tranqüilas e melhor servidas. Entre as pessoas que ainda me fazem companhia está o bom abade R***, português de nascimento e coração que vive há 24 anos em Paris, onde é pároco. Ele escreveu um dicionário e algumas pequenas obras piedosas, muito conhecidas em Portugal e no Brasil. O conheci em Paris durante minha primeira viagem.

Além das boas qualidades do estimável eclesiástico encontro uma verdadeira satisfação em conversar com ele na minha língua materna sobre meu filho querido, que conheceu em Paris e o distinguiu apesar de sua pouca idade. Freqüentemente trocamos nossas opiniões sobre Roma, da qual ele é entusiasta como eu sou, embora julgando-a de um ponto de vista totalmente diferente. Respeito suas convicções, permanecendo fiel às minhas. Tais convicções não se impõem e ninguém tem o direito, ou o poder, de atacá-las.

A alma, essa luz divina que fraca ou luminosa o homem recebeu do Criador pode ser mais ou menos esclarecida, mais ou menos obscurecida, de acordo com o meio em que

---

originales, Leipzig, Brokhaus, 1854. Reuniu poesias de 17 nações (entre elas A Tarde, de Gonçalves Dias). Voltou para o Brasil em 1857 e nesse mesmo ano foi eleito deputado pela província do Maranhão. Euclides da Cunha chamou Gomes de Sousa de "um gigante intelectual, a nossa mais completa cerebração. Sousinha legou-nos sobre o cálculo infinitesimal páginas que ainda hoje sobranceiam toda a matemática." ("Da Independência à República", em *Á Margem da História*, 5ed. Porto, Liv. Lello Editora, 1941).

nasceu e a educação que recebeu, mas suas inspirações religiosas tendem todas para o mesmo fim, qualquer que seja a crença que recebeu e pratica.

19 de abril

Levantei-me hoje com a alma impregnada com o doce perfume que deixou-me um dos mais belos sonhos nas margens do meu rio natal. Porém, Roma está aqui com todos os seus tesouros e suas misérias que prendem minha atenção.

Logo após o almoço, a senhora M***, minha jovem polonesa e seu respeitável pai vieram nos buscar para visitar algumas instituições de caridade, e a fábrica de mosaicos do Vaticano, que não víramos ainda. Começamos pela Casa das Irmãs de São Vicente de Paula onde a superiora nos mostrou detalhadamente todo o estabelecimento.

Ficarei em silêncio sobre os hospitais, por não encontrar melhorias desejáveis na prática do grande espírito de caridade que pensara encontrar aqui, mais do que em outros lugares.

Na Fábrica de Mosaicos são feitos belos quadros com um notável trabalho de perfeição e delicadeza das cores. Trabalham muitos artistas, e admiramos a paciência e minuciosa precisão com que eles executam os demorados trabalhos. Há quadros a que dedicam-se dois, quatro, ou seis anos, de um constante labor.

Ao sair da fábrica de mosaicos fomos mais uma vez contemplar na capela Sistina o Juízo Final, esse afresco maravilhoso feito pelo Titã dos artistas, com 66 anos de idade. Inspirado pelo poema do imortal Dante[1], Michelangelo traçou com mão forte, vigorosa, e sublime alegoria, obra tão conhecida e admirada no mundo artístico.

---

[1] A informação de que Michelangelo teria se inspirado na *Divina Comédia* de Dante para fazer o Juízo Final, era partilhada por outros viajantes e escritores dessa época, entre eles J. Ampère ("Voyage Dantesque" em *La Gréce, Rome et Dante*, p.308): " Todos sabem que no Juizo Final ele tomou Dante como modelo para o seu

Há oito anos, acompanhada por meus dois filhos, admirei no palácio de Belas Artes em Paris a bela cópia do incomparável quadro, feita por Sigalon[1], e enquanto lhes falava do grande artista que fez o original estava longe de pensar, ai de mim! que um dia o contemplaria com um só dos meus filhos. Oh!meu filho. Oh! meu filho! nada consegue consolar-me de tua ausência. Previ com antecedência quase todas as dores que feriram minha alma, mas nunca a idéia de que me deixarias tão cedo mostrara-se ao meu espírito. Amavas tanto tua mãe que parecia impossível que um outro amor, além do estudo, invadiria tão precocemente teu coração e te acorrentaria, tão longe dela, aos laços do casamento.

Mas estou na capela Sistina e procuro enganar minha tristeza admirando as suas grandes belezas.

"Nos sentimos tomados por um inefável sentimento de admiração diante dessa obra prima. A religiosa poesia do pincel ressalta os mais sublimes efeitos da natureza física e moral: essa eloqüente representação de uma comovente e terrível filosofia faz a alma flutuar entre os movimentos mais apaixonados de admiração e os místicos exageros do terror. Nas grandes páginas primitivas da história Michelangelo traçou, com caracteres de fogo, a página do nosso misterioso futuro."

A figura com orelhas de burro que representa o mestre de cerimônias de Paulo III (dizem que Michelangelo o localizou no inferno para vingar-se de sua implicância), tem uma fisionomia bem grotesca que a sombra ressalta mais ainda.

Conhecemos a resposta que Paulo III deu ao seu mestre de cerimônias que se queixou da brincadeira do grande artista: "Se Michelangelo o tivesse mandado para o Purgatório, disse o papa, eu poderia tirá-lo de lá, mas desde que ele te pós no inferno nada posso fazer: bem sabes que lá não há redenção".

Charon (...) além desse detalhe, claramente tomado de empréstimo, sente-se em toda a composição, tomada por um sentimento lúgubre e terrível, a ação do poeta sobre o pintor"(tradução minha)

Du Pays (op.cit.p.496) compartilha a opinião de Ampère: " Michelangelo tinha 67 anos quando terminou este afresco de um estilo tão notável, tão poderoso, tão terrível, que escapa da análise e da crítica comum, e permanece como um obra única, como o poema de Dante no qual o artista inspirou-se e que leu desenhando nas margens o que a imaginação do poeta o levava a enxergar."

[1] Xavier Sigalon, pintor francês (1788-1837). Pintou cópia do Juízo Final em 1833.Essa cópia encontra-se na Igreja des Petits Augustins, na Escola de Belas Artes, Paris.

Ao mestre de cerimônias só restou resignar-se com essa precoce expiação dos pecados, esperando obter de Deus a graça que o papa não pode conceder.

Entre as pinturas da capela Paulina admiramos a Crucificação de São Pedro, quadro que Michelangelo acabou com 75 anos.

Roma é a cidade dos museus. A própria cidade é o maior e mais importante museu que existe. Além dos museus do Vaticano e do Capitólio, há os museus Latrão, da Academia em São Lucas, etc. As importantes galerias dos palácios Borghese, Barberini, Farnese (o mais belo palácio de Roma), Farnesina, Massimo, edifício célebre por sua arquitetura, Mattei, Panfili, Corsini e o Quirinale, palácio pontifício em Monte Cavalo, cujos móveis são feitos com bonitas madeiras do Brasil. Todos esses palácios guardam uma considerável quantidade de notáveis objetos de arte. No palácio Farnesina admiramos os célebres afrescos de Rafael que representam toda a lenda de Psiqué e o Triunfo de Galatéia: os primeiros executados a partir dos seus desenhos por seu aluno Júlio Romano, o segundo pelo divino pintor. Mostraram-nos a colossal cabeça desenhada por Michelangelo com carvão enquanto esperava Daniel de Volterra, a quem fora visitar. Afinal! pensei, observando o cuidado com que é conservado até mesmo um esboço do grande mestre da estatuária moderna, ao menos com a arte aqui se tem religião.

As igrejas de Roma são por si preciosos museus: cada uma contém uma obra prima ou objeto de arte que merece prender a atenção. Quase todas foram construídas sobre ruínas de templos pagãos, dos quais vemos alguns restos que servem de decoração. Assim, sob as abóbadas sagradas, obra do cristianismo, estamos ao mesmo tempo cercados do luxo do paganismo e das pompas do Catolicismo, duas épocas tão diferentes que aqui se aproximam.

Sem falar da basílica de São Pedro, nenhum templo do mundo católico pode comparar-se à São Pedro, encontramos em outras basílicas e igrejas de Roma admiráveis obras de arte. Em primeiro lugar devemos destacar as Sibilas, de Rafael, afrescos maravilhosos que ficam na igreja de *Santa Maria della Pace*; o profeta Isaías, também de Rafael, na igreja de *Santo Agostino*; o magnífico quadro de Guido, representando o arcanjo São Miguel, figura de grande beleza, na igreja dos Capuchinhos; na igreja de *San Pietro in*

Vincoli, o Moisés, de Michelangelo, estátua diante da qual, ao terminá-la, ele gritou: *Parla adesso*! Na igreja de *Santa Maria sopra Minerva*, a bela estátua de Cristo em pé sustentando a cruz, do mesmo vigoroso artista, obra que ao contemplá-la sempre encontro um novo encanto. Mas, sua obra prima é o *Moisés*: a soberba estátua do grande legislador, de um estilo tão vigoroso quanto original, revela o gênio criador do escultor que sabia imprimir em suas obras uma marca de virilidade e grandeza que nenhum artista até hoje conseguiu imitar. Canova e Thorwaldsen, nos nossos dias, deram às suas estátuas uma beleza de forma e graça admiráveis, mas a beleza enérgica das formas pertence sem dúvida nenhuma a Michelangelo. Em Roma, mais do que em outros lugares, encontramos a marca do grande gênio, que sendo ao mesmo tempo pintor, arquiteto e escultor célebre, não deixou de ser poeta, e conhecemos sua bravura quando precisava defender a pátria.

Santa Maria dos Anjos, uma das maiores igrejas de Roma, construída na grande sala das termas de Deoclesiano, também foi obra de Michelangelo, quando tinha mais de 80 anos. Ainda podemos ver na igreja as oito colunas de granito, testemunhas dos prazeres dos banhistas de outrora e que hoje estão diante do altar onde os fiéis vêm ajoelhar-se. Vanvitelli, na época de Benedito XIV, transformou completamente a obra do grande arquiteto.

Como eu dizia acima, todas as igrejas de Roma lembram, por sua localização ou por seus ornamentos, os templos do paganismo. Aqui, as colunas, pórfiros, bronzes; ali, os baldaquins, cabeças de Ísis e de Sérapis, como na velha basílica de *Santa Maria in Trastevere*. No lugar do templo de Ceres e Proserpina ergue-se a igreja da *Santa Maria in Cosmedin*, onde ainda existe a célebre Boca da Verdade.

São Bartolomeu foi construída sobre a ruínas e com as colunas do templo de Esculápio, na ilha do Tibre, formada segundo a original expressão de um grande escritor italiano "dos blocos de pedra que resistiam ao curso das águas e misturavam-se com a terra."

Santa Maria d'Aracoeli encontra-se sobre o lugar onde ficava o templo de Júpiter Capitolino, bem ao lado do Capitólio. Contraste singular entre o glorioso templo do poderoso império e esta humilde igreja dos pobres frades franciscanos .

As basílicas de *San Giovanni Laterano* e *Santa Maria Maggiori*, a primeira considerada sede do patriarcado romano e construída sobre a antiga basílica fundada por Constantino, a segunda consagrada à Virgem, são de uma riqueza e magnificência deslumbrantes. Em Santa Maria vemos belas colunas jônicas, que eram de um templo de Júpiter, e entre suas capelas é notável a que tem a imitação da gruta de Belém e do Santo Sepulcro.

Na praça de San Giovanni Laterano localiza-se o maior obelisco de Roma, e ao fundo do grande pórtico da basílica, a estátua colossal de Constantino, encontrada em suas termas, que lembra o fundador da velha basílica e a doação de *Laterano* que ele fez ao bispo de Roma.

É na basílica de *San Giovanni in Laterano* que estão as cabeças de São Pedro e São Paulo e o batistério de Constantino. As capelas, colunatas, estátuas, magníficas pinturas, ricos quadros em mosaicos, tudo é de um esplendor nunca visto.

Ao sair da majestosa igreja paramos alguns instantes num ponto de sua praça para admirar o aspecto grandioso que de lá descortinamos da *campagna* romana, com seus antigos aquedutos, suas velhas muralhas e suas ruínas. Sob a impressão dos sentimentos religiosos que o grande espetáculo da natureza desperta em mim, dirigimo-nos para o lado da praça onde fica a construção em mármore que guarda a *scala santa*, a Santa Escada, que a tradição diz ter pertencido ao palácio de Pilatos em Jerusalém, e por onde Cristo passou quando foi conduzido à presença desse magistrado. Muitas pessoas a sobem de joelhos e descem por outras escadas laterais. A Escada Santa está recoberta com degraus de madeira.

As transformações que as guerras acirradas e contínuas levaram para o canto da terra, onde uma manjedoura e um calvário deram ao mundo o mais sublime exemplo de humildade e de abnegação, tornam pouco provável a descoberta de tão grande número de objetos que pertenceram ao Cristo e a outros santos, objetos que formam uma grande coleção de relíquias conservadas nas diferentes igrejas de Roma e de outras cidades. No entanto, uma escada em mármore tem mais chance de resistir às perturbações da guerra e da natureza do que cordas, coroas, cruzes, pregos, túnicas, vestimentas. Qualquer que seja a verdade ou lenda da tradição da *Escada Santa*, o fato é que perto dela senti-me tomada de

emoção. Um grande e doloroso pensamento, que confunde-se muitas vezes em meu espírito, tomou conta de mim e abriu-me as páginas do imortal livro dos sofrimentos humanos, onde Cristo quis inscrever seu nome para revelar a coragem dos infelizes através do rude caminho dessa pobre vida terrestre, e ensinar a todos os homens a conquistar a felicidade, através das virtudes de que ele foi exemplo. Meu espírito abraçou ao mesmo tempo a grandeza do amor do divino mestre pela humanidade, e os últimos momentos de um pai bem amado invocando aos céus em favor da casta esposa e das crianças, de quem seu amor pela verdade tão prematuramente o arrancaram. E perto da *Scala Santa* agradeci a Deus por ter recebido a vida de quem soubera melhor praticar do que pregar a doutrina do Cristo.

Absorta com esses pensamentos eu estava em silêncio olhando as piedosas criaturas que subiam a escada com grande humildade, quando a imagem tão doce e tão pura de minha mãe mostrou-se tão vivamente ao meu espírito, como se estivesse realmente diante de mim, envolta na auréola de suas santas crenças. Minha emoção foi profunda! Inclinei-me e subi os degraus que ela indicava com um sorriso inefável, um gesto cheio de amor e de beatitude. Ó minha mãe! gritei do fundo de minha alma, prosternada diante do crucifixo na capela Santa Santorium, como me sinto bem rezando sob tua sublime influência!

Deixamos atrás de nós todas as maravilhas de arte guardadas nessas basílicas, e com as quais acredita-se honrar aquele que quis viver e morrer menosprezando as riquezas humanas! Deixamos para trás as suntuosas capelas Borghese e outras, os soberbos túmulos de algumas personagens que ainda exibem sua pompa sob as cinzas do sepulcro!

Mandei o cocheiro levar-nos ao Janículo. Não fui contemplar um dos terríveis teatros do furor dos franceses bombardeando seus irmãos republicanos de Roma, em 1849[1]! Fui para ajoelhar-me sobre uma modesta laje que cobre os restos de uma pobre vítima, Beatrice Cenci. Seu corpo mutilado, separado da cabeça, foi levado á igreja de São Pedro *in Montorio.* Mas, o piedoso peregrino hoje procurará em vão essa eloqüente sepultura! Como disse um grande escritor italiano:

---

[1] Refugiado na colina do Janículo, Garibaldi perdeu a última batalha contra os franceses, no fim da República Romana, em 3 de julho de 1849. A igreja de S. Pietro in Montorio, perto da ponte S. Pancrace, centro das operações militares durante o cerco de 1849, ficou quase destruída.

"Il frati, come il buon figlio di Noè, affannosi a velare le vergogne della corte dei papi, hanno voltato sotto, sopra la pietra, e la inscrizione é scomparsa. Poveri frati! troppo gran manto ci vuole per cuoprire i peccatti impij e rei dell'avara Babilonia; nè le memoria cancellansi comme le vite e i marmi."[1]

Próximo do altar maior, ao lado da balaustrada, perto da escadaria, vê-se um assoalho em mármore: foi lá que enterraram os restos da infeliz Beatrice Cenci, talvez no mesmo lugar onde São Pedro foi martirizado. A virgem e o apóstolo, tão maltratados pelos homens na terra, gozam na eternidade a glória sublime que os tiranos não conseguem dar nem roubar!

Sempre tomadas pelo desejo de ver o que Roma guarda de interessante em obras de arte e lembranças, visitamos os templos, as galerias, as ruínas, etc. Aqui, as ruínas das termas de Tito, de Livia, com vestígios de pinturas e objetos curiosos, apesar do estado de completa deterioração em que se encontram; o quarto sepulcral da pirâmide de Caius Cestius, o túmulo dos Scipioni, os grandes escombros do palácio de César, passeio muito pitoresco, etc; ali, as basílicas famosas de *Santa Agnese*, de *Santa Croce in Gerusalemme* e a nova basílica de São Paulo, no lugar onde o grande apóstolo foi sepultado pelo seu discípulo Timotéo. O novo templo, com seus notáveis altares de malaquita e outros ricos ornamentos, é hoje um dos mais suntuosos e mais esplêndidos do culto católico. Oitenta colunas coríntias separam as cinco naves e compõem, com todo o interior da basílica, um conjunto grandioso. Retratos em mosaico de todos os papas decoram os baixo relevos da nave. Eu olhava o retrato de Leão X quando um francês, de braços com uma senhora que parecia sua esposa passou perto de mim: ele falava, com o espírito que caracteriza as pessoas de sua nação, da papisa cujo retrato pensara encontrar aqui.

A coluna de Trajano, no fórum do mesmo nome, a mais bela de todas que já vi, é um dos monumentos antigos de Roma que mais atrai a admiração dos estrangeiros. Ela está intacta. A estátua de Trajano em bronze dourado que a encimava foi retirada, e substituída pela de São Pedro. A coluna é toda decorada com baixo relevos, que representam as

---

[1] Em italiano no texto, sem indicação de referência.

expedições de Trajano e suas vitórias. É uma grande e notável composição, e nunca a admiramos o suficiente.

Roma tem muitas praças, quase todas decoradas com obeliscos e belas fontes. A praça Navona, uma das maiores, ainda conserva a forma do circo de Alexandre Severo. Embelezam-na quatro fontes, um obelisco e estátuas colossais. Na igreja de Santa Agnese, que fica ao lado, nos mostraram os corredores subterrâneos que sustinham as arquibancadas do circo. Um baixo relevo representa Santa Agnese nua, coberta com seus cabelos, quando era levada ao suplício.

Toda a cidade é ocupada com a lembrança dos primeiros cristãos que sofreram o martírio sob diferentes imperadores, mais ou menos enfurecidos contra a piedosa legião de verdadeiros crentes que surgia por toda parte, ao mesmo tempo humilde e enérgica, firmando no espírito das novas gerações, por suas santas práticas e incrível coragem, a fé da religião regeneradora. Pisamos aqui, por toda parte, a terra banhada com o sangue de um guerreiro, de um mártir, de uma vítima; em toda parte um monumento, uma ruína, um lugar que guarda uma grande história, brilhante ou tenebrosa, dos tempos passados, e entre elas algumas ainda são reproduzidas na tela viva das nações modernas por artistas de melhor gosto, que têm talento e a grande habilidade de adaptar o método ultrapassado desses séculos para a execução de quadros do nosso tempo.

Quando estamos em Roma e queremos conhecer o que ela tem de belo e grande sentimo-nos cansados de tanto ver, de tanto admirar! Mal conseguimos, como bem disse um escritor moderno, separar as impressões umas das outras para senti-las.

"Uma pena, dizia Goethe, quando deveríamos escrever com mil cinzéis! Melhor ainda: é preciso ficar anos aqui, em silêncio pitagórico. Um dia diz tanto, que não deveríamos ousar falar qualquer coisa dessa jornada[1]."

---

[1] Goethe, em *Mémoires de Goethe*, Paris, Bibliothque Charpentier, sd. p 81:

"Para que serve uma pena, quando deveríamos ter mil cinzéis à disposição, quando de noite nos sentimos desfalecer cansados da surpresa e admiração? Roma é uma escola importante onde cada dia diz tantas coisas que quase não ousamos falar. Faríamos melhor permanecendo aqui, durante muitos séculos em silêncio pitagórico."(tradução minha).

O grande poeta tinha razão.- Primeiro devemos habituar-nos a respirar nessa atmosfera de arte e lembrança, entre o número prodigioso de obras primas antigas e modernas, a reconhecer-se pouco a pouco nesse mundo de mortos falando através de suas ruínas, dos seus admiráveis monumentos, para que possamos falar.

Longe de concordar com a opinião de um turista, que dizia-me muito ingenuamente, em Paris, não entender como alguém poderia ficar mais de oito dias em Roma, concordo com a opinião do autor do Fausto sobre esta cidade, a mais interessante do mundo, onde o poeta dividia sua atenção, assim o disse um dos seus apologistas, entre as ruínas de um grande povo e a vida sensual dos italianos.

Quanto a mim não me deterei nestes últimos detalhes, só procurarei conhecer o que ainda resta dos nobres sentimentos e da energia que nunca conseguirá apagar-se inteiramente no coração de um povo, cujos ancestrais deixaram por toda parte uma marca tão profunda de sua grandeza, e cujos esforços e aspirações dirigem-se continuamente para a sua libertação! Eu me conformarei com o destino tão duro, tão triste, que pesa sobre os italianos, se encontrar entre eles a boa semente religiosa conservada para ser lançada na terra em uma estação mais favorável, sob a influência de um sol saudável e vivificante.

A esperança, chama divina da alma que ilumina através das sendas tortuosas e obscuras da vida, virtude que o cristianismo situa entre as mais santas do coração humano, nunca abandona o homem qualquer que seja o tamanho dos males que o oprimem. Se há energia na alma ele combate os males sem nunca deixar-se abater, se não há, infeliz dele! Ele irá curvar-se humildemente, degradando-se em sua nobre natureza. Mas, para ambos, a esperança estará sempre ali, para encorajá-los a viver lutando até que tenham cumprido sua tarefa, ou para fazê-los esperar a morte numa resignação sem glória.

O espírito das nações, mais forte do que o espírito individual, guarda em toda sua plenitude essa santa benfeitora, mesmo entre as mais rudes e longas provações.

O homem sofre e suplica. As nações resistem sob o jugo dos seus opressores a todos os sofrimentos que eles lhes infligem, sob os quais as vezes abatem-se, até parecerem destituídas de todo elemento de vida moral. Mas seu espírito, que a esperança sempre mantém sob as asas divinas, espera com impaciência o momento de agir e de revelar-se.

O homem deve perdoar aqueles que o fazem sofrer, e se segue as inspirações do grande amor que prega a abnegação de si mesmo pelo bem do outro, sua alma se elevará antecipadamente para a beatitude celeste, junto da qual ele suspira, como se encontrasse a sua felicidade real.

Mas as nações caminham para um outro fim, diferente daquele em que toda a alma religiosa repousa docemente em pensamento.

Seguindo as leis gerais da natureza, que muda em suas constantes evoluções sem nunca destruir-se, as nações sempre procuram o desenvolvimento das idéias que devem produzir uma organização adaptada ao seu século e às suas necessidades materiais e morais, e para consegui-lo, elas trabalham sem descanso, mais ou menos ativamente nos grandes e inesgotáveis mananciais da inteligência.

TIVOLI

23 de abril

Algumas famílias que estavam no nosso hotel sempre nos convidavam para fazer uma excursão aos lugares cantados tão deliciosamente por Horácio. Mas eu estava muito envolvida com Roma para afastar-me, antes de satisfazer minha primeira curiosidade. Esta manhã aceitei o convite, e por volta de seis horas nos dirigimos para Tivoli, com a marquesa de N*** e o Sr. H***. A marquesa N***, parisiense do *faubourg* Saint Germain, é uma mulher com perto de 56 anos, extremamente simples e piedosa, que retirou-se da sociedade já há algum tempo. Sua conversa ao mesmo tempo amável e séria, sem nenhum orgulho, revela profundo bom senso e muita modéstia, que realçam ainda mais seu verdadeiro valor. O Sr. H*** é um jovem professor, com cerca de 28 anos, que reúne às qualidades de um espírito culto, distinção de maneiras e afetuosa cordialidade, incomuns. O fogo sagrado brilha em sua inteligente fisionomia, e contrasta singularmente com os sintomas da enfermidade, impressos em seu rosto. Seu entusiasmo diante das belezas da natureza e da arte, assim como a profundidade de suas reflexões, revelam muito mais a dupla característica do coração do Sul, e o espírito do Norte, do que o caráter do filho de Paris, onde nasceu e de onde veio procurar saúde, sob o céu da Itália.

Atravessamos a *campagna* romana em direção à antiga Tibur[1], e cada um fazia sua reflexão sobre os lugares que percorríamos, ou ficava em silêncio para sentir melhor a impressão causada por esses lugares, que despertam tantas lembranças no espírito.

---

[1] O poeta Porto Alegre cantou a antiga Tibur em poema dirigido ao amigo Gonçalves de Magalhães, e que faz parte do livro de Magalhães, *Suspiros Poéticos e Saudades*(1836). "Poema ao meu amigo Domingos G. Magalhães":

Oh! decantada Tibur!

Qual túmulo sagrado, o viajante

Vem teu solo beijar, e espavorido

Desses restos augustos que te cobrem

Atravessamos e deixamos para trás o Taverona ou Anio, depois o canal ou Solfatara, com suas águas minerais de aparência saponácea, cujo perfume sentimos a distância, e onde o imperador Augusto vinha banhar-se.

Queríamos ver a Vila Adriana, antes de ir à Tivoli, e mandamos o cocheiro levar-nos. Com a necessária permissão entramos na coleção prodigiosa de ruínas, espalhadas no vasto lugar onde outrora ficava a esplêndida casa do imperador Adriano.

Não resta nenhum vestígio da magnificência que maravilhou tantas gerações e da qual muitos museus da Europa possuem belos objetos, encontrados entre os escombros dessas ruínas.

O guia, conduzindo-nos através do campo de ruínas, ali, indicava vestígios do palácio imperial, dos banhos, das casernas pretorianas, acolá, dos templos dos estóicos, de Vênus e de Diana, de um circo, da academia, de um teatro grego, etc. Mas a vegetação que cobre a imensa ruína de tantas obras de arte e de luxo exibe o único espetáculo de grandeza que nunca perece.

Ao percorrer estas ruínas meu pensamento transportou-se da antigüidade a ti, grande gênio da liberdade, e me pareceu ver-te acampado por pouco tempo, com tua brava legião, quando marchavas contra as tropas de Nápoles no memorável 1849, quando a república francesa veio frustrar a obra da república romana.

Após prestar o tributo de nossa curiosidade de estrangeiros ao que ainda chamam de *Villa Adriano*, retomamos o carro que nos conduziu por uma ladeira, através de uma bela floresta de oliveiras, à Tivoli, a bela Tíbur tão amada pelo grande poeta, amigo de Mecenas.

É aqui que a imaginação povoa-se com todas as lembranças de Horácio. As suntuosas vilas de Mecenas, de Quintílio, de Varus, de Salústio, de Cátulo e de outros ilustres personagens erguem-se nos belos locais da antiga cidade dos Sículos, onde os romanos fizeram um lugar de delícias. A cidade atual, com 6 ou 7.000 habitantes não oferece nenhum interesse por ela mesma. São as lembranças ligadas aos lugares, as encantadoras cascatinhas e as ruínas do templo da Sibila, que atraem os estrangeiros. Desse templo famoso só restam algumas colunas. Localizada na beira do precipício cavado pelo Anio, a ruína mostra-se aos

olhos do contemplador e relembra os mistérios venerados pelos antigos, quando a Sibila assumia, como sabemos, um importante papel.

Como não tenho gosto pelos romances[1], dispensei-me de descer na gruta de Netuno e das Sereias para procurar sinais da caprichosa inglesa e do artista, que a sublime pena de George Sand aí fez perderem-se juntos[2].

Um guia que contratamos na pequena cidade nos fez contornar uma bela estrada em curva, que sempre volta-se para as cascatinhas, e pudemos admirá-las à vontade. As águas precipitando-se formam, com o jogo de luzes, um cenário muito encantador. Para contemplá-las de baixo descemos por um lado da montanha no fundo da ravina. O magnífico espetáculo desenrolou-se então aos meus olhos, com toda sua poesia, e meu espírito magnetizado representou as imagens mais fantásticas nas grossas cortinas d'água caindo do alto, sucedendo-se, confundindo-se e perdendo-se no vale, para não mais voltar.

Semelhante à torrente d'água sucedia-se no meu espírito a querida lembrança do meu Brasil, substituindo as diferentes lembranças da antiga Tibur.

Sentada no declive da ravina entre minha querida filha e a marquesa de N***, enquanto o jovem enfermo aproximava-se lentamente da torrente que corria rápida aos nossos pés, imaginava-me repousando após um prazeroso passeio através da luxuriante e eterna verdura dos meus campos natais, sobre os macios tapetes de flores, à sombra de suas belas árvores gigantescas cujos ramos entrelaçam-se em um longo abraço, formando com as enormes lianas que agarram-se e caem em grinaldas variadas e floridas a mais bela e deliciosa abóbada.

---

[1] Professora e escritora de livros moralistas, Nísia não aprovava a leitura de romances, embora refira-se à "sublime pena de George Sand" e esta seja a sua segunda referência ao mesmo romance de Sand. No seu livro Opúsculo Humanitário,1853(ed.1989. p.158) Nísia aconselha aos pais:

"Em vez da leitura de inflamantes e perigosos romances que imprudentemente lhes deixais livre, fornecei-lhes bons, escolhidos livros de moral e de filosofia religiosa (.....) a história, principalmente a de nossa terra, de que bem poucos se ocupam, é um estudo útil e agradável, mais digno de ocupar suas horas vagas que certos contos de mau gosto...."

[2] Personagens do romance *La Daniella*(1857), de George Sand, que em outra página do seu livro Nísia citou sem revelar o autor. Cena que Nísia se refere nas páginas 153/157, do primeiro volume. " Por esta caverna, um braço do Anio precipita-se caindo com magnífico barulho..."

Ao ver as bonitas cascatinhas artificiais de Tivoli pensei nas soberbas quedas d'água criadas, não como essas aqui pela mão do homem, mas dispostas e pomposamente embelezadas por uma mão imortal e sábia em todas as distribuições dos seus dons na terra. Olhava as belezas que me cercavam e elas perdiam a grandeza quando comparadas com as belezas que eu contemplava no interior do Brasil, acompanhando em suas viagens um pai entusiasta da sublime grandeza da natureza, que ele ensinou-me a conhecer e amar. Ainda hoje percorro em espírito as imponentes cadeias de montanhas, as férteis planícies cobertas por uma variedade infinita de flores, refrescadas por mil riachos que murmuram docemente, e que vão misturar suas modestas águas às dos córregos e rios majestosos, que abundam por toda parte na região que a natureza ornamentou com seus mais preciosos tesouros.

Quantas vezes extasiei-me, ainda bem criança, ao ver a grandiosa natureza que já falava tão fortemente à minha alma! Com que encantamento meu jovem olhar seguia, maravilhado, as imensas nuvens, os brilhantes pássaros, que atravessando as planícies e rios formavam sob o azul do meu céu tropical um segundo céu, movendo-se com cores variadas e fascinantes! E as cadeias de montanhas, as florestas virgens, as ricas campinas, as prodigiosas quedas d'água, os rios, pássaros, as obras primas da natureza da terra que me viu nascer, vieram vivamente ao meu espírito, com a querida imagem dos seres que embelezaram minha curta existência de felicidade! Oh! doce lembrança da infância! Oh! pensamento indelével da pátria, acariciado com o amor dos que guiaram nossos primeiros passos na vida, com as primeiras impressões que recebemos! Que encantos sob céu estrangeiro, por mais sedutores que sejam, poderão ser comparados aos vossos?

Diante desse quadro retrospectivo a melancolia começou a tomar conta de mim quando retomamos da nossa excursão de Tivoli, onde encontram-se vestígios de algumas ruínas de antigas vilas, entre elas o guia nos indicou o lugar onde ficava a vila de Salústio. É preciso uma grande força de imaginação para reconstruir, a partir de frágeis vestígios, as belas moradias de outrora. Não quis sugerir às pessoas que nos acompanhavam a visita aos lugares onde pretende-se que ficava antigamente a famosa vila, ou fazenda, de Horácio, da qual segundo o guia não resta nenhum sinal visível, porque os carros não podem subir através das montanhas de Sabínia, e seria preciso fazer a excursão em mulas. Visitamos

então as ruínas da vila de Mecenas, as únicas que ainda mostram alguma aparência da grandeza do passado. Lucien Bonaparte transformou o que restava dessa vila numa fábrica onde trabalha-se o ferro. Singular metamorfose nem sequer sonhada pelo favorito de Augusto quando recebia na suntuosa residência os dois grandes poetas Horácio e Virgílio, e tantas outras personalidades ilustres nas letras e nas artes.

A Vila D'Este, construída no século dezesseis pelo cardeal D'Este, ainda é uma residência suntuosa, porém abandonada. Enormes ciprestes seculares dão-lhe um ar sombrio e triste. Quando entramos no parque aí passeavam alguns estrangeiros, que como nós conversavam sentados na beira dos tanques d'água, ou vagavam solitários em alamedas sombreadas. Uma família mantinha-se à parte, fazendo uma refeição ao lado de um tanque onde eu parara para examinar uma planta aquática.

As pessoas que formavam essa família conversavam entre elas com um ar muito alegre, as fisionomias estavam radiantes de felicidade. Essa visão sensibilizou-me: não era mais a planta que mantinha-me lá, era o quadro vivo que lembrava os de minha vida passada em família. Contemplei em silêncio dizendo-me: "eles estão felizes, juntos, longe da pátria". Nesse momento um rapaz chamou - "mamãe"- mostrando à senhora, que estava ao seu lado um pequeno pássaro que passava sobre suas cabeças. As duas sílabas, pronunciadas pelos lábios de um filho despertaram em minha alma toda a dor que me oprime, a dor da ausência do meu filho! ...Feliz mãe! pensei, cercada por toda a tua família, tens razão em ficar contente. Privada dessa felicidade vago por toda parte sem alegria, mas ainda forte e tranqüila com o amor da querida filha que me acompanha, única flor trazida do grande jardim cultivado por meu zelo e amor.

Afastei-me melancólica e pensativa do interessante grupo que chamara minha atenção, e fui ao encontro da marquesa e do jovem enfermo, que nos esperavam no terraço de onde apreciamos uma bela vista da *campagna* de Roma.

Cada um expressava sua opinião sobre os lugares que nos cercavam, e sobre as lembranças suscitadas por eles. Disfarçando minha tristeza falei algumas palavras para não parecer distante do assunto a que todos referiam-se, nem perturbar o prazer que o passeio lhes oferecia.

Aqueles que estão triste devem reprimir a tristeza no coração quando estão em sociedade, porque raramente encontram no mundo almas verdadeiramente compassivas, a quem esse espetáculo interessa e sensibiliza ao invés de aborrecer.

A alegria descuidada, a amabilidade natural ou fingida, o espírito por pouco versátil que seja, desde que conheça o segredo de divertir, sempre são mais aceitos na sociedade do que uma sensibilidade muito delicada ou a melancolia nascida de uma grande dor que deixa na alma marcas profundas.

O mundo é assim, é preciso aceitá-lo sem criar ilusões. Por isso às vezes é melhor viver afastado nos sábios princípios da filosofia, procurando melhorar a si próprio para tornar-se útil aos seus semelhantes.

Em Tivoli ficamos no Hotel *Regina*, onde fizemos juntos uma merenda muito agradável, antes de nossa excursão nos arredores da cidade. Depois o carro nos pegou na Vila D' Este, de onde retomamos o caminho de Roma para uma noite tépida e impregnada com os mais suaves perfumes da primavera.

A senhora F***, ao saber do interesse que tenho pela educação de meninas, convidou-me para visitar a escola das irmãs do *Sacre Coeur*, onde estuda uma de suas filhas. Aceitei seu convite e fomos ao convento, que fica ao lado da Igreja de *Trinitá dei Monti*. A irmã que nos recebeu nos levou para visitar a igreja, enquanto esperávamos a superiora. Vimos a obra prima de Daniel de Volterra, uma admirável descida da cruz, dizem que executada a partir de um estudo de Michelangelo. Depois fomos ao convento onde a superiora mostrou a escola, o refeitório, e outros aposentos onde a visita era facultada.

Sobretudo na França dá-se grande preferência ao convento do *Sacre Coeur* para educação das meninas. Se eu fosse julgar esta instituição por muitas meninas que aí foram educadas não hesitaria em dizer que a preferência parece não justificar-se. É verdade que nem sempre devemos julgar os mestres a partir dos alunos, mas o que parece-me inegável é

que, em geral, as meninas educadas nessa atmosfera moral freqüentemente adquirem o hábito da dissimulação e maneiras aristocráticas, dissonantes com as alunas das humildes servas de Jesus. É em busca de um certo valor aristocrático, um pouco fora de moda, que os pais ainda confiam a educação das meninas a este tipo de instituição. Acredita-se que os estudos são melhor orientados, e que a educação baseia-se em princípios mais sólidos. Não posso dizer se isso é verdadeiro, mas acredito que os métodos e esforços das sensatas e sábias irmãs não conseguem resultados melhores do que os de muitas outras mestras.

Os melhores princípios, ensinados às jovens nas boas casas de educadoras, perdem-se ou declinam quando a moça volta para a família onde ela quase sempre só encontra exemplos que preparam-na para frivolidades, ou ambições que tendem a destruir, e quase sempre destroem, as lições que ela recebeu.

Quantas vezes ouvi em Paris mães seduzidas pelos prazeres do mundo orgulhosas por terem as filhas no *Sacre Coeur*, onde as senhoritas recebiam, diziam, a melhor e mais distinta educação.

Pobres mães! pensei, elas ignoram que as lições das mais sábias mestras, as mais santas, sejam elas Penélopes ou Santas Teresas, nunca conseguirão criar no espírito de suas filhas uma barreira suficiente para impedir a invasão de certos exemplos, que muitas vezes as esperam, lá onde elas deveriam somente encontrar as lições de todas as virtudes.

Não é em casas estranhas, entre elas os conventos, que a menina encontrará as bases sólidas da melhor educação, mas no lar: *"nel santuario della famiglia dove la mare sar il primo e degno sacerdote, avendo il cuore per altare e la morale per sacrifizio"*[1]. Somente no lar a menina encontrará, quando as mães forem capazes de entender e cumprir sua mais santa missão na sociedade, os princípios e lições que precisa para um dia tornar-se o que deve ser: simples, verdadeira, boa, caridosa e dotada da dignidade natural que uma sábia educação materna desenvolverá convenientemente e fortificará, afastando todo tipo de ridículas ambições, então a mulher atrairá por seu verdadeiro mérito tanto as homenagens sinceras quanto as falsas galanterias, de que ela é objeto hoje e que gosta de ver-se cercada.

---

[1] *"Étincelles d'une âme brésilienne"* obra escrita em italiano pela autora destas Viagens. (**Nota da autora**).

Mas, esse não é o momento para desenvolver um assunto tão importante a que sempre volto todas as vezes em que abre-se aos meus olhos uma página do livro fundamental, que todo mundo folheia e que poucos lêem com a atenção que merece: a inegável influência da educação moral da mulher para a felicidade e bem estar das nações[1], educação que deve começar e fortificar-se no lar, sob a sábia direção da mãe de família.

27 de abril

Um acontecimento sempre feliz para mim veio essa manhã nos livrar da triste preocupação que estávamos, já há alguns dias, e nos deixou apreciar melhor os encantos e belezas que Roma continua a oferecer: a chegada das cartas da nossa querida família, muito atrasadas este mês.

Ó! primeiras bem vindas sob o céu da Itália! boas, afetuosas missivas que nos trazem da pátria distante o doce perfume dos corações que nossos corações amam, sejam abençoadas! Que consolação sinto saboreando uma a uma essas linhas tão vivamente carregadas com a ternura mais pura e profundamente sentida!

Glória, felicidade eterna, àquele que inventou o meio mil vezes bendito de transmitir os tesouros da alma às mais longínquas regiões, levando numa carta esperança e vida ao coração que debate-se contra as dores da ausência!

Sossegada com a saúde do meu querido filho, e de todos os meus que vivem além do Atlântico, senti um tão grande bem estar moral que todos os objetos que mostraram-se aos meus olhos tomaram para mim um novo encanto, inspiraram-me um vivo interesse. Entre eles o bonito templo de Vesta, em formato circular e cercado por um pórtico, sustentado por

---

A citação foi retirada do texto "La Donna", (op. cit. p.60): "no santuário da família a mãe será o primeiro e digno sacerdote, com o coração como altar e a moral como sacrifício."**(Nota minha)**

[1] Idéia comum e recorrente, no século XIX, nos textos sobre a educação da mulher. Entre ele no *L'Éducation Progressive*,(1828) de Mme. Necke de Saussurre, onde a escritora afirma que "o grau de civilização de uma sociedade mede-se pela posição da mulher nessa sociedade." Essa é também a idéia central desenvolvida por Nísia no seu livro *Opúsculo Humanitário*(1853, Op. cit. p.12):

"É uma verdade incontestável que a educação da mulher muita influência tem sobre a moralidade dos povos e que o lugar que ela ocupa entre eles é o barômetro que indica o progresso de sua civilização."

colunas coríntias; o templo da Fortuna Viril; a casa histórica de Salvator Rosa[1], e enfim, os jardins da *Villa Medici*, seu terraço com carvalhos verdes, seu poético belvedere onde paramos por alguns instantes para melhor nos entregarmos às emoções que o passeio despertava.

Após visitar o palácio onde fica a Academia da França, com as obras dos artistas que esta nação mantém em Roma para aprimorar os estudos, continuamos a respirar o ar perfumado do monte *Pincio*, dirigindo-nos para o lado onde fica o belo passeio público de Roma. Os carros e pedestres circulam todos os dias entre 4 e 7 horas, e dão a esse lugar grande animação; a música, as flores, a magnífica vista da cidade e de seus arredores, melancolicamente imponentes, dão-lhe um encanto todo particular.

O CONCERTO DE ROUXINÓIS

Longe da multidão de caminhantes, lá onde as vibrações da música vinham morrer docemente nos nossos ouvidos, suaves melodias barraram nossos passos e espalharam em nossas almas uma corrente magnética, sob cuja força paramos alguns instantes. Era um concerto de rouxinóis. Ele parecia dedicado especialmente às duas filhas do novo mundo que cheias de lembranças da pátria afastavam-se das barulhentas distrações para vir, nas sombras das alamedas solitárias da *Villa Medici,* gozar os sentimentos que palpitavam nos seus corações, e o encanto de uma distração mais calma e mais próxima aos pensamentos que sucediam-se nos seus espíritos.

Voando de uma árvore à outra, ou pousados em cima da verde folhagem sob a qual estávamos sentadas, os reis dos cantores alados modulavam em sua língua misteriosa a doce harmonia dos seus amores.

Nós os escutamos com encantamento respirando as emanações deliciosas da hora poética quando a natureza, trocando as brilhantes cores dos seus esplêndidos enfeites pelo céu transparente da quase noite, dá aos seus encantos mais mistérios e mais atrativos.

---

[1] Salvator Rosa (1615-1673) Poeta satírico, músico e pintor. Em 1640 trabalhava em Florença na corte dos Médicis, onde escreveu sua obra mais conhecida as *Sete Sátiras*, publicadas postumamente. Suas paisagens de

No *Pincio*, mais ainda do que no grandioso parque de Versalhes, onde gostávamos de ir nos belos dias de primavera para afastar a triste impressão deixada pelos nevoeiros dos longos invernos de Paris, o canto melodioso dos rouxinóis despertou em nós um efeito mais saudável e mais agradável. É que a alma sente-se melhor aqui do que lá, aberta às profundas impressões que só Roma sabe despertar, onde tudo o que vejo, tudo o que escuto, impressiona-me mais do que em qualquer outro lugar, e a benfazeja influência das cartas que chegaram nesta manhã melhor dispuseram minha alma para receber e embelezar todas as impressões.

As últimas luzes do dia deixavam Roma quando descemos o monte *Pincio*. O concerto terminara, os rouxinóis acariciavam-se nos seus ninhos, as plantas, as flores refrescadas pelo orvalho do crepúsculo, espalhavam um vivo perfume. O farol do catolicismo elevava-se, majestoso e imponente, já imperceptível aos olhos na obscuridade, sobre todas as cúpulas da cidade dos papas.

Na praça do Povo, bela praça que prefiro à todas as outras de Roma, e onde vimos esplêndidos fogos de artifício na noite seguinte da Páscoa, tudo estava silencioso. Decorada com suas fontes monumentais, estátuas, obelisco, colunas e terraços, a praça desperta mil lembranças, e o silêncio que aí se faz a esta hora as imprime mais fortemente no espírito de quem passeia ou medita.

Ao lado da Porta do Povo, a igreja de Santa Maria do Povo fez-me pensar na tradição, segundo à qual ela foi construída: "com a finalidade de purgar o local dos demônios instalados em volta do túmulo de Nero". Superstição ridícula, mantida pelo povo, como tantas outras, por uma ignorância grosseira que subjuga o espírito do homem e degrada sua natureza.

Sombras das nobres vítimas da liberdade que aqui planam, aplacai-vos!...não parece muito longe o dia em que o estandarte da liberdade da Itália será hasteado!

Deixando a Praça do Povo, com todas as suas lembranças e todos os seus mistérios, chegamos no nosso hotel onde algumas visitas vieram completar, com seu agradável convívio, um dia de emoções tão boas. Sr. F***, professor de literatura em Roma, Sr. P***,

---

Roma e arredores eram muito apreciadas.

artista destacado, senhoras F** e M*** e a marquesa de N***, além do arcebispo D***, fizeram-me preferir o encanto da conversação à solidão em que gosto de recolher-me, depois de minhas excursões diárias através dos monumentos e ruínas da cidade eterna.

Em Paris, a conversação, em Roma o recolhimento. No entanto, a graça do espírito francês une-se algumas vezes aos encantos dos sentimentos italianos, e juntos oferecem uma agradável diversão.

UM CRIME COMETIDO POR AMOR E SUA PUNIÇÃO

O ciúme no amor, que dizem ser uma das paixões características dos italianos, e que eu penso ser uma fraqueza cosmopolita, ofereceu em Roma uma das cenas mais terríveis e mais impressionantes que já presenciei.

Uma jovem filha de boa família e perdidamente apaixonada por um jovem romano, com quem acabara de ficar noiva, encontrava-se uma dessas últimas noites no teatro, com seu pai e sua madrasta.

Um estrangeiro entrou no camarote e conversou alguns instantes com o pai, que o conhecia de vista. O noivo da moça observava da platéia, despeitado, essa visita que pareceu-lhe muito demorada.

Quando a peça terminou ele foi ao encontro de sua bem amada e perguntou-lhe bruscamente quem era o estranho que ficara ao seu lado no camarote. A jovem, surpresa com o tom de cólera tão estranho para ela, guardou silêncio, e o pai, ofendido, respondeu que não precisava justificar para ninguém a presença das pessoas que vinham vê-lo.

Um sombrio pensamento passou pelo espírito do rapaz. Na sua cegueira ciumenta tomou o silêncio da noiva como uma confissão e a resposta do pai como desfeita, e acreditou-se traído, enganado. A razão o abandonou. Num acesso de loucura apunhalou a jovem que dizia amar.

Nada no mundo foi até hoje tão mal compreendido e caluniado quanto o amor. Profanando este nome sagrado, fazem-no responsável por prazeres grosseiros e algumas vezes desprezíveis. Usam-no com freqüência como uma bela vestimenta para fantasiar as impurezas do interesse vil ou de um exagerado egoísmo, invocam-no para pisotear os mais santos deveres da natureza e da gratidão, dele utilizam-se para justificar atos de barbárie!

O amor, a chama divina de que todo mundo fala cuja poderosa influência muitos corações sentem, só dá origem a grandes ações, nobres e generosas. O homem, em cujo coração cai uma centelha dessa chama regeneradora, sente sua natureza melhorar e crescer, para melhor entender e praticar as virtudes que o amor sempre faz jorrar da sua grande fonte, quaisquer que sejam as perturbações e infelicidades que ele provoca.

O homem que ama com esse amor, mesmo quando desvanecerem-se todas as suas esperanças fundadas no objeto amado, tornando-o infeliz para o resto de seus dias, não aviltar-se-á com a mais vergonhosa mancha, levantando a mão contra uma mulher e nem mesmo ofenderá com uma palavra aquela que ama. Ele a abandonará, se a honra o exigir, mas ficará livre de toda mácula.

O que são todas as fúrias, as vinganças, senão a clara manifestação do amor próprio ferido e de egoísmo? o que mostra que essa pessoa só ama a si mesmo, pois o amor verdadeiro é todo abnegação para com quem amamos!

Mais que no homem imparcial, testemunhe comigo, é no coração da mulher que a abnegação toma mais impulso. A conduta sublime da jovem romana que foi ferida de morte por seu noivo, deu-nos uma prova disso.

Caída entre braços do seu pai, que não teve tempo de impedir o terrível golpe, ela foi levada à sua casa onde a polícia logo compareceu para tomar conhecimento do que ocorrera. A deplorável notícia já corria de boca em boca, com todos os comentários que em situações como essas nunca deixam de ser acrescentados à simples verdade. O médico que foi chamado achou o ferimento muito grave. Ele desfigurara completamente a jovem, que no entanto conservava uma energia e presença de espírito admiráveis.

Aqui terminou a cena terrível e começou a comovente. Mal o amante alucinado derramou o sangue inocente daquela que amava, voltou a si do seu funesto erro, e caindo aos

pés da moça e de seu infeliz pai confessou a monstruosidade do seu crime, pedindo para ser punido. Mas a jovem moribunda, juntando todas as suas forças, disse na presença do juiz e das pessoas que cercavam-na no seu leito que uma outra mão e não a do seu amado desferira o golpe: "Não o acusem! gritava com o mais sublime entusiasmo que o devotamento de um amor verdadeiro sabe transmitir a uma mulher, não o acusem! - repetia dirigindo-se ao juiz, quando a emoção despertada por essa cena tomava conta de todos os presentes - ele é inocente. Seu acesso de loucura ao me ver nesse estado o fez pensar que foi ele que me feriu. O verdadeiro assassino fugiu, eu o vi afastar-se correndo, enquanto meu noivo ficava perto de mim, desolado, e ajudou a trazer-me até aqui!....

_"Não mereço essa generosidade, interrompeu o jovem rapaz, fui eu mesmo que tive a crueldade de cometer este crime terrível, desconhecendo por um momento esta celeste criatura. Punam-me, mas não me afastem do seu lado enquanto ela ainda respira. Ele beijava-lhe a mão e chorava, sempre de joelhos.

_"Não vêem que ele perdeu a razão? respondeu com uma voz fraca a pobre ferida. Ele acredita que vou morrer e nossas núpcias vão ser celebradas.

Luta singular e tocante que não saberíamos reproduzir em imagens!

Lágrimas de ternura e piedade escorriam dos olhos de todos os que testemunhavam este espetáculo, e a justiça não podia prender o culpado que sua própria vítima proclamava inocente.

O pai, profundamente abalado com a situação da filha, ficou em silêncio e deixou-se convencer por seus pedidos.

A generosidade da infeliz jovem não parou por aí: ela quis nomeá-lo herdeiro da fortuna que recebera da mãe, e assim procurou garantir o seu futuro, após tentar tudo para lavar aos olhos da sociedade a mancha que ele carregava.

Mergulhado na mais profunda dor, o amante perdido ficou ali como que aniquilado sob o peso dos seus remorsos, recusando obstinadamente qualquer alimento, dizendo que queria seguir ao túmulo aquela que amava e que matara.

Ao ver o infeliz casal trocar olhares amorosos no batente da eternidade, nos perguntamos qual dos dois é maior: o remorso de um ou a generosidade do outro?

Um dia desses nós admirávamos na Igreja *di Gesù,* uma das maiores e mais belas de Roma, os pilares, estuques dourados, esculturas, pinturas e mais do que tudo isso o altar da capela de santo Inácio de Loyola cuja riqueza e magnificência não têm rival, quando um senhor do nosso conhecimento entrou com duas senhoras estrangeiras. Ao ver-me ele veio até nós e apresentou-me as senhoras como duas ilustres viajantes que gostavam, como eu, disse, de sorver lembranças da fonte inesgotável da cidade eterna. As duas senhoras nos cumprimentaram com gentil franqueza e fiquei contente ao reconhecer em uma delas a encantadora alemã, que parecia ter sentido a mesma impressão que eu sentira ouvindo o *Miserere* na capela Sistina. Conversamos então como velhas conhecidas: "Partimos amanhã para Veneza ela me falou, depois iremos passar o verão na Suíça, então nos revimos para logo nos deixarmos!" E deu-me seu endereço em Manheim, dei-lhe o meu de Paris, ao saber que sua família algumas vezes passa o inverno nessa cidade. "Voltareis então para Paris perguntou-me?" "Assim espero, respondi-lhe, pois Paris é a minha cidade predileta na Europa. Quando conhecer toda a Itália, visitar a Sicília e a Grécia, irei viver de novo nessa capital. Também deixarei Roma muito breve, mas para ir à Nápoles e outras cidades, Veneza virá depois."

Um impulso simpático levou-nos a esquecer, conversando, as belezas que viéramos admirar na igreja. O senhor romano voltou-se para mim e disse mostrando um padre jesuíta que passara junto de nós: "Eis o irmão de Sílvio Pellico, senhora, já o vira antes?"

"Não, respondi-lhe, mas sabia que célebre autor de *Mie Prigioni*[1] tinha um irmão nessa congregação" - o segui com o olhar, a bela alemã também olhou e o nobre romano

---

[1] *La Mie Prigioni*(1832), de Silvio Pellico (1789-1854). Escritor italiano. Foi editor do jornal *Il Conciliatori* de Milão (1818). Preso em 1820, por pertencer ao movimento libertador dos Carbonários, cumpriu pena na fortaleza austríaca de Spielberger, de onde saiu em 1830. Em 1832 publicou *La Mie Prigioni*, narrativa dos 10 anos passados na prisão, livro que comoveu os democratas da Europa, simpáticos ao *Risorgimento* italiano, embora alguns tenham criticado o tom de resignação cristã que perpassa pelo seu livro, "obra de um cristão dos primeiros tempos, sentimental e místico." Quando saiu da prisão, Pellico recolheu-se ao convento dos jesuítas em Turim e não mais participou das agitações políticas, e referia-se aos liberais como os "estraga prazeres" do progresso. Porém, na literatura do *Risorgimento*, o livro de Pellico foi um dos mais lidos e cumpriu a função de angariar simpatias para a causa italiana e protestos contra a dominação austríaca, paradoxalmente pelo tom sentimental e místico, e pela resignação cristã com que o autor parecia aceitar a sua prisão.

acrescentou com um ar de piedade: "Que diferença entre o ilustre prisioneiro de Spielberg, a vítima torturada pela Áustria, acorrentada no fundo de um cárcere por amor à liberdade, e o jesuíta, seu irmão, calmamente ocupado com as funções de sua mais que inteligente congregação, enquanto a pátria ainda geme sob o peso da mesma opressão!"

_"Mas, Sílvio Pellico ele mesmo, disse a senhora alemã, não tornou-se jesuíta nos últimos anos de sua vida, obscurecendo a glória conquistada por suas nobres inspirações ?"

_"É verdade, respondeu seu companheiro de passeio, e isso demonstra como os espíritos mais fortes e mais capazes de resistir à torturas cujo refinamento só a tirania dos déspotas conhece, afastam-se algumas vezes da chama da verdade que os iluminava e caem no domínio do fanatismo, cometem erros grosseiros, dando aos inimigos do progresso dos povos um argumento a mais para apoiar suas doutrinas. Dia virá, espero com firme convicção, quando cessarão de profanar a santa religião de Cristo, deixando de usá-la como degrau para ambições políticas. Esta, senhora, é a praga principal, a grande praga da infeliz Itália, que vós estrangeiros vindes visitar na sua prisão, da Itália resplandecente ainda em belezas e sorrisos para vós, apesar das correntes que martirizam-lhe os braços e fazem sangrar o coração!....."

_"Mas, vós, eu disse, vós italianos, filhos de uma mãe tão pródiga, tão palpitante de grandes lembranças, tão cheia de elementos capazes de torná-la mais uma vez uma poderosa nação, por que não vos reunis num só pensamento, um só e comum interesse, com a finalidade de reabilitar esta digna mãe no gozo dos seus incontestáveis direitos? Por que vos deixastes tomar pelo funesto espírito de divisão, incentivado por vossos inimigos, pela humilhação de servir a senhores estrangeiros, vós, povo herdeiro de tão grandes glórias?"

"A resposta é simples e clara: ficamos amarrados sob uma *santa* influência, replicou enrubescido o senhor romano, os sucessores de São Pedro esqueceram sua missão, e ao arrogar-se indefinidamente o poder temporal manipularam sempre suas ovelhas, junto com todas as potências que inspiraram-se em seu amor paterno."

A presença do irmão de Silvio Pellico dera vez a essa conversa e outras que escutei ao deixar a igreja de *Gesù*, quando nos dirigíamos juntos para a praça Montanara, para ver o

pouco que sobrou do teatro construído por Augusto em honra de Marcellus. Depois as senhoras alemãs afastaram-se de nós, a que dera-me o endereço pediu para não esquecê-la, e as duas foram-se com seu acompanhante que disse-me ao afastar-se: "Espero, senhora, que voltareis em dias melhores para minha pátria."

É o que desejo de todo coração, respondi, e nos afastamos.

Enquanto os corações romanos manifestam assim, em segredo, suas queixas amargas contra o governo do papa, nós continuamos a visitar as ruínas da grandeza romana de outrora.

Não repetirei aqui o relato que fazem quase todos os dias dos novos abusos praticados ou tolerados pela corte de Roma, e que contrasta com a apologia de um governo paternal que escuto do outro lado.

Não vos aproximeis de Roma, disse uma pessoa que estudou a vida dessa cidade: "Não vos aproximeis de Roma, ó vós que sentis bater em vosso peito um coração transbordando de amor pela humanidade! Vós, animados com um verdadeiro espírito católico, mantenhai-vos longe de Roma, para que possais amá-la em toda a grandeza que o cristianismo a representou em vossa imaginação".

VILLAS

Nos arredores de Roma existem ricas e notáveis villas. Visitei apenas quatro delas, que dizem ser as mais importantes.

1-A villa Albani, com seus belos jardins e uma rica galeria.

2-A Villa Borghese, transformada em passeio público, onde os habitantes de Roma gozam de deliciosa aragem e encantadora solidão, à sombra do arvoredo do seu enorme parque. Entre as obras de arte da galeria do palácio admiramos, na sala chamada de *Venus Victrix*, a estátua de Pauline, irmã de Napoleão, feita por Canova: é uma obra digna do

célebre escultor, a admirei sem conseguir fazer abstração da vaidade e falta de pudor do seu modelo, que posou em tal nudez.

3-A Villa Ludovisi, construída no lugar dos jardins de Saluste. Nos seus três palácios encontra-se uma bela coleção de antigüidades, e outros objetos. Em um dos palácios admiramos o afresco de Guercino, que representa a Aurora avançando com seu carro, afastando a noite, espalhando flores. No jardim, entre estátuas e bustos diversos há um sátiro atribuído a Michelangelo.

4-A Villa Doria-Pamphili, cujos jardins prefiro aos de todas as outras, mostra aos olhos do visitante seus conjuntos gigantescos e variados de belas camélias refrescadas por jatos d'água dos tanques, magníficos e seculares pinheiros guarda-sóis, uma grama verde e belas alamedas que estendem-se ao longo de flores cuidadosamente dispostas.

Nessa vila o visitante sente aparecer vivamente ao espírito a lembrança do mais intrépido guerreiro dos nossos dias, que aqui instalou o seu quartel general.

Como a villa Borghese, a Doria- Pamphili foi danificada pelo ataque dos franceses. "Foi aqui, disse a senhora M***, que estava conosco, que o general francês, o destruidor da nossa vitória, instalou seu quartel general após expulsar nosso imortal Garibaldi, cujos esforços para libertar nossa querida Itália da dominação estrangeira renovar-se-ão um dia, talvez com mais sucesso".

Essa senhora sempre fala da infelicidade que oprime sua pátria com um entusiasmo patriótico, digno das antigas matronas, mas ela é a primeira a reconhecer o quanto esse entusiasmo encontra-se ausente na atual decadência em que caíram seus patrícios.

30 de abril

A terra no seu movimento perpétuo de rotações, reconduz-me ao dia inscrito entre minhas datas inesquecíveis. Outrora tão fértil em doces e poéticas inspirações, o 30 de abril[1] marcou um querido nascimento que aconteceu, ai! de mim ! tão perto da morte.

Ó pitoresca Olinda, cujas melancólicas belezas miram-se nas águas murmurantes do soberbo Atlântico e recebem as inspirações do poético Beberibe: a brisa que embala tuas altas palmeiras empenachadas, teus bosques odoríferos, ainda trazem-me o eco das notas

melodiosas do jovem estudante que cantava sob tuas doces folhagens seu primeiro e único amor!

As vibrações dessa voz tão simpáticas quanto vigorosas não perderam-se no espaço para mim, não! agitando sem parar o ar que respiro ela ainda propaga-se, soando harmoniosamente no meu ouvido, e comunicando-se com minha alma a leva para mundos imateriais, de onde consigo novas forças para continuar minha missão na terra.

A graciosa cidade de Porto Alegre, capital da heróica província de São Pedro, no Brasil, assentada sobre sua sorridente colina, banhada pelo majestoso Jaçaí, viu brilhar em todo o esplendor do amor e do respeito o último 30 de abril dessa vida tão vigorosa, tão bela e tão útil que passou tão ligeiro na terra. E meu coração, inchado de lágrimas, recolhendo a preciosa lembrança, a guarda religiosamente através dos anos e dos acontecimentos da vida, como uma sublime defesa contra os pensamentos desencorajantes, que às vezes me assaltam.

Jovem colosso de virtudes! tombastes na tua 25ª primavera sob a mão implacável da morte, quando o mais belo destino, o amor e a pátria, te sorriam com seus mais sedutores sorrisos. E eu desde então, renunciando a toda felicidade pessoal, só encontrei na ternura por nossos filhos e na felicidade do próximo, consolação e força para atravessar, sem ti, esse tempo tão longo e tão doloroso do isolamento do coração!

Sob o império da lembrança de um passado que me é sempre presente, farei com menos pesar minha despedida de Roma, que aprendi a amar tanto, e que amanhã deixarei. Digo com menos pesar porque o que é a privação de um prazer que podemos nos dar de novo, diante da privação de uma felicidade perdida para sempre? Para Roma breve retornarei, ainda poderei aproveitar a visão de tudo o que interessa-me e encanta-me o espírito, mas a felicidade de que tão prematuramente fui privada nada no mundo conseguirá trazer-me de volta. E depois, por que ficar triste ao deixar uma ou outra cidade que prende-me com suas atrações materiais ou morais, quando aí não deixo nenhum dos entes queridos, que reunidos em torno de mim procuravam aliviar o peso de uma tristeza, cuja causa eles conhecem e respeitam? É que cada despedida que faço de uma cidade, e das pessoas que

---

[1] Data de nascimento de Antonio Augusto de Faria Rocha, segundo marido de Nisia.

afeiçoei-me, desperta mais vivamente em meu coração o doloroso adeus da minha querida família, e da minha pátria.

Aqueles que têm grande sensibilidade e viva imaginação, que viajam sem uma finalidade científica, não só para se *distrair*, ou dizer que viajaram, e sim procurar alívio para uma grande dor, aqueles repito, que as afeições familiares e as mais queridas lembranças prendem ao longínquo país natal, serão os únicos que conseguirão compreender o que ocorre com o meu coração: é para estes que dirijo essas linhas que escaparam do coração, indecifrável hieróglifo para a pessoa comum, que talvez leia-me com indiferença para as coisas emanadas do coração, e que procurará nessas páginas o relato de coisas tão repetidas por outros viajantes, com um talento e gosto extraordinário para os quais não tenho nenhuma pretensão.

11 horas da noite - O sol desaparecia no horizonte de Roma. Após percorrer mais uma vez as ruínas que mais me interessavam fomos à basílica de São Pedro para dedicar-lhe nossa última visita. A majestade do templo, a semi escuridão que reinava nessa hora tão propícia para a prece, as impressões que acabara de sentir, sobretudo neste dia nos últimos passeios da tarde, a emoção que a véspera de uma partida sempre me faz experimentar, deram à minha prece uma espécie de solenidade, que encheu minha alma com a mais suave calma.

Três queridas sombras abriram suas santas asas sobre minha filha e eu, e nos abençoaram sob as abóbadas suntuosas de São Pedro, que a solidão e o silêncio dessa hora tornavam mais imponentes e solenes. Afastei-me com a alma fortalecida pela doce ilusão, sob a benfazeja influência com que vou deixar essa cidade para visitar outras, que não me oferecerão o mesmo interesse.

Eu vi a Roma morta e a Roma viva: uma no repouso do túmulo que o Eterno lhe destinou, depois de tantas grandezas, glórias e misérias! A outra, no paroxismo dos seus males crônicos, cercada com o fausto de sua corte e suas grandes obras primas de arte.

Admirei seus templos, seus palácios, seus museus, suas colinas, seus arcos, seus obeliscos, todos os seus monumentos, e mais que tudo isso, suas grandiosas ruínas[1]. Ruínas que ainda falam eloqüentemente do grande povo que já não mais existe, lugares outrora tão famosos e cheios de vida tão quietos e tão tristes hoje, e que deixaram no meu espírito a mais profunda impressão.

Ajoelhei-me diante dos túmulos dos seus mártires e refleti sobre sua fé, sua grande obra, e seus resultados.

Contemplei a ofuscante riqueza de suas igrejas e o luxo de sua brilhante corte, que contrasta tão singularmente com a miséria do povo.

Entendi enfim! as lamentações dos oprimidos, as pretensões dos opressores; as esperanças de uns, a auto confiança dos outros.

E trago profundamente gravados no espírito e no coração o que mais me impressionou e sensibilizou em Roma: a lembrança de suas ruínas e a triste decadência do povo que ainda se diz romano.

Uma longa série de infelizes sofrimentos deploráveis, levados até o aviltamento da própria dignidade, punirá pecados ainda mais graves. Eis Roma! ela muito pecou, e é preciso

---

[1] O tema dos grandes pensamentos que as ruínas despertavam foi muito explorado na literatura. Desde o século XVII encontram-se textos sobre ruínas. A partir do século XVIII, existiu na França uma "moda das ruínas", estimulada pelas paisagens de ruínas romanas de diferentes pintores, como Claude Lorrain(1600-1682), Nicolas Poussin(1594-1665), e Salvator Rosa((1615-1673). No final do século o livro *Les Ruines*(1791) de Volney (Constantin François Chasseboeuf, dit Volney,1(757-1829), verbalizou o sentimento dos contempladores das ruínas, e sob sua influência no início do século XIX, Chateaubriand, em *O Gênio do Cristianismo*, dedicou um capítulo ao "efeito pitoresco das ruínas", um manual para o tema da meditação das ruínas na literatura romântica. Segundo Chateaubriand as ruínas deveriam despertar grandes pensamentos sobre o destino dos homens e a queda dos impérios, sobre a fragilidade da natureza humana e a relação entre os monumentos desaparecidos e a velocidade da nossa existência. Muitos viajantes que visitaram as ruínas romanas, Nísia entre eles, pareciam seguir o manual do escritor, quando escreveram suas impressões e sentimentos diante das ruínas.

Domingos de Magalhães, explorando esse tema, expressou seu sentimento, enquanto "colhia flores da história" e "sonhava com Grécia e Roma", no poema A minha Lyra :

Sentado sobre ruínas

Achei um eco na lyra

E sobre o nada da vida

Deu-me sons que eu nunca ouvira.

que sofra muito para expiar seus erros. Ela já sofreu e ainda sofre com mais ou menos resignação.

Agora é tempo de esperar que depois de tantas e cruéis provações ela ressuscite livre do seu fardo pesado de miséria e que mostre-se ao mundo ainda grande, não com seu paganismo, como outrora, mas com o verdadeiro espírito do cristianismo. Esperemos que regenere-se de uma maneira digna dos tempos modernos, acompanhando o progresso das idéias que caminham com o século, sem que nenhuma força humana possa detê-las para a conquista do aperfeiçoamento moral e material das gerações vindouras.

ESTRADA DE ROMA PARA NÁPOLES

Por volta de seis horas da manhã do primeiro dia de maio, mais belo mês do ano, deixamos Roma levando a profunda impressão que ela causou ao nosso espírito, e a boa recordação dos corações afetuosos que nos receberam com simpatia. Frescas flores da primavera, oferecidas pela amizade, perfumaram duplamente nossa estada na cidade eterna e encheram de poesia o momento de nossa partida.

Descrever a bela estrada que vai de Roma à Nápoles seria repetir o que tantos outros viajantes já disseram. Limitar-me-ei a descrever alguns lugares que percorri com a imaginação tomada por cenas que aí ocorreram, e com os heróis que os tornaram famosos.

Logo avistamos Albano com seus lagos e seus vestígios de ruínas; Velletri, antiga capital dos Volsques e pátria de Augusto, com suas lembranças, e belas mulheres; Cori a velha Cora, com as ruínas dos templo de Hércules, de Castor e Pollux e os restos dos seus muros ciclópicos[1], que resistiram por tanto tempo aos guerreiros de Roma; Cisterne com suas tradições de São Paulo, que teve aí o primeiro encontro com os cristãos de Roma; logo, repito, todos esses lugares e muitos outros, famosos na antigüidade e hoje sem importância, ficaram atrás de nós e o pântano Pontino mostrou-se aos meus olhos com toda a sua quieta solidão!

---

[1] Muros antigos construídos com enormes blocos irregulares de pedras.

O território onde, segundo Plínio, floresceram outrora muitas cidades e por onde Appius Claudius fez passar a estrada que tem o seu nome, é hoje um verdejante ermo abandonado aos rebanhos. A vegetação é luxuriante, mas apesar de todos os trabalhos que foram feitos na tentativa de secar os pântanos a malária sempre reina durante certos meses do ano, e afasta os que desejam vir para fixar-se. Os pântanos têm a fama de serem danosos e fatais aos viajantes que adormecem enquanto os atravessam. A imaginação dos poetas exagerou tanto esse perigo que inspirou à brilhante pena de Mme. de Staël as páginas tão eloqüentemente sentimentais dos ternos cuidados de Osvaldo, quando atravessou com sua Corina estes pântanos cuja má influência temia[1]. Ele procurou com tocante dedicação salvar uma vida que mais tarde ele mesmo iria tão tristemente romper.

Porém, passando da poesia às lembranças clássicas que esta estrada desperta tão vivamente ao espírito, eu via com prazer o interesse que tomava conta de minha filha enquanto ela falava de Horácio[2], quando passamos no lugar onde ele embarcou no antigo

---

[1] O livro de Mme. De Staël guiando a viagem de Nísia. A passagem que Nísia lembra é a viagem de Oswald e Corinne para Nápoles, (em *Corinne* (op.cit. p 284): " Oswald e Corinne atravessaram os pântanos Pontino, campo fértil e pestilento ao mesmo tempo, onde não se vê uma só casa...."

[2] As praias da Campânia, que Nísia está bordejando na viagem de Roma à Nápoles, eram a última etapa do Grand Tour dos ingleses, viagem indispensável para a educação do jovem aristocrata, do final do século XVII até meados do século XVIII. Estes viajantes, leitores desde a adolescência dos escritores latinos, em especial Horácio e Virgílio, indispensáveis para a formação humanista, codificavam as paisagens que descortinavam a partir do "texto antigo inscrito na memória", subordinando o olhar ao texto latino, como o faz Lívia. Alain Corbin escreveu sobre esta viagens em *O Território do Vazio* (p.57): "É na companhia de Horácio que Addison efetua a viagem à Campânia. Escreve: Meu maior prazer ao ir de Roma à Nápoles foi ver aqueles campos, cidades e rios descritos por tantos autores clássicos, cenários de grandes ações, uma vez que o caminho é extremamente pobre em curiosidades. Vale a pena dar uma espiada na viagem de Horácio a Brindisi quando se passa por aqui."

Embora em meados do século XIX a sensibilidade dos viajantes já estivesse voltada para outras leituras da paisagem, muitos mantinham-se fiéis à maneira de viajar dos antigos fruindo da "intensa carga semântica do litoral da Campânia". Ao olhar dos antigos acrescentaram-se a visão neoclássica de Mme, de Staël e as "peregrinações" dos românticos, mas a "magia das terras virgilianas" (expressão de Chateaubriand) continuava a atrair os viajantes, em especial a viajante brasileira que empenhava-se em demonstrar sua cultura humanista, e a educação que ministrara às suas alunas, cujo exemplo maior era a filha Lívia que traduzia e sabia de cor Horácio e Virgílio. A viagem para a mestra de meninas era uma extensão do aprendizado da sala de aula e das suas leituras solitárias. Viajar com os autores latinos reforçava o auto-retrato de Nísia, "uma mulher de imaginação tropical"(como se auto-definia) porque nascida no Novo Mundo, mas participante da cultura ocidental. E fazia parte dessa cultura o conhecimento dos autores clássicos que segundo Marguerite Yourcenar (*Arquivos do Norte*, p.123) "carimba o homem médio membro de um grupo e quase de um club. Confere-lhe um *modicum* de citações, de pretextos e exemplos, que o ajudam a se comunicar com seus contemporâneos que dispõem da mesma bagagem." No século XIX quando tiveram acesso ao estudo e à instrução muitas mulheres

canal de Augusto (Naviglio grandi) para ir à Brindes. Localizam o lugar, descrito pelo poeta com uma animada população, em Foro Appio, entre Freponti e Bocca di Fiume. Hoje silenciosos e tristes, estes lugares parecem invocar dos que aí passam, (livres do terror que inspiravam os bandidos que infestavam até recentemente as estradas) um pensamento sobre as flutuações do destino que tudo transforma na terra.

Os olmos e choupos que bordejam a estrada e formam uma longa avenida; o frescor dos pântanos cobertos por vigorosa vegetação; o canal que costeamos algum tempo e cujas águas ainda parecem refletir a sombra do poeta de Mecene, e a de tantas outras personagens históricas que nelas navegaram, dão a esses ermos um certo encanto melancólico que me fez apreciá-los.

Na saída dos pântanos Pontino, Terracina, a antiga Anxur, fundada pelos Volscos surgiu com todas as lembranças dos seus fundadores e de seus sucessivos conquistadores, os gregos, romanos, etc. Assentada pitorescamente sobre uma colina escarpada e estendendo-se até o mar, Terracina tem atualmente apenas 5 ou 6.000 habitantes e ainda guarda algumas ruínas do famoso palácio de Teodorico, situado no alto de um rochedo de onde ele dominava o Mediterrâneo, e que segundo a expressão de um escritor contemporâneo, queria disputar com o império do Oriente.

Jantamos no hotel de Passagem, á beira mar, cujo espetáculo prendeu mais meu espírito do que a vista da catedral, construída no lugar de um antigo templo de Apolo, as ruínas de alguns túmulos antigos, e inscrições do tempo da República, que os guias indicam como do convento dos Pais da Doutrina. Imersa nas minha reflexões olhava o mar outrora singrado por frotas romanas, que tinham em Terracina um dos seus mais importantes portos, e pensei na infeliz viúva de Britannicus, exilada por Tibério em uma ilha deserta dessa costa, onde morreu de fome.

Eram nossos companheiros de viagem um venerável cônego, o abade C**, a senhora D.B, e o astrónomo D**, diretor do observatório de Florença, que eu via pela primeira vez,

---

procuraram perfazer esses caminhos antigos: francesas, inglesas, russas, americanas, recriaram no século XIX, quando passaram a viajar cada vez mais, o Grand Tour dos jovens rapazes ingleses do século XVIII, porém ampliando o espaço geográfico e além dele o espaço da imaginação e do aprendizado.

mas que suas maneiras simples e linguagem modesta logo me fizeram distingui-lo. Como a maioria dos que se dedicam com seriedade ao estudo da abóbada celeste, ele às vezes parecia distraído com relação às coisas da terra, e isso o tornava um companheiro de viagem muito agradável para mim, que gosto de recolher-me em meus pensamentos quando estou diante dos imponentes espetáculos da natureza.

O tempo continuou magnífico e a estrada ao deixar Terracina ficou de mais em mais interessante mostrando quadros variados, ora de sorridente beleza, ora de majestosa severidade, de acordo com as planícies ou montanhas que atravessávamos, ou o desfiladeiro entre o mar e os rochedos, famoso na guerra dos romanos contra os samnitas.

Os lugares históricos sucediam-se de um lado e do outro da estrada.

Era noite quando atravessamos *Torre de Confins*, último vilarejo do território pontifício, e *Portella*, onde fica a alfândega da fronteira do reino de Nápoles. Guardarei silêncio sobre os incômodos que sofremos, lá e em todos os lugares onde paramos para trocar cavalos, onde é preciso ter sempre a bolsa aberta e armar-se de resignação para satisfazer às repetidas exigências dos cocheiros, e de uma multidão de mendigos que nos importunam. Eu estava muito absorvida com os tempos antigos para que os aborrecimentos materiais do presente, que pareciam contrariar tanto nossos companheiros de viagem, pudessem me impressionar.

Perto de nós estendia-se toda a praia histórica onde localizavam, entre outras coisas, o pequeno porto em que desembarcou o grande orador romano quando fugia dos assassinos pagos por Antonio. Eles o mataram perto do lugar do seu nascimento.

Em Fondi, hoje pequena cidade de aspecto miserável, a sombria lembrança do corsário Barbaroxa, que por não conseguir raptar a bela Gonzaga, condessa de Fondi, queimou a cidade e levou os habitantes como escravos, veio ao meu espírito, assim como os feitos do famoso bandido conhecido pelo nome de Fra Diavolo. Aqui ficava o principal esconderijo desse famoso bandido, de quem conhecemos os crimes e o apoio que lhe dava a rainha Carolina. Dizem que Carolina e Ferdinando também tiveram contato, durante a guerra civil,

com outro bandido bem mais feroz que Fra Diavolo, Mammone, o mais terrível de todos os bandidos que essas duas cabeças coroadas chamavam de "meu general e meu amigo"[1].

Logo estes tristes pensamentos deram lugar às lembranças clássicas que enchem a estrada, e a medida que avançamos multiplicam-se mais e mais. Ali, Castellone, vilarejo que dizem ter sido construído no lugar da antiga *Formia*, cantada por Horácio; aqui a Torre de Cícero, ruína da célebre *villa* que ele possuía e segundo a tradição fica no lugar onde estava o seu túmulo. Perto daqui localizam a fonte Artaquia, onde Ulisses encontrou a filha do rei dos Lestrigones. A poesia, unida à história, dá um novo interesse aos sítios que minha imaginação representa, não como estão hoje, mas como eram outrora. Entre Malla e Coriglione, perto da antiga Minturno, ficavam os pântanos onde se escondeu o grande Mário, perseguido pelos soldados de Sila. As praias do Carigliano, outrora Léris, foram testemunhas, entre muitas cenas importantes, dos feitos do cavalheiro Bayard que enfrentou um grande número de espanhóis defendendo uma ponte. Todos estes lugares, mais próximos ou distantes, da estrada que percorríamos, estão marcados com a lembrança de guerreiros famosos, de heróis, de poetas, de gênios que aí viveram ou simplesmente por aí passaram. Os desfiladeiros dessa parte do Mediterrâneo, as montanhas, os rochedos, todo o campo que atravessamos parecem repetir o eco desses grandes nomes.

Entramos na *Campania Felix*[2] e admirei a fertilidade e a rica cultura dos campos dessa parte da península, cujos habitantes gozam a fama de indolentes. As vinhas, dispostas com arte, subindo de uma árvore à outra, formando longas e graciosas guirlandas de verde, embelezam com graça a magnífica paisagem que temos constantemente diante dos olhos.

---

[1] Em *Graziella* (op. cit. p.16), Lamartine fala sobre os bandidos da estrada de Nápoles a Roma: "Aquele bandoleirismo tinha um certo caráter político. Murat reinava. Os calabreses ainda resistiam; o rei Ferdinando da Sicília, enviava recursos aos guerrilheiros nas montanhas. O famoso Fra Diavolo comandava esses bandos.

[2] O litoral da Campania, região onde fica Nápoles, foi chamado por muitos viajantes de "campagna felice". As lembranças clássicas que as praias evocavam, a exuberante natureza e a deslumbrante vista do alto do Vesúvio davam à região o título de "o mais belo *prospect* da Europa". Era a última etapa do percurso italiano para muitos viajantes dos séculos XVIII e XIX, que só começaram a aventurar-se para a Calábria e Sicília a partir de meados do século XIX.

O sol reapareceu com o mesmo esplendor dos dias anteriores e a beleza dos quadros campestres, realçados pelos raios de luz que ele lançava sobre eles, fizeram-me sonhar com os quadros naturais iluminados por meu sol tropical.

Deixamos de lado Capua, com suas lembranças dos pelasgos (os fundadores da antiga Capua), dos etruscos, samnitas e romanos; Capua a antiga e brilhante cidade de mulheres sedutoras, lugar de delícias, tão funesto ao grande Annibal.

Deixando para depois nossa excursão à Capua, para ver os restos do seu anfiteatro, que se acredita o mais antigo da Itália, entramos na bela Partênope, túmulo sorridente da antigüidade, como tão bem a denominou um escritor dos nossos dias.

NÁPOLES

4 de maio

Contemplo-te ó! radiante Partênope[1] na tua misteriosa indolência, graciosamente inclinada sobre tuas montanhas vulcânicas, mirando-te com amor nas águas azuladas do teu esplêndido golfo de quem recebes as homenagens e carícias.

Contemplo-te toda emocionada com a lembrança íntima que este dia traz, tão intensamente, do nascimento de um filósofo ao qual me ligam os doces e santos laços fraternos[2]. Ah! permita que antes de pagar meu tributo de admiração aos teus ofuscastes encantos, eu consagre um pensamento aquele cuja infância tornou encantadora a minha infância, e cuja vida identifica-se com a minha pelo entusiasmo e energia dos nossos sentimentos comuns, embora orientados de diferentes maneiras para a tarefa social que nos impusemos no alvorecer da nossa juventude, pela harmonia dos nossos princípios e pela unidade dos nossos esforços na luta constante contra o materialismo defendido por certas pessoas.

---

[1] Exclamações comuns aos viajantes que avistavam Nápoles pela primeira vez. As comparações e descrições do que avistavam eram muito parecidas, numa repetição constante. O brasileiro Pereira da Silva, usou expressões parecidas com as de Nísia quando avistou Nápoles, em 1851. ("Reminiscências", em *Variedades Literárias* op. cit.p.290): "Nápoles, antiga Parthenope, assentada como uma fada à beira mar idolatrado e eclipsando os olhos com seus palácios e villa pitorescas, ilhas românticas, praias deliciosas a perder de vista..."

[2] Nísia está referindo-se ao irmão Joaquim Pinto Brasil, nascido em 4 de maio de 1819 em Goiana, Pernambuco. Nove anos mais velha que Joaquim, Nísia encarregou-se da educação do irmão, principalmente após a morte do pai, em 1828. Joaquim foi aluno da Escola de Direito de Olinda, casou muito jovem (para desgosto da irmã) e teve que trabalhar para sustentar a família, atrasando a conclusão do curso por vários anos. Em 1840 Joaquim Brasil transferiu-se para o Rio de Janeiro, e nos anos seguintes dirigiu vários colégios, dois deles em Resende e Cabo Frio. Foi professor de Filosofia no Colégio Pedro II, e fundou a sociedade Ensaios Filosóficos. Morreu no Rio de Janeiro em 9 de novembro de 1875. O último texto publicado por Nísia, *Fragments d'un ouvrage inédit* (Paris, 1878), foi dedicado ao irmão e contém uma pequena biografia do "Sócrates brasileiro", como costumava chamá-lo.

Hoje, diante deste belo golfo, pálida imagem daquele em cujas margens desenrolaram-se nossos dias, na prática do nosso desejo comum de nos tornarmos úteis à pátria, envio-te, irmão do meu coração, um terno pensamento guardado num longo e melancólico suspiro! Muda e dolorosa expressão da alma que sofre, um suspiro às vezes resume toda uma história[1]. Este que te envio, de tão longe, leva a imutável expressão desse sentimento sagrado, que cresce em nosso coração ao longo de uma vida ativa e cheia de abnegação, consagrada à busca sem fim de um futuro melhor!

Nápoles, a mais bela cidade da Europa por sua magnífica localização, riqueza do seu solo, atmosfera brilhante e cheia de grandiosa poesia, atrai á primeira vista e domina a alma do viajante.

O grande e gracioso contorno das margens, uma parte repleta de agradáveis casas, abraçando o golfo, desde o cabo de Miseno até Sorrento; as verdejantes montanhas entre as quais ergue-se o Vesúvio, todo árido e ardente, com seu enorme penacho de fumaça, espalhando-se no espaço sob um céu anil; o límpido horizonte onde Capri desenha-se em forma de barco, relembrando os últimos anos de crimes do tirano Tibério; os navios a vapor, as numerosas *bacheroles*, que vão e que vêm, singrando languidamente as águas; todo o esplendor de natureza e arte, dá a esse imenso quadro um encanto particular, que fica mais forte com a lembrança do que a civilização grega criou nessa terra. Mesmo agradavelmente impressionada com os tesouros de belezas que Nápoles exibiu aos meus olhos, sinto falta da

---

[1] Imagem do suspiro enviado à pátria, como uma mensagem magnética, semelhante aos "suspiros" do poeta Domingos de Magalhães, título do seu livro publicado na Europa, em 1836: *Suspiros Poéticos e Saudades*. O poema "Suspiro à Pátria", resume as queixas do saudoso poeta:

> Voa, suspiro meu, voa, não tardes;
> Nuncio vai ser do estado em que me deixas.
> O caminho te indico; aos ares sobe;
> Deixa de Roma os solitários campos.
> Esta terra de sangue, e de cadáveres
> E às praias chega da querida Patria,
> Tão longe praias! _ Quem dera eu vê-las!

beleza severa de Roma e de minhas ruínas favoritas, onde gostava de perambular, no silêncio que dá tanta solenidade aos grandes pensamentos despertados por esses lugares!

A aparência de Nápoles, assim como a alegria do seu povo, tão em harmonia com o seu céu, mostra um grande contraste com Roma.

São duas cidades irmãs dissimuladas: uma exteriormente grave e severa, guardando sob a fraqueza do descrédito todo o orgulho de sua superioridade da juventude, e a pretensão de fazer todas as cabeças curvarem-se a um só grito!; a outra, toda sorridente e descuidada, embriagando-se com o perfume das laranjeiras às margens das crateras dos seus vulcões semi-adormecidos!....

Sob a doce atmosfera das encantadoras margens, na presença das ondas barulhentas que o tempo não consegue aquietar, do solo radioso onde estão enterradas tantas famosas cidades, e onde hoje circula o povo mais animado do mundo, compreende-se perfeitamente a expressão do napolitano, orgulhoso com razão do encanto de sua terra natal, quando ele diz: "veder Napoli et poi morir", provérbio que surgiu a partir do nome de uma localidade chamada antigamente de *Mori,* que os estrangeiros visitavam após Nápoles.

Habituada aos grandiosos horizontes do novo mundo, e à incomparável vista do magnífico golfo do Rio de Janeiro, não senti nem a surpresa, nem o entusiasmo que Nápoles sempre causa aos habitantes de outros países[1]. Porém, encontrando em suas belezas naturais

---

[1] A comparação entre a baía de Guanabara e o golfo de Nápoles era comum entre os brasileiros que visitavam Nápoles. Domingos Magalhães, que morou en Nápoles, em 1847, onde era Encarregado dos Negócios da legação brasileira no Reino das Duas Sicílias, fez essa comparação em uma digressão no poema *Confederação dos Tamoios* (1856):

> Não és tão belo assim, cerúleo golfo,
> Onde a linda Parthénope se espelha,
> Tão risonha e animada como a noiva
> No dia nupcial lêda se arrêa
> Para mais encantar do esposo os olhos!
> (....)
> Meu pátrio Nitheroy te excede em galas,
> Na grandeza sem par muito te excede!

muita semelhança com aquelas que tanto amei, senti ao contemplá-la uma mistura indefinível de prazer e tristeza, natural em todo coração sensível, que longe de sua pátria reencontra lugares semelhantes aos que lhe são queridos.

O milagre de San Gennaro[1]

Apresso-me em traçar algumas linhas sobre o espetáculo mais estranho que já vi em minhas viagens. É uma das crenças religiosas mais conhecidas do povo napolitano. Chegamos a tempo para ver, por nós mesmas, o fenômeno que a tradição transmite de século em século com o nome de milagre de San Gennaro, fenômeno que tem muita força para esse povo religioso, e que renova-se a cada ano.

San Gennaro é o padroeiro de Nápoles. Padre de moral inatacável e muito caridoso, ele viveu no século três de nossa era. Sua vida foi uma prática constante de virtudes cristãs, tornada sublime com a cruel e acirrada perseguição do pré-cônsul Timotéo, que enraivecido com a coragem do bom Gennaro (então arcebispo de Benevonto) em persistir na fé de Cristo, aplicou-lhe o terrível edito de proscrição, publicado com o nome de Dioclesiano, quando Constant-Chlorus e Galère chegaram ao Império.

Após sofrer a tortura que naquele tempo os pagãos infligiam aos cristãos, e que estes depois infligiram, não só aos pagãos, mas aos próprios cristãos, o virtuoso bispo de Benevonto foi conduzido à colina de Solfatara, perto de Pozzuoli, onde foi decapitado em 299, ou segundo alguns em 305. Ele demonstrou até seu último momento uma coragem que surpreendeu até mesmo o carrasco. A firmeza heróica na fé não era rara naquela época, mesmo entre as pessoas mais delicadas cujas almas, inebriadas com o amor de Cristo,

---

[1] Preferi chamar San Gennaro ao invés de traduzir para São Januário, por ser comum essa denominação atualmente no Brasil. Em seu texto *Contornos de Nápoles*, Porto Alegre preferiu a versão portuguesa: São Januário.

triunfavam com surpreendente energia diante da fraqueza do corpo, levado ao martírio pelos perseguidores da nova religião.

Alguns escritores referem-se às muitas ações edificantes na vida do santo bispo de Benevonto, e aos milagres realizados por Deus, ao seu pedido, entre eles a fogueira e o circo de bestas ferozes: ele saiu ileso das chamas que o respeitaram, e da fúria dos animais que o acariciaram ao invés de devorá-lo! Limitar-me-ei a contar o milagre que presenciei, ainda venerado por uma parte da população de Nápoles, e até mesmo pela corte, e deixarei que os espíritos esclarecidos façam uma idéia justa do fenômeno.

Conta a tradição que quando San Gennaro foi decapitado, uma piedosa mulher, como havia naquele tempo, encheu um frasco com o sangue do santo, no lugar do suplício, e guardou este frasco com grande devoção até a primeira transferência da relíquia, de uma outra igreja, antes que fosse colocada na catedral onde hoje se encontra. Esta mulher, que morava perto do lugar por onde passou o cortejo fúnebre, saiu de sua casa e presenteou o bispo de Nápoles, Santo Severo, com o frasco que continha o sangue do mártir San Gennaro. O bispo o recebeu com grande contentamento e profunda deferência, e depositou ao lado da urna onde estavam as cinzas do mártir, então, o sangue coagulado começou, para grande comoção dos presentes, à agitar-se e se liqüefez, mudando de cor e volume!

F. Capaccio, Summonte, Rossi,[1] e outros escritores falaram sobre este fenômeno extraordinário que se repete desde o século dezesseis, três vezes por ano: no primeiro sábado de maio, aniversário da transladação; 19 de setembro, aniversário de nascimento de San Gennaro e 16 de dezembro, data do martírio do santo.

Era dez horas da manhã quando chegamos, minha filha e eu, à catedral onde já se encontrava uma grande multidão, comprimida na capela do Tesouro onde iria operar-se o milagre. A capela, em cuja cúpula pintaram várias cenas da vida de San Gennaro, é muito

---

[1] Escritores citados por Du Pays, op.cit.p.586. *F. Capaccio (1560-1631) autor de *História de Nápoles*; Summonte, J.A -(1560-1602) historiador italiano autor de *História da cidade e do reino de Nápoles;* Rossi, J.G. (1754-1830), poeta e arqueólogo italiano.

rica em sua decoração. A multidão que aí se encontrava tornara-se mais compacta e esperava impacientemente o momento do milagre.

Um padre subiu ao altar com um frasco cheio com uma substância vermelha coagulada, e após mostrá-la ao público começou a balançá-la continuamente. Um grupo de mulheres do povo, grotescamente vestidas, estava próximo à balaustrada e aí mantinham-se, como se estivessem numa tribuna de honra. Estas mulheres atraiam a atenção por seus gestos e fervor selvagem com que oravam. Lágrimas corriam dos seus olhos e elas imploravam, em voz alta e dissonante, que Gennaro se mostrasse favorável ao povo napolitano, operando rapidamente o milagre da liquefação do seu sangue. O fervor e as lágrimas impressionaram-me num primeiro momento. Fui até mesmo tomada de admiração ao ver nestas pobres mulheres, que se dizem descendentes da ama de leite de San Gennaro, uma crença tão forte, transmitida de geração em geração desde o século dezesseis, com o mesmo entusiasmo. Uma crença tão duradoira, tão inabalável, manifestando-se com tanta firmeza, nesses dias em que o edifício das velharias quebra-se com o choque das novas idéias, que invadem e transformam o mundo moral, pareceu-me a princípio um espetáculo mais digno de interesse do que de censura, mais primitivo que chocante, como me haviam descrito alguns estrangeiros que o presenciaram[1]. Porém, não demorei a compartilhar essas opiniões, pois às preces ardentes e às lágrimas que haviam me comovido seguiu-se uma fanática exaltação, que chegava a um ataque de loucura.

Á medida em que o padre balançava o frasco com o sangue, que não queria liqüefazer-se, a exaltação aumentava enormemente. Já não eram palavras piedosas, vozes humildemente ardentes que invocavam o santo para que operasse o milagre: eram gritos, frases inconvenientes, inacabadas, blasfêmias e até mesmo ameaças contra a demora do santo em satisfazer-lhes o desejo.

---

[1] O guia de Du Pays descreve a cerimônia do milagre de San Gennaro, citando Valery (op. Cit.p.568):

"Algum tempo antes da cerimônia, disse Valery, as mulheres do povo vieram postar-se perto da balaustrada, como se estivessem num lugar de honra. Elas são chamadas de parentes de San Gennaro e quando demora muito a liquefação elas acham-se com o direito de ameaçar e injuriar o santo..." (tradução minha)

A gritaria, a indecente exaltação sob a abóbada de um templo católico, o aspecto desgrenhado das estranhas adoradoras de San Gennaro, lembravam mais certas bacantes do paganismo do que piedosas cristãs. A multidão que escutava indiferente as imprecações profanas que saiam de suas bocas, numa linguagem grosseira; a presença do padre nos degraus do altar, voltado para o povo, com o frasco nas mãos, aproximando-as às vezes de uma lâmpada, esperando friamente o milagre que acalmaria os espíritos exaltados e satisfaria a curiosidade dos espectadores: todo o singular conjunto, o contraste ou mistura de fé, de fanatismo, de dissimulação, estampados nas diferentes fisionomias que eu contemplava neste recinto sagrado, compunham um quadro dos mais curiosos!

O sangue coagulado enfim se liqüefez, sem que aparentemente lhe fosse adicionada qualquer substância química. Estávamos bem próximas do bom cônego, que nos mostrou o frasco, assim como a todas as pessoas que aproximaram-se apressadamente para verificar o milagre, a maioria para beijar, de joelhos, o frasco que o padre lhes apresentava, começando com o grupo de mulheres, cuja exaltação chamara-me a atenção.

A alegria e a calma sucederam-se à exaltação: já era tempo!

Voltamos ao hotel suficientemente iniciadas numa das mais antigas e mais estranhas tradições do povo napolitano.

O povo sempre me interessou muito. Gosto de estudar, em todos os lugares, suas virtudes e seus esforços na luta mais ou menos enérgica, mais ou menos reprimida, contra a tirania que o oprime, ou a hipocrisia que tenta desnaturá-lo ou corrompê-lo. Também procuro ver de perto a fisionomia do chefe da nação que visito, cujos traços, apesar da máscara que quase sempre ele porta, às vezes permite ler os sentimentos, que o fazem agir com relação aos homens que ele governa. Ao saber que o rei das Duas Sicília deveria vir essa manhã de Gaeta, com toda a sua família e sua corte, para venerar na catedral o milagre de San Gennaro, para lá me dirigi na hora indicada. Outro motivo, e este tem a ver com o

coração porque estava ligado às lembranças da minha querida pátria, fez-me desejar ver este ato: a vontade de rever a boa princesa dona Januária, angélica criatura, tão amada por todos em nosso país natal, onde foi princesa imperial até que seu irmão, o atual imperador do Brasil, teve um herdeiro. Casada com Dom Luís, irmão de Ferdinando II, a virtuosa princesa, brilhante flor dos trópicos, foi transplantada para Nápoles, onde fenece apesar do esplendor do céu e da magia da natureza embriagadora! É que nascida no meio de uma natureza mais rica, mais esplendorosa, mais majestosa que a de Nápoles, além disso era acostumada a viver entre corações sinceros e afetuosos que a adoravam, e no meio dos sorrisos encantadores da nossa eterna primavera, e sua alma não estava atormentada por aflições que aniquilam a vida prematuramente.

Um atencioso senhor da corte teve a gentileza de nos conduzir, através das filas de guardas postados na igreja, e de nos instalar numa das tribunas, na capela, bem perto do lugar reservado á família real. Alguns instantes depois a corte entrou. Nossos olhares procuraram aquela que nos interessava mais e reconhecendo-a, apesar da grande transformação que mostra-se em seu rosto, sentimos ao vê-la uma viva emoção de prazer e melancolia.

A querida princesa, cuja presença despertou em minha alma um mundo de lembranças, ajoelhou-se, logo ao chegar, no tapete de veludo estendido perto da balaustrada. Absorta, sem afetação, seu semblante bom e simpático estava tomado de resignação cristã. Na sua prece ela não esquecia, sem dúvida, sua santa mãe cujas cinzas repousam no Rio de Janeiro, onde a lembrança de suas virtudes estão gravadas em todos os corações.

Não rezarás no túmulo desta ilustre mãe Ó! filha dos trópicos, degredada em terra estrangeira! pensei contemplando o recolhimento da condessa d'Aguila. E o pensamento que nos aproximava enterneceu-me e entristeceu-me. Meu olhar fixou-se sobre ela, e deixando a capela de San Gennaro, e a corte de Nápoles ajoelhada diante do altar, imaginava-me na capela imperial do Rio de Janeiro, em dias melhores para a princesa e para mim. Seu vestido, e o de sua cunhada, a princesa de Siracusa, e até mesmo o da rainha, eram muito simples. Um véu branco cobria a parte de trás de sua cabeça e caia até os joelhos sobre um

simples vestido de seda. O rei usava o traje militar. O jovem herdeiro e seus irmãos o imitavam.

Esperava encontrar no rosto de Ferdinando II uma expressão dura e feroz. Fiquei surpresa ao encontrar um ar de bondade, ao invés da expressão de um déspota cruel. Aqueles que não conhecem os atos de tirania deste rei, o veriam ali como um bom pai de família cercado por sua mulher, filhos, irmãos e cunhados, prosternado diante do altar, rezando com aparência de profundo recolhimento, e não deixariam de apontá-lo como o melhor soberano do mundo. "É bem verdade, pensei comigo, ao vê-lo, que este déspota crê no milagre de San Gennaro. Porém, se ele acreditasse, sinceramente, temeria o fim do procônsul Timothéo, perseguidor, como ele, das idéias regeneradoras!"

Após uma curta prece o rei e toda a sua família levantaram-se e foram ajoelhar-se nos últimos degraus do altar, onde um cardeal lhes apresentou o mesmo frasco que víramos na véspera, e cada um, a começar pelo rei, o beijou humildemente.

Logo que a cerimônia terminou o rei e sua corte saíram da igreja saudando todas as pessoas. Os carros os esperavam na praça, ao lado da igreja, e de lá tomaram o caminho de volta para Gaeta.

Algumas palavras sobre uma atitude de independência popular que muito me surpreendeu.

Quando nós chegamos aos lugares reservados na capela espantei-me ao ver, entre as damas da corte e algumas estrangeiras, o mesmo grupo de mulheres cuja exaltação fanática impressionara-me ontem. No momento em que o rei entrava, ouvi uma das mais idosas responder orgulhosamente a um senhor do séquito real, que a mandara levantar-se como todos os outros: "Ninguém aqui tem o direito de me dar ordens, eu e minhas companheiras temos os nossos privilégios como o rei tem os seus." E permaneceu sentada, de costas para a corte, enquanto o cortesão ficava em silêncio e afastava-se envergonhado.

Curiosa para entender cena tão inusitada, perguntei à pessoa que nos encontrara o lugar, porque essas mulheres agiam e falavam tão livremente. "É um costume antigo, disse, que não podemos impedir. Estas mulheres acreditam-se privilegiadas, é preciso tolerá-las."

A amargura mal disfarçada com que o senhor napolitano pronunciou este "é preciso", muito me esclareceu sobre um dos métodos empregados pelo governo para manter o seu poder, a despeito da decadência de sua força moral.

O que! Pobres mulheres da última classe do povo eram então mais rainhas do que a própria rainha!?

Esta cena revelou-me que, apesar de tudo que se diz, um resto de liberdade ainda está de pé aqui, onde reina um rei absoluto. Quando diante do rei um grupo de pobres mulheres demonstra tão bravamente a independência do espírito popular, é possível crer que o coração desta nação ainda guarde elementos de vigor, por baixo dos ferimentos que cobrem o seu corpo.

CAVA E POMPÉIA

6 de maio

Os tesouros da natureza e da arte uniram-se aos pensamentos religiosos para tornar este dia um dos mais interessantes e poéticos, que passei no estrangeiro. Minha primeira visita à Pompéia completou o magnífico quadro, que descortinou-se aos meus olhos no dia marcado por uma data cara ao meu coração, e que sempre dá maior encanto e solenidade aos objetos que me cercam.

Era 5 horas da manhã quando o venerável cônego C*** veio nos procurar. Ao saber que eu queria ir á Cava, ele que desejava fazer uma peregrinação á capela de Santo Afonso de Ligorio sugeriu que fizéssemos juntos a viagem. Partimos para a estação de trem que conduz a Pagani. Dois outros padres franceses, seus conhecidos, nos encontraram e compraram bilhetes no mesmo trem, para o mesmo destino.

Era minha primeira excursão fora de Nápoles e a fazia na companhia de três padres franceses, cultos, piedosos e amigáveis. Suas maneiras tão modestas quanto distintas, a conversação tão esclarecida quanto amável e discreta, vieram reforçar a opinião que sempre tivera sobre as virtudes do clero francês. Estando a vontade em tão boa companhia, dediquei-me com o entusiasmo de sempre à contemplação dos admiráveis quadros da natureza, cujo espetáculo grandioso parecia impressioná-los tanto quanto a mim.

Logo que chegaram á capela, destino da peregrinação, os padres rezaram a missa.

A presença dos três ministros da igreja (dois dos quais já haviam passado das sessenta primaveras)[1], ofertando o sacrifício da missa no altar de Santo Ligorio, perto do qual estávamos ajoelhadas, minha filha e eu, desviou o curso de minhas idéias, e a meditação sobre coisas invisíveis substituiu no meu espírito o entusiasmo pelas coisas visíveis, que eu

[1] Quase sempre são respeitáveis e idosos senhores, segundo a viajante, os homens que a acompanham, mesmo os padres.

sentira alguns instantes antes! A imagem adorada de minha mãe tomou conta do meu pensamento, abandonei-me a um religioso devaneio, que me afastou dos modestos ornamentos - as relíquias do bom Ligorio, que um laico agregado da igreja nos mostrava. Olhamos um após outro os objetos preciosos, assim como as pinturas que representavam diferentes milagres do santo.

Terminada a peregrinação fomos ao grande hotel de Londres para almoçar.

Cava, esse delicioso vale suíço, como o denominou Valéry[1], com oliveiras e o sol de Nápoles, tem cerca de 13.000 habitantes. A cidade não é muito importante, mas seus arredores, a sua pitoresca localização, e aspecto variado, são muito bonitos e oferecem encantos os mais sedutores.

Perto dali, no monte Finestra, fica o convento de *Trinitá della Cava*, dos beneditinos. "Foi asilo de letrados nos séculos bárbaros"[2]. Filangieri aí compôs sua célebre obra. Um grande carro, com três cavalos, veio nos pegar no hotel e nos conduziu ao convento, onde encontra-se o magnífico túmulo de santo Alfiére, com mosaicos incrustados no mármore, sob a rocha onde ele morou e morreu com 120 anos. A capela também foi construída sob a rocha que avistamos do interior da cúpula.

Construído na ponta de um rochedo, o convento tem aos seus pés um precipício profundo onde serpenteia um riacho que precipita-se em uma espécie de cascata, cujo murmúrio, na solidão que cerca esse monumento da Idade Média, desperta no espírito uma multidão de lembranças históricas e fantásticas.

---

[1] Nísia cita Valéry indiretamente. Copia observação do guia de Du Pays,(op.cit.p.631): "La Cava, 13.000 habitantes. La Cava, disse Valery é um vale suiço...."

*Antoine Claude Pasquin, ou "Valéry" -(?-1847). Autor de várias obras sobre a Itália. Seu livro mais conhecido *L'Indicateur Italien* (1831-1833) era um manual consultado por quase todos os viajantes que percorriam a Itália. Valery escreveu ainda: *L'Italie confortable*, 1841, *Voyages Historiques et littéraires en Italie, pendant les années 1826,1827,1828* e *Curiosités et anedotes italiennes*, 1842. Os guias de Valéry foram usados pelos viajantes na Itália por muitos anos. Du Pay os cita várias vezes no seu guia que, segundo ele, atualizava informações de Valéry.

[2] Mais uma citação retirada do guia de Du Pays (op.cit. p.631): "Deve-se visitar o convento de Trinitá. Trinitá della Cava foi asilo de letrados nos séculos bárbaros. Foi lá que Filangieri compôs sua célebre obra."

*Filangieri, Gaetano-(1752-1788), advogado italiano. Autor de *Science de la Legislation*, 1780. Morou em Cava, onde escreveu o quarto volume de sua obra.

Proibidas, como todas as mulheres, de visitar o interior dos conventos, minha filha e eu fomos passar na capela de santo Alfiére, enquanto esperávamos nossos companheiros de passeio. Lá, ao som melodioso do famoso órgão, que uma piedosa mão tocou para nós, escrevi à lápis as linhas seguintes que transcrevo sem alterar:

Aqui sob esta abóbada onde viveu Santo Alfiere
Eu percorro o nada das coisas da terra.....
Oh! meus irmãos, minha irmã, meu filho, um anjo santo
Venham iluminar minha alma ainda enleada
Com vossas lembranças que respiram em meu peito.
Neste momento tua doce imagem, oh! mãe bem amada
Apareceu-me radiosa aos pés deste altar,
Orando ao todo poderoso por tua filha querida
Que chora e ainda espera pelo Ser Supremo.
Os sons melodiosos que escuto, em recolhimento,
Com o coração cheio de inquietações e de indescritível emoção
Será este o prelúdio à doce harmonia
Que atendendo aos teus pedidos, Deus fez vibrar em mim?
Oh! mãe, pai, esposo, minha trindade primeira
Que partindo tão cedo numa estrela de ouro
Deixou-me cá na terra onde ainda gemo,
Espalhai sobre mim a pura luminosidade
E estendam a mão para receber meu arrebatamento.

Alguns instantes depois os tres padres vieram nos encontrar e deixamos a igreja, cada um entregue aos seus pensamentos celestiais ou terrenos, que o encantador aspecto da

paisagem de Cava, sob um céu da mais bela lápis-lazúli, nos inspirava e nos fazia sonhar. O carro margeava um caminho sombreado, construído no precipício das montanhas, umas mais bonitas que as outras. O castelo de Cava mostrava-se poeticamente assentado no cimo de uma delas. Ali uma cidade de casas dispersas saindo do fundo de um vale, ou da inclinação de uma colina; aqui torres espalhadas no campo, o poético sino de uma aldeia, uma ravina, um precipício; mais longe, um outeiro, um grande trecho de estrada coberto de vinhas, subindo em guirlandas, como as dispõem tão graciosamente os camponeses napolitanos; em todos os lugares um bosque florido ou denso, seja no alto das colinas seja na campina. O espírito fica planando entre as agradáveis sombras dessas colinas, gozando a paz e a suave melancolia de tão encantadora solidão.[1]

Fiquei emocionada, e a melancolia tomou conta de mim diante das grandes belezas que contemplava, mas o pensamento viajou para bem longe, lá onde respira meu querido filho!

Ó Cava! tu me lembras os lugares que percorri, quando ainda tinha a alma cheia com as mais belas esperanças que douram a vida aqui na terra. Que inspires a filha que chora, a mãe que reza, a irmã que suspira, a mulher que sonha!

Espírito distinto! nobre coração apreciador dos ricos quadros da natureza, devo a ti, que em Paris aconselhou-me a visitar Cava, minha primeira doce impressão em Nápoles. Sejas bendito!

Voltarei para gozar a paz e suave melancolia de tão encantadora solidão, entre as frescas sombras dessas colinas, e então não deixarei de visitar a cidadela de Nocera, perto daqui, onde o papa Urbano VI fez torturar e prender, em uma cisterna, seis cardeais de quem suspeitava, quando defendeu-se de um cerco de 6 meses de Carlos Durazzo, cuja armada ele excomungava todos os dias do alto de uma janela.

---

[1] A descrição que Nísia faz da bucólica Cava é semelhante à dos viajantes na Itália do século XVIII, guiados por uma estética clássica, como a definiu Corbin (op. cit.p.58): "entre as paisagens seu olhar pousa sobre os sítios aprazíveis, férteis, sobre as colinas, os bosques de laranjeiras e as guirlandas de vinhas, tais lugares correspondem às harmonias que definem a beleza clássica da natureza."

Para terminar a excursão deste dia paramos para uma primeira visita à Pompéia, que ficava no nosso caminho.

Depois da poesia, o abismo da realidade; depois da vida, a morte, depois de Cava, Pompéia!

Apenas o venerável cônego C** nos acompanhou na nossa primeira visita à cidade descoberta, os outros, talvez por já tê-la visitado uma vez, pegaram o trem em Pagani, a estrada de ferro que leva diretamente à Nápoles, para onde voltaram, contentando-se, como a maioria dos viajantes, em apenas olhar o maravilhoso e grande túmulo de todo um povo vivo! No meio de um silêncio solene entranhei-me emocionada por entre as eloqüentes e admiráveis ruínas, que admirei sonhadora e triste. É que não se pode ver Cava sem sonhar, nem visitar Pompéia sem ficar triste. Lá, a poesia insinuando-se na nossa alma com o ar perfumado das flores, com a fresca folhagem de diferentes nuanças que cobre os vales e colinas; aqui, a aflita lembrança de tantos infelizes surpreendidos pelas cinzas do Vesúvio.

Pompéia foi soterrada, como se sabe, no ano 79 da era Cristã, e só em 1748 foi descoberta por camponeses, que ao cultivarem suas vinhas nesse solo fértil encontraram alguns objetos de arte. O rei Charles III mandou fazer escavações regulares em 1750, e desde então os trabalhos continuam, muito lentamente, para descobrir toda a cidade, cuja parte que já veio à luz pode ser considerada como a maior curiosidade, não só da Itália, mas do mundo. É uma coisa admirável e surpreendente a cidade saída das entranhas da terra, com todas as suas riquezas e suas curiosidades, tais quais estavam quando o Vesúvio vomitou sua cólera sobre ela. Encontra-se em Pompéia toda a real antigüidade e por assim dizer, toda viva. Chateaubriand disse com razão: "se todos os objetos descobertos em Pompéia tivessem sido deixados em seus lugares, com os cuidados necessários e fáceis de serem tomados para sua conservação, ela seria o mais maravilhoso museu da terra." Porém, quando os objetos são descobertos eles vão decorar diferentes museus da Europa, especialmente o Bourbon que já possui um número prodigioso deles. Nossa alma fica aflita quando percorremos as ruas desertas que ostentavam o fausto e civilização de um grande povo: as casas, os templos, os teatros, o fórum, as termas, as praças, toda uma cidade inteira, em pé, e deserta! Quantas

obras de arte! que profusão de mármores, de mosaicos! quantos monumentos soberbos desapareceram subitamente da face da terra, e reapareceram aos olhos das gerações modernas, com a história viva do povo que os construiu. Em todos os lugares existem notáveis vestígios de atividade e luxo excessivos, só o eco, porém, responde à voz do viajante que passeia, olhando aqui e ali a coleção de riquezas de arte e belezas antigas, que demonstram o bom gosto e a opulência do povo, cujo deplorável fim mostra-se vivamente ao nosso espírito na extraordinária necrópole!

Como em todas as cidades da antigüidade, as ruas de Pompéia são muito estreitas, mas bem alinhadas e pavimentadas com basalto. Ainda se vê perfeitamente os sulcos cavados pelas rodas dos carros. Os sulcos, as casas vazias, os pórticos, altares, nichos, pinturas, inscrições, que mesmo envelhecidas por dezoito séculos ainda são, em grande parte, perfeitamente visíveis. Por um momento tudo isso faz o visitante que tem imaginação pensar que vai reencontrar vivos aqueles que há tantos séculos foram sufocados, em toda a sua pompa, e durante suas ocupações diárias.

Eu não saberia descrever a emoção que tomava conta de minha alma, mais e mais, à medida em que caminhava através da maravilha, em conjunto, ou em detalhes isolados, que chama-se Pompéia, e que eu queria dominar com um só olhar nessa primeira visita, prometendo-me voltar e fazer muitas outras durante minha permanência em Nápoles, para melhor conhecê-la.

Seguimos o guia que nos mostrava as principais curiosidades, porém não prestei atenção ao que ele dizia. Meu espírito estava imerso no passado, não como ficou diante das ruínas de Roma, devastadas pela fúria dos homens e do tempo. Aqui eu caminhava por entre as sombras de uma população que mostrava-me suas obras primas, fazia-me assistir suas festas, suas brilhantes reuniões, abria suas casas para mostrar-me suas preciosidades, deixando-me penetrar no *peristylium*, pórtico interior, no *sacrarium* (capela doméstica), no *lararium*, nicho onde queimavam uma lâmpada em honra ao deus Lares, e de repente ela foi enterrada viva pela mais terrível das catástrofes que a natureza pode produzir. Parece que eu via o terror, o mais monstruoso pavor pintado no rosto das milhares de criaturas, ouvia seus

derradeiros gemidos de desespero, uns procurando escapar das cinzas que os sufocavam, os outros nela desaparecendo, abraçando os entes queridos junto ao peito, ou chamando seus nomes na última agonia!.... Não são as ruínas de uma florescente cidade, vencida e devastada por um inimigo poderoso a quem combatera por muito tempo, usando todos os recursos de arte, toda energia do espírito, toda a força do corpo, até o instante em que a resistência tornando-se inútil, entregou-se ou preferiu a glória de morrer lutando. É uma magnífica cidade, vasto túmulo de uma população inteira que pereceu de repente, sem glória e sem luta, e que levantou-se toda inteira com seus imensos tesouros e seus esqueletos, do seio da terra onde ficara escondida, por quase dezoito séculos, dos olhares das gerações que lhe sucederam e floresceram ao seu lado!

Ao visitar a casa e os subterrâneos de Diomedes, sua vila *suburbana*, passamos na via *dei Sepolcri*. Saídos, como a cidade, de debaixo da terra, estes túmulos são um motivo de curiosidade não menos interessante. Entre eles, é notável o que foi construído por Naevoleia Tyché, para Cauius Mumatiu, seus escravos alforriados, e para ela mesmo; o que construiu Alleia Decimilla, sacerdotisa de Ceres, para seu filho e seu marido; o de Calventius Luetius, conhecido como o mais elegante e melhor conservado monumento fúnebre da antigüidade; e o de Articus Scaurius, decorado com um átrio com quatro colunas.

A casa de Diomedes é uma das mais notáveis e uma das primeiras que foram descobertas em Pompéia. Os quartos são quase todos decorados com afrescos, assim como o peristilo formado por quatorze colunas. Após nos mostrar os banheiros e outras peças, em geral bem pequenas, o guia nos indicou o lugar das despensas onde foram encontrados os esqueletos de 17 pessoas enterradas sob as cinzas[1]. Duas outras foram encontradas perto da porta do jardim, uma delas portava uma chave e tinha ouro ao seu lado e segundo a opinião dos que escreveram sobre a terrível catástrofe, seria Diomedes que morreu, acreditam eles,

---

[1] Em Pompéia, Nísia também está usando informações do guia de Du Pays que tem uma detalhada descrição dos lugares mais visitados (op. Cit. P.608):

"Foi nas despensas que encontraram, perto da porta, os esqueletos de 17 pessoas que aí procuraram um refúgio e foram sufocadas..."

procurando escapar pela porta do jardim. Algumas das ânforas de vinho da adega da casa ainda estão no mesmo lugar e alimentam a ilusão do visitante que aí desce.

Uma pequena laranjeira, solitária no meio do jardim, cercada de arcadas, cresce diante dos imensos escombros que falam tão eloqüentemente à imaginação! Arranquei uma folha pensando na minha terra natal[1] e nos afastamos de Pompéia, de onde saímos pela porta de Herculanum.

As belas *mesemhzi centhresum*, que nessa estação forram os terrenos que atravessamos para chegar à estrada de ferro, nos sorriam ao lado da dor silenciosa de que Pompéia é viva expressão: a vida espalha seus prazeres sobre o túmulo dos mortos! Eis a imagem do mundo! A natureza floresce sempre mais radiosa onde a morte espalha suas mais terríveis destruições.

---

[1] Reencontro com a "perfumadas patrícias", já vistas em Gênova: as laranjeiras despertando lembranças da pátria. Sonhos com a pátria, como Casimiro de Abreu, em sua Canção do Exílio, escrita em Lisboa em 1857:

"Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde

Cantar o sabiá"

O Brasil também era terra das laranjeiras para o poeta Álvares de Azevedo, em "Minha Terra":

Quando o gênio da noite vaporosa

Pela encosta bravia

Na laranjeira em flor toda orvalhosa

SORRENTO, A GENTIL

Saudações berço de Tasso[1], lugar gracioso e sorridente de poesia e de amor! Doce e suave visão da minha mais tenra juventude, reencontro-te aqui, entre os bosques perfumados carregados ao mesmo tempo de flores e de frutos dourados. Oh! não fujas de mim! Permita-me embriagar-me com teu delicioso perfume, deixe-me sonhar em tuas sombras misteriosas e repousar do cansaço de minha longa e difícil peregrinação! Encantador oásis no deserto de minha vida, eu louvar-te-ia se pudesses amainar a sede que carrego na minha alma!

Aqui o céu é mais encantador, o ar puro e acariciante, a brisa do mar, trazendo aos meus ouvidos o murmúrio poético das ondas, desperta no meu espírito milhares de lembranças fantásticas, e meu coração treme de emoção.

---

[1] Alguns poetas românticos brasileiros cantaram a gentil Sorrento, uns lembrando de Tasso, outros pensando nas gentis donzelas italianas:

Domingos Magalhães na *Confederação dos Tamoios*, quando compara Niterói e Nápoles, lembra do berço de Tasso:

No mar mostrando ao longe a bela Capri,
Ou a saudosa Sorrento, onde meus olhos
Cuidam ver inda infante o egrégio Tasso
Brincando à sombra de frondosos louros.

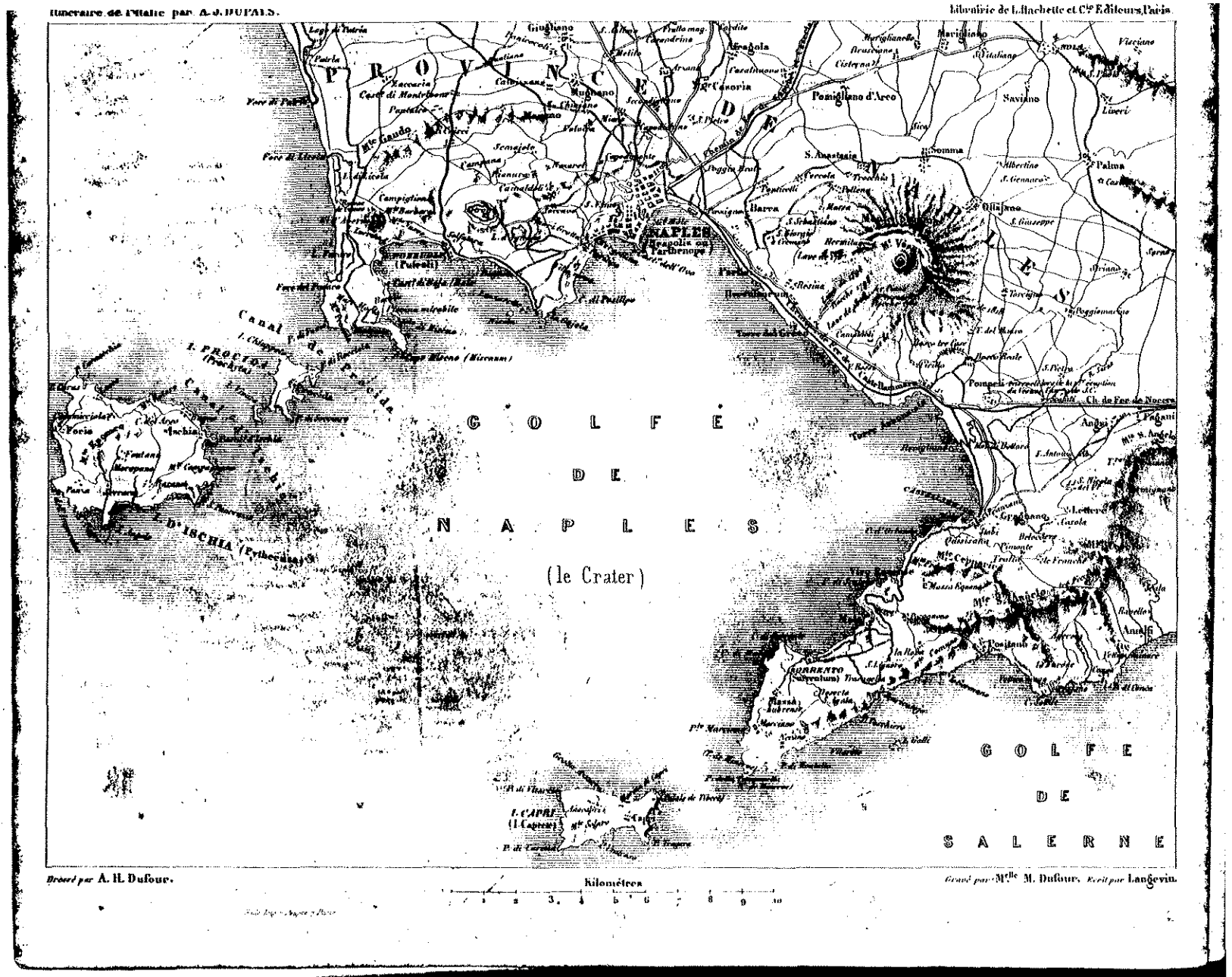
Sorrento povoava o sonho dos poetas da segunda geração romântica, que não viajaram pela Itália. Porém ao invés das lembranças de Tasso, eles pareciam avistar a gentil Graziella (1849), de Lamartine. Álvares de Azevedo, no poema "Itália"(1851):

Lá na terra da vida e dos amores
Eu podia viver inda um momento;
Adormecer ao sol de primavera
Sobre o colo das virgens de Sorrento!

Fagundes Varela cantou as belezas de Sorrento, "Fragmentos"(1861):

Mendiguei um alívio ao céu da Itália
Aos cantos do barqueiro errei à noite
Nas ondas perfumadas de Sorrento
Adormeci na encosta do Vesúvio.

Fig. 5


Itinéraire de l'Italie par A. J. DUFAUX.
Librairie de L. Hachette et Cie Editeurs, Paris.
PROVINCE
DE
NAPLES
Pomigliano d'Arco
Saviano
Liveri
Palma
Ottajano
S. Anastasia
Somma
Portici
Resina
Torre del Greco
Torre Annunziata
Pompeii
Castellamare
Gragnano
Lettere
Angri
Pagani
Nocera
Ch. de Fer de Nocera
Sorrento
Massa
Meta
Vico
Amalfi
Ravello
Positano
Capri
Ischia
Procida
Forio
Casamicciola
Lacco
Canal de Procida
GOLFE
DE
NAPLES
(le Crater)
GOLFE
DE
SALERNE
Naples
(Neapolis ou Parthenope)
Pouzzoles
(Puteoli)
Baies
Averne
Lac Agnano
Lac Fusaro
Lac Lucrin
Lac Averne
Lac Patria
Lac Licola
Lac Maremort
Lac Salpetre
Lac Agnano
Lac Fusaro
Lac Lucrin
Lac Averne
Lac Patria
Lac Licola
Lac Maremort
Lac Salpetre
Dressé par A. H. Dufour.
Gravé par Mlle M. Dufour. Ecrit par Langevin.
Kilomètres
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Enfeitada com seus mais sedutores ornamentos, a natureza sorri-me com seus sorrisos mais magnéticos, e como complemento do quadro que desenrola-se aos meus olhos, a brisa da noite traz aos meus ouvidos os primeiros gritos do infeliz amante de Eleonora. Ó Tasso! Tasso! como gostaria de possuir um lampejo do teu gênio para expressar tudo o que minha alma sente, ao visitar o delicioso lugar de tua infância, a parte da casa em que nascestes, os bosques perfumados, as sorridentes colinas com suas lembranças e mistérios, onde teu jovem espírito recebeu as primeiras emanações da musa divina, que mais tarde te imortalizou. Infelizmente minha pobre pena é incapaz de traduzir as profundas impressões que recebo.

Se fosse-me permitido escolher uma pátria, e nesse cantinho reunir todos os entes amados, seria em Sorrento que eu viria procurar um doce abrigo, repouso e poesia pelo resto dos meus dias. Porém, a pátria não é onde o céu é mais puro, a luz acariciante, o ar perfumado, as ondas azuladas e murmurantes, entre os bosques de limoeiros e laranjeiras, ela está onde encontram-se aqueles que nosso coração procura e que são a maior parte de nós mesmos.

A pátria está onde os nossos lábios murmuraram o nome de nossa mãe, onde vimos seu derradeiro sorriso, recebemos sua última benção. Ela está onde tantos amigos desejam nosso retorno. Sim, a pátria está na terra que amamos e onde somos amados[1].

---

[1] A idéia de pátria para os românticos brasileiros confundia-se com a lembrança dos folguedos da infância, dos pomares da casa paterna, dos irmãos e amigos. Antonio Cândido(op.cit.2 vol.p.60) atinou para esta relação entre pátria, família, infância, e resumiu este sentimento: "eu e pátria surgem, romanticamente, como duas formas de sentimentalismo que assumem aspecto egotista, na medida em que também a pátria se apresenta como caso pessoal, não apenas objeto de patriotismo." Sentimento que aflora no poema "Suspiro à pátria", de Magalhães:

> Essa é a Pátria minha, a Pátria amada,
> Que a vida deu à quem me deu a vida!
> Aí respira ainda a mãe anosa
> O encanecido pai, e irmãos queridos!

E Gonçalves Dias resumiu:

> A pátria é onde quer que a vida temos
> Sem penar e sem dor;
> Onde rostos amigos nos rodeiam,
> Onde temos amor;

Sorrento, pequena cidade com cerca de 6.000 habitantes e deliciosamente situada, era, dizem, maior que Nápoles, no tempo de Augusto. A erupção do seu invencível vizinho, em 79, destruiu seus principais edifícios, e como muitas outras vítimas do Vesúvio ela nada conserva de sua antigüidade. Os guias quiseram nos mostrar os vestígios de um templo de Ceres, de Hercules e outros. Porém, em Sorrento preferi sonhar, debaixo das frescas sombras dos seus belos pomares, ou a beira mar, cujo murmúrio nos fala sobre tantas coisas de antigas populações, fenícias, gregas, romanas, que sucederam-se nesse canto de terra, uma parte dela invadida pelo mar. Parece que escuto a voz do poeta, cuja sombra me segue em todos os lugares, vendo-o mais claramente do que na sua infância, quando disfarçado de pastor e escapando de Ferrara após sete anos de cativeiro, foi recebido por sua irmã Cornélia, em 1577, na casa dos Sersali, que pertencia à essa irmã[1], e que acabei de visitar.

Escuto os sons dolentes da lira amorosa quando ele fugia dos lugares onde amara tanto e tanto sofrera. E deixando de lado o extremo orgulho e a última fraqueza de que alguns o acusam, o grande cantor de *Jerusalém Libertada*, não mereceria que sua memória ocupasse mais os visitantes de Sorrento do que todos os vestígios incertos de ruínas que ela guarda, a gruta do mar, e o profundo precipício que a contorna de três lados?

Lugares pitorescos, belas casas, enfeitam toda a costa de Sorrento à Castellammare, bela cidade de 16 mil habitantes, situada numa encantadora posição e lugar de encontro dos ricos napolitanos e de estrangeiros, que a salubridade do seu clima e a fama de suas águas minerais, atraem bem menos do que a predileção de certos espíritos por tudo o que está na moda. Quanto a mim, prefiro Cava e Sorrento.

Acredita-se que Castellammare foi construída sobre as ruínas da antiga *Stabioe*, enterrada, como suas vizinhas, debaixo das cinzas do Vesúvio.

---

[1] Em 1575, num acesso de loucura, Tasso apunhalou um empregado do palácio do duque Alfonso em Ferrara, foi preso, conseguiu fugir dois anos depois e procurou refúgio na casa da irmã em Sorrento. Mme. de Staël narrou o encontro dos irmãos (em *Corinne* (op.cit. p.353):

"Diante de vós está Sorrento, ali morava a irmã de Tasso quando ele veio em peregrinação pedir à obscura amiga um asilo contra a injustiça dos príncipes. Seu longo sofrimento quase que lhe roubara a razão;"(tradução minha)

A estrada de Castellamamre a Sorrento é encantadora, quase toda escarpada e bordada de acácias e de outras árvores, ela é ladeada, à esquerda, por altos rochedos e montanhas pontilhadas de belas casas, campanários, grutas e precipícios; e à direita, pelo golfo, cujas ondas quebram-se muitos pés abaixo da rampa que separa a estrada das águas que estão sempre à nossa vista. É um passeio fascinante, sobretudo quando é feito perto do pôr do sol. Vico, bela cidade, pitorescamente assentada no meio do perene verde da encantadora costa, lembra o grande filósofo[1], que foi o primeiro a tentar explicar por uma fórmula universal o movimento das sociedades.

O ar perfumado de Sorrento e a lembrança de Tasso, que impregna o seu ar, infiltrou em minha alma uma nova poesia. E quando de volta à Nápoles, encontrei-me no meu quarto situado no cais de Santa Lucia, de onde avista-se a ponta desse recanto de terra, que tanto me encantou, parecia que eu acabara de reencontrar e deixar, com todas as minhas ilusões de moça, minha deliciosa Floresta, sobressaindo, por sua beleza, entre todas as casas dos seus arredores.

Com o espírito dominado por essa doce reminiscência olhei sonhadora Sorrento, que parecia-me, ao longe, uma fresca ninfa saída das águas do esplendoroso golfo, em cujas margens ela parecia repousar em seu leito perfumado. Nuvens douradas pelos últimos raios de sol passavam por sobre sua cabeça, e ela tomou, pouco a pouco, aos meus olhos, o aspecto de uma figura humana, toda fluida, que atravessava o espaço aproximando-se de mim.

---

[1] Giambattista Vico (1668-1744), autor de *Scienza Nuova* (1725-30). Um dos maiores pensadores da Europa do início do século XVIII, Vico tornou-se mais conhecido a partir das primeiras décadas do século XIX. O mundo francês o conheceu através de Michelet que traduziu a Ciência Nova, em 1827, e foi muito influenciado pelas idéias sobre ciência e história desenvolvidas pelo pensador italiano. O brasileiro Pereira da Silva, como Nísia, deve ter conhecido Vico através de Michelet, e o citou em seus "Estudos sobre literatura", *Niterói*. Tomo I, p.242:

"a história filosófica e ideal de Giambattista Vico estabelece leis universais da humanidade, eleva-se da representação à idéia, dos fenômenos à ciência..."

O céu e toda a natureza pareciam sorrir à sua aproximação. Ela trazia no olhar todos os tesouros da poesia, no rosto a marca de um longo e resignado sofrimento, em todos os seus gestos o encanto de uma timidez delicada, e em seus lábios um sorriso angelical.

Uma suave brisa perfumada deslizava através das janelas e trazia o leve murmúrio da fraca onda que vinha adormecer na praia. As águas douradas alguns instantes antes pelos esplendores purpurinos de um soberbo pôr do sol, agora refletiam o negro, o manto infinito pontilhado de estrelas brilhantes, que uma das mais feéricas noites de Nápoles desenrolara sobre a terra!

Tal qual o peregrino dos imensos desertos da África, que após longa caminhada sob um céu inflamado repousa feliz no benfazejo oásis, recebendo a água que o refresca: assim eu me sentia, feliz, magnetizada pela poderosa influência desse espetáculo mágico.

Infelizmente o encantamento logo desvaneceu-se, e do delicioso sítio de minha infância, da doce visão planando sobre Sorrento, só restou-me a lembrança inesquecível que o meu espírito guarda de tudo o que o impressiona mais vivamente.

UMA ASCENSÃO AO VESÚVIO

10 de maio

Ao chegar em Nápoles todo viajante deseja ver de perto essa maravilha da natureza, boca escancarada que vomitou a morte sobre tantos milhares de pessoas, esmagadas e misturadas aos seus tesouros debaixo de cinzas, lavas, e da luxuriante vegetação dos arredores de Nápoles e das cidades vizinhas às quais serve de domo um céu puro e radioso.

Pompéia e o Vesúvio são as duas primeiras curiosidades de Nápoles que atraem a atenção do estrangeiro, e quando observamos a admirável ressurreição de uma, adormecida por dezoito séculos sob as cinzas do outro, ao invés de nos assustarmos com a destruição causada por tão terrível vizinho da mais sorridente das cidades, nos sentimos, ao contrário, mais desejosos de dele nos aproximarmos.

Assim, nessa manhã, seis horas, tomamos uma carruagem que nos conduziu ao Eremitério, dois ou tres quilômetros do alto onde ficam as aberturas da cratera atual. Como tínhamos todo um dia à nossa frente e desejávamos ver o pôr do sol do alto vulcânico, paramos em Resina, construída como Portici sobre a ruína de Herculanum, onde visitamos a parte descoberta de suas ruínas. Dois motivos tornam as escavações de Herculanum mais difíceis do que as de Pompéia: as cidades e diferentes vilas modernas construídas sobre ela, e o material, muito duro de perfurar, debaixo do qual está enterrada. Descoberta em 1711 pelo príncipe de Elbeuf, essa parte de Herculanum dá uma idéia, por seus edifícios e tesouros de arte encontrados, de sua opulência e gosto artístico.

As escavações retomadas e depois interrompidas recomeçaram nos anos de 1828 a 1837. Foram descobertos um templo de Júpiter com a estátua do Deus, uma basílica decorada com estátuas em bronze e mármore, afrescos, um fórum decorado com estátuas dos imperadores romanos, e um teatro com colunas e outras obras de arte.

O Homero, o Aristides e o Mercúrio, as seis célebres dançarinas, a Minerva etrusca e outras coisas preciosas foram encontradas na Vila de Aristides, ou de Papyrus, cuja descoberta criou a interessante biblioteca de papirus que visitamos no museu Bourbon.

Muitos outros objetos curiosos foram encontrados na casa chamada de Argus, descoberta em 1828.

Depois de ver as ruínas que ficam a céu aberto descemos às ruínas tenebrosas do famoso e vasto teatro, que outrora expunha sua magnificência sob a esplêndida claridade da atmosfera destas plagas, e agora enfurnado debaixo do o solo, a mais de 20 metros, só pode ser visto com a ajuda de tochas. Precedidos pelos guias que clareavam para nós, descemos por uma grande escada de lava recentemente montada, depois pela antiga escada, até as galerias e o imenso anfiteatro de Herculanum, cujo formato não consegui distinguir com a ajuda das tochas. Aqui, mais do que em Pompéia, sentimos um aperto no coração com a lembrança dos infelizes que pereceram em tão terrível catástrofe, porque aqui você não tem, como em Pompéia, um céu brilhante para distrair os aflitos pensamentos que esses restos de mortos despertam. Mesmo levada pelo desejo de tudo ver, no silencioso túmulo de tantas

cenas barulhentas e alegres, achei que já passara da hora de sair. A escuridão sempre angustiou-me. Acredito que eu seria capaz de submeter-me ou resistir com coragem a todas as privações, menos à falta de luz. Por isso o meu horror por subterrâneos tenebrosos, criados pelos tiranos de antigamente para torturar suas vítimas. Sentimos um arrepio no fundo deste subterrâneo, entre as altas muralhas de um material duro, parecido com a lava, formadas com massas de cinzas queimadas, que calcinaram os objetos em muitos lugares da cidade enterrada, cuja extensão não conseguimos calcular. O teatro foi despojado de todas as coisas preciosas encontradas e foi obstruído por pilares que sustentam as terras superiores. O guia fazia um grande esforço para nos levar de um lugar a outro, nos indicando o lugar onde ficava a orquestra, todo em mármore, de grande dimensão, os poços modernos cavados para procurar mármore, e que foram a causa da descoberta desse teatro.

Temendo pela saúde de minha filha apressei-me em deixar as úmidas e sombrias ruínas.

A vista do bom sol e do ar puro dessas paragens encantadoras nos fizeram respirar de novo mais à vontade, e nos recompensaram das horas em que ficamos privadas de sua saudável influência.

Como sabemos, Herculanum remonta à alta antigüidade. Segundo Denis d'Halicarnesse ela foi fundada por Hércules, sessenta anos antes da guerra de Tróia. Após ter sido ocupada pelos oscos, os pelasgos, etruscos e samnitas, caiu em poder dos romanos e tornou-se uma das cidades mais prósperas da região. Ela tinha magníficas vilas pertencentes aos grandes senhores de Roma, que aliás as possuíam esplêndidas em vários lugares. Acredita-se que Herculanum foi uma cidade bem mais artística que Pompéia. É lamentável que não se possa descobri-la totalmente como estão fazendo em Pompéia.

Acabáramos de visitar mais uma das vítimas do Vesúvio e nos aproximávamos de sua cratera, abismo que ameaça engolir de um momento para o outro as modernas belezas criadas pelo homem aos seus pés! Como o espírito humano é temerário e seu coração insaciável de emoções!

Há certas naturezas humanas que assemelham-se aos terrenos férteis: quanto mais a cortam os sulcos do arado, mais abundantemente produzem, quanto mais são castigadas pela infelicidade mais encontram energia para resistir às difíceis convulsões.

Nosso carro tomou o caminho do Vesúvio costeando as margens do golfo, depois, subindo por uma nova e cômoda estrada em zig-zag, nos conduziu através de vinhedos fertilizados pela cinza do vulcão até o eremitério, onde paramos para fazer uma simples merenda, pela qual paguei muito caro, mesmo sem nos servirem o famoso *Lacryma Christi*[1] que encontramos em todos os lugares de Nápoles, menos no Eremitério.

Um homem grotescamente fantasiado de eremita recebe os estrangeiros, de quem extorque os bolsos com o ar de os acolher com o desinteresse de uma franca hospitalidade. Algumas belas árvores sombreiam a entrada da casa rústica, ao lado da capela em ruínas de São Salvador. É o último vestígio de vegetação que encontramos, daqui até o Vesúvio, para onde iríamos logo que passasse o grande calor. Nos ofereceram, e aos outros viajantes que aí se encontravam, cavalos e novos guias. Aluguei um cavalo para minha filha e apesar da advertência dos guias, que me falaram sobre as dificuldades do caminho que seria preciso seguir do Eremitério à base do cone, onde começa a ascensão, eu quis ter o prazer de fazer o trajeto a pé.

Caminhamos todos, precedidos dos nossos guias, por entre os entulhos de lavas que estendiam-se em todas as direções, desde o Observatório Meteorológico, a dois passos do eremitério, até a base do monte onde fica a atual cratera.

Uma imensa planície de lavas, amontoadas aqui e ali de acordo com a direção que tomaram as diferentes erupções do vulcão, mostrou-se aos meus olhos por todos os lados. Nenhum talo de verde, nenhum filete d'água ou traço da indústria do homem, nada prenuncia a riqueza de vida e vegetação que fica a poucos quilômetros dali.

---

[1] *Lacryma Christi* , famoso vinho produzido nas encostas do Vesúvio. Mme. de Staël, em *Corinne* (op.cit.p. 303): "Aos pés do Vesúvio, a terra é a mais fértil e melhor cultivada que encontramos no reino de Nápoles, região da Europa que foi mais favorecida pelo céu. O vinhedo famoso cujo vinho chama-se Lacryma Christi espalha-se neste lugar, bem ao lado das terras devastadas pela lava."(tradução minha)

Sempre caminhando, voltava meu olhar para o conjunto de vestígios de devastação e morte, quando um dos guias nos mostrou à nossa esquerda o lugar da antiga cratera que engoliu Pompéia, Herculanum e Stabies. O triste fim de Plínio, o naturalista, vítima do seu amor à ciência, veio ao meu espírito, assim como a digna conduta filial de Plínio, o jovem, que não quis deixar sua mãe que implorava que a deixasse exposta ao terrível perigo e escapasse. Abnegação de uma mãe que todas as mães compreendem, porque para uma mãe, expor a vida para salvar a do filho é muito natural. Acredito que toda mãe é capaz, ou deveria sê-lo, de enfrentar todos os perigos por amor ao ente querido, que ela alimentou no seu seio.

Existem outras provas, senão mais violentas, ao menos mais difíceis de enfrentar, do que a morte num momento supremo como o que estava a mãe do jovem Plínio. Provas às quais algumas mães saíram-se heroicamente. É uma afirmação de força enfrentar e dominar a voz de uma longa juventude, solitária, assediada por poderosas seduções, e quando se tem na alma um vulcão de amor, para viver apenas para os filhos. Aí está, parece-me, a síntese dos maiores esforços da mulher e de toda a ternura de mãe.

Porém, aproximo-me do Vesúvio, pedindo á brisa refrescante que me acaricie, no meio da desesperadora aridez, com o eco das queridas vozes que talvez nesta hora chamem ternamente meu nome, no meio dos esplendores naturais de nossa terra natal.

Minha filha, que desejava caminhar um pouco por entre a lava, ofereceu-me várias vezes o seu cavalo. O venerável cônego francês, que visitara Pompéia conosco, e que também estava nesta excursão, ofereceu-me o seu cavalo, que recusei, pois sentia prazer em suplantar as dificuldades da caminhada. Ao chegar à base do pico toda a caravana deteve-se, e *portantines*, um tipo de cadeira carregada por homens treinados para fazer a subida, foram oferecidas às mulheres. Aluguei uma e acomodei minha filha, apesar do seu desejo de escalar o precipício andando, quis evitar-lhe um grande cansaço, ao qual seu organismo muito delicado provavelmente não conseguiria resistir.

Quanto a mim, recusei a *portantine* e a ajuda dos homens habituados a carregar os viajantes por uma correia, que eles prendem na cintura, fazendo-os subir atrás deles de uma maneira muito grotesca.

Deixando passar adiante todas as pessoas, umas em *portantine*, outras carregadas da maneira que falei, acompanhei andando sobre a lava, sozinha e da melhor maneira que podia, a *portantine* de minha filha, que a cada passo mandava parar os seus carregadores para estar sempre à minha vista.

A dificuldade aumentava a cada passo, as lavas ameaçavam soltar-se e quebrar-me os pés, já machucados, apesar dos sapatos especiais que usava para a ascensão. Todas as vezes em que parava para repousar voltava-me para o horizonte, que aumentava à medida que eu escalava, minha alma elevava-se diante da perspectiva que sempre mudava, e toda a preocupação quanto ao perigo desaparecia. Esquecia até mesmo meu cansaço, contemplando os grandes quadros que descortinavam-se aos meus olhos, pouco a pouco, com todas as imagens sombrias e brilhantes da antiga civilização que outrora reinou nessa região. E entre essas imagens reapareceu a esperança radiosa de uma nova época, que marcará a regeneração dos povos sufocados sob o peso dos seus grilhões, no meio de uma natureza tão vigorosa! Graças à força de uma viva imaginação e ao meu sincero entusiasmo por tudo que é grande, ou merece vir a sê-lo, completei a ascensão do Vesúvio tão lépida como se escalasse o pico verdejante das minhas colinas natais, em dias que já se vão bem distantes.

Ao chegar enfim ao pico isolado e enfumaçado do árido rochedo, formado por grossas lavas de cinzas calcinadas e restos de rochas, dois espetáculos diversamente grandiosos, um de beleza sorridente e outro de ameaçadora beleza, atingiram meus olhos e exaltaram meu espírito, até então encantado, sem ficar maravilhado, com a magnificência que vira na Europa.

Logo que botei os pés na grande plataforma rochosa, que aqui e ali deixava escapar fumaça por suas numerosas rachaduras, cujo odor revela a imensa goela vulcânica sobre a qual nos encontrávamos, abracei com o olhar e com a alma emocionada o vasto horizonte, os últimos raios de sol, o golfo azulado, brilhante, onde deitam-se preguiçosamente suas três

filhas rivais em lembranças históricas e em belezas: Capri, Procida e Ischia. As cidades ficam lá em baixo, brancas e belas como a coroa de uma noiva; as montanhas, as colinas, cheias de verde e de construções. Eu tinha aos meus olhos os mais magníficos pontos de vista de Nápoles e de seus arredores.

Porém o que mais me impressionou profundamente foi a imponente perspectiva de um belo horror, que mostram as duas grandes bocas da cratera atual, vomitando chamas que elevam-se a uma prodigiosa altura, e que são seguidas por terríveis detonações, acompanhadas de pequenos pedaços de lavas, de pedras pequenas e grandes. Não tentarei descrever tudo o que senti diante dos dois grandes espetáculos, que subjugaram fortemente o meu espírito. Minha palavra é estéril para demonstrar minha emoção em toda a sua intensidade.

No primeiro momento de minha admiração, ao chegar ao ponto culminante, voltei-me para minha filha, que fora convidada pelo venerável cônego a ficar de joelhos para dar graças a Deus, por nos ter ajudado a cumprir a perigosa escalada sem acidentes, e pensei que estávamos sobre um perigo muito maior. Minha prece ficou guardada no coração e traduzia-se em minha admiração religiosa por tantas obras grandiosas e surpreendentes do Criador, que mostravam-se aos meus olhos. A verdadeira prece não consiste numa fórmula exterior, nem numa reunião de palavras que só os lábios pronunciam, quase sempre maquinalmente. Só Deus, que sabe de tudo o que acontece no coração de suas criaturas, conhece a minha prece feita do alto do Vesúvio, e que estendeu-se além dos mares e dos céus.

Logo que demos os primeiros passos sobre o abismo vulcânico uma nuvem de fumaça nos envolveu. O bom cônego achou prudente parar a alguma distância da cratera, para ver de longe as chamas que ela jogava, e nos aconselhou a fazer o mesmo. Porém, nossa ardente curiosidade aumentara diante do fenômeno e após as dificuldades que acabáramos de suplantar. Minha filha e eu nos aproximamos então da primeira e da segunda boca da cratera, até não conseguir suportar mais o calor de suas chamas, que subiam alguns metros acima da plataforma rachada de fissuras, mais ou menos fumegante, sobre a qual caminhávamos! Que espetáculo assustador! as duas enormes labaredas que saíam com um

sinistro barulho, da grande, da assustadora fornalha subterrânea, que prolonga-se abaixo do solo escuro, fumegante, da espuma calcinada que espalhávamos ao caminhar! Chateaubriand tinha razão de gritar, ao olhar daqui as maravilhas de Nápoles e dos seus arredores: "É o paraíso visto do inferno!"[1] O formato da cratera era então diferente do de hoje, porque a cada erupção ela muda, e as erupções infelizmente são muito freqüentes. Por isso, de todas as descrições do formato da cratera do Vesúvio que li, nenhuma me deu a idéia dessa que aí está agora. Da mesma forma, os atuais visitantes do Vesúvio não encontram o local por onde podia-se descer, até uma certa distância, para melhor observar o abismo enfumaçado que abria-se abaixo do observador imprudente, algumas vezes vítima de sua própria curiosidade. Entre eles o infeliz J. Delius, de Brême, que em 11 de maio de 1854 quis aproximar-se muito do precipício, perdeu o equilíbrio e rolou no abismo. Hoje, ao invés das paredes interiores do abismo, vê-se duas enormes fogueiras ardentes, sobre as quais falei acima.

Enquanto olhávamos, os guias imprimiram, sobre pedaços de resíduos vomitados pelo vulcão, as pequenas peças que haviam nos pedido, e neste instante uma avalanche de resíduos caiu perto de nós, de uma senhora inglesa e de dois senhores, as únicas pessoas que nos haviam acompanhado tão perto da cratera, onde dois pequenos pedaços de granizo bateram em nossos chapéus.

Uma detonação parecida com uma descarga da grossa artilharia retumbou, mais forte do que as outras, aos nossos ouvidos. Pareceu-me então que eu ouvia a voz do meu querido filho, a da minha irmã e de meus irmãos, pedindo que me afastasse deste lugar funesto, onde escutávamos impassíveis o rugido tenebroso, prenúncio de cólera do terrível vulcão, que em um piscar de olhos poderia nos engolir.

A imagem dos entes queridos causou ao meu espírito uma influência magnética, e afastei-me da cratera com minha filha, para o outro lado da plataforma, do alto da qual olhamos mais uma vez para Nápoles e seu golfo, inundado por tintas púrpuras, com mil

---

[1] Chateaubriand, janeiro de 1804, em ("Voyages en Italie", *Oeuvres Complétes*, TomoVII, citado em *Italies*, op.cit.p.98): "descubro de repente, através do nevoeiro, Portici, Capri, Ischia, Pausilippe, o mar pontilhado de velas brancas de pescadores, e a costa do golfo de Nápoles, rodeada de laranjeiras: é o paraíso visto do inferno!" (tradução minha)

nuanças mágicas. Ficamos alguns instantes contemplando o imenso horizonte, fracamente iluminado, que começava a sumir aos nossos olhos. E meu espírito, vendo além das nuvens, perguntava-se: "Onde ela está?" "Onde estão meus mortos queridos?" E esses quatro versos tocantes de Eugene Nus[1] vieram ao meu espírito:

Ó morts aimés, que cette terre

A vus passer, mélés à nous,

Révelez-nous le grand mystére:

Ó morts aimés, où vivez-vous?[2]

A voz do guia arrancou-me do devaneio, escrevi numa enorme lava os nomes dos meus entes queridos, e seguimos as outras pessoas para o lado onde ficavam as cinzas, por onde se desce com mais facilidade do pico do Vesúvio. Para a subida é sempre melhor a lava, pela resistência que ela mostra. Já era noite quando chegamos ao fim da curiosa descida sobre as cinzas. Uma família inglesa insistiu, com uma amabilidade pouco comum entre este povo, que degustássemos o *Lacryma Christi*, que ela mandara trazer para este lugar. Um francês que estava perto ficou muito surpreso com essa gentileza britânica, e com espírito próprio à graciosa nação, não deixou de encontrar uma palavra espirituosa para explicar a gentileza, mesmo depois das emoções de um passeio tão cansativo. Quanto a mim, que tenho da nação inglesa uma opinião bem diferente, principalmente de suas mulheres, agradeci, sem mostrar surpresa, à inglesa que admirara ao nosso lado as duas crateras do vulcão.

Os cavalos nos esperavam, aluguei um para mim também, reencontramos nosso carro no Eremitério, e chegamos perto de onze horas no nosso hotel, levando de nossa escalada a mais forte impressão que senti na Europa.

---

[1] Eugene Nus, (1816-1876), jornalista, autor dramático francês.

[2] Ó mortos amados, que esta terra - viu passar, a nós unidos - revelem-nos o grande mistério: - Ó mortos amados onde viveis ?

A aurora do dia 12 de maio surgiu radiosa sob o poético céu de Nápoles, e sobre minha alma pesava um sufocante melancolia. Fugindo da alegria do povo barulhento parti com minha filha para Cava, onde desta vez aproveitamos melhor a doce solidão dos seus recantos pitorescos. Meus primeiros dias em Nápoles haviam sido ocupados por vivas e diferentes emoções. A visão do seu golfo fez-me sentir sinais de nostalgia que mal conseguia dominar! A calma e os passeios de Cava curaram meu espírito da agitação que essa visão causava.

Para satisfazer meu desejo pensamos em fazer uma nova excursão, com todos os encantos da antigüidade, ao monte Paestum. Estas ruínas, que dizem ser as colunas de Hércules do viajante na Itália[1], merecem verdadeiramente a admiração que despertam.

Eretos e severos como sentinelas de tempos passados, os templos de Netuno, de Ceres e um outro chamado de Basílica, únicos restos de tanta grandeza de arte que permanecem de pé nesses sítios solitários, há mais de 20 séculos, parecem ordenar aos que deles se aproximam veneração e recolhimento. O aspecto da praia deserta, onde erguem-se solenes as majestosas ruínas dos três templos, oferecendo na sua arquitetura, principalmente o de Netuno, o mais belo conjunto do gênio grego na Itália, estão em perfeita harmonia com os melancólicos pensamentos que apoderam-se do viajante meditativo quando chega diante deles![2] Quantas coisas eloqüentes vos falam a colunata dórica, os pórticos solitários e desgastados por milhares de gerações que eles viram passar!

Restos de belas moradias particulares, de bosques floridos, de todos os encantos onde arrastava-se em indolente ociosidade a vida efeminada dos sibaritas! Esses colonos, ao estabelecerem-se aqui, aumentaram a antiga cidade fenícia ou etrusca que encontraram e a

---

[1] Nísia está citando o guia de Du Pays que tem um longo texto sobre Paestum (op. cit. p.628): "Estas ruínas são as colunas de Hércules dos viajantes na Itália. São consideradas o mais belo exemplo do gênio grego em arquitetura..."

[2] O texto de Du Pays continua a guiar a visita a Paestum e inspirar o texto de Nísia (op. cit.p.628):

"os grandes templos de Paestum, únicos restos que permanecem de pé nesta planície solitária, depois de mais de 200 anos. Sob seus pórticos podemos evocar, com melancólico recolhimento, as gerações passadas..."

dominaram, até que ela caiu em poder dos romanos. Nada revela agora a atração de um solo, que mesmo tendo desde os tempos de Strabon a reputação de ser insalubre, foi disputado com ardor por tantos povos diferentes do Sul e do Norte!

Uma vegetação palustre substitui hoje as renomadas roseiras da Paestum de outrora. Devastada pelos sarracenos. Como conta a história, esta cidade foi também destruída por Roberto Guiscard, que carregou seus mais belos ornamentos artísticos para decorar o grande domo da capital dos Estados, Salerno, cidade conhecida em seu tempo como *Civitas Hippocratia* pela fama de sua escola de medicina.

A *aria cattiva* que reina em Paestum, principalmente durante os meses do verão, e a falta de alojamentos, faz com que nos detenhamos apenas o tempo indispensável para visitar suas ruínas. Porém, meu invencível horror pelas serpentes, que dizem abundar nesses lugares, afastou-me, bem mais do que o perigo do ar maligno causado por suas águas paradas e suas planícies pantanosas.

Como estávamos em Cava foi bem fácil seguir até Paestum e voltar no mesmo dia; de Salerno, um carro puxado por três bons cavalos nos conduziu até Paestum, em cerca de três horas. Até Battipaglia seguimos a grande estrada da Calábria, a principio entre o mar e as colinas, depois através de campos desertos que não são, assim como todas as outras partes da estrada, sem interesse para aqueles que amam alimentar o espírito com lembranças de um grande passado.

Onde encontramos na Itália um pedaço de terra inculto ou cultivado que não seja marcado por um fato histórico, glorioso ou tenebroso, pela passagem de um homem de gênio, um herói, um conquistador, que deixaram por toda parte marcas de sua grandeza, de sua ambição criadora ou de seu espírito devastador!? Onde o viajante não encontra um lugar que lhe fale eloqüentemente dos nobres esforços dos oprimidos para reconquistar a liberdade perdida!?

A Itália é um imenso livro vivo, no qual cada página resume a história inteira da humanidade, que elevou-se até a mais alta grandeza e rebaixou-se até a exacerbação de todos os infortúnios!

No caminho de Cava a Paestum, como acontece em todos os lugares dessa deliciosa península, a imaginação do viajante representa vivamente a antiga e insaciável atividade do espírito humano de produzir, por suas obras gigantesca nos mais diferentes gêneros, tudo o que pode engrandecer, ilustrar, a existência do homem, e contribuir para sua fama na posteridade.

Antes de chegar em Paestum passamos no lugar onde outrora floresceu a capital dos Picentinos; depois, entre a Silarius dos antigos e Paestum eu quis visitar o sítio onde Crassus derrotou o exército do bravo Spartacus. E sempre admirando as belas ruínas que nos atraíram para essas plagas notáveis, pensei neste nobre rebelde que tentou quebrar os vergonhosos grilhões da escravidão que pesavam sobre uma parte dos conquistadores do mundo. E o sol que iluminava os velhos templos de Paestum ainda ilumina em nossos dias tantos milhares de infelizes escravos espalhados na terra!.... Porém, deixemos essas ruínas, restos eloqüentes de uma civilização desaparecida, talvez destinada a renascer com um brilho mais digno dos tempos modernos; deixemos igualmente Salerno com todas as suas belas e tristes lembranças da antigüidade, como a lembrança de Robert Guiscard e de Giovanni de Prócida, o famoso conspirador das *Vêpres Sicilianas*[1]; Salerno cuja magnífica catedral guarda, entre outros túmulos interessantes, o de Gregório VIII, morto nesta cidade quando fugia; deixemos, eu dizia, todas as belezas de arte e natureza que guarda essa parte do sudeste e digamos alguma coisa sobre a outra margem do golfo, a oeste[2].

---

[1] Vêpres sicilianas - massacre dos franceses na Sicília no dia de Páscoa, em 1282, durante o governo de Carlos d'Anjou. Ao primeiro toque do angelus os sicilianos, instigados pelo médico italiano Giovanni de Prócida, revoltaram-se e mataram todos os franceses que estavam em Palermo. Casimir Delavigne(1793-1843) escreveu uma tragédia sobre o massacre - *Les Vêpres Siciliennes*, 1819.

[2] A região oeste do golfo de Nápoles tinha particular importância para os viajantes letrados do século XIX. Chamada pelos antigos de *Campi Flegrei*, ou campos ardentes, em razão de sua geologia vulcânica que originou fontes termais, fontes de gazes vaporosos e sulfúricos, lagos que surgiram em antigas crateras, ela estende-se ao longo do golfo de Pozzuoli, do cabo de Posilippo ao cabo Miseno. Entre estes pontos situam-se quatro centros de interesse histórico-literário: Cumas, centro da cultura grega na Itália; o grande porto de Pozzuoli, que Cícero chamava de *Roma pequena*; o cabo de Miseno que segundo a lenda teria tomado o nome de Miseno, companheiro de Enéias soterrado nas rochas por Tritão; e Baia, suntuosa estação termal do antigos romanos famosa por suas fontes térmicas e vaporosas. A paisagem desta região teria inspirado Homero e Virgílio que aí situaram o mito do oráculo(a Sibila da Cuma), e reino do Inferno. Mme. De Staël descreveu essa região como " o lugar do universo onde os vulcões, a história e a poesia deixaram mais vestígios". O cabo

Voltando para Nápoles por Pompéia, onde paramos para visitar as novas escavações, começamos nossa excursão a oeste pelo túmulo de Virgílio, que dizem ficar por baixo da entrada da gruta de Posilipo. Apesar das dúvidas sobre a autenticidade do túmulo, minha filha e eu nos aproximamos com emoção do lugar onde Virgílio quis ser enterrado, e onde tantas pessoas ilustres vieram, uma após outra, render homenagens a um dos maiores gênios da antigüidade. Petrarca plantou um louro neste lugar, e dele não encontramos mais nenhum vestígio; um outro louro o substituiu, plantado por Casimir Delavigne. O guia nos indicou um galho ressecado como se fora o resto da árvore, porém, parece que o galho que mostram atualmente aos estrangeiros foi colocado por outras mãos, que não as do poeta francês. De qualquer modo o espírito da dúvida nunca arrancará dessa ruína sua *religião* e sua *glória*,[1]

---

de Miseno foi escolhido por Corinne para um dos seus improvisos (op.cit. p349): " Aqui vos cerca a terra da Eneida e as ficções consagradas pelo gênio tornaram-se lembranças cujos vestígios ainda procuramos."

Os viajantes percorriam esta região com o Virgílio na mão: "Em Nápoles, observou Corbin, (op.cit.58/59), impõem-se ao viajante a figura de Virgílio compondo a Eneida; o Livro Um e o Livro Seis do poema comandam o itinerário e o modo de apreciação da paisagem. A imagem do porto tírio que se diz ser inspirado por por Pozzuoli, a gruta da Sibila e os Campos Elísios visitados pelo herói troiano, o cabo Miseno enobrecido pela morte do piloto Palinuro, o trajeto costeiro de Enéias a caminho do Lácio, acompanham o viajante".

Assim o fez o poeta brasileiro Porto Alegre, em 1834, que procurou seguir "passo a passo, com o sexto canto da Eneida, os lugares que inspiraram a Homero e Virgílio esses cantos que inda hoje se veneram, e se admiram." O relato da viagem de Porto Alegre, foi publicado na Revista *Niterói*, tomo I, 1836, com o título de "Contornos de Nápoles- Fragmentos das notas de viagem de um artista", um dos poucos relatos de viagem à Itália, dos românticos brasileiros, e que se atém apenas à Nápoles e seus arredores, em especial à região oeste. O texto se encerra com o poema A Voz da Natureza, um longo improviso feito pelo poeta do alto das ruínas de Cumas.

Em *Graziela* (1849, op. cit.46), de Lamartine, o jovem francês também percorre a região com o seu Virgílio: " Quando o sol declinando no túmulo do ama de Enéias, deixava uma parte do golfo de Nápoles na penumbra da montanha Posilipo, separavam-se os três amigos. (...) Agostinho com um Virgílio na mão, percorria os lugares cantados pelo imortal poeta - o lago Averno, a gruta da Sybilla, o Achemonte, o Styx e os Elyseos.

Leitora da Eneida, desde os tempos de estudante em Olinda, é na companhia de Virgílio que Nísia passeia nesta região.

[1] Nísia está dialogando com o seu guia, Du Pays comentou (op. cit. p.633): "O espírito da dúvida e as discussões tiraram desta ruína sua religião e sua glória. (grifo meu)

aos olhos daqueles que preferem guardar veneração por um local que recebeu, durante muitos séculos, o sagrado respeito de uma multidão de grandes gênios[1], do que seguir a nova opinião que retira o prestígio deste lugar, sem tomar como base evidências verdadeiras.

Os restos do túmulo de Virgílio, ou de um *columbarium*, a presença dessas ruínas, muito pitorescas, despertam no espírito do visitante a lembrança do grande poeta e dos seus dias nessa praia, perto do monte Posilipo, onde foi enterrado de acordo com o seu desejo. Aí ele possuía uma vila, onde dizem que escreveu as *Eclógas* e as *Geórgicas*. Cícero, Marius, Pompeu, César, Auguste, Plinio, Nero, Tibério, Jugurta e muitos outros, deixaram vestígios que representam-se vivamente na imaginação do viajante que percorre estas margens: nem os séculos nem a revolução dos elementos podem apagar a lembrança das grandes cenas emocionantes, dos monstruosos acontecimentos. Nessa região de Nápoles, outrora tão fértil, com tudo o que a natureza e o espírito humano conseguem criar, os edifícios numerosos e magníficos foram completamente destruídos, seus restos estão cobertos pelas ervas, ou foram engolidos pelo mar e pelas erupções de vulcões hoje adormecidos, porém a lembrança ficará para sempre.

Ao final do cais de la Chiaia, passeio favorito da sociedade de Nápoles, que tem à esquerda o delicioso jardim Real, na margem do golfo, e à direita belos hotéis na rua que acompanha o passeio, ficam duas estradas: uma moderna, seguindo a margem do golfo,

---

[1] O túmulo de Virgílio, como o túmulo de Tasso, em Roma, e sua prisão, em Ferrara, era um lugar de peregrinação literária. Visitava-se o túmulo e o louro que teria sido plantado por Petrarca para homenagear o poeta. Segundo Du Pays(op.cit.p.633), o louro de Petrarca já não existia desde o começo do século, porém um outro fora plantado por Casimir Delavigne.

Chateaubriand também visitou o túmulo e levou folhas do louro de lembrança(em *Lettre a M. de Fontanes*, op. cit.p.3):

" Cheguei de Nápoles, caro amigo, e vos trouxe um fruto de minha viagem ao qual tens direito: algumas folhas do louro do túmulo de Virgílio." (tradução minha)

Saint Beuve ironizou a tradição da visita ao túmulo, e ao louro, em *Poésies de Joseph Delorme*,1829 (cit. par M. Gautier, em *Lettre a M. de Fontanes*, op. cit.notes p.32):

Que me importam as lembranças antigas

E, que me importa o túmulo de Virgílio

E o eterno louro no qual não acredito!

através de belas vilas recentemente construídas; a outra que conduz à gruta de Posilipo e por onde passamos saindo de Nápoles para fazer nossa primeira excursão na outra margem.

A gruta de Posilipo é um grande túnel cavado na rocha e iluminado por lampiões. Ela data do tempo dos romanos e dizem que facilitava a comunicação entre Nápoles e Pozzuoli, cidade então rica e comerciante cujo porto era um dos mais belos da Itália. Por ter apoiado o partido de Brutus, após o assassinato de César, esta cidade muito sofreu. Depois ela foi embelezada por Vespasiano, Trajano e Antonino. O apóstolo São Paulo aí deixou sua lembrança. Os grandes senhores de Roma freqüentavam os banhos de Pozzuoli. O corpo de Adriano, que morreu em Baias, ficou algum tempo na casa de Cícero, à beira-mar, mas não existe nenhum vestígio desta casa. As guerras dos bárbaros, dos sarracenos, dos turcos e outros, assim como as erupções do Solfatara, despojaram Pozzuoli de suas riquezas artísticas. Ela hoje é apenas um pequeno povoado e não oferece outro interesse do que algumas ruínas que ainda existem. Sua catedral foi construída no lugar de um templo dedicado a Augusto e conserva algumas colunas antigas.

As ruínas do templo de Serápis, ou Thermes, a mais bela curiosidade de Pozzuoli, nos fazem entender a grandeza e magnificência das obras dessa época. Ainda existem 3 belas colunas e os restos de muitas outras que circundavam o templo. Mostraram-nos o lugar onde os sacerdotes lavavam as mãos após o sacrifício, assim como as fontes minerais frias e quentes que serviam para os doentes, e que ainda existem.

Bem perto dali descemos para visitar as famosas ruínas do imenso anfiteatro, uma parte delas ainda está de pé, comprovando a força e a glória da nação dominadora. Destruído por tremores de terra, e invadido por rica vegetação, este anfiteatro não perdeu totalmente sua antiga forma. Entre os espetáculos, representados pela imaginação nesta arena, dois vieram ao meu espírito e fizeram-me refletir sobre as contradições das paixões humanas, que existem em todos os tempos, e em todas as nações. Os dois espetáculos foram: os célebres jogos em honra de Augusto, que ele assistiu neste anfiteatro; e o suplício que aí sofreu o mártir San Gennaro. Uma considerável multidão ficou alegre com o ataque de animais

ferozes contra um humilde servidor do senhor, no mesmo lugar em que aplaudira os triunfos de um déspota coroado.

Dizem que um grande edifício subterrâneo, ou labirinto de Dédalo, servia de reservatório para a água das naumaquias[1], realizadas neste anfiteatro.

Perto dali visitamos as estufas chamadas *di san Germano*, e em uma das margens do lago Agnano, a célebre Gruta do Cão que exala um ar nocivo, e que respirado até uma pequena altura é mortal. Um pobre cachorro, condenado por um miserável explorador a dar-lhe um ganho diário, é jogado por alguns instantes diante do visitante para uma simulação de morte, cena que renova-se sempre que um novo viajante deseja ter, por 2 carlins (moeda napolitana), o bárbaro prazer de ver um cachorro debater-se por alguns instantes contra as tormentas de uma assustadora convulsão, sem encontrar o fim de sua infeliz existência. O gás ácido carbônico, que enche a gruta, ao elevar-se a uma pequena distância do solo faz os animais perecerem ou caírem em convulsões, enquanto que para o homem não há perigo.

Plínio já falava deste fenômeno, e sobre as bárbaras experiências feitas com infelizes escravos. Muitos deles, forçados a abaixar-se no solo, morriam.

Hoje, que a teoria do gás é conhecida, e que a química fez tantos progressos, o que existe de verdade, como disse um escritor contemporâneo, é a curiosidade ignorante e cruel que interessa-se pelo suplício repetido de um pobre cachorro[2]. É uma triste verdade que os

---

[1] Naumaquia - Entre os antigos romanos: representação de um combate naval, num tanque, em circo ou arena. Também designa esse tanque.

[2] O "escritor contemporâneo", é mais uma vez Du Pays (op.cit. p.634): "Hoje que todo mundo sabe que o gás ácido carbônico é impróprio para a vida (....) só uma curiosidade tola e cruel tem interesse no suplício repetido do cachorro que é jogado à força na gruta para que o vejam cair em convulsões...."

Porto Alegre também fez reflexões sobre as barbaridades praticadas na gruta do Cão (op.cit.p.169): "Mísero animal, vítima sem defesa, exposto à ociosidade de um sybarita, que vive do seu tormento, e à curiosidade de outros, como nós, que contemplamos a dor de um ente, que tem os mesmo direitos de liberdade sobre a terra, só para contentar a vaidade de dizer: eu vi. O mundo é uma cena de destruição contínua. M. Magendie tortura mil animais no amphitheatro do Colégio de França, e entre dores e angústias eleva a sua glória, e aperfeiçoa a fisiologia; mas seu fim é o da conservação do homem, que mais egoísta, e mais forte, sacrifica os outros animais para o seu bem: agradecemos ao senhor de nos ter dado maior inteligência."

Domingos de Magalhães inventou uma de suas várias palavras, para os poemas de *Suspiros Poéticos e Saudades*, a partir da gruta do cão (poema "A Velhice"):

Como o vapor da cânica caverna

bárbaros dos tempos antigos deixaram no espírito do homem: mesmo quando revoltados com as cruéis práticas dos seus ancestrais, eles conservam alguma coisa dos seus desejos ferozes, que a tão alardeada civilização dos nossos dias não conseguiu apagar.

Seria uma felicidade se este instinto que o homem herdou só fizesse vítimas entre os seres privados de razão.

Depois de visitar a capela onde fica a pedra em que San Gennaro foi decapitado, subimos a Solfatara[1], a cratera do vulcão semi-adormecido. É uma superfície esbranquiçada, árida e rachada, que ressoa quando jogamos uma pedra com força. O guia nos fez escutar este fenômeno, antes de nos conduzir a uma das extremidades da pequena valeta onde fica a boca do vulcão, por onde escapam fumaça e um vapor fervente. Matérias vulcânicas escapam do vapor e espalham-se nos arredores da cratera. Uma fábrica de enxofre é a única indústria que vemos perto deste devastador do século doze, agora em repouso.

A aridez e o silêncio reinam por toda parte, e mil contos fantásticos lembram ao viajante o inferno localizado pelo poeta nestes lugares. Se as excursões do outro lado de Nápoles interessam vivamente pela riqueza do solo, os fenômenos vulcânicos, a admirável Pompéia e tantas outras belezas naturais e artísticas, as excursões deste lado oferecem, além de suas ruínas, fenômenos geológicos, e lembranças históricas, o poderoso encanto da poesia que o gênio de Virgílio, depois do gênio de Homero, espalhou. A imaginação segue o piedoso Enéias nas margens do Estige e do Aqueronte; o Averno comunicando-se com o Cocito, com o Lucrino, lago situado entre o *Monte Nuovo*, o mar e o lago Averno, que ocupa o fundo de uma antiga cratera. De lá o espírito imagina ver o filho de Anquise ganhar os Campos Elísios, entre o mar morto de Miseno e o lago Fusaro, olhar o Tártaro e contemplar as almas há tantos séculos errantes nas margens do Letes[2].

Nas margens do sombrio Agnano lago.(Grifo meu).

[1] Ao visitar Solfatara Porto Alegre (op. cit.177) lembrou do Brasil: "A solfatara é a verdadeira imagem de uma nação que luta em guerras intestinas; é a imagem da nossa pátria, que fumega sangue nas duas extremidades, e ameaça no centro uma erupção terrível, que talvez a desmembre para sempre! Deus nos proteja!"

[2] Passagem da Eneida (Tradução de Tassilo Spalding. São Paulo: Cultrix,1996.p 118, Livro sexto): "Daqui começa o caminho que conduz às ondas do Aqueronte do Tártaro: é um golfo que borbulha, vasto abismo de

Todas as admiráveis ficções logo cederam lugar no meu espírito à triste realidade. Lembrei dos tiranos famosos que deixaram traços inesquecíveis dos seus crimes nestes lugares. Aqui, os vestígios da vila do libertino Pollion, que mandava jogar escravos vivos nos seus viveiros para alimentar suas moréias; ali as prisões de Nero, com pequenos quartos subterrâneos, úmidos, assustadores, onde mal entrei, precedida das tochas que os guias levavam, recuei horrorizada, tanto me impressionara a lembrança do monstro parricida.

Perto de Bauli, sobre um monte, ficava outrora a vila de Augusto, herdeiro do mais célebre déspota destes tempos, e que passou à posteridade revestido com o título do maior dos heróis! Foi ali que viveu a triste e abandonada Otávia depois da morte do esposo, que a amou de início, e que tanto a fez sofrer depois de envolver-se com Cleópatra. Ali ela chorou a perda prematura do seu filho Marcellus, quando Virgílio veio ler-lhe a célebre passagem da *Eneida*, onde o grande poeta fez o elogio do infeliz jovem[1]. Mais tarde, uma outra mãe, cujo coração não parecia nada com o da irmã de Augusto, veio expiar de uma maneira atroz, nestes mesmos lugares, os crimes que cometera para levar o filho ao trono.

Se diante das ruínas que chamam de túmulo de Agripina, meu coração não sentiu a emoção que sentira em Colônia diante do túmulo da pobre rainha de França, exilada e perseguida por seu próprio filho, meu espírito revoltou-se com a lembrança do monstro, que levou suas atrocidades ao cúmulo de mandar assassinar a própria mãe.

A culposa conduta de um dos mais imbecis reis da França, submisso às astuciosas intrigas de um grande estadista, empalidece diante da conduta do homem que bebeu o sangue de toda a sua família, e da humanidade.

---

lodo que referve e vomita todo seu limo no Cocito(...) Toda uma multidão ali espalhada corria para as margens...."

[1] Informação de Du Pays (op. cit.p.639): " a villa de César, que passou à Augusto e tornou-se residência de Otávio; foi ali que Virgílio leu para a irmã de Augusto a passagem célebre da Eneida com o elogio ao seu filho."

Na Eneida (op. cit.p.130): "Assim falou o pai Anquise; e ajuntou estas palavras para seus ouvintes maravilhados: "olha como Marcelo avança (....) e como esse vencedor ultrapassa a todos os heróis! É ele que, na perturbação de um grande tumulto manterá o poder romano."

A assustadora lembrança desse parricida, cuja história foi tão bem imortalizada por Tácito, mostra-se mais viva ao espírito do viajante que percorre as margens outrora tão povoadas e barulhentas, hoje desertas e silenciosas, oferecendo na sua deplorável transformação, causada pelos perturbações da natureza, a marca da maldição cravada nesse lugar por um crime tão monstruoso.

Entre os vestígios das numerosas vilas que desapareceram destas paragens, chamadas por Horácio de as mais deliciosas do universo, porque ele vivia em um tempo em que a América não era conhecida da Europa, nos mostraram os da vila de Lucullus, onde morreu o outro monstro chamado Tibério.

Baia, lugar de delícias no tempo do império romano, que Sêneca chamava de refúgio de todos os vícios, está hoje, como toda esta praia, transformada em um deserto árido e insalubre. Apenas uma colina, uma rocha, um ponto de terra, liso ou coberto de ervas, mostram aqui e ali vestígios das ruínas que não foram totalmente engolidas pelas ondas, ou pelo furor dos vulcões.

Os templos de Venus *Genitrix*, de Mercúrio, e Diana *Lucifer*, (que escritores modernos acreditam serem restos de casas de banho que existiam nesta e região e em todas as dominações romanas), ainda estão quase inteiros.

Sob a abóbada semi-destruída de um destes templos, pastores bem estranhos nos ofereceram o grotesco espetáculo de uma dança chamada *Tarantella*[1] que é acompanhada por timbales.

Ao lado dos escombros, que ainda são chamado de Banhos de Nero, ficam imensas grutas e estufas fumegantes usadas pelos napolitanos para a cura das dores reumáticas.

Casimir Delavigne, falando destas termas disse:

"Ces temples du plaisir par la mort habités

---

[1] Nísia fala com exagerado rigor sobre a dança típica dos napolitanos, graciosamente descrita por Lamartine, em Graziella (cit.p. 50): "a jovem, solicitada por nós, levantava-se modestamente para dançar a tarantela aos sons do pandeiro do irmão, e empolgada pelo movimento turbilhonante dessa dança nacional, rodopiava, os braços graciosamente erguidos imitando com os dedos o som de castanholas e precipitando os passos de seus pés nus como gotas de chuva sobre o terraço....."

Ces portiques, ces bains prolongés sous les ondes,

Ont vu Néron, caché dans leurs voutes profondes,

Comdamner Agrippine au sein des voluptés."[1]

A ruína melhor conservada dessa região, e a que mais me impressionou, é a construção conhecida como *Piscina Mirabile*, antigo reservatório que fornecia água à frota romana acampada em Miseno. É um grande e belo monumento com quatro fileiras de arcos, sustentados por 48 pilastras. Os estalactites que aí se formaram aumentaram a resistência. Os viajantes não deixam de carregar um pequeno pedaço como lembrança da magnífica obra, cuja construção data de grande antigüidade.

Na ponta norte do porto de Miseno a lembrança de uma grande mulher veio acariciar meu espírito como uma brisa perfumada, e distrai-lo dos sombrios pensamentos que essa região inspirava. Foi a lembrança da virtuosa e enérgica Cornélia: o guia nos indicou o lugar da villa onde ela refugiou-se. Ali representei-me a nobre mãe, maior ainda em sua infelicidade porque estava coroada com a memória gloriosa que deixaram seus dignos filhos, e a infelicidade quando resulta de um grande heroísmo, ao invés de abater, eleva a alma que a vivencia.

Visitamos os lugares onde o grande poeta localizou os Campos Elísios e não encontramos nenhum vestígio das belezas maravilhosas que justificassem este nome, nem mesmo as árvores elegantes cobrindo a terra com suas folhagens, com tanta graça, descritas por alguns viajantes muito poéticos. No tempo de Virgílio este canto da terra poderia nos oferecer uma deliciosa imagem do Eliseu, atualmente, porém, talvez encontrássemos alguns traços do seu Inferno, não fora o esplêndido céu que serve de domo a estes lugares, e o

---

[1]Versos do poema La Sybille, de Casimir Delavigne(1793-1843), (*Les Messéniennes*, 1819), também citados por Valery (op.cit. p.396) ao descrever as termas de Nero:" Estas termas inspiraram alguns dos mais belos versos de Casimir Delavigne: *Ces temples*.....etc."

Os mesmo versos foram citados por Porto Alegre (op.cit. p.179) ao descrever Cumas e Baias: "pedras sepulcrais sobre o nicho de um columbario, cujas letras indicam o nome de homens que existiram, mas só os átomos de pó se encontram na urna, que os guardara! *Ces temples du plaisir*...

magnífico panorama que estende-se, margeando as águas azuladas e transparentes do golfo, muito além da encantadora Sorrento, até a graciosa Visita, às margens de Baia, e tudo que avistamos em alguns desses lugares.

As galerias subterrâneas, abundantes nessa costa, sugeriram a alguns narradores muitas explicações curiosas, que passaram de geração em geração, modificando sempre os fatos históricos, que remontam a uma alta antigüidade, a um tempo em que as pessoas divertiam-se misturando o maravilhoso com a mais simples realidade. As numerosas galerias subterrâneas (não sabe-se ao certo a que povo atribuir a admirável construção), provavelmente serviam de comunicação entre as diferentes cidades da região, antes que os romanos as conquistassem.

Acredita-se que uma dessas galerias, cavada na montanha onde ficava antigamente a Acrópole de Cumas, destruída por Narses, tinha uma entrada do lado do mar, e era ali a caverna onde a Sibila pronunciava seus oráculos. Hoje chamam de gruta da Sibila um dos túneis que Agrippa mandou cavar, para completar as grandes obras que fez nesse lado de Nápoles.

Esta gruta fica às margens do lago Averno, cercada por montanhas com florestas fechadas e sombrias que desapareceram depois, assim como a forma antiga do lugar onde Virgílio localizou a descida de Enéias aos Infernos.

A passagem da Eneida, que minha filha gostava de repetir quando estávamos nesses lugares,[1] o encanto da poderosa ficção, ali, no lugar mesmo em que a localizou o grande poeta, despertou na minha alma a lembrança da ternura e coragem de um jovem coração filial que para encontrar o autor dos seus dias enfrentou, não como o ilustre troiano o terror de um inferno imaginário, mas os punhais dos assassinos no meio do verdadeiro inferno da guerra civil, através do clarão dos tiros e de uma noite tempestuosa para levar ao seu pai, perseguido pelo ávido furor de vis celerados, com que defender-se dos seus ataques. Para

---

[1] *Eneida* (op. cit.p,116): "Havia uma caverna profunda monstruosamente talhada nas rochas, com grande abertura, protegida por um negro lago..."

perpetuar a memória dessa guerra civil, da coragem filial e do digno pai, vencedor naquele dia, e mais tarde padecendo na sombra um digno martírio, que não custou à igreja nenhum ônus, faltou, como a tantos outros, a pena de um grande poeta que escrevesse para a posteridade.

Olhei para a minha filha, que gostava de examinar tudo nesses lugares, e nos aproximamos da gruta da Sibila. Penetra-se na gruta com a ajuda de ganchos, e montado nas costas de guias para evitar a lama que cobre o solo. Não querendo submeter-nos a este tipo de veículo nos contentamos em examinar a entrada da gruta, cujo interior não oferece, segundo as pessoas que deram-se ao trabalho de visitá-lo recentemente, nada de curioso.

A visão destes lugares traz a lembrança dos terrores da Sibila, e muitos acontecimentos do reino da mitologia. A eles são associadas lendas graciosas, e algumas delas me divertiram pela ingenuidade dos seus contadores. Vendo o filete d'água lamacenta, restos do lago Lucrino, tão famoso pelas festas noturnas dos antigos, pensei na parcela do grande povo, já enfraquecida pelos prazeres, e que vinha entregar-se aos encantos de festas, nas quais, dizem, espalhavam-se pétalas de rosas nas águas do lago que cobriam a cratera.

Conta-se que em 27 de setembro de 1538 aconteceram abalos repetidos de tremores de terra, e viu-se aparecer na noite do dia 29 uma montanha em brasas: a terra abrira-se ao lado do lago Lucrino e fizera surgir uma boca de onde saia fogo, cinzas e pedras. O lago invadido pelas cinzas desapareceu quase que por inteiro. O monte que surgiu durante muitos dias jogou chamas e matérias vulcânicas que inundaram Pozzuoli, e até mesmo uma parte de Nápoles; muitas casas e antigas ruínas foram engolidas, entre outras, as ruínas que restavam da vila de Agripina. Essa erupção, onde morreram muitas pessoas, fez surgir o monte hoje chamado de *Monte Nuovo*[1]. Mostraram o lugar do extinto vulcão, o terreno nu e estéril testemunha, como a Solfatara e o lago Averno, afastados das margens, a revolução dos elementos que neste lado também uniu-se à devastação dos homens.

---

[1] Porto Alegre (cit. p183) sobre o Monte Novo: "Outrora unia-se o Averno ao Lucrino por um canal, que continuava ao mar, e desembocava no porto Julio, obra tão decantada pelos antigos, mas, o terremoto de 1538 aparecendo abriu a terra, que do seu seio lançou turbilhões de fumo envolvidos de pedras ardentes e areia, de maneira que submergiu a villa de Tripergola, e em seu lugar elevou o monte, chamado de novo..."

Nápoles e seus arredores, mais do que outras partes da península, tiveram de suportar, além da tirania dos déspotas de todos os séculos e das invasões dos bárbaros, o terrível furor das erupções. E enquanto as nações disputavam a posse da brilhante Partenope, vulcões em repouso continuavam seu tabalho interior, para depois abrir repentinamente suas crateras e espalhar novas devastações nessas regiões.

Do alto de Miseno ficamos encantadas com a vista magnífica de Nápoles, do golfo, e das ilhas que descortinam-se desse lado.

Ischia, situada perto do cabo de Nápoles, e Procida, mostram-se com seus encantos naturais, suas tradições gregas e romanas, suas montanhas vulcânicas, onde Homero e Virgílio localizaram o famoso gigante, tão temido pelos deuses. O castelo construído por Afonso I, de Aragão, o déspota que obrigou as mulheres desta ilha a casar com seus soldados, ergue-se sobre um rochedo. Pequenas vilas e brancas casas espalhadas aqui e ali, entre a rica vegetação e sob a luz da atmosfera diáfana, formam com Procida, irmã separada dos seus flancos por uma erupção, um dos quadros mais graciosos e poéticos dessa costa.

A ilha de Capri , cercada por rochedos, e que acredita-se formar com a ilha de Ischia as extremidades da grande cratera do golfo, simboliza a assustadora lembrança do monstro que divertia-se, nos últimos anos de sua vida de crimes e de orgias, torturando suas vítimas antes de jogá-las no mar do alto de um rochedo que ainda é chamado de *Salto*. Aqui não resta mais nenhum vestígio do seu palácio, que após sua morte foi demolido pelo Senado. Os guias oficiais de Capri, como de outros lugares da região, desconhecendo mais do que os viajantes os verdadeiros lugares onde existiram certos monumentos, dos quais não restam vestígios, quase sempre inventam a história desses monumentos, com tal segurança e ingenuidade, que nada podemos fazer a não ser agradecer-lhes, e ainda pagar por seus anacronismos.

O lugar onde ficavam os doze palácios que Augusto construiu nesta ilha, e que Tibério aumentou e dedicou às suas últimas tiranias, são indicados apenas por fracos vestígios.

Perto da gruta onde outrora ficavam os monumentos do culto de Mitra existem escombros de um anfiteatro, e acredita-se que aí estão também restos dos *Camerelles*, de tão horrível celebridade[1].

Como se faz com um lugar infectado com a peste, se fugíssemos de um lugar impregnado com a sinistra memória de um ser que cometeu as mais atrozes crueldades, entregou-se aos mais vergonhosos vícios, ninguém aproximar-se-ia dos rochedos de Capri. Porém, a repulsa que o homem sente, impulsionada muitas vezes pela imperiosa lei da necessidade, ou pela insaciável sede de glória, é capaz e permite-se desafiar uma simples e estéril curiosidade, e possibilita suplantar muitas outras.

A gruta Azul conhecida desde o tempo de Capaccio[2], que a menciona na sua História de Nápoles, oferece o espetáculo de uma bela cor azul, mistério da natureza que os homens tentam explicar à sua maneira. Nela penetramos em um pequeno barco, quando o mar está calmo, e por uma pequena abertura do lado de Nápoles. A gruta, cujas paredes têm a mesma cor do belo azul que sua águas refletem, é uma das curiosidades da ilha, mas não merece substituir no espírito do viajante inteligente a admiração das muitas obras de arte, e grandes maravilhas da região. No entanto, o autor de certas cartas, que teve a ingenuidade de recentemente publicá-las, com o título pretensioso de *Cartas Filosóficas*, ao falar à algumas pessoas sobre o que mais lhe interessara na sua viagem à Capri, disse que fora a gruta Azul.

Das cartas de recomendação que me foram dadas para Nápoles remeti apenas duas: uma para o Sr. S***, o mais esclarecido discípulo do fundador do *Positivismo*[3], e outra para o Sr.R deS** representante do governo do Brasil no reino de Nápoles.

---

[1] Os "camerelles" era 100 pequenos cubículos usados como prisão por Nero.

[2] Jules César Capaccio (1560-1631). Historiador italiano, autor de *História de Nápoles*, 1607. Citado no guia de Du Pays (op.cit.p.646): "Capri- Cappacio fala sobre a gruta em sua História de Nápoles, publicada em 1605.

[3] O positivista a que Nísia refere-se seria Luis Augusto Segond (1819-1908), médico e cantor lírico francês? Segond foi bibliotecário da Faculdade de Medicina de Paris, na década de 1850, e esteve no Brasil com uma

O último, logo que recebeu a carta que lhe enviei, teve a gentileza de nos visitar, com sua encantadora mulher, uma princesa russa, dotada da sensibilidade e amabilidade distintas que caracterizam as pessoas bem nascidas do seu país. O interesse que ela demonstrou por minha pátria, que é a do seu marido, e sobretudo a ternura com que me falou, na primeira vez que nos vimos, da triste perda do seu filho, atraiu toda a minha simpatia e minha estima. O casal nos fez todo tipo de amabilidades e nos convidou a frequentar sua casa, onde reúne-se uma boa sociedade. Mas, como nossos gostos não estavam para a vida social, preferimos nossa vida interior e íntima conversação sobre os diferentes objetos que nos impressionavam nas nossas excursões cotidianas, dentro ou fora de Nápoles. Se pudéssemos trocar nossos gostos por aqueles que inspiram os atrativos da sociedade, a senhora R de S** certamente estaria entre as pessoas que nos ofereceriam os mais verdadeiros, porque parece dotada de todas as qualidades que constituem o mérito real das mulheres.

Quanto ao Sr. S***, ele estava à vésperas de partir para Gênova quando cheguei à Nápoles. Porém, nas duas ocasiões em que nos encontramos tive a oportunidade de apreciar sua alta inteligência. Um excelente coração parece unir-se ao mérito intelectual neste digno democrata, cuja saúde está abalada pelas lutas difíceis de um longo exílio[1].

---

companhia de canto, em 1857 (Nísia estava em Paris), trazendo carta de apresentação de Nísia para seu cunhado, o médico Henrique Medeiros. Ivan Lins, em *História do Positivismo no Brasil*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1964, p.32) dedicou um capítulo à visita de Segond e às suas impressões sobre o Brasil, em cartas para Comte e Lafitte. Nele, (p.32), Lins cita carta de Segond para Comte, onde o médico agradece a recomendação: "não posso esquecer-me de agradecer vossa carta de apresentação à Mme. Brasileira. Seu irmão José Medeiros foi para mim cheio de bondade e dedicação". Segond estava no Brasil quando Comte morreu (setembro de 1857) e voltou para Paris em dezembro deste mesmo ano. Suas opiniões sobre o país que visitava não foram muito lisonjeiras. Em cartas para Lafitte ele refere-se ao Brasil como "um país bastante monótono onde se pretende improvisar a civilização"(em Lins, cit. p.29).

A aproximação de Nísia com o Positivismo e Augusto Comte data de sua primeira viagem à França, (1849-1851), quando assistiu em Paris o curso de Comte - História Geral da Humanidade -, no Palais Cardinal, em 1851.

Nísia embarcou para a sua segunda viagem à França em 10 de abril de 1856, e a partir de agosto desse mesmo ano manteve contato com Comte durante um ano, (até a morte dele em 5 de setembro de 1857). A convivência está documentada na correspondência entre eles. As cartas de Comte foram inseridas no volume da sua Correspondência e publicadas em separado por Paulo Carneiro: *Augusto Comte e Mme. Nísia Brasileira*, Paris, 1928.

[1] Nísia viajava por uma Europa de exilados: italianos, exilados dentro da península, de um estado para outro, e muitos franceses expulsos pelo golpe de Luis Napoleão, de 2 de dezembro de 1851. O mais famoso dos

Antes de partir ele nos acompanhou ao museu Bourbon para nos mostrar as riquezas de arte que ele guarda, e que depois procuramos conhecer em detalhes.

O Museu Bourbon é uma das maravilhas da Europa. É superior a todos os outros por sua coleção de objetos de bronze, de vidros, de jóias e pedras preciosas, esculturas antigas e pelo prodigioso número de instrumentos que pertencem a todas as ciências e a todas as artes, e enfim pelas muitas e diferentes curiosidades, e objetos de mobiliário usados pelos habitantes das cidades soterradas de Pompéia, Herculanum, Stable, Cumes, Minturnes, Paestum e outras. Não se trata apenas de inscrições, sarcófagos, estátuas, fragmentos antigos encontrados aqui e ali em escavações acidentais, ou um resto de teatro, de templo ou palácio. Nele estão os tesouros de arte e principalmente os objetos de indústria de uma cidade inteira que saiu do seio da terra, e a cada ano, desde sua descoberta, vem dotando este museu de preciosidades históricas e artísticas.

Este extraordinário e grande museu é o único que pode oferecer um profundo estudo do gênio da antigüidade. O Egito, a Etrúria, a Grécia, a Sicília, o Partenope com todas as suas cidades soterradas ou destruídas pelo furor das guerras, ou dos vulcões, ai estão representados por obras de arte e escultura de todos os gêneros, e por uma grande variedade de produções de arte que revelam talentos diversos, a grande indústria e a vida íntima de tantas gerações, para as quais o gosto artístico desenvolveu-se ao mesmo tempo que uma força viril, e um profundo espírito religioso que dotou suas obras com a marca da grandeza e solenidade que com elas perdeu-se, qualidades que apenas Dante e Michelangelo souberam traduzir nos tempos modernos.

A coleção de papiros, no estudo dos quais os sábios modernos procuraram entender o pensamento dos antigos autores, fica disposta em ordem em grandes armários envidraçados. Os quase três mil pequenos rolos enegrecidos, calcinados pelo fogo, é uma das curiosidades mais interessantes deste museu e sem dúvida a mais notável, com relação aos conhecimentos sobre a literatura antiga.

---

exilados foi Victor Hugo, que partiu logo após o golpe para Bruxelas, onde escreveu *Napoleon, le petit*. De Bruxelas, Hugo partiu para a ilha de Jersey e depois para a ilha de Gernesey(1856).

Percorrendo as salas e galerias do museu, repleto com tão grande profusão de belezas artísticas e de todo tipo de criações antigas que serviam a diferentes situações, indústrias, ciências, ao luxo, e que confirmam a fecundidade do gênio artístico, ficamos indecisas em destacar o objeto que mais nos impressionou.

Entre as estátuas antigas, a de Esquine, da Vênus Vestida, de Hércules Farnese, de Proserpina, a mulher de Germanicus, e da Vênus Calípigia, que foram encontradas na casa dourada de Nero, são as mais notáveis. Para entrar no gabinete onde encontra-se a Vênus Calípigia, e muitas outras estátuas de vênus, é necessário uma permissão.

A galeria de bronze, cuja coleção é a mais importante e mais rica que se conhece, seria o suficiente para demonstrar o sentimento de arte entre os antigos. Quando aí entramos preferi olhar mais detalhadamente dois gênios gregos tão diferentes quanto sublimes, Safo e o divino Platão.

Uma bela estátua de Solon decora uma das galerias. Licurgo, Anacreonte, Homero, Sócrates e outras grandes celebridades fazem-lhe companhia.

Entre a ilustre reunião de antigos personagens um retrato de bronze destacou-se e nos deteve alguns instantes a mais diante dele. É o supremo poeta dos tempos modernos, que saudei com emoção, é o autor do poema prodigioso que resume a grandeza do gênio e a infelicidade da Itália.

Entre as obras de arte de escultura antiga do museu são citadas, entre outras, as nove estátuas encontradas em Herculanum, e a Vênus de Capua, atribuída à Praxitèle.

As ricas coleções de copos antigos e de vasos ítalo-gregos oferecem grande interesse; entre outras coisas preciosas vimos o famoso vaso funerário de Charmines de Cós, encontrado nas ruínas da Cartago, os vasos de Nola e muitos outros objetos curiosos. As coleções etrusca, dos oscos, egípcia e outras, contêm objetos muito interessantes.

As antigüidades que o museu Bourbon guarda nos atraem mais do que a coleção de quadros, onde encontram-se alguns bem bonitos, como o casamento místico de Santa Catarina, de Corregio; o retrato de Leão X, de Rafael; Armida e Reinaldo, de A. Carracci, e a célebre Dânae, de Ticiano.

Entre os admiráveis objetos do museu, das mais ricas produções de arte aos mais simples utensílios de cozinha, e até mesmo o pão encontrado em um dos fornos de Pompéia, nada me impressionou tanto quanto uma porção de cinza endurecida envolvendo o corpo de uma mulher, encontrado na adega da casa de Dioméde e guardada aqui num armário envidraçado.

Na única vez em que paramos para olhar essa deplorável página da história de Pompéia, três visitantes que nos haviam precedido puseram-se a rir entre eles, comentando a desarrumação em que a infeliz mulher estava em seu pânico, antes de sucumbir na terrível catástrofe. Uma gozação tão profana diante dos restos de um cadáver, uma indiferença com a lembrança de tão grande infelicidade, nos chocou e revoltou. Cheia de respeito por todos os infelizes, mesmo por aqueles de quem nos separam muitos séculos, saí do museu Bourbon com a alma carregada de tristeza.

Mais de uma vez, ao visitar as ruínas de castelos feudais, onde nos mostraram o alçapão e as masmorras; ao ver em Avignon a sala de teto alto, em forma de chaminé, do palácio do papa, onde eram queimadas as vítimas da inquisição; ao encontrar nos esplêndidos museus do Vaticano os instrumentos de tortura; ao ver enfim em todos os lugares os sinais da barbárie dos homens, mais de uma vez senti-me triste, como fiquei agora, ao observar a frieza com que, em geral, as pessoas olham os sinais de maldades dos povos do passado, e não só deles, mas dos povos do presente também.

Se eu fosse como as pessoas que esquecem os crimes cometidos pelas gerações passadas, e voltam-se contra aqueles cometidos pelas atuais, nas quais, segundo esse julgamento, a tendência aos vícios desenvolve-se com maior progresso, eu chamaria o nosso século o século da indiferença e do egoísmo. Porém, as sociedades antigas, mais ainda do que as modernas, sempre alimentaram em seu seio estes dois monstros do espírito humano, inimigos da dignidade e aspirações fraternas dos povos. Como outros flagelos da humanidade, em todos os tempos eles se fazem presente entre as nações, e o que é mais triste de constatar, muitas vezes vencem os nobres esforços de corações devotados que procuraram, e ainda procuram, melhorar a sociedade, aqui e ali, com heróica tenacidade!

O número dos verdadeiros amigos da humanidade, que trabalham com a finalidade de servi-la, é bem pequeno, mas a grandeza de sentimentos e idéias que os impulsionam consola toda a alma generosa que sofre com o espetáculo oferecido por uma raça, que tendo a superioridade da razão sobre todas as outras raças, entredilacera-se com maior furor que elas!

Em todos os lugares observamos o orgulho, a vaidade de uns, para aumentar tudo o que vangloria o seu amor próprio; a paciência ou indolência de outros em suportar a opressão, e até mesmo a vergonha de serem comandados pelo vício, a despeito de sua própria dignidade; a lamentável ignorância daqueles que encaram como um dever sacrificar suas vidas, defendendo a causa de um tirano contra seus próprios irmãos; a ambição e hipocrisia dos tiranos, disfarçados sob o grande nome de glória nacional e dos interesses sagrados da religião; a credulidade ou fraqueza daqueles que servem de degrau para as pretensões do despotismo, que sobe para esmagá-los; enfim a ingênua crença que quase todos estão de caminhar na via do verdadeiro progresso, porque eles reproduzem com mais elegância, e menos solidez, as obras dos antigos, e aperfeiçoam com certo refinamento a arte de seduzir pelas aparências.

Entregava-me a estas reflexões quando uma senhora francesa, que encontrara no meu primeiro passeio nesta cidade, veio ao meu encontro na companhia de um napolitano que lhe mostrara externamente uma das principais prisões da cidade, e que ela lamentava não ter visitado internamente.

"A senhora está contrariada por não ter visto a coisa mais triste de Nápoles" disse o napolitano, e fez um relato da tirania exercida pelo rei, e sobre a deplorável sorte dos pobres prisioneiros, assim como de tudo que se encontra sob o despotismo do seu governo absoluto.

Sem saber nem mesmo cercar-se com uma certa auréola de glória, que sempre desculpa aos déspotas seus atos de crueldade, Ferdinando II desperta nos napolitanos raiva e desprezo ao mesmo tempo. Raiva e desprezo que estão abafados e progridem dia após dia, silenciosamente, até mesmo no coração desta cidade, guardada pela mais numerosa tropa de Estados da Itália, e controlada por uma das polícias mais inquisitoriais. Porém, a julgar pela

alegria do povo, e despreocupação com que dedica-se aos seus afazeres cotidianos e habituais divertimentos, o acreditaríamos o povo mais feliz do mundo.

É assim que as feridas das nações muitas vezes lhes corroem a vida, escondidas sob a aparência de prosperidade e felicidade.

A cidade de Nápoles não conserva nenhum vestígio dos seus primeiros fundadores, sua origem perde-se na noite dos tempos.

Acredita-se que seu primeiro nome veio da sereia Partênope, divindade fenícia. Cidade grega, depois de habitada por diferentes raças, brilhou com todas as luzes de que a Grécia foi o grande facho.

Os romanos vieram mais tarde, como foram a todos os lugares, e construíram novos monumentos. É do seu tempo que datam as interessantes ruínas dos arredores de Nápoles. Quanto à cidade, atualmente povoada por mais de 400.000 habitantes, com todos os recursos e atrativos de uma grande cidade, não oferece nada de muito interessante. A cidade velha, suja, com ruas estreitas e tortuosas, inspira um sentimento desagradável aos estrangeiros atraídos pela curiosidade, e desejo de ver o contraste oferecido pelas tristes e repugnantes moradias de uma parte dos napolitanos, com as esplêndidas belezas da natureza do seu país.

Diante desse grande contraste pensei nas imprecações lançadas por lord Byron, depois de uma certa ofensa pessoal, contra a população de uma cidade, mais favorecida pela natureza do que essa aqui, porque entre os seus tesouros naturais não existem vulcões destruidores!

Poor paltry slaves! Yet born' midst noblest scenes,

Why, Nature, waste thy wonders on such men?

Byron[1]

---

[1] Lord Byron, em *Childe Harold's Pilgrimage*, canto I/XVIII. Byron está referindo-se à Sintra, em Portugal. Em *Opúsculo Humanitário* (1989/133), Nísia citou os mesmo versos de Byron para mostrar o contraste entre a natureza brasileira e a escravidão: "É mister habituar nossos filhos para esse feliz porvir, em que todo o trabalho será feito por braços livres, porvir de grandeza e de glória, no qual o brasileiro extasiando-se na

De todo seu antigo esplendor de cidade culta, a sorridente Nápoles atual não apresenta mais nada além do indestrutível gênio do seu povo. Descendente dos gregos, ainda que degenerado, ele conserva alguns traços característicos de sua origem, que os distingue dos romanos de ar grave e circunspecto.

Cidade sobre a qual as devastações dos bárbaros caíram com mais furor, Nápoles foi completamente despojada de sua primitiva magnificência. Á essa desolação e miséria sucedeu, como sabemos, a fatal ignorância em que toda a Europa mergulhou por muito tempo. Novo flagelo, cujas devastações não foram menos funestas que as dos bárbaros, essa ignorância serviu maravilhosamente aos projetos dos déspotas, que sempre procuraram impedir ao povo os nobres impulsos da liberdade, fonte primeira das grandes inspirações em direção ao progresso.

Pouco a pouco os povos despertaram de sua longa letargia. As letras e as ciências, refugiadas aqui e ali em retiros hospitaleiros, começaram a reflorescer. A música, para a qual os napolitanos têm uma grande disposição natural, brilhou apesar de todas as suas agitações políticas.

Mesmo sob a opressão estrangeira o movimento literário nunca parou no reino das Duas Sicílias, e surgiram notáveis escritores provando, como em outras cidades da Itália, que o gosto, não só das arte, mas também das letras reina soberano.

Se a glória do gênio, sempre presente nos povos oprimidos há tanto tempo, deve suplantar a glória do gênio de outro povo, cujo governo livre oferece espaço para que ele abra suas asas, é sem dúvida ao povo italiano que deve-se essa glória. Mas, geralmente o verdadeiro mérito do homem infeliz é obscurecido por medíocres favorecidos pela sorte, ou por certos espíritos intrépidos, que sabem aparecer e conseguir reputação entre as multidões,

---

contemplação da magnificência de sua natureza, não sentirá, como nós, a aplicação que se nos pode fazer hoje, dos seguintes versos de Byron, inspirados nas deliciosas margens do Tejo:

Poor, paltry slaves!....etc..."

Que ela traduziu: "Pobre povo de escravos, nascido em tão belo clima! Para que prodigalizaste teus dons, ó Natureza, a semelhantes homens ?"

sempre prontas a lisonjear aqueles que conseguem mais sucesso, não se dando ao trabalho de examinar se esse sucesso é merecido.

Como os homens, os povos infortunados prodigalizam os tesouros de sua inteligência, sem conseguir outra recompensa que fracas menções ou estéreis elogios. Assim mesmo eles persistem em seus trabalhos notáveis e nobres esforços, e continuam a contribuir para o desenvolvimento geral do progresso, que pouco a pouco aperfeiçoa a humanidade.

Se é verdade que a decadência da herdeira da ilustre Grécia, que olha do alto dos nobres restos do seu Partenon as orgulhosas nações do Ocidente paramentadas com seus ricos despojos, deve-se ao flagelo da dominação estrangeira, ajudada pela fraqueza dos seus próprios filhos, não é menos verdadeiro que essa dominação, embora poderosa e muito prolongada, nunca conseguiu e jamais conseguirá arrancar do seio das gerações a que fez curvar a cabeça, a sagrada árvore da liberdade, ainda com abundante seiva, mesmo que despojada de sua brilhante folhagem. Esperemos que o trabalho dos povos se complete. E cada nação, formando-se sob a benfazeja influência de uma fraternidade geral, sob a moral universal criada com a sólida educação da família, e ao mesmo tempo, por uma justa reorganização social e política, eleve então ao Eterno suas ações de graças, entoando com santo entusiasmo o hino sagrado da regeneração dos povos.

Ó futuro! futuro! que doce consolação sentimos ao pensar nas melhorias, na felicidade que reservas à pobre humanidade, sujeita a tantos flagelos naturais e inevitáveis, e ainda arrastando a pesada corrente da escravidão física e moral, com todo o seu deplorável cortejo de infelicidade. Tu farás com que os homens compreendam que não é separando o ensinamento do espírito, do ensinamento do coração, que se conseguirá a verdadeira moral dos povos, moral pregada de maneira tão vã desde Cristo até os nossos dias.

Tu os convencerás enfim, que sendo a família o elemento primeiro da sociedade, ela nunca mostrará verdadeira prosperidade sem que seja dignamente constituída, e de maneira a fazer brotar da fonte doméstica as sublimes virtudes que irão desenvolver o sentimento de ordem como base primeira da solidariedade social.

A região de Nápoles que chamam de cidade nova é, sob todos os aspectos, superior à cidade velha. A rua Toledo, uma das mais bonitas de Nápoles, é diariamente invadida por uma multidão de caminhantes que ocupam-se dos seus afazeres. Mas, o que menos gosto aqui é o interior da cidade propriamente dita. Aí vemos, em certas ruas, mulheres do povo que cozinham, penteiam-se e vendem frutas diante das casas, onde a sujeira acumula-se.

A polícia, ocupada em vigiar a segurança e executar as ordens do rei, parece desprezar nesse belo país de Nápoles tudo o que refere-se á limpeza de sua capital.

É nas margens do golfo, saindo do Hotel Europa até Chiaia, que prefiro ficar quando não quero afastar-me da cidade.

Têm-se daí a vantagem de uma magnífica vista, e não precisamos atravessar ruas incômodas e sujas.

Seis dias após nossa chegada à Nápoles, consegui instalar-me com conforto nessas margens, na casa de uma excelente senhora inglesa que mora numa casa que pertence ao irmão do rei, casado com uma princesa do Brasil. Essa senhora é professora dos filhos da princesa, e ao saber que éramos do mesmo país afeiçoou-se a nós, acreditando que as mulheres nascidas nesse país deveriam parecer com a angélica e ilustre mãe de suas alunas, a quem tece grandes elogios.

Esta filha da velha Albion e seu idoso marido tudo fizeram para nos ser agradáveis, recebendo de aluguel metade do que eu pagava no hotel, além disso tivemos a vantagem de usufruir da irrepreensível limpeza britânica em plena Nápoles.

A menos da contrariedade da nossa anfitriã com minha recusa em aceitar seu constante e reiterado convite de ir com ela até Posilipo ver a nossa princesa, ela é sempre amável.

Vivendo há muitos anos nessa cidade, ela conhece bem os costumes e gostos dos napolitanos, tanto os da classe alta quanto da classe média, e sua conversa sobre uns e outros é um dos ensinamentos mais esclarecidos e verdadeiros que se pode desejar. Apegada à casa dos Bourbon, e conservando toda a discrição das mulheres inglesas, ela sempre me fala dessa família com grande respeito.

Hoje ela dizia-me da amável simplicidade e das grandes virtudes da princesa, quando o carro da corte veio buscá-la, como de hábito.

"Por que não vem fazer-lhe uma visita, cara senhora?" disse a perseverante inglesa.

"Vossa princesa sabe que habitas essa casa e ela gosta tanto de ver pessoas do seu país! E além disso ela recebe sem as formalidades, que tanto vos desagradam!"

Mais do que as palavras da senhora W***, no mesmo sentido que as do Sr. R** e de sua encantadora esposa, minha simpatia pela princesa fala fundo ao meu coração. Porém, bem mais forte ainda é o meu afastamento por tudo que tenha a aparência de adulação. E como nossa visita a essa princesa, à qual não me liga nenhum dever obrigatório de conveniência, pública ou particular, poderia parecer mais um meio de insinuar-me em sua graça, do que lhe mostrar simplesmente nossa simpatia e sincera devoção, impus silêncio ao meu coração e renunciei ao prazer de fazer-lhe essa visita.

CASAS DE CARIDADE

Ao ver os numerosos mendigos que vivem em Roma e Nápoles pensaríamos que essas cidades não possuem instituições de caridade, porém elas existem em grande número.

Em Nápoles existe, entre outros, o *L'albergo dei poveri*, um grande edifício, asilo aberto aos indigentes dos dois sexos, que são empregados em diversas ocupações, e onde têm tudo o que necessitam para viver.

No entanto, não serão esses estabelecimentos, nem outros do mesmo gênero que visitei em vários lugares, e entre eles os hospitais, cuja prática interna nem sempre corresponde aos sentimentos caridosos que os criou (como tive ocasião de observar), que conseguirão extirpar das pessoas pobres as funestas consequências da miséria. A causa principal desse flagelo que corrói e abate, e muitas vezes leva o miserável ao vício, é a

ignorância em que o deixam mergulhado. E nunca é demais repetir essa crítica. O povo pobre de Roma e Nápoles, as duas cidades da Itália que conheci melhor até agora, não tem nenhuma instrução. Nas duas cidades, nada é mais negligenciado do que a educação das classes ditas inferiores. Nas duas existe uma grande miséria, com uma única diferença, os pobres de Nápoles arrastam essa miséria cantando e os de Roma tristes e taciturnos!

Não devemos acreditar, ao ver a aflitiva miséria que se mostra na Itália aos olhos do público, sobretudo na capital dos estados pontifícios, que ela seja aqui maior do que na França, onde a mendicância é proibida, e consequentemente escondida dos olhares do estrangeiro que passa. Aqui, como em Roma, ela não é proibida e aparece mais do que em Paris.

Em Paris, observe os pobres que vão aqui e ali, tocando diferentes instrumentos, ao pé das janelas e nos pátios das casas para juntar algumas moedas que lhes são jogadas; suba nos cortiços, entre nos escuros e úmidos quartos das pobres casas arruinadas, perdidas no meio da esplêndida cidade, e verá que a miséria na Itália é apenas uma palavra, quando comparada com aquela em que debate-se uma parte dos habitantes da fascinante capital, tão orgulhosa de sua civilização.

Londres, a soberba e orgulhosa Londres, que exibe, como sua rival, os resultados surpreendentes de sua indústria, e que por suas leis e costumes caminha na grande via do progresso, ela mesma vê perecer a cada ano grande quantidade de infelizes extenuados pelo trabalho e pela fome! Á artística Itália, que tanto se explora, faltam as vestes brilhantes com que seus poderosos usurpadores disfarçam as feridas que lhe corroem o coração.

Admirando o esplendor da natureza de Nápoles e as magníficas ruínas dos seus arredores; prestando sincera homenagem aos talento dos seus grandes homens; embalando-me na esperança de que a glória desse povo tão entusiasta, ainda tão cheio de vida e vigor, não limitar-se-á para sempre aos sucessos de sua arte musical, meu coração no entanto aperta-se, aqui, como em Paris, quando vejo a decadência em que a caiu a mulher de uma

parcela dessa população! É um assunto muito doloroso, muito aflitivo, que minha pena recusa-se a abordar.

O viajante deve procurar conhecer tudo no país que visita, mas para a mulher que escreve é difícil levantar o véu que esconde certas chagas da sociedade....Passo adiante então, reclamando do futuro uma reforma digna que faça desaparecer do seio das nações civilizadas a vergonhosa lei que permite que a mulher prostitua-se[1].

Que lamentável e verdadeiro quadro poderiam fazer dos costumes de certas cidades aqueles que quisessem imitar alguns escritores, cujo espírito diverte-se em exagerar e alardear os costumes do Brasil, costumes que eles se permitem julgar a partir da infeliz classe dos escravos e alforriados.

Há dez anos eu fiz essa reclamação ao ilustre naturalista Augusto de Saint Hilaire. Este sábio, que gostava de conversar comigo na nossa terra para onde viajara[2], reconheceu a justiça da minha reclamação. Ele disse, com a bondade que caracterizava sua bela alma: "Tens razão, senhora, aceito com docilidade a parte de vossa justa crítica que me compete. Mas, haveis bem visto nas minhas observações sobre os costumes de uma das cidades de vossa bela pátria que percorri, que tocando com timidez nessa triste chaga não faltei com imparcialidade na comparação que fiz entre ela, e aquela que devora o coração da minha própria pátria."

---

[1] As reflexões de Nísia sobre prostituição nas grandes cidades da Europa, a partir de sua própria observação, abordam um tema muito discutido na Europa de meados do século. As prostitutas ocupavam as ruas principais e secundárias das grandes cidade e haviam grupos de reformadores que discutiam os meios de livrar a sociedade da "chaga moral" que elas representavam..

Em Paris, as prostitutas chamaram a atenção de Nísia e ela comentou a situação no texto "L'abisso sotto I fiori della civiltà"(em *Scintilles d'un anima brasiliana,* 1859). Nele, a educadora mostra-se preocupada com os riscos que correm os jovens adolescentes com o "febril e pestilento contato com as modernas bacantes" que encontravam-se em Paris no jardim *Foire au plaisir,* que ela descreve no texto. Nísia e diferentes escritores do mesmo período consideravam a prostituição, uma "chaga", uma "mancha" da sociedade, mesmos adjetivos usados para a escravidão, no Brasil.

[2] Um engano de Nísia sobre datas. Saint Hilaire esteve no Brasil entre 1816 e 1822 (em 1822 Nísia tinha doze anos). Seus livros foram publicados na França, entre 1825 e 1849. É provável que Nísia tenha conversado com Saint Hilaire quando esteve em Paris em 1849/1851, como ela mesma afirmou no livro *Opúsculo Humanitário* (p.100), onde cita um longo trecho de Saint Hilaire sobre prostituição no Brasil: "o ilustre botânico A. de St. Hilaire, a quem ouvimos, ainda em 1851, falar dos brasileiros com a mais entusiástica afeição...."

É verdade, o ilustre sábio, fazendo a descrição de uma parte do povo das classes baixas de São Paulo afirmou: "essas mulheres conservam uma espécie de pudor, e não tinham nada da cínica falta de vergonha que, na mesma época, parecia revoltante nas parisienses das classes baixas, etc." [1]

ALGUMAS IGREJAS DE NÁPOLES

Depois de visitarmos as igrejas de Roma encontramos pouco a admirar nas igrejas de Nápoles. Porém, a cidade tem um grande número de igrejas, em sua maioria ricas em decorações, e pouco notáveis em sua arquitetura. A catedral (San Gennaro) é uma das maiores e mais bonitas, tem várias pinturas de mestres. Entre alguns túmulos notáveis encontra-se aí o simples túmulo do rei André da Hungria, que morreu aos 19 anos, e cuja inscrição perpetua o crime de sua esposa Joana I! O magnífico túmulo do cardeal Carraccioli chama mais a atenção do visitante que prefere contemplar as obras de arte a meditar ao lado de um modesto túmulo, que fala com mais eloquência ao espírito do que muitos outros monumentos erigidos sobre as cinzas! A sacristia, entre algumas boas pinturas, contém muitos objetos preciosos. O busto de San Gennaro é coberto com ricas jóias, doadas por soberanos de dinastia ou improvisados, que procuraram amainar com suas prendas o remorso de suas consciências, ou impor-se ao povo pela aparência de sua fé religiosa.

A igreja de São Felipe de Néri é magnífica em seu interior. É aqui que repousam os restos de João Batista Vico: uma simples pedra em mármore marca a última morada do grande filósofo, que deixando em suas obras um monumento imperecível não necessita daquele que seus patrícios quiseram construir para uma das grandes glórias de Nápoles.

---

[1] Saint Hilaire, (em *Viagem à Província de São Paulo*. Tradução de Rubem Borba, SP. Liv. Martins; Edusp, 1972. P.169): "em nenhuma parte do mundo por mim percorrida vi tamanho número de prostitutas; eram de todas as cores; as calçadas ficavam por assim dizer, cobertas de mulheres dessa baixa espécie (...) mas, cumpre dizer, nunca abordavam os homens, nem costumavam injuriá-los ou injuriar-se entre si; olhavam apenas quem passava, conservando uma espécie de pudor exterior, e nada demonstravam do cínico despudor que, na mesma época, era tão frequentemente revelado pelas prostitutas parisienses de baixa classe."

Entre as pinturas de Guido Reni, e de outros mestres que essa igreja possui, um belo afresco de Luca Giordano atraiu mais que as outras a minha atenção. Ele representa Jesus expulsando os mercadores do templo, e fez-me pensar naqueles que, em nossos dias, neles comercializam tranquilamente, explorando os fiéis, sem temer que o chicote de Jesus venha perturbá-los em seu comércio profano.

Santa Clara é a igreja que mais me interessou pelos notáveis túmulos que possui.

Nela vemos apenas uma Madona, de todas as belas pinturas de Giotto que aí encontravam-se, antigamente. As criações do grande artista, aconselhadas por seu amigo, o incomparável Dante, para decorar essa igreja, desapareceram, dizem que por estúpida ordem de um magistrado espanhol[1].

Há túmulos notáveis, entre eles estão os do Rei Robert, de Joana, rainha de Nápoles, de sua irmã Maria, e do duque Carlos de Calábria.

É nessa igreja que repousam as cinzas da primeira mulher do atual rei das Duas Sicílias, que o povo considera uma santa. As duas vezes em que nós aí entramos sempre vimos mulheres prosternadas perto do túmulo, chorando e implorando graças.

Senti-me emocionada diante deste simples túmulo, banhado de lágrimas, dedicadas a uma rainha cujas virtudes eram tão veneradas quanto a conduta do seu marido é detestada.

As mulheres do povo, que vi afrontar na capela de San Gennaro a figura do rei com independência, vêm com toda humildade prestar homenagens às cinzas de sua mulher, cuja lembrança reina mais em seus corações do que a força do déspota nos seus espíritos.

São Domingos, bela igreja gótica, tem muitas pinturas e entre outras capelas a de São Tomás de Aquino, onde fica o túmulo de Joana d'Aquin, de Masuccio. Alguns túmulos interessantes de príncipes e princesas de Aragão e outros nos detiveram por alguns instantes na sacristia.

---

[1] Informação do guia. (em Du Pays (op. cit.p.569): "A igreja era decorada com pinturas de Giotto, representando cenas da vida e Maria, de São Francisco e Santa Clara, e assuntos tirados do Apocalipse por sugestão de Dante; porém tudo desapareceu sob argamassa e estuque, em 1752, por ordem de um certo Barrinuovo, magistrado espanhol"

Um túmulo chamou mais nossa atenção: o do herói marquês de Pescaire, que morreu ainda tão jovem. Sua digna viúva, a famosa Victoria Celonna[1], imortalizou seu heroísmo em bonitos versos. No entanto, as impressões deixadas pelo que acabara de ver nas igrejas, logo deram lugar a uma lembrança que absorveu-me inteiramente ao deixar a sacristia de São Domingos.

Os túmulos dos príncipes de Aragão, situados em grandes relicários cobertos com veludo carmim, lembraram-me os túmulos dos reis de Portugal na igreja de *São Vicente de Fora em Lisboa*, que visitei nos primeiros dias de janeiro de 1852.

Sob a límpida atmosfera do delicioso clima de Portugal, durante seu doce inverno, fui com meus dois filhos respirar a brisa perfumada da poética Sintra, de Collares, Dafundo, Belém, Cassilhias e Laranjeira. A lembrança que esses encantadores passeios despertaram em meu espírito, com todas os acontecimentos que os precederam, na pátria bem amada do meu querido pai, pátria que eu queria tanto conhecer e que aprendi a amar durante os seis meses que aí passei.

Evoco em meu espírito os dias que passei às margens do Tejo, onde minha língua materna ressoava em meus ouvidos com a nobre gravidade de inflexão, a vigorosa pronúncia, o estilo puro, encantador em Camões, Filinto Elísio, Garret, Castilho e tantos outros poetas, e sobretudo no grande pensador, o atleta moderno da literatura portuguesa[2], Alexandre Herculano. Este digno herdeiro das antigas virtudes lusitanas merece ser comparado aos grandes sábios da antiguidade por seu profundo saber, nobre desinteresse,

---

[1] Victoria Cellona (1490-1547) - Poetisa romana da época de Michelangelo, e por quem o artista nutriu uma grande paixão. Bonita, ilustre e com talento poético, Victoria, a "Beatriz" de Michelangelo, foi homenageada por Ariosto no canto XXXVII, de Orlando Furioso.

[2] A denominação de "atleta" para escritores românticos também foi usada por Pereira da Silva, em "Estudos sobre literatura", revista *Niterói*, Tomo I, 1836: "a França, a Itália, que até então tinham-se inteiramente lançado nos braços de de uma poesia imitativa, contemplativa, quebraram o jugo de bronze que lhes pesava; honra sejam dadas aos primeiros atletas do Romantismo nestas duas nações a Chateaubriand, B. Constant. Mme. De Staël, Lamartine, Victor Hugo, Manzoni, Foscolo, Pelico..."(grifo meu).

sua vida exemplar, e sua sublime recusa às honrarias que lhe presta a nação e uma corte, que ele sabe amar sem sacrificar sua dignidade e independência.

Eu tive o privilégio de conhecer de perto este ilustre escritor, e tudo o que haviam-me falado sobre sua grande modéstia está aquém do que eu mesma fui testemunha.

Os célebres escritores que conhecera pessoalmente em Paris, cuja fama espalhou-se com mais ou menos repercussão nos dois mundos, pareceram-me menores do que este profundo filósofo, tão grande em sua simplicidade, vivendo longe do luxo, que ele despreza, no seu poético retiro da Ajuda nos radiosos arredores da bela Lisboa.

Astro luminoso de Portugal, de lá ele faz jorrar de sua alta inteligência muitos pensamentos cheios de extraordinária verdade e intensidade, de vigor e de admirável beleza, de estilo bem próprio, que iluminando o caminho de sua nação deve servir para evitar os erros em que tão frequentemente ela se perdeu.

Além de Herculano, um grupo notável de escritores distintos fazem a honra de Portugal, escritores que merecem ficar ao lado dos mais célebres da França. Se eles não são tão conhecidos quanto estes é que a nobre e rica língua portuguesa, a filha mais fiel da língua latina, não é estudada em quase nenhum lugar de Europa, além de Portugal, e por isso os tesouros que ela guarda não são apreciados.

Nos cursos de literatura que assisti em Paris só ouvi citar, a propósito de Portugal, o grande Camões. É o único poeta, o único grande escritor dessa nação, desse país tão literário, que os homens de letras conhecem, mesmo os mais famosos. Ignoram completamente que, além do Tasso português, grande número de poetas ilustrou e ainda ilustra a fértil região, outrora tão poderosa, tão gloriosa nos dois mundos, por suas importantes descobertas e seus feitos guerreiros!

Nação de onde saiu, entre tantos feitos heróicos e heróicas virtudes que se perpetraram, o maior exemplo de amor que o mundo já viu, Portugal guarda com orgulho na sua decadência a lembrança do seu passado e procura, sob o governo liberal que a rege, substituir os triunfos da força, que ela perdeu, pelo triunfo da inteligência, bem mais digno dos nossos tempos.

Na última etapa na Europa, quando da minha primeira viagem, Lisboa desapareceu dos meus olhos em 17 de janeiro de 1852, e ainda guardo religiosamente a lembrança de sua poética terra e dos nobres corações que fizeram-me uma simpática acolhida.

A santa missão, para a qual empreendera uma viagem tão difícil, quando não existiam ainda embarcações a vapor entre o Brasil e a Europa, terminara. Uma mãe adorada, uma terna família e amigas afetuosas esperavam-me impacientemente na terra natal, que a presença da primeira embelezava duplamente para mim. Voltei com os meus queridos filhos inebriada de felicidade para reencontrar-me nos braços dessa mãe bem amada, infelizmente sem prever que a morte a levaria tão cedo, deixando ao meu redor um imenso vazio que nada consegue preencher.

Praias majestosas do Janeiro, fostes testemunhas da minha segunda e profunda dor filial, que seguindo-me além do vasto Atlântico, com o tempo mais e mais perdura em meu coração!

> Triste de quem perdeo o doce e santo abrigo
> Do seu ditoso lar! o ninho quente e amigo,
> Onde a família em torno o circulo seu perfaz!
> ZALUAR[1]

Quando as sombras de noite envolvem tudo o que as cidades e os campos mostram de interessante aos meus olhos, e ao rumor do mundo exterior segue-se um profundo silêncio, como agora, minhas idéias, dispersas durante o dia, concentram-se e traçam-me, tão vivamente como se ainda visse, os eloqüentes e tão tocantes quadros do lar, meu grande templo, onde minha mãe ensinou-me com sua voz doce e persuasiva, e com o exemplo de suas virtudes, a amar a Deus, a família e a humanidade! Depois vieram os embates da vida,

---

[1] Augusto Emílio Zaluar, (1825-1882)- poeta português nascido em Lisboa. Emigrou para o Brasil em 1849 e morreu no Rio de Janeiro em 1882. Colaborou com vários jornais do Rio de Janeiro, entre eles o *Correio Mercantil* e o *Jornal das Famílias*. Seus poemas foram reunidos nos livros *Dores e Flores*,1851 e *Revelações*, 1862, publicados por Paula Brito. Os versos citados por Nísia são do poema "A Família", que faz parte deste último.

as tempestades, as convulsões que abalaram os fundamentos da nossa prosperidade e a cruel devastação da morte que destruiu nossa felicidade e nossas mais brilhantes esperanças! Mas o amor da família venceu em nossos corações a dor que os oprimia, e tirando desse sentimento sagrado a coragem para criar meios de satisfazer nossos anseios humanitários, fui feliz em poder oferecer a essa boa mãe o resultado do seu digno ensinamento.

Dias de doces encantos domésticos, de felizes fadigas de amor e de esperança, decorridos sob o meu céu natal, entre as carícias maternas e filiais, não voltareis mais para mim!.....

Uma imagem querida apareceu diante de mim! estendeu-me os braços! caiu aos meus joelhos!...beijou-me a mão, e, enxugando minhas lágrimas repetiu com doce voz que tantas vezes emocionou a minha alma:

"Aqui estou minha terna e bem amada mãe, aqui estou, com minha pequena irmã, para consolar-te, e para não mais deixar-te."

Fiquei magnetizada ao som dessa voz....Era a voz do meu Augusto, do meu filho tão ternamente amado.

Meu filho, alma de minha vida! és tu mesmo que escuto, que tenho em meus braços?! Sim estás aqui, cubro-te de carinhos, meu doce filho de antigamente; imagem tão viva do teu pai, mostrarás aos meus olhos as virtudes que fizeram-me amá-lo tanto. Oh! faças com tuas virtudes, como ele o fez, que sobrevivas na alma de tua encantadora esposa, se Deus decidir que tão jovem, assim como eu, cubra-se com o crepe do luto. Não! tu não morrerás tão jovem, meu filho, pelo menos não morrerás antes de mim! Deus já submeteu a duras provas sua pobre criatura! Ele não me devolveu meu filho, após tantas lágrimas, para tirá-lo assim. Não!

Ah! deixe-me contemplar-te meu doce filho! deixe-me acreditar na felicidade de te abraçar após uma longa ausência, tão banhada de lágrimas, que tua mãe não consegue enxugar.

Como mudastes em tua fisionomia juvenil, ainda tão bela aos olhos de tua mãe! Como teus carinhos rejuvenescem e vivificam meu espírito abatido! Sob a influência do teu amor e

do cumprimento dos teus deveres, tudo irá tomar um novo aspecto aos meus olhos!...Veja a brilhante chama do Vesúvio que eleva-se ao longe diante de nós, a contemplei há poucos instantes com a alma mergulhada em profunda tristeza, pensando em minha boa mãe, em nossos queridos de além mar e em ti, meu filho! O golfo, os barcos adormecidos na costa diante de nós, a onda que murmura docemente, o belo céu estrelado, toda a solene natureza em repouso, representam-te no meu espírito, nas margens da nossa soberba Guanabara, nas noites em que, impulsionado pela paixão dos passeios marítimos, aventurava-te imprudentemente nas águas em um frágil bote, sem medir o pavor que uma das nossas grandes tempestades repentinas jogaria no coração de tua mãe, que esperava ansiosa o teu retorno!

Agora nada das imprudentes excursões, dos medos, inquietações cruéis! Tu te tornastes um homem, e tua ternura filial, unida á de tua querida irmã, consolar-me-á por tudo que perdi na vida, e me fará renascer com todas as inspirações de outrora.

Cheio de alegria ao ouvir-me falar assim, meu filho apertou-me em seus braços e agradeceu a Deus por completar sua felicidade, devolvendo-lhe a mãe e irmã tão bem amadas!

O relógio bateu meu noite.

Despertei do meu feliz solilóquio. A ilusão dissipou-se.

Estou só e triste, procuro, quero abraçar a sombra fugitiva que escapa, ai de mim! Minha querida filha que dorme tranquilamente aos meus olhos, resume toda a minha família, minhas íntimas afeições, todos os cuidados e a razão principal de minha vida em terras estrangeiras.

Forçando meu pensamento errante a fixar-se na esplêndida costa de Nápoles, volto ás reflexões que a cada dia ela desperta.

Antes de visitar a morada real, quis conhecer a casa de Massaniello[1], situada em pleno quarteirão dos lazzaroni. O guia que nos conduziu tirou o chapéu com respeito diante da

---

[1] Massaniello. Nome popular do pescador Tomaso Aniello(1623-1647) - chefe de uma revolta popular em Nápoles, em 1647, contra o governo espanhol que dominava a cidade. Afonso Arinos, (em *Amor à Roma*.Rio

modesta casa. Parando o carro, voltou-se para nós e disse em ruim italiano, mas com solenidade: "Eis, senhora a antiga habitação do bravo chefe Massaniello."

A veneração com que esse homem pronunciou o nome do célebre proletário napolitano impressionou-me ainda mais porque jamais vira pronunciar dessa maneira o nome de algum soberano, cujas esplêndidas residências visitei.

Os Lazzaroni[1], essa parte do povo de Nápoles que os viajantes descrevem tão estranhos e tão vadios, hoje confunde-se com a população trabalhadora da cidade. Eles não conservam quase nada dos seus antigos costumes, mas guardam sempre o gosto da independência e uma espécie de alegria, ao mesmo tempo espiritual e negligente, que os

---

de Janeiro: Nova Fronteira,1982 p.281) resumiu a revolta : "sob a liderança de um caudilho, Masanielo, pobre vendedor de peixe nascido em Amalfi, a população napolitana se sublevara contra as vexações do governo estrangeiro. Era ao mesmo tempo uma sedição social e nacionalista. Masanielo era um verdadeiro líder revolucionário, cujo magnetismo arrastava multidões torrenciais. (....) Destacava-se pela audácia com que arremessava o povo contra igrejas e palácios, como vagalhões de enorme ressaca destruidora"..

Arinos continua em nota de pé de página: "É curioso ver como a figura do líder popular italiano se demorou na lembrança dos brasileiros. Dois séculos depois da sedição napolitana, em 1855, à propósito do primeiro desfile de carnaval no Rio, José de Alencar escrevia: "Nesses três dias de frenesi e delírio, a razão fugiu espavorida e a loucura qual novo Masanielo, empunhou o cetro da realeza".

Pereira da Silva (*Impressões de Viagem*, op. cit.p.135) faz uma curiosa associação entre Luiz Napoleão e Massanielo. Em Paris, durante o golpe de 2 de dezembro, "que salvou a França da anarquia e do monstro do comunismo, que a ameaçava devorar", ele comentou: " Se Luiz Napoleão for feliz e der à França paz e prosperidade, seu nome tomará proporções elevadas na história... se porém desgraçado, e não salvar a França, não passará de um desses tribunos revolucionários, como Rienzi, Savonarola ou Mazaniello, que só servem para heróis de melodramas."

A figura de Massaniello foi um tema explorado por romancistas no século XIX. Em 1822, o francês J. Defaucouper publicou o romance *"Massaniello ou huit jours à Naples"*. E o brasileiro Carlos Gomes(1839-1896) narrou a aventura heróica de Massaniello na ópera *Salvator Rosa*,1874. Salvator Rosa,(1615-1673), músico e pintor napolitano combateu ao lado de Massaniello. A paixão de Salvator Rosa pela filha do conde, opressor de Nápoles, é o motivo central do drama, porém a revolta de Massaniello e sua desventura (após ser todo poderoso em Nápoles durante oito dias, Massaniello foi enganado pelo conde e assassinado) compõe o pano de fundo da paixão do pintor.

[1] Como a paisagem do golfo, as lembranças históricas e poéticas, e o Vesúvio, os "lazzaroni" de Nápoles aparecem nos relatos dos viajantes do final do século XVIII e início do século XIX, como uma pitoresca curiosidade, e como tal ganharam as páginas dos romances. Em 1835, Alexandre Dumas referiu-se à mudança no estilo de vida dos lazzaroni como quem lamenta a chegada da civilização, que destrói a inocência dos índios (em *Impressions de Voyage*. Cit.em *Italies*. op. cit.p.592):

"Oh! que pena! Os *lazzaroni* desaparecem: quem ainda deseja encontrá-los devem apressar-se. Nápoles iluminada pelo gás, Nápoles com restaurantes, com bazares, assusta a despreocupada criança do cais. O lazzarone, como o índio de pele vermelha, retira-se diante da civilização. A ocupação francesa de 99 deu o primeiro golpe nos lazzaroni..."

tornam muito diferentes. Aqueles que leram os poemas e romances baseados na vida desses proletários, pintados em *selvagem nudez*, com uma *vida errante, sem asilo*, tentarão em vão reconhecê-los agora entre a classe pobre de Nápoles.

A sensível diferença que se opera há alguns anos com essa espécie de raça de párias, pelo progresso que dizem ter sido introduzido pela administração francesa, prova claramente que certas classes do povo, por mais inferiores e destituídas de nobres inclinações que pareçam, são sempre possíveis de melhora quando um governo ocupa-se delas com empenho. Então, é ao modo de agir do governo, e não à condição em que as classes são nascidas que se deveria atribuir, me parece, sua miséria e seus vícios.

Se olharmos a história dos povos, hoje tão orgulhosos de sua civilização, veremos que em sua origem eles pareciam tão incapazes dessa civilização quanto os povos, que tratando como selvagens, eles submeteram a todo tipo de crueldades, sob o pretexto de civilizá-los. Sem voltar à uma época mais distante, o que eram os gauleses e os bretões antes que as luzes do cristianismo viessem iluminá-los? Quantos séculos não foram necessários para arrancá-los pouco a pouco da ferocidade primitiva, cujo instinto natural não desapareceu, apesar dos grandes progressos dos seus descendentes, e que ressurgiu sempre que a tormenta da guerra civil abateu-se sobre eles, ou quando o espírito de usurpação neles se entranhou? A rica América, a África, a Ásia e as Austrália foram, e ainda o são, como foi em todos os tempos a própria Europa, palco das mais atrozes barbáries praticadas pela raça européia que arroga-se a supremacia sobre todas as raças.

Os dois povos de onde originou-se essa raça superior, os mais ilustres da antiguidade, os gregos e romanos, caíram em decadência, apesar do maravilhoso desenvolvimento dos seus progressos, logo que faltaram as bases sólidas de um governo adaptado ao seu espírito, e sobre o qual eles apoiassem o grandioso edifício de sua força e de sua glória.

Da mesma maneira que o povo mais esclarecido e poderoso, depois de alguns séculos de opressão e infortúnios que seus governos o fizeram suportar, está sujeito a degenerar, assim também os homens nascidos nas mais inferiores condições podem conseguir, se procurarem cultivar o coração e o espírito, honrar a sociedade com nobres e grandes ações.

A raça negra, por exemplo, cuja inferioridade moral procuraram provar, através da diferença física que certos anatomistas encontraram entre alguns órgãos do homem negro e do homem branco, essa raça, repito, sobre a qual ainda recaem os mais absurdos preconceitos e a atroz tirania da raça branca, daria uma prova da minha afirmação, se a pusessem em condições favoráveis. Quantas vezes tive a ocasião de testemunhar, entre essas infelizes vítimas da usurpação e da avareza dos homens civilizados, traços de virtude e de elevação de alma que honrariam os maiores heróis da raça branca!

Se falássemos de um lugar qualquer do império brasileiro, poderíamos preencher grossos volumes enumerando atos de devotamento, de abnegação, de coragem e heroísmo da raça africana, que para aí, e para toda a América, foi transplantada como escrava por europeus, que glorificando-se da supremacia de sua inteligência sobre a de outras raças, não envergonharam-se de usá-la para violar as leis mais santas da natureza e da moral, e acorrentar seu semelhante numa perpétua escravidão![1]

---

[1] Mais uma das digressões morais e políticas de Nísia. Aqui ela volta a falar sobre a escravidão, a partir de reflexões sobre as raças. Repete sua crítica à civilização européia, responsável, no seu entender, por essa "chaga", transplantada para as virgens terras do novo mundo.

A desconfiança com os benefícios da civilização para o novo mundo foi um tema recorrente nos poemas indianistas brasileiros. Nísia explorou no seu poema *Lágrima de um Caeté* (1849):

"Indígenas do Brasil o que sois vós?
Selvagens? os seus bens já não gozais....
Civilizados? não ...vossos tiranos
Cuidosos vos conservam bem distantes
Dessas armas com que feridos têm-vos".

Gonçalves de Magalhães fez indagação semelhante à de Nísia, em *Confederação dos Tamoios*, alguns anos depois (1856):

"A civilização?.....Fatal presente!
(.....)
Homens da natureza! Deus vos livre
Da civilização que dar-vos querem".

Gonçalves Dias em os *Timbiras*(1864):

"América infeliz, já tão ditosa
Antes que o mar e os ventos não trouxessem
A nós o ferro e os cascavéis da Europa".

Ainda Magalhães, em *Poesias Avulsas* (1864):

"Vi Cabral, vi Colombo que afoutos

Glória eterna àqueles que quebraram as correntes que para vergonha da civilização moderna ainda carregam milhões de seres, cuja vida esvai-se nas constantes fadigas, condenados rudemente, por senhores egoístas e quase sempre cruéis, a nunca conhecer as alegrias que o trabalho e o amor dão ao homem livre.

Que os governos de todos os povos civilizados possam escutar os prolongados gritos de agonia dos infelizes oprimidos brancos e negros! e que a libertação geral dos escravos do novo e do velho mundo, anunciando uma das mais gloriosas épocas nos anais da humanidade, prove a grandeza das idéias do século de maravilhosos progressos intelectuais!

"Para julgar o caráter de uma nação, escreveu madame de Staël, é preciso examinar a massa comum". Se isso for verdadeiro, nenhum povo pode ser tão facilmente estudado quanto o de Nápoles, porque a maneira de viver dessa população facilita o estudo. Porém, como a minha finalidade não é fazer história propriamente dita nem do caráter, nem da nação italiana em particular, limito-me apenas a assinalar um ou outro registro que faço nas minhas observações gerais.

Ardentes como a cratera do seu Vesúvio, poéticos como o céu que lhes serve de abóbada, os napolitanos exibem um certo encanto de espírito que perdoa-lhes a carência causada pela mais negligenciada educação. Eles conservam muitos preconceitos alimentados pelo fanatismo, que sempre caminha ao lado da ignorância.

Por insólitos mares divagando,
Trazer cordas, grilhões, trazer os vícios
E o veneno da Europa, em troca de ouro".

Torres Homem, na revista *Niterói* (1836), no artigo "Considerações econômicas sobre a escravatura":

"Quando vieram os cristãos do século XVI, estabelecer-se na América, aonde deviam semear os germes da vindoura civilização e associar os destinos dos novos aos do antigo hemisfério, assinalaram sua presença por todas as calamidades e horrores, de cuja comitiva andava a conquista naquelas eras constantemente ladeada: por estranho jogo das cousas humanas teve o genio do mal larga parte em um movimento tão rico de futuro, de potência e de civilização.(.....)A par de espoliar os aborígenes, ainda os exterminaram, como visse que nada deles podiam obter, porque arredios sempre resistiam à assentar morada, onde pudesse prender o grilhão da dependência. (.....) nenhum outro recurso julgaram mais apropositado para explorar seu imenso território, e arrancar ouro das entranhas das minas, do que ir buscar escravos na África. (....) apressaram-se a transportar para o solo virgem do continente americano o elemento de trabalho por braços escravos, chaga roedora da antiga civilização."

No entanto, quando soar a hora da ressurreição da Itália, não tenho dúvidas que o povo napolitano, despojado das velharias fanáticas do seu espírito, e esquecendo as discórdias nacionais que tanto entravaram o seu progresso, levantar-se-á com seus irmãos às alturas da glória, que o nobre povo italiano tem o incontestável direito de aspirar.

Não compartilho a opinião da maioria dos viajantes que percorrem essa península, divertindo-se com os vícios do seu povo, vícios que proliferam nas suas próprias nações, e que merecem bem mais a censura do que os de um povo, sobre o qual há muito tempo recai o flagelo da dominação estrangeira.

Nada me parece mais criticável do que a indiferença, ou falta de indulgência com aqueles que sofrem uma grande infelicidade. Mais revoltante ainda é ver aqueles que causaram essa infelicidade criticarem, impiedosamente, as faltas que dela decorrem. Um francês disse-me um dia, em Roma, que ele não entendia que se pudesse amar um povo tão decadente quanto o povo italiano. "Eu o concebo perfeitamente, respondi-lhe, o que me parece mais difícil do que isso é que se possa amar as nações que mais cooperaram para a opressão do povo infeliz, que chamais de decadente, e no entanto, eu amo muito a nação francesa".

É verdade que não foram os generosos sentimentos dessa grande nação, mas as pretensões ambiciosas, e o despotismo de alguns dos seus governantes que em todos os tempos dilaceraram ou ajudaram a dilacerar o coração da nobre vítima que chama-se Itália, cujos defeitos todos empenham-se em encontrar, sem procurar a causa, ou fingindo ignorá-la.

Os homens são os mesmos em todos os lugares, sua opinião sobre o que estão julgando sempre se mede de acordo com a posição em que encontram-se. O homem feliz tem sempre razão, e isso tanto na vida privada quanto na vida pública. Com pequenas diferenças, o espírito de parcialidade e injustiça domina as nações, e mais obstinadamente em certas classes da sociedade. Assim, enquanto todo um povo geme sob a mais cruel opressão, e atrai apenas a difamação ou desprezo dessas classes, os opressores desse povo recebem suas homenagens e sua admiração.

Mas o mundo é assim mesmo, e até hoje a religião e a filosofia procuram, em vão, espalhar os puros raios de luz sobre ele.

É desejável que os grandes arquitetos políticos, iluminados por esses dois faróis do espírito, destruam o velho templo da injustiça, e elevem um santuário indestrutível à moral, no coração da juventude vindoura.

Desde que respiro a perfumada brisa de Nápoles, que contemplo os esplendores de sua natureza, estou sempre absorvida por dois grandes pensamentos: o da antiguidade e o do futuro. Meu espírito vai de um ao outro, e procura no último as consolações para as grandes infelicidades de tantos séculos, que o presente ainda é testemunha! As maravilhas naturais que todos os dias mostram-se aos meus olhos, e fazem tão grande contraste com a situação política da nação; a multidão de caminhantes ricos e pobres indo em busca dos prazeres, favorecidos por um céu resplandecente que os envolve com ardor, e por uma atmosfera impregnada de poesia; toda a alegria, todo o luxo da natureza e da arte, ao lado dos males causado pelo despotismo, pintado com as cores mais sombrias, faz-me sentir aqui, mais que em outros lugares, uma profunda tristeza que não consigo entender, porque em outros lugares os males da humanidade também impressionam-me. Aqui os prazeres fáceis da alegre multidão que encontro todos os dia parecem-me um insulto às vítimas imoladas à política de Ferdinando II, e uma parte delas, dizem, ainda geme no fundo das horríveis prisões.

O rei está sempre em sua fortaleza de Gaeta, que acreditam imbatível. Raramente mostra-se fora dela. Porque ele prefere esse lugar aos belos palácios da capital e dos seus arredores?

Um nobre napolitano a quem fiz essa pergunta respondeu-me: "Os tiranos desse tipo, senhora, são como os lobos, eles gostam de devorar suas presas nas sombras da solidão. Porém, não está longe o dia, espero, em que ele e toda a sua corja serão levados pelo sopro poderoso do espírito nacional, que varrerá essa raça detestável e livrará nossas plagas".

Como em Roma, todo dia escuto em Nápoles, apesar da vigilância de sua polícia inquisitorial, a expressão de uma fúria abafada contra o governo que detestam, parecendo

amá-lo. Esse estado de coisas poderá se prolongar? Uma *nova constituição*[1] outorgada ao povo napolitano será suficiente para conter os espíritos, na direção em que eles estão tomando? ou os grandes meios materiais de que dispõe o rei lhe assegurará sempre, a ele e à sua dinastia, esse trono de aparência tão sólida? Isso não me parece de maneira nenhuma provável.

PALÁCIOS E VILLAS DE NÁPOLES E SEUS ARREDORES

Nápoles não tem palácios tão importantes quanto os de Roma com relação à arquitetura. O palácio real, cuja fachada é uma das belas obras de Dominique Fontana, ocupa uma das mais encantadoras posições da cidade. De suas janelas avista-se o golfo, o Vesúvio e uma parte dos seus deliciosos arredores, que não nos cansamos de admirar. De um lado fica o belo teatro de São Carlos, do outro o Arsenal militar; em frente, uma grande praça e a moderna igreja de São Francisco de Paula, com seus dois pórticos apoiados em duas fileiras de colunas, que dão um aspecto gracioso à praça. O Arsenal de artilharia fica atrás do palácio, cujo jardim é muito medíocre. Parece que a companhia das fortalezas e instrumentos de destruição sempre foram mais apreciados pelos habitantes desse palácio, do que o seriam os mais belos jardins do mundo. Algumas pinturas notáveis de grandes mestres, e muitos quadros de artistas vivos, decoram os aposentos do palácio, do qual oito salas são ocupadas pela biblioteca particular do rei.

Na colina de Capodimonte fica o palácio que tem esse nome e que pertence ao rei. Desta vila têm-se a mais encantadora vista de Nápoles, às portas da qual ela situa-se. Seus jardins são grandes, mas muito descuidados; há uma criação de faisões, a maior e mais bela que vi na Europa. O palácio tem muitos quadros sem maior importância.

---

[1] Cedendo à cruzada de reivindicações liberais da onda revolucionária republicana que antecedeu os movimentos de 1848/1849, o rei das Duas Sicílias outorgou uma constituição, seguindo o exemplo de Pio IX. Com o retrocesso da vaga revolucionária, após a queda da República Romana de 1849, o rei das Duas Sicílias voltou a governar com mão de ferro.

Estávamos acompanhadas nesse passeio pelo sábio D***, e dois dos seus compatriotas toscanos, tão distintos quanto ele. Por isso, ao admirar o magnífico panorama que descortina-se tivemos o privilégio de ouvir a harmoniosa língua musical, que só os toscanos falam em toda sua beleza.

O palácio de Portice, no subúrbio de Nápoles que tem belas casas de campo, não tem mais nenhuma importância desde que transportaram para o museu Bourbon as antigüidades de Pompéia e Herculanum, que ele guardava.

O palácio de Caserta, o Versailles de Nápoles, como algumas pessoas chamam este grande castelo real, a treze milhas da capital, está há muito tempo vazio, desde que o rei desertou para Gaeta. Só a fachada principal do palácio tem 240 janelas. As colunas de mármore, pórticos, a grande escada, magnífico pedaço de arquitetura, salas, a rica capela, com seus mármores, quadros e douradura, seu teatro decorado com belas colunas que pertenciam ao templo de Serapis, em Pozzuoli; - tudo isso mostra-se ao visitante em meio a um silêncio que só é quebrado pela voz do guardião, indicando aqui e ali as diversas mudanças, e as cenas ocorridas nesse palácio....Um grande tanque, onde vê-se ao fundo uma gruta muito curiosa, embeleza seu luminoso parque, que tem graciosa variedade de pequenos nichos, semi-escondidos nos bosques de laranjeiras e de flores.

Uma família americana que ficara conosco no mesmo hotel em Roma, e com quem estamos no mesmo hotel em Nápoles, nos acompanhava nesse passeio. A Sra, M***, mulher de excelente coração, tem uma filha com quase a mesma idade que minha filha. Nós nos encontramos todos os dias e apesar de nossas idéias sobre educação serem diferentes, nos sentimos unidas por uma simpatia, que inspira a igualdade de sentimentos maternos, entre duas mulheres que encontram-se tão longe da pátria.

Enquanto passeávamos, seguidas por nossas filhas, no parque de Caserta, conversávamos sobre os perigos a que elas estariam expostas se a morte nos surpreendesse tão longe de nossas famílias.

"Unamo-nos por uma promessa mútua, disse-me a sra. M***, com uma segurança que eu ainda não vira, se uma de nós vier a morrer durante nossa viagem, a que ficar servirá de mãe à órfã."

Essa oferta, feita com a mais afetuosa espontaneidade, sensibilizou-me profundamente e fez-me acreditar na sinceridade da afeição que nos testemunhava essa mãe. Meu coração a tranqüilizou, e desde então uma ligação fraterna estabeleceu-se entre nós.

Voltando aos palácios de Nápoles, entre eles aqueles que pertencem ao rei: os de Gravine, Monticelli, Santangelo, Miranda, d'Avalos e Costa, que contêm alguns quadros de mestres e objetos curiosos. Quanto às vilas há muitas interessantes, ou por sua posição, como a que chamam de Regina, a maior de Nápoles, ou pelas coleções curiosas de plantas e de animais, como as villas Roccaromana, Angri e Aspach, que decoram, com muitas outras, as colinas de Posilippo e de Vomero....As ruínas bem pitorescas do palácio que a esposa do duque de Médicis, vice-rei de Felipe III, construiu, e que é chamado popularmente de palácio da rainha Joana, elevam-se nas bordas do mar, que aí quebra como querendo engolir um dos monumentos do tempo da dominação espanhola nessas paragens.

Nenhum quadro da natureza que vi na Espanha parece com o encanto da costa de Mergellina, cantada pelo poeta Sannazaro[1], que a habitou.

Quando ao fim do dia voltávamos do passeio que eleva-se no promontório de Posilippo, contornando-o por entre vilas modernas, onde vicejam cactos, laranjeiras, espirradeiras, e abracei com um só olhar o golfo e suas margens radiosas, minha alma pareceu identificar-se com as inspirações do poeta que a cantou com tanta graça.

Porém, a desoladora realidade moral e política estava ali, palpitante, e os esplendores naturais dessa região a tornam mais palpitante ainda.

Em um dos montes que dominam a cidade e todas as maravilhas dos seus arredores ergue-se sombrio e altaneiro, com a lembrança das ilustres vítimas que ele viu perecer entre

---

[1] Sannazaro, Jacó- (1458-1530). Foi chamado de o Virgílio cristão. Viveu seus últimos anos na villa Mergellina, cantando a natureza, as praias que avistava. Autor do romance pastoral *Arcádia*, inspirado em Virgilio. Escreveu também uma *Eglogae Pescatrius* onde substitui os pastores de Virgílio por pescadores.

suas muralhas escurecidas, o famoso castelo Santelmo. Foi nessa prisão, quando da invasão austríaca de Nápoles sob Ferdinando I, que entre tantas outras vítimas, Pietro Colletta[1], o ilustre historiador, sofreu as indignas intimidações do celerado e hipócrita Canosa, durante os três meses em que ele ficou preso, antes de ser arrastado a Brum, na Morávia, bem perto do terrível Spielberg, onde tantos dignos italianos pereceram, ou definharam nos ferros por ter servido à nobre causa nacional!

Todos conhecem as vinganças bourbonianas e a crueldade dos seus executores que ensangüentaram Nápoles, já tão sofrida por tantas guerras anteriores! Entre os nomes que empenharam-se com mais selvageria contra os partidos nacional e muratista, quando da restauração de Ferdinado I, nunca se pronunciará com tanto horror um nome, quanto do seu feroz ministro, o príncipe de Canosa.

Quando se conhece todos os males que atingiram Nápoles, as calamidades que não cessam de afligi-la, não se pode deixar de ficar impressionado com a alegria barulhenta do seu povo.

Parece que como certos infelizes, sem energia para combater os golpes da sorte, ele procura embriagar-se para esquecer a causa de suas misérias!

O *Castell dell'Ovo*, cujo nome vem do seu formato, construído numa quase ilha; o castelo Capuano, que serviu de residência para a corte dos príncipes d'Anjou e d'Aragon; o castelo Novo, com suas notáveis portas de bronze, seu arco do triunfo de Alfonso I, suas torres e baixo relevos, são, como o castelo Santelmo, estabelecimentos militares cujas fortificações lembram as lutas acirradas entre franceses, espanhóis, austríacos e outros que disputaram essa terra.

---

[1] Pietro Colletta, (1775-1831), historiador, participou dos acontecimentos napolitanos entre 1799 e 1821. Autor de *Storia del reaume di Napoli dal 1734 a 1825.(*1834).

UMA ERUPÇÃO DO VESÚVIO

Entre os admiráveis quadros que Nápoles exibe faltava-me um espetáculo que desejava testemunhar, mas que não ousava esperar: uma erupção inofensiva do Vesúvio. Minha filha vira em sonhos, há alguns dias, e falamos sobre isso lamentando deixar a cidade sem ter visto o grande fenômeno da natureza. Eis então que na manhã de 27 de maio uma nova cratera abriu-se, abaixo da que víramos de perto há poucos dias, e no lugar onde a tínhamos desafiado com outros curiosos muito intrépidos, ou talvez imprudentes, para subir no alto desse abismo!

Por volta de oito horas da noite a erupção estava perfeitamente caracterizada, e á meia noite lavas incandescentes escorriam lentamente da montanha, como riachos de fogo, e mostravam o espetáculo mais fascinante já visto por meus olhos.

Dois dias depois, era seis horas da noite quando deixamos Pompéia, a singular necrópole, para onde sempre volto com interesse crescente, e nos dirigimos para a montanha em brasas: era este o aspecto do Vesúvio nesse momento. Já era de noite quando, ao chegar ao Eremitério, o rumor de uma imensa multidão veio aos nossos ouvidos, e foi com dificuldade que descemos do carro, por entre um grande números de outros carros, que haviam chegado ou chegavam sucessivamente, deixando os visitantes noturnos, como nós, perto do grande campo com lavas escorrendo, formando riachos e espalhando-se em várias direções.

Homens, mulheres e até mesmo crianças, napolitanos e estrangeiros, pareciam que tinham marcado um encontro, e apressavam-se, precedidos dos guias que levavam tochas, em direção das oito crateras recentemente abertas, e aproximando-se tanto quanto lhes era possível da lava que corria.

A multidão compacta de curiosos, as numerosas tochas agitadas pela brisa da noite, as torrentes de lavas que escorriam do alto a baixo da montanha, uma parte dela resfriando-se em alguns lugares, colando-se com um leve estalo, umas sobre as outras, formando colinas em brasas; as chamas saindo das novas crateras e colorindo com uma cor avermelhada todo

o lugar em brasas, cujo céu que lhe servia de abóbada parecia também afogueado; o barulho de milhares de passos e de vozes, confundindo-se no meio da noite com o estalido das lavas; o estrondo de repetidas detonações do vulcão, que tinha então muitas bocas; o grito dos vendedores de refrescos, toda a assustadora e cômica confusão compunha um quadro tão extraordinário, tão variado, e ao mesmo tempo de admirável e assustadora beleza, que seria impossível a um pintor reproduzi-lo em toda sua realidade.

O gênio do homem é insuficiente para bem reproduzir cenas da natureza como essas. Aqueles que a viram, que foram capazes de compreendê-la, de senti-la e admira-la, estes as *daguerreotiparão*[1] melhor nos seus espíritos, do que as poderiam reproduzi-las nas telas os mais hábeis artistas.

A boa senhora M*** e sua graciosa filha estavam conosco nessa excursão e nos acompanhara também o respeitável senhor B****, cuja presença nos deu o conforto de vagar em segurança por entre a imensa multidão, composta de todas as classes, napolitanos e estrangeiros, seguindo como nós para os lugares onde a erupção oferecia mais interesse e menos perigo.

Era duas horas da madrugada quando descemos do Vesúvio, e novos espectadores da assustadora beleza ainda chegavam por diversas trilhas, que encurtam o trajeto de Resina ao Eremitério.

O espetáculo que acabara de contemplar, tão novo para mim, exaltara-me a imaginação de tal maneira que não consegui adormecer. Passei o resto da noite olhando da janela, não mais os penachos de fumaça, e as vezes as línguas de fogo que antes da erupção haviam chamado minha atenção, mas os rios de lavas que acabara de ver de perto, e que vistos agora de longe, com milhares de tochas vacilantes que guiavam os visitantes em diferentes direções, pareciam uma aparição sobrenatural confundindo o olhar e levando o pensamento para mundos desconhecidos!

---

[1] No texto em francês está *ceux-là les daguerréotyperont*. Mantive a mesma expressão em português para ser fiel à imagem da autora. Na década de 1850 o invento de Daguerre já fizera surgir o verbo daguerreotipar?

Logo que os primeiros clarões da aurora começaram a aparecer no horizonte, pouco a pouco apagando o fogo vomitado pelas crateras, as águas do golfo, agitadas já há alguns dias, aumentaram, a tempestade retumbou e uma das mais belas tormentas que já vira na Europa cobriu a natureza e escondeu o Vesúvio dos meus olhares!

Depois do maravilhoso espetáculo de uma erupção, o de uma tempestade. O temporal e a chuva trouxeram a imagem do meu golfo natal, dos famosos temporais dos trópicos, que eu sempre vi com uma nova emoção de felicidade, quando eles não causavam nenhuma catástrofe.

O espetáculo das alterações passageiras dos elementos, engalfinhando-se, sempre teve para mim, desde a infância, uma particular atração. Ele suscita na minha alma um entusiasmo religioso, poético, indefinível, cujos encantos aprecio sem saber explicá-los.

Eu me lembro que, bem pequena ainda, vendo um temporal saltei de alegria nos joelhos do meu pai, que procurou explicar-me a causa dos raios que riscavam subitamente a abóbada celeste, seguidos dos golpes de trovão, cujo retumbante barulho, ao invés de amedrontar meu espírito infantil, já transmitia-lhe o vigor e coragem, que o prepararíam para resistir, apesar da grande sensibilidade do coração, às mais cruéis tempestades morais!

30 de maio

O tempo serenou, a erupção continua e o aspecto que ela apresenta esta noite é de plena beleza! A direção que a lava tomou dessa vez despreocupou-me com relação às populações situadas aos pés do Vesúvio, e entreguei-me mais e mais à admiração do imponente fenômeno cuja visão, é, na verdade, tudo o que a imaginação pode representar-se de mais extraordinário, e de mais surpreendente.

A brilhante iluminação de Nápoles hoje, por ocasião da festa do rei, quase não atrai os olhares, todos estão fixados no Vesúvio. O caminho que aí conduz está de mais e mais coberto por um considerável número de pessoas, a pé, de carro, a cavalo, que juntam-se no

trajeto da capital ao alto da montanha, desde que as primeiras sombras da noite realçam a maravilhosa claridade da erupção.

Sinto-me atraída pela visão do grandioso fenômeno, e esse interesse retém-me em Nápoles, mesmo depois de ter recebido, antes de ontem, as cartas de minha querida família, impacientemente esperadas.

Dedicamos o penúltimo dia de nossa estada em Nápoles para visitar alguns estabelecimentos de instrução pública.

Como em Roma, não faltam escolas em Nápoles, mas o ensino nos dois estados está sempre em decadência. A instrução da juventude é confiada, em geral, aos padres, e o reino das Duas Sicílias tem cerca de 90 mil padres, assim como um grande número de bispos e arcebispos.

Entre o grande número de ordens religiosas e confrarias, há uma confraria cuja vestimenta esquisita muito me repugnou: ela representa a forma de um morto envolto em sua mortalha!

Hoje quando saíamos da importante biblioteca *Bourbonica* paramos numa loja de jóias de lava, e um funeral acompanhado por essa confraria passou diante da porta. A imagem do cadáver, que tinha o rosto descoberto, como é o costume aqui, o carro fúnebre, toda a lúgubre cerimônia, precedida dos penitentes vestidos de branco, com a cabeça e o rosto sob um capuz, impressionou-me de maneira desagradável e muito triste.

AINDA EM NÁPOLES

31 de maio

É quatro e meia da manhã, chegamos do Vesúvio, onde passamos a noite junto com um prodigioso número de espectadores da erupção, que ainda apresenta rios de lavas

correntes. Apesar da lentidão uma parte dessa lava já percorreu grande espaço em direção ao mar, e alguns habitantes daquele lado começam a temer a aproximação do terrível inimigo.

Ontem fomos jantar em Pompéia para dedicar-lhe nosso último adeus. Após percorrer algumas de suas ruas solitárias e admirar novamente as colunatas dos seus templos, visitar as casas de Caius Sallustius e Ifigênia, que não vira direito ainda, e revigorar meu espírito com as lembranças despertadas por essa maravilhosa cidade, subimos o Vesúvio, onde parecia que toda a população de Nápoles marcara um encontro.

Pompéia e o Vesúvio foram nossa última visita, nosso último adeus à Nápoles.

O dia começava a despontar no horizonte quando deixamos o grande teatro da erupção. Sorrento com seu contorno verde, de laranjeiras, e a sombra do seu grande poeta aparecia ao longe, sorridente e modesta como uma esposa feliz esperando o retorno do seu bem amado; a lua cheia, despojada dos seus mistérios, refletia sua palidez sobre as águas do golfo. Que espetáculo! uma aurora tão calma e ao mesmo tempo imponente elevando-se no céu de Nápoles!

Algumas horas ainda e toda a riqueza da esplêndida natureza não mais estará aos meus olhos.

Uma meditação profunda de Pompéia; um devaneio de Cava; um poético sorriso de Sorrento; uma lava do Vesúvio: eis as mais queridas lembranças que carrego de Nápoles[1].

---

[1] "Lembranças de viagem", como as que o casal apaixonado em *Cinco Minutos*, 1856, de José de Alencar. A história narra a viagem à Nápoles de uma brasileira doente para tentar curar-se: "trouxemos de nossas peregrinações um raio de sol do Oriente, um reflexo da lua de Nápoles, uma nesga do céu da Grécia, algumas flores, alguns perfumes, e com isto enchemos o nosso pequeno universo"

FLORENÇA

3 de junho

A veder pien di tante ville i colli,
Par che il terren ve le germogli, come
Vermene germogliar suole e rampolli.
Si dentro un mur sotto un medesmo nome
Fosser raccolti i tuoi palazzi sparsi,
Non ti sarian de pareggiar due Rome.
Ariosto, Rime, cap XVI

A procissão de *Corpus Christi* percorrera algumas das ruas de Florença, cobertas com alfaias formando domos, tomadas por uma multidão alegre e tranqüila. As janelas estavam decoradas e mostravam ricas senhoras, graciosas fisionomias, com olhos negros e sorrisos nos lábios. Os sons dos sinos repercutiam no encantador vale histórico banhado pelo Arno e perfumado pelas flores da primavera. O céu e a terra pareciam abraçar-se num olhar amoroso sob a influência de um sol esplêndido, de uma atmosfera diáfana, quando hoje saudamos a Atenas da Idade Média, a nobre pátria de Dante.

Nunca, ao entrar numa das cidades que visitamos na Europa nos sentíramos tão dispostas a amá-la.

Esta famosa cidade, que nos pintaram sombria e entristecida pela construção de vários de seus edifícios escuros e fechados, alguns lembrando fortalezas, se nos mostrou, ao contrário, com o aspecto muito sedutor, e causou ao nosso espírito a mais favorável impressão.

O povo florentino parece acolher os estrangeiros que chegam com um sorriso generoso. O ar acariciante e perfumado da cidade das flores, a festa religiosa que aconteceu no dia de nossa chegada, mais do que tudo isso, a sombra dos grandes gênios que essa terra viu nascer e que sinto mais perto nos lugares onde eles deixaram uma marca indelével,

contribuíram para a agradável disposição de espírito que ficamos ao chegar em Florença, e sem conhecer nenhuma pessoa. Ninguém eu disse? E o divino poeta que sempre gostei de estudar desde minha juventude, e que encontro em todos os lugares aqui? Eu o vejo na sua infância, nos seus castos amores com a bem-aventurada jovem, a suave inspiradora da grande e sublime criação em que ele imortalizou a mulher melhor do que qualquer outro escritor. Vejo-o em suas lutas políticas até o momento em que seus ingratos patrícios, influenciados por uma tirania estrangeira, o exilaram e o deixaram definhar e morrer longe da pátria bem amada! Este grande conhecido não é suficiente para nós e para todos aqueles que gostam de Dante?

Ó! cidade artística e de nobre memória onde as letras brilharam com tanta magnitude, para tornar imortal tua glória seria suficiente ter visto nascer apenas este poeta único, este pensador singular! Mas a natureza pródiga para ti, escolheu-te para berço de Maquiavel, Michelangelo e tantos outros gênios que compõem a tua brilhante plêiade.

Em tempo de mudanças, quando tudo que nos cerca ressente-se com o materialismo grosseiro, combatido de longa data pelos espíritos enlevados pela santa filosofia, e sempre renascendo como a cabeça de Medusa, até que uma mão de Hércules venha libertar a terra, é doce para um espírito que sonha com uma melhor sorte para a humanidade deixar-se ficar na contemplação das sombras ilustres, que sempre irão pairar sobre o mundo.

Alimentar-se em pensamento com os grandes corações que trabalharam para melhorar os homens, que amaram e sofreram sem desencorajar em seu nobre fim, não é uma diversão salutar para a alma que lamenta as calamidades que ainda se abatem sobre o mundo moral?

Quatro horas da tarde do dia 1 de junho deixamos o belo golfo de Nápoles, a bordo do navio *Aventino*. O mar estava calmo e pude ficar na ponte até perder de vista o Vesúvio e Sorrento, que pareciam dirigir-me um melancólico e último adeus. O estimado Sr.B*** nos

acompanhou a bordo e ficou muito emocionado ao nos deixar. É um nobre ancião, cujo coração parece muito sofrer na luta da vida, no declínio de seus dias.

Longe de sua família, o quadro familiar o emociona, e após nos conhecer melhor, nos últimos dias de nossa estada em Nápoles, disse que a nós se sentiu preso como um pai e velho amigo. Sensíveis às manifestações dos seus sentimentos afetuosos, fazemos votos, os mais sinceros, para que os últimos dias deste digno francês decorram calmos e felizes no seu lar.

Ao ver desaparecer pouco a pouco o anfiteatro de ruínas e belezas que chamam Nápoles, o espetáculo do meu golfo natal, da minha querida família e dos amigos, unindo suas lágrimas às minhas em 10 de abril de 1856, apareceu como uma miragem. Então, Nápoles, todas as suas belezas e a lembrança dos bons corações que aí deixei desbotaram em meu espírito, e meu coração murmurou em um longo suspiro: Oh! minha pátria! Oh! minha pátria!.....

Na manhã seguinte despertamos diante de Civitavecchia, e fiquei tentada a desembarcar para rever Roma, porém as lembranças do desconforto do caminho que fizera algum tempo atrás diminuiu meu desejo, e transferi este prazer para mais tarde quando a estrada de ferro ficar pronta. O navio partiu de noite para Livorno, onde desembarcamos esta manhã oito horas. A tropa com uniformes de gala, precedida de música militar, dava, com o povo, dupla animação à esta cidade, em uma das principais festas religiosas do ano. Desembaracei-me ligeiro das formalidades da alfândega, e pegamos o trem de Florença onde chegamos em duas horas e meia.

Uma família de Roma dera as melhores informações sobre a casa mantida por Mme. S**, alemã de nascença, casada com um florentino. Aí nos instalamos, e nossa anfitriã e seu marido parecem merecer os elogios que lhes foram feitos em Roma.

A CASA DE DANTE

Seu monumento na Igreja de Santa Cruz - Batistério

6 de junho

Suave e sagrada é a lembrança que esta data sempre desperta no meu espírito.

Suave e sagrado foi o amor do grande poeta por aquela que inspirou seu poema, monumento de forma, de estilo, de força única, imortal, dedicado à glória da Itália.

Nada poderia preencher tão dignamente este dia em Florença do que a visita e contemplação dos lugares que ainda falam tão eloqüentemente do amante de Beatriz.

O sol já espalhava ondas de luz sobre a sorridente soberana do Arno quando minha filha e eu atravessamos suas ruas limpas, elegantemente pavimentadas, e nos pusemos à procura daquela que se chama *Via Ricciarda.*

Aqui e ali graciosas floristas ambulantes ofereciam pequenos e belos buquês de rosas e cravos, muito abundantes aqui, assim como todas as outras flores. Observamos a aparência do povo, seu ar de simplicidade e suas maneiras educadas que o tornam tão superior ao povo de Nápoles.

Era a primeira vez que saíamos a pé, e pudemos admirar melhor a diferença que surge, ao primeiro olhar, entre o povo florentino e o de outras cidades da Itália que visitáramos.

Sobretudo os viajantes que vêm do reino de Nápoles, ao entrar na Toscana, não deixarão de ficar chocados com essa diferença[1].

Observando o ar calmo e amável dos florentinos, a doçura despreocupada de suas fisionomias, eu me perguntava se estava mesmo diante do povo turbulento, audacioso, ativo, grave e magnânimo. Povo de artistas e de guerreiros, ao mesmo tempo inteligente, literato e bravo, sempre pronto a trocar a pena e o pincel pela espada, ao primeiro apelo da pátria ameaçada em sua liberdade. No entanto, esta não é a questão que se faz todo contemplador ao percorrer a nobre península tão cheia de grandes lembranças? Que coração, possuindo o sentimento da liberdade, não ficará chocado diante do aspecto de deplorável decadência a

---

[1] Observação comum a vários viajantes. Entre eles Stendhal, em *Promenades dans Rome*, (1993/74-75): " A Itália tem sete ou oito centros de civilização. O mais simples gesto é feito de maneira diferente em Turim e Veneza, em Milão e Gênova, em Bolonha e Florença, em Roma e Nápoles (...) creio que nos dois confins do universo não serão encontrados seres tão opostos, e que se entendam tão pouco, quanto o napolitano e o florentino."(tradução minha).

que tantos usurpadores e tiranos reduziram essa imensa e nobre população, tão brava, tão gloriosa, condenada a inclinar-se sob o jugo despótico das nações que atrelara ao carro dos seus triunfos há tão pouco tempo?

Eis-nos na pequena praça de *Sao Martino*, rua *Ricciardi*. Paramos em frente de uma modesta e velha casa, em cuja porta está escrito: *Casa de Dante*.

Bati, e um jovem rosto apareceu na janela. Não era o rosto infantil de *Bice*, gracioso nome que davam à menina que morava no palácio Portinari, onde o divino poeta ia brincar, ainda criança, inocentes e doces brincadeiras que iluminaram em sua alma a chama celeste com que ele fez mais tarde uma auréola à sua casta heroína.

A jovem que nos olhava do alto da janela e que nos abriu a porta, dizendo para subir, era uma pobre empregada que trabalhava com sua mãe e irmã na primeira peça da casa escura e deteriorada, onde entramos com tanto recolhimento como se fora um templo.

Eu estava emocionada, subindo as estreitas e velhas escadas que Dante subira tantas vezes, por me encontrar no mesmo teto em que ele viveu, onde tão grandes, nobres e também dilacerantes pensamentos agitaram seu coração!

A guerra civil, insuflada pelos Gibelinos e Guelfos, a divisão deste último partido em Brancos e Pretos, cujas lutas acirradas dividiram Florença por tanto tempo, e a tirania de Charles de Valois, aí conduzido por Bonifácio VIII, vieram ao meu pensamento na ilustre casa, saqueada como todas as que pertenciam ao partido dos Brancos. Porém, logo afastando do meu espírito todas as cenas de horror que déspotas ambiciosos, nobres e mercadores, mitrados e coroados, fizeram Florença testemunhar, desde o ano em que Dante veio ao mundo até nossos dias, entreguei-me à contemplação da casa, antigamente santuário de um gênio, hoje do trabalho de três pobres mulheres.

Nenhum móvel, nenhuma lembrança do maravilhoso poeta foram conservados neste asilo, onde tomaram impulso os seus grandes pensamentos.

As boas mulheres, atendendo ao meu pedido, mostraram todos os cômodos da casa.

Era aqui, pensei, traçando estas linhas sobre uma velha mesa que ficava seu gabinete de estudos; ali, seu quarto; seu salão seria provavelmente onde as três trabalhadoras nos receberam; acolá, onde ele fazia suas refeições.

Minha imaginação saiu de quarto em quarto, sempre precedida pela sombra de Dante, muito grande para ficar retida entre muros estreitos e em ruínas.

Agradeci á pobre família por sua gentileza e, deixando o templo do gênio nos dirigimos para o templo do Senhor.

Estávamos impacientes para ver o monumento tardiamente dedicado ao grande poeta na sua cidade natal. O sol estava muito quente, e tomamos um carro para nos levar à igreja de *Santa Croce*, chamada com razão, o Panteão de Florença[1].

É lá que fica esse monumento, assim como as cinzas de muitos homens ilustres, como Galileu, Michelangelo, Alfieri, Maquiavel. Mas, era com Dante que estávamos ansiosas.

Os restos do grande poeta não repousam na terra que o viu nascer, estão em Ravena, de onde os Florentinos desejaram, em vão, transferi-los para sua cidade.

Após ter andando alguns passos na nave da igreja de *Santa Croce*, por uma estranha atração ajoelhei para fazer minhas preces diante do seu monumento, à minha direita e que ainda não identificara. Quando levantei, minha filha o mostrou, aproximei-me para examiná-lo.

---

[1] De grande importância para o *Risorgimento* italiano (movimento de aspiração à independência e unidade política, que começou com a restauração italiana, na era pós napoleônica - 1814/1815 -, quando a península foi dividida em pequenos estados separados por fronteiras e alfândegas), a igreja de Santa Croce foi exaltada no poema *Il Sepolcri* (1807), de Foscolo (1778-1827) como um templo que guardava os túmulos dos grandes homens do Renascimento, a glória da Itália: Maquiavel, Galileu, Michelangelo. Símbolo da identidade coletiva que deveria ser preservada, Santa Croce guardava os túmulos dos heróis da violação dos invasores que despojavam a Itália.

Escrito durante a domínio de Napoleão, o poema de Foscolo, uma meditação sobre os túmulos, inspirado na tradição elegíaca dos poemas de sepulcros dos ingleses de Hervey e Young, era uma reação ao édito de Saint Cloud de Napoleão, que fora extensivo à Itália, através do qual vetava-se as sepulturas nas igrejas, e exigia-se lápides e inscrições iguais em todos os túmulos. Ao discorrer sobre os túmulos e sua função como meio de sobrevivência cultural e política da comunidade, Foscolo, além da falar sobre os túmulos já existentes em Santa Croce também fala sobre o túmulo de Alfieri, que Canova começara a esculpir em 1807, sob encomenda da condessa de Albany.

Simbolicamente, a união de dois grandes nomes italianos, do escritor Alfieri (1749-1803), e do escultor Canova(1757-1822), trazia de volta para Florença os anos gloriosos do Renascimento. Foscolo e Alfieri foram precursores e pais espirituais do *Risorgimento*:

Além de provocar um grande debate, o poema de Foscolo deu vez a uma série de catálogos sobre a vida dos homens ilustres, propagando a imagem dos heróis e monumentos que ele celebrara. Durante as primeiras décadas do século XIX, a primeira geração da Itália unitária trabalhou para reconstruir o passado da península numa perspectiva nacional. A importância do Panteão foi extensiva à toda Florença, capital moral da Itália do *Risorgimento*.

O interior da igreja, de aspecto sombrio e severo, foi clareando pouco a pouco, aos meus olhos encandeados pelo sol que brilhava lá fora em todo seu esplendor.

Então pude ver melhor o monumento, grandioso na forma, e muito medíocre sob o aspecto da arte, consagrado, após cinco séculos, ao poeta cujos traços eram dignos de ser reproduzidos por um cinzel de Fídias.

Dante foi representado sentado em uma pose meditativa, mas muito vulgar[1], ele está com um livro na mão.

Um pouco abaixo dele, a Itália triunfante e a Poesia chorando são representadas por duas estátuas tão mal executadas quanto a do poeta. Lê-se no colossal cenotáfio estes versos tirados do Canto IV da *Divina Comédia*:

Onorate l'altissimo poeta

Apoiei-me numa coluna e fiquei um instante imersa na lembrança da grande vida laboriosa, errante, e melancólica, cujas páginas maravilhosas desenrolavam-se no meu espírito. Repassava as torturas simbólicas de seu *Inferno*, as esperanças reconfortantes de seu *Purgatório*, quando, aos sons harmoniosos do órgão na grande missa que começaram a celebrar, seu *Paraíso* como que abriu-se aos meus olhos, mostrando seu reencontro poético com a celeste Beatrice

Ó! Alighieri! como teus altos e clarividentes pensamentos dominaram-me neste momento!

La gloria di Colui che tutto muove
Per l'universo penetra, i risplende
I una parte pi, e meno altrove

Nel ciel,che più della sua luce ferende
Fu io, e vidi cose che ridire
Nè sa, nè può qual di lassù discende;

---

[1] O monumento de Dante em Florença mereceu críticas de muitos viajantes, entre eles J. Ampère, ("Voyage Dantesque", em *La Grèce, Rome et Dante - Études Littéraires*, 6 ed. Paris: Émile Perrin Éditeur, 1884, p.256, 1 ed. 1848): "Infelizmente a execução do monumento não foi digna do sentimento patriótico que o inspirou. Toda a composição é fria, de pensamento e de cinzel, os personagens alegóricos são pesados e comuns: Dante sentado e meditativo tem o ar de uma mulher que pensa nos trabalhos da casa.".(tradução minha).

Per chè apressando sè al suo disire,
Nostro intelletto si profondo tanto,
Che retro la memoria non può ire.[1]

Saindo da igreja de *Santa Croce* fomos na praça do Domo para visitar o Batistério, *Il mio bel san Giovanni*, como o chamava Dante.

Este edifício, situado do lado oposto das duas obras primas de Bruneleschi e de Giotto (a cúpula do Domo e o Campanário) era o único que existia nesta praça no tempo do grande poeta.

O Batistério de São João Batista, construído com os restos de um templo pagão, foi restaurado e revestido de mármore branco e preto, por Arnolfo.

Ao ver estas duas cores lembrei-me dos dois partidos inimigos: as inspirações democráticas de um arrastadas no cadafalso, na fogueira, no exílio e na prisão; as do outro, preparando o caminho por onde os ricos mercadores Médicis, acariciando a república florentina, a sufocaram pouco a pouco num abraço hipócrita, e fizeram um caminho até o trono.

As portas de bronze deste Batistério são obras de arte de escultura. Michelangelo dizia de uma delas, a que foi trabalhada por Ghiberti, que mereceria ser a porta do paraíso[2]. Admiráveis baixo relevos na porta representam a criação do homem e muitos outros motivos tirados do Antigo Testamento. Outros notáveis baixo relevos e estátuas decoram estas portas magníficas. O interior do templo contém diferentes e belas criações de arte, entre outras, as estátuas da Esperança e da Caridade, por Donatello, a da Fé, por Michelozzo, e o túmulo do pirata e escandaloso Balthasar Coscia, general, depois papa, com o nome de João XXIII.[1]

Apesar das mudanças que devem ter ocorrido depois de Dante, sua imagem sempre mostra-se viva no espírito daqueles que lembram o quanto ele amava este edifício.

---

[1] Dante, *A Divina Comédia* -Paraíso, Canto I, versos de 1 a 9.

[2] Informação do guia. Em Du Pays (cit.p.280): " A porta do leste, Michelangelo dizia que poderia ser a porta do Paraíso ...".

A alguns passos do Batistério e quase diante de uma das portas do Domo paramos para ver o mármore que traz a inscrição: *Sasso di Dante*. Esta pedra marcava o lugar onde o divino poeta à noite vinha repousar. Todos esses lugares estão plenos da lembrança do extraordinário gênio, assim como toda Florença, apesar de sua moderna e elegante aparência ter apagado aqui e ali a marca material do tempo em que ele viveu. Porém, a marca moral que os grandes homens deixam no mundo permanece a salvo das revoluções do tempo, e da fúria ou do capricho dos homens, que destroem os monumentos e transformam as cidades e nações.

Estávamos paradas diante do lugar onde fica a pedra de Dante, abrimos seu poema e nossos olhares caíram nos versos:

Ahi serva Italia de dolore ostello

Nave senza nocchiero in gran tempesta[2]

---

[1] Em Du Pays (op.cit.p.259): " O túmulo de Balthasar Coscia, pirata, general e papa com o nome de João XXIII".

[2] Dante - *A Divina Comédia*. Purgatório, Canto VI. Nesse canto Dante fala contra as divisões e guerras internas da Itália. Gonçalves Dias fez uma bela tradução destes versos: "Fragmento da Divina Comédia" (em *Versos Póstumos*, 1957):

Itália - Itália - do sofrer albergo,
Frágil batel em vagas tormentosas,
Sem piloto - e sem leme - ó serva Itália,
Não dona de províncias - não rainha,
Mas tributária vil - mas prostituta,
(.....)
E hoje os teus que vivem - mútua guerra
Se fazem - dos que encerra o mesmo valo
Um cruamente despedaça o outro.

Os tesouros de arte das galerias Uffizi e Pitt ocuparam nossa atenção de nove da manhã à três horas da tarde, nos três dias que se passaram. Quando contemplamos as obras primas admiráveis de arquitetura, de escultura, e pintura da cidade, e de suas galerias, podemos repetir com razão: "Florença ainda é, em nossos dias, o santuário das artes".

Grandes mestres deixaram em Florença sublimes exemplos de seus gênios, como Andrea del Sarto, o Rafael da Escola Florentina; Tiziano, o mágico da cor, como o chamam com razão; Corregio, Masaccio, Leonardo da Vinci, Paulo Veronese, Guerchino, Fra Beato Angelico, Bartolomeo, Domenicino, etc, etc, e os dois astros mais brilhantes da estatuária e da pintura - Michelangelo e Rafael.

Na sala octogonal, dita tribuna dos *Uffizi*, encontra-se uma magnífica reunião de obras primas. "Esta sala é uma das maravilhas mais célebres da Itália e das artes, um dos santuários que penetramos pela primeira vez com religiosa emoção, e de onde levamos uma lembrança inesquecível"[1].

Nesta sala admiramos a célebre estátua da Vênus de Médicis, atribuída ao ateniense Cléomene e encontrada na Vila Adriana, em Tivoli; um Fauno dançarino, cujos braços e cabeça foram restaurados por Michelangelo; um jovem Apollo; um grupo de lutadores, e o Amolador que alguns guias dizem representar "o símbolo das raças oprimidas pela escravidão, esperando resignadas e silenciosas a hora da libertação[2]".

Entre os quadros vimos a deliciosa *Madonna del Cardellino*, de Rafael, o retrato de Jules II, um retrato de mulher que dizem ser *la Fornarina*, também de Rafael; a Santa Família, quadro pintado por Michelangelo; a Madona entre São João Evangelista e São Francisco, por Andrea del Sarto; a Festa de São João Batista por Corregio; duas Vênus deitadas, por Ticiano, que esqueceu as leis do pudor nestas duas grandes criações do seu gênio; Hércules, entre Vênus e Minerva, por Rubens; o Massacre dos Inocentes, por Daniel de Volterra e a Sibila Samnita, por Guerchino.

---

[1] Citação do guia (em Du Pays (op. cit p. 281).

[2] Mais uma citação de Du Pays (cit. p.282): "O Amolador, esta figura tão verdadeira despertou as mais diferentes interpretações, alguns viram nela o símbolo da raças oprimidas pela escravidão...(grifo meu).

Muitas outras pinturas, e entre elas várias notáveis, estátuas, bustos, etc, tomam os três grandes corredores e as vinte salas e gabinetes que compõem a galeria Uffizi: as escolas toscana, italiana, veneziana, francesa, flamenga, holandesa; a bela Sala de Níobe, com sua estátua e as de seus quatorze filhos; a Sala de Baroccio, com suas ricas e magníficas mesas admiravelmente trabalhadas; os gabinetes de bronzes antigos e modernos com seus objetos preciosos, suas estátuas, uma de Mercúrio, obra maravilhosa de João de Bolonha; as de Hermafrodite, de Inscrições, de monumentos egípcios; as salas dos retratos dos pintores homens e mulheres, entre outras, Maria Robusti, filha de Tintoreto; o gabinete dos Tesouros, decorado com colunas de alabastro oriental e de "vert antique", onde nos mostraram, em seis armários uma quantidade imensa de pedras preciosas, de objetos de arte trabalhados com bom gosto e delicadeza extraordinários (a maior parte pertenceu à família dos Médicis) e diversas obras em ouro e esmalte no estilo de Benvenuto Cellini. Toda esta galeria enfim, cujos vestíbulos são decorados com diversas estátuas, expõe aos olhares do visitante riquezas de arte que nunca conseguiremos admirar o suficiente. A magnífica galeria Pitt, que falarei depois, possui duas obras de arte de Rafael: a *Madonna della Segiola* e a *Visão de Ezequiel*, deliciosas pinturas que prendem nosso olhar quando visitamos as salas ricas, elegantes, e bem cuidadas, com o religioso respeito que merecem as numerosas criações do gênio artístico, de diferentes grandes mestres.

Saíamos dessa galeria três horas da tarde do dia nove de junho quando percebemos preparativos de festa no pátio do palácio, que dá para a entrada principal da capela. As arcadas do pátio estavam decoradas com tapeçarias de Gobelins, e terminavam de fazer um prodigioso tapete de flores naturais, dispostas no chão de um lado a outro, no meio do primeiro pátio. Soube que os preparativos eram para a procissão de *Corpus Domini* que se repetiria esta noite, e que sairia da capela do palácio Pitt, por volta de sete horas, acompanhada pelo grão-duque e por sua corte.

Depois do jantar retornamos na hora indicada para ver um espetáculo religioso em Florença. Grande multidão comprimia-se debaixo das arcadas, e principalmente na capela esplendidamente iluminada. O magnífico tapete de flores, sobre o qual deveria passar o

baldaquim, o duque, e sua corte, estava pronto. O trabalho e bom gosto artístico com que o haviam feito criavam um efeito admirável.

A mais bela música militar de Florença, a dos *Veleti*, anunciou a saída da procissão, e a guarda que marchava na frente abriu passagem por entre o povo.

Nós nos encontrávamos bem localizadas e pude observar aqui, como o fizera em outros lugares, que a curiosidade e uma simples formalidade, mais do que o recolhimento religioso presidem esse tipo de cerimônia e muitas outras, não só na Itália, em outros lugares também. Os próprios eclesiásticos muitas vezes dão o exemplo de falta de respeito que choca o verdadeiro fiel.

A procissão arrastava-se lentamente, o padre que carregava a pesada cruz a apoiava no chão de tempo em tempo, com pouca veneração, outros padres conversavam entre si e tomavam seus lugares esperando que o restante da procissão se aproximasse. Os homens da Confraria com o capuz branco cobrindo o rosto, perfurado com dois buracos para permitir a visão, vestimenta que me desagradara tão fortemente em Roma e Nápoles, levantavam e baixavam o singular capuz, pressionados pelo calor. A multidão agrupada dos dois lados falava gesticulando, à maneira italiana, e fazia diferentes observações comparando a procissão com as anteriores. No entanto, quando o Santo Sacramento aproximava-se o silêncio restabelecia-se completamente, e todas as pessoas curvavam-se com respeito.

O Grão-Duque[1], em uniforme militar, carregando o dossel, caminhava com seriedade, e pareceu-me até com deferência, atrás do padre que carregava o Santo Sacramento. Atrás dele vinham seus dois filhos Ferdinando e Carlos. O herdeiro do trono da Toscana (se os toscanos prolongarem sua servidão), casado e pai com vinte e dois anos é, assim como seu irmão, um belo rapaz, no entanto sua fisionomia revela alguma coisa do déspota nascente, que faz sua aprendizagem na vida privada tornando muito infeliz a angélica princesa, sua esposa.

---

[1] Leopoldo II, da dinastia de Lorena, foi grão-duque de Florença no período de 1824 a 1859. Foi apelidado pelos florentinos de "Canapone", "per la sua gran chioma stopposa". De 1824 a 1849 Leopoldo continuou as reformas do pai, Ferdinando II, porém, a partir de 1849 acompanhou o refluxo contra-revolucionário europeu e retornou ao absolutismo reacionário, com o apoio da armada austríaca que ocupou a Toscana.

O porte e a juventude de Ferdinando lembraram meu querido filho, que diferente dele é feliz com sua jovem esposa, com quem vive num encantamento mútuo.

Amor! que poder político pode comparar-se a ti? Os tronos o povo os dá e os toma, segundo a evolução da sociedade, porém o trono que um nobre coração dedica ao objeto do seu amor está ao abrigo de todos os acontecimentos. A atmosfera pesada e viciada dos tronos faz o amor definhar e logo morrer, se é que ele os visita!

Comparei em silêncio os dois jovens casais: um desprovido do fogo sagrado, submetido às frias fórmulas do casamento, sem compartilhar as doçuras, caminhando na vida cercado do frívolo prestígio da grandeza de nascença, e das servis adulações dos cortesões; o outro, com a alma sempre repleta com a chama mútua que o himeneu abençoa sem diminuí-la, vivendo cercado por doces alegrias de uma existência confortável, e de manifestações sinceras de afetos, no meio dos encantos de uma natureza prodigiosa.

Lá, as nobres inspirações patrióticas na procura dos elementos sólidos da vida real, sob a poética atmosfera de um sentimento espontâneo, profundo e fértil, onde desabrocha com todo seu vigor primaveril a flor da esperança, fertilizada pelo sol do amor.

Aqui, a indiferença por tudo que realmente enobrece a vida do homem, e a ociosidade afetada, com seu cortejo de vícios, assentada sobre o egoísmo que oprime o povo.

Na vida doméstica, que contraste entre os dias que passam para as duas jovens esposas: uma tomada de melancolia debaixo dos lambris dourados dos esplêndidos apartamentos do palácio Pitt; a outra entregue aos cuidados de uma afeição compartilhada sob o modesto teto de sua chácara Santa Úrsula.

Dois anjos de doçura e bondade - a arquiduquesa de ..... e a jovem senhora de Faria, ambas pedindo a Deus em suas preces - a primeira, a paciência para carregar com resignação seu cativeiro de dores, a última, a continuação da felicidade que doura e embeleza sua existência.

Estava absorvida por estas reflexões enquanto desfilavam diante de mim a corte, a tropa numerosa, a música, o povo, e só a imagem do meu querido filho absorvia todo o meu pensamento.

Quando a procissão afastou-se e a multidão que a acompanhava se dispersou já era quase noite. As árvores das primeiras alamedas do magnífico jardim de Boboli projetavam sua sombra na areia, clareada pelos globos iluminados. Poucos passeadores procuravam respirar por alguns instantes, na solidão que começava a reinar no vasto recanto verde. Uma leve brisa agitava docemente a folhagem e nos refrescava, após o sufocante calor do dia. A calma da natureza e a presença de minha querida filha, que deliciada a apreciava ao meu lado, convidaram-me a pensar em dias passados, já distantes, infelizmente! quando a aurora e a noite vinham encontrar-me, sempre cercada pelo carinho dos meus dois filhos, com cuja felicidade ocupava-me inteiramente. Eles formavam, junto com a jovem irmã bem amada que eu confundia com eles no meu coração, e com minha boa mãe, a poderosa proteção em cuja retaguarda refugiava-se meu espírito, depois que uma das mais aflitas dores que me estavam destinadas nesse mundo dilacerou minha existência aos 23 anos![1]

Possuindo agora apenas uma parte do que formava a minha vida moral, minha alma vive pela metade, meus dias transcorrem melancólicos, mas felizes por ainda encontrar nesta querida parte que restou ao meu lado as mais doces consolações, na vida que atravessamos juntas, como o cipó e a árvore agarrados em mútua união, através desses mundos estrangeiros. Em vão, os mais magníficos quadros de arte atraem minha atenção, e a encantadora natureza da Itália exibe seus mais graciosos sorrisos; em vão, o espetáculo variado das festas brilhantes, e dos tipos novos desenrolam-se aos meus olhos, entre os povos de diferentes países que visito; em vão, minha boa estrela me faz encontrar em todos os lugares uma simpática e carinhosa acolhida. O coração murmura sempre: não está aqui a minha pátria, a família, o filho bem amado, a vida!

Viajar, já escrevi em outro lugar, é o meio mais seguro e útil para aliviar uma grande dor[2]. Porém, quando nos separa dos entes amados perde muito de sua força, e o encanto dos

---

[1] Nísia lembra a morte de Manuel Augusto de Faria, seu marido, em Porto Alegre, 29 de agosto de 1833.

[2] Em *Itinerário de uma viagem à Alemanha* (1982/ 67): "Viajar, repito-lhes, é o meio mais seguro de aliviar o peso de uma grande dor que nos mina lentamente. Desde que deixei Paris para visitar a Bélgica e a Alemanha, os dias não mais parecem ter a lentidão que me matava." George Sand, em (Un Hiver à Majorque,1856) tem uma observação parecida sobre a viagem e a dor: " Por que viajar quando não se é forçado a isso?... Porque trata-se de partir, mais do que de viajar: quem de nós não tem uma dor para aliviar ou algum jugo para libertar-se?"

novos objetos que impressionam nossos olhos e nosso espírito diminui muito. Longe desses entes o coração esfria em sua admiração por tudo que eles não compartilham conosco. As maiores cenas, mesmo as da natureza, só excitam nosso entusiasmo pela metade, e quanto mais as cenas são belas e imponentes, mais sentimos no fundo da alma a opressão da tristeza.

Observar o mundo é uma grande ciência. Analisar e comparar os costumes, modos de vida, os diferentes graus de civilização dos povos, é o melhor estudo que o viajante pode fazer. Para que este estudo seja feito com organização, e com algum proveito, é preciso, antes de tudo, que o espírito esteja calmo, e que o coração não padeça a mais de 2.500 léguas da querida pátria, onde ficou a metade de nossa vida.

13 de junho

Reminiscência! companheira inseparável e melancólica da existência! como mostras hoje, com toda clareza, o quadro retrospectivo das belas auroras quando o amor, a amizade e a consideração, vinham trazer aos pés da minha mãe os votos e as flores, saudando o feliz aniversário do seu nascimento.

Como a alegre série de aniversários, desde minha infância até tua partida desse vale de peregrinação, surge vivamente ao meu espírito, oh! mãe adorada! Como me sinto emocionada com a lembrança de tuas emoções na vida que começou na deliciosa *Floresta*, berço do meu nascimento, e terminou ás margens imponentes do Janeiro, no seio de tua família, de quem eras a alma, e onde marcaste cada dia de tua vida por um novo sinal de celeste bondade.

Infelizmente, no meio das flores da cidade que tem o nome das flores, não posso depositar uma delas, regada com minhas lágrimas, sobre o teu túmulo do qual me separam dois grandes mares. Porém, se minhas mãos já não fazem guirlandas para te oferecer neste dia, se elas não podem depositar novas *perpétuas* sobre a terra que te escondeu para sempre dos meus olhos, preces as mais fervorosas saem do meu coração dirigindo-se a ti, no seio do Eterno.

Que elas possam ser atendidas! E a filha, cuja alma está despedaçada desde que deixou de receber teus ternos cuidados fique senão feliz, consolada, e que o caminho que falta percorrer para reencontrar-te para sempre pareça-lhe menos árido!

O DOMO E SEU CAMPANÁRIO

Gigantesca, solene e magnífica, a maravilhosa criação de Lapo, de Giotto e de Brunelleschi ergue-se entre todos os edifícios de que Florença orgulha-se. Este último artista, ao construir sua soberba e admirável cúpula, completou o monumento mais majestoso da cidade. De qualquer ponto dos arredores, de onde o olhar do espectador observe a reunião de edifícios admiráveis que chama-se Florença, a cúpula mostra-se à primeira vista.

Revestido exteriormente em mármore de três cores, branco, preto e amarelo, que com o tempo transformaram-se numa curiosa sombra, este templo mostra em seu interior uma imponente solenidade, que impressiona.

Foi à noite que aí entramos pela primeira vez. Apenas alguns devotos deixavam-se ficar aqui e ali, mergulhados em suas preces. O silêncio só era perturbado por nossos passos percorrendo as naves para admirar a simples e grandiosa arquitetura, o imponente conjunto que impressiona o olhar, e transmite uma religiosa melancolia à alma, sob as abóbadas em estilo gótico, admiráveis como todo o resto do templo, por sua rigorosa e artística simplicidade, que o distingue tão particularmente das outras catedrais, muito cobertas de ornamentos.

Os dois monumentos, com os bustos de Bruneleschi e de Giotto, atraíram nossa atenção, e nos fizeram pensar nas numerosas e variadas cenas testemunhadas por estas paredes e esta cúpula, depois que os dois gênios da arquitetura desapareceram dessa terra, nela deixando suas marcas imortais.

Como a cidade de Florença, o seu Domo (*Santa Maria de Fiori*, nome que substitui o do antigo templo de *Santa Raparata*) tem uma grande e curiosa história que continuou, como a de sua cidade, acompanhando os acontecimentos diferentes que se sucederam.

Partidos inimigos, opiniões políticas diferentes, vieram fazer suas preces e ações de graça diante dos altares! Foi sob estas abóbadas, e enquanto era celebrada a missa, que se cometeu o atentado da conjuração dos Pazzi, no qual morreu Juliano, e Lorenzo, depois chamado o Magnífico, se salvou passando por entre os conjurados, refugiando-se na sacristia.

A sinceridade, divina espontaneidade do coração, que as regras da civilização refinada repelem e condenam, sempre me pareceu encantadora, mesmo quando negligencia certas regras, em geral tão apreciadas pelas mulheres.

O sábio florentino que conheci em nossa viagem de Roma á Nápoles, ao visitar-me hoje, disse com uma simplicidade toda italiana que viera nos ver no dia 9 e ficou muito feliz por não ter nos encontrado em casa, "o céu estava tão bonito, disse, e retornando ao Observatório descobri esta noite mesmo um novo cometa, que me deu uma grande satisfação da qual eu teria sido privado, senhora, se estivésseis em casa para receber-me".

Esta revelação tão sincera, que muitas mulheres achariam pouco galante e mesmo inoportuna, fez-me ter uma opinião favorável sobre o digno astrônomo D**** e o apreciei ainda mais. Elogiei seu amor pela ciência, centelha divina que descendo sobre o homem o faz um ser superior, capaz de produzir tão úteis e surpreendentes coisas.

Um francês, mesmo amando a ciência como o Sr. D**** evitaria em circunstância parecida dizer tal coisa a uma senhora. Porém, a confissão simples e espontânea do italiano que é sensível, não deveria ser preferível aos galanteios do francês que bajula?

Tudo o que não vem do coração sempre me pareceu vazio ou insípido. O espírito é muito, o coração é tudo. O primeiro seduz e algumas vezes convence, mas só o segundo possui a força que conquista para sempre. O homem faz esforços para ser espirituoso, o que acontece mesmo quando a natureza não o dotou. Sua conversa, por mais elegante que seja, se o coração não a inspira, não deixará nunca a impressão de interesse e de verdadeiro encanto, que pode ser comparado ao perfume extraído de certas flores que fica, mesmo depois que elas desaparecem.

SAN LORENZO

Grato m'è il sonno e più l'esser di sasso,

Mentre che il danno et la vergogna dura;

Non veder, non sentir m'è gran ventura;

Però non mi destar! deh, parla basso!

Estes belos e significativos versos de Michelangelo[1] vieram-me ao espírito na capela dos *Desposi*, onde estão as célebres estátuas, algumas inacabadas, do incomparável artista. E senti-me tomada de admiração diante da grandeza de originalidade de pensamento, do vigor de execução que impressiona, apesar de minha ignorância em arte. Toda alma entusiasta do belo não poderia deixar de tornar-se artista se contemplasse constantemente as obras dos grandes mestres.

A estátua da Noite (para quem os versos acima foram dirigidos), dormindo com uma atitude expressiva e melancólica, é uma verdadeira maravilha. A cabeça languidamente inclinada, a mão que a sustenta, e o restante da sublime criação, criam um efeito estonteante. A observei, tão imóvel quanto ela, no devaneio que se sucedeu à minha admiração,

---

1 Os versos citados por Nisia encontram-se na coleção de poesias de Michelangelo, *RIME*, publicadas postumamente, em 1623, por seu sobrinho Michelangelo, o jovem. Na edição brasileira, *Poemas de Miguelângelo*, seleção de Andrea Lombardi, tradução de Nilson Moulin (1994/96):

Caro me é o sono e mais ser de pedra

enquanto o dano e a vergonha duram

não ver, não sentir: ainda grande ventura:

por isso não me perturba; fala baixo.

Com este versos Michelangelo respondeu ao epigrama do acadêmico florentino Giovanni di Carlo Strozzi, em louvor da Noite(1545-46).O epigrama e a resposta de Michelangelo eram célebres. Mme. de Staël os citou em *Corinne* (cit.p.515): " A Aurora e a Noite: o despertar de uma e o sono da outra têm uma notável expressão. Um poeta fez versos sobre a estátua da noite que terminavam com estas palavras: porque ela dorme, ela vive, acorde-a se não acreditas e ela te falará. Michelangelo que cultivava as letras, sem as quais em todas as artes a imaginação fenece, respondeu em nome da noite: *grato m'è il sono...*

repetindo os quatro versos saídos do grande coração de Michelangelo, tão cheio de amargura pela infelicidade de sua pátria[1].

Alma de elite, o famoso artista sentia bem que nenhuma glória do mundo pode abafar uma profunda e justa dor. O sono, mas só o sono representado por uma estátua, pode trazer o esquecimento dos sofrimentos agudos, porque no sono real, durante as longas vigílias, sonhos dolorosos vêm agitar os espíritos atormentados com pensamentos aflitivos. Quantas imagens incertas, que tentamos em vão explicar, cenas que se passaram, e as que irão acontecer no futuro, surgem no sono como uma realidade indiscutível, às vezes assustadora, deixando uma impressão profunda que perturba nosso repouso durante dias inteiros.....

Ao contemplar a estátua da Noite senti verdadeiramente o desejo de repetir: "Esta figura que dorme está viva, se duvidas, acorde-a e ela te falará"[2].

O Crepúsculo e a Aurora, o primeiro representado por uma soberba figura viril, com os olhos voltados para a terra; a última com uma fisionomia graciosa e nobre, semelhante ao motivo que representa, são duas magníficas estátuas do mesmo artista que decoram o sarcófago de Lourenço de Médicis, duque de Urbino. O Dia e a Noite decoram o de Juliano, seu irmão.

São Lourenço é uma igreja de bela arquitetura. Destruída por um incêndio, o desenho de sua reconstrução foi feito por Brunelleschi. Ela tem capelas interessantes, mas a que lhe dá grande importância e devota celebridade é a capela de Michelangelo, e a imponente e soberba capela construída por Cosmo I, o grão duque, para mausoléu da família ducal. Esta magnífica capela dos Príncipes ou dos Médicis é octogonal, e o efeito geral que desperta é surpreendente. Decorada com mármores, pedras preciosas e mosaicos, com estátuas colossais de bronze dos grão duques da Toscana, os afrescos de Benvenuto, a estátua

---

[1] As alusões de Michelangelo à situação política de Florença, "enquanto o dano e a vergonha duram" referem-se à restauração da dinastia da família Médicis (1530), que obrigou muitos dos seus amigos a exilarem-se.

[2] Nisia cita os versos do epigrama de Giovanni di Carlo Strozzi, (vê nota na página anterior). O guia de Du Pays mais uma vez auxiliou a viajante em suas observações sobre o monumento e no momento de composição do seu texto, (em Du Pays, op.cit. p. 269):

"Todos sabem que a admiração despertada por esta estátua inspirou um madrigal que terminava dizendo: *"perché dorme, ha vita; destala, se nol credi, e parleratti"*, e Michelangelo respondeu com estes

dourada de Cosmo II, por João de Bolonha, cada uma de suas partes e todo o conjunto oferecem uma harmonia admirável de riqueza, bom gosto e simplicidade que se impõe e maravilha! Nada neste gênero me impressionara tanto na Itália. Monumento de orgulho, construído com tanta magnificência para honrar a memória de uma família, a capela sombria e melancólica, apesar de todo seu esplendor de luxo e de arte, inspirou-me um profundo sentimento de tristeza.

Desde que vivo na Europa, que percorro seus campos, visito suas cidades, admiro seus monumentos, uma tristeza, inteiramente estranha a um motivo pessoal, toma conta de mim todas as vezes em que contemplo um lugar ou monumento, que conta a história da opressão de um povo, e os triunfos de um tirano.

Deixei as capelas de Michelangelo e dos Médicis com a imaginação tomada pela grandeza real de um, e a glória fictícia dos outros comprada com as lágrimas do povo.

O carro nos esperava na praça da igreja. Ordenei ao cocheiro que nos levasse à passear acompanhando os muros da cidade, e mergulhei numa meditação sugerida pela história da nobre fortaleza, cercada por suas altas muralhas com seteiras, lembrando a infeliz necessidade dos homens de empregar a força material para defender-se da agressão dos seus semelhantes.

Florença, como todas as cidades da Itália, submeteu-se a muitas dominações. Suas diferentes formas de governo, desde os etruscos, a quem deve sua origem, até nossos dias, uma após outra imprimiram-lhe um caráter diferente. Nenhum historiador diz ao certo de que povo a Etrúria foi formada, se foram os gregos, fenícios, germanos, celtas, etc...

Um historiador afirmou que os etruscos ocuparam, mais de mil anos antes de Cristo, a parte situada entre o Tibre e o Arno onde desenvolveram o comércio e as artes, até caírem sob o domínio romano. Embelezada com monumentos, por Sylla, a notável cidade foi devastada pelos bárbaros que invadiram a Itália. Alguns escritores acreditam que foi Carlos Magno que a reconstruiu, mas ele apenas criou sua organização política. Florença passou em seguida pelas diversas crises das facções que a disputaram sucessivamente, sob a pretensão

---

versos, cuja verve e amargura lembram o estilo do nosso Aubigné. Diante da estátua do artista relemos com interesse as linhas do cidadão aflito com a infelicidade do seu país: *Grato... etc"*

dos papas e de Frederico Barbaroxa, até meados do século doze, quando as cinco cidades toscanas - Florença, Siena, Pisa, Arezzo e Pistóia - constituíram uma república independente.

A beleza de uma jovem (a Helena dos toscanos) que a matriarca da família Donati dera por esposa a Buondelmonte, chefe desta família poderosa (como era então a dos Uberti), quando ele já se comprometera a tomar como esposa uma outra jovem da família Amadei, esta bela, digo, foi a origem das guerras acirradas entre diversas famílias de Florença, depois do assassinato de Buondelmonti por Lamberti e outros membros da família Uberti e Amadei[1]. Vingando uma injúria pessoal eles não atentaram para os males que iriam dilacerar a mãe pátria.

Cada casa dos grandes de Florença era protegida por uma torre onde acastelavam-se os senhores, e nessa espécie de fortaleza eles lutavam com os inimigos, ou ameaçavam o povo que sabia então resistir-lhes dignamente no solo onde deixou marcas de bravura e dignidade, apesar das grandes forças religiosas e civis que uniram-se, em todos os tempos, para abafar os nobres anseios desse verdadeiro soberano tão massacrado em todos os lugares.

Os felizes mercadores surgiram, com sua ambição, na nobre terra regada com o sangue de tantos bravos que sonhavam com uma república, que ambições diferentes acabaram por sufocar, e que desapareceu, pouco a pouco, sob o domínio destes brilhantes oportunistas.

O mundo conhece todas as intrigas e todos os esforços desta família para manter-se no poder. As arbitrariedades, ambições e crimes de que ela foi capaz, coberta pela retumbante glória que a envolveu durante dois séculos, e que terminou de maneira tão miserável e tão ridícula.

O trono de São Pedro foi ocupado por três filhos dessa família, entre eles, um natural, Júlio de Médicis, Clemente VII, cujo fausto ele manteve, não se detendo diante de nenhuma dificuldade, nem mesmo das faltas mais graves. No trono da França brilharam duas de suas filhas: uma página da história, tão horrivelmente ensangüentada por uma delas, ensinará aos

---

[1] O episódio narrado por Nísia refere-se á querela entre famílias nobres de Florença (1215), que deu início à disputa entre os guelfos e gibelinos, que durou 33 anos (1215-1248).

povos os horrores que causa a ambição exagerada, quando esconde-se sob a aparência do zelo religioso.

No entanto, com os Médicis as artes e as ciências ressuscitaram em Florença, e atingiram um grau de desenvolvimento que marcou nova época no mundo artístico e científico. Gênios multiplicaram-se e criaram obras primas imortais, apesar do despotismo e imoralidade dessa família, combatidos pela eloquência do patriotismo e dos costumes severos do célebre dominicano italiano, que ousou protestar contra os abusos do clero, o despotismo de Lourenço de Médicis, e anunciar bem alto a devassidão e os crimes do papa Alexandre VI, que o excomungou. A pátria de Savonarola[1] parecia consolar-se da falta de liberdade com o impulso dado às artes, e registrou, no grande livro da vingança nacional, a fogueira que consumiu o corpo do corajoso pregador que pouco tempo antes fora ídolo do povo, que assistiu indiferente ao seu suplício!

Como a Atenas de Péricles, Florença concentrou nos tempos modernos um esplêndido desenvolvimento, que começou a declinar após a morte do famoso Michelangelo, chamado com razão o Titã da arte. Mas, se hoje a célebre escola florentina não mais cria a beleza viril, a perfeição e a graça singelas das obras imortais de Mosaccio, Bento Angelino, Phillippino Ghirlandaio, de Buonarotti, de Leonardo da Vinci, de Fra Bartolomeo, de Carlo Dolce,

---

[1] Savonarola, Girolano (1452-1498). Dominicano que comandou um movimento político-religioso e proclamou uma efêmera república em Florença: a República Savonaroliana (1494/1498). Segundo Du Pays (op.cit. p.250): "Savonarola foi um monge dominicano que uniu o entusiasmo da fé à energia de um republicano. Este tribuno, dotado de admiráveis virtudes, combateu a dissolução dos costumes do seu tempo." Savonarola foi um grande pregador e seus sermões, censurados pelo papa Alexandre VI, eram carregados de visões apocalípticas e proféticas. Em 1498, o papa ordenou sua morte na fogueira.

É difícil acreditar que literatos, artistas e estudiosos aplaudam a revolução do monge dominicano contra a florescente civilização dos Médicis, porém, na Florença do *Risorgimento* Savonarola ocupava um lugar especial. Católicos liberais, neo-gibelinos e evangélicos todos encontravam inspiração na revolução democrática de Savonarola. Naqueles anos de paixões libertárias combatia-se déspotas de todas as feições, fossem esclarecidos, como os Médicis, ou religiosos como o papa. Por isso o interesse pelo monge chegou ao florescente historicismo florentino dos anos 50, e Pasquali Villari publicou *La Storia di Girolamo Savonarola e dei suoi tempi.*, quando Nísia estava em Florença, 1860.

Duas escritoras que visitaram Florença na década de 1850, a americana Harriet B. Stowe e a inglesa George Eliot inspiraram-se na República de Savonarola para escrever novelas publicadas na *Cornhill Magazine* em 1862 e 1863. Stowe escreveu *Agnes of Sorrento* (Abril de 1861/maio de 1862) e como a historiografia tradicional viu em Savonarola um precursor da reforma protestante, um "Lutero italiano". Eliot publicou *Romola* (julho de 1862/agosto de 1863), a história dos amores sofridos de uma jovem, que tem como pano de fundo a época das pregações de Savonarola em Florença.

André del Sarto, Sigoli, etc,.. as galerias Pitt e Uffizi, as igrejas de Santa Maria Nova, São Lourenço, *Carmina* e outras, abrem-se todos os dias para os estrangeiros que vêm admirar as obras primas dos grandes mestres, alguns deles mestres em mais de uma arte, que cultivaram as Musas (como o Titã dos artistas), tão gloriosamente quanto manejaram as armas para defender a pátria.

O artista de então era completo: conhecia profundamente a história, sobretudo a história da arte, estudava anatomia, os efeitos das cores e tudo que pudesse servir para reforçar seu talento artístico. As cenas da natureza eram-lhe familiares, assim como os arrebatamentos da poesia em que ele sabia inspirar-se tão bem para dotar suas obras da expressão de originalidade, de encanto e de interesse, que em vão procuramos na maioria das obras de nossos dias.

Quem deixa de gozar um verdadeiro sentimento de admiração ao contemplar a *Transfiguração* e as madonas *della Seggiola* e *del Cardellino* de Rafael, as estátuas vivas do Cristo, Moisés, da Noite, etc, de Michelangelo? Roma e Florença são verdadeiramente os dignos lugares de encontro dos artistas, seres privilegiados da natureza, que mereceriam todas as homenagens do mundo e o afeto de todos os corações nobres, se eles não se afastassem com tanta freqüência da pureza dos costumes, que deveria ser a auréola de seu admirável talento.

19 de junho

Depois de uma longa espera meu sonho de todos os meses realizou-se nesta manhã. Assim que abriu o posto do correio encontrei um grande pacote com cartas do Brasil a mim endereçadas. Com que ansiedade e viva emoção o abri, ali mesmo, na notável praça do *Palazzo Vecchio*, precioso museu a céu aberto, que mais admiro a cada dia que passa, e que nesse instante não atraiu um só dos meus olhares! Eu tinha nas mãos um tesouro sem preço para mim: as cartas que me enviam mensalmente meu filho bem amado, meus irmãos e meus amigos. Li com sofreguidão, passeando por entre o David, de Buonarotti, Perseu de Benvenuto Cellini e outras estátuas, as queridas páginas do coração que vieram de tão longe transmitir-me uma nova vida!

Sejais mil vezes benditos ternos corações amorosos, pelo bem que me fizestes sentir com as doces e eloqüentes epístolas que resumem toda uma existência de amor, todo um mundo de esperanças que Deus quer realizar para nós.

Sossegadas com as boas notícias que recebemos de manhã, à tarde visitamos alguns estabelecimentos públicos, e o belo atelier do sr.V*** cujo talento haviam elogiado muito. Nascido na alta Itália, o sr.V***, que tem cerca de 50 anos, foi a Roma, há alguns anos, para inspirar-se nas obras primas de escultura, cuja arte ele estudou com sucesso. Casado e pai, foi apresentado ao marquês(.....) que procurava um bom escultor para confiar a execução do seu busto. O marquês, que tinha 60 anos, era casado com uma jovem francesa por quem apaixonara-se perdidamente, apesar da diferença de idades e que, subitamente, foi alçada à condição de uma das primeiras famílias de Roma, senhora de grande fortuna. O marquês começou a posar e o artista iniciou seu trabalho.

As sessões multiplicaram-se. Uma manhã, quando o busto estava perto de ser terminado, o marques esperou por longo tempo o artista que não apareceu. Surpreso por passar a hora da sessão sem receber nenhuma explicação por tal atraso, perguntou ao criado se o artista não lhe enviara nenhuma carta. "Não senhor, respondeu-lhe o criado, mas preciso avisar à vossa excelência que a senhora marquesa deixou o palácio acompanhada do senhor escultor".

A situação em que ficou o marquês foi cruel e terrível. Sua influência era grande entre a nobreza romana e em algumas horas ordens foram dadas para encontrar e trazer para Roma os dois culpados, de Paris, para onde pensavam que eles iriam. A polícia os encontrou no final de alguns dias. O artista voltou para Roma acorrentado e a jovem francesa, por um excesso de generosidade do marido, reassumiu todos os seus direitos ao lado do esposo traído.

Algum tempo depois, a morte levou do mundo dos vivos o marquês e a esposa infeliz do escultor. A jovem francesa cuja culpada paixão não se arrefecera, nem mesmo diante da bondade excessiva do marido ofendido, casou com o artista dotando-o com parte da fortuna com a qual o fraco e infeliz marquês, ao morrer, recompensara a mulher que tão mal portara seu nome.

A felicidade do novo casal não foi muito duradoura. Eles deixaram Roma e vieram morar em Florença. Um dia a antiga marquesa suspeitou da infidelidade do seu marido, mandou atrelar sua carruagem e o surpreendeu em criminosa conversa. Sem dizer uma única palavra, ela voltou aos seus aposentos, onde o infiel não ousou entrar, só o fazendo para testemunhar a sua morte. Ela morreu quase subitamente, não se sabe se foi por remorso por ter traído o primeiro marido a quem devia toda consideração e a quem tratara tão mal, ou de sofrimento por ver-se traída pelo único homem que soube amar.

Um filho dessa segunda mulher restou ao artista, que logo esqueceu a infeliz que tudo lhe sacrificou. Apenas três anos passaram-se dos acontecimentos, e ele já expõe suas obras, em seu palácio, em meio a grande luxo.

Convidada para ver essas obras de arte, fui até a casa do escultor. Ele estava em seu grande ateliê quando aí chegamos e entramos. Avisado pela pessoa que nos acompanhara que viéramos ver seus trabalhos artísticos, ele começou por mostrar com extrema vaidade suas obras em escultura, nas quais, disse, nem o próprio Michelangelo encontraria alguma coisa para reprovar: "as pessoas impressionam-se à toa diante das estátuas antigas, quando as modernas apresentam esta perfeição" disse, descobrindo uma estátua encaixotada. "Veja, continuou, sem dar-me tempo para dizer nada, faço embalar esta obra prima encomendada por um *signore* americano, que deve com razão ficar orgulhoso em levar para seu país um exemplar da escultura moderna, que só é encontrado neste ateliê".

Estas últimas palavras foram pronunciadas com um tom e um gesto que honrariam o mais refinado dos pretensiosos!

"Não conheceis bem os americanos, senhor, eu disse, homens com um caráter bem diferente do europeu, eles só ficam orgulhosos com as obras que têm a marca da utilidade, e concorrem para os progressos tanto materiais quanto morais que se desenvolvem na robusta parte do mundo, onde as idéias são tão fecundas quanto o solo!"[1] Mas a América não

---

[1] A opinião de Nísia sobre o espírito utilitário dos americanos em *Opúsculo Humanitário* (cit. 1989/39): "Como tudo que é novo e vigoroso, de uma origem boa e fecunda, o espírito anglo-americano tende a desenvolver as qualidades que lhe são inatas, em ordem a obter a realização das altas concepções do gênio europeu. Mas, permanecendo fiéis aos sábios princípios do imortal Washington, os filhos da União distinguem-se de todos os povos civilizados na preferência que sabem dar a tudo o que tem o cunho da verdade e do útil. (.....)

possui ateliê como este - ele replicou, com o mesmo tom pretensioso - lá não existem artistas e as obras de arte não são corretamente apreciadas._ "Perdão, o gosto das artes não falta aos americanos, e acabais de ter a prova disso ao vender por preço tão elevado, como falastes, esta estátua que ali está. Mas, é verdade, completei, que uma outra arte cuja alta concepção é toda americana, arte bem mais importante do que todas que enriquecem os museus da Europa, ocupa a preferência dos artistas da jovem América que a cultivam com a convicção, a perseverança, e o entusiasmo, inspirados pelo nobre patriotismo de um povo que trabalha para conseguir grandes coisas. Esta arte é a liberdade, isto é, o progresso da humanidade! E concordareis que a arte desses artistas enriquecem bem mais gloriosamente a pátria do que a dos Michelangelo, Thorwaldsen, Canova e mesmo a vossa, permita-me dizer".

Quem estiver lendo estas linhas já terá percebido que ao homem com quem eu falava faltava tanto espírito e instrução, quanto modéstia. Ele não compreendeu a ironia das minhas últimas palavras, preocupado que estava em mostrar-nos as criações do seu gênio, cuja grandeza ele é o primeiro a proclamar, e desenrolou aos nosso olhos globos e mapas geográficos de sua invenção. Uma jovem mal vestida e com ar de muito infeliz, a quem ele dirigia-se asperamente, mantinha-se de pé num canto atrás, no fundo do ateliê, com o jeito e a atenção de um escravo angustiado diante do seu senhor.

Desviei minha atenção dos objetos expostos pelo artista e fiquei olhando a frágil criatura, cujo ar doce e infeliz muito me impressionara. Aproximei-me dela e elogiei com interesse sua grande aplicação e seu trabalho. "É minha filha", disse o artista, com um tom de senhor satisfeito, mais do que com a entonação paternal, terna, e protetora que guia a bondade e consideração por filhos que se apresenta aos estrangeiros. "É vossa filha!?" gritei com espanto involuntário que não pude conter e que o surpreendeu, sem dúvida, porque ele disse com um ar um pouco embaraçado "Faço-a trabalhar como trabalho, senhora, sempre sem descanso de manhã à noite, até mesmo fazendo minhas refeições aqui, ao lado das minhas obras." Neste momento entrou um empregado trazendo um prato com um bife, e o colocou ao lado do artista, que continuou: "quando se é ativo como sou, temos tempo para tudo, acariciamos nossos filhos (e olhou um jovem rapaz, frágil como a irmã e tão

negligenciado quanto ela) e continuamos as composições sérias. O trabalho é uma grande coisa e o artista sabe disso mais do que qualquer outra pessoa, acredite".—Certamente o trabalho é uma bela coisa - eu disse - mesmo quem não é artista deve conhecer a necessidade e nobre finalidade do trabalho. Felizes os que através do trabalho conseguem preservar-se das paixões, que deixando atrás delas marcas indestrutíveis de vergonha e miséria conduzem quase sempre vítimas inocentes para a infelicidade!"

Esta pequena argumentação, que teria chocado qualquer outra pessoa que estivesse na situação do artista, pareceu, ao contrário, excitar sua vaidade dominante, e, procurando nos mostrar tudo o que possuía de precioso, ele nos apontou um bonito retrato de uma jovem, com uma doçura verdadeiramente angelical. Foi o que mais admirei entre tudo que ele nos mostrou. Seu orgulho se satisfez com o entusiasmo com que elogiei a beleza dos traços do retrato, cujo modelo eu não conhecia, e ele apressou-se em dizer: "É o retrato de minha mulher, isto é, daquela cujo coração possuo e que dentro de alguns dias usará o meu nome". "Um nome bem fatal para aquelas que o usaram", pensei.

Pobre moça, pensei, observando na fisionomia do vaidoso os sinais visíveis de um coração insensível e de uma saúde desgastada pelas paixões, como lamentarás por acorrentar tua bela e jovem existência à existência viciada e culpada deste homem!- Mas, quem sabe se não é para satisfazer seus pais, fascinados por uma fortuna tão mal adquirida, que esta doce criatura assim se sacrifica!

De fato, ao deixar o ateliê do Sr. V***, a pessoa que me acompanhara falou do desgosto que a jovem noiva sentia com o casamento, mas sua família fazia todos os esforços para realizá-lo, porque o Sr. V*** possui uma bela fortuna e notável talento.

Oh! pais! pais mil vezes culpados por sacrificar à vossa ambição e ao vosso orgulho a criança que Deus vos confiou como uma consignação sagrada, que deveis cuidar sempre com a única finalidade de encontrar-lhe a felicidade futura, se tendes coração, como os remorsos devem dilacerá-lo, quando a vêem infeliz por seus erros![1]

---

[1] No texto *Daciz, ou a jovem completa*, de 1847, Nísia conta a história de uma jovem que recusa o casamento arranjado pelos pais, e casa por amor. A crítica aos casamentos arranjados perpassa vários romances do século XIX. *Indiana*(1832) de George Sand, que escandalizou a sociedade parisiense por mostrar uma "imagem negativa do casamento", foi um dos pioneiros nessa discussão.

Como em Roma e Nápoles, em Florença também nos cercam de manifestações de simpatia e afetuosas atenções, que tornam a cada dia mais agradável nossa temporada na boa Itália: muitas pessoas a visitam, mas poucas sabem render justiça às excelentes qualidades do seu povo, qualidades que se sobressaem em todos os lugares, apesar da mão de ferro que procura sufocar e aniquilar todos os sentimentos de grandeza.

As florentinas são, em geral, mulheres amáveis e eloqüentes, desenvolvendo o que se chama de espírito entre as francesas, e bem mais dos que estas, elas conservam a naturalidade em suas maneiras e conversa. Gostam muito de diversões e de luxo, com que gastam bem menos porque seu gosto pela vestimenta cara não está tão desenvolvido quanto o das parisienses, que muitas vezes privam-se de conforto em sua intimidade, e até mesmo de alimentação adequada, para comprar a renda verdadeira e outros acessórios para fazer-se notar na sociedade. A fala da italiana é como uma verdadeira música que impressiona e encanta o ouvido, dando um encanto a mais na acolhida cheia de graça e indulgência que elas fazem aos estrangeiros com espontânea bondade e delicada gentileza, sem a vaidade que diminui ao invés de ressaltar o mérito pessoal.

Quanto aos florentinos, eles parecem muito em sua vida exterior com os parisienses. Têm a fina educação, as frases escolhidas, quase sempre afetadas, o bom tom e bom gosto nos divertimentos, mas são menos exagerados do que estes. Muitos deles representam em miniatura o imenso quadro dos *flâneurs* de Paris, jovens distintos, letrados ou iletrados, que freqüentam os cafés e exibem-se como *dandys* no passeio favorito de Florença, o *Cascines*, porém eles não andam como os parisienses com certas companhias que envergonham os italianos, apesar da dissolução de costumes que lhes é atribuída. Não encontrei na Itália, passeando à noite em suas cidades, as mulheres degradadas que exibiram-se pela primeira vez aos meus olhos nas calçadas de Paris, espetáculo que apertou meu coração tanto quanto atormentou meu espírito, por meu filho, jovem de 16 anos, já muito desenvolvido, mas com toda a ingenuidade e inexperiência da idade em que o fruto da educação mais sábia é levado

pelo turbilhão asfixiante, que a chamada civilização insufla sobre a sociedade levando a morte moral, senão física, para aqueles que respiram nessa atmosfera.

Oh! porque! gritei então, no silêncio de minha alma, porque aqueles que têm nas mãos o governo das nações não preferem às glórias fúteis que os cegam e que arruina populações inteiras, a glória verdadeira de estancar esta degradação, sempre crescente, que acaba com as mais belas perspectivas de progresso de um povo.

Tanto dinheiro gasto, tantas vidas sacrificadas para manter o que chamam de honra das nações, enquanto a educação dos povos, a base principal do grande edifício social e da felicidade pública e particular fica de lado como coisa secundária!! Infelizes, eles esquecem a eloqüente, a terrível lição dada pelo maior dos gênios e o mais ambicioso dos tempos modernos, que negligenciando nas suas reformas sociais aquela que mais do que qualquer outra poderia realizar, a educação do povo, iludiu-se com a quimera de submeter toda a terra ao seu domínio e só teve como resultado por todos os seus triunfos uma ilhota por prisão, o desprezo dos filósofos, a maldição das mães.

A dissolução dos costumes das grandes cidades, a miséria que reina em todos os lugares e muitas outras chagas que envergonham a sociedade, não serão conseqüências inevitáveis da fatal incúria que sempre tiveram com a educação moral dos povos? Não é essa a fonte envenenada que matará para sempre as mais belas flores da civilização, se o espírito humano que a produz não conseguir romper com todos os preconceitos arcaicos, e como primeira condição dos progressos futuros estancar completamente a fonte funesta ? Não é esta a reforma essencial, a mais importante e que deveria preocupar antes de tudo um governo previdente que compreenda bem sua missão providencial?

Tenhamos fé no futuro. A atenção dos povos cegos despertará para seus interesses mais palpitantes, eles apreciarão, eles saberão por em prática, esperemos, a eloqüente reflexão do espírito progressista de um célebre escritor francês: "Filósofos, biólogos, economistas, homens de Estado, todos nós sabemos que a excelência da raça, a força do povo, deve-se sobretudo à mulher.

"Ser amada, ter filhos, depois educá-los moralmente, formar o homem (estes tempos bárbaros ainda não entendem isso): eis a missão da mulher!"

"*Fons omnium viventium!* É preciso acrescentar alguma coisa à esta grande palavra?!"....[1]

A música é, como sabemos, a paixão dominante na Itália. Até mesmo o clero dedica-se à música com prazer. Alguns padres cultivam com grande sucesso essa arte divina que combina perfeitamente com as doces e harmoniosas inspirações religiosas, quando sabem exercê-la com a dignidade e seriedade de sua posição.

Fomos convidadas para um concerto na casa do monsenhor C***, antigo professor de harpa da rainha da Espanha, pároco de São Lourenço, que apresenta muito bem seus 80 anos completos. Quando chegamos encontramos numerosa sociedade composta em sua maioria por padres de todos os graus.

Monsenhor C*** e sua interessante sobrinha nos acolheram, com uma bondade e distinção toda particular, com a amabilidade distinta e graça fácil que caracterizam o homem de boa sociedade e a jovem italiana.

Um velho cônego, ancião que ama muito a música e toca piano cantando ás vezes canções até por demais alegres, e que nos encontrara um dia quando saíamos da galeria Uffizi logo oferecendo-se, com toda a gentileza de um toscano, para nos mostrar o interior do *Palazzo Vecchio,* onde admiramos a graciosa torre, encontrava-se nesse concerto, e indicou muitas pessoas que víamos pela primeira vez.

---

[1] Citação de Jules Michelet. Nísia citou o mesmo trecho no *Opúsculo Humanitário* (cit.1989/37): "compartindo de coração as idéias, a respeito da mulher, do progressista e eloqüente Júlio Michelet, concluiremos a nossa ligeira análise sobre elas, citando uma de suas reflexões, que traz o selo vivo do entusiasmo de sua alma, impregnada do eletrismo de uma convicção a que se não pode resistir quando uma vez se ouve a sua voz : "Philosophes, physiologistes, économistes, hommes d'Etat, nous savons tout que, etc...."

Enquanto Nísia viajava pela Itália Jules Michelet lançou em Paris *L'Amour* (18 de novembro de 1858) e *La Femme*(21 de novembro de 1859), dois grandes acontecimentos literários e sociais da cidade. Neles o historiador tratou de temas muito discutidos na França nesse período - adultério, prostituição, infanticídio - crimes atribuídos à falta de educação moral das mulheres. Desde 1836, nos seus primeiros livros, Michelet meditava sobre a necessidade de educação para a mulher, e a função da mulher bem educada para progresso da civilização, " a mulher como anjo de paz e de civilização". A frase que Nísia foi retirada do livro *Do Padre, da Mulher, da Família,* de 1845, resumo do curso sobre *A Educação Popular e a Mulher* ministrado por Michelet no Colégio de França em 1849 e 1850. Curso que Nísia poderia ter assistido quando de sua primeira viagem à Paris.

Quando a música começou, a atenção de todos os assistentes dirigiu-se para uma criança de 8 anos que tocava harpa com prodigiosa habilidade, e uma sensibilidade extraordinária. Jamais vira semelhante fenômeno. Fiquei maravilhada com a expressão inteligente e celeste da fisionomia do pequeno artista, e emocionada ouvindo os sons harmoniosos, corretamente executados, que seus pequenos dedos tiravam do instrumento, muito maior do que seu pequeno tamanho. Dir-se-ia um anjo revelando nos doces acordes os mistérios do Criador, para junto de quem ele voaria, deixando na alma daqueles que o escutavam com encantamento a marca indelével das notas divinas.

Na realidade, a criança cujo talento notável maravilhava a reunião parecia ter uma saúde extremamente delicada, fácil de ler no seu olhar, que irradiava o fogo sagrado do gênio, e uma certa palidez mórbida semelhante à lamparina que alguém sopra antes que ela acendesse completamente.

Quando ele acabou seu primeiro trecho se fez ouvir uma salva da palmas. Só eu não aplaudi, mesmo tão maravilhada quanto toda a assembléia com este extraordinário talento musical tão precoce. Mas, o pensamento de que uma morte prematura talvez planasse sobre a cabeça infantil, que usava assim em um estudo tão forte as faculdades ainda nascentes, entristeceu-me e eu disse baixinho à minha filha: "pobre anjo, temo que seus pais não aproveitem muito tempo de um triunfo que os deixa cegos diante da vida do seu filho".

Uma senhora de idade, mas elegantemente vestida, que com grande amabilidade me cedera o seu lugar para que eu ficasse ao lado de minha filha, foi a única pessoa que ouviu estas palavras porque ela parecia nos observar com uma atenção benevolente desde que entráramos na sala. "Temeis pela saúde desta admirável criança, senhora, ela falou com um tom afetuoso. Admiro o interesse que testemunhais por uma criança estrangeira, cuja mãe (e a senhora me indicou uma mulher que mantinha-se perto do artista), embevecida com os elogios feitos ao seu filho, não pensa realmente que a saúde dessa criança possa estar abalada com o trabalho excessivo a que o submete e que dizem chegar à oito horas por dia".

_ Lamento-a sinceramente, respondi, porque se ela tem um coração de mãe talvez venha arrepender-se amargamente, mas muito tarde, por haver tão cedo apressado o sucesso do seu filho.

A senhora não falou mais nada e mostrou grande impaciência durante o final da primeira parte do concerto. Ao final da primeira parte, quando eram oferecidos refrescos aos convidados, ela aproveitou o intervalo para dizer algumas palavras em voz baixa ao dono da casa e o venerável ancião dirigiu-se a mim dizendo: "Senhora, tenho a honra de vos apresentar a marquesa G****[1] - voltando-se para esta senhora repetiu as mesmas palavras apresentando-me. Após esta simples formalidade, à qual a marquesa dava toda importância que exige a etiqueta britânica, ela demonstrou durante toda a noite a mais viva simpatia.

"Esperava com impaciência que me fostes apresentada", falou com uma franqueza natural, "para me dar o prazer de vossa sociedade e a de vossa encantadora filha. Há pouco tempo uma senhora belga de passagem por aqui, que encontrei na casa de uma amiga, falou sobre duas brasileiras, a mãe e a filha, que conhecera às margens do Reno. Ela tinha um livro publicado por vós e sobre o qual falou belas coisas. Desde então vos conheci por espírito e esperei vê-la um dia. Ao saber, ontem, que uma brasileira com o mesmo nome viria a este concerto, essa foi a mais forte razão para minha presença aqui. Sei que acabais de chegar à nossa cidade, onde talvez não tenhais ainda muitos conhecidos, tenho pois o prazer de oferecer tudo que possa fazer para vos ser agradável. Elogiaram as duas estrangeiras que tenho diante de mim, e espero que elas queiram dar-me a preferência aos meus conterrâneos."

As boas e afetuosas palavras vindas de uma pessoa que eu via pela primeira vez, quando não fizera nada para merecê-las, sensibilizaram-me muito, mais ainda porque eu via o impulso espontâneo e o desinteresse sincero da nobre senhora. Procurei responder suas gentis manifestações de amizade demonstrando-lhe meu reconhecimento, e o de minha filha, assim como o desejo sincero de cultivar sua sociedade, de preferência a qualquer outra, durante o tempo em que ficaríamos na sua bela capital, desejo que a amável acolhida a duas desconhecidas nos inspirava "Já que minha cidade natal vos agrada, disse, tenho esperança

---

[1] A marquesa G*** é a marquesa Geppi,(?) citada por Nísia, nominalmente, no segundo volume. A senhora belga foi citada por Nísia no seu livro *Itinerário de uma viagem á Alemanha* (1857), durante a viagem de Bonn a Mongúncia, no rio Renno. Ela a cita como a senhora B.

de que não a deixareis tão cedo. Vereis que quanto mais ficares em Florença mais vos apegareis ao que ela tem de belo e de bom."

Nesse momento se fez ouvir a voz de um jovem padre ao piano, e minha amável vizinha falou baixinho para que eu observasse a sensação que este novo cantor iria causar ao auditório. Era, de fato, uma encantadora voz, e todas as pessoas a escutavam com prazer. Porém, na segunda estrofe, um padre tão jovem quanto ele, o único além do monsenhor C*** que usava a batina, levantou-se bruscamente e deixou o salão. Ouviu-se um pequeno murmúrio entre todos os que o viram retirar-se, mas ninguém se apressou em segui-lo, como pensei que fariam, se por acaso ele estivesse indisposto, ao contrário, vi um sorriso malicioso ou desdenhoso em algumas fisionomias. O cantor encerrou suas três estrofes, muito aplaudidas. Um senhor que estava na minha frente inclinou-se para a marquesa G*** e disse: "Que pensas marquesa da conduta desse grande pecador, mostrando em público uma severidade que não possui em sua vida privada? Seus ouvidos ficaram chocados ao ouvir a estrofe onde fala-se em nome do amor, e assim ele vai, talvez...." - "Não termine conde, replicou vivamente a marquesa, com bondade, poupai a essa querida estrangeira que nos escuta, o conhecimento desta triste crônica".

Ela nos apresentou ao velho senhor seguindo seu apego á etiqueta, acrescentando, após dizer muitas coisas gentis sobre nós, que viéramos de Roma, Nápoles, etc...Ao ouvir falar de Roma, o conde O***, que trocara o papel de censor pelo de distribuidor de amáveis cortesias, disse com muito espírito: "A marquesa tem razão, senhora, por querer poupá-la da triste leitura da imensa coleção aberta a todos os olhares na capital do mundo católico, onde poderíamos ficar anos inteiros sem esgotá-la".

Um sensível trecho do inspirado Bellini, e outros de Rossini, Verdi etc, vieram nos desviar desse assunto, sobre o qual começávamos a falar muito alto. Ao sair do concerto a marquesa quis que eu dispensasse o carro para nos conduzir ao hotel no seu, pedindo insistentemente no percurso que aceitasse um apartamento no seu palácio, onde minha filha e eu seríamos tão bem tratadas quanto ela.

"Moro só com meu pessoal, acrescentou, apertando afetuosamente minha mão; estareis na minha casa como em vossa casa, ficarei feliz em tê-las sob meu teto, e de vos fazer amar tanto o povo florentino que não desejareis mais deixá-lo."

Uma hospitalidade tão franca em uma capital da Europa me surpreendeu e emocionou. Fiz entender á marquesa a estima que ela conquistara em nosso coração, por tão forte sentimento de simpatia que tivera por nós, e as razões que me forçavam a não aceitar sua gentil oferta. Ela pareceu muito contrariada com minha recusa, e fez-me prometer que ao menos aceitaria jantar com ela algumas vezes, e aceitaria também o seu carro para passear nos arredores de Florença.

Na manhã seguinte ela veio nos visitar e desde este dia surgiu entre nós uma amizade, que parecia existir há muitos anos. Aqueles que conhecem a marquesa, e que vêem sua insistência em nos fazer gentilezas, nos felicitam pela magia, dizem, que exercemos. Dizem que a marquesa não gosta de perturbar seus hábitos caseiros, preferindo viver isolada em seu palácio desde a morte de seu marido e da única filha. Raramente ela vai à corte, mesmo sendo dama de honra da grã duquesa.

Seus cuidados afetuosos e assíduos conosco lhe conferem, com justiça, nosso reconhecimento e nossa amizade.

As festas de São João Batista em Florença

24 de junho

Em todos os tempos e entre todos os povos sempre existiram festas nacionais e religiosas, que lembram ao espírito do homem certas épocas inesquecíveis por um fato glorioso, para a pátria ou para a religião. Nos tempos antigos, e mesmo na Idade Média, as festas religiosas eram comemoradas com o entusiasmo das crenças ainda livres da torrente de ceticismo dos tempos modernos, que arrancaram uma a uma as flores de sua poesia. Sobretudo em nossos dias as festas religiosas não mostram mais um caráter de solenidade verdadeira. O fausto que substituiu a sublime simplicidade do culto católico o fez perder pouco a pouco o seu prestígio e para rezar ao Senhor os espíritos verdadeiramente religiosos nunca têm necessidade de um templo enfeitado com toda essa pompa inútil e profana, que

deslumbra os sentidos sem impressionar o coração. O coração, este templo por excelência de onde devem elevar-se para o criador, como puro incenso, todas as boas inspirações, todas as práticas caridosas.

Desde que nos foi permitido revelar publicamente a falta de harmonia que reina entre a conduta do clero e a moral que ele prega, e que se compreende melhor a santa caridade a serviço da qual seriam empregadas com mais proveito as somas enormes, gastas todos os anos com um luxo com o qual acredita-se honrar aquele que deu aos homens o mais sublime exemplo de humildade. Desde, repito, que vimos e compreendemos isso, geralmente olhamos as brilhantes festas da Igreja como uma reunião mundana, um divertimento que atrai mais os curiosos do que as pessoas verdadeiramente piedosas.

Os espíritos medíocres ou pouco esclarecidos deixam-se iludir por brilhantes aparências, sem nenhuma significação espiritual. Os espíritos verdadeiramente religiosos vêem com tristeza os desregramentos daqueles que se afastam de mais em mais da santa prática, base fundamental do princípio pregado por Cristo. E não poderia ser diferente, pois a admiração acaba quando descobrimos os grandes defeitos do objeto, que até bem pouco tempo impressionara o nosso coração.

Por mais esplêndido que seja um edifício ele cairá antes do tempo se falta solidez às bases que o sustentam. Felizardo será o arquiteto que após seduzir o vulgar pela magnificência exterior de sua obra, não ficar ele mesmo envolvido nessa destruição inevitável.....

Desde que chequei em Florença falaram-me com insistência das grandes festas de São João, padroeiro da cidade. Corridas de carro que duram muitos dias, iluminações, grandes solenidades na catedral e no Batistério, banda de música na praça da catedral, brilhantes fogos de artifício no Arno etc.. tudo é usado com grande arte para tornar esplêndida a festa religiosa.

As festas de são João começaram no dia 23. Seis horas da tarde um grande circo, construído em anfiteatro em torno da arena, na bela praça de Santa Maria Nova, estava cheio de pessoas e apresentava um conjunto magnífico. A tribuna onde ficava o grão duque, sua família e a corte, localizava-se no fim da praça, no lado oposto da igreja sob as arcadas ou

galeria de São Paulo, estabelecimento para educação de moças pobres. Uma numerosa orquestra executava trechos escolhidos.

A um dado sinal, os carros à moda romana, *cocchi*, entraram na arena e fizeram as quatro voltas exigidas pelo regulamento, um entre eles passou dos outros com a velocidade dos cavalos conduzidos por uma mão hábil, mas que não era romana. O povo, contido alguns instantes durante a corrida, correu e cobriu de aplausos o carro vitorioso, que foi passear em triunfo por toda a cidade.

A representação dos jogos olímpicos do antigo circo romano, imitação dos jogos da Grécia, pareceu-me uma verdadeira caricatura da época de decadência atual da Itália. Os carros aos invés de duas rodas, como os antigos, têm quatro. Os atletas modernos confiam menos em sua habilidade e força do que os antigos que eles imitam. Os *cocchi*, os condutores (dois por cada carro), os arreios dos cavalos, as equipagens de diferentes cores, o circo improvisado, a arena, a multidão de espectadores, animados com o entusiasmo dos aplausos, tudo isso era muito pitoresco e divertido.

Estes jogos aconteceram pela primeira vez em Florença sob Cosmo de Médicis, chamado o Pai da Pátria, déspota vaidoso, já preparando com as flores murchas da república toscana a coroa de príncipe que ornaria a fronte de seus netos. Para distrair o povo, que ele oprimia, instituiu esse tipo de espetáculo.

Por volta de 9 horas da noite do mesmo dia 23 uma considerável multidão dirigiu-se para o Arno para ver os fogos de artifícios. As janelas de todas as casas, de um lado e do outro do rio, estavam tomadas pelas pessoas e as ruas próximas mal davam passagem. Foi com dificuldade que alcançamos o palácio Corsini[1], onde fôramos convidadas para ver os fogos de artifício, que refletidos na água criam um espetáculo muito pitoresco.

No dia seguinte aconteceu uma brilhante festa na catedral, assistida por toda a corte, que se apresentou em grande gala. De tarde começaram as corridas.

---

[1] O palácio pertence a uma das mais tradicionais famílias da Toscana. Na década de 1850 era chefe da família o príncipe Tommaso Corsini, que após a unificação da Itália (o plebiscito de 1861), ocuparia vários cargos políticos na Toscana.

Entre as alegres festas populares, onde reina a ordem e a calma, um único espetáculo desagradou-me, e muito me espanta que um povo civilizado como o florentino possa admiti-lo: é a corrida de cavalos, soltos em um ponto da cidade e que correm com rapidez assustadora através das ruas, por entre duas grossas filas de pessoas, até uma das portas, nos limites da cidade. O grão duque, que parece gostar muito deste tipo de divertimento, presidiu com sua mulher e filhos, do alto da tribuna que foi construída diante do palácio vermelho, de onde vimos a partida dos cavalos que em sua perigosa corrida arriscavam pisotear alguns infelizes.

Assisti com curiosidade todas as festas. Vi com um olhar melancólico as multidões alegres entregando-se ás diversões sob seu céu natal, observei as ricas equipagens que Florença exibe nos três dias, no Corso, o *Longchamps* de Florença.

De noite uma bela música se fazia ouvir na praça do Domo.

Sentia-me triste no meio de todos esses divertimentos populares, e com esforço reprimi a tristeza na minha alma junto das amáveis pessoas que tiveram a gentileza de nos mostrar os espetáculos. É que a animação, música, reuniões, festas, lembram-me vivamente a pátria e a família, tão distantes de nós. Quando viajamos com estes dois pensamentos na cabeça, estes dois amores no coração, uma nuvem de melancolia espalha-se em todos os objetos que nos impressionam e quanto mais esses objetos nos representam uma idéia ou acontecimento de nosso país, mais eles despertam no nosso espírito a lembrança de um passado sempre querido para aqueles que aí amaram e foram amados.

A presença da grã duquesa, que estava diante de nós tomando parte nos espetáculos que oferecia a cidade das Flores, lembrou-me as pompas com que se preparou o Rio de Janeiro para receber e festejar sua nova imperatriz, irmã da grã-duquesa, e a mais feliz esposa das cabeças coroadas. E deixando por espírito Florença, sua corte e seu povo alegre, revi a majestosa cidade, rainha da América do sul, vi-me em uma de suas montanhas, ocupada outrora pelos jesuítas que aí tinham um convento e que hoje parece uma cidade suspensa sobre outra cidade. Olhei de lá o mais admirável, o mais grandioso panorama, seus bairros, seus deliciosos arredores, suas ilhas verdejantes e coquetes que parecem nadar com suas palmeiras e bosques de laranjeiras no mais soberbo golfo do mundo. Este golfo

singrado durante 3 séculos e meio por nações diversas, que vieram com sua ambição disputar com os brasileiros uma terra de promissão e de grande futuro.

Numerosos grupos de familiares e uma multidão pessoas de todas as classes subiram, desde o início do dia, as sete colinas que como na cidade eterna cercam a cidade de Janeiro. As ruas e janelas fervilhavam de gente, a alegria e o sol iluminavam o povo.

Por que os arcos de triunfo, as orquestras numerosas, a tropa em uniforme de gala, o alegre movimento em todos os lugares da pitoresca capital do império de Santa Cruz, todas essas pessoas apressadas, os olhares ávidos voltados para a grande entrada do porto e para alto mar, que cada um tentava ver subindo nos terraços das casas e no cume das montanhas?

"Aí está" grita o povo, ao avistar a esperada frota que entrava engalanada no esplêndido golfo, cujas fortalezas saudavam a bela fragata que ela acompanhava, trazendo de Nápoles a feliz princesa que vinha colher, nas plagas afortunadas, os primeiros perfumes da bela flor que elas lhe reservavam. E corações abertos e generosos ofereceram-lhe desde então um império de paz e amor, que ela começou a desfrutar a partir de 4 de setembro de 1843.[1]

O desembarque ocorreu em um dos cais, que tomou o nome de Cais da Imperatriz. Da praça até o palácio da cidade uma multidão considerável apertava-se nas ruas e janelas para ver passar os carros de particulares e da corte, entre os quais a princesa napolitana mostrava-se alegre e bela em sua felicidade, agradecendo graciosamente a multidão que a saudava como nova imperatriz, esposa do primeiro monarca nascido no Brasil, e seu segundo imperador. Mal chegado na adolescência e dotado de excelentes qualidades, de um gosto particular pelos estudos sérios, ele prenuncia ao jovem e vasto império um grande

---

[1] Teresa Cristina Maria de Bourbon, princesa napolitana, chegou ao Rio de Janeiro em 4 de setembro de 1843, para casar com D. Pedro II. As festas da chegada da princesa ao Rio de Janeiro foram descritas por Delso Renault, no livro *O Rio antigo nos Anúncios de Jornais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.p. 241): "Ao clarear o dia - que é o de 4 de setembro- fala a história- a baía do Rio de Janeiro tem o seu mar pintado de embarcações embandeiradas e o cais está repleto de curiosos (....) Por volta das dez horas, um tiro de canhão anuncia que D. Pedro e sua irmã Januária partem para o Arsenal, onde receberiam Teresa Cristina Maria de Bourbon. Como é hábito, flores, folhagens, arcos, colunatas, retratos dos noivos e - de lado a lado - tropas e povo espreitam o trânsito das carruagens."

Os únicos exemplares deste livro de viagem de Nísia, que se encontram na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, pertenciam à coleção Imperatriz Teresa Cristina, a biblioteca particular da princesa.

desenvolvimento de progressos, tanto morais quanto materiais, que deverá marcar nos anais da sua história uma época de felicidade e glória.

Mas, deixemos o Éden da América e suas futuras destinações. Quis apenas falar, rapidamente, sobre a lembrança de um acontecimento que a festa de São João Batista em Florença, e a presença da grã-duquesa, despertaram em mim.

28 de junho

Recebi esta manhã a visita do jovem doente que conhecemos em Roma.

O acolhi como um amigo, que nos seus gestos afetuosos parecia com meu filho, chegando sem avisar para afastar a tristeza da minha alma.

O bom clima da Itália ainda não causou a melhora desejada pelo jovem. Ele me falou que ficará apenas dois dias em Florença e voltará para a França, onde pretende retomar os estudos para poder pagar à pátria seu tributo de trabalho e glória.

As mudanças a que ele é forçado fazer por sua frágil saúde o obrigaram a voltar logo ao hotel, deixando-me com o sincero desejo de que ele alcance grande sucesso, como compensação para seus sofrimentos físicos.

Que grandes resultados pode conseguir a providência e energia somadas ao devotamento materno!

Conheci uma mãe cujo filho dedicara-se, muito jovem ainda, a estudos puxados. Um dia ele começou a definhar, sem que nenhuma doença específica se apresentasse. Esta mãe o fez interromper os estudos e o mandou respirar o ar puro do campo. Mas, a criança continuou a definhar apesar dos cuidados maternos e da assistência de médicos. Um dia, um velho médico, amigo da família, tentando sossegar a pobre mãe assustada com o mal que não encontrava cura disse: "Essa fraqueza é decorrente do desenvolvimento físico de vosso filho, que dificilmente acontecerá nas condições em que ele se encontra. Se não a soubesse tão apegada às obrigações que vos retém na vossa pátria, vos aconselharia a fazer o mais

rápido possível uma longa viagem com vosso filho. Uma completa mudança de clima durante dois ou três anos o curariam, tenho certeza ."

O sábio médico acabou de falar sem que a mãe o interrompesse para qualquer consideração, ela refletia, ou melhor, agia. Os santos afetos, os deveres, as obrigações que a prendiam ao seu país natal, calaram-se no seu coração, deram lugar ao cumprimento de dever mais imperioso. O temor de uma longa viagem, o interesse material, os sacrifícios, as perspectivas de pobreza e as reflexões absurdas de certas pessoas amantes da fortuna e que desdenham os impulsos de alma, o que é tudo isso quando se trata da vida de um filho querido ? Tudo desbota diante do amor materno.

Apenas vinte dias haviam passado, quando a mãe tudo deixou, a família, a posição segura que gozava, cercada pelo amor e respeito dos seus, seu repouso, os desejos de suas aspirações futuras, ela abandonou tudo isso, atravessou grandes mares, distantes países, e depois de ficar cerca de três anos no estrangeiro voltou para sua pátria com a saúde do filho restabelecida, agradecendo a Deus por tê-la inspirado e dado forças para cumprir um de seus deveres mais sagrados.[1]

O último Corso e o passeio do Casino

Sonhei que via meu filho. Ele não parecia alegre como o deixei, mas triste e sofredor. Pedi um carro, com a alma impregnada por essa imagem. Depois de dar uma volta na cidade deixamos o Corsi e ordenamos ao cocheiro que nos levasse na margem direita do Arno, para o passeio do Casino.

A noite estava deliciosa: a velha e pitoresca Fiesoli mostrava-se ao longe no alto do monte, como uma rainha despojada de sua grandeza e encantos. O ar perfumado dos campos

---

[1] Provavelmente Nísia está falando sobre sua primeira viagem à Europa, no período de 2 de novembro de 1849 a 10 de fevereiro de 1852. Como educadora e moralista, ela transforma sua própria experiência numa história moral sobre o amor materno.

nos envolvia, nos fazia gozar a calma da natureza e o bem estar da solidão, que o filósofo Zimmerman[1] descreveu com tanta emoção.

O Casino estava deserto, as belas carruagens, que para aí acorrem todas as noites, ainda levavam á passear no Corso as pessoas sempre ávidas de festas e de prazeres barulhentos.

O passeio do Casino nunca nos parecera tão bonito, suas sombras tão frescas, o pôr do sol tão poético com os últimos raios desenhando no horizonte, que contemplávamos através das folhagens, rosadas nuanças nas nuvens. No meu devaneio parecia que apertava a mão do meu filho, que também apertava ternamente a minha mão, transmitindo as emoções de sua alma.

---

[1] Zimmerman, Jean Georges (1728-1795), médico e filósofo suíço. Zimmerman publicou em 1756 o livro *De la Solitude*, "obra de um espírito triste e amargurado", como definiu o Larousse do Século XIX. O livro foi traduzido para o francês em 1788, e novamente em 1825, e 1840.

Embora a *A Solidão* de Zimmerman tenha antecipado em alguns anos as "*Rêveries d'un promeneur solitaire* (1782), de Rousseau, os dois livros tornaram-se conhecidos quase que paralelamente, após as traduções inglesa e francesa de Zimmerman. Segundo Keith Thomas(*O Homem e o Mundo Natural*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1988, p.317), os dois escritores despertaram em muitos pensadores e poetas o desejo de isolamento da sociedade: "na época elisabetana, o culto humanista do indivíduo incentivou a idéia de que um retiro temporário da sociedade podia ser positivamente agradável (.....) Isso se tornou um tema poético cada vez mais freqüente, a partir de meados do século XVII; e no final do século XVIII ele ganhou maior circulação com os escritos de Rousseau e do autor alemão J. G. Zimmerman, cujas meditações em *Solidão* gozaram de enorme voga em tradução inglesa na década de 1790."

Solidão que Byron descreveu no Canto II - XXV, de Childe Harold's Pilgrimage:

Ficar nas rochas, sonhar sobre os mares e na borda dos abismos;

Vagar com passos lentos na sombra dos bosques;

Buscar os lugares distantes do império dos homens

E que nunca escutaram os passos de um mortal;

Subir nos escarpados montes onde os rebanhos vivem em liberdade;

Ficar só inclinado nos precipícios e junto de cascatas espumantes;

Isto não é viver em solidão, é conversar com a natureza,

Admirar seus encantos e variados tesouros. (tradução minha).

A nova tradução francesa, na década de 1840, de *Solidão* de Zimmerman, acompanhou a retomada de um tema desenvolvido por poetas, escritores, viajantes e pintores dos meados do século XIX. Vários paisagistas expuseram aquarelas e pinturas com esse título, entre eles Gustave Doré que apresentou no salão de 1857, em Paris, um quadro com esse tema, e nesse mesmo ano uma *Solitude*, de Corot foi gravada em água forte por Jean Eugene Ducasse e exposta no mesmo salão.

Como eram puras e nobres essas doces emoções! e como traduzem eloqüentemente a história de sua vida, longe de sua mãe e de sua irmã! Quantas palavras mentalmente trocadas! quantos olhares onde a alma refletia-se inteira! que santo abandono! que felicidade suave e pura ! Ó! benfazeja ilusão! por que tão cedo te dissipastes?

Nove horas da noite, na última luminosidade do mais belo crepúsculo do mês de dias longos, voltamos ao hotel e verti numa carta ao meu filho o sentimento do meu coração.

A Biblioteca Magliabechiana[1]

Esta biblioteca contém mais de 160 mil volumes e doze mil manuscritos. O respeitável Dr. D***, que eu conhecera na casa da marquesa G***, nos guiou na primeira visita à *Magliabechiana.* O conservador da biblioteca nos mostrou preciosas curiosidades que estão sob sua guarda, entre outras, uma edição interessante e dois manuscritos de três de nossos velhos conhecidos: Dante, a *Divina Comédia,* impresso em pergaminho em 1481; Savonarola, *Escritos Ascetici,* original; Maquiavel, *Esquisse de l'art de la guerre.* As duas últimas obras são manuscritos do próprio punho dos autores.

Aqui, mais do que em outras cidades da Itália, pude apreciar o gosto do público pelo estudo.

Embora a juventude de Florença goste muito de divertir-se, sempre se vê das 9 da manhã ás quatro da tarde a biblioteca cheia de leitores. Todas as vezes que aí fomos, ao ver os grupos de estudiosos consultando as obras preciosas de autores da Idade Média e outros, admirei a paixão dos toscanos pelo estudo, mas, ontem, um sábio florentino disse que a maioria do jovens, que encontrei na biblioteca Magliabechiana, era de estrangeiros, de diferentes estados da Itália. O nome de *estrangeiros* na boca de um italiano, falando dos seus irmãos da Itália, me chocou. Mas é assim que são chamadas as pessoas das cidades, e até mesmo de povoados vizinhos. A fatal semente das antigas desavenças civis jogada com este

---

[1] A biblioteca Magliabechiana deve seu nome ao bibliotecário Antonio Magliabechi (1633-1714). Após a unificação(1861), passou a ser chamada de Biblioteca Nacional Central.

propósito entre o povo italiano, pelos déspotas que compartilharam entre si os despojos da grande nação, hoje tão dividida e tão desunida, ainda produzem seus efeitos envenenadores. Esperemos que cultivadores esclarecidos da árvore sagrada, regada com tanto sangue, encontrem os meios de destruir completamente as raízes venenosas que impedem o progresso dessa terra, ainda tão fértil!

FIESOLE

6 de julho

Solitária e pitoresca Fiesole, antiga e gloriosa soberana, hoje um triste esqueleto envolvido em tua mortalha verdejante, pareces dizer do fundo do teu sarcófago ao viajante que sobe até o cimo da montanha: "Os séculos e os caprichos dos homens afundaram-me no nada, com todo meu brilho e minha força! Mas, olhes lá em baixo e fiques maravilhado com o aspecto das novas belezas espalhadas, aqui e ali, nas colinas e planícies que me cercam e que foram outrora as flores da guirlanda que enfeitavam minha fronte.".

Quando, após subir por uma encantadora estrada em zig-zag de Florença a Fiesole, chegamos no alto da montanha, onde a pobre e pequena cidade atual substitui a antiga cidade Etrusca, olhamos lá em baixo as vilas dos senhores e as casas dos camponeses, espalhadas no imenso vale do Arno, entre as oliveiras cinzentas, sob os doces raios do sol poente; e na planície, ao fundo, a rainha do Arno cortada graciosamente por este rio que refletiu tantas sombras ilustres; quando contemplamos, repito, o grande e maravilhoso quadro, cheio de lembranças, o coração parece dilatar-se no peito para conter as emoções novas oferecidas pelo velho lugar, tão transformado, desordenado e ainda tão poético!

Florença, a Bela, mostra-se daqui ainda mais bela, com seus palácios, torres de aspecto severo, belos templos, entre eles o famoso *Duomo* de Brunelleschi, o *Campanile* de Giotto, e a encantadora torre de Lapo, debruçando-se sobre as ruas, com toda sua majestade artística.

Inclino-me diante de ti, ó! gênio poderoso da Itália, maravilhosa grandeza de arte, espalhada por todos os lugares com tanta profusão nessa terra fértil! Inclino-me diante da mágica influência que as lembranças de teu grande passado dão aos teus encantos.

O carro subia lentamente seguindo os contornos da cidade de Fiesole, e permitindo que contemplássemos os magníficos espetáculos que desenrolavam-se aos nossos olhos, sobressaltando o coração com a lembrança de outros sítios mais ricos, mais belos, melhor dotados pela natureza, compensando a falta das surpreendentes obras de arte que honram a Itália. Minha filha, encantada com os novos pontos de vista que descobríamos à medida que o carro subia, gritava a todo instante, mostrando as campinas, as colinas, cujas brancas casas pareciam com punhados de pérolas, jogados aqui e ali por entre as oliveiras e os pinheiros.

A boa senhora alemã, dona da casa onde ficamos em Florença e que eu convidara a fazer este passeio conosco, alegrava-se ao ver o entusiasmo desse jovem coração diante das belezas de uma terra que ela ama apaixonadamente.

Ao chegar no alto descemos do carro para visitar a velha basílica de Fiesole, os restos de seus muros etruscos e a igreja do convento dos franciscanos, construída no lugar da antiga acrópole.

Quanto aos restos do anfiteatro, que ainda chamam por este nome, não dão a menor idéia do que já foram antigamente. O formato da catedral parece com o da igreja de *San Meniato*, nas portas de Florença, lá onde a sombra do grande arquiteto guerreiro ainda plana toda viva, lembrando a sua coragem na defesa da pátria.

Não há nada de muito notável na velha catedral de Fiesole, onde nos mostraram o mausoléu do bispo Salutati, de 1465, o tabernáculo de Mino de Fiesole, e alguns afrescos de Ferruci. Apesar da maravilhosa vista que se descobre dos seus altos, desde o vale irrigado pelo Arno, até o caminho dos Apeninos e das montanhas altas de Carrara, apesar do bom ar que se respira, Fiesole é hoje habitada apenas por pessoas pobres que geralmente dedicam-se à fabricação de cordas de palhas, vendidas pelas mulheres.

Voltei do passeio com a alma suavemente impregnada com as lembranças que ele despertou no meu espírito, e com o desejo de voltar para ficar mais algum tempo em

Florença, para melhor aproveitar os encantos da doce e ilustre Toscana, cujo povo a cada dia me parece mais simpático.

10 de julho

O amor no casamento[1]

Os partidários do célebre romancista, que afirmou que o casamento destrói o amor, não deixarão de protestar olhando o título acima: "O amor no casamento é um fenômeno". Fenômeno não tão raro entre os seres que ao formar seus laços não se deixaram seduzir pela atração da riqueza ou por certas frias considerações, que freqüentemente levam nelas mesmas a destruição da felicidade conjugal, mas por uma verdadeira afeição de coração, fundada no mérito real do ser que foi escolhido para unir-se aos prazeres e sofrimentos do outro ser.

É um grande erro acreditar que a riqueza ou uma bela posição no mundo possam por si só trazer o bem mais doce e mais desejado na terra, a felicidade doméstica. O dinheiro tudo compra nesse mundo, títulos, honrarias, homens, mulheres, etc. mas nunca poderá comprar as virtudes, nem os corações. E como o amor vem do coração, e sem este poderoso motor de nobres ações não há união feliz possível, não devemos, me parece, acusar o casamento pelo arrefecimento do amor, mas sim o homem ou a mulher que nele se engajaram superficialmente e sem amor.

---

[1] "O Amor no Casamento" é também título do capítulo XIX, Terceira Parte("La Philosophie et la Morale") do livro *De L'Allemagne*,(1813) de Mme. de Staël. Entre outras considerações, Mme. de Staël escreveu: "É no casamento que a sensibilidade é um dever; em qualquer outra relação a virtude pode ser suficiente, porém, nesta onde os destinos entrelaçam-se, onde o mesmo impulso serve, por assim dizer, às batidas de dois corações, parece que uma afeição profunda é quase um vínculo necessário."(tradução minha)

Vários escritores franceses, ao longo do século XIX, defenderam o amor no casamento. Entre eles Stendhal no seu curioso *L'Amour* (1822), onde diz: "Casamento sem amor: em menos de dois anos a água desta fonte torna-se amarga". Stendhal considera a fidelidade das mulheres num casamento sem amor um "gesto contra a natureza".

L'Amour dans le Mariage, foi o título de uma historieta publicada pelo político e historiador Guizot (1787-1874), na *Revue des Deux Mondes*, em 1855. Guizot romanceia o relato "verdadeiro" da dedicação de uma mulher inglesa do século XVII, que inicialmente casara por obrigação, e só conseguira a verdadeira felicidade quando ficou viúva e voltou a casar-se, desta feita por amor.

Lastimando mais do que reprovando os espíritos frívolos, os corações insensíveis que dedicam-se a profanar uma santa instituição, a mais capaz de desenvolver e manter o que há de mais belo, mais nobre e grande no amor, mostrarei aqui um dos exemplos dessa chama divina, queimando sempre com intensidade nos corações de dois esposos, depois de muitos anos de casamento.

E. M***[1] que pertence a uma honrada família, natural de Roma, florentino de coração desde que casou com uma digna florentina, fazia seu quarto ano de estudos na Sapienza, em Roma quando a paixão pela música o envolveu e retirou-o da brilhante carreira que seguia. Seu pai, homem muito severo e tão ambicioso quanto indiferente aos mais doces sentimentos da natureza, quis que seu filho casasse com uma rica herdeira, uma jovem inglesa que apaixonara-se pelo jovem M**.

Porém, a fortuna que fascinava o pai não impressionava o filho que não conseguiu amar aquela que a possuía, e recusou-se a desposá-la.

O pai, não compreendendo o que havia de nobre nessa conduta, foi inflexível com o filho. E. M ** deixou Roma e estabeleceu-se primeiramente em Nápoles e na Sicília; depois veio para Florença onde o amor venceu sua indiferença na pessoa de uma jovem mulher, que tornou-se para sempre objeto da sua mais forte afeição. Alma ao mesmo tempo doce e apaixonada, abrigando todas as virtudes que fazem da mulher um ser quase divino, a senhora M*** encanta há 16 anos a vida de seu marido, tornando-se a cada dia mais digna do terno e profundo amor de um dos melhores corações de homem de letras, que já conheci na Europa. Onze crianças são os frutos dessa doce união. Os reversos da sorte que o digno casal viveu, ao invés de enfraquecer apertou os laços que sua ternura mútua sabe dourar, mesmo com a pesada mão do infortúnio que caiu sobre suas vidas.

É na força desse sentimento sublime que eles encontram as doces consolações. Literato, músico e poeta E. M** ocupa todos os seus dias com um trabalho assíduo e inteligente, que mal dá para satisfazer as primeiras necessidades de sua família. Mas, isso

---

[1] O músico Ettore Marcucci e sua mulher Clorinda Marcucci tornaram-se grandes amigos de Nísia em Florença, juntamente com a marquesa Geppi. Nísia os cita nominalmente no segundo volume. Ettore Marcucci traduziu para o italiano o poema *Lágrima de um Caeté*, que Nísia publicou no Rio de Janeiro, em 1849, com o pseudônimo de Telesila. A tradução de Marccuci foi publicada em Florença em 1860.

não corrompe seu caráter, nem diminui seu zelo e seu amor. Ele passa todas as noites ao lado de sua mulher e dos seus filhos, fazendo música com a primeira, que tem uma voz muito melodiosa; relê com ela seus autores prediletos, ou explica-lhe Dante, e compõe cânticos para os filhos, que educa nos princípios de uma sadia moral.

Com freqüência sua musa inspira-lhe versos sensíveis, onde o amor, a felicidade conjugal, a religiosa resignação na infelicidade, e a felicidade doméstica do terno casal sobrepõem-se às lamentações contra a ingrata sorte que cessou de lhes sorrir.

Uma senhora piemontesa, que mora em frente da casa onde vivo aqui, ao ouvir a voz de minha filha ao piano desejou nos conhecer e veio nos visitar com suas duas filhas, jovens muito interessantes, uma delas artista. Foi na sua casa que vi pela primeira vez o Sr. M***. A senhora S*** o apresentou como literato e poeta de distinção, que ensinava suas filhas e aperfeiçoava uma delas na arte do canto. "É um homem de grande mérito, disse, antes que eu o visse, e que desejo vos apresentar. Ele só tem um defeito, o de amar demais sua mulher e recusaria as maiores vantagens que algum emprego pudesse trazer-lhe, se para exercê-lo precisasse deixá-la por alguns meses. Desde que perdeu uma bela posição prefere levar uma vida difícil, com os poucos recursos que lha dá o seu professorado, a aproveitar qualquer vantagem que o prive por muito tempo de sua querida cara metade. Chegou mesmo a não freqüentar a sociedade e a esquivar-se dos círculos onde seu talento seria aproveitado, e tudo isso para ficar todas as noites em práticas sentimentais que nada lhe trazem".

A senhora S***, mulher de espírito e cálculo, sempre mostrando o quadro das raras e preciosas qualidades desse marido fenômeno, segundo a expressão desta adepta feminina da numerosa escola de que falei ao começar este artigo, lamentava que um tão digno homem se deixasse dominar por uma ternura conjugal, tão pouco conveniente no seu entender.

Como morei muito tempo em Paris, onde a expressão de um terno amor e as atenções carinhosas do marido por sua mulher são, em geral, consideradas ridículas, não me espantei com a censura feita pela senhora S***. Mas, desde que ela falou do que chamou de um grande defeito, e que admiro como uma grande virtude, o estimável sr. M*** e sua digna mulher atraíram toda minha simpatia, e ao conhecê-los de perto a cada dia mais os aprecio e tenho afeição por eles.

Nos primeiros dias da nossa chegada em Florença, na ânsia de ver seus tesouros de arte não queríamos voltar na hora certa do jantar italiano (*al tocco*). Íamos jantar no restaurante, onde Orsini e Luis Napoleão muitas vezes vinham juntos fazer suas refeições[1].

Entre as pessoas que também freqüentavam este restaurante estava um homem com cerca de 40 anos, com fisionomia dos habitantes do Norte. Ele jantava numa mesa na frente da nossa e parecia observar com atenção discreta as pessoas que entravam na sala em que estávamos. Na terceira vez que aí voltamos encontramos ocupada a nossa mesa habitual por outras senhoras, e aceitamos os lugares que este observador mudo, que eu notara anteriormente, nos ofereceu na mesa que ocupava sozinho.

A maneira com que ele nos acolheu e dirigiu algumas palavras de cortesia mostraram que, mesmo falando um perfeito italiano, eu não me enganara ao imaginar que ele seria um homem do Norte. O sr. R*** ao saber que eu chegara há pouco tempo em Florença

---

[1] Orsini, Felici (1819-1858). Ativista revolucionário italiano, Orsini participou da Républica Romana, em 1849. Organizou uma insurreição na Lombardia em 1853-54, foi preso pelos austríacos e fugiu de Mântua em 1856.Escreveu os livros *Prison de l'Autriche en Italie*, e *Mémoires Politiques* (1856).

É provável que Orsini e Luis Napoleão estivessem juntos em Florença entre os anos de 1829 a 1831. Nesse período Luiz Napoleão filiou-se à sociedade secreta *Il Carbonari,* que lutava pela independência italiana, e chegou a participar da insurreição em Romagnes (1831). Após o fracasso do movimento, conseguiu fugir da Itália, com ajuda da mãe.

Orsini não aceitava que um antigo amigo do carbonarismo se voltasse contra a Itália, e planejou um atentado fracassado contra Luiz Napoleão, por considerá-lo responsável pela infelicidade de sua pátria. Em 14 de janeiro de 1858 jogou três bombas contra a carruagem do imperador, que se dirigia para o L'Opera de Paris. O imperador escapou ileso, mas 140 pessoas ficaram feridas, oito delas morreram. Preso, Orsini foi guilhotinado em 13 de março de 1858. Antes de morrer escreveu um comovido apelo ao imperador, exortando-o a tornar a Itália independente. A sua execução precedeu em alguns dias a partida de Nísia para a Itália, em 19 de março de 1858.

Napoleão III aproveitou a comoção suscitada pelo atentado de Orsini para fazer um dura repressão aos democratas na França. Duas mil pessoas suspeitas de republicanismo foram jogadas nas prisões, 400 republicanos deportados para a África, jornais foram suprimidos, "o terror reinou em toda a França."...

De modo indireto o atentado de Orsini acabou sendo responsável pela participação da França na guerra contra a Áustria, para a libertação da Itália. Procurando agradar a opinião pública, enquanto exercia dura perseguição aos seus opositores, Luiz Napoleão viu na participação da França no conflito uma saída para conseguir popularidade, além dos ganhos territorial e político. Em maio de 1858 ele realizou as primeiras reuniões secretas com Cavour, que resultariam na aliança entre a França e a Sardenha, efetivada em 26 de janeiro de 1859.

ofereceu-me gentilmente os seus serviços, e a partir do dia seguinte passou a trazer os jornais para mim. Ele é uma das pessoas mais estimáveis dessa fértil região que, pelo desenvolvimento das idéias e pelas afeições viris do coração de seus nacionais, foi chamada com justiça, por uma das penas femininas francesas mais brilhantes[1], a pátria do pensamento e do sentimento.

Apesar de sua predileção pela boa Toscana, onde vive desde sua primeira juventude, o Sr. R**** guarda religiosamente os princípios austeros de moral que recebeu de sua mãe pátria, e amando as doçuras da vida florentina revela por seu caráter a solidez de espírito de sua nobre nação.

Seu gosto pelo comércio, onde faz carreira, substituiu as suaves e sublimes inspirações dos seus grandes poetas, dos seus profundos filósofos, e ele permaneceu um homem do cálculo. Mas o lado positivo da vida, com que ele parece identificar-se, não esconde de maneira nenhuma as boas qualidades do seu coração.

Apreciando em alto grau as suas qualidades, assim como as simples e francas maneiras germânicas, que sempre preferi às maneiras afetadas da cortesia dos salões, sinto-me melhor em sua companhia do que na das pessoas com espírito muito culto, mas cujo coração não contém nenhuma das virtudes que dão um verdadeiro valor às vantagens da boa instrução.

Nos aproximamos também, cada dia mais, da boa marquesa G***, que não deixa de nos dispensar as mais delicadas atenções e gentilezas, fruto da afeição espontânea que tomou por nós. Com cerca de 70 anos esta senhora apenas possui a cultura de espírito, que em geral a velha nobreza achava suficiente ensinar ás filhas, ou seja a nomenclatura de seus ancestrais e os direitos à elas atribuídos, em tempos felizmente já ultrapassados, em que inclinavam-se diante da nobreza, não os pobres infelizes africanos subjugados pela escravidão que uma lei vergonhosa permite existir em alguns países, mas homens inteligentes e de grande valor, que valiam mais por suas virtudes pessoais do que os seres orgulhosos com seus títulos de nascença fora de moda. Nossa nobre amiga de Florença revelou-se livre de velhos preconceitos. Mostrou-se muito simples e muito natural para uma senhora de sua categoria, e é isto que me fez apreciar a afeição que ela nos dedica.

---

[1] Referência de Nísia à Mme. de Stael, ao livro *De l'Allemagne* (1810).

Conhecendo bem a corte de Florença, da qual está afastada desde 1848 por suas idéias liberais, ela me informou sobre uma infinidade de coisas que acontecem em seu interior e sobre a alta sociedade de Florença, para que, disse-me, eu a conheça bem quando retornar para estabelecer-me em sua cidade, decisão que ela me pressiona a tomar todo dia. Para influenciar-me a boa senhora procura com empenho mostrar tudo que tem interesse na vida calma e doce que se leva em Florença, onde goza-se ao mesmo tempo de vantagens materiais e atrações do espírito. Muitas vezes ela vem nos buscar para passearmos no seu carro, nos lugares mais deliciosos dos arredores de Florença, e para nos reter em sua casa para jantar e apresentar-nos algumas pessoas de mérito que convida, a fim de tornar sua companhia agradável, afirma.

Tanta amabilidade e gentileza me deixam um pouco confusa, o menos que posso fazer é registrar nestas páginas meu reconhecimento e minha veneração por aquela que nos cumulou assim de testemunhos de amizade e de consideração, sem outra intenção do que obedecer à bondade do seu coração.

Um desses dias, em que não pude sair, ela veio passar a noite conosco e disse ao conde O***, nobre ancião florentino, que acabara de nos recitar um belo trecho de poesia com todo o entusiasmo de jovem poeta, falando na divina língua toscana cuja doçura e encanto nenhuma outra língua possui: "Sabes conde, que apesar da simpatia que nossa Florença inspira a estas queridas criaturas, e meu vivo desejo de mantê-las entre nós, temo que elas me escapem para sempre?"_ Mas eu espero que a senhora e sua senhorinha, respondeu o conde O***, apreciando como apreciam as belezas da Itália, não deixem de voltar e sobretudo de pensar em seus amigos de Florença. _Sois muito bons, respondi, de dar o santo nome de amigos aos excelentes corações que tiveram a gentileza de nos fazer tão simpática e gentil acolhida em vosso belo país. Guardarei para sempre o mais vivo reconhecimento e a mais doce lembrança. Repito-vos que levo da Itália um coração todo italiano, e não só compartilho as dores e esperanças do seu povo que cada dia aprendo a amar, como tenho o firme propósito de voltar para perto dele para melhor conhecer suas virtudes e desventuras.

É inútil mencionar aqui as belas palavras que um poeta, e um poeta italiano, usou para aplaudir tal sentimento vindo de uma estrangeira.

"Mas é muito pouco o firme propósito de voltar à Itália, completou a marquesa, e admirando vossos belos sentimentos por esta terra, acredito que dareis preferência à minha boa Florença, porque talvez seja apenas por sorte que terei o prazer de poder dizer: "Elas estão perto de mim".

Estas palavras afetuosas, pronunciadas com uma entonação de simples verdade que me emocionou, era a expressão renovada de um desejo manifestado mais de uma vez por todas as pessoas que conhecemos aqui, e entre elas por esta senhora que sobressai-se por sua idade e predileção que mostra por minha filha quando fala de outras jovens.

Obedecendo à minha inclinação pela pátria de Dante prometi com sinceridade que voltaria logo que visitasse as outras cidades da Itália, e regularizasse meus negócios em Paris, para fixar-me durante algum tempo em Florença. Transferi para meu retorno à interessante cidade a excursão de Vallombrosa[1], que a marquesa nos convidou à fazer. Preferi conhecer primeiro Siena, e algumas outras cidades da Toscana.

---

[1] Célebre abadia nos arredores de Florença. A visita ao convento é recomendada por Du Pays, em seu guia (p.304), embora lembre que as mulheres não eram autorizadas a visitar o seu interior.

SIENA

Sob a saudável influência das novas cartas da nossa querida família que recebemos antes de ontem, tomamos ontem, sete horas da manhã, a estrada de ferro de Pisa até Empoli onde, trocando de trem, entramos no vale do Elsa, depois no de Staggia e visitamos a casa de Boccaccio, no povoado de Certaldo; a cidade de San Gimignano, com seus restos curiosos da Idade Média, monumentos de arte, sua curiosa igreja decorada com afrescos de Berna e Benozzo Gozzoli; Casciano, a vila onde Maquiavel compós sua famosa obra *O Príncipe,* e enfim Siena.

Ao sair de Florença revimos com prazer o encantador vale do Arno pontilhado, também deste lado, com seus pitorescos vilarejos que se estendem até Empoli, depois o vale do Elsa e o de Staggia, senão belos como o primeiro, pelo menos tão férteis quanto ele, descortinando aos nossos olhos uma série de quadros agradáveis, um grande e poético panorama de um lado e do outro da estrada espraiando-se a perder de vista através de colinas coroadas de verde, e cultivadas em todos os lugares, até o cimo das montanhas longínquas, ramificações dos Apeninos que se perdem no horizonte.

Vimos Granajolo, do outro lado do Elsa, com uma importante escola agrícola; Castelfiorentino, empoleirado no cimo de uma montanha; a velha Certaldo, também num alto, tendo aos pés o novo vilarejo com o mesmo nome. Visitamos a casa onde morou Boccaccio, onde ele foi enterrado e a pedra que, dizem, cobria seu túmulo; fomos ver a igreja de San Jacopo, onde foi construido em 1503 um monumento ao poeta cujos restos mortais, conservados por muito tempo, desapareceram.

Perto dali fica Gimignano cujas doze torres antigas e em ruínas parecem colunas, quando vistas de longe.

Gimignano, cercada por uma muralha fortificada, vivia antigamente em guerras constantes com Volterra e Siena, hoje, reconciliada com suas inimigas num só governo, repousa de suas lutas internas que a destruíram pouco a pouco. Ela mostra aos estrangeiros, com grande calma, como as outras cidades da Toscana, monumentos, ruínas, obras primas,

enquanto espera que a regeneração da Itália a faça dedicar suas energias em obra essencial para a grandeza futura de toda a península.

Poggibonsi, assentada ao pé de uma colina coroada com as ruínas de um velho castelo, apresenta um espetáculo dos mais pitorescos por entre o soberbo verde que a envolve. Todos os sítios que percorremos dispuseram melhor a nossa alma para apreciar a artística Siena, que avistamos pouco depois de ter passado por um túnel de uma milha de extensão. Depois de ter admirado as belezas naturais da estrada, o espírito do viajante recolhe-se por alguns minutos na profunda escuridão, para entregar-se inteiramente a uma justa admiração das belezas de arte de Siena.

Logo que descemos na estação fomos conduzidas ao Hotel *Aquila-Nera* que escolhi por ficar na frente do palácio Tolomei e por lembrar um dos mais belos cantos de Dante que fala tão misteriosamente da infeliz Pisa[1]. Depois fomos ao Domo(catedral), uma das maravilhas da Toscana que nos fez esquecer por alguns instantes as grandezas artísticas de Brunelleschi, Giotto e de Buschetto. Que maravilha de arquitetura e escultura! que riqueza de mármore, de mosaicos, de lápis-lazuli! Situada em um dos morros da cidade, entre o palácio do grão duque e o do arcebispo, a fachada atual da catedral, atribuida a Giovanni de Pisa, coberta por notáveis esculturas, entre elas os profetas e os anjos de Jacopo della Quercia, encantam à primeira vista. Diversos animais heráldicos, símbolos das cidades com as quais Siena foi aliada: " a loba é Siena, a cegonha, Perugia; o ganso, Orvietto; o elefante, Roma; o dragão, Pistoia; a lebre, Pisa; o rinoceronte,Viterbo; o cavalo, Arezzo; o abutre, Volterra; o lince, Lucca; o bode, Grossetto."[2] Mas, é o interior da igreja que mais atrai nossa admiração pela beleza dos seus

---

[1] *A Divina Comédia* - Inferno, Canto III (para todas as citações de Dante uso a tradução de Hernani Donato. São Paulo: Editora Cultrix,1994):

Ah! Pisa vergonha dos que habitam a meiga terra onde o doce si ressoa.....

Nos arredores de Nápoles, Nísia seguiu os passos da *Eneida*, de Virgílio. Em Florença, e nas outras cidades da Toscana, ela faz uma "viagem dantesca". Viagem que J. Ampère fez no livro *La Grèce, Rome et Dante*, "uma peregrinação aos lugares consagrados por seus versos", e que passam por Florença, Siena, Pistoia, Padua, Verona, Ravena, entre outras cidades. Para Valery (op.cit.347), a viagem aos lugares onde viveu Dante era necessária para o perfeito conhecimento do autor: " para compreendê-lo é preciso contemplar a beleza da natureza que ele descreveu, as obras de arte que o inspiraram, as velhas pinturas de Giotto, d'Orgagna, de Luc Signorelli, a grandiosidade de Michelangelo, que são as explicações mais eloquentes e verdadeiras de sua obra."(tradução minha)

[2] Citação de Du Pays (op. cit. p332).

pilares artisticamente construidos, de suas abóbadas azuladas e estreladas de ouro, do seu altar mestre, seu tabernáculo em bronze, da capela *del voto*, enriquecida com mármores, lápis-lazuli e preciosos mosaicos, da capela de São João Batista, com esculturas de artistas de Siena e a estátua do santo por Donatello, do púlpito, magnífica obra de Nicola de Pisa e Arnolfo, enfim, de todos os quadros e objetos de arte variados guardados no Domo de Siena. Uma coisa sobressai entre todas as belezas, uma coisa que Siena possui com um grau de perfeição notável: o piso da catedral. Ele é em mármore de diversas cores e representa muitas cenas da Sagrada Escritura e outras, trabalhadas com admirável arte. Os desenhos e pinturas, sem rival em seu gênero, ficam recobertos com uma tábua móvel que só é retirada em certas festas do ano. Sabíamos que algumas partes da plataforma eram levantadas para mostrar aos estrangeiros, e nos dirigimos ao guardião da igreja que descobriu para nós diversos lugares do magnífico piso, terminando com os incomparáveis Eva, o sacrifício de Abraão, e Moisés no Monte Sinai, obra de Beccafumi. Em uma galeria anexa à igreja, e que chamam de *Libreria*, biblioteca fundada pelo cardeal Piccolomini (depois Pio III), nos mostraram as pinturas dedicadas à história de Pio II, seu tio avô, executadas, nos diz a custódia, a partir de desenhos de Rafael, que tinha 20 anos, por Pinturicchio que tinha mais de 40 anos. Os dois célebres artistas são representados um ao lado do outro.

Depois que admiramos o túmulo de Mascagni e o grupo das três graças que se encontram na *Libreria* nos mostraram também os antifonários, decorados com miniaturas por diferentes pintores.

Ao voltar para a igreja vimos os troféus da terrível batalha de *Monte Aperto no Arbia*[1] contra os guelfos de Florença e as estátuas do túmulo de Bandino Bandini feitas por Michelangelo, quando jovem. As colunas que dividem as naves são, como o exterior e interior do templo, em mármore branco e preto, o que dá um aspecto ao mesmo tempo grave e majestoso. Costuma-se atribuir a mistura das duas cores nos domos dessa parte da Itália à

---

[1] Batalha de Montaperti entre guelfos e gibelinos, em 1620. Na Divina Comédia (Inferno, canto XXXII), Dante narra o encontro com o florentino Bocca degli Abati que traiu os guelfos.: "Por isso foi a contragosto, por sorte ou por acaso, entre muitas cabeças desfilando, a uma delas pisei, calquei, no gelo espesso. Ela reclamou, chorando: "Por que me pisas? Se não é teu propósito tomar vingança do sucedido em Montaperti, que outras razões tens para me calcares?"

tentativa de reconciliação entre os partidos Branco e Negro, porém bem antes da existência das duas facções políticas já se via na Itália monumentos em mármore branco e negro.

Celebravam a missa quando voltamos à catedral nessa manhã. Os sons harmoniosos do órgão, instrumento tão religiosamente poético, despertaram na minha alma uma doce melancolia, a morte e a vida confundiram-se no meu pensamento. Envolvi-te na minha prece, oh! minha mãe, com meu filho bem amado e os que, como eu, continuam em peregrinação nessa vida cá em baixo, esperando o dia em que nos encontraremos no seio de Deus.

Estava completamente absorvida por estas idéias religiosas quando uma voz infantil e sonora, chamando docemente "mamãe", e um farfalhar de vestido perto de mim, fizeram-me voltar a cabeça. Era uma menina e uma senhora ajoelhadas ao meu lado. A visão das duas criaturas estrangeiras foi para mim como um espelho mágico onde refletiu-se um dos quadros vivos que mais me encantavam antigamente, e que ficou marcado em minha alma. A menina de Siena rezava num templo de sua pátria, como rezavas há pouco tempo na igreja do convento de Santa Tereza, minha Nini bem amada, anjo de amor e de inocência, ao lado da tua querida *mainha*, como chamavas aquela que te conduzia nas radiosas manhãs da nossa região, para respirar o ar puro e perfumado da poética montanha do Rio de Janeiro. A criança que vi esta manhã tinha tua vivacidade e tua idade de então. Com as pequenas mãos juntas ela repetia a prece ditada por sua mãe, como repetias a que à tua boa mãe e a mim transmitira o coração piedoso que nos criara no santuário da família, nos ensinando a cada dia, por seu exemplo, a glorificar a Deus e amar a humanidade.

A presença da menina ajoelhada sob a abóbada da catedral de Siena trouxe ao meu espírito todos esses quadros retrospectivos, e despertou no meu coração o vivo pesar da privação que me impus de tuas doces carícias, oh! filha de minha irmã querida, tu que amo como se fostes minha filha!

Para distrair a tristeza que tomava conta do meu coração fomos visitar um dos asilos que a caridade pública mantém para os doentes, que têm a infelicidade de precisar deles. Na praça da catedral de Siena, no grande hospital de *Santa Maria della Scala*, o triste espetáculo dos sofrimentos físicos de muitos homens e mulheres arrancou dos meus pensamentos todas as preocupações pessoais, para concentrá-los no destino dos infortunados que, como em outros lugares, na esperança de cura, são obrigados a deixar o pobre teto de suas famílias e geralmente morrem entre pessoas estranhas, sem que uma voz amiga os venha consolar em seus últimos momentos! Ao sair do hospital visitamos a igreja de São Domingos, notável por seu estilo gótico e pelas belas pinturas de Guido, de Matteo de Siena e outros, e sobretudo pelo quadro admirável pintado por Sodoma representando o Êxtase, ou Milagre de Santa Catarina de Siena[1].

Na igreja de Fontegiusta, o quadro de Baldasar Peruzzi nos lembrou as Sibilas de Rafael, em Roma. A sublime sibila de Peruzzi é representada anunciando a vinda de Cristo, a Augusto.

A igreja de Santo Agostinho contém, entre muitas pinturas de artistas célebres, um belo quadro de Cristo na cruz do famoso Perugino.

Na Academia de Belas Artes encontramos uma rica coleção de quadros notáveis de antigos mestres: Guido, Simonet, Fra Bartolomeo, Palma, Basson, Tintoretto, Albert Durer etc. Após visitar o Oratório de Santa Catarina, que dizem ter sido construído no lugar ocupado antigamente pela casa e loja de seu pai, um tintureiro dessa cidade, fomos ver o Palácio Público e o de Piccolomini, hoje palácio do Governo, na Grande Praça onde se vê uma magnífica *loggia*. O primeiro desses palácios, construído por arquitetos da república sienense, contém muitas pinturas notáveis de Sodoma e de outros grandes artistas.

As salas do Antigo tribunal, do Grande Conselho e outras oferecem aos visitantes muitas pinturas para distrai-los por várias horas. A capela desse palácio também possui coisas interessantes.

---

[1] Nísia está referindo-se à capela de Santa Catarina, e aos afrescos sobre a vida da santa pintados por Antonio Bazzi (1479-1554), chamado Il Sodoma. Comentário de Du Pays (op. cit.p.333) sobre a pintura de Sodoma: "Numa capela lateral, o Êxtase, um Milagre e o Desmaio de Santa Catarina, por Sodoma(obra prima do sentimento rafaelino de um artista desconhecido na França, nosso museu do Louvre nada possui de Sodoma)".

Saíamos da igreja de Santo Agostinho, ao lado do colégio Tolomei, quando vimos uma senhora vestida de preto de braços dados com um senhor muito distinto. Eles estavam parados diante da fachada da igreja que minha filha eu olhávamos, comentando os seus detalhes. -"São francesas dizia a senhora falando de nós na bela língua italiana, que parece ficar mais doce na boca dos sienenses - "Não, respondia o senhor, são seguramente inglesas, viajantes intrépidas por excelência"- Como eles pronunciavam estas palavras bem perto de nós e o ar distinto do senhor me agradou tanto quanto a doçura da jovem mulher que estava com ele, eu lhes disse em italiano: " Perdão, vós vos enganais, não somos nem francesas nem inglesas" -" Desculpe minha indiscrição, senhora, disse logo o senhor, ao ouvir uma língua estrangeira eu estava bem longe de pensar que fostes italianas" -" É muito lisonjeiro para minha filha e para mim, senhor, que nos tomeis por italianas, nós só o somos de coração e não de nascença." Então ele perguntou, com respeito e amabilidade refinada, de que nação éramos, e se ele e sua filha (que me apresentou) moradores de Siena, poderiam nos ser úteis nesta cidade. Eu disse de onde éramos e que agradecia seu oferecimento hospitaleiro, que, aliás, me provava ser muito merecida a fama dos sienenses a esse respeito. Sua filha uniu-se a ele para nos manifestar o prazer, disse, que uma feliz coincidência os favorecia de conhecer pessoas de um país sobre o qual lera os relatos mais bonitos e mais poéticos. Depois acrescentou com muita graça: " Dizem que a curiosidade é atributo de nós mulheres, mas meu pai acaba de vos provar, senhora, que os homens não estão livres dela. Íamos ver meu filho no colégio Tolomei quando ele vos notou e sua boa curiosidade nos proporcionou o prazer de vos falar."

Ao saber que estivéramos em Florença por cerca de dois meses eles perguntaram se conhecéramos alguns de seus amigos, e entre estes citaram o ilustre marques G*** C****, monsenhor C*** e a marquesa G***. Ao saber de nossa amizade com a marquesa G***, ficaram surpresos por ela não nos ter recomendado. Respondi que pretendendo ficar apenas dois dias em Siena não aceitei as recomendações que essa amiga ofereceu.

"Já que devemos nos separar mal nos vimos, querida senhora, disse a jovem mulher, venham comigo visitar meu filho, nós vos mostraremos uma instituição que talvez vos interesse." - Oh! sim, tudo o que se relaciona com a educação da juventude me interessa

vivamente senhora, respondi, e também poderei testemunhar uma felicidade da qual estou privada, a de uma mãe revendo seu filho."

Ela entendeu a melancolia das minhas últimas palavras, me deu o braço, e entramos no colégio. Seu filho era um jovem rapaz de 13 ou 14 anos. Ele veio jogar-se nos braços da mãe com a ternura expansiva dos corações do Sul, lembrando vivamente meu filho, quando eu ia vê-lo no colégio inglês de Andaraí, nos encantadores arredores do Rio de Janeiro.

Era o segundo espetáculo que me emocionava hoje. Quase não consegui ver tudo o que os amáveis estrangeiros me fizeram visitar, mal pude conter minha emoção. Alegando um grande cansaço me despedi deles e nos retiramos.

Depois do jantar fomos passear nas alamedas do passeio público, no lugar onde ficava o forte construído por Carlos V e que foi destruído. Uma fortaleza construída por Cosmo I fica ao lado desse passeio, que contém muitas estátuas e belas árvores.

Siena, construída numa colina, é hoje uma cidade destituída de sua antiga glória, mas ainda oferece grande interesse, tanto pelas obras primas quanto pela doçura do seu clima e de seu povo simpático e hospitaleiro, que entretanto parece ter a extrema vaidade de que Dante o acusou[1].

É uma cidade de aspecto antigo, com grandiosos palácios, ricas igrejas, belas fontes, praças notáveis, como a do *Campo dei Sienna*. Não é tão limpa quanto Florença, mas é bem pavimentada. Embora situada no centro da Toscana não possui nenhum vestígio da antigüidade Etrusca. É a Idade Média que revela-se inteiramente, com a lembrança de sua antiga república e de sua grande época de arte, de que encontramos em toda parte brilhantes exemplos. Os monumentos do décimo segundo e décimo terceiro séculos dotam-na de um caráter todo particular. Siena teve um grande número de artistas célebres e aí nasceu Santa Catarina. Dizem que foi esta santa que convenceu Gregório II a deixar Avignon.

Na biblioteca da universidade estão guardadas as cartas de Santa Catarina, escritas por ela mesma, segundo alguns ou somente ditadas por ela, que não sabia escrever, segundo outros.

---

[1] Inferno, canto XXIX: "Existiu jamais gente tão vaidosa quanto os sieneses? Decerto nem a francesa é tão cheia de si!"

Mostraram-nos, atrás do Domo, o lugar da grande escada de mármore por onde ela passava habitualmente, e que é indicado por uma pequena cruz incrustada no mármore.

PISTOIA

Ao partir de Siena, no dia 19, fomos visitar Pistoia antes de voltar para Florença. Mesmo tendo a intenção de voltar muito breve para a Toscana não quis deixá-la sem dar uma olhada nessa antiga cidade histórica, com ruas largas e bem alinhadas, hoje calma e solitária, mas ainda bem interessante por sua riqueza de esculturas dos séculos treze e quatorze.

Algumas de suas igrejas e muitos de seus palácios contém belas obras de mulheres artistas. Foi em Pistoia que Catilina foi derrotado, uma rua com seu nome ainda lembra o famoso conspirador. Parece que uma certa ferocidade natural, atribuída aos habitantes de Pistoia, foi transmitida pelos soldados de Catilina. Dante faz alusão à esta origem numa imprecação violenta contra a cidade[1]. Foi em Pistoia que se criou no partido guelfo a terrível divisão entre brancos e negros, duas facções tão funestas aos destinos da república florentina, e à vida do Titã dos poetas.

Entre os palácios de Pistoia nos mostraram o da poderosa e invencível família Cancellière, nome para sempre terrível na história desse povo pela fúria implacável e atos de barbárie que ela praticou. Dizem que foi neste palácio que o feroz Gualfredo, que pertencia à esta família, mandou cortar numa manjedoura de cavalos a mão de um rapaz, dos Cancellières brancos, que insultara um dos pretos e o pai o mandara pedir satisfações ao pai do insultado.

---

[1] Inferno XXV, 10 (**N.da Autora**)

A passagem citada por Nísia:" Ah! Pistoia, Pistoia, bem devias reduzir-te a cinzas, uma vez que teus filhos avançam no mal para além dos teus fundadores." (Nota da Tradutora)

Este crime deu origem aos dois partidos que ensangüentaram a bela região na Idade Média, tempo de cavalheiros bárbaros, cujas atrocidades jogam uma espécie de véu lúgubre sobre as grandes coisas que foram realizadas.

O poeta e legista Cino[1] tem seu túmulo na catedral de Pistoia. Ele é representado em baixo relevo na sua cátedra ensinando Direito. No meio de um auditório atento nota-se entre seus alunos a figura de uma mulher e acredita-se que seja a *Selvaggia* bem amada, a quem ele dedicou seus sonetos.

Na mais bonita igreja de Pistoia, *Santa Maria della Umilità* ainda é vista a coroa de louros de prata recebida no Capitólio pela célebre Morelli Fernandez, camponesa dos arredores dessa cidade e que depois tomou o nome de Corilla Olimpica.[2]

A bela villa Puccini, a uma milha de Pistoia, é um passeio interessante.

AINDA EM FLORENÇA

22 de julho

Nossa primeira temporada em Florença terminou. Amanhã de manhã partimos para Bolonha. Há dois dias que só saímos de manhã, para rever algumas das coisas que mais nos interessaram, entre outras o palácio Bargello[3] onde encontra-se o retrato mais verdadeiro de Dante, pintado por Giotto.

A partir de onze horas da manhã o calor fica sufocante e só á noite respira-se melhor na praça do Domo, repleta de caminhantes que vão tomar sorvetes nos cafés vizinhos, ou na grande rua *Calsajuolo*.

As margens do Arno nos atraem, nós que gostamos da visão da água e nos divertimos em ver aí refletidos os lampiões postados nas duas margens. Freqüentemente vamos mais longe, margeando o Casino, para admirar o esplêndido céu da cidade de Dante, e seus astros

---

[1] Guittoncino dei Sigibuldi, ou Cino de Pistoia (1270-1337). Professor de direito em várias universidades. Um de seus alunos em Nápoles foi Boccaccio. Sua obra mais famosa é *Lectura in Codicem*, comentário ao código Justiniano. Escreveu versos de amor para uma mulher chamada de "Selvagem".

[2] Famosa improvisadora italiana do século XVIII, Maddalena Morelli Fernandez.

[3] Prisão de Florença. **Nota da Autora**

que miram-se no rio, mais poético em seu tempo quando corria por entre o tapete verde e alamedas naturais, com árvores que cresciam em liberdade antes que a mão do homem as abatesse para aumentar e embelezar Florença.

A natureza sempre perde onde a arte triunfa. Da mesma maneira acredita-se que quando os povos avançam para a civilização a poesia se vai, e as almas poéticas ficam como que exiladas no meio das sociedades modernas. Isso talvez seja verdade, mas eu acredito que a pátria do poeta nunca é na terra, e aqui sua alma sempre vive exilada.

Nós ficamos, de quatro a dez horas da noite, sempre cercadas pelas pessoas conhecidas que ao saber de minha partida amanhã vieram, uma após outra, dedicar-me seus simpáticos sentimentos e fazer-me renovar a promessa de voltar muito breve para junto deles.

A marquesa foi a primeira a vir expressar seu pesar por eu não ter aceitado o jantar de despedida que quis oferecer. Desculpei-me mostrando as cartas que ontem recebera de Roma e que precisava responder hoje, acrescentando à essa razão a necessidade que sentia de repousar em casa, às vésperas de uma cansativa viagem no grande calor da estação. Ela me fez prometer que quando retornasse a compensaria amplamente da privação que lhe impusera com toda a atenção que merece sua bondade para conosco. Mas recusei a oferta de ficar em seu palácio quando voltasse à Florença. Minha filha uniu-se a mim para expressar todo nosso reconhecimento e particular afeição por ela. A boa senhora nos abraçou com lágrimas nos olhos, pedindo para escrevermos breve e não esquecê-la. Quando ela partiu eu disse emocionada à minha filha: veja como a sociedade julga mal as pessoas, dizem que esta mulher é avara e indiferente, e no entanto ela trata assim e lamenta a partida de duas estrangeiras.

BOLONHA

26 de julho

Na aurora do dia 23 a senhora da casa onde nos hospedamos em Florença, encarregada de alguns arranjos para nossa partida, veio anunciar que tudo estava pronto. A boa senhora manifestou seu pesar por nos ver deixar sua cidade adotiva: "sois tão queridas aqui, senhoras e apreciais tanto a boa Florença, acredito que voltareis".

Tudo parecia nos prender à cidade, desde suas obras primas imortais e beleza natural, à vida doce e fácil que oferece aos estrangeiros entre um povo gentil, educado e o mais distinto da Itália, até a afetuosa estima de uma classe que tem em todos os lugares a fama de só apegar-se ao dinheiro. Ao descer encontramos o prestativo Sr.R*** que nos esperava, nessa hora madrugadora, para nos acompanhar até a diligência e despedir-se.

A delicada atenção, que eu não esperava dos meus conhecidos florentinos porque não dissera a hora da partida, surpreendeu-me tanto quanto me emocionou! E agradecendo do fundo do coração deixamos Florença, tão impressionadas quanto sensibilizadas com a boa acolhida que tivemos.

Os primeiros raios do sol começavam a dourar a cúpula de Brunelleschi, o brilhante campanário de Giotto e a graciosa torrinha de Arnolfo, quando, já bem longe, nos voltamos para saudá-los mais uma vez. Reserváramos lugar no cupê da diligência, de onde avistávamos melhor os pontos de vista mais ou menos interessantes que descortinavam-se diante de nós, quando subíamos ou descíamos os Apeninos pela estrada de Porreto.

Na parada desse povoado a diligência ficou o tempo necessário para que os viajantes pudessem jantar rapidamente num albergue muito confortável para essas alturas, em sua maioria áridas. Depois de quinze horas de viagem chegamos na antiga Felsina dos Etruscos, hoje Bolonha, a segunda capital dos estado pontifícios, que está sob a vigilância de uma guarnição austríaca desde a primeira tentativa dos bolonheses de reconquistar a liberdade, em 1848.

Já era noite quando entramos na cidade que me pareceu sombria com suas arcadas e presença dos guardiões armados, aos quais parece natural e muito justo, como aos franceses, tornarem-se senhores dos outros. A liberdade da nobre Itália, coberta com o grande manto

preto jogado por estas duas grandes ambições políticas, debate-se em silêncio em longa agonia, esperando na terra fértil em prodígios um milagre que a possa salvar!

Ficamos no grande hotel Brun, ou Pensão Suíça, e na manhã seguinte, repousadas do cansaço da viagem, fomos ver a catedral e a cidade cujo aspecto não me pareceu, de dia, mais bonito do que de noite. A maioria de suas ruas, cercadas dos dois lados por arcadas muito irregulares, criam uma atmosfera quase sombria. Mas a partir do momento em que sol apareceu, com seu tórrido esplendor, percebi que os antigos bolonheses tinham razão em procurar um abrigo contra o calor excessivo quando passeavam nas ruas da cidade, que dizem ser tão quente no verão quanto fria no inverno.

Se Bolonha me pareceu triste por suas arcadas e sua guarnição austríaca, assim como insuportável o seu calor nessa época do ano, ela não me inspirou por isso menos interesse, como uma das cidades onde as artes e as letras brilharam com muito luxo e cujo povo mostrou, por sua heróica luta contra a tirania do seu opressor, o quanto a divisa *Libertas,* que adotou, está em harmonia com o desenvolvimento da inteligência humana.

Sabemos das transações que fizeram com essa ilustre cidade os seus usurpadores, sempre renovados, e os esforços do seu povo para libertar-se da dominação que abomina.

A trama tecida entre o papa Eugênio IV e o duque de Milão, cuja conseqüência foi o assassinato de Anibal Bentivoglio, que estava no comando da República; a bula publicada por Jules II entregando à pilhagem todos os bens deste chefe e de seus partidários, e condenando à escravidão seus seguidores; a entrada militar deste papa em Bolonha, e tantas outras tristes lembranças não se apagaram da memória do povo. Ele espera, senão resignado ao menos paciente, como seus irmãos aquém e além dos Apeninos.

Não consegui ver no dia que se seguiu à nossa chegada a famosa Santa Cecília de Rafael, e ao sair da catedral fui enviar uma carta que o arcebispo de T** dera em Roma para que eu mesma a fizesse chegar ao seu amigo, o cavaleiro U***, quando passasse por Bolonha, onde ele exerce a função de comandante. Encontrei nesse digno cavaleiro a acolhida mais gentil e a mais extraordinária delicadeza. Jamais maneiras tão distintas, tanta doçura e gentileza nas atitudes e na conversação, reunidas às vantagens de uma nobre fisionomia, que revela uma alma heróica, haviam aparecido aos meus olhos em uniforme

militar. Nesse dia, por volta das três horas da tarde, ele apresentou-se no nosso hotel para começar, como disse gentilmente, a feliz tarefa de nos ciceroniar na velha Felsina. Sabendo das ocupações que absorvem o tempo do cavaleiro U** fiquei muito sensibilizada por ele nos dedicar algumas horas. Seu carro nos esperava em baixo e nos ouvindo lastimar por não termos começado a ver as curiosidades de Bolonha pela Santa Cecília de Rafael, mandou o cocheiro nos conduzir à Academia de Belas Artes que da mesma maneira que as universidades antiga e moderna nos foram abertas ontem mesmo por sua intervenção.

Agradeci por esta dupla amabilidade e entrando na Pinacoteca, ou Galeria de Quadros, minha filha e eu procuramos com ansiedade por entre os muitos quadros da escola bolonhesa e de outras escolas italianas que estão nesta famosa galeria, a admirável Santa Cecília, um dos objetos principais da nossa curiosidade.

O divino pintor representou a santa em êxtase ouvindo a música tocada pelos anjos. Com razão Vasari chamou este quadro de: *Tavola divina e non dipinta*[1]. A Santa Cecília de Rafael foi pintada sobre madeira e está cercada por santos. Quando contemplamos a deliciosa pintura, com estilo tão perfeito e vigoroso, ficamos tomados de admiração tanto pelo pensamento criador do autor quanto pela execução da obra. E eu me pergunto como é possível que aquele que estava tão profundamente, tão divinamente inspirado, tenha se deixado levar pelos excessos de uma paixão, toda terrena, que abreviou sua existência!

Depois da sublime criação de Rafael vimos algumas belas obras de Francia, o grande pintor bolonhês, de Albani, de Caracci, de Domenichino, de Guido Reni, de sua aluna Elizabeth Sirani e de outros célebres artistas.

---

[1] Ao referir-se a Vasari Nísia o está citando a partir de Du Pays (op. cit.p.375): " A Santa Cecília, a pérola do Museu de Bolonha, é uma das obras de arte mais belas que a arte da pintura já produziu. O tom sólido da cor não apaga a beleza do desenho. Vasari escreveu sobre esse quadro: Tavola divina e non di pinta."

*Vasari, Giorgio (1511-1574). Pintor e arquiteto de Arezzo. Foi aluno de Michelangelo, em Roma. Seu livro sobre arte italiana --*Vite dei piu eccellenti pittori, scultori e architetti*, 1550, é até hoje um manual de consulta sobre os pintores da Renascença italiana. Foi manual obrigatório dos viajantes que enveredaram por terras italianas no século dezenove. Taine, em *Voyage en Italie*,1865, visitava as galerias de Florença com o "Vasari à la main".

A Santa Cecília de Rafael atraiu para Bolonha muitos viajantes nos séculos XVIII e XIX. Goethe escreveu sobre o quadro(op. cit. p.60): " Este quadro provou que eu tinha razão de pensar que Rafael fez o que os outros pintores tentaram fazer. É impossível ver a Santa Cecília sem desejar-lhe uma duração eterna, conformados em nos perdermos nós mesmos no nada."

O cavaleiro U*** nos levou para visitar as duas universidade. A antiga me interessou mais particularmente pelas lembranças que a ela se ligam. Depois da universidade de Salerne esta é a universidade mais antiga da Iália. Vê-se aí o nome de todos os estudantes laureados de diversos países, e as armas de suas nações, assim como o túmulo dos professores, também decorados com emblemas de todas as nações. Tudo ainda fala eloqüentemente dos tempos gloriosos para Bolonha, outrora tão conhecida sobretudo pelo ensino de Direito desta universidade. Ela guarda uma grande biblioteca municipal. Na antiga sala de anatomia há muitas estátuas notáveis, representando diversos sábios de séculos passados.

Foi lá que o bolonhês Mondini dissecou o primeiro cadáver, no começo do século quinze. Foi ainda nesta universidade que o célebre Galvani, também nascido em Bolonha, fez a descoberta que teria tão grande importância para o conhecimento dos fenômenos elétricos[1]. Entre o grande número de pessoas ilustres, notáveis em todas as ciências e artes, que Bolonha de hoje em sua decadência ainda glorifica, com justa razão, estão muitas mulheres, e entre elas algumas ocuparam as cátedras de direito, filosofia, línguas e até anatomia e cirurgia. No século quatorze, a bela Novella substituiu seu pai na cátedra de Direito Canônico e lemos, em mais de um relato sobre esta sábia moça, que ela mantinha uma pequena cortina diante de si durante as aulas para que sua beleza não distraísse a atenção do auditório. Caetana Agnesi[2] e muitas outras são citadas aqui como belos ornamentos da legião de talentos bolonheses cuja memória sempre glorificará sua pátria. O último dos grandes talentos femininos de maior destaque na universidade da cidade foi a célebre Tambroni[3], que ocupou a cátedra de Língua Grega até 1798 e morreu no início do nosso século.

---

[1] Em Du Pays (op.cit.p.375): "Foi nesta universidade que o galvanismo foi descoberto e que em torno de 1440 o primeiro cadáver foi dissecado por Mondini."

[2] Maria Gaétane Agnési (1718-1799). Célebre matemática. Substituiu o pai na cadeira da matemática da universidade de Bolonha.

[3] Tambroni, Clotilde (1758-1817).Escreveu poesias em grego publicadas no livro *Elegia Greca in onora di Bodoni*. E, *Ode Safica grega*. Mme. De Staël visitou Tambroni quando viajou pela Itália no início do século XIX. Em *Corinne* ela fala sobre a visita e defende o ensino da língua grega para as mulheres: "há algum mal em saber o grego?"

A nova universidade contém, além dos museus de antigüidade, os de mineralogia e zoologia, uma coleção de anatomia comparada, um gabinete de física, etc. O célebre poliglota, o abade Mezzofanti[1], que sabia 42 línguas e que morreu em 1849, foi conservador na biblioteca dessa universidade. Visitamos com emoção a sala onde o *Stabat Mater* foi cantado pela primeira vez na presença do seu autor, o célebre Rossini, que depois escolheu Paris para morar, dizem que por despeito.

Ao visitar hoje a grande basílica inacabada de São Petrônio, imponente por sua arquitetura, encontramos seu cônego o abade D.J***, que nos foi apresentado pelo cavaleiro U*** como seu amigo. Ele nos fez a mais gentil acolhida, ofereceu seus préstimos em Bolonha e expressou seu pesar, da mesma maneira que o cavalheiro U***, por eu não permanecer mais de 3 dias na cidade. "Nós voltaremos mais tarde, estamos ansiosas para conhecer Veneza". Ele nos mostrou o que existe de mais interessante na sua igreja, que está em reformas. Entre muitas obras artísticas de diversos autores encontramos notáveis esculturas de Niccolo Tribolo e da célebre artista Properzia de Rossi, que foi ao mesmo tempo pintora, gravadora, escultora e musicista. Infelizmente o grande amor da arte não foi suficiente ao seu coração e ela definhou e morreu por um amor não correspondido. Na grande porta desta basílica ficava antigamente a estátua em bronze de Alfonso Lombardi (Jules II), modelada por Michelangelo, quebrada pelo povo em 1511. O cônego D.J*** também nos mostrou em uma das capelas o túmulo da irmã de Napoleão, Elisa, de seu marido e filhos.

Na manhã seguinte o prestativo cônego, com extrema gentileza, veio nos buscar para visitar as igrejas de São Domingos, São Paulo e Corpus Domini. A primeira contém obras notáveis de muitos grandes artistas, o magnífico túmulo de São Domingos, esculturas, pinturas, bons quadros de Filippino Lippi, Jean de Rimini, Francesco e Giacomo Francia, e Guercino. O célebre Guido Reni e sua aluna Elizabeth Sirani, (envenenada, com a idade de 26 anos, em toda sua glória de artista), estão enterrados nessa igreja. Na bela igreja de São Paulo, entre as pinturas de Ludovico Carracci e de muitos outros artistas célebres, nos

---

[1] Mezzofanti, José(1778-1848) Poliglota e filólogo. Escreveu apenas um pequeno livro *Racolta delle opere letterari di Bologna.*

mostraram a do infortunado Cavedone. Depois fomos ver a igreja de Corpus Domini e a capela da *Santa*. Esta capela é maravilhosamente rica, mas eu não saberia descrever o sentimento de repulsa que tomou conta de mim ao encontrar em uma poltrona, numa espécie de estrado ricamente decorado, um repugnante esqueleto preto vestido com inacreditável luxo. Dizem que é o corpo de Santa Catarina, dita de Bolonha, antiga superiora de um convento anexo à igreja. Ao lado da santa, em uma vitrine, estão o seu escapulário e outros pertences, entre eles o violão que ela tocava. Os bolonheses têm grande devoção por esta santa, que aí está há mais de quatro séculos fazendo grandes milagres! A Santa Catarina que vi em Roma deitada em seu sarcófago, sob o altar mestre de *Santa Maria sopra Minerva*, me pareceu mais convenientemente apresentada para receber a adoração dos devotos. Os restos da santa mulher, recobertos com cera, não inspiram repugnância como estes aqui que exibem ao público a assustadora destruição da carne, singular contraste com a pureza da alma que animou o corpo.

Nesse dia, após o jantar , o cavaleiro U*** veio nos buscar para ver o *Campo Santo* e a pitoresca *São Miguel in Bosco*. Antes de sair da cidade nos conduziu à pequena praça *di Porta Ravegnana*, para ver de perto as duas curiosas torres inclinadas chamadas de Asinelli e Garisenda. Depois nos dirigimos à Necrópole bem recente de Bolonha, já povoada com 174.000 sepulturas, mais do dobro da população viva da cidade atualmente! Na antiga igreja de *la Certosa*, nome do esplêndido cemitério, mostraram numa das capelas dois belos quadros _ um de Elizabeth Sirani e outro de seu pai. O *Campo Santo,* como chamam os cemitérios na Itália, é uma seqüência de galerias com abóbadas e arcadas, que formam grande praça no meio. Estas galerias têm túmulos de um lado e do outro com simples inscrições, e um grande número de mausoléus, muito deles bem notáveis. O do conde Zambicari[1] é um dos mais belos e ricos em esculturas. Paramos diante dele para admirar os delicados trabalhos. A partir da informação do nosso ilustre cicerone descobri que este Zambicari era da família de um conde do mesmo nome, que conheci em Porto Alegre,

---

[1] Zambicari, François- 1756-1812. Navegador e aeronauta italiano. Estudou aeroestática e pretendia voar com os mesmo instrumentos usados na navegação. Construiu um balão para sua experiências e morreu quando este pegou fogo e caiu.

capital de uma província do Brasil ao sul, onde ele se refugiara[1], após ter fracassado, em 1831, na grande causa que defendeu com tantos outros nobres italianos. A galeria, ou sala, onde ficam os túmulos dos homens ilustres de Bolonha, com seus simples bustos, muito me interessou. Mas o que me sensibilizou profundamente foi a piedosa precaução, tão digna de um povo religioso, de amarrar ao pobre cadáver destinado à vala comum uma placa de metal onde é gravado o nome e data da morte da pessoa, assim quando alguém de sua família, ou amigo, conseguir comprar no futuro um pedaço de terra para enterrá-lo separado encontrará seus restos.

O sol desaparecia no Ocidente e uma agradável brisa começou a afastar o calor sufocante do dia quando chegamos em *São Miguel in Bosco*, antigo convento transformado em quartel e depois numa das residências do Núncio de Bolonha. Situada numa bela colina, a residência oferece encantadores pontos de vista da cidade e seus arredores, pontilhados com casas pitorescas. Os belos afrescos de Carracci e de sua escola, assim como todas as criações de arte que enfeitavam o claustro do antigo convento, estão inteiramente arruinados. Nos mostraram apenas alguns restos aqui e ali.

O cavaleiro U nos levou à capela privada do Núncio e à casa onde morou antigamente o seu amigo, o arcebispo T**, sobre quem falamos percorrendo estes lugares.

Uma das mais esplêndidas noites da Itália anunciava-se na cúpula celeste de Bolonha quando voltamos para a cidade, deixando atrás de nós o monte *della Guardia*, encimado pela igreja da *Madonna di San Luca*, e o longo pórtico com 640 arcadas que leva à porta de Saragossa, na saída da cidade. Antes de nos reconduzir ao hotel o gentil cavaleiro U** mostrou o exterior de alguns dos belos palácios de Bolonha, e mandando o cocheiro parar

---

[1] O Zambicari que Nísia conheceu em Porto Alegre (onde morou de 1833 a 1838) era o marquês Tito Lívio Zambicari ou Zambeccari, filho de François, que comandou uma insurreição em Parma e Modena, em 1831. Proscrito, Zambicari veio para o Brasil e tornou-se amigo e conselheiro do gaúcho Bento Gonçalves. Durante a Farroupilha os dois foram presos e conduzidos ao Rio de Janeiro. A prisão de Zambicari teve muita repercussão entre a colônia italiana do Rio. Garibaldi, que também estava exilado no Brasil, visitou o marquês na prisão e conseguiu uma "lettera di corso", a discutível "carta de corsário" que o autorizava a equipar o brigue Garoupeira e agir em nome da República do Rio Grande. Garibaldi iniciou sua colaboração com a guerra do sul do Brasil quando partiu do Rio de Janeiro comandando este navio, no dia oito de maio de 1837.

diante de um belo café, pediu que trouxessem sorvetes para o carro, como é costume também em Florença.

28 de julho

Era oito horas da manhã quando deixamos Bolonha. O cavaleiro U** veio ao nosso hotel às sete, e gentilmente nos acompanhou até a diligência. No momento da partida o cônego D.J veio despedir-se. Gestos de atenção e estima como esses de pessoas que mal conhecíamos sensibilizaram-me sinceramente. E minha passagem por Bolonha acrescentou uma eloqüente página ao livro de agradecimentos afetuosos que a Itália escreveu na minha alma.

FERRARA

A estrada que percorremos de Bolonha à Ferrara fica numa imensa planície cercada por árvores e vinhedos em degraus, muito fértil, porém sem interesse. Quis abreviar a viagem em diligência, que me é muito desagradável, sobretudo na estação do calor, por isso deixei a antiga estrada que passa em *Cento*, cidadezinha onde nasceu Guercino e cuja casa, dizem, guarda muitas de suas pinturas, assim como as igrejas e a pinacoteca da prefeitura. Mas em que canto da artística Itália não se esconde uma obra prima? Mesmo com tantas transformações e roubos que ela sofreu!

É um imenso e inesgotável tesouro de belezas naturais e artísticas, que ficará para sempre guardado no seu grande cofre de lembranças para fascinar e interessar a todos os que o contemplarem.

Uma hora em ponto da tarde descemos em Ferrara, no hotel da Europa.

Ferrara é a primeira cidade da Itália cujo aspecto, embora marcado por certa grandeza, não me inspirou nenhum sentimento agradável. Senti até mesmo um certo mal estar que aumentava diante do aspecto triste e monótono da cidade, e com a lembrança do ilustre

poeta prisioneiro que nela amou e sofreu. A prisão de Tasso foi nossa primeira visita, após o banho e jantar.

Eu te vi oh! Ferrara! com o espírito tomado por Tasso, e antes de pagar um tributo a Ariosto, de quem fostes o berço e manténs a glória, quis derramar uma lágrima no antro obscuro e úmido onde o gênio de Sorrento foi, por nove anos, vítima de um déspota tirano[1].

Tantos ilustres viajantes falaram dos quatro muros baixos, arqueados e estreitos, onde tantas musas de diversas nações inspiraram-se, entre outras a do brasileiro Magalhães[2]. Onde grandes gênios: Goethe, Byron, Casimir Delavigne e Lamartine, vieram conversar com a sombra dolente do sublime cantor de *Jerusalém libertada*, e minha pobre pena nada

---

[1] Torquato Tasso(1544-1595). O duque Alfonso II de Ferrara mandou prender o poeta no hospital de Sant'Anna, ao mesmo tempo prisão e hospício, onde ele permaneceu por sete anos (1579/1586), os primeiros deles, segundo contam, numa pequena cela onda mal cabia em pé. Os desatinos do poeta começaram em 1575 quando terminou *Gerusalemme Liberata*, entregando a obra às inúmeras revisões impostas pela inquisição. No final do processo, mesmo absolvido pelo inquisidor, Tasso sentindo-se perseguido apunhalou um empregado do palácio e foi preso. Conseguiu fugir da prisão e chegar a Sorrento, na casa da irmã. De volta à Ferrara, após perambular por diversas cidades, investiu contra o duque que o mandou prender como louco. Os sofrimentos do poeta, o amor pela princesa Eleonora, a loucura, a prisão, perseguições da inquisição e a morte melancólica à sombra dos carvalhos do convento de Santo Onofre, em Roma, contribuíram para a romantização da vida de Tasso. A pequena cela, onde teria ficado preso em Santa'Anna,(como o túmulo e os restos de carvalho do convento de Santo Onofre) tornou-se um lugar de peregrinação para os viajantes, especialmente para os poetas e escritores românticos. Inspirou poemas (Byron e Lamartine) dramas (Goethe) e pinturas: *Le Tasse dans la prison des fous*, de Delacroix, 1836- o pintor retratou o poeta vestido de preto com uma lâmpada nos joelhos e a cabeça apoiada nas mãos.

[2] Domingos Magalhães, "O Cárcere de Tasso" (*Suspiros Poéticos e Saudades*,1836):

Que vim eu aqui ver? _ Uma masmorra
Úmida, estreita, onde respiro apenas!
Si a fronte elevo, o negro teto roço;
Si estendo o braço, a largura abranjo;
Dois passos bastam a medir seu fundo.
(.....)
Vós, meus olhos, nada vedes;
Mas minha alma no passado
Um vate vê encerrado
Nesta lúgubre prisão
Aqui chorou longos dias
Longas noites, longos anos
Quem por olhos soberanos enloqueceu de paixão.

poderia acrescentar. Porém, uma lágrima sincera, vertida para uma grande infelicidade, nunca é demais, e esta lágrima, sem dúvida, foi a primeira derramada por uma mulher brasileira na prisão de Tasso[1].

Ferrara tem cerca de 25.000 habitantes, população pequena para o seu tamanho, está quase deserta e aí se fala um italiano detestável. A maior parte de suas ruas são largas, longas. Elas têm edifícios bem notáveis e entre eles o magnífico palácio que chamam de *Pallazzo dei Diamanti*, por causa dos mármores multifacetados que o revestem. Atualmente a Pinacoteca está instalada neste palácio e a Academia Ariostea aí realiza as suas sessões. Na pinacoteca há belas pinturas de Dosso Dossi, Garofalo e outros artistas ferrarenses.

Além do esplendor que viveu no tempo da corte famosa dos duques de Ferrara, a cidade brilhou tanto pelas letras quanto por sua escola de pintura com velhos mestres ferrarenses, os Dossi e Garofalo (o Rafael de Ferrara), com Hortolano, Scarcellino, Succi, Batianino (o Ticiano de Ferrara), Carlo Bonono, etc. Porém, só restam lembranças do esplendor que os príncipes d'Este deram à cidade. E o viajante que chega em Ferrara, percorre suas ruas onde cresce a erva, só encontra de verdadeiramente grande e com real interesse a sombra dos dois insignes poetas Ariosto e Tasso. Um brilhou e se beneficiou durante toda sua vida com os favores do duque de Ferrara; o outro aí chegou com sua brilhante auréola de glória para sofrer e definhar por um amor infeliz, no fundo de uma horrível prisão onde perdeu a razão. Os que não conseguem acreditar que o infeliz amante da irmã de Alfonso, duque de Ferrara, tenha vivido sete anos na cova úmida do hospital de Santa'Anna, parecem ter esquecido a história de tantas vítimas da tirania, cujo organismo resistiu a uma estada mais longa em calabouços mais horríveis ainda do que o do grande poeta[2]. Latude, na Bastilha é um exemplo, para não citar outros!

---

[1] Com a visita à prisão de Tasso Nísia completa a peregrinação literária aos lugares de Tasso: Sorrento, cidade onde o poeta nasceu, o túmulo na igreja de Santo Onofre, em Roma, onde a viajante também ofereceu-lhe "uma lágrima anônima". Lágrima que marca a passagem da viajante em lugares já visitados por poetas e escritores que a antecederam, e que deixaram suas marcas nos muros, ou em poemas inspirados por estes lugares.

[2] Pairava a dúvida sobre a pequena cela onde Tasso teria ficado. Dúvida partilhada por Du Pays (op. cit.p.360): "Na verdade é contar com muita ingenuidade a que leva a pensar que um homem viveu sete anos no sótão úmido do hospital Santa Ana, que mostram aos curiosos."

Ao sair da prisão de Tasso visitamos o grande hospital de Sant'Anna, tão cheio com sua lembrança! Depois fomos ver a casa de Ariosto onde se lê a seguinte inscrição:

Parva sed apta mihi, sed nulli obnoxia, sed non
Sordida, parta meo sed tamen aere domus.

Um senhor e uma moça nos receberam e gentilmente mostraram todas as peças. Ficamos mais tempo naquela onde está escrito : *"Ludovico Ariosto in questa camera scrise e questa casa da lui abitata edifico etc."*

Mostraram com veneração um tinteiro e uma pena usados por ele. Não sei se ele escreveu seu Orlando Furioso aqui, isto não nos preocupou: ninguém pode negar que ele aí morou e os muros entre os quais viveu um grande gênio respiram solenidade. Em uma grande praça -*Piazza Ariostea* - há um monumento dedicado à memória do grande poeta de Ferrara.

A única igreja de Ferrara que visitamos foi a catedral. Ela é gótica no exterior e tem em seu interior belas pinturas de Garofalo, de Bastianino e outros.

Ao olhar a estátua de Alberto D'Este representado em peregrinação à Roma em busca do perdão para os seus pecados, pareceu-me que a triste população de Ferrara, perdida na sua cidade morta, eram penitentes em procissão atrás do piedoso personagem, animada porém por outros sentimentos diferentes dos dele.

O palácio ducal, atualmente palácio da Nunciatura, sombria construção da Idade Média, isolada por fossos cheios d'água e atravessados por pontes, ladeado por torres, mostra, no centro da cidade onde se localiza, um dos aspectos mais melancólicos que já me impressionaram. A lembrança de duas mulheres, tão belas quanto malvadas, que brilharam nessa construção - uma, estigmatizada na posteridade por seus crimes, embora cantada por Bembo[1] e Ariosto, que a apresentaram ao mundo inocente e pura; a outra, culpada pelo triste

---

3 Bembo, Pietro(1470-1547).O veneziano Bembo fez estudos humanísticos na Sicília, na escola de Constantino Lascaris e completou sua formação junto à corte de Ferrara. Autor de *Prose della volgar lingua* (1525) e de uma história de Veneza - *Rerum venetarum historiae libri XII.*

papel que sua fria leviandade representou para um grande poeta[1], esta lembrança, mais que todas as outras despertadas pelo negro castelo, seguiu-me quando atravessamos a ponte levadiça jogada em um dos fossos que o cercam. Não há nada de interessante no interior do edifício. Para adornar nosso espírito com as únicas lembranças que queríamos levar de Ferrara fomos ao Palácio dos Estudos para ver, entre outras coisas, os manuscritos de *Orlando furioso*, de *Jerusalém Libertada*, com notas escritas por seu autor na prisão, e o manuscrito do *Pastor Fido*, de Guarini[2], um dos poetas italianos que mais admiro, escrito pelo próprio Guarini.

O conservador da biblioteca teve a extrema bondade de mostrar todos esses tesouros e falar sobre o que havia de mais interessante para ver na instituição. Ele mesmo mostrou o monumento fúnebre de Ariosto, com as cinzas do poeta, uma poltrona em madeira que lhe pertencia e sua escrivaninha em bronze. Depois nos acompanhou até a sala da biblioteca onde encontramos uma coleção de retratos de autores ferrarenses.

Senti um grande desejo de me afastar de Ferrara. O ar de sua planície pantanosa parecia aturdir o meu espírito e me fez pressentir não sei que perigo. Tomei o cupê da diligência e embarcamos para Pádua rapidamente.

PÁDUA

Há muitos mistérios na natureza do homem e toda a sua ciência não soube, nem nunca saberá explicar. Mistérios são os vagos pressentimentos que nos assaltam, certas antipatias que algumas pessoas e alguns lugares nos inspiram à primeira vista.

---

[1] A primeira das mulheres a que Nísia refere-se deve ser Parisina, mulher do duque Nicolas III, condenada à morte após ser descoberta em encontro amoroso com o jovem Ugo, filho bastardo do duque. Narrada por Gibbon, a sangrenta crônica do século XV foi tema do poema *Parisina* de Byron (1816). A outra mulher era Eleonora d'Este, musa de Tasso.

[2] Batista Guarini (1538-1612). Nasceu em Ferrara. Professor de Retórica e Poética. Autor da fábula pastoral *Il Pastor Fido*(1590). Inspirada em *Aminta* (1573) de Tasso, a fábula de Guarini leva mais longe o idílio sensual dos pastores, fazendo uma espécie de hino ao amor livre dos pastores e ninfas, chegando a fazer alusões obscenas.

Embora não seja supersticiosa, admito que mais de uma vez no curso da minha vida vi pressentimentos e antipatias justificados. Isso sem falar dos sonhos, outro fenômeno não menos importante para aqueles que muitas vezes viram um sonho representar uma cena que o futuro desvela, algumas vezes levando a felicidade para sempre. Anoto aqui o pressentimento, que chamei de mal estar, que senti em Ferrara. Nenhuma nova causa de tristeza, nenhum sofrimento físico existia em mim, porém não encontrei o mesmo interesse que me inspiram as coisas novas quando mostram-se aos meus olhos. Deixei com prazer essa cidade, pensando ao afastar-me que a desagradável impressão que ela me causou desapareceria e eu retomaria meu bem estar normal.

Perto de sete horas da manhã atravessamos num grande barco o rio Pó, muito largo e bonito nesse local, e entramos no reino Lombardo Venetiano. O rio separa aqui este reino dos Estados Pontifícios[1]. Antes de cruzá-lo, quando apresentei meu passaporte a um empregado da alfândega situada na outra margem, aconteceu uma cena que teria me divertido muito em outra situação, se meu espírito não se encontrasse tomado por vago temor de algum mal que parecia ameaçar-me.

O empregado da alfândega, que revistou nossa bagagem e deu o visto nos passaportes, veio um instante ao nosso lado e pediu respeitosamente para ir com ele ao escritório do seu chefe, que por estar indisposto não podia vir onde estávamos e desejava muito nos ver. Nós nos dirigimos ao escritório rapidamente, apressada que estava em deixar esses lugares.

Ao entrar em um pequeno salão, bem confortável, encontramos um senhor com ar adoentado que nos recebeu com muita cortesia, e nos pedindo para sentar parecia interrogar com os olhos, espantado, o empregado que nos levara. Depois, voltando-se para nós disse: Perdão por vos ter incomodado, mas sois com certeza as senhoras brasileira cujos passaportes eu vi?- Sim, respondi, por que a dúvida? Temos pressa em atravessar vosso magnífico Pó, sua planície não me parece saudável. - Não, eu não duvido senhora, mas ao chegar na minha idade sem nunca ter visto brasileiros, e sabendo por vosso passaporte que

---

[1] Em 1858, antes da Unificação, os Estados Pontifícios estendiam-se pela Itália central separando-se da Lombardia, ao norte, pelo Rio Pó; a sudeste faziam fronteira com Nápoles; a oeste com os ducados de Toscana e Modena. Dos Estados da Igreja faziam parte, entre outras, as cidades de Roma, Bolonha, Ferrara, Urbino, Pesaro, Velletri, Perugia, Orvieto e Viterbo.

duas senhoras deste país passavam por aqui, não quis deixar de satisfazer minha curiosidade de ver os naturais de um país sobre o qual li as mais belas descrições._ E as mais grotescas a respeito de seus habitantes, não é, disse-lhe com simplicidade. Esperavas ver dois bons selvagens, pitorescamente vestidos com plumas, e mesmo sem nenhuma roupa, como os encontraram na América os vossos ancestrais, e como alguns dos vossos escritores europeus ainda se divertem em pintar esse povo[1] que é superior em muitos aspectos aos seus irmãos de além mar._ Infelizmente tendes razão, senhora, e vos agradeço por corrigir um grande erro com o qual envelheci. Agradeço infinitamente a vossa bondade, e se passardes aqui outra vez e necessitares os serviços de alguém, peço que dês preferência ao chefe.

Agradeci pela gentil oferta apertando a mão que ele me estendia com respeitosa amabilidade, e nós nos separamos, a velha Europa assombrada com sua ignorância, e a jovem América indulgente com seus detratores. Atravessei o Pó sem sentir o mesmo prazer que sempre me oferece a vista de um belo rio.

A diligência chegou em Rovigo, pequena cidade com cerca de 7.000 habitantes, perto do vilarejo d'Arque onde viveu por muito tempo e onde morreu Petrarca. Já era tempo! há cerca de meia hora que eu não conseguia suportar a marcha dos cavalos, tanto doía a minha cabeça! Descemos, minha filha e eu, no primeiro albergue que apareceu, pedi uma cama e deitei para repousar um instante, escondendo de minha filha metade dos meus sofrimentos para não assustá-la, num lugar onde não conhecíamos ninguém. Mas, parecia que uma influência benfazeja nos envolvia em todos os lugares em que chegávamos, e que viajávamos entre uma numerosa família de irmãos, e não de estrangeiros. Era a proteção de minha santa mãe, do alto do céu, abençoando sua filha e sua neta que percorriam países desconhecidos tão distantes de sua terra natal.

Até mesmo o condutor da diligência, homem simples, mas com coração italiano, teve a bondade, ao me ver tão sofrida, de conduzir os cavalos devagar, e com o consentimento

---

[1] A idéia que fazia o funcionário da alfândega sobre os americanos ainda era comum na Europa de meados do século XIX. No verbete sobre "a mulher" do Larousse do Século XIX (edição de 1873), as mulheres americanas são descritas como morenas que andam sem roupa. As mulheres da América do Norte, diz o verbete, são mais bonitas do que as da América do Sul.

dos quatro viajantes que encontravam-se no interior da diligência esperou por quase duas horas até que eu me sentisse melhor para continuar a viagem.

Esse gesto de bondade merece que eu o anote porque é extraordinário em tais circunstâncias, já que o regulamento das diligências proibi o condutor de parar a pedido dos viajantes. Não devo deixar de também anotar os bons cuidados que me prestou uma mulher do albergue de Rovigo, que se apressou, com a solicitude e a terna previdência de uma irmã de caridade improvisada, a me fazer respirar o perfume de algumas ervas que ferveu num pequeno fogareiro e a molhar minha testa com uma água especial, cuja eficiência exaltou oferecendo-me um pequeno frasco.

Talvez mais por causa da tocante impressão que suscitaram em meu espírito todos os cuidados espontâneos com que me cercaram, ali onde me imaginava isolada, do que por causa da água e das ervas de Rovigo, logo senti-me melhor.

O condutor, os viajantes, a mulher do albergue, cercando-me com tanta atenção e cuidados pareciam inspirados pela sombra de minha mãe, e isso me fez um bem infinito, a moral agiu com força sobre o físico e fez com que eu me levantasse. Agradeci minha excelente irmã de caridade e as outras pessoas, e para grande alegria de minha filha, senti-me boa para continuar a viagem e enfim chegamos em Pádua, onde ficamos no hotel *Stella d' Oro*.

Mesmo indisposta apreciei a estrada de Pádua que percorremos, contornando ora o Pó, até uma pequena cidade, Poliselle, muito graciosa, cortada em duas por um canal que deságua nesse rio, ora margeando o canal até a entrada de uma longa e bela alameda. O campo sempre plano é coberto por uma rica plantação de arroz, abundantemente cultivado. Surgem belas vilas, sobretudo próximo à Veneza de quem Pádua é vizinha.

A curta viagem de Ferrara à Pádua me cansou mais do que todas as minhas outras viagens, mesmo as mais longas, e só após ter passado um dia todo no hotel pude sair, na manhã seguinte, para visitar primeiramente a magnífica igreja de Santo Antônio, sem dúvida a maravilha de Pádua. Vistas de longe as cúpulas dessa igreja, e as de Santa Justina, dão aos dois templos a aparência de mesquitas.

Um sentimento filial me conduziu à igreja, em cuja praça fica a estátua eqüestre em bronze do célebre condottiere Gattamelata, obra de Donatello, mais do que a curiosidade de ver as magnificências artísticas. O nome da pátria do santo, para quem construíram em Pádua a magnífica igreja, fez palpitar meu coração com a dupla lembrança do casal bem amado que me deu a vida.

Santo Antonio de Pádua (que não deve ser confundido com Santo Antonio de Coma, do Egito superior de quem se narram as singulares tentações), nasceu em Lisboa em 1195, ensinou com grande reputação em diferentes universidade da Itália, assim como em Montpellier e Toulouse, e morreu com 36 anos, aqui em Pádua. Ele é glorificado na Itália com tanta devoção quanto no Brasil e em Portugal.

Ficaria muito longo enumerar as esplêndidas obras de arte da igreja. Grandes artistas de Pádua e de outras regiões da Itália a enriqueceram com estátuas, soberbos baixo relevos, pinturas notáveis e outras obras preciosas. Entre os belos mausoléus vimos os do professor Trombetta, por Riccio, do general Contarini e de Lucréce Hélene Cornaro Piscopia, jovem que cultivou com grande sucesso as letras e as línguas, e tornou-se tão capaz que a universidade de Pádua a admitiu entre os seus doutores dando-lhe a "boina".

A rica capela de Santo Antonio, com o altar recoberto de mármore *vert-antique*, é um tesouro de escultura e suntuosidade. Alguns dos belos baixo relevos que decoram as paredes representam os milagres atribuídos ao santo.

Embora fosse um dia de semana havia muitas pessoas que apertavam-se atrás do altar. E ajoelhando-se, uma após a outra, elas tocavam a placa de bronze que recobre o túmulo do santo, e faziam suas preces com grande recolhimento.

Da igreja de Santo Antonio fomos à de Santa Justina, famosa por sua magnífica arquitetura e por sua grande nave. Admiramos um belo quadro de Paolo Veronese, representando o martírio de Santa Justina. O guardião da igreja nos mostrou, num canto da parede, uma espécie de buraco suficientemente largo para caber uma pessoa, e que ele indica aos visitantes como a prisão da santa.

As oito abóbadas em chumbo em que se apoia a igreja dão ao seu exterior um aspecto todo particular.

Pádua, uma das cidade mais antigas da Itália, teve sua época de glória, quando as artes e ciências floresceram com brilho. Giotto e outros célebres artistas aí deixaram a marca de seus gênios. Sua universidade, uma das mais famosas da Itália do século treze ao dezessete, compreende cinco faculdades : Teologia, Filosofia, Direito, Medicina e Matemática.

Sob o pórtico do seu palácio, cercado por colunas de Sansovino, estão os nomes e brasões dos doutores da universidade de Pádua, e a estátua da bela erudita Helene Cornaro de Piscopia, falecida com 38 anos e que sabia além de francês, espanhol, latim, grego, árabe, hebreu, teologia, matemática e astronomia. Poeta e musicista, esta sábia ilustre, que não quis casar-se, distraia-se em seus momentos de lazer com a harmonia das duas artes divinas.

Foram anexados à universidade um gabinete de História natural, uma biblioteca onde há um retrato de Petrarca, um observatório, um gabinete de física onde é conservada uma vértebra de Galileu, que também foi professor em Pádua. No Jardim Botânico nos mostraram uma palmeira que dizem ter sido plantada por Goethe. Após percorrer a cidade, uma parte dela me pareceu muito sombria por causa das baixas arcadas que ladeiam suas ruas estreitas, visitamos um antigo palácio que é chamado de *Il Salone*, por sua imensa sala que dizem ser a maior da Europa. Um meridiano, situado paralelamente ao Equador, foi traçado nesta sala. Belas escadas conduzem às galerias, onde ficam várias pinturas murais alegóricas.

Dois monumentos atraíram minha atenção, um de Tito Livio, nascido em Pádua, e cujo esqueleto dizem ter sido achado perto do mosteiro de Santa Justina; o outro, construído pela cidade de Pádua em 1661, dedicado à mulher do marques de Obizzi, Lucrecia Dondi, assassinada em seu quarto, sete anos antes, por um amante, ou melhor, um criminoso que não conseguiu seduzi-la. Não desejando, como a antiga romana, as conseqüências de uma calúnia que poderia desgraça-la, a digna Lucrécia moderna preferiu ser morta pelo miserável que atentava contra sua honra, a ceder aos seus desejos. Resolução heróica, em situações como esta, do verdadeiro pudor feminino que nunca será o suficientemente glorificado.

Pádua, que tem cerca de 45.000 habitantes, situa-se numa fértil planície banhada pelo Bacchiglione, e comunica-se com a laguna de Veneza por Brenta e seu canal. Sete portas

dão entrada à cidade, cuja fundação após a guerra de Tróia foi atribuída a Antenor pelo grande historiador Tito Lívio.

Entre suas praças destaca-se a *dei Signori*, onde fica o antigo palácio dos Carrara, senhores de Pádua, com um belo pórtico, e *Prato della Valle*, a maior praça da cidade. No meio dessa praça fica um belo passeio cercado por um canal com árvores, e decorado com 74 estátuas de padovenses e outros italianos célebres.

Na volta para o hotel paramos no magnífico café Petrocchio[1], todo construído em mármore, e uma das curiosidades da cidade.

Há em Pádua muitos outros palácios, com interessantes obras de arte para visitar, mas já vi o suficiente para satisfazer minha curiosidade, e Veneza nos espera com as cartas da nossa querida família. Apressamo-nos em deixar Pádua e a grande sombra do nosso poeta favorito que aí viveu por algum tempo na casa do seu amigo Giotto.

---

[1] No café Petrocchio, informa o guia de Du Pays (op. cit.p.158), o viajante podia escolher um "café com leite gelado, agrodicedro, marennes, framboas, orzata, um copo de vinho de Chipre e sorvetes".

VENEZA

Oh Venise! Oh Venise! when thy marble walls
Are level with the water, there shall be
A cry of nations o'er thy sunken halls,
A loud lament along the swweeping sea!
If I, a northern wanderer, weep for thee,
What should thy sons do? - anything but weep?
And yet they only murmur in their sleep.

BYRON[1]

Veneza! um devaneio toma conta do meu espírito ao escrever estas três sílabas tão sonoras, tão repletas de harmonia[2].

---

[1] "Ode on Venice", in *The Works of Lord Byron*, Boston: Phillips, Sampson, and Company, 1853.

Para muitos viajantes letrados do século XIX, ao encanto de Veneza unia-se os versos de Byron, o seu cantor. Um outro brasileiro também citou alguns versos da ode, de maneira um tanto irônica: o camarista de D. Pedro II, Nogueira Gama, que esteve em Veneza em 1855, e em livro de memórias (*Minhas Memórias*, RJ. Magalhães e Cia, 1893/64), onde narra suas viagens à Europa, despede-se da cidade citando Byron: "dirigimos por último adeus estas palavras de Byron: "Venice if a nothern wanderer wheep for thee What should thy sons do?" Veneza se eu peregrino do Norte estou chorando, o que devem fazer seus filhos? Quem chorou foi lord Byron, não eu."

[2] Nenhum viajante conseguia resistir ao encanto que Veneza despertava quando surgia boiando entre as águas da laguna. Encanto partilhado pelo viajante brasileiro Pereira da Silva ("Reminiscências", em *Variedades Literárias*, 1862):

"Nada me pareceu mais poético do que a rainha do Adriático, assentada sobre suas cem ilhas, e resplandecente com um número infinito de palácios marmóreos, e multicolores, que levantam-se do seio das águas, guarnecem os canais que cortam a cidade em todas as direções, e lhe servem de ruas, como se houvesse aí um remexer e bater contínuo de mágico condão. É um sonho das Mil e uma Noites, em que o feiticeiro muda a cada momento de cenas, vestes e decorações para o fim de extasiar os olhos".

Tudo aqui mostra-se ao meu olhar com um aspecto novo, singular, estranho. Cidade, povo, costumes, monumentos, natureza e arte despertam uma impressão que não parece em nada com as que senti em outras cidades da Itália.

É que Veneza é verdadeiramente uma cidade diferente de todas as cidades do mundo, e o que aí sentimos une-se com um não sei que de fantástico, impossível de explicar.

Depois das emocionantes e admiráveis páginas que o poderoso gênio de lord Byron consagrou à bela rainha do Adriático, hoje sem sua glória passada, nunca deveríamos ousar dizer mais nada porque tudo fica aquém da descrição animada, entusiasta, viva e sublime saída da flamejante pena e cujas belezas poéticas não têm rival em nossos dias.

Porém, como as fracas centelhas passam, embora desapercebidas, através da plena claridade do sol, e os modestos riachos correm ao lado dos grandes rios, assim irei arremessando aqui e ali algumas flores murchas do meu pobre espírito para fazer uma humilde guirlanda, que levará à minha querida pátria uma lembrança da minha temporada entre o bom povo italiano.

Se um conjunto de casas construídas pelo homem pudesse ser comparado a uma aparição mágica, é assim que eu tentaria explicar a sensação que tomou conta do meu espírito a primeira vez que entrei em Veneza, na tradicional gôndola, atravessando suas ruas aquáticas, e o grande canal, ocupado de um lado e do outro de suas margens por soberbos palácios, quase todos recordando uma história interessante ou um drama tenebroso.

Ao contemplar a estranha cidade que nada nas águas de suas lagunas com todos os seus mistérios, lembrando-me dos seus feitos famosos e de suas cenas noturnas, por um momento me vi em sonhos, quando não conseguimos pegar os objetos que nos encantam e que sempre escapam para dar lugar àqueles que nos apertam o coração.

A lembrança da patriótica cidade onde nasceram meus queridos filhos e que era chamada antigamente - a Veneza do Brasil[1] - contribuiu para o meu devaneio na cidade que tantos belos gênios cantaram, e que deu tantas páginas aos historiadores e romancistas.

Não tendo nada a emendar às descrições, já muito repetidas, da fada adormecida na lembrança de seus feitos de antigamente, assinalarei apenas um objeto, uma obra prima que mostrar-se aos meus olhos, numa cidade cujo conjunto atrai e absorve muito minha atenção para que eu possa ater-me aos seus detalhes.

A florescente filha dos antigos Vênetos, tão famosa por seu comércio, sua bravura e suas leis, que fazia respeitar sua bandeira entre todas as nações da Europa, que resistiu vitoriosamente à Ásia e Europa reunidas para destruir sua república; o teatro sangrento do despotismo dos Dez, precipício do orgulho dos aristocratas e dos males com que quiseram oprimir o povo e onde eles mesmo caíram depois; a brava conquistadora de Alexandria, Constantinopla e tantas outras cidades; maravilha de arte e natureza, dominada pelo formidável leão de São Marco; esta jóia preciosa dos nobres corações venezianos, tudo isso, repito, não é mais do que uma visão do passado que hoje surge toda desolada sob o domínio da Áustria, que ainda a vê como o mais belo florão da sua coroa[2]!

Deplorável catalepsia que retém, por toda parte, o povo italiano no seu leito, resplandecente com tudo o que a natureza e arte possuem de belo e de grande!

Em quarenta e dois minutos percorremos, por estrada de ferro, a distância que separa Veneza de Pádua, atravessando uma planície fértil, cortada por canais, e depois a ponte monumental de 3.603 metros de comprimento, construção formidável dos nossos dias, que transpõe a laguna e une Veneza à terra firme.

---

[1] Nísia morou em Recife de 1824 ao início de 1833. Nasceram na cidade os seus dois filhos, Lívia (1830) e Américo Augusto (1832). Gonçalves Dias no poema Tabyra (1846) chama Recife de "Veneza americana transportada - Boiante sobre as águas."

[2] Veneza foi uma das últimas províncias incorporadas à Itália unificada. Em 1866, com a paz de Viena, a Áustria cedeu a cidade à França de Napoleão III, que a devolveu à Itália.

Um homem idoso e com aspecto muito respeitável, que entrara conosco no mesmo vagão na estação de Pádua, notou com prazer, disse depois, o entusiasmo com que eu falava à minha filha olhando a laguna sobre a qual passava o trem. Ele pensou, não sei porque, que fôssemos gregas, pessoas de uma nação cuja língua não conhecia, e perguntou, com muita cortesia, se era a primeira vez que vínhamos á Itália e quanto tempo leváramos para vir de Atenas a Veneza.

_ Nós somos de um país bem mais longe do que a Grécia, senhor, respondi: nossa pátria fica numa das regiões do novo mundo onde as árvores nunca se despem de suas belas folhagens, e onde alguns espíritos esclarecidos, e que amam as extraordinárias belezas dos antigos gregos, sonham com uma glória mais adaptada à sua futura destinação, glória que deverá brotar do desenvolvimento do progresso no rico solo da jovem América.

Logo que este homem respeitável, o Sr.G***, soube que éramos brasileiras, mostrou tanta surpresa e tanta satisfação em nos conhecer, que me levou a pensar que, da mesma maneira que o chefe dos empregados da margem do Pó, ele imaginara que os brasileiros eram de uma espécie que não a nossa.! Na verdade, a atual civilização do Brasil ainda é pouco conhecida em grande parte da Europa, onde o relato de alguns que se dizem críticos dos modos e costumes desse grande império, não fazem mais do que manter os europeus em completa ignorância sobre seus progressos, e não devemos nos espantar com a surpresa que despertamos naqueles que só conhecem o Brasil por seus relatos e gravuras representando as castas de aborígenes. Muitas vezes, quando da nossa primeira viagem à Paris, entre esse povo que acredita-se superior a todos os povos da terra, e que na verdade tudo sabe menos o que lhe seria mais conveniente saber para melhor aproveitar sua grande inteligência e seus incontestáveis progressos em todas as ciências e em todas as artes, muitas vezes, repito, tive a oportunidade de testemunhar a ignorância que chocava alguns dos meus patrícios, e que ao contrário, muito me divertia! Mesmo entre as classes letradas da velha Europa cometem-se com freqüência muitos erros grosseiros quando falam dos povos além do Atlântico. Podemos acrescentar, sem medo de faltar com a verdade, que em geral elas também cometem erros quando falam das diferentes nações vizinhas.

Se essa ignorância é um mal, eu poderia repetir como no provérbio francês: "Há males que vêm para o bem", porque ela nos propiciou, mais de uma vez, entre o povo do Norte e da Itália, uma acolhida muito simpática, e, deixando de lado toda vaidade, nós sempre ficamos felizes em poder dar às pessoas que conhecemos uma idéia mais digna do nosso Brasil, do que a maioria dos que escreveram sobre ele, na Europa.

Ao chegar na estação de Veneza o SR.G*** ofereceu-se para nos acompanhar ao hotel da Grã Bretanha, onde eu queria ficar antes de encontrar apartamentos mobiliados. Porém, todos os quartos deste hotel estavam ocupados na atual estação de banhos, e o respeitável senhor pediu para deixá-lo ordenar ao gondoleiro, que tínhamos contratado logo que descemos do trem, para nos conduzir à Praça de São Marcos, onde ele me indicaria um apartamento conveniente.

Sabendo que ele conhecia bem Veneza, onde mora uma parte de sua família, confiei-lhe de bom grado a escolha de uma hospedaria. Após algumas voltas nas ruas aquáticas da cidade singular, a gôndola parou diante de uma escada de pedra que levava à casa indicada por nosso excelente guia.

Subimos juntos ao primeiro andar onde uma boa mulher abriu a porta e nos recebeu com o desvelo que não me pareceu ser o de uma hoteleira. Mas, tudo o que eu via nesta cidade parecia tão estranho, que não me espantei de maneira nenhuma com a diferença que encontrei entre as maneiras dessa mulher, e as de outras donas de pensões onde residira até então. O Sr. G***, que já mandara subir a minha bagagem, não me deu tempo para refletir sobre essa diferença. Abrindo dois grandes quartos que davam para o salão, nos disse com encantadora simplicidade: "Estes quartos são para vós, senhoras, deles disponham durante todo o tempo que vos agradar ficar em Veneza. Lamento não ter nada melhor a oferecer às duas dignas americanas, que tenho a felicidade de receber em minha casa."

Só então compreendi o ardil usado por aquela bela alma para forçar-me a aceitar a gentil hospitalidade que queria oferecer em sua casa, hospitalidade espontânea e cordialmente oferecida aos viajantes que passam, como ainda não vira fora do Brasil.

Este rasgo de bondade, a generosa oferta feita com delicadeza e sinceridade que eu sabia reconhecer, sensibilizaram-me tanto quanto surpreenderam-me. No entanto agradeci

dizendo que não seria possível aceitar. Ele ficou tão aflito com minha recusa e pediu com tanta insistência que voltasse atrás, dizendo que não usava esta casa e que estaríamos em toda liberdade com a senhora que a guarda, que o mínimo que pude fazer foi dizer que ficaria até que encontrasse uma pensão, ainda mais próxima da praça de São Marcos como desejava. O excelente homem, contrariado por minha delicadeza não me permitir ocupar sua casa em Veneza, quis ao menos ser meu cicerone na cidade durante os poucos dias em que ele aqui ficaria, pois mora perto de Pádua com um de seus filhos, casado. É a ele então que devo minhas primeiras impressões de Veneza, onde me fez conhecer, além de outras coisas que um estrangeiro sempre tem necessidade de ver ao chegar numa nova cidade, tudo o que ela guarda de mais raro e precioso entre suas obras primas.

Ele apresentou-me um de seus filhos estabelecido aqui, a sogra de outro, a Sra. D***, mulher muito amável com quem muito simpatizamos e o Sr. S***, agregado na sua família, que ele recomendou como uma pessoa muito digna e capaz de nos conduzir em nossas excursões, através da rede de canais da cidade.

Para mostrar um dos mais maravilhosos pontos de vista do Grande Canal, o gentil Sr. G*** veio nos buscar na manhã seguinte à nossa chegada, e nos levou a um palácio que pertence ao seu cunhado, o Sr. F***, cujas grandes qualidades e a afeição que os une, ele me descreveu. Fomos mais para contentar este excelente coração, que esforçava-se para nos agradar, do que para satisfazer nossa curiosidade de ver tão logo as belas vistas que teríamos mais tempo para contemplar.

Fôramos admirar um ponto de vista do Grande Canal, porém ao entrar no palácio esqueci o Canal e as magnificências de Veneza.

Parecia que chegávamos na casa de uma das boas e dignas famílias do meu querido Brasil, conhecidas pela espontaneidade na generosa acolhida que fazem aos estrangeiros.

Duas senhoras vieram ao nosso encontro e nos receberam com a mais graciosa e encantadora simpatia. Em seguida, um senhor com cerca de 44 anos, com porte esbelto, fisionomia doce e nobre, apareceu, e reforçou com as palavras de cortesia tão delicadas quanto naturais que nos dirigiu o encanto da afetuosa acolhida.

Era o dono do palácio, o Dr. F***, pessoa de uma inteligência fora de série e com um verdadeiro coração de ouro, cujas raras qualidades mostram-se ao primeiro contato.

As duas mulheres eram sua esposa e uma amiga.

Eles estavam sem dúvida prevenidos da nossa visita, e a acolhida que nos fizeram provou que eram dignos parentes do sr G**.

A conversa elevada e afetuosa do Dr. F*** e suas maneiras distintas, desprovidas de qualquer afetação, atraem com justa razão a simpatia de todos os que dele aproximam-se. Sendo ele mesmo um artista falou sobre as artes com bom gosto, e todas as ciências são-lhe familiares. Mas, o que dá o grande mérito dessa alma de elite é seu profundo amor pela humanidade, cuja melhoria foi sempre o grande sonho de sua vida, consumindo-se como todos os que dedicam-se a esse grande objetivo pelo constante trabalho e decepções, que não o desanimam, pois ele possui o élan divino dado pelo criador à almas mais compenetradas com a grandeza de suas obras!

Após nos fazer admirar do seu terraço a vista do Grande Canal, o Dr.F** mostrou sua galeria de quadros, seu gabinete de Física e laboratório.

Depois, sua mulher pediu à minha filha para tocar alguns trechos de música no piano, e para nos agradar pediu à sua amiga que tocasse um trecho de *Marino Faliero*[1], dizendo que negligenciara muito a música após a perda do seu filho.

Ao ouvir esta palavra uma grande nuvem de tristeza passou na fronte do seu marido, e apesar do ar jovial que logo esforçou-se para retomar percebi por uma rápida olhadela que essa grande alma tinha sido testada por uma dor profunda. A descoberta fez aos meus olhos a consagração do alto valor de um homem, que me pareceu sob todos os aspectos digno da maior felicidade que podemos gozar aqui na terra.

---

[1] Após uma tentativa de golpe de estado o doge Marino Faliero, eleito em1355, foi condenado pelo Conselho dos Dez e decapitado em 17 de abril de 1355. No palácio dos Doges, na sala do Grande Conselho, onde ficam os retratos de todos os doges, o lugar onde deveria ficar o de Marino foi desde então substituído por um pano preto. A história trágica do doge Marino Faliere foi um tema muito explorado por poetas e pintores românticos, entre eles Byron que escreveu *Marino Faliero, Doge of Venice- An Historical Tragedy* (1821) e Casimir Delavigne, que escreveu sua tragédia de maior sucesso, *Marino Faliero* (1829). Inspirado na tragédia de Delavigne, Eugène Delacroix pintou, no mesmo ano (1829), *L'Exécution do doge Marino*, exposto na Exposição Universal de 1855, em Paris.

Deixamos desta primeira vez o palácio do Dr. F*** encantadas com seus donos, que não se limitando em nos acolher carinhosamente ofereceram-se para mostrar Veneza, e pediram para a partir de então olhar sua casa como nossa casa.

É assim que a boa Itália, descortinando a cada dia aos meus olhos um quadro esplêndido e interessante para estudar, também oferece, em todos os lugares, novos conhecidos que a tornam cada dia mais querida. Logo que deixamos uma cidade, onde fomos acolhidas com afetuosa consideração, encontramos naquela em que chegamos novos gestos de delicada atenção entre aqueles que conhecemos.

Até agora só encontrei motivos para elogiar a amabilidade e boas maneiras dos filhos da Itália, e não posso entender aqueles que se divertem imputando-lhes todo tipo de defeitos.

Deixando de lado a acolhida que recebi, penso que se existe um povo digno, tanto por sua infelicidade política quanto pela doçura do seu caráter, do respeito e da simpatia dos outros povos, este povo é sem dúvida nenhuma o italiano.

4 de agosto

Suave e querida lembrança de uma cerimônia religiosa és a única flor que perfuma minha alma num mês tão fatal para a minha vida, marcado que foi por três mortes.

Nas lagunas de Veneza, no meio de sua magia, o quadro retrospectivo de uma esplêndida festa que se seguiu à essa cerimônia ainda mostra-se ao meu espírito.

Uma bela criança, novo objeto das mais caras esperanças de um terno casal, acabara de inscrever-se na grande família cristã.

A música, as flores, a amizade, o amor e o céu espalhavam todos os encantos nesse dia já bem distante, que seria o último de alegria e de êxtase para duas almas prontas, uma para subir ao seio do Criador, a outra para cobrir-se com o luto para sempre.

Do casal, da criança, da festa e do luto que a sucedeu, envio-te hoje a lembrança, oh! meu filho querido[1]!

---

[1] Nísia refere-se ao batizado do seu filho Augusto Américo de Faria Rocha, em Porto Alegre, em 4 de agosto de 1833. No dia 29, do mesmo mês, morreu seu marido Manuel Augusto de Faria Rocha.

6 de agosto

Uma forte tempestade caindo sobre a bela adormecida que sonha com a liberdade, envolta por seus seus grilhões, impediu-me de dedicar o dia a uma visita a Malamocco, outrora capital dos povoados vênetos, e onde hoje fica o famoso dique, trabalho colossal que nos sugeriram visitar. Mas, se o grande espetáculo do mar, unido ao trabalho do homem para submetê-lo às suas necessidades, não se desenrolou hoje aos meus olhos, o espetáculo da chuva, bem mais próximo às minhas lembranças, fez-me sentir uma emoção cheia de encantos para o meu espírito, sempre pronto a voar para além do Atlântico todas as vezes em que me emociono, ou vejo alguma coisa relacionada com o que aí me encantava. E este espirito representou-me as janelas, nas margens do Janeiro[1], onde tantas vezes senti prazer em olhar a tempestade espalhar-se no golfo e montanhas que o cercam, quadro imponente de incomparável beleza.

A invés da imensa baía, da floresta de mastros agitando-se com suas diferentes bandeiras, os vastos horizontes onde grossas nuvens levantavam-se como enormes castelos aéreos, subindo rapidamente ao espaço, quebrando-se com barulho e caindo em chuva torrencial, vejo aqui os canais estreitos formando ruas na cidade, as muitas gôndolas que passam na minha janela, empurradas com velocidade pela força dos ventos e conduzidas por hábeis gondoleiros curvados sobre seus remos. O povo corre nas ruas, tão estreitas como laços de fitas, através das numerosas pequenas pontes que transpõem os canais, e uma parte corre a abrigar-se sob as belas arcadas de São Marcos (procuratis).

O vento soprou com violência, o trovão ribombou, e a chuva caiu torrencialmente.

---

[1] "Margens do Janeiro" imagem poética usada por poetas árcades e românticos brasileiros quando descreviam a baía da Guanabara. Como o fez frei Francisco de São Carlos(1763-1829) no poema A Assunção:

Enfim tudo é festivo e prazenteiro

Nas venturosas ribas do Janeiro.

E Gonçalves de Magalhães no poema Adeus à Pátria(1836):

Oh! margens do Janeiro

Eu me ausento de vós com mágoa e pranto.

Como és bela oh! Veneza! mesmo sob a tempestade que desencadeia-se sobre ti!

Benfazeja chuva, após dias de calor sufocante e no primeiro dia *seis* que passo em Veneza, não tens para mim a poesia das minhas tempestades natais, porém tua visão despertou em meu coração as emoções que outrora vivenciei.

Apesar dos gentis esforços do estimável Sr. G*** para me fazer aceitar sua casa durante minha estada em Veneza, aluguei um apartamento na casa de uma boa senhora que tudo faz para nos ser agradável.

A família T***, cuja mãe parece incrivelmente com uma das minhas amigas de Paris, a sra. G***, e que atraiu minha simpatia desde o primeiro momento em que a vi, encontrou esta casa para mim logo em frente da sua, separada apenas por um canal.

Trouxera uma carta para esta senhora de uma pessoa que vivera em sua casa, e ao saber que eu vinha para Veneza pediu-me para visitar esta família, sobre quem fez os maiores elogios no pouco tempo em que conversamos em Florença.

De fato, as boas maneiras e amável hospitalidade desta senhora influenciou-me muito com relação às senhoras venezianas, cuja graça sempre ouvira elogiar.

A Sra. T*** , casada com um octogenário de quem mais parece ser filha, tem dois filhos: um rapaz e uma moça.

Seu filho é bibliotecário em São Marcos, e distingue-se por sua erudição, conhecimento de línguas antigas e postura grave e séria. Na primeira vez em que veio visitar-me falou de Camões e manifestou o desejo de ler comigo, no original, o imortal poema do grande gênio português. Fiquei surpresa e ao mesmo tempo contente por encontrar nesta parte da Itália um literato que tem o bom gosto de querer conhecer as belezas da rica língua portuguesa. Falei a este jovem sobre vários poetas atuais de Portugal e do Brasil tais

como: Patto, Castilho, Mendes Leal, J.de Lemos, Silva, Azevedo, Gonçalves Dias, Porto Alegre, Magalhães, Souza e muitos outros sobre cujas obras ele nunca ouvira falar[1].

Convidadas por este jovem sábio assistimos no dia 8 uma grande sessão na Academia de Belas Artes para distribuição de prêmios, onde tive o prazer de constatar, pelo entusiasmo que despertou o eloqüente e patriótico discurso de um dos professores, que os nobres sentimentos da juventude veneziana não estão abafados em seus corações, mesmo com o atroz domínio em que os mantém o usurpador de sua pátria.

Que viajante, dotado de um coração generoso, poderá ficar indiferente diante do mal que o execrável tratado de Campoformio[2] fez à esta parte do povo italiano, já destituído de sua grande glória guerreira, mercadora e artística, mas que ainda gozava dos seus direitos nacionais?

Quando passeio na esplêndida praça de São Marcos, onde as curiosas crianças aladas da defunta república (os pombos) descem das torres e arcadas para alimentar-se, todos os dias regularmente duas horas em ponto, e contemplo a magnífica basílica de São Marcos, suas portas, fachada de mosaicos representando o translado do corpo do apóstolo de Alexandria, seus cavalos de bronze dourado da alta antigüidade, e que após terem sido levados a tantos lugares diferentes voltaram de Paris para Veneza, suas 500 colunas de mármore de verde antigo, de pórfiro, de serpentina, toda a profusão de riquezas trazidas do

---

[1] Quando Antonio Castilho (1800-1875) visitou o Rio de Janeiro em 1855, Nísia escreveu um poema de despedida para o poeta, "bardo exímio, cantor português dos nossos dias", publicado no jornal *O Brasil Ilustrado* (30 de abril de 1856):

Vate sublime que os primeiros sonhos
Da juventude minha hás embalado
Quando às margens frescas do Beberibe
Os teus primores d'arte eu decorava.
Inclina triste a fronte ó Pão de Açucar
Ao poeta que passa, ao gênio deve

Quanto aos outros poetas portugueses citados, Raimundo Patto (1829-1912), Mendes Leal (1818-1896), João de Lemos (1819-1890), Rebelo e Silva (1822-1871), não há referências a eles, além desta, nos livros de Nísia. Os brasileiros Gonçalves Dias, Porto Alegre e Magalhães foram citados em outros textos da viajante.

[2] Através do tratado de Campoformio (1797) Napoleão cedeu Veneza à Áustria, que a dominou durante 70 anos.

Oriente, todos os preciosos trabalhos de artistas gregos, bizantinos e italianos guardados neste templo singular, com o interior bem austero, apesar dos dourados. Quando contemplo, ao lado da maravilhosa basílica, a imponente construção do palácio dos Doges, de onde não podemos nos aproximar sem sermos tomados por uma certa emoção com a lembrança dos grandes dramas, brilhantes ou tenebrosos aí acontecidos. Na presença de todos estes sinais de extraordinária força custo a acreditar que a Veneza atual ainda seja habitada pela raça dos vênetos, que por muito tempo hasteou com tanta glória o estandarte da república mais poderosa, depois da queda de Roma.

Se julgarmos os venezianos por sua aparência calma e resignada, entregando-se ao encanto dos passeios sob as belas *procuraties* da esplêndida praça de São Marcos, às margens dos canais, ou nas gôndolas, gracioso e cômodo transporte aquático inventado para acalentar mansamente o corpo e fazer sonhar a alma, ou ainda pelo estranho costume de encher os canais com suas fascinantes serenatas, herança feericamente poética das tradições dos seus tempos galantes, acreditamos que eles não se preocupam com o amanhã e procuram prolongar na claridade do gás as ilusões do dia.

Porém, não vós enganais Ó! vós que passais em Veneza como distraído viajante para colher as flores dos novos prazeres que só Veneza possui em sua originalidade. Sob a calma aparência e conformismo, o espírito que despertou em 1848[1] com tanta energia e heroísmo, dignos de um outro resultado, ainda resiste no que restou dos nobres corações, que sucumbiram combatendo pela liberdade da sua querida Veneza. Todo coração verdadeiramente veneziano está tomado pelo mesmo sentimento patriótico, e curva-se urrando de raiva diante do usurpador que detesta, sem poder resistir-lhe.

Eles esperam.....

Nossa visita ao interior do palácio Ducal, ou dos Doges, deixou impressões profundas e diversas.

---

[1] Como outras cidades da Itália Veneza tentou uma insurreição contra a Áustria, em 1848.Comandados por Daniele Manin os venezianos proclamaram uma revolucionária república, breve parêntese republicano após dezenas de anos de dominação. Os republicanos resistiram por alguns meses, e capitularam em 1849 diante da violenta reação austríaca.

O grandioso e curioso edifício já foi descrito muitas vezes e sabemos o interesse que inspira aos visitantes estrangeiros, que o examinam em todos os seus detalhes. Seu aspecto original impressiona à primeira vista. Magníficas escadas conduzem à alas suntuosas, uma delas a sala do grande conselho, imensa e decorada com pinturas preciosas que representam o fausto da república veneziana. Em seu rico teto se vê, entre outras pinturas, a esplêndida composição de Paolo Veronese: Veneza no meio das nuvens coroada pela glória. Ao ver a bela pintura de Tintoretto, que representou Veneza cercada por divindades, tendo em baixo o doge Da Ponte com os senadores que recebem a submissão das cidades, não consegui conter o grito: Pobre Veneza! Hoje é a tua vez de submeter-te!

Vemos no friso em torno desta sala o retrato de todos os doges, com exceção de Marino Faliero cujo lugar é ocupado por um pano preto com a seguinte inscrição: *Hic est locus Marini Faletri, decapitati pro criminibus.*

Entre todas as salas do soberbo palácio, mais ou menos curiosas por obras de arte que contêm ou por lembranças que despertam no espírito do visitante, o dr. F*** que nos acompanhava e com extrema gentileza mandava abrir todas as portas das salas e quartos com alguma curiosidade, para que tudo víssemos, mostrou na sala *della Bússola* uma abertura ao lado da porta, onde ficava antigamente a cabeça do leão de mármore que disfarçava esta abertura, e em cuja garganta deixavam as denúncias secretas. Era a ante sala do terrível Conselho dos Dez.

Vi a imponente sala do Colégio (onde eram recebidos os embaixadores), com sua riqueza de decoração e admiráveis pinturas dos grandes mestres; a sala do Ante - Colégio enriquecida por belas pinturas de Tintoretto e de outros; as *delle Scudo*, onde eram penduradas as armas do doge reinante; dos baixo relevos; *dei Capi*, dos chefes do Conselho dos Dez; sala do Senado e outras; a Capela do Doge, e por fim a biblioteca formada com parte da biblioteca de Petrarca e toda a do cardeal Bessarion, seu fundador. Toda a minha admiração por estes tesouros de arte e ciência, todas as lembranças históricas que vieram ao meu espírito, logo desapareceram diante das prisões de *Piombi* e os cárceres que chamam de *Pozzo*.

Embora já tivesse visitado prisões mais terríveis não pude penetrar nestas sem sentir um estremecimento de horror pelos tiranos que as criaram, e uma forte piedade pelos infelizes que nelas sofreram! A lembrança de Sílvio Pellico veio ao meu espírito, ao lado de muitas outras, quando me mostraram os *Piombi*[1], ou melhor, o que resta destas prisões. Perguntei qual delas seria a que Silvio Pellico escreveu seu relato contando os tristes episódios de sofrimento que suportou. Responderam que desde as últimas reformas esta cela não mais existe.

Vi tudo o que tem de interessante no palácio ainda esplêndido e tão estranho quanto a cidade de Veneza, e examinando-o imaginei as inacreditáveis torturas sofridas pelo bravo Carmagnola[2], e tantas outras vítimas infelizes jogadas nos terríveis cárceres e cujos cadáveres, transportados na gôndola que os recebia através da passagem que leva a uma porta baixa que dá para o canal, iam juncar o fundo da laguna.

Deixei o palácio dos doges com a alma entristecida e procurei ver na fisionomia de Veneza alguns traços, senão de felicidade, ao menos de coragem e esperança, tentando encontrar alguma consolação para as dolorosas lembranças e para a sua situação atual tão aflitiva.

Porém, ela inclinou sua bela fronte e olhou melancolicamente suas correntes![3]

---

[1] O escritor Silvio Pellico (ver nota sobre Pellico na página 150) foi preso em Milão em 13 de outubro de 1820 e conduzido à prisão de Santa Margherita. Em fevereiro de 1821 foi transferido para Veneza, para *I Piombi,* que descreveu no seu livro *Mi Prigione*, 1832,(5edição, Milano; Edoardo Sonzogno Editore, 1880/48): "I Piombi ficam na parte superior do grande palácios dos doges, tem uma cobertura toda em chumbo. A minha cela tinha uma grande janela com grades, que olhava para o teto também de chumbo da Igreja de São Marcos(....)Aqui eu estava mais solitário do que na prisão de Milão..."(tradução minha)

[2] *Condottiero* de Veneza durante as guerras da Lombardia. Conquistou Brescia, em 1426. Acusado de traição o conde Carmagnola (Francesco Bussone) foi condenado e decapitado em março de 1423. As desventuras do conde Carmagnola foi tema da tragédia de Manzoni, *Il Conde Carmagnola* (1820).

[3] A alegoria de Veneza, nas pinturas de Tintoretto e Veronese no teto do palácio dos Doges, parece estar na imaginação da viajante nesse comentário: a cidade e sua representação nas pinturas confundem-se.

Uma grande serenata em Veneza

Uma serenata no Grande Canal de Veneza é um espetáculo deslumbrante. Ela só acontece uma vez por ano e tivemos a felicidade de testemunhar a poética representação do gosto veneziano, dos tempos em que a Veneza galante substituiu a Veneza gloriosa.

Era a noite de 9 de agosto, e do balcão de um dos palácios do Grande Canal eu contemplava, entregue às idéias suscitadas pela visão de Veneza, toda a pompa de arte e de luxo, as numerosas gôndolas rebrilhantes de luz, deslizando lentamente nas águas do canal ao som da música, e entre elas, destacando-se em esplendor, o barco que levava o grupo de músicos e de elegantes personagens da festa noturna.

Veneza diverte-se, pensei, mesmo com o peso de suas correntes.

É assim com todas as nações, mesmo as mais oprimidas. O povo está sempre ansioso por prazeres, qualquer que seja o tirano que o oprime. Ele aproveita todas as ocasiões para consolar-se, numa torrente que lembra as águas do fabuloso Lete, onde esquece seus problemas, e muitas vezes até mesmo sua dignidade fazendo alegres ovações aos déspotas que desrespeitam seus direitos.

Porém hoje era diferente aqui em Veneza, porque era para gozar o espetáculo encantador de uma serenata que as pessoas acorriam alegremente para o Grande Canal.

A noite sem lua realçava a iluminação de cores variadas dos barcos onde aconteciam as serenatas. Outros barcos levavam uma multidão prodigiosa que seguia o som de uma bela música, cujo eco ressoava na duas longas e imponentes filas de soberbos palácios ainda de pé, ali onde testemunharam outras cenas e outras serenatas, bem diferentes daquela que Veneza exibe hoje.

O Mouro de Veneza

Representado em Veneza

Na dia seguinte à serenata, a Sra, F*** e seu marido vieram nos procurar e nos levaram ao Teatro Fênix para ver uma encenação de *Othello*.[1]

Mesmo não apreciando muito esta composição do grande poeta inglês, não pude recusar o convite das amáveis pessoas que procuram nos agradar mostrando todas as coisas de sua cidade, e o fazem com a mais sincera cordialidade. A agradável companhia nos compensou da má atuação dos atuais atores do teatro *De la Fenice*, que nesta noite assassinaram calmamente o grande gênio de Shakespeare, como que vingando o destino da infeliz Desdemôna, vítima da miserável paixão com que ele a imortalizou.

A Itália, terra por excelência do canto, não consegue manter os seus cantores.

Os *rouxinóis* italianos voam sucessivamente para outros lugares, levando nas suas melodiosas notas o encanto e o prazer como os seus grandes ancestrais levavam outrora a glória do nome romano para todos os povos do mundo.

Que singular contraste! Que deplorável degeneração!

Sempre preferi oferecer do que aceitar um jantar, e é para mim mais um sacrifício do que prazer aceitar estes convites. No entanto, quando eles parecem sair do fundo do coração e não de uma etiqueta qualquer, nada posso fazer além de compartilhar a atenção que me dedicam e que acredito sincera. Assim foi o convite que recebi dos donos do palácio Z**, onde tive a ocasião, mais do que em outras vezes, de estudar os hábitos e costumes domésticos da família veneziana.

A graça, simpatia e doçura que aparentam as mulheres, a cortesia e simpatia dos homens, e a conversação séria de uma parte deles, dão um verdadeiro encanto à sociedade veneziana, apesar da visível presença da dominação estrangeira.

Entre as coisas estranhas da cidade uma me impressionou singularmente: a visão da gôndola mortuária. Ela é a única que, com seus ornamentos vermelhos, distingue-se de todas as outras gôndolas sem exceção recobertas de preto.

Esta tarde saíamos do correio com as cartas que eu encontrara procedentes de Roma, Nápoles, Florença e Paris, e líamos a de nossa velha amiga G***, que pedia para apressarmos a viagem às cidades do norte da Iália e voltar logo para Florença, quando uma destas gôndolas passou paramentada de vermelho e levando um morto.

Mesmo que o carro fúnebre não mostre, exteriormente, o sombrio aspecto de todos os carros fúnebres de outros países, senti ao vê-la passar, tão perto de nós, uma triste impressão, como sempre acontece quando encontro um enterro.

Alguns instantes depois uma outra gôndola passou bem perto da nossa e nos distraiu dos dolorosos pensamentos da morte. Era a gôndola da duquesa du Berri[2], que passeava e que parecia mostrar muito bem a sua avançada idade. Nós a encontramos com freqüência no Grande Canal, mas nunca sua presença nos sugerira reflexões como desta vez em que uma gôndola fúnebre, vermelha, deu lugar à sua gôndola preta.

Mais do que em outras cidades, em Veneza gostamos de sair de manhã para passear na praça de São Marcos, belo e grande salão ao ar livre, cercado por edifícios notáveis e arcadas onde ficam belos cafés cheios de pessoas, que tomam sorvetes e escutam os concertos que acontecem toda noite na praça, ou na ponte de Rialto, olhando dos dois lados os numerosos palácios de arquiteturas tão diversas e tão diversamente ocupados atualmente.

---

[1] Nísia deve ter visto a ópera de Rossini -*Otello o el Moro de Veneza*,(1816)

[2] Marie Caroline, duquessa du Berri (1798-?).Filha de Ferdinando I, nascida em Nápoles. Casou em 1816 com o Conde Du Berri sobrinho de Luis XVIII. Após a revolução de 1830 ela seguiu Carlos X no exílio e organizou um grupo para recuperar o trono para o "neto de Henrique IV". Foi duramente perseguida por Luis Felipe e presa em 1832. Ao ficar livre exilou-se na Itália.

As poderosas famílias dos doges, os nobres, e as mais antigas celebridades de Veneza, deram lugar aos empregados do correio e de outros estabelecimentos públicos, aos príncipes estrangeiros, às dançarinas, etc..

Algumas vezes costeamos o cais de Schiavoni, depois de olhar com tristeza para a célebre ponte dos Suspiros que inspirou entre tantos outros os sublimes versos de Lord Byron[1], e nos dirigimos ao jardim público.

É o único lugar de Veneza, além do Pequeno Jardim e do Palácio Real aberto recentemente ao público pelo duque Maximiliano, onde conseguimos respirar no meio da vegetação, cuja vista descansa o espírito da contemplação dos prodigiosos objetos de arte da cidade.

A velha basílica de São Marcos, muito recoberta com riqueza prodigiosa de mármores raros, de mosaicos, de esculturas; seu altar principal (sob o qual encontra-se o corpo de São Marcos), seus dois curiosos quadros, um servindo de capa para o outro, um deles é chamado de *Pala D'oro*, rica pintura ornada de pedras preciosas, monumento de arte, dizem que encomendado em Constantinopla por um dos doges de Veneza em 976; o tesouro de São Marcos ainda tem, depois do saque de 1797 dos seus mais ricos objetos, entre outras curiosidades, a urna em granito oriental onde foram encontradas as cinzas de Artaxerxes, a espada doada pelo papa Paulo VIII a um dos doges, o cálice de comunhão trazido da Santa Sofia de Constantinopla, o cetro de Francisco I, o imperador, e dois magníficos candelabros, obras admiráveis de Benvenuto Cellini. Só esta basílica, onde estão reunidas uma infinidade de obras de artistas orientais e venezianos, seria suficiente para absorver a atenção do viajante em uma longa temporada em Veneza. Porém, além da estranha basílica, existem grandes obras de arte em todos os gêneros, cuja vista recompensa de alguma maneira o viajante sensível à dolorosa impressão que ele recebe ao aqui chegar e contemplar esta bela cabeça da infortunada Itália, cingida com o luto com que a envolveram os canhões austríacos!

---

[1] Início do Canto IV do poema *Childe Harold's Pligrimage:*

Estive em Veneza na Ponte dos Suspiros

Um palácio e uma prisão de cada lado:

A Academia de Belas Artes, um dos primeiros estabelecimentos públicos de Veneza que visitamos, é um museu verdadeiramente veneziano, enriquecido por notáveis pinturas dos grandes artistas Tiziano, Paolo Veronese, Tintoretto e muitos outros. Os grandes quadros da *Assunção*, por Tiziano, e do *Milagre de São Marcos livrando um escravo do suplício*, de Tintoretto, são considerados obras primas.

O último deles me interessou duplamente pelo pensamento que inspirou o artista.

Infelizmente, disse ao vê-lo, não são dos milagres dos santos e sim da razão e da moral mais dignamente desenvolvidas entre os povos da terra, que se deve esperar, não só a libertação de alguns escravos, mas a liberdade geral merecida por toda as classes infelizes, e a defesa dos seus direitos mais sagrados.

Nas igrejas de Veneza existem obras de arte em grande número. Visitamos apenas 5: São Paulo e São João, espécie de Panteão veneziano onde ficam belos mausoléus de doges e de grandes personagens da República, assim como preciosas pinturas, entre as quais destaca-se uma pintura esplêndida de Tiziano.

Frari, grande igreja com muitas obras de arte em pintura, escultura e notáveis mausoléus, entre os quais os de Tiziano e Canova.

Santa Maria della Salute, igreja suntuosa com uma cúpula dupla oferece uma das magníficas perspectivas de Veneza, na entrada do Grande Canal. Tiziano, Tintoretto, Bessiano, Sasso Ferrato, Salviati e outros mestres aí deixaram belas obras.

A Igreja dos Jesuítas, sem grande importância com relação à arte, mostra a curiosidade dos mármores coloridos formando os degraus do altar principal como malhas de um tapete, empilhando-se no púlpito em forma de cortina.

A Igreja de *San Giorgio Maggiori*, bela obra de Palladio, guarda notáveis obras de arte e alguns mausoléus.

MURANO

Entre os nossos passeios nas ilha nos arredores de Veneza um deles interessou-me vivamente: foi o que fizemos a Murano, numa manhã doce e poética, para visitar as célebres fábricas de vidros e cristais. A chuva que caíra na véspera refrescou o tempo, as lagunas estavam calmas, a atmosfera límpida e Veneza me sorria com um dos seus mais mágicos sorrisos.

Depois de examinar tudo o que há de curioso para ver na fábrica e na ilha de Murano, retornamos à cidade onde visitamos a escola de *San Rocco*, confraria aberta ao público que acorreu para ver a festa do santo e ainda enchia as salas quando nós entramos. É um belo edifício com notável fachada, magnífica escadaria, e contendo, entre muitas obras de escultura, muitas pinturas de Tintoretto sobre diversos motivos da Santa Escritura e da Crucificação de Jesus.

Estava muito quente na confraria de *San Rocco* com a multidão que comprimia-se, e ao deixá-la sentimos prazer em nos refrescar com as deliciosas *melancias* de Veneza que trouxéramos na nossa gôndola.

Foi a primeira vez que vi na Europa tão grande abundância desta fruta muito comum no nosso país e nunca ela me parecera tão boa quanto hoje.

O ARSENAL DE VENEZA
e a piroga do Brasil

Sinto um horror natural por todas as invenções que a mais terrível paixão do gênero humano inspirou ao homem para destruir seus semelhantes, porém, muitas vezes preciso vencê-lo para satisfazer minha curiosidade de viajante. Não quis deixar de visitar o Arsenal de Veneza e levar uma lembrança a mais, *e única nesse gênero*, da terra cuja imagem grava-se a cada dia em meu espírito, com todos os seus mistérios, sua infelicidade e eterna poesia.

Além disso, existe tanto encanto em passear languidamente embalada na negra gôndola, que vos conta tanta coisa, vos inspira tantos pensamentos enquanto olhais Veneza!

A melancolia que me acompanha em todos os lugares, tão longe de minha querida pátria, e os tristes pensamentos que me oprimem, deixaram-me um instante permitindo-me gozar a calma de um doce devaneio.

Eu ia visitar o lugar onde fabricam-se os instrumentos de morte e minha alma entregava-se livremente aos belos sonhos da vida, a vida sempre fértil em esperanças para aqueles que amam e são amados, tão estéril em consolações para aqueles que não acreditam, ou que, acreditando não entendem sua verdadeira missão na terra.

Chegamos ao Arsenal que é separado da cidade por canais e sólidas muralhas. Dois leões de mármore pentélico, trazidos em 1687 do porto de Atenas (esta mãe das artes tão deploravelmente saqueada por todas as nações da Europa), ficam diante da porta de entrada do imenso e notável arsenal. Dizem que os canteiros de construção, os reservatórios, cordoaria, fundição de canhões etc. ocupam a extensão de 2 milhas. Entre as curiosidade de armas antigas nos mostraram a armadura de Henrique IV, doada por ele à República; a de Gattamelata, e os instrumentos de tortura usados por F. de Carrara, tirano de Pádua, para martirizar suas vítimas.

A visão de um objeto do meu país distraiu-me agradavelmente das sombrias lembranças despertadas por estes instrumentos.

Percorríamos as vastas salas observando a ordem e extrema limpeza que reinavam, assim como a arte com que eram arrumadas as armas, quando a presença de uma piroga, ou melhor de uma canoa, como tantas outras que vira no meu país natal, impressionou-me singularmente. Surpresa por encontrar tal objeto no meio das curiosidades do Arsenal de Veneza, parei diante dela como quem encontra, inesperadamente, uma velha conhecida, e vi que minha emoção era justificada por um fato verdadeiro. Era realmente uma velha canoa do Brasil que sua primeira imperatriz, princesa austríaca, presenteara Veneza. Objeto curioso de um país que possui um grande número de outros mais interessantes e mais dignos de figurar entre os que atraem a admiração dos europeus. Porém, numa cidade onde a gôndola é o único transporte que se conhece, tal objeto não me pareceu deslocado.

Mesmo assim senti grande emoção diante desta piroga que me lembrou meus passeios campestres, no norte do meu querido Brasil, não em gôndolas, através das ruas de uma cidade, mas em uma destas canoas aperfeiçoadas depois, e singrando meus magníficos rios natais sombreados com soberbas árvores, ou ladeando as encostas ocupadas por belos jardins, sorridentes e belas casas como as do bonito *Capibaribe*[1].

Voltei para Veneza com a alma cheia das poéticas imagens que as lembranças e a magia que exerceram sobre mim ofereceram neste dia, e que ajudaram a diminuir o sentimento de indignação que senti ao ver o arsenal dos venezianos ocupado por seus inimigos, que aí fabricam os instrumentos de morte para manter Veneza escrava em sua própria casa.

Um desses dias ao voltar do Lido, ilha muito animada na estação de banhos, e um dos mais agradáveis passeios dos arredores de Veneza, subimos ao Campanário para ver a vôo de pássaro, a extraordinária cidade. Os estrangeiros fazem bem em não deixar de subir neste campanário, o que aliás, é bem fácil. Do alto do Campanário Veneza e suas ilhas vizinhas parecem boiar nas águas de suas lagunas. Seus magníficos monumentos, palácios, casas com duas entradas(uma nos canais, outra nas pequenas ruas) parecem sair das águas. O Grande Canal e o outro maior ainda, da Giudecca, onde os navios ancoram, parecem estreitos riachos quando os vemos dessa altura, de onde percebemos ao longe, no horizonte, as montanhas do Tirol.

Envolvendo-te com um longo e melancólico olhar, ó cidade infortunada! fiz do alto do teu campanário votos os mais ardentes para tua ressurreição, e a de tuas irmãs.

---

[1] O rio Capibaribe atravessa a cidade do Recife.

O GONDOLEIRO AMADOR

Eu faltaria a um dos mais santos deveres impostos ao homem - o reconhecimento - se não assinalasse nessas páginas fugitivas minha gratidão e sincera estima pelo Sr. S***, que me foi apresentado pelo respeitável Sr. G***, e que mais de uma vez foi nosso gondoleiro.

De rara simplicidade e amabilidade das mais prestativas ele ofereceu-se com solicitude e bondade admiráveis, para conduzir sozinho a sua gôndola, para ter o prazer, disse, de nos levar a passear ele mesmo nas lagunas, e mostrar as grandes belezas da cidade.

A simplicidade com que fazia esta oferta e sua insistência para que eu a aceitasse fizeram-me concordar, embora por poucas vezes. Ele insistia muito em nos mostrar as igrejas e as pinturas de Tintoretto, por quem tem extrema admiração, que não compartilhamos.

17 de agosto

Com o coração carregado de tristeza com a lembrança vivamente dolorosa que este dia me traz, da grande infelicidade que abateu-se sobre minha família, privando-me de um pai adorado, saí mais cedo do que de costume nesta manhã para procurar, com o cansaço de um longo passeio a pé, aliviar uma imagem que me machuca o coração há mais de 30 anos.

Após percorrer uma parte do labirinto de ruas microscópicas, sempre passando de uma para outra através de pontes, que em número de 450 ligam os grupos de cerca de 70 ilhas que formam Veneza, entrei em São Marcos e desta vez não foi para admirar as muitas obras de arte da singular basílica, mas para recolher-me em meus pensamentos no recinto religioso, cujo aspecto sombrio e austero agradou-me infinitamente na disposição de espírito em que me encontrava. Ajoelhada diante da imagem de Cristo, representando-me a divina abnegação, o supremo sacrifício para melhorar os homens, senti a influência desta resignação incomparável.....E a prece esvaziou minha alma cheia de imagens --Oh! meu

pai! estou a mais de duas mil milhas de distância do canto de terra que cobre teus restos mortais.....

Neste triste aniversário Veneza perdeu toda sua magia para mim. Em vão seu belo céu, suas plácidas lagunas, sua brilhante praça, seus suntuosos monumentos ofereceram-se aos meus olhares, e uma bela música fez-se ouvir; tudo me pareceu triste e monótono hoje nessa poderosa fada que terminou de me acorrentar à Itália. Os estranhos encantos que ela possui escaparam aos meus olhos com a lembrança sufocante da minha primeira dor filial.

À noite, minha querida filha desejando me fazer respirar o ar puro, no calor excessivo que fazia, e distrair meus pensamentos melancólicos, levou-me para o Grande Canal, nosso passeio preferido. A lua estava coberta como se reprovasse Veneza pela festa que oferecia ao opressor. A calma do Grande Canal, mais do que a alegria da praça de São Marcos, de um fascinante efeito quando está iluminada, melhor convinha ao meu estado de espírito.

Ao doce frescor da água veio juntar-se uma ligeira brisa que parecia trazer aos meus ouvidos, no silêncio da noite, os sons lamentosos dos corações que gemeram entre os felizes habitantes dos palácios, ao lado dos quais nossa gôndola deslizava docemente. Iluminados pela pálida lua eles desfilavam atrás de nós como fantasmas, reavivando na nossa memória acontecimentos históricos sobre os quais conversávamos, minha filha e eu, com uma espécie de solenidade inspirada pelo silêncio da noite, e pela lua que iluminava os lugares onde aconteceram grandes cenas.

Ali, o suntuoso esqueleto do palácio Foscari, outrora enriquecido por pinturas de mestres e decorado com toda a magnificência que cercava a poderosa família patrícia, que acabou tão tragicamente, após as brilhantes conquistas do doge Francesco Foscari, infortunado pai. Aqui, o palácio Vendramini, que hoje pertence à duquesa du Berri que veio esquecer aqui, entre as ruínas de tantas glórias desaparecidas, a lembrança de sua sonhada glória! Mais longe o palácio de onde fugiu Bianca Cappelo, a nobre e bela veneziana, que brilhou em Florença, brilho pouco merecido.

Os tres palácios Mocenigo, dois dos quais foram habitados por Byron, projetando suas sombras sobre as águas do canal que foi testemunha de cenas que eles relembram, mais

recentes e mais lamentáveis, porque elas desonram, difamam a vida privada de um homem[1] que envolveu a velha Albion com a fresca e esplêndida auréola do seu grande gênio e sucumbiu tão prematuramente na ilustre terra dos antigos gregos, para onde o conduzira um nobre anseio, o de ajudar a realizar o sonho dos gregos modernos!

O relógio de São Marcos badalava dez horas quando descemos do nosso transporte aquático, no cais da *Piazzetta*, (pequena praça), formado pelo prolongamento da praça de São Marcos, que termina na sua margem, tendo de um lado o palácio Ducal, do outro a *Libreria Vecchia*, belo edifício que faz parte do palácio do governo. A pequena praça tem duas belas colunas de granito, encimadas, uma, com bela estátua de São Teodoro, a outra com o leão alado de São Marcos.

Aqui, uma das lembranças do terrível Conselho dos Dez, que amarrava nestas colunas os cadáveres dos criminosos de Estado. Ali, bem perto, a música austríaca animando a praça de São Marcos, distraindo suas infelizes crianças, enquanto esperam que novas correntes, e novos canhões, ressoem sobre elas.

---

[1] Nísia refere-se às famosas orgias de Byron em Veneza que o seu guia não deixou de comentar,(em Du Pays op.cit.p.199): "Palácio Mocenigo. Lord Byron habitou os dois últimos. Foi lá que se instalou como favorita a bela Margarita Cogni, mulher de uma padeiro, *la Fornarina* deste homem e da qual se livrou após cenas violentas que escandalizaram Veneza."

A temporada do poeta na cidade tornou-se lendária: suas cavalgadas noturnas no Lido, as paixões, as festas no palácio Moncenigo, "orgias fabulosas que roubaram o sono às mulheres da Europa inteira" (Carpeaux em *História da Literatura Ocidental* vol 5/ p.1249). Lenda que veio espraiar-se nas pacatas noites da pequena e estudantil São Paulo dos acadêmicos de Direito, que sonhavam com a Veneza do misterioso lord, como Álvares de Azevedo, no poema Itália:

A Italia do prazer, do amor insano - Do sonho fervoroso das donzelas

A AMÉRICA AO GÊNIO DE VENEZA

19 de agosto

"Ó Veneza! como és deliciosa e poética em tua infelicidade, e até mesmo em tua degradação! Nobre gênio de uma grandeza incompreendida, ainda te debates sob a pesada mão de bronze que te prende, envolvendo-te com a malha de ferro que teus braços, paralisados por inacreditáveis torturas, não conseguem romper! Em teus cruéis sofrimentos pareces afastar toda esperança de regeneração, todo sonho de felicidade.

"Teu melancólico sorriso, teu olhar profundamente triste, contrastam singularmente com os cantos que ressoam em tuas praças, onde circulam tantas cabeças vazias, tantos corações frívolos, correndo atrás dos prazeres do presente sem pensar no amanhã....

"Uma pesada, muito pesada corrente, aperta teus braços e faz curvar tua nobre fronte de onde saíam, há bem pouco tempo, grandes pensamentos!

"Esgotada por tantos combates, privada de esperanças, esqueces que a tarefa dada por Deus ao gênio de certas nações nunca poderá deixar de ser cumprida, mesmo quando as perturbações políticas mais deploráveis afogarem esta nação, durante séculos, no abismo da dominação dos tiranos.

"Pensas que és um cadáver, tu, quando em teu peito ainda palpita um coração inflamado!

"Oh! voltes do teu perigoso e funesto desalento. Levantes os olhos, olhes o céu tão limpo refletido nas águas de tuas lagunas que testemunharam teus grandes triunfos.

"Contemples a abóbada infinita de um esplendor indescritível, seus inúmeros astros aí fixos ou em perpétua rotação, confirmando a incomensurável, a incompreensível força do criador de tantas maravilhas. Não lês nada aí ? Não decifras em teu signo os hieróglifos do teu futuro?

"Oh! não te deixes abater na tua dor, sejas forte para suplantá-la, esperes com dignidade, ajas com sabedoria, e triunfarás. Porque das tuas ruínas, sobre as quais teu poderoso usurpador exibe suas armas e faz flanar sua bandeira, surgirá um dia o braço da justiça, que quebrará teus ferros e punirá teus opressores.

"O mundo acredita-te morta para a glória, para a felicidade, e todos os elementos de glória e felicidade estão em teu seio. Creia-me, eles ainda se desenvolverão, de uma maneira mais digna da humanidade, para oferecer-te uma felicidade real com prazeres puros, extraordinários e raros como jamais experimentastes em tua grandeza passada, que te atordoava, embriagava-te, sem deixar-te conhecer a suprema brandura da paz.

"Porém baixas a fronte e choras!... Oh! como eu gostaria de enxugar estas lágrimas, trocá-las pelos sorrisos eternos da natureza da minha terra, reanimar-te oh! gênio! com todo o meu vigor! Que possam este vigor e as enérgicas aspirações para o futuro do meu jovem mundo acumular-se sobre ti!

"Ai de mim ! ah! como eu gostaria de encontrar uma palavra mágica para adormecer tua agonia, para consolar-te, enquanto esperas que faça-se a luz. Porém, esta palavra não existe na linguagem dos homens, o Cristianismo escreveu uma outra em caracteres divinos nos grandes corações: - Abnegação -. É uma virtude tão rara quanto velha, mas ela rejuvenesce toda vez que uma alma de elite a faz brilhar, sob a forma que a torna celeste na terra.

"Dê-lhe esta forma.

"Una-a à perseverança, não à estéril como a do escravo submisso, resignado ao despotismo de um senhor que o faz servir aos seus caprichos, porém a perseverança sublime que tira sua força da vontade firme da heróica resolução de vencer em nós o que existe de frágil e de funesto ao bem da humanidade, a fim de nos tornarmos dignos de seguir aqueles que trabalham para a grande obra do futuro.

"Como os missionários da humanidade e exploradores de nobres sentimentos, o filósofo e a mulher, a América e o Gênio de Veneza, unidos pela comunhão de suas futuras aspirações, esperam confiantes no seu labor e na sua fé que termine o desfile das tumultuosas legiões de pretensos reformadores da sociedade moderna, que abrem um caminho, através das lágrimas e do sangue dos seus semelhantes, para sua ambição despótica, que recobre a máscara da glória.

"Os princípios da velha civilização destruída, da qual estes usurpadores armados ainda são fiéis adeptos, desaparecerão à medida que a civilização do futuro, embora fraca em

nossos dias, crescer em idade e força para afastar da superfície da terra os atos de carnificina e de vergonha que ainda pervertem o espírito humano!.....

"Sofro contigo os teus sofrimentos, oh! nobre gênio de Veneza, e compassivo quase esqueço minhas aflições, que no entanto foram bem maiores e menos merecidas do que as tuas, porque inocente e livre entre as florestas virgens nunca levei nenhum mal a qualquer população do velho mundo.

"Filha predileta da natureza bastava-me a mim mesma, e minha vida de amor e de liberdade transcorria entre os vastos e esplêndidos horizontes do meu céu, onde não conhecia os vícios, as misérias, as ambições da orgulhosa Europa, que veio usurpar os meus mais sagrados direitos. Insatisfeita em saciar sua ambição com os meus inesgotáveis tesouros, e caçar meus primeiros filhos de suas plagas felizes, ela os perseguiu, os massacrou covardemente com bárbara atrocidade, e oprimiu o que restou até apagar os nomes de suas numerosas nações!

"Porém, meu gênio não se desencorajou com todas as cenas de horror, porque sei que o Gênio das nações é imortal diante da mão de Deus.

"Veio o dia em que os descendentes desses mesmos europeus e meus novos filhos levantaram o braço para vingar meus primogênitos e livrar-me do domínio da Europa, que não poderá jamais, quaisquer que sejam suas futuras pretensões, inclinar diante de sua decrepitude sem brilho, a jovem, a vigorosa cabeça da grande América, cheia de grandes pensamentos para o futuro para onde ela dirige-se com a força de suas vantagens naturais e suas crenças robustas.

"Mesmo em situação bem diferente da minha, crê e esperes, oh! belo Gênio de Veneza! Os tempos de tuas infelicidades nacionais talvez cheguem ao seu fim, o anjo das nações estende sobre a tua cabeça suas protetoras asas...

"Aqui e ali encontras no recesso do coração, e nas fontes de inteligência com que Deus te dotou tão prodigiosamente, com o que atenuar as tormentas da longa e cruel espera! Venhas trabalhar pelo futuro com que sempre sonhastes em tuas horas de angústia! Venhas, oh! venhas! alinhar-te sob a bandeira da nobre cruzada moral e intelectual que os dois

mundos preparam para tornar os povos irmãos, e lançar os fundamentos sólidos de uma nova e verdadeira civilização.

"E as gerações futuras vendo-te entre os infatigáveis agricultores recolhendo as safras abundantes e saudáveis, cultivadas por teu zelo no campo fértil do coração para oferecer-lhes, abençoar-te-ão, abençoando tua felicidade".

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

200207683

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA

VOLUME II

UMA VIAJANTE BRASILEIRA NA ITÁLIA DO *RISORGIMENTO.*

TRADUÇÃO COMENTADA DO LIVRO **TROIS ANS EN ITALIE SUIVIS D'UN VOYAGE EN GRÈCE (Vol I-1864; Vol II- s.d)** DE NÍSIA FLORESTA BRASILEIRA AUGUSTA.

Sônia Valéria Marinho Lúcio

Este exemplar é a redação final da tese defendida por Sônia Valéria Marinho Lúcio e aprovada pela Comissão Julgadora em 17/01/2002.

Banca examinadora:
Prof. Dr. Luiz Carlos da Silva Dantas(Orientador)
Prof.a Dr.a. Maria Marta Laus Pereira Oliveira
Prof.a Dr.a. Maria Stella Martins Bresciani
Prof.a Dr.a. Maria Betânia Amoroso
Prof. Dr. Carlos Eduardo Ornellas Berriel

Tese apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem - Unicamp, como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Doutor em Teoria Literária.

Dezembro de 1999.

SEGUNDO VOLUME DO LIVRO TRADUZIDO

TRÊS ANOS NA ITÁLIA

Seguidos de uma viagem à Grécia

Por uma brasileira

Autora de muitas obras literárias e morais escritas em português, francês e italiano, publicadas no Rio de Janeiro, Florença e Paris.

S'élancer au hasard, tout voir sans rien juger,
C'est parcourir le monde est non pas voyager.
(Millevoy)

PARIS

E. Dentu Libraire Éditeur
17-19, Galerie d'Orléans (Palais Royal)
Et Jeff Libraire a Londres
15, Burlington (Arcade Piccadilly).

ÍNDICE

PREFÁCIO 1

VERONA 4

Mântua 11
Brescia 18
Lago de Garda 21

MILÃO 24

Manzoni 33

TURIM 53

Lago Maior e Ilhas Borromeas 63
Estrada do Simplon 69

GÊNOVA 73

A Polcevera 76

FLORENÇA 82

O *Ceppo* de Natal 86

A SICÍLIA 92

Palermo 93
Siracusa 102
O Etna 109
Catania 110
Messina 113
Taormina 115

VIAGEM À GRÉCIA 123

Atenas 129
Sócrates 133
O Partenon de Atenas 135
O Pentélico e Maratona 148
Eleusis 155
O mar e a luz da Grécia 174
Um general turco e uma família alemã 178

VIAGEM À ITÁLIA 180

Roma 181
Estrada de Roma à Florença 185
Perugia 191
Susa 198
Il primo soldato della Independenza Italiana 208
A Vittorio Emmanuele 210
Entrada de Vittorio Emmanuele em Florença 224

MEU ADEUS À FLORENÇA 256

Un Addio 256

A CORNIJA DE PISA À SAVÓIA 258

Mombasilio no Piemonte 260
Anacreôntica 272
San Remo na Cornija 277
Villa Gismondi 283

PREFÁCIO

Nenhuma nação merece mais do que a Itália atrair a admiração do mundo, seja pela multiplicidade dos seus feitos guerreiros, seja pelo imenso desenvolvimento que deu às artes e ciências importadas do Oriente, seja enfim, pela longa e dolorosa luta contra a série repetida de tiranos que dividiram seu solo, e perseguiram com maior ou menor crueldade as idéias de independência nacional e de liberdade.

Por isso, todo aquele cujo espírito tem uma certa grandeza, e cujo coração sabe compadecer-se com os sofrimentos dos povos que perderam a liberdade, sem perderem a dignidade, não pode pisar esse solo, respirar a atmosfera impregnada com as lembranças de tantas glórias, e tantas desgraças, sem sentir uma espécie de entusiasmo e veneração.

As belezas da natureza, as obras de arte que a grande herdeira do gênio do Oriente ainda guarda em seu seio, por mais extraordinárias e preciosas que sejam, não constituem o principal interesse, nem o atrativo mais forte do país. Em primeiro lugar são as nobres aspirações de um grande povo em decadência, porém sempre urrando sob a pressão das correntes[1] com que os usurpadores dos seus direitos os prendem há séculos, que merecem sobretudo chamar a atenção dos visitantes esclarecidos.

Se aí fordes sem nenhuma das injustas e quase sempre ridículas prevenções suscitadas pelos relatos de alguns viajantes desocupados, ou muito orgulhosos da superioridade do seu próprio julgamento, não deixareis, após um estudo sério do povo italiano, de vos convencerdes que embora o povo pareça aviltado com as intermináveis torturas, os corações

---

[1] Opinião sobre o povo italiano que Nísia parece comungar com Mme. de Staël, (em *Corinne*, op. cit. p.104): "Outros povos, interrompeu Corinne, suportaram como nós a opressão, e não mantiveram a mesma imaginação que nos faz sonhar com o futuro.

"Servi siam, ma servi ogni frementi"

Somos escravos, mas escravos sempre arrebatados, disse Alfieri, o mais altivo dos nossos escritores contemporâneos." (a citação de Alfieri foi retirada da opereta anti-francesa, *Misogalo*, 1790).

ainda palpitam com as virtudes que poderão espalhar um novo clarão de glória na terra clássica.

A desorganização das coisas italianas que ainda vos melindram deve-se mais ao despotismo, ou incapacidade de seus diferentes governos, cuja má administração é muito conhecida, do que aos defeitos dos próprios italianos. Porém, como já observei antes, as pessoas dedicam-se a atribuir-lhes todo tipo de erros, sem dar-se ao trabalho de procurar a verdadeira causa.

Apesar de todos os obstáculos, ou de todas as manobras inacreditáveis que desviaram a marcha progressiva do espírito de liberdade entre os italianos, eles sempre guardam religiosamente uma firme e determinada crença na santidade de sua causa. E nobres corações estiveram sempre, em todos os tempos, prontos para sacrificar-se com alegria a esta causa, no instante em que uma esperança de regeneração política brilhava no horizonte da pátria, cuja glória, adaptada à civilização moderna, eles têm o desejo justo de revitalizar.

Ademais das virtudes cívicas os italianos possuem outras, não menos preciosas, que dotam a sociedade de uma atração toda particular. Sobretudo distinguem-se pela doçura de suas maneiras, e generosa acolhida aos estrangeiros que ficam entre eles como se estivessem em sua própria casa. Dificilmente encontramos em outro lugar da Europa uma acolhida tão graciosa, tão simpática. Entre a nobreza ou entre o povo esta acolhida tem quase sempre a marca de encantadora sinceridade, um dos traços característicos dos habitantes deste belo país. A aristocracia italiana, apesar de conhecedora da sua antiga e ilustre origem, não faz alardes aparentando muita cerimônia, ou maneiras afetadas, como o faz a aristocracia de algumas outras nações da Europa.

Observa-se entre o povo italiano singular mistura de entusiasmo e discrição, de arroubo e reserva, de vivacidade e calma, de força e flexibilidade de vontade, de fogoso ardor e calma coragem nas ações, assim como de paciente perseverança para atingir os seus objetivos.

Com tais qualidades, unidas à inteligência no estudo das ciências; com as vantagens de um delicioso clima, de um solo enriquecido com todos os dons da natureza e tantas obras de arte, um solo que viu brotar gênios tão vigorosos, o povo italiano tem direito de esperar, e

ele espera, constituir-se numa grande nação. A história, os recursos naturais e intelectuais, o esforço para reunir os membros despedaçados da mãe mártir...tudo parece dizer que suas esperanças são bem fundadas.

Dentro do moderno espírito que surge em toda parte, indicando às nações os únicos meios de atingir o verdadeiro progresso, a nação italiana pode tornar-se verdadeiramente mais gloriosa pelas vantagens da paz, como nunca o foi pela força das armas, cujos magníficos triunfos o murmúrio dos mares clássicos que a abraçam ainda parecem repetir.

VERONA

-10 horas da noite-

From ancient grudge break to new mutiny
Where civil blood makes civil hands unclean.
From forth the fatal loins of these two foes
A pair of star-cross'd lovers take their life;
Whose misadventur'd piteous overthrows
Do with their death bury their parents' strife
The fearful passage of their death-marke'd love,
And the continuance of their parents' rage.
Which, but their children's end,nought could remove,
.....(Shakespeare)[1]

Ao chegar em Verona, depois de sonhar nas lagunas de Veneza, sentimos o espírito disposto a perambular através das eras de desavenças arraigadas de onde saiu, entre outros, o lamentável fato histórico de Romeu e Julieta que o grande gênio do sábio poeta inglês embelezou, com o poderoso encanto que o imortalizou.

Os restos dos dois velhos solares, dos Capuletos e Montéquios, ainda estão de pé. Ontem, ao vê-los, imaginei o terno casal que o ódio das famílias separou e que o amor, libertador de todo preconceito na terra, uniu no túmulo numa sedutora embriaguez.

A lua espalhava seus melancólicos raios sobre o que ainda chamam, em Verona, de túmulo de Romeu e Julieta, perto das margens do Adige, na extremidade sul, onde ficava antigamente o cemitério dos franciscanos, e o claustro do bom frade Lourenço. Num canto do jardim, completamente abandonado, vê-se uma miserável ruína que forma uma espécie

---

[1] *Romeo and Juliet*, Prólogo. Entrada do coro. Em inglês no original.

de tanque, cercado por vinhas e ervas selvagens, onde lavam roupa: eis o que indicam como os restos do sarcófago da bela filha dos Capuleto!

A mesma lua que hoje ilumina Verona e os objetos que me falam de ti, Ó! jovem infeliz! iluminava outrora o jardim, a janela onde te representam, aos olhos do amoroso Romeu, mergulhada em teus ternos pensamentos.

It is the east, and Juliet is the sun!-
Arise, fair sun, and kill the envious moon,
Who is already sick and pale with grief,
That thou, her maid, art far more fair than she[1]

Porém, é em teu sublime anseio, quando evocas o nome daquele que pronunciou estas palavras, que o poeta traduziu, com verdade palpitante, a abnegação de que a mulher é capaz quando sabe amar:

O Romeo, Romeo! Wherefore art thou Romeo?
Deny thy father, and refuse thy name:
Or, if thou will not, be but sworn my love,
And I'll no longer be a Capulet.[2]

Logo, um pensamento mais alto, a lembrança de um personagem histórico bem mais importante, de um vigoroso gênio, veio substituir no meu espírito a imagem dos dois jovens amantes infelizes, fazendo-os desbotar, como empalidecem os astros da noite com a aproximação do radioso planeta do dia.

Como em Florença, em Verona a grande sombra de Dante me precede por toda parte, não mais envolvida pelas emanações da atmosfera natal, que suavizam de alguma maneira os sofrimentos do infortunado, por mais cruéis que eles sejam, porém curvada sob o peso arrasador do exílio, este tirano de face calma que nos aperta o coração por toda parte, mesmo entre as mais brilhantes companhias e diante dos quadros mais radiantes, soprando-nos sempre ao ouvido: Tu estás só!

Feliz o exilado que não conhece o que fez o grande poeta dizer:

---

[1] *Romeo and Juliet*,Ato 2, Cena 2. Em inglês no original.

[2] *Romeo and Juliet,* Ato 2, Cena 2 Em inglês no original.

"Tu lascerai ogni cosa diletta
Più caramense, e questo è quello strale
Che l'arco dell'esilio pria saelta.
Tu proverai si como sa di sale
Lo pane altrui, è comme durocale
Lo scender e il salir per altrui scale" [1]

Gargnano, sítio nos arredores de Verona, notável pelas lembranças que seu aspecto melancólico desperta nas pessoas para quem a imagem do divino poeta preenche e alma, Gargnano foi um dos primeiros lugares que visitamos ao chegar na cidade.

Foi ali que ele compôs seu *Purgatório*, quando estava em Verona onde o Augusto da Idade Média, como alguns divertem-se em chamar *Cangrande della Scalla*, o recebeu em sua corte literária[2].

Parece que vejo o melancólico olhar do poeta errar nestes sítios, quando com sua mão vigorosa traçava estas linhas do primeiro canto do *Purgatório*:

Per correr miglior acqua alza le vole
Omai la navicella del mio ingegno,
Che lascia dietro a sè mar si crudele.
È canterò di quel secondo regno
Ove l'umano spirito si purga,
E di salire al ciel diventa degno"

Verona, que dizem ter sido fundada pelos Eugâneos, 4 ou 5 séculos antes de Jesus Cristo, foi alternadamente ocupada pelos etruscos, os venetios, os romanos, e os descendentes de Carlos Magno, com os quais tornou-se capital do reino da Itália. Em 1201 tornou-se república, e passou por diversas mudanças sob diferentes chefes que a

---

[1] *A Divina Comédia*, Paraíso, canto XVII. Sentimento do exílio que a viajante parece comungar com Dante: "Deixarás atrás tudo quanto te for mais querido, pois esta é a primeira dor que fere ao exilado..." (*A Divina Comédia,* 1994, tradução de Hernâni Donato.)

[2] Informação do guia de viagem, em Du Pays (op. cit. p.153): "Gargnano, sítio solitário, comunga uma espécie de harmonia com o gênio de Dante, que aí compós o seu Purgatório. A cidade foi capital e digna residência de Cangrande della Scalla, o Augusto da Idade Média, que recebia em sua corte literária Dante e outros poetas."

governaram, como o tirano Ezzelin, *podestà*, os Scaligere, os Visconti, o duque de Milão e os Carrara de Pádua. Assistiu às Vésperas Veronenses e acontecimentos tristemente notáveis. Depois uniu-se a Veneza e suporta desde então, ao seu lado e com as ilustres vizinhas, o domínio do usurpador austríaco.[1]

A cidade é dividida pelo Adige em duas partes diferentes. Com seus monumentos da antigüidade e da Idade Média, palácios, largas ruas, praças, pontes bordejadas com parapeitos de seteiras, bastiões, portas, ainda possui um aspecto de certa grandeza.

Os túmulos dos Scaligere, as primeiras curiosidades que indicam aos estrangeiros que aqui chegam, merecem a atenção do viajante. Eles estão dispostos ao ar livre, encerrados em um estreito espaço ao lado de uma rua, perto da *Piazza dei signori*, onde ficava a casa dos Scaligere, hoje sede da administração municipal.

Quando entramos no recinto, cercado por uma grade, onde estão os túmulos, encontramos uma família inglesa que olhava-os atentamente, e admirava o mais notável dentre eles, o de Can Signorio, assassino e herdeiro de Can Grande II, que depois mandou estrangular seu irmão mais novo! Nós nos aproximamos para também examinar o belo trabalho, tão impropriamente consagrado aos restos de um criminoso... Neste momento um outro estrangeiro veio encontrar o senhor inglês, e as duas damas que estavam com ele. Todos falavam em francês, porém logo que o recém chegado pronunciou as primeiras palavras reconhecemos o doce sotaque italiano, que como o de todos os povos do Sul, não se confunde com o duro sotaque inglês. O caráter e o gosto das duas nações heterogêneas também revelaram-se na atitude e no modo de expressar-se dos dois senhores, que pareciam amigos visitando as curiosidades de Verona.

Um falava com vivacidade e entusiasmo sobre a beleza dos monumentos, da auréola de glória que cingira a cidade, pátria de Plínio, o Ancião; de Catulo, e de tantos outros homens ilustres, e que hoje, no entanto, é uma das praças fortes da Áustria na Itália!

---

[1] Informação histórica em Du Pays (op. cit. p.148): "Dizem que Verona foi fundada pelos Eugâneos, no IV ou V séculos a.C, os etruscos, venetios, e romanos a ocuparam...."

O outro refletia sisudamente e apenas deixava escapar algumas palavras com uma fleuma impassível, mas sempre com o ar de surpresa diante do ardor do seu companheiro, ao narrar fatos por demais conhecidos.

A circunspecta Albion e a expansiva Itália mostravam-se ali, de uma maneira impressionante, nos dois visitantes dos túmulos dos Scaligere.

As *ladies*, cujos ricos vestidos muito enfeitados lembraram-me o comentário malicioso de Goldsmith[1] sobre a falta de gosto de suas compatriotas para vestir-se, estavam menos sérias e mais simpáticas do que em geral o são, além do Canal da Mancha. Elas compartilhavam suas reflexões com as nossas, com a amabilidade e graça das pessoas da boa sociedade, cujo interesse e encanto aumentam com o conhecimento sólido das coisas, adquiridos por um estudo sério nas viagens.[2]

Sempre observei que o inglês, em qualquer lugar onde se encontre, fica sempre como se estivesse em casa, mas o mesmo não acontece com as inglesas. Elas, que na Inglaterra seguem com a regularidade de um pêndulo as etiquetas, os costumes, os hábitos e até os pensamentos com que sua grande, sua positiva nação, mantém tão maravilhosa uniformidade no modo de viver e mesmo de sentir, ao atravessar o canal sempre modificam a atitude.

---

[1] Goldsmith, Oliver (1728-1784) Poeta e romancista inglês. Autor de poemas, sátiras e ensaios. Grande viajante, percorreu a pé quase toda a Europa. As viagens deram origem ao poema *The Traveller* (1764) e à sátira *Citizen of the World* (1760). A obra mais conhecida de Goldsmith é a novela sentimental *The Vicar of Wakefield*(1766).

[2] As inglesas foram as pioneiras em viagens aos países distantes, e as primeiras mulheres a deixar relatos de suas viagens. Viajando em princípio como acompanhantes dos maridos, naturalistas ou embaixadores, a partir de meados do século XIX, e principalmente nas últimas décadas e primeiras do século XX, as jovens inglesas começaram a viajar pelos países da Europa repetindo o Grand Tour dos rapazes do século XVII, um complemento da fase final da educação. No seu livro *Itinerário de uma viagem à Alemanha* (op. cit. p.78), Nísia narra seu encontro com as inglesas: "intrépidas, viajoras em terra e mar (....) cada tarde elas escalam as montanhas e se espalham nos lugares menos freqüentados. Aqui e a li a gente encontra uma loura "miss" que desenha, ora uma paisagem, ora um lado do castelo arruinado".

Foram as inglesas as primeiras viajantes a deixar relatos das aventurosas jornadas, e entre os mais antigos está o de Lady Mary W. Montagu, que acompanhou o marido à Constantinopla em 1716. Montagu publicou em 1717 o conjunto de cartas que escreveu para a irmã, com observações sobre os costumes das mulheres turcas. O primeiro guia de viagem moderno inglês, para a Itália, foi escrito por Mariana Stark, em 1800. O primeiro relato sobre o Brasil, escrito por uma mulher, foram as Sete cartas sobre a Bahia, de Mrs Kindersley, uma viajante inglesa que esteve de passagem pelo Brasil rumo ao Oriente e publicou um relato de viagem em 1767. A viajante inglesa mais conhecida dos brasileiros, citada por vários historiadores, é Maria Graham que publicou seu *Diário de uma viagem ao Brasil*, em 1824.

Parece muito incômoda a necessidade de sempre posar. Por mais antigo que seja o hábito de substituir a natureza das pessoas por uma aparência educada, ela retoma seus direitos logo que surge uma ocasião.

A educação deve procurar aperfeiçoar a natureza, e nunca contrariá-la, pois, ao procurar destruir essa indestrutível força, não só não conseguirá seu fim, como despojará sua obra de todo verdadeiro atrativo.

Entre as antigüidades de Verona destaca-se o anfiteatro ou Arena, grandioso monumento em formato oval como o Coliseu de Roma. Mesmo em ruína ele revela a magnificência dos imperadores romanos. Acredita-se que foi deste anfiteatro que Dante tirou a idéia dos círculos do seu *Inferno*, mas isso não pode ser, já que foi só no século dezessete que a velha arena saiu de debaixo das construções que a cobriam. Dizem que nas quarenta e cinco filas de arquibancadas que dominam seu interior, *cinqüenta mil pessoas acomodaram-se, com conforto*[1] durante as festas oferecidas ao imperador Francisco I. Diversas lojas de ferro velho e ferreiros ocupam hoje algumas das antigas saídas (*vomitorum*).

Quando visitávamos o anfiteatro, hoje à tarde, uma multidão reunia-se num lado da arena onde apresentava-se uma pequena companhia de teatro ambulante. Eles encenavam uma peça dramática baseada na história romana. A voz dos atores ressoava no meio da imponente ruína, a vestimenta romana, pouco harmoniosa com seus gestos vulgares, e a má dicção, sem nobreza, pareceram-me uma caricatura ridícula do grande povo cujo comportamento eles esforçavam-se para imitar.

O heroísmo ou sentimento de uma representação, por mais brilhante e nobre que seja, perde consideravelmente o interesse quando os atores que representam não são dotados de verdadeiro talento para desempenhar o papel, e traduzir a beleza da expressão que o poeta quis legar à posteridade.

---

[1] Informação do guia de Du Pays (op. cit.p.149): "nas festas oferecidas ao imperador Francisco I, 50.000 pessoas acomodaram-se com conforto....."

Entre as igrejas de Verona, *San Zeno Maggiore*, construída por Pepino, é a mais notável. Sua arquitetura da Idade Média, o átrio com colunas sustentadas por leões, as velhas portas em bronze, a fachada em mármore, esculturas, túmulos e pinturas, a estátua de São Zeno, sua *coppa*, imenso vaso em pórfiro, a cripta em baixo do coro com afrescos, e o sarcófago do bispo de Verona, o túmulo apócrifo do rei Pepino: tudo isso merece atrair a atenção do viajante que visita esta igreja. Escutei com interesse a sábia apreciação que fazia deste templo, cujo interior impressiona pela grandeza de suas proporções, um bispo alemão que aí estava com seus acompanhantes ao mesmo tempo que nós.

Entre as vantagens e divertimentos que as viagens oferecem há o de poder recolher-se com liberdade diante dos objetos de arte e de natureza que mais nos impressionam, e o de ouvir as reflexões ou comentários, quase sempre discordantes entre eles, que fazem os viajantes que encontramos.

Ao voltar ao nosso hotel, o Grand Paris, nosso pequeno cocheiro, uma criança tão viva quanto prudente que conduzia nosso carro, margeou o cais, passou diante do velho castelo e voltando pela porta Borsari levou-nos para passear na parte da cidade que ainda não visitáramos.

As fachadas de muitas casas da praça *delle Erbe* (outrora fórum da República), decoradas com pinturas em afrescos, apresentam um curioso aspecto. O criminoso Can Grande II mandou construir uma grande torre nesta praça. Os tiranos, ao macularem a alma com todo tipo de crimes, também gostam de erguer grandiosos monumentos que impõem ao povo que tem a fraqueza de aceitá-los.

Nesta mesma praça uma pilastra erguida pelos venezianos em 1524 lembra a dominação da cidade, em tempos outrora gloriosos para eles.

Deixo em silêncio as lembranças que sempre despertarão os combates da armada republicana contra Bonaparte, as campanhas veronenses. Lannes foi gravemente ferido em Verona, protegendo o general com o seu corpo.

Alguns palácios de Verona, como muitos em outras cidades da Itália, construídos por célebres arquitetos italianos, possuem interessantes galerias, como as de Canossa, Bevilacqua, Ridolfi, que guardam, entre outras pinturas, a da coroação do rei Carlos V em

Bolonha, de Ricci; Maffei Giusti, com seus belos jardins, terraços, altos ciprestes, seu curioso labirinto. Dizem que estes palácios são as melhores obras de Sanmicheli, célebre arquiteto nascido em Verona.

Nossa última visita foi à Biblioteca Capitular fundada antes do século nove. Foi nesta biblioteca que Petrarca descobriu as *Cartas Familiares*, de Cícero[1], cujo manuscrito vimos na Laurentina; também aqui Niebuhr[2] descobriu os Estatutos de Caius.

É tarde, e a lua que espalha seus raios melancólicos sobre Verona parece dizer à esta sonhadora: "Ilumino neste momento os sítios que tanto amastes, eles te lamentam. Consola-te com este pensamento!"

MÂNTUA

Vós que tendes a alma entristecida pelas desilusões da vida e que fugis do movimento incessante de uma sociedade, tão ativa na sua marcha de progresso quanto lenta em entender o verdadeiro sentido da religião e da filosofia, que possuem os únicos elementos para consolidá-la, venhais procurar nas margens do Mincio os tranqüilos encantos da solidão impregnados pela imagem, bem viva aqui, do Cisne de Mântua.

Uma sombra alada, sobraçando a lira de ouro, ainda parece planar sobre a cidade decadente dos Gonzagas, e sorrir com um sublime sorriso ao viajante que aproxima-se destes lugares, desejando encontrar algum sinal que fale do sublime cantor mantovano.

Não é a série dos conquistadores nacionais e intrusos, bárbaros ou tiranos, heróis ou protetores da arte, que prende o pensamento do viajante meditativo, sempre sentindo os anseios poéticos. É o farol luminoso de um gênio que atrai e espalha nestes lugares solitários um brilho fascinante, e faz desaparecer a memória de todos os criadores de poderes efêmeros, desde os etruscos, gauleses, romanos, carolíngios, senhores feudais, Guelfos,

---

[1] Trata-se de parte das *Ad Familiares Libres*(63-43), de Cícero, encontradas por Petrarca, na Bibioteca Capitular, em 1343.

[2] Niebuhr, Barthold Georg (1776-1831) Historiador alemão, autor da *História Romana*,1832. Em 1816 descobriu em Verona os perdidos *Estatutos de Gaius.* Foi o primeiro historiador que tratou a história antiga de Roma com espírito científico, e introduziu novos princípios na pesquisa histórica.

Gibelinos, os tiranos Bonaccorsi e os ricos Gonzagas, que souberam conquistar fama protegendo as artes e as ciências. É o príncipe dos poetas latinos, o doce Virgílio, o sábio escolhido pelo primeiro dos poetas modernos para seu guia na fantástica peregrinação através dos horrores eternos do seu *Inferno*, e dos tormentos do seu *Purgatório*.

Dezenove séculos passaram desde que no vilarejo de Andes, a algumas milhas de Mântua, sob o humilde teto de um ceramista, fizeram-se ouvir os primeiros vagidos do autor das *Geórgicas*, e ainda hoje ao percorrer estes lugares sentimos infiltradas no ar as suaves notas da sua lira imortal.

Uma filha do Novo Mundo, que madrugou para gozar os sublimes acordes desta lira, desejou visitar os campos que pertenceram ao território repartido entre as tropas romanas após a batalha dos Filipos, e que foram restituídos a Virgílio por ordem de Augusto.

Sua primeira écloga, composta em Roma quando ele veio reclamar suas terras, contém, como sabemos, em forma alegórica, o relato deste acontecimento[1].

Na manhã de um belo dia sem sol, tão delicioso nos climas tropicais, pegamos o caminho que conduz à região onde acredita-se que ficavam outrora os campos do poeta. A algumas milhas da cidade descemos do carro para caminhar nos descampados que tinham para nós uma linguagem eloqüente, um encanto novo. Parávamos de quando em quando, onde talvez Virgílio outrora parou, ou pelo menos espraiou seu pensamento nas cenas campestres que tão bem descreveu.

Com a imaginação tomada por essas cenas percorremos um longo trecho da campina onde não há sinais indicativos dos tempos em que aí viveu o poeta.

---

[1] José Bonifácio de Andrade traduziu o idílio primeiro da *Écloga* de Virgílio, publicado em *Poesias de Américo Elísio* (1825). (In *Poesias de Américo Elísio*, RJ. Imprensa Nacional, 1946/87). Bonifácio explicou o motivos da écloga de Virgílio: "o poeta agradece a conservação da pequena herdade dos Andes, junto à Mântua. As terras tinham sido confiscadas e repartidas pelos soldados veteranos de Otaviano César e Marco Antônio depois da batalha e vitória dos Filipos contra Brutus e Cássio". Alguns versos traduzidos pelo poeta brasileiro:

"Ditoso velho!
Alfim conservas tua pátria herdade
Que assaz te basta, inda que nua rocha
Estreita os pastos, e o juncal lodoso."

Só a natureza, a maravilhosa e indestrutível obra do Criador, conserva seu imutável vigor. Acolá, as águas tranqüilas do Mincio, resvalando por entre os juncos de suas margens, inclinados pela brisa ligeira que passa; ali o tremular das folhagens das árvores e o gorjeio dos pássaros, entoando hinos indecifráveis para os homens, sussurram aos nosso ouvido o doce nome de Virgílio.

Como as imagens do passado mostram-se mais vivas em nosso espírito quando nos encontramos no meio do solene silêncio da natureza! Vejo passar diante de mim, uma a uma, as imagens de todas as personagens mais ou menos importantes da história desse canto de terra onde nasceu aquele que a ilustrou com seu gênio, mais do que o fizeram as tropas romanas, no reino do grande hipócrita coroado. Depois, num recolhimento mais íntimo, pareceu-me escutar os sons tão amados de uma voz argentina, que a morte sufocou na aurora da vida! A voz declamava minha passagem favorita da *Eneida* (a tocante devoção do filho de Anquise), com o mesmo encanto que tanto me emocionava nas nossas plagas natais![1]

Maravilhosa força da imaginação! As margens que guardam tudo o que a natureza possui de mais belo e mais imponente, sítios eternamente coroados por altas palmeiras empenachadas, por perfumados bosques de laranjeiras, aos meus olhos pareciam mirar-se nas águas do solitário Mincio, de margens bordejadas por mesquinha vegetação! E parece que eu ainda via o jovem casal, cuja curta existência o estudo e o amor encantaram nas sombras poéticas do tranqüilo e fresco Beberibe[2].

---

[1] Nísia relembra a época vivida em Olinda ao lado de Manuel Augusto de Faria Rocha, seu marido, então estudante da Faculdade de Direito de Olinda(1828/1832). A leitura da Eneida uniu épocas e lugares distantes e diferentes, a imagem do Brasil e do passado da viajante, entrelaça-se com o passado histórico do lugar onde o poeta viveu, que ela visita com a imaginação voltada para outro país e para momentos idílicos do seu passado.

[2] Bonito rio em Olinda, Brasil (**Nota da Autora**).

O rio Beberibe, que juntamente com o Capibaribe atravessa Recife, margeia a colina onde Olinda se ergue (segundo os vaidosos pernambucanos os rios "unem-se para formar o oceano Atlântico"), é uma lembrança poética recorrente para Nísia. Rios brasileiros que compunham, com o Janeiro, o Jataí, a geografia poética brasileira que Nísia e outros românticos procuraram descrever.

No seu poema *Lágrima de um Caeté*(1849), Nísia refere-se ao Beberibe :

Pelas margens do fresco Beberibe

Em seus mais melancólicos lugares

Azados para a dor de quem se apraz

E como se estivesse sob a influência de um fluido magnético[1], caminhei alguns instantes sem consciência do presente, ao lado de minha querida filha, ela envolvida com o pensamento dos seus poetas preferidos, eu toda entregue à doce ilusão que me precedia nos antigos campos de Virgílio.

A noite caía quando voltamos à Mântua, levando da excursão campestre lembranças mais gloriosas do que as dos grandes palácios que visitáramos.

Após os campos fomos conhecer a cidade de Mântua, onde viéramos descansar. A cidade não guarda nenhum vestígio da grandeza romana, nenhuma ruína que indique algum monumento dos tempos de Virgílio.

O Palácio ducal, com 500 quartos, é um velho e grande edifício do início do século quatorze reconstruído em parte pelo célebre aluno de Rafael, Julio Romano, que o enriqueceu com grande número de pinturas, das quais ainda existem algumas muito bonitas. Mesmo em sua triste decadência, o edifício revela o luxo dos Gonzagas, que fizeram florescer as artes e ciências no seu pequeno Estado, onde Andrea Mantegna, célebre artista nascido em Pádua veio instalar sua escola, antes que a escola de Júlio Romano prevalecesse. Porém, mais do que o Palácio ducal (hoje corte imperial), o Palácio TE atrai a curiosidade dos estrangeiros que visitam Mântua. Pagamos nosso tributo à curiosidade geral, no entanto, por tanto ouvir elogios à beleza do palácio e das pinturas que ele possui, nossa admiração ao vê-lo não correspondeu à nossa expectativa. Um conde polonês, que encontramos em uma de nossas excursões em Roma, recomendou-nos tanto ver o que ele chamou de uma das maiores obras primas da Itália, o Palácio TE, que logo que cumprimos a finalidade de nossa viagem a Mântua decidimos não deixá-la sem antes conhecer esta maravilha. Porém, certas coisas são como as pessoas de quem muito nos elogiam a perfeição, e que muitas vezes

---

Sobre a dor meditar que a pátria enluta. (**Nota da Tradutora**)

[1] O Dicionário Larousse do Século XIX (1874) define *"le fluide magnétique"* como o fluído hipotético que daria a certas pessoas a faculdade de transmitir pensamentos e vontades à outras pessoas distantes. A ligação saudosa de Nísia com a pátria e com o seu passado, despertada por imagens, perfumes de flores, lugares evocativos, sempre se dá através do que ela define como "fluído magnético".

perdem o encanto quando as vemos de perto. Peço perdão aos artistas por não extasiar-me diante da criação audaciosa, colossal, e surpreendente _*O Assalto do Olimpo* _ que fica na sala dos Gigantes, a mais famosa do Palácio TE.

Sem fazer uma apreciação crítica das robustas pinturas, para o que falta-me capacidade, as enormes e estranhas figuras, esmagadas pelo pequeno tamanho da sala baixa onde se encontram, têm muito mais o aspecto de gigantes vencidos, rugindo sob as baixas abóbadas de uma prisão dos homens, do que de invencíveis assaltantes escalando as moradas olímpicas[1].

As outras salas da parte mais antiga do palácio, embora já em ruínas, também exibem muitas pinturas notáveis de Júlio Romano e de sua escola; entre outras, uma bela composição bem deteriorada de Psiqué com uma lâmpada na mão olhando o Amor; Vênus, Baco e Ariadne, uma mulher tocando címbalo. Júpiter e Olímpia transmitem à posteridade, além da imaginação licenciosa de Julio Romano, a falta de pudor da corte para a qual ele criou esta composição[2]. Entre as outras salas, a decoração de uma delas, cuja pintura representa a Queda de Faetonte é elegante e de bom gosto. As salas chamados do Zodíaco, dos Estuques, de César e outras, possuem algum interesse. Motivos tirados da vida de Davi e de outras personagens bíblicas são aí representados por pinturas razoáveis.

Este palácio, cujo arquiteto foi o mesmo Julio Romano, está situado no meio de longas avenidas solitárias, que apresentavam antigamente, dizem, a forma de um T, o que lhe deu o nome que ainda mantém.

Existe em Mântua alguns palácios particulares notáveis. Entre outros, o do conde Baldesar Castiglione[1], amigo de Rafael, autor do célebre livro _*Il Cortegiano*_; o velho palácio *della Ragione* com sua torre, e o Coloredo, com seus belos afrescos da escola de

---

[1] Nísia parece concordar com a crítica de Du Pays (op. cit.p.215) ao gigantes de Julio Romano. Observou o escritor no seu guia: "Esta colossal composição de Júlio Romano, a mais famosa do palácio de TE, não representa para nós a obra onde ele manifesta melhor suas grandes qualidades de pintor. O desenho dos gigantes é confuso, pesado e até mesmo grotesco, e quanto às proporções, elas são de tal maneira inadequadas ao pequeno tamanho da sala, que não permitem ao observador um ponto de vista conveniente para vê-las."

[2] Mais uma vez Nísia repete opinião do seu guia. Em Du Pays (op. cit. p.214): "Num dos seus quadros, Jupiter e Olimpia, a imaginação licenciosa de Julio Romano se traiu de uma maneira que revelou a falta de decência da corte para a qual trabalhava..."

Júlio Romano, de quem também nos mostram uma casa construída por ele e decorada por Primaticcio.

A biblioteca pública, fundada pela célebre Maria Teresa, é muito importante para esta cidade, uma das mais fortes praças de guerra da Europa, como dizem, e que agora está mais ocupada com as medidas hostis tomadas por seus usurpadores para manterem-se no poder, do que em levar leitores para a biblioteca.

O museu de antiguidades possui muitas estátuas e bustos antigos, trazidos do saque de Roma por um dos Gonzaga - que serviu nas tropas de Carlos V_. Há um belo Cupido adormecido, atribuído a Michelangelo. Perguntei a um respeitável senhor, que me pareceu o principal empregado do museu, em que sala encontrava-se o busto do Cisne de Mântua.

A justa denominação, que repeti com tanta admiração, pareceu muito sensibilizar o coração mantovano que levantou e ofereceu-se, com uma efusão toda italiana, para nos servir de cicerone num museu "muito pobre, (completou, ao saber que éramos do Brasil) para satisfazer vossa curiosidade, se ela é tão grande quanto o esplendor natural do vosso belo país".

"Além disso - acrescentou - viestes de Roma, de Florença, de Veneza; quando admiramos a magnificência destas cidades, não encontramos nada em outros lugares que contente o olhar, habituado a contemplar os grandes tesouros acumulados nos três santuários de arte".

"Estou de acordo com vossa opinião sobre as três nobres irmãs de vossa Mântua, vejo no entanto - disse-lhe - que esta querida Itália em toda parte guarda obras primas que despertam a admiração de seus visitantes".

"Não possuis aqui um precioso tesouro que falta em toda parte, o único busto fiel do vosso querido poeta?"

Uma centelha de orgulho nacional espalhou-se na fisionomia ao mesmo tempo expansiva e séria do sábio, cuja larga fronte, inteligente, era ornada com rugas profundas, que são para o homem de bons costumes e de trabalho intelectual muito mais a marca das fadigas do estudo, do que da idade.

---

[1] Baldesar Castigliano (1478-1529). Autor de *Il Cortegiano*, 1528.

Ele levou-nos para ver o famoso busto que queríamos conhecer, e que é com certeza superior, pelo menos em execução artística, senão em semelhança, a todos os outros que nos mostraram.

Ao visitar este museu desfrutamos do encanto da conversação erudita do nosso gentil cicerone que, ao nos mostrar alguns exemplares de arte antiga que guarda o museu, falou dos fatos mais interessantes da história da sua cidade natal, chegando até mesmo à antigüidade pelágica. O sábio antiquário nos fez assistir a uma curiosa escavação de fatos notáveis, históricos e tradicionais, relativos à região da Itália ocupada antigamente pelos etruscos, aos quais os antigos romanos devem os primeiros reflexos de sua civilização.

Gigantes derrotados pelo turbilhão destruidor das tempestades políticas, que num determinado tempo tudo engoliu em suas devastações, não poupando nem a arte, nem a ciência, nem virtudes, nem a grandeza da nação, os povos etruscos, após florescerem na melhor parte da ilustre península, inclusive em Roma, desapareceram do palco do mundo dando lugar aos aventureiros privilegiados, que conseguiram dominá-los por inteiro. A florescente Mântua de outrora inclinou-se, pouco a pouco, sob flagelos de todo tipo destinados a torturar os membros do seu corpo, ao invencível povo saído de uma colina selvagem, com o grande nome de romano.

A população de Mântua foi dizimada com a peste e pela invasão dos Imperiais, que a saquearam. Privada de todos os tesouros artísticos pela guerra da Sucessão, ela também perdeu sua independência (paz de Cherasca) e pertenceu a diferentes senhores, que a negociaram com a França. Em 1797 fez parte da República Cisalpina, depois voltou ao reino da Itália, até que a anexaram ao reino Lombardo-Veneziano, sob o domínio da Áustria, a que submeteu-se recentemente.

Limpa e bem construída, Mântua respira, como Ferrara, um ar melancólico que sempre toma conta dos oprimidos, quando eles não têm energia suficiente para lutar contra a mão que os acorrenta. Situada no meio de uma espécie de lago formado pelas águas do Mincio, é dividida em duas pelo canal que forma o porto para onde vêm os barcos do Pó e do Adriático. Seis portas dão acesso à cidade. O dique da mais notável delas, com ajuda do qual alargaram o leito do Mincio, é o da ponte dos Moinhos, que comunica-se com a

cidadela. Paramos alguns instantes nesta ponte, olhamos as águas tranqüilas do lago, imagem que contrasta com o rumor das guerras de que essa cidade foi, e ainda será o palco! O barulho produzido pelos moinhos d'água despertou no meu espírito lembranças de países longínquos, e de cenas aí acontecidas. E Mântua, com sua nobre praça Virgiliana tão prosaicamente transformada, seus restos de belezas artísticas, a notável basílica, onde fica, entre outros, o túmulo de A. Montegna, que guarda as marcas, de tenebrosa memória, do furor dos soldados que o profanaram, tudo isso, e até mesmo Virgílio que atraiu-nos para esse lugar, logo desapareceram do meu espirito.

A melancólica laguna de Mântua não parece com as lagunas de Veneza, ainda tão vivas, tão poéticas, apesar da pesada atmosfera austríaca que cai sobre elas!

BRESCIA

A pátria de uma das maiores vítimas da liberdade merece que o viajante detenha-se um pouco, a contemple e medite.... O deplorável fim do célebre reformador, queimado vivo na praça do Capitólio em Roma, para aplacar a vingança do Santo Padre Adriano IV, e de seus cardeais, não é a única história trágica, ou o único fato importante que o berço de Arnaldo de Brescia[1] desperta no espírito do visitante da cidade. Antes e depois que o discípulo infeliz de Abelardo fizesse seu difícil trajeto na vida, outras calamidades sem fim caíram sobre a velha e a moderna Brescia. Em nossos dias, a dominação austríaca é uma delas.

Cercada por muros, e dominada ao norte por uma fortaleza bem guarnecida, a cidade, com o formato de um quadrilátero, oferece aos seus usurpadores um dos pontos de resistência mais seguros contra toda tentativa para libertá-la do domínio que ela detesta.

---

[1] Arnaldo de Brescia, padre e filósofo do século XII, nasceu em Brescia em 1100 e foi queimado vivo em 1155. Reformador mais político que religioso, Brescia pregou a restauração da República antiga, o fim do poder temporal do papa, mas não atacou os dogmas fundamentais da Igreja. Suas doutrinas perpetuaram-se em seitas da Idade Média. Brescia foi representante do movimento geral de emancipação e renascimento que Abelardo, e outros homens da época, tentaram introduzir na filosofia, teologia e política. No século XIX, a figura do pregador exerceu um papel simbólico para a Itália do *Risorgimento*. Niccolini escreveu a tragédia *Arnaud de Brescia*, em 1843, onde o representa como um símbolo da Itália torturada por "pontífices romanos e césares alemães".

Suas alegres colinas pontilhadas de casas pitorescas dão-lhe um aspecto dos mais graciosos.

A origem de Brescia perde-se na Antiguidade. Júlio César a tornou município romano; depois, ela sofreu com as outras cidades da Lombardia diferentes vicissitudes políticas. Duques lombardos, condes e bispos a governaram alternadamente; os últimos abusaram do poder sobre os brescianos, aqueles a libertaram. Em seguida Brescia constituiu-se em República e foi dividida pelos partidos Guelfos e Gibelinos. Carmagnola a conquistou, os franceses a tomaram (1509) e foram expulsos três anos depois; Gaston de Foix entregou-a ao saque, com o furor selvagem que sua nação civilizada censura aos bárbaros, e do qual ela mesma dá exemplo sempre que surge uma ocasião. O grande Bayard[1] foi ferido neste cerco, mostraram-nos a casa anônima onde ele foi tão generosamente tratado[2].

Desde então Brescia perdeu o seu brilho. Rendeu-se aos venezianos e em seguida sofreu cruelmente com a peste, e com o incêndio da última guerra contra os austríacos, quando opôs heróica resistência ao general Haynau.

Com cerca de 40.000 habitantes, é uma das belas cidades da Lombardia, sobre a qual eu gostaria de ocupar-me nestas páginas, se elas pudessem contar a história dos fatos aqui acontecidos, das lutas do povo contra os opressores.

Deixemos esta tarefa para penas mais capacitadas do que a minha para descrever todos os flagelos que a boa Itália sofre por toda parte, e continuemos com estes simples rascunhos que marcam, aqui e ali, minha passagem pelo solo clássico da Itália.

Entre as antigüidades romanas que Brescia possui, as ruínas do templo de Vespasiano, monumento em estilo coríntio, construído em mármore, são as mais notáveis. O museu fica nas salas deste templo, e isto aumenta o interesse que desperta. Percorremos a cidade, suas

---

[1] Figura emblemática de nobre cavalheiro para os românticos, Bayard entrou para a história como o representante mais completo e puro do cavalheiro francês, símbolo de coragem, dignidade e altruísmo. Chateaubriand em *O Gênio do Cristianismo(* op. cit. p. 182) o chamou de "o cavalheiro sem pavor e sem nódoa". Gonçalves Dias, em *Meditação* (Revista Guanabara 1849, publicado em *Obras Póstumas*, RJ. Garnier, s.d, p.16), citou Bayard: "E os gauleses também foram os guerreiros de Breno - os companheiros de Luiz, o santo, de Bayard - o último cavalheiro...." A defesa do castelo de Brescia é um dos feitos de Bayard mais repetidos.

[2] "Deus não me pós nesse mundo para viver de pilhagem e de rapina" disse então o bom e bravo soldado. **(Nota da autora)**.

numerosas fontes alimentadas por aquedutos, um deles construído no tempo de Tibério, arcadas que servem como lugar para passeios, vimos rapidamente a *Loggia*, palácio municipal, magnífico edifício em mármore, e o antigo palácio da República, depois viemos ao museu, ao lado da colina, onde fica a fortaleza que mostra estranho contraste com as lembranças suscitadas pelo templo! Logo ao entrar no pátio, de aspecto muito descuidado, com muitos fragmentos antigos espalhados aqui e ali, o guia conduziu-nos ao interior do museu por antigos degraus do templo dedicado ao imperador romano, que antes de conseguir o império concorreu para a desgraça de Nero, adormecendo enquanto ele recitava seus versos.

Se os versos ruins de Nero fez adormecer Vespasiano, o que resta do seu templo em Brescia fez-me sonhar acordada.

Fiquei por alguns instantes diante da magnífica estátua em bronze da vitória alada, encontrada nas escavações com outros objetos que enriquecem o museu. Mais do que deter o olhar na elegância e perfeição da bela estátua dirigi meu pensamento para o destino da Itália. "Infelizmente o grande artista que te acrescentou estas belas asas, num tempo em que a vitória seguia as águias romanas por toda parte, não imaginava que um dia fatalmente voarias para longe dos teus descendentes!" Magnífico símbolo do destino do grande povo de outrora, esta estátua saiu dos escombros deste templo em 1826 como uma lição para o orgulho das grandezas humanas, uma ironia com a atual situação de Brescia, ou sinal de um futuro feliz?

A galeria *Tosi*, também chamada de Pinacoteca Municipal, possui, entre outras obras de arte em pintura e escultura, um bonito quadro de Cristo, bem pequeno, de Rafael; um busto de Eleonora de Tasso, de Canova, e o Dia e a Noite de Thorwaldsen. Existem em Brescia coleções e galerias de quadros particulares e dizem que de grande valor, porém não tivemos tempo de visitá-las. Até mesmo das muitas igrejas, com pinturas de Tiziano e outros mestres, só visitamos a velha e a nova catedral. A primeira que chamam de Rotunda, com grandes capelas, mausoléus, pinturas notáveis, e sua antiga basílica subterrânea muito bem conservada, interessou-me mais do que a nova, embora esta seja toda construída em

mármore, com grande luxo. Dizem que sua cúpula é a terceira maior da Itália, depois de São Pedro, em Roma, e da catedral de Florença.

Em minha predileção pela Antiguidade gosto de tudo que tem a ver com ela. Além disso, vendo em toda parte com que desleixo praticam-se os santos princípios contidos no Evangelho, há sempre uma espécie de consolação em pensar, sob as velhas abóbadas das criptas, nos feitos do Cristianismo em seus dias mais gloriosos, quando as almas piedosas oravam com verdadeira fé.

Brescia tem um belo *Campo Santo*. O sol se punha quando deixamos a triste necrópole onde a visão dos túmulos, dispostos como um columbário antigo, transportou meu espírito para as antigas gerações de Brescia que não descansam neste cemitério, iniciado em 1810.

Acompanhando a avenida de ciprestes, que estende-se do lugar dos mortos até a porta de São João, uma legião de bravos espíritos parecia surgir aos meus olhos por entre as árvores melancólicas, símbolo da tristeza eterna dos túmulos.

Entre outras figuras célebres, a da intrépida Brigitte Avogrado que "a frente das mulheres de Brescia, com armaduras e lanças, resistiu valentemente em 1438, ao ataque do invencível Piccinino", foi a primeira a aparecer toda radiante em minha imaginação. Depois, triste e desolada com o presente infeliz de sua pátria que ela não pode mais defender contra a mão que a oprime, sua sombra desapareceu gemendo, e como um surdo eco da voz moribunda o murmúrio do vento, agitando os ciprestes, parecia repetir: "O futuro te vingará!"

LAGO DE GARDA

Após visitar Brescia e seu fértil campo, pontilhado de moinhos e usinas onde fiam a seda (seu principal comércio), a lã, o linho, despolpam o arroz e fabricam armas de fogo e outras coisas, nos dirigimos para Peschiera, às margens do lago de Garda, o *Benacus* dos antigos, cantado por Virgílio e Catúlio. Os tempos mudaram, no entanto as margens deste lago, o maior da Itália e um dos seus oásis, ainda são encantadoras. Barcos a vapor percorrem o lago todos os dias e oferecem uma regular via de comunicação entre a Itália e o Tirol.

Uma família inglesa, que fez conosco a viagem de Brescia a Peschiera, cidade fortificada e posto militar sob dominação austríaca, insistiu para fazermos juntos uma excursão ao Tirol. Porém, isto nos manteria por muito tempo nesta parte da Itália que, embora muito interessante e de grande beleza, mostra por toda parte o triste aspecto da dominação estrangeira, que esconde o verdadeiro caráter italiano.

Nada parece tão pitoresco e encantador quanto as margens do lago. Num passeio de barco temos sempre à vista cenas magníficas e variadas, ora severas, ora alegres. As belezas da natureza misturam-se com as muitas belezas espalhadas pela mão do homem, e seria quase impossível enumerá-las. Aqui, são rochedos escarpados nos quais cavaram degraus que conduzem a uma igreja isolada, ou a um vilarejo pitorescamente situado no seu cimo; ali, castelos, casas de campo, povoados às margens do lago, ou em colinas cobertas de oliveiras. Aqui e ali numerosas fábricas de papel, e outras; campos de amoreiras, de limoeiros e laranjeiras que abundam em parte de suas margens, cujos cuidadosos jardins, graciosamente dispostos em terraços, oferecem uma visão admirável e deliciosa.

O lago, suas montanhas, colinas, e sobretudo seus jardins perfumados, fez-me sentir uma forte e tão dilacerante saudade de minha terra natal, que não consegui entregar-me às lembranças históricas ligadas aos encantadores sítios.

Percorremos todos os belos sítios, parando naqueles que inspiraram mais interesse, pelos fatos históricos antigos e modernos que lembram, ou pelo encanto natural e artístico que guardam. No norte e no sul da admirável Itália, não apenas nas grandes cidades, nos povoados, vilarejos, alguns pequenos e por mais desprovidos de interesse que pareçam, existem tesouros de arte ou de grandes e gloriosas lembranças. Goito, vilarejo à direita do Mincio, lembra a gloriosa vitória dos bravos piemonteses contra os austríacos, em 1848, quando então seu infeliz rei, ligeiramente ferido, não pressentiu a fatalidade que deveria levá-lo a morrer no exílio[1]. A bela ponte sobre o Adda lembra a batalha contra os austríacos

---

[1] O rei Carlos Alberto, do Piemonte, declarou guerra aos austríacos em 26 de março de 1848. Após algumas pequenas vitórias foi derrotado em Custoza em 25 de julho, e assinou um armistício em agosto do mesmo ano. A guerra foi reiniciada em 21 de março de 1849 e acabou três dias depois com a derrota de Carlos Alberto na batalha de Novara. Após a derrota o rei abdicou em favor do filho Vittorio Emmanuele e partiu para o exílio na cidade do Porto, em Portugal. A guerra dos piemonteses contra a Áustria em 1848/49, foi uma das etapas do *Risorgimento* italiano.

travada por Napoleão em 1796. Perto do povoado Belgiojoso ainda plana a lembrança de Annibal e Scipião, que aí travaram uma batalha. Por toda parte um lugar, um monumento, uma obra prima ou uma marca viva da história mostra-se aos olhos, ou ao espírito do viajante.

MILÃO

25 de agosto

As viagens e a vida! a vida não é mais do que uma viagem mais ou menos difícil, mais ou menos curta cujo fim só Deus conhece! Viajar de país em país, de cena em cena, passar de emoção em emoção, despertadas pelos diferentes objetos que mostram-se aos nossos olhos, é aliviar de alguma maneira o peso de uma grande dor que nos oprime. No entanto, qualquer que seja o interesse dos lugares onde paramos, do encanto que nos prende, o bem estar material e moral que gozamos, há dias em que nada pode distrair o espírito, nem por um instante, do motivo desta grande dor. Além da tristeza que nos deixou a perda de um ente adorado, nossa alma também carrega um certo vazio que nada pode preencher.

Mesmo que nos cerquemos de tudo o que constitui felicidade na terra, o vazio está sempre ali. Acordada, desejamos; dormindo, sonhamos, e desejando e sonhando, a vida passa, voa, sem que nunca o vazio seja preenchido.

Que desejo incessante é esse, essa ansiedade secreta de um não sei quê que falta à alma, mesmo para aqueles que estão cercados por todas as prosperidades desse mundo ?

Tu, ó minha mãe! tu, cuja imagem adorada hoje surgiu mais intensamente ao meu espírito, e preencheu meu coração ainda torturado com a dor de te haver tão cedo perdido, tu revelar-me-ia esse grande segredo, se fora permitido aos peregrinos da terra interrogar aqueles que repousam no seio de Deus!...É com ele que tem relação esse segredo e vaga ansiedade...Acreditemos; a alma precisa crer.....

Há três anos, sob os esplêndidos raios de um sol tropical, às margens majestosas do mais belo golfo do mundo, as trevas profundas pareceram envolver subitamente o meu espírito, e uma tristeza suprema recomeçou a apertar-me o coração.

Ela exalara o último suspiro! seus impulsos maternais não responderiam mais aos meus impulsos! a voz tão persuasiva não chegaria mais aos meus ouvidos, fortalecendo cada vez mais os sentimentos que inspirara, e que à vezes cruéis perturbações ameaçavam agitar!.

Sua alma tão pura, tão bela, libertou-se, ai de mim! do querido corpo ainda quente que eu molhava com minhas lágrimas! Ela se foi sem poder comunicar-me o segredo da morte....

Mistério!

.....

Depois, a exacerbação de uma dor inútil deu lugar à serena melancolia que, seguindo uma aflição inconsolável, infiltra-se, por assim dizer, nas profundezas da alma e paralisa-lhe o entusiasmo, sem o qual certas naturezas são como um esqueleto com molas movendo-se automaticamente; desde então meu espírito constantemente procura distinguir no calmo e último olhar, tão ternamente fixado sobre mim, a dupla expressão de sentimentos que ainda o animavam.

No momento doloroso e solene, quando o abraço glacial da morte arranca, suprime a vida de um corpo, e que essa boa mãe já antevia a eternidade implacável que iria tomá-la para sempre do meu amor, quis ela iniciar-me no assustador segredo? Quis suscitar a resignação e o devotamento com uma última palavra de consolação para todos aqueles que sofriam ao meu lado?

Mistério.....

Infelizmente a morte e a vida são apenas mistérios! Mistério sempre será tudo o que a frágil ciência do homem nunca conseguir explicar.

Os séculos rolam e precipitam-se no abismo dos tempos levando no seu infalível cortejo as gerações que se sucedem, mais ou menos esclarecidas, mais ou menos submissas aos flagelos morais e físicos! Os fenômenos da natureza se reproduzirão sem parar oferecendo ao homem em toda parte novas maravilhas, novas e inesgotáveis fontes de estudo, porém o trabalho de todas as gerações nunca será suficiente para esgotar uma só das suas criações. Tudo agita-se, realiza-se, reconstrói-se, renova-se no nosso pequeno globo pelas poderosas leis da natureza e pelos esforços incessantes do espírito humano. Porém,

nunca ninguém conseguiu, nem conseguirá, esclarecer o homem sobre o mais triste dos fenômenos que repete-se diante dos seus olhos todos os dias!

Na impenetrável obscuridade onde se perde o nosso espírito procurando explicar esse segredo invencível, o que nos resta fazer? Curvar a cabeça diante da infalível, misteriosa lei, e caminhar pelas vias abertas das virtudes que distinguem os homens na terra, até que chegue a hora suprema onde cada um resolverá por si mesmo o grande problema!

Milão, a capital da Lombardia, com cerca de 160.000 habitantes, sem contar com a guarnição austríaca, situa-se entre o rios Ticino e Adda, numa grande e rica planície. Mostra um aspecto geral de beleza e limpeza que agrada à primeira vista. Seus belos jardins, soberbos passeios sombreados por árvores, belas casas, largas e bem calçadas ruas, instituições de caridade e científicas, e sobretudo sua magnífica catedral gótica, resplandecente com o puro mármore branco com que foi construída, encantam o viajante que aqui chega.

A catedral despertou viva impressão na primeira vez que surgiu diante dos meus olhos[1]. Já era noite quando, após nos instalarmos no hotel *Bella Venezia*, para onde fui,

---

[1] A catedral de Milão sempre despertou a admiração dos viajantes. Era um dos monumentos italianos mais conhecidos, através de gravuras e desenhos. A partir de 1822, com a invenção do Diorama, que criava imagens de "deliciosas ilusões", a catedral de Milão passou a ser vista em várias cidades da Europa cercada das luzes, sombras e efeitos que a nova invenção propiciava. Na viagem à Alemanha (1857), Nísia viu a catedral no Diorama de Frankfurt (*Itinerário de uma viagem à Alemanha*, p. 68) :

"Admiramos a soberba catedral de Milão, na hora em que o povo se reúne para a prece da noite. Os sons do órgão e tudo o mais eram imitados de maneira a produzir uma ilusão perfeita."

A difusão de imagens da catedral de Milão contribuiu para as impressões fantásticas que ela despertava aos viajantes que a observavam. Os viajantes franceses de uma maneira geral comentaram a "releitura" do gótico feita pelos italianos, maravilhados como E. Quinet (1832, em *Italies,* op.cit.p.307):

"Quando avistamos ao longe a catedral de Milão, pensaríamos ver um edifício de gelo construído na descida dos Alpes, para toda a eternidade. A velha catedral gótica foi modelo para esta arquitetura, porém como modificou-se o modelo austero de Colônia e Estrasburgo sob o langoroso céu da Itália! Os arcos tenebrosos do Norte transformaram-se em mármore branco de um fulgor quase pagão. Nesta terra de Saturno, o

atraída pelo nome, nos dirigimos para a estreita praça do Domo para ver o exterior da catedral. O firmamento límpido e sereno, como um lençol d'água estrelado e infinito, refletia-se no conjunto de brancas estátuas situadas no grande teto do templo, fazendo-o parecer um magnífico molhe[1] imponente e magnífico! Fiquei por um momento como que subjugada diante da aparição fantástica. E minhas idéias voaram para não sei que região aérea da qual o céu estrelado, a multidão de estátuas, o ar tão suave da Itália, a brisa que parecia impregnada com os perfumes de uma margem distante, desenhavam uma imagem confusa!

Foi um devaneio momentâneo, deixou porém uma profunda marca em meu espírito, lembrança que sempre estará ligada à da catedral de Milão.

Este maravilhoso monumento já foi descrito como um caos gótico, um amontoado de ornamentos insignificantes.

---

misticismo da arquitetura gótica expatriou-se, o ardente sol do Meio Dia penetra com uma curiosidade profana até o fundo da nave." (Tradução minha).

E mais compenetrados como o sisudo professor de História da Arte, H. Taine, que percorreu a Itália na década de 1860, e viu na substituição da pedra pelo mármore o segredo da maravilhosa impressão que ela despertava (em *Italies*, op. cit. p.308):

"À primeira vista esta catedral é fascinante: o gótico, transportado em bloco para a Itália no final da Idade Média, aí encontrou ao mesmo tempo o seu triunfo e seus limites. Nunca foi visto tão rebuscado, tão completo, tão pesado, tão parecido com uma peça de ourivesaria, como aqui; e como ao invés da pedra grosseira e sem cor o material usado foi o luminoso mármore da Itália, transformou-se em pura jóia cinzelada, tão precioso por sua substância quanto pelo trabalho." (Tradução minha)

O poeta brasileiro Domingos de Magalhães deixou-se envolver pela atmosfera religiosa da catedral que inspirou seu poema O Cristianismo- Na catedral de Milão, 18-10-1834 (*Suspiros poéticos e Saudades*):

A rigidez do mármore, e a brancura,

Duração e pureza simbolizam;

A larga base, a altura, a esbelta forma,

A agulha, cuja ponta as nuvens rompe,

[1] Nísia usa a palavra "môle". Em português há duas possibilidades parecidas: mole, significando grande massa de pedras; e molhe uma cais acostável, de pedra. Preferi usar molhe para ficar fiel à imagem da autora - o céu como um lençol d'água, que batia de encontro à catedral. Gonçalves de Magalhães usa a palavra mole, no sentido de massa de pedra, no poema Lembranças dolorosa (*Cânticos Fúnebres*, 1864), para falar sobre o Coliseu:

Á vista dos destroços gigantescos

Das derrocadas moles....

Deixo para os artistas aceitarem ou negarem esta opinião. De minha parte só posso julgar a impressão que tive diante do sublime caos, cujo interior voltei na manhã seguinte para visitar.

Cerca de 4.000 estátuas de santos, anjos, mártires, e outros, decoram o domo na parte superior e inferior, e dizem que atualmente este é "o mais belo monumento da antiga arquitetura cujo estilo, hoje abandonado, é verdadeiramente magnífico por ele mesmo".

Uma grande escada conduz às cinco portas que dão para a fachada e que correspondem às cinco naves da igreja.

Por mais severo que seja o crítico da catedral ele não poderá olhar o imponente exterior, penetrar nas naves, ver a abóbada tão alta, os pilares avançados e vigorosos, toda a rica decoração em esculturas, iluminada misteriosamente pela claridade multicolorida que penetra pelos altos vitrais em vidro amarelo, espalhando-se pela nave e sobre todos os objetos do grandioso interior, sem sentir o poderoso efeito do majestoso conjunto.

A capela subterrânea ou cripta, de grande magnificência, e a escada que a ela conduz, apesar de decoradas com grande luxo, têm um aspecto muito melancólico. A lembrança dos antigos cristãos que se refugiavam para rezar e escapar dos seus perseguidores, dá um grande interesse ao lugar, despertando um profundo recolhimento. Os restos mortais de São Carlos Borromeo, envoltos em ricos tecidos e colocados em um caixão, relicário todo de prata, atrai os devotos e curiosos. A riqueza de escultura, cinzelamento, ourivesaria, deste monumento é verdadeiramente inesquecível. São Carlos Borromeo está com suas vestes pontifícias. Os panos do relicário são em cristal de rocha, com as molduras em prata dourada! A fraca luz das lâmpadas sepulcrais que brilham constantemente, como em São Pedro, refletindo e mal atravessando a escuridão da capela, tomada por uma série de túmulos de arcebispos, dá ao conjunto de pompa subterrânea um aspecto lúgubre, sem no entanto inspirar o sentimento religioso que toma conta de nós diante de um simples túmulo.

Ficaria muito longo descrever minuciosamente o esplendor deste domo: as cinco abóbadas em ogivas, sustentadas por 52 enormes colunas octogonais; as imensas colunas em granito vermelho que sustêm o balcão acima da porta principal; os dois púlpitos em bronze dourado, cobertos com baixo relevos e repousando em cariátides colossais, que representam

os quatro evangelistas e os quatro doutores da fé; as magníficas janelas com seus brilhantes vitrais de mil cores, representando cenas da bíblia; os notáveis baixo relevos da parte superior do muro do coro e o retábulo do altar na capela da Apresentação; as duas sacristias, uma delas guarda o que sobrou do antigo e rico tesouro da catedral, e todas as outras obras de arte, mais ou menos interessantes que não me impressionaram tanto quanto o singular conjunto do templo.

Parei horrorizada diante de uma das estátuas do interior da catedral, *a de São Bartolomeu martirizado com o corpo cheio de escoriações, a pele caindo*. Ela é considerada uma notável obra de arte, porém, apesar de minha boa vontade em admirá-la e ler sua inscrição, só consegui observá-la por um minuto. Tais motivos só deveriam ser trabalhados pelos historiadores. Ao ler o relato que fazem de tais selvagerias, o espírito as representa o suficiente, o coração emociona-se sem que seja preciso machucar o olhar. Há representações materiais que prejudicam a grandeza do tema.

Após visitar o interior da rica catedral, com um estilo tão diferente de todas as outras que visitáramos anteriormente, subimos, precedidas de um guia, os 486 degraus até a pirâmide central.

Deste ponto podemos apreciar melhor a vasta floresta de estátuas, a profusão de terraços, de escadas e de agulhas encimadas pelas estátuas, que povoam o alto do esplêndido templo. Uma estátua da virgem em bronze dourado fica no alto da pirâmide central, de onde temos uma admirável vista da imensa e rica planície que cerca Milão, e da cadeia dos altos Alpes.

Ficamos muito tempo percorrendo os inúmeros terraços, parando mais detidamente diante das estátuas que nos interessavam. Dizem que as de *Adão* e *Eva* são as mais notáveis[1], a de *Eva*, sobretudo, nos pareceu extremamente bela.

---

[1] Como em outros trechos do livro, Nísia está usando como referência o guia de Du Pays (op. cit. p109): "Todo um povo de anjos e santos ergue-se para o céu do cimo destas agulhas. Citam-se como as mais notáveis as estátuas de Adão e Eva."

Quando deixamos o alto do admirável teto o sol espalhava sua última claridade no horizonte. Como era magnífico o imponente panorama que avistávamos. Porém, não era Veneza e suas lagunas.

Só os esplendores da natureza e imagens do passado tomavam conta do meu espírito, fazendo-o esquecer a riqueza artística da grandiosa catedral de Milão.

Cartas vindas de Nápoles, de Bolonha, Paris e Veneza esperavam-me em Milão, onde sabiam que estaríamos. Entre estas cartas uma me fora enviada de Leipzig por um dos compatriotas da nossa legação nesta cidade, o jovem literato França[1], que imaginando-me em Paris, convidava-nos para assistir a grande festa científica de Iena.

Esta tarde, quando eu respondia ao amável convite, vieram anunciar, com a solicitude que a presença de um visitante importante desperta nos empregados, que um *signore*, cujo cartão entregaram, desejava falar-me.

Já há algum tempo notávamos uma pessoa que o acaso sempre atraía para o mesmo vagão que nós. Ao descer na estação da cidade que visitávamos o perdíamos de vista para de novo encontrá-lo no momento da partida, quando outra vez ele subia no nosso compartimento e instalava-se pensativo e silencioso.

Os modos distintos do rapaz e seu traje elegante, de um bom gosto irrepreensível, nos fizera pensar que ele pertencia à alta classe da sociedade. Uma abundante cabeleira loura dourava sua testa larga de uma brancura brilhante. A bela fisionomia estava sempre coberta de profunda melancolia.

_É um filho do Norte que, estrangeiro como nós neste país, sente falta da pátria, ou de uma querida família, disse à minha filha.

---

[1] Nísia refere-se ao escritor Ernesto Ferreira França (1828-1888). Doutor em direito civil e canônico pela faculdade de Leipzig. Autor de vários livros, entre eles *O Livro de Irtilia*, Paris, 1854; *Lindóia*, tragédia lírica em 4 atos, Leipzig, 1859; *Chrestomatia da língua brasileira*, Leipzig, 1859 e *Moema e Paraguaçu*, RJ, 1860. (Informações de Sacramento Blake). França era da legação brasileira em Viena quando Ferdinand Wolf, escreveu, por encomenda de Pedro II, *O Brasil Literário*(1862). Segundo Wolf, Porto Alegre e Ferreira França o dotaram de vasto material sobre a literatura brasileira.

Porém, ao descer em Bergamo para olhar esta antiga cidade etrusca, transformada por César em cidade romana, e que passou com suas irmãs por todas as vicissitudes que elevaram e rebaixaram uma a uma as antigas cidades outrora tão florescentes; ao descer em Bergamo, eu dizia, ouvi este senhor ordenar ao cocheiro que o levasse ao cemitério .... e fiquei surpresa ao ver um filho do Norte falar um italiano tão puro. Quem seria então o misterioso companheiro de viagem? Ao descer ao salão do hotel, o reconheci na pessoa que enviara o cartão e esperava-me.

Era o conde M***, cujo irmão mais velho foi uma das nobres vítimas da grande e desastrosa luta de 1848, que tentou libertar a Itália do domínio que ainda pesa sobre ela.

_Queira me perdoar a visita, senhora, disse com tom respeitoso e com uma voz carinhosa, vindo ao meu encontro logo que entrei no salão. Ao chegar em minha casa, encontrei uma carta de uma das velhas amigas da minha família, acompanhando esta carta, que ela pediu para entregar-lhe, eu mesmo.

E ele entregou uma carta da marquesa Geppi[1], de Florença. Ela me apresentava o jovem conde de M** , filho de uma de suas amigas íntimas de outrora, que acabara de voltar à Itália após uma longa estada na Alemanha. O jovem poderia ser útil, dizia, para mostrar-nos Milão e seus arredores, onde ficavam suas propriedades.

_ Aquele que é apresentado por minha melhor amiga de Florença só pode ser muito bem vindo senhor, falei ao nobre visitante. Parece que fazeis freqüentes excursões na alta Itália, pois vos vejo sempre desde que iniciei esta viagem.

"É verdade, senhora, respondeu um pouco embaraçado, e reconheço com prazer uma das senhoras que tive a honra de reencontrar muitas vezes na estrada de ferro. Eu estava longe de esperar que teria a honra de conhecê-la sob os bons auspícios da digna amiga de minha mãe, que conheci quando era bem jovem, e quando a morte ainda não caíra sobre toda a minha família. Escrevi à marquesa para avisar-lhe do meu retorno à pátria, sem imaginar a felicidade que ela me proporcionaria de oferecer meus préstimos às mesmas senhoras com quem o acaso fizera-me viajar silencioso e abatido com o golpe que viera de

---

[1] No primeiro volume Nísia não revela o nome da marquesa Geppi, a ela se refere apenas como a "marquesa G***".

atingir-me, a perda de minha mãe, e de uma última e bem amada irmã que morava em Bergamo.

Sua voz estava emocionada ao pronunciar as últimas palavras, e uma profunda tristeza espalhou-se no seu rosto.

Esta tristeza fraternal e filial foi para mim uma recomendação mais forte do que a da bondosa marquesa Geppi. Quem melhor do que eu poderia entender e apreciar as dores que pareciam oprimir o jovem conde M***? Eu não as sentira, não as senti sempre e mais amargamente do que ele? Se este nobre rapaz, voltando à sua pátria, lamenta a perda de sua família, sobretudo da mãe e de uma irmã que ele adorava e que esperava reencontrar, pelo menos agora ele está no mesmo solo onde seus entes queridos viveram, onde todas as coisas que o cercam falam deles, onde respira o ar que eles respiraram, toca os mesmos objetos que tocaram e medita sob a abóbada do templo onde rezaram. Suas mãos podem depositar Perpétuas nos seus túmulos todas as vezes em que seu coração sentir necessidade de chorar ao lado deles; quanto a mim, estou privada de todas estas consolações; os países e povos que visito, os objetos preciosos que atraem aqui e ali minha atenção, e mesmo a companhia das amáveis pessoas que nos acolhem por toda parte com atenções delicadas e simpáticas, não podem falar-me daqueles que tive a infelicidade de perder tão cedo, nem daqueles que ainda vivem na minha distante, tão distante pátria! Só o espírito possuído por suas queridas imagens os representa por toda parte.

As dores que nos oprimem sob o céu natal, por mais pungentes que sejam, nunca causam ao coração as surdas e doloridas contorções do espasmo moral que chamam vulgarmente de_ mal do país_ *saudade*! Este mal é para os corações patrióticos e amorosos um fardo pesado que os destrói pouco a pouco, sem que as suaves brisas, que os despertaram outrora, murmurem as notas mágicas que aliviam por um momento até mesmo as angústias de um moribundo.

No entanto, apiedei-me sinceramente do sofrimento filial do jovem conde M**, embora ele agora respire, com toda a plenitude da sorte, o ar vivificante da pátria! Agradecendo seu gentil oferecimento, expliquei com todos os cuidados que a delicadeza exige, nosso hábito de fazer excursões sozinhas. Minha resposta pareceu entristecê-lo, e ele

perguntou se ao menos eu permitiria ao jovem amigo de minha melhor amiga de Florença vir com freqüência saber da nossa saúde, e procurar merecer a nossa estima.

Ele pronunciou estas últimas palavras com um tom de sinceridade, de tão extraordinária amabilidade e encantadora doçura que lembrou-me meu filho; sua voz estava tão emocionada e seu olhar tão melancólico que reafirmei que recomendado pôr minha melhor amiga de Florença, ele sempre seria bem vindo ao meu lado.

__Obrigado senhora, murmurou levantando-se.

Estendi-lhe a mão que ele apertou com um gesto de afeto filial, e nos separamos.

MANZONI

Este nome, que entre os autores vivos, é mais conhecido nos países estrangeiros do que muitos outros escritores modernos da Itália, não poderia deixar de atrair minha atenção quando percorria a região à qual ele está tão dignamente ligado.

O autor de *I Promessi Sposi* mal saíra de uma grave enfermidade quando chegamos em Milão e encontrava-se convalescendo fora da cidade, em uma simples vila cercada de flores[1].

Seu genro, o ilustre Massimo d'Azeglio estava com Manzoni quando aí chegamos, e tive a sorte de conhecer aos mesmo tempo dois belos astros da literatura atual da Itália. Quando descemos do carro Massimo d'Azeglio[2] veio ao nosso encontro e conduziu-nos pessoalmente para perto do ilustre convalescente. Ao vê-lo, quando entrei no cômodo onde ele estava, fiquei impressionada com sua semelhança física com Lamartine, um dos poetas que mais gostei na minha juventude. Porém, além da semelhança de fisionomia e porte, nada parece no modesto Manzoni com a ostentação vaidosa do brilhante poeta francês de outrora.

---

[1] Nísia visitou Alessandro Manzoni(1785-1873) na Villa de Brusuglio nos arredores de Milão. Vários anos depois, em setembro de 1871, o imperador D. Pedro II visitou Manzoni nesta mesma villa: "No doce recanto de Brusuglio D. Pedro surpreendeu Manzoni com a notícia de que preparava uma tradução portuguesa da ode Il Cinque Maggio". (em *História de D. Pedro II*, de Heitor Lyra, vol II, Cia. Ed. Nacional, 1939/294).

[2] Massimo d'Azeglio (1798-1866), autor dos romances históricos *Ettore Fieramosca*, 1833, e *Niccoló de Lape*, 1841. Seu livro mais famoso foi *I miei ricordi*, publicado postumamente, 1867. Foi casado com Giulia Manzoni.

Manzoni ficou sensibilizado com nossa visita e com o interesse que demonstrei pela regeneração da Itália. Como todos os dignos filhos desta mãe oprimida, seu coração suspira com o dia em que ela quebrará as correntes que ainda a prendem, em seu próprio solo, ao despotismo estrangeiro! Talvez porque seu espírito ainda ressinta-se com a fraqueza que deixou sua grave enfermidade, talvez pelas decepções sofridas por seu país, ou por outras causas que o influenciem, suas palavras não tinham nenhum entusiasmo. O autor de *Cinque Maggio* e da tragédia *Il conte de Carmagnola* parecia muito mudado. No entanto, a nobre simplicidade de sua natureza, as maneiras amáveis e delicadas, e seus comentários sobre a situação atual elevaram ainda mais a opinião que eu tinha formado sobre o seu mérito.

Deixamos sua agradável solidão encantadas com a sincera acolhida, tão italiana, que recebêramos.

Ao afastar-me da casa tranqüila, onde a presença dos dois escritores notáveis era o único ornamento, pensei no contraste que ela mostrava com outra casa pitoresca cujo encanto era realçado pelo refinado gosto francês. Situada em *Madri*, no *Bosque de Boulogne*, depois tão magnificamente transformado, esta casa era ocupada pelo sublime cantor das *Mélodies*, já no declínio de sua retumbante glória literária. Ele ainda estava cercado por uma brilhante sociedade, em 1851, quando bem alegre por estar com meus dois filhos, e com a perspectiva feliz de rever minha pátria onde estavam todos os tesouros do amor materno, fui despedir-me dele e de sua digna companheira, que também estava convalescendo de uma grave enfermidade. Agora, estou sozinha com minha filha, e meu coração suspira pelo bem amado filho, sem ele ao meu lado as belezas da Itália não me falam tanto quanto me falaram as da França e Inglaterra que vimos juntos.

Ao perceber meu triste pensamento minha querida filha procurou distrair-me mostrando o encanto do rico campo que atravessávamos, e do magnífico firmamento que servia-lhe de abóbada, quando voltávamos para a cidade por uma estrada diferente da que viéramos.

O sol desaparecera deixando atrás de si nuvens douradas e radiosas com mil cores variadas acima da imensa planície, tão admiravelmente cultivada, que descortinava-se ao longe, tremulando ao sopro do vento. As nuvens transparentes formavam torres, montanhas, estranhos edifícios, imagens fantásticas, encontrando-se, abraçando-se, depois afastando-se e desaparecendo pouco a pouco como grupos amorosos dizendo adeus até perderem-se de vista. Uma dessas noites esplêndidas e perfumadas, cuja mágica atração só a Itália possui na Europa, abriu-se sob um céu puro e diáfano; as doces brisas da noite, impregnadas com o delicioso perfume das rosas e do jasmim que tem o nome dessa bela região, acariciavam tudo o que respirava nos arredores, a todos aliviando do grande calor do dia. Toda a rica natureza tão calma, sorridente, contrastava singularmente com as confusões que agitam o espírito milanês ao ver passar a farda branca que desperta sua justa cólera.

Nós nos entregávamos à contemplação desse espetáculo radioso, enquanto o carro passava por uma série sucessiva de belos e frescos jardins, quando de repente escutamos o galope de um cavalo, e alguns instantes depois um elegante cavalheiro, refreando a impetuosidade de sua montaria saudou-nos com graciosa distinção. Era o conde M**. _"Agradeço ao acaso que me fez encontrá-la, senhora, disse-me, ia visitá-la esta tarde e convidá-la para assistir a festa que acontecerá amanhã na catedral, por ocasião do aniversário do imperador. Poucos milaneses a assistirão, nossa ausência nesta festa, como em todos os lugares em que está presente o representante do usurpador dos nossos direitos, é o único ato de rebeldia que podemos fazer no momento, demonstrando nossos sentimentos nacionais. Pensei, no entanto, que para estrangeiros esta seria uma das melhores ocasiões para ver Maximiliano e sua mulher, e o aparato das pessoas e guardas austríacos que o cercam em Milão. Permita-me acompanhá-las e esconderei minha repulsa por estar presente a tal reunião", concluiu o conde um pouco envergonhado.

_ Não, eu disse, vossa repulsa, que chamo um dever, é muito justa para que permita escondê-la para nos acompanhar à esta festa. Minha curiosidade de viajante permite que eu assista a cerimônia, sem prejudicar meus sentimentos pela Itália. Porém, não é a mesma coisa para vós e outros dignos milaneses. Siga-lhes pois o exemplo não demonstrando nenhum tipo de homenagem ao usurpador de vossos direitos nacionais. A força pode

paralisar por algum tempo a ação de um povo livre, mas ela não poderá e nem deverá abafar-lhe o sentimento nacional, e a mais eloqüente expressão deste sentimento é a dignidade que o homem demonstra, mesmo sob a pressão das correntes com que o tirano o prende.

O jovem conde M***, cuja extrema gentileza com as estrangeiras que lhe foram tão particularmente recomendadas fizera-o esquecer o que lhe mandava a dignidade da causa do seu país e de seu próprio nome, compreendeu a verdade das minhas reflexões e afastou-se, pedindo permissão para me ver no dia seguinte ao da festa, porque precisava falar sobre um assunto muito importante para ele.

Logo que o jovem afastou-se olhei atentamente para minha filha para ver se ela adivinhara, como eu, o motivo dessa conversa. Porém, seu olhar demonstrou a maior frieza para com o jovem cuja assiduidade e interesse com que nos procurava mostravam que ela causara-lhe séria impressão. A indiferença que ela demostrou pelo rapaz que reunia tudo o que mais poderia satisfazer uma moça e influenciar sua escolha, teria surpreendido qualquer outra mãe, menos a mim que conheço a solidez de seus desejos simples, desprovidos de toda ambição, e sua decisão de consagrar a vida ao estudo e às afeições filiais.

Não é a sedução de um título, de uma brilhante posição na sociedade, nem a razoável beleza de um rosto, que fazem vibrar a corda misteriosa do coração, cujos sons acalentam as aflições da vida, quando não despertam as mais amargas.

No entanto, acreditei ser meu dever mostrar-lhe as vantagens que ela teria, se, como parecia, o assunto de que falava o conde M*** fosse um pedido de casamento. "Deixemos logo Milão, minha querida mãe, disse; sabes que não quero casar, estou muito feliz ao teu lado!"

O domo de Milão, tão luxuosamente decorado com obras artísticas, brilhava duplamente em seu interior com uma profusão de luzes que realçavam a beleza da rica ornamentação de esculturas, que aí admiramos. Um elegante, porém pequeno grupo de

pessoas, já encontrava-se reunido quando o arquiduque Maximiliano entrou com sua mulher e sua corte, e o *Te Deum* começou. Eu já vira este casal em outros lugares, porém não tão perto, nem tão à vontade como agora. O arquiduque é um rapaz elegante cuja agradável fisionomia não revela nenhum traço da grande ambição, menos ainda da arrogância, que esperaríamos encontrar num irmão do usurpador desta região, encarregado de representá-lo. Sua atitude era mais a de um homem convencido da instabilidade do papel que representava aqui, do que de um governante consciente dos seus direitos.

Sua mulher, a neta de Luiz Filipe que víramos em Bruxelas antes que se tornasse austríaca, ao contrário, tinha o ar de acreditar-se mais em seu lugar do que o marido. Seus traços demonstravam energia e grande ambição, que estou certa, os milaneses, mesmo os menos cansados com o domínio do seu cunhado, não estavam dispostos a servir....

Contemplei-a em silêncio pensando: "o fim do seu velho avô não parece ter deixado nenhuma grande e salutar influência neste espírito, nem o nobre desinteresse que sua virtuosa avó, a velha rainha deposta mostrava em seus dias de prosperidade".

Ao sair do domo encontramos uma jovem senhora que conhecêramos na estrada de Bergamo a Milão, e que visitou os mesmos lugares que nós. É a mulher de um distinto artista e possui toda vivacidade e espírito de Bergamo, sua cidade natal.

Ela convidou-nos para visitar um hospital de mulheres loucas cuja diretora era parente sua.

Após assistir, como a um espetáculo, a representação do casal austríaco e de seu cortejo num templo da Itália, o espetáculo das infelizes privadas da razão não ficaria muito deslocado no nosso itinerário do dia. Aceitamos então o convite da graciosa lombarda, a Sra. J***, que desde nossa chegada em Milão nos visita todos os dias para demonstrar sua simpática afeição. Ao chegar na instituição nos mostraram o seu interior, que é muito bem cuidado, talvez para consolar um pouco o coração dos visitantes, que sentem-se sinceramente impressionados ao ver as infelizes que sofreram a morte da inteligência, antes da morte do corpo!

Fomos em seguida ao jardim onde as infelizes, cujo estado não forçava seus vigilantes condená-las à constante reclusão, passeavam sob a vigilância dos guardas. Aproximei-me de

uma delas que acabara de sentar, sozinha, em um pequeno caramanchão. Era uma bela mulher ainda jovem, pálida, despenteada, e com olhos negros, que conversava atentamente com um galho de árvore que tinha entre as mãos. Logo que cheguei ao seu lado levantou-se, olhou-me vagamente, e todo seu rosto foi tomado por uma expressão ao mesmo tempo assustadora e engraçada, que naqueles cuja chama da razão apagou-se inspira um sentimento misto de piedade e horror. *"Io t'amo tanto e tu mi tradice, crudele!" falou a jovem com um tom dilacerante, ah! torna... viene....Ma non, lasciami, non voglo più de te, va accanto ad essa ...io andero soletta alle notre nozze"*. E sorriu com um riso nervoso.

A dor de um amor traído destruiu a infeliz!

Sensibilizada com o deplorável estado da infeliz, fui ao encontro da senhora J*** para afastar-me do triste lugar. Enquanto caminhava uma outra mulher passou perto de mim, e perguntou porque não lhe trouxera a filha para que ela mesmo a conduzisse ao altar já preparado....Dessa vez, a imagem de uma infeliz amiga reclusa no hospício da *Praia Vermelha*, no Rio de Janeiro, surgiu vivamente em meu espírito, assim como a de sua única filha, nobre e corajosa criança cuja educação dirigi por algum tempo. Possa o germe vigoroso das virtudes que teu coração já guardava então ter se desenvolvido, ó digna filha! para amparar-te diante do golpe fatal com que fostes cruelmente atingida, depois que deixei nossas plagas natais, vendo tua pobre mãe entregue à mais terrível das doenças morais.!

As belezas de Milão muito teriam me interessado se antes não tivesse visto as de Roma, Nápoles, Florença e Veneza, com as quais elas não parecem nenhum pouco. Aqui não encontramos as ruínas antigas, nem o grande número de obras primas de arte que atraem a admiração nestas cidades, e em muitas outras da Itália. Pensaríamos estar numa cidade francesa se não escutássemos por toda parte a bela língua italiana.

Os gauleses, sob o comando de Bellovèse, que estabeleceram-se, como sabemos, em Milão e fundaram a Gália Cisalpina, parecem ter deixado uma marca tão forte que nem as antigas conquistas dos romanos que os expulsaram de todo o norte da Itália, nem as

mudanças sucessivas sofridas por esta cidade com as diversa potências que a dominaram, puderam apagar inteiramente.

Milão é uma das cidades italianas que mais sofreu com diferentes tipos de dominação. Desde os Ínsubres[1], aos Romanos, até os dias de hoje, os maiores flagelos a atingiram alternadamente.

Na Idade Média e nos tempos modernos elevou-se o nome do famoso Carlos Magno, que venceu os lombardos e anexou o reino aos seus Estados; de Othon, o Grande, cujo filho (OthonII) foi chamado o Sanguinário; dos papas e imperadores incentivando a guerra dos guelfos e gibelinos; de Frederico Barbarossa, este invencível invasor da Itália; dos Torrini, Visconti, de terrível memória; dos Sforza, More, Luís XII, Francisco I, Carlos V e tantos outros que encontraram a glória no sangue que a ambição ou a sede de crimes espalharam. Sob a República ou sob a Monarquia, sob duques ou imperadores, Milão sempre padeceu grandes males sem que seus opressores conseguissem apagar a santa chama que queima aqui, e por toda parte, no digno coração italiano.

Esperemos que em dia, não muito distante, a chama imortal volte a brilhar com todo seu esplendor na Itália rejuvenescida e feliz, afastando as dolorosas lembranças de 49 e de tantas outras lutas acirradas e inúteis, para que ela assim reconquiste seu nobre lugar entre as grandes nações do mundo[2].

Como imaginara, o conde M*** fez o pedido formal da mão de minha filha que recusou com a mesma calma com que, em Paris, recusara o pedido do barão E***, em outubro de 1851.A decepção do conde ao ver recusadas suas esperanças de felicidade que, segundo ele, o fariam amar a vida após as cruéis perdas que o atingiram, foi tão forte que pareceu-me exagerada. O encontro fortuito com uma jovem, que nunca lhe dirigiu um olhar complacente poderia suscitar em seu coração um impressão tão séria?

---

[1] Ínsubres, antigo povo da Gália Cisalpina

[2] Lembro ao leitor que este livro foi escrito antes que os grandes acontecimentos dos dois últimos anos conseguissem devolver a Itália à ela mesma, cumprindo os desejos dos verdadeiros italianos. (**N. da Autora**).

Porém, não estávamos em terras da Itália este país de vulcões, cujas erupções não esperam o cálculo dos geólogos para cair em torrentes ? Como os vulcões, na Itália, o amor e a amizade são muito espontâneos, muito vivos, muito entusiastas, assim como todos os outros sentimentos. O italiano sente, expressa, e entrega-se em menos tempo que o inglês levaria para refletir se deveria sentir.

São dois temperamentos, dois corações desenvolvidos e criados em meios tão diferentes, sob duas atmosferas tão diversas, e por isso não devemos julgar a verdadeira intensidade dos sentimentos de um e de outro. O italiano é todo chama; o inglês todo razão.

O amor não pode então exercer sua influência da mesma maneira em duas naturezas tão diferentes.

Feliz a mulher que encontrá-las reunidas no homem que ama!

29 de agosto

Dia de eterno luto para o meu coração. Há uma série de longos anos esta aurora sempre surge carregada de tristeza! Talvez pensem que é lamentar demais a morte prematura de um esposo, porém, sinto com toda minha alma que é muito cedo para esquecer um anjo, que só passou um momento na terra para espalhar na minha alma o encanto de uma felicidade, cujo segredo levou para o céu.

Deixávamos esta manhã, minha filha e eu, um recanto do domo onde fôramos recolher-nos por alguns instantes, isoladas, quando uma sombra apareceu perto de nós. Era o conde M***, que entrara no templo sem que o víssemos, e estava em recolhimento como nós. Ele lera meu livro *Conselhos à minha filha*[1], que escrevi também em italiano, publicado

---

[1] *Consigli a mi figlia*, Firenze, Stamp. Logg des Grana, 1858.Terceira edição do livro *Conselhos à minha filha*, cuja primeira edição, brasileira foi de 1842.Entre os livros de Nísia este foi o mais editado, e em sua viagem à Itália era uma espécie de "passaporte" para os meios intelectuais que freqüentava. Além das duas edições citadas existe uma segunda edição brasileira, de 1845, outra italiana, *Consigli a mia Figlia*, 2 Ed. Mandovi, 1859, e por fim uma edição em francês, *Conseils a ma fille*, Traduit de l'Italien par B. D. B, Florence, Impr. du Monnier, 1859.

em Florença há pouco tempo, e conhecia a tristeza desse dia para mim, e sem dúvida quis demonstrar com sua presença que seu coração sensibilizara-se com esta tristeza. Ele inclinou-se silencioso e melancólico ao passar junto de nós, e desapareceu por entre as colunas do templo.

A lembrança do meu filho querido, que neste dia sempre estava ao meu lado, com sua irmã, surgiu ainda mais forte ao meu espírito quando vi passar esse rapaz tão silencioso, e que parecia participar da dor que o triste aniversário lembrava. Fiquei sinceramente sensibilizada com este ato de piedade por parte de um pretendente sem sucesso.

Vi o que existe de mais interessante em Milão: hospitais, igrejas, palácios, teatros, museus e tudo o que merece ser conhecido na cidade. O Palácio das Ciências e das Artes, com a Biblioteca Ambrosiana, que possui manuscritos preciosos e cópias de autores antigos, é sem dúvida a maior curiosidade artística de Milão. As galerias de quadros e afrescos, uma parte deles transportados de conventos destruídos, contém preciosas obras de arte. Além do Museu e da Biblioteca, o Ginásio, a Escola de Belas Artes, o Observatório, e o Instituto de Ciências e Letras encontram-se reunidos neste grande edifício de imponentes pórticos.

O Palácio da Corte, que só conserva do velho palácio construído por um dos Visconti a pequena igreja restaurada dedicada à São Gotardo, oferece entre outras curiosidades o bonito salão das cariátides, e notáveis afrescos, alguns deles representando a apoteose do mais extraordinário ambicioso moderno, representado na figura de Júpiter sobre uma águia![1] As pinturas de Giotto que decoravam o velho palácio deram lugar a estas pretensiosas ficções!

Neste livro Nísia fala sobre o marido e seus últimos momentos antes de morrer (*Conselhos à minha filha,* 2.ed. Paula Brito, 1845, p.14): "N....meus filhos! Eis os últimos monossílabos que escaparam de seus moribundos lábios nesse fatal vinte e nove de Agosto, que diluiu até o alicerce o edifício de minha felicidade!..."

[1] Nísia refere-se ao afresco A Apoteose de Napoleão, de Appiani. Lembrança do período em que Napoleão fundou a República Cisalpina da qual Milão foi a capital.

Quanto às igrejas, além da soberba catedral, a velha basílica, fundada em 387 por Santo Ambrósio, de quem ela tem o nome, foi a que mais me interessou. Numerosos objetos lembram os primeiros tempos do Cristianismo, inscrições, baixo relevos, bustos, monumentos, e muitos outros fazem desta basílica um verdadeiro museu. Aí vemos o trono em mármore dos primeiros bispos de Milão, e uma coluna em pórfiro com uma serpente de bronze trazida de Constantinopla, que segundo uma crença popular trata-se do cajado de Moisés, *e deverá assobiar no fim do mundo*[1]. Por 5 francos nos mostraram a maior curiosidade desta igreja, o *paliotto*, isto é, a parte da frente do altar mestre, em ouro, maravilhoso trabalho do século nove.

Dizem que foi das portas desta basílica que Santo Ambrósio expulsou Teodósio após o massacre de Tessalônica. No nosso tempo os *assassinos* do povo não mais encontram Santo Ambrósio para detê-los diante das portas das igrejas onde vão exibir sua hipocrisia!

Foi também nesta igreja que Santo Agostinho perjurou seus erros.

Na falta de um antigo anfiteatro na cidade fomos ver a Arena moderna, construída durante a dominação francesa, em 1805.Um velho senhor, entusiasta de Napoleão, mostrou com teatral solenidade o lugar ocupado por *seu* grande homem, quando veio assistir uma competição, em 1807.

O Scala, o maior teatro da Itália, é um dos mais belos edifícios do gênero que vi. Assistimos, com a bela lombarda a senhora J***, a representação do *Trovatore*, que não foi melhor encenado que o *Mouro de Veneza* que vimos no teatro Fênix, em Veneza.

Aqui, como por toda parte, a maioria das construções modernas notáveis elevaram-se no lugar ocupado antigamente por algum edifício ou monumento com os quais não têm nenhuma semelhança. O magnífico teatro Scala substitui a Igreja de *Santa Maria della Scala*, construída pela mulher de Barnabo Visconti, da família dos Scala de Verona, com o piedoso fim de conseguir o perdão dos céus para os grandes crimes com que os Visconti o profanaram. Um dos papéis da mulher não deve ser o de orar, através de suas boas obras, ao Deus que os homens esquecem freqüentemente?

---

[1] Em Du Pays, op. cit. p.117: "na nave central fica a coluna de pórfiro com uma serpente em bronze que, segundo a crença popular, seria a que Moisés portava e que irá assobiar no dia do juízo final."

O Palácio das Ciências e das Artes, hoje aumentado, foi o Instituto da Ordem dos *Humildes*, que em toda sua humildade atentaram contra a vida de São Carlos Borromeo, quando ele quis reformar suas *desordens*. A ordem foi extinta e este edifício após ter sido ocupado pelos jesuítas, estes eternos diplomatas que os sucederam em 1572, foi destinado à nobre e útil finalidade que tem em nossos dias. No lugar do antigo mosteiro de Citeau fica o hospital militar, um dos belos edifícios de Milão.

Falarei um pouco sobre a profunda emoção que senti ao visitar o *Grande Hospital*, imenso edifício aumentado pela generosa doação de 3 milhões que lhe deixou o Dr. Machi, no final do século passado.

Visitava-o com o interesse que sempre despertam estas instituições, parando aqui e ali ao lado dos leitos dos doentes para dirigir-lhes uma palavra de consolo, palavra que os seres que sofrem sempre precisam, quando, ao entrar na grande enfermaria das crianças, que tinha um bom número de inocentes criaturas possuídas por sofrimentos que elas não merecem, observei um pobre grupo de pequenos seres cuja debilidade despertava piedade. Ao aproximar-me da enfermeira que tinha uma delas em seus braços, acariciei-a sensibilizada com a sua situação, pois acabara de perder a mãe neste mesmo hospital para onde viera muito doente. A infeliz criança sorriu como se fora um anjo prestes a desaparecer. Depois, erguendo suas pequenas e magras mãos ela pediu que a levasse comigo.

"Il poveretto non è avvezzo a sentire nessun parlargli tanto da madre come Lei fà, Signora" disse a enfermeira, e continuou falando sem que eu a escutasse, meu espírito vagava em outro hemisfério. Pensava nos pobres enfermos da enfermaria da *Conceição*[1], que as almas caridosas mantiveram no Rio de Janeiro na primeira epidemia de cólera, em 1855. Neste ano eu acabara de sofrer a perda da minha mãe bem amada, e na minha dor encontrava uma espécie de alívio correndo para perto dos infelizes atacados pela terrível epidemia para oferecer-lhes meus frágeis cuidados. Lá, ao lado dos seus leitos, parecia

---

[1] A enfermaria da Conceição ficava no Hospital Geral do Rio de Janeiro, na rua da Quitanda. Durante a epidemia de cólera, em 1855, foi dirigida pelo médico José Henrique de Medeiros, cunhado de Nísia. Nessa mesma enfermaria Nísia trabalhou voluntariamente na época da epidemia e recebeu um agradecimento público, publicado no Jornal do Commércio em 12 de novembro de 1855: "Agradecimento público à Nísia Floresta por serviços prestados na Enfermaria da Conceição por ocasião da epidemia de cólera. Ass. Joaquim Antonio Pereira". (Em Adauto Câmara, *História de Nísia Floresta*, 1941, p.58)

sempre perceber a sombra radiosa de bondade desta santa mãe, a quem muitas vezes eu acompanhara durante minha infância à casa dos pobres doentes nos arredores de *Floresta*, para perto dos quais ela discretamente acorria com toda a solicitude de sua alma piedosa e caridosa. Minha imaginação a representava satisfeita com minha atitude, que seria a sua, e continuei o trabalho com sincero fervor, durante todo o tempo em que persistiu o flagelo no Rio de Janeiro, em sua maior intensidade, sem obedecer aos temores diários de minha querida família, e dos amigos que temiam por minha vida, sem ouvir as mesquinhas argumentações daqueles cujo espírito nunca será capaz de entender o devotamento, sem um fim qualquer de interesse pessoal.

A infeliz criança no Grande Hospital de Milão, implorando para levá-la comigo, lembrou vivamente as crianças cuja sorte tanto me sensibilizara nos tempos da epidemia do Rio de Janeiro. A inocente imagem duma pobre pequena com sua mãe, uma portuguesa, moribunda na enfermaria da Conceição, surgiu ao meu espírito, pedindo ao meu coração para fazer pela infeliz pequena italiana o que fizera por ela, tomando-a em meus braços quando faltaram os cuidados de sua mãe, e conduzindo-a ao meu lar, numa noite tempestuosa. Porém, ai de mim!, os viajantes, como os peregrinos, não têm lar nos países distantes.

Deixei o Grande Hospital muito emocionada para conseguir apreciar a *Anunciação* de Guercino, que mostraram na pequena igreja que fica no meio do pátio. Menos sensível às belezas das obras de arte, apesar de minha admiração por elas, do que aos sofrimentos dos infelizes recolhidos nas instituições criadas pela caridade, onde nem sempre predomina a caridade, visitei neste mesmo dia, entre outros, o asilo Trivulzi fundado para os setuagenários dos dois sexos. A lembrança de um ilustre nome feminino está dignamente associado ao asilo. Foi nele que a célebre professora de matemática Gaetana Agnese[1] dedicou-se ao serviço dos enfermos nos últimos anos de sua vida, e aí morreu em 1799.

---

[1] Informação do guia. Em Du Pays, (op. cit. p.123): "O Asilo Trivulzzi: a famosa professora de matemática Gaetana Agnese, sobre a qual o presidente de Brosses fala com admiração, e que ele viu defender tese em latim e em diferentes línguas, aqui dedicou-se ao serviço dos doentes e morreu em 1799.",

No lago de Como _ Escrevo estas linhas cercada pelas belezas radiosas que este lago e suas margens oferecem aos olhos daqueles que nele passeiam, em navios a vapor ou em barcos. É um desses dias sem sol que eu tanto gostava nas margens do majestoso Janeiro, e no norte do meu Brasil, lá onde o céu é sempre límpido e o sol sempre quente, por isso dias assim espalham uma maravilhosa poesia em toda a natureza. Na Itália, nesta estação, estes dias também têm um grande encanto para mim.

Cenas magníficas sucedem-se ao meu redor, interrompo meus pensamentos para admirá-las.

Por volta de seis horas da manhã saímos de Milão. Deixando para trás a porta Comasina, e o arco de ordem dórica, encimado com as colossais figuras que representam os rios Pó, Ticino, Adda e Oglio, pegamos a estrada de ferro que nos levou em alguns minutos à estação de Monza, velha cidade célebre pela coroa de ferro guardada entre os tesouros da antiga catedral, fundada pela famosa Teolinda, rainha dos Lombardos. Munidas da necessária permissão pudemos ver a coroa histórica cuja origem é ignorada. Ela é feita de ouro com pedras preciosas, e no centro tem um círculo de ferro que dizem ter sido feito com um dos pregos usados no martírio de Cristo. É guardada como uma relíquia preciosa do tesouro de Monza. Charles V a usou para sua coroação em Bolonha; depois o maravilhoso ator do século XIX colocou-a ele mesmo em sua cabeça, por um momento[1].Deixando para trás Monza, com suas curiosas lembranças, chegamos a Como, cidade cuja fundação remonta, segundo Catão, há 300 anos antes da fundação de Roma. Glórias antigas e modernas por aí passaram e desapareceram, assim como os flagelos e lutas políticas de que ela foi vítima, sobretudo no século doze, e nada deixaram além de lembranças às quais vieram juntar-se tantas outras! Na fachada de sua catedral, uma das mais belas igrejas do norte da Itália, as estátuas dos dois Plínios, o mais jovem era natural de Como, assim como a bela estátua em mármore do grande físico Volta, na praça do mesmo nome, lembram três grandes glórias da região.

---

[1] Em 1805, durante a República Cisalpina, Napoleão pós a coroa de ferro na cabeça e disse: *"Dieu me l'a donnée, malheur à qui la touche."*- Foi Deus quem a deu-me, infeliz de quem tocá-la.

Uma multidão de passageiros apressava-se nas margens do lago, e alguns deles já começavam a subir no navio que os esperava para partir, quando chegamos e ocupamos nossos lugares. Havia a bordo muitos turistas, de ambos os sexos, que dirigiam-se para diferentes locais nas margens do lago onde o barco atraca para o embarque e desembarque de passageiros. Todos, homens e mulheres, pareciam distrair-se diante das gloriosas cenas da natureza que descortinavam-se ao nosso olhar à medida que o barco avançava.

Quanto a mim, mesmo entregue ao encanto das cenas, senti-me tomada de nostalgia, como sempre acontece, sobretudo diante de paisagens onde encontro alguma semelhança com aquelas que outrora encantavam-me em minha terra natal. Diante do barco que afastava-se das margens do Como, cortando rapidamente as águas do lago encravado entre altas montanhas e colinas verdejantes, meu espírito dirigiu-se para a imponente baía da Guanabara recoberta de oásis._ E perdi por alguns instantes a consciência dos lugares em que estava.

Quando o barco parou na primeira estação, o movimento de bordo e das pessoas que desciam trouxeram-me de volta à realidade.

_ É muito bonito, magnífico, falei a uma senhora que conversava com minha filha, admirando o soberbo panorama repleto de vistas pitorescas que descortinava-se aos nossos olhos. Porém, o que são essas belezas, essas magnificências, comparadas com a nossa baía do Rio de Janeiro, com as coquetes e sorridentes ilhas revestidas por eterna vegetação onde as altas palmeiras exibem, orgulhosas, suas cabeças empenachadas!

Fiquei olhando as belas paisagens das margens do lago Como, o espírito tomado pelas paisagens da minha região natal. Nada estraga tanto a beleza das cenas que vemos quanto sonhar com aquelas que nos impressionaram anteriormente. A comparação sempre diminui o encanto que usufruímos; portanto, é preciso nunca comparar e apreciar isoladamente as coisas, por elas mesmas.

Ao chegar em Cadenabbia, na parte mais agradável do lago, deixamos o barco a vapor e sua alegre sociedade, e tomamos um pequeno barco para visitar mais detidamente as margens do lago, e algumas de suas interessantes villas, começando por Sommariva, deliciosamente situada e guardando, entre outros objetos de arte, as estátuas de Canova e

baixo relevos de Thorwaldsen; depois, entre outras, as villas de Serbelloni, Melzi, esta última com suas pinturas e belos jardins; por fim descemos numa enseada melancólica onde fica a villa Pliniana. O tempo estava calmo, nenhum dos dois ventos que ás vezes agitam as águas do lago, assustando os navegadores, anunciava-se neste dia. Nossos barqueiros prenderam o barco à margem, e um deles trouxe o lanche composto por trutas do lago, queijos e frutas, que eu mandara preparar no hotel Brentani. Fizemos nosso lanche perto da célebre fonte intermitente descrita por Plínio, o jovem, e onde ainda hoje assistimos, como no seu tempo, ao fenômeno do aparecimento e desaparecimento periódico das águas.

As solitárias sombras dos sítios pitorescos agradaram-me infinitamente. Os antigos e modernos acontecimentos testemunhados por estas margens mostraram-se vivamente ao meu espírito, e distraíram meus pensamentos tão fortemente despertados pelo murmúrio das águas, e pela acariciante brisa que sopra nas margens do lago.

Na Itália, os viajantes nunca deveriam deixar de visitar os belos lagos do Norte, de percorrer lentamente suas margens encantadoras onde crescem plantas dos trópicos aos pés dos Alpes, coroados por eternas geleiras. Não é somente a beleza das villas, suas obras de arte e magníficos jardins, ou a beleza dos povoados, vilarejos e de muitos sítios, uns mais interessantes do que os outros do ponto de vista histórico, que encantam na excursão ao lago, é principalmente o grandioso conjunto de belezas naturais que acompanham as quase 6 léguas das duas margens, que mudam de aspecto, sem diminuir o interesse que inspiram durante todo o dia.

O sol que surgira com todo seu esplendor italiano acabara de se pôr, deixando o admirável e imenso cenário que olhávamos com um ar mais calmo e mais imponente!

A mais alta montanha da Lombardia, o monte Legnone, desenhava-se com toda sua majestade sob o resplandecente céu de um feérico pôr do sol, que ressaltava todas as belezas das margens do lago, em cujas águas o barco balançava, levado pelos barqueiros que redobraram o trabalho depois que os ardores do sol foram substituídos por uma doce aragem.

O dia logo nos deixaria e eu queria deixar o lago com ele, já percorrêramos todas as partes mais interessantes, parando aqui e ali nos lugares que chamavam nossa atenção, ou

que haviam sido indicados como os mais notáveis e dignos de serem visitados. Os bosques de laranjeiras de Varenna, um dos mais belos vilarejos das margens do lago, mostraram-se com o encanto particular que a visão destas árvores sempre despertam.

Estava de tal maneira distraída com os muitos pensamentos que tomavam conta de mim diante dos belos sítios, dos grandiosos quadros que cercam o lago, das águas docemente onduladas, com o barco deslizando, que mal prestava atenção ao relato de um dos barqueiros sobre um terrível acidente acontecido há poucos dias no local em que passávamos, perto de Dervio, onde o lago é mais profundo. "Era um senhor com três senhoras,_ dizia o barqueiro em sua rústica linguagem e com a simplicidade despreocupada de certas almas, que embora boas, não compreendem a desagradável impressão que pode suscitar um triste relato em ocasiões inoportunas _ dois dos nosso companheiros os conduzia, como vos conduzo agora, nesta parte do lago. Ao chegar aqui, continuou o bom homem mostrando o lugar onde estava o nosso barco, um grande golpe de vento levantou-se de repente, o barco virou, afundou e desapareceu para sempre com sua carga".

_"Escolhestes mal a ocasião para contar este terrível acidente aos viajantes que conduzis nesse lago, bom homem", eu disse.

Fiquei aliviada ao ver que minha filha não se assustara. Apenas lamentando a sorte das vítimas, nos dissemos com melancolia: "Eles teriam deixado nos seus países distantes uma família querida que ficou desolada ao saber do triste fim?"

Como pretendíamos visitar as outras cidades do norte da Itália, não prolongamos nossa excursão de Colico (onde retomamos o barco a vapor para voltar mais rápido a Como) até Lecco, pequena cidade industrial, em cujas cercanias Manzoni situou o cenário do seu romance *I Promessi Sposi*[1].Deixamos também de lado Brianza, bela e fértil região que é chamada de o jardim da Lombardia, com seus lagos, numerosas fontes de água, belas e muitas villas, doce temperatura, e a lembrança dos ilustres homens que ela criou: Cantú, Parini, Manzoni.

---

[1] Em Du Pays op. cit. p.137: "Lecco, foi em seus arredores, onde passou a juventude, que Manzoni situou as cenas do seu romance, *I Promessi Sposi;*"

Os tesouros de todos os tipos de belezas são tão repetidos na terra italiana que precisaríamos ficar muito tempo em cada lugar para melhor conhecê-los e apreciá-los. As grandes lembranças que estes tesouros evocam por toda parte, e até mesmo num pequeno canto de terreno de aparência insignificante, realçam infinitamente o encanto e interesse que tomam conta de nós ao percorremos atentamente a sedutora, esplêndida e esperamos poder dizer muito breve - livre Itália!

Ao voltar para Milão visitamos em seus arredores o vilarejo de Carignano, cuja igreja possui os admiráveis afrescos de Daniele Crespi onde encontra-se a assustadora figura do "condenado ressuscitando", que tanto impressionou Byron[1]. A lembrança de Petrarca é associada aos sítios próximos à Carignano para onde ele retirou-se. Pegamos em seguida o caminha de Pavia pelo belo canal de Naviglio. A navegação através de eclusas é curiosa. Descemos na margem de Certosa para onde conduz uma bela alameda. A bela senhora J** nos acompanhou até o porto, e nos despedimos como velhas amigas prometendo escrever-nos mutuamente. Ela conhecia o conde M*** e lamentou seu insucesso .Porque, disse, se o conde tivesse sido favoravelmente acolhido, ficaria feliz por nos ter em Milão. Porém, seu bom senso e sua própria experiência desculpavam minha filha por não querer unir seu destino a um homem por quem ela sentia estima, mas não sentia amor.

O pouco que vi na Cartuxa, apenas o que é permitido a uma mulher visitar na santa morada, foi o suficiente para ter uma idéia da grandeza e riqueza indescritível do imenso

---

[1] Em Du Pays, op. cit. p.125: " diante deste quadro Byron teve uma emoção que chegou ao horror"

Todos os lugares em que Byron viajou pela Itália tornaram-se lugares de peregrinação para os viajantes que o sucederam. Visitar o afresco de Daniele Crespi era também visitar a criação artística que emocionara o poeta inglês. Sobre a reação de Byron diante do afresco comentou André Maurois na biografia *Byron*, (RJ, Ed. Guanabara, 1935/270): "O Sr. de Beyle notou o efeito espantoso que produziu em Byron um quadro onde Daniel Crespi representou um frade fechado no caixão, no meio de uma igreja e que, enquanto lhe cantam em torno o ofício dos mortos, afastando de repente a mortalha, sai do sepulcro exclamando: "Fui condenado por um justo juiz!" Não foi possível arrancar Byron comovido até às lágrimas, da frente daquele quadro."

edifício que chamam de Mosteiro[1], onde tantos milhões foram empregados para embelezar a moradia suntuosa dos *humildes servidores de Cristo*.

No parque do mosteiro prenderam Francisco I após a batalha de Pavia. A seu pedido o conduziram à igreja do convento, onde rezou. Foi daqui que ele escreveu à Luísa de Savóia, sua mãe, as palavras que já foram tantas vezes repetidas: "Senhora, tudo está perdido, menos a honra".

Sob o peso de seus grandes crimes Jean Galéas Visconti, construtor do domo de Milão, fundou, em 1396, esse mosteiro, há 4 milhas de Pavia, onde nos instalamos no hotel *La Croce Bianca*.

Ao entrar em Pavia pensei num dos maiores exemplos do vandalismo francês perpetrado por Lautrec, que entregou esta cidade "ao saque durante sete dias para puni-la pela alegria que demonstrara durante o cativeiro de Francisco I".

Uma das mais antigas cidades da Itália, Pavia recomenda-se por suas grandes lembranças, e por suas infelicidades que continuaram a série sofrida por numerosas cidades da nobre península, onde todas as nações bárbaras e civilizadas vieram com absurdas pretensões, uma após outra, trazer o flagelo da guerra, e despojá-las, umas mais outras menos, dos seus tesouros inesgotáveis. A universidade, uma das mais antigas e outrora mais renomadas da Europa, é a instituição mais importante de Pavia. Cidade com uma triste aparência, às margens do Ticino, com pontes, edifícios, restos de suas numerosas torres, uma praça cercada por um grande pórtico, suas portas e lembranças históricas, Pavia ainda inspira um grande interesse. Nós chegamos no dia seguinte da festa de fechamento da universidade para as férias, durante as quais a cidade fica sem animação. Porém só assim pudemos visitar esta grande e bela instituição que tem um museu de história natural muito interessante, um grande e importante gabinete de anatomia, ao qual se liga a memória do seu fundador, o dr. Scarpa, além de um belo gabinete de física, rica biblioteca, e um jardim botânico. Nos muros dos pórticos do pátio vemos monumentos comemorativos dos antigos professores da universidade. Ao entrar no anfiteatro, onde são ministrados os cursos de

---

[1] A Cartuxa de Pavia é considerado um dos mosteiros mais suntuosos do mundo. Lamartine após visitá-lo em agosto de 1823 escreveu o poema *Improviso à la grande chartreuse.*

física, o gentil empregado que nos guiava, mostrando minuciosamente tudo o que existe de interessante na Instituição, indicou o lugar ocupado por Volta, que ensinou por muito tempo essa bela ciência. A bonita praça, o anfiteatro, e a estátua do célebre físico, levaram minhas idéias de Pavia para Paris, ao vasto anfiteatro das Artes e Ofícios, onde tantas vezes apreciei com meus dois filhos, as sábias lições do Sr. Pouillet[1], que sempre falava de Volta, demonstrando com sua voz eloqüente e simpática o grande desenvolvimento da simples pilha. Foi em Pavia, numa torre que não mais existe, que o grande escritor Boezio[2], nobre vítima da selvageria de Teodorico, compós seu Tratado das Consolações da Filosofia, que o imortalizou.

Triste com o domínio estrangeiro que ainda pesa sobre todas as cidades que visitei, ao invés de sentir a mesma tristeza em Modena e Parma para ver os Correggios, que vi em outros lugares, preferi ir respirar o ar livre do Piemonte.

Sentinela avançada da liberdade da Itália, este bravo pais, o único do seu grande solo que em nossos dias goza de um governo nacional, mantém-se com todo seu tesouro de coragem e crença patriótica esperando o momento de completar a grande obra já iniciada.

Tomamos então um carro em Pavia para conduzir-nos à estação de Casteggio, povoado que lembra Aníbal, que o reduziu à cinzas quando ainda era colônia romana. Foi perto daqui, em Montebello, que Lannes[3] resistiu ao ataque dos austríacos. Atravessando a grande ponte coberta sobre o Ticino, que é muito largo e bonito em Pavia, logo cruzamos a fronteira lombarda, passamos pelas formalidades da alfândega, e encontramo-nos em solo piemontês.

A alguma distância de Pavia atravessamos o Pó, no qual o Ticino tem sua embocadura, e continuamos através de uma magnífica estrada, entregando-nos à conversa íntima e séria de dois corações que sentem em uníssono, de dois espíritos que tão longe da

---

[1] Pouillet, Claude Servais Mathias (1791-1868)- físico francês, autor de *"Mémoire sur la pile de Volta et sur la loi générale d'intensité que suivent les courants"*, 1837.

[2] Boecio, Manlius Severinus Boethius (470-525), filósofo, estadista e poeta romano, ministro de Teodorico, e por ele condenado à morte em 525. Autor de *De la Consolation.*

[3] Lannes, Jean (1769-1809), oficial francês, um dos mais valorosos e destacados do exército de Napoleão, lutou bravamente em diferentes batalhas na Itália. Após destacar-se na batalha de Montebello(1800), contra os austríacos, recebeu o título de duque de Montebello.

terra natal alimentam-se com as queridas lembranças, e com os grandes feitos do passado da humanidade, do qual a Itália foi um dos maiores e mais surpreendentes palcos. As cidades, os vilarejos, os sítios que atravessamos, ou que deixamos de lado, exibem uma página mais ou menos heróica, mais ou menos notável de sua grande história, onde percebemos os sinais indestrutíveis do glorioso futuro que ainda lhe está reservado.

Os últimos raios do sol poente iluminavam a planície, onde o trem passava rapidamente, e o feérico quadro que a natureza exibia deixou-me momentaneamente sob um fluído magnético! De repente a voz de um piemontês soou aos meus ouvidos. Imaginando que era francesa, disse com entusiasmo "Senhora! aí está Marengo!" Marengo, repeti como despertando sobressaltada, e com um élan mais americano que francês, "sim eu vejo o campo de batalha, monumento que lembra uma grande glória francesa, a notável vitória contra os austríacos"[1].Vencedores e vencidos, usurpadores de uma terra que eles inundaram de sangue, disputando os direitos que a ambição e o despotismo sempre sabem criar entre os opressores da humanidade._ A Itália, ajudada por sua irmã livre, a terra do Piemonte, muito breve livrar-se-á daqueles que ainda a oprimem, falou o bravo piemontês, e seu olhar brilhou com a flâmula divina que os homens chamam liberdade, e que se propaga, se não com mais energia do que antigamente, ao menos com uma intensidade mais segura, em direção a todos os pontos da península, empurrando os corações dignos para a reconquista do seu lugar perdido.

Com uma firme convicção baseada em seus direitos, e mais ainda na força da sua tendência para a unidade nacional, bem caracterizada nos últimos tempos, os dignos italianos esperam constituir-se de tal maneira que nunca mais os povos estrangeiros possam vir disputar a divisão de suas províncias, pisoteando a honra nacional, herdada com os tesouros de arte, de bom gosto, e influência civilizadora com que este povo clássico libertou-se da dominação das nações bárbaras.

---

[1] Vitória de Napoleão contra os austríacos em 1800, no vilarejo de Marengo. A partir de então Turim voltou a ser dominação francesa até 1814.

TURIM.

Before me so successive visions pass'd.
Tchernaya's field I saw, that glorious field,
Where won their spurs or latter found allies,
Sardinia and her valiant Piedmontese.
In them we southly see a dawning rise
Italia's hope, through which, if she be wise,
Her classic soil, round run by classic seas,
Shal shake off stranger's tyrant-tread, and so
By steady increment shall ever grow
Her tree of liberty, till men shall know
The lovely thrall'd no more, but she shall be
Italia bella, Italy the free!

W.G.T Barter[1].

O viajante amigo da Itália, que ao visitar suas cidades sente-se triste diante do espetáculo da dominação que ainda pesa sobre elas, não poderá deixar de sentir alívio ao chegar na capital do Piemonte. As lembranças históricas que esta cidade desperta, sua política ditada de longa data por uma afeição sincera por suas infelizes irmãs italianas, o grande e constante pensamento dos príncipes de Savóia, que o desditoso Carlos Alberto em vão tentou realizar, e que seu bravo herdeiro deixou maturar para colher melhores frutos:

---

[1] William Barter, amigo inglês de Nísia, que a ele se referiu no livro *Fragments d'un ouvrage inédit*, Paris, 1878/22: "tive a inestimável consolação de receber as muitas cartas de minha querida família, que nosso melhor amigo de Londres, o venerável erudito William Barter recebeu enquanto Paris estava cercada pelo exército alemão.." (Tradução minha).

tudo isso veio ao meu espírito, e deu-me a certeza do nobre apoio deste país às idéias que ele vê brotar por toda parte nos espíritos cansados de sofrer.

Ao chegar em Turim senti o bem estar da atmosfera de liberdade da Sardenha sob a qual desenvolve-se e progride ativamente o trabalho de emancipação da Itália, mesmo contra toda a previsão dos seus opressores.

Como a águia vigilante planando nas alturas, o gênio da grande nação em sua decadência abriga-se nas encostas dos Alpes, ilustradas por uma nobre raça da qual surgiu a enérgica dinastia de Savóia, de onde saíram tantos príncipes notáveis, e ali espreita o dia favorável quando irá cobri-la com as suas protetoras asas.

Sem as características de outras cidades italianas, Turim agrada mais pela influência moral que foi chamada a exercer sobre os destinos do resto da península, do que por sua beleza material. É uma grande e populosa cidade, com o aspecto limpo e alegre, largas ruas simétricas cortando-se quase todas em ângulos à direita, um pouco monótonas, é verdade, porém muito animadas com a grande circulação de pessoas e carros. As largas e numerosas praças cercadas por belos edifícios, os belos passeios plantados com árvores em torno da cidade e substituindo por terraços as muralhas e os bastiões que foram destruídos, dão-lhe o aspecto de uma das mais belas cidades modernas da Europa. Agradavelmente situada quase aos pés dos Alpes, numa planície fértil irrigada pelos rios Pó e Dora, a capital do Piemonte, a antiga Taurasia saqueada por Aníbal, e onde Constantino travou a batalha decisiva contra Maxêncio, vitória prevista pelo _ *In hoc signo vinces* _ da aparição celeste, foi, após uma longa série de acontecimentos, tomada pelos franceses (1800), que a transformaram em centro administrativo do departamento do Pó, sob o *famoso* império francês. Sufocando no fundo do coração o amor da sua nacionalidade diante do célebre usurpador de tronos, o Piemonte ficou incorporado ao império até 1814. Por isso a sociedade de Turim, bem mais do que a de Milão, apresenta fisionomia francesa. Apesar do ardor de seus sentimentos nacionais, os modernos turinenses parecem identificar-se demais com certos hábitos dos intrusos que os dominaram, e cujas pretensões e destruições nesse solo datam de bem antes de Francisco I, que portando o título de defensor das belas artes mandou destruir os

monumentos que até mesmo os bárbaros respeitaram, arruinou o anfiteatro, e incendiou os subúrbios.

Os Estados do rei da Sardenha cresceram muito depois das acirradas guerras que o Piemonte sustentou contra o brilhante déspota Luís XIV, e mostram em nossos dias, pela reunião de povos e países diversos que o formam, contrastes muito curiosos de costumes assim como de solo.

A designação de Estados da Sardenha, como as de Estado de Nápoles, da Toscana, Estados Lombardo-Venezianos, etc.., soam mal aos meus ouvidos e me entristecem desde que vivo na Itália, e que vejo de perto as funestas conseqüências da divisão de um mesmo povo[1].

Como todos os corações amigos da liberdade dos povos prefiro imaginar a querida Itália surgindo gloriosa de sua morte aparente, e unindo sob um só nome, tão grande e tão magnético, todos aqueles com que ainda hoje designam-se as partes politicamente separadas do grande todo, a quem o mundo moderno deve suas melhores inspirações.

Turim possui belos palácios, interessantes museus, entre eles o museu do Egito, o mais rico e mais bonito que existe na Europa, com importantes aquisições feitas por Carlos Félix; instituições de ciência, de letras e de caridade em grande número, assim como mais de uma centena de igrejas, quase todas decoradas com mármores. Entre elas a catedral de São João

---

[1] No início da viagem de Nísia, março de 1858, a Itália dividia-se em 3 estados: o Piemonte, os Estados da Igreja e o Reino das Duas Sicílias (Nápoles e Sicília). Em tres principados : Toscana, Parma e Modena. E pertenciam à Áustria a Lombardia e os Estados Venezianos. No período de 1849 a 1859 a Áustria foi toda poderosa na península, em Modena e Florença, onde reinavam os arquiduques austríacos, em Parma, com Charles VIII, de Bourbon; em Nápoles, com Ferdiando II. Por meio de tratados particulares, feitos com os pequenos principados da Itália central, os austríacos arrogavam-se o direito de intervir pela força em caso de revolta da população, e ocupar estas regiões em caso de guerra, com o argumento de defesa avançada de suas próprias posições.

Em 1864, quando Nísia publicou o primeiro volume do seu livro, a situação já estava completamente diferente. Em 1859 explodiu o conflito entre o Piemonte e a Áustria (sobre o qual ela irá falar nos próximos capítulos), a França aliou-se ao Piemonte. Após a derrota nas batalhas de Magenta (4 de junho) e Marignan (8 de junho) a Áustria abandonou a Lombardia, assinou o tratado de Villafranca cedendo a Lombardia à França, mas mantendo Veneza, o Tirol, a Toscana , os estados de Parma e Modena.

Reunidos em assembléia, em setembro de 1859, Florença, Parma, Modena e Bolonha votaram pela anexação(decretada em 22 de maio de 1860) ao reino da Sardenha. Em maio de 1860 Garibaldi entrou com seus voluntários em Palermo, na Sicília, e em setembro entrou em Nápoles, como vencedor, entregando em

Batista, e a notável capela do Santo Sudário que com ela se comunica. Podemos considerá-la uma igreja à parte. Ela forma uma rotunda muito alta, cercada por colunas de belo mármore polido com bases e capitéis em bronze dourado. Uma das mais singulares construções que vi na Itália é a cúpula onde termina esta rotunda, composta por várias abóbadas em mármore, com aberturas que de dia deixam ver no cimo do edifício uma coroa de mármore em forma de estrela, que repousa sobre seus raios, mas parece suspensa no ar. Sobre o grande altar em mármore preto, cheio de enfeites, fica um relicário em prata, coberto com um vidro e enriquecido com ouro e pedras preciosas. Este relicário guarda o Santo Sudário, que dizem foi comprado na Terra Santa "durante as cruzadas, por Godofredo, da casa de Charni, em Champagne, e doado à sua filha Marguerite, casada com um senhor de Villares, gentil homem de Amadeu I, duque de Savóia[1]".Uma história curiosa associa-se à a relíquia. Quando ia para Chambery, ao encontro de Luís da França e de seu esposo, Marguerite foi atacada por um bando de ladrões que dominaram seus guardas e roubaram sua bagagem. A relíquia estava numa caixa de prata e logo que os ladrões a pegaram ficaram tão aterrorizados, que não só permitiram que a princesa continuasse a viagem, como lhe devolveram tudo o que haviam roubado. O rei e a rainha desejaram a relíquia, porém Marguerite recusou, pois não queria separar-se dela. No entanto, quando quis prosseguir seu caminho ninguém conseguiu fazer com que as mulas que carregavam o tesouro sagrado andassem. Interpretando o acontecido como um sinal da vontade celeste, Marguerite deixou o tesouro em Chambery. Ele foi colocado em uma igreja, que mais tarde foi completamente destruída por um incêndio, porém a relíquia foi encontrada intacta. Tudo isso foi narrado e escrito em resposta a Calvino que negou a autenticidade da relíquia. Outras igrejas, como São Pedro, em Roma, alegam possuir o Santo Sudário, assim não sabemos quem realmente possui o verdadeiro.

Duas escadas de mármore conduzem à capela cujo piso é também em mármore, azulado, incrustado com estrelas em bronze dourado. A capela é toda revestida em mármore

---

seguida o reino das Duas Sicília ao comando de Vittorio Emmanuele. Em 1864 apenas Roma e Veneza não faziam parte do reino da Itália.

[1] Ver em Du Pays, op. cit. p54, onde consta esta citação e a história do relicário narrada por Nísia.

negro, e um arco sustentado por enormes colunas fica na entrada. Este relicário, seus ornamentos, estátuas, todo o conjunto imponente e triste ao mesmo tempo, dá à capela um aspecto dos mais singulares. Nela estão os quatro monumentos erigidos por Carlos Alberto em memória aos quatro famosos príncipes da casa de Savóia, entre eles, Amadeu VIII, o notável príncipe guerreiro, que foi monge e papa (Félix V) sem deixar de ser um grande político.

O palácio do rei, cujo exterior não mostra nada de notável, é um grande edifício com apartamentos ricamente decorados, magníficas coleções de jarros do Japão e da China, pinturas de batalhas, feitas por d'Azeglio e outros artistas piemonteses, trabalhos de escultura, e uma rica e importante biblioteca. Entre os quadros há um notável na sala da guarda suíça, pintado por Palma, o velho, representando a batalha de Saint Quentin, tão desastrosa para a França.

Uma estátua eqüestre de Victor Amadeu I, em bronze e mármore, fica no primeiro patamar da grande escada de honra. No Museu Real das Armaduras vimos, entre outros objetos curiosos, a armadura de Emmanuel Philibert, a couraça, as pistolas, a espada do bravo príncipe Eugênio, e outras armaduras que pertenceram a diferentes príncipes da casa de Savóia, assim como um escudo admiravelmente trabalhado atribuído a Benvenuto Cellini. O palácio dos duques de Savóia comunica-se com o precedente por uma galeria. O palácio Madame, assim chamado depois que a duquesa de Nemours, mãe de Carlos Emmanuel II aí esteve por algum tempo, depois de ser residência dos duques de Savóia, é hoje sede do Senado. Carlos Alberto consagrou alguns dos apartamentos deste palácio à exposição pública da galeria real de quadros. O velho e nobre edifício é guardado por torres, tem muitos baixo - relevos, estátuas, ornamentos e troféus. A grande escadaria é uma das mais bonitas que vi na Itália. O Observatório, construído por Vittorio Emmanuele quando retornou a estes Estados, fica acima do palácio. A galeria de pintura possui obras dos grandes mestres: Rafael, Júlio Romano, Tiziano, Guido, Guercino, Teniers, Holbein, Correggio, Veronese, e muitos outros. O grande palácio Carignano é ocupado pela Câmara

dos Deputados[1].O edifício da Universidade é cercado por um bonito pórtico. Sua grande e importante biblioteca ocupa as salas superiores.

A universidade é freqüentada por cerca de 2000 estudantes, tem 60 cátedras, entre elas as de medicina e cirurgia, filosofia, eloqüência, teologia, jurisprudência, ciências físicas e matemáticas. Gabinetes de anatomia e patologia, laboratório de química, um jardim botânico, um gabinete de física. Nada falta ao estudo das ciências, de que eu não imaginava fosse Turim tão bem dotada, antes de visitar suas instituições científicas. A Academia de Belas Artes possui interessantes pinturas, como também diferentes galerias particulares: a do conde Bertalozzone, da marquesa Falletti, do príncipe de Cisterna, do advogado Gattino etc, que guardam quadros de mestres famosos. Uma de nossas primeiras visitas em Turim foi ao palácio de Tasso, residência particular, onde encontramos a seguinte inscrição:

"Torquato Tasso nel cadere dell Ano MDLXXVII abito questo casa per pochi mesi e la consacro per tutti i secolo"

O palácio Valentim, grande castelo situado às margens do rio, e no final de uma grande e bela avenida, oferece um passeio agradável nesta estação. O aspecto solitário da residência contrasta com a lembrança da festa organizada pela filha de Henrique IV, e da infeliz Maria de Médicis, Christine, mulher de Victor Amadeu I. Foi depois da festa, realizada no dia de São Valentim, onde cada cavalheiro da corte tinha o privilégio de cortejar sua dama, e onde cada dama podia chamar de Valentim o cavalheiro que a

---

[1] Na hora em que publico este segundo volume é a bela Florença que sedia as duas câmaras. (**Nota da Autora**).

A nota de Nísia é interessante para esclarecer sobre a data de publicação deste segundo volume do seu livro, fixada pelos biógrafos da escritora em 1872. Adauto Câmara (1941) e mais recentemente Constância Lima Duarte(1995) atribuem esta data a partir da nota sobre Nísia publicada no jornal *O Novo Mundo*, de 23-5-1872, vol II, n 20. p.133: "Há poucos meses noticiamos o aparecimento em Paris, de um volume de viagens, escrito em francês, por uma brasileira, e cuidamos que era autora deste trabalho a mesma senhora que escrevera recentemente uma Cartas da Itália. Vimos, desde então a nova publicação: é ela o segundo volume de Trois Ans en Italie, publicado há oito anos em Paris e cuja autora é assaz conhecida sra. Dona Nísia Floresta Brasileira Augusta."

A nota de Nísia deixa dúvidas quanto ao ano de 1872 quando afirma que ao publicar este segundo volume "Florença sediava as duas câmaras". Florença tornou-se capital da Itália unificada em 1864. Em 1870 as tropas italianas tomaram Roma e a proclamaram capital do Reino. Neste caso, se a data de publicação fosse 1872, Roma e não Florença sediaria as câmaras.

Este volume teria sido publicado entre os anos de 1865 e 1870?(Nota da Tradutora)

acompanhava (exceto os maridos que neste dia foram proibidos de acompanhar suas mulheres), que este castelo ganhou o nome que ainda hoje mantém. Turim possui todas as instituições e todas as vantagens de uma grande capital. Seus teatros são numerosos, porém muito mais do que estes, a prestigiam suas numerosas instituições de caridade.

Deixemos a cidade para falar dos seus arredores. Nada é tão pitoresco quanto a graciosa cadeia que chamam colinas de Torino, onde entre outras curiosidades naturais e artísticas visitamos os Vinhedos da Rainha, antiga residência do cardeal, o príncipe Maurício de Savóia que casou com sua sobrinha, filha de Amadeu I; e a Superga, magnífico templo, ou melhor mausoléu da família real do Piemonte. Esta igreja foi construída para cumprir uma promessa feita a Deus por Victor Amadeu, quando Turim foi ameaçada por Filipe d'Orléans, em 1706.Dizem que neste lugar o rei e o príncipe Eugênio pararam para fazer o plano de batalha com o qual terminou o cerco, e o Piemonte foi tomado das mãos dos franceses.

As galerias subterrâneas guardam os túmulos dos reis da Sardenha. Alguns túmulos são notáveis, entre outros o de Victor Amadeu II, mas só um atraiu minha atenção e despertou tristeza, o de Carlos Alberto. A presença dos restos mortais do nobre que viveu exilado nas margens do Douro, a lembrança de suas últimas e infelizes lutas em solo italiano, que a Providência não o destinou a libertar, enfim a de sua morte em terra estrangeira, terra encantadora e hospitaleira, longe do seu filho e da pátria que amou, e para a qual não conseguiu dirigir seu último olhar, subjugaram o meu espírito por alguns instantes e deixaram-no em profunda meditação. .... "Ah ! gritei ao contemplar o túmulo que guarda tão eloqüente lição para a Itália, possa aquele cujo piedoso dever filial o trouxe para repousar entre os túmulos dos seus ancestrais compreender e cumprir melhor sua grande missão! que ele possa fazer desaparecer, muito breve, as terríveis calamidades que a fatal jornada de Novara fez de novo cair sobre o povo italiano".

Deixamos os montes de Turim com a magnífica vista que eles oferecem da planície e dos Alpes.Ficaram para trás sítios radiantes, belas casas de campo, a notável Superga com todas sua magnificência real, e atravessando outra vez a bela ponte sobre o Pó voltamos ao *Hotel de Londres*, onde alguns instantes depois recebemos a visita do nosso estimado

patrício, o Sr. V. de L*** cônsul do Brasil em Turim. Com a amável sinceridade que o caracteriza, manifestou pesar por sua família encontrar-se no campo, longe de Turim, e por isso eu deixaria a cidade sem que ele tivesse o prazer de apresentá-la. Conversamos muito tempo sobre a nossa bem amada pátria, e foi mais um encanto oferecido pela companhia do digno diplomata, cujas gentilezas, embora recusadas, merecem reconhecimento e estima.

Novas cartas do meu amado filho, e de toda minha família, vieram de além Atlântico para reavivar mais ainda em meu espírito, se isso fora possível, a constante miragem que o segue por toda parte, e aliviar um pouco a *saudade* que me tortura, mesmo entre os esplendores de arte e natureza da boa Itália!

Região magnética onde tudo me encanta, onde sinto-me voltar aos primeiros dias da juventude, não mais com seus sonhos, e sim com todo vigor para percorrer-te de um lado a outro e admirar teus tesouros aproveitando a influência do teu clima doce, abençôo-te! No entanto, por mais fortes que sejam teus atrativos, eles não poderão prender meu espírito enquanto os entes amados, cuja ausência lamento, não estiverem ao meu lado para comigo apreciá-los.

Mesmo que a cidade de Turim não possua a mágica atração de Veneza, a fonte inesgotável de estudo do mundo que Roma oferece, a extraordinária gentileza e inteligência superior de Florença, nem os grandes tesouros de arte das três irmãs, ela destaca-se por seu espírito de liberdade, e a lembrança de suas gloriosas lutas para preservar a independência nacional dos naufrágios em que pouco a pouco todas as outras cidades da Itália perderam as suas.

A lembrança de uma história que muito impressionou minha imaginação infantil inspirou-me o desejo de fazer a excursão de Pinerolo, distante 10 minutos de Turim por estrada de ferro. Não foi para ver o agradável vilarejo de Pinerolo, com cerca de 15.000 habitantes, nem os afrescos dos irmãos Pozzi em sua catedral, que atravessamos a região destes Estados que mais relembram as guerras e destruições causadas por Luiz IV ao Piemonte, do qual sua orgulhosa ambição tentou apropriar-se antes que uma outra mais dura e mais tirana viesse cair sobre eles. As obras de arte, a beleza dos sítios, e a lembrança dos déspotas estrangeiros que invadiram antes e depois daqueles tempos, e dos que ainda

governam, estão por toda parte. E eu apenas quis ver o lugar em que antigamente ficava a fortaleza construída pelos franceses, e destruída em 1696 quando eles deixaram a cidade. A misteriosa vítima da política francesa conhecida sob o nome de Máscara de Ferro, o infeliz e desconhecido personagem (que mesmo o poderoso ministro de Luís IV tratou com grande deferência), condenado a um suplício tão estranho quanto cruel até o último dia de sua vida, terminada na Bastilha para onde foi levado da ilha de Santa Marguerite; o ilustre prisioneiro, repito, cujo rosto esconderam tão cuidadosamente para talvez esconder um enorme crime do tirano que o manteve assim sem ousar destruí-lo, ficou preso nesta fortaleza[1]. Fouquet e Lauzin encontraram-se em suas desgraças entre os muros da mesma fortaleza onde ficaram prisioneiros. Porém, nem a lembrança do vaidoso ministro cujos luxos fizeram sombra ao grande rei, e cuja dilapidação das finanças tão severamente punida foi bem inferior àquela que fez o cardeal Mazarini, nem a lembrança do ridículo cortesão que a neta de Henrique IV teve a infelicidade de escolher entre tantos outros superiores a ele, inspiraram meu interesse diante dos fracos vestígios que marcam o lugar da fortaleza sobre a montanha que domina a

---

[1] Há pouco tempo, um distinto escritor, Marius Topin, num longo e lúcido estudo, premiado pela Academia, após ter revisto todas as pessoas supostas de terem sido o Máscara de Ferro, resolveu a questão em favor de Mattioli (**Nota da Autora**).

O verbete sobre o Máscara de Ferro, do *Grand Dictionnaire Universel du XIX Siècle*, de Pierre Larousse, 1876, explica que a procura da verdadeira identidade do Máscara de Ferro era um problema que despertava a curiosidade pública e por isso surgiam de tempos em tempos muitas publicações sobre o assunto, entre elas a série de artigos publicados pelo jornalista Marius Topins(1838-?), em 1868, na revista *Correspondance*, publicados em volume com o título *L'Homme au Masque de Fer*, 1868. O livro em que escritor dizia ter resolvido o problema histórico fez muito sucesso, e nele Topin defendeu a hipótese de que o máscara de ferro seria o italiano Mattioli, agente do duque de Mântua.

No prefácio de *O Máscara de Ferro* Dumas nega a afirmação dos historiadores de que o prisioneiro seria Mattioli (*O Máscara de Ferro*, Edições Melhoramentos,1967/5): "Ainda que muitos historiadores afirmem que o Máscara de Ferro foi o conde Mattioli, diplomata italiano caído no desagrado do rei, e outros digam que foi Fouquet, o superintendente, ou mesmo o patriarca armênio Avelick, além de muitos outros nomes, as "Memórias"do duque de Richelieu, publicadas em 1790, são uma confirmação dos fatos que vamos narrar."

Recordando nossas leituras infantis, lembro que no romance de Dumas o Máscara de Ferro é o irmão gêmeo do rei Luis XIV.

A referência de Nísia ao livro de Topin é mais um dado sobre a possível data de publicação deste segundo volume. Observe-se que o livro que ela cita é de 1868, neste caso este segundo volume teria sido publicado em 1868 ou 1869, já que Nísia diz que o livro de Topin foi publicado há pouco tempo?(Nota da tradutora)

cidade de Pinerolo. A memória dos dois seres marcados de maneira diferente não merecem a simpatia que senti pela memória da infeliz vítima misteriosa, o Máscara de Ferro.

Uma população de cerca de 20.000 habitantes, livre da ortodoxia romana que predomina na Itália, vive nos vales próximos a Pinerolo, Lucerna, Perosa, San Martino e Clusone, em comunidades. São os Vaudois "célebres na história pelas perseguições que sofreram e pela antiguidade do seu cristianismo puro, que precedeu em 4 séculos a Reforma"[1] O exemplo dos Vaudois será um dia seguido por outras populações da Itália? O catolicismo tal como se tornou após os três primeiros séculos de grandeza do cristianismo dominará sempre o povo italiano? São duas questões que ninguém pode responder, mesmo testemunhando a surda agitação dos espíritos encolerizados sob a opressão de um poder, que sempre foi um dos maiores obstáculos ao seu desenvolvimento. Tudo o que ouvi dizer na Itália, por pessoas de todas as classes, sobre a necessária reforma da Igreja e separação dos dois poderes, faz-me acreditar que o livre pensamento religioso não está muito longe de triunfar.

Se um dia este triunfo consolidar-se na querida terra italiana, que ela possa desenvolver sabiamente os grandes elementos do progresso que possui, e que obstáculos considerados invencíveis paralisaram durante tantos séculos!

---

[1] Vaudois, seita religiosa do século XVI, célebre pela pureza dos costumes. O nome vem de Pierre de Valdo ou de Vaux, de Lyon, líder da comunidade. Os vaudois começaram a reunir-se na França, perto de Avignon, em 1245.Massacrados por ordem do papa ressurgiram ao longo dos séculos em diferentes lugares da França e Itália, sempre vítimas de terríveis perseguições. Precursores de Calvino, os vaudois interpretaram livremente o Evangelho, rejeitaram as indulgências, festas e invocação dos santos, o culto da cruz, imagens e relíquias, e sacramentos católicos. Na época da viagem de Nísia seguidores dos vaudois ocupavam os vales dos Alpes ao lado de Pignerol e mantinham um templo em Turim. Segundo recenseamento sobre religião, em 1868, publicado no verbete sobre a Itália do *Grand Dictionnaire Universel du XIX Siècle, Larousse*, 24.117.865 italianos eram católicos e havia 32.992 praticantes de seitas protestantes e vaudois.

O Lago Maior e as Ilhas Borromeas

"Elas parecem ser a realização de tudo o que a mitologia fala sobre os jardins de Armida e Circe".[1]

Desejais ver a realidade de um desses sonhos fantásticos em que, cercado pelas mais feéricas cenas da natureza, vosso espírito procura distinguir entre as vagas e vaporosas imagens aquela que deves apreender? Peguem o barco às margens do lago Maior numa bela manhã de sol, e percorram o lago, as ilhas que de longe parecem quatro enormes buquês diferentemente arranjados, e descendo naquela que chamam com justa razão de *Isola Bella* embrenhai-vos nos seus magníficos jardins, nos perfumados bosques, onde as extraordinárias plantas tropicais compensam com sua vicejante floração a graça mirrada das plantas do norte. Passeiem nos terraços que formam este Éden criado pelos esforços de um dos Borromeos, e que demostram como a arte pode vencer a natureza, transformando um lugar que era antes um árido rochedo. Mergulhem o olhar na vasta e esplêndida massa de água transparente cujas margens perdem-se ao longe na tinta azulada da atmosfera, acima

---

[1] Nísia cita literalmente Du Pays, (op.cit.p.131), que por sua vez está citando Valery.

Visita obrigatória para os viajantes no Norte da Itália, as ilhas Borromeas têm o nome da família a quem pertencia o conjunto de quatro pequenas ilhas situadas no lago Maior. Eram formadas apenas por rochedos até 1670 quando o conde Vitalino Borromeo teve a idéia de transformá-las em jardins de lazer. Entre as quatro, Isolino, Isola Madre (povoada por faisões), Isola Pescatori, a Isola Bella atrai a atenção dos viajantes pela beleza dos seus jardins em terraços.

Alexandre Dumas escreveu sobre as ilhas (*Impressions de voyage*, 1834, cit. em *Italies* p.294); "A medida em que nos aproximamos da Isola Bella vemos sair da água seus 10 terraços sobrepostos uns sobre os outros, mesmo que não seja a mais bela das ilhas do pequeno arquipélago, é pelo menos a mais curiosa: tudo aí é entalhado, mármore e bronze, no estilo de Luis XIV...."(Tradução minha).

O escritor francês E. Quinet descreveu as ilhas (*Allemagne et Italie*, 1832, cit. em *Italies*.p.291): "As pequenas ilhas Borromeas parecem uma criação de Ariosto. Elas têm a mesma graça que as criações de *Orlando Furioso*, com qualquer coisa de mais selvagem. (...) Nestas ilhas liliputianas a natureza suplantou-se, sentada aos pés dos Alpes ela sorri como uma poderosa Armida olhando estas fantásticas paragens".(idem)

da qual desenham-se as cristas imponentes das montanhas alpinas, e as muitas pequenas cidades que cercam o lago.

A isola Bella é sem dúvida uma dessas jóias de arte e natureza que encantam o olhar e derramam na alma uma espécie de fluido magnético, cuja força secreta sentis sem saber defini-la! Seus canteiros plantados com as mais suaves flores, sebes, caramanchões de limoeiros e jasmins, misteriosos nichos; terraços perfumados por laranjeiras em flor, em cujos ângulos erguem-se em pedestais obeliscos e estátuas; suas fontes, o grande subterrâneo tão interessante pelo tipo de mosaico e de outras pedras com diferentes cores que cobrem o piso e a abóbada; os bosques de louros, de romãs e de tantas outras preciosas plantas; o singular conjunto de diferentes magnificências; o lago, o imenso panorama ao mesmo tempo pitoresco, sério, e alegre; a calma da natureza no meio dos seus mais procurados tesouros; a atmosfera impregnada de perfumes, sombras deliciosas refrescadas pela brisa que sopra suavemente através das folhagens, que criam com o gorjeio dos pássaros a mais poética harmonia: enfim, todo o conjunto de belezas extraordinárias, o radiante oásis que delicia tantos viajantes, está acima de qualquer descrição. No entanto, como tudo que tem valor não fica imune às censuras, há alguns viajantes, muito exigentes sem dúvida, que falam com desdém da organização dos jardins, cuja elegância, única, os desagrada. Não me deterei nas suas análises minuciosas, e compartilho plenamente a opinião daqueles que sabem admirar o conjunto de grande beleza sem descer aos pequenos detalhes. "Tantas riquezas naturais, disse Roland de la Platière[1], tantas nuanças e variedades unidas à arte, dentro do quadro grande e imponente que mostra-se ao longe e diante de toda a extensão do lago Maior, animado pela navegação e pela pesca, a transparência das águas soberbas e de suas encantadoras margens, fazem desse lugar um recanto encantador, etc.."

Nos aposentos do palácio existem muitos quadros de mestres, de Luca Giordano, Tiziano e outros, assim como diversas paisagens do Senhor Tempesta, depravado miserável

---

[1] Jean Marie Roland de la Platière (1734-1793).Ministro do interior da França em 1792, demissionário em 1793 se refugiou na Normandia fugindo da ditadura jacobina e aí se suicidou. Em 1765 era inspetor de manufaturas e foi enviado pelo governo à Itália. A viagem deu origem às *Lettres écrites de Suisse, de Italie, de Sicile et de Malte*, Amsterdam,1780, livro de onde Nísia deve ter retirado a citação. É uma das raras vezes em que Nísia não recorreu ao guia de Du Pays para compor a descrição ou história dos lugares, monumentos e obras de arte que visitou.

que assassinou sua mulher para casar com outra[1]. Porém, o que ainda não víramos até agora em nenhum outro lugar da Itália, fora a riqueza de objetos formados por grande quantidade de conchas, de todos os tipos, extraídas das profundezas das águas, e por pedras, algumas em mica, imitando ouro e prata, e uma variedade imensa de diferentes criações feitas por uma fantástica imaginação, que enfeitam o térreo do palácio, exibindo uma seqüência de grutas em cascalho e mosaico muito curiosas. Depois do jardim, estas grutas chamaram minha atenção mais do que as belas pinturas do palácio, onde, ao visitá-lo, os admiradores do mais famoso déspota do nosso século recriam a lembrança dos dias em que ele aí esteve, antes da batalha de Marengo[2].

A Isola Madre, maior e mais pitoresca do que a isola Bella, porém menos cuidada, fica à uma milha dela, e tem um aspecto encantador com seus grandes jardins cheios de laranjeiras, limoeiros, seus quatro terraços, a fresca vegetação por entre a qual faisões e outros pássaros passeiam em liberdade. Aí sentimos a poética solidão desejada pelas almas sensíveis que suspiram longe do ninho natal, e que gostam de sonhar, Milton na mão[3], até que o fim das ilusões venha roubar-lhes a última esperança que acalentam.

O Lago Maior com seus encantadores oásis, graciosas margens com pequenas cidades e villas entre elas Belgirata, residência de Manzoni; Arona com seu colosso, e as ruínas do castelo senhorial de Charles Borromeo, tudo isso cercado por verdejantes montanhas, acima das quais erguem-se os majestosos picos dos Alpes, é o último e grande quadro da vigorosa

---

[1] Trata-se do pintor Pieter Mulier (1637-1701), foi chamado "Il Cavalier Tempesta" por conta de suas muitas paisagens de tempestades marinhas.

Nísia repetiu comentário de Du Pays (op. cit. p. 132), sobre o assassinato da mulher de Tempesta: "Os aposentos do palácio têm quadros de Luca Giordano, Poccacin, Schidon, Tiziano, Le Brum, e muitas paisagens do "*cavalier Tempesta*", que escondeu-se nesta ilha após assassinar sua mulher para casar-se com uma mulher mais bela..."

[2] Napoleão Bonaparte passou os dois dias que antecederam a batalha de Marengo (1800), no castelo de Isola Bella. Segundo contam ele teria gravado a palavra "vitória" numa das árvores do bosque do castelo.

Alexandre Dumas (em *Italies* op. cit. p. 295) comentou a passagem de Napoleão na ilha: "Uma das árvores deste bosque é histórica: um magnífico loureiro, largo como uma corpo e com 60 pés de altura. Três dias antes da batalha de Marengo uma homem jantou sob suas folhagens e escreveu a palavra vitória, que era então o lema deste homem que chamava-se apenas Bonaparte.."(Tradução minha).

[3] John Milton (1608-1674) - Leitura do *Paraíso Perdido?* Ou talvez dos poemas de Milton sobre a paisagem inglesa, "L'Allegro" e "Il Penseroso"?.

e poética natureza da Itália que mostra-se àqueles que a deixam pela estrada do Simplon, quadro que deixa uma marca inesquecível na alma.

Pegamos em Turim o trem que nos levou a Novara passando por uma série de cidades e de povoados, que como em toda parte na Itália espalham-se por esta região que atravessamos, e oferece aqui e ali lugares interessantes e lembranças mais ou menos antigas, mais ou menos dignas de chamar a atenção do viajante. Aqui, como em outros lugares, avistamos campos cultivados, fábricas de seda e de outros produtos e belas pontes sobre os importantes rios que fertilizam esta rica região. Como precisávamos esperar 5 horas em Novara (entroncamento da estrada de ferro de Alexandria a Arona), o trem que nos levaria à cidade natal de São Carlos Borromeo, aproveitamos o tempo para visitar a velha catedral de Novara, cidade que tem cerca de 21.000 habitantes.

Quando chegamos em Novara, um padre que viajara no nosso vagão perguntou se íamos visitar a catedral, e nos acompanhou. Era o padre de Mombasiglio, província de Mondovi, que pareceu-me muito respeitável, e com a reserva característica de sua posição, que não diminuía em nada suas boas maneiras.

Vimos juntos tudo o que a igreja possuía de obras de arte, que não me interessaram muito, e as modernas construções que a privaram de sua antiga aparência. A igreja é precedida de um pórtico onde existem alguns restos antigos. Além das pinturas de Gandensio Ferrari, Bordone, Cesare du Sesto, Saletta, e outras que decoram a abóbada do coro e das capelas, alguns pequenos anjos modelados por Thorwaldsen embelezam o altar mestre. Um belo mausoléu, obra de Gobbo, merece ser visto.

Na praça do teatro fica uma bela estátua em mármore de Carlos Emmanuel III, feita por Marccesi. Que pena! pensei ao vê-la, em teus dias de glórias não pensavas que perto daqui, ao sul de Novara, Carlos Alberto seria vencido pelos austríacos, apesar da grande coragem com que combateu, na desastrosa batalha de 25 de março de 1849.

Ao chegar em Arona, às margens do lago, ficamos no Hotel de Passagem, e na manhã seguinte pegamos um pequeno carro que levou-nos à colina que domina o lago, e onde

ergue-se a estátua colossal do célebre arcebispo de Milão. A estátua com a cabeça e as mãos em bronze e o restante em cobre batido é fixada sobre um pedestal; na mão esquerda o arcebispo segura um breviário, e abençoa com a outra mão. "Ela tem 22 metros de altura e o pedestal que a sustenta 14"[1]. Dizem que após o colosso de Rhodes e a estátua de Nero na Casa Quadrada, esta é a maior estátua que existe. O arcebispo posa numa atitude nobre, e quando a avistamos do lago, surge ao longe, no horizonte, como uma sentinela solitária do bosque que cobre a colina. Às vezes os turistas têm a fantasia de subir, pelo interior da gigantesca estátua, até a cabeça onde cabem 4 pessoas, porém, nos contentamos em admirá-la da plataforma de onde ela ergue-se no seu pedestal, e de todos os lugares do lago de onde podemos avistá-la.

As belezas de todos estes lugares particularmente procurados pelos viajantes, que os descrevem com benevolência, são tão conhecidas que preferiria, se tivesse tempo, descrever as belezas da imensa planície do Piemonte cercada por toda parte pelos picos pontudos do monte Rosa, que em sua majestosa solidão ergue-se como o monte Branco, acima da grande cadeia dos Alpes. Todos estes vales ora alegres ora melancólicos, e suas diferentes populações curiosas para visitarmos e estudá-las, despertam um interesse bem maior do que uma excursão às ilhas Borromeas, embora elas sejam muito atraentes.

De Baveno seguimos por uma bela estrada até Domodossola, atravessando antes Grevellona, la Toccia, Vogogna, vale Anzasca, o vale Pie de Mulera com belas e elegantes casas que contrastam com os rústico quadro dos seus sítios alpestres, Castiglione, muitos vilarejos e uma admirável parte do vasto quadro formado pela riqueza da vegetação, a variedade dos sítios pitorescos, as cidades, povoados, colinas, e todas as curiosidades do panorama que tem ao fundo os picos nevados dos gigantes dos Alpes.

No norte da Itália nada se parece com o quadro grandioso e impressionante dos lagos Maior e Orta, que avistamos do alto do monte Monterone, atrás de Baveno, onde apesar do meu habitual pavor dos répteis, que dizem infestar seus penhascos, subimos sem nenhum perigo.

---

[1] Citação do guia, em Du Pays (op. cit. p75).

De um lado mostrava-se aos nossos pés o lago Maior, imenso e magnífico lençol d'água com seus oásis encantadores, animadas margens onde aqui e ali aparecem na bruma os campanários das santas veneradas, e a sombra da sentinela muda de Arona; do outro, o lago d'Orta, muito inferior em tamanho e cujas belezas são menos procuradas, mas nem por isso menos reais, a ilha São Júlio, com uma velha e curiosa igreja e restos antigos, uma pequena cidade e seu monte sagrado onde erguem-se 14 capelas, em sua maioria de arquitetura elegante, e com estátuas colossais e afrescos que reproduzem a vida de São Francisco de Assis. O vasto panorama que a vista dos Alpes torna tão imponente impressionou-me e emocionou ao mesmo tempo, despertando lembranças dos majestosos quadros que outrora desenrolavam-se aos meus olhos sob o meu bonito céu tropical.

ESTRADA DO SIMPLON

Decidida a ficar por três anos na Itália precisei ir até Paris para desocupar a casa que montara. Pensei em fazer isso em poucos dias, e peguei a estrada do Simplon para conhecê-la. Aluguei uma carruagem em Domodossola, para tornar o trajeto mais agradável do que em diligência, e minha filha e eu pudemos aproveitar os aspectos rústicos e variados que oferece a extraordinária estrada, construída por Napoleão após a batalha de Marengo. Precisaram seis anos para concluí-la[1]. Cinco mil homens trabalharam durante o verão. As despesas foram pagas em parte pela república Cisalpina.

Não conseguiria descrever a emoção que senti ao descer por alguns instantes no Hotel de Passagem, em Isela, onde fica a última alfândega sardenha, e vi atrás de mim as alegres terras da Itália. O vale de Isela, com aspecto desolador, que eu acabara de atravessar, os sombrios quadros que a natureza começou a nos apresentar, pareciam uma dolorosa imagem da dor que sentirei quando deixar para sempre a boa Itália. Caía uma chuva fina, e um poético pensamento me fez dizer à minha filha: É a Itália que chora ao ver duas estrangeiras que a amam e admiram afastarem-se.

Estávamos diante da cadeia de montanhas que os antigos chamavam montes Sempronius, e que Servilius Coepio atravessou, dizem, antes de Cristo, marchando contra os Cimbros. As lembranças dos extraordinários feitos dessas épocas remotas vieram unir-se à lembrança do feliz soldado moderno, que teve a pretensão de vencer a todos. O aspecto imponente das belezas assustadoras, e ao mesmo tempo admiráveis, que mostravam-se aos

---

[1] O Simplon fica a 105 Km do Mont Blanc e 53 do Mont Saint Gothard. A estrada construída por Napoleão, entre os anos de 1801 e 1807, e onde chegaram a trabalhar 30.000 homens, tem 62 KM e liga Brigg, na Suiça a Domodossola na Itália. É uma prodigiosa obra de engenharia, com 613 pontes, 8 galerias e 20 casas de refúgio e albergues.

Além das impressionantes vistas dos Alpes gelados, os viajantes que atravessavam o Simplon maravilhavam-se com a estrada cavada na rocha. O contraste entre a obra da natureza e a arte dos homens para domá-la encantavam viajantes como E. Quinet, (em *Allemagne et Italie*, 1834 cit em *Italies* p.290): "assistimos uma luta obstinada entre a natureza e o homem: há lugares em que a indústria parecia vencida pelos obstáculos, porém é neste momento que os recursos da arte aparecem com mais força. (...)Há um jogo dramático no combate entre a audácia humana e os cimos por tanto tempo invencíveis. Este monumento de paciência e destemor é uma espécie de arquitetura heróica."(tradução minha).

nossos olhos, estava em perfeita harmonia com essa lembrança. O estrondo do Dovera, precipitando-se nos abismos, lembrou o poderosa déspota que o desviou do seu leito natural para fazê-lo seguir a direção que desejava dar aos rios e aos homens, submetendo-os à sua imperiosa vontade.

A estrada escarpada atravessa ora um abismo, que estronda com a fúria do Dovera que se precipita, ora arriscadas pontes ou longas galerias admiravelmente cortadas nos rochedos. A de Gondo é a maior e mais notável. Duas grandes aberturas laterais a iluminam. Nosso cocheiro pretendia mostrar o nome de Napoleão gravado em uma das galerias[1], mas não conseguimos distingui-lo, e mandei que fosse mais ligeiro, o quanto lhe permitisse a inclinação, para que saíssemos logo do trecho perigoso da estrada. As montanhas que elevam-se e apertam-se só deixam ver o céu de uma grande altura, e tinham um aspecto muito sombrio, por isso tive pressa em atravessar a galeria de Algabi, o triste vale Gondo, e chegar na pequena cidade de Simplon, também triste, com as altas montanhas que a cercam, porém menos solitária com a grande afluência de viajantes que vão e voltam da Itália por esta estrada.

Quando chegamos meio dia em ponto para almoçar no albergue, muitas famílias também chegavam em carruagens ou diligências da Suíça, França, Inglaterra, etc, e falavam diversas línguas, porém ninguém falava a nossa, o português, e pudemos trocar livremente nossas impressões sobre os viajantes, alguns deles bem grotescos chegando a pé com grandes bastões de ferro, e contando suas proezas através das geleiras que tinham atravessado. Fazia muito frio, grandes fogos acesos nas salas do albergue e mesas bem

---

[1] Como Napoleão um poeta brasileiro deixou seu nome gravado nas galerias do Simplon. No poema Suspiro à Pátria (1836) Domingos de Magalhães imagina a viagem do suspiro saudoso partindo de Roma para o Brasil, passando pelo Simplon:

Os Alpes busca, por heróis trilhado;

Os Alpes, como braços da Natura,

Que erguidos para o céu a Deus adoram.

Sobe o Simplão; penetra as galerias;

Si o nome do Brasil na pedra achares,

Minha mão o gravou, beija esse nome.

Noutra pedra verás meu nome escrito,

servidas ofereciam um conforto agradável àqueles que chegavam nessas alturas dos Alpes, e é claro, pagavam esse conforto, dispensando a hospitalidade do asilo perto do vilarejo, num dos pontos mais altos da estrada, onde os viajantes são recebidos gratuitamente.

Ao deixar o albergue do pobre e triste vilarejo de Simplon logo chegamos a esta hospedaria, e paramos um instante para visitá-la. Um grande fogo brilhava na sala principal, um dos monges nos perguntou com simplicidade se queríamos tomar alguma coisa. Agradeci dizendo que apenas queríamos olhar, se fosse possível, o interior da casa, que ele nos mostrou, e pelo número de quartos limpos e mobiliados, que oferecem aos visitantes que necessitam nestas alturas áridas, pudemos comprovar a hospitalidade da instituição.

No ponto culminante da admirável estrada mandei parar o carro por alguns instantes. Uma cruz de madeira assinala este lugar. Olhei melancolicamente pensando em outra cruz que não fica nas áridas e desoladoras alturas dos Alpes, sem outra perspectiva do que as geleiras eternas e o céu azul glacial que as coroam, porém sobre um querido túmulo na nova acrópole de São João Batista no Rio de Janeiro, lá onde a natureza eternamente sorridente cerca até mesmo a morte com seus esplendores!

Um sortilégio misterioso e forte parecia arrancar minha alma da dor que sempre a oprimia com a lembrança da morte da mãe adorada. Levantei meus olhos da cruz para o céu e a resignação caiu sobre minha alma. Oh! pátria! Oh! pátria! gritei do fundo da alma. Oh! meu filho bem amado, irmã, irmãos queridos, corações amados que sempre me lamentam, respirando a brisa perfumada da nossa terra natal, a *saudade* que sempre me segue ultrapassa a imensidão das alturas alpinas de onde meus pensamentos voam até vós...Ao grito da minha alma respondeu o trovão: uma tempestade caiu subitamente sobre as vertentes dos Alpes, do lado por onde começamos a descer em plena Suíça, e um dos mais belos espetáculos, o primeiro desse tipo que se nos oferecia, desenrolou-se aos nossos pés. Os relâmpagos sucediam-se com rapidez, os raios elétricos cruzavam-se e passavam clareando as nuvens condensadas no vasto espaço que percebíamos abaixo de nós. O trovão ribombava retinindo através das montanhas com uma zoada prolongada e lúgubre, como se abalasse enormes massas em sua eterna imobilidade! veio a chuva e cobriu toda a amplidão do vale que estendia-se ao longe abaixo de nós, enquanto um céu calmo e sem nuvens e um belo sol

mostravam-se acima. O espetáculo fascinou-me, e mandei o cocheiro ir bem devagar para que pudéssemos contemplá-lo melhor.

Era sete horas da noite quando após ter atravessado as galerias, vales, os barrancos mais expostos às avalanches, os últimos abrigos desse lado da estrada (existem 20 casas de abrigo em toda sua extensão), e a grande ponte de Ganther etc. chegamos a Brigg.

Os aspectos selvagens, porém grandiosos e imponentes da estrada que acabáramos de percorrer; os insondáveis precipícios no fundo dos quais correm gemendo as torrentes que se precipitam com estrondo do alto das montanhas e dos rochedos, ora escavados ora cortados à pique, e ameaçadores como a sombra dos Ciclopes, que pensaríamos refugiarem-se nas inacessíveis elevações das cristas dos Alpes; as invencíveis avalanches, as geleiras eternas: todos os majestosos horrores da natureza austera e atormentada suscitaram-me tristeza e admiração ao mesmo tempo! Oh! como sentimos a insignificância das obras dos homens diante de tais criações![1]

---

[1] A narração da viagem turística de Nísia à Itália termina aqui. As primeiras páginas deste segundo volume completam a viagem iniciada em 19 de março, quando Nísia e Lívia partiram de Paris para Marselha e de lá para Gênova. Em cerca de seis meses, de março a setembro de 1858, as viajantes percorreram, entre outras menores, as principais cidades italianas: Gênova, Pisa, Roma, Nápoles, Florença, Siena, Bolonha, Ferarra, Pádua, Veneza, Verona, Milão, Turim, o lagos de Garda e Maior. Perfizeram um dos itinerários indicados aos viajantes pelo guia da Du Pays para ser feito em três meses. Nísia viajou mais devagar e percorreu em seis meses. Este também era itinerário dos ingleses que fizeram o Grand Tour no século XVIII: eles privilegiavam os quatro grandes centros de cultura e história da península , as cidades de Roma, Florença, Nápoles e Gênova.

Nas próximas páginas Nísia narra sua permanência na Itália de novembro de 1858 a junho de 1860 em Florença, com o intervalo de uma viagem à Sicília e Grécia (maio de 1859). Seis meses no Piemonte, julho a dezembro de 1860, e seis meses em San Remo, dezembro de 1860 a julho de 1861.

Os dois volumes publicados em datas bem diferentes, com vários anos entre eles, têm uma organização meio caótica. O mais lógico teria sido terminar o primeiro volume neste ponto, na volta para a França, e iniciar o segundo volume no capítulo que se segue. Os próximos capítulos, embora contenham relatos de viagem, como a viagem à Grécia e Sicília, compõem um diário da temporada em que Nísia viveu em Florença, no Piemonte e San Remo. Neles, a viajante torna-se uma cronista de acontecimentos cruciais para a história da Itália, a unificação sob o reino de Vittorio Emmanuele, com os seus desenlaces ocorridos nos anos de 1859, 1860 e 1861.

GÊNOVA

novembro

Eis-nos de novo sob o belo céu da Itália: com quanta alegria o revi após 38 dias de ausência!

Não descreverei aqui (seria uma digressão sem relação com este segundo volume) as impressões de minha breve passagem pela na Suíça, cujas belezas encantaram-me sem surpreender, pois muito viajei no interior do Brasil, onde existe mais de uma Suíça em natureza, é claro que sem as geleiras que vimos perto de Brieg. A maior delas é a de Aletsch.

Percorremos uma parte dos vales, das montanhas da Suíça, já bem despoetizados na atual estação. Visitamos seus vilarejos onde ainda se vê aqui e ali os trajes pitorescos, os graciosos chalés, o belo lago de Genebra com suas bonitas cidades, Lausanne, Vevey, e outras, desde Villeneuve até a bela cidade de Genebra, admiravelmente situada, atravessada pelo Reno, e saindo do lago, em cuja margens nos detemos por três dias para visitar o que a cidade tem de mais interessante. Das janelas do Hotel do Lago, onde ficamos, tínhamos o prazer de ver a pitoresca e pequena ilha de J.J.Rousseau, com sua estátua refletindo-se nas águas que a cercam, como os vigorosos pensamentos deste gênio extraordinário refletem-se nos espíritos dos que compartilham suas idéias. As paisagens que vimos da coberta do barco a vapor, principalmente do lado da Savóia, nos fez sentir por alguns instantes a doce ilusão que navegávamos num dos lagos da Itália, cujos extraordinários encantos tanto me fascinaram. Como são mais poéticos os lagos de Garda, de Como e o lago Maior!

Em Lausanne a lembrança de um dos talentos de que a França se orgulha com razão, não poderia deixar de nos atrair a Coppet, tão cheia de lembranças da ilustre exilada, cuja influência assustou o ilustre usurpador de tronos[1]._ Não acrescentarei também aqui as impressões que aí senti, nem as do meu reencontro no Jardim Botânico de Genebra com o

---

[1] O castelo de Coppet, perto de Genebra, propriedade da família de Mme. de Staël, foi por diversas vezes refúgio da escritora obrigada a deixar Paris, por ordem de Napoleão, nos anos de 1802, 1803 e 1810.

conde alemão W***, distinto viajante que esteve no Rio de Janeiro sobre a qual me falou com entusiasmo. Da mesma maneira ficarei em silêncio sobre as circunstâncias que se sucederam ao encontro com três de nossas amigas, que nos esperavam no Hotel da Europa em Lyon, para nos levar numa casa de campo, ninho encantador, mais ainda por seus amáveis modos e afetuosa acolhida.

Logo que fiz o que precisava em Paris retomei a estrada de ferro da querida Itália, pelo monte Cenis, visitando primeiro Chambéry, a pequena porém interessante capital da Savóia, velha estirpe da nobre raça dos príncipes dessa dinastia.

O Alysse e o Albano irrigam a fértil e alegre planície cercada por altas montanhas onde está situada a cidade. Na praça do Palácio da Justiça ergue-se a estátua do famoso presidente Favre.

Já estava muito frio para que pudéssemos aproveitar o encanto que oferecem no verão as excursões aos belos vales de Lauterbrunnen, de Chamonix e outros, com belas paisagens e geleiras, montanhas com suas capelas, velhos castelos históricos, pontes, eremitérios, admiráveis refúgios. Tudo isso deve ser muito pitoresco durante a bela estação, porém na atual, apesar de todo o interesse que me inspira o berço dos valentes reis de Sardenha, tantas vezes tomado e abandonada pela França, cuja ambição de crescer deste lado dos Alpes nunca se aquieta, não consegui encontrar um grande prazer na excursão. Os Charmettes, célebre pela temporada em que aí ficaram Rousseau e Mme.Warens, já estavam muito frios para que eu encontrasse poesia percorrendo seus sítios mais notáveis.

Apressamo-nos em atravessar o monte Cenis, deixando para trás *St. Jean de Maurienne* e todos os seus pitorescos e selvagens arredores que lembram tantos feitos heróicos, e hoje estão tão desolados e tristes, sobretudo em alguns lugares habitados por uma população muito pobre.

A estrada em zig-zag do monte Cenis, uma das mais seguras dos Alpes, e a mais transitável durante o inverno, é pouco interessante do ponto de vista pitoresco. Ela tem 23 casas de abrigo entre Lanslebourg e Susa. Quando começamos a subir, deixando *St. Jean de Maurienne* para trás, surgiu uma multidão de camponeses vendendo alguns frutos, deixando por um momento a estrada menos árida e monótona, apesar da beleza de sua construção,

feita por Napoleão em 1803 e dirigida pelo engenheiro Fabbroni. Mil vezes mais interessante me pareceu a estrada do Simplon, no meio da natureza selvagem e tenebrosa.

Cerca de uma milha antes de atingir o ponto culminante do monte Cenis a estrada passa ao lado de um lago sombrio, cujas margens áridas e desertas possuem algumas cabanas, que servem de abrigo aos viajantes durante as tempestades de neve. Quando passamos o lago parecia já ter perdido suas ondulações. A visão das águas geladas durante seis meses do ano inspirou-me um profundo sentimento de tristeza, bem diferente do entusiasmo que senti nas elevações do Simplon. A natureza, que mostrava-se paralisada, parecia com a imagem da morte em toda sua desolação. Ó! meus belos lagos natais, se não despertais naqueles que têm a felicidade de usufruir os seus encantos naturais a lembrança do grande mundo romano, e daqueles que surgiram depois dele nesse lado da velha Europa, nunca me inspirastes, por mais solitária que fosse a planície sempre florida e fértil em que ondulais, a idéia triste do nada que me inspiraram os lagos do Monte Cenis. Deixamos para trás o asilo fundado por Carlos Magno, que atravessou com seu exército o monte Cenis, e logo nos afastamos dos cimos nevados, um deles, o Roccia-Melone, alta montanha que avistamos ao deixar a planície de São Nicolau onde estão os limites do Piemonte, é dominado por uma capela dedicada a Nossa Senhora das Neves, denominação que embora contrária ao verdadeiro espírito cristão não poderia ter sido melhor escolhida para este lugar. Em Susa, pequena cidade sem vestígios de ruínas de sua antigüidade romana, deixamos o carro e pegamos a estrada de ferro que nos levou a Turim em 1 hora, de onde, após termos repousado um pouco no Hotel da Inglaterra, cujo conforto já conhecíamos, partimos para Gênova, pensando encontrar uma temperatura menos fria, e em escrever minha correspondência para enviá-la pelo navio de Southampton.

Gênova porém, mesmo exibindo suas laranjeiras, estava muito fria e foi com dificuldade que terminei a tarefa de todos os meses, tão doce ao meu coração, porque tivemos que nos contentar com quartos sem lareira. Todos os aposentos com lareira do Hotel de França, onde estávamos, já haviam sido ocupados por famílias inglesas, que fugiam do nevoeiro do seu país e vinham gozar por algum tempo o belo céu de Roma e Nápoles. Como insuficiente compensação trouxeram ao nosso salão uma enorme bacia de bronze cheia de

brasas. Era a primeira vez que eu via na Europa este tipo de aquecedor parecido com o *brazero* que às vezes usava na bonita capital do Rio Grande do Sul, no Brasil, onde o povo, tão saudável quanto bravo, não percebe a falta que faz uma lareira nas casas da bela província, tão rudemente fria durante o inverno, com a influência do desagradável *minuano* que sopra periodicamente.

Gênova não despertou a mesma impressão que senti há pouco tempo chegando por mar, de onde a avistamos de sua mais encantadora perspectiva. Além disso, talvez porque não estivesse então acostumada com as belezas esplêndidas da Itália de que Gênova fora o primeiro exemplo oferecido aos meus olhos, ou porque o despertar da natureza tão precoce deste lado dos Alpes havia predisposto meu espírito, na minha primeira visita no mês de março, a usufruir sua magnificência melhor do que o faz a fria névoa de novembro, prenúncio do inverno, a verdade é que revi Gênova, seus palácios, as igrejas, as belezas que admirei mais detidamente, os arredores, a esplêndida villa Pallavicini, sem me sentir de nenhuma maneira dominada por seus encantos. Por isso após visitar o que faltava de interessante para ver na cidade, as instituições de caridade, entre elas o *Albergo dei Poveri* e o hospital *Pammatoni*, belos edifícios, sobretudo o último, com muitos infelizes dos dois sexos e de todas as idades que aí encontram os cuidados e o pão da caridade. Após visitar os pobres enfermos quis partir para Florença, onde éramos impacientemente esperadas. Todavia um acontecimento veio retardar nossa partida.

POLCEVERA

Ao indagar em Gênova sobre o paradeiro do Sr. S***[1], o esclarecido positivista sobre quem falei nas minhas páginas sobre Nápoles, cidade que ele deixaria no mês de maio para vir morar aqui, soube que encontrava-se muito doente em Polcevera, vale que fica a meia hora de Gênova, por estrada de ferro. Logo peguei um trem que aí me conduziu, e após uma longa e cansativa procura através de um terreno acidentado, com casas que sobem pelas colinas, ou estão escondidas por jardins semi desfolhados e voltados para o árido vale, frio e

monótono, consegui enfim encontrar a casa que ele ocupava. Uma velha senhora, com jeito de santa, recebeu-me numa pequena sala no térreo dizendo que o Sr. S*** estava muito doente. "Eu sei minha boa senhora, disse, e é por isso que desejo vê-lo". Neste momento apareceu uma jovem mulher e cumprimentou-me com um ar triste e atormentado, a ela me dirigi, e quando falava da razão de minha visita ouvi uma voz dizer: "Sois vós, madame Brasileira, entre! entre!" O som da voz amiga vindo do quarto vizinho sossegou-me um pouco sobre o estado do doente, que eu pensara estar morrendo ao ver a tristeza daquela que me levou para perto do seu leito, desmanchando-se em lágrimas ao ouvi-lo contar o perigo do qual escapara. O quadro que vi sensibilizou-me profundamente. Um digno democrata francês, muito inteligente, com o coração dominado com os mais nobres sentimentos humanitários, definhava na dor de um longo exílio. Estava ali doente, estendido numa cama, em cuja cabeceira a fiel e terna companheira de sua vida de provações no estrangeiro estremecia em silêncio com medo de perdê-lo! Este casal unido pelo amor, apesar da diferença de condição social, laços fortificados e santificados com o sofrimento do exílio, despertou-me um interesse todo fraternal. Atendi então com prazer ao seu pedido de adiar minha partida para Florença e passar alguns dias perto deles, neste isolamento em que se encontravam. Aluguei um quarto na casa onde moravam, e voltamos ao nosso hotel em Gênova, para deixá-lo no dia seguinte com nossa bagagem. Seis horas da manhã eu já estava de pé, apesar do frio, e terminava uma carta para avisar à nossa boa amiga de Florença nossa permanência por mais alguns dias nos arredores de Gênova, quando bateram na porta e a empregada disse que um padre, que chegara ao hotel muito tarde na noite anterior, pedira para me ver logo que eu acordasse. "Diga-lhe que irei em seguida, falei, imaginando quem seria".E alguns instantes depois entrou o bom pároco de Mondovi, nosso companheiro de viagem de Turim a Arona. Ao saber que eu estava de volta à Itália, e que deveria ficar alguns dias em Gênova, ele teve a gentileza de vir nos fazer uma visita e oferecer seus préstimos.

Tenho uma opinião sobre o digno clero do Piemonte (sobretudo o de Mondovi, sob a direção de seu severo arcebispo) muito diferente daquela que em geral se tem sobre o clero

---

[1] Ver nota sobre o positivista na página 208 do primeiro volume.

de Roma, e sabendo das constantes e muitas vezes duras ocupações, que no Piemonte unem um pároco à sua paróquia, fiquei muito sensibilizada com esta visita, e a prova de consideração que dava um dos mais fervorosos apologistas dos princípios morais, que devem distinguir principalmente os homens encarregados de servir como modelo de caridade e de todas as virtudes cristãs. Suas palavras pareciam emanar de uma alma tão pura, o interesse que ele demonstrou por minha filha e por mim era tão fraternal, que me senti com relação à ele tão confiante quanto sensibilizada e reconhecida. O agradeci com efusão por ter andado tanto para vir passar alguns momentos conosco, e percebi pelo cuidado com que ele disfarçava a dificuldade de uma viagem como esta em diligência, que a modéstia não era a menor de suas qualidades.

Ele nos deu o prazer de tomar café conosco. Logo depois chegou a Sra. S*** que veio ela mesma apressar nosso retorno para junto de seu marido, e deixamos o hotel. O bom pároco nos acompanhou até a estação da estrada de ferro, onde se separou de nós, e partiu em outra direção para sua paróquia, confirmando a idéia favorável que eu concebera sobre a hospitalidade do bom povo italiano.

Quando chegamos em Polcevera a satisfação que demonstrou o enfermo por nos ver ao seu lado compensou a aridez e o frio desagradável do lugar. Dividimos nosso tempo aqui entre ele e sua companheira, que tive a oportunidade de conhecer de perto, e de apreciar a devoção de verdadeira irmã de caridade, no zelo todo particular para amenizar os sofrimentos do marido, tanto físicos quanto morais, por encontrar-se tão longe da pátria e da mãe que ele adora. Entre as obrigações da mulher a de aliviar, com constante e doce atenção, os sofrimentos dos enfermos parece-me sempre uma das mais simpáticos. Senti então pela Senhora S*** sincera afeição, e sua companhia me agradou, embora sua conversa não tenha a atração que os conhecimentos variados dão à conversa do seu marido. Certamente existem qualidades bem mais preciosas numa mulher que uma grande instrução, tais como a bondade de coração, a sinceridade do espírito, a doçura de caráter e a casta dignidade que ela deve ter em todas as suas ações. No entanto, quando estas qualidades essenciais unem-se a uma santa e sólida instrução, elas aparecem com mais sucesso, e têm um duplo valor aos olhos do homem superior que faz desta mulher a mais querida companheira da sua vida. Se Deus lhes

concede filhos esta instrução é então mais vantajosa ainda, porque não existem melhores e mais proveitosas lições para os espíritos jovens do que as que eles recebem de uma mãe virtuosa e instruída.

Logo que o Sr. S*** pode levantar-se nós nos reuníamos todas as noites numa sala do térreo, o único cômodo onde podíamos acender o fogo, muito necessário no inverno, pois as casas são construídas sem nenhum conforto! As altas idéias do estimado convalescente sobre a completa regeneração da sociedade, tão desejada pelos verdadeiros moralistas, e infelizmente tão difícil, senão impossível, foi quase sempre o motivo de nossas conversas e nos fez passar o tempo agradavelmente, numa espécie de tebaida. Mais ainda do que seus pensamentos e seus profundos arrazoados, o que aumentou minha apreciação foi a devoção filial que tem por sua mãe, cuja ausência era um dos seus mais profundos pesares. Ao ouvi-lo citar o nome desta boa mãe em suas conversas, imaginei ouvir o meu querido filho, do outro lado do Atlântico, lamentar minha longa ausência. E meu desejo de revê-lo muito em breve aumentou.

A Sra. S*** compartilha a profunda afeição do marido com tão vivo interesse, que diríamos estar ali mais um irmão e uma irmã lamentando em uníssono a separação de uma mãe querida, do que um filho e uma nora, sobretudo porque as pessoas sempre se divertem em descrever, às vezes com razão, os sentimentos pouco favoráveis da nora para com aquela que lhe deu um marido.

No alto da colina, em cujo sopé fica a casa em que habitamos, fica a igreja paroquial de Polcevera. O pároco, homem simples e limitado como o são em sua maioria os deserdados da ternura da família, não via com bons olhos um habitante de sua paróquia negligenciar as práticas religiosas, que segundo ele são as únicas que podem abrir aos homens as portas do céu. Como o Sr .S*** não foi se confessar perdeu aos olhos do bom homem todas as qualidades superiores que o distinguiam. Um dia, fomos vê-lo com a senhora S***. Ele nos recebeu com um ingênuo prazer, mostrou seu presbítero, seus poucos livros e nos ofereceu muitos santinhos. Ao saber que eu tinha família no Brasil, pediu com insistência que me encarregasse de fazer chegar uma volumosa carta a um de seus parentes que aí vive, e onde fez grande fortuna, do qual não tinha notícias há muito tempo. Após

tudo o que ele falou não tive dúvidas que a fortuna do seu parente distante era o que mais o interessava. Fiz o seu desejo enviando a carta ao Rio, mas não sem me surpreender que um simples pároco do campo, tão apegado aos interesses da alma, mostrasse tanto zelo pelos bens terrestres. Com algumas exceções é preciso reconhecer, a bem da verdade, que em geral existe sincera abnegação evangélica nos pobres párocos do campo. Na sua humilde existência, longe do luxo, das distrações mundanas, e das intrigas políticas com que muitos de seus colegas das cidades envolvem suas práticas religiosas, o pároco do interior entrega-se de coração, e com tocante simplicidade, aos piedosos deveres do seu cargo, enfrentando muitas vezes as intempéries das estações, suportando todo tipo de privações sem nunca reclamar.

Já era tempo de irmos para Florença onde nos esperavam a cada dia mais ansiosamente.

Eu prometera à Sra. S*** passar com ela o 15 de novembro, aniversário de seu marido. Este dia foi comemorado de maneira emocionante: preparamos com a senhora S***a surpresa de alguns músicos, que vieram tocar logo de manhã sob sua janela. O Sr. S*** ficou muito emocionado com a atenção, e também pelos votos de felicidade para quando estivesse na sua terra natal. Á noite fomos todos ao teatro de Gênova para ver Ristori[1] representar *Myrra*[2], tragédia cujo motivo sempre revoltará os corações que sentem a pureza do santo amor filial. _ Desejando vivamente aos nossos bons amigos de Polcevera

---

[1] No século XIX a atriz Adelaide Ristori (1821-?), que fazia muito sucesso na Europa, atuou em diferentes tragédias de Alfieri. Ristori era muito querida no Brasil, onde esteve em 1865, foi recebida por D. Pedro II, que a presenteou com uma jóia, e manteve correspondência com a atriz por vários anos.

[2] *Myrra* (1784), tragédia de Vittorio Alfieri. Baseada em uma das *Metamorfoses* de Ovídio, Myrra desenvolve o tema da luta da paixão contra o pudor. Narra a história de Myrra, filha do rei Cinyro, de Chipre. Consumida por um amor incestuoso pelo pai, Myrra conseguiu satisfazer sua paixão criminosa com a ajuda da sua ama de leite que a ajudou a entrar disfarçada no quarto do pai. Ao ser descoberta Myrra fugiu para o deserto. Os deuses a puniram transformando-a na árvore que tem o seu nome. Prolixo autor de tragédias, Vittorio Alfieri(1749-1803) foi um dos pais do *Risorgimento* e suas tragédias eram conhecidas como "tragédias de liberdade". Além de *Myrra* citam-se entre as tragédias de Alfieri: *Filippo, Polinice, Antigone, Saul, Agide, Bruto Primo, Bruto Secondo*, e outras. Alfieri foi uma espécie de profeta da Itália unificada, monarquista e constitucional.

um próximo e feliz retorno à pátria, enfim os deixamos, acalentando a esperança de nos reencontramos em Paris, em dias melhores para eles e para a França[1].

Para apressar nossa chegada em Florença pegamos um barco a vapor que nos conduziu em poucas horas a Livorno onde reencontramos o respeitável sr. Braye-Debuysé, que voltava de uma viagem ao Oriente. Ele traduzira do italiano para o francês, e publicara em Florença, os *Conselhos à minha filha*[2], acrescentando um prólogo muito elogioso para a humilde autora que ficou ao mesmo tempo surpresa e emocionada com esta tradução. O reencontro com um amigo é sempre agradável, sobretudo quando acontece em terras estrangeiras onde por uma melancólica disposição de espírito sentimo-nos quase sempre afastados de toda amizade sincera. Assim, ficamos emocionadas com o prazer demonstrado por este velho e digno amigo ao nos rever, e com sua gentileza em encarregar-se de liberar nossa bagagem das formalidades da alfândega para que pudéssemos partir para Florença, onde demorávamos tanto a chegar.

---

[1] Após o golpe de Luis Napoleão, em 2 de dezembro de 1851, muitos políticos e intelectuais franceses exilaram-se nos países vizinhos. Victor Hugo foi o mais célebre deles e durante todo o seu exílio, na Bélgica e Inglaterra, escreveu contra as arbitrariedades do imperador, por ele chamado de "Napoleão, le petit". Em 1858, ano da viagem de Nísia, a situação dos democratas e republicanos franceses tornara-se mais difícil. Após o atentado de Orsini contra a vida do imperador, em janeiro deste ano, o governo adotou leis severas de segurança, perseguiu mais duramente seus opositores e muitos cidadãos franceses foram deportados para a Argélia, ou obrigados a exilar-se. Em diferentes cidades da Itália, Suíça e Bélgica escritores e pensadores franceses reuniam-se formando pequenas "tebaidas", como Nísia definiu seu convívio com o amigo positivista. Entre eles encontrava-se o escritor Edgar Quinet (1803-1875), cuja esposa deixou um interessante livro de memórias do exílio *(Mémoires d'exil par Mme. E. Quinet, Paris, Armand Éditeur, 1870)*, onde descreve a vida e os sentimentos dos exilados, durante o período de 1852 a 1869, quando ela e o marido viveram entre a Bélgica e Suíça. Em especial sobre o ano de 1858 escreveu Mme. Quinet (op.cit.pp.6,7,10 e 11):

"Quem pode sonhar tranqüilo neste ano terrível (1858) que só teve parecido o ano de 1851?. A lei de suspeitos reinou sobre os franceses, a França foi dividida em cinco províncias militares. Que inimigo é este que se preparam para esmagar? (...) Os fatos, dizem vocês? Vejam os de 1858: Lei de Segurança, prisões arbitrárias, sequestros noturnos, terror universal, deportações e novos exílios. Vazio e silêncio. Eis o que fez o governo absoluto. (....) Nos longos saraus de exílio perguntavamo-nos, com temor, o quanto durariam estes tempos nefastos, veríamos o fim dessa letargia? Por toda parte o silêncio, a aridez....."(tradução minha)

[2] *Conseils a ma Fille*. Brasileira Augusta. Traduit de l'italien par D. B.B, Florence, Impr. du Monnier, 1859.

FLORENÇA

Um encanto infinito espalhava-se pela cidade que revíamos com a doce emoção de quem revê uma amiga bem querida, cuja imagem sempre nos seguira sorridente e calma em países distantes. A casa da boa senhora Santi, onde ficáramos na nossa primeira passagem em Florença, estava ocupada para esta estação e por isso ficamos no hotel da *Porta Rossa*, onde tínhamos todo o conforto que poderíamos desejar, e melhor do que isso a companhia dos amigos que para aí acorreram logo que souberam da nossa chegada. A marquesa Geppi foi uma das mais apressadas, e foi com dificuldade que me defendi de suas reclamações amigas por não aceitar o pedido, que fizera em sua última carta enviada para Gênova, para ficar em sua casa. Se na nossa primeira viagem à Florença, quando ainda não conhecíamos ninguém, a vista da artística cidade, a doce atmosfera, e a lembrança dos seus grandes gênios causaram uma agradável impressão, o que dizer então agora, quando mal chegamos ficamos cercadas de corações amigos, que parecem alegrar-se sinceramente em ter-nos novamente entre eles? Longe da pátria e dos entes queridos que ocupam meu pensamento, encontrei um pouco de conforto na união que Florença sabe oferecer entre os prazeres intelectuais e o conforto de uma vida doce e tranqüila, embelezada pelo convívio com seu povo espirituoso e afetuoso.

A bela casa onde nos instalamos ao deixar o hotel fica numa das principais ruas de Florença, paralela à rua do Arno que conduz ao *Cacino*, passeio favorito dos habitantes da cidade. A família que alugou a parte mais elegante e confortável da casa nos cerca de todas as atenções, e de todos os pequenos cuidados que podemos desejar. É um jovem casal, com uma irmã e a mãe, mulher trabalhadora que faz tudo para ajudar nas tarefas domésticas, e para tornar mais agradável nossa estada entre eles. Assim, todas as coisas contribuem, mesmo os serviços que pagamos, para tornar a vida confortável e deliciosa em Florença.

LÉGENDE
Églises
Palais
Bibliothèques
Palais Particuliers
Théâtres
Échelle de 500 Mètres
Dressé par A. H. Dufour.
Gravé par Reynaud. Revu par Langlois.

Fig. 7

Entre outras atrações variadas que a cidade oferece, as numerosas obras primas de arte que sempre revemos com mais interesse, e a sociedade de pessoas distintas que nos procuram, encontramos um novo encanto assistindo o curso de botânica do sábio Parlatori[1], ministrado numa grande sala da *Spécola*[2]. Muitas mulheres, quase todas estrangeiras, seguem aqui, como em Paris, os cursos públicos, este curso é uma atração a mais de Florença, pois encontro aqui, como em Paris, a útil recreação do estudo que outrora me ligou tão fortemente ao Colégio de França, e ao Museu de História Natural. O Sr. Parlatori, que trabalhou com o grande sábio Humboldt, publicou alguns estudos de Botânica. Seu livro sobre a flora da Noruega contém descrições muito interessantes dos fenômenos da natureza das regiões geladas, que como todas as outras vizinhas aos pólos ainda não foram suficientemente estudadas. Ele expõe suas aulas com grande correção e muito gosto, cumprindo dignamente todos os deveres exigidos para o ensino da bela ciência a que se dedica. O que particularmente o distingue é o tom simpático da voz e o seu espírito religioso ao explicar com eloqüência natural a estrutura das plantas, onde, como em todas as coisas da criação, a força de Deus revela-se tão admiravelmente!

Ao final de uma das aulas, na qual ele parecia ter falado com o coração das obras do Criador, dirigindo seu olhar do auditório para as árvores e plantas que neste dia decoravam artisticamente uma parte do anfiteatro, uma jovem inglesa, com quem sempre conversávamos na saída do curso, *miss D****, falou com tanto entusiasmo que me fez pensar, a princípio, que ela estava apaixonada pelo professor: _ "É uma pena que o Sr.Parlatori não seja um pregador, ele faria muitos seguidores". _ A excêntrica anglo-saxônica não compreendia que a ciência é uma religião, e que os espíritos capazes de dedicar-se com afinco na procura dos seus segredos infinitos, para alcançar as luzes úteis ao

---

[1] Parlatori, Filippo - nascido em Palermo na Sicília (1801-?). Botânico conhecido e estimado na Europa no século XIX. Fundou em Florença, em 1842, o Herbário Central Italiano. Publicou *Lições de Botânica Comparada* (1843) e *Viagem no Norte da Europa (Flora da Noruega,* 1854).Parlatori fez parte do grupo de cientistas que nos anos 60, após a unificação, foram responsáveis por um reflorescimento da pesquisa científica na Toscana.

[2] Museu de Física e História Natural do Pallazo della Specola, fundado em 1776.

desenvolvimento do progresso da civilização, prestam à humanidade um serviço tão importante quanto o dos melhores pregadores.

Estes, apesar de muitas vezes cobrirem a santa verdade com um misterioso véu, ensinam o princípio segundo o qual toda a alma carrega em si própria o divino sinal. Os sábios trabalham incessantemente para mostrar e explicar às gerações presentes e futuras, sem mistérios, as surpreendentes maravilhas, os grandes fenômenos da natureza que demonstram, mais do que a eloqüência das palavras, o poder do Ser Supremo.

Os dias passam em Florença como dias de festa. Visitas, concertos, jantares, teatros, passeios, reuniões diversas onde fala-se de belas artes e literatura, ocupam o tempo agradavelmente. Quanto à política, aqui não ocupam-se dela como em outros lugares, segundo a opinião de diferentes partidos, mas com uma calma e simplicidade que eu nunca fora testemunha. Entre o povo florentino tudo é doçura e gentileza, mesmo a exaltação do espírito político, que sempre leva o homem, em discussões acaloradas, a esquecer as regras de cortesia, não o faz perder sua natural tranqüilidade. O numeroso partido liberal sempre protesta muito contra o governo do grão duque[1], que gozando de todos os direitos e de todas as facilidades que lhe dá a Toscana age sempre como austríaco, nome que juntamente com o dos Bourbon cada dia é mais odiado pelo partido nacional, em toda a Itália. Criticam por toda parte aqui a conduta da família do grão duque, com exceção da jovem arquiduquesa casada com o herdeiro, que dizem ser uma vítima resignada. Esta jovem princesa alemã realmente parece definhar sob o belo céu da Itália, suportando, escondida do público, com resignação, os sofrimentos que todo mundo conhece e lamenta, porque todas a amam por sua bondade angelical _ " É uma anjo vivendo numa atmosfera de vícios " dizia ontem um

---

[1] Leopoldo II, da dinastia de Lorena, foi grão-duque de Florença de 1824 a 1859. De início, Leopoldo manteve a política reformista do seu pai o duque Ferdinando II , e na década de 1830 Florença tornou-se um refúgio para os liberais italianos. A partir de 1849, com o fracasso dos focos revolucionários em toda a península, Leopoldo II acompanhou o conservadorismo de outros estados italianos.

funcionário da corte que não abdicara do respeito à verdade. Minha filha e eu sempre a encontramos no Cacino, com a Grã-duquesa, ou com seus filhos, e gosto de seguir com os olhos a doce criatura, cuja fisionomia traz a marca das virtudes que dominam a sua alma. Várias vezes a vimos descer do carro e estender a mão ás costas para esconder de sua sogra, ou do marido, a esmola que dá aos pobres que a seguem. Tocante caridade numa princesa, obrigada a esconder todos os nobres anseios de seu coração para não parecer deslocada perto de sua família! Suas virtudes e sofrimentos revelam-se apesar dos cuidados que toma para escondê-los. Mesmo a marquesa Geppi, fiel à grã-duquesa, dá a entender, com a reserva de sua classe, que esta nunca se conduziu como a nora. Em uma grande jantar que me ofereceu a marquesa, quando voltamos, e onde encontravam-se duas personalidades da igreja que ela convidara para nos conhecer, falava-se com elogios sobre a caridosa princesa e ficava-se em silêncio sobre o resto da família ducal. Isto me surpreendeu por vir da parte de pessoas que geralmente pareciam apoiar o partido do grão duque. Eu disse a um dos padres, que estava ao meu lado, que a filha e a irmã dos reis católicos de Nápoles haviam dado bons exemplos à jovem. Ele nada respondeu, e todas as outras pessoas olharam-se em silêncio. Percebi então que me consideravam uma estrangeira, ignorando o que todos os florentinos sabiam e diante do que deveríamos pensar no provérbio: Roupa suja se lava em casa _ provérbio inadequado sem dúvida, criado por aquele que é honrado como um grande gênio. Em todo seu poder, ele não previu que nem toda a água do mundo poderia lavar as manchas que ele, e alguns dos seus, deixaram em sua vida.

Mudei então de assunto falando do encanto que Florença oferece com seus belos monumentos de arte e sua sociedade, o que muito agradou a todos os presentes, que apressaram-se em nos felicitar por nosso bom gosto, e perguntar nossa impressão sobre as outras cidades da península que visitáramos, principalmente Roma.

Imitando-lhes a reserva sobre a corte de Florença, nada falei sobre a corte de Roma, e limitei-me a falar das obras primas que admirei por toda parte na Itália, e do meu entusiasmo em contemplar as grandes ruínas e imponentes belezas da cidade eterna. A marquesa Geppi pediu para contar aos seus piedosos convivas os detalhes de minha visita ao Santo Padre, que pareceu lhes interessar bem mais do que todas as outras coisas de Roma. A benção que

recebêramos do Santo Pontífice, e a acolhida paternal que ele nos fez, atraiu toda a atenção, como se esse ato normal do bom papa Pio IX aumentasse nosso mérito aos seus olhos! Não sei se estes eclesiásticos e seus companheiros, notáveis por suas luzes, atribuem realmente tão grande valor a este ato, assim como a muitos outros. Porém, tudo o que contribui para unir os espíritos sob o império absoluto do papa, cuja infalibilidade defendem, recebe sempre a aprovação geral.

Voltemos à disposição desfavorável do partido liberal de Florença contra o grão-duque e sua família. Só vejo aqui o que já vira em toda parte, isto é, o descontentamento geral que reina na Itália e que aumenta progressivamente a cada dia, de um povo cansado dos grilhões que carrega e que quer rompê-los, não importa como, contanto que todos os governos despóticos ou indiferentes com a prosperidade de sua nobre pátria, sejam substituídos por um governo nacional, com o qual possa livremente soltar as asas aprisionadas por aqueles que tremem com a possibilidade de sua gloriosa ressurreição. Diante do que se faz, e se diz já há algum tempo nesta boa Itália, é natural prever uma próxima e grande crise que mudará a situação política atual.

Possa o sentimento nacional dos seus filhos desenvolver-se dignamente, para que eles consigam realizar, após as novas lutas que se preparam, e a vitória que esperamos, o belo sonho de toda as suas vidas!

O *Ceppo*[1] de Natal

Na Itália, como em toda parte entre os povos cristãos, a festa de Natal possui o duplo significado religioso e profano. A Igreja celebra o grande mistério do nascimento do filho de Deus feito homem. As famílias reúnem-se, assim como os círculos de amigos, e entregam-se aos divertimentos que variam de acordo com os gostos e costumes de cada população.

---

[1] Em italiano no texto. Tronco.

O *Ceppo*, símbolo das origens e laços da cristandade, designa também para este povo a grande fogueira que queimará no Natal para os que gostam do calor de um bom fogo, numa época muito fria em Florença, apesar do seu belo céu.

Embora um rumor político, ainda confuso como as ondas distantes, se propague no ar e agite alguns espíritos, os florentinos não deixaram de mostrar o mesmo ar de calmo contentamento, comum nos dias de Natal.

De todos os gentis convites que recebemos preferimos o da modesta família Marcucci, com quem estamos mais intimamente ligadas desde nosso retorno à Florença. O terno casal, sobre quem já falei no primeiro volume desta obra, cada dia atrai mais nossa predileção, pela harmonia de gostos e de pensamentos que existem entre nós, e sobretudo por seus impulsos afetuosos identificarem-se com tudo o que sinto, longe da pátria e de um filho bem amado. Com estes dois simpáticos corações, cercados por seus filhos, sinto-me em família, porque apenas com eles deixo escapar livremente a tristeza do meu coração que escondo do círculo dos brilhantes amigos, e de todas as outras pessoas com quem somos mais ou menos relacionadas aqui.

Um magnífico fogo brilhava na lareira da sala onde nossos amigos nos esperavam, com a fisionomia doce, calma, e contente com nossa chegada. Seus filhos, anjos deste tranqüilo lar, vieram com eles e uma jovem tia, moça que possui uma soberba voz, ao nosso encontro, e completaram o interessante quadro familiar que me emocionou porque lembrou os dias felizes, muito curtos infelizmente, que já não existem para mim. Foi servido um jantar bem italiano, abundante e variado, sem o refinamento culinário das mesas ricas. O espírito, a graça, a simplicidade modesta e carinhosa, uniram-se à atenção amiga dos nossos amáveis anfitriões para tornar agradável um dia em que eles nos sabiam mais tristes, tomadas por lembranças da pátria distante. Aos corações que sofrem, e que lutam, nenhuma companhia agrada tanto quanto a de outros corações que também sofreram e lutaram. Neles encontramos um não sei quê de nós mesmos, uma espécie de misteriosa e suave fraternidade, desconhecida para os que se dizem felizes aqui na terra.

O Sr. e a Sra. M...., almas de elite planando sobre as misérias da vida, aprenderam com a escola da religião e do amor a caminhar dignamente, com resignação e doçura, através das

dificuldades da má sorte que os atingiu, sem que por isso seu bom humor e a ternura mútua se extinguissem. Em tal companhia eu não poderia deixar de ficar contente. As flores e a música ajudaram a embelezar mais ainda o resto da noite. Cantamos emocionantes hinos, músicas radiantes. Foi uma verdadeira festa de família, uma reunião íntima de corações religiosos e amorosos, unânimes em sua firme crença em Deus, e na amizade.

1 de janeiro de 1859

Eu vejo surgir, com dupla emoção pela primeira vez na Itália, a aurora deste bonito dia, saudado por toda parte, com maior ou menor prazer, segundo as esperanças de cada um para o ano que se inicia.

O fluído magnético que mantém meu ser moral ligado à pátria o desviou mais fortemente hoje das distrações que nos cercam em Florença, e o dirigiu para o seio da minha querida família, e do grupo de amigos que festejam nesse mesmo dia o aniversário de nascimento de um ser bendito.

Tu, nobre coração, receptáculo das mais belas e nobres virtudes, recebas nestas páginas imperfeitas minhas ternas homenagens e meus vivos votos por tua felicidade numa longa, longa série de anos!

Há dias que não podem passar desapercebidos na vida de uma pessoa sensível, pelas lembranças que despertam, quaisquer que sejam os problemas ou a tranqüilidade em que eles decorram, qualquer que seja a distância em que a pessoa está dos lugares que testemunharam os acontecimentos relembrados nesses dias.

O coração fica apertado ou dilata-se com lembranças de dor ou prazer que os acontecimentos nos fizeram sentir. No último caso, o 6 e o 12 de janeiro, cheios de poesia e *saudade*, reaparecem e desaparecem dos meus olhos com toda a solenidade com que meu coração de amiga e de mãe sempre os envolveram.

Enquanto os habitantes de Florença dividem-se entre as distrações que a cidade oferece, e os pensamentos sérios sobre o seu futuro, um suntuoso catafalco foi erguido numa capela ardente onde foram depositados os restos mortais da jovem arquiduquesa, junto ao qual comprimia-se uma multidão chocada com seu fim, tão prematuro e tão triste. Forçada, dizem, a acompanhar sua sogra e seu marido a Nápoles, num estado de saúde que não lhe permitia viajar, a doce e infeliz princesa sucumbiu no caminho. Não querendo repetir tudo o que dizem aqui sobre este triste acontecimento, e contra essa família já detestada pela maioria dos florentinos, fico em silêncio sobre as circunstâncias da morte inesperada.__ Repouse no seio de Deus alma pura, após tua curta passagem na terra! pensei ao contemplar os restos daquela que víramos pela última vez, poucos dias antes, sob o domo de *Santa Maria dei Fiori*, brilhando muito mais pela graça de sua juventude e modos modestos e recolhidos, do que pelas efêmeras honrarias de uma corte da qual ela era o único e verdadeiro ornamento!

O grande acontecimento que está por vir agita todos os espíritos da Itália. Todos os verdadeiros corações italianos palpitam de prazer prevendo a regeneração bem próxima dessa terra clássica, sonhada há tanto tempo.

A necessidade de uma guerra, sobre a qual falam os jornais já há algum tempo, torna-se a cada dia mais imperativa. As lutas supremas que parecem iminentes alcançarão o feliz resultado esperado pelo partido liberal? Se acontecer a esperada reorganização da nacionalidade italiana, qual será a conseqüência do despertar da raça latina, em relação com o predomínio já exercido sobre o mundo, e com as vitórias que lhe estarão novamente reservadas entre as nações? _ Esperemos com fé!

Quando chegou no Rio de Janeiro a notícia, exagerada nos jornais[1], sobre os perigos de uma guerra geral nesta península, o coração de minha família tomou-se de temor, e a ternura por suas queridas viajantes a fez nos representar cercadas de perigos, se prolongarmos nossa estada aqui.

A uma grande distância as causas de inquietações tomam sempre proporções exageradas aos entes amados, e a ausência, que por si já é um verdadeiro martírio, torna-se uma constante agonia. Os que se amam nunca deveriam separar-se. A vida é muito curta para que desperdicemos uma parte na agonia das despedidas, no sofrimento, na dor de uma ausência que poderíamos evitar! Ausência! palavra terrível, verdadeiro caos onde o espírito se perde em tristes conjecturas, onde o coração sensível contém, com muito esforço, as emoções muitas vezes dilacerantes, que o faz sentir um vazio indefinido onde ele flutua, longe daqueles que ama! Todos os perigos, todas as dores suportadas perto deles sempre parecem preferíveis ao cruel estado de incertezas e temores. Os antigos germanos, povo onde a mulher era olhada com mais respeito e veneração do que entre todos os outros povos da antigüidade, tinham razão em se deixar acompanhar por suas mulheres e crianças, mesmo nas terríveis guerras contra os romanos que tentaram subjugar seu indomável e santo amor da liberdade. Eles assim demonstravam um dos felizes resultados da seiva abundante e robusta do sentimento, que os séculos modificaram, mas que não desapareceu entre seus dignos descendentes.

Respondi às inquietas cartas de minha família que recebi nos últimos dias, assegurando-lhes que estávamos protegidas de todo perigo na boa Toscana, que não está ameaçada de nenhuma maneira pelas destruições da guerra.

---

[1] Quando os rumores da guerra conta a Áustria chegaram ao Rio de Janeiro Machado de Assis publicou um poema da apoio ao movimento no *Correio Mercantil,* de 10 de fevereiro de 1859, "À Itália":

Acorda! o sono da opressão devora!

Pátria de Roma - o Capitólio vê!

Pálida Itália - ressuscita agora

O ardor nos peitos - na esperança a fé.

Já era tempo de executar o projeto de uma nova viagem com que eu pensava desde que cheguei na Itália. Vi tudo o que a península tem de mais bonito e mas admirável, e mesmo aproveitando o encanto da doce vida de Florença, entre as imortais obras primas, e no meio de uma sociedade escolhida de corações afetuosos, de pessoas distintas que acumulam a cada dia novos direitos á minha predileção pela moradia em sua cidade[1], não sinto menos vivo o desejo alimentado desde minha mais tenra juventude de visitar a parte do Oriente onde brilharam os mais vigorosos gênios da Antiguidade. A Grécia, o nobre e grande domicílio da arte e das ciências de onde emanaram as luzes que iluminaram as nações do Ocidente, mais do que nunca atrai a minha curiosidade. Agora que a querida Itália está perto de renascer para a vida de nação livre e poderosa, contemplarei com menos tristeza as deploráveis ruínas da terra dos helenos, porque também ela um dia ressuscitará .

Enquanto espero irei pedir à brisa, que passa gemendo sobre o imenso e venerado sarcófago das mais admiráveis grandezas que o espírito humano já criou, que me fale de Homero, de Sólon, de Sócrates, de Aristóteles, e do meu divino Platão.

A visão dos horizontes onde surgiram estes grandes astros luminosos talvez diminua a tristeza filial que carrego no fundo do coração, por todos os lugares.

---

[1] Note-se a diferença entre o que Nísia relata no primeiro volume sobre sua passagem por Florença, e o que está narrando neste segundo volume. No primeiro, como todos os viajantes, Nísia seguiu os conselhos do guia de Du Pays e cumpriu um roteiro de visitas aos monumentos e obras de arte. Neste segundo volume trata-se do relato de uma temporada maior na cidade: cursos, visitas, amigos, saraus literários, convívio com escritores e personalidades italianas e com estrangeiros, que como as brasileiras passavam uma temporada maior na cidade. As duas brasileiras ficaram na cidade no período de novembro de 1858 a junho de 1860, de onde ausentaram-se por um mês e meio (abril e maio de 1859) e viajaram para a Sicília e Grécia. O tempo em Florença insere-se na narração deste segundo volume como uma crônica do dia a dia na cidade, que vivia a efervescência política do início da unificação. O relato de viagem volta ao texto nas próximas páginas com a descrição da viagem á Sicília e Grécia. Mudanças de estilo muito comuns nos livros de viagem do século XIX que muitas vezes misturavam narração, descrição, digressões autobiográficas, crônicas e pequenos ensaios filosóficos.

A SICÍLIA

abril de 1859

Ao visitar a Grécia eu não poderia deixar de parar em uma de suas filhas, que com ela rivalizou nas obras de inteligência e de arte, compartilhando suas glórias, suas lutas e infelicidade.

O 10 de abril, que este ano nasceu em Florença, como em Roma ano passado, carregado com as dolorosas lembranças que o aniversário da partida para longe da minha querida família desperta tão fortemente em minha alma, foi o dia em que decidi partir para a Grécia. Nossos amigos das margens do Arno, lamentando nossa ausência mesmo curta de sua cidade natal, cobriram-nos com provas de amizade e votos para uma feliz viagem e rápido retorno, e deram-me muitas cartas de recomendação para a Grécia e Sicília. Nove horas da manhã deixamos a estação de ferro de Florença onde, entre outros amigos que nos acompanharam, estava a família E.M**, e o distinto artista Sr. K*** que nos encarregou de saudar a Grécia, sua pátria bem amada. Logo que chegamos em Livorno compramos passagem no *Mont-Gibello* que nos conduziu à Nápoles, parando algumas horas em Civitavecchia. O reencontro com os lugares de Nápoles que eu mais gostara me fez esquecer o enjôo que sentira no navio. Ficamos três dias em Nápoles para rever os lugares e pessoas que conhecíamos. No terceiro dia, quando voltávamos de um passeio nos arredores da cidade e na Chiaia, por entre as esplêndidas cenas da natureza que, na Europa, só Nápoles possui, passamos na Villa Real e encontramos o Dr. G***, marido de uma das mais queridas amigas nossas de Paris, e ex-cônsul do Paraguai. Ele nos acompanhou ao hotel de Roma, onde nos instaláramos, e comunicou que viera tentar obter a proteção de Ferdinando II para um negócio muito importante, dizia, uma descoberta que fizera, e com a qual contava conseguir uma grande fortuna. Desconhecendo como tantos outros o que poderia acontecer num futuro próximo com o reino das Duas Sicílias, o antigo partidário de D. Miguel de

Portugal não quis acreditar nas informações que eu tinha, dos principais chefes do movimento nacional da Itália, sobre a planejada expulsão da península de todos os Bourbon. Ele insistiu em manter esperanças na estabilidade da monarquia vacilante. O aconselhei a não expor a possíveis privações seus filhos e sua mulher, minha amiga, uma das mais estimáveis senhoras francesas que conheci, e a não negligenciar com a incerta esperança de uma *grande fortuna* os recursos modestos, porém seguros, da sua nobre profissão, e deixei Nápoles a bordo do navio *Courrier Sicilien*, que nos levou à Palermo após 17 horas de navegação[1].

PALERMO

Conca d'Oro[2] encantadora! Como são fascinantes e suaves teus jardins, deliciosos teus arredores, magníficos teus panoramas, hospitaleiro, amável e doce o teu povo!

Se não existisse na Itália o gentil povo florentino, o afável povo de Palermo tomaria o primeiro lugar na minha predileção. Sua gentileza, modos francos e corteses, o olhar de uma nobre vivacidade onde brilha a chama sagrada da liberdade quando fala dos problemas da pátria, que espera, como seus irmãos do continente, logo ver liberta do domínio dos

---

[1] Na primeira metade do século XIX poucos viajantes estendiam a viagem até a Sicília. Talvez por isso o guia de Du Pays tenha apenas um anexo sobre a a ilha, e que segundo o autor seria incompleto. Du Pays recomenda aos viajantes a leitura do guia detalhado de Felix Bourgueldt, *Voyage en Sicile, Paris, 1843*, de onde copiou muitas informações. A fama de lugar selvagem e pouco recomendado para os viajantes, apesar de suas riquezas históricas e de arquitetura, predominou com relação à Sicília ao longo do século, pelo menos entre os franceses, pois no final do século XVIII Goethe, quando viajava pela Itália, não deixou de visitar a Sicília.

Em 1890, Guy de Maupassant visitou a Sicília e observou que a falta de interesse dos franceses pela ilha era uma questão de modismos (em *La vie errant*,1890, cit em *Italies*, op. cit. p.241): " Na França, acredita-se que a Sicília é um país selvagem, difícil e até mesmo perigoso para visitar. De quando em quando um viajante audacioso aventura-se até Palermo, e volta dizendo que é uma cidade interessante. Isto é tudo. O que tornaria Palermo e a Sicília interessantes? Não sabemos ao certo. Na verdade é tudo uma questão de moda. Esta ilha, pérola do Mediterrâneo, não figura entre os sítios que costuma-se percorrer, que é de bom gosto conhecer, que faz parte, como a Itália, da educação de um homem bem criado."(tradução minha).

[2] Expressão usada por vários viajantes para referir-se a Palermo. No guia de Du Pays (op.cit.p.689): " Sua fertilidade e quantidade de belas casas de campo deram-lhe o nome poético de Conca d'oro"

Bourbon, não podem deixar de atrair a simpatia do viajante a quem oferece a mais cordial hospitalidade.

Era nove horas da manhã do dia 16 de abril, quando, com a cabeça pesada com o enjôo, o malvado companheiro de bordo que nunca me abandona, mesmo em dias mais calmos, chegamos em Palermo cujo aspecto visto do mar é admirável. Situada no fundo de um golfo, entre os picos rochosos do monte Pellegrino e o cabo Zafferano, a antiga cidade que já foi fenícia, grega, cartaginesa, romana, sarracena, etc. descortina-se graciosamente aos nossos olhos com sua verde floresta de laranjeiras, limoeiros, alfarrobeiras, que se estende numa fértil e bela planície pontilhada com numerosas casas de campo, cercada por um magnífico cinturão de montanhas.

O contorno da cidade tem cerca de 5 milhas e compreende 15 portas, quatro principais. Duas grandes ruas Caffaro ou Toledo, e Maqueda, a dividem em 4 partes ou quarteirões. Estas ruas, cortadas em ângulo à direita, formam um bonito octógono, decorado com quatro fontes e várias grandes estátuas, que chamam de *Piazza-Villena*, ou *Quattro Canti*. Outras praças, um grande número de belos edifícios, igrejas suntuosas (e sombrios e grandes mosteiros com janelas gradeadas, galerias subterrâneas por onde se comunicam etc.), passeios e jardins deliciosos embelezam a capital da Sicília cuja população chega a 200 mil habitantes. Entre seus passeios destacam-se o *Corso Bourbon*, esplêndido e imenso passeio na beira mar, o terraço público onde subimos por uma escada de pedra de onde avistamos a praia, a villa Giulia, magnífico jardim com 4 pavilhões, um deles destinado à música.

A Marina, praça decorada com árvores e cadeiras, tem vários edifícios e entre eles um muito notável, o palácio dos Tribunais. Dizem que este edifício foi antigamente palácio dos príncipes muçulmanos. Na praça Pretoriana, que é cercada por grandes edifícios, existe uma fonte, admirável por seu imenso tamanho e ornamentos. Fica nesta praça o palácio do Senado, onde além dos senadores, as associações da Academia de Ciência e Letras, da Academia de Medicina, e os decuriões, fazem suas reuniões. Entre as igrejas só visitei a catedral, dedicada à Santa Rosália, padroeira de Palermo, um imponente e curioso templo, com três naves e muitas colunas em granito, coro calçado com mosaicos em pórfiro e verde

antigo, altar mestre construído em jaspe, ágata e lápis-lazuli. Estátuas em mármore branco decoram o coro, as capelas possuem ricas ornamentações, baixo relevos em mármore feitos por grandes artistas e outras obras notáveis. O altar da capela da santa e o seu sarcófago são de prata maciça. _Construída no lugar de uma antiga igreja, onde os sarracenos ergueram uma mesquita, a igreja de Santa Rosália apresenta em seu exterior uma mistura de estilo normando e ornamentação mourisca. _ "Se não existissem o palácio de Granada e as Mesquitas de Córdoba, disse um escritor francês, a catedral de Palermo seria o mais precioso modelo da arquitetura árabe e do estilo oriental em toda a sua pompa." - Apesar disso foram feitas modificações desarmoniosas no belo templo, como acontece com outros monumentos criados pelo verdadeiro gênio que os modernos estragam com a presunção de melhorá-los.

Os túmulos reais que ficam numa das capelas da igreja são notáveis e de grande magnificência. Deles já disseram que " rivalizam com a antiga grandeza romana, se não a suplantam". Uns são em pórfiro, numa única peça, outros em mármore branco. São os túmulos do rei Roger, do imperador da Alemanha Henrique VI, que dominou a Sicília e fez-se coroar em Palermo, de sua mulher, filha do rei Roger, de Constance II, Aragonesa, viúva de Henri, rei da Hungria, de Guillaume, duque de Atenas e de Néopatrie, filho do rei Frederico II, de Aragão. O mais notável deles é o do imperador Frederico.

O *Tabularium*[1] conservado na sacristia dos cônegos é composto por 200 manuscritos, árabes, gregos e latinos. Falta-me tempo para falar de muitas outras coisas notáveis da bela catedral de Palermo, construída em 1170, e de seu admirável subterrâneo, onde dizem que ficava a igreja primitiva.

Muitos monumentos da cidade conservam o estilo sarraceno, entre eles o palácio de *Zisa*, um dos mais notáveis, e o palácio Real, "que foi embelezado por Robert Guiscard,

pelo rei Roger e pelos dois Guillaume. É o mesmo palácio que no tempo do imperador Frederico II e de seu filho Manfredo, serviu de sede às ciências e às letras, e de berço para a língua italiana".

Entre as belezas deste edifício destaca-se a capela Pallatina, monumento de arte do século doze, construído pelo rei Roger. Ela é toda resplandecente de alabastro, mosaicos, mármores e preciosos objetos de arte. Da capela podemos subir para uma galeria acima dos aposentos do rei, de onde vemos a sala dos antigos vice-reis, com os retratos daqueles que governaram a Sicília desde 1488, e a sala do trono, a que chamam de Parlamento, pintada com afrescos do célebre palermino Vélasquez.

O Observatório de Astronomia, um dos mais importantes da Europa, nos foi mostrado em detalhes por seu diretor, o Sr. Ragona, que mora no primeiro andar onde fica a biblioteca. O diretor do Observatório de Florença, Sr. Donati me deu uma carta para ele, que veio logo nos fazer uma visita no Hotel de France onde estávamos. Ele teve a amabilidade oferecer-me uma de suas obras, e de mostrar as salas com os numerosos instrumentos astronômicos, entre outros o famoso círculo de Ramsden, o terraço, e a torre. A cúpula da sala de observações astronômicas tem colunas em mármore, e é móvel.

O Observatório de Astronomia de Palermo notabiliza-se pela perfeição dos instrumentos que possui, e pelos trabalhos do célebre professor Piazzi que descobriu em 1801 o planeta de Ceres.

As coleções da universidade são muito importantes, sobretudo as do Museu de Esculturas formado por restos antigos encontrados nas escavações feitas na Sicília. Há também na universidade uma galeria de quadros, onde se vê algumas obras primas. Uma sala guarda vasos pré gregos e sicilianos, etc. Deixemos as obras de arte da cidade de Palermo que, por maior que seja o mérito particular, não podem despertar a admiração daqueles que viram antes as grandes e numerosas belezas artísticas de Florença e Roma.

Mais do que a cidade os belos arredores atraíram-nos e encantaram-nos. Poucas cidades os possuem tão deliciosos. A Bagheria, com seus sítios encantadores, é onde ficam as mais magníficas casas de campo da nobreza palermina.

---

[1] Na Roma antiga Tabularium era o Palácio dos Arquivos.

O Jardim Botânico, nas portas de Palermo, é um dos mais importantes que visitei na Itália. É construído em quatro paralelogramos onde estão dispostas as plantas, uma parte em floração. Sobretudo as rosas, de todas as espécies, encantaram-nos deliciosamente. Das três construções, que existem logo na entrada, duas servem de estufa, e a do meio em estilo dórico, com dois vestíbulos decorados com colunas caneladas, é uma bela obra do célebre arquiteto Fourny. Aí ficam a escola, a biblioteca, o herbário, e a casa do diretor para quem eu trouxera uma carta do diretor do Museu Botânico de Florença, Sr. Parlatori. Uma magnífica estufa envidraçada, doada pela rainha, a célebre Marie Caroline, embeleza ainda mais a instituição.

O Asilo Real dos Pobres é um dos monumentos de Palermo que merece ser visitado. Lembra a grandeza de Carlos II, seu fundador. Isolado, com formato retangular, e com uma arquitetura simples, esta magnífica instituição tem dormitórios, lavanderias, fiações, fábrica de meias, de todo tipo de artigos em algodão, ateliê para máquinas de fiar, uma excelente fábrica de seda, assim como uma fábrica de macarrão e de outras massas.

A quatro milhas de Palermo visitamos a cidade de Monreale, construída no século doze por Guillaume, o Bom. A estrada de Palermo a Monreale tem muitas casas e belos sítios. A catedral de Monreale de uma severa e imponente arquitetura grega, misturada com arquitetura árabe, é de grande riqueza artística. O interior impressiona por seu luxo, é todo decorado em mármore, mosaicos, arabescos cobertos de ouro, e nele ficam os túmulos de Guillaume, o Bom e Guillaume, o Malvado. Suas magníficas portas em bronze, nas quais são reproduzidos em baixo relevos muitos trechos da história santa, são muito notáveis.

Visitamos também o mosteiro dos Beneditinos. Como as mulheres não podem entrar para ver as belas obras de arte nos contentamos com a encantadora vista do vale que descortina-se ao longe, e onde crescem figueiras da Índia, oliveiras, e aloés que brotam naturalmente florescendo no meio dos rochedos.

Ao voltar paramos perto do convento dos padres Capuchinhos para visitar a igreja e o estranho cemitério que fica embaixo dela. Jamais vira tal quantidade de objetos repugnantes! Grandes galerias subterrâneas estão repletas, de um lado e do outro, com caixas contendo restos mortais de muitas personalidades famosas. Nos muros ficam nichos sobrepostos até a altura da cornija, e cada um destes nichos tem um cadáver ressecado. Os cadáveres estão cobertos, uns com a roupa dos padres capuchinhos, outros com as roupas com que os vestiram pela última vez, compondo uma grande variedade de vestimentas. Têm uma placa com o nome e a data da morte.

Esta exposição repugnante e insólita despertou-me um sentimento muito triste. Mas, uma vez que entráramos nas horríveis galerias, tivemos que seguir o frade que nos guiava e que nos fez percorrer todas elas, explicando com uma frieza toda monástica o procedimento repulsivo usado para dessecar os cadáveres, e colocá-los nas diversas posições em que os víramos - uns em pé, outros sentados, etc. Este trabalho, feito para expor os restos de um ser humano á curiosidade de todo tipo de visitantes, pareceu-me uma profanação, um costume abominável dos frades, em alguns dos seus cemitérios. Voltamos ao hotel com a única impressão desagradável que tivemos do simpático povo palermino.

As villas e os magníficos jardins da princesa de Butera e do duque de Serra di Falco ofereceram uma agradável distração após a fúnebre e repulsiva visita ao cemitério. Sobretudo o jardim do duque de Serra di Falco fez-me gozar de um encanto infinito. Após o pôr do sol as alamedas repletas de laranjeiras e limoeiros, entre outros de tipos de árvores e de roseiras, gigantescos ciprestes, nespereiras do Japão, etc. perfumavam deliciosamente o ar. O duque mostrou todas as curiosidades do seu grande jardim de uma beleza singular: os jogos de prazer, o interessante labirinto, as fontes, as flores mais raras, as estátuas e imitações de personagens grotescos escondidas aqui e ali, e que ao sair de repente com um movimento de molas surpreendem os caminhantes. Como a gentileza e maneiras distintas do amável velho duque, espírito muito versado nas antigüidades da Sicília, sua encantadora villa deixou-nos uma suave impressão.

O Monte Pellegrino, a duas milhas de Palermo, é uma excursão que nenhum viajante deixa de fazer. O nome foi dado pelos árabes, o monte anteriormente chamava-se de Ereta e

nele o cartaginês Amilcar Barca defendeu-se dos romanos por cinco anos. É uma montanha-calvário muito alta, com formações em quantidade de estalactites nas fendas e grutas. Chega-se ao ponto mais alto por um magnífico caminho, calçado com cascalho, em zig-zag. No ponto culminante ergue-se uma torre de observação com um telégrafo. De lá temos uma das mais belas e pitorescas vistas do mar, de Palermo, e dos seus arredores. Esta notável montanha, cercada de precipícios, é muito querida pelos palerminos por ser um lugar de peregrinação, dedicado á padroeira, Santa Rosália.

Santa Rosália era sobrinha de Guillaume, o Bom, e segundo a lenda renunciou ao mundo na flor da idade e beleza, retirou-se para a solidão, e dedicou-se à prece. Cinco séculos mais tarde (em 1624) descobriram seu corpo, que foi transladado para Palermo onde a peste que dizimava sua população cessou logo que o corpo lá chegou. Desde então Rosália tornou-se padroeira de Palermo, inspira grande devoção, e festas populares celebradas nos dias 11, 12, 13, 14 e 15 de julho, com a pompa de jogos, iluminações, fogos de artifício, corridas de cavalos e de carros, unidos à procissões e atos divinos, como é costume durante as festas religiosas, em todos os lugares da Itália, e em todas as nações católicas.

Acima da torre, que ergue-se no topo do monte Pellegrino, ficam o santuário e a igreja construídos no lugar onde foram encontrados os restos mortais de Santa Rosália.

Um vestíbulo coberto, sustentado por colunas de alabastro, fica na entrada de igreja, e uma parte dela fica praticamente a céu aberto. Da igreja entra-se na gruta, que é bem pitoresca. O altar da santa fica à esquerda e abaixo vê-se sua estátua em mármore, obra de Gregoire Tedeschi. Coberta com rica vestimenta, a estátua representa a santa no instante em que fechou os olhos para o repouso eterno. Sua bela cabeça está suavemente apoiada na mão, e a outra mão segura um crucifixo.

Após a excursão do monte Pellegrino, fizemos a excursão do *Mare Dolce*, onde ainda existem restos do luxo dos árabes. Segundo alguns escritores modernos é o célebre lago conhecido com o nome de Albehira. Depois visitamos uma gruta onde ainda existe um bom número de fósseis, em sua maioria de hipopótamos. Antes de voltar para a cidade visitamos

o Campo Santo, construído em 1782. Local importante para a história da Sicília, foi aqui que começaram as célebres Vésperas Sicilianas[1].

Além do encanto que encontramos nas belezas de Palermo e de seus arredores, e sobretudo o agradável convívio com as pessoas que conhecemos, tive ainda o prazer de encontrar um jovem patrício, alma nobre e entusiasta, cujo contato com o velho mundo, onde ele fez seus estudos, não parece ter podado as doces e expansivas maneiras que em geral caracterizam os bons brasileiros. O Dr. P*** pertence a uma família do Rio de Janeiro a qual me ligam laços de uma verdadeira amizade. É um dos mais dignos patrícios que reencontrei na Europa. Está noivo de uma bonita e interessante jovem de Palermo, que nos apresentou, assim como à sua amável família, e ao Dr. La Loggi, seu amigo, espírito liberal e esclarecido de quem eu tive o prazer de ontem escutar um belo discurso na Academia. Entre as pessoas que tornaram mais agradável minha curta temporada em Palermo, o Dr. P** foi um dos mais atenciosos e gentis. Quando conversávamos sobre nossa pátria distante as belezas de Palermo pareciam tomar-se de um novo encanto aos meus olhos, e a atmosfera perfumada dos jardins, dos bosques de laranjeiras dos seus arredores, fizeram-me gozar a doce ilusão de sentir-me por instantes nas sombras perfumadas do meu querido Brasil.

Ficaria de bom grado por mais algum tempo nesta cidade se não temesse o calor da Grécia, aí chegando muito tarde no verão. Os dignos palerminos que tivemos o prazer de conhecer deram uma idéia muito favorável do caráter deste povo, em quem encontramos alguma coisa da cultura grega, apesar das diversas nações que o dominaram e governaram. Há apenas seis dias estamos entre as amáveis pessoas que nos cercam, e no entanto parece que vou separar-me de antigos conhecidos que nos querem, tão expansiva e fraternal foi a acolhida que nos fizeram.

Partiremos amanhã de manhã. Fizemos nosso último passeio em Palermo nessa tarde.

Foi ao entardecer e muitos carros comprimiam-se numa das belas alamedas do magnífico jardim, o mais freqüentado pela sociedade de Palermo.

---

[1] Nísia refere-se ao massacre dos franceses, na Páscoa de 1282. Durante o governo de Carlos d'Anjou, ao primeiro toque do Angelus, instigados pelo médico napolitano Giovanni de Prócida os sicilianos revoltaram-se e mataram todos os franceses que estavam em Palermo. O poeta francês Casimir Delavigne(1793-1843) escreveu uma tragédia sobre este acontecimento: *Les Vêpres Siciliennes*(1819).

As numerosas roseiras, em plena floração, enlaçavam-se nos troncos das árvores que ladeiam o agradável passeio público, e espalhavam um suave perfume na atmosfera, absorvido por todas as pessoas entre as quais nós estávamos. Porém, em pensamento, eu estava em outro hemisfério. Nosso amável patrício, que fora ao nosso encontro no hotel, parecia contente em acompanhar nosso último passeio, na poética terra que o prende com o amor. Sua bela noiva e família esperavam-nos e quando nossas caleças aproximaram-se saudamo-nos como velhos amigos. Por alguns instantes desfrutei a alegria de contemplar a felicidade dos outros.

Que possas, ó digno casal, para quem peço todas as bençõe do céu, honrar por tua constância no amor, e tuas virtudes na vida privada e pública, os dois alegres países que te viram nascer!

O sol espalhava seus primeiros raios no belo horizonte de Palermo, quando emocionada recebi as últimas demonstrações de simpatia das pessoas que conhecêramos, e que vieram, como velhos amigos, acompanhar-nos ao navio. Nunca esquecerei a esplêndida manhã, os bondosos corações, e suas afetuosas despedidas, acompanhadas dos mais fortes votos de nos revermos um dia. Bons e amáveis palerminos, vossa acolhida foi suave como a brisa primaveril que acaricia os bosques floridos. A doçura das carinhosa vozes e dos simpáticos olhares, fizeram brotar no espírito da estrangeira, que veio saudar vosso belo país, uma sincera afeição que ela carregará para sempre no coração, como um tributo aos vossos méritos.

Com o coração apertado, como sempre acontece no momento do adeus, desde que deixei meu país natal, naveguei para Siracusa deixando para trás a doce Palermo, o cabo e a cidade de Millazzo onde os navios param por duas horas; Spadafora, pequena cidade sobre uma rochedo na costa da Sicília, que costeávamos todo o tempo; as ilhas Lipari, passando perto de Messina, Catania, Carybde e Syla, tão temidas pelos antigos navegantes; o castelo

fortificado do príncipe Oliveri; as ruínas de Tyndare, Patti e todos os notáveis portos, cidades, eremitérios, povoados, da costa tão famosa na Antiguidade.

SIRACUSA

A brilhante e imensa cidade da mais poderosa colônia grega, e que segundo Strabon tinha sete léguas de área, hoje só ocupa uma única parte da ilha Ortiggia formando a moderna Siracusa, com cerca de 16.900 habitantes. Entramos na cidade atravessando quatro pontes erguidas sobre o canal que a separa da terra firme. As muralhas guarnecidas com bastiões, e o castelo de Maniacé, construído pelo general grego que foi enviado no século XI para expulsar os sarracenos, defendem a cidade. Nada é tão triste quanto as suas ruas, estreitas e tortuosas, com exceção da Maestranza, que tem belas casas, e que é mais ou menos larga. Que contraste entre esta cidade, seus arredores, e Palermo! Palermo, a mais bela conquista de Belisário, em 535, não mais expõe a magnificência dos velhos tempos, porém tem outras mais modernas, como seus encantos, os naturais, e os de uma civilização que se propagou apesar de todos os preconceitos e fanatismo dos diferentes dominadores.

Siracusa, no entanto, nada possui para tornar agradável a estada do estrangeiro que ali chega. A comida é muito ruim, com a falta de atrativos modernos para passar o tempo, o espírito precisa ocupar-se com a procura dos fracos vestígios da grandeza siracusana, vagar num acervo de contradições históricas, nos teatros, anfiteatros, túmulos, palácios, templos e cidades de outrora, por todas as ruínas em sua maioria sem nenhuma característica visível ou inteligível, espalhadas aqui e ali nos campos perto ou longe da cidade. Entre estas ruínas estão: nos Epipoles, entre Neapolis e Tycha, o Pentafilo, palácio de Denys, o Antigo, e a fortaleza de Eurialo, sob a qual há um caminho subterrâneo cavado na rocha, que acredita-se destinado às saídas do lugar. Foi por uma destas portas que os soldados de Marcellus

entraram de surpresa em Siracusa, quando o povo celebrava a festa de Diana. Vê-se restos de um anfiteatro, de um teatro cavado na rocha, onde ainda existem algumas arquibancadas. A passagem sepulcral, ladeada por grutas que formavam os túmulos, conduz à galeria superior. Segundo Diodoro, este era o teatro mais bonito da Sicília, Cícero falou de sua imponência. O palco ainda existia no século XVI, quando Carlos V mandou usar seu material para as construções militares que o grande usurpador deixou na cidade. Grandes lembranças históricas, cujos detalhes ocupariam muito espaço nestas páginas, prendem-se às ruínas deste monumento. Bem perto dali fica a *Latomia del Paradiso* (dá-se o nome de latomias às numerosas escavações que existem em Siracusa).Um imenso pilar ainda está de pé no meio desta latomia, a céu aberto, e em um dos ângulos fica a entrada de uma enorme caverna que chamam a *Orelha de Denys*. Esta caverna, muito alta e grande, comunicava-se com uma cela cavada no rochedo acima da entrada da gruta. Acredita-se que o tirano vinha escutar as lamentações das vítimas que ele aprisionava na caverna, que ressoava ao menor ruído. De todos os imperfeitos restos de construções antigas de Siracusa, esta caverna foi a que mais me interessou. "Nessas latomias foram aprisionados, entre muitos outros, após a derrota de Nícias, os atenienses que aí ficaram durante oito meses entregues à fome, à sede, a um calor sufocante e a uma revoltante imundície"[1].Há pouco tempo foi encontrado o cadáver de um homem no canal em que termina a abóbada. Ao passar pela latomia *dei Cordari*, parei alguns instantes para ver dois homens e três mulheres que trabalhavam o cânhamo com muita destreza. Um convento dos Capuchinhos, perto de Siracusa, tem latomias bem mais bonitas do que as outras. Um velho capuchinho, cujas maneiras educadas e o bela pronúncia italiana revelavam sob o hábito monacal um homem que vivera na melhor sociedade do continente italiano, mostrou-nos um belo jardim situado no fundo da latomia em Achradine, onde crescem naturalmente laranjeiras, e outras árvores e flores da minha abençoada região. A conversa animada e variada do nosso venerável guia fez-me encontrar um grande encanto nessa solidão, que preferiria à vida da cidade se fosse obrigada a deixar Siracusa. No pouco tempo que durou nosso passeio através do jardim, por entre as

---

[1] Na viagem pela Sicília Nísia está usando o guia de Du Pays, como se vê pela observação tomada de empréstimo ao guia.(em Du Pays, op. cit. p 709).

altas muralhas naturais que parecem ter sido originalmente imensas pedreiras, foi fácil entender as incessantes e cruéis lutas interiores que teriam trazido para ali aquela bela ruína humana, para viver entre as ruínas da extinta cidade em que Gélon fundou seu poder.

E como sempre diante dos pobres condenados à privação das doçuras da vida em família, perguntei-me se a sociedade moderna, em plena via do progresso, não abolirá o celibato dos padres, evitando assim as tristes, e algumas vezes abomináveis conseqüências que dele resultam! [1]

Após visitar as antigas catacumbas de origem ignorada, descobertas na gruta chamada de São Giovani, e que formam uma espécie de cidade subterrânea, com grandes galerias cheias de columbários, visitamos os restos do túmulo que mostram aos estrangeiros como se fora do grande matemático Arquimedes, morto por um soldado após três anos de nobres e heróicos esforços para defender Siracusa contra os romanos comandados por Marcellus.

Este túmulo, perto da *Orelha de Denys*, não tem nenhuma semelhança com o túmulo descrito por Cícero, encontrado por ele, esquecido pelos siracusanos, perto da porta Agrigente, então chamada de Agragas pelos Sicilianos. Por toda parte a mesma ingratidão das nações para com seus grandes homens, a mesma indiferença pelos restos de sua extinta grandeza.

Todavia, se aqui o furor dos bárbaros unido à peste, aos tremores de terra etc. nada deixou da opulenta Siracusa, para a imaginação resta uma inesgotável fonte de acontecimentos mitológicos que compensa um pouco a atual pobreza da cidade.

Na prosa da vida a poesia foi em todos os tempos, e sempre o será, apesar dos esforços que os materialistas fazem para substitui-la por áridos cálculos, o anjo de asas douradas com

---

[1] Mais de uma vez em seu livro Nísia defendeu o fim do celibato para os padres. O assunto foi muito discutido no Brasil do século XIX, inclusive pelos deputados. Lembro a petição apresentada pelo padre e deputado Diogo Feijó, à Assembléia Geral do Brasil, em julho de 1828: "Da necessidade da Abolição do Celibato", rejeitada pelos deputados. O texto de Feijó foi traduzido e publicado pelo reverendo americano Daniel Kidder em 1845. Kidder (1815-1891) viajou pelo Brasil na década de 1840 e publicou o livro *Sketches of Residence and Travel in Brazil* (1845).

quem voa a imaginação, que não encontra no mundo dos homens nenhuma atração suficientemente forte que a retenha.

No caminho do lado ocidental da moderna Siracusa fica a fonte de Aretusa. Ela tem o nome de uma ninfa transformada em fonte por Diana para roubar-lhe o amor de Alfeu, um rio do Peloponeso. Abrindo uma passagem no mar Jônico, Aretusa veio dar na ilha de Ortiggia onde Alfeu perseguindo-a a envolveu com suas águas. Pausanias, Plínio e Pomponius Méla apontam a origem dos dois rios como sendo, um do Peloponeso, o outro da Sicília. Ao aproximar-me da fonte à qual associa-se uma das mais belas histórias mitológicas, abstraí as sombrias muralhas do século XVI que avistamos perto dali, e também as lavadeiras esmolambadas e outras criaturas vulgares que aí se encontravam, e retornei por espírito à época de tão vigorosa poesia, nascida no solo fértil da Grécia.

"A Sicília é a terra clássica da mitologia. Seus primeiros habitantes foram os deuses. Júpiter reinou em Etna, onde acorrentou o titã Encelade. Ceres é a divindade principal da ilha, foi adorada como a benfeitora do gênero humano, a deusa que deu a farinha de trigo, e instituiu leis suaves que humanizaram e enobreceram a vida. Sua filha Proserpina, Diana e Minerva passaram seus primeiros anos na planície de Enna. Foi aqui que Plutão seqüestrou Proserpina. Vênus vinha sempre visitar os picos do Érix. O belo Dafne, filho de Mercúrio, inventou a poesia pastoral para agradar Diana em suas caçadas. Alfeu a preteriu, apaixonado pela ninfa Aretusa. Vulcão preparava os relâmpagos nas suas forjas do Etna, ajudado pela tropa dos horríveis Ciclopes, um deles, Polifemo, apaixonou-se pela nereida Galatéia, que preferiu o pastor Acis. Ulisses livrou seus companheiros da caverna onde Polifemo os prendera para devorá-los. Segundo as tradições poéticas, após os deuses, os primeiros habitantes da Sicília foram gigantes que habitavam as inúmeras cavernas da ilha[1]."

Vemos assim que antes de entrar no domínio da história, que começou na Sicília com os Sicanos, primeiro povo a estabelecer-se na ilha, os Sículos que expulsos da Itália vieram submetê-los, depois os fenícios, os gregos, os cartagineses, os romanos e todos os outros que alternadamente a dominaram, antes e após a grande revolta dos escravos contra seus tiranos senhores sicilianos, entre os quais destacaram-se como os mais bárbaros, Damofilus e sua

mulher Mégallis, da antiga cidade de Enna, o viajante de imaginação que gosta de deter-se nos sítios onde foram localizadas as ficções poéticas, encontrará aqui, a cada passo, temas graciosos, próprios para alimentar o espírito mais desejoso de antigas lembranças. Após visitar as duas únicas coisas interessantes da cidade moderna e tão vulgar de Siracusa, o templo de Minerva despojado por Verres e que hoje dá lugar à catedral, e o pobre museu que fica numa sala térrea, e que só tem de notável uma admirável estátua de Vênus, sem a cabeça e o braço direito, em mármore de Paros, e que dizem ser a Vênus Callipyge[2], dada aos siracusanos por Héliogabale, além de medalhas e moedas da antiga Siracusa, tomamos o barco que nos conduziu além da embocadura do Anapo, rio tão poético quanto histórico. As margens do pequeno rio inspiraram as poesias pastorais de Théocrito, neste rio foi derrotado o general ateniense Demóstenes.

Nosso barco navegava tranqüilo entre as duas margens cobertas de papiros, a planta egípcia que aí cresce abundantemente, como em outros lugares da Sicília. Os antigos usavam esta planta para escrever, após o processo através do qual ela transformava-se numa espécie de papel, ou pergaminho. O caule tem a altura de nove pés, e é coroado por um tufo formado por um grande número de filamentos, como se fora uma cabeleira. Enquanto o barco, deslizando nas águas tranqüilas do Anapo, roçava às vezes os papiros inclinados sobre elas, e minha filha divertia-se arrancando os caules que conseguia pegar, meu espírito vagava para os antigos tempos de Siracusa, para os seus esplendores poéticos e históricos, e também para os horrores dos seus tiranos, e suas misérias! Dois restos de colunas que ainda são vistos na margem direita do Anapo lembram o magnífico templo de Júpiter Olímpico, onde acredita-se que ficava uma admirável estátua deste Deus, e dizem que Denys pegou o manto de ouro que a cobria substituindo-o por um de lã.

---

[1] Longa citação retirada do guia de Du Pays (op. cit. p.677).

[2] Guy de Maupassant (op. cit. p.263) quedou-se admirado quando viu a Vênus de Siracusa: "As pessoas atravessam os continentes em peregrinação para ver alguma estátua miraculosa, quanto a mim, toda minha devoção guardei para a Vênus de Siracusa. Num álbum de viajante vi a fotografia dessa sublime mulher de mármore, e fiquei apaixonado como se fora por uma mulher de carne e osso. Ela não tem cabeça, falta-lhe um braço, porém nunca a forma humana me pareceu tão admirável e perturbadora..."(tradução minha)

Chegamos a um tanque circular, manancial da fonte Ciane, cujo nome vem da ninfa que tentou opor-se ao seqüestro de Proserpina por Plutão, e tanto chorou que foi transformada em fonte. Ao entrar no braço formado pelo riacho de Ciane que aí conduz, o barqueiro teve grande dificuldade para contar em seu dialeto siracusano a história da pobre ninfa, como chamava Ciane, procurando despertar nosso interesse pela fonte hoje chamada de Pisma.

O bravo homem entendia que além das lembranças poéticas da mitologia, nada mereceria atrair o viajante na monótona navegação.

Logo, todas as imagens dos velhos tempos de Siracusa que ocupavam o meu espírito deram lugar às imagens dos meus queridos passeios aquáticos de outrora no suave Beberibe, um dos rios do meu país natal, bem mais poético e interessante do que o Anapo de hoje. Lá, por entre os variados encantos de uma natureza vigorosa, eternamente sorridente, vive um povo na brilhante aurora da civilização, ainda conservando todos os tesouros do coração, e caminhando com uma robusta fé, através das dificuldades materiais, para o grandioso futuro que deve aspirar o gênio das suas jovens, porém já heróicas tradições.

Disse adeus à Siracusa com prazer. A lembrança do tirano e a visão de uma serpente que passou aos pés do meu cavalo numa de nossas excursões fora da cidade, tornaram Siracusa pouco agradável. Sempre tive pelos tiranos e pelos répteis um insuperável horror.[1]

Como queria conhecer melhor este lado da Sicília, tomamos um carro confortável para conduzir-nos a Catania e Messina, visitando algumas cidades e ruínas do interior e do litoral antes de aí chegar. Por toda parte marcas da ira dos antigos conquistadores, e dos vulcões, ou de povoados que foram antigamente prósperas cidades. Ali, os restos de Hybla-Megara, destruída primeiro por Gélon, depois por Marcellus; aqui, Mellili, onde antigamente existiam grandes plantações de cana de açúcar; a cidade de Augusta, encravada num

---

[1] Nísia deve referir-se ao "tiranos de Siracusa", ditadores gregos, chamados *turannos* (tiranos) que dominaram Siracusa, entre eles Gélon(485) e Denys, o Antigo (430). Esta alusão aos répteis e tiranos foi citada por Oliveira Lima (op.cit.294) como a melhor síntese das idéias liberais que a escritora defendia: "A escritora abominava, no seu próprio dizer, os tiranos e os répteis e detestava Luiz Napoleão como se fosse uma vítima do Dois de Dezembro."

rochedo; Sortino, pequena cidade com cerca de 8.000 habitantes, perto de um vale irrigado pelo Anapo, onde alguns arqueólogos localizam as ruínas de Erbessus ou Pentalica; curiosas grutas sepulcrais, imensas cavernas, algumas inacessíveis, de aspecto misterioso, cavadas em rochedos verticais; Carlentini, destruída pelo terremoto de 1693; Lentini, com cerca de 8.000 habitantes, todas três com muitas grutas sepulcrais que dizem ter sido "moradia dos primeiros habitantes, os gigantes chamados pelos antigos escritores de Ciclopes ou Lestrigons"; __mais longe, Brevieri di Lentini, o maior lago da Sicília, que tem margens muito áridas; Giaretta, onde abunda o âmbar amarelo, e uma infinidade de outros sítios sem interesse hoje, mas que mostravam-se ao meu espirito curioso com as lembranças antigas, para talvez distrai-lo do presente que o angustia.

Duas coisas sobretudo me impressionaram, embora de maneira diferente, nesta viagem a um dos cantos mais pitorescos do globo: a luxuriante vegetação, onde destacam-se as milhares e milhares de laranjeiras selvagens, espirradeiras, cactos etc.., e o Etna, invencível vulcão, o mais alto da Europa. A primeira trouxe a imagem querida do meu Éden natal. O segundo, com suas numerosas crateras nos flancos, lavas negras, e suas escórias cobrindo uma imensa área deserta, com aspecto desolador, os arredores deste formidável inimigo natural da Sicília, com o pico coberto de neve que aí luta quase o ano todo com o fogo, o Etna, digo eu, causou ao meu espírito, quando o avistei melhor na fértil planície de Catania, antes de entrar na cidade, uma das mais profundas impressões já despertadas pela prodigiosa obra da natureza, cuja erupção faz o homem tremer, mostrando-lhe o nada do seu efêmero e tão alardeado poder!

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

O ETNA

Desde Píndaro e Tucídio até nossos dias, muitas pessoas falaram dessa montanha vulcânica. Grandes geólogos modernos e considerável número de visitantes do célebre vulcão escreveram sobre suas terríveis devastações, por isso ficarei em silêncio para não fazer uma imperfeita descrição.

A escalada do Etna é muito mais demorada, e mais difícil do que a do pico do Vesúvio, na altura em que ele estava quando subimos antes da erupção de maio do ano passado (1858).O frio no alto do Etna ainda é tão forte no mês de abril, que para subir foi preciso nos vestirmos como se estivéramos em pleno inverno dos países do norte.

Alugamos mulas e um tropeiro em Nicolosi, sombrio vilarejo construído com a lava preta, situado no meio de uma planície de cinzas, e que encosta aos pés dos dois cones vulcânicos. Fizemos em mulas o trajeto de Nicolosi até uma espécie de cabana, situada a seis horas de marcha do povoado, e que ainda chamam de *la casa Inglesa*, pois foram os ingleses que a construíram no início do século. De lá escalamos a pique, em duas horas, a abrupta inclinação até o cume, e quando nos aproximamos sentimos a respiração difícil por causa dos vapores de ácido clorídrico que saem do escancarado abismo, de onde é preciso afastar-se bem depressa. Os horrores do Vesúvio, que chamei de belos horrores, ao exibirem-se aos meus olhos, despertaram no meu espírito uma espécie de exaltação religiosa, que acalmou por assim dizer, o medo inspirado pelas detonações e por duas gigantescas chamas que saiam das enormes crateras, e também pelos riachos de lava que desciam e espalhavam-se por toda parte como uma estranha inundação! Lá, antes da erupção eu me divertia correndo de um para o outro dos abismos, no solo brilhante, rachado e que chiava aos meus pés, e ao parar olhando por alguns instantes a destruidora criação da natureza minha alma encheu-se de um santo entusiasmo, quando contemplei o contraste do furor do vulcão com as calmas e fascinantes belezas do golfo de Nápoles, da cidade, e do verde campo que cercam o Vesúvio.

Aqui, o Etna causou-me uma melancólica tristeza, uma sombria impressão, sem nenhum dos impulsos que sempre sinto diante de tudo que é grandioso!

Os mais curiosos fenômenos da imensa montanha vulcânica, de cujo pico o olhar pode abarcar numerosas cidades e povoados, e um horizonte com mais de duas mil milhas, de onde, dizem, com um céu sereno podemos avistar (não tivemos a felicidade de ver) as costas da África; o interessante espetáculo que mostra sua sombra projetada sobre a Sicília; o vasto lençol de água do mar e dos rios Cantara e Simeto, estendendo-se em sua base: nada disso despertou-me um único movimento de entusiasmo que me arrastasse nem por um instante das minhas tristes lembranças, e da lembrança de milhares de vítimas enterradas com suas cidades debaixo do monte de cinzas e lavas vomitados por esse vulcão, cobrindo a terra, muitas milhas ao seu redor, como um grande tapete negro jogado sobre a alegre natureza da Sicília.

CATANIA

Catania, construída sobre muitos depósitos de lavas, aos pés do famoso vulcão que a devastou muitas vezes, e sempre a ameaça, tem cerca de 70.000 habitantes, e é considerada por muitas pessoas como a mais bonita cidade da Sicília. No entanto, afora situar-se na perigosa vizinhança do Etna, ela não consegue de jeito nenhum rivalizar por seus atrativos com a encantadora Palermo. Mesmo vindo da destruída Siracusa, as belezas de Catania não me impressionaram, e tive pressa em afastar-me dessa região onde via o triste aspecto da desolação causada pela fúria do Etna.

Catania tem muitas igrejas e conventos onde dizem que todos os ramos mais jovens das famílias nobres terminam seus dias. Ela é regularmente construída, com belas ruas, as quatro principais, Etna, Corso, Ferdinanda e Quatro Cantoni cortam-na em cruz. Tem bons hotéis (estamos no Hotel da França), uma universidade, fábricas de estofados em seda e de muitos objetos em âmbar amarelo comercializados por Catania, assim como vinho, trigo e lã etc. O mais estranho é que uma das fontes de renda da cidade é o gelo extraído do Etna,

com o qual ela abastece Malta e uma parte da Itália. A montanha vulcânica, cujas erupções terríveis freqüentemente incomodam Catania, possui grande quantidade de neve.

Os que leram atentamente as interessantes obras modernas de Recupero, de Hoffmann, dos geólogos Elie de Beaumont e de Sartorius de Walterschausen[1] este último dedicou seis anos ao estudo do Etna, terão uma idéia dos fenômenos da extraordinária montanha que sozinha é como se fosse um mundo, com zonas, climas e aspectos diferentes.

Percorremos Catania e seus arredores e visitamos alguns de seus monumentos. A catedral dedicada à Santa Ágata, virgem siciliana martirizada por ordem de um pretoriano romano do século 3, e que é festejada aqui, dizem, com a mesma solenidade que Santa Rosália em Palermo, e San Genaro em Nápoles, tem algumas belezas artísticas de escultores e pintores sicilianos, e um notável baixo relevo que decora a porta lateral, em mármore branco, que foi trazido do antigo teatro de Catania, assim como as colunas do templo. Mostraram-nos na sacristia um afresco que representa a terrível erupção de 1669.O museu que mais me interessou em Catania foi o Museu Biscari, fundado pelo príncipe de Biscari, espírito liberal e esclarecido que prestou muitos serviços a Catania desenterrando muitos monumentos antigos, gastando enormes somas de dinheiro. Além de notáveis obras de arte, estátuas, bustos, bronzes, mosaicos, coleções de vasos greco-sicilianos, há no museu vestimentas sicilianas dos séculos doze e treze, e armas do primeiros tempos, e da Idade Média. As salas com objetos de história natural merecem a atenção do visitante.

Resta pouca coisa dos monumentos antigos da cidade, e aqui, como em geral quase por toda parte na Sicília, é preciso imaginação para representar sua antiga grandeza e suas belezas, diante dos fracos vestígios e dos restos que ainda se vê.

---

[1] Na época em que Nísia visitou o Etna existiam vários estudos sobre o vulcão, entre eles os que ela cita:
Recupero, Joseph (1720-1778) - mineralogista italiano nascido em Catania na Sicília. Descreveu os fenômenos vulcânicos do Etna no trabalho *Storia Naturale e Generale del Etna,* publicado em suas obras completas em 1815.

Elie de Beaumont- Jean Baptiste A. Louis Leonce -(1798-1860) - geólogo francês. Publicou sobre o Etna - *Origine et Structure du Mont Etna*, 1835.

Sartorius, Wolfgang - Barão de Waltershausen- (1809-1875)- geólogo alemão. Dedicou muitos anos ao estudo do Etna. Autor do *Atlas do Etna*,1848- mapa geológico e topográfico detalhado do Etna.

Perto da porta d'Aci, também chamada de porta de Stésichore[1], em memória do poeta cujo túmulo foi encontrado perto dali, mostraram-nos os vestígios de um anfiteatro construído pela colônia enviada por Augusto. Teodorico, o conde Roger, e muitos outros conquistadores, pouco preocupados em conservar o que mostrava a grandeza das antigas concepções, fizeram do colossal monumento uma pedreira de onde tiraram material para recuperar as muralhas da cidade, e construir a catedral. No meio da cidade, nos lados de uma colina, ficam os restos do grande teatro, que acreditam ter sido construído pelos antigos romanos, dele o conde Roger tirou as colunas e baixo relevos que vemos na catedral. Casas modernas recobrem uma parte do lugar onde ficava o teatro, o Odéon também foi transformado em várias casas. "Foi num teatro de Catania que o general ateniense Alcibíades teve a astúcia de distrair o povo com seus discursos, enquanto o exército inimigo entrava na cidade por uma porta fragilmente defendida"[2].Muitos restos de banhos ou termas ainda são visíveis em diferentes lugares da cidade, assim como de túmulos em seus arredores, e de um columbário bem conservado.

Um dos maiores e mais luxuosos edifícios de Catania é o convento dos Beneditinos, reconstruído após o terremoto de 1693. Os bons servidores de Deus, cujo convento antigamente ficava nos confins dos lugares habitados do Etna, além de Nicolosi, hoje encontram-se confortavelmente instalados na grande habitação que mais parece um palácio do que um piedoso mosteiro. Um belo jardim ergue-se na altura do segundo andar sobre a lava que destruiu o primeiro, e da qual ainda se vê uma parte mostrada aos visitantes de Catania como uma de suas curiosidades.

---

[1] Stésichore (636-556 a.C) Um dos mais antigos poetas gregos. Nasceu em Himere na Sicília. Contemporâneo de Alceu e Safo. As suas obras esparsas foram recolhidas por Klein e publicadas em 1828.Entre elas o poema pastoral - *Daphnis.*

[2] Citação do guia. (em Du Pays, op. cit. p. 712).

MESSINA

De Catania viemos até Messina. Desde que deixei o meu querido Brasil, nunca a natureza expusera aos meus olhos uma vegetação tão esplêndida, nem tão grandiosas e variadas cenas quanto as da estrada de Siracusa. Selvagem em sua beleza até Catania, o trecho de Catania até Messina parece um grande jardim onde as plantas dos trópicos mostram-se belas ao lado de melancólicas oliveiras, entre ruínas de cidades, castelos, fortalezas que lembram o tempo dos gregos, dos romanos, sarracenos, e outros povos que os sucederam. De um lado a vista tão bonita do mar Jônico, com todas as suas lembranças antigas, do outro a dos pitorescos vilarejos, do campo florido e do Etna de quem mais gostava a medida em que dele me afastava, oferecem quadros tão variados, tão grandiosos, tão admiráveis, que mesmo o mais hábil pintor seria incapaz de reproduzir em toda beleza.

Por toda parte na Sicília os acontecimentos mais remotos da história grega e da mitologia surgem no pensamento do viajante, e apesar da tristeza que tomou conta de mim, na terra cuja vegetação transportava-me para minha terra natal, encontrei uma agradável distração em deixar meu espírito vagar no obscuro labirinto da antigüidade, às vezes imaginando Ulisses desembarcando com seus companheiros, como descreveram Homero e Virgílio, no porto ou enseada de Scaro di Lognina, perto de Catania; ou então o amante de Galatéia, Acis, caindo esmagado sob o pesado rochedo que lhe atirou o ciumento Polifemo, transformado pelos deuses num rio que atravessamos mais longe. Um vilarejo que é chamado de Aci Castello foi construído num rochedo muito alto perto dali, dominando o mar que o banha e a imensa praia toda coberta de lavas.

As ilhas Fariglioni ___Os arrecifes dos Ciclopes nos tempos mais remotos ficam bem perto do vilarejo de Trezza, onde pegamos um barco para visitá-los. As massas informes e áridas, de singular aspecto, só oferecem interesse pela lembrança dos acontecimentos narrados na *Odisséia* e na *Eneida*.

Segundo Virgílio foi aqui que Enéias encontrou o grego Aquemênidas, que fora abandonado por seus companheiros, e que Homero localizou a gruta de Polifemo de onde Ulisses conseguiu astuciosamente escapar.

Percorrendo a estrada de Catania visitamos muitos outros lugares curiosos, parando em Aci Reale, antiga cidade, que tem o nome do pastor Acis. Ela tem cerca de 21.000 habitantes. Paramos também em outros vilarejos, outras cidades, lugares onde haviam ruínas interessantes ou encantadores panoramas para ver.

A algumas milhas do encantador povoado de Giarre ficam os escombros do famoso *Castagno di cento cavalli*, como ainda chamam o pouco que resta do antigo castanheiro em cuja sombra abrigou-se, com 100 cavalheiros, Joana de Aragão, surpreendida por violenta tempestade.

Para uma viajante nascida no novo mundo, onde entre as numerosas criações da natureza as árvores gigantescas são em toda parte uma coisa comum, a descrição que fizeram das grandes dimensões do castanheiro não tem nada de surpreendente.

Ainda lembro que na antiga propriedade dos meus queridos pais, a outrora florescente Floresta, destruída pelo *vendaval* das revoluções e pela infelicidade da família, entre outras árvores havia uma enorme mangueira em cuja sombra meu pai mandou colocar mesas para 200 convidados, numa festa realizada num 12 de outubro[1].

Mais curiosos do que os restos do *Castagno di cento cavalli* são os pitorescos sítios, com luxuriosa fertilidade, ou cortados por riachos secos que mostram vestígios de ruínas de cidades destruídas por terremotos. Ali, uma corrente de lava que dizem ter impedido em 396 a.C. os cartagineses de seguir sua rota e os obrigou a contornar o Etna; aqui os vestígios de Naxos, uma das primeiras colônias gregas na Sicília; mais longe, Tissa, com seu bom povo de trabalhadores, antigas muralhas, casas construídas com lava preta, e monumentos da Idade Média, com algumas pinturas de artistas sicilianos.

---

[1] A festa lembrada por Nísia deve ter sido para comemorar seu aniversário, 12 de outubro. Ao referir-se ao "vendaval das revoluções" e infelicidade da família, Nísia lembra a invasão do sítio Floresta, onde nasceu no Rio Grande do Norte, durante a revolução de 1817, quando os revoltosos perseguiram seu pai, que era português. A família abandonou o sítio e mudou para Goiana e depois para Olinda.

A pequena distância de Randazzo fica uma notável capela bizantina, depois, passando por Francavilla, que tem cerca de 4.000 habitantes, chegamos, seguindo o curso do Simeto, ao vilarejo Giardini, situado na costa, e lá encontramos para passar a noite um hotel que nos ofereceu todo o conforto de hotéis das grandes cidades do país, e saímos na manhã seguinte bem cedinho para visitar uma das mais célebres cidades da antiga Sicília.

TAORMINA

Quando Denys destruiu a cidade de Naxos, quatro séculos antes de Cristo, seus habitantes vieram povoar Taormina. Situada numa elevação rochosa muita alta e de difícil acesso, Taormina foi uma das mais célebre praças fortes da Sicília e resistiu por muito tempo aos sarracenos que dominaram a ilha.

Entre outros terremotos, o de 1693 contribuiu para sua decadência.

Cercada por fortificações, hoje quase inteiramente destruídas, e com cerca de 9.000 habitantes, ela só conserva de sua antiga opulência e de sua fama poucos restos de uma piscina, de uma naumaquia, de aquedutos, e de alguns edifícios da Idade Média, a Casa del Duca, a Badia Vecchia, e o antigo hospital. Os carros não podem subir até Taormina e alugamos burros e um guia, em Giardine, para levar-nos ao alto da cidade, por uma senda escarpada e tortuosa, excessivamente desconfortável. Na verdade "não se pode entender como sendo de tão difícil acesso fosse outrora tão famosa e que ainda seja habitada atualmente".

Após visitar o que ainda resta de interessante na cidade de aspecto mourisco, fomos para outra elevação próxima para ver uma ruína, motivo principal de nossa excursão à Taormina: um antigo teatro, em parte cavado na rocha, monumento dos mais famosos e renomados da Sicília.

Era um imenso e magnífico edifício greco-romano, saqueado e destruído pelos normandos, e apesar de algumas restaurações feitas nas primeiras décadas desse século, só

encontramos uma coleção de escombros. Uma caricatura de arqueólogo, encarregado de mostrar as ruínas, nos acompanhara e com um tom de importância contava a história do monumento, que ele tem muito interesse em gravar na memória dos visitantes.

Mostrava-nos com um empenho crescente, mas um pouco grotesco, a largura do diâmetro do teatro, o lugar onde ficavam as arquibancadas, o resto dos pequenos muros que cercavam o podium, o palco, etc.

Ao fim de sua longa peroração eu já não o escutava, porque além da distração do meu espírito, sempre voltado para o hemisfério onde vivem um querido filho e os irmãos que associo à todas as minhas grandes emoções em terras estrangeiras, tinha diante dos olhos um dos mais belos espetáculos da natureza, e minha alma rendia graças Àquele que a criou capaz de apreciar a grandeza de suas obras!

A admirável vista que usufruímos do alto das arquibancadas do teatro mantinha-me em êxtase. De um lado, um antigo forte sarraceno e os restos de sarcófagos gregos, de túmulos árabes espalhados no campo, rochedos, torrentes que desciam da cadeia de Pelore; do outro, os vilarejos, o belo mar azulado com diferentes nuanças, confundindo-se com o da Grécia; o Etna dominando toda a esplêndida cena que descortina-se até as costas da Calábria, tudo isso iluminado por um soberbo sol da manhã sob o feérico céu siciliano enchia minha alma de admiração e melancolia! As lembranças históricas desses lugares, e as de minha querida pátria distante vieram unir-se à minha emoção, e povoaram meu espírito por alguns instantes com milhares de imagens fantásticas, que misturavam-se com a realidade sobre a qual eu meditava, deixando atrás de mim a célebre ruína, Taormina, Giardine e muitos outros vilarejos, cidades, sítios, ruínas pitorescas e diferentes casas que se sucedem nessa estrada muito interessante, bordejada aqui e ali de romãzeiras, laranjeiras, aloés, amoreiras, espirradeiras, etc. até Messina.

Messina foi minha última etapa na Sicília, e apesar do interesse que me inspiraram as belezas, as curiosidades, e o povo da importante ilha, tão digna de melhor governo, esperava com impaciência o momento de deixá-la para ir à Grécia, objetivo de minha viagem.

A origem de Messina, antiga Zancla dos gregos, perde-se na noite dos tempos. Os sículos, expulsos do continente italiano aí estabeleceram-se, depois deles os calcídicos e os samnitas. Após a guerra do Peloponeso os messinianos expulsaram os samnitas e deram seu nome à cidade. Sua história é semelhante á de outras cidades da grande ilha, confunde-se com as guerras entre Atenas e Cartago, e compartilha os destinos da mãe pátria. Depois, como suas irmãs, ela resistiu aos sarracenos, sofreu em seguida o domínio dos espanhóis e de outras nações estrangeiras, até a dinastia cujo despotismo ainda a esmaga até hoje.

Messina não guarda nenhum vestígio de sua antigüidade; construída em anfiteatro, tem um aspecto de limpeza que agrada à primeira vista. Bonitas ruas, muitas delas terminando em portas que vão dar no porto, um dos maiores do Mediterrâneo; belas construções e estátuas ladeiam o cais, onde se vê uma fonte chamada de Netuno, e dois monstros acorrentados que dizem representar Caríbdis e Scylla. A rua do Corso e o jardim de Flora são os dois principais passeios da cidade. Há em Messina algumas belas igrejas, uma universidade com uma biblioteca e quadros de artistas sicilianos. A catedral, cuja fachada é de mármore de diversas cores, possui, entre outras obras de arte em escultura e mosaico, um elegante púlpito esculpido por Gagini. Conserva-se nessa igreja a tradução em grego, feita por São Paulo, da carta que a Virgem, é o que acredita-se, escreveu aos messinianos, em resposta à uma delegação que eles enviaram à Jerusalém. Porém, apesar do esforço de muitos devotos, e tudo o que o jesuíta Melchior escreveu para comprovar a autenticidade da carta, a sua invenção continua sendo atribuída a Constantino Lascaris.

Embora os messinianos pareçam apegados a tais tradições, no fundo não estão de todo convencidos da autenticidade da carta.

Uma estátua eqüestre, em bronze, de Charles II construída por Serpotta, ergue-se na bela praça da catedral, que tem também uma curiosa fonte com numerosas esculturas alegóricas, obra de Fra Angelo Montorsoli.

A cidade, e sobretudo o porto de Messina, são muito animados, e seu povo vivo e inteligente, amável como em geral o são todos os sicilianos, entre os quais não encontrei nada da brutalidade e má fé de que falam, com acrimônia ou desprezo, alguns viajantes.

Sem dúvida existem bandidos na Sicília, como os há no continente, mas nunca os encontrei, mesmo nos lugares mais solitários que atravessei.

Porém, esse flagelo tão deplorável, degradante ofício, duplamente criminoso num solo cuja fertilidade convida o homem ao trabalho, e facilita a nobre tarefa de sobreviver e contribuir para o bem da humanidade, foi tolerado e mesmo conduzido outrora, como se sabe, nessa bela região, por grandes senhores e mesmo por cabeças coroadas que deveriam zelar pela segurança das populações. Tais sementes não podem deixar de produzir os mais nefastos frutos e fortalecer raízes bem difíceis de extirpar. Aliás, quando olhamos a maior e mais livre nação da Europa, tão justamente elogiada por suas leis, educação moral e admirável polícia, e quando vemos tantos crimes cometidos mesmo entre os mais brilhantes progressos da civilização, não devemos, é o que me parece, ser tão severos com um povo cuja lei é a vontade de um tirano déspota, e a educação é ministrada pelo fanatismo de uma classe que, seja por ignorância, ou por cálculo, tentou em todos os tempos privá-lo das luzes que desmascarariam os erros que ela comete, e o esclareceriam sobre os seus direitos.

6 de maio

Diante do encantador espetáculo que oferecem os admiráveis efeitos de luz sobre as montanhas da Calábria e Reggio, com suas casas brancas descendo até o pé das colinas separadas pelo canal, minhas ações de graças elevaram-se mais solenes aos céus nesse dia pelo feliz sucesso do espírito liberal de Florença, a Bela. A bandeira da independência foi desfraldada enfim entre o entusiasmo pacífico, porém firme, do seu povo, do seio do qual o grão-duque e sua família retiraram-se, sem que ninguém, nem mesmo os populares, cujas paixões são difíceis de conter em tais circunstâncias, lhes dirigisse o menor insulto. Lemos no *Monitore Toscano* de 28 de abril:

_ *"Alle 6 pom. il principe con la sua famiglia, accompagnato dal corpo diplomatico sino alla frontiera parti tra la folla silenziosa e s'indirizzò alla volta di Bologna".*

"Nunca, escreveram-me de Florença, a manifestação de um povo contra um governo que detestava foi tão isenta de cólera contra o chefe destronado. As pessoas entregam-se às alegrias públicas com a queda de um príncipe que atraiu o descontentamento e desprezo dos toscanos, e agora parecem até mesmo esquecer que ele existiu."

Já há algum tempo a Toscana alimentava o mais vivo desejo de aliar-se ao Piemonte para fazer a guerra da independência da Itália.

As mais notáveis pessoas da região haviam dado a conhecer ao governo, por seus escritos, ou por cartas particulares, as intenções gerais.

Até mesmo o exército toscano ultimamente mostrou sinais de sua intenção em conformar-se com os desejos dos cidadãos. Diversas personalidades de Florença procuraram, através de longas e continuadas demonstrações secretas, junto ao príncipe e ao ministério, falando-lhe sobre a situação, influenciar o governo a apoiar a resolução do país.

Quando o prazo da conhecida intimação austríaca ao Piemonte estava a ponto de expirar a situação se tornou mais grave, e na manhã do 27 de abril último uma multidão composta por pessoas de todas as classe sociais reuniu-se na grande praça de Barbano, em Florença, com bandeiras tricolores gritando: *viva la guerra! viva Vittorio Emmannuelle! Viva l'independenza!*[1]

As duas fortalezas (dizem que em uma delas o filho do grão duque ordenou que os soldados atirassem no povo, ordem bárbara, digna de um jovem tirano, que os soldados não obedeceram) de San Giorgio e San Giovanni, também desfraldaram as bandeiras tricolores,

---

[1] A rebelião em Florença e a partida do grão-duque contrariavam o acordo firmado em 26 de janeiro de 1859 entre Camilo Cavour, ministro do Piemonte e o imperador Napoleão III, que planejaram a divisão da Itália em quatro domínios após a possível vitória contra a Áustria: o reino da Itália do Norte, incluindo Piemonte, Sardenha, Lombardia, Veneza e Romagna; Roma e arredores sob o domínio do papa; um reino da Itália central com estados que haviam pertencido aos Estados Pontifícios, e a Toscana; e um reino ao sul, sob o domínio do rei de Nápoles. A França e o Piemonte declararam guerra à Áustria em 23 de abril, e antecipando-se à primeira batalha, ocorrida em 4 de junho, os toscanos expulsaram o grão-duque e nomearam Vittorio Emmanuele, rei do Piemonte, protetor da Toscana.

saudadas com honras militares. Em seguida toda a cidade foi tomada pelo povo feliz e entusiasta, porém sem ultrapassar os limites da mais estrita moderação.

Foi então que o príncipe chamou D. Neri Corsini, marques de Lajatico, que falou respeitosamente das reivindicações da Toscana, a primeira delas a sua abdicação. De início o príncipe chamou o corpo diplomático e declarou que não aceitaria as reivindicações. Depois pediu que garantissem sua segurança e a de sua família até que ele abandonasse a terra da Toscana.

Todos os ministros, e em primeiro lugar o ministro da Sardenha, prometeram-lhe segurança, embora as condições em que estava a cidade não oferecessem nenhum perigo.

Após a partida do grão duque o município de Florença se fez, como em outras ocasiões semelhantes, intérprete fiel dos desejos universais, e, reconhecendo a suprema necessidade do país, nomeou um governo provisório composto do cavalheiro Ubaldino Peruzzi, o advogado Vicenzo Malenchini e o magistrado Alessandro Danzini.

Do palácio municipal o magistrado de Florença mandou publicar a nomeação com a data de 27 de abril de 1859. No mesmo dia os três membros do governo publicaram a seguinte proclamação:

"Toscani! Il Granduca ed il suo governo, anzichè sodisfare ai giusti desideri in tanti mondi e da tanti tempo manifestati dal paese, lo hanno abbandonnato a se stesso. In questi fragenti il Municipio de Firenze, solo elemento di autorità rimasto, adunatosi straordinariamente volendo provvedere alla suprema necessità di non lasciare la Toscana senza governo, ha nominato i sottoscritti a reggerla provvisoriamente.

Toscani! Noi abbiamo assunto questo grave incarico per il solo tempo necessario perchè sua maestà il Re Vittorio Emmanuele provveda tosto, e durante il tempo de la guerra, a reggere la Toscana in modo che essa concorra efficacemente al riscatto nazionale.

Confidiamo nell'amore della Patria italiana che anima il nostro paese, onde l'ordine e la tranquilità vengano mantenuti. Coll'ordine e colla disciplina soltanto si giunge a rigenerare le nazioni e a vincere la battaglie.

Firenze, 27 aprile 1859.

Cav. Ubaldino Peruzzi

Magg. Vicenzo Malenchini

Alessandro Danzini.

Os jornais de Florença e de Turim, que me enviaram para Messina, onde sabiam que deveria pegar o navio para a Grécia, estão cheios dos relatos do grande movimento político com que todos os espíritos preocupavam-se há muito tempo, e que estava a ponto de eclodir quando parti de Florença.

O grande defensor da união nacional, o enérgico conde de Cavour, astro luminoso do horizonte italiano, mostra com glória na Câmara e no Senado de Turim sua alta inteligência, e o tato profundo que caracterizam um grande homem de Estado.

As tropas italianas, tendo à frente o bravo rei soldado, preparam-se para a batalha final que logo acontecerá e decidirá o destino da Itália.

O mais antigo e mais nobre campeão de sua independência acorre silencioso, intrépido, e grande como sabe ser nos graves acontecimentos, para continuar sua sublime cruzada contra o despotismo e a tirania dos opressores de sua pátria, ou da humanidade. Garibaldi, o gênio da liberdade dos tempos modernos, que reúne todas as virtudes do antigo romano, quando Roma tinha grandes homens na verdadeira significação da palavra (sempre profanada e conferida àqueles que se erguem ao preço dos sofrimentos dos povos que eles oprimem), convoca com seu nobre, sublime élan patriótico, os corações devotados à santa causa nacional, para o triunfo da jovem Itália. [1]

Como o coração do herói deve contrair-se dolorosamente quando ele reconhece, após os últimos onze anos de humilhação que tão duramente pesaram sobre a Itália, desde os grandes feitos e a cruel derrota de seus filhos em 48, em Roma sobretudo, a impossibilidade

---

[1] A simpatia pela causa italiana espalhava-se pela Europa e América. No início da guerra contra a Áustria George Sand escreveu um pequeno texto onde em sonho vê passar um personagem, "a guerra", que diz:" Vou defender os fracos, vou libertar o oprimido, vou retomar uma terra que foi arrancada dos seus legítimos donos, vou socorrer um povo que quer tornar-se ele mesmo." (in *Questions politique et sociales*, 1859, citado em Rocheblane, S. *George Sand, oeuvres choisis,* Paris, Hatier, 1937, p.547, tradução minha)

de transmitir a cada italiano sua intrepidez, nobre desinteresse, verdadeiro amor e firmes crenças patrióticas, para libertar a pátria dos seus opressores sem a ajuda de um estrangeiro, que disfarça sob a aparência de uma generosa proteção a intenção de tê-la sempre sob sua influência, procurando por todos os meios possíveis impedir seus impulsos nacionais!

Luiz Napoleão afirmou em sua proclamação contra a Áustria a intenção de libertar a Itália até o Adriático, e ordenou aos seus oficiais que se mantivessem de prontidão.

O general Canrobert partiu em 23 de abril para ficar à frente do seu exército, que logo marchará com outros regimentos franceses para reunir-se às tropas piemontesas, e a todos os italianos que acorrem à nova cruzada da independência do seu país, começando por combater a Áustria em seu território, há muito tempo tomado por ela, e que procura obstinadamente mantê-lo sob seu domínio.

O arquiduque Maximiliano, governador geral dos lombardo-venezianos, embora no fundo não compartilhe a visão do seu irmão sobre a Itália, partiu para Veneza onde deve passar em revista a frota imperial.

Em Pavia há uma grande concentração de tropas comandadas pelo subtenente general Benedech.

Os dois irmãos Finzi e outras pessoas foram presas em Mântua. Por toda parte unem-se esforços supremos, opostos entre eles, para quebrar ou estreitar os grilhões da palpitante Itália.

Fazendo votos os mais ardentes para o triunfo completo dos primeiros desses esforços, parto amanhã para a Grécia a bordo do navio que passa por muitas ilhas do arquipélago.

VIAGEM À GRÉCIA

Deixando para trás as férteis e belas plagas sombreadas de Messina logo navegávamos no mar Jônico que desperta no espírito tão grandes e clássicas lembranças! O tempo estava esplêndido, o vento calmo, e minha filha e eu pudemos sorver em grandes tragos, da coberta do navio, antes que a noite caísse, o ar impregnado de lembranças que parecia transformar todo meu ser, a medida em que aproximava-me da célebre Hélade, saudando a guirlanda de ilhas históricas e tão poéticas que outrora formavam o arquipélago.

Talvez por causa do mar calmo, que permitia o navio deslizar costeando as ilhas com a serenidade de um cisne cortando as águas tranqüilas de um lago, talvez pelas impressões novas e grandiosas que enchiam a minha alma sob o céu da Grécia, não senti os ataques dolorosos do enjôo, e pude entregar-me ás lembranças despertadas pela feliz navegação por entre as ilhas, e tantos lugares notáveis.

Passamos o estreito que separa o continente da ilha Sapienza, célebre pelo combate que aconteceu em terra e mar entre os atenienses e espartanos, e mais tarde, pela batalha entre genoveses e venezianos, irmãos por tanto tempo separados! Zante e Cefalônia, com suas grandes lembranças, e as marcas da devastação feita pelos turcos, aí e por toda parte na Grécia. Ítaca, com a sombra de Ulisses e do que chamavam o castelo da Odisséia e Escola de Homero. Pequena ilha clássica que foi o berço da história grega, e onde grande parte da população atual ainda rememora os nomes de Ulisses e Penélope ao batizar as suas crianças. Todos esses lugares surgiram diante dos nossos olhos com nobres fantasmas de grandezas passadas, e com a atual desolação!

Mais longe mostraram-se as costas de Corfu, com suas bonitas cidades, vilarejos, igrejas, campos cultivados, e bosques que parecem um grande parque. Corfu, com sua capital e seu bonito porto repleto de navios, é uma poderosa chave com que os ingleses ainda guardam sob sua dependência a república jônica de sete ilhas, que mesmo

aproveitando os benefícios da civilização britânica, desejam reunir-se às suas irmãs livres do bárbaro domínio dos turcos.

O sentimento nacional fala sempre mais alto no coração dos povos do que as grandes vantagens que eles podem usufruir de um governo estrangeiro. O amor da pátria é uma chama sagrada que queima, em toda parte, no coração dos povos, qualquer que seja sua posição política, ou estado de civilização, atrasada e até mesmo na barbárie. E acredito que nenhum coração verdadeiramente patriótico, ou humanitário, deixará de sentir que os argelinos e os indianos[1], decaídos em nossos dias, têm razão em revoltar-se contra a dominação das duas modernas nações civilizadas, à cujas leis se submetem.

Os bretãos e os gauleses, povos ainda bárbaros, após resistirem tão nobremente aos exércitos romanos, que findaram por derrotá-los, ficaram resignados e contentes sob a dominação dos vencedores, usurpadores dos seus direitos, como os povos que hoje eles oprimem?

---

[1] Após debelar uma revolta que irrompeu, em 1857, no nordeste de Nova Délhi e espalhou-se pelo centro e norte da Índia, o governo britânico assumiu, em 1858, o controle direto do país. A colonização da Argélia, pelos franceses, foi iniciada em 1830.

O processo colonizador estava a pleno vapor nestes anos da viagem de Nísia. Muitos viajantes franceses e ingleses (entre eles várias mulheres) partilhavam a crença de que a civilização ocidental, impulsionada pelos benefícios tecnológicos, levaria o progresso para os povos ainda "bárbaros". Nísia, embora comungue da cultura européia (viaja em busca dos "lugares sagrados" da cultura) mantém-se fiel ao espírito libertário em que foi criada e duvida da validade do progresso em troca da autonomia dos povos. Sua crença inabalável, romântica, não só neste livro, mas em tudo o que escreveu é na independência dos povos. Assim, neste momento o discurso de Nísia diferencia-se do discurso europeu e é como filha da América que fala, de uma América cujos primitivos filhos foram exterminados pelo colonizador europeu, fala como o Caeté do seu poema *Lágrima de um Caeté* (1849):

Por nossos costumes singelos e simples
Em troco nos deram a fraude, a mentira,
De bárbaros nos dando o nome, que deles,
Na antiga e moderna História se tira.
(...) Indígenas do Brasil o que sóis vós?
Selvagens? os seus bens já não gozais....
Civilizados? Não...vossos tiranos
Cuidosos vos conservam bem distantes
Dessas armas com que feridos tem-vos.

As nações parecem esquecer as lições das suas próprias infelicidades passadas e tornam-se insensíveis à infelicidade dos outros povos.

Aliás, esse sempre foi, em todos os tempos, o espírito das nações conquistadoras. A velha Jônia tem razão em desejar e deve, por natureza, nacionalidade, história, e sentimento, reunir-se à Grécia regenerada, e compartilhar o seu destino.

Porém, voltando ao clássico arquipélago, hoje despojado dos esplendores gloriosos que outrora o tornaram tão famoso, eu via as ilhas aparecerem e desaparecerem diante dos meus olhos como veneráveis sombras plangentes, esperando que as gerações futuras devolvam em nova forma a grandeza desaparecida.

Debaixo de um céu cintilante de estrelas, na noite calma, merencória, e esplêndida, perfumada pelas suaves brisas, eu escutava sonhadora o murmúrio da água agitada docemente pelo deslocamento do barco, quando de repente a rocha de Leucádia, inclinada sobre o mar, desenhou-se na sombra, com todas as lembranças do templo de Apolo, e da mais célebre poeta da antigüidade, cujo funesto amor por um ingrato a fez precipitar-se no mar, na esperança de esquecer seus males.

Parece que eu via a grande sombra de Safo planando sobre a ilha[1], que seu gênio e sua infelicidade imortalizaram, e cuja poesia se foi para dar lugar ao prosaico estado em que hoje está, com o nome de Santa Maura.

E continuando a contemplar, mais ou menos sensibilizada, todas as belas ruínas de arte, tristes, e privadas de suas glória passadas, gritei como Byron no silêncio do meu coração :

The isles of Greece!the isles of Greece!
Where burning Sapho loved an sung;
Where grew the arts of war and peace,

---

[1] No canto segundo (XXXIX), de Childe Harold's Pilgrimage(1812), Byron avistou a ilha de Safo:

Childe Harold reconheceu a célebre rocha
Refúgio dos amantes e túmulo da musa de Lesbos.
Infeliz Safo! o deus da poesia não pode proteger
Um coração ardendo com o sagrado fogo do gênio? (tradução minha)

Where Delos rose and Phoebus sprung!
Eternal summer gilds them yet,
But all, except their sun, is set.[1]

Cerigo, antiga Citera, ilha encantadora que foi a principal morada de Vênus cujo templo atraía muitos amorosos, hoje está quase toda coberta por rochedos nus, que cercam alguns vales ainda férteis, cultivados por uma população muito simples. No entanto, se a deusa do amor perdeu para sempre seus templos, atributos, e as homenagens dos pagãos, ela conserva entre todos os povos um templo em cada coração humano, e seu reino mais estável do que o dos reis durará tanto quanto o mundo.

Dizem que há poucos anos o escultor Seigl[2], em suas pesquisas para descobrir um antigo mármore, visitou uma velha e piedosa mulher que lhe contou a história de sua felicidade passada, provando que na velha Citera, hoje tão modificada, a força do amor ainda se faz sentir em toda a sua plenitude. Seu jovem marido e ela, que amavam-se ternamente, construíram eles mesmos uma casinha numa praia da ilha onde viveram muito felizes, isolados do mundo. A terrível invejosa das felicidades terrenas, veio, inexorável, cortar a santa e doce união dos dois corações que bastavam-se a si mesmos: a morte levou o marido, e a viúva, em sua grande dor, sentiu todo o isolamento de sua casinha e de toda a ilha, que tornaram-se intoleráveis para ela. Deixou então a casa e a ilha, retirando-se para um

---

[1] Em inglês no texto. Nísia está citando versos do *Don Juan*, de Byron (1819-1823), canto LXXXVI. Embora pareça estranho que a educadora de meninas cite trechos da "sátira mordaz e às vezes obscena do poema Don Juan", retirado da Biblioteca Positivista de Comte, onde consta "obras escolhidas de Byron, suprimindo nomeadamente Don Juan", lembro que "As ilhas da Grécia" inserem-se no poema de Byron como uma canção à parte. É a canção de Don Juan e Haidée, que começa com a celebração da mulher e nas estrofes seguintes celebra o tema nacionalista. A canção foi publicada em antologias do poeta, dirigidas às jovens inglesas, com o título de "Belezas de Byron". William Saint Clair, em estudo sobre a recepção dos textos de Byron pelo público inglês ("The impact of Byron's writings", em *Byron: Augustan and Romantic,* London, Macmillan, 1990/115) estudou estas antologias:

"Don Juan só poderia ser assimilado pela cultura dominante se fossem suprimidos seus danosos sentimentos. Viu-se o esforço para suprimi-los nas antologias e versões expurgadas, as "Belezas de Byron", uma delas aprovada por um clérigo. Don Juan não é uma poema fácil de se extrair "belezas" - a irreverência é seu tom tanto na voz, quanto nos sentimentos. A preferência por "Ilhas da Grécia" não seria resultado desta atitude? A canção é um fragmento bem diferente do resto do poema, e a única passagem adequada para a leitura das moças." (tradução minha)

[2] Seigl, Jean Gabriel (1804-1875), poeta, escultor e arqueólogo austríaco.

convento da ordem de São Basílio, entre os rochedos de Moréa, onde apesar de todas as práticas religiosas que seguiu, não conseguiu sufocar o amor e a dor que carregava no coração, até mesmo na sua velhice, e quando contou a história a Seigl a dor persistia.

As mortificações prescritas nos túmulos dos vivos para glorificar um Deus de bondade nunca conseguiram na Grécia, nem em outros lugares, substituir nos corações a adoração à rainha de Citera.

A pequena distância de Cerigo fica Moréa com seus rochedos, vilarejos, torres de mármore, e um convento que guarda corações partidos, como tantos outros conventos o fazem.

Na ponta do cabo Matapan, tão atormentado por tempestades, um pequeno eremitério aparece como um ninho de águias, suspenso entre os altos rochedos sobre o mar. Ali vivia um solitário, cuja história não conhecemos, uma emocionante ou grande história, talvez, como a história de tantos outros que sepultam-se no santuário do coração, e descem silenciosamente para a obscuridade do túmulo.

Dizem que do alto da elevação, que domina o eremitério, ele agitava a bandeira grega todas as vezes em que os barcos a vapor passavam perto do seu rochedo. Olhei o rochedo com curiosidade, mas não apareceram nem o homem nem a bandeira. "Será que ele morreu?" perguntei ao capitão que não soube responder, e disse que há pouco tempo vira a bandeira, quando por aqui passara.

Hoje o eremitério está deserto, o eremita que saudava os navios desapareceu, e uma cruz negra fincada na rocha indica que ele era cristão.

Quantas reflexões despertam a cruz, a rocha suspensa sobre o mar, a cabana onde viveu por muito tempo um solitário, talvez entregue á meditação sobre o nada da vida!

Hidra, Égina, a famosa Égina, Salamina, sobre a qual a sombra do grande Temístocles, o salvador de Atenas, na segunda invasão dos persas, ainda parece planar, ofereceram-me, como todas as outras ilhas gregas que acabara de ver, impressões profundamente melancólicas. Onde estão os esplendores artísticos e guerreiros, ó brilhantes irmãs de Hellas? Como ousaram os homens, mais ferozes que os séculos, destruir inteiramente vossas maravilhosas belezas, vossas admiráveis obras ?!

Minha alma apiedava-se com a deplorável decadência das ilhas da Grécia, quando a mais gloriosa de suas ruínas mostrava-se ao longe, como que dizendo: "Olhem a maior e mais nobre vítima do lamentável furor dos homens!"

"Vejam a Acrópole e o Partenon de Atenas!" gritaram alguns passageiros, agrupando-se na proa do navio com binóculos que dirigiam para a venerável colina ainda toda radiante, sob os últimos raios do pôr do sol, não mais pela estátua de Minerva, obra de Phidias, cujo manto e lança dourados brilhavam de longe aos olhos dos marinheiros que aproximavam-se do porto de Pireu, porém com as lembranças das suas glórias passadas.

Partenon! esse nome ressoava no meu espírito com todos os grandes nomes da Grécia, que o melhor dos pais ensinara-me a conhecer e apreciar, em dias infelizmente muito distantes!

E logo entramos no famoso porto do Ático, o Pireu.

Não vemos nenhum sinal de sua antiga glória. Até mesmo sua margem hoje está mais baixa: poderíamos dizer que acompanhou o rebaixamento das gerações que sucederam o grande povo.

Quando os franceses ocuparam Pireu, o porto passou por algumas melhorias, mas não podemos alegrar-nos com o progresso material obtido ao preço da humilhação de um povo.

Os edifícios do Pireu são insignificantes, não despertam nenhum interesse. Porém, em contrapartida, as lembranças ligadas aos grandes nomes de Salamina, de Psytale, de Temístocles, de Aristides e de tantos outros, ainda dão a este lugar um verdadeiro interesse para aqueles que aqui chegam com o espírito cheio dos esplendores da antiga Grécia.

Logo que o navio atracou perto do Pireu uma multidão de pequenos barcos o cercou, e pude de usufruir do curioso espetáculo dos barcos pesqueiros conduzidos por homens com roupas pitorescas, compostas de uma branca e larga saia, que chamam de *fustanelle*, de uma camisa curta e de um boné vermelho, ou então com uma grande calça à moda turca, menos elegante do que o verdadeiro traje nacional que vi depois em Atenas, e em outros lugares da Grécia. As pessoas da sociedade têm quase todas o mau gosto de trocar a antiga roupa dos gregos pelas desgraciosas vestimentas modernas. Em sua decadência estes gregos copiam sobretudo a moda francesa.

Já era noite quando chegamos no porto. Antes de lá chegar eu quis visitar a pedra batida pelas ondas que chamam aqui de Túmulo de Temístocles, foi lá, dizem, que deixaram os restos do famoso general, banido por seus ingratos conterrâneos, e que morreu na Magnésia.

Era interessante ver a agilidade e bom humor com que os pescadores, vestidos com a *fustanelle*, subiam e desciam levando bagagens, conduzindo em seus pequenos barcos os passageiros ao porto, onde cocheiros vestidos da mesma maneira os levavam a Atenas, a meia hora do Pireu, ou para algum hotel do porto.

Preferimos ficar no porto, e passar a noite no Pireu, porque eu desejava entrar de dia na cidade dos meus sonhos da juventude.

De manhã abri uma das janelas do meu quarto, que dava para o mar, e Salamina dos nossos dias, tão calma, tão triste, mostrou-se de novo aos meus olhares, enquanto Salamina dos velhos dias, com todas as suas glórias retumbantes aparecia radiosa e feliz aos olhos do meu espírito.

Minha querida filha interrompeu minha muda contemplação, e, conversando sobre tudo que nos cercava, tomamos café e partimos para Atenas num carro que há meia hora nos esperava na porta do hotel.

ATENAS

_12 de maio de 1859 _

A estrada do porto de Pireu a Atenas, árida e monótona, como pareceu a diversos viajantes que falaram sobre ela, oferece no entanto belezas singulares, sobretudo para aqueles que a percorrem com o espírito tomado, não pela Atenas de nossos dias, mas pela Atenas de outrora, sobre a qual ainda nos fala o imenso vale coberto por bosques de oliveiras, belos choupos, amendoeiras, vinhedos, cercado por colinas e montanhas célebres que surgem diante de nós, a medida em que no aproximamos da cidade desaparecida de Solon. Himeto, a montanha do bom mel, aparece à direita iluminada por essa luz tão

brilhante e poética, própria do céu da Grécia; do lado esquerdo, a distante vastidão do Parnaso com seus picos nus; mais além o monte Pentélico e muitas outras montanhas e sítios outrora famosos, hoje desertos e desolados, olhando ainda orgulhosos para a antiga cidadela dos deuses, a Acrópole de Atenas, da qual não conseguimos aproximar-nos sem uma secreta veneração, como a que nos inspira um grande gênio arrastado para a miséria pela fúria e ingratidão dos homens.

Após atravessar o Cefiso, o poético rio transformado num riacho quase imperceptível, a estrada ladeia um bosque de oliveiras que espraiava-se antigamente até bem próximo da cidade de Atenas. Os sorrisos da primavera espalhavam nos campos todos os seus encantos, e nunca os belos bosques da Europa agradaram-me tanto quanto este, pois aproximava-me da cidade dos meus sonhos!

Entramos enfim em Atenas por ruas estreitas e sujas, de aspecto miserável, por entre restos de moradias dos turcos. O mercado de Atenas ainda conserva o relógio que Lord Elgin doou à cidade para compensá-la da perda dos tesouros de arte por ele roubados.[1]

Porém, eu estava muito emocionada para deter meu olhar na triste região da Atenas moderna. O sol brilhava com um novo esplendor sobre os veneráveis restos da antiga Atenas, sobre o Partenon, cujas colunas de belo mármore que ainda se mantêm de pé, iluminadas por um bonito sol, prendiam meu olhar, como se eu visse aparecer as grandes sombras com as quais acabara de conversar!

Alguns instantes depois nosso carro atravessou um belo bairro com ruas largas, ladeadas por belas casas e verdejantes jardins, que estendem-se aos pés da Acrópole, na direção do rochedo piramidal de Licabete, e que formam a nova Atenas, construída sobre uma parte das ruínas da antiga.

---

[1] Lord Elgin _ embaixador da Inglaterra na Grécia de 1800 a 1803.Levou para Inglaterra muitas peças tiradas principalmente do Partenon, e que hoje estão no Britisch Museum de Londres. Em troca dos frisos do Partenon, Elgin ofereceu ao município de Atenas um relógio de ferro. A ação predatória, e a espoliação do Partenon por Lord Elgin recebeu um comentário do brasileiro Pereira da Silva, em "Impressões" (*Variedades Literárias*, 1862/72): "O Parthenon caiu, e lá para Londres levou-lhe os restos Lord Elgin". Mais crítico, Byron comparou Elgin com Alarico, o rei dos visigodos, no poema "The curse of Minerve". A reunião dos mármores gregos em Londres não despertou apenas a ira de Byron. A polêmica levantada pela coleção de Elgin atraiu muitos visitantes à exposição do museu. Outros pintores e poetas mostraram-se entusiasmados diante do que

Em uma dessas belas ruas - rua Eólio - fica o Hotel da Inglaterra, que além de bem localizado oferece todo o conforto que encontramos nos bons hotéis de Londres e Paris. Aí nos instalamos, encontramos uma sociedade escolhida, e uma mesa esplendidamente servida com frutas frescas do Oriente, e refinadas iguarias do Ocidente. Conduziram-nos a um grande quarto com duas largas janelas, de onde, para minha satisfação, avistávamos a Acrópole com seu Partenon, e o montículo, ou rocha de Ares com os restos de alguns degraus, onde outrora ficava o Areópago, o templo de Teseu com sua magnífica fileira de pilares, o Pnyx que tinha sua tribuna de oradores, o rochedo do Museum onde hoje existe um Observatório, e mais longe a baía de Salamina, o vale pontilhado por oliveiras seculares, e toda um grande panorama, imponente pelas lembranças que Atenas despertava em meu espírito.

Tenho então diante de mim o solene e majestoso, o grande e velho mundo grego!

Venho à terra dos Helenos para embriagar-me com suas lembranças, e sempre que possível farei abstração da Grécia moderna[1], esperando firmemente por dias melhores que virão, de completa regeneração para a Grécia e para a Itália....

---

viram, como foi o caso de Keats, que além do conhecido poema "Ode on a Grecian Urn" dedicou um poema às impressões que sentira ao ver a coleção grega: "On Seeing the Elgin Marbles"(1817).

[1] Obcecados pela cultura humanista muitos viajantes repetiram ao longo do século XIX a atitude de Nísia, procurando imaginar a Grécia gloriosa do passado, esquecendo a Grécia moderna, ou fazendo muitas críticas ao presente e aos gregos modernos. Solidários com a libertação do país do longo domínio turco, os antigos escolares, formados pela leitura dos autores gregos, mostravam-se desencantados com a Grécia moderna. Após as heróicas lutas pela independência esperava-se encontrá-la com todas as glórias e esplendores do passado, ou que pelo menos o heroísmo das lutas se transformasse num trabalho visível de regeneração moral e intelectual. Estas reações de encanto com os lugares do passado e desilusão com o presente aparecem em quase todos os relatos de viagem à Grécia. Relatos que na verdade repetem sentimentos dos poetas diante da Grécia, mesmo antes das guerras de libertação, como nos versos do Canto II, de Childe Harold's Pligrimage, de Byron quando Harold avistou pela primeira vez os mares e ilhas da Grécia:

Formosa Grécia! Triste relíquia de um luxo desaparecido!

Sentimento que um poeta brasileiro traduziu, mesmo sem visitar a Grécia: José Bonifácio, na sua Ode aos Gregos(1825): " Ah! por que não sereis os que já fôstes?

Mudou-se o vosso céu e o vosso solo?

15 de maio

É mesmo verdade que estou em Atenas, que um dos sonhos de minha tenra juventude realizou-se ?

O que sinto é indescritível.

Ah! porque a querida imagem de minha terra natal, de onde estou mais longe do que nunca, vem disputar no meu espírito com o entusiasmo religioso que me prende a cada ruína da ilustre Atenas ? Por que a brilhante luz da diáfana atmosfera, que parece comunicar vida até mesmo às ruínas, não consegue expulsar da minha alma o espesso nevoeiro de tristeza que a envolve, e que torna-me incapaz de expressar minhas grandes impressões sobre a terra dos helenos ?

Ó meu filho, meus irmãos bem amados, nunca senti tão profundamente como hoje a tristeza por não os ter ao meu lado!

Tu, Brasil,[1] meu filósofo querido, tu, cujas altas e saudáveis idéias, expostas em linguagem correta e eloqüente, tantas vezes despertaram puras alegrias à tua terna irmã, em nossas conversas metafísicas sob o nosso belo céu natal, darias um duplo interesse por todos os ilustres pedaços do venerável esqueleto da antiga Grécia, falando sobre os eminentes filósofos com o quais soubestes tão bem identificar-te!

Do refúgio além do Atlântico, nas margens do majestoso Paraíba, onde desprezando as ambições dos medíocres bajuladores quisestes esconder-te longe das glórias devidas à tua grande erudição, ao teu vigoroso gênio filosófico tão digno de outros horizontes, parece vir uma corrente magnética, que me empurra para os lugares onde gostarias de meditar sobre os cataclismos morais, que causam a ruína das nações.

---

[1] Nisia refere-se a seu irmão Joaquim Pinto Brasil (1819-1875) a quem ela chamava carinhosamente "o sócrates brasileiro". Seu último livro conhecido, *Fragments d'un ouvrage inédite*, 1878, tem uma pequena biografia de Joaquim Brasil. Formado em direito pela Faculdade de Direito de Olinda, Joaquim foi professor no Rio de Janeiro onde fundou, em 1853, a Sociedade Ensaio Filosófico. Nove anos mais velha que o irmão, Nísia ocupou-se de sua educação após a morte do pai, em 1828, e mantinha com ele uma relação de grande amizade e parceria já que ambos eram educadores. A ternura pelo irmão faz com que a escritora seja um tanto exagerada ao compará-lo com Sócrates: "Seu sérios argumentos, suas profundas reflexões sobre a imortalidade da alma, punham-no ao nível do filósofo mártir que mereceria ser chamado de o Cristo do paganismo, morto por amor da verdade. Como Sócrates ele não escrevia..." (*Fragments*....p.9, tradução minha)

Atenas! este nome lembra tudo o que o espírito humano criou de mais bonito e mais perfeito.

Atenas! que posso escrever sobre ti, tão emocionada que estou com as tuas grandiosas lembranças? Descrever os nobres restos da tua antigüidade? Outras penas mais capazes do que a minha já fizeram o suficiente. Criticar, censurar, as coisas de tua atualidade? Outros também já o fizeram com mais ou menos verdade, com mais ou menos injustiça e exagero.

Apenas te envolverei com meus olhos ávidos em contemplar, não somente os restos de tuas obras primas que ainda atraem a admiração dos teus visitantes esclarecidos, mas todos os teus sítios, todos os cantos do teu solo, notáveis por cenas que aí aconteceram. Deixarei aqui, como em toda parte na Grécia, que meu espírito alimente-se com a extraordinária substância moral que teu vigoroso gênio legou ao mundo moderno.

Seus deuses, templos, cidades, inimitáveis riquezas artísticas, tudo desapareceu com seu antigo povo e sua glória!

Porém os raios do grande facho do astro luminoso, espalhados para as nações vindouras, guiando o espírito dos infatigáveis mineradores dos trabalhos da inteligência, ainda iluminarão plenamente, não duvidemos disso, a nova estrada que irá seguir a civilizadora do mundo, a raça helênica, que não quis, não quer, nem deve morrer.....

SÓCRATES

Minha primeira visita em Atenas foi à prisão de Sócrates, isto é, uma abertura cavada na encosta da colina do Museu, da qual não existe mais vestígios. Ali ficavam os calabouços do Areópago. Aproximei-me da abertura com profunda veneração, e sentada numa pedra

isolada parecia ver o Cristo do paganismo[1], calmo e grande diante da implacável punição de morte, que lhe imputaram os injustos perseguidores de suas sábias doutrinas. Ele estava ali, o filósofo dos filósofos práticos, que ensinava a sabedoria da qual toda a sua vida era uma imagem viva, afastando as trevas que ainda cobriam o espírito de seus conterrâneos, esforçando-se para propagar a idéia de uma verdadeira e divina força única que rege o mundo, e em cuja direção devem dirigir-se todas as aspirações da alma.

Sócrates, o sublime mártir da verdade, que desconhecia qualquer egoísmo, e obedecendo à alta lei do seu espírito, só procurava educar os homens e aperfeiçoá-los.

Ele viu, ele ousou dizer coisas que antes ninguém vira ou ousara dizer.

As altas verdades que ensinou foram então esquecidas e os homens, a quem as sábias máximas e a pureza dos seus modos não puderam arrancar dos erros, deram-lhe a cicuta como recompensa. Mesmo passados 2.400 anos, como é grande a sombra do ilustre filósofo "que iniciou na história da filosofia uma nova época, porque ele livrou, como sabemos, os filósofos das especulações obscuras ou muito elevadas a que até então entregavam-se, e os incentivou a ocuparem-se dos homens e da moral, repetindo sem cessar a sublime máxima de Thales : Conheça-te a ti mesmo!"[2] Foi para essa prisão, pensei, que o trouxeram as calúnias dos sofistas, cujas falsas máximas ele atacara. Aqui recebeu com a tranqüilidade dos justos a punição fatal que a acusação, apresentada contra ele pelo desprezível Melito, obteve, para vergonha do Areópago, tribunal que Demóstenes dizia não ter feito, durante a longa série de séculos que transcorrera, nenhum julgamento que não fosse imparcial!

Justiça! desinteresse! liberdade! qual será o povo feliz que saberá compreender essas três grandes palavras, e fazê-las tríplice fundamento de todas as suas ações?

Os erros e infâmias do velho mundo que condenou Sócrates pareciam agonizar entre as ambições, riquezas, e misérias douradas, já naqueles tempos. Cerca de 4 séculos depois, uma nova era surgiu com o regenerador dos homens! O Cristo surgiu em toda a perfeição humana e ensinou as mais sublimes virtudes, das quais deu exemplo durante sua divina

---

[1] Sócrates, como Cristo, foi um iluminado e teve um destino trágico. A aproximação entre os dois é muito comum em textos do século XIX. Sócrates foi visto como um profeta, precursor de Cristo, por isso Nísia refere-se ao filósofo como o "Cristo do paganismo".

[2] Citação da autora sem indicação de referência.

missão na terra. O sacrifício do Gólgota cumpriu-se, porém os homens permaneceram os mesmos! As nações continuaram a engalfinharem-se, como em nossos dias, para crescer ou defender-se, os vícios a triunfar sobre as virtudes, e o gênero humano ainda carrega sua cruz de flagelos.

O Partenon de Atenas

A Acrópole de Atenas foi o centro dos passeios nos primeiros dias de nossa chegada na cidade. No final da manhã ou perto do pôr do sol nós aí subíamos, e todas as vezes os restos dos soberbos monumentos, que o famoso rochedo ciclópico ainda possui, ofereciam-nos um renovado interesse. Propileus, monumento em mármore branco, do qual restam belas colunas de ordem dórica, do período mais brilhante de Atenas(437 anos a.C.) formava um grande e magnífico vestíbulo para a cidadela dos deuses.

As ruínas dos três templos célebres da Acrópole - o Partenon, que era dedicado á Minerva, o Erecteus dedicado ao rei Erectus, ancestral de Teseu, e Nike dedicado à deusa da vitória _ das três ruínas meu espírito voltava aos tempos mais heróicos da Grécia, e meu olhar dominava os lugares mais ilustres do mundo.

No templo de Erecteus ainda se vê quatro belas estátuas, cariátides, outros belos restos de decoração, e o suposto local onde Netuno e Palas disputaram o domínio de Atenas. Ali, a velha fábula mitológica representou Netuno perfurando a terra com seu tridente de onde saiu uma fonte de água salgada. A oliveira brotou por ordem de Minerva, e os atenienses escolheram como protetora àquela que lhes deu a árvore. Grandes fendas existem hoje onde seriam os lugares em que acreditam-se apareceram a fonte e a oliveira.

Porém, deixemos a mitologia, e lamentando que o emblema da paz dado pela deusa à cidade de Atenas não tenha cumprido sua finalidade, admiremos as colossais, magníficas colunas, e os restos dos frisos do Partenon, que o vandalismo dos turcos, e de outras nações deixaram na cidadela devastada.

Resta pouca coisa do Partenon de Atenas, mas este pouco prova o alto grau de civilização atingido pela mestra do mundo intelectual.

A fúria selvagem e devastadora dos homens que tudo transformou, destruiu, profanou, na prodigiosa mãe da civilização, empenhou-se aqui, como por toda parte na Grécia, em pisotear as maravilhosas criações do gênio grego. Atenas foi despojada das obras de Sólon, de Péricles, de Phidias. As esplêndidas riquezas da arte não foram suficientes e precisaram minar até as bases da grandeza moral dos helenos, aniquilá-los com sua pátria!

O ferro, o fogo, os mais horríveis suplícios foram usados para exterminar o povo, cujo heroísmo não morreu sob a inacreditável opressão e torturas dos seus estúpidos carrascos! A longa guerra contra seus últimos carrascos, os Turcos, as admiráveis ações de coragem e patriotismo para reconquistar a independência, provaram ao mundo que os gregos, abatidos e degenerados como dizem certos escritores, ainda guardam no coração a semente do valor e da heróica perseverança que distinguiu seus grandes ancestrais. Olhem estas populações curvadas durante tantos séculos sob a tirania, a barbárie de monstros como Ali Pacha, e lutando contra a usurpação de um sultão que os mandava massacrar, sem que nenhuma nação cristã tentasse arrancá-las do domínio muçulmano, e vereis que entre os descendentes dos helenos não extinguiu-se totalmente o espírito dos Epaminondas, dos Leônidas, dos Temístocles, e de tantos outros grandes heróis.

O empobrecimento, ou melhor a terrível devastação sofrida pela Grécia após a antiga pirataria dos romanos, e de outros povos, após os horrores modernos da dominação turca, cuja maquiavélica diplomacia retarda a libertação completa de todas as suas regiões, não impediu que nas muitas catástrofes gregas surgissem por toda parte intrépidos defensores da liberdade helênica.

Até mesmo as mulheres (as mulheres maniotas, modelos de todas as virtudes), em ocasiões supremas souberam, como a corajosa Balbina[1], mostrarem-se dignas de sua ancestral, a famosa Telesila.

---

[1] Nísia deve referir-se à Lascarina Bouboulina (1771-1825). A "grande dama", heroína grega na guerra contra os turcos, os combateu no mar e no Peloponeso. A participação das mulheres gregas na guerra de independência surpreendeu a opinião pública internacional. Lascarina foi uma das mais conhecidas, porém muitas outras mulheres participaram das lutas, combatendo em pé de igualdade com os homens, como as maniotas, que habitavam a região de Maina, nas montanhas do Peloponeso e misturavam-se com os guerreiros, lutando contra os turcos.

O Grande Senhor mandou assassinar o esposo de Balbina sob falsos pretextos, e por isso ela alimentava uma justa raiva contra o bárbaro sultão. Dotada de um caráter enérgico, e possuindo uma grande fortuna, armou e equipou três navios de guerra logo após a revolução de 1821, e decidiu vingar seu esposo, cuja perda lamentava há alguns anos, combatendo entre os navios da frota grega.

Balbina comandou pessoalmente um de seus navios, levando seus filhos ainda crianças. "Meus filhos, disse-lhes ao embarcar, os bárbaros que iremos combater assassinaram vosso infeliz pai, deveis, como eu, vingar a sua morte".

A Grécia admira a intrépida coragem dessa heroína samnita, que imortalizou-se como tantos outros na longa guerra da independência.

Rendendo homenagem ao nobre rancor e a intrepidez de Balbina, mulher ilustre por seu nascimento e mais ainda pela coragem, perseverança, e ordem que soube demonstrar diante dos maiores perigos, apelarei no entanto às mulheres que Deus dotou com tais qualidades, para empregá-las em ações mais dignas da mulher, da mãe e da cristã.

A Grécia debateu-se desesperadamente contra os sanguinários muçulmanos, profanadores dos seus filhos, e dos seus lugares mais sagrados, aos olhos de uma Europa indiferente aos supremos e sublimes esforços de todas as suas ilhas para libertar-se do sanguinário poder que as esmagava! [1]

---

[1] Nos primeiros anos da década de 1820 houve uma grande mobilização em prol da libertação da Grécia por parte de intelectuais, escritores e poetas de toda a Europa. A ajuda militar aos gregos assumiu a feição de uma nova cruzada. Uma jovem mulher grega da ilha de Mikonos, Mado Mavrogenous, dirigiu uma carta às mulheres parisienses (após o massacre de Chio, 1822) exortando-as a "defender a causa dos cristãos gregos contra a ameaça do Islã.". A exortação de Mado encontrou eco não apenas no expressivo quadro de Delacroix, de 1824, *O Massacre de Chio*, mas entre poetas românticos que engajaram-se na causa grega. Victor Hugo, em Orientais conclamou: "E tu Europa cristã, escutes nossas vozes dolentes!"

O brasileiro José Bonifácio, exilado em Bordeaux, conclamou os cristãos à luta, em sua "Ode aos gregos" (1825):

E consentis ó Deus! Que os tristes filhos
Da redentora cruz, árabes, turcos
Exterminem do solo antigo e santo
Da abandonada Grécia?

"Organizaram-se cruzadas no século doze, disse com razão um escritor, para libertar o túmulo de Cristo das mãos dos infiéis, e no século XIX os reis cristãos abandonaram o Cristo a si mesmo, num povo composto por seus mais valorosos filhos."

Sentei em uma das majestosas colunas quebradas dos templos da Acrópole de Atenas, e olhei com profunda piedade para a bárbara loucura dos homens, o Partenon, isto é, seu esqueleto, ainda tão belo e tão imponente! Que contraste com vossas obras sublimes, ó Sólon! ó Phidias! uma mesquita, um harém, um depósito de pólvora que a mão profana dos turcos construiu aqui ao lado dos venerados templos dos deuses! O harém e a mesquita não mais existem, foram destruídos pelo depósito de pólvora, também construído pelos turcos, e que explodiu com as balas dos canhões no último cerco de Atenas.

Infelizmente, com essas odiosas construções também foram destruídas algumas colunas do Erecteus e do inimitável Partenon. Prefiro ver assim estas ruínas majestosas do que como estavam, tendo ao lado um harém, degradante invenção do materialismo muçulmano transplantada e aceita no solo da Grécia cristã!

As horas passam rapidamente quando se está no planalto da Acrópole, ocupado por preciosos pedaços de vários tipos de ruínas, e diante dos panoramas únicos que mostram-se aos olhos: de um lado o grande vale de Atenas, com seus conjuntos de velhas oliveiras; aqui e ali montanhas de formatos encantadores, grandiosas lembranças, lugares os mais notáveis da história; do outro, o mar, as ilhas além do Pireu, outrora tão famoso. Parece que escuto no doce murmúrio que sobe com o perfume dos jardins da nova Atenas, que fica em baixo aos meus pés, a voz forte e sonora de Demóstenes brandindo contra as intrigas dos estrangeiros, e conclamando o povo a pegar nas armas para defender a pátria.

Ao longe fica a Pnya, praça onde antigamente o povo reunia-se em assembléia para escutar um grande orador, a tribuna das admiráveis arengas que o mundo conhece ali ficava. Dirigi meu olhar para aquele lugar, apoiada na ponta do rochedo que fica deste lado, e desfrutei em espírito o imponente espetáculo de um grande orador livre, conclamando um povo também livre!

O glorioso discípulo dos dois oradores Isócrates e Iseu, que soube com a perseverança dos seus esforços, e seu amor aos estudos oratórios, vencer os dois obstáculos físicos que

opunham-se ao seu sucesso na brilhante carreira de sua vocação, ainda estava ali, aos olhos da minha imaginação, e suas patrióticas exortações pareciam chegar aos meus ouvidos e comunicar ao meu coração todos os seus nobres impulsos.

Uma filha do novo mundo, um humilde espírito brasileiro, sente-se emocionado ó Demóstenes, último grande campeão grego, contemplando o lugar dos teus triunfos em Atenas, tua pátria querida! As devastações do tempo e dos homens varreram a tribuna de onde partiam tuas eloqüentes arengas que o mundo admirava, porém não puderam destruir a glória imortal do maior orador da antigüidade, que atrapalhou por longo tempo os projetos ambiciosos de Filipe e de seu filho Alexandre. Segui-te em teus triunfos, antes e depois deste conquistador, até tua nobre decisão de morrer ao cair em mãos de Antípatro, sucessor de Alexandre nas províncias da Europa, e destruidor do governo democrático de tua ilustre pátria!

Antípatro, discípulo como Alexandre do eminente filósofo e sábio Aristóteles, esqueceu da mesma maneira que o célebre conquistador o fim sagrado da filosofia, preferindo as lutas sangrentas que trazem a fama!

Percebo à distância um lugar que atraiu toda a minha atenção, e despertou no meu espírito as mais belas lembranças dos estudos prediletos de minha juventude.

É o lugar onde ficava a instituição que chamavam outrora de Academia, de onde os discípulos do divino filósofo, que aí estabeleceu-se e formou uma célebre escola, tomaram o nome de acadêmicos. Lá o digno descendente de Sólon e de Codrus, o divino Platão, interpretava e ensinava, com um novo método todo particular, a filosofia que sorveu nos ensinamentos de Sócrates, seu mestre, e deixava escorrer dos seus lábios a doce eloqüência, que o fez ganhar do filósofo mártir o nome de Cisne da Academia.

Uma fresca brisa, levantando-se sobre os restos da antiga Atenas, parecia trazer a voz do divino Platão procurando passar para o coração do seu ilustre auditório a crença nos sãos princípios filosóficos, dos quais seu coração era a morada. O auditório era formado por Isócrates, que preferiu deixar-se morrer de fome a ver Atenas submissa aos macedônios; Speusippe, sobrinho de Platão, que o substituiu na Academia, porém não herdou suas virtudes, pois segundo Diogénes Laerce, foi um homem tomado pelos vícios; Xenócrate,

filósofo que sucedeu a Speusippe na Academia de Atenas, e outros discípulos distintos de Platão, entre os quais alinhava-se um grande grupo de mulheres famosas pela instrução. Aristóteles sobretudo, elevou-se como um astro radioso no horizonte da filosofia para espalhar fachos de luz sobre os séculos futuros.

Imaginei o ilustre fundador da seita dos peripatéticos, o maior gênio da antigüidade, que abraçou todas as ciências, seguindo durante vinte anos as lições do sublime discípulo de Sócrates, e acumulando um imenso tesouro filosófico e científico que seu vigoroso gênio transmitiu à posteridade.

Já era noite, uma noite iluminada por um brilhante clarão da lua da Grécia, clarão que só encontra rival no meu querido Brasil, quando deixamos o Partenon que nunca parecera-me tão belo nem tão solene quanto sob os misteriosos raios do astro poético, espalhando-se sobre os restos da colunata ainda de pé no planalto da Acrópole de Atenas.

Imagem do teu presente ainda melancólico, ó! nobre Grécia, pensei ao deixar a Acrópole, a lua brilha com uma luz tomada de empréstimo sobre as ruínas de tua grandeza passada. No entanto, esperes confiante que o maior e mais nobre trabalho do espírito humano se complete! E o sol, depois de tantos séculos escondido no teu horizonte, reaparecerá com todo o seu ofuscante brilho.

Nos primeiros dias visitamos os lugares mais notáveis de Atenas e dos seus vastos arredores. Ruínas, templos destruídos, entre eles o de Júpiter Olímpico, do qual ainda restam de pé algumas colunas que lembram a orgulhosa pretensão do imperador Adriano, que o mandou construir para suplantar todos os templos gregos, mas não conseguiu terminá-lo.

O Ilissus de outrora, e o poético Cefiso, com os seus murmúrios, não despertam mais nada na alma, suas correntes parecem paralisadas como estão os grandes progressos do espírito no solo que irrigam.

Nas margens do Ilissus, na planície abaixo do jardim real de hoje, erguia-se o templo colossal de Júpiter Olímpico cujas ruínas ainda podemos admirar. Há pouco tempo foi construído um restaurante onde caminhantes e visitantes vêm refrescar-se.

Ontem ao tomarmos café, sentadas perto das colunas do templo, minha filha e eu refletimos sobre o passado, o presente, e o futuro da Grécia, renascente das cinzas como a fênix, ainda perturbada pelas sangrentas lutas causadas por ambições externas e internas há tantos séculos, e principalmente pela terrível dominação dos muçulmanos, que, para vergonha da cristandade, ainda não deixaram de oprimir e torturar uma parte da população grega.

Quantas cenas grandiosas e terríveis testemunharam as mudas colunas de Atenas! Que possam as nobres e grandes lembranças do mais ilustre passado, unidas às mais recentes das legiões de intrépidos heróis e heroínas que levantaram-se por toda parte, na guerra de independência para libertação do domínio dos turcos, sob o qual sofreram todo tipo de atrocidades, indicar à atual geração o caminho a ser seguido para consolidar a obra gloriosa iniciada pelos Bozaris, Mavrocordato, os Ypsilanti, os Canaris, os Kondouriots e tantos outros heróis[1] que enfrentaram, como verdadeiros filhos dos antigos heróis helenos, às maiores privações, aos mais terríveis perigos, para dar à Grécia o reflexo do belo sol da liberdade, que ela antigamente usufruía em toda a sua plenitude!

---

[1] Heróis da luta pela independência grega na guerra contra os turcos nos anos de 1821 a 1829. A Guerra contra os turcos teve início em Moréia e espalhou-se aos poucos pelas ilhas. Em 1822, foi proclamada, em Epidauro a Grécia Independente. Os turcos reagiram violentamente e fizeram terríveis massacres, entre eles o de Chio, motivo do famoso quadro de Delacroix (1824), que como outros artistas, escritores e poetas da Europa defendia a libertação da Grécia. Na França foi criada a sociedade de Filelenos _ os amigos da Grécia _ que fez uma grande campanha na imprensa. O mais famoso poeta da libertação grega foi Byron, que organizou uma expedição de apoio aos rebeldes e veio a morrer em Missolonghi(1824). Só a partir de 1827 os grandes países da Europa _ Rússia, França e Inglaterra _ participaram ativamente da guerra, quando formaram a tríplice aliança de apoio aos gregos, e neste ano aconteceram as batalhas mais importantes. Entre os heróis da independência grega o mais emblemático foi Constantino Canaris, ou Kanaris (1790-1877), marinheiro que incendiou vários navios turcos. Victor Hugo consagrou-lhe várias poemas, em Orientales II, onde faz referência aos *brulots* , velhos navios incendiados, idealizados por Canaris e que eram lançados contra a frota grega:

Mais le bon Canaris dont l'ardent sillon

suit la barque hardie

sur les vaisseaux qu'il prend comme son pavillon

Em 1865, a figura heróica de Canaris ainda era lembrada por Castro Alves no poema "O século", em *Os Escravos*:

A Grécia espera chorando

Canaris .....Byron talvez!

Que os gregos, afastando todos os elementos de discórdias internas, unam-se no santo amor da liberdade nacional que os distinguiu sob os Leônidas, os Epaminondas, os Aristides, Temístocles e Demóstenes, e consigam elevar a sua pátria, tão atrozmente despedaçada, e tão bem dotada pela natureza, ao lado das maiores nações, apesar dos olhares ambiciosos de poderosos inimigos que tentaram aniquilá-la, e ainda procuram por caminhos escusos barrar o progresso, através do qual ela conseguirá fazer brilhar no seu fértil solo as ciências e as artes, que fizeram-na a mais ilustre nação do mundo.

Numa das excursões nos arredores de Atenas percorri religiosamente o lugar onde supõe-se que ficava a Academia de Platão. As transformações operadas pelos séculos e pelas guerras nada deixaram para marcar o lugar, indicado apenas por uma incerta tradição num pedaço de terra coberto de oliveiras, vinhedos, e outras plantações.

A pequena distância de um resto de bosque clássico, por onde correm as águas do Cefiso em diversas direções, ainda percebemos os restos de colunas de mármore e outros escombros, que nos disseram pertencer à célebre Academia.

Ali, reconstituindo por espírito a grande série de séculos transcorridos, parecia que escutava a voz do divino filósofo, palavras doces e eloqüentes que as maiores inteligências do seu tempo vinham escutar, e sorver as belas doutrinas, que transmitiriam para as gerações futuras.

Que importam as incertezas causadas pelas transformações ocorridas no solo de Atenas, sobre o lugar da Academia do digno discípulo de Sócrates, do liceu de Aristóteles, e tantas outras instituições e lugares célebres de onde saíram as mais úteis lições, os mais notáveis exemplos da grandeza moral, de virtudes cívicas para todas as gerações humanas?

Quando estamos na Grécia, sua luz e seu solo não serão suficientes para mostrar por toda parte as grandes sombras dos heróis, dos legisladores, dos sábios, dos filósofos, dos artistas, dos poetas, que a dotaram de inimitáveis e imortais tesouros do espírito humano, e cuja influência para sempre se espalhará pelo mundo?

Ao vir à Grécia procure de preferência as grandes lembranças do passado, as esperanças de futuro, e nunca vos desapontareis como aconteceu com um certo escritor contemporâneo, cujas gozações irresponsáveis sobre tudo o que disse ter visto provam bem mais sua incapacidade em bem julgar a Grécia e os gregos, do que a verdade dos seus exagerados relatos, de suas degradantes afirmações sobre a Grécia e seu povo. [1] Após ler o folheto que ele publicou há pouco tempo sobre a Grécia, encontrando-me entre suas paisagens e grandiosas lembranças, quando as corajosas populações fazem nobres esforços para reconquistar a primazia, que uma longa e bárbara dominação as fez perder, joguei fora com indignação a brochura, lamentando que talentos como o do seu autor prefiram fazer rir os seus leitores, com palavras de espírito gozador ou injusto, contra um país que merece toda consideração e simpatia dos homens de inteligência e de coração de todas as nações, do que os instruir, como alguns de seus contemporâneos, com um relato sério e histórico das causas da decadência dos helenos, dos seus inacreditáveis sofrimentos, dos inacreditáveis sacrifícios que eles impuseram-se, com a coragem e perseverança das mais heróicas, para arrancar os grilhões muçulmanos sob o peso dos quais sofriam, como ainda sofre uma parte dos seus irmãos, a tirania, o despotismo, os mais terríveis tratamentos!

Quando encontramos na longa guerra da independência dos gregos modernos, e no nobre espírito nacional, as maiores e mais belas ações para serem narradas, quando até mesmo dignas mulheres como as *maniotas,* entre tantas outras, deram os mais tocantes exemplos, um escritor não deve divertir-se, é o que me parece, enumerando as faltas e erros inevitáveis em todos os povos, e com mais forte razão naqueles que deixaram, por assim dizer, de viver sua própria vida durante séculos.

Deixemos os gregos resolverem seus problemas com o tempo e liberdade, deixemos que eles fortifiquem-se na terra por tanto tempo conturbada e perturbada pelos terríveis

---

[1] É possível que a brochura jogada fora por Nísia seja *La Gréce Contemporaine* de Edmond About, publicada em 1851, e que teve muita repercussão na França. Edmond About (1828-1885) foi enviado à Escola Francesa de Atenas em 1850. No seu texto About tratou os gregos com pinceladas da irreverência satírica de Voltaire: "os gregos têm no estrangeiro uma reputação detestável: em todos os países dizem um grego como diriam um patife de marca maior" (*La Gréce Contemporaine*, Paris, Hachette et Cie, 1890/ 59). About publicou também *Le Roi des Montagnes*, 1857, onde ridicularizou os guerrilheiros das montanhas gregas, rebeldes que participaram das lutas pela independência, figuras emblemáticas para os viajantes românticos.

tremores políticos, e a grande obra de seus modernos heróis, ajudada por tantos ilustres estrangeiros que aqui vieram, como o grande poeta inglês, derramar o sangue pela causa da independência helênica, consolidar-se-á, é o que acreditamos firmemente....

No meu justo entusiasmo pelos lugares e coisas antigas de Atenas esqueci de falar da gentil acolhida que nos fizeram o Sr. B***, cônsul do governo brasileiro em Atenas, e sua amável esposa. Ao ver meu nome no passaporte que o dono do hotel mostrou, ele veio com presteza, surpreso, disse, de saber que uma de suas patrícias encontrava-se no velho solo da Grécia para visitar suas ruínas. As suas maneiras francas e nobres, assim como as de sua nobre companheira, agradaram-me à primeira vista. Falamos sobre a nossa querida pátria distante, conversa que sempre me agrada tanto. Nossos anseios por ela eram semelhantes, diferente de nossas opiniões, ou melhor, gosto pela Grécia, que ele não aprecia e eu adoro. Ele sonha com o dia em que poderá deixá-la, e eu lamento não poder aí viver pelo menos dois ou três anos. A antipatia do honrado diplomata por tudo que é grego é tanta, que ele nem mesmo deixa que seus dois filhos, muito inteligentes, aliás, aprendam grego! A estranha predisposição muito me surpreendeu vindo da parte de um homem tão jovem, e que pareceu por todos os motivos digno da mais alta estima.

Que a situação política do novo reino ainda instável, ou qualquer outra causa geral ou particular o faça querer deixar a Grécia, entendo, mas que aí estando ele impeça seus filhos de familiarizarem-se com a bela língua grega moderna, que não é a mesma que os antigos gregos falavam, parece um capricho que não combina com uma inteligência culta como a do meu ilustre patrício B***. Porém, os homens têm suas próprias idéias, e também suas manias, e há algumas que não devemos combater. Deixo então que cada um se expresse livremente sobre o país cujo destino interessa-me tanto, e minha admiração pelo que merece ser admirado não diminuirá com tristes detalhes, que jogariam sombras mesmo sobre os mais brilhantes quadros gerais, que ainda mostram as nações mais civilizadas da terra.

O diretor do Jardim Botânico de Atenas, o Sr. Von H***, para quem eu trouxera uma carta de Florença, também veio visitar-nos e oferecer seus préstimos. É um digno alemão, de profundo saber, e que há muito tempo vive na Grécia sobre a qual prestou informações muito corretas. Casado com uma estimável grega, o Sr. H*** guarda suas maneiras de sábio do Norte. Visitamos juntos a universidade, (que tem uma bela fachada, um dos raros monumentos notáveis da nova Atenas, fundada por subscrição dos gregos, e impropriamente chamada de universidade de Othon), o Observatório, a nascente Escola de Belas Artes, e a Biblioteca. O conservador da biblioteca, um grego muito educado e gentil, como em geral o são seus compatriotas, mostrou as obras mais importantes e o grande número de livros que ela já possui. Ofereci à biblioteca um dos meus humildes livros, acolhido com alegria por seu bondoso conservador. Depois visitamos o Museu Zoológico, e o Jardim Botânico, perto da cidade, e onde bonitos exemplares do mundo animal e vegetal muito me interessaram. A Câmara dos Representantes, e o grande Instituto de Moças, atraíram particularmente minha atenção pela influência que um e outro terão para o futuro da nação[1].

A meia hora de Atenas fica um lugar onde a alta sociedade da cidade e o povo encontram-se para ouvir música militar, e ver as pessoas que para aí vão em carros, a cavalo, ou a pé. A estrada que para aí conduz, toda plantada com árvores ainda jovens, é a continuação da rua Eólio, uma das mais bonitas de Atenas, e onde fica a notável Torre dos Ventos, semi afundada na terra. É o Corso da cidade onde vemos pessoas de todas as classes, algumas sentadas diante dos cafés que ladeiam a estrada, olhando os carros, os pedestres que passam, e esperando o casal real que sempre vai escutar a música, e fica por alguns instantes como se estivesse num palco para deixar-se ver pela multidão, sempre desejosa de ver o que é estranho ou chama atenção. Após o jantar do último domingo fomos ao Corso, não para ver o rei Othon e a rainha Amalia, que vemos todos os dias nas ruas de

---

[1] Governos democratas e constitucionais deveriam investir na educação, principalmente das mulheres, arenga principal do livro de Nísia *Opúsculo Humanitário* (1853): "Povos do Brasil , que vos dizeis civilizados! Governo, que vos dizeis liberal! Onde está a doação mais importante dessa civilização, desse liberalismo? Em todos os tempos, e em todas as nações do mundo, a educação da mulher foi sempre um dos mais salientes característicos da civilização dos povos."....

Atenas, quando saem do palácio para passear a cavalo ou em carro, porém para observar a reunião ao ar livre, e em plena poeira que começa a incomodar com o forte calor de fins de maio. Uma senhora grega da ilha de Delos, que está no nosso hotel e que fala bem o italiano, sempre chamava-me para fazer este passeio, dizendo que as ruínas e lembranças de sua querida Grécia não deveriam impedir-me de conhecer um pouco do seu presente. Ela tem razão sem dúvida, no entanto para ter uma idéia dos gregos modernos não basta saber a história das suas nobres lutas na guerra da independência começada em 1821? Quanto ás coisas da atualidade, elas são o que conseguem ser sob um governo muito mal organizado, imposto pelas grandes potências, ciumentas ou indiferentes com a prosperidade futura da Grécia renascente[1].

Fui ao Passeio Público para ouvir a música, no domingo por volta de quatro horas, e após ter feito, como os outros passeantes, o contorno de uma espécie de templo, com arcadas abertas, por onde saíam os sons da música, mandei parar o nosso carro em um dos lados do círculo formado pelo povo, e ficamos observando mais à vontade a multidão que passava em carro e a pé, cumprimentando-se ou conversando. Havia muitas pessoas com o traje grego típico, tão elegante e gracioso para os que o sabem usar. Sobretudo as moças e rapazes gregos nunca deveriam trocá-los por outros. A curta camisa ricamente bordada, a branca túnica ou saia plissada, e principalmente o chapéu vermelho, usado com tanta graça, e a bolsa em formato de bolota de carvalho, dão aos rapazes e moças um aspecto particular e sedutor.

Passamos em revista os *palicari*[2] e os *phanariotes*[1], os primeiros conservando fielmente o traje nacional, do qual estes bravos montanheses do norte, iniciadores da guerra

---

[1] Após a independência da Grécia, e um período de disputas internas entres os diferentes chefes que haviam comandado a guerra contra os turcos, França, Rússia e Inglaterra, os três países que ajudaram a expulsar os turcos, restabeleceram a monarquia, e proclamaram rei o jovem príncipe Othon, da Baviera, em 1832. A Grécia foi governada por um Conselho de Regência até a maioridade do rei Othon, em 1835.

[2] Chefes montanheses do norte da Thessália (palicari significa "bravo"). Comandados por Kolokotronis (1770-1843), os Palicaris infligiram a primeira derrota importante aos turcos no inicio da guerra da independência, em 1822, na ponta de Moréia, no Peloponeso. E. Quinet, em *La Grèce Moderne* (1830), traçou um retrato dos bravos montanheses (cit em *Voyage en Orient*, p.140): "Um homem que apenas desliza no solo, que tem mais

da independência, têm razão em orgulhar-se; os últimos, homens e mulheres vestidos à francesa; os insulares com camisa curta e calça turca (que nunca deveriam usar) tendo na cabeça um boné vermelho, com uma dobra bem particular; os albaneses, raça que distinguimos facilmente da refinada e bela raça grega; enfim, os estrangeiros de diferentes nações. Todas estas pessoas diferentes, tipos curiosos, desfilavam diante de nós, quando vimos um oficial que aproximava-se galopando, vindo do jardim, e logo depois o rei e a rainha que também galopavam, chegarem ao meio do círculo, pararem como duas estátuas por alguns instantes, e partirem, sempre a galope, para a fazenda da rainha, como chamam aqui a casa de campo, com seus vinhedos e animais que pertence ao casal real, que acabara de propiciar ao seu povo reunido um verdadeiro espetáculo teatral. A rainha, mulher enérgica e excelente amazona, portava o traje de montaria, e com um ar orgulhoso parecia não tomar conhecimento do que acontecia ao seu redor. O rei, como sempre vestia o traje grego e parecia bonito, apesar da palidez e do ar doentio. Ele saudou, com mais gentileza do que sua mulher, o povo que ele ama pouco, dizem, que por seu lado não o ama de jeito nenhum, pois até agora ele não fez nada para provar seu zelo pela Grécia. O segundo filho do rei Luís da Bavária continuou, após sua maioridade em 1835, o sistema de Conselho de Regência, preferindo os bávaros aos nacionais para os altos cargos da Grécia, e por isso atraiu logo de início o ressentimento dos gregos.

Todos os vilarejos próximos a Atenas são interessantes, pelas lembranças trazidas ao espírito por seu solo, encantadora localização, as verdes folhagens de alguns ou a vida de seus habitantes com seus diferentes costumes. Ampolokepsi, vilarejo famoso porque aí nasceu Sócrates, tem belos arvoredos e pomares, onde colhem-se frutos excelentes, entre elas os mais deliciosos figos vendidos em Atenas. A cidade que outrora recebeu as maiores e

---

graça que força (...) que vai roubar de um Pachá, no meio do seu exército, um carneiro, uma bilha de vinho; para ele, o barulho do fuzil e o brilho do sabre são uma festa de amor..."(tradução minha)

[1] Os phanariotes eram os gregos que habitavam o quarteirão de Phanar, em Constantinopla, e exerceram nos século XVII e XVIII muita influência ocupando cargos diplomáticos para os turcos. Formavam uma casta superior de comerciantes e funcionários e falavam diferentes línguas: latim, italiano e francês, além do turco e do árabe. Os phanariotes trabalharam para a independência grega criando sociedades secretas, as *eterias*.

mais sábias lições do filósofo dos filósofos, hoje recebe os melhores frutos do lugar que o viu nascer.

Do lugar onde nasceu o grande poeta trágico Sófocles, que segundo alguns autores morreu com 91 anos, de alegria, ao saber que ganhara um prêmio nos jogos olímpicos, não resta nenhum vestígio. Tentaríamos em vão encontrar muitos outros lugares onde nasceram os grandes homens que a posteridade celebra: sete cidades da ilustre Grécia não disputam entre elas a glória de ter visto nascer o poeta dos poetas, cujos dois vigorosos e imortais poemas sempre serão obras simbólicas e incomparáveis? Ninguém conhece o lugar exato onde ele nasceu, porém a pátria de um gênio como Homero fica no espírito elevado de todas as gerações, em todos os corações cujas cordas vibram, há quase três mil anos, com os versos sublimes do seu canto imortal.

O PENTÉLICO E MARATONA

Uma de nossas excursões mais pitorescas, e mais interessantes, nos arredores de Atenas, foi à imensa e magnífica montanha de mármore que chamam de Pentélico, e a Maratona. Pegamos um carro em Atenas para fazer o caminho até o pé da montanha, e cavalos para subir e percorrer sua imensa superfície. Chegamos em três horas, após percorrer uma bela estrada com as margens enfeitadas por flores variadas e árvores diversas, que exibiam na estação primaveril toda sua pompa vegetal, a medida em que nos afastávamos da planície onde ergue-se a nova Atenas. Perto do mosteiro, que fica no sopé do monte Pentélico, deixamos e retomamos o carro. Subimos a cavalo precedidas de um guia e de um rapaz que levava provisões para a jornada, e nos dirigimos, através de rica vegetação de arbustos e árvores que cobrem os vales e colinas do Pentélico, até a plataforma do seu pico. Paramos extasiadas diante da esplêndida e grandiosa visão de extensão incomensurável que descortinava-se aos nosso olhos. É o imenso vale do Ático, com suas lembranças clássicas, o mar, as ilhas, e as montanhas que avistamos umas após outras, todas orgulhosas de suas bonitas ou nobre lembranças, tanto antigas quanto mais recentes, e todas radiantes debaixo

de um magnífico sol cujos raios douravam magicamente aqui e ali as águas azuis que as cercam, realçando as formas graciosas das ilhas, grande feixe de glórias heróicas, de heróica perseverança na missão de militantes tanto na guerra quanto na paz. A grande e melancólica planície de Maratona estende-se aos nossos olhos, aos pés do Pentélico, do lado oposto de onde subimos, e minha atenção voltou-se então para o imenso túmulo dos bravos helenos que pereceram para libertar sua ilustre pátria, invadida pelos persas, comandados por Xerxes.

Onde ficavam as muralhas sob as quais os persas e gregos ficaram enterrados? Hoje ninguém sabe. Porém a planície ainda está ali, na costa do Ático que testemunhou duas das mais formidáveis batalhas dos antigos helenos: Maratona e Salamina. A planície hoje solitária e silenciosa ainda parece ressoar, depois de mais de 2.200 anos, com a terrível batalha dos invencíveis exércitos (o dos gregos bem inferior em número ao dos persas), que aí se chocaram, retalharam-se em pedaços, até o triunfo coroar o valor heróico dos helenos, cujo solo e liberdade nunca foram presas dos bárbaros, enquanto corações como os de Miltiade e Temístocles bateram em todos os peitos gregos. Entregue às tristes reflexões que surgem, sempre que vejo o lugar onde aconteceu uma grande batalha, onde homens degolaram homens, olhei em silêncio para a planície histórica, que depois percorremos a cavalo, descendo de vez em quando na areia da praia para apanhar conchas. Por fim gritei: te saúdo ó Maratona! E também a vós veneradas sombras dos grandes heróis que imortalizaram esta planície, pela glória que vossas armas conquistaram, lutando contra invasores de vossa ilustre pátria. Inspirai vossos nobres descendentes para que saibam completar a grande obra de regeneração política e moral!

As grandes pedreiras de mármore branco que ficam na montanha, algumas formando altas muralhas perpendiculares de onde foram tirados materiais para construir templos e tantos outros monumentos da antiga Atenas, pareceram-me testemunhas vivas do trabalho colossal das gerações que desapareceram do sopé do Pentélico.

Para percorrer melhor a parte mais interessante das magníficas pedreiras deixamos as montarias com o guia, e perambulamos subindo e descendo no meio do labirinto de enormes cavernas, de rochedos, de blocos de mármore despedaçados como que por mãos de gigantes.

Um calmo silêncio reinava no lugar que lembra, solenemente, o gigantesco trabalho de tantos escravos e homens livres. O sol dardejando seus raios sobre o admirável deserto ofusca os olhos até incomodar. Voltando do alto do Pentélico chegamos à gruta outrora tão célebre - *o Grotto* - onde antigamente havia um altar dedicado a Zeus, e onde hoje se vê uma pequena capela grega com velhas pinturas e esculturas curiosas, arruinadas, lembrando a antigüidade mais remota da Grécia, e o estilo bizantino. Que contraste entre o belo céu, a luz diáfana, as brancas pedreiras de mármore, toda a alegre natureza que deixáramos lá em cima, e o sombrio e estranho aspecto da gruta! Quantos pensamentos diferentes o lugar desperta! os Pelasgos e sua principal divindade, as mudanças das religiões que os sucederam em nossos dias, os dois mundos gregos, o antigo e o moderno, passaram no meu espírito, que em seguida voltou-se para a imagem da pátria distante e de um filho querido, avançando uma e outro na primavera da vida, enquanto percorro o velho solo da Grécia, e procuro colher as últimas e pálidas flores do meu outono, para fazer uma simples guirlanda para oferecer-lhes.

Quando chegamos na abóbada semi destruída, onde aninha-se em trepadeiras uma imensa massa de heras, formando uma espessa cortina que nunca deixa os raios do sol penetrarem, eclodiu de repente uma tempestade. Um instante depois uma chuva torrencial caiu, criando, com o ressoar da tempestade entre as enormes muralhas de mármore, e o vento que assobiava, um espetáculo imponente como as borrascas que tanto me fascinavam na minha terra tropical, porém no Pentélico a tempestade só me causou uma impressão das mais profundas.

Enquanto esperávamos que a tempestade passasse merendamos no lugar mais fechado da gruta, ao lado de flores selvagens que espalhavam-se ao murmúrio misterioso das águas que correm no lugar, e refrescam o viajante nas horas de grande calor.

Após a chuva o céu ficou mais limpo, o bosque mais fresco, o aspecto de toda a natureza mais doce e agradável. Caminhamos alguns instantes, e ao chegar na estrada retomamos as montarias, e continuamos a visitar outros sítios dos arredores, pitorescos, selvagens, e com um encanto infinito. Os vilarejos Céphisiat e Marousi conservam, entre outras, as lembranças de Herodes Attico, e de seus belos jardins. Por toda parte existem

lugares interessantes. Numa das vertentes do Pentélico, vimos casas de campo onde alguns ricos habitantes de Atenas vêm na estação quente usufruir o ar fresco e sadio. Algumas das casas, e outras das vizinhanças da cidade foram construídas, ou começadas, por uma mulher excêntrica sobre quem nos falaram em Atenas. Era a filha de um ministro de Napoleão I, Mme. Sophie de Barbé-Marbois, duquesa de Plaisance[1], que após brilhar na sociedade veio viver aqui, isolada com seus cachorros, até sua morte ocorrida há pouco tempo. Ela deixou muitas anedotas curiosas sobre o seu estranho modo de vida. Nunca quis acabar uma de suas construções pensando que morreria logo que terminasse uma delas! Essa mulher, extraordinária em seu tipo, daria material para muitas páginas, se na Grécia qualquer outra coisa pudesse interessar-me, além da própria Grécia.

Visitamos outros vilarejos onde ainda encontramos o verdadeiro tipo grego, de modos puros e costumes patriarcais, a planície de Maratona, e a planície onde ergue-se a colina de onde Antígona descreveu para o seu pai cego a Atenas, que avistava dali. A imortal tragédia de Sófocles dava á colina um vivo interesse, lembrando-me as emocionantes páginas sobre o amor filial, que outrora tanto me impressionaram. Hoje existe aí uma pequena capela, construída no lugar onde antigamente ficava um templo, os gregos cristãos, como os italianos, gostam de construir igrejas no lugar onde existiam antigos templos pagãos.

Por toda parte camponeses ativos e trabalhadores, homens e mulheres, por toda parte o amor à liberdade e à família mostra-se em cada lar com todas as suas sublimes virtudes, e prova que o povo grego, que ainda é o mais inteligente da terra, e o mais capaz de assimilar o espírito de igualdade que já vimos em Homero, está bem longe de merecer o injusto e virulento ataque que lhe fez um escritor quando Atenas estava sob domínio turco. Ele disse que o povo grego era "*uma tropa de servos embrutecidos : servir e tremer o seu presente, ser degolado, o seu futuro*". No entanto, o mundo viu que tantos séculos de escravidão não paralisaram a corrente elétrica e santa da liberdade, que durante a guerra da independência comunicava-se de ilha em ilha, de montanha em montanha, onde respiravam corações

---

[1] Sophie de Barbé-Marbois, duquesa de Plaisance (1785-1854), esposa do general Lebrun, abraçou a causa da independência da Grécia e subvencionou o governo de Capo d'Istria (1776-1831 - chefe do governo em 1827). Instalou-se em Atenas em 1837, logo após a morte da filha Elisa, cujo corpo conservava embalsamado num caixão de cristal. Morava com 12 ferozes cães dos Pirineus.

gregos. Enquanto as grandes nações da Europa olhavam com desprezo e indiferença as nobres populações serem torturadas pelos turcos, em pleno mundo cristão (como ainda hoje o fazem numa de suas regiões), formavam-se por toda parte ligas patrióticas para expulsar os tiranos das terras dos helenos. A famosa associação, conhecida pelo nome de Eteria[1] foi a principal causa da insurreição grega.

Algumas de suas tribos, como sabemos, nunca chegaram a entregar as armas, como os montanheses de Souli, que mostraram todo tempo um imponente espetáculo, com heróico valor e nobre obstinação em permanecerem livres! Dignos descendentes dos espartanos que *assombraram o mundo com sua glória, e a Grécia com sua força*, eles sobreviveram à ruína de sua pátria refugiando-se nas montanhas, e nunca foram vencidos.

"Sempre enganados por um governo, cuja política fundou seus sonhos de dominação no sul da Europa sobre a infelicidade e bravura dos helenos, os povos da Grécia muitas vezes retomaram a espada. Seduzidos por grandes promessas e logo abandonados a si mesmos, sua coragem sucumbia esmagada pelo número. Não examinarei qual foi a mais criminosa dessas atitudes, a daqueles que os conclamavam ao combate sob a falaciosa esperança de proteção, ou daqueles que tratando-os como vis animais os sangravam, até mesmo em períodos de paz. A posteridade dirá talvez que a destruição das mais belas regiões da Europa, e a mortandade de mais de um milhão de seus generosos cidadãos, foi ao mesmo tempo obra dos seus bárbaros opressores e de seus pérfidos correligionários".

O autor dessas linhas[2] as escreveu antes que terminasse a guerra de independência. Após outras reflexões sobre a bravura do povo, e sobre a nobre perseverança em reconquistar a liberdade apesar de todos os obstáculos que se opuseram, ele completou : "Se as potências abandonarem essa santa causa, mesmo assim ela triunfará, porque tem como sustentação o céu, a justiça e a verdade. As manobras da diplomacia poderão retardar o

---

[1] A primeira Eteria, associação dos patriotas gregos, foi criada no século dezoito pelo poeta grego Constantin Rhigas (1753-1798), autor dos hinos patrióticos cantados pelos gregos nas lutas pela independência. As eterias ressurgiram no século XIX, quando foi criada em 1814, em Odessa, a *Filiki Eterie* formada por negociantes e funcionários. Outras foram formadas pelos Phanariotes, os gregos que moravam no quarteirão de Phanar, em Constantinopla. Eterias surgiram nas ilhas, e nos outros países da Europa, criadas por escritores gregos que residiam no estrangeiro.

[2] Citação da autora sem referência.

grande dia da libertação geral da Grécia, mas não impedirão que aconteça, etc." Estas são as reflexões de um espírito que soube profundamente, e sem preconceitos, analisar o que ainda existe de grande e nobre no caráter grego, e as causas que atrasaram, e ainda atrasam, a completa regeneração que deverá seguir-se à completa libertação da Grécia. Quando isso acontecer ela poderá estender livremente suas asas (retidas por tão funestos entraves) à prosperidade e aproveitar os imensos recursos com que tão prodigiosamente a dotou a natureza.

Falemos alguma coisa sobre o mais belo jardim de Atenas, onde gostamos de vir algumas vezes respirar o perfume das laranjeiras, e sonhar, olhando as copas de algumas palmeiras, com as florestas de palmeiras da nossa terra natal. É o jardim da rainha, encantador oásis, cuidado e embelezado com grandes gastos, sob a direção da própria rainha Amalia, que gosta mais dele do que de qualquer outra coisa do seu reino.

A bela rua d'Hermes conduz à magnífica praça do palácio, edifício bem pouco real e que parece mais com uma caserna do que com um palácio. A praça que chamam de *Quadrado* é plantada com diversas flores, laranjeiras, e figueiras. A atravessamos por escadas de mármore, e após a rua entramos no jardim que torna-se público quando a rainha sai, e ela sai todos os dias para passear a cavalo, ou em carruagem. Flores e plantas de diferentes regiões são cuidadosamente cultivadas no bonito jardim, ou melhor no parque, a única jóia de Atenas, como o chamou um francês que encontramos, e que disse não ter nenhum interesse em olhar as colunas quebradas do Partenon! O grande jardim tem encantadores bosquezinhos de belas laranjeiras, de limoeiros, de nespereiras, de arbustos do Japão, de camélias, e roseiras de todo tipo, graciosas alamedas em curvas, como nos jardins ingleses, fechadas, onde o sol nunca penetra, deliciosos caramanchões com confortáveis cadeiras, onde o caminhante pode repousar cercado por muralhas de rosas, jasmins, clematites e outras trepadeiras. Porém, o que mais me interessou foram os restos de uma vila romana descobertos quando a rainha mandou roçar o jardim, precioso achado que deu ao

casal real a posse de uma imensa galeria, e de cinco encantadores gabinetes com o calçamento em mosaico. Camélias e maracujás formam as cercas e ornamentos principais desse grande e delicioso refúgio, com a abóbada de roseiras trepadeiras artisticamente trançadas juntas.

Embora usufruindo deste éden os atenienses comentam o quanto custa mantê-lo, sobretudo os gramados que absorvem nos quentes verões de Atenas uma imensa quantidade d'água, e os freqüentes trabalhos que pagam, dizem, para satisfazer o gosto da rainha, enquanto ainda há tanta coisa útil a ser feita, e que fazem falta para a Grécia. "A rainha mandou trazer com grandes despesas as belas palmeiras que admirais, senhora, vós que sois nascida no Brasil, dizia-me um dia um ateniense em puro italiano, e tudo isso para encantar os seus olhos, e ver reunidas em seu jardim belezas vegetais de todos os climas da terra. Indiferente à verdadeira grandeza da Grécia renascente, ela só sonha em embelezar seu jardim, do qual, espero, não desfrutará por muito tempo. A construção de um hospital e de tantas outras instituições, mais necessários do que um jardim, estão ainda em projetos, não há dinheiro para sonhar com eles! O rei, como a rainha aliás, não amam o suficiente os gregos para empenhar-se com a prosperidade de nossa pátria. Nada de boas estradas no interior do país para facilitar a comunicação entre sua capital e outras cidades, que florescerão quando tivermos outro governo".

"Ocupam-se com estradas que servem para os passeios da rainha, como a que conduz aos rochedos de Phaléres, que enfeitaram com pimenteiras. A rainha toma banho de mar em Phaléres, mas não pensou em construir boas estradas e sólidas pontes que serviriam para o desenvolvimento do comércio interior. A agricultura e as artes não são encorajadas como deveriam ser, numa região admiravelmente dotada pela natureza para tornar-se, com uma sábia direção, uma das mais importantes nações do mundo, por seus preciosos produtos e seu comércio, sobretudo o marítimo. Porém, apesar da devastação que a Grécia foi vítima, apesar de todos os flagelos que nos infligiram tantos séculos de opressão, apesar da situação pouco lisonjeira do nosso presente, colheremos ainda, é o que espero, os frutos salutares dos preciosos grãos que o sublime Rhigas semeou com seus cantos patrióticos e imortais....." São estas as reflexões que fazem os gregos em geral sobre o governo do rei Othon I, que

segundo dizem, reina, enquanto a rainha governa. O descontentamento aumenta a cada dia e parece que com razão. Porém, qualquer que seja a justiça das reclamações dos gregos contra o governo do casal real, que permaneceu alemão no trono da Grécia, duvido que a simples troca do rei Othon, o primeiro ator do novo drama da monarquia grega, possa satisfazer as legítimas aspirações dos helenos. Não um rei, mas um Washington seria conveniente para a Grécia. Que o futuro consiga dar-lhe um! [1]

ELEUSIS

Eis-nos na cidade dos grandes mistérios sagrados da antiga Grécia, hoje um triste esqueleto, um vilarejo sem outra importância além das escavações que aí são feitas, ainda bem devagar, e que continuarão sob a direção do jovem Lenormant[2], cujo pai, *philhelléne*[3] francês e professor de arqueologia no Colégio de França, onde tive o privilégio de assistir o seu curso, morreu há pouco tempo.

O mês de maio chegava ao seu fim. Os rouxinóis interpretavam os mais melodiosos concertos nas regiões umbrosas do Cefiso e do Ilissus, cujo fraco murmúrio parecia trazer ao meu ouvido os tristes suspiros das gerações helênicas, que desapareceram com a grandeza e poesia que habitavam as suas margens. Deixamos Atenas pela estrada de Eleusis que conduz

---

[1] O reinado de Othon I durou até 1862 (três anos após a viagem de Nísia).As considerações de Nísia e do grego que ela citou mostraram-se verdadeiras, mas a esperança de um Washington não se concretizou. Othon I foi substituído pelo rei George I da Dinamarca que reinou de 1863 a 1913. Portanto, quando Nísia publicou este segundo volume o rei Othon não mais governava a Grécia. O desejo de um Washington para a Grécia, mostra a grande admiração de Nísia pelo sistema republicano dos Estados Unidos. Porém, como outros brasileiros cultos do seu tempo, Nísia embora tivesse simpatias pelo sistema republicano ao mesmo tempo nutria grande admiração por D. Pedro II e seu império constitucional..

[2] Lenormant, François (1835- ?), arqueólogo, publicou *Recherches Archéologiques à l'Éleusis*, 1862 Seu pai Charles Lenormant (1802-1859), historiador e arqueólogo, ocupou no Colégio de França a cadeira de arqueologia egípcia.

[3] Philhelléne - expressão que designava na França os simpatizantes da independência grega - "os amigos da Grécia". Reuniu escritores como Chateaubriand, Lamartine, Victor Hugo, artistas como o escultor David d'Angers, os pintores Delacroix, Vernet e Scheffer. Senhoras da sociedade como a duquesa de Plaisance, cientistas e outros.

à Tebas, Lebadea (capital da Levadia), e outras cidades ou sombras de cidades famosas nos antigos tempos da Grécia.

As primeiras coisas que interessaram-me quando me afastei de Atenas foram Dafne, onde outrora havia um templo e um bosquezinho consagrados a Apolo e Dafne e uma igreja bizantina, hoje um convento grego, com duas mulheres que vivem isoladas, porém livres para receber os estrangeiros curiosos em ver o que ainda resta das colunas quebradas, mosaicos, sarcófagos da Idade Média e outras lembranças, como as da dominação dos venezianos na Grécia. Atravessando o vale do Ático, percorrendo a antiga via sagrada, na velha estrada de Eleusis, onde ainda distinguimos aqui e ali marcas de nichos que indicam lugares da antiga adoração, fiz uma rica coleta de lembranças históricas de um dos mais conhecidos ritos do paganismo na Grécia. Porém, foram as duas mulheres isoladas no declínio da vida, ainda vigorosas e com extrema amabilidade, vivendo entre os muros arruinados de um velho edifício que chamam de convento grego, que mais atraíram minha atenção em Dafne. No pouco tempo que passei ao lado dessas mulheres aprendi muito mais do que em todas as minhas excursões na Grécia, e lamento que a história de uma delas não possa encontrar lugar nessas páginas fugitivas.

"Por que não vindes viver aqui conosco?" disse a mais idosa ao saber que amo a Grécia, e que a calma que gozo sob seu belo céu sensibilizou-me tanto quanto a simplicidade de sua conversa. - "Porque tenho um filho querido, uma querida família para reencontrar, e esta metade de mim, respondi, mostrando minha filha, que não devo, mesmo que possa ou queira, afastar do mundo para viver um retiro que seria bem mais doce, se como vós eu não tivesse gozado as afeições da família, se não tivesse santos deveres de mãe a cumprir."

A sociedade, isto é, seus retumbantes prazeres, glórias vãs, misérias douradas, nunca atraiu meu coração para seus domínios sedutores. Mesmo na idade em que a sedução dos objetos exteriores dominam mais a imaginação, a minha sempre se distraia representando a felicidade aqui na terra no encanto de uma vida tranqüila na seio da família, e no meio das reais pompas da natureza.

A solidão dos campos sempre exerceu um grande encanto sobre mim. Nos curtos momentos em que a desfrutei meu coração parecia dilatar-se para conter as muitas emoções que sentia ao contemplar uma montanha coberta de árvores, um rochedo escarpado, um vale cheio de flores, um majestoso rio ou um humilde riacho que no seu poético murmúrio falavam sobre mil coisas fantásticas, os astros cintilantes de uma noite serena, ou um esplêndido pôr do sol no meio da calma, silenciosa, e solene natureza, enfim todos os esplendores que tão fortemente revelam o poder de Deus, do qual sinto aproximar-me todas as vezes em que me afasto das cidades e encontro-me em plena natureza, respirando as suaves emanações dos campos. Viver numa agradável solidão com meu dois filhos bem amados e outros membros queridos de minha família, compartilhar toda uma existência de amor e prazeres intelectuais é o meu mais suave sonho. Porém, por mais forte que seja a atração das belezas da Grécia e meu entusiasmo por ela, não a escolheria(se pudesse escolher) para realizar este belo sonho, porque, embora nascida nos trópicos, não gostaria de viver para sempre num país tão quente como este. Além disso, mesmo gostando mais da natureza do sul do que do norte da Europa, encontro entre os povos do norte, sobretudo entre os franceses, ingleses e alemães, uma existência mais de acordo com meus gostos intelectuais.

Ao descer a estrada de Dafne para Eleusis uma das mais esplêndidas perspectivas surgiu aos nossos olhos, com todas as gloriosas lembranças das paisagens: a baía, o canal, a ilha de Salamina, de um lado; do outro as praias do Ático onde ergue-se a colina na qual, dizem, o monarca persa mandou instalar seu trono de ouro para de lá ver o triunfo de sua frota, sem imaginar que essa frota seria derrotada, e que o nome dos helenos, entre os quais os de Temístocles e do bom Aristides, brilhariam eternamente na história da famosa batalha.

Sempre margeando a branca e graciosa costa da magnífica baía de Eleusis, em cujas águas flutuam tranqüilamente aqui e ali pequenos barcos de pescadores, como cisnes num

lago, olhamos com interesse o mar onde a liberdade venceu o despotismo, monstro que sempre renasce ao longo dos séculos,[1] por toda parte, para fazer a humanidade gemer!

Ao longe o sol dourava a ilha Psythalia, de onde, dizem, o grande Aristides planejou a vitória. Ao vê-la gritei: Oh! possam os modernos helenos, imitando o prudente e valoroso herói, expulsar de todo o seu ilustre solo os atuais usurpadores que ainda dominam uma de suas mais belas partes!

O Eleusis é hoje um triste vilarejo, só tem de esplêndida a vista do mar que usufruímos plenamente do alto do rochedo onde ficava antigamente a Acrópole da cidade.

Antes de subir examinamos algumas estátuas e outros objetos, como os antigos degraus em belo mármore que conduziam aos templos de Ceres e Prosérpina, pequenos altares, um deles um pouco maior, com archotes em baixo relevo e uma inscrição dizendo que eram oferendas de Acharnian para Ceres. Os outros altares menores, e alguns restos de monumentos eram, como indicam suas inscrições, consagrados aos que tinham assistido os mistérios.

Acredita-se que em sua origem Eleusis era uma cidade de santuários[2], os sacerdotes que adoravam a deusa Ceres dedicavam-se aos cultos do seu templo, e moravam numa parte dos santuários, a outra parte recebia peregrinos vindos de todas as regiões da Grécia.

---

[1] Nísia repete a associação entre o Despotismo e o monstro do seu poema *Lágrima de um Caeté*: o índio avista no céu as alegorias da Liberdade -"uma virgem num trono de rosas" - e do Despotismo - "um monstro enroscado feroz simulando enorme serpente":

Este monstro que ali vês

Das fúrias todo cercado

É o feroz Despotismo...

[2] Chega-se ao santuário de Eleusis, vindo de Atenas pela "via sagrada". Os vestígios do santuário dedicado às "grandes deusas", Ceres e Prosérpina, foram reconhecidos em 1815, e a partir de então foram feitas escavações por arqueólogos, principalmente pelos Lenormant, pai e filho. Estas ruínas estão cercadas de magia, envoltas pelos mistérios sagrados do culto da fertilidade, estabelecido por Ceres e Prosérpina.

Schiller dedicou uma cantata aos mistérios de Eleusis que foi inscrita no seu túmulo, em Weimar. A cantata foi copiada e traduzida pelo brasileiro Pereira da Silva, (em *Variedades Literárias*, op. cit. p. 20):

Vinde comigo celebrar pastores

De Eleusis os mistérios sacrossantos

Tecei verdes capelos: enfeitai-vos.

As escavações que continuam sendo feitas talvez revelem as indicações certas sobre a posição e estilo dos templos que serviam aos mistérios. Será tudo que se poderá saber, por que os mistérios permanecerão obscuros nos tempos que virão, como sempre foram no passado. A mitologia localiza a origem da adoração de Ceres na Sicília, onde era reverenciada, como já escrevi nas minhas páginas sobre a Sicília, como a benfeitora da espécie humana. Foi lá que ela chorou a sua filha bem amada, seqüestrada por Plutão, e iluminou tochas nas chamas do Etna para procurá-la na terra. Ceres chorava o roubo de sua filha que procurara em vão por toda parte, quando Keleos que tudo via, penalizado com sua dor, revelou o lugar em que ela estava, e a cumplicidade de Zeus (Júpiter) com o seqüestro. Em sua fúria Ceres tornou o solo da Sicília estéril e ameaçou deixar o Olimpo para sempre. Então o pai dos deuses assustou-se e obrigou o rei dos infernos a devolver a filha à mãe, caso ela não tivesse se alimentado no inferno. Após a negociação entre os dois deuses, e a longa agonia da pobre mãe, foi em Eleusis que ela reviu sua bem amada Prosérpina, e retornando com ela ao Olimpo para passarem juntas seis meses a cada ano, retirou sua maldição sobre a Sicília, e estabeleceu certas festas e certos sacrifícios em Eleusis, etc.

Embora seja lendário o relato do reencontro que aconteceu aqui entre a mãe desolada e sua filha, forçada a abandoná-la, ele ocupou mais meu espírito em Eleusis do que todas as ruínas de sua grandeza extinta e misteriosa.

É que tudo o que se relaciona com os santos sentimentos filial e maternal me interessa e sensibiliza mais do que qualquer outra coisa no mundo.

A história mostra as festas de Eleusis como as mais antigas da Grécia, acredita-se que o costume veio de Creta. Elas também foram celebradas em outras regiões, porém esta cidade era a sede principal. Sua celebridade aumentou ainda mais quando Atenas conquistou Eleusis. Os mistérios eram então chamados de altos mistérios. Acreditava-se que eles poderiam preparar os homens para uma vida mais santa e mais feliz, e esclarecê-los sobre sua situação após a morte.

As mulheres eram admitidas aos mistérios. O relato das festas celebradas na primavera e no outono em honra de Ceres, símbolos, procissões etc, são verdadeiramente curiosos, porém não tenho tempo para falar sobre eles.

Quanto aos mistérios, é um problema que ninguém jamais poderá resolver apesar de tudo o que já escreveram sobre eles. "Bendito seja aquele, disse Píndaro num hino, que desceu ao abismo da terra após ter visto os mistérios de Eleusis. Ele conhece a razão da vida e a lei de Júpiter!"

O ilustre poeta tebano, que sempre vencia os seus rivais, com exceção da célebre Corina que arrebatou cinco vezes o prêmio de poesia, não disse no entanto qual era a razão, que lei era essa!

Sófocles, Aristóteles, Cícero e outros grandes gênios também falaram sem nada esclarecer. O primeiro disse: "Três vezes felizes os mortos que descem ao reino subterrâneo após ter assistido os mistérios sagrados, porque somente para eles a morada na terra pode ser uma vida, para os outros ela nada mais é do que uma infelicidade."

Cynésius, sábio discípulo do famoso Hypatia disse: "Aristóteles pensa que os iniciados nos mistérios não aprendem nada de importante, porém eles recebem algumas impressões que criam certas condições na alma".

No *Tratado da Natureza dos Deuses*[1] Cícero disse: "os mistérios eleusianos dão o conhecimento do bem da natureza, mas não da teologia etc.."

Dizem que o mito de Ceres foi introduzido em Eleusis pelos sacerdotes Órficos (Orpheon).O maior silêncio deveria ser guardado sobre o mistério dos símbolos que eles representam. Sabe-se que Ésquilo, um dos combatentes em Maratona, Salamina e Platea, o Shakespeare da antiguidade, criador do teatro, que até então limitava-se aos toscos ensaios de Téspis, foi acusado diante do Areópago por ter revelado, numa representação das *Eumênides*, uma das cenas dos mistérios de Eleusis.

Guardarei silêncio sobre as muitas representações que faziam parte da doutrina religiosa dos antigos gregos, como também sobre as fraudes dos sacerdotes dos falsos deuses, algumas delas grosseiramente copiadas sob diferentes formas por uma parte daqueles que se dizem os fiéis intérpretes do verdadeiro Deus!

---

[1] *De natura Deorum* (44 a.C.), de Marcus Tulius Cicero(106-43.a.C.)

Os oráculos do paganismo caíram, suas mentiras foram reveladas. Porém os homens, em sua fraqueza, sempre se puseram a procurar no sobrenatural alguma coisa para substitui-los.

As dificuldades que surgem, quando viajamos no interior da Grécia, não são tão terríveis quanto dizem alguns viajantes que têm a habilidade de exagerar tudo o que pode salientar a decadência, ou os defeitos dos povos com os quais antipatizam.

A Grécia no seu difícil despertar, após tantos séculos da mais dura e pesada opressão, certamente ainda não oferece estradas de ferro, hotéis por toda parte, e o conforto que podemos encontrar em outros lugares. É preciso percorrer o país dos helenos sem o espírito de parcialidade ou de preconceito, que leva o homem a desprezar o que existe de bom no povo e no país que ele percorre, para prestar atenção apenas às coisas que são desfavoráveis a um e a outro. Seja pelo interesse que inspiram os lugares mais célebres, e os numerosos restos de ruínas da antiga Grécia, espalhados por toda parte, embora bem descuidados, seja pela beleza das cenas esplêndidas que a natureza apresenta, e os costumes dos habitantes, muito hospitaleiros em algumas regiões, o viajante encontra uma grande compensação para a fadiga que causa a viagem a cavalo, meio de locomoção que é barato, enquanto os carros são muito dispendiosos, e raramente os usamos, mesmo em lugares onde já existem boas estradas carroçáveis, como de Atenas a Tebas, trajeto que podemos fazer muito confortavelmente em carro em 14 horas, quando não desejamos parar aqui e ali para visitar os diversos lugares históricos ou curiosos que se oferecem por toda parte na Grécia.

Tebas, a ilustre pátria de Epaminondas e de seu amigo Pelópidas, bravos e nobres corações cujas virtudes e os feitos gloriosos fazem deles os mais belos tipos da antiga Grécia, não guarda nenhum resto de monumento que fale dos dois grandes generais tebanos.

Sabemos que Alexandre, o Grande (o grande usurpador) destruiu totalmente a patriótica cidade de Tebas, poupando apenas a casa de Píndaro, porque os déspotas e tiranos algumas vezes também prestam homenagem ao gênio. Da famosa cidade que ocupa na

história da antiga Grécia o terceiro lugar, logo após Atenas e Esparta, só restam fracos vestígios de algumas portas, duas delas outrora chamadas de Sete Reis e de Antígona.

A velha Acrópole (Cadmea) da qual, dizem, só preservaram uma parte para instalar uma guarnição macedônia, hoje só resta escombros de muralhas e de fossos.

Das glórias passadas Tebas só conserva o nome.

A vista do belo monte Parnaso, cercado por verdejantes e férteis vales, seus pinheiros de Apolo, suas vinhas, campos de trigo, tudo isso feericamente iluminado por um esplêndido pôr do sol, a mitológica morada de Apolo e das Musas que desperta mil lembranças fantásticas, que acalentaram nossa juventude, atrai pouco a atenção do viajante, mesmo o mais sensível, que contempla entristecido a heróica cidade morta!

Para afastar minhas idéias melancólicas representava-me em vão Deucalion e Pyrrha refugiando-se no monte Parnaso para escapar ao dilúvio, que a tradição grega narra como universal, as estranhas pedras em forma de seres humanos, etc. Todas essas tradições e muitas outras, fábulas prosaicas e poéticas, com o tempo perdem o prestígio e o encanto, e mesmo no solo da Grécia onde nasceram elas não conseguem arrancar da triste meditação o visitante que contempla Tebas, Corinto, Esparta e todas suas ilustres irmãs, outrora rivais em glória e política, mártires de tantos séculos, unindo-se enfim em sua comum infelicidade, e harmonizando-se em suas ruínas, com as mesmas inspirações, para trilhar a grande cruzada dos progressos modernos.

Os terremotos que recentemente destruíram o que ainda restava das belas ruínas de Corinto também fizeram sofrer a nova Tebas, situada numa planície elevada cercada por colinas, de aspecto melancólico. Diríamos que a natureza veste luto pelos heróis que os homens esqueceram!

A nova cidade não tem nada de notável, o povo é muito atrasado mas em geral gentil e hospitaleiro, como em quase todos os lugares da Grécia.

Os gregos, um dos povos mais espirituais e mais inteligentes do mundo, são capazes de todos os estudos e aprendem com uma maravilhosa facilidade tudo o que desejam saber. Porém, ainda faltam boas escolas. O sistema e os meios de instrução do povo que outrora educou tantos outros povos teve até hoje um fraco desenvolvimento.

O governo ainda não quis ocupar-se seriamente com a instrução do povo. Existe no reino da Grécia muitas escolas municipais, um imenso Instituto em Atenas para a educação das moças, uma grande Universidade, escolas militares, escola normal, de agricultura e politécnica, porém a organização dessas instituições deixa muito a desejar.

A instrução pública na Grécia é gratuita, desde as escolas dos vilarejos até os cursos da Universidade. Os estudantes gregos, disseram, são muito aplicados, estudam com empenho. Em todas as classes ricas e pobres, em todas as condições, a juventude grega está ansiosa para educar-se, e como essa juventude não carrega nenhum tipo de vício, nem paixões que degradam o homem (o alcoolismo por exemplo, vício quase desconhecido entre os gregos, que aliás são muito sóbrios), e assim que a Grécia tiver um bom governo, podemos esperar um grande desenvolvimento intelectual da nação, assim como da indústria, do comércio e de tudo o que torna importante um país. E não devemos esperar muito de um povo onde distinguiram-se homens com um grande amor pela liberdade, e por outras virtudes políticas, e de mulheres heróicas e excelentes mães? A Grécia, repito, foi favorecida pela natureza, possui terrenos férteis e apropriados para todo tipo de culturas. Os cereais, a vinha, o algodão, tabaco e todo tipo de árvores frutíferas adaptam-se perfeitamente. As oliveiras e amoreiras cobrem o solo e só precisam tratá-las para obter o óleo e a seda[1], para prover com abundância todo o mercado, e também para exportação.

As ruínas e as pedreiras fariam sozinhas a riqueza da Grécia, se ela tivesse um governo patriótico, isto é, um governo que se ocupasse seriamente, e disciplinadamente, com a prosperidade da nação.

Micenas a antiga residência real do famoso Agamenon, o rei dos reis, como o chamam, cujo reino tão elogiado era bem inferior em extensão às terras que possuem os ricos fazendeiros do Brasil, tem algumas ruínas, como a que chamam de quarto do tesouro

---

[1] Os casulo do bicho da seda se desenvolvem numa "cama" de folhas de amoreiras com as quais o inseto se alimenta.

de Atreu, ou segundo Pausanias, o túmulo de Agamenon, além de preciosos restos de antigas esculturas. Com ajuda de tochas entramos no quarto sepulcral que tem 3.000 anos e está em perfeita conservação. Todas as antigas muralhas de Micenas ainda estão de pé. Os velhos muros ciclópicos escaparam à demolição, e as duas imensas portas, uma delas encimada por dois enormes leões, que representam o mais antigo monumento da arte grega em sua infância. Dizem que era a entrada do palácio de Agamenon, nesse castelo e nessa cidade ocorreram muitos dramas tenebrosos de onde Sófocles e Racine tiraram páginas admiráveis.

Entre as terríveis lembranças de Atreu, de Orestes, e outras que o sombrio aspecto de Micenas recordam, a doce e frágil imagem de Ifigênia conduzida ao suplício por Agamenon aparece ao viajante e parece dizer: "Lamentai muito mais o carrasco cantado pelo poeta dos poetas do que sua inocente vítima".

A Livadia, como todas as outras regiões da Grécia, mostra por toda parte curiosa variedade de vegetais com aparência diferente, e restos de ruínas ou vestígios de uma cidade outrora famosa, de um importante lugar, seja pelos feitos guerreiros acontecidos, seja pelos oráculos e diversas cerimônias religiosas ou profanas, cujos relatos constituem uma parte da antiga história grega.

As poéticas lembranças mitológicas unem-se às lembranças históricas, e dão encanto aos lugares que a revolução da natureza e a fúria dos homens transformaram tão desastrosamente.

Ali, as grutas perto da fonte de Letese Mnemosine, e o grande subterrâneo onde antigamente ficava o sombrio oráculo de Trofonia, do qual nos deu uma curiosa descrição o célebre geógrafo Pausanias[1], autor de uma viagem histórica á Grécia, a mais extensa obra sobre a arte antiga; aqui a salutar fonte dividida, segundo uma poética tradição, em dois braços, nas águas de um deles esquecíamos o passado, nas outras o lembrávamos

---

[1] Pausanias viveu no século 2, após Jesus Cristo. É autor de *Viagem à Grécia*, dez volumes com descrições detalhadas de quase todos os lugares da Grécia.

fervorosamente. Duplo poder imaginado pela fértil poesia grega, quanto bem espalharias sobre o espírito do homem se tua influência não fosse uma ficção!

Mais longe fica a deliciosa planície do Eurotas, que estende-se em alguns recantos por entre moitas espessas de salgueiros, de choupos, espirradeiras gigantescas, e outras árvores e arbustos perfumados, como figueiras de folhas largas, roseiras bravas, giestas, malvas selvagens, clematites, perfumando o ar e despertando no espírito uma infinidade de doces, de embriagadores relatos mitológicos que prendem tão poderosamente a imaginação, antes que a razão nos retome para o seu império, e nos faça preferir os sãs prazeres da realidade moral às atraentes ficções.

Esparta, viril criação de Licurgo, antiga e poderosa rival de Atenas, que após uma luta de mais de 20 séculos foi vencida, hoje é apenas um amontoado de ruínas.

No lugar em que ficava a sua Acrópole vê-se um pontal de mármore, que dizem ter pertencido a um célebre templo de Minerva. Aqui ainda se conserva, entre outras lembranças dos tempos remotos, a da severa Spartiate, a mãe do general lacedônio Pausanias. Este general, após destacar-se na batalha de Platea foi para a Ásia com as tropas que comandava e traiu sua pátria, oferecendo-se ao rei da Pérsia para tomar a Grécia. A correspondência do traidor foi descoberta, o perseguiram, e ele conseguiu refugiar-se neste templo. Como não era permitido violar o santuário de Minerva seus compatriotas pararam, indecisos, diante da porta aberta do templo da deusa.

Dizem que nesse momento avançou uma mulher, silenciosa e triste, através da multidão, em passos lentos, porém firmes: era a mãe do culpado! Ela pegou uma pedra, a colocou na entrada da porta, e desapareceu....O povo, compreendendo seu silêncio e sua terrível sugestão, fechou com pedras a fatal porta, condenando o traidor a morrer de fome.- Os 300 espartanos que pereceram em Termópilas são uma prova menos eloqüente do entusiasmo pela honra do país, que Licurgo infiltrava na alma do seu povo, do que o terrível gesto dessa mãe. Eles sacrificaram apenas a vida, ela sacrificou muito mais que a vida - o amor materno!

No entanto, por maior que seja minha admiração pelas grandes ações patrióticas, sempre tive horror daquelas que impõem uma virtude contra a natureza, que tornam o pai ou a mãe carrascos dos seus filhos.

Licurgo e Romulus fizeram bem em criar leis severas, e a organização artificial que força um punhado de homens a transformar-se em invencíveis legiões de bravos ou de ferozes soldados. A atitude da mãe espartana, convidando com um gesto a multidão a fechar definitivamente sobre seu filho a porta do templo de Minerva, ou de Lucius Brutus condenando seus dois filhos, sem demonstrar nenhuma emoção ou arrependimento, sempre parecerá inaceitável a todo espírito que sabe reconhecer o respeito que as leis da natureza impõem, mesmo nos casos mais graves, quando as leis da sociedade parecem ordenar e exigir que silenciem.

Restos de construções da Idade Média, de mesquitas, casas turcas, capelas gregas, surgem aqui e ali nas cidades, nas montanhas, e nos campos que atravessamos, como em Mistra, a brilhante cidade do século quatorze, então capital do vale de Esparta. Porém, quanto ao resto dos mais antigos monumentos, nenhum se compara aos de Atenas.

Em Esparta, e em outros lugares, a cevada, os vinhedos e outras plantações cobrem hoje os restos de numerosos túmulos, muralhas, templos e milhares de construções famosas da antigüidade.

A nova Esparta, construída a pequena distância da antiga, começa a prosperar lentamente, tem perto de 13.000 habitantes, parte deles dedica-se à cultura da seda, da uva e de outros produtos que prometem maior prosperidade futura ao país. Após as devastações sofridas na guerra da independência toda a Grécia trabalha para recuperar-se, e Esparta, cujo vale é um dos mais férteis e mais célebre em lembranças gloriosas, não esquecerá sua obra de civilização, que cumprirá sem a influência da força bruta, com leis próprias para guiar o desenvolvimento moral dos povos modernos.

Cidade administrativa e comercial, a Esparta de hoje está cheia de lojas, casernas e escritórios. Seus belos habitantes são menos elegantes que os atenienses, porém ainda têm, como a sua região, o aspecto vigoroso. Lá, como em todas as cidades da Grécia, vê-se em dias de festas, domingos, e nas reuniões, muitos trajes ricos e variados bordados em ouro, e o luxo em muitas famílias, e a julgar por essa primeira impressão pensaríamos que a pobreza da Grécia não é tão grande quanto dizem.

Em poucos dias, guiadas por bons *agoyates* (mensageiros), podemos percorrer a fértil Lacônia de frescas sombras de amoreiras e figueiras, pátria de um povo bonito e ativo, e ver seus lugares mais notáveis, dominados pelo Taigete, cujo pico ergue-se majestosamente, e lembra, entre outras graciosas cenas antigas, as de Helena e Leda dançando as danças sagradas de Baco.

A Arcádia, tão cantada pelos poetas, só mostra de antigüidade as ruínas do templo de Esculápio, um terreno pouco cultivado, montanhas escarpadas com aspecto árido, e vales onde pastores ainda conduzem grandes tropas para as margens do Eurotas, do Alfeu, do Neda, e do romântico Ladoni, no limite de uma esplêndida e luxuriante vegetação. Lá , fica a Água Negra, como hoje é chamado o Styx, rio barulhento, impetuoso e terrível que precipita-se num profundo abismo com um barulho assustador, que nos traz ao espírito o pensamento dos antigos que o imaginaram um rio dos infernos, com o barqueiro Caron conduzindo as almas.

As duas partes da região têm aspectos muito variados: o norte com seus sítios rústicos de singular beleza; o sul com alegre vegetação de palmeiras, laranjeiras e outras árvores da zona tropical, entre elas as trepadeiras que se entrelaçam caindo em forma de verdes cortinas, protegendo os viajantes dos causticantes raios do sol.

Durante a noite, os viajantes podem abrigar-se das tempestades nos *Khlanis*, uma espécie de albergue público sem nenhum conforto, refúgio contra os ardores do sol, bem insuportável já no mês de junho, para os que se aventuram na cansativa caminhada numa região sem cidades ou vilarejos, porém onde é sempre certo encontrar uma franca hospitalidade entre as famílias gregas para as quais se levam cartas de recomendação.

Fora de Atenas não encontrei ninguém que falasse francês, algumas pessoas falam italiano, sobretudo nas regiões que foram ocupadas pelos venezianos.

Nos lugares onde as pessoas não compreendem outra língua que não a deles mesmos, o viajante sempre se fará entender na Grécia, como em todos os lugares, se ele leva consigo o melhor intérprete de todas as línguas _ o dinheiro.

Argos, uma das velhas cidades da Grécia, para onde fui levada pela lembrança da brava heroína Telesila, outrora tão cara ao meu espírito de moça[1], é uma cidade muito sem graça - quero dizer um simples vilarejo - limitado pela fortaleza Larissa, e habitado por trabalhadores.

As modernas patrícias da célebre libertadora de Argos fiam algodão diante de suas portas, enquanto esperam dias melhores quando voltarão a gozar da educação ao mesmo tempo viril e culta, que distinguia a mulher grega.

Restos de colunas antigas de mármore, e de grandes e negras ruínas das muralhas e dos castelos, ainda falam dos velhos tempos gregos e romanos, como por exemplo o velho e esplêndido anfiteatro cuja titânica construção ainda é visível.

Ali ficava antigamente o bosque sagrado de Esculápio, e foi neste lugar que aconteceu a primeira assembléia popular da nova Grécia, sob a presidência do conde Capodistria, que o

---

[1] Telesila, poeta e heroína grega, nasceu em Argos na primeira metade do século V. Escreveu hinos patrióticos e abandonou os livros para participar da luta pela defesa de sua cidade. Era representada com os livros aos pés e um capacete guerreiro nas mãos. Nísia tinha admiração pela heroína grega, e Telesila foi o pseudônimo que usou para assinar o seu poema *Lágrima de um Caeté*, de 1849.

O poema refere-se à revolta Praieira. Reprimido pelo governo imperial o movimento pernambucano foi derrotado, e muitos dos revoltosos presos. Nísia publicou seu poema apenas alguns meses após a revolta, quando muitos revoltosos continuavam escondidos nas matas dos arredores de Recife, entre eles o famoso Pedro Ivo, o herói popular, cantado pelos poetas Álvares de Azevedo(1850) e Castro Alves (1870). *Lágrima de um Caeté* foi o único poema publicado por Nísia, e nele ela recorre a alegorias da luta entre a Liberdade e o Despotismo para comparar a luta dos praieiros com a revolta dos índios Caetés, ambos lutando contra os invasores de suas terras. Amiga do deputado Nunes Machado, contemporâneo do seu marido na Faculdade de Direito de Olinda, e que morreu durante os combates nas ruas do Recife, Nísia revolta-se contra a violação do seu cadáver feita pelos vencedores, sob o comando de um ex-estudante da faculdade, Manuel Tosta, presidente da província.

jovem grego Mauro Michalis matou em 1831, numa igreja de Nauplia[1], para vingar seu pai Petro Bey, um velho príncipe Maniota, que dizem ter sido um traidor, vítima do primeiro presidente.

Além das lembranças antigas e heróicas, que Argos e seus arredores guardam da guerra da independência da nova Grécia, a única beleza da região é a esplêndida vista, do alto do anfiteatro, da magnífica baía, que surge além da imensa planície, famosa no tempo de Homero pelas pastagens de cavalos, e hoje quase toda coberta com plantações de tabaco, um dos principais ramos da comércio de Argos.

A estrada de Argos a Corinto não é tão confortável quanto de Atenas a Tebas. De interessante só guarda as lembranças de um passado glorioso, que muitos dos seus lugares fazem reviver no espírito do viajante.

Bem perto da passagem de Devernakia aconteceu uma das mais sangrentas batalhas contra os turcos, vencida pelos gregos, na guerra da independência. O magnífico espetáculo da baía de Corinto, e das ruínas da famosa cidade, que avistamos do alto das montanhas que dividem Argos e Corinto, vem nos arrancar das tristes reflexões que somos levados a fazer, sobre a fatal necessidade do homem de ensangüentar a terra para contentar sua ambição, ou para defender os mais sagrados direitos da nacionalidade.

Paramos aqui um instante e desviamos nosso espírito das lúgubres cenas, contemplando de um lado, a baía esplendidamente azul, os restos de nobres ruínas abaladas pelos terremotos, ultrajadas ou levadas pelo vandalismo de conquistadores e ladrões; do outro os montes outrora famosos de Citera, de Helicon e do Parnaso. É um panorama verdadeiramente incomparável.

Porém, se a vista de Corinto, de sua baía, da planície verdejante de oliveiras e videiras onde são cultivadas as famosas uvas de Corinto, comercializadas com toda a Europa,

---

[1] Nauplia, em 1827, era o coração da luta contra os turcos, e foi aí que Jean Capodistria (1776-1831) instalou, em 7 de janeiro de 1828, o primeiro governo da Grécia livre. Capodistria foi assassinado em 27 de setembro de 1832, em frente da igreja de Santo Espiridião. Após sua morte as disputas entre as várias facções, que haviam participado da guerra contra os turcos, precipitaram a decisão das três potências Rússia, França e Inglaterra, que apoiavam os gregos, de tornar o jovem príncipe Othon da Bavária, então com 17 anos, rei da Grécia. Othon desembarcou em Nauplia, em 18 de janeiro de 1833, com um Conselho de Regência e 3.500 soldados bávaros, e aí permaneceu até 1834, quando transferiu a capital para Atenas.

sobretudo com a Inglaterra que a utiliza em grandes quantidades para os pudins, mostra ao longe um alegre, ou mesmo imponente espetáculo, somos obrigados a lamentar o aspecto desolador do interior da cidade onde o viajante adentra por ruas repletas com pedaços de pedras, escombros, sujeiras, e ladeadas por casas arruinadas ou caindo.

Eis a célebre, a artística, a gloriosa cidade de onde saíram tantos gênios e tantos elementos civilizadores, que formaram poderosas colônias na Sicília, na Itália, e em outros lugares, eis Corinto! O último terremoto destruiu o resto das notáveis ruínas que ela ainda possuía.

Um conjunto de antigas colunas dóricas, em mármore, do antigo templo de Minerva, surge no meio dos escombros, como os últimos vestígio das grandes obras de arte que embelezavam Corinto. Dizem que o grande terremoto que completou a ruína de Corinto só durou dois minutos. Aconteceu num dia de festa, com um magnífico tempo, quando quase toda a população estava na rua. O primeiro tremor foi tão violento que todos caíram por terra.

Uma espessa nuvem de poeira e fumaça cobria a cidade quando os habitantes levantaram-se, e viram que muitos dentre eles estavam em baixo dos escombros.

Desde então eles abandonaram todo projeto de construir novas casas na velha cidade, as freqüentes catástrofes fizeram-nos pensar que um veio subterrâneo do vulcão, que causou os terríveis abalos, passava sob a antiga Corinto.

Começaram a construir a nova Corinto ao lado da baía onde havia algumas casinhas poupadas pelo terremoto. Num quarteirão em ruínas ainda de pé na velha cidade ficou uma parte da população, muito corajosa ou muito imprudente para continuar a viver aí. Entre eles vemos belas figuras e elegantes trajes.

Não existe nada que dê idéia do grande comércio que Corinto tinha antigamente com o mundo inteiro, nem de sua antigas pompas.

Não existe mais nada dos templos de Vênus e de Dionísio cujos cultos Corinto celebrava com muito luxo e esplendor.

A Acrópole de Corinto, cuja plataforma é bem maior do que a de Atenas, não tem nada de notável entre suas ruínas. Algumas faces da muralha e um maciço portal marcam a entrada da antiga fortaleza dos deuses.

No alto da montanha, ao invés das ruínas do templo de Vênus, o visitante vê uma mesquita turca em ruínas.

A antiga Corinto foi um dos maiores palcos de todos os esplendores e todos os erros do paganismo, de suas guerras e de seu fim, e dos triunfos do cristianismo trazido para a Grécia, consolidado pelo grande apóstolo São Paulo cuja epístola aos Coríntios é um dos ornamentos do Novo Testamento. Também foi palco do luxo asiático, da tirânica usurpação dos adoradores de Maomé, de sua derrota e expulsão da Grécia.

Que acontecimentos o futuro ainda reserva para Corinto? Que o bom gênio da Grécia possa inspirar suas novas gerações, e as de suas irmãs, com as grandes virtudes que fazem os povos livres verdadeiramente felizes!

Barcos a vapor que partem do Pireu para Corinto, Patras (a cidade mais comercial da baía de Corinto) Cálcis, e muitos outros pontos da costa no continente, e das graciosas ilhas, permitem ao viajante fazer estes trajetos. Aqueles que temem o cansaço, bem compensador para mim, causado pela viagem a cavalo no interior da Grécia (grande parte da região não pode ser percorrida em carro), e que querem desfrutar apenas uma visão geral da costa, poderão ver, tomando um dos barcos a vapor das *Messageries*[1], ou um barco grego, muitos pontos históricos também bonitos da costa do Ático, do Peloponeso, e de todas as nobres ilhas que formam como que uma guirlanda de glória imortal.

Os mais variados aspectos descortinam-se aos nossos olhos enquanto o barco desliza no mar clássico que viu passar os ilustres personagens da história antiga e moderna.

Rochedos escarpados, montanhas nuas ou com bosques, campos cultivados mais ou menos cuidadosamente, brancas casas na margem, pitorescas capelas gregas suspensas nos flancos de um monte refletindo-se nas águas azuis do mar, restos de ruínas de um templo,

---

[1] *Messageries Nationales* -grande serviço de barcos a vapor criado na França pela sociedade das estradas de ferro. Ofereciam serviço aos particulares e ao governo. Sua sede ficava em Marselha e tinha agências na Itália, Suíça e Inglaterra. Navios da Messagerie ligavam a França à Ásia, África e América.

uma construção outrora famosa, indicam aqui e ali um lugar célebre em séculos remotos: tudo passa sucessivamente aos vossos olhos, e desperta no vosso espírito um mundo mitológico e histórico que compreende todas as idades da Grécia.

Aqui aparece Oca, a orgulhosa montanha dos deuses, onde segundo a lenda aconteceu o casamento de Júpiter e de Juno; ali, o promontório banhado pelas ondas, e onde ainda se vê alguns blocos de mármore que dizem ter pertencido aos templos de Nemesis e de Têmis.

A planície de Maratona aparece com toda sua imponente solenidade quando bordejamos a costa num barco. A célebre Egina ainda guarda a magnífica ruína do seu famoso templo, onde viceja uma rica e esplêndida vegetação; Eubéia e suas nobres irmãs, sem o antigo prestígio, ainda guardam, umas, preciosos restos de seus gloriosos monumentos, outras, uma população de marinheiros inteligentes, de ativos trabalhadores, que procuram reparar com o trabalho as deploráveis devastações que a crueldade e vandalismo dos turcos causaram ao país na guerra da independência, quando destruíram as videiras, as oliveiras, e devastaram campos em plena safra. Enfim, todas as ilhas guardam corações de homens e mulheres verdadeiramente gregos, isto é, queimando com o santo amor da liberdade, e alimentando mais do que qualquer outro povo da Europa o sentimento de igualdade que sempre distinguiu em todos os tempos a pátria helênica.

Depois de tudo que vi e ouvi no meio desse ilustre povo tão desconhecido, tão caluniado, como seu irmão, o nobre povo italiano, ousarei dizer sem pretensão de formular um julgamento político, muito menos uma inspiração profética, que nem a atual corte do rei Othon, com a qual não se poderia estar mais descontente, nem outra qualquer que a substitua, serão estáveis na Grécia.

A monarquia como é hoje sempre será um governo artificial em solo helênico.

Ninguém saberá dizer com certeza o que acontecerá com o rei Othon e outros que o sucedam. O que se pode afirmar, me parece, é que os gregos desejam, e com razão, um governo nacional que saiba e queira suprir as necessidades do país, com uma sábia e patriótica administração, para que ele possa sair dignamente do estado de tutela em que se encontra há trinta anos desde que se libertou do domínio turco, e desenvolver os elementos que lhe permitirão constituir-se em bases mais sólidas.

Em Missolonghi, nobre e admirável teatro de tanto heroísmo, de tanta abnegação patriótica durante os terríveis ataques dos turcos, plana ainda, entre outras glórias, a sombra do maior poeta dos nossos tempos.

Após a mais heróica resistência dos sitiados muitos saltaram com a cidade no momento em que entraram os turcos. A mão de um velho coxo pós fogo na casa da pólvora, onde um bispo, sua família, e parte da população da cidade haviam se refugiado, preferindo morrer quando perderam a esperança de resistir ao grande número de atacantes[1].

Foi em Missolonghi, a mais notável praça forte da Grécia em 1825, e contra a qual aferrou-se a fúria dos muçulmanos porque ela representava o baluarte da liberdade da Grécia, que o ilustre vate inglês Lord Byron veio em 1824 unir a glória do seu nome, e do seu nobre entusiasmo pela liberdade helênica, aos gloriosos nomes dos gregos e *philellénes*, nos combates contra os turcos, onde se encontravam os grandes heróis Mavrocordato, venerável ancião, hoje cego, Canaris, Marco Bozzaris, Colocotroni, Odysseo, Diaki, Conduriotis, Miaulis e muitos outros[2], cuja bravura e feitos de arma, combatendo pela

---

[1] Após dramática resistência aos sucessivos ataques dos turcos e ao cerco feito por eles, os habitantes de Missolonghi tentaram uma fuga em massa na noite de 22 para 23 abril de 1826 Descobertos pelos turcos foram massacrados antes de chegarem a Amfissa. Os últimos defensores da cidade explodiram a casa de pólvora, enterrando-se debaixo das ruínas com muito dos turcos. O gesto desses últimos cidadãos de Missolonghi foi narrado por Lamartine e Victor Hugo, e motivo do quadro de Delacroix "La Grèce sur las ruines de Missolonghi", o símbolo do heroísmo da cidade onde Lord Byron morreu em 19 de abril de 1824.

[2] Heróis da independência grega: Mavrocordato, Alexandre (1791-1865). Intelectual, amigo de Byron. Após a independência foi embaixador da Grécia em Munique, Berlim e Londres.

Constantin Kanaris -1790-1877. Marinheiro de Psara, especialista nos brulots - velhos navios carregados de explosivos que eram lançados contra a frota turca.

Marco Botzaris (1790-1823) Combateu em Missolonghi. Foi morto em Karpinissi.

Théodore Kolokotronis (1770-1843) Chefe militar do Peloponeso que infligiu a primeira derrota importante dos turcos na garganta de Devernaki.

André Miaoulis(1769-1835). Marinheiro de Hydra. De 1822 a 1825 combateu muitas vezes a esquadra turca.

Alguns dos heróis gregos foram citados nos poemas de Les Orientales, de Victor Hugo:

Botzaris, Joseph, Canaris, ombres saintes

independência de sua pátria com grandes dificuldades, aparentemente invencíveis, não foram suplantados, nem mesmo igualados por nenhum povo dos nossos dias.

De todos os cantos do continente, de cada uma das pequenas ilhas, surgiu um herói, e legiões de bravos formavam-se por toda parte em terra e mar para libertar a Grécia do domínio otomano, ou morrer defendendo a nacionalidade.

Até mesmo as mulheres deram exemplos admiráveis de heroísmo e de surpreendente coragem, desde o começo da campanha em 1821, até o término em 1830, quando a nova Grécia foi reconhecida como um estado livre pelas potências do Ocidente.

Infelizmente o jovem rei que a conferência de Londres deu à renascente Grécia, talvez esperando que mal saído da infância se identificasse com o povo grego, não estava à altura de sua missão! E todos os nobres impulsos patrióticos, todos os sublimes sacrifícios, e o interesse universal que a causa helênica tão justamente despertou de um canto a outro do mundo civilizado, falharam com relação ao resultado que era esperado para a nação grega, uma vez livre de seus opressores muçulmanos!

Porém, desviemos o olhar da atual situação dos modernos helenos e detenhamo-nos no poético mar, que lembra eternamente e vivamente aos espíritos daqueles que o contemplam as maravilhosas cenas das duas primeiras obras primas da poesia - a *Ilíada* e a *Odisséia*. Esse mar que abraça tão graciosamente por toda parte a terra da Grécia, dizendo na misteriosa linguagem do seu murmúrio:

"Esperes ainda terás um futuro brilhante, te prometo!"

O Mar e a Luz da Grécia

O mar e a luz, dois eternos, incomparáveis encantos da terra clássica, grandes inspiradores da poesia grega sem rival através dos séculos, e do moderno desenvolvimento do espírito humano, são aqui de uma beleza indescritível.

Tudo o que os antigos gregos souberam tão bem dizer no seu estilo único, incomparável, tudo o que os modernos por imitação ou imaginação própria bem sentida

acrescentaram, ficará sempre aquém da maravilhosa perspectiva que mostra o efeito da luz, principalmente durante a tarde, no mar e montanhas da Grécia.

Quando navegamos nesse admirável mar, ou quando vagamos através de velhas ruínas que coroam as colinas aqui e ali, ou perdem-se na planície sob as plantações e ervas que as cobrem, e contemplamos as cores variadas, as encantadores nuanças, difíceis de reproduzir, revestindo as ondas e montanhas com um encanto infinito, cores e nuanças cuja mágica beleza nenhuma pena, nem mesmo a de Homero, conseguiu recriar, compreendemos porque a Grécia foi criada para ser, como o foi, a mãe suprema da poesia e das artes.

Situada a sudeste da Europa e localizada a dois passos da Ásia, da África e do litoral norte do Mediterrâneo, a célebre região, com as mais nobres lembranças, recebeu da natureza a grande vantagem de um dia poder tornar-se o ponto principal do comércio dessas três partes do mundo.

Cabe então aos gregos, direi como um dos mais sinceros escritores dos nossos dias: "lembrar que eles são os descendentes de Temístocles, de Aristides e de Sólon e que todos os seus esforços devem dirigir-se para o comércio e agricultura, esta mãe que alimenta os povos, e sobretudo para a navegação"!

"O destino do seu país está escrito pela natureza: é o mar".

Que as lições do grande mestre, o infortúnio, que os gregos antigos transformaram em divindade, sirvam para iluminar as novas gerações na santa missão de regenerar a ilustre mãe, mergulhada por tantos séculos no caos que lhe cavaram seus cruéis opressores, dilacerando impiedosamente com suas fortes garras seu coração sempre palpitante!

Após embeber meu espírito nas grandes lembranças que a Grécia desperta tão vigorosamente, apressei-me em voltar para Atenas onde esperava encontrar minha querida correspondência do Brasil, vinda de Southhampton no último navio. Porém fiquei desapontada e triste por não encontrá-las entre as cartas da França e da Itália que me esperavam. A satisfação que senti com a notícia da continuidade dos triunfos desta última, não distraiu a inquietação que me causava a ausência de cartas dos meus queridos de além mar. Quando falta esta consolação de todos os meses sinto-me como que abatida pelo peso da *saudade*.

Saudade é uma palavra que não encontra equivalência em outras línguas. Significa o desejo ardente de qualquer bem que estejamos privados. Se esse bem é o país natal, e se a *saudade* apresenta sintomas doentios, traduz-se pela palavra grega *nostalgia,* comum a todas as línguas cultas. É então o *mal du pays* dos franceses, o *heimwek* dos alemães, o *homesick* dos ingleses, etc.

O correio de Atenas, se posso dar esse nome à casa que recebe a correspondência, ainda é desorganizado. As cartas que chegam são expostas numa vitrina, com os endereços voltados para o lado da rua, para que os passantes ao ler os nomes solicitem as que lhes são endereçadas.

Este estranho costume que pode permitir aos curiosos apoderarem-se de cartas que não lhes pertencem, fez-me temer que aquelas que eu esperava tão impacientemente tivessem essa sorte.

Em vão eu ia nos últimos dias de minha estada em Atenas olhar a vitrina de cartas, na esperança de encontrar meu nome, em vão interrogava os empregados e voltava ao meu hotel cada vez mais triste, desprovida do elemento moral sem o qual permaneço indiferente à todas as curiosidades que sensibilizam o espírito, a todo o interesse que os objetos mais dignos de admiração inspiram.

Um acesso do mal que mencionei acima apoderou-se de mim, no meio do meu entusiasmo pela antiga Atenas. Quis rever, para me distrair, o lugar onde antigamente ficava o Areópago, impregnado com tantas lembranças pagãs, e as de São Paulo, que veio pregar o cristianismo, o templo de Teseu, e nossas ruínas favoritas, as do Partenon. Quis dizer um último adeus ao nobre vale, ao incomparável mar.

Tudo ainda palpita de interesse, de grandeza, de beleza, e de esperança.

Porém a *saudade* me devora, estou muito longe da pátria, de um filho bem amado, de uma querida família que me ama, e da qual não tenho notícias há tanto tempo.

Duas grandes forças constantemente chocam-se em mim: o espírito que deseja tudo ver, tudo conhecer entre os diferentes povos, e o coração que não se contenta com nada longe da pátria, do lar, da família, e a família foi e sempre será meu amor primeiro.

Para impor silêncio à voz eloqüente do coração, e satisfazer as exigências do espírito é preciso então uma grande coragem!

A coragem é sempre muito difícil, por isso ela merece toda estima, disse Aristóteles, o grande conhecedor e iluminador do espírito humano.

Despedira-me da Acrópole, e ao chegar junto da Torre dos Ventos, semi-enterrada no solo, encontrei um grego venerável, personificação da coragem e do heroísmo, Mavrocordato.

Caminhando de braços com o filho, o ilustre patriota não tinha mais a sua visão para contemplar os vales que viu ensangüentado há trinta anos na luta suprema da independência, e a Atenas que ele quis dotar de uma nova vida após arrancá-la, por assim dizer, do túmulo cavado pelos turcos.

A presença do respeitável cego reanimou-me, pois nada eleva tanto um espírito abatido por um sofrimento qualquer do que a presença de um outro sofrimento ainda maior.

Diante da nobre ruína do devotamento helênico moderno, que lamenta sob o peso da mais triste infelicidade física os resultados imperfeitos dos seus esforços patrióticos, e o esforço de tantos outros dignos campeões da independência grega, deixei de lado minhas reflexões pessoais e transportei-me para aquelas que dizem respeito ao destino geral da humanidade, assunto que deve ocupar seriamente o espírito de todo ser capaz de esquecer de si mesmo para consolar, ou lamentar a infelicidade de seus semelhantes.

E voltando meus pensamentos para os novos destinos da Grécia, ergo aos céus os meus votos mais sinceros para que as virtudes cívicas e domésticas, nobre herança que os modernos gregos receberam de seus grandes ancestrais, desenvolvam-se sob a aurora da liberdade, e de acordo com o brilhante futuro que os espera.

UM GENERAL TURCO E UMA FAMÍLIA ALEMÃ

Atormentada com a demora das notícias de minha querida família, apressei-me em deixar a Grécia tomando no Pireu um dos barcos das *Messageries* que aí passou, vindo de Constantinopla. Ele nos conduziu diretamente à Itália onde tive o consolo, logo ao chegar, de encontrar cartas do Rio de Janeiro mais recentes do que as que me haviam enviado para Atenas. Essas últimas chegaram depois que parti, e nosso ilustre conterrâneo B*** teve a bondade de enviá-las para Florença. Faço-lhe mais uma vez aqui meus sinceros agradecimentos.

Não enjoei durante nossa travessia do Pireu á Nápoles, que se cumpriu num tempo muito calmo e bonito, e pude entregar-me, mesmo emocionada como estava por navegar pela última vez no belo mar helênico, à curiosa distração de estudar certos tipos entre as pessoas que nos cercam numa viagem no mar. A bordo estava uma sociedade escolhida: entre muitos outros passageiros, uma família alemã que retornava para a Prússia vindo do Oriente, e um general turco que vinha de Constantinopla e dirigia-se a Paris, encarregado de uma missão política para o seu governo.

A senhora von W**, mulher encantadora, mãe carinhosa e cuidadosa, esposa devotada, mostrou durante o tempo que tivemos o prazer em estar juntas um quadro das simples e sólidas virtudes da mulher alemã. Seu marido, homem muito culto e modesto como em geral o são os sábios de seus país, representava por seu espírito religioso, e suas idéias sobre os direitos da mulher, um contraste dos mais chocantes com o general turco, nosso companheiro de viagem, com quem conversávamos. Ao lamentarmos a sorte da mulher muçulmana nós o ouvimos fazer a seguinte reflexão, infelizmente muito justa: _Vós cristãos nos julgais muito mal, disse, sob muitos aspectos além do que se refere às nossas mulheres. Sobre isso esqueceis, ao acusar-nos por termos mais de uma mulher, segundo os nossos costumes, por dar o mesmo tratamento a cada uma delas, e por isso não cometemos nenhum crime, porque nossa lei e nossa religião permitem, e no entanto há muçulmanos que só têm uma única mulher e são fiéis.

"Digam-me francamente quem é mais culpado, o muçulmano que não desobedece ao preceito de sua religião ao ter mais de uma mulher, cujos filhos reconhece e lhes dá o direito de serem igualmente mantidos, ou o cristão a quem a religião e a lei só permitem ter uma mulher, a quem jura ser fiel diante do altar, e no entanto muitas vezes têm outras cujos filhos renega, ou abandona com as infelizes mães que não quer, ou não ousa assumir, e essa atitude é crime diante da lei!

Vivi em vosso países cristãos, em Paris principalmente, e vi como agem aqueles que parecem mais revoltados com nossos costumes muçulmanos....."

VIAGEM À ITÁLIA

Cheguei em Nápoles muito cansada da viagem. Ficamos apenas dois dias na cidade para descansar e rever Pompéia. Enquanto estava na Grécia Ferdinando II morreu. Os espíritos dos napolitanos estavam divididos entre o alívio que lhes causava a perda do infeliz rei, e a esperança bem duvidosa de um governo melhor sob o reinado do seu filho. Tudo parecia tenebroso no horizonte moral, e contrastava com as esplêndidas cenas da natureza de Nápoles. Despedi-me da cidade, provavelmente para sempre, invocando para ela raios de luz moral, comparáveis àqueles que o sol derrama sobre os encantadores sítios da prodigiosa natureza que a envolve.

A estrada de ferro de Civitavecchia à Roma estava terminada, e desembarcamos no porto para rever a primeira espoliadora da Grécia, poderosa mãe das artes, esqueleto que acabara de ver, e do qual ainda guardava as mais gloriosas lembranças, a mais profunda impressão. Ao sair da alfândega de Civitavecchia reencontramos um velho conhecido que vinha de Paris e dirigia-se à Roma. Era o Sr. A.Hubert, o enfermo que me inspirara um interesse todo maternal quando estive a primeira vez na cidade dos padres. Fizemos juntos o curto percurso de duas horas até Roma, abençoando o melhoramento tardio do governo pontifício para a região, que ainda espera outros bem mais importantes.

Vi com tristeza que agravara-se a enfermidade do pulmão do estimável Sr. Hubert. Ele falava com dificuldade, e para fazer-se entender escrevia numa prancheta. Era o sinal do assustador progresso de um mal real, pensei, ou apenas uma simples e prudente precaução? Faço os mais ardentes votos por este interessante rapaz, porque além do sentimento de cordial afeto que suas maneiras distintas e qualidades morais despertam, não seria uma infelicidade ver morrer tão cedo um jovem francês cheio de talentos e possuindo, com o gosto dos estudos clássicos, um espírito sério que poderia servir muito à juventude do seu país?

Em Roma ficamos novamente no Hotel de Minerva, meu preferido. Avistava da minha janela o Panteão, a ruína ainda de pé da velha cidade dos imperadores romanos. Porém, como queríamos ficar mais a vontade, alugamos um quarto na casa de uma família romana onde ficamos como se estivéramos em casa, com um agradável jardim à nossa disposição e a companhia de uma encantadora jovem. Na verdade nunca poderia elogiar o suficiente a delicadeza e extrema bondade com que fomos tratadas.

ROMA

Ver Roma como ela merece ser vista é dar ao nosso espírito uma abundante e sólida alimentação. Revê-la algum tempo depois é aproveitar mais plenamente os efeitos dessa alimentação. Além disso, uma segunda estada em Roma nos faz admirar melhor suas obras primas de arte, as muitas belezas que nos fascinaram ao mesmo tempo para que fôssemos capazes de bem apreciá-las. Aliás, o entusiasmo é um sentimento pouco adequado para julgarmos bem as coisas, e penso que raramente falta entusiasmo aos viajantes que visitam Roma quando eles pisam pela primeira vez no velho solo, sede de três grandes e diferentes mundos políticos.

Com o coração ainda palpitando, com as grandes lembranças da Grécia, revejo a cidade, seus arredores, e tudo o que ela possui de notável, sem sentir o impulso que me guiou da primeira vez. Talvez tenha me impressionado com as ruínas da sábia e infeliz Hélade, e transplantei esse sentimento para o solo de onde saíram os primeiros vândalos que a devastaram.

Roma, formidável colosso dos tempos antigos, guarda na sua dupla decadência moral e material todas as pretensões de um poder desaparecido, das glórias varridas pelos séculos, e pela irresistível influência dos progressos modernos. Roma desperta, e sempre despertará, o mais profundo interesse aos que gostam de dedicar-se ao amplo estudo das artes, ou de todas as outras criações do espírito humano dos quais ainda restam exemplos imortais, para envergonhar os romanos contemporâneos do estado em que se deixaram ficar.

Além dos estudos que mencionei, existe um que só podemos fazer e bem aproveitar em Roma. Entre outros grandes espíritos que dedicaram-se a este estudo, Petrarca nos deixou um exemplo em fragmentos de versos imortais.

Petrarca era um pregador, um literato de gosto, e mais que tudo isso um filósofo e grande poeta coroado no Capitólio em 1341.O espírito do poeta, revoltado com os horríveis desregramentos da corte de Roma, esqueceu o espírito de pregador, quando escreveu o soneto:

Fontana di dolore, albergo d'ira
Scola d'errori, tempio d'eresia
Gia Roma, or Babilonia falsa e ria,
Per cui tanto si piange, e si sospira;

O fucina d'inganni, o pregion dira,
Ove'l ben more, e'l mal si nutre e cria;
Di vivi inferno, un gran miracol fia,
Se cristo teco alfine non s'adira.

Fondata in casta ed umil povertate,
Contra tuoi fundatori alzi le corna,
.....sfacciata, e dov'hai posto spene?

Negli adulteri tuoi; nelle mal nate
Ricchezze tante ? or Constantin non torna;
Ma tolga il mondo triste, che'l sostene[1].

---

[1] Em italiano no texto. Francesco Petrarca (1304-1374), *Il Canzoniere*,(1374) Parte Prima, CXXXVII. No penúltimo terceto Nísia suprimiu a palavra "Putta". O verso é *"Putta sfacciata, e dove'hai posto spene?"*

O soneto de Petrarca foi muitas vezes citado por viajantes que visitaram Roma, mesmo no nosso século, como Afonso Arinos, (em *Amor a Roma*,1982-150): "Petrarca deve ter sofrido durante toda a existência essa impressão da decadência de Roma. Um dos seus sonetos começa com o seguinte quarteto: Fontana di dolore, albergo d'ira."

Quinze meses haviam passado desde que visitei Roma pela primeira vez, admirei seus monumentos, meditei em suas ruínas, observei seus habitantes, uns taciturnos ou pensativos, aparentemente resignados com as instituições que a razão reprova, e apoiados pela esperança de melhora política, outros, mostrando-se orgulhosos, certos dos seus atos, proclamando a justiça das instituições, e procurando por todos os meios adormecer no coração dos romanos o sentimento de sua dignidade nacional.

Agora a sociedade apresenta outro aspecto. O grito de independência ecoou em todos os verdadeiros corações italianos, e joga uma sombra negra sobre os espíritos daqueles que temem os progressos do espírito humano. A cidade parece quase deserta, uma parte da juventude romana foi engrossar as fileiras do exército italiano, a outra, escondendo com esforço seu entusiasmo ou sua cólera, ficou em Roma contendo seu élan patriótico por razões mais ou menos justificadas.

O triunfo do exército italiano e dos aliados na Lombardia enlutou a corte romana. Enquanto os sucessos obtidos contra a Áustria em Palestro, Magenta e Solferino[1] derrubam as primeiras barreiras erguidas pela dominação estrangeira na Itália, e estende para muitas cidades sua poderosa influência, fazendo explodir por toda parte entre o povo o élan nacional há tanto tempo sufocado, e todas as demonstrações de um vivo prazer diante de sua regeneração, uma melancólica tristeza reina no centro de Roma. É fácil entender a confusão que toma conta de certos espíritos à medida que o horizonte italiano ilumina-se e alarga-se.

As mais altas personalidades da corte, que há pouco tempo pareciam radiosas e seguras da estabilidade do Estado Pontifício, do qual começam a separar-se Bolonha e outras cidades, esforçam-se com dificuldade para demonstrar confiança calma e serena diante das profundas preocupações que o futuro inspira. No entanto, as solenidades das festas religiosas que aconteceram no *Corpus Christi* exibiram a mesma pompa de sempre. O Santo Padre, cercado por seus cardeais, mostrou como sempre sua fisionomia de evangélica bondade. Porém, como seu físico transformou-se sob a influência dos combates que talvez

---

[1] Principais batalhas vencidas pela Lombardia-França contra a Áustria. Magenta em 4 de junho de 1859 e Solferino em 24 de junho.

ocorram no seu coração italiano, vendo-se obrigado a condenar a obra para a qual ele parecia tão predestinado _ a regeneração da Itália!

Ao ver o venerável ancião, tão alegre quando fomos conversar com ele no mês de abril do ano passado, e tão alquebrado agora, não pude deixar de lamentar a dura tarefa que o espírito de ambição anti-evangélica impôs a esta alma.

Os bárbaros atos que a tropa suiça cometeu contra a população de Perugia, em nome do pobre papa, não tão horríveis quanto os que Augusto ordenou antigamente, porém mais abomináveis e monstruosos porque partiram do chefe do cristianismo, diminuiu muito as simpatias pela corte de Roma. Corte que em sua fúria contra um desejo legítimo dos Perugianos esqueceu, como sempre sabe esquecer, sua missão de paz na terra!

Ao saber em Roma as notícias do massacre de Perugia[1] pensei em retornar à Florença por outra estrada, para não ver de perto o triste contraste entre uma população horrorizada com os quadros sanguinários que testemunhara, e a outra, da margem do Arno, onde irei inspirar-me com os triunfos da sua pacífica revolução. Porém, não quis deixar de ver as obras primas de arte de Perugia desprezando a ocasião que me oferecia a vizinhança da cidade de Assis, onde deveria parar. Invoquei para essa parte da península italiana, como para todas as outras, a realização das palavras do último profeta da Itália, o nobre Gioberti[2], e apoiei-me, ao aproximar-me da infeliz Perugia, na esperança que animou este grande coração:

"As nações cristãs podem ficar doentes, podem agonizar, mas não podem morrer".

---

[1] Os habitantes de Perúgia revoltaram-se contra o papa e instauraram um governo provisório, em 20 de junho de 1859. Para combatê-los o papa enviou 2.000 soldados que massacraram a população da cidade, e a retomaram. O massacre de Perugia ficou conhecido como os "sanguinosi sacchegi".

[2] Gioberti, Vincenzo (1801-1852)- Religioso de idéias liberais, ativista político e intelectual do *Risorgimento*. Autor dos livros - *Il primato morali e civile degli Italiani*, 1843 -*Rinovamento civile d'Italia*, 1851. Em *Il primato morali* Gioberti propôs a solução neo-guelfa para a questão italiana: a Itália unida sob o papa e a casa de Savóia. Em 1851, com *Il Rinovamento civile d'Italia*, Gioberti refutou suas doutrinas anteriores condenando solenemente o poder temporal. Gioberti morreu em 1852, e nesse mesmo ano foram publicados alguns pensamentos seus, recolhidos por Massari no livro *Réforme de l'Église*, um feixe de profecias sobre o papado que mostraram-se verdadeiras nos anos que se seguiram.

ESTRADA DE ROMA À FLORENÇA

O Coliseu, o Panteão, o Fórum, o Capitólio, São Pedro, e todas as outras grandezas da cidade das sete colinas, que haviam subjugado meu espírito, ficaram para trás. Deixei com tristeza as estimadas pessoas que revira com prazer. Outras vistas, outros povos substituíam as perspectivas e o povo de Roma, que deixamos dessa vez pela porta do Povo, dirigindo um último olhar cheio de esperança para o notável lugar, que um dia reconquistará o poder que parece inseparável do seu nome.

O Pincio, fresco e suave sob a luz rosada da aurora, aparecia no alto sorrindo com a chegada dos primeiros raios de sol. O Pincio de onde tantas vezes olhei para a cidade profundamente adormecida em seu leito de mármore, sonhando com o poderoso gênio da liberdade que a fará um dia despertar e ocupar seu lugar no mundo moderno!

Logo atravessamos a *Ponte Molle* sobre o Tibre. Ali ficava a antiga ponte Milvius, perto da qual Cícero prendeu os embaixadores dos Allobroges. Aqui aconteceu a batalha entre Constantino e Maxencio, este último foi jogado no Tibre e afogou-se. Aqui jogaram também o célebre candelabro de ouro com 7 braços, trazido de Jerusalém para Roma, dizem, para que não caísse em poder de Constantino. Uma lembrança mais recente une-se tristemente a este lugar: a da infeliz expedição dos tempos modernos da república francesa contra a república romana. Os romanos procurando defender-se dos franceses, em 1849, estragaram muito a velha ponte Milvius, ou *Ponte Molle* como a chamaram depois que Pio VII a reconstruiu.

Todos os arredores de Roma são áridos. Por qualquer lado que nos aproximemos da cidade dos papas nada indica que estamos perto da cidade eterna que emocionou, e ainda emociona o mundo, apesar da sua decadência.

Perto de Storta, primeira estação de passagem, fica o povoado de Isola, onde antigamente ficava Veios, a grande rival de Roma, em cujo poder só caiu após cem anos de guerra, e graças a um estratagema de Camilo, que a tomou após um cerco de 10 anos através de uma galeria subterrânea que os romanos cavaram, e por onde conseguiram entrar na cidade. A localização de Veios foi por muito tempo um assunto debatido. Os arqueólogos

modernos descobriram enfim o verdadeiro lugar onde ficava. As ruínas de Veios, a mais bela, rica, e meridional cidade da Etrúria, tão desejada pelos romanos, ainda são objeto de estudo dos arqueólogos.

Já foram feitas preciosas descobertas. O marques Campana descobriu, em 1842, um túmulo que é considerado um dos mais antigos das cidades etruscas. Outras ruínas e outros lugares interessantes, pelas lembranças que despertam, ficam na estrada de Roma à Florença. Seguimos a antiga via Flamínia e percorremos toda a bela região entre Terni e Narni, através de um magnífico campo, gozando do agradável panorama dos picos com bosques dos Apeninos, e dos verdes vales da Umbria. A região vulcânica e árida que acabamos de atravessar deu lugar a uma das mais interessantes regiões desse lado da Itália. A estrada passa por diversos povoados e vilarejos, uns mais agradáveis que os outros: Nepi, o monte Soratte, a alguma distância com a pequena cidade e o convento São Orestes "fundado por Carlomano, irmão mais velho de Pepino, o breve, que atormentado por remorsos do sangue que precisou derramar para estabelecer a autoridade de sua dinastia consagrou-se a Deus nesse convento"; Civita Castelana, no alto escarpado ao lado do rio Maggiore sobre o qual há uma bela ponte; Otricoli (antigamente *Otriculum*) hoje um insignificante vilarejo, situado numa colina onde não há nada que lembre o luxo dos monumentos que ocupavam o solo de Roma até aqui, a tal ponto que na primeira vez em que Constantino veio à Itália pensou, ao sair de Otricoli, que entrara em Roma. Narni e Terni, todos esses sítios mais ou menos belos e curiosos pelos restos de ruínas de templos, de anfiteatros, de banhos e de muralhas antigas, tudo isso já desaparecera dos nossos olhos quando uma das maravilhas da Itália chamou nossa atenção, e encantou-nos mais do que qualquer outra coisa da estrada. Foi a cascata ou queda d'água de Terni. Como em Tivoli, a mão do homem imprimiu aqui a marca da sua força numa obra, que há mais de mil anos atrai a admiração dos viajantes cujos olhares detêm-se nos maravilhosos lençóis d'água do Velino, desviado do seu curso por Curius Dentatus por meio de um canal cavado no rochedo, e caindo por cima de um outro rochedo no Nera, dizem que com uma altura de 370 metros. O efeito é impressionante e pitoresco. Paramos no Hotel da Europa onde peguei um carro que nos conduziu até perto da cascata e fizemos a pé o resto do caminho, ora

descendo, ora subindo, para melhor contemplá-la do alto e de baixo. Nunca uma coisa desse tipo me impressionara tanto, e eu já vi as mais belas cascatas do meu querido Brasil, cuja magnificência é ainda desconhecida daqueles que se extasiam diante das cascatas da Suíça, que parecem miniaturas comparadas com as do Brasil. Porém, se elas têm sobre a cascata de Terni a vantagem de serem naturais, não tiveram um poeta como Byron para cantá-las e imortalizá-las[1].

Entre Terni e Spoleto, Somma, a montanha mais alta desse lado dos Apeninos, nos oferece outras vistas e outros aspectos de uma beleza selvagem. Num certo lugar, sombrio e triste, o ar de inquietação e o esforço do cocheiro para apressar a marcha dos cavalos deram a entender que atravessávamos uma passagem perigosa, e famosa, por conta de certos encontros indesejáveis, que dizem freqüentes na Itália e na Grécia. Porém, já senti todas as emoções de viagem através das regiões mais solitárias dos dois países, menos a de me ver cercada por bandoleiros.

Após visitar as ruínas e magnificências antigas que Spoleto (outrora *Spoletum*) ainda conserva, algumas obras de mestres e todas as lembranças de Aníbal, após esse general ter derrotado as tropas romanas em Trasimeno, de Carlos Magno, do imperador Frederico Barbarôxa, que saqueou e incendiou a cidade, chegamos, passando por Trevi (*Trebia de Plinio*), em Foligno, cidade industrial que ainda se ressente, como Spello, dos estragos causados pelos terremotos de 1831 e 1839, que vitimaram tanta gente. Incorporada em 1439 aos estados da Igreja, após sustentar por muito tempo sua independência, Foligno acabou de ser forçada, como suas irmãs mais próximas, a reintegrar-se a esses estados após alguns dias de alegria nacional, pelos quais Perugia pagou tão caro.

---

[1] A descrição da cascata é um dos mais conhecidos e repetidos trechos do canto IV (LXIX), de *Childe Harold's Pilgrimage* (1818), de Byron. Muitas paisagens da cascata no século XIX parecem inspiradas pelos versos do poeta:

The roar of waters! from the headlong height
Velino cleaves the wave-worn precipice;
The fall of waters! rapid as the light
The flashing mas foams shaking the abyss;
The hell of waters! where they howl and hiss,

Em Foligno (*Fulginium* dos latinos) deixei o *veturino,* e aluguei um carro particular para levar-nos a Assis, e de lá a Perugia, onde são encontradas excelentes diligências para Florença.

É preciso que eu diga algumas palavras sobre um de nossos três companheiros de viagem de Roma à Florença, que eram uma agradável senhora romana, seu marido, que "fugia" me disse, com sua querida metade, da *santa* atmosfera de Roma, antes que os padres a transformassem em sacerdotisa (são suas próprias expressões), e um jovem americano de Boston, com uma tristeza tão profunda que me pareceu moribundo logo que o vi.

As conseqüências de um grande amor são tão raras em nossos dias que precisamos falar delas quando as encontramos.

De madrugada, em Roma, ao subir no carro, o casal que falei acima sentou ao nosso lado. O carro já ia partir quando vimos uma sombra que se aproximava. Na claridade ainda incerta da aurora, percebi uma forma humana estendida imóvel sobre um banco perto do *veturino*. Um instante depois essa forma se mexeu, levantou e caminhou. Era um homem triste e silencioso, ou melhor, uma sombra, que entrando no carro deslizou para um canto, cobriu o rosto com um lenço e ficou imóvel, aparentemente indiferente ao interesse ou beleza dos objetos que a estrada oferecia. As cidades, vilarejos, obras de arte, ruínas, sítios pitorescos, nada atraiu sua curiosidade. Pensaríamos que o mundo exterior não existia para ele, que se deixava levar de uma cidade para a outra, indiferente e sem objetivo. Uma palidez extrema espalhava-se em sua fisionomia de aristocrática fineza, e quando ele abria seus grandes olhos negros, e alisava distraidamente sua bela cabeleira da mesma cor, parecia Apolo expulso do Olimpo, ou melhor Endímion ferido de morte, procurando com um olhar desgarrado a deusa soberana do seu coração para dizer um último adeus! O pobre sofredor mal se mantinha, sob o peso da tristeza que o esmagava, quando o vi sentar-se pela primeira vez na mesa do hotel onde ficamos: era em Foligno. Quando o serviram ele sorveu algumas colheres de sopa. A imagem muda de dor me impressionou. Dirigi a palavra ao rapaz e perguntei se estava longe o lugar para onde ia, e se precisava de alguma coisa que eu pudesse arranjar-lhe. Estas poucas palavras, de um coração maternal que se apiedava dos sofrimentos de um filho, talvez muito longe de uma terna mãe, como o meu, pareceram

causar-lhe uma profunda impressão. Ele agradeceu sem muita animação, e pondo tristemente a mão no coração acrescentou que seu mal era incurável. Depois, ao saber que como ele eu nascera além do Atlântico, e vendo o interesse que sentia por sua dor sem procurar conhecer a causa, rompeu o longo silêncio que eu respeitara e encontrou uma espécie de alívio em falar do que o deixara no estado que eu via. Parece-me conveniente calar a parte confidencial da história do viajante que pertence a uma rica família da América. Apesar de todas as vantagens de sua posição e de sua pessoa ele não conseguiu a permissão do pai de uma jovem, que adora e que também o ama, e seus passos seguem há algum tempo essa família que viaja pela Europa. Sempre procurando esconder-se, por toda parte, dos olhares dos insensíveis pais, que por razões aparentemente insensatas opõem-se à felicidade da própria filha, ele contenta-se em olhá-la de longe, ou mesmo em ficar no mesmo solo que ela. Jovem, rico, belo, e educado, evita toda distração que possa afastar seu pensamento, por um instante sequer, do querido objeto do seu amor. Todas as suas faculdades parecem dominadas pela imagem da digna moça, sobre quem ele fez grandes elogios, em poucas palavras, porque o verdadeiro amor não é pródigo em frases, sobretudo num neto de Albion.

Nos poucos dias em que viajamos juntos, após ele ter-me confiado seu padecer, procurei animar o seu espírito, com a esperança de que os pais de sua bem amada consentiriam enfim em ceder aos seus desejos. "Sois muito boa, senhora, disse, encorajando-me a viver, mas se minha esperança for infundada, o que será de mim.....?" Uma lágrima brilhou nos grandes olhos lânguidos, e ele recaiu em sua melancólica tristeza! O mundo sem aquela que ele amava parecia um verdadeiro abismo, e as vantagens com que o favoreciam a natureza e o destino pareciam um insulto à sua dor.

O que pode existir de mais admirável em nossos dias do que um amor como esse, num homem privilegiado como aquele?

Deixamos para trás Foligno e Spello, uma há muito tempo despojada de sua obra prima, a madona de Foligno, que vimos no Vaticano; a outra com seus restos de antigüidades, a heróica lembrança de Rolando, e os belos quadros de Perugino e

Pinturicchio. E, depois de atravessar um vale deserto e melancólico chegamos na célebre montanha plena da vida e do celeste amor de São Francisco de Assis. O mosteiro fundado por ele ergue-se no alto da montanha, encimada por uma fortaleza há muito tempo abandonada, toda cercada de muros com ameias.

Assis é uma pequena cidade, sem outra importância além da que lha dá os monumentos de arte que a decoram, e a lembrança de São Francisco de Assis, que aí nasceu em 1182, e fundou a ordem dos Irmãos Menores.

Admirando, como Goethe, os restos de um antigo templo de Minerva em estilo corinto-romano, que fica na praça do Mercado da pequena cidade, não partilho o desprezo que ele parecia ter por um dos santuários da arte primitiva italiana[1], no qual não se dignou a parar vindo a Assis, e que no entanto é uma obra prima digna de prender a atenção do viajante. São três igrejas, duas do mesmo tamanho, que se erguem uma sobre a outra por cima do túmulo de São Francisco. Os restos do santo, que haviam sido colocados num buraco cavado na rocha, foram reencontrados em 1818, contrariando a opinião do povo que o imaginava num "lugar inacessível onde o santo deveria ficar orando até o fim do mundo".

Uma espécie de frade, jovem noviço com um olhar mais terrestre que celeste, com grande amabilidade nos conduziu para visitar a capela subterrânea ricamente decorada. As duas outras igrejas são mais curiosas, guardam belos quadros de mestres e capelas douradas com afrescos na abóbada e nos muros. Quando ficamos sob as abóbadas das duas primeiras igrejas, nos sentimos numa atmosfera de penitência, cercadas pela austeridade das sombrias construções.

Na abóbada de uma das capelas ficam os belos afrescos de Adone Doni, representando os Profetas, e, as Sibilas que Rafael imitou na igreja de Santa Maria della Pace, em Roma. Contrastando com as duas igrejas de baixo, a superior tem um aspecto mais brilhante, fascinante. A mudança é surpreendente. Deixamos em baixo capelas tenebrosas, com

---

[1] A passagem que Nísia lembrou está no livro de Goethe *Italienische Reise* (1816-1817), (em *Voyages, Campagne de France et Annales,* Paris, Bib. Charpentier. s.d. p.69):

"Perto de Madonna dell'Angelo deixei o veturino continuar sua rota até Foligno e fui a pé até Assis, para ver um templo de Minerva, muito bem conservado, construído no tempo de Augusto. O convento dos franciscanos, com suas torres babilônicas, só me inspirou aversão..." (tradução minha).

escuras janelas, vitrais pintados, e obras notáveis de Spagna, Buffamalco, de Taddeo Gaddi, de Puccio Capanna, de Giovanni de Milan, de S. Memmi, do grande Giotto que representou com sua mão vigorosa as virtudes praticadas por São Francisco _ a Pobreza, a Castidade, a Obediência e a Glorificação.

A igreja inferior mostra a imagem da vida austera do santo religioso. A igreja superior, com obras atribuídas à Cimabue e Giotto, representa no seu esplendor a riqueza e o espírito da aristocracia, substituindo o espírito de humildade, e o desprezo das grandezas humanas, que honravam tão vigorosamente o santo frade, e que as almas piedosas, mais do que esse admirável monumento de arte, eternizam no mundo cristão.

Milhares de frades animavam outrora a imensa construção, e hoje só encontramos alguns, guardiões desocupados do *sacro-convento* que foi o culto e aristocrático mosteiro, onde brilharam as letras, que o distinguiram entre muitos outros mosteiros italianos.

O que resta do antigo convento de Santa Clara, a sublime mística de quem conhecemos os puros amores, fica perto do convento de São Francisco de Assis. Um gentil religioso nos mostrou a igreja, e o que há para se ver na piedosa casa. Novas restaurações tiraram o caráter primitivo do edifício onde Giottino pintou toda a vida de Santa Clara, pinturas que ainda lembram a alma irmã da alma santa de São Francisco de Assis.

PERUGIA

Perugia, capital da Úmbria, situada numa alta colina à direita do Tibre, daria, por suas recentes infelicidades, com que encher um grosso volume. Porém, além de outras penas já terem se dedicado a mostrar ao mundo os horríveis atos de barbárie praticados pelas tropas do papa, para vergonha do poder temporal do representante de Cristo na terra, um tão deplorável acontecimento deixou-me tão horrorizada, que talvez não conseguisse limitar-me às regras de uma simples narração. A calma e frieza, necessárias aos historiadores, não são possíveis para aqueles a quem os fatos que devem transmitir para a posteridade apresentam-se sob as formas mais cruéis, as mais revoltantes, mais capazes de emocioná-los. É por isso que quase sempre parecem exagerados os historiadores dos fatos contemporâneos.

Ao fazer o relato de um acontecimento ocorrido há um século, por mais horrível, triste ou doloroso que tenha sido, sentireis vosso espírito livre, mesmo que vosso coração esteja profundamente sensibilizado. Porém, se o mesmo fato acontece aos vossos olhos, ou se vedes marcas ainda palpitantes, é difícil que vosso relato não fique muito marcado pelo partido que tomais com a sorte dos infelizes que aí pereceram, ou perderam o que tinham de mais querido no mundo.

Perugia sofreu sob as ordens do santo pontífice, ou daquele que comandou, uma das mais terríveis catástrofes políticas dos nossos dias, e que surpreendeu uma cidade pacífica que entregava-se à comemoração de sua festa nacional! A vingança papal foi assustadora..... excedeu todas as medidas! Pereceram até mesmo alguns estrangeiros que estavam na cidade quando entraram as tropas enviadas por Roma. Uma família americana, que estava no hotel em que ficamos, passou 24 horas escondida num canto escuro, onde o sangue das vítimas imoladas pela fúria dos servidores armados do papa vinha molhar-lhes os pés. A mãe dessa família ficou doente de pavor e morreu alguns dias depois.

O coração ainda fica apertado com a lembrança das atrocidades cometidas pelas tropas do papa contra a boa população de Perugia! Que outras penas façam o relato de tal carnificina, e que no futuro os progressos do espírito humano evitem que semelhante flagelo atinja de novo a Itália!

Deixemos as dolorosas imagens das terríveis vinganças de Otávio e Pio IX, que Perugia guardará eternamente, e falemos um pouco do importante lugar que ela ocupa na história da arte.

Centro da escola de Úmbria, Perugia que foi uma das principais cidades da antiga Etrúria, transformou-se na Idade Média no mais fértil lar das inspirações religiosas que o santuário de Assis despertou, por toda parte, no vale escondido do Tibre superior então tomado pela fé ardente e entusiasta de que São Francisco deu exemplo. Esta escola que se distinguiu mais pelo sentimento, o íntimo encanto, e a expressão doce e terna que suas pinturas revelam, do que pelo estilo ou modo de execução, produziu muitos artistas célebres, como Benedetto Buonfiglio, Fiorenzo di Lorenzo, Niccolò Alunno di Foligno, Bernardino di Betto, Pinturicchio e outros, acima dos quais plana Perugino, chamado de príncipe da Escola

úmbria.. Sobretudo seus anjos têm uma graça e candura admiráveis. Coisa singular é este artista notável, que buscava toda sua inspiração em assuntos religiosos, defender o ateísmo, segundo Vasari, o grande historiador da pintura da Itália. Encontramos em Perugia o que este grande artista criou de mais notável. Porém, o título glorioso de mestre do grande gênio da pintura moderna é mais honroso do que todas as suas belas criações. Rafael, o anjo da escola úmbria, como o chamam, não fez nada mais do que passar por ela. O seu gênio elevou-se a uma altura que ninguém ainda conseguiu alcançar, e revelou ao mundo em toda sua magnificência uma nova estética. Fundador da Escola Romana, o artista privilegiado a conduziu para um novo ponto de vista, e com uma concepção toda ideal[1].

Vi em Perugia, com o coração entristecido por sua infelicidade, tudo o que há de notável em obras de arte, restos de antiguidades etruscas, instituições de todo tipo, galerias, igrejas. Ao deixá-la nos dirigimos para Florença, que demoro a rever, passando pelo lago Trasimeno ou de Perugia, como o chamam, cercado com altos bosques, entre os quais observamos as colinas onde postou-se a cavalaria de Aníbal, que precipitou-se na planície sobre as tropas romanas, comandadas pelo cônsul Flaminius, no meio de um espesso nevoeiro que escondia o inimigo. O riacho Sangrento (*Sanguinitto*), que corre das montanhas para o lago, traz no seu nome a memória da terrível carnificina de Aníbal sobre as tropas romanas, na desastrosa batalha ocorrida às margens do lago Trasimeno! Mostraram-nos o lugar onde dizem que o cônsul romano morreu, e os lugares tristemente célebres que lembram a vitória do famoso cartaginês.

---

[1] As observações de Nísia sobre a pintura da Úmbria tomam como referência o guia de Du Pays. Esse parágrafo, um pouco confuso, foi escrito usando as informações do guia, que por sua vez está citando o livro de Lanzi, *Storia pittorica della Italia.* Veja-se em Du Pays, op. cit. p 404: " O grande aluno de Perugino, o anjo da escola de Úmbria, é Rafael, que apenas passou por ela, feliz gênio, educado sob influência e amor da antiga lei, e que saiu para revelar ao mundo uma estética nova em todo o seu eplendor...."

Apesar do interesse que a Úmbria inspirou, atravessei com prazer a fronteira da doce Toscana, e ao passar em Arezzo não pude deixar de ir saudar, perto da cidade, a casa onde nasceu Michelangelo cuja lembrança merece essa homenagem por parte do viajante que chega á sua terra natal. Após algumas outras excursões em cidades, vilarejos, lugares mais ou menos notáveis por fatos históricos aí acontecidos, ou obras de arte antigas e modernas que aí se encontram, chegamos na nossa querida Florença onde fomos novamente cercadas pelos bons amigos, e doçuras que, na Itália, só esta cidade sabe oferecer, em toda plenitude moral.

Tudo mudara na política, e a alegria nacional transbordava em toda parte. Com que entusiasmo, com que efusão, contaram-me todos os detalhes dos fatos que aconteceram na minha ausência! Com que confiança esperava-se que a última influência dos Bourbon desaparecesse definitivamente, de um lado a outro da Itália! Porém, quanto desapontamento e raiva causou a paz de Villafranca[1]!....Compartilhando a alegria, ainda mesclada com a preocupação dos dignos chefes e do povo florentino, entreguei-me à doce satisfação pessoal que me ofereceram as novas cartas de minha querida família, do Rio de Janeiro, recebidas na minha chegada em Florença, e as mais antigas, que eu acreditara extraviadas, e que nosso gentil cônsul em Atenas recebeu após nossa partida e reenviou. Dedicava-me à essa

---

[1] A paz de Villafranca foi assinada em 11 de julho de 1859. O nacionalismo italiano espalhara-se mais do que desejava o imperador, e temendo que toda a Itália central ficasse sob o domínio do Piemonte, Luiz Napoleão propôs um armistício que pós fim à guerra iniciada em abril. Pelos termos do acordo a Áustria manteve Veneza sob seu domínio, cedeu a Lombardia à França, que a devolveu ao Piemonte. Uma cláusula previa o retorno dos grão-duques de Modena e Toscana aos seus postos. Os florentinos, tendo a frente o Barão Ricasoli, resistiram à exigência, e os deputados toscanos votaram contra a volta dos Lorena, e pela união ao reino da Savóia. A Toscana foi anexada ao reino de Vittorio Emmanuele neste mesmo ano.

Mme. Quinet, em *Mémoires d'exil* (op.cit.p.264) citou um comentário de Edgar Quinet sobre a paz de Villafranca. Disse o escritor francês exilado por Luiz Napoleão: "Retoma-se hoje o fio histórico que não foi rompido: o Papa e o Imperador unidos contra a Revolução, contra a espírito humano." E Mme. Quinet por sua vez descreveu as reações ao tratado: "Onde já se viu semelhante mistura de povos? Uma confederação com príncipes austríacos, o rei de Nápoles, sob a presidência do papa!... Foi para isso que o sangue francês foi derramado? E Veneza que esperava o sinal de liberdade, Veneza mais uma vez sacrificada!....E a Itália que juraram libertar dos Alpes ao Adriático? (....) Que decepção! Não se pode fazer uma idéia da agitação dos espíritos... (tradução minha).

felicidade, a maior para mim em terra estrangeira, quando um assunto do meu interesse exigiu minha presença na França por alguns dias.

Nunca a permanência em Florença oferecera tantos atrativos quanto do meu retorno da Grécia. Meu espírito dominado pela antiguidade brilhante, com que se inspirara no velho solo helênico, sentia-se melhor para apreciar os tesouros da rica cidade onde me encontrava, cercada pelo que havia de mais nobre e mais altamente intelectual na sua sociedade. As famílias que nos amavam souberam, com pesar, que as deixaria novamente logo após o retorno, para ir a França, de onde temiam que não mais voltasse. Em vão afirmei-lhes que em 10 dias estaria de volta a Florença, elas duvidaram.

O respeitável marques Capponi[1], cuja estima e sabedoria muito aprecio, disse que apesar de minha energia natural temia por minha saúde com esta partida repentina, logo após as fadigas que tive de suportar em minha viagem a Grécia. No entanto, este homem sensato não procurou desviar-me do cumprimento do dever que me afastaria de sua companhia, e acreditou na promessa de que não ficaria em Paris.

O mesmo não aconteceu com outros conhecidos, sobretudo nossa velha amiga a marquesa Geppi. No amor, como na amizade, o homem entende melhor que a mulher as razões que nos levam a agir. Esta amiga não queria acreditar que eu deixaria Paris e voltaria ao seu lado, e esforçou-se para conseguir de minha amizade a garantia do retorno, pedindo para que deixasse minha filha em sua companhia durante minha pequena ausência. "Sois bem forte para partir e voltar logo para seus amigos de Florença, mas esta querida criança tão delicada não poderá fazer o mesmo sem comprometer a saúde. E além disso, estou certa de que sem ela voltareis o mais breve possível. Vamos! Ceda ao desejo de vossa velha amiga e ficareis contente por contentá-la".

---

[1] Capponi, Gino -(1792-1876).Católico de idéias liberais, participou da vida cultural e política de Florença por muitos anos. De 1821 a 1848 foi chefe do partido liberal na Toscana. Fundou com Vieusseux, um intelectual suíço radicado em Florença, a revista *Antologia*, e o ajudou a fundar o Gabinete Vieusseux, ponto de encontro dos intelectuais liberais. Também com Vieusseux, participou da fundação do Arquivo Histórico Italiano, 1842.Capponi foi membro da Assembléia Constituinte da Toscana em 1859, Senador do Reino da Itália, em 1861. Representava a nova historiografia italiana, revigorando o classicismo historiográfico de Maquiavel. Publicou numerosos ensaios científicos e uma monumental história de Florença: *Storia della republica di Firenze*, 1875

Ainda hesitei um pouco, embora reconhecesse que minha filha era amada e considerada por esta amiga, que me substituiria dignamente durante os dias de ausência, e assim poderia evitar-lhe o cansaço de uma nova viagem, logo em seguida a outra tão longa. Porém, custava tanto separar-me, mesmo por poucos dias, de minha inseparável companheira! Consultei-a antes de atender o pedido de nossa amiga. Esta menina não gostava muito de Paris, e pensando que talvez eu aí ficasse se a levasse comigo, apesar de minha simpatia por Florença, concordou com a marquesa e preferiu esperar o meu retorno ao seu lado, em seu palácio na cidade, suplicando que voltasse logo pois minha ausência ser-lhe-ia muito dolorosa. Contente porque cedera ao seu desejo, a marquesa acompanhou-me à estrada de ferro com minha filha, onde outras amigas esperavam, e todas me abraçaram alegres ao ver que viajaria só, para voltar muito breve.

Minha concordância com o desejo dessas boas almas foi uma decisão providencial? Um futuro próximo mostrará.

Uma estranha preocupação unia-se à tristeza que senti, mais fortemente dessa vez, ao ver desaparecer atrás de mim a soberba cúpula de Brunelleschi, e a graciosa torre de beleza incomparável de Arnolfo di Lapo.

Seria apenas a solidão que sentia longe do meu querido tesouro que ficara em Florença, ou o pressentimento de algum perigo que me esperava longe da minha querida filha? Não consegui explicar.

E o expresso voava na estrada de Livorno, e só quando aí cheguei consegui livrar-me do torpor doloroso que tomara conta de mim desde que a marquesa, ao deixar-me na estação de Florença, afastou-se ligeira em sua carruagem, com minha filha, para nos evitar, disse, a emoção do último adeus. "Ela é bondosa, falei, desmanchando-me em lágrimas nos braços de minha querida Clorinda, que estava junto de mim com o marido, porém ela não tem um coração de mãe para entender a necessidade que senti de abraçar minha filha mais uma vez".

Fig. 8

SCINTILLE

D'UN' ANIMA BRASILIANA

DI

FLORESTA AUGUSTA BRASILEIRA.

Poca favilla gran fiamma seconda. —
Questo è il principio, questa è la favilla
Che si dilata in fiamma poi vivace,
E, come stella in cielo, in me scintilla.
DANTE.

FIRENZE,
TIPOGRAFIA BARBÈRA, BIANCHI E C.
—
1859.

Para abreviar a viagem tomei o primeiro navio a vapor que partia para Marselha, via Bastia, na ilha da Córsega, onde fiquei apenas algumas horas. Viajava comigo uma amável família d'Ajaccio, que levava uma de suas filhas a Marselha onde ela deveria fazer os exames necessários para obter uma cátedra em sua cidade natal.

A curta travessia foi das mais agradáveis. O mar estava calmo, a conversa com a jovem candidata era tão interessante, suas maneiras tão distintas, tão simpáticas, e seu entusiasmo tão natural contando o prazer que sentira ao ler um livro recentemente publicado, *Scintille d'un anima brasiliana*[1], que não resisti ao seu pedido de ficar na ponte, onde achava que não sentiria meu habitual enjôo. Com efeito, talvez devido ao tempo esplêndido ou pelas observações espirituosas, cheias de elogios extraordinários, que ela fazia sobre um artigo deste livro que mais lhe interessara, e sobre o motivo que a levava a França, porque a Córsega, disse, no fundo será sempre italiana, o fato é que não senti o terrível mal estar que sempre sinto quando estou navegando.

A admirável influência da moral sobre o físico exerceu sobre mim, mais uma vez, seu efeito salutar. A amável senhorita ao me ver chegar alegre e lépida no porto da velha cidade foceense[2], abraçou-me com uma alegria infantil, dizendo que desejaria fazer o que recomendei às mulheres no meu artigo *La Donna*[3], e se sair tão bem nos exames como conseguira por sua simpatia e afeto por mim, livrar-me do enjôo. Dissemo-nos adeus, até o próximo ano, quando ela pretende vir a Florença passar um mês com um de seus parentes.

Logo que desembarquei em Marselha tomei o expresso, que embora desenvolvendo grande velocidade não atendia ao meu desejo, tal era minha impaciência de voltar para a Itália. Em Paris fui ao lugar onde tinha negócios, cumpri o objetivo de minha viagem, e seis

---

[1] Nísia refere-se ao seu próprio livro *Scintille d'un anima brasiliana* publicado em Florença,1859, pela tipografia Barbera e Bianchi, e assinado por Floresta Augusta Brasileira.O livro reúne cinco artigos. Juntamente com *Conselhos à minha filha*, também publicado em italiano, *Scintille* era uma espécie de cartão de visita de Nísia nos meios intelectuais da Itália e ela não disfarçava o orgulho de autora ao citá-los.

[2] Foceense- relativo a Focéia, cidade marítima da Jônia de onde partiu a colônia que fundou Marselha.

[3] La Donna é um dos cinco artigos do livro *Scintille d'un anima brasiliana.* Os outros são :Il Brasile, L'abisso sotto i fiori della civiltà, Viaggio magnetico e Una passeggiata al giardino di Lussemburgo.

dias depois subi o Monte Cenis com o coração palpitando de prazer, pensando na agradável surpresa que faria à minha filha voltando antes do que ela esperava.

.....

Ci prepara la sorte colpi funesti, quando più ci abbandoniamo ai piaceri; chè brilla il sole nell'oriente, ma tempesta orribile poco dopo lo eclissa

Consigli a mia figlia (2 ed *en italiano*)[1]

SUSA

As feéricas nuanças multicoloridas, que anunciavam um belo nascer do sol do mês de agosto, desenhavam-se no horizonte, quando as diligências procedentes da França e de outras direções chegaram à Susa, pequena cidade outrora célebre por sua longa resistência aos romanos, motivo de orgulho para os seus moradores, situada no entroncamento das estradas do Monte Geneve e Monte Cenis.

Ao descer do cupê de uma dessas diligências, onde viajara com uma senhora francesa que ia para a Itália, sufocada de dor, em busca do corpo de seu filho único que morrera na batalha de Solferino[2], apressei-me em ir para a estação da estrada de ferro pensando partir no primeiro trem, dos quatro que fazem todos os dias o trajeto de Susa a Turim, na única estrada de ferro, terminada em 1854.

Na estação comprimia-se uma grande multidão de viajantes, porém pouco a pouco uma parte se dispersou na cidade ao saber que o trem não partiria antes da chegada do trem que vinha de Turim. As duas mães que se dirigiam com grande pressa ao belo solo da Itália,

---

[1] "Os fados preparam seus golpes fatais, quando mais nos abandonamos aos prazeres; o sol brilha no horizonte, mas logo a tempestade o apagará." *Conselhos à minha filha* foi o livro de Nísia com mais reedições. A primeira edição brasileira é de 1842, pela Typografia de J.E.S Cabral do Rio de Janeiro. A segunda, também no Rio de Janeiro, é de 1845, Tipografia de F. Paula Brito. Teve duas edições italianas: em 1858, em Florença, pela Stamperia Sulle loge del Grano, a segunda em Mondovi, 1859, encomendada pelo bispo de Mondovi, para adotar nas escolas católicas da sua diocese. A tradução francesa é de 1859, publicada em Florença pela Imprimerie du Monnier.

[2] Última batalha entre a Áustria e França- Piemonte, em 22 de junho de 1859.

por razões muito diferentes, preferiram esperar na estação.Olharam-se um instante em silêncio, depois uma falou suspirando: "Vossa impaciência é justa, irás reencontrar uma filha que vos espera. Eu, ai de mim! só verei os restos inanimados do filho que era minha glória e única felicidade nesse mundo, por isso pouco me preocupo com o atraso dos trens." E a pobre mãe chorava olhando para o céu.

Quando toda a esperança da terra desaparece no último suspiro de um ente amado, que era a única chave da nossa felicidade, a vida nada mais é do que uma triste viagem sem fim. Chegar aqui ou ali, chegar mais cedo ou mais tarde, que importa? Espera-se com resignação o instante em que a alma, liberta do seu corpo mortal, elevar-se-á para o reencontro, na pátria eterna.

Assim parecia sentir-se a mãe desconsolada com a perda de um bravo tenente, morto na última batalha.

Em tais circunstâncias o que se pode dizer para consolar uma mãe? Palavras? Elas sempre parecerão banais diante de uma imensa, irremediável dor. Uma lágrima silenciosa, mais eloqüente que todas as exortações, escapou dos meus olhos. A pobre mãe agradeceu, e reconhecida apertou-me a mão. Nesse instante a voz do guarda da estação, anunciando o trem que ia partir, ressoou aos nossos ouvidos. Os viajantes, dispersos alguns instantes antes, correram para aproveitar a primeira partida. Nós os seguimos e nos instalamos no quarto vagão da primeira classe, com o conde A., sua mulher e duas filhas.

O sol levantava-se no horizonte, todo radioso, e o doce esplendor dos seus primeiros raios espalhava um encanto infinito em toda a natureza que nos cercava. Era uma soberba manhã. As águas do Doria, que o trem acompanhou por algum tempo, refletiam os raios do sol nascente. Os povoados, os campos, tudo parecia em festa sob a atmosfera doce e brilhante dessa manhã memorável.

O assobio regular do vapor confundia-se com os alegres cantos dos soldados que retornavam vitoriosos para Turim, e parecia espalhar no espaço louvações barulhentas ao trabalho e à glória.

O trem, que passara nas estações de Santo Ambrósio e Vegliana, deixando à direita Rivoli, atravessava a vasta planície que estende-se de Turim ao pé dos Alpes.

Contrariando meu hábito estava indiferente ao panorama das belas paisagens que descortinavam-se rapidamente aos meus olhos. O esplendor da manhã, os cantos alegres que chegavam aos meus ouvidos, a doce esperança de abraçar minha querida filha na manhã seguinte, nada conseguia arrancar-me de um estranho temor que tomara conta de mim há alguns instantes. Para me distrair abri uma pequena mala de viagem que tinha nos joelhos, e tirando as fotografias de minha mãe, e de meus filhos, das quais nunca me separo, fiquei olhando-as, e as queridas imagens me absorveram por inteiro.

Era sete horas da manhã.....

De repente um choque terrível, como se a terra caísse de sua base, seguido de um barulho infernal de duas máquinas que se quebravam ao chocar-se, jogou-nos violentamente uns contra os outros no vagão.

_ Misericórdia! Misericórdia! gritavam as pessoas ao meu lado, paralisadas diante de uma morte iminente.

Deus! meus filhos! gritei, achando que era meu último momento, porque tudo parecia acabado para meus companheiros do vagão e para mim.

Talvez tenha se passado um segundo dessa agonia indescritível. Depois, ao nos vermos ainda com vida, cada um procurou escapar do carro fatal. Impossível! As portas estavam fechadas com chave e ninguém chegava para nos socorrer....

Ligeira como um relâmpago uma idéia atravessou o meu espírito. O teto do vagão que sentíamos quebrar sob a pressão do vagão do outro trem iria cair e nos esmagar!....

Invocar o nome de minha santa mãe, pegar a valise na mão e me jogar pela janela do carro, tudo fiz num piscar de olhos.

Ao cair sobre dois corpos estendidos no fundo do pequeno vale, onde haviam se chocado os dois trens, pensei tê-los machucado, e embora aturdida com a queda e não me

vendo ainda fora de perigo, tão perto dos vagões que despedaçavam-se, levantei e parei para examinar os dois corpos. Eram dois cadáveres queimados, desfigurados!

A infeliz mãe que seguindo meu exemplo acabara de saltar com os outros do vagão, perto de mim, e estava pálida como morta, levou-me para longe do funesto vagão, que logo se quebrou totalmente.

Reunidas a alguns passos dali aos passageiros que escaparam ao terrível desastre, conseguimos então descobrir o que o causara. O trem vindo de Turim pela mesma linha, e em grande velocidade, chocou-se contra o nosso sem que os maquinistas, que foram as primeiras vítimas, pudessem impedir, e o fogo das duas máquinas, passando para o vagão das bagagens, causou o incêndio que tornou mais lúgubre ainda a cena de horror!

Dois anos já se passaram depois que essa terrível catástrofe aconteceu diante dos meus olhos, e no entanto, não consigo falar com calma, e menos ainda descrever o terrível espetáculo de angústia e morte que testemunhei naquela manhã apavorante, que nunca se apagará da minha memória.

Num lugar solitário da planície, a duas milhas de Turim, jazem aqui e ali, de um e do outro lado dos dois trens em chamas, moribundos e cadáveres mutilados tirados inteiros ou em pedaços dos vagões prensados uns sobre os outros, perto das máquinas. Mais infelizes do que aqueles que a morte levou subitamente no momento da horrível colisão eram os moribundos, invocando em sua horrível agonia o nome de Deus, de uma mãe, uma esposa, um filho, um amigo!

Ali, um jovem arrancava os cabelos em desespero abraçando o cadáver do pai que acabara de reconhecer, e que tinha ainda apertado na mão um jornal que lia no momento em que a morte o surpreendeu. Aqui, um pai, uma mãe, um parente ou amigo, que salvos do perigo procuravam entre os mortos e feridos os queridos entes que lhes faltavam.

Era uma calamidade tão dolorosa que minha pena é incapaz de reproduzir.

No meio da assustadora confusão, duas mulheres que acabaram de escapar da morte pararam, uma diante de um vagão incendiado, lamentando a perda de sua bagagem, quando tantos de seus semelhantes estavam ali estendidos sem vida; a outra, ao pé de um moribundo que chamava por sua mãe! Ela levantou sua cabeça, depôs nos joelhos, e rasgando sua saia para enfaixar a grande ferida aberta de um lado do crânio, dirigia-lhe palavras de consolo.

O infeliz a olhou com olhos sem luz e balbuciou : "Escapei do fogo das batalhas,.... ia rever minha mãe.... e ... Meu Deus!..." e exalou seu último suspiro.

Tomada de piedade a mulher olhou o céu. Sua prece foi muda, porém Deus entende melhor as preces do coração do que as dos lábios. Depois, ela deixou piedosamente a cabeça do morto sobre alguns galhos de ervas, e foi para junto dos outros que ainda respiravam. O mesmo zelo em estancar o sangue que corria em rios das cabeças, dos peitos, dos braços, das pernas! Os mesmos cuidados inúteis! A morte já planava sobre esses infelizes....

Por volta de nove horas da manhã acorreram alguns moradores dos campos vizinhos ao lugar do desastre. As moças traziam água e bebidas para acordar os que estavam apenas desmaiados.

Mostraram-se boas e caridosas. Deus as abençoe! A mulher de quem falei acima tinha sobre seus joelhos a cabeça de um moribundo, quando um padre se aproximou, curvou-se sobre ele e gritou: "Irmão, esqueça a terra, tema o inferno, sonhe com sua saúde, se confesse!" O pobre moribundo, e tantos outros estendidos nas planície, não podiam mais ouvir aquele que falava de inferno e confissão, quando seu último pensamento talvez ainda se voltasse, naquele momento supremo, para a terra onde estavam aqueles que amava. Eles entregaram a alma ao criador, e tenho certeza que ele as acolheu em sua bondade infinita, apesar do que dizem aqueles que seguem pela vida fazendo o mal, e:

A salvação esperando
Da mão do homem da terra
Que a santa vontade encerra
Em seu mundo miserando[1].

---

[1] Em português no texto. Versos do poema de Nísia, *Lágrima de um Caeté*, publicado no Rio de Janeiro, com o pseudônimo de Telesila, tipografia L. A. F. de Menezes, 1849.

Era dez horas da manhã quando todos os mortos e feridos foram transportados para Turim, de onde enviaram um trem expresso para conduzir os que escaparam da catástrofe.

Foi então que senti os graves ferimentos que sofrera.Meu espírito e meu coração tinham estado muito preocupados com a sorte dos infelizes que morreram ao meu lado, de uma maneira tão terrível, para que eu percebesse minhas dores físicas.

Pedi que me levassem ao Hotel da Inglaterra cujo conforto já conhecia, e um excelente médico homeopata, chamado para me atender, assegurou que meu estado, embora doloroso, não apresentava nenhum sério perigo, porém seria necessário ficar pelo menos oito dias na cama, e seguir atentamente a receita que prescreveu. "Ficar ainda oito dias longe de minha filha. Impossível! Doutor", disse, saindo do triste torpor que caíra desde o momento que deixara a planície fatal! Farei tudo que prescrever, menos isso! Haviam lhe falado, sem dúvida, do que chamaram minha coragem no desastre dessa manhã, porque ele me olhou em silêncio e disse: "uma viagem nas condições em que vos encontrais, senhora, será muito dolorosa, e talvez agrave vosso estado, porém um espírito como o vosso, que a fez suportar tão corajosamente a dor que devem ter causado tão graves contusões para ocupar-vos dos infelizes desconhecidos, poderá, não duvido, fazer melhor para vos reunir à vossa filha. No entanto, ficais em vosso leito sem se mexer até amanhã, voltarei ainda esta noite e amanhã de manhã, para ver como reagis ao tratamento."

Logo que fiquei só a imagem do terrível acidente, ao qual escapara milagrosamente, veio ao meu espírito com todos os detalhes dilacerantes que testemunhei. Parecia que ainda escutava os gemidos dos feridos, o estertor dos moribundos, os gritos, choros, e todo o horrível barulho do vapor que ainda fumegava sobre os corpos decepados de muitas vítimas!

E me perguntei, mortificada como me sentia, se era verdade que ainda vivia. Que meu corpo não ficara estendido na planície solitária onde estavam as vítimas infelizes. Oh! meus filhos, minha irmã, meus irmãos bem amados, talvez não soubesseis onde repousavam os restos daquela que vos é tão querida, misturados com as vítimas de uma fatal negligência

dos empregados da estrada de ferro. Nesses momentos indescritíveis meus pensamentos dirigiam-se para todos vós. E pela primeira vez nesse dia pude me recolher numa prece de ação de graças ao Todo Poderoso pela benção que acabara de receber. Depois pedi que trouxessem ao meu leito papel e tinta para escrever à minha filha. Não podendo esconder-lhe a catástrofe, que os jornais de Florença contariam antes da chegada da minha carta, tratei de sossegá-la sobre o meu estado de saúde, dizendo que estava sã e salva e que partiria para encontrá-la, se nossos bons amigos de Mombasilio, a condessa Vianson Ponte e o arcebispo Prigliasco, não me tivessem feito prometer que ficaria com eles alguns dias, etc. Após ter enviado minha carta ao correio mandei comprar alguma roupa íntima e uma mala, pois a minha incendiara-se com todos os meus pertences, entre eles uma soma em dinheiro, de reserva, que não foram encontrados nos restos do incêndio. Mais tarde a companhia da estrada de ferro indenizou, com uma parcela dessa soma, a mim, e a muitos outros, e a doei para obras de caridade, em agradecimento por ter escapado com vida.

No segundo dia após o acidente levaram-me à estação com todas as precauções que meu estado exigia, e me instalaram o mais confortávelmente possível num vagão de primeira classe do trem que passava mais perto de Mondovi. Lá, esperava-me o excelente pároco D.Pregliasco com um carro que me conduziu em uma hora à Mombasilio, para junto da boa condessa Vianson Ponte. Estas belas almas fizeram-me sentir, no meu sofrimento, tudo o que a amizade pode oferecer de apoio para o físico e a moral. Cercaram-me com todos os cuidados que meu corpo e espírito tanto precisavam, e quase me fizeram esquecer que estava longe de minha família. No gentil empenho em ser útil, não queriam me deixar partir antes que ficasse completamente curada, e tudo tentaram para que consentisse em mandar buscar minha filha. O pároco ofereceu-se para ir pessoalmente a Florença tranqüilizá-la e acompanhá-la. Resisti a todos os pedidos, queria poupar minha querida filha de todo temor, e preferia que ele soubesse do acidente por mim.

Assim, embora os ferimentos ainda me fizessem sofrer, fingi não sentir dor na manhã seguinte da minha chegada em Mombasilio, para que os bons amigos me deixassem partir. A carta que recebera de minha filha, expressando nos termos mais tocantes sua tristeza por

estar longe de mim, e a impaciência que sentia de rever-me após o terrível acidente ao qual dissera ter escapado, encorajavam-me a viajar.

"Venhas logo minha dileta mãezinha, dizia ao terminar sua carta. Nesses poucos dias de tua ausência convenci-me, mais uma vez, que será impossível viver sem ti. Nossa ilustre amiga esforça-se para me distrair, me levando, na sociedade, onde sabes que os atrativos não me seduzem, no Casino, e nos arredores mais belos da cidade. Sua bondade e afeição por mim redobraram desde que partistes, e tenho muito reconhecimento, porém só posso ser feliz neste mundo ao teu lado. Venha bem depressa satisfazer os desejos de tua filha."

A marquesa também escreveu dizendo que tomara toda as precauções para esconder de nossa Livietta o meu estado físico, que ela sabia não ser tão satisfatório quanto eu tentara fazer-lhe acreditar. E tranqüilizando-me sobre a saúde de minha filha aconselhou a não expor a minha para ir para junto dela, onde procurava substituir-me. Este conselho era prudente, vinha do coração de uma amiga, mas, esta amiga não era mãe, ignorava que o sentimento materno centuplica as forças morais da mulher, e faz com que mesmo o mais frágil corpo suporte provações, diante das quais o sexo forte recuaria. Surda aos conselhos de minha amiga de Florença, e aos pedidos dos bons corações de Mombasilio, parti para junto de minha filha que demorava tanto a rever! Ao chegar em Gênova senti tanto sofrimento, que antes de tomar o navio *Phebus* que partia para Livorno escrevi as linhas seguintes, que confiei à uma família toscana que estava no mesmo navio: "Se eu morrer antes de chegar em Florença, rogo-vos de fazer transportar meus restos mortais para a casa da marquesa Geppi, onde está minha filha Lívia Augusta de Faria".

Porém, minha hora ainda não soara, e graças aos cuidados que tiveram comigo, e à energia que Deus me deu, pude suportar, melhor do que se poderia esperar do meu estado físico, até mesmo o enjôo, na travessia de 8 horas. E enfim cheguei em Florença. Mal fiz soar a sineta do palácio Geppi minha alma alegrou-se ao ver minha filha correr e jogar-se nos meus braços. Subi as escadas ajudada por dois empregados da marquesa, que me carregaram da carruagem para a primeira sala do térreo do palácio. Foi então que minha filha percebeu meu real estado de saúde, e o perigo que correra. Nossas lágrimas de felicidade por nos encontrarmos de novo juntas confundiram-se, e nossa velha amiga ficou

emocionada diante da íntima ação de graças que mãe e filha faziam, num eloqüente silêncio, Áquele que as reuniu na terra após o terrível perigo do qual eu escapara. A marquesa quis me forçar a usar os belos aposentos que preparara no seu palácio, mas resistindo aos seus desejos muito amáveis, só fiquei os poucos dias que precisei para me curar. A alegria (o melhor de todos os remédios) por me encontrar com minha filha, e entre os bons amigos de Florença, apressou a cura. Porém, todos os cuidados afetuosos, e esforços para me distrair, e tirar do espírito a dolorosa impressão que me deixara o espetáculo das vítimas infelizes do fatal acidente em Susa, foram vãos.

A triste imagem estava sempre presente, sobretudo no silêncio da noite, e dois meses depois ainda não pudera usufruir um momento de sono reparador! Curada do corpo, começava a temer uma enfermidade moral, que escondia cuidadosamente de minha filha e de todas as minhas amigas. Felizmente minha predileção pela Itália levou meu pensamento a unir-se com os cantos de alegria, que se faziam ouvir por toda parte, para celebrar o feliz início de sua ressurreição!

Duas pequenas obras que escrevi em italiano, publicadas em Florença[1], foram recebidas com muita simpatia e mereceram elogios muito acima do seu mérito.A bondosa apreciação que dignaram-se a fazer as pessoas do nosso círculo, e as cartas que recebi de outras cidades da Itália, encheriam de orgulho o meu espírito, se ele fosse susceptível. Pois, apenas duas coisas devem ter suscitado aos meus leitores as belas e gentis palavras que me endereçaram: a novidade de lerem obras de uma Brasileira, escritas na sonora e poética língua italiana, e a expressão de amor materno e élan humanitário dessas pequenas obras.

Além disso, os italianos são tão hospitaleiros, gentis, e indulgentes com os estrangeiros, que não me surpreendi com a bondade e especial consideração que me dedicaram muitos deles, dos quais eu gostaria de possuir a erudição e imitar as virtudes. Em

sua sociedade aprendi, a cada dia, entender e estimar a causa italiana, e compreender as inspirações dos grandes corações que a ela dedicavam-se. Enquanto os homens de gabinete, e os bravos do exército, trabalhavam para vencer as dificuldades que ainda se opunham à consolidação da grande causa, os jovens e velhos poetas italianos tiravam de suas liras notas patrióticas, sempre bem vindas quando um povo se levanta para livrar-se do domínio de uma tirania. Niccolini[2], o sublime poeta octogenário, que ainda temos o prazer de ver passar todos os dias nas ruas de Florença, com seu jovem amigo C..., sente rejuvenescer sua nobre musa sob o sol da liberdade italiana. Este poeta nacional, o primeiro depois de Dante, é muito conhecido na Itália e em outras nações para que eu fale dele, mesmo de suas mais recentes produções que nunca serão suficientemente lidas, sobretudo na França.- "*Non più la forza è dritto*".

O coração do velho poeta, que começou outrora com este verso um dos seus mais belos cantos, deve palpitar de felicidade ao ouvi-lo ser repetido por seus dignos compatriotas, que já souberam substituir a força pelo direito. Porém, quais serão as gerações felizes que verão cumprir-se toda sua sublime profecia, que citei no primeiro volume desta obra[3]?

Enquanto a ambição dos grandes mantiver a terrível glória da guerra no espírito das nações, enquanto os povos não compreenderem seus direitos e deveres, o olhar sempre ficará entristecido diante do espetáculo das matanças humanas, e a alma gemerá diante da maldade com que a mão do homem oprime o homem!

Afastemos no entanto essa idéia aflitiva. A Itália rejubila-se apesar das nuvens que ainda se formam no seu vasto horizonte. ..... rejubilemo-nos com ela.

---

[1] *Consigli a mia figlia*, 1859. E *Scintilles d'un anima brasiliana*, 1859.

[2] Niccolini, Giovan Battista - 1782-1861.Professor em Florença. Amigo dos maiores intelectuais da época. Defendia idéias liberais e anti-clericais. Representante, no início do século XIX, da poesia nacional e liberal italiana. Escreveu ensaios sobre História e Literatura e dramas políticos, entre eles *Giovanni da Procida*, 1830, *Arnaldo de Brescia*, 1843 e *Beatriz Cenci*,1844, *Filippo Strozi*, 1847.

[3] Os versos citados por Nísia no primeiro volume são do drama *Beatrice Cenci*, 1844, nele o poeta diz "Não mais a força é direito .... Não nascemos para o ódio e o crime.... Haverá um tempo em que a discórdia antiga será um sonho... A palavra não mais será um véu..... (tradução minha)

Mesmo admirando as criações sublimes do maior poeta vivo da Itália, Niccolini, e muitas outras sobre os acontecimentos atuais, transcreverei aqui duas peças dedicadas ao rei soldado, uma de um jovem professor cujas extraordinárias qualidades de coração e de espírito revelaram-me um dos mais bonitos tipos nacionais que conheci na juventude italiana, em sua gloriosa ressurreição, a outra de dois esposos sobre quem já falei anteriormente, cujas virtudes sei apreciar.

IL PRIMO SOLDATO DELLA INDEPENDENZA ITALIANA

Sonetti di Ciro Gojorani

Giurò disfar ció chei la forza ha fatto,
E la proscritta libertà raccolse
Nelle sacra ed ilesa Arca del Patto
Che fra le sirti destreggiando volse;

Maturò per dieci anni il gran Riscatto,
E, quando il cielo arrise, il brando tolse
E roteollo più che folgor ratto
E nel sangue tedesco il voto sciolse.

Allor che il braccio gli fermò scortese
La man del Fato, lacrimò d'un pianto
Che Italia tutta palpitando ammira

Ed or colà dove il genial Paese
Ancor s'imbruna di straniero ammanto
Con sull'elsa la man guata e sospira.

II

Regnò esperanza degli oppressi! avvinse
In forte laccio le divise posse,
E udito un Grido di Dolor, si cinse
L'elmo dei padri e il suo scudo percosse.

Il labaro d'Italia in pugno strinse
Ed all'onda nemica incontro mosse;
Un patto fece con la morte, e vinse,
E di barbari scheltri empi le fosse.

San Martino e Palestro, eletti campi,
Che vedesti il valor del gran Soldato
Ed esultaste del suo ferro ai lampi,

Lievi la salma degli croi vi provi;
Ma il loro sangue non sarà placato
Fin che il vindice di non si rimovi!

III

Già le glorie del nuovo Emanuele
Volan, raggianti di virtù sovrana,
Signoreggiando i cuori e le favelle
Dal Cenisio all'estrema onda sicana.

Già nel bacio di Lui ridon pi belle
Milan l'invita e Brescia la romana,
E la maschia Bologna, e le sorelle
Modena e Parma, e la gentil Toscana.

Gual manca serto al gran trionfo? Attenda
Il novissimi tempi e vegli armato
L'italo Achille nella regia tenda;

Poi la spada sollevi e dica: Io voglio!
E sairà, voglia o non voglia il Fato,
Sugli Omeri d'Italia in Campidoglio.
Pescia, settembre, 1859

A VITTORIO EMANUELE
in Firenze

Quell'io che osai del ferrarese Omero
Destar la tromba, e un'età d'or predire
Quell'io che al suon dell'armi alzai primiero
El giuro d'esser liberi o morire;

D'un umil fiore anch'io spargo il sentiero
Che Fiorenza ti schiude, italo Sire,
Trionfator di barbaro straniero
Termine fisso del comun desire.

Ma rugge ancora il veneto leone,
E agli alti suoi ruggiti eco fa il duolo
De' popoli soggeti al vil Borbone.

Compi la santa gesta! e il patrio suolo
Per te, di libertà vero campione,

Sia del Cenisio all'Etna un regno solo.

ETTORE MARCUCCI

Sei tu dell'Alighieri il veltro arcano
Per rimetter la lupa nell'inferno,
Che ingorda solo di tesor mondano,
Fece di molti genti il mal governo.

I fulmini temprati in Vaticano,
Onde il cielo quaggiù si prende a scherno,
Alfin dinanzi a te caggion di mano
A chi s'inebria di rancore eterno.

Ben VITORIO sei tu, che debellato
L'austriaco lurco offrirti a noi ti lice
Con segno di vittoria incoronato.

Ben pur nomarti Emanuel tu dèi
(Se interpretato val, comme si dice),
Poiché d'Italia il redentor tu sei.

CLORINDA MARCUCCI

1860

O ano de 1859, tão importante para os italianos, passou com todos os seus grandes acontecimentos, glórias e decepções que a história registrará. À pálida aurora, em cuja claridade há anos desenhavam-se novos destinos, seguiu-se um belo sol que agora brilha no horizonte da Itália. Porém, ainda existem nuvens negras no céu. A influência benfazeja da liberdade não se espalhou por toda parte. A desolada Veneza, Nápoles, a Sicília, e o coração natural da península, Roma, ainda gemem debatendo-se em suas pesadas correntes, enquanto suas irmãs já usufruem dos quentes e benfazejos raios da liberdade. Os dignos italianos, abandonados por seus generais aliados, que ainda combatem na alta Itália pela inteira libertação de suas irmãs, murmuram e sofrem profundamente por terem sido interrompidos, no meio de sua obra gloriosa, para obedecer a vontade inexplicável de um PODEROSO chefe aliado[1], que mostrou ao mundo o espetáculo novo do vencedor indo à tenda do vencido para pedir a paz! Conferência misteriosa então, seguida do memorável, vergonhoso armistício, que o mundo conhece, e que a Itália e seus bons amigos lamentam tanto. No entanto, mesmo com o desapontamento e desânimo sentidos após a negociação de Villafranca, que a opinião pública censurou ou desculpou, segundo a maneira de considerá-la, os nobres trabalhadores do santo edifício da União italiana continuaram sua grande obra. Garibaldi, o gênio vivo da liberdade, não podendo submeter-se às fórmulas da diplomacia franco-italiana, medita sobre a construção deste edifício sempre combatendo no norte com seus bravos caçadores dos Alpes e outros, e pensa no plano mais difícil que já se executou nos tempos modernos! Seu grande coração sangrou com o lamentável obstáculo que interrompeu seus esforços, e dos seus dignos compatriotas, para libertar completamente a alta Itália de seus opressores. De alguma maneira ele pareceu consolar-se com o atraso que julgaram necessário para a completa libertação geral de seus irmãos da Itália do Norte, e voltou toda sua atividade e élan patriótico para seus irmãos do Sul.

---

[1] Nísia refere-se mais uma vez a Luiz Napoleão e ao armistício assinado com Francisco José da Áustria, a paz de Villafranca, de 5 de julho de 1859.

Cansados da tirania do governo despótico das Duas Sícilias, com o jovem rei, que sucedeu ao pai falecido recentemente, engrossando suas tropas com mercenários suíços e austríacos, e oprimindo cada vez mais o seu povo, este povo levantou enfim o estandarte da revolta na Sicília, revolta que foi aparentemente sufocada pelas numerosas tropas reais, enviadas de Nápoles[1], e dizem que com ordem de exterminar sem piedade até mesmo as pessoas suspeitas de simpatia pelo novo governo da Itália.

O jovem Bourbon das Duas Sicílias esqueceu, como seu pai, que não é oprimindo e tiranizando seu povo que um rei consegue firmar as bases do seu trono. Ele parece ignorar a história que mostra o exemplo de coroas mais poderosamente apoiadas, e que de repente caem e quebram-se para sempre, no momento mesmo em que aqueles que as portavam, orgulhosos de sua glória efêmera, menos esperavam!

"Ainda não é tempo de nos alegrarmos, meus amigos, esperemos!" disse com sua voz doce e profética o chefe dos voluntários italianos, àqueles que então o aplaudiam quando passou por Florença no mês de outubro passado.

Estas simples palavras de bom senso me vêm ao espírito todas as vezes em que vejo explodir a alegria entre os florentinos com a notícia de um novo triunfo, ou por ocasião de uma festa popular ou religiosa, cujo motivo é sempre a felicidade nacional que transborda de seus corações. E estes triunfos e estas festas já se repetiam há mais de um ano! Ora era a anexação de uma província, ora a chegada de tropas vitoriosas, de voluntários, um general, um herói, o aniversário de um dia memorável nos anais da independência, a cerimônia de benção de um Estandarte de tropa, como a que aconteceu em Livorno em 29 de janeiro deste ano, e na qual o digno barão Ricasoli[2] fez um de seus mais belos discursos à guarda nacional dessa importante cidade, enfim, a festa do Estatuto e tantas outras comemorações públicas.

---

[1] Na noite de 3 de abril começou uma revolta popular em Palermo, duramente reprimida pelas tropas fiéis ao rei. Em resposta estouraram rebeliões em outras cidades. O republicano siciliano Francesco Crispi pediu o apoio de Garibaldi, que começou a arregimentar voluntários.

[2] Ricasoli, Betino (1809-1880)- O Barão Ricasoli, o "barão de ferro" foi um dos homens influentes da Toscana no período da unificação. Assumiu o governo da Toscana nos meses que se seguiram à união com o reino da Itália. Liberal moderado, Ricasoli foi um dos fazendeiros progressistas da região toscana e o "inventor" do vinho Chianti. Participou com Gino Capponi do Gabinete Literário de Vieusseux. No seu governo provisório foi criado o Insituto de Estudos Superiores de Florença, projeto de uma "super" universidade que representaria

Todas as festas aconteceram, sem no entanto, distrair os organizadores infatigáveis dos elementos que devem reger os numerosos negócios, nas diversas administrações, tanto internas quanto externas da nova Itália.

Depois de Cavour, a primeira cabeça política da nação, um dos mais importantes dos seus organizadores é o barão Bettino Ricasoli, homem ativo, patriótico infatigável, que trabalha sem descanso no seu gabinete, ou em outros lugares onde sua presença concorra para o bem da causa italiana, á qual se devotou de coração, como todos os seus dignos compatriotas. Rei, ministros, tropas, generais, oficiais, soldados, empregados de todas as classes, todas as pessoas, com pequenas exceções dos retrógrados, trabalham para consolidar a grande obra iniciada. Sabe-se que tudo está para ser feito por um povo que mal saiu do caos político em que seus inimigos o jogaram há séculos.

Há uma numerosa legião de bravos e pensadores entregues com santa devoção à digna causa, trabalhando de maneira ativa ou passiva, por toda a Itália (e mesmo fora da Itália), de acordo com seus meios, aptidões, grau de energia, e recursos intelectuais, por isso ficaria muito longo enumerar seus gloriosos nomes, o que aliás a história da Itália renascente, há pouco tempo constituída, não deixará de registrar em suas páginas imortais.

No entanto, não devo terminar este imperfeito resumo de minhas impressões sobre o movimento político italiano sem citar o grande nome de um ilustre florentino, um dos mais íntegros homens de nossos dias, que embora há muito tempo afastado da cena política não é menos respeitado, tanto pela firmeza e correção de suas opiniões e lucidez de seu espírito vigoroso, quanto pela prudência e patriotismo clássico que o caracterizam. Astro luminoso do firmamento italiano, uma nuvem eterna lhe tirou para sempre as perspectivas do mundo material! Porém, sua alma de elite parece crescer nas sombras dessa noite perpétua, e sua inteligência superior, seu espírito altamente esclarecido, brilham com uma divina luz com a qual Homero, Belisário, Milton e Castilho viram e julgaram tão bem os homens e as coisas. Este grande nome, que até mesmo inimigos da libertação da Itália pronunciam com profundo

---

a nova Itália unificada. Ao contrário de Cavour, Ricasoli defendia a aceleração do processo de unificação, em uníssono com quase toda a Toscana que apoiava as ações de Garibaldi.

respeito, é Gino Capponi[1].O marquês Gino Capponi é conhecido em toda parte na sua bela pátria, e até mesmo no estrangeiro, por todos aqueles que se ocuparam com a história da Toscana, onde um de seus nobres ancestrais brilhou por sua audácia patriótica diante de um poderoso rei da França. O marquês Capponi é um dos raros e belos modelos da verdadeira nobreza legada à nossa época.Aqueles que se glorificam com um título herdado, algumas vezes vergonhosamente ganho, frequentemente forjado pelo cálculo de um senhor, para cercar-se de servidores fortes e prontos a servir suas vontades despóticas, ou aqueles que acreditam-se dispensados de guardar suas crenças religiosas porque adquiriram um pouco mais de luzes do que o vulgar, deveriam vir estudar com este nobre e generoso patriota a grandeza moral em toda beleza de sua simplicidade. Veriam como ele sabe elevar a humildade evangélica ao mais alto grau de dignidade, sem orgulho, apesar da sua grande fortuna e do prestígio de uma das mais antigas casas de que ele é o digno representante! Antes de ter o privilégio de conhecê-lo de perto, eu saía um dia da igreja da *Annunziata,* quando percebi um respeitável senhor que também saía da igreja, e afastava-se com passos firmes, de braços dados com um rapaz. "O bom marques Capponi sai assim, sempre a pé através das ruas, ajudado por seu secretário, ele que possui tão belas carruagens" disse um senhor ao meu lado, falando à senhora que o acompanhava. Vi então, pela primeira vez, um dos grandes espíritos de Florença, cuja companhia e conversas torna-se-iam um dos encantos de minha vida em Florença.

Que ele foi, e ainda é, um dos melhores e mais sábios trabalhadores da causa da regeneração do seu país, seus conterrâneos já sabem o suficiente, e minha pena é muito fraca para acrescentar um elogio digno de suas virtudes cívicas. Quanto às suas outras virtudes, uma das mais belas, a caridade, ninguém sabe praticar melhor que ele, segundo o preceito de Cristo. Conversávamos um dia sobre alguns exilados da alta Itália que se encontravam em Florença. Um dos mais notáveis acabara de sair da minha casa, Tommaseo[2] cuja obra é bem

---

[1] Ver nota sobre Capponi na página 196. Capponi ficou cego nos seus últimos anos de vida por isso Nísia o compara com outros cegos ilustres como Castilho e Milton.

[2] Tommaseo, Niccoló (1802-1874). Filólogo, ensaísta, poeta e romancista. Nasceu em Sebenico na Dalmácia, onde hoje fica a Yugoslávia. Colaborou com a revista *Antologia* de Vieusseux,1827/1832, viveu em Florença de 1827 a 1834. Foi prisioneiro dos austríacos em Veneza, e libertado pelos companheiros de Daniele Manin

conhecida, e cuja cegueira quase completa, que a falta de recursos tornava mais dolorosa, atraia meu interesse e compaixão. "Como é possível marquês, disse a Capponi, que entre tantos corações generosos e cheios de patriotismo em Florença , e quando são feitos tantos gastos para festejar a ressurreição da querida Itália, deixem um de seus escritores de mérito definhar, com sua família, por falta de recursos materiais!"_"Tens razão, respondeu com belo tom viril que a idade não modificara, Tommaseo é um escritor de mérito, e mais do que isso, um homem honrado", e calou-se em seguida sem mais nada acrescentar á minha observação, o que muito me surpreendeu. Porém, quando soube depois que a sorte daquele exilado não era tão lamentável quanto eu acreditara, porque o marquês o tomara sob sua proteção, destinando-lhe uma renda para livrá-lo da miséria, fiquei sensibilizada e admirei a grande modéstia que o fez ouvir minha crítica indireta, sem revelar sua generosidade para com aquele que eu lamentava.

Os corações e espíritos distintos, com os quais tive o privilégio de conviver em Florença, pareciam aumentar a bondade e tesouros de amizade para comigo depois do acidente em que quase morri. Cada dia surgia um novo encanto nesse convívio. Com freqüência, abandonando o assunto palpitante que estava em todos os corações e todos os lábios, falávamos de ciência, de literatura e arte. A poesia e a música completavam as reuniões tão atraentes, que sem consolar-me por viver tão longe de meus queridos de além mar, adormeciam de alguma maneira a dor que carregava em minha alma desde a morte de minha mãe, e a ausência do mais amado dos filhos.

---

participou do governo provisório de 1848. Viveu exilado na Córsega e Paris. Grande polemista, Tommaseo expressou seu pensamento católico liberal na obra *Del Italia,* de 1835, onde atacou o governo dos papas. No ano seguinte, 1836, publicou um pequeno volume de poemas líricos, *Confessioni.* Recolheu contos populares na obra *Conti popolari toscani, corsi, illirics, grecs,* 1842,1843. Em 1859 voltou para Florença onde viveu até a morte. Nos últimos anos passados nessa cidade dedicou-se a elaborar um *Dizionario della lingua italiana* e nele trabalhou de 1858 a 1879, escrevendo nesse período a pequena obra satírica *Il serio e il facto,* 1865, e um livro sobre a Divina Comédia, *Commento a Dante* 1869.O romance *Fede e Bellezza,* 1840, é a obra mais conhecida de Tommaseo.

Num desses saraus, quando belos trechos de poesias sobre os triunfos da Itália haviam sido declamados com entusiasmo, um digno poeta, ainda ignorado do público e sobre quem caíra o peso de um imerecido infortúnio, deixou sua alma aflita expandir-se em estrofes desanimadas, que contrastavam com os versos cheios de entusiasmo, de esperança e felicidade, declamados anteriormente:

La vita che vale *Ah! venga la morte:*
Si dubbia, si frale! *L'attendo da forte*
Que vale la vita *Chi è privo di speme*
Di pianto nutrita? *La morte non teme;*
In tanti martir *Temerla non può*
E meglio morir. *Chi tanto penò.*

Non riso, non fiore, *Destino beatto*
Non bacio d'amore... *Non esser mai nato!*
Ma truce, ma eterno *O, natto all'ambasce*
Suplizio d'inferno... *Morir nelle fasce.*
Son tutti cosi *La vita è martir;*
Passati i miei di. *È gioia il morir.*

Este grito de desespero, em meio às comemorações nacionais, de um digno italiano que eu sabia ser um dos espíritos mais religiosos do nosso tempo, o esposo mais amoroso, e o melhor dos pais, mostrou-me mais uma vez a diferença dos destinos humanos, e as diferentes maneiras com que os homens o consideram. Uns (e são os menos numerosos), suportam como verdadeiros filósofos as infelicidades que lhes acontecem, passam com uma inalterável calma através dos grandes combates da vida, perseguindo sua missão, a de fazer com que os seus semelhantes escutem a voz da verdade. Outros (não falaremos aqui daqueles cujos vícios e crimes enfeiam e desonram a humanidade), representam no teatro da vida diferentes papéis, ou desenvolvem a energia ou fragilidade do caráter, quase sempre as únicas causas do seu sucesso ou insucesso.

"Desejar morrer quando nossa Itália triunfa! A vida sob o sol da liberdade é o melhor de todos os bens, devemos amá-la assim mesmo", disse um bravo florentino após escutar as estrofes acima. - "É preciso encarar a vida como ela vem, ou combater sem nunca desencorajar para torná-la melhor", disse um outro - "Sim, eu disse, estendendo a mão ao poeta desencorajado, cuja digna esposa é uma das minhas mais queridas amigas em Florença, "é preciso lutar e não chamar a morte para fugir da nobre luta da virtude contra o infortúnio. É preciso nunca deixar de repetir aos homens o que Alvarès disse aos americanos a quem libertara, em *Alzire*[1]. "Sejam livres! Vivam!". A Itália é livre, e, qualquer que seja o esforço de seus inimigos para impedir o élan nacional de algumas de suas províncias, a bandeira da liberdade será brevemente hasteada em todo seu território de Norte a Sul. Que a vossa bela musa, ao invés de invocar a morte, cante a brilhante aurora que se levanta no vasto horizonte, por tanto tempo enegrecido por tão terríveis tempestades".

No fim dessa noite, quando um poeta entristecido dizia que "a vida é um martírio, seria uma alegria morrer", a imagem da morte surgiu aos meus olhos com toda sua feiúra, e com a mais lamentável forma.

Um estrangeiro, que conhecia de vista, veio dizer que uma jovem mulher recém chegada à Florença , onde não conhecia ninguém, estava na rua ... n.... em situação muito desoladora, ao lado do leito do seu marido que morria sem outro socorro além dos cuidados

---

[1] Tragédia de Voltaire(1694-1778), *Alzire ou les Américaines*, 1736.A ação se passa na América. Montez e a filha Alzire caem prisioneiros de Guzmán, o espanhol que após derrotar os peruanos tornara-se imperador do Peru. Guzman casa-se com Alzire. O antigo amor de Alzire, Zamore, também prisioneiro de Guzmán, consegue fugir e o mata. Alvarès, o pai de Guzman, perdoa o assassino do filho.Voltaire discute na tragédia a relação entre americanos e europeus e suas respectivas crenças religiosas, e fala sobre a aceitação dos deuses da Europa pelo americanos "um deus que pune e que perdoa", e com eles novas virtudes, artes desconhecidas, ciência, benefícios que a civilização européia levou para a América e as vantagens em aceitá-los, mesmo que em troca os americanos perdessem a sua liberdade. Os americanos são retratados como bravos que lutavam por suas crenças e por suas terras. No enredo, o perdão de Alvarès é apenas um gesto cristão, uma atitude que passa por uma luta interna do cristão Alvarès, pois os americanos continuariam padecendo diante dos vencedores, que se arrogavam direitos sobre o novo mundo, como disse Zamore num dos diálogos: "Vês de tiranos tais a fúria insatisfeita: Pensam que foi para si que a América foi feita". Estes versos de *Alzire* foram usados como epígrafe pelo jornal político *O Tamoio*, dos irmãos Andradas, na época da independência brasileira.

François de Chateaubriand escreveu sobre a tragédia no *O Gênio do Cristianismo* (op. cit. p.243) destacando o triunfo da religião: "a despeito da pouca verossimilhança de costumes é uma tragédia que enleva: divaga-se pelas regiões da moral cristã (.....)Alvarez com seu exemplo paternal representa o triunfo da religião."

desta jovem mulher, muito delicada para resistir ao mais terrível golpe que a atingia assim numa cidade estranha.

Sem demonstrar minha emoção, e desculpando-me com as pessoas que me cercavam, corri para a casa da dor. Chovia a cântaros. Entrei na casa. A primeira e segunda peças estavam desertas, e na terceira que espetáculo dilacerante! Que luta entre o amor e a loucura, entre a vida e a morte! O querido poeta desencorajado que declamou os versos acima deveria ter vindo contemplá-la.

O conde Baratiere, cujo velho pai conservava todos os preconceitos de sua antiga estirpe, tomou-se de amores por uma moça órfã que morava em Cremona. A moça correspondeu ao seu amor, e ele sonhava desposá-la. Porém, o velho conde e toda a família opuseram-se, e para criar mais um obstáculo ao casamento fizeram valer o dever de celibato imposto pela antiga Ordem dos Cavaleiros de Malta, à qual pertencia o apaixonado. Este, desesperado por não conseguir convencer o pai, recorreu à corte de Roma, mais flexível do que qualquer outro tribunal quando aqueles que necessitam de sua graça sabem recompensá-la. Com a permissão para casar, os dois apaixonados vieram a Florença onde o prior do convento, S.T., abençoou a união.

Oito dias após o ato religioso o recém casado visitou o prior, e avisaram que ele acabara de exalar seu último suspiro, ao sofrer um ataque de apoplexia fulminante. Este acidente natural confundiu tão gravemente o espírito do conde, que a loucura dele se apoderou... O espírito que fora tão forte para libertar-se de velhos preconceitos aristocráticos de sua família, resistir à vontade de um pai aferrado a estes preconceitos, e vencer todos os obstáculos à realização de seu casamento, enfraqueceu e obscureceu de um golpe ao ver a morte fulminar aquele que oito dias antes abençoara seu casamento!

Seria reação do fanatismo quase inato à certas pessoas, de um preconceito, ou de um remorso que o amor adormecera? Ou ainda o fenômeno natural da estrutura de um cérebro, que perdendo o equilíbrio da vida moral caíra no mais deplorável estado a que o homem pode atingir? Mistério!

O conde e sua jovem mulher eram os infelizes. Ele, estava doido, e felizmente a morte não o deixaria definhar na terra por muito tempo! Ela, a esposa de alguns dias, molhava de lágrimas a mão do enfermo e procurava em vão entender as palavras incoerentes, *Amore! poveretta*! que escapavam dos seus lábios. Aproximei-me, sem ninguém perceber, do casal infeliz, que parecia estar num completo abandono. A visita de uma desconhecida fez a jovem mulher compreender que um coração compadecido vinha ajudá-la a suportar, com coragem, a sua infelicidade.

Ela levantou-se, pois estava ajoelhada perto do leito do marido, e estendendo as duas mãos delicadas, disse com uma voz saída do fundo do coração dilacerado: *"Iddio vi bendica, Signora"*_ Deus vos abençoe senhora.

Foi tudo o que a infeliz mulher pode dizer, e foi o suficiente para compreender o tamanho do seu infortúnio pois perdera com o conde não apenas o amor mais terno de um esposo dedicado, mas um protetor, o único bem que tinha no mundo! Fiquei uma parte da noite ao seu lado, e do pobre moribundo alienado, procurando aliviar a dor pungente de uma, e ajudando a conter o outro em suas crises, que segundo o médico acabariam com sua vida.

Que luta terrível entre a vida, a loucura, e a morte! Este homem que há poucos dias estava tão cheio de vida, de espírito, de amor, de esperança, jazia ali, privado de todas as faculdades, e preso de uma agonia que me gelava de horror e enchia-me de piedade! Parecia que este espírito, sobre o qual as trevas da morte moral caíram antes da morte física o envolver, recebia em curtos intervalos algumas frágeis centelhas de lucidez, e ao ver o triste abandono em que ficaria aquela que amava queria reagir, lutar, e vencer a morte! - Esforços prodigiosos e inúteis da natureza diante da crise do mal pelo qual deveria sucumbir.!

Ao ir até a cozinha preparar cataplasmas para aplicar nos pés do enfermo encontrei a mulher que alugara o elegante apartamento onde ele estava, e que lamentando a infelicidade do casal lamentava também a perda do inquilino. "Pensara que o conde fosse rico, disse, quando lhe cedi os mais belos aposentos da minha casa. Mas agora sei que já estava na miséria antes do golpe que o atingiu, pois seu pai tudo lhe recusou, e asseguram que nada fará pela *nova* condessa, que não tem parentes e não possui nenhuma fortuna, a *poveretta*".

Esta palavra lembrou-me a que o pobre louco repetia, e o que acabara de ouvir sobre sua situação explicou a dupla agonia deste espírito, que como eu pensei, tinha, sem dúvida, alguns instantes de lucidez. Minha piedade por ele aumentou, e fiz entender à dona do apartamento que era quase um crime lamentar a perda de uma pequena soma de dinheiro quando uma infelicidade tão terrível atingia aquele que a devia. O amor da caridade, flama divina que guia os bons corações, brilhou enfim no coração da proprietária, e ela prometeu prestar todos os cuidados aos infelizes durante as horas em que eu me ausentasse.

Na manhã seguinte, quando voltei para perto do enfermo, sua mulher jogou-se nos meus braços gritando: "Ele vai morrer, minha única felicidade na terra! que será de mim!" - "Deus vos protegerá querida criança, seja corajosa na dor, disse, ela é verdadeira, pois é imensa vossa infelicidade, eu sei e..... que lúgubre rumor de vozes é este que escuto? Entrei com ela, que mal se sustentava, no quarto nupcial onde a morte planava, precedida dos preparativos muito lúgubres, que a Igreja Romana acredita indispensável para ajudar a subir aos céus a alma que vai abandonar o corpo.

Um padre e um acólito estavam diante do moribundo, e liam em voz alta o *livro dos mortos*, que o primeiro passava ao último quando cansava para que a leitura do *Réquiem*, feita num tom assustador, mais fácil de assustar o espírito do que trazer-lhe a paz, não fosse interrompida. A fisionomia do moribundo expressava mais horror e impaciência do que a desejada influência salutar do longo conjunto de palavras pronunciadas aos gritos, e cheias da fria indiferença, com que em geral reveste-se a repetição desse exercício religioso.

Não tenho dúvida de que deve ser muito consolador para aqueles que chegam aos seus últimos momentos, conservando toda a lucidez do espírito, escutar as palavras de um sábio e esclarecido padre chamado ao seu leito de morte. Porém, impor essas palavras a um louco agonizante, e mesmo a qualquer doente que vai morrer, e construir-lhe degraus para o conduzir aos céus, sempre me pareceu um abuso dos mais graves da religião cristã, tão doce, tão pura, e tolerante para aqueles que a compreendem bem.

Eu me lembro que ainda criança assisti um espetáculo semelhante, e minha boa mãe, uma das melhores católicas que já existiu, teve muito trabalho para apagar a deplorável impressão que deixou no meu jovem espírito!

Entre as senhoras que freqüentavam minha casa em Florença havia uma viúva nascida em Chipre, que vivia há muito tempo na Itália, onde sua alma fora cruelmente atingida pela perda da única filha. Sua dor, que nem o tempo nem a amizade filial do jovem marido da filha bem amada, artista distinto, espírito verdadeiramente grego, conseguiram consolar, a absorvia de tal maneira que este era o assunto de todas as suas conversas. As pessoas que a conheciam logo se cansavam, pois a sociedade cansa do que não a interessa particularmente. A expressão contínua das dores dos outros, por mais justa e verdadeira que seja, com o tempo parece monótona e inoportuna. Porém, tudo o que vem do coração materno, alegria ou tristeza, emociona-me profundamente, e simpatizei sinceramente com a mãe desconsolada que fizera de uma sala da sua casa uma espécie de santuário onde um grande retrato de sua filha, e os objetos feitos por ela, ficavam expostos com bom gosto. A sala era lugar de solene veneração onde ela ia saciar-se com doces e tristes lembranças, e chorar sua querida Zoé, que se fora, tão jovem ainda, e logo após o casamento, ao encontro da eternidade. Aos outros parecia muito excessivo o longo sofrimento da terna mãe, para mim parecia tão tocante quanto sagrado, e a lamentei do fundo do coração, por isso ela me era agradecida pois encontrara um coração feminino que entendia o seu coração. Eu sabia que só o exercício da caridade pode aliviar num bom coração uma grande e irremediável dor, e pedi a esta mãe inconsolável que ajudasse nos meus esforços para ser útil à jovem condessa, no abandono em que ela estava. A linguagem do coração dificilmente não encontra eco num coração sensível! O coração da senhora Cabana atendeu ao meu pedido de oferecer à infeliz viúva um asilo em sua casa, até que encontrássemos um meio com o qual ela pudesse viver dignamente do seu trabalho, quando seu espírito fosse capaz de vencer a dor.

Sentia um verdadeiro interesse pela jovem viúva Baratiere, uma afeição toda maternal, e a via com satisfação lutar com coragem contra seu ingrato destino para vencer o sofrimento que a oprimia, trabalhando em bordados que lhe rendiam pouca coisa, ou instruindo-se para dedicar-se ao ensino, nobre carreira que aconselhei como a única que, na

sua situação, poderia oferecer-lhe uma vantagem real[1], se ela tivesse perseverança e gosto necessários àqueles que espalham a luz no espírito da juventude, e sabem dirigi-la dignamente. Nesta condição o ensino é o verdadeiro sacerdócio da humanidade.

O sentimento mais forte da natureza veio unir-se ao sofrimento da jovem viúva Baratiere, envolvendo-a, apesar de tudo, numa suave atmosfera. Ela sentiu que se tornaria mãe, e seu coração expulsava todas as dores para entregar-se ao encanto infinito de uma felicidade ainda invisível, que já liga tão fortemente a mãe ao pequeno ser que se mexe no seu corpo. É todo um mundo novo que se abre para ela. O coração palpita com as mais ternas emoções, e o espírito fica tomado com as imagens mais doces, mais consoladoras, mais brilhantes, segundo as perspectivas com que o futuro mostra-se na imaginação. Ela estava feliz com o santo amor de mãe, apesar de tudo. Porém, infelizmente a jovem condessa logo viu romper-se o fio magnético, que a ligava ao encanto vigoroso da maternidade.

Uma madrugada ela me pediu para ir vê-la. Acabara de dar a luz a uma pequena menina já morta. A mulher que lhe alugara um quarto onde morava, desde que saíra da casa da boa senhora Cabana, levou a criança e convenceu a pobre mãe que ela fora batizada antes de morrer. O estado de saúde da enferma exigia a inocente mentira. Deve-se dar aos espíritos fracos, sobretudo de uma mãe com crenças religiosas, o fortificante consolo de ter um anjo no céu para orar por ela, depois do fim de suas mais caras esperanças na terra! Com a morte da criança a jovem condessa perdeu toda a esperança de comover o coração pouco paternal do velho conde, que ficou indiferente à sua sorte, como ficara no último golpe que a atingira. Todos os pedidos que ela fez, e que fizeram duas de minhas amigas de Florença que conheciam de nome este velho insensível, foram inúteis. Ele não quis acolher aquela que se casara com seu filho, sem seu consentimento. Recusou-lhe até mesmo a caridade que

---

[1] Nísia está falando por experiência própria.Viúva aos 23 anos, foi graças aos estudos que pode montar o colégio para meninas. Em *Conselhos a minha filha* (op. cit. 1842) disse: "o estudo ministrou-me recursos para aplainar as terríveis dificuldades que se oposeram a que eu me colocasse no estado de poder fazê-lo livre e decentemente achando-me só no mundo, mulher fraca sem apoio e sem fortuna."

ela encontrou entre estrangeiros. Tal intransigência não mais me surpreendeu quando soube que este conde era um devoto ! não faltava a uma missa por nada no mundo! por nada no mundo ele recusa uma esmola à Igreja, disseram. E no entanto deixou faltar todos os recursos ao seu próprio filho, e deixaria sua viúva morrer, se almas piedosas que oram a Deus em toda parte, e para as quais a Igreja é também o lar dos pobres, não a tivessem socorrido!

A ENTRADA DE VITTORIO EMANUELE EM FLORENÇA
_16 de abril de 1860 _

Desde a feliz anexação da Toscana ao Piemonte[1], os florentinos sonhavam com a felicidade de ver na sua cidade o nobre rei, como chamavam aquele que seus corações elegeram soberano espontaneamente, entregando-lhe com confiança as futuras destinações da culta e florescente região da península. A chegada do seu ilustre enviado, o bondoso príncipe de Carignano, no dia 31 de março, causou um grande entusiasmo popular. Em sua passagem, sinceras aclamações soaram por toda parte, acompanhadas de espessa nuvem de de flores, jogadas de todas as janelas. De noite, toda a cidade se iluminou, e o povo em festa percorreu as ruas expressando viva alegria. Tudo isso foi apenas uma pálida cópia diante das festas brilhantes que Florença exibiu para receber seu bem amado rei. No domingo 15, que precedeu o dia ardentemente desejado, quase todos os estrangeiros que estavam em diferentes lugares da Toscana, e até mesmo em outros Estados da Itália, dirigiram-se para Florença. Muitos curiosos, vindos de todas as cidades toscanas, de todos os povoados, nobres, burgueses, camponeses, desceram como torrentes na cidade das artes, e aumentaram de tal maneira sua população que mal podíamos circular nas ruas. Todos os hotéis e pensões transbordavam de gente. Não havia mais onde hospedar-se. Florença, a bela, estava radiante de alegria e parecia dizer aos seus hóspedes: "Desviai por um momento vossos olhares maravilhados de minhas obras primas imortais. Contemplai o nobre élan de prazer, o vivo e

---

[1] Através do plebiscito de 15 de março de 1860 a Toscana passou a fazer parte da Itália unida, anexada ao Reino do Piemonte.

cordial interesse manifestado por todo um povo, que recebe em seu seio o rei popular, o primeiro a cumprir a santa missão que Deus dá aos soberanos da terra".

Por volta de meio dia e meio, ouviu-se os seis tiros de canhão que anunciavam a partida de Livorno do trem trazendo a Florença Vittorio Emanuele, esperado com a mais viva impaciência. Arcos de triunfo, artisticamente enfeitados com emblemas, foram erguidos em diferentes lugares da cidade por onde ele deveria passar. Seu busto e seu retrato, envoltos com coroas de louro, decoravam a frente de muitas casas. Em todas as janelas debruçavam-se ricas senhoras ao lado de estandartes tricolores, que formavam, com numerosas guirlandas de camélias naturais e de buquês com flores variadas, um espetáculo admirávelmente belo, altamente realçado pelas graciosas e sorridentes fisionomias das senhoras florentinas, sobraçando suas flores raras para jogar sobre o herói que esperavam com unânime entusiasmo.

Na praça de *Santa Maria Novella* uma bela coluna encimada por uma estátua colossal de Vittorio Emanuele, cercada em sua base com armas e figuras alegóricas, revelava o gosto de uma sociedade particular de israelitas, e seu entusiasmo pelo novo reino.

A rua Calzaiuola foi plantada de um lado a outro com árvores em formato de pirâmides, todas cobertas com camélias. Os arcos, os nichos, as salas, e a estação da estrada de ferro onde ele deveria chegar, brilhavam com tal quantidade de flores naturais artisticamente arranjadas, que todo o luxo de decoração enchia de admiração até mesmo o olhar daqueles que, como eu, nasceram numa terra sempre florida, e viram as mais belas exposições de flores da Europa.

Diríamos que a prodigiosa primavera reunira todos os seus tesouros para presentear Florença. Em todos os edifícios públicos podia-se ler inscrições e epígrafes, relativas à festa do memorável dia.

Era um desses dias sem sol, como o que um grande rei comparou com a jovem e bela cega por quem se apaixonara. Um desses dias mágicos que deliciavam-me, outrora, quando respirava na zona tórrida o ar perfumado com suas embriagadoras flores.

Duas grossas muralhas de pessoas postavam-se entre as casas e o cordão de soldados em uniforme de gala, da estação da estrada de ferro de Livorno até o imponente e severo

palácio Pitt. Este palácio, antiga residência dos Médicis e até 27 de abril do ano passados dos grão-duques, ditos então da Toscana, agora abria todo orgulhoso e radioso suas suntuosas, esplêndidas salas, ao rei guerreiro, cujos braços e coração estavam dedicados à libertação da Itália. Ironias das coisas humanas! em menos de um ano este palácio fechou-se atrás da dinastia austríaca, que aqui caiu como tudo que apodrece deve cair, e abriu-se todo radiante em festa, para o nobre e bravo representante da ilustre e antiga casa de Savóia.

Todas as autoridades da cidade, as legações diplomáticas, a numerosa guarda nacional e todas as pessoas ilustres do país dirigiram-se á estação para receber o rei. Diversas bandas de música, instaladas aqui e ali nas grandes tribunas construídas e decoradas com bom gosto, esperavam a passagem do vitorioso soldado coroado, tocando os mais belos trechos de músicas italianas, e o hino nacional. Tudo transpirava alegria e felicidade, e o céu, um pouco coberto antes, ficou esplêndido de repente com os brilhantes raios do sol que reapareceu radioso, como se quisesse também saudar o feliz bem-vindo, e realçar a beleza severa da arquitetura toscana, enfeitada neste dia com milhares de estandartes balançando no alto e nas fachadas de todos os monumentos, palácios, casas, etc, da artística Florença.

No meio do esplendor e das grandes manifestações de alegria, demonstrações espontâneas de sentimentos, nesses momentos únicos na vida de um povo que renasce para a liberdade, as três delegações: de Veneza, Roma, e de Nápoles-Sicília, reunidas ao primeiro tiro de canhão na praça de *Santa Maria Novellla*, dirigiram-se, precedidas por três estandartes de luto, para a estação onde o *gonfaloniere*[1] de Florença, reservara-lhes um lugar, disposto de maneira que os primeiros olhares do rei, ao chegar, se dirigissem para os representantes das infelizes províncias italianas ainda sob domínio dos seus opressores! Toda a população, postada nas ruas e janelas, ao vê-los passar melancólicos num silêncio solene, no meio da alegria pública que reinava por toda parte, explodiu em aplausos encorajadores e simpáticos, cobrindo-os com uma chuva de flores que caiu sobre as bandeiras pretas simbólicas, sobre aqueles que as levavam, e os que as seguiam!

---

[1] Em italiano no texto, refere-se ao magistrado supremo de Florença.

Nada foi tão profundamente impressionante quanto esse espetáculo de tristeza muda, essa imagem viva da dor de tantas nobres populações italianas, revelando-se no meio da alegria e felicidade de seus irmãos da Toscana!

Acabara de soar duas horas quando Vittorio Emanuele, no meio de frenéticas aclamações, desembarcou na estação transformada num grande e elegante jardim. Levado à sala preparada com extraordinário bom gosto para o receber, a municipalidade de Florença lhe dirigiu, através do seu *gonfaloniere*, o seguinte discurso que traduzi:

"Senhor, o município de Florença, que há um ano e alguns dias vos proclamou o chefe supremo da guerra nacional, hoje vos presta homenagem reconhecendo-o como seu rei, fazendo-se interprete desse povo, que transtornado de alegria saúda em vós o libertador da Itália. O prêmio que nossa perseverança agora recebe, faz-nos orgulhosos das provas tão favoravelmente vencidas, sempre confiantes na vossa lealdade e em vossas promessas. Em união com o povo da Lombardia e da Emilia, abraçamo-nos em torno de vosso trono constitucional. Só a vós é concedido unir essas famílias de povos, e fazer uma nação livre e forte. Senhor! na cidade que conserva a brilhante lembrança de duas civilizações que aqui tiveram sua origem e seu desenvolvimento, vossa grande alma crescerá mais ainda, e sempre conseguirá a mais alta influência sobre os novos destinos da Itália. Sejais bem vindo à nossa cidade oh! generoso rei! A vós que escutastes o grito de dor dos povos oprimidos, a vós deve-se o grito de entusiasmo dos povos libertos. Vossa vitoriosa espada nos libertou da humilhação da opressão estrangeira, e o reconhecimento popular vos dá uma coroa na qual ninguém poderá tocar impunemente. Possa este dia deixar-vos uma agradável lembrança, pois será para nós o mais glorioso e o mais memorável!"

Após responder o discurso com palavras afetuosas o rei, todo emocionado, deixou a sala acompanhado do seu estado-maior, e de todas as outras pessoas de sua comitiva, montou seu cavalo e entrou na cidade pela porta Prato, no meio de vivas e aclamações. As três delegações _ de Veneza, Roma, e Nápoles-Sicília _ emocionadas até as lágrimas, com muitas repetições o saudaram com o grito unânime de rei da Itália. Os nobres exilados expressavam, com estas palavras, seus desejos, suas esperanças. Vivos aplausos ao nobre

patriota Conde de Cavour[1] saíram destes corações, divididos entre a dor da atroz opressão da pátria e entusiasmo dos toscanos, felizes com a regeneração da sua. Na porta Prato uma bela criança presenteou o rei com uma rica guirlanda emblemática. Era o caçula dos filhos do marques Laiatico (irmão do príncipe Corsini), há pouco tempo falecido em Londres e muito chorado em Florença.

O príncipe de Carignano e o barão Betino Ricasoli seguiam Vittorio Emanuele, além de grande número de oficiais superiores que precediam as ricas aparelhagens da corte, onde entre os ministros Mamiani, Corsi e Jacine, Cavour, o grande homem de estado atraía, após o rei, todos os olhares, e era objeto de manifestações de admiração e simpatia. Seria impossível descrever todos os detalhes da festa popular, da bela tempestade de aclamações que ressoava de um lado a outro nas ruas, quando Vittorio Emanuele apareceu. Não era a alegria artificial, os aplausos vazios que muitas vezes o povo dedica a um chefe qualquer, que se mostra revestido de um poder usurpado, ou conseguido com ajuda das armas, do sangue que elas fazem jorrar. Era um impulso espontâneo, livre, generoso, sincero e geral, como foram sinceros e gerais os votos dos corações toscanos oferecendo ao primeiro soldado da independência italiana a mais preciosa pérola, que embeleza sua coroa de rei. Não eram frases, palavras estudadas. Era a alma de todo um povo que parecia derreter-se num murmúrio solene, uma expressão prolongada de satisfação íntima, para repetir ao zuavo[2] coroado: "Somos felizes por tê-lo na nossa cidade e de ver florir a esperança de completa união italiana, base da grandeza futura da nossa bem amada pátria".

---

[1] Cavour, Camillo Benso (1810-1861). Eleito para o Parlamento do Piemonte em 1848, foi ministro da agricultura,1850, das finanças, 1851, e presidente do Conselho, 1852. Em julho de 1858 em Plombières, após um encontro com Napoleão III, conseguiu a ajuda da França na guerra contra a Áustria. Dirigiu a política do país nos acontecimentos de 1859 e 1860.

[2] Zuavo era originalmente o guerreiro que pertencia a uma milícia composta por argelinos, formada em 1830, uma tropa de elite, ótimos soldados, que suportavam todas as fadigas de guerra. A atuação deles tornou-se lendária e o nome "zouave" passou a designar tropas de elite na França e Itália. Na batalha de Palestro, em 31 de maio de 1859, uma das três batalhas decisivas da guerra contra a Áustria, as tropas piemontesas uniram-se ao terceiro regimento de zouaves franceses, comandados pelos Cel. Chabron, e venceram os austríacos, às margens do rio Brida. O rei Vittorio Emmanoel combateu ao lado dos zouaves, e sua bravura em combate foi muito repetida nas crônicas de guerra. Ao referir-se ao rei como "o zuavo coroado" Nísia estava repetindo as aclamações dos florentinos ao rei soldado.

Ao chegar na praça do Dome (catedral) o rei e toda sua comitiva pararam e entraram na igreja, onde renderam ações de graça a Deus pelo feliz acontecimento. O arcebispo de Florença, em quem aprecio grandemente a afeição e simplicidade tocante para com seu velho pai, que ia sem embaraços visitá-lo em trajes de camponês no palácio episcopal, teve a honra de celebrar a cerimônia religiosa. No entanto, falavam que ele o fazia a contra gosto, lamentando não poder recuar os espíritos atuais aos tempos *felizes*, quando a um sinal dos Ambrósios, a porta da igreja era proibida aos imperadores.

Vittorio Emanuele que caminha verdadeiramente com o seu século, após ter cumprido com recolhimento este ato religioso, continuou seu caminho cercado por seu imenso cortejo de cidadãos de todas as classes, através de uma nuvem de flores, e no meio de sempre crescentes aclamações, até o palácio Pitt.[1]

Ali, ele recebeu com a mais simples cordialidade os deputados, o Conselho de Estado, os diretores das sessões ministeriais, os chefes de departamentos, a magistratura, o *gonfaloniere*, etc etc... e demonstrou a todos sua constante simpatia e viva satisfação pela acolhida que recebera. Agradeceu pela cooperação ao bem da causa italiana, recomendou a união e fé como as únicas coisas capazes de consolidar e estender o nascente edifício da liberdade italiana, e, para mostrar o prazer que sentia por estar em Florença, falou de suas lembranças de infância, nas quais a cidade sempre fora querida ao seu coração. Depois apareceu mais uma vez na sacada do palácio Pitt para a multidão que o solicitava, e agradeceu a ovação calorosa que lhe fizeram desde que pusera os pés em solo Toscano. Sua amabilidade marcial, maneiras francas e palavras regiamente simples despertaram a confiança e estima de todos. Após o suntuoso jantar que lhe ofereceram, ele ficou num elegante camarote instalado no centro da grande passagem que une os palácios Pitt e Vecchio, e assistiu aos magníficos fogos de Bengala, acesos numa das pontes do Arno. Os

---

[1] Entre os muitos estrangeiros, que foram em Florença para saudar Vittorio Emanuelle, estava a escritora francesa Louise Colet que relatou a festa do palácio Pitt: (cit em *Italies*, op.cit. p.463): "Percorremos a galeria até a pequena sala dos guardas onde ela termina; Mercúrio sorria para Palas, radioso, como que dizendo-lhe, veja um verdadeiro rei guerreiro do qual és símbolo; e os bustos dos grãos-duques da casa de Lorena olhavam tristonhos a entronização da realeza que expulsara a sua. (....) A praça, os terraços e fachada do palácio Pitt estavam iluminados como se fosse de dia. O velho monumento não tinha mais o aspecto de uma cidadela onde o temor e desconfiança aprisionavam o soberano; suas portas abertas e janelas radiantes pareciam dizer: Entrem venham festejar com confiança o chefe de um povo livre." (tradução minha)

maravilhosos jatos de fogo de cores variadas refletiam-se nas águas do poético rio, e criavam um efeito mágico! Logo terminaram os fogos, e as duas margens do Arno apresentaram simetricamente brilhantes iluminações, nunca vistas anteriormente. Todos os edifícios públicos, templos, arcos, colunas, pontes, rivalizavam em bom gosto e esplendor, na festa noturna. Os edifícios nos altos das colinas apresentavam um espetáculo também feérico. Florença, toda revestida de flores desde de manhã, brilhava agora com um novo encanto, com a claridade dos milhares de lampiões variados que iluminavam por toda parte o retrato, ou o nome daquele a quem alegrava-se em prestar tão grandes homenagens, de provar tanto amor. Muitas bandas de música percorriam as ruas e aumentavam o entusiasmo, a alegria espontânea da noite maravilhosa, digna irmã do dia que a precedera.

Entre dez e onze horas da noite Vittorio Emanuele percorreu em carro aberto as principais ruas da cidade, seguido pela multidão que o cercava, desejosa de vê-lo e saudá-lo de perto. Não temendo os punhais, nem bombas infernais com que algumas vezes procuram-se livrar os povos dos tiranos que os oprimem, seu coração só batia com a emoção de ver-se cercado como um bom pai de família que, após grandes perigos, volta ao lar onde crianças afetuosas o saúdam do fundo da alma, com um entusiasmo espontâneo e merecido.

Teatros, bailes, concertos, corridas de cavalo, tudo era animado com a presença do rei soldado, de Cavour e de seus admiradores. Corte e povo confundiam-se em seus dias de comemorações nacionais num só pensamento, num desejo unânime que o grande ministro empenhava-se em satisfazer totalmente muito em breve, ignorando, infelizmente! o golpe prematuro que deveria atingi-lo, quase no início de sua obra gloriosa, e que na hora em que traço essas linhas faz chorar todos os corações italianos[1]! Porém voltemos aos nosso belos dias de Florença. Apesar do nosso afastamento natural dos prazeres da sociedade, assistimos

---

[1]Quando Cavour morreu(6 de junho de 1861) os italianos que moravam no Rio de Janeiro tentaram celebrar uma missa em sua memória e não conseguiram, a igreja não permitiu porque ele desafiara a autoridade do papa. Machado de Assis escreveu uma crônica no Diário do Rio de Janeiro, de 18 de outubro de 1861, defendendo a celebração da missa. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 1881, o citou como exemplo de obstinação (Aguilar, vol I, 1994/516): "Vê o Cavour, foi a idéia fixa da unidade italiana que o matou".

com o interesse que nossa viva simpatia pela Itália sempre nos inspirou a todos os espetáculos, a todas as festas inventadas pelo espírito nacional, cujas asas abrem-se a cada dia com um vigor sempre crescente. Entre as numerosas observações que se ofereciam ao nosso espírito, nas grandes reuniões desses dias, tivemos a ocasião de apreciar de perto as maneiras distintas e amável cordialidade do ilustre homem de estado, o conde de Cavour.

Podemos reprová-lo por ter apoiado uma aliança monstruosa, sacrificando à conveniências políticas, uma das mais doces e inocentes princesas[1], porém seu coração todo italiano, atos de patriotismo, e atitudes esclarecidas para estender o horizonte da liberdade no seu país, consolidando sua dignidade, remediam muito bem, me parece, esta falta e outras que ele cometeu na difícil situação em que encontravam-se então as questões italianas.

MAIO, 1860

Uma tarefa gigantesca, difícil, e que não poderia ser mais nobre, iria começar. Toda a Itália estava emocionada! Por toda parte, uniam-se o temor e a esperança, a aprovação e reprovação. Qual seria a razão? Logo saberemos. O leitor já sabe que quero falar da intrépida, heróica expedição dos bravos na Sicília. Nobre decisão, mais gloriosa ainda pelos numerosos perigos, e porque foi levada adiante por simples voluntários, patriotas resolutos guiados pelo coração, que escutaram os gritos dos seus irmãos oprimidos, mais do que as conveniências do governo do bom rei Vittorio Emanuel, que retardava a ajuda que deveria, e que desejaria prestar, aos sicilianos e napolitanos, para libertá-los da tirania que os esmagava.

Em meio á emoção geral, o jornais anunciaram que o herói deixara Gênova clandestinamente, acompanhado de um punhado de intrépidos italianos, que como ele compreendiam a grandeza da herança legada pelos antigos heróis romanos aos seus dignos

---

[1] Em 21 de julho de 1858, Cavour convocado secretamente a Plombières por Luis Napoleão, acertou uma aliança, entre a França e o Piemonte, que possibilitou a guerra contra a Áustria, 1 ano depois, em junho de 1859. Pelos termos firmados entre Cavour e o imperador francês, Paris apoiaria a luta contra Viena, a Itália formaria então 4 estados independentes, e a França receberia Nice e Savóia como compensação. Para consolidar a aliança acertou-se o casamento entre o filho de Luiz Napoleão, o príncipe *bon-vivant* Girolamo Bonaparte, de 40 anos, e Maria Clotilde, filha de Vittorio Emmanoel, de apenas 15 anos. O casamento foi celebrado nesse mesmo ano. A tenra idade da noiva, além do casamento de conveniência, deram vez ao comentário de Nisia, que sempre criticou os casamentos arranjados pelos pais para jovens que mal saíam da infância.

descendentes. Eles corriam em socorro dos bravos que lutavam sem recursos contra as tropas disciplinadas do déspota das Duas Sicílias. Este impulso fraternal mereceu o surpreendente sucesso que o mundo admira.

Como ninguém hoje desconhece os detalhes da admirável expedição, e seus felizes resultados, traduzidos em todas as línguas da Europa, pouparei ao leitor a repetição, porém, não me negarei ao prazer de transcrever textualmente, como as publicaram os jornais da época, algumas notícias relacionadas com o grande acontecimento. Ao copiá-las, no seu original italiano, parece que as escuto sair da boca do homem admirável que foi, e ainda é, o símbolo vivo do amor à liberdade, (por toda parte onde ele a encontrou presa da tirania), o defensor infatigável da nacionalidade italiana, o bravo desprovido de todo interesse pessoal, o coração capaz da abnegação patriótica mais rara, o mais digno de gloriosa imortalidade, e mais que tudo isso, o exemplo personificado das virtudes de esposo, de pai, de amigo, e de cidadão humanitário[1]. Porém, deixemos à posteridade a verdadeira apreciação de um dos

---

[1] Decepcionado, como muitos outros italianos, com o armistício de Villafranca (7/7/1859), Garibaldi foi para a Toscana onde começou a organizar subscrição para a compra de 1 milhão de fuzis, planejando marchar em direção à Roma para libertá-la do domínio do papa. Uma insurreição iniciada em Palermo, na noite de 3 de abril de 1860, o fez adiar o plano, e atendendo ao apelo do republicano Francesco Crespi, que liderava os sicilianos, duramente rechaçados pelas tropas do rei das Duas Sicília, Garibaldi embarcou em Gênova, em 6 de maio de 1860, acompanhado dos famosos "mille"(1088 homens e uma mulher), para realizar a vitoriosa expedição da Sicília.

Em maio de 1860, quando Nísia transcreveu os textos dos jornais, a Toscana era quase toda garibaldiana. Em Florença e Livorno criaram-se comitês de ajuda à causa onde inscreveram-se numerosos voluntários. Do seu exílio em Guernesay, em 18 de junho de 1860, Victor Hugo fez um discurso para uma multidão falando sobre a expedição da Sicília e descreveu Garibaldi (em *Victor Hugo pendant l'exil,* Paris, Nelson Éditeur, 1932, p.245): "Garibaldi? Quem é Garibaldi? É um homem, nada mais que isso. Porém, é um homem em toda a significação sublime da palavra. Um homem da liberdade; um homem da humanidade." (tradução minha)

A armada de voluntários, e principalmente a figura heróica de Garibaldi(1807/1882) "com sua camisa vermelha e madeixas ao vento" estimulou a imaginação de muitos escritores românticos europeus, simpatizantes da luta dos italianos. A vitoriosa expedição da Sicília foi narrada com todos os exageros de uma lenda. Alexandre Dumas equipou seu iate e dirigiu-se ao porto de Nápoles para acompanhá-la de perto, e fazer a crônica dos acontecimentos e dizia antes de partir: "Este homem é um herói, um aventureiro sublime, um personagem de romance. Tomando-o como modelo pretendo fazer qualquer coisa. É um louco, um tolo, mas um tolo heróico, nos entenderemos muito bem." De passagem por Gênova, Dumas recebeu um convite para visitar Cavour e recusou dizendo que era um artista e só Garibaldi o interessava: "Cavour é um grande homem de estado, um político perfeito, um homem de gênio, é mais forte que Garibaldi, eu sei. Mas não veste uma camisa vermelha..."(cit. em *Garibaldi, la Forza di un destino*, de Max Gallo, Milão Ruscoli, 1982/168)

Ao longo do século XIX Garibaldi ocupou a cena como um herói da liberdade, apaixonando e seduzindo por onde passava. Participou de revoluções na Itália, no Brasil, no Peru. E segundo seu biógrafo,

maiores corações da nossa época cujas nobres aspirações dobraram, melindraram, ou contrariaram muitos orgulhos e vaidades para que possam encontrar em nossos dias a aprovação, a justiça completa que merecem.

Eis a carta que se lia nos jornais de Florença no dia 23 de maio, e que emocionou de diferentes maneiras todos os corações italianos. Ela é do digno general (então desconhecido para alguns) a um dos seus melhores amigos:

"Caro amico

"Il giorno in cui riceverai queste poche righe io sarò ben lontano in mare.

L'insurreizone siciliana porta nella sue viscere i destini della nostra nazionalità, io vado a dividere la sua sorte; io vado a trovarmi alfine nel mio elemento, l'azione, messa al servizio di una grande idea.

Non ci voleva di meno per rialzare il mio coraggio nel mezzo ai disinganni di ogni specie che mi avevano amareggiato.

Che non si gridi all imprudenza; che si aspetti!

Io sono pieno di speranza e di confidenza.La nostra causa è nobile e grande, l'Unità d'Italia, il sogno più caro, l'aspirazione di tutta la nostra vita. Che i venti ci siano propizi?

Castiglia e mio figlio sono con me, e ti abbracciano. Tu sei del piccolo numero degli amici ai quali io ho voluto stringere la mano i dire addio avanti di partire.

Tutto tuo,

Garibaldi"

Quando esta carta apareceu nos jornais o herói popular já respirava há alguns dias sob o céu siciliano! - O jornal *Il Movimento* publicou um telegrama sobre o desembarque de Garibaldi, perto de Marsala, na noite de 12 para 13 de maio.

Max Gallo(op.cit.p.115) tornou-se um verdadeiro fenômeno de comunicação. Nos Estados Unidos era vendido um "kit"Garibaldi com cachimbo, tinteiro, calendário e biscoitos que reproduziam sua figura. Garibaldi atravessou o século como o herói romântico, o herói da liberdade, um herói republicano, "um herói de ópera". Para os camponeses da França e Itália era um verdadeiro santo, a quem as mães levavam os filhos para benzer e mantinham seu retrato sempre iluminado por velas.

A repentina aparição desse homem extraordinário, seguido por alguns bravos companheiros, na Sicília guardada por tropas bem disciplinadas sob o comando de guardiões fiéis das ordens de Francisco II, de Nápoles, sua audaciosa empreitada, sua coragem, seu valor, e os triunfos que conseguiu, são fatos quase únicos na história, e passarão às gerações futuras como lenda, um bem caracterizado milagre.

Ainda se discutia no continente os acontecimentos que se desencadeariam, quando a ilha, a velha e brava filha da Grécia, tornou-se inteiramente italiana, rejuvenescida em seu imenso élan patriótico, combatendo pela união da Itália por tanto tempo ardentemente sonhada, e enfim quase a realizar-se.

Os jornais eram lidos com sofreguidão, e era para a Sicília que voavam todos os pensamentos. O povo não inquietava-se com as reprovações ao seu herói. Esperava, como ele pedira.

No *Constitutionnel,* de 14 de maio, Grandguillot[1], comentando a resposta de Cavour a Thouvennel[2], provou que o Piemonte, como a França, reprovava a tentativa audaciosa de Garibaldi, que ciente da justiça da causa à qual sacrificara seu repouso, e talvez sua vida, continuou sua missão.

"Se a expedição de Garibaldi é contrária aos interesses do Piemonte, lia-se no *Moniteur Toscane*, ela corresponde ao desejo da parte do povo para quem ele é o herói.

"O Piemonte não poderá empregar a violência contra um homem que representa tão grande força popular. Tal atitude poderia desperta uma reação perigosa na Itália etc, etc...."

Enquanto as opiniões externas, e mesmo as italianas, dividiam-se sobre a difícil expedição desse homem providencial, líamos em Florença, entre outros artigos palpitantes de interesse, a seguinte proclamação que traz a marca do verdadeiro patriotismo que anima o seu grande coração.

---

[1] Grandguillot, J. Editor do jornal francês *Le Constitutionnel.*(1850/1865).

[2] Thouvennel, Edouard (1818-1866). Diplomata francês. Ministro dos Assuntos Estrangeiros de Luiz Napoleão no período de 1859 -1862.

Proclamazione del generale Garibaldi all Italiani.

"I Siciliani sei battono contra i nemici dell'Italia, e per l'Italia! _è dovere d'ogni italiano di soccorrerli - colla parola e coll'oro, coll'armi, e soprattuto col braccio.

Le sciagure dell'Italia hanno fonte dalle discordie - e dall'indifferenza d'una provincia per la sorte dell altra.

La redenzione italiana cominciò dal momento che gli uomini della stessa terra corsero in aiuto del pericolanti fratelli.

Abbandonando a loro soli, i prodi figli della Sicilia -essi avrano a combattere i mercenari del Borbone, non solo, ma quelli dell'Austria e quelli del Prete di Roma.

Che il popoli delle provincie libre alzino potente la voce in favore dei militanti fratelli e spingano la gioventù generosa ove si combatte per la patria.

Che le Marche, l'Umbria, la Sabina, Roma, il Napoletano insorgano per dividere le forze dei nostrii nemici.

Ove le città sieno insufficienti per l'insurrezione, gettino esse bande de'loro migliori nelle campagne.

Il valoroso trova un'arma dovunque! _ Non si ascolti, per Dio, la voce dei cordadi, che gozzovigliano in laute mense ! Armiamoci! e pugniamo per i fratteli, domani pugneremo per noi!

Una schiera di prodi che mi furono compagni sul campo delle patrie bataglie - marcia con me alla riscossa -L'Italia il conosce!- son quelli stesse che si mostrarono, quando suonò l'ora del pericolo. Buoni e generosi compagni! - essi sacrarono la loro vita alla patrie! - e daranno ad essa l'ultima stilla di sangue! - non sperando altro guiderdone che quello del incontaminata conscienza.

Italia, e Vittorio Emanuele!- gridaron passando il Ticino!- Italia e Vittorio Emanuele! - rimbombera negli antri infuocati del Mongibello.

Aquel fatidico grido di guerra - tonante del gran sasso d'Italia al Tarpeo- crollerà il tarlato trono della tirannide e sorgeranno comme un solo uomo i coraggiosi discendenti dal vespro.

All'armi dunque! finiamo una volta - le miserie di tanti secoli! Si provi al mondo una volta che non fu menzogna - essere vissute su questa terra - Romane generazione"

Giuseppe Garibaldi

Nada mais comum, em todos os tempos e em todos os povos, do que a emoção mais ou menos sentida, das populações que lêem proclamações de chefes do poder legítimo ou usurpado, sobre a luta com os inimigos que eles combatem em momentos críticos. Porém a proclamação que transcrevi em seu original, e que por sua sublime simplicidade parece ter sido tirada da chama pura do coração, não lembra de maneira nenhuma as frases oficiais, quase sempre banais, usadas em circunstâncias semelhantes, e ressoou profundamente nos verdadeiros corações italianos, e fez vibrar tão fortemente as cordas patrióticas, aumentou e assegurou tão energicamente as esperanças pela derrota próxima do último Bourbon das Duas Sicílias, e a feliz libertação de mais nove milhões de italianos, que o relato já feito e o que ainda se fará ficará sempre aquém da grandeza desse élan nacional, cujos grandes resultados o mundo conhece.

O deputado Bertani[1] escreveu de Gênova ao diretor do jornal *La Nazione*, apoiando a marcha do capitão do povo, como chamou Garibaldi, solicitando que o jornal desse toda publicidade à seguinte carta:

Mio caro Bertani

"Spinto nuovamente sulla scena degli avvenimenti, io lascio a voi gli incarichi seguenti: -Raccogliere quanti mezzi sarà possibili per coadjuvarci nella nostra impresa _ Procurare di far capire agli Italiani, que se saremo ajutati dovutamente sarà fatta l Italia in poco tempo, e con poche spese, ma che non avran fatto il dovere quando si limiteranno a qualche sterile sottoscrizione - Che l'Italia libera d'oggi, in luogo di centomila soldati deve

---

[1] Augustin Bertani (1810-?), republicano genovês. Arregimentou tropas para a expedição de Garibaldi. Foi seu secretário geral em Nápoles.

armar ne cinquecentomila - numero non certamente sproporzionato alla populazione, e che tale proporzione di soldato l'hanno gli stati vicini che non hanno independenza da conquistare.-Con tale esercito l'Italia non avrà più bisogno di padrone stranieri che se la mangiano poco a poco col pretesto di liberarla.

Che ovunque sono Italiani che combattono oppressori, là bisogna spingere gli animosi, e provvederli del necessario per il viaggio.- Che l'insurrezione siciliana non solo in Sicilia bisogna ajutarla, ma dovunque sono dei nemici da combattere.-Io non consigliai il moto della Sicilia, ma venuti alle mani qui nostri fratteli ho creduto obligio di ajutarli.

Il nostro grido di guerra sarà:

_ Italia e Vittorio Emanuele! - e spero che la bandiera italiana anche questa volta non riceverà strazio.

Con afeto, vostro

G. Garibaldi"

(Dal giornale la Nazione)

Eis um apelo de Garibaldi às mulheres:

ALLE DONNE ITALIANE

"Quando le signore di Milano, Venezia ed altre cità italiane chiedevano, nelle riunioni della sera, ai loro figli, ai loro amici,ai loro amanti, si non partivano ancora per la guerra santa - e cosi accrescevano di valorosi distinti giovani le file del prode esercito liberatore; allora, dico esse impressero al carattere dell'epoca, quel suggello brillante di patriottismo femminile che si tramanda la storia del valore delle donne di Roma, di Sparta, di Cartagine._ Ebene! quelle signore, quelle donne degne dei tempi dell'Italia antica, che si mandavano i loro cari al consorzio di sangue.- Ripugneranno oggi di gettare sulla bilancia del riscatto italiano il loro superfluo? La Cajroli di Pavia, la Martinez, la Deorchi, la Sironi, la Biancardi di Como - la Pallavicino, la Speri, la Pepoli, la Salvi non hano forse per compagne di cuore nelle cento cità italiane, a migliaja le Verri, la Casani, le

Mantegazza, le Araldi, le Adamoli, le Lomellini che getteranno in faccia a chi ci vuole opprimeri i suoi sperflui, le loro gioje, le loro treccie, il loro figli in olocausto per la redenzione di questo popoli, che non vuol servire al capriccio di signori estranei, ma sedersi uguale accanto alle sorelle nazioni dell'Europa di cui si sente degno?

Dunque una signora, una donna d'ogni città italiana,d'ogni borgo, inviti il sesso gentile (fatto gagliardo dalla conscienza di un atto solenele! vitale per la patria!) quella dona dica ad ognuna: non monili, non treccie (non è tempo ancora), ma il superfluo venite ad offire a quella Italia che noi possiamo fare un giorno! si volonterose davvero!...perchè ai milioni di superfluo, al milioni di cittadini armati chinerrano il capo i potenti del mondo!...I nostri figli non vendremo esposti mai più ai macelli dei campi di battaglia ... e Dio benedirà la santissima opera nostra.

G. Garibaldi"

Ele não é um diplomata, nem uma grande cabeça política, não, tendes razão, vós, para quem as virtudes cívicas e os feitos gloriosos do grande patriota são motivo de ciúme ou de eterna reprovação.- Ele é apenas um grande coração e um braço corajoso devotados um e outro, há mais de 30 anos, à santa causa da liberdade por toda parte onde ela esteve às voltas com o despotismo. _Eis que ele aparece de novo, cercado por alguns bravos, combatendo a dita *invencível* tropa napolitana, aos quais o nome de Garibaldi e de seu *"Mouro, o diabo"*, como é chamado o fiel negro[1] que o acompanhou em 1848, causaram o maior pavor. Ei-lo empurrando as legiões de Francisco II de Nápoles, que tenta em vão sufocar o élan nacional nas Duas Sicílias. O rei de Napóles e seus numerosos servidores, mais uma vez mostram às monarquias absolutas e despóticas o exemplo da impotência das tropas, mesmo as melhores exercitadas, contra um exército de cidadãos decididos a fazer valer, com armas nas mãos, seus direitos mais sagrados.

---

[1] O negro Aguyar que Garibaldi teria libertado da escravidão na América o acompanhava por toda parte. Na marcha para Roma, em 1848, Aguyar foi oficial e ordenança de Garibaldi. Muito alto, era uma figura estranha, sempre de capa negra, levando uma lança com uma estrela vermelha na ponta.

O espírito justo do chefe da insurreição da Sicília fez grandes elogios à bravura das tropas napolitanas, que lutaram como leões, disse, acrescentando numa de suas cartas: "Nunca tive na Itália um combate tão acirrado, nem adversários tão bravos. Estes soldados, bem comandados, combateriam como os primeiros soldados do mundo".

Enquanto os triunfos de Garibaldi sobre o general Lanzi e toda sua tropa espalhavam-se por toda a Sicília, Francisco II proclamou em Nápoles a completa derrota de Garibaldi.

Esta sempre foi uma tática dos tiranos prestes a serem derrotados. A mentira sempre vem ajudá-los, e algumas vezes eles delas se utilizam com vantagens, pelo menos por algum tempo. Porém nessas circunstâncias a verdade sempre surgiu resplandecente, e com surpreendente rapidez sucederam-se as vitórias de Garibaldi e de seus caçadores dos Alpes, ajudados pelos sicilianos, em Calatafimi, Montreal, a tomada de Palermo e enfim, após a derrota final do partido bourbônico, a tomada de Nápoles pelo feliz general, que ao terminar sua nobre tarefa, naquele lado da península, ofereceu à coroa do rei soldado a importante e bela jóia, desconcertando os invejosos que o caluniavam atribuindo-lhe ambições pessoais, numa expedição toda de abnegação e puramente patriótica.

Possa o rei soldado mostrar-se tão digno do presente, como o foi em sua grandeza e desprendimento aquele que o ofereceu.

Os triunfos de Garibaldi e o serviço que ele prestou à sua pátria pertencem à história. A ela cabe contar os detalhes. A todas as mulheres, lamentar as vítimas da guerra, qualquer que seja a bandeira levada pelos homens! Que a liberdade vença de uma vez por toda o despotismo que a esmaga. Que se consolide por toda parte no mundo civilizado, para que a matança não seja mais uma lei, exibindo aos olhos dos povos irmãos as cenas de carnificina, e os terríveis espetáculos que fazem a humanidade chorar, numa civilização que se diz sempre progressista.

Se a revolta for alguma vez desculpável, já escrevi no primeiro volume destas impressões, não o será quando tem por representante as nobres raças de selvagens (os escravos negros) que são torturados e degredados?

Da mesma maneira, se a guerra, este flagelo infernal cujo espírito deveria ser banido dos povos civilizados, pode ser desculpada, é quando ela é feita para libertar nosso solo de tiranos invasores que dele apoderaram-se. A Itália gemeu, não por dias, mas por séculos, sob o jugo despótico de senhores de todos os tipos - portanto sua guerra é desculpável e mesmo justa - E no entanto o coração sangra, e quase desencoraja-se de encontrar um dia o verdadeiro progresso do espírito de concórdia, diante das hecatombes humanas que ainda não puderam, ou não quiseram evitar, depois de dezenove séculos de redenção, de paz, inutilmente pregada no mundo cristão!

Vergonha e maldição eterna aos usurpadores, aos tiranos dos povos que a ambição de governar força a acender a funesta tocha da guerra, envolvendo as nações, como a nobre Itália, que só pede a liberdade de ação em seu próprio solo, para fazer prosperar os elementos de felicidade popular com as luzes, com que ela foi, depois da Grécia, a grande fonte do mundo.

A Itália retomou seus bravos filhos, livres das pesadas correntes com que seus tiranos os prenderam. A mãe desolada, vendo por tantos séculos suas nobres filhas divididas e vítimas do despotismo ambicioso de usurpadores estrangeiros, recobrou enfim sua liberdade e seus direitos. Apenas Roma, a sua querida filha mais velha, não lhe foi devolvida. Roma que antigamente foi a cabeça do mundo, sempre será o coração da Itália. Por mais que tentem mantê-la separada ela não deixará de completar a unidade italiana. A grande família, revigorada pelas modernas aspirações, reunir-se-á feliz e forte em seu esplêndido lar para consolidar sua grande obra. Mais tarde tirará úteis lições do relato dos seus males passados para evitá-los no futuro e conseguir, pela paz, o renome que conseguiu outrora com seu gênio guerreiro, que conquistou o mundo.

"Roma muito pecou e deve sofrer para purgar seus pecados" dizia-me o monsenhor G..., em Mondovi. Este digno prelado via com clareza. A prisão do Castelo Santo Ângelo, longe de apagar o raio da verdade que brilhava no seu espírito, o reavivou ainda mais, qualquer que tenha sido a prudência de sua conduta posterior. A escuridão de um cárcere pode de repente tornar-se a mais límpida claridade para todos os que, como Galileu, sofreram por amor à verdade, cuja propagação divina os tiranos hipócritas temeram em todos os tempos, e temem ainda hoje.

Roma ainda sofre sob o domínio das armas francesas que após terem cometido o fratricídio mais escandaloso aí permaneceram por devoção religiosa do célebre autor do golpe de Estado, sob o pretexto de impedir, com as suas armas, os pretensos perigos que ameaçariam a pessoa do santo padre.

Porém ela sairá, em dia não muito distante, não duvidamos, das trevas em que pensam mantê-la para sempre. A luz surge cedo ou tarde no espírito dos homens, Deus a criou sobretudo para iluminar suas criaturas.

Infelizmente algumas vezes é preciso grandes flagelos para que a venda dos olhos dos homens caia. Numerosas vítimas imoladas para que a verdade e a justiça triunfem. No entanto não podemos modificar os decretos da Providência, ou, para aqueles que não têm fé, das inevitáveis evoluções do espírito humano, provadas pela evidência da ciência, que demonstram por si só o caminho seguro a seguir, e os que devem ser evitados.

Embora curvando-me diante da superioridade dos viris investigadores da ciência, que me seja permitido crer que há um castigo providencial reservado àqueles que fazem sofrer os povos, para satisfazer sua ambição pessoal, e tornar-se um grande nome no mundo ao preço do sangue e da opressão dos seus semelhantes. Sem procurar na história antiga, ou na Idade Média, que oferece numerosos exemplos das quedas dos déspotas que ensangüentaram a terra para aumentar seu poder, basta abrir as primeiras páginas da história do nosso século para encontrar a síntese de todas as ambições, de todos os despotismos, de todas as usurpações e tiranias dos velhos tempos, encarnadas no célebre assassino, que fechou o século passado e abriu o atual, deixando à França a funesta herança de um nome, em cuja influência ela tanto sofreu e ainda sofrerá muito mais.... A lembrança dos males acumulados

sobre as nações que este grande déspota coroado devastou, insultou, dilapidou ao seu bel prazer, delas apoderando-se para si e para membros de sua família, ficará eternamente nessas populações numerosas, e quem sabe? alimentará a esperança de outras revanches, como a de Waterloo!

O filósofo inglês Stuart Mill[1] disse, com razão: "A excelência de um governo é medida pela soma das qualidades morais e intelectuais que ele espalha na nação. Um governo que torna os homens aptos a dirigir-se por eles mesmos é bom. Aquele que os torna incapazes de conduzir-se sozinhos é ruim, porque para obedecer unicamente as leis que eles mesmo criam precisam de mais clarividência, mais virtude e mais sabedoria do que para obedecer a um senhor".

O rei de Nápoles nada fez para compreender que para a grandeza real de uma nação é preciso tornar os homens aptos a dirigir-se por eles mesmos, e preferiu medir seu próprio poder, não pela soma de qualidades morais e intelectuais dos seus propósitos, mas à custa da ignorância e do fanatismo que deveria, segundo ele, levá-los a obedecer cegamente à sua vontade toda poderosa, porque ela emanava do próprio Deus.

Levado pela ilusão de que poderia continuar a impor um regime dos mais despóticos e dos mais retrógrados, dizem que seu governo misturava, sem escrúpulos, a influência da religião e os preconceitos mais grosseiros, aos atos da tirania que exercia para sufocar o élan

---

[1] Stuart Mill, John (1806-1873). O economista Stuart Mill foi um dos principais positivistas ingleses do século dezenove. Mill é autor, entre outros, dos livros: *Principles of Political Economy*, 1848. *On Liberty*,1859 e *The Subjection of Women*,1869. Um dos grandes pensadores do século XIX, Stuart Mill foi um dos autores mais citados pelos estudantes de direito das primeiras turmas da Faculdade de Direito de Olinda. Entre os primeiros livros traduzidos pelos irmãos Macedo e publicados pela Tipografia de J. S. Pinheiro, da rua do Amparo, em Olinda, está *Elementos de Economia* (1828), de Stuart Mill. A julgar pelo comentário de Lopes da Gama, no Carapuceiro, o pensador inglês era lido por outras moças brasileiras(O Carapuceiro, de 23 de março de 1839): "Já não faltam moçoilas que citem Benjamin Constant, Duray de Brie, Silvestre Pinheiro, Mill, Correia Teles e Pereira Sousa, louvável progresso, talvez devido a influência do nosso curso jurídico." (grifo meu). Gilberto Freyre citou Nísia entre os poucos leitores de Stuart Mill, no Brasil do século XIX (em *Vida Social no Brasil em meados do século XIX,* Recife: Ed. Massangana,1985, p.82):

"Só uns tantos homens, entre os quais se incluía o próprio imperador e umas poucas mulheres, como Nísia Floresta, tinham conhecimento, dentre os brasileiros natos, da Europa de John Stuart Mill, das saias rodadas, de Sir. Charles Lyell, de George Sand, de carruagens inglesas de 4 rodas, de Pio IX."

nacional, que desta vez tomou um caráter mais geral, mais vigoroso. O seguinte fato, narrado pelos jornais, demonstra como a corrupção do reino atingira até mesmo aqueles que eram depositários sagrados das confissões dos fiéis: "No dia em que o rei Vittorio Emanuele chegou em Nápoles pela primeira vez, no meio das felicitações habituais que passam de um governo a outro, recebeu uma estranha confidência. Um dignitário, eclesiástico, aproximou-se e perguntou em voz baixa, e com candura, a quem doravante ele deveria dirigir-se para falar sobre as confissões. Vittorio Emanuele escutou sem entender direito, pediu que explicassem um momento depois o que isto queria dizer, e ficou revoltado com a confidência".

Assim entendemos como um tal governo se mantinha. Ele caiu com toda a sua força e seus aparelhos inquisitoriais sob a grande pressão do general Garibaldi, revelando mais uma vez ao mundo o que é um poder baseado na ignorância e hipocrisia.

A mão da liberdade levantou a cortina que escondia todas as chagas a serem curadas, todos os abusos a extirpar, da população mais viva, mais alegre da Itália, e uma das mais dignas de retornar ao grande núcleo da família italiana. Que possa o novo governo compreender a grande tarefa que lhe impõem o amor e confiança, que nele depositaram as atuais populações da Itália, em lhes assegurando instituições livre e sábias para que elas possam atingir nos tempos modernos a perfeição de que são capazes. Enquanto esperamos, olhemos ligeiramente o estado de espírito da península em matéria de religião.

O relato que fez uma das melhores penas contemporâneas sobre a situação religiosa na Itália,[1] embora posterior ao tempo em que escrevi estas páginas, pareceu-me muito exato, e tomei emprestado a seguinte passagem no momento de entregar ao público estas minhas páginas:

"Há na Itália espíritos que irritados, com razão, com os obstáculos religiosos que opõem-se á conclusão da unidade, e em sua impaciência, não recuam diante do pensamento de resolver a questão através da ruptura com Roma. Os elementos para uma solução deste tipo são mais numerosos do que pensamos. No fundo, nada é menos papista do que o gênio

---

[1] Nísia está citando trechos do livro *La Question Romaine devant l'Histoire,* 1868, de Edgard Quinet (1803-1875).

italiano. Uma longa maldição contra Roma já ressoou nos escritos de seus maiores escritores. Petrarca clamou para ela o fogo do céu neste famoso soneto que ainda é declamado nos círculos literários:

"Fiamma del ciel sulle tue treccie piova etc.."

"Dante reservou para os papas o último círculo do seu inferno. Guicciardini os acusa de durante muitos séculos terem feito da Itália, com o espetáculo da corrupção, a mais ímpia das nações católicas. Maquiavel os criticou por entregarem a nação aos estrangeiros, impedindo a formação de um poder nacional capaz de resistir à invasão. A política dos governos italianos não se mostrou mais respeitosa com a igreja, do que o pensamento dos escritores, dos poetas e do sistema governamental da própria Igreja, trabalho silencioso que pouco a pouco deslocou as bases da fé antiga, e as fez residirem não mais na autoridade hierárquica, mas no livre arbítrio individual, não mais na tradição da infalibilidade, mas nos textos conhecidos e livremente interpretados. É o indivíduo que faz sua entrada na Igreja pelo livre arbítrio, como o faz no Estado com o sufrágio universal. A sociedade religiosa e a sociedade política tendem a equilibrar-se no mesmo plano. Partindo do pé dos Alpes, do seio das populações Vaudoises, que nunca se alinharam ao nível da ortodoxia romana, o movimento de emancipação individual espalhou-se de início no Piemonte, com a liberdade sardenha, depois na Itália central e meridional, a medida em que estas regiões abriram-se á livre discussão. Desde 1861, três anos antes da transferência da capital, o centro dessa ação heterodoxa transferiu-se para Florença, para o palácio de um antigo arcebispo desta cidade. Foi lá, na terra que devorou tantos dissidentes na Idade Média, que a única heresia que sobreviveu às perseguições, a *Chiesa Valdese*, instalou-se. Estabeleceu sua sede neste palácio, suas faculdade de Teologia, escolas, tipografias, jornais, todos os meios de ação. Este foco já espalha-se em pontos extremos da Itália. A tragédia recente de Barletta onde sete pessoas foram massacradas, e queimadas em praça pública, com os móveis de suas casas destruídas, comprova que o contágio do livre pensamento religioso ganhou até as populações do Sul, tradicionalmente obedientes à ortodoxia. Visivelmente o protesto alastra-se na atmosfera moral da Itália, condensa-se aqui e ali, e cria centros independentes. A idéia

italiana, atualmente vencedora dos obstáculos políticos e militares, ameaça derrubar também os obstáculos de uma outra natureza....etc".

Todo espírito sério, que analisar sensatamente a situação da religião na Itália, não poderá deixar de reconhecer, me parece, que aqui como na França o laço sagrado que existe entre o homem e seu Criador, como disse bem um moralista brasileiro, o marquês de Maricá[1], e liga a terra ao céu, não é mais o sentimento profundo, que por assim dizer, penetra no ser moral e une-se com a vida íntima. É, em geral, mais uma coisa de imaginação do que uma *crença profunda*, sólida, nascida do livre arbítrio, ainda excluído da Igreja Romana.

Os inúmeros erros com que revestiram o ensino religioso, a multiplicidade de falsas doutrinas que, apesar dos esforços que fazem os espíritos esclarecidos para combatê-las, uniram-se à pura e sã doutrina do Cristo, não serão as causas principais do declínio que observamos na crença católica? A simples procura de um retorno à doutrina primitiva do Cristo, dos Apóstolos e dos Pais da Igreja com total independência da Igreja e da Santa Sé, iniciada por Lammenais e Lacordaire[2], eloqüentes e sublimes porta vozes das verdades cristãs, pareceu coisa muito grave à corte romana que se irritou com os inovadores! Que reservará agora esta corte, não apenas para alguns defensores dos princípios dos dois grandes continuadores das idéias das reformas religiosas, mas para o espírito de todas as populações que querem desembaraçar-se dos entraves que as impede de constituir uma igreja livre, numa nação livre? Irá recorrer à excomunhão? "As excomunhões dos papas, que faziam tremer as grandes potências estrangeiras, deixavam indiferentes um doge de

---

[1] Marquês de Maricá- Mariano José Pereira da Fonseca(1773-1848). Moralista brasileiro, autor de *Máximas Pensamentos e Reflexões*, 1843.

[2] Lammenais, Felicit Robert (1782-1854).Lammenais pregou a renovação do catolicismo francês. Defendia a volta e veneração dos princípios antigos do Cristianismo. É autor de *Parole d'un croyant*, 1834; *Les affairs de Rome*, 1836; *Esquisse d'une philosophie*,(1841- 1846).

Lacordaire, Henri (1802-1861) Importante orador sacro francês. Iniciou suas conferências na Notre Dame de Paris. Um liberal em política.

Veneza, um Visconti de Milão e um Médicis de Florença.O primeiro respondeu mandando instalar um pelourinho na porta de cada igreja, para mostrar ao padre que publicara a bula a sorte que o esperava; o segundo, obrigando os prelados que haviam levado a bula a engoli-la, com o selo de chumbo e laços de seda que a amarravam; o terceiro levando a guerra aos domínios da Igreja, aos gritos de *Libertà e popolo*. O poder, diante do qual inclinavam-se os soberanos externos não surtia o mesmo efeito sobre os poderosos italianos. A paixão da unidade nacional, contrariada muito tempo pelo *Non possumus*, bem que poderia terminar neste resultado inesperado. Diversos sintomas traíam a surda agitação dos espíritos. A literatura e a ciência italianas assumiram uma posição mais engajada. A reforma da Igreja e a separação dos poderes não é mais pedida apenas pelos laicos, encontra adesão em todos os níveis da hierarquia eclesiástica, e até nos degraus do trono eletivo dos papas. Sob os movimentos barulhentos e tumultuados da política, que atrai a atenção, se faz agora um grande trabalho de revisão das crenças" etc, etc.

Quando observamos a marcha progressiva das idéias na Itália, e escutamos por toda parte expressarem livremente o que outrora chamavam de coragem de Perugini, professor de direito canônico em Roma, que desmentiu publicamente a idéia absurda de que o poder temporal vinha de Deus, não podemos duvidar de que aproxima-se o dia em que veremos este poder dissolver-se[1]. Todas as previsões não deixarão de realizar-se, pacificamente, como o exige o caráter de um povo doce e humano, como o povo italiano.

---

[1] A situação religiosa na Itália ficou mais complicada a partir de 1864, quando, sempre resistindo em Roma, com a ajuda das tropas francesa, o papa Pio IX proclamou, em 21 de dezembro de 1864, a *Syllabus*, enumerações das decisões eclesiásticas da encíclica Quanta Cura, base para deliberação do concílio ecumênico de 1869/71. Em Syllabus, Pio IX dirigiu sua ira contra todos, sepultando de vez qualquer esperança de uma papa liberal, confirmando o ceticismo do poeta Niccolini que já em 1847 andava pela ruas de Florença resmungando: "um papa liberal! um papa liberal!" O papa condenou o socialismo e liberalismo, defendeu o uso da força para garantir a religião católica, declarou a Igreja acima do Estado, exigiu monopólio do ensino, proibiu liberdade de culto para os não católicos, e condenou a liberdade de imprensa. Houve protestos em toda a Itália contra a proclamação do papa, e exemplares da Syllabus chegaram a ser queimados em praça pública, em Nápoles.

Em 1870, com a retirada das tropas francesas para participar da guerra franco-prussiana, as tropas italianas ocuparam Roma, e a cidade tornou-se capital do reino. O papa Pio IX declarou-se um prisioneiro no Vaticano, recusando-se a reconhecer o Reino da Itália. O impasse entre o Estado italiano e a Igreja continuou até 1929, quando foi assinado o tratado de Latrão, entre Mussolini e Pio XI. O Vaticano foi declarado país independente e o Catolicismo proclamado religião oficial da Itália.

É um bonito, grandioso espetáculo, o que assistimos de todo um povo, desde os Alpes até os confins da Sicília, unânime em seus sentimentos, nos desejos e esforços para consolidar a obra nacional tantas vezes recomeçada, tantas vezes interrompida, mas sempre levada a diante pelo inesgotável gênio italiano que as mais rudes e longas provas jamais conseguiu desencorajar.

Ao lado do élan patriótico dos homens está o élan humanitário das mulheres italianas, que sem alarde e sem arrogância mostraram-se dignas representantes de suas ilustres ancestrais romanas, na grande luta nacional. Mães, esposas, filhas, irmãs, noivas, todas contriburam, umas mais outras menos, não apenas para reforçar a coragem de seus queridos, devotados à santa causa da independência nacional, mas também para minorar as necessidades das famílias privadas do seu chefe. Em Jési, cidade a 10 milhas de Ancôna, elas chegaram a desafiar a vontade do chefe da igreja, que veneravam profundamente. Com devoção humanitária, trinta mulheres da cidade saíram fazendo uma coleta para ajudar as famílias dos exilados. O papa ordenou que seus maridos impedissem esta conduta espontânea, mesmo assim elas continuaram com sua tarefa. Guadalina Borguesi, nobre senhora romana, que a morte levou de um grande número de infelizes a quem ela amainava a miséria, deixou na bela lembrança de suas virtudes, e de seu verdadeiro espírito de caridade, o mais digno exemplo a ser seguido, não apenas pelas italianas, mas por todas as nobres mulheres de outras nações, que encontrariam, nos atos de sua vida, lições preciosas, que todos os homens deveriam aprender nas duas grandes histórias da sua gloriosa pátria, cheias dos mais úteis ensinamentos.

A mulher conquista verdadeiramente seu lugar quando através de um coração devotado e de uma mão pródiga, porém modesta, espalha os benefícios da caridade entre aqueles que sofrem. O que quer que se tenha dito ou feito até hoje pela emancipação da mulher, sua importância real só será seriamente restabelecida na sociedade quando ela

souber exercer, pelas virtudes ao mesmo tempos domésticas e cívicas, uma saudável e sólida influência, inspirando aos homens, antes de tudo, sentimentos necessários para libertá-los de uma certa selvageria, que apesar dos progressos da civilização ainda ressurge em muitos dos seus atos.

A caridade, que é um dos mais belos atributos da natureza sensível da mulher, deve unir-se às outras boas qualidades que a mulher demonstrou possuir em todos os tempos e em todos os acontecimentos onde teve um papel a cumprir, apesar da negligência com que tratam, em geral, sua educação. Que todas as mulheres procurem doravante manterem-se à altura da grande missão neste grande século, complementando o esforço dos homens, com inteligência ou com um grande coração e bom senso (o que seria bem melhor), na obra de regeneração social que eles perseguem por toda parte. E que ao fazê-lo evitem atentamente as armadilhas do pequeno demônio, a vaidade, que dizem ser familiar ao espirito feminino, mas que infelizmente também domina o espírito da maioria dos homens, para que não joguem uma nuvem bem lastimável sobre seu mérito real aos olhos dos seus admiradores, como aconteceu, há pouco tempo, em um grande baile de Florença, com a famosa autora de um livro sublime, que conquistou todas as simpatias dos corações humanitários, deixando-se envolver, com uma senhora inglesa, numa disputa vulgar sobre o seu livro. Nunca esquecerei a decepção que tive ao ver a mulher, cujos princípios e sentimentos, expressos em seu sensível relato das infelicidades de uma classe atrozmente oprimida, correspondiam tão eloqüentemente aos meus próprios princípios e aos meus sentimentos, entregar-se assim à fúria vaidosa, tão sem propósito, descendo da altura em que meu espírito a elevara como a mulher escritora dos nossos dias[1], por quem eu tinha a maior admiração e estima. Não foi a

---

[1] Entre as possíveis escritoras, e entre as muitas mulheres que visitavam Florença nesse período, a quem podemos dar o papel da destemperada que Nísia encontrou? Seria Louise Colet? De acordo com seu relato *Italie des Italiens* (1864-1866), Louise estava em Florença durante as festas que homenagearam Vitorio Emmanuel(maio de 1860). Louise Colet (1810-1876), tinha um temperamento forte. Em Paris, onde manteve um salão literário, foi muito comentado o episódio que a envolveu na década de 1840. Num artigo de jornal, Alphonse Karr fez críticas à escritora, que em resposta o feriu com uma faca de cozinha. Louise é autora de muitos poemas combativos, e engajou-se em quase todas as causas apaixonantes da Europa na época - apoiou a luta de libertação dos poloneses, escreveu sobre Silvio Pellico e Garibaldi, e participou ativamente das causas femininas, escrevendo os poemas *La Femme Paysanne, La Femme Servante e La Femme Religieuse* (1853/1854/1856).

primeira vez que fiquei desiludida quando vi de perto pessoas cujas obras haviam suscitado minha admiração, e foi isto que me fez observar anteriormente que há alguns escritores que são como certos quadros dos mestres: é preciso contemplá-los de longe.

Como já disse antes, entre os encantos intelectuais de Florença estão os cursos públicos assistidos por mulheres, eles lembraram-me os de Paris, único encanto de minha temporada na bela capital dos prazeres.

Nos últimos tempos recriaram em Florença uma cátedra especial para explicar Dante. A abertura das conferências, por um eloqüente eclesiástico foi brilhante, e o auditório numeroso. Observando os italianos eruditos, e profundamente conhecedores de sua literatura que acorrerem para escutar a explicação da *Divina Comédia*, pensei na vaidosa pretensão de alguns estrangeiros, que acreditam ter entendido perfeitamente o pensamento profundo de Dante quando ele escreveu esta vigorosa obra!

O curso de Física foi ministrado por um dos professores mais notáveis que vi na Itália. É um sábio ainda jovem, o sr Govi[1], que une o mérito de expor com clareza e precisão a

---

Outra escritora que morava em Florença no período era a poeta inglesa Elizabeth Barret Browning, nascida em 1806, em Londres, e falecida em Florença em 1861. Elizabeth era casada com o poeta Robert Browning. O casal passou a maior parte da vida na Itália, principalmente em Florença, onde era muito grande a comunidade inglesa. Elizabeth foi entusiasta defensora da unificação italiana. Escreveu poemas sobre a Itália, reunidos no livro *As janelas da casa Guidi*, 1856. É autora de um poema narrativo *Aurora Leigh*,1856, sobre problemas sociais da Inglaterra industrializada. Outros livros da escritora: *Poems*, 1844 - *Sonnets from da Portuguese*, 1850 e *Poems before congress*, 1860.

A inglesa George Eliot (Mary Ann Evans, 1819-1880), chegou em Florença em 17 de maio de 1860 (veja-se que Nísia datou este trecho do livro como se fora de maio de 1860). Eliot fez pesquisas na cidade para o seu romance *Romola*, baseado na vida de Savonarola e publicado em 1863.

Como se vê, Florença vivia grande efervescência cultural "feminina", no período que Nísia morou lá. Madame Brasileira, como Nísia era conhecida em Florença, participou dessa vida cultural publicando dois dos seus livros: *Scintille d'un anima Brasiliana*(1859) e *Consigli a mi figlia,* 1858, além da tradução do poema Lágrima de um Caeté, 1860.

[1] Govi, Gilberto (1805- ?), físico italiano nascido em Mântua. Foi professor em Turim, Florença e Nápoles. Especializou-se em eletricidade, mas publicou livros sobre diferentes assuntos entre eles, *De la propriété, et spécialement de la propriété intelectuelle*, 1861; *Réfutation d'une prétendue démontration mathématique de la récente apparition de l'homme sur la terre*, 1867; *Les lois de la nature*, 1868; *Leonard de Vinci, le lettré et le savant*, 1872.

ciência que professa, com as maneiras mais distintas, e um encanto extraordinário na conversação, o que torna sua companhia muito agradável. Já nos víramos outrora em Paris, no curso do sábio Regnault[1], e ele nos reconheceu no seu próprio curso, após tantos anos passados. Além disso teve a bondade de nos visitar, e desde então sua companhia acrescentou uma atração a mais na minha temporada na culta cidade de Dante. Nossa conversa volta-se sempre para Paris, na época em que meu filho estudava ao meu lado, onde, como eu, ele apreciava a vida intelectual. Agora contemplo sonhadora este novo astro que surgiu no horizonte da ciência, que meu filho, hoje infelizmente tão longe, estudava com prazer.

Este quadro retrospectivo, que como tantos outros vem sempre como uma miragem ao meu espírito, cada dia que passa aumenta o vazio imenso que meu filho, a metade da minha alma, deixou em mim.

Não para distrair-me da dor que me causa a ausência deste filho, porque, como disse Alfred de Vigny[2] " é um mal e uma fraqueza procurar distrair-se de uma nobre dor para não sofrer", porém para afastar-me das cenas do passado, falarei de outra cena, representada em Florença por uma senhora que se tornaria em seguida uma das minhas mais queridas amigas, a condessa Foschini. Entre as pessoas que me foram apresentadas pela marquesa Geppi estava uma com quem minha filha e eu muito simpatizamos. Era a senhora Gorenne, espanhola de nascença que vivia há muitos anos na Itália. Ela unia a nobreza de caráter ás amáveis e sinceras maneiras que ressaltam a graça natural da mulher espanhola. Há algum tempo a senhora Gorenne falava de uma de suas amigas, que me conhecera outrora no Rio de Janeiro e que desejava rever-me, e esta amiga era a condessa Foschini. Minha memória, que nunca me engana, esforçou-se em vão para lembrar este nome. Deve ser um erro dessa senhora, pensei, porém como ela morou na minha terra natal aceitei com prazer o convite que nos fez nossa boa amiga Gorenne para participar de um sarau, em sua casa, que ela organizaria para nos reunir. Fiquei muito surpresa em reconhecer na condessa Foschini a

---

[1] Regnault, Henri Victor -(1810 -?) Físico francês da Academia de Ciências e do Colégio de França. Escreveu trabalhos sobre a teoria do calor. Seus livros sobre vapor e gás tornaram-se clássicos.

[2] Alfred de Vigny (1797-1863) Escritor romântico francês. Sua obra mais conhecida é o romance histórico *Cinco de Março,* 1826. Outras obras: *Pomes antiques et modernes*,1826 - *Les destines,* 1864.

interessante *Fraulein* St.d'Hambourg, que eu conhecera há cerca de 16 anos no Rio de Janeiro, onde ela e sua irmã conseguiram fundar um colégio para meninas (ainda mantido hoje por sua irmã) com as vantagens que minha pátria hospitaleira oferece aos estrangeiros[1]. De volta à Europa, ela viajava na Itália quando conheceu e se apaixonou pelo conde Foschini, que a desposou.Quantas lembranças despertou no meu espírito a presença em Florença dessa amável pessoa que revejo em condições tão diferentes! E quantas reflexões sobre as estranhas coincidências da vida sugeriu-me nosso reencontro tão longe da pátria!

Com o pensamento sempre voltado para nossas plagas natais, nós nos entregamos às doçuras de nossa vida em Florença, que nobres corações tornavam cada dia mais atraente, pelo agradável convívio na cidade, ou por excursões interessantes em toda parte onde há uma obra prima a ver, uma lembrança histórica a recordar. Porém, um dia comecei a sentir os sinais de um estranho mal estar cuja causa foi atribuída à grande comoção física e moral, que me abalara tão fortemente na catástrofe ocorrida na estrada de ferro de Susa a Turim, muitos meses atrás.

Por minha predileção particular pelo mais simples, mais doce, e que me seja permitido dizer, mais humanitário dos sistemas que a medicina encontrou para tratar os males físicos, quis consultar um discípulo de Hanhemann, porém o único homeopata[2] de Florença que

---

[1] No livro *Opúsculo Humanitário*(1853, p.78) Nísia criticou a facilidade com que os estrangeiros instalavam colégios no Brasil: "É tal a hospitalidade dos brasileiros para com o estrangeiros que, até no ponto de mais transcendente interesse da educação, as faltas destes são mais toleradas que as dos próprios nacionais. Nenhuma lei geral tendente à investigação dos colégios particulares foi ainda promulgada pelo governo, nenhuma medida tomada para que o ensino da nossa mocidade seja convenientemente dirigido. (.....) Apreciamos em subido grau os talentos dos estrangeiros. (....)Mas quais são aqueles que justamente merecem por esse lado a nossa consideração? Poucos, muito poucos....."

No romance *Rosa*, de Joaquim Manoel Macedo(1 ed. 1849, esta edição Liv. Martins Ed. s.d. p. 173), há um comentário semelhante: " aqui no Rio de Janeiro qualquer bicho careta abre colégio de meninas, onde de ordinário se aprende aquilo que não se deve ensinar."

[2] Nísia referiu-se diversas vezes à sua preferência pela homeopatia do dr. Samuel Hahnemann (1755-1843). Comungava a preferência com seu cunhado, o médico J. Henrique de Medeiros que em 15 de outubro de 1849 publicou no A pedidos do Jornal do Comércio sua adesão á homeopatia. Medeiros, durante a epidemia de cólera de 1855, foi responsável pelo ambulatório da Conceição(onde Nísia trabalhou como voluntária), e tratou os doentes com homeopatia.

gozava de um certo renome estava ausente, e tive que me submeter a um tratamento alopático. Ao fim de quatro meses do tratamento, recomendado Buffalini[1], uma das grandes sumidades médicas da Itália que consultei, e assistida pelos bons doutores Pierroti e Zannetti que regularmente vinham me ver, estava tão fraca que não sentia forças nem para caminhar. Não sentia nenhum tipo de dor física, mas minha energia esgotava-se num langor geral que nem todo o vigor do meu espírito conseguia suplantar.

Que doença seria esta que os homens da ciência olhavam como um fenômeno extraordinário, e que não conseguiam combater, constatando que não apresentava nenhum perigo vital? Todos os esforços científicos que fizeram para restabelecer-me, meus três dignos doutores de Florença, a quem nunca serei o suficientemente agradecida, todo o interesse que tiveram, foram inúteis. Ficarei apenas com a desoladora convicção de impotência de uma ciência que não fez até nossos dias, que talvez nunca faça, os progressos tão desejados pela humanidade? "Arte dos médicos! ainda não a encontramos!" Gritou um grande escritor humanista contemporâneo, que permanece quase despercebido por entre uma multidão de escritores franceses atuais que nada valem. Usarei suas próprias palavras ao seu amigo o doutor B..., para dirigir-me aos meus bons médicos de Florença: "Admiro o vosso zelo e vossos atenciosos cuidados, não é à vossa ciência que devemos atribuir a falha, é à própria ciência."

O Dr.Benoit Jules Maure, divulgador da homeopatia no Brasil, chegou na cidade em 1840 e começou a divulgar seu sistema que associava a cura das enfermidade com a idéia de regeneração da humanidade e com a caridade, articulando a homeopatia com o socialismo. Maure fundou o Instituto Homeopático Brasileiro em 1843. Na década de 1840 aconteceu no Rio de Janeiro um debate entre a homeopatia e a alopatia. O auge da discussão foi durante a epidemia de febre amarela de 1850. A arenga entre as escolas teve reflexos até mesmo na literatura popular: em 1847 circulou na cidade a novela *Gabriela Envenenada ou a Providência,* de João Martins, a história de uma moça que fora envenenada pela alopatia e salva pela homeopatia. Em 1851 circulava na cidade o jornal homeopático O Médico Popular. (vê sobre essa disputa entre as escolas a tese de mestrado de Gláucia Regina Silveira, *A Utopia e a Cura: A homeopatia no Brasil Imperial* (1840-1854), IFCH, Unicamp, 1997.)

A homeopatia era uma forma popular de medicina apreciada particularmente pelas mulheres. Nas epidemias de cólera na França, em 1831 e 1832, as parisienses defenderam o uso da homeopatia. Segundo Michelle Perrot (em *Histoire des Femmes _ Le XIX Siècle* (op. cit. p.463) associar-se a movimentos como proteção de animais, homeopatia e vegetarianismo era uma maneira de as mulheres procurarem criar uma visão alternativa do mundo e da existência.

Convencida de que a ciência seria incapaz de restituir o meu estado normal, tomei a decisão de mudar de ares e de dieta alimentar, rendendo-me (apesar do desejo de nossa velha amiga Geppi de levar-me para o campo) à insistência dos nossos amigos do Piemonte, que escreveram cartas após cartas, chamando-me para tentar a cura que não conseguira na douta cidade.

Mal anunciei essa decisão todos os corações que nos queriam em Florença ficaram aflitos. Os médicos opuseram-se enérgicamente, falando sobre o perigo a que estaria exposta minha vida se fizesse uma viagem no estado de fraqueza em que estava.

Porém, se compartilhei vivamente a tristeza dos bons corações, fui determinada diante do perigo com que me ameaçava o sombrio prognóstico dos doutores, que assustaram minha filha, sem diminuir minha coragem, porque eu tinha fé. Entreguei-me, com toda a certeza de minha alma, à esperança de reconquistar por mim mesma a saúde[2] que estava tão frágil, apesar de todos os cuidados que dedicaram os médicos, e os meus amigos que vinham, uns após outros, conduzir-me em seus carros para que eu respirasse o ar puro e perfumado dos campos vizinhos.

Se Florença fora até então minha cidade preferida na Itália, tornou-se mais ainda depois que todos os que aqui me conheceram testemunharam, todos os dias, ao me ver sofrer, o mais vivo interesse. Nunca esquecerei as manifestações de afeto, a amável delicadeza, e os modos afetuosos, que corações de elite usaram para tentar distrair a

---

[1] Bufalini, Maurizio-(1787-1875). Médico famoso na Itália do século dezenove. Buffalini criou a revista de medicina *Lo Sperimentale*, 1856. Após a unificação foi superintendente do Instituto de Estudos Superiores, fundado em Florença pelo barão Ricasoli.

[2] Encontrar a saúde por si mesmo, previsão otimista de Comte, na última carta que escreveu para Nísia, poucos dias antes de morrer (24-08-1857): "quando a educação enciclopédica espalhar por toda parte as saudáveis noções gerais sobre a natureza humana, todo enfermo suficientemente esclarecido tornar-se-á, se sua razão estiver intacta, seu melhor médico por ser o único capaz de conhecer-se bem."(tradução minha). A carta de Comte respondia uma carta de Nísia onde ela o aconselhou a procurar um médico homeopata. (carta de 22-08-1857, em Ivan Lins, op. cit. p 24): "Permiti que, em nome desses corações que vos são sinceramente apegados, em nome da Humanidade, de que sois o sacerdote e mais zeloso servidor, minha fraca voz se levante junto de vosso leito para suplicar-vos que recorras à arte dos primeiros médicos enquanto ainda é tempo." Comte faleceu menos de um mês depois da carta que enviou para Nísia.

melancolia que o estranho langor, muitas vezes seguido por vertigens, causava-me, tão longe de minhas plagas natais.

Na véspera de minha partida recebi suas visitas com emoção profunda, pensando que talvez fosse a última vez, pois embora desejando cumprir minha promessa de voltar à Florença, como já fizera antes, não me sentia tão segura com relação ao futuro.

O respeitável marques Capponi foi um dos meus amigos que se apressou em vir, na minha última noite passada na *Via del sole* (onde morei nos últimos tempos em Florença), expressar com as palavras mais calorosas a tristeza que lhe causava a minha partida. Renovando a expressão de sua estima, disse que tinha esperança que logo que reencontrasse minha saúde nas montanhas do Piemonte, voltaria à sua cidade: "Os horizontes da Itália, ainda um pouco nebulosos, acabarão por clarear, o patriotismo sincero da nação ajudará, disse com a voz clara e sonora que os anos respeitaram.Volte com vosso amor por nossa Itália", completou, abraçando minha filha e a mim, o ilustre ancião cuja visível emoção sensibilizou-me como se viesse do coração de um parente próximo.Ah! que teu desejo possa realizar-se! pensei do fundo da alma ao vê-lo descer minhas escadas de braço com seu guia! E que meus queridos de além mar possam vir reunir-se à mim, na única terra da Europa que escolheria de bom grado para viver longe da pátria, da qual ela nos lembra algumas de suas belezas naturais[1].

Fiquei emocionada com os gestos espontâneos de afeto, das pessoas que nos acolheram e conviveram conosco em Florença de um modo tão amável, e das quais separava-me com o coração apertado. Minha querida Clorinda e seu marido, casal exemplar em cuja companhia minha filha e eu ficávamos como em família, demonstravam mais tristeza a medida em que a hora do adeus aproximava-se. Minha afeição por esse querido casal tão digno, tão amoroso, tão modesto, sempre predominou no meu coração, sobre todos os que me concederam a amizade com a auréola de um título ou posição que a sociedade

---

[1] Nísia não voltou à Florença. Saiu da Itália, de San Remo, em julho de 1861, e após permanecer por algum tempo em Londres, na Alemanha e Paris (estava em Paris na Comuna, em 1871), voltou ao Brasil por tres anos, de 1872 a 1875. De volta à Europa, de início para a Inglaterra (1876), viveu seus últimos anos em Rouen, onde morreu em 1885.

glorifica. É que o verdadeiro mérito não precisa dos favores da fortuna para ser apreciado por aqueles, cujo espírito sempre ficará muito acima das grandezas da fascinante sociedade.

E.M. homem de instrução pouco comum, de modos corretos, e possuindo as mais belas qualidades de coração, luta no seu país, para suprir as mais simples necessidades de sua querida família, contra obstáculos inacreditáveis que nem sempre uma vida de trabalho constante e inteligente consegue vencer. Dotado de caráter independente, um espírito justo e de excessiva modesta, recusou-se a seguir os caminhos tortuosos por onde chega-se com frequência aos favores da sociedade, que raramente distribui seus dons aos homens, cujos nobres sentimentos não sabem curvar-se diante de certas exigências que impõe.

Ele prefere lutar a submeter-se a estas exigências, e tem razão. É feliz por encontrar no lar uma esposa digna dele, e doçuras indescritíveis que nem sempre encontram outros homens, tão corajosos e decididos, na mesma luta contra o infortúnio.

A luta!.. que seria da vida sem luta?[1] Lutar é viver, amar, desejar, trabalhar, agir sem parar durante o tempo mais ou menos curto em que nos é permitido caminhar, ou nos arrastar, nessa terra de passagem onde cada um tem uma missão a cumprir, e onde devemos lutar para fazê-lo com dignidade.

Abstraindo as lutas individuais, às quais todo ser vivo está definitivamente entregue desde o momento em que abre os olhos para a luz até fechá-los para sempre, a quem se deve os bens que o mundo usufrui, senão aos espíritos fortes que consagraram sua vida ao progresso e felicidade da humanidade?

Sem precisar ir muito atrás na história, quantas poderosas inteligências, quantos corações devotados, desde Homero a Sócrates, desde Sócrates ao Divino Mestre, e até nossos dias, não lutaram constantemente, com fé, na incomensurável arena das idéias, para esclarecer os homens e melhorar sua sorte! Que espetáculo admirável os esforços contínuos de tantas almas de elite, devotando-se inteiramente à propagação das grandes verdades através de perigos infinitos, aos quais frequentemente sucumbem, transmitindo aos seus semelhantes a tarefa que não conseguiram terminar. E estas lutas, incessantemente

---

[1] Impossível não lembrar a os versos do poeta Gonçalves Dias, na sua Canção do Tamoio(1851): Viver é lutar - A vida é combate - Que os fracos abate - Que os fortes, os bravos, - Só pode exaltar.

renovadas, não conseguiram levantar o véu que esconde uma parte dos segredos da natureza, diante dos quais as gerações passadas inclinavam-se, como diante dos mistérios que era até mesmo proibido procurar explicar. Amemos então a luta, isto é, a vida, tornando-a útil, o melhor que pudermos, ao bem geral de onde resultará o bem de cada um.

MEU ADEUS A FLORENÇA

Deixamos Florença quando trabalhavam no belo monumento do divino Dante, diante da *Santa Croce*, Panteão florentino que guarda os restos mortais de tantos grandes gênios italianos! Se acontecimentos que não posso prever retiverem-me distante quando do seu término, virei em espírito saudar este monumento, homenagem tardia ao supremo poeta toscano.

Sofrendo e profundamente triste por afastar-me da doce cidade, e daqueles que me fizeram encontrar um duplo encanto no tempo em que aí permaneci, escrevi em sua doce língua as seguintes linhas publicadas no dia de minha partida:

UN ADDIO

Credetel voi che non sentite amore:
Non si prova morire
Più crudel de partire!
Quando la vita è spenta, è seco spento
Anco tutto il tormento,
E l'alma col morir la morte fugge;
Ma se dalla sua cara e dolce vita
Un amoroso cor parte, si strugge
Partendo e muore, e dopo la partita
Rinasce il suo dolore

E comincia um morir che moi non muore.

GUARINI

Oh! fra tutte le città de la nobile Italia, la più gentile! Oh! patria del più gran poeta moderno, e di tanti sommi intelletti che onorano l'umanità! bella, artistica Firenze, ricevi il doloroso addio d'un cuore del nuovo Mondo che si deliziò di respirar le dolci aure del tuo ridente cielo, in mezzo ai ricordi delle tue grandi opere che diedero al mondo il risorgimento delle arti e delle lettere, di cui i tuoi tiranni s'impadronirono calpestandoti!...

Dopo avere ammirato tutte le bellezze delle tue sorelle, dopo meditato sopra la rovine della morta Roma, sospirato sotto i boschetti d'aranci della vulcanica Napoli, e sognato cullandomi nella gondola della poetica Venezia, io ti scelsi con preferenza a loro tutte, o dilletissima, per alleviare la malinconica rimembranza della mia cara patria lontana.

Ti vidi con piacere, ti contemplai con interesse, non di forestiera che passa e cerca sfiorare appena i tuoi tesori d'arti, ma di anima che ti amava già prima di vederti, e con la quale de lunga data si erano identificati il ricordo del tuo gran passato, la generosa lotta del tuo presente e la speranza del tuo avvenire!

Nobili affettuosi cuore che mi avete cosi fraternamente accolta, io mi parto da voi, ma di voi serberò per sempre la più grata memoria, i più sentiti affeti. Se la Brasiliana amica vostra potesse contentarsi di un altro suolo che il suo, da viverci sempre, non esiterebbe di scegliere la dolce, la incantevole Firenze, ove non potè conoscervi senz'amarzi, ed or vi lascia col cuore traffitto di doloroso rammarico! Sacri doveri mi chiamano altrove.La rondinella a suo tempo riprende anche'essa il volo verse altre regione per far quì poscia ritorno; ed io come lei ritornerò fra voi, se la salute mi sorrida ancora fiorente! Questa speranza può sola mitigare la mia triste emozione nel veder disparire a'miei occhi il votro placido Arno, i vostri monumenti, e quel maestoso Duomo in cui tante volte pregai con devoto entusiasmo pel glorioso universale risorgimento di questa si cara Italia!

10 luglio

Brasileira Augusta.

A CORNIJA DE PISA A SAVÓIA

Pisa, Livorno, Gênova, todas as cidades e todos os lugares que já visitei mais de uma vez cheia de saúde, e com o espírito ansioso para usufruir de suas notáveis belezas, revi com um olhar triste por deixar Florença, tão doente, após ter me despedido e recebido tantas manifestações de amizade. Dizia quando afastava-me: será que fiz bem em deixar Florença para procurar saúde em outros lugares? Encontrarei saúde nas montanhas do Piemonte, cuja vida doce e calma foi tão elogiada? Essa vida compensará a perda dos encantos que encontro na sociedade florentina? Entregue a esses pensamentos, sempre dominada pela imagem dos meus queridos de além mar, e pela esperança de curar-me para ainda revê-los, seguia com minha amada filha a estrada da Cornija, mandando parar o carro aqui e ali para repousar minha cabeça cada vez mais fraca. O calor era intenso apesar da brisa do Mediterrâneo, que costeávamos nas horas de menor intensidade do sol. A multiplicidade dos quadros que a encantadora estrada oferece, as cidades, povoados, vilarejos mais ou menos curiosos à beira mar, e sobretudo o consolo que sentia indicando à minha filha os lugares onde um ano antes o movimento do carro arrancara-me gritos de dor, quando esquecendo o estado em que estava, após a catástrofe da estrada de Susa a Turim, voltei para perto dela, tudo isso tornava a estrada mais interessante, agora que a percorria ao seu lado, confiante na voz do meu coração dizendo que o temor dos médicos de Florença sobre a viagem não seriam justificados.

Paramos no hotel em Savona, cidade que lembra entre outros fatos históricos o das torturas morais do papa Pio VII, preso em Roma na noite de 5 para 6 de novembro de 1809, e conduzido como prisioneiro para Savona (antes de ir à Fontainbleau), para satisfazer a ambição sem limites do despotismo execrável de Napoleão I, cuja fúria ele atraíra ao recusar-se a fechar seus portos à Inglaterra. Logo que entramos no hotel vimos o bom pároco de Mombasilio, D. Preliasco, que viera encontra-nos.

Ao nos ver a mais cordial satisfação brilhou em sua fisionomia, e ele expressou de viva voz sua firme esperança, e a esperança da condessa Vianson Ponte, do completo restabelecimento da minha saúde, sob a influência do ar puro de sua região.

O bispo de Mondovi permitira que ele pusesse à disposição uma parte da sua casa paroquial para minha estada, caso eu não aceitasse a gentil oferta da condessa Vianson de receber-nos em sua casa a dois passos dali. Fiquei muito sensibilizada com esse gesto de consideração de um prelado, cuja extrema seriedade era muito conhecida em toda a sua paróquia.

Fraca como me sentia foi com dificuldade que continuei o trajeto que precisávamos fazer para chegar ao nosso destino. O calor estava sufocante, e ao chegar na casa do pároco de Milesimo, para tomar um refresco que ele gentilmente nos oferecera, um fenômeno todo natural de uma eclipse do sol, que observamos do jardim, suscitou ao meu espírito uma profunda impressão, que nunca sentira antes diante de fenômenos semelhantes na América ou na Europa! Como sempre me mantivera afastada de todo tipo de superstição, perguntei-me se a enfermidade enfraquecera meu espírito de tal maneira a ponto de tornar-me susceptível! Ou seria um pressentimento secreto que unia-se ao acontecimento natural, quando me aproximava confiante dos lugares onde era tão ansiosamente esperada?

No entanto, a razão expulsou a triste impressão e subi no carro completamente livre da confusão que invadira o meu espírito.

Desejava chegar em Mombasilio ainda de dia, para que minha filha pudesse ver o aspecto pitoresco do lugar onde um ano antes, após o terrível acidente da estrada de ferro, cercaram-me com as mais delicadas atenções, os mais prestativos cuidados. Porém isso não aconteceu, e a noite já cobria a terra quando chegamos no alto da montanha, em cujo cimo a sombra incerta do velho castelo desenhava-se aos meus olhos, como um fantasma da Idade Média, desfiando o imenso e misterioso relato de sua lendas, em cujo final encontrava-se um lugar em branco para ser preenchido muitos séculos depois por uma *lenda* dos nossos dias!

MOMBASILIO, NO PIEMONTE

A duas horas da cidade de Mondovi, capital da província do mesmo nome, ergue-se a pitoresca cidade de Mombasilio, situada parte na montanha, cujo pico, coroado com as ruínas de um castelo e algumas árvores, parece de longe um colossal ninho de águias com uma parte na inclinação que se estende até a planície, irrigada por um rio límpido que fertiliza os campos, e quebra a monotonia de suas paisagens quando a vista repousa da melancólica perspectiva das montanhas solitárias, mais ou menos afastadas, entre as quais ergue-se orgulhoso o *monte Viso*. Muitos vilarejos, povoados, e simples capelas isoladas escondem-se perto dali nos vales, nas gargantas, ou na inclinação das colinas. Citarei aqui apenas três desses lugares, dos quais sempre guardarei uma agradável lembrança, toda campestre, ao lado da que trago de Mombasilio, e da cidade de Mondovi. Esses lugares são *Madona del Vico*, *Ceva* e *Salicetto*. O primeiro com suas águas minerais, seu seminário, seu santuário, um dos mais venerados do Piemonte; o segundo, pequena cidade com suas curiosas fiações de seda onde trabalham pessoas de ambos os sexos, seus *Cacini* nos arredores, moradias modestas e hospitaleiras escondidas por árvores e flores, onde o trabalho junta-se à poesia para distrair seus proprietários e encantar seus hóspedes; o terceiro, vilarejo de uma simplicidade quase patriarcal que me encantou pelas doces maneiras de seus bons habitantes, a hospitalidade afetuosa do seu venerável pároco, a família do excelente irmão de D. Preliasco, e as deliciosas sombras dos belos salgueiros que enfeitam uma parte do vale, refrescado por correntes de águas que misturam seu murmúrio ao tremular das folhagens dos salgueiros, que nelas inclinam os galhos entrelaçados. Salicetto é todo um idílio, do qual mal folheei as primeiras páginas, parando na mais suave que encheu minha alma de pura emoção.

A população de Mombasilio, cerca de 800 a 1000 almas é, como em quase todos os vilarejos dos arredores, tranqüila e agrícola. Tem um pequeno número de pobres, cuja

miséria o bom pároco e a condessa Vianson Ponte procuram aliviar, cumprindo com simplicidade a santa missão que a caridade impõe particularmente ao padre e à mulher. Nada me sensibilizou tanto nos primeiros dias de minha estada em Mombasilio do que ver essa nobre mulher, com cerca de 50 anos, afastada do luxo de sua família[1], dividir o tempo que não dedica à igreja entre o cuidado de distrair seu excelente marido, que tem a saúde fragilizada por um azar do destino, e os pobres do vilarejo para os quais parece um anjo protetor. Ela ocupa-se em aliviar os sofrimentos dos pobres, ora ajudando na enfermaria, fornecendo os medicamentos de uma pequena farmácia que tem em casa, ora tricotando para vestir confortavelmente, no inverno, os filhos dos necessitados.

Uma mulher assim não poderia deixar de inspirar a mais viva simpatia, independente dos gestos de afeição por minha filha e por mim, que ele mostrava a cada dia que passava.

O conde Vianson Ponte, que parece não ter outra vontade do que a da mulher, e, apesar da diferença gritante de temperamento, entrega-se de tal maneira à vida campestre que leva no seu retiro, que ao vê-lo tão calmo, simples e quase negligente no seu traje e conversação, não pensaríamos que fora um dos homens mais elegantes, e mais espirituosos da boa sociedade de Turim. Menos expansivo que a condessa ele é bondoso e cordial para com todos os que o visitam, e o entusiasmo com que fez apologia do seu querido arcipreste (é assim que chamam o pároco aqui), demostrou que por baixo de sua aparente frieza também tem um coração arrebatado pela amizade, e um espírito correto na apreciação do verdadeiro mérito. O pároco de Mombasilio é digno por sua bondade evangélica, e por sua dedicação à pesada tarefa que lhe impõe sua posição, de todas as considerações e toda a estima dos seus paroquianos, que ele ajuda com um zelo todo paternal, a qualquer hora da noite, ás vezes com o tempo mais assustador do inverno, e apesar das longas distâncias.

Talvez digam que é dever do padre e do médico correr ao chamado dos doentes e moribundos. É verdade. Porém infelizmente esse santo dever é muitas vezes negligenciado para com as pessoas pobres, por alguns dos apóstolos de doutrinas e práticas diversas, uns ajudando a bem viver, os outros a bem morrer, que o elogio daqueles que compreendem e

---

[1] Ela é uma das filhas do conhecido marquês de Carrera, de Gênova, que casou com o conde Vianson Ponte de Turim (Nota da Autora).

cumprem bem, sem outro fim do que realizar dignamente a missão imposta pela religião e humanidade, esse elogio me parece, nunca será suficientemente repetido.

Além das virtudes eclesiásticas, que distinguem particularmente o arcipreste de Mombasilio, ele possui no mais alto grau as qualidades que fazem um verdadeiro amigo. A amizade é para ele, como para toda alma de elite, um laço sagrado que nada deve romper, é uma panacéia para todos os males morais da vida, uma religião que comanda e suaviza os maiores sacrifícios. Dotado pela natureza de um espírito forte, de uma alma entusiasta sob a aparência da mais perfeita calma, de um coração capaz das maiores e mais nobres paixões, o digno pároco envelheceu prematuramente pela excessiva contrição imposta por uma regra muito rígida, que ao desnaturalizar o homem que a ela se submete, em geral apenas o transforma num hipócrita ou infeliz.

Privado da felicidade da família, que o padre católico usufruía nos primeiros séculos da Igreja, o padre deve ver com os olhos tristes as incontestáveis vantagens do clero protestante sobre o clero romano, desde que o Concílio de Trento o fez devotar-se *irrevogavelmente* a uma luta constante e estéril contra a natureza, imputando-lhe um crime apenas por ser um homem. Para uns as doces e tranqüila alegrias da família que acalmam o cansaço de um trabalho incessante, regular, ao qual entrega-se o pastor compenetrado de sua missão; para outros o isolamento do lar, o completo vazio dos afetos de marido, de pai, e de todos os santos deveres que deles derivam, a aridez enfim de toda uma existência de onde devem ser excluídos tão fortes sentimentos!

___ Quinze séculos após a morte de Jesus Cristo os padres casavam, foi o Concilio de Trento que proibiu. Até então tinham adotado a doutrina de São Paulo. O grande apóstolo disse em sua primeira Epístola a Timóteo, sobre padres e os bispos: "É preciso que o bispo seja irrepreensível, que case com uma só mulher, que seja sóbrio, prudente, grave e modesto, casto, ame a hospitalidade, seja capaz de instruir. Que não seja vulnerável ao vinho nem violento a ponto de bater, porém imparcial, moderado; deve manter-se afastado das contestações sem importância; que governe bem sua própria família, e crie seus filhos na obediência e honestidade. Porque se uma pessoa não sabe governar sua própria família, como poderá conduzir a igreja de Deus?"

Minha saúde se restabeleceu como por milagre. Há apenas um mês que respirava nas montanhas do Piemonte, e já podia andar por toda parte, visitando as pobres casas dos camponeses, ou margeando, com o pensamento voltado para além Atlântico, as correntes d'água que se perdem no vale. Interrompera o tratamento e regime aconselhados pelos médicos. O ar puro das montanhas e a mudança na alimentação e na vida conseguiram em poucos dias uma cura que a ciência tentara durante cinco longos meses! Conto esse fato aqui para os homens de ciência, que poderão encontrar assunto para um estudo patológico.

A natureza tem segredos que sempre escaparão da arte, por mais aperfeiçoada que ela seja.

Livre do mal que me oprimia, senti voltar aos meus dias de juventude e atividade. Meu espírito, sem os elementos que em Florença e outras cidades o sustentavam e encantavam, apesar da tristeza que carregava no coração, entregou-se com afinco às calmas e nobres emoções despertadas pelos espetáculos da natureza, naqueles que sabem admirar sua vigorosa majestade, mesmo nas coisas e sítios desprovidos ao primeiro olhar de todo atrativo, de toda real grandeza. Por um momento o velho castelo em ruínas, do pitoresco e melancólico vilarejo de Mombasilio, pareceu-me um lugar agradável para viver, se pudesse reunir ao meu lado meus queridos de além mar. Após ter viajado tanto, ter visto muitos lugares, um retiro tranqüilo onde recuperara a saúde e onde corações amigos empenhavam-se para me distrair, e tornar suportável o vazio deixado pelos amigos de Florença, um tal retiro não poderia deixar de oferecer a única coisa que eu desejava: viver novamente cercada por toda minha bem amada família, e usufruir uma calma solidão sob o céu da Itália, se não pudesse mais atravessar o Oceano que me separa dos meus. Porém, ai de mim! o que pode os desejos do coração contra a força dos acontecimentos, contra o destino que às vezes transforma em sombra ou dolorosa realidade as perspectivas há pouco tempo alegres?

As cartas do meu querido filho e dos meus irmãos vieram manter meu espírito na disposição em que se encontrava. Eles confirmavam a decisão de vir ao meu encontro na

Europa. Meu coração entregou-se com delícia à essa doce esperança, e sob a mágica influência das preciosas cartas tudo se envolveu com um aspecto sedutor aos meus olhos. As excursões, mesmo as mais áridas, encantavam-me, as fazíamos com prazer, e em liberdade. Numa dessas excursões, quando a marquesa e seu marido nos convidaram para mostrar um belo bosque que lhes pertencia, a pequena distância do vilarejo, o tempo de repente ficou escuro, e mal tínhamos parado no pavilhão nas bordas do bosque a chuva caiu torrencialmente. Todos ficaram contrariados, sobretudo o conde, com esse contratempo que impedira o prazer de passear no bosque, cuja beleza tanto elogiara. Encontrei, no entanto, um estranho prazer em enfurnar-me nas alamedas selvagens e acidentadas, abrigando-me debaixo da copa das árvores, cujas folhagens gotejantes proporcionavam um agradável frescor em pleno verão e no meio da rude natureza, que meu espírito dotava de poesia e encanto. Depois voltei ao pavilhão onde esperavam minha filha, a condessa, uma de suas primas, amável e jovem senhora que estava há algum tempo em Mombasilio, e outros que abrigavam-se da chuva. Foi servido então um jantar campestre, e com o tempo sempre ruim voltamos ao vilarejo quase todos encharcados, porém alegres, com a boa alegria do campo para os corações que compartilham seus atrativos, mesmo quando a tempestade vem perturbar...Além das excursões nos arredores e visitas aos pobres, a companhia da condessa, do pároco e das pessoas que vinham vê-lo vez por outra, enchiam uma parte do meu tempo em Mombasilio; a outra parte dedicava à grande correspondência com minha querida família, e com meus amigos de Roma, Veneza, Paris, e sobretudo Florença.

Entre as pessoas que vinham à Mombasilio, do clero em sua maioria, havia algumas muito estimáveis e interessantes. D.Buttini, alma nobre e elevada, espírito tão culto quanto modesto, coração de uma bondade toda evangélica, foi o primeiro a atrair minha simpatia e merecer minha estima. Suas palavras eram cheias de profundo bom senso e infinita doçura. Devo-lhe suaves consolações, que os espíritos mais brilhantes do mundo não saberiam derramar numa alma sofredora.

D.Brauco e D. Viglierme, de uma escola bem diferente de D.Buttini, agradam à primeira vista. D. Brauco por suas maneiras elegantes, francas e ao mesmo tempo amáveis e distintas, pelo espírito de sociedade que possui no mais alto grau, com o admirável tato de

exibir-se sem prejudicar de nenhuma maneira a austeridade de sua posição: diríamos um perfeito cavalheiro, como os que conheci em Roma. D.Viglierme agrada por um certo encanto de poesia que se espalha em sua pessoa, e em sua conversa insinuante. Ele fizera uma tradução de Ovídio da qual me ofereceu um exemplar, e disse que trabalha em outras obras literárias. Seus amigos fazem, mesmo de longe, votos sinceros para que ele dedique-se ao trabalho com ardor e perseverança, preenchendo por um trabalho glorioso o vazio real de sua existência.

O bom pároco e a condessa continuaram, com seus pedidos calorosos, a manter-me em Mombasilio, alegando a florescente saúde que eu gozava. A boa estação em que estávamos, que nos permitia aproveitar as sombras dos belos castanheiros, cujos bons frutos como a uva dourada, abundam nessa região, e sobretudo o particular afeto de que éramos objeto no meio da calma da vida quase rural que repousava meu espírito, convenceram-me a satisfazer esses bons corações, prolongando minha estada ao lado deles.

Um dia, recebera ao mesmo tempo cartas de Florença e do Rio de Janeiro - as primeiras com fotografias de três amigas, e uma do venerável marques Capponi que me escrevia como os outros lembrando a promessa que fizera de voltar à sua cidade; as últimas cheias de ternura e de pedidos de minha família para que eu deixasse a Itália, de onde minhas cartas demoravam muito a chegar. Nesse dia, por mais que lamentasse não voltar à Florença, decidi aproximar-me dos portos de onde as comunicações com meus queridos de além mar pudessem ser mais freqüentes. Meu gosto por essa bem amada Itália, as afeições que aí me prendiam, tudo empalideceu no meu espírito diante dos afetos, do amor de um filho adorado, de uma irmã, do nosso pequeno anjo Nini, do irmão, de todos esses seres que completam a metade do meu ser moral. Entregava-me então à mistura de prazer e melancolia em que fico todas as vezes que leio suas queridas cartas, tão longe deles, quando vieram avisar que o jantar estava servido. Com o pensamento voltado para o Rio de Janeiro segui maquinalmente minha filha para a sala de refeições, onde nos esperavam. Absorta em

minhas reflexões tomei meu lugar, sem prestar atenção ao novo hóspede que se encontrava diante de mim. Depois, um pouco envergonhada com minha distração, respondi as gentis perguntas que sempre me dirigiam sobre a saúde de minha família, todas as vezes que recebia cartas. Só então notei o recém-chegado. Ele ergueu um olhar tímido para mim, e fiquei assombrada com sua semelhança com um dos meus irmãos, em sua adolescência, fisicamente pouco robusta, como parecia a do desconhecido que observei sem querer com uma insistência que parecia desconcertá-lo. Minha filha também achou a semelhança impressionante, e a fraca imagem do irmão e tio querido, por instantes representada aos nossos olhos, não poderia deixar de atrair nossa atenção. Nós o olhamos durante o jantar nos dizendo que essa imagem, no entanto, era bem inferior à original.

O desconhecido, que disseram ser da região do pároco, onde tem sua família, sua mãe, e onde estive em seguida, era D.Rumazza, um jovem e franzino padre, descarnado, cuja fisionomia era tomada por uma doçura quase angelical, mesclada por um ar melancólico e de sofrimento que me impressionou. Pobre criança! entregue tão cedo à práticas austeras que o debilitaram mal entrou na vida ! Para livrá-lo do embaraço, causado por nosso olhar, falei do fenômeno de sua semelhança física com um dos meus irmãos. Sua extrema timidez pareceu então menos assustada, e quando o jantar terminou ele nos cumprimentou com um jeito quase infantil, e partiu sem desconfiar que esse encontro ocasional lhe daria mais tarde uma mão amiga, que viria em sua ajuda para minorar a dura e mesquinha vida que levava. Dotado de uma ingenuidade muito rara em nossos dias, esse perfeito tipo do neófito dos velhos tempos vivia sob a pressão de práticas rigorosas, que arruinavam visivelmente sua saúde, sem que ele percebesse: tal era a candura do seu espirito, do qual uma certa capa de doutrinas arcaicas interceptava a luz que deve iluminar o padre no cumprimento dos seus deveres, sem no entanto golpear sua vida com uma grande austeridade.

Ao fim de quase dois meses que estava em Mombasilio cumpri o dever, até então negligenciado, de visitar o bispo de Mondovi, que me tratava com uma particular deferência apesar de minha recusa formal de cortar, como ele desejava, algumas linhas da minha

pequena obra *Conselhos à minha filha*[1], que ele teve a bondade de achar digna de ser reimpressa para as escolas de moças de sua diocese. Segundo suas idéias, e as de muitos outros, sobre o direito exclusivo do padre ser o único guardião do segredo das almas, de início ficou um pouco chocado por uma mãe dizer à sua filha de doze anos para confiar-lhe todos os pensamentos de sua alma, para que a mãe, o guia mais interessado em sua felicidade, pudesse guiá-la, fazendo com que evitasse, por sua própria experiência, as armadilhas cujos perigos essa idade desconhece. O exemplo que citei no livro, da moça romana que salvou o pai da morte indo em segredo oferecer-lhe o seio para que ele se alimentasse na prisão, onde estava condenado a morrer de fome, não foi também do agrado do seu espírito, muito escrupuloso para admirar no inocente ato a sublimidade da caridade filial.

De qualquer modo o severo bispo voltou atrás nos seu rígido julgamento sobre essas simples linhas de uma mãe, tão espontâneas, e os *Conselhos* foram reimpressos sem nenhuma mudança.

Minha filha e eu fomos recebidas em seu palácio episcopal da maneira mais cordial e gentil. Ele mostrou pessoalmente todo o interior da arquidiocese, sem esquecer sua capela particular, onde parou para fazer uma oração que acompanhamos contritamente. Apesar de nossas diferenças sobre alguns pontos, como por exemplo, a necessidade de um rigor em excesso para com seu clero em certas práticas exteriores, que cansam ou debilitam o espírito sem melhorá-lo, senti ao seu lado, como sempre sinto na oração, minha alma dilatar-se, recolhendo-se para falar com seu criador. Ao deixar a capela o bom bispo quis mostrar um santo que guarda com veneração, porque veio, dizem, das catacumbas de Roma! Tristes e memoráveis subterrâneos, outrora refúgio de tantos santos mártires, e também de tantos malfeitores! Túmulos vazios há muito tempo e que me deixaram lembranças aflitivas. De quem serão estes restos trazidos até aqui com veneração, como tantos outros levados para muitos lugares?! Escutei em silêncio, com a atenção que merecem a posição sacerdotal e a idade do bom bispo, o relato minucioso que fez sobre seu santo mártir! Porém, o que me

---

[1] *Conselhos a minha filha* foi traduzido para o italiano e publicado em 1859. Reeditado no mesmo ano foi adotado pelo bispo de Mondovi para escolas de moças de sua comunidade.

impressionou sinceramente foi o belo exemplo que ele demonstrou de uma virtude muito rara entre os homens: o reconhecimento na prosperidade para com aqueles de quem recebemos generosidade em tempos mais difíceis. Ao entrar no seu quarto ele me mostrou com grande emoção dois retratos (um casal), pendurados na parede ao lado da sua cama, dizendo com a mais leal e louvável sinceridade: "Eis, senhora, os retratos dos meus benfeitores".

De origem humilde o digno prelado não deixa, como tantos outros, de homenagear os bons corações que o protegeram antigamente, e o faz nomeando-os com um sentimento de profundo reconhecimento e glória. Agradeci com efusão pela acolhida tão bondosa que nos fez, e aceitei com prazer o convite para visitar a casa fundada por ele em Mondovi para educação das meninas, dirigida por freiras escolhidas, que seguem estritamente o plano de educação e ensino que prescreveu. É um dos estabelecimentos desse tipo melhor montado que vi na Itália. A ordem e limpeza reinam por toda parte, e nada parece ser esquecido para inspirar à infância e juventude o gosto pelo trabalho material ou intelectual, porém o ensino desse último é muito limitado, como em escolas semelhantes em todos os outros lugares, de acordo com o princípio que estabelece a inutilidade de uma completa instrução para o sexo feminino[1]. A diretora expressou muito gentilmente a satisfação com nossa visita. Sua

---

[1] A formação intelectual das meninas foi uma das bandeiras defendidas por Nísia. No seu colégio do Rio de Janeiro desenvolvia essa idéia ensinando história, literatura, geografia, latim. Esse método foi alvo de algumas críticas nos jornais do Rio, como no *Mercantil* de 17-01-1847, num comentário anônimo sobre os exames de final de ano: "Há casas de educação que têm o mau gosto de ensinar as meninas a fazer vestidos ou camisas. Mas parece que dona Augusta acha isso muito prosaico. Ensina-lhes latim. E por que não o grego e o hebraico? Pobre diretora!"

O direito das mulheres à instrução foi um dos temas mais discutidos no século XIX.. De um lado estavam os defensores da educação de prendas domésticas, do outro os defensores de uma instrução mais ampla. O *Jornal de Senhoras*, o primeiro jornal fundado e dirigido por mulheres que circulou no Rio de Janeiro (1852-1855), defendia a instrução completa para as mulheres, propondo-se no editorial do primeiro número a "propagar a ilustração e cooperar para o melhoramento social e emancipação moral das mulheres". Na edição de 20 de agosto de 1852 publicou a carta de uma jovem leitora, Maria Clementina da Cruz, defendendo a instrução: "Quando a maior parte dos pais de família procurarão dar uma educação às suas filhas, franca, completa e liberal? Quando não se depreciarão as suas faculdades intelectuais, e quando finalmente tentar-se-à cultivar a sua inteligência, deixando que a liberdade de pensamento flutue em seus escritos? Não entendo que uma mulher por saber música, tocar piano, coser, bordar, marcar e escrever tenha completado sua educação...."

Mais para o final do século a necessidade de melhor instrução para as mulheres era aceita, a julgar pelos comentários favoráveis reunidos na *Poliantéia comemorativa da inauguração das aulas para o sexo feminino*

linguagem simples e afetuosa muito me impressionou, assim como a maneira doce com que ela e todas as professoras trataram, em minha presença, as numerosas meninas de diversas classes sociais que lhes eram confiadas. O bispo, que emprega grande atividade no zelo pelo progresso e renome de uma instituição que o honra verdadeiramente, quis presidir pessoalmente os exercícios que as alunas, divididas em muitos grupos, fariam em minha presença. Ele chegou antes de nós e foi ele mesmo que, após nos apresentar à superiora e às principais religiosas, nos levou para visitar as diferentes classes que trabalhavam segundo o método de lição cantada que agrada às crianças, porém prejudica o pulmão, e atordoa as sofredoras cabeças que as escutam. Tudo fora preparado antecipadamente, sem dúvida para que o método de ensino da casa me impressionasse favoravelmente.

De fato, o venerável bispo tão paternalmente ocupado em encorajar com sua presença e palavras o grande número de alunas, instaladas em anfiteatro nas diversas salas em que

---

do Imperial Liceu de Artes e Ofícios, 1881, analisados por Maria Thereza C. Bernardes, no livro *Mulheres de Ontem?*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor,1989), de onde retiramos as citações. A Poliantéia reuniu diversas opiniões dos homens de letras sobre a profissionalização das mulheres, entre eles Artur de Azevedo que respondeu com um poema:

Mas, como além de agulhas e alfinetes
Alguma coisa o mundo tem, palestre
Sobre estes três assuntos:
Ciências, artes e literatura.
(.....)
Salve! Salve tu queres
Preparar Georges Sandes
Na bela terra da Dona Anna Nery.

Machado de Assis também respondeu com um poema: "Dai à obra de Marta um pouco de Maria"

Dai um beijo de sol ao descuidado arbusto
Vereis neste florir o tronco ereto e adusto
E mais gosto achareis naquela e mais valia.
(.....)
Nem erma escuridão, nem mal aceso dia
Basta um jorro de sol ao descuidado arbusto
Basta à obra de Marta um pouco de Maria.

paramos, e que respondiam com entusiasmo e correção aos sinais que ele fazia para que respondessem uma ou outra lição que tinham aprendido; as superioras e instrutoras que pareciam empenhadas em tudo fazer para a boa educação e bem estar das grandes, e ao mesmo tempo pequenas meninas afastadas da proteção materna; sobretudo as crianças que me lembraram outras tão amadas: tudo isso expôs aos meus olhos um interessante e emocionante quadro que não pude contemplar sem emoção, nem deixar de levar uma duradoura lembrança. Ao despedir-me do bispo estava muito emocionada, e transmiti por uma simples expressão de coração, melhor do que eloqüentes palavras quase sempre banais, meu reconhecimento pela consideração para conosco, e pelas horas agradáveis que nos proporcionou na instituição, de cujos estatutos, muito bem elaborados para o sistema de educação que adotou, ele ofereceu-me um exemplar.

No dia seguinte éramos esperadas pela condessa de Vianson Ponte, seu marido e um sobrinho, no chalé de D. Brauco, perto de Ceva, que nos convidara a todos para jantar. Antes de ir, visitamos a biblioteca do seminário de Mondovi, que possui um acervo muito significativo para uma cidade de segunda ordem. Monsenhor Gazzoli, há pouco tempo nobre prisioneiro no Castelo Santo Ângelo, é o digno bibliotecário. Ele ficou muito satisfeito com nossa visita, que atribuiu mais ao nosso interesse em vê-lo, do que o que poderia inspirar a biblioteca, para quem já visitara as mais célebres da Itália. Sua conversa inteligente e cheia de bom senso muito me agradou. Falamos um pouco sobre a corte de Roma e fiquei impressionada com suas profundas reflexões! Ele me pareceu estar com a saúde bem fraca, e apesar da bondade do bispo, que, menos injusto para com ele do que seus perseguidores de Roma, proporcionou a vida calma que usufrui no seminário, pude notar em sua fisionomia, marcada pelos sofrimentos anteriormente suportados na prisão, e talvez daqueles que ele ainda suporta no fundo da alma, o sinal patente de um fim bem próximo.

Quantas saúdes, ainda mais robustas, não se gastam durante anos por profundos sentimentos que suportamos em silêncio até a morte! Morte que é atribuída a uma doença recente quando se deve realmente a uma causa mais antiga.

D.Buttini, um dos mais dignos padres que conheci, não apenas na Itália, mas na Europa, mora no seminário. Foi ele quem nos recebeu e nos deu por instantes a bendita

ilusão que chegávamos perto de um dos meus irmãos, infelizmente tão longe de nós! A agradável reunião que nos esperava a algumas milhas de Mondovi, no chalé onde a condessa e sua família, vindas de Mombasilio, haviam nos precedido, concluiu o variado quadro de cenas tão diversas que presenciei nos dois últimos dias.

O outono ainda espalhava seus tesouros na terra quando a primeira queda de neve, 6 de outubro, veio surpreender-me e avisar que era tempo de afastar-me das montanhas do Piemonte, cujo aspecto começava a entristecer-me. Nunca vira o inverno chegar tão cedo nas outras regiões da Itália onde morei, e temi, com razão, que uma temporada mais prolongada em Mombasilio fosse nociva à saúde, que tão facilmente recuperara na boa estação. No entanto, meus amigos ainda procuraram retardar minha partida para que assistisse uma festa religiosa que aconteceria, ou por qualquer outra coisa, pois sempre encontravam um novo pretexto para nos fazer ficar pelo maior tempo possível.

Chegou o 12 de outubro, e como em Florença e em outros lugares onde esse dia me encontrou corações amigos cercaram-me de flores, poesias, e provas sensíveis de afeição. De madrugada a neve caia em flocos, e antes que alguém visse afastei-me por alguns instantes da casa para ir pagar meu habitual tributo, no começo do dia, à memória do ensinamento que recebi de minha santa mãe. Este ano foi ao mais pobre lar do vilarejo que o levei. Uma velha senhora enferma estava acocorada ao lado de um pequeno fogo, assando algumas castanhas que deveriam ser o seu alimento para o dia inteiro. Sentei-me um pouco num velho tamborete que me ofereceu ao seu lado, e com o ar de escutar o que ela dizia, em seu rústico dialeto piemontês, entreguei-me às reflexões filosóficas sobre a diferença de sorte reservada a cada um nesse mundo! Ali, uma mesa bem servida e homenagens pouco merecidas esperavam uma estrangeira de um país distante; aqui uma pobre velha definhava na miséria, na terra que a viu nascer, trabalhar, lutar e envelhecer sem apoio seguro. E como todas as vezes em que o quadro da miséria das classes desprovidas surge aos meus olhos, a grave questão da pobreza apresentou-se ao meu espírito, e meu coração ficou apertado com o

pensamento sobre as dificuldades intransponíveis que ainda surgem quando se trata de resolver esse problema social. No entanto, assim como outros problemas julgados insolúveis, esse deverá encontrar uma solução satisfatória quando a os povos forem educados e souberem praticar o verdadeiro espírito de fraternidade, palavra sagrada usada algumas vezes por uma nação esclarecida, em seus deploráveis delírios, para cobrir as ferozes paixões que borbulham em seu seio!

Quando voltei para casa ainda estava emocionada, mas ninguém percebeu porque o assunto do dia era festejar o 12 de outubro, de uma maneira diferente da que eu acabara de fazer.

Como lembrança do afeto e reconhecimento, que tenho por todos os amigos de Florença, permito-me transcrever a primeira poesia que chegou nesse dia em Mombasilio. É da mão de uma amiga, que ano passado misturara artisticamente outra poesia aos ramos de um bonito jasmim em flor (símbolo de um belo dia da minha vida), e levou graciosamente ao meu salão em Florença para surpreender-me logo de manhã.

ANACREÔNTICA

12 ottobre 1860

Un voto a sciorre io torno
Sulla domestic'ara:
Questo di culto è giorno,
Di rimembranza cara.
Taccia ogni mio pensiero
Di patria e di famiglia;
Oggi è dovuto intero
De tropici alla figlia
Fors'ella il nobil suolo
Oblia, cui bagna l'Arno

Ove deserto e solo
Io la richiamo indarno
In parti più secrete
Ella si gode intanto
De campi la quiete,
Al altri amici accanto.
Ma se le delibate
Libere e fresche aurette
Che spirano più grate,
Su quelle alpestri vette,
Ebboro in se virtute
(Ad uman senno arcana)
Rifiorire in salute
L'amica mia lontana;
Non fia ch'io più m'adonti
S'ella antepon tuttora
Di Mombasilio i monti
Al bel giardin di Flora.
A piene man si spanda
Nembo d'eletti fiori;
S'intrecci una guirlanda
Di sempre verdi allori.
Ma l'onorabli testa
Dov' è ch'io ciger deggio?
Ah! la gentil Floresta
Presso di me non veggio.
Pur, come mai potrei
Oggi non far lamento,
Oggi che senza lei

Più la mancanza io sento?
I fior che di mia mano
Jo cosi a mille a mille
Stanno implorando invano
Il sol di sue pupille.
E par, che d'esso privi
Non abbiano fraganza
E dé color nativi
Si offuschi la sembianza.
Ma, benchè lunge, in petto
Non langue già l'amore;
Un ben locato affeto
È un fior che mai non muore.
Vanne , o mio core, ad ella
Sull'ali del desire,
E dille in tua favella
Quello che un cor sa dire.

C.M[1].

Ás cartas e poesias vindas de Florença juntaram-se as felicitações dos bravos corações piemonteses que me cercavam, alguns deles vindos de longe, apesar da neve que caía, para saudar aquela a quem essa aurora lembrava o nascimento, e os belos dias que passei no seio da família sob o céu natal.

O poético entusiasmo da amizade me sensibiliza mais do que a poesia, como as flores que pareciam dar lugar à prosa do precoce inverno do Piemonte, que me surpreendeu no meio dessas montanhas, levando todos os seus atrativos. Escondendo na alma a tristeza que me causava o céu brumoso, mostrei-me sensível e reconhecida com as novas atenções que

---

[1] Clorinda Marcucci

recebi nesse dia, que também marca o aniversário de nascimento de um outro ser bem mais digno do que eu das homenagens que me prestavam.

Minha filha, a querida companheira inseparável da minha vida no estrangeiro, como sempre foi a primeira a iniciar a festa cercando-me de carinho e pequenas surpresas de seu trabalho, tão preciosos para o coração de mãe! Depois, ela tocou ao piano minhas músicas prediletas. Seu amor e zelo filial redobraram nesse dia para de algum modo preencher o vazio que sinto longe do seu irmão, e de outros membros de nossa amorosa família, para os quais esse dia é ainda particularmente festejado, apesar da tristeza de minha ausência.

Entre as pessoas reunida em torno de mim nesse 12 de outubro estava o Dr. R***, médico dotado com as melhores qualidades de coração, caráter todo piemontês. Ele veio felicitar-me atravessando a neve que caía, e oferecer-me belas flores recém colhidas, símbolo do sentimento que a presença daquela cuja mãe saudava fizera brotar no seu coração.

Desde que cheguei em Mombasilio seu digno arcipreste sempre elogiava muito um jovem médico de Mondovi, seu amigo, que apresentou-me algum tempo depois, desejando vivamente que conseguisse mudar a decisão que minha filha tomara de ficar solteira, porque esse amigo, segundo ele, tinha todas as qualidades que a tornariam feliz. O jovem amigo do arcipreste era o dr. R*** cujo valor apreciei, e conheci, em Mondovi, sua estimável família, composta de um irmão, digno advogado nesta cidade, sua mulher, mãe de uma menina inteligente, aluna do colégio de educação que o bispo me fizera visitar, e com quem muito simpatizei por sua semelhança com minha querida irmã, Porém, por mais vantajosa que fosse a apreciação que eu fazia das excelentes qualidades que demonstrou o jovem médico, e a estima que inspirou, juntamente com sua família, como sempre permaneci fiel à regra que me impus de nunca exercer influência sobre minha filha para fazê-la aceitar um esposo, por isso a deixei inteiramente livre para decidir.

De todas as lágrimas de uma mãe, as derramadas com a infelicidade de seus filhos por causa de um casamento arranjado, parece-me as mais amargas. Assim estou certa de que

nunca as derramarei. Além disso, longe de atormentar-me, como algumas mães, com o que chamam de estabelecer suas filhas, contento-me em ver minha filha feliz com seus livros e seu trabalho, ocupações úteis e tranqüilas que prefere à uma situação estável por mais brilhantes e vantajosas que venham a ser as perspectivas. Porém, nesse canto da terra, como em toda parte, predomina o preconceito de que só no casamento a moça pode encontrar a felicidade! Preconceito quase sempre funesto a muitas delas, cujos pais que as criaram com essa única finalidade esquecem-se de iluminar sabiamente e fortificar seus jovens espíritos, ensinando-lhes o que é essencial, isto é, saber e poder encontrar nelas mesmas, quando fracassa esse objetivo, a segurança e felicidade.

Sem contestar o que sempre foi incontestável, as vantagens resultantes dos santos laços do casamento, quando esses laços formados espontaneamente ligam os destinos de dois seres que se amam, se conhecem bem, e cujas qualidades, sobretudo morais, garantem uma felicidade mútua, vejo no entanto como absurda a crença na impossibilidade de uma moça ser feliz fora dessa situação. Além disso, se conseguíssemos fazer a estatística das mulheres que perdem no casamento as ilusões da felicidade sonhada, e das moças que a ele renunciam por uma boa causa, ou vocação, estou certa que o número das primeiras seria muito maior do que destas últimas.

SAN REMO NA CORNIJA

San Remo. Bright, verdan San Remo.
up in the form of a triangle, and smiled
upon by its seven hills, clad all
over in most luxurious vegetation, then
broke full on their view.
(Ruffini, *Doctore Antonio*)[1]

.....

Escondida em uma das curvas mais graciosas da encantadora e grande estrada que costeia o Mediterrâneo, e que chamam de Cornija, San Remo descortina-se aos olhos do viajante enfeitada com sua graciosa guirlanda de encantadoras casas de campo, bosques de limoeiros e laranjeiras, jardins onde em pleno inverno desabrocham rosas e jasmins, poéticas palmeiras, a velha e a nova cidade com curiosidades e belezas diferentes, enfim um conjunto deliciosamente entremeado entre os pitorescos montes, coroados com rica vegetação, e a ridente praia onde a fraca onda vem dormir.

No dia 13 de dezembro esse oásis surgiu aos meus olhos, não como um sonho que se dissipa ao despertarmos, mas como uma realidade bendita, que me surpreendeu tanto quanto me encantou, ao aparecer de repente quando deixei a sombria e escarpada garganta do Tanaro, que acabáramos de atravessar. Deixáramos para trás Mondovi, Vicco, Salicetto, Mombasilio, Ceva, e toda a região dos campos do Piemonte cobertos de neve, parecendo com um imenso mar imóvel cuja brancura fascinante, juntamente com o movimento do carro, causaram-me vertigens.

O inverno é muito duro no Piemonte, a neve abundante. Nunca o aspecto desta estação me parecera tão triste. O frio era intenso, e eu só podia dar um passo fora de casa com

---

[1] Ruffini, Giovanni (1807-1881) Patriota maziniano. Viveu muito tempo no exílio em Paris e Londres de onde retornou em 1874. Escreveu em inglês os romance *Lorenzo Benoni*, 1853, e *Il dottor Antonio*, 1855.

grande dificuldade. Para agradar nossos amigos prolongara muito minha estada nas montanhas nevadas, onde vive feliz o povo mais forte, mais ativo, mais sério, e um dos mais corajosos da querida península!

Vizinhos dos Alpes, os piemonteses fortificam-se no rigor do seu clima, e inspiram-se em sua grandeza. E enquanto o napolitano curva a cabeça e cochila, na ardente atmosfera do seu esplêndido céu, o piemontês, vanguarda da liberdade na Itália, levanta a sua vigorosamente, e conjura as tempestades que roncam sobre o Piemonte, e sobre suas irmãs.

Embora amando e admirando as grandes qualidades dessa brava e digna população, não quis enfrentar por muito tempo seu inverno glacial, que o triste espetáculo dos últimos momentos da mulher do bom doutor de Mombasilio tornaram ainda mais triste. Assim, sem escutar os pedidos daqueles que ainda desejavam reter-nos, nos despedimos agradecendo os delicados cuidados que tiveram conosco e os agradáveis dias que nos proporcionaram. O excelente arcipreste deu mais uma prova do notável interesse que tem por nós, acompanhando-nos no difícil trajeto de Mombasilio à Oneglia, cidade situada, como San Remo, na costa do Mediterrâneo. A condessa Vianson ao saber que eu decidira passar o na Cornija o resto do inverno e a primavera, insistiu para que escolhesse San Remo onde mora a sua irmã, a marquesa Borea, com quem ficamos intimamente ligadas, assim como com a sua dama de companhia, e esse convívio me proporcionou o prazer de apascentar um certo ressentimento que existia entre as duas dignas irmãs, por conta de um mal entendido.

Antes de alugar para minha estada em San Remo a bela Vila Gismondi, moradia durante a estação de banhos de sua filha casada, uma das mais bonitas mulheres que já vi, ficamos no Hotel de la Palme, onde encontramos todo o conforto de um bom hotel de Paris, e melhor do que isso tive o prazer de, em pleno dezembro, ficar com as janelas abertas, e respirar o delicioso perfume dos jasmins floridos. As duas palmeiras históricas que se erguem na entrada do encantador Cassino Faraldi, perto do hotel, alegraram-me muito, pois a menos de Atenas jamais vira, na Europa, desenvolver-se orgulhosamente em tal altura os gigantescos penachos naturais, que despertam no meu espírito doces lembranças das minhas plagas natais!

Uma curiosa lenda refere-se às duas palmeiras. Traduzo aqui algumas linhas sobre essa lenda, tiradas de um interessante histórico sobre San Remo, escrito pelo estimável Dr. G. B. Panizzi, digno médico da cidade, espírito correto e jovial, coração todo italiano, e um dos melhores pais de família que existe.

"....O engenheiro Dominique Fontana[1], um desses homens para quem a ciência era tudo, prometeu levantar sobre sua base o famoso obelisco de granito vermelho, o mais colossal dos monólitos, entre tantos outros que os vencedores trouxeram do Egito para Roma. A praça de São Pedro estava repleta de pessoas que esperavam com ansiosa curiosidade. Num rico pavilhão estava o papa Sisto V, que desprezava a multidão feliz e vulgar.

"Todos falavam ao mesmo tempo como sempre acontece numa grande concentração. E isso pareceu aborrecer a santidade do pontífice, que mandou um arauto anunciar que puniria com pena de morte qualquer um que ousasse falar antes que o obelisco fosse colocado. De fato, homens com aspecto sinistro postaram-se diante do pavilhão portando alguma coisa horrível, porque Sisto não era homem de ameaçar em vão."

"Ergueram o imenso guindaste: as máquinas, engenhosamente dirigidas pelo excelente arquiteto, erguiam a coluna quando o cavalos que estiravam a corda, onde estava amarrado o obelisco, aproximando-se e afastando-se até tocar os muros do palácio que fica diante da praça, pararam e não tinham mais espaço para percorrer! O artista não fizera jus à sua fama pois esquecera de calcular a tensão que alongaria os cabos. Enquanto isso o povo permaneceu calado e tremendo. Porém, uma voz saiu da praça: "Água, água para as cordas". Fontana ouviu: alguns instantes depois a coluna tremeu sobre seu pedestal e aí ficou. O audacioso falante foi preso e levado ao pontífice. O velho marinheiro conhecia o provérbio romano:

"*Il papa Sisto non la perdonna nem meno a Cristo*"

Ele não podia esperar nada de bom.

---

[1] Domênico Fontane- célebre arquiteto e urbanista italiano. Trabalhava para o papa Sisto IV, em 1590, e foi responsável pelo transporte e instalação do obelisco na praça de São Pedro.

"_ Mereceis o pelourinho, disse com uma voz tranqüila o pontífice, porém concedo-vos a graça, além disso que favor pedes pela ajuda que destes ao arquiteto?

"Após a benção de vossa santidade (ele fez tremendo o sinal da cruz) peço que concedais, a mim e meus descendentes, o privilégio de trazer as palmas santas para Roma na Semana Santa."

"Está concedido."

"O pobre homem vendo-se livre retornou ao seu barco, que desde esse dia foi especialmente destinado a levar as palmas."

"Assim, San Remo conserva inalterado há 3 séculos, na família Bresca, o privilégio de enviar as palmas à Roma para o domingo de Ramos.

1861

O 1, 6 e 12 de janeiro (minha tríade de dias do mês) reapareceram pela última vez sob o céu da Itália, despertando como sempre em meu espírito as mais doces e bonitas lembranças, que fazem palpitar um coração de amiga e de mãe. Frescas flores, colhidas de manhãzinha em nosso jardim, alegraram meus olhos sem alegrar o coração tão triste longe do irmão e do filho bem amado, cujas imagens esses dias me trazem mais vivamente.

Dr. R*** frágil e simples natureza, por quem me interessara sinceramente desde a primeira vez que o vi em Mombasilio, e que apegando-se a mim com uma profunda e sincera afeição, que me levou a chamá-lo de filho adotivo, veio de Mondovi para festejar conosco esses queridos aniversários. Ele procurou, com suas doces maneiras e palavras angelicais, tornar menos triste o vazio que sentimos nesses dias por não estarmos perto dos nossos queridos de além mar, lá onde vislumbro em espírito voltear um pequeno anjo que sorri e me chama com sua voz argentina: é a bem amada Nini como a chamamos, a filha única de minha doce irmã, a quem amo como aos meus próprios filhos. Reuni na minha prece matinal o nome de todos os queridos seres distantes, e ao abrir uma das janelas para o jardim saudando a primeira aurora de 1861, fiquei emocionada ao ver R*** numa agitação

quase infantil, indo de um lado para o outro, colhendo flores para fazer o primeiro buquê do ano. Depois veio juntar-se a nós nos votos que fazíamos para aqueles que ele já amava antes de conhecer pessoalmente. A boa família Fontana, uma das primeiras a quem nos afeiçoamos em San Remo, e o dr. Panizzi, souberam particularmente apreciar as qualidades do bom Rumazza, cuja simplicidade e doçura, misturadas à uma grande seriedade, pouco comum aos jovens da sua idade, atraiu suas simpatias fazendo-os temer por sua saúde, caso ele continuasse a dedicar-se ao trabalho de sua profissão numa região onde os invernos são tão rigorosos. Só numa região quente como o Brasil sua saúde poderia fortalecer-se. Sobretudo o Dr. P**, via como médico o perigo, que fiz tudo o que dependia de mim para afastar, e consegui, graças a Deus que dotou meu coração com o sentimento de humanidade, meu espírito com a força de suplantar todo preconceito, para esquecer de mim mesma quando se trata de fazer o bem ao outro.

O clima de San Remo é um dos mais salubres da Itália. O ar é puro, a comida sadia, a vida tranqüila, o povo amável.

A classe dita superior passa seu tempo como em toda parte nas pequenas cidades: os homens de férias dos seus negócios ou entregues á ocupações políticas, literárias, e outras, e unindo a isso o pouco de divertimento que a cidade oferece em reuniões, pequenos bailes, etc. As mulheres visitam-se, passeiam, ou vão à reuniões da pequena sociedade onde brilham com mais ou menos graça. As boas donas de casa ocupam-se dos seus afazeres caseiros.

A outra classe, a verdadeiramente do trabalho, labora em sua grande maioria com a colheita de olivas e limões, com os quais San Remo faz um grande comércio.

As mulheres que colhem as olivas são curiosas de se ver pela aparência, e uma certa elegância que as distingue quando levam sua carga na cabeça com os filhos nos braços, pois como boas mães não querem deixá-los sob os cuidados de outras.

Todas as noites, por volta de 6 horas, desfila na grande estrada uma procissão de mulheres que voltam das plantações de oliveiras. Por mais duro que seja esse trabalho elas o preferem ao de domésticas, o que me pareceu muito nobre, mesmo com toda dificuldade que tive para encontrar uma empregada.

A cidade com cerca de 10.000 habitantes é dividida em duas partes, com aspectos bem diferentes: a antiga que foi destruída pelos sarracenos e onde ainda se vê ruas muito estreitas, e casas que conservam vagas marcas desse tempo remoto; e a moderna com belas e espaçosas residências, como o palácio Borea, graciosas, luxuriantes vilas, cercadas de verde e de flores, estendendo-se na encantadora praia do mar liguriano, tão belo, e cujo murmúrio conta tantas coisas grandiosas! As villas mais notáveis são: Casine Chinois, Faraldi, Borea, Roverizo, Bobone, Capoduro, Biancheri, Carli, Guarini, Gismondi, Decarli, Rambaldi, Giordano, Cassine, Gerbolini, Bresca, Zirio, Massabò. Guardo uma agradável lembrança sobretudo das últimas, que como as outras têm alamedas sombreadas, perfumadas por uma grande variedade de flores cultivadas com bom gosto. Porém o que me agrada nessa lembrança é a amável simplicidade dos donos das duas villas. Era ali o lugar mais freqüente dos nossos passeios. A senhora Zirio, a quem me ligou uma profunda simpatia, nos atraia para o lado da estrada que leva à Oneglia, ao Porto Maurice etc. De sua casa, localizada no alto à esquerda, temos a mais soberba vista do Mediterrâneo, e dos lugares que o circundam. Nunca esquecerei minha emoção quando olhei o mar do seu salão a primeira vez, ao som harmonioso do piano que a senhora Zirio e seu marido, homem da mais correta cordialidade, puseram à disposição de minha filha, na ausência de sua filha, que estava em Marselha. Uma ilusão benigna, mas muito passageira, transportou-me para minha casa na magnífica baía do Rio de Janeiro, para o salão onde tantas vezes esta querida filha adormeceu minhas preocupações com os acordes que tirava do piano, e com o som de sua voz. Porém, ai de mim! seu irmão não estava aqui, filho bem amado, como a irmã educado na música, e que sabia escolher de propósito os trechos que mais me emocionavam. O salão da amável família Zirio estava vazio, com a ausência de todos os tesouros de coração que perdi, ou deixei além do Atlântico. Eu estava à beira do Mediterrâneo com a única relíquia que trouxe

desse tesouro, minha filha, meu amor, meu consolo mais doce, longe do querido baú de família que fazia minha felicidade na terra natal.

VILLA GISMONDI

...Visiting each plant, and fed
Flowers worthy of Paradise, which not nice art
In beds and curious Knots, but nature boon
Pour'd forth profuse on hill, and dale, and plain.
(Milton, *Paradise Lost*)[1]

Localizada no fundo de um comprido jardim de laranjeiras e rosas, a Villa Gismondi mergulhando suas fundações na praia coberta em parte pelas ondas do mar, oferece de um lado a mais bela vista do Mediterrâneo, do outro das plantações e grandes massas verdejantes dos pitorescos montes que levam à solidão do notável sítio, onde segundo a tradição morreu São Rômulo, o quarto arcebispo de Gênova.

Lá ficam as ruínas de um antigo convento dos monges, e uma capela no meio da floresta de pinheiros e castanheiros seculares, visitados por devotos e turistas.

Na villa Gismondi, que o poeta poderia comparar a uma náiade saindo da onda e repousando no tapete verde, em minhas horas melancólicas, gostava de escutar o murmúrio das ondas que se quebravam embaixo das janelas, lembrando-me Homero e Leibnitz[2].Nunca

---

[1] John Milton, *Paradise Lost*, Livro IV. Nessa parte do poema o poeta descreve os jardins do Paraíso vistos por Satã, que planeja a tentação de Eva.

[2] Leibnitz, G.Guillaume (1646-1716) filósofo e matemático alemão. Principais obras: *Essais de Théodicée*, *Nouveaux Essais sur L'éntendement humain* e *Monadologie*. Nísia está referindo-se à doutrina da substância, ou "Monadologia", desenvolvida por Leibnitz.. O filósofo imaginou o universo formado por uma

gozara tanto o encanto do vigoroso poema, onde o admirável grego sente prazer em falar do mar, nem compreendido tão bem o que disse o grande filósofo alemão, para quem o barulho do mar seria uma das chaves da filosofia: "Quando escutamos o barulho do mar, disse, não escutamos nada mais do que um só barulho, e no entanto escutamos o barulho de cada onda e de todas as ondas: toda a natureza é assim - reflete-se inteira em cada uma de suas partes."

Quantas vezes meditei sobre essa verdade aqui e em outros lugares onde o barulho do mar ressoava aos meus ouvidos!

De noite, retornávamos de nossas excursões, ou do lado do Taggia, onde visitamos a casa que viu nascer Ruffini, o ilustre autor de *Doctore Antonio*, de *Lorenzo Benoni*, e de tantos outros belos romances, que escreveu em inglês com grande pureza de estilo e bom gosto; ou do lado de Bordighera, vilarejo que fica ao lado de uma bela floresta de palmeiras, e divertia-me colhendo nas planícies e nas colinas floridas os perfumados jacintos, os belos e variados narcisos, as tulipas duplas vermelhas, as bonitas anêmonas, e tantas outras belas flores que enfeitam ricamente os campos de San Remo. Então eu vinha repousar perto de uma de minhas janelas que dá para o Mediterrâneo, e lá diante de outros quadros meditava ou sonhava. Porque sonhos carinhosos ainda me acalentavam! Encontrava na larga, imensa fita luminosa que a lua cheia desenhava nas ondas fosforescentes a imagem de minhas ondas

---

multiplicidade de pequenas substâncias ou unidades, as mônadas, que embora únicas cada uma delas seria uma espécie de espelho onde o universo brilharia, e cada uma representaria o universo inteiro. Ele exemplificou seu pensamento citando as ondas do mar, no texto citado por Nísia, que está em *Novos Ensaios sobre o entendimento humano* (Tradução de Luís Baraúna, em Os Pensadores, S.P, Ed. Abril, 1984, p.12):

"Para melhor julgar sobre as pequenas percepções que somos incapazes de distinguir em meio à multidão delas costumo utilizar o exemplo do bramido do mar, que nos impressiona quando estamos na praia. Para ouvir este ruído como se costuma fazer, é necessário que ouçamos as partes que compõem este todo, isto é os ruídos de cada onda....."

Leibnitz foi um filósofo muito lido pelos primeiros românticos brasileiros, em especial por Gonçalves de Magalhães que a ele referiu-se no poema Ode a Filosofia (Primeiras Poesias, 1832):

Tu só podestes, oh! Imortal Leibnitz
Na vasta mente erguer esse soberbo
Encantado edifício
Tu só estabelecestes essa harmonia
Que liga, e rege opostas naturezas

natais, onde o belo fenômeno do reflexo da rainha dos astros noturnos sobre as ondas tantas vezes me inspirara!

Outras vezes o luminoso manto de brilhantes estrelas, numa noite sem lua, mas serena e límpida como são quase sempre as noites na Itália, transportava-me em pensamento para meu esplêndido céu tropical onde brilha a cruz, a mais bela de todas as constelações, que perdi de vista com um grande aperto no coração quando viajei para a velha Europa, onde nem mesmo os astros têm o brilho dos astros da minha bendita região. A Grande Ursa e a estrela Polar, que, na travessia, mostraram-me como consolo logo que minha querida cruz desapareceu no horizonte, não podem comparar-se a ela nem em beleza, nem em fama, nem em brilho. Porém, resta-me o prazer de contemplar aqui, e por toda parte na Europa, entre outros planetas que me falam da pátria, o que repete a cada noite a mais bela lenda de uma nobre vida, toda de abnegação, que eu gostaria de poder historiar. É Vênus, o doce, modesto e benfazejo planeta dos poetas. Byron disse coisas tão belas sobre ele! Vejo-o na hora do *Ângelus*, quando escrevo essas linhas fugitivas, e enquanto desce tão radioso e calmo no poente penso numa das criações do grande poeta inglês que gosto de declamar nessa hora. É sua *Ave Maria*. O poeta encerrou a magnífica poesia falando do planeta que outrora chamei de minha estrela bendita.

Oh, Hesperus! thou bringest all good things:
Home to the weary, to the hungry cheer,
To the young bird the parent's brooding wings,
The welcome stall to the o'erlabour'd steer;
Whate'er of peace about our hearthstone clings,
Whate'er our household gods protect of dear,
Are gather'd round us by thy look of rest;
Thou bring'st the child, too, to the mother's breast.

Soft hour! which wakes the wish, and melts the heart
Of those who sail the seas, on the first day

When they from their sweet friends are torn apart;
Or fills with love the pilgrim on his way
As the far bell of vesper makes him start,
Seeming to weep the dying day's decay;
Is this a fancy which our reason scorns?
Ah! surely nothing dies but something mourns! [1]

Ao chegar em San Remo fiquei agradavelmente surpresa de encontrar minha boa amiga a Sra. F*** que após ter ficado algum tempo conosco em Florença, onde a apresentara à marquesa Geppi, que tomou-se de afeto por ela, partiu antes de nós para visitar as cidades do norte da Itália que ainda não conhecia, e seu estado de saúde a reteve por lá. Ela estivera em Veneza com a melhor amiga que tive e para quem dei carta de apresentação,

---

[1] Canto III/CVII e CVIII do poema *Don Juan*, de Byron. Como the *Isles of Greece*, a Ave Maria, tem uma presença autônoma no poema, é um canto em separado, e como tal foi publicado em antologias de poemas de Byron.

Gonçalves Dias usou alguns versos da Ave Maria de Byron como epígrafe para o poema A Tarde (em *Primeiros Cantos*, 1846, tradução de Manoel Bandeira) :

Ave Maria! bendita seja a hora!
O tempo, o clima, o lugar onde tantas vezes
Tenho sentido aquele momento baixar na sua maior força
Sobre a terra tão bela e suave....

No seu poema, Gonçalves Dias deixa a alma melancólica expandir-se ao cair da tarde, contemplativo como Nísia em San Remo:

Ó Tarde, ó bela tarde, ó meus amores
Mãe da meditação, meu doce encanto!
(....)
É bela a tarde, quando grave estende
Sobre a terra dormente o negro manto
De brilhantes estrelas recamado;

e foi recebida com as mais afetuosas atenções. Quando me contou sua estada, atraiu vivamente meu espírito para as poéticas lagunas que tanto gostei.

Sempre adoentada, a querida amiga não deixou de cumprir seu itinerário de viagem que prosseguiu com coragem, à sua maneira, parando aqui e ali para repousar, algumas vezes ficando de cama onde com freqüência é forçada a ficar por muitos dias, pois seu frágil físico não consegue corresponder à atividade do seu espírito. Por isso não tivemos o prazer de viajar juntas, nem mesmo de fazer rápidas excursões. Porém, se fomos privadas desse prazer, nossas almas revigoravam-se em expansões as mais afetuosas quando nos encontrávamos na mesma cidade, e nossas conversas amigas uniam-se ao encanto que ficara dos lugares e coisas que tínhamos admirado. Mais do que isso gozamos do consolo de falar intimamente de nossas queridas famílias ausentes, a sua na Alemanha, a minha no Brasil, encontrando nos nossos sentimentos de mulher, o que é muito raro encontrar, afeição e franqueza iguais, e ao mesmo tempo sinceras.

As folias de carnaval, tão barulhentas, tão esplêndidas em Roma e Veneza, tão graciosas e distintas em Florença (onde tive oportunidade de as assistir), também aconteceram em San Remo, porém como uma caricatura sem espírito da festa criada pelos povos católicos, e que diríamos inventada para saciá-los de divertimentos, e fazê-los entrar mais sábios nos tempos marcados pela igreja para recordação dos sofrimentos de Cristo.

Aos bailes de máscaras seguiram-se os relatos de episódios que, sobretudo numa pequena cidade, são uma das primeiras distrações dos espíritos ociosos, que fazem comentários nos quais a difamação une-se algumas vezes a uma mesquinharia de julgamento e de visões, tão comuns nos estreitos círculos da sociedade. Depois vieram os atos da Semana Santa, e as preleções, algumas delas muito longas, adormeciam os assistentes como sempre acontece, a menos que o pregador tenha o belo talento da eloquência que confere às suas palavras o poder de prender a atenção do auditório, encantando-o.

Na Quinta Feira Santa numerosos grupos de pessoas animavam as ruas visitando as igrejas, das quais apenas uma, a dos capuchinhos, mostrava no sepulcro, decorado com

flores, um pouco de semelhança com as outras igrejas da Itália. Porém, essa semelhança era bem imperfeita em comparação com as festas de Florença, sobretudo, onde certas igrejas exibem nesses dias um esplendor de decoração em flores naturais, arranjadas com bom gosto e variedade artística como nunca vira antes.

Observei, quase sem tomar parte, todos esses atos e muitos outros que preenchem uma parte da vida dos descendentes dos Matuti, e de estrangeiros que hospedam-se em San Remo.

Na vida retirada que gostávamos de levar na cidade, onde a beleza da natureza satisfazia-nos plenamente, fazíamos visitas muito raramente. Isso não impedia de receber muitas visitas. Muitas senhoras de San Remo eram muito amáveis e vinham visitar-nos sem muita formalidade. Entre elas a condessa Roverizio, mulher elegante e de grande amabilidade. Mãe de seis filhas, uma dentre elas muito bonita, suplantava-as em distinção. Seus gostos e boas maneiras, assim como o comportamento desenvolto das filhas, destacam-se no círculo estreito da sociedade da sua região pelo contraste entre elas e as suas conterrâneas.

Uma delas, a viúva F***, cuja educação e princípios fazem um desses contrastes, e a quem devo uma das acolhidas mais francas e amigáveis que recebi em San Remo, surpreendeu-me anunciando o casamento de uma de suas filhas, que eu via ainda como uma criança, com o presidente do tribunal da cidade. O casamento causou inveja a muitas moças, e às mães que acreditavam que suas filhas teriam mais atrativos para chamar a atenção do magistrado. A sociedade é a mesma em toda parte. Quando alguém ocupa uma certa posição, tem sempre a vaidade de acreditar-se digno de atrair as atenções e preferências daqueles que o cercam. Felizmente há espíritos muito bem formados para saber discernir o simples mérito pessoal, dos atrativos atrelados a um título ou grande fortuna.

Quanto a mim só encontrei uma coisa a desaprovar nesse casamento, de acordo com minhas idéias: a extrema juventude da esposa. E sua mãe concordou comigo, embora orgulhosa em confiar o futuro da filha a um homem cujas altas qualidades sempre elogiara.

Com relação á senhora F***, presenciei um fenômeno que por sua raridade merece ser relatado. A avó da jovem recém casada já ultrapassara de muito a idade em que a mulher

pode tornar-se mãe, e mesmo assim alimentou em seu seio sua segunda neta. O vivo desejo e os esforços que fez para amamentar a criança, cuja mãe não tinha leite, fizeram-na capaz, em sua velhice, de amamentar como uma perfeita ama de leite! Ela ainda tem leite, e a criança está sã e robusta. Este fato é tão extraordinário que não resisti ao desejo de contar..

Cinco meses haviam passado desde nossa chegada á essa cidade da Cornija, onde as visitas e cartas de amigos de outras partes da Itália, e as cartas de minha querida família, vinham encontrar-me regularmente. Ao inverno e primavera, tão agradáveis em San Remo, sucederam os calores do verão, insuportáveis para mim, pela aridez que se espalha por toda parte onde antes vira a exuberância de verde e de flores, que encantavam os passeios campestres. Quando faltam as brisas suaves, e os encantos da natureza, onde não há divertimentos para o espírito, nada mais retém os estrangeiros, atraídos unicamente pelo clima. Decidi então partir sem demora, até mesmo porque não recebera a correspondência de minha querida família, que deveria chegar em San Remo no final de maio, e que dessa vez extraviara-se, deixando-me no mais triste estado de inquietação. Já era tempo de acatar os pedidos que eles faziam, há muito tempo, para que deixasse a Itália, onde nossa comunicação sofria muitos atrasos. Além disso, as vertigens das quais acreditava-me curada, chegaram com o calor. Quis então voltar a Paris para satisfazer minha família, e consultar as sumidades médicas da cidade, embora elas não inspirassem mais confiança do que as outras, para livrar-me inteiramente do mal que ainda me impede de embarcar para minha pátria distante. As viagens agradam-me imensamente, porém a idéia de não poder mais rever minhas plagas natais, sobretudo se os entes queridos que prendem meu coração e meu pensamento não vierem encontrar-me na Europa, como prometeram, entristece-me tão profundamente que não me sinto bem em nenhum lugar. Em Florença e Paris, as duas cidades que prefiro para uma longa permanência, também senti essa tristeza. Nelas encontrei tudo o que agrada ao meu espírito, porém meu coração não encontrou as doces efusões da família distante. Foi com a alma tomada por ela que entrei na Itália que tanto amo, é com a alma tomada por ela que saio.

San Remo foi minha última longa etapa na Itália, e ali recolhi-me religiosamente nos últimos dias com todas as minhas lembranças de três anos completos que passei no meio do

bom povo italiano, de uma ponta a outra de sua península, inclusive em Nice, a pátria do grande herói popular, a chave de ouro da Itália que se perdeu nos meandros de uma política inacreditável, mas que será mais tarde devolvida à mãe pátria[1], a quem pertence por direito de nacionalidade e de justiça.

Uma alma de elite, o professor C*** cujo mérito apreciei, veio completar aos meus olhos o quadro das virtudes italianas, e justificar a idéia favorável que levo de sua nação.

Se as últimas visitas, e as despedidas das boas pessoas com quem convivi em San Remo, entre elas a marquesa Borea, trazendo sempre a imagem de sua irmã de Mombasilio, não me emocionaram tanto quanto em Florença, e em algumas outras cidades, não deixei no entanto de sentir a melancolia que toma conta de mim todas as vezes em que me afasto de um lugar onde vivi.

.....

Respirei todos os perfumes e todas as lembranças da querida Itália. Embriaguei-me com toda a poesia que emana da sua rica natureza, como de uma fonte profunda. Por isso pensei que poderia deixar suas últimas plagas sem lamentar, porém a hora da partida foi triste, porque não era apenas o belo céu da Itália, seu solo bendito, que deixava, levando sua imagem, sua poesia, suas lembranças, sentia muito afastar-me, talvez para sempre, das pessoas que nos fizeram uma acolhida tão generosa, e tão simpática.

Não dormimos na noite anterior à nossa partida de San Remo. A lua espalhava seus brilhantes raios nas águas do Mediterrâneo, nenhum vento levantava as ondas na noite calma, de um silêncio religioso. Entregues a uma indescritível emoção olhamos a lua e o mar.

Minha filha, que necessita de mais repouso do que eu, encontrou o mesmo prazer em velar e contemplar esse quadro, cuja visão transportava-nos para regiões desconhecidas! Que ternos, grandes, e puros pensamentos preencheram as últimas horas, quando o doce

---

[1] O tratado de Turim, assinado entre a França e o governo do Piemonte, em 1 de abril de 1860, cedeu a Savóia e Nice à França.

murmúrio das ondas, e o perfume das laranjeiras, debaixo do orvalho benfazejo, comunicavam à nossa alma não sei que estranha poesia!

Espírito invisível de um mundo inacessível a todo pensamento comum, tu que através de um poderoso magnetismo adormeceu minhas dores e preocupações, sejas mil vezes abençoado!

A aurora do primeiro de junho de 1861 surgiu. Uma soberba aurora! Tudo estava pronto para nossa partida: o carro nos esperava na entrada do jardim, a boa Marieta, fiel empregada que afeiçoara-se muito a nós chorava, alguns ramos de laranjeira estavam brancos de flores, um foi religiosamente colhido, e partimos com o coração inchado de lágrimas.....

Perto das últimas casas da cidade, na saída para Nice, onde deveríamos ficar por alguns dias, esperava-nos o último testemunho de afeto recebido na Itália. O dr. Panizzi e sua estimável mulher, com seus filhos, anjos de inocência e de graça, logo que perceberam nosso carro desceram, e vieram graciosamente oferecer buquês de flores desejando boa viagem, e breve retorno à suas belas plagas.

Extremamente emocionada com essa terna surpresa, que me lembrou tantas outras em terras italianas cuja fronteira eu iria atravessar, abracei-os com efusão, como os últimos representantes de todos os corações que fizeram duplamente interessante a temporada em sua pátria.

Ao deixá-los, deixando atrás de mim Bordighera, Ventimiglia etc., e enfim ao atravessar a fronteira recentemente demarcada que separa a Itália da França, as lágrimas que enchiam o coração escaparam dos meus olhos, dos olhos que talvez não vejam mais a bem amada Itália!

FIM DO SEGUNDO VOLUME.